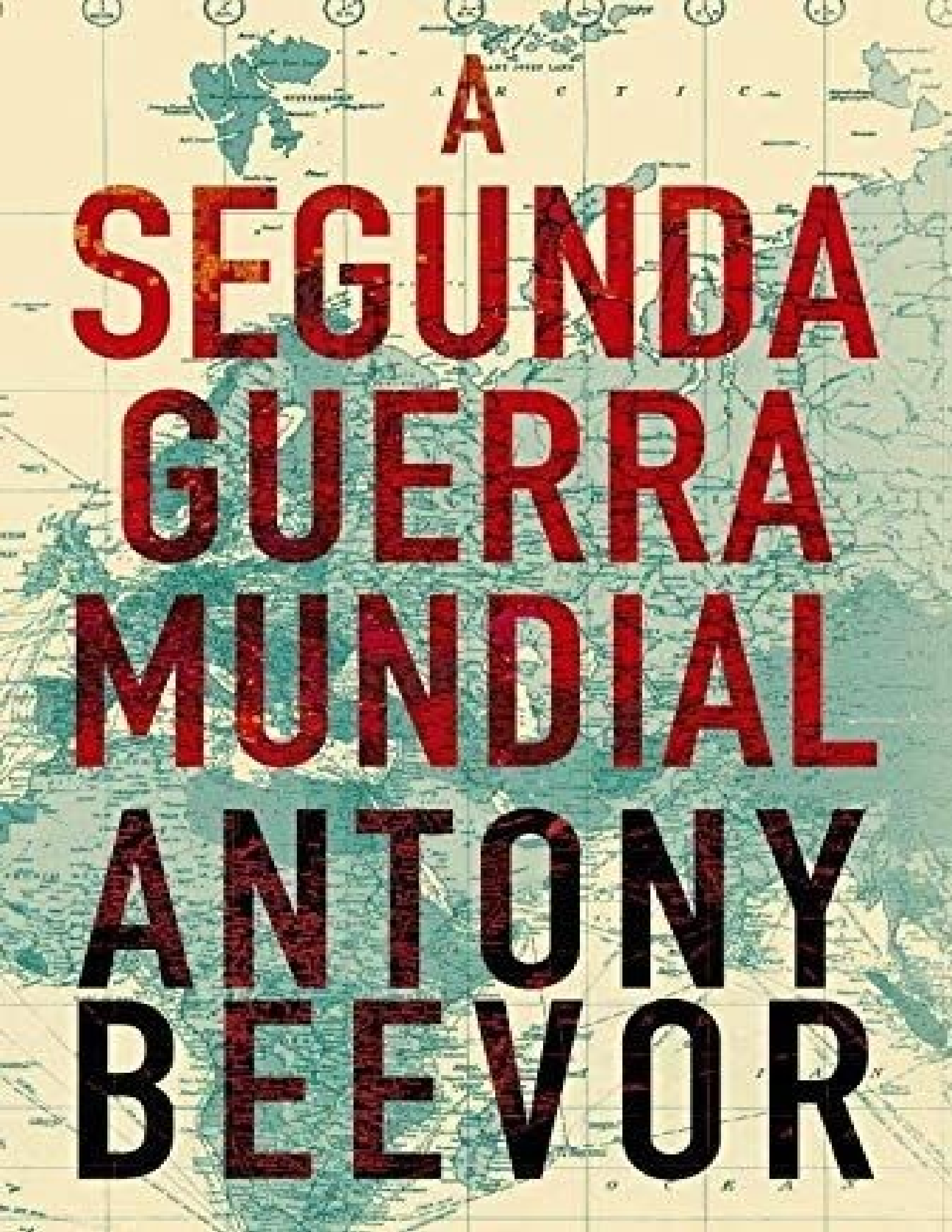




A

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

ANTONY
BEEVOR



Tradução de
CRISTINA CAVALCANTI

Revisão técnica de
JOUBERT DE OLIVEIRA BRÍZIDA

1ª edição

2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Beevor, Antony, 1946-

B352s

A Segunda Guerra Mundial [recurso eletrônico] / Antony Beevor ; tradução Cristina Cavalcanti. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2015.
recurso digital
Tradução de: The Second World War
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
Inclui índice
Inclui sumário, lista de mapas, notas,
ISBN 978-85-01-10595-0 (recurso eletrônico)
1. Guerra Mundial, 1939-1945. 2. Livros eletrônicos. I. Título. I. Título.

15-24436

CDD: 940.531
CDU: 94(100)'1939/1945'

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título original em inglês:
THE SECOND WORLD WAR

Copyright © Antony Beevor, 2012

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10595-0

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento direto ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Michael Howard

Sumário

[Lista de mapas](#)

[Introdução](#)

- [1. A Eclosão da Guerra](#)
- [2. “A Destruição Completa da Polônia”](#)
- [3. Da Guerra de Mentira à Blitzkrieg](#)
- [4. O Dragão e o Sol Nascente](#)
- [5. A Noruega e a Dinamarca](#)
- [6. Ataque ao Oeste](#)
- [7. A Queda da França](#)
- [8. A Operação Seelöwe \(Leão Marinho\) e a Batalha da Inglaterra](#)
- [9. Reverberações](#)
- [10. A Guerra Balcânica de Hitler](#)
- [11. A África e o Atlântico](#)
- [12. Barbarossa](#)
- [13. Rassenkrieg](#)
- [14. A “Grande Aliança”](#)
- [15. A Batalha por Moscou](#)
- [16. Pearl Harbor](#)
- [17. A China e as Filipinas](#)
- [18. A Guerra pelo Mundo](#)
- [19. Wannsee e o Arquipélago da SS](#)
- [20. A Ocupação Japonesa e a Batalha de Midway](#)
- [21. Derrota no Deserto](#)
- [22. Operação Blau \(Azul\) — Barbarossa Relançada](#)
- [23. Contra-ataque no Pacífico](#)
- [24. Stalingrado](#)
- [25. Alamein e a Torch](#)
- [26. O Sul da Rússia e a Tunísia](#)

- [27. Casablanca, Kharkov e Túnis](#)
- [28. A Europa Cercada por Arame Farpado](#)
- [29. A Batalha do Atlântico e o Bombardeio Estratégico](#)
- [30. O Pacífico, a China e a Birmânia](#)
- [31. A Batalha de Kursk](#)
- [32. Da Sicília à Itália](#)
- [33. A Ucrânia e a Conferência de Teerã](#)
- [34. A Shoah pelo Gás](#)
- [35. Itália — O Duro Ventre Macio](#)
- [36. A Ofensiva Soviética na Primavera](#)
- [37. O Pacífico, a China e a Birmânia](#)
- [38. A Primavera de Expectativas](#)
- [39. A Bagration e a Normandia](#)
- [40. Berlim, Varsóvia e Paris](#)
- [41. A Ofensiva Ichigo e Leyte](#)
- [42. Esperanças Irrealizadas](#)
- [43. As Ardenas e Atenas](#)
- [44. Do Vístula ao Oder](#)
- [45. Os Ataques às Filipinas, Iwo Jima, Okinawa e Tóquio](#)
- [46. Yalta, Dresden ee Königsberg](#)
- [47. Os Americanos no Elba](#)
- [48. A Operação Berlim](#)
- [49. As Cidades dos Mortos](#)
- [50. As Bombas Atômicas e a Subjugação do Japão](#)

[Agradecimentos](#)

[Notas](#)

[Índice](#)

LISTA DE MAPAS

- [1. Invasão e divisão da Polônia \(setembro-novembro de 1939\)](#)
- [2. A Guerra do Inverno \(novembro de 1939-março de 1940\)](#)
- [3. China](#)
- [4. Invasão alemã da Noruega e da Dinamarca \(abril-junho de 1940\)](#)
- [5. Invasão alemã dos Países Baixos e da França \(maio de 1940\)](#)
- [6. Operação Compass \(dezembro de 1940-fevereiro de 1941\)](#)
- [7. Invasão alemã da Grécia e de Creta \(abril-maio de 1941\)](#)
- [8. Operação Barbarossa \(junho-setembro de 1941\)](#)
- [9. A Batalha por Moscou \(novembro-dezembro de 1941\)](#)
- [10. Operação Blau \(Azul\) \(junho-novembro de 1942\)](#)
- [11. Sudoeste do Pacífico e Ilhas Salomão](#)
- [12. Operação Urano \(novembro de 1942\)](#)
- [13. Batalha de Alamein \(23 de outubro-4 de novembro de 1942\)](#)
- [14. Tunísia \(fevereiro-maio de 1942\)](#)
- [15. Batalha de Kursk \(5-23 de julho de 1943\)](#)
- [16. Sicília e Itália \(julho de 1943-junho de 1944\)](#)
- [17. Birmânia](#)
- [18. Overlord \(6 de junho de 1944\)](#)
- [19. Operação Bagration \(junho-agosto de 1944\)](#)
- [20. Leyte e as Filipinas \(outubro de 1944\)](#)
- [21. A ofensiva das Ardenas \(dezembro de 1944-janeiro de 1945\)](#)
- [22. Do Vístula ao Oder \(12-31 de janeiro de 1945\)](#)
- [23. O cerco de Berlim \(1945\)](#)

INTRODUÇÃO

Em junho de 1944, um jovem soldado se rendeu aos paraquedistas americanos na invasão da Normandia pelos Aliados. A princípio, os seus captores pensaram que fosse japonês, mas na verdade era coreano. O seu nome era Yang Kyoungjong.

Em 1938, aos 18 anos de idade, Yang fora alistado compulsoriamente pelos japoneses para o seu Exército Kwantung, na Manchúria. Um ano depois, foi capturado pelo Exército Vermelho após a Batalha de Khalkhin Gol e enviado a um campo de trabalhos forçados. Em um momento de crise em 1942, as autoridades militares soviéticas alistaram-no, junto com milhares de outros prisioneiros, nas suas forças. Então, no início de 1943, ele foi feito prisioneiro pelo exército alemão na Batalha de Kharkov, na Ucrânia. Em 1944, desta vez com um uniforme alemão, ele foi enviado à França para servir em um *Ostbataillon*, que supostamente reforçaria a Muralha do Atlântico na base da península Cotentin, terra adentro a partir da praia Utah. Após um tempo de prisão em campo da Inglaterra, ele foi para os Estados Unidos, onde não contou nada sobre o seu passado. Estabeleceu-se por lá e morreu em Illinois, em 1992.

Em uma guerra que matou mais de 60 milhões de pessoas e que se estendeu pelo globo, este relutante veterano dos exércitos japonês, soviético e alemão foi relativamente sortudo. Contudo, Yang talvez seja a ilustração mais surpreendente do desamparo da maior parte dos mortais comuns diante do que pareciam ser forças históricas esmagadoras.

A Europa não entrou em guerra no dia 1º de setembro de 1939. Alguns historiadores falam de uma “guerra de trinta anos”, de 1914 a 1945, em que a Primeira Guerra Mundial seria “a catástrofe original”.¹ Outros afirmam que a “longa guerra”, que começou com o golpe de Estado bolchevique de 1917, continuou como uma “guerra civil europeia”² até 1945, e inclusive durou até a

queda do comunismo, em 1989.

A história, porém, nunca é bem arrumada. Sir Michael Howard³ argumenta persuasivamente que o ataque de Hitler no oeste em 1940 contra a França e a Grã-Bretanha foi, de vários modos, uma extensão da Primeira Guerra Mundial. Gerhard Weinberg também insiste em que a guerra que começou com a invasão da Polônia em 1939 foi o início da iniciativa de Hitler por *Lebensraum* (espaço vital) no leste, o seu principal objetivo. Isto é verdade, mas no entanto as revoluções e guerras civis entre 1917 e 1939 com certeza complicam o padrão. Por exemplo, a esquerda sempre acreditou apaixonadamente que a Guerra Civil Espanhola marcou o início da Segunda Guerra Mundial, ao passo que a direita afirma que ela representou a primeira rodada de uma terceira guerra mundial entre o comunismo e a “civilização ocidental”. Ao mesmo tempo, os historiadores ocidentais têm sido indiferentes à Guerra Sino-Japonesa de 1937 a 1945, e o modo como ela se fundiu à guerra mundial. Alguns historiadores asiáticos, por sua vez, argumentam que a Segunda Guerra Mundial começou em 1931, com a invasão japonesa da Manchúria.

As discussões sobre o tema podem se estender indefinidamente, mas a Segunda Guerra Mundial foi claramente um amálgama de conflitos. A maior parte deles consistiu em nação contra nação, mas a guerra civil internacional entre esquerda e direita permeou e inclusive dominou muitos deles. Portanto, é importante relembrar algumas das circunstâncias que levaram ao conflito mais cruel e destrutivo que o mundo já conheceu.

Os efeitos terríveis da Primeira Guerra Mundial haviam deixado os principais vitoriosos europeus, a França e a Inglaterra, exaustos e determinados, custasse o que custasse, a não repetir a experiência. Os americanos, após uma contribuição vital para a derrota da Alemanha imperial, queriam lavar as mãos do que consideravam um Velho Mundo corrupto e cruel. A Europa Central, fragmentada pelas novas fronteiras traçadas em Versalhes, enfrentava a humilhação e a penúria da derrota. Com o orgulho combalido, os oficiais do exército austro-húngaro *Kaiserlich und Königlich* viveram o avesso da história da Cinderela, e seus uniformes de contos de fadas foram substituídos pelas roupas puídas dos desempregados. A amargura da maior parte dos soldados e oficiais alemães com a derrota se intensificou com o fato de que até julho de 1918 os seus exércitos haviam sido imbatíveis, e isto fez o colapso súbito em casa parecer ainda mais inexplicável e sinistro. Em sua opinião, os motins e revoltas na Alemanha no outono de 1918 que precipitaram a abdicação do kaiser haviam sido provocados inteiramente por bolcheviques judeus. Agitadores de esquerda realmente

participaram, e os mais proeminentes líderes revolucionários alemães em 1918-19 eram judeus, mas as principais causas por trás da agitação haviam sido o cansaço da guerra e a fome. A perniciosa teoria conspiratória da direita alemã — a lenda do apunhalar pelas costas — era parte da sua compulsão inerente a confundir causa e efeito.

A hiperinflação de 1923-24 solapou a certeza e a retidão da burguesia alemã. A amargura da vergonha pessoal e nacional produziu uma raiva incoerente. Os nacionalistas alemães sonhavam com o dia em que a humilhação do *Diktat* de Versalhes seria revertida. A vida melhorou na Alemanha na segunda metade dos anos 1920, principalmente graças aos vultosos empréstimos americanos. Mas a depressão mundial, que teve início após a quebra de Wall Street em 1929, atingiu a Alemanha ainda mais duramente quando a Grã-Bretanha e outros países abandonaram o padrão ouro, em setembro de 1931. O medo de outra rodada de hiperinflação convenceu o governo do chanceler Brüning a manter o marco do Reich vinculado ao preço do ouro, supervalorizando-o. Os empréstimos americanos haviam sido suspensos, e o protecionismo cortou os mercados de exportação alemães. Isto levou ao desemprego massivo, que aumentou dramaticamente as oportunidades para os demagogos que prometiam soluções radicais.

A crise do capitalismo acelerou a crise da democracia liberal, que em muitos países europeus tornou-se ineficaz devido aos efeitos fragmentadores do voto proporcional. A maior parte dos sistemas parlamentares surgidos em 1818 após o colapso de três impérios continentais foi varrida do mapa, incapazes de lidar com as contendas civis. As minorias étnicas, que existiam em uma paz relativa nos antigos regimes imperiais, agora eram ameaçadas por doutrinas de pureza nacional.

Relatos recentes da Revolução Russa e da violenta destruição de outras guerras civis na Hungria, Finlândia, nos Estados bálticos e na própria Alemanha contribuíram imensamente para o processo de polarização política. O ciclo de medo e ódio ameaçava transformar a retórica inflamada em uma profecia autorrealizável, como os acontecimentos na Espanha logo demonstrariam. As alternativas maniqueístas certamente tendem a romper o centrismo democrático baseado em acordos. Nessa nova era coletivista, as soluções violentas soavam como heroísmo supremo para os intelectuais da esquerda e da direita, assim como para os ex-soldados amargurados da Primeira Guerra Mundial. Diante do desastre financeiro, o Estado autoritário subitamente parecia ser a ordem moderna natural em toda a Europa, e uma resposta ao caos das pugnas entre as facções.

Em setembro de 1930, a proporção de votos do Partido Nacional-Socialista

saltou de 2,5% para 18,3%. A direita conservadora alemã, que tinha pouco respeito pela democracia, destruiu completamente a República de Weimar,⁴ abrindo assim as portas para Hitler. Ao subestimar seriamente a falta de escrúpulos de Hitler, eles pensaram que podiam usá-lo como uma marionete populista para defender a sua ideia da Alemanha. Mas ele sabia exatamente o que queria, ao passo que os outros não. Em 30 de janeiro de 1933, Hitler tornou-se chanceler e agiu rapidamente para eliminar qualquer oposição em potencial.

Para as vítimas subsequentes da Alemanha, a tragédia foi que uma massa crítica da população, desesperada por ordem e respeito, estava ansiosa por seguir o criminoso mais temerário da história. Hitler conseguiu apelar para os seus piores instintos: ressentimento, intolerância, arrogância e, o mais perigoso, um sentimento de superioridade racial. Qualquer resquício da crença em um *Rechtsstaat*, uma nação baseada no respeito à supremacia da lei, caiu por terra com a insistência de Hitler em que o sistema jurídico servisse à nova ordem. As instituições públicas — as cortes, universidades, o funcionalismo público e a imprensa — se renderam ao novo regime. Os oponentes se viram isolados e impotentes e foram insultados de traidores à nova definição da Pátria, não só pelo regime, mas por todos os que o apoiavam. À diferença da polícia secreta de Stalin, o NKVD, a Gestapo era surpreendentemente ociosa. A maior parte das suas detenções era meras respostas e denúncias contra alemães feitas por sua própria gente.

O corpo de oficiais, que se orgulhava de uma tradição apolítica, também se permitiu ser cortejado com a promessa de incremento das forças e amplo rearmamento, apesar do seu desprezo por um pretendente tão vulgar e malvestido. O oportunismo caminhava *pari passu* com a covardia diante da autoridade. Otto von Bismarck, o chanceler do século XIX, comentou certa vez que a coragem moral era uma virtude rara na Alemanha, e que abandonava o alemão completamente no momento em que envergava um uniforme. Não surpreende que os nazistas quisessem vestir quase todos com uniformes, até as crianças.⁵

O maior talento de Hitler estava em descobrir e explorar a fraqueza dos seus oponentes. A esquerda alemã, tristemente dividida entre o Partido Comunista Alemão e os social-democratas, não representava uma ameaça real. Hitler facilmente expurgou os conservadores que acreditaram, com uma arrogância ingênua, que podiam controlá-lo. Assim que consolidou o seu poder no âmbito doméstico com decretos arrasadores e prisões em massa, ele voltou as suas atenções para a quebra do Tratado de Versalhes. O alistamento compulsório foi reintroduzido em 1935, os britânicos concordaram com uma expansão da marinha alemã, e a Luftwaffe foi instituída. A Inglaterra e a França não

apresentaram protestos de peso diante do acelerado programa de rearmamento.

Em março de 1936, as tropas alemãs reocuparam a Renânia, na primeira quebra declarada dos tratados de Versalhes e de Locarno. Este tapa na cara dos franceses, que haviam ocupado a região há mais de uma década, garantiu a ampla adulação do Führer na Alemanha, mesmo entre aqueles que não haviam votado nele. Este apoio e a inércia anglo-francesa deram coragem a Hitler para seguir adiante. Com uma só tacada, ele restaurou o orgulho alemão, ao passo que o rearmamento, muito mais do que o seu alardeado programa de obras públicas, impediu o aumento do desemprego. Para os alemães, a brutalidade dos nazistas e a perda de liberdade pareciam um preço baixo a pagar.

Pouco a pouco, a enérgica sedução do povo alemão por Hitler começou a privar o país de valores humanos. Este efeito foi mais evidente na perseguição dos judeus, que avançou espasmodicamente. Contudo, ao contrário do que se crê, ela foi mais impulsionada de dentro do Partido Nazista do que de fora. As arengas bombásticas de Hitler contra os judeus não significavam necessariamente que ele já tivesse decidido por uma “Solução Final” de aniquilação física. Ele se contentava em permitir que as tropas de assalto da SA (Sturmabteilung) atacassem os judeus e seus negócios e roubassem os seus bens para satisfazer uma mescla incoerente de cobiça, inveja e ressentimento imaginário. Àquela época, a política nazista buscava privar os judeus de seus direitos civis e de tudo o que possuíam e, mediante a humilhação e a ameaça, forçá-los a abandonar a Alemanha. “Os judeus devem deixar a Alemanha, sim, e a Europa”, disse Hitler ao seu ministro da Propaganda Joseph Goebbels, em 30 de novembro de 1937. “Isso ainda vai levar algum tempo, mas deve e vai acontecer.”⁵

O programa de Hitler para fazer da Alemanha a potência dominante na Europa tinha sido claramente exposto em *Mein Kampf*, uma combinação de autobiografia e manifesto político publicado pela primeira vez em 1925. Primeiro, ele uniria a Alemanha e a Áustria e depois levaria os alemães para fora das fronteiras do Reich sob o seu controle. “Gente do mesmo sangue deveria estar no mesmo Reich”, declarou. Só quando isso fosse alcançado o povo alemão teria o “direito moral” de “adquirir território estrangeiro. O arado então é a espada; e as lágrimas da guerra produzirão o pão de cada dia para as futuras gerações.”²

A sua política de agressão foi expressa muito claramente na primeira página. No entanto, embora todo casal alemão tivesse de comprar um exemplar ao se casar, poucos parecem ter levado a sério as suas previsões belicosas. Eles preferiam acreditar nas suas afirmações mais recentes e repetitivas de que não queria a guerra. E os golpes ousados de Hitler diante da debilidade britânica e

francesa confirmaram as suas esperanças de que ele poderia alcançar tudo o que esperava sem um conflito de peso. Eles não viam que a economia alemã superaquecida e a determinação de Hitler em fazer uso da vantagem bélica traziam a certeza da invasão dos países vizinhos.

Hitler não estava interessado apenas em reocupar o território perdido pela Alemanha com o Tratado de Versalhes. Ele desprezava um passo tão tíbio. Fervia de impaciência, convencido de que não viveria o suficiente para alcançar o seu sonho da supremacia germânica. Queria que toda a Europa central e o sul da Rússia até o Volga formassem o *Lebensraum*, de modo a garantir a autossuficiência e o status alemão como uma grande potência. O seu sonho de subjugar os territórios ao leste foi muito estimulado pela breve ocupação alemã dos Estados bálticos, em 1918, de parte da Bielorrússia, a Ucrânia e o sul da Rússia, até Rostov, no Don. Isso foi depois do Tratado de Brest-Litovsk de 1918, o *Diktat* alemão ao regime soviético nascente. A região produtora de trigo da Ucrânia atraía de modo especial o interesse da Alemanha, depois da quase fome provocada principalmente pelo bloqueio britânico durante a Primeira Guerra Mundial. Hitler estava determinado a evitar a desmoralização sofrida pelos alemães em 1918, que havia levado à revolução e ao colapso. Desta vez, outros seriam levados à fome. Mas um dos principais propósitos do seu plano de *Lebensraum* era se apossar da produção de petróleo no leste. Aproximadamente 85% do fornecimento de petróleo do Reich, mesmo em tempos de paz, tinha de ser importado, e isto seria o calcanhar de aquiles da Alemanha durante a guerra.

As colônias do leste pareciam a melhor maneira de estabelecer a autossuficiência, mas a ambição de Hitler era muito maior do que a de outros nacionalistas. De acordo com a sua crença social-darwinista de que a vida de uma nação era um esforço pela maestria racial, ele queria reduzir numericamente a população eslava de modo dramático mediante a fome deliberada e escravizar os sobreviventes como uma classe de servos.

A sua decisão de intervir na Guerra Civil Espanhola no verão de 1936 não foi oportunista, como tem sido dito. Ele estava convencido de que uma Espanha bolchevique, combinada a um governo de esquerda na França, representava uma ameaça estratégica à Alemanha vinda do oeste, em um momento em que ele enfrentava a União Soviética de Stalin no leste. Mais uma vez ele conseguiu explorar a repulsa das democracias pela guerra. Os britânicos temiam que o conflito espanhol provocasse outro conflito na Europa, e o novo governo da Frente Popular na França tinha medo de agir sozinho. Isto permitiu o apoio militar alemão declarado aos nacionalistas do generalíssimo Francisco Franco para garantir a sua vitória militar final enquanto a Luftwaffe alemã de Hermann Göring testava novos aviões e táticas. A Guerra Civil Espanhola também

aproximou Hitler e Benito Mussolini, e o governo fascista italiano enviou um corpo de “voluntários” para lutar com os nacionalistas. Mas Mussolini, apesar da empáfia e das ambições no Mediterrâneo, estava nervoso com a determinação de Hitler de derrubar o *status quo*. O povo italiano não estava pronto, nem militar nem psicologicamente, para uma guerra europeia.

Em novembro de 1936, desejoso de obter outro aliado na futura guerra com a União Soviética, Hitler criou o Pacto Anti-Comintern com o Japão. O Japão havia iniciado a sua expansão colonial no Extremo Oriente na última década do século XIX. Aproveitando-se da decadência do governo imperial chinês, firmou a sua presença na Manchúria, tomou Formosa (Taiwan) e ocupou a Coreia. A derrota imposta à Rússia tsarista na guerra de 1904-05 fez do país a maior potência militar da região. O sentimento antiocidental cresceu no Japão com os efeitos da quebra da bolsa de Wall Street e a depressão mundial e uma classe de oficiais cada vez mais nacionalistas via a Manchúria e a China de modo semelhante aos desígnios nazistas para a União Soviética: como uma massa continental e uma população a serem subjugadas para alimentar as ilhas japonesas.

O conflito sino-japonês há muito tempo tem sido uma peça perdida do quebra-cabeça da Segunda Guerra Mundial. Iniciado muito antes da irrupção da luta na Europa, o conflito na China muitas vezes tem sido tratado como uma questão completamente à parte, embora tenha presenciado o maior desdobramento de forças terrestres japonesas no Extremo Oriente, além do envolvimento tanto dos Estados Unidos quanto da União Soviética.

Em setembro de 1931, os militares japoneses criaram o Incidente de Mukden, em que detonaram uma ferrovia para justificar a tomada de toda a Manchúria. Eles esperavam transformar a região em produtora de alimentos, pois a sua agricultura doméstica havia minguado desastrosamente. Batizaram-na Manchukuo e criaram um governo fantoche, com o imperador deposto Henry Pu Yi como títere. O governo civil em Tóquio, apesar de desprezado pelos oficiais, sentiu-se obrigado a apoiar o exército. A Liga das Nações em Genebra rechaçou os apelos chineses por sanções contra o Japão. Os colonos japoneses, camponeses em sua maioria, acorreram para tomar posse da terra com o estímulo do governo. Este queria “um milhão de lares” criados como fazendas de colonos nos vinte anos seguintes. As ações japonesas isolaram o país em termos diplomáticos, mas ele se regozijou com o triunfo. Isto marcou o início de uma progressão fatídica, tanto da expansão externa quanto da influência militar no governo de Tóquio.

Um governo mais agressivo subiu ao poder, e o exército Kwantung na Manchúria estendeu o seu controle até quase as portas de Pequim. O governo do Kuomintang de Chiang Kai-shek em Nanquim foi forçado a recuar. Chiang declarou ser o herdeiro de Sun Yat-sen, que quis introduzir uma democracia ao estilo ocidental, mas na verdade era um generalíssimo dos senhores da guerra.

As Forças Armadas japonesas começaram a cobiçar o vizinho soviético ao norte e a espreitar o sul do Pacífico. Os seus alvos eram as colônias no Extremo Oriente da Inglaterra, França, e Holanda, com os campos de petróleo das Índias Orientais Holandesas. O incômodo impasse na China foi rompido subitamente em 7 de julho de 1937 com a provocação japonesa na ponte Marco Polo, fora da antiga capital de Pequim. O Exército Imperial japonês em Tóquio garantiu ao imperador Hiroito que a China seria derrotada em alguns meses. Foram enviados reforços por terra e seguiu-se uma campanha terrível, disparada em parte pelo massacre de civis japoneses pelos chineses. O Exército Imperial foi enviado. Mas a Guerra Sino-Japonesa não terminou com um triunfo rápido como os generais em Tóquio haviam previsto. A terrível violência do atacante fomentou uma resistência amarga. Hitler não aprendeu a lição quando de seu massacre contra a União Soviética, quatro anos mais tarde.

Alguns ocidentais começaram a considerar a Guerra Sino-Japonesa como uma contraparte da Guerra Civil Espanhola. Robert Capa, Ernest Hemingway, W. H. Auden e Christopher Isherwood, o cineasta Joris Ivens e muitos jornalistas visitaram e expressaram a sua simpatia e apoio aos chineses em geral. Esquerdistas, alguns dos quais visitaram o quartel-general comunista chinês em Yenan, apoiaram Mao Tsé-Tung, embora Stalin apoiasse Chiang Kai-shek e o seu partido, o Kuomintang. Mas nem o governo britânico nem o americano estavam dispostos a tomar medidas práticas.

O governo de Neville Chamberlain, como a maior parte da população britânica, ainda estava preparado para viver com uma Alemanha rearmada e revitalizada. Muitos conservadores viam os nazistas como um baluarte contra o bolchevismo. Chamberlain, um ex-prefeito de Birmingham de retidão antiquada, fez o grande erro de esperar que outros chefes de Estado compartilhassem valores similares e o horror à guerra. Ele fora um ministro muito hábil e um ministro da Fazenda muito capaz, mas não sabia nada de política externa e de questões de defesa. Com o seu colarinho ereto, um bigode eduardiano e o guarda-chuva a postos, ele demonstrou ser completamente incapaz ao ser confrontado pela cintilante desumanidade do governo nazista.

Outros, mesmo aqueles com simpatias esquerdistas, também relutaram em

confrontar o governo de Hitler, pois ainda estavam convencidos de que a Alemanha havia sido tratada de forma injusta na conferência de Versalhes. Eles também achavam difícil objetar o desejo expresso de Hitler de trazer minorias alemãs adjacentes, tais como a dos Sudetos da Tchecoslováquia, para o Reich. Sobretudo, os britânicos e franceses estavam horrorizados com a ideia de outra guerra europeia. Permitir que a Alemanha nazista anexasse a Áustria, em março de 1938, parecia um preço pequeno a pagar pela paz mundial, especialmente quando a maioria dos austríacos havia votado em 1918 pela *Anschluss*, ou anexação, com a Alemanha e, vinte anos depois, deu as boas-vindas à invasão alemã. As declarações austríacas de que o país teria sido a primeira vítima de Hitler foram completamente espúrias.

Em outubro, Hitler então decidiu que queria invadir a Tchecoslováquia.⁸ Isto foi programado para bem depois que os camponeses alemães fizessem a colheita, porque os ministros nazistas temiam uma crise no fornecimento nacional de alimentos. Mas, para a exasperação de Hitler, Chamberlain e a sua contraparte francesa, Édouard Daladier, ofereceram-lhe os Sudetos nas negociações de Munique de setembro, na esperança de preservar a paz. Isto privou Hitler da sua guerra, mas permitiu-lhe mais tarde tomar o país inteiro sem lutar. Chamberlain cometeu também um erro fundamental ao recusar-se a consultar Stalin. Isto influenciou a decisão do ditador soviético no seguinte mês de agosto a concordar com um pacto com a Alemanha nazista. Chamberlain, de modo muito parecido ao de Franklin D. Roosevelt mais tarde com Stalin, acreditou com uma complacência inadequada que, sozinho, convenceria Hitler de que lhe seriam valiosas as boas relações com os Aliados ocidentais.

Alguns historiadores argumentaram que, se a Grã-Bretanha e a França estivessem preparadas para lutar no outono de 1938, as coisas poderiam ter resultado de outra forma. Isto certamente é possível do ponto de vista alemão. O fato é que nem os britânicos nem os franceses estavam psicologicamente preparados para uma guerra, principalmente porque haviam sido mal informados pelos políticos, os diplomatas e a imprensa. Os que tentavam advertir sobre os planos de Hitler, como Winston Churchill, eram considerados simplesmente fomentadores da guerra.

Só em novembro os olhos se abriram para a verdadeira natureza do governo de Hitler. Após o assassinato de um funcionário da embaixada alemã em Paris por um jovem judeu polonês, tropas de assalto nazistas lançaram o pogrom alemão conhecido como *Kristallnacht* por causa das vitrines quebradas de todas as lojas. Com as sombras da guerra sobre a Tchecoslováquia naquele outono, a “energia violenta”⁹ fermentou no Partido Nazista. As tropas de assalto da SS incendiaram sinagogas, atacaram e assassinaram judeus e estilharam as

vitruines das suas lojas, levando Göring a reclamar sobre o custo em divisas estrangeiras para substituir todos os vidros planos que provinham da Bélgica. Muitos alemães comuns ficaram chocados, mas a política nazista de isolar os judeus logo conseguiu persuadir a vasta maioria dos cidadãos a permanecerem indiferentes à sua sorte. E muitos foram tentados pela facilidade de se apropriar dos bens saqueados, dos apartamentos expropriados e da “arianização” dos negócios judeus. Os nazistas foram excepcionalmente espertos em atrair cada vez mais cidadãos para o seu círculo criminoso.

A tomada do resto da Tchecoslováquia por Hitler, em março de 1939 — em uma violação flagrante do Acordo de Munique — finalmente mostrou que a sua declaração de trazer os alemães étnicos de volta ao Reich era pouco mais que um pretexto para ampliar o seu território. A indignação britânica forçou Chamberlain a oferecer garantias à Polônia como uma advertência a Hitler contra outras invasões.

Mais tarde, Hitler se queixou de que fora impedido de iniciar uma guerra em 1938 porque “os britânicos e os franceses aceitaram todas as minhas exigências em Munique”.¹⁰ Na primavera de 1939, ele explicou a sua impaciência ao ministro romeno do Exterior: “Agora tenho 50 anos”, disse. “Preferiria fazer a guerra agora que aos 55 ou aos 60.”¹¹

Assim, Hitler revelou que pretendia alcançar o seu objetivo de uma dominação europeia em uma só vida, que ele esperava ser curta. Com a sua vaidade maníaca, ele não contava com mais ninguém para levar adiante a sua missão. Considerava-se literalmente insubstituível e disse aos seus generais que o destino do Reich dependia exclusivamente dele. O Partido Nazista e a sua forma de governo caótica nunca foram planejados para produzir estabilidade e continuidade. E a retórica de Hitler sobre o “Reich de mil anos” se revelou uma contradição psicológica significativa, surgida de um solteiro obstinado, perversamente orgulhoso de não passar os seus genes adiante e que nutria um fascínio insano pelo suicídio.

Em 30 de janeiro de 1939, no sexto aniversário da sua ascensão ao poder, Hitler fez um discurso importante aos parlamentares do Reichstag.¹² Nele, incluiu a sua “profecia” fatal, à qual, na “solução final”, ele e seus seguidores se ativeram compulsivamente. Afirmou que os judeus tinham rido das suas predições de que ele lideraria a Alemanha e também daria “solução aos problemas judaicos”. Então, disse: “Hoje quero ser um profeta novamente: se uma judiaria internacional dentro e fora da Europa tiver êxito em levar mais uma vez as nações a uma guerra mundial, o resultado não será a bolchevização da terra e, portanto, a vitória dos judeus, mas a aniquilação da raça judaica na Europa.” Esta confusão assustadora entre causa e efeito está no cerne da rede

obsessiva de Hitler de mentiras e autoenganos.

Embora Hitler estivesse pronto para a guerra e a quisesse contra a Tchecoslováquia, ele não conseguia entender por que a atitude britânica mudara tão subitamente da conciliação para a resistência. Mais tarde, ele ainda pretendia atacar a França e a Inglaterra, mas isso seria na hora em que decidisse fazê-lo. O plano nazista, seguindo a amarga lição da Primeira Guerra Mundial, fora projetado para compartimentar conflitos de modo a evitar lutar em mais de uma frente ao mesmo tempo.

A surpresa de Hitler com a reação britânica revelou a compreensão muito equivocada da história mundial deste autodidata. O padrão do envolvimento britânico em quase todas as crises europeias desde o século XVIII devia ter explicado a nova política do governo de Chamberlain. A mudança não tinha nada a ver com ideologia ou idealismo. A Grã-Bretanha não estava buscando resistir ao fascismo ou ao antissemitismo, ainda que mais tarde o aspecto moral tenha sido útil para a propaganda nacional. Os seus motivos estavam em uma estratégia tradicional. A ocupação hostil da Tchecoslováquia pela Alemanha revelava claramente a determinação de Hitler de dominar a Europa. Aquilo era uma ameaça ao *status quo*, que mesmo uma Grã-Bretanha enfraquecida e não belicosa nunca toleraria. Hitler também subestimou a raiva de Chamberlain por ter sido tão completamente enganado em Munique. Duff Cooper, que havia se demitido como primeiro lorde do Almirantado com a traição dos tchecos, escreveu que Chamberlain “nunca conheceu ninguém em Birmingham nem um pouco parecido com Adolf Hitler [...] Em Birmingham nunca alguém quebrou uma promessa ao prefeito”.¹³

As intenções de Hitler agora estavam assustadoramente claras. E o choque do seu pacto com Stalin, em agosto de 1939, confirmava que a Polônia seria a próxima vítima. “As fronteiras dos Estados”, escrevera ele em *Mein Kampf*, “são feitas pelo homem e mudadas pelo homem.” Em retrospecto, pode parecer que o ciclo de ressentimento desde o Tratado de Versalhes tornou o surgimento de outra guerra mundial inevitável, mas nada na história é predestinado. As consequências da Primeira Guerra Mundial certamente haviam criado fronteiras instáveis e tensões em grande parte da Europa. Mas não há dúvida de que Adolf Hitler foi o principal arquiteto desta conflagração nova e ainda mais terrível, que se espalhou pelo mundo e dizimou milhões, inclusive ele próprio. E, no entanto, em um paradoxo curioso, o primeiro enfrentamento da Segunda Guerra Mundial — aquele em que Yang Kyoungjong foi capturado pela primeira vez — começou no Extremo Oriente.

A Eclosão da Guerra

JUNHO-AGOSTO DE 1939

Em 1º de junho de 1939, Georgii Jukov, um comandante de cavalaria baixo e robusto, recebeu um chamado urgente de Moscou.¹ O expurgo do Exército Vermelho por Stalin, iniciado em 1937, ainda prosseguia, então Jukov, que já havia sido acusado uma vez, supôs que havia sido denunciado como “inimigo do povo”. O passo seguinte seria alimentar o “moedor de carne” de Lavrenti Beria, como era conhecido o sistema de interrogatórios do NKVD.

Na paranoia do “Grande Terror”, oficiais de altas patentes eram os primeiros a serem fuzilados como espiões trotskistas-fascistas. Cerca de 30 mil foram detidos. Muitos dos mais antigos foram executados e a maioria foi torturada para fazer confissões ridículas. Jukov, que fora próximo de algumas das vítimas, tinha uma maleta pronta para a prisão desde o início do expurgo, dois anos antes. À espera deste momento há muito tempo, ele escreveu uma carta de despedida para a esposa. “Tenho um pedido a lhe fazer”, começava a carta. “Não se renda aos lamentos, mantenha-se firme, e tente suportar digna e honestamente a separação desagradável.”²

Mas quando chegou de trem a Moscou no dia seguinte, Jukov não foi detido nem levado à prisão de Lubyanka. Foi informado de que deveria se apresentar no Kremlin para se encontrar com o antigo camarada de Stalin do I Exército de Cavalaria na guerra civil, o marechal Kliment Voroshilov, agora comissário do povo para a Defesa. Durante o expurgo, este soldado “mediocre, sem personalidade, intelectualmente obtuso”³ havia fortalecido a sua posição ao eliminar ciosamente os comandantes talentosos. Mais tarde, com uma franqueza grosseira, Nikita Kruchev qualificou-o como “o maior saco de merda do exército”.⁴

Jukov ouviu que deveria voar para o estado-satélite soviético da Mongólia Exterior. Lá, assumiria o comando do 57º Corpo Especial, que incluía o Exército Vermelho e forças mongóis, para infligir uma derrota decisiva ao Exército

Imperial japonês. Stalin estava irado porque o comandante local não parecia ter conseguido muita coisa. Com a ameaça de guerra de Hitler no oeste, ele queria pôr fim às provocações japonesas do estado-marionete de Manchukuo. A rivalidade entre a Rússia e o Japão datava da época tsarista e a humilhante derrota russa em 1905 certamente não fora esquecida pelo regime soviético. Com Stalin, as forças no Extremo Oriente haviam sido consideravelmente ampliadas.

Os militares japoneses estavam obcecados com a ameaça do bolchevismo. Desde a assinatura do Pacto Anti-Comintern entre a Alemanha e o Japão, em novembro de 1936, as tensões na fronteira mongol entre os unidades de fronteira do Exército Vermelho e o Exército Kwantung japonês haviam aumentado. A temperatura subira consideravelmente com uma série de enfrentamentos na fronteira em 1937, e um de maior dimensão em 1938, o Incidente Changkufeng no lago Khasan, 110 quilômetros a sudoeste de Vladivostok.

Os japoneses também estavam aborrecidos porque a União Soviética apoiava o seu inimigo chinês não só economicamente como também com tanques T-26 e um grande contingente de conselheiros militares e esquadrões aéreos “voluntários”. Os líderes do Exército Kwantung ficaram cada vez mais frustrados com a relutância do imperador Hiroito em agosto de 1938 em permitir-lhes responder pesadamente aos soviéticos. A sua arrogância se baseava na suposição errônea de que a União Soviética não reagiria. Eles exigiram carta branca para agir como considerassem necessário em quaisquer incidentes fronteiriços futuros. Eram motivados por interesses próprios. Um conflito de baixa intensidade com a União Soviética forçaria Tóquio a incrementar o Exército Kwantung, em vez de reduzi-lo. Eles temiam que algumas das suas formações fossem dirigidas ao sul, para a guerra contra os exércitos nacionalistas chineses de Chiang Kai-shek.⁵

No Estado-Maior imperial em Tóquio havia certo apoio à visão agressiva da liderança Kwantung. Mas a marinha e os políticos civis estavam profundamente preocupados. A pressão da Alemanha nazista sobre o Japão para que considerasse a União Soviética como o inimigo principal os deixava muito inquietos. Eles não queriam se envolver em uma guerra ao norte, ao longo das fronteiras mongol e siberiana. Esse racha derrubou o governo do príncipe Konoe Fumimaro. Mas a discussão no alto escalão do governo e nos círculos militares não amainou quando a aproximação da guerra na Europa tornou-se evidente. O exército e grupos de extrema direita propagandearam e muitas vezes exageraram o crescente número de enfrentamentos nas fronteiras do norte. E o Exército Kwantung, sem informar Tóquio, emitiu uma ordem permitindo ao comandante local agir como achasse melhor para punir os ofensores. Isso ocorreu em sigilo,

sob a chamada prerrogativa da “iniciativa em campanha”,⁶ que permitia aos exércitos movimentar tropas por razões de segurança em suas próprias áreas, sem consultar o Estado-Maior imperial.

O Incidente Nomonhan, ao qual mais tarde a União Soviética se referiu como a Batalha de Khalkhin Gol em referência ao nome do rio, começou em 12 de maio de 1939. Um regimento de cavalaria mongol cruzou o Khalkhin Gol para que suas pequenas montadas peludas pastassem na ampla estepe ondulada. Então, avançaram uns vinte quilômetros a partir do rio, que os japoneses consideravam a fronteira, até a aldeia de Nomonhan, que a República Popular da Mongólia dizia estar na linha de fronteira. Forças manchus do Exército Kwantung os fizeram recuar de volta ao Khalkhin Gol, e então os mongóis contra-atacaram. As forças em pugna avançaram e recuaram durante duas semanas. O Exército Vermelho trouxe reforços. No dia 28 de maio, as forças soviéticas e mongóis destruíram uma força japonesa de 200 homens com alguns carros blindados antiquados. Em meados de junho, aviões de bombardeio do Exército Vermelho atacaram alguns alvos, enquanto as forças terrestres avançavam em direção a Nomonhan.

Seguiu-se uma rápida escalada das hostilidades. Unidades do Exército Vermelho na área foram reforçadas por tropas do distrito militar de Trans-Baikal por ordem de Jukov, que chegara em 5 de junho. O principal problema enfrentado pelas forças soviéticas era que estavam operando a 650 quilômetros da ferrovia mais próxima, o que implicava em um gigantesco esforço logístico com caminhões trafegando em estradas de terra tão ruins que a viagem de ida e volta levava cinco dias. Esta dificuldade formidável levou os japoneses a subestimar o poder bélico das forças que Jukov estava arregimentando.

Eles enviaram a Nomonhan a 23ª Divisão do tenente-general Komatsubara Michitaro e parte da 7ª Divisão. O Exército Kwantung exigia um aumento considerável de presença aérea para apoiar as suas tropas. Isto causou preocupação em Tóquio. O Estado-Maior imperial enviou uma ordem proibindo ataques de retaliação e anunciou que um oficial estava a caminho para informá-lo sobre a situação. A notícia levou os comandantes do Kwantung a terminar a operação antes de serem impedidos de fazê-lo. Na manhã de 27 de junho, enviaram um esquadrão aéreo em um ataque contra as bases soviéticas na Mongólia Exterior. O Estado-Maior em Tóquio se enfureceu e despachou uma série de ordens proibindo quaisquer outras atividades aéreas.

Na noite de 1º de julho, os japoneses avançaram pelo Khalkhin Gol e tomaram uma colina estratégica que ameaçava o flanco soviético. Em três dias de lutas intensas, Jukov por fim os fez recuar cruzando de volta o rio em um contra-ataque com os seus tanques. Ele então ocupou a margem leste e começou o seu

grande ardil — que o Exército Vermelho denominava *maskirovka*.⁷ Enquanto Jukov secretamente preparava-se para uma grande ofensiva, as tropas davam a impressão de criar uma linha de defesa estática. Mensagens mal codificadas foram enviadas pedindo cada vez mais materiais para abrigos, alto-falantes difundiram o ruído de bate-estacas, panfletos intitulados *O que o soldado soviético deve saber sobre defesa* foram distribuídos prodigamente para que alguns caíssem em mãos inimigas. Enquanto isso, Jukov trazia blindados de reforço na calada da noite e os escondia. Os seus motoristas de caminhão ficaram exaustos de transportar pelas estradas horríveis que partiam da ferrovia reservas suficientes de munição para a ofensiva.

Em 23 de julho, os japoneses realizaram novamente um ataque frontal, mas não conseguiram romper a linha soviética.⁸ Os seus próprios problemas de suprimentos significavam que eles ainda teriam de esperar algum tempo antes de estarem prontos para um terceiro ataque. Mas os nipônicos não tinham ideia de que a força de Jukov havia aumentado para 58 mil homens, com quase 500 tanques e 250 aviões.

Às 5h45 do domingo 20 de agosto, Jukov lançou o seu ataque surpresa, antecedido por um bombardeio de artilharia de três horas, além da infantaria e da cavalaria. O calor era terrível. Com temperaturas acima de 40°C, foi dito que metralhadoras e canhões emperraram e que a poeira e a fumaça das explosões turvavam o campo de batalha.

Enquanto a infantaria soviética, que incluía três divisões de fuzileiros e uma brigada de paraquedistas, mantinha-se firme no centro, cercando o grosso das forças japonesas, Jukov enviou pela retaguarda, em desbordamentos circulares, suas três brigadas blindadas e uma divisão de cavalaria mongol. Os seus tanques, que vadearam rapidamente um tributário do Khalkhin Gol, incluíam o T-26, que havia sido empregado na Guerra Civil Espanhola para apoiar os republicanos, e protótipos muito mais rápidos do que mais tarde foi o T-34, o tanque médio mais eficaz da Segunda Guerra Mundial. Os obsoletos tanques japoneses não tiveram chance. Seus canhões careciam de granadas perfurantes contra blindados.

A infantaria japonesa, apesar de não ter armas anticarro eficazes, lutou desesperadamente. O tenente Sadakaji foi visto atacar um tanque empunhando a sua espada de samurai até ser morto. Soldados japoneses lutaram das trincheiras, provocando sérias baixas nos atacantes, que às vezes traziam para a linha de frente tanques lança-chamas a fim de combatê-los. Jukov não se abalou com as perdas soviéticas. Quando o comandante em chefe da Frente Trans-Baikal, que havia vindo observar a batalha, sugeriu que ele suspendesse a ofensiva por algum tempo, Jukov não lhe deu atenção. Se ele suspendesse o ataque para retomá-lo depois, argumentou, as perdas soviéticas seriam dez vezes maiores

“devido à nossa indecisão”.⁹

Apesar da determinação japonesa de nunca se render, as táticas e os armamentos antiquados do Exército Kwantung provocaram uma derrota humilhante. As forças de Komatsubara foram cercadas e quase totalmente destruídas em um massacre prolongado que provocou 61 mil baixas. O Exército Vermelho teve 7.974 mortos e 15.251 feridos.¹⁰ Na manhã de 31 de agosto a batalha terminou. Enquanto isso, o Pacto Nazissoviético era assinado em Moscou e, como resultado, as tropas alemãs atravessaram a fronteira polonesa, dispostas a começar a guerra na Europa. Enfrentamentos isolados persistiram até meados de setembro, mas Stalin decidiu que, à luz da situação mundial, seria prudente concordar com o pedido de cessar-fogo dos japoneses.

Jukov, que havia ido a Moscou temendo ser detido, agora regressava para receber das mãos de Stalin a estrela de ouro como Herói da União Soviética. A sua primeira vitória, um momento fulgurante em período terrível para o Exército Vermelho, teve resultados de longo alcance. Os japoneses haviam sido fortemente sacudidos pela derrota inesperada, ao passo que os seus inimigos chineses, tanto os nacionalistas quanto os comunistas, sentiram-se encorajados. Em Tóquio, a facção “ataque ao norte”, que queria a guerra com a União Soviética, levou um forte golpe. Com isso, o partido do “ataque ao sul”, liderado pela marinha, ganhou a dianteira. Em abril de 1941, para o assombro de Berlim, um pacto de não agressão soviético-japonês foi assinado algumas semanas antes da Operação Barbarossa, a invasão alemã da União Soviética. A batalha de Khalkhin Gol exerceu portanto uma influência importante na decisão japonesa posterior de atacar as colônias francesas, holandesas e britânicas no sudeste asiático, e inclusive a marinha dos Estados Unidos no Pacífico. Em consequência, a recusa de Tóquio em atacar a União Soviética no inverno de 1941 teve um papel crítico no momento decisivo da geopolítica da guerra, tanto no Extremo Oriente quanto na luta de vida e morte de Hitler com a União Soviética.

A estratégia de Hitler no período pré-guerra não era consistente. Às vezes ele esperava fazer uma aliança com a Inglaterra para levar adiante a intenção posterior de atacar a União Soviética, mas então planejava eliminar o papel continental das ilhas britânicas com um ataque preventivo à França. Para proteger o flanco oriental no caso de chegar a atacar o Ocidente primeiro, Hitler havia levado o seu ministro do exterior, Joachim von Ribbentrop, a tentar uma aproximação com a Polônia mediante a oferta de uma aliança. Os poloneses, conscientes do risco de provocar Stalin, e suspeitando certamente que Hitler

cobiçava o seu país como um satélite, mostraram-se excessivamente cautelosos. Contudo, por puro oportunismo, o governo polonês cometeu um erro grave. Quando a Alemanha se instalou nos Sudetos, em 1938, as forças polonesas ocuparam a província tcheca de Teschen, que desde 1920 Varsóvia afirmava ser etnicamente polonesa, e também empurraram a fronteira nos Cárpatos. Esta atitude antagonizou os soviéticos e assombrou os governos inglês e francês. A confiança excessiva dos poloneses favoreceu Hitler. A ideia polonesa de criar um bloco central europeu contra a expansão alemã — uma “Terceira Europa” como o denominavam — provou ser uma ilusão.

Em 8 de março de 1939, poucos antes que suas tropas ocupassem Praga e o resto da Tchecoslováquia, Hitler disse aos seus generais que pretendia esmagar a Polônia. Argumentou que a Alemanha então poderia desfrutar dos recursos poloneses e dominar a Europa central em direção ao sul. Havia decidido garantir a aquiescência polonesa pela conquista, e não pela diplomacia, antes de atacar em direção ao oeste. Ele também lhes disse que pretendia destruir a “democracia judaica”^u dos Estados Unidos.

Em 23 de março, Hitler tomou da Lituânia o distrito de Memel, para anexá-lo à Prússia Oriental. O seu programa de guerra seguia acelerado, pois ele temia que os rearmamentos inglês e francês logo equivalessem ao alemão. No entanto, continuava a não levar a sério a garantia de Chamberlain à Polônia, anunciada na Câmara dos Comuns em 31 de março. No dia 3 de abril, ordenou aos seus generais que preparassem os planos para a Operação Weiss (Branca), uma invasão da Polônia que deveria estar pronta no final de agosto.

Chamberlain, relutante em lidar com Stalin devido a um anticomunismo visceral e, por superestimar a força dos poloneses, tardou em criar um bloco defensivo contra Hitler na Europa central e nos Bálcãs. Na verdade, a garantia britânica à Polônia excluía implicitamente a União Soviética. O governo de Chamberlain só começou a reagir a esta omissão flagrante quando chegaram informes sobre as conversas comerciais germano-soviéticas. Stalin, que odiava os poloneses, ficou profundamente alarmado com o fracasso dos governos britânico e francês em fazer frente a Hitler. A sua omissão no ano anterior em incluí-lo nas discussões sobre o destino da Tchecoslováquia só havia aumentado o seu ressentimento. Ele também suspeitava que os ingleses e os franceses quisessem manobrá-lo para entrar em conflito com a Alemanha, de modo a evitar que eles próprios tivessem de lutar. Naturalmente, preferia ver os estados capitalistas fazerem a sua própria guerra.

Em 18 de abril Stalin pôs os governos britânico e francês à prova com a oferta de uma aliança com um pacto que prometia assistência a qualquer país da Europa central ameaçado por um agressor. Os ingleses ficaram em dúvida sobre

como reagir. O primeiro instinto de lorde Halifax, o secretário do Exterior, e de Sir Alexander Cadogan, seu subsecretário permanente, foi considerar a oferta soviética uma tentativa “maliciosa”.¹² Chamberlain temia que, se concordassem com a proposta, simplesmente provocariam Hitler. Na verdade, ela incitou Hitler a procurar um acordo próprio com o ditador soviético. De qualquer modo, os poloneses e os romenos ficaram desconfiados. Eles temiam, corretamente, que a União Soviética exigiria acesso para as tropas do Exército Vermelho através dos seus territórios. Os franceses, por sua vez, que desde a Primeira Guerra Mundial consideravam a Rússia um aliado natural contra a Alemanha, estavam muito mais ansiosos por uma aliança com os soviéticos. Sentiam que não podiam avançar sem a Grã-Bretanha, então exerceram pressão para que Londres se unisse às negociações militares com o regime soviético. Stalin não se impressionou com a reação hesitante da Inglaterra, mas tinha a intenção secreta de empurrar as fronteiras soviéticas para o oeste. Ele já estava de olho na Romênia e na Bessarábia, na Finlândia, nos Estados bálticos e no leste da Polônia, especialmente as partes da Bielorrússia e da Ucrânia cedidas à Polônia após a sua vitória em 1920. Por fim, os britânicos aceitaram a necessidade de um pacto com a União Soviética, mas só começaram a negociar no final de maio. Porém, Stalin suspeitou, com boa dose de justificativa, que o governo inglês queria ganhar tempo.

Ele ficou ainda menos impressionado com a delegação franco-britânica que partiu para Leningrado em 5 de agosto a bordo de um lento vapor. O general Aimé Doumenc e o almirante Sir Reginald Plunkett-Ernle-Drax não tinham nenhum poder de decisão. De qualquer modo, a sua missão estava fadada ao fracasso por outros motivos. Doumenc e Drax enfrentaram um problema insuperável com a insistência de Stalin sobre o direito de atravessar os territórios da Polônia e da Romênia com as tropas do Exército Vermelho. Era uma exigência que nenhum dos dois podia tolerar. Ambos suspeitavam visceralmente dos comunistas em geral e de Stalin em particular. O tempo passava enquanto as conversas infrutíferas continuaram na segunda metade de agosto, e até os franceses, que estavam tão desesperados por um acordo, não conseguiam persuadir o governo em Varsóvia a ceder neste ponto. O comandante em chefe polonês, o marechal Edward Smigły-Rydz, afirmou que “com os alemães nos arriscamos a perder a nossa liberdade, mas com os russos perdemos a nossa alma”.¹³

Hitler, provocado pelas tentativas francesas e inglesas de incluir a Romênia em um pacto defensivo contra novas agressões alemãs, decidiu que era hora de considerar o passo ideologicamente impensável de um pacto nazissoviético. No dia 2 de agosto, Ribbentrop sondou pela primeira vez a ideia de uma nova

relação com o encarregado de assuntos soviéticos em Berlim. “Do Báltico ao mar Negro, não há problema”, disselhe Ribbentrop, “que não possa ser resolvido entre nós dois.”¹⁴

Ribbentrop não ocultou as intenções agressivas da Alemanha com relação à Polônia, e aludiu a uma divisão do butim. Dois dias depois, o embaixador alemão em Moscou indicou que a Alemanha consideraria os Estados bálticos como parte da esfera de influência soviética. Em 14 de agosto, Ribbentrop sugeriu uma visita a Moscou para negociações. Vyacheslav Molotov, o novo ministro do Exterior soviético, expressou sua preocupação com o apoio alemão aos japoneses, cujas forças continuavam em combate com o Exército Vermelho em ambos os lados do Khalkhin Gol, mas ainda assim indicou a disposição soviética de prosseguir com as discussões, especialmente sobre os Estados bálticos.

Para Stalin, os benefícios tornavam-se cada vez mais óbvios. Na verdade, ele vinha considerando uma acomodação com Hitler desde o Acordo de Munique. Os preparativos foram adiante na primavera de 1939. No dia 3 de maio, tropas do NKVD cercaram o comissariado para assuntos estrangeiros. “Limpe o ministérios de judeus”, ordenara Stalin. “Limpe a ‘sinagoga’.”¹⁵ O veterano diplomata Maxim Litvinov foi substituído por Molotov como ministro do Exterior e alguns outros judeus foram presos.

Um acordo com Hitler permitiria a Stalin tomar os Estados bálticos e a Bessarábia, para não falar do leste da Polônia, no caso de uma invasão alemã vinda do oeste. E, sabendo que o próximo passo de Hitler seria ir contra a França e a Grã-Bretanha, ele esperava ver o poder alemão diminuído, no que pensava ser uma guerra sangrenta com o oeste capitalista. Isto lhe daria tempo para armar o Exército Vermelho, enfraquecido e desmoralizado pelo expurgo que executara.

Para Hitler, um acordo com Stalin permitiria lançar a sua guerra, primeiro contra a Polônia, e depois contra a França e a Inglaterra, mesmo sem aliados próprios. O chamado Pacto de Aço com a Itália, assinado em 22 de maio, não significava grande coisa, já que Mussolini não acreditava que o seu país estivesse pronto para a guerra antes de 1943. Contudo, Hitler ainda jogava com a sua intuição de que a França e a Grã-Bretanha não declarariam guerra quando ele invadissem a Polônia, apesar das suas garantias.

A propaganda de guerra nazista contra a Polônia se intensificou. Os poloneses eram culpados pela invasão que estava sendo preparada contra eles. E Hitler tomou todas as precauções para evitar negociações, porque desta vez não queria ser privado de uma guerra devido a concessões de última hora.

Para atrair o povo alemão, ele explorou o seu profundo ressentimento contra a Polônia porque esta havia recebido a Prússia Ocidental e parte da Silésia pelo odiado Tratado de Versalhes. A Cidade Livre de Danzig e o Corredor Polonês que, criados para dar à Polônia acesso ao Báltico, separaram a Prússia Oriental do restante do Reich foram brandidos como duas das maiores injustiças daquele tratado. Contudo, em 23 de maio o Führer declarou que a guerra que se aproximava não tinha relação com a Cidade Livre de Danzig, mas com o *Lebensraum* ao leste. Notícias sobre a opressão de um milhão de alemães étnicos na Polônia foram grosseiramente manipuladas. Não surpreende que as ameaças de Hitler à Polônia tivessem provocado medidas contra eles, e uns 70 mil fugiam para o Reich no final de agosto. É quase certo que fossem falsas as afirmações polonesas de que os alemães étnicos estavam envolvidos em atos de subversão antes do início do conflito. De qualquer modo, as alegações na imprensa nazista de perseguição de alemães étnicos na Polônia foram apresentadas em termos dramáticos.

Em 17 de agosto, quando o exército alemão realizava manobras no rio Elba, dois capitães britânicos da embaixada que haviam sido convidados como observadores comentaram que os jovens oficiais alemães estavam “muito autoconfiantes e seguros de que o exército alemão poderia invadir qualquer lugar”.¹⁶ Contudo, os generais e funcionários antigos do Ministério do Exterior temiam que a invasão da Polônia provocasse uma guerra europeia. Hitler continuava convencido de que os britânicos não lutariam. De qualquer maneira, pensava ele, o seu futuro pacto com a União Soviética tranquilizaria os generais que temiam a guerra em duas frentes. Mas em 19 de agosto, no caso de os ingleses e franceses declararem guerra, o almirante Erich Raeder ordenou que os couraçados de bolso *Deutschland* e *Graf Spee*, além de dezesseis *U-boats*, zarpassem rumo ao Atlântico.¹⁷

No dia 21 de agosto, às 11h30, o ministro do Exterior alemão anunciou na Wilhelmstrasse que uma pacto de não agressão germano-soviético havia sido proposto. Quando as notícias sobre a concordância de Stalin em fazer um acordo chegaram a Hitler no Berghof, o seu retiro alpino em Berchtesgaden, supostamente ele fechou os punhos em sinal de vitória e esmurrou a mesa, declarando ao seu entourage: “Eu os peguei! Eu os peguei!”¹⁸ “Os alemães nos cafés ficaram animados ao pensar que isso significaria a paz”,¹⁹ comentou um membro da embaixada britânica. E o embaixador, Sir Neville Henderson, informou a Londres pouco depois que “a primeira impressão do povo alemão em Berlim é de enorme alívio [...]. Mais uma vez, a fé do povo alemão na capacidade de Herr Hitler em alcançar o seu objetivo sem guerra foi reafirmada”.²⁰

Os britânicos ficaram abalados com a notícia, mas para os franceses, que contavam muito mais com um pacto com a Rússia, seu aliado tradicional, aquilo foi uma bomba. Ironicamente, Franco na Espanha e a liderança japonesa sentiram-se mais intimidados. Ambos se sentiram traídos por não terem sido alertados de que o instigador do Pacto Anti-Comintern agora buscava uma aliança com Moscou. Com o choque, o governo de Tóquio entrou em colapso, mas a notícia também significou um forte golpe para Chiang Kai-shek e os nacionalistas chineses.

Em 23 de agosto, Ribbentrop fez seu voo histórico à capital soviética. Havia pouco a discutir, já que os dois regimes totalitários tinham dividido a Europa central entre eles em um protocolo secreto. Stalin exigiu toda a Letônia, que Ribbentrop concedeu depois de receber autorização imediata de Hitler por telefone. Uma vez assinados o pacto de não agressão e os protocolos secretos, Stalin propôs um brinde a Hitler. Ele disse a Ribbentrop que sabia “o quanto a nação alemã ama o seu Führer”.

Naquele mesmo dia, Sir Nevile Henderson havia voado a Berchtesgaden com uma carta de Chamberlain numa tentativa de última hora para evitar a guerra. Mas Hitler limitou-se a culpar os britânicos por terem encorajado os poloneses a adotar uma atitude contrária aos alemães. Apesar de ser um grande conciliador, Henderson finalmente foi convencido de que “o cabo da última guerra estava ainda mais ansioso para provar do que era capaz de fazer como um generalíssimo conquistador na próxima”.²¹ Naquela mesma noite, Hitler enviou ordens para que o exército se preparasse para invadir a Polônia três dias depois.

Às 3 horas do dia 24 de agosto, a embaixada britânica em Berlim recebeu um telegrama de Londres com a palavra-código Rajah. Os diplomatas, alguns deles ainda de pijama, começaram a queimar papéis confidenciais. Ao meio-dia, foi dado o alerta a todos os cidadãos britânicos para que deixassem o país. O embaixador, insone depois da viagem a Berchtesgaden, ainda jogara bridge naquela noite com membros da sua equipe.

No dia seguinte, Henderson mais uma vez se encontrou com Hitler, que havia chegado a Berlim. O Führer ofereceu um pacto com a Grã-Bretanha depois que ocupasse a Polônia, mas se exasperou quando Henderson disse que, para chegar a algum acordo, ele teria de desistir da agressão e evacuar também a Tchecoslováquia. Mais uma vez, Hitler declarou que, se houvesse uma guerra, ela ocorreria então e não quando ele tivesse 55 ou 60 anos. Naquela noite, para grande surpresa e assombro de Hitler, finalmente o pacto anglo-polonês foi assinado.

Em Berlim, os diplomatas britânicos supunham o pior. “Colocamos toda a nossa bagagem pessoal no salão de baile da embaixada”, escreveu um deles,

“que agora começa a parecer a estação Victoria depois da chegada de um trem.”²² As embaixadas e consulados germânicos na Grã-Bretanha, França e Polônia foram instruídos a ordenar aos nacionais alemães que regressassem ao Reich ou se mudassem para um país neutro.

No sábado, 26 de agosto, o governo alemão cancelou a comemoração do 25º aniversário da Batalha de Tannenberg. Na realidade, aquela cerimônia havia sido usada para camuflar uma grande concentração de tropas na Prússia Oriental. O antigo encouraçado *Schleswig-Holstein* havia aportado em Danzig no dia anterior, supostamente em uma visita de boa vontade, mas sem uma notificação ao governo polonês. As suas câmaras estavam repletas de granadas prontas para atacar as posições polonesas na península Westerplatte, perto do estuário do Vístula.

Naquele fim de semana, em Berlim, a população se regozijou com o tempo magnífico. As praias ao longo da margem do lago Wannsee em Grunewald estavam apinhadas de banhistas e nadadores. Eles pareciam alheios à ameaça de guerra, apesar do anúncio de que teria início um racionamento. Na embaixada britânica, os funcionários começaram a beber os estoques de champanhe do sótão. Eles haviam percebido o aumento do número de tropas nas ruas, muitos usando as novas botas militares, cujo couro ainda não havia sido deslustrado pelo polimento.

O início da invasão havia sido planejado para aquele dia, mas Hitler, afetado pela resolução britânica e francesa de apoiar a Polônia, o havia adiado na noite anterior. Ele ainda estava à espera de sinais da hesitação britânica. Constrangedoramente, uma unidade de operações especiais de Brandemburgo, que não recebera a ordem de cancelamento a tempo, havia avançado até a Polônia para tomar uma ponte importante.

Hitler, ainda na expectativa de culpar a Polônia pela invasão, fingiu concordar com as negociações com a Inglaterra e a França e também com a Polônia. Mas a isto seguiu-se uma farsa. Ele se recusou a apresentar quaisquer termos que o governo polonês pudesse discutir, não convidou um emissário de Varsóvia e estabeleceu um limite de tempo até a meia-noite de 30 de agosto. Também rechaçou uma oferta de mediação do governo de Mussolini. Em 28 de agosto, mais uma vez ele ordenou que o exército se aprontasse para invadir na manhã de 1º de setembro.

Enquanto isso, Ribbentrop ficou incomunicável para os embaixadores polonês e britânico. Isto estava de acordo com a sua postura habitual de fixar o olhar de modo distraído em uma distância média, ignorando as pessoas ao redor como se elas não merecessem compartilhar os seus pensamentos. Finalmente, ele concordou em encontrar-se com Henderson, à meia-noite do dia 30 de agosto,

quando os termos de paz não divulgados expiravam. Henderson exigiu saber quais eram aqueles termos. Ribbentrop “produziu um longo documento”, informou Henderson, “que ele leu para mim em alemão, ou mais precisamente tagarelou o mais rápido que pôde, em um tom de voz aborrecido [...]. Ao terminar, eu lhe pedi para vê-lo. Herr von Ribbentrop recusou-se categoricamente, jogou o documento na mesa com um gesto de desprezo e disse que ele agora estava obsoleto, já que nenhum emissário polonês havia chegado a Berlim até a meia-noite”.²³ No dia seguinte, Hitler emitiu a Diretriz nº 1, para a Operação Fall Weiss, a invasão da Polônia, que havia sido preparada nos cinco meses anteriores.

Em Paris, houve uma resignação sombria, com a memória dos mais de um milhão de mortos no conflito anterior. Na Grã-Bretanha, foi anunciada a evacuação em massa das crianças para o dia 1º de setembro, mas a maior parte da população continuava acreditando que o líder nazista estava blefando. Os poloneses não tinham ilusões semelhantes; no entanto, não havia sinais de pânico em Varsóvia, só de determinação.

A tentativa final dos nazistas de criar um *casus belli* foi realmente representativa dos seus métodos. Este ato de propaganda negra fora planejado e organizado por Reinhard Heydrich, vice do *Reichsführer-SS* Heinrich Himmler. Heydrich selecionou cuidadosamente um grupo de homens de confiança da SS. Eles forjariam um ataque a um porto alfandegário alemão e a uma estação de rádio próxima da cidade fronteiriça de Gleiwitz, e então enviariam uma mensagem em polonês. A SS assassinaria alguns prisioneiros drogados, vestidos com uniformes poloneses, do campo de concentração Sachsenhausen, e deixaria os seus corpos como evidência. Na tarde de 31 de agosto, Heydrich telefonou para o oficial que encarregara do projeto a fim de passar-lhe a frase em código para lançar a operação: “A avó morreu!”²⁴ Foi pavorosamente simbólico que as primeiras vítimas da Segunda Guerra Mundial na Europa tenham sido prisioneiros de um campo de concentração, mortos por uma mentira.

“A Destruição Completa da Polônia”¹

SETEMBRO-DEZEMBRO DE 1939

Na madrugada de 1º de setembro de 1939, as forças alemãs estavam prontas para cruzar a fronteira polonesa. Para todos, exceto os veteranos da Primeira Guerra Mundial, seria a primeira experiência de combate. Como a maioria dos soldados, eles ponderavam, no isolamento da escuridão, sobre as suas chances de sobrevivência e se seriam desonrados. Enquanto esperavam para dar partida nos motores, o comandante de um panzer na fronteira da Silésia descreveu o cenário fantasmagórico que o cercava: “A floresta negra, a lua cheia e uma nevoa baixa formavam uma cena fantasmagórica.”²

Às 4h45, as primeiras granadas foram disparadas do mar, perto de Danzig.³ O *Schleswig-Holstein*, veterano da Batalha da Jutlândia em 1916, se deslocara na escuridão antes da aurora e se posicionara ao largo da península Westerplatte. Ele abriu fogo sobre a fortaleza polonesa com o seu principal armamento, de 280 mm. Depois, uma companhia de tropas de assalto da Kriegsmarine, que se ocultava a bordo do *Schleswig-Holstein*, desembarcou atacando pela praia e foi sangrentamente rechaçada. Em Danzig, voluntários poloneses correram para defender o posto central dos correios na Heveliusplatz, mas tinham poucas chances contra as tropas de assalto nazistas, a SS e as forças regulares infiltradas na cidade. Quase todos os sobreviventes poloneses foram executados depois da batalha.

Galhardetes nazistas apareceram nos edifícios públicos, e os sinos das igrejas soaram enquanto os padres, professores e outros poloneses proeminentes na cidade eram cercados junto com os judeus. O trabalho no campo de concentração próximo de Stutthof foi acelerado para acomodar o influxo de novos prisioneiros. Mais tarde durante a guerra, Stutthof forneceria os cadáveres para os experimentos no Instituto Médico Anatômico de Danzig⁴ de fabricação de couro e sabão com corpos humanos.

Ao adiar a invasão em seis dias, Hitler deu à Wehrmacht a oportunidade de

organizar e mobilizar outras 21 divisões de infantaria e duas divisões motorizadas extras. Em conjunto, agora o exército alemão reunia quase 3 milhões de homens,⁵ 400 mil cavalos e 200 mil veículos. Um milhão e meio de soldados haviam se deslocado para a fronteira polonesa, muitos com cartuchos de festim, sob o pretexto de fazer manobras. Mas já não havia dúvidas quanto à sua missão quando foram instruídos a carregar as armas com munição de verdade.

Em um contraste flagrante, as forças polonesas não foram completamente mobilizadas porque os governos inglês e francês haviam advertido Varsóvia de que uma mobilização prematura poderia dar a Hitler uma desculpa para atacar. Os poloneses haviam retardado a ordem de mobilização geral até 28 de agosto, mas voltaram a cancelá-la no dia seguinte, quando os embaixadores britânico e francês os instaram a aguardar até o último instante, na esperança de negociar. A convocação foi feita novamente em 30 de agosto. Essas mudanças provocaram caos. Apenas cerca de um terço das tropas da linha de frente estavam em posição no dia 1º de setembro.

A sua única esperança era resistir até que os franceses conseguissem lançar a ofensiva prometida no oeste. O general Maurice Gamelin, o comandante em chefe, garantira em 19 de maio que o exército francês viria com “o grosso das suas forças”⁶ logo depois do décimo quinto dia da ordem de mobilização do seu governo. Mas o tempo e a geografia estavam contra os poloneses. Os alemães não levaram muito tempo para chegar ao centro a partir da Prússia Oriental, no norte, da Pomerânia e da Silésia no oeste e da Eslováquia dominada pela Alemanha no sul. Desconhecendo o protocolo secreto do Pacto Molotov-Ribbentrop, o governo polonês não tentou defender fortemente a fronteira leste. A ideia de uma invasão dupla coordenada entre os governos nazista e soviético parecia um paradoxo demasiado absurdo.

Às 4h50 do dia 1º de setembro, enquanto as tropas alemãs esperavam o momento do ataque, ouviram o ronco de aviões que vinham de trás. Quando ondas de Stukas, Messerschmitts e Heinkels sobrevoaram as suas cabeças, eles saudaram ao saber que a Luftwaffe estava a ponto de bombardear os campos poloneses em um ataque de preparação. Os soldados alemães haviam ouvido dos seus oficiais que os poloneses se defenderiam com táticas sujas, como franco-atiradores civis e sabotagem.⁷ Disseram-lhes que os judeus poloneses eram “favoráveis aos bolcheviques e odiavam os alemães”.⁸



O plano da Wehrmacht era invadir a Polônia simultaneamente do norte, do leste e do oeste. O seu avanço seria “rápido e implacável”,⁹ usando colunas blindadas e a Luftwaffe para surpreender os poloneses antes que estes pudessem criar linhas adequadas de defesa. As formações do Grupo de Exércitos do Norte atacaram da Pomerânia e da Prússia Oriental. A sua prioridade era se reunir ao longo do corredor de Danzig e avançar em direção ao sudeste até Varsóvia. O Grupo de Exércitos do Sul, comandado pelo general Gerd von Rundstedt, avançaria rapidamente da Silésia em direção a Varsóvia em uma frente ampla. A intenção era que os dois grupos isolassem o grosso do exército polonês a oeste do Vístula. O X Exército, desdobrado no centro do dispositivo em foice ao sul,

tinha o maior número de formações motorizadas. À sua direita, o XIV Exército avançaria sobre Cracóvia, enquanto as divisões de montanhas, uma divisão panzer, uma divisão motorizada e três divisões eslovacas avançavam para o norte a partir da Eslováquia, Estado-fantoches alemão.

No centro de Berlim, na noite da invasão, guardas da SS se alinharam na Wilhelmstrasse e na Pariser Platz quando Hitler saiu da chancelaria do Reich em direção à Ópera Kroll. Foi ali que o Reichstag¹⁰ se instalou após o conhecido incêndio que destruiu o edifício do parlamento menos de um mês depois que os nazistas chegaram ao poder, em 1933. Ele afirmou que as suas exigências razoáveis à Polônia, as quais fora cauteloso de nunca apresentar a Varsóvia, haviam sido rejeitadas. O seu “plano de paz de dezesseis pontos” foi publicado naquele dia em uma tentativa cínica de demonstrar que o governo de Varsóvia era responsável pelo conflito. Com grandes aclamações, ele anunciou o retorno de Danzig para o Reich. O dr. Carl Jakob Burckhardt, alto comissário da Liga das Nações na Cidade Livre, foi forçado a partir.

Em Londres, depois de obter certos esclarecimentos sobre os fatos da invasão, Chamberlain emitiu ordens para a mobilização geral. Nos dez dias anteriores, a Inglaterra dera os passos iniciais para se preparar para a guerra. Chamberlain não quis a mobilização plena porque isto poderia provocar uma reação em cadeia na Europa, como ocorrera em 1914. Defesas antiaéreas e costeiras haviam sido primeira prioridade. As atitudes mudaram drasticamente assim que chegaram notícias da invasão alemã. Agora, ninguém podia crer que Hitler estivesse blefando. A atmosfera no país e na Câmara dos Comuns era de muito mais determinação do que antes da crise de Munique do ano anterior. Ainda assim, o Gabinete e o Ministério do Exterior levaram a maior parte do dia rascunhando um ultimato a Hitler, exigindo que retirasse as suas tropas da Polônia. Quando ficou pronto, não parecia um ultimato de verdade, porque lhe faltava um prazo limite.

Quando o conselho de ministros francês recebeu um relatório de Robert Coulondre, o seu embaixador em Berlim, Daladier ordenou a mobilização plena no dia seguinte. “A palavra ‘guerra’ não foi usada durante a reunião”,¹¹ comentou um dos presentes. Ela só era mencionada com eufemismos. Também foram dadas instruções para a evacuação das crianças de ambas as capitais. Havia a expectativa ampla de que as hostilidades começariam com fortes ataques aéreos. O blecaute foi imposto a partir daquela noite nas duas capitais.

Em Paris, a notícia da invasão causou um choque, já que nos dias anteriores havia aumentado a esperança de que seria possível evitar um conflito europeu.

Georges Bonnet, ministro do Exterior e o mais conciliador dentre eles, culpou os poloneses por sua “atitude estúpida e obstinada”.¹² Ele ainda queria que Mussolini agisse como mediador em outro acordo ao estilo do de Munique. Mas a “*mobilisation générale*” prosseguiu, com trens lotados de reservistas partindo da Gare de l’Est em Paris em direção a Metz e a Estrasburgo.

Não é de surpreender que o governo polonês em Varsóvia começasse a temer que os Aliados mais uma vez tivessem se apavorado. A nota imprecisa e da falta de limite de tempo fez até políticos em Londres desconfiarem que Chamberlain ainda tentaria faltar com a palavra dada à Polônia. Mas a Grã-Bretanha e a França estavam seguindo a rota diplomática convencional, quase como para enfatizar a sua diferença com relação ao proponente da Blitzkrieg não declarada.

Em Berlim, a noite de 1º de setembro foi inusitadamente quente. A luz da lua iluminava as ruas escuras da capital do Reich, agora às escuras por conta dos bombardeios poloneses. Outra forma de blecaute foi também imposta. Goebbels emitiu uma lei que considerava crime grave a escuta de estações de rádio estrangeiras. Ribbentrop recusou-se a se reunir ao mesmo tempo com os embaixadores britânico e francês, então às 21h20 Henderson enviou a sua nota exigindo a imediata retirada das forças alemãs da Polônia. Coulondre mandou a versão francesa meia hora depois. Hitler, talvez encorajado pelo fraseado pouco contundente das notas, continuou convencido de que os seus governos ainda recuariam no último instante.

No dia seguinte, os funcionários da embaixada britânica deram adeus aos criados alemães antes de se mudarem para o Hotel Adlon, logo na esquina. Parecia que certo limbo diplomático pairava nas três capitais. Suspeitas de um apaziguamento renovado ressurgiram em Londres, mas a demora deveu-se a um pedido dos franceses, que afirmaram precisar de mais tempo para mobilizar os seus reservistas e evacuar os civis. Ambos os governos estavam convencidos da necessidade de agir em conjunto, mas Georges Bonnet e seus aliados ainda tentaram protelar o momento decisivo. Infelizmente, o notoriamente indeciso Daladier permitiu que Bonnet continuasse a alimentar a ideia de uma conferência internacional com o governo fascista em Roma. Bonnet ligou para Londres em busca do apoio britânico, mas Chamberlain e lorde Halifax, o secretário do Exterior, insistiram em que não era possível planejar discussões enquanto as tropas alemãs permanecessem em território polonês. Halifax também ligou para o ministro de Exterior italiano, o conde Ciano, para eliminar quaisquer dúvidas sobre a questão.

No final daquela tarde, o fracasso em impor um limite de tempo no ultimato vago provocou uma crise de Gabinete em Londres. Chamberlain e Halifax explicaram que era preciso se alinhar com os franceses, o que significava que a

decisão final estava com eles. Mas os céticos, apoiados pelos chefes de Estados-Maiores presentes, rejeitaram esta lógica. Eles temiam que, sem uma iniciativa britânica firme, os franceses não se mexeriam. Chamberlain ficou ainda mais abalado com a recepção que teve na Câmara dos Comuns menos de três horas depois. A sua explicação para a demora em declarar a guerra foi ouvida em um silêncio hostil. Então, quando Arthur Greenwood, atuando como líder interino do Partido Trabalhista, se ergueu para responder, até conservadores acérrimos bradaram: “Fale pela Inglaterra!” Greenwood deixou claro que Chamberlain deveria responder à Casa na manhã seguinte.

Naquela noite, enquanto lá fora desabava uma tormenta, Chamberlain e Halifax convocaram o embaixador francês, Charles Corbin, a Downing Street. Ligaram para Paris a fim de falar com Daladier e Bonnet. O governo francês ainda não queria ser apressado, embora algumas horas antes Daladier tivesse recebido total apoio para créditos de guerra da *Chambre des Deputés*. (A própria palavra “guerra” ainda era supersticiosamente evitada nos círculos oficiais franceses. Em vez dela, eufemismos como as “*obligations de la situation internationale*” foram usadas durante todo o debate no Palais Bourbon.) Como agora Chamberlain estava convencido de que o seu governo seria derrubado na manhã seguinte se um ultimato taxativo não fosse apresentado, Daladier finalmente aceitou que a França não podia mais demorar. Prometeu que o ultimato do seu país também seria enviado no dia seguinte. Chamberlain então convocou o Gabinete britânico. Pouco depois da meia-noite, um ultimato final foi redigido e acordado. Ele seria entregue em Berlim às 9h do dia seguinte por Sir Neville Henderson e expiraria duas horas depois.

Na manhã de domingo, 3 de setembro, Sir Neville Henderson levou as suas instruções ao pé da letra. Hitler, que constantemente fora assegurado por Ribbentrop de que os britânicos recuariam, ficou claramente surpreso. Depois de lerem o texto para ele houve um longo silêncio. Por fim, o Führer virou-se irado para Ribbentrop e perguntou: “E agora?”¹³ Ribbentrop, um arrogante afetado cuja própria sogra descreveu como “um louco extremamente perigoso”,¹⁴ sempre garantira a Hitler que sabia exatamente como os britânicos reagiriam. Agora ele não sabia o que dizer. Mais tarde, depois de Coulondre enviar seu ultimato, Göring disse ao intérprete de Hitler: “Se perdermos esta guerra, que o céu tenha piedade de nós.”

Após a tormenta da noite anterior, a manhã em Londres estava clara e ensolarada. Não havia resposta de Berlim ao ultimato quando o Big Ben soou onze vezes. Em Berlim, Henderson confirmou por telefone que tampouco havia

ouvido nada. Na Chancelaria, um terceiro secretário parou o relógio às onze e colou uma nota no vidro do mostrador dizendo que ele não voltaria a funcionar enquanto Hitler não fosse derrotado.

Às 11h15, da sala do Gabinete em Downing Street 10, Chamberlain fez o anúncio à nação. Em todo o país as pessoas se puseram de pé quando o hino nacional tocou ao final do pronunciamento. Alguns choravam. O primeiro-ministro falou de modo simples e eloquente, mas muitos notaram que ele soara muito triste e cansado. Logo depois que terminou a sua fala breve, os sinais de ataque aéreo começaram a soar. As pessoas correram para os porões e abrigos à espera de ondas de aviões pretos no céu. Mas era um alarme falso e o sinal de fim de alarme soou. Uma reação ampla e muito britânica foi pôr a chaleira no fogo para fazer chá. No entanto, a reação estava longe de ser universalmente fleumática, como demonstrou um relatório da organização de pesquisa Mass Observation: “Nos primeiros dias da guerra, houve rumores de que quase todas as cidades de certa importância haviam sido destruídas pelas bombas”, dizia o relatório. “Os aviões caindo em chamas foram vistos por centenas de testemunhas oculares.”¹⁵

Dizia-se que as tropas que cruzavam a cidade em caminhões de três toneladas cantavam “*It’s a Long Way to Tipperary*”, que apesar da sua melodia alegre fazia as pessoas recordarem os horrores da Primeira Guerra Mundial. Londres punha a sua roupa de guerra.¹⁶ No Hyde Park, do outro lado do quartel de Knightsbridge, escavadeiras a vapor começaram a cavar terra aos montes para recheiar os sacos que protegeriam os edifícios governamentais. A Guarda Real no Palácio de Buckingham trocou as peles de urso e a túnica escarlate. Agora, usava capacetes de aço e uniformes de campanha com vincos afiados. Balões de barragem prateados flutuavam no céu, mudando totalmente a linha do horizonte. As caixas de correio vermelhas foram marcadas com uma tinta amarela sensível aos gases venenosos. As janelas receberam um x feito de tiras de papel coladas nos vidros para reduzir o risco de os estilhaços voarem. As multidões também mudaram, com muitos mais uniformes e civis portando as suas máscaras de gás em caixas de papelão. As estações de trem estavam apinhadas de crianças que eram evacuadas, com uma etiqueta da bagagem presa às roupas indicando os seus nomes e endereços e uma boneca de pano ou um ursinho nas mãos. À noite, com a imposição do blecaute, tudo era indistinto. Só alguns motoristas se aventuravam muito cautelosamente com os faróis semicobertos. Muitos simplesmente se sentavam em casa ouvindo a BBC no rádio por trás de cortinas que escureciam o ambiente.

A Austrália e a Nova Zelândia também declararam guerra à Alemanha naquele dia. O governo da Índia, controlado pelos britânicos, fez o mesmo, mas

sem consultar nenhum líder político indiano. A África do Sul declarou guerra três dias depois de uma mudança no governo, e o Canadá entrou oficialmente na guerra na semana seguinte. Naquela noite, o *Athenia*, um navio britânico de passageiros, foi afundado pelo submarino alemão *U-30*.¹⁷ Das 112 vidas perdidas, 28 eram de norte-americanos. Naquele dia, passou despercebida a decisão pouco entusiasta de Chamberlain de trazer de volta ao governo o seu maior crítico. O retorno de Churchill ao Almirantado, que ele chefiara no início da guerra anterior, levou o primeiro lorde do Almirantado a alertar todos os navios da Marinha Real Britânica (Royal Navy): “Winston voltou!”

Houve poucas comemorações em Berlim quando a declaração de guerra britânica foi anunciada. A maior parte dos alemães ficou aturdida e descoroçada com a notícia. Eles contavam com a grande sorte de Hitler, acreditando que ela lhes daria a vitória sobre a Polônia sem um conflito europeu. Então, apesar de todas as tentativas de Bonnet de prevaricar, o ultimato francês (cujo texto continuava evitando a terrível palavra “guerra”) expirou às 17h. Embora a atitude prevalente na França fosse um resignado alçar de ombros de *il faut en finir* — “é preciso dar conta disso” — a esquerda antimilitarista parecia concordar com os derrotistas da direita de que eles não queriam “morrer por Danzig”. Ainda mais alarmante foi que alguns oficiais franceses de altos postos começaram a se convencer de que os britânicos os haviam empurrado para a guerra. “É para apresentar-nos com um *fait accompli*”, escreveu o general Paul de Villelume, o principal oficial de ligação do governo, “porque os ingleses temem que sejamos brandos.”¹⁸ Nove meses depois, ele exerceria uma forte influência derrotista sobre o novo primeiro-ministro, Paul Reynaud.

A notícia da dupla declaração de guerra produziu cenas de grande júbilo em Varsóvia. Desconhecedores das dúvidas francesas, poloneses se reuniram diante das duas embaixadas. Os hinos nacionais dos três aliados foram transmitidos pelo rádio. Um otimismo desenfreado convenceu muitos poloneses de que a prometida ofensiva francesa mudaria o curso da guerra a seu favor rapidamente.

Contudo, houve cenas mais feias em outras áreas. Alguns poloneses se voltaram contra vizinhos alemães para se vingarem da invasão. No medo, raiva e caos provocados pela guerra súbita, alemães étnicos foram atacados em diversos lugares. Em 3 de setembro, em Bydgoszcz (Bromberg), tiros a esmo nas ruas contra poloneses levaram a um massacre em que 223 alemães étnicos morreram, embora a história alemã oficial eleve a cifra para mil.¹⁹ A estimativa do total de alemães étnicos mortos em toda a Polônia varia de 2 mil a 13 mil, mas o número mais provável é cerca de 6 mil. Mais tarde, Goebbels inflou o total para 58 mil,

na tentativa de justificar o programa alemão de limpeza étnica contra os poloneses.²⁰

Naquele primeiro dia da guerra europeia, o IV Exército alemão que atacava a partir da Pomerânia finalmente tomou o Corredor de Danzig no seu ponto mais largo. A Prússia Oriental estava fisicamente religada ao resto do Reich. Vanguardas do IV Exército também tomaram uma ponte no baixo Vístula. O III Exército que atacava a partir da Prússia Oriental seguiu para o sudeste em direção ao rio Narew para cercar Modlin e Varsóvia. Enquanto isso, o Grupo de Exércitos do Sul fazia os exércitos de Łódź e da Cracóvia recuarem, causando muitas baixas. Depois de eliminar o grosso das forças polonesas, a Luftwaffe agora se concentrava em apoiar as forças terrestres da Wehrmacht e bombardear cidades por trás das linhas polonesas para bloquear as comunicações.

Em pouco tempo, os soldados alemães expressavam horror e desprezo pelas condições das aldeias polonesas pobres pelas quais passavam. Muitas pareciam vazias de poloneses, mas repletas de judeus. Os soldados desprezavam as aldeias como “assustadoramente sujas e muito atrasadas”.²¹ As reações dos soldados alemães foram ainda mais intensas ao se depararem com os “judeus orientais” de barba e cafetãs. A sua aparência física, os seus “olhos evasivos”²² e os seus modos “insinuatoramente amistosos”²³ ao “respeitosamente tirar o chapéu”²⁴ parecia corresponder muito mais acuradamente às caricaturas da propaganda nazista no jornal doentivamente antissemita *Der Stürmer*²⁵ do que os bairros integrados de judeus que haviam visto no Reich. “Alguém”, escreveu um Gefreiter (cabo), “que não fosse um inimigo impiedoso dos judeus logo se tornaria um aqui.”²⁶ Soldados alemães comuns, e não só membros da SS, dedicaram-se a maltratar judeus com prazer espancando-os, cortando as barbas dos anciãos, humilhando e até estuprando mulheres jovens (apesar das Leis de Nuremberg contra a miscigenação) e ateando fogo às sinagogas.

Sobretudo, os soldados recordavam as advertências que haviam ouvido sobre os perigos da sabotagem e de levar um tiro pelas costas dos franco-atiradores. Quando se ouvia um tiro isolado, a suspeita sempre caía sobre os judeus à volta, ainda que os ataques da resistência muito provavelmente viessem dos poloneses. Parece que houve alguns massacres quando uma sentinela nervosa disparava e todos se juntavam a ele, e às vezes os soldados alemães atiravam uns nos outros. Os oficiais ficaram alarmados com a falta de disciplina, mas sentiam-se impotentes para deter o que denominavam este *Freischärlerpsychose*,²⁷ um medo obsessivo de ser atingido por civis armados. (Às vezes eles chamavam isso de *Heckenschützpsychose* — literalmente, uma obsessão com a ideia de ser atingido

com tiros disparados de cercas vivas.) Mas poucos oficiais fizeram algo para deter a vingança cega exercida depois. Granadas eram atiradas nos celeiros, que era onde as famílias, e não os da resistência, se abrigavam. Os soldados consideravam isso um ato de autodefesa, e não um crime de guerra.

A obsessão permanente do exército alemão com os franco-atiradores produziu um padrão de execuções sumárias e aldeias incendiadas. Muito poucas unidades se davam o trabalho de perder tempo com procedimentos legais. Na sua visão, os poloneses e os judeus simplesmente não mereciam essas gentilezas. Algumas formações assassinavam mais civis do que outras. A guarda de Hitler, a SS *Leibstandarte Adolf Hitler*, parece que era a pior. Contudo, grande parte da matança era feita nos bastidores pela SS *Einsatzgruppen*, a polícia de segurança, e pela milícia *Volksdeutscher Selbstschutz* (Autodefesa dos Alemães Étnicos), que buscavam vingança.

Fontes alemãs afirmam que mais de 16 mil civis foram executados na campanha de cinco semanas.²⁸ Os números reais devem ser muito maiores, já que chegaram a quase 65 mil no final do ano.²⁹ Cerca de 10 mil poloneses e judeus foram massacrados em fossas de cascalho perto de Mniszek pela milícia étnica alemã, e outros 8 mil em um bosque perto de Karlshof. Casas, e às vezes aldeias inteiras, eram incendiadas em represálias coletivas. Em conjunto, mais de 500 aldeias e cidades foram completamente incendiadas. Em alguns lugares, a linha de avanço alemã era marcada à noite pelo brilho vermelho no horizonte das aldeias e fazendas em chamas.

Logo os judeus e os poloneses passaram a se esconder quando as tropas alemãs chegavam. Isto deixava os soldados ainda mais nervosos, pois se convenciam de que estavam sendo vigiados dos celeiros e claraboias, e que havia armas apontadas contra eles. Às vezes quase parecia que muitos soldados queriam destruir o que consideravam aldeias insalubres e hostis de forma que a infecção que elas representavam não se espalhasse pela vizinha Alemanha. Contudo, isto não os impediu de saquear a cada oportunidade — dinheiro, roupas, joias, comida e camas. Em outra confusão de causa e efeito, o ódio com que se deparavam ao invadir de algum modo parecia justificar a própria invasão.

Embora frequentemente lutasse com uma bravura desesperada, o exército polonês estava gravemente em desvantagem, não só por seu armamento obsoleto como, acima de tudo, por carecer de rádios. A retirada de uma formação não podia ser comunicada às que estavam nos flancos, o que trazia resultados desastrosos. O marechal smigły-Rydz, o comandante em chefe, já estava convencido de que a guerra estava perdida. Mesmo que os franceses lançassem a

ofensiva prometida, ela chegaria tarde demais. Em 4 de setembro, um Hitler cada vez mais confiante disse a Goebbels que não temia um ataque do oeste. Ele previa uma *Kartoffelkrieg*³⁰ por lá — uma “guerra de batatas” estacionária.

A antiga cidade universitária de Cracóvia foi invadida no dia 6 de setembro pelo XIV Exército, e o avanço do Grupo de Exércitos do Sul liderado por Rundstedt prosseguiu acelerado enquanto os defensores poloneses recuavam. Mas três dias depois o Alto-Comando do Exército — o OKH ou *Oberkommando des Heeres* — se preocupou de que as tropas polonesas pudessem estar escapando do cerco planejado a oeste do Vístula. Dois corpos do Grupo de Exércitos do Norte foram então direcionados mais para o leste, se necessário até a linha do rio Bug e além dele, para cercá-los com uma segunda linha.

Perto de Danzig, os heroicos defensores poloneses das posições em Westerplatte ficaram sem munição e foram obrigados a se render em 7 de setembro por Stukas e o armamento pesado do *Schlewig-Holstein*. O velho navio de guerra então se dirigiu para o norte, a fim de ajudar no ataque ao porto de Gdynia, que resistiu até 9 de setembro.

No centro da Polônia, a resistência endureceu à medida que os alemães se aproximavam da capital. Uma coluna da 4ª Divisão Panzer chegou à periferia da cidade em 10 de setembro, mas foi forçada a recuar rapidamente. A determinação dos poloneses de lutar por Varsóvia estava patente na concentração da artilharia na margem leste do Vístula, pronta para disparar contra a própria cidade. No dia 11 de setembro, a União Soviética retirou o seu embaixador e o pessoal diplomático de Varsóvia, mas os poloneses ainda desconheciam o golpe pelas costas que estava sendo preparado no leste.

Em outra parte, o cerco alemão às tropas polonesas com o uso de forças mecanizadas já começava a produzir um grande número de prisioneiros. Em 16 de setembro, os alemães começaram uma batalha pesada 80 quilômetros ao leste de Varsóvia, depois de encurralar dois exércitos poloneses na confluência dos rios Bzura e Vístula. A resistência polonesa foi finalmente quebrada com os pesados ataques da Luftwaffe às tropas concentradas. No total, 120 mil foram feitos prisioneiros. A aguerrida força aérea polonesa, com apenas 159 caças antiquados — o P-11, que mais parecia um Lysander —, não tinha chance contra os ágeis Messerschmitts.

Quaisquer ilusões que os poloneses ainda cultivassem de serem salvos por uma ofensiva aliada no oeste logo se desvaneceram. O general Gamelin, com apoio do primeiro-ministro francês Daladier, se recusou a considerar qualquer movimentação enquanto a Força Expedicionária Britânica não se organizasse e

todos os seus reservistas fossem mobilizados. Ele argumentou também que a França precisava comprar equipamento militar dos Estados Unidos. De qualquer modo, a doutrina do exército francês era fundamentalmente defensiva. Apesar da promessa feita à Polônia, Gamelin se evadia da ideia de uma grande ofensiva, por acreditar que o vale do Reno e a linha de defesa alemã da Westwall eram inexpugnáveis. Os britânicos eram um pouco mais agressivos. Eles denominavam Westwall “a linha Siegfried”: aquela em que, segundo a alegre canção da Guerra de Mentira, eles queriam usar como varal para as suas roupas. Os britânicos pensavam que o tempo estava a seu favor, com a lógica curiosa de que o bloqueio da Alemanha era a sua melhor estratégia, apesar da falha óbvia de que a União Soviética poderia ajudar Hitler a conseguir tudo o que a sua indústria de guerra precisasse.

Muitos britânicos se envergonharam da falta de agressividade para ajudar os poloneses. A RAF começou a sobrevoar a Alemanha para despejar panfletos, o que ensejou piadas sobre o “Mein Pamph”³¹ e a “guerra de confete”. Um ataque aéreo à base naval alemã em Wilhelmshaven no dia 4 de setembro foi humilhantemente ineficaz. Grupos avançados da Força Expedicionária Britânica desembarcaram na França naquele mesmo dia, e nas cinco semanas seguintes um total de 158 mil homens cruzaram o canal da Mancha. Mas só em dezembro houve enfrentamentos com as forças alemãs.

Os franceses fizeram pouco mais do que avançar alguns quilômetros no território alemão, perto de Saarbrücken. A princípio, os alemães temiam um ataque importante. Com o grosso do exército na Polônia, Hitler estava particularmente preocupado, mas a natureza muito limitada da ofensiva mostrou que aquilo não passava de um gesto simbólico. O alto-comando das Forças Armadas — o OKW ou *Oberkommando der Wehrmacht* — logo relaxou novamente. Não foi preciso transferir tropas. Os franceses e os britânicos haviam falhado vergonhosamente em suas obrigações, especialmente porque em julho os poloneses já haviam enviado à França e à Inglaterra as suas versões reconstruídas da máquina criptográfica alemã Enigma.

Em 17 de setembro, o martírio polonês foi confirmado quando forças soviéticas cruzaram a sua longa fronteira oriental de acordo com o protocolo secreto assinado em Moscou menos de um mês antes. Os alemães estavam surpresos de que eles não tivessem se mobilizado antes, mas Stalin havia calculado que se atacasse cedo demais os Aliados ocidentais sentir-se-iam obrigados a declarar guerra à União Soviética também. Os soviéticos alegaram, talvez com um cinismo previsível, que as provocações polonesas os haviam forçado a intervir para proteger os bielorrussos étnicos e os ucranianos. Além disso, o Kremlin argumentou que a União Soviética já não tinha compromisso

com o pacto de não agressão com a Polônia, porque o governo de Varsóvia havia deixado de existir. De fato, o governo polonês havia saído de Varsóvia naquela mesma manhã, mas apenas para evitar ser detido pelas forças soviéticas. Os seus ministros tiveram de correr para a fronteira romena antes que a rota fosse cortada por unidades do Exército Vermelho que avançavam de Kamenets-Podolsk, no sudoeste da Ucrânia.

O engarrafamento de veículos militares e automóveis civis dando marcha a ré nos postos de fronteira era imenso, porém mais tarde os poloneses derrotados puderam passar naquela noite. Quase todos haviam agarrado um punhado de terra ou uma pedra do lado polonês antes de partir. Muitos choravam. Vários cometeram suicídio. O povo comum da Romênia foi gentil com os exilados, mas o governo sofria pressão da Alemanha para enviar os poloneses de volta. As propinas salvaram a maioria da prisão e do confinamento, a menos que o oficial encarregado apoiasse a Guarda de Ferro fascista. Alguns poloneses escaparam em pequenos grupos. Grupos maiores organizados por autoridades polonesas em Bucareste partiram de Constanza e outros portos no mar Negro a caminho da França. Outros escaparam para a Hungria, Iugoslávia e Grécia, enquanto outros, que enfrentavam problemas maiores, rumaram para o norte, para os Estados bálticos, em direção à Suécia.³²

Sob instruções de Hitler, o OKW rapidamente emitiu ordens às formações alemãs além do Bug para que se preparassem para regressar. A cooperação estreita entre Berlim e Moscou garantia que a retirada alemã das áreas destinadas à União Soviética pelo protocolo secreto fosse coordenada com as formações do Exército Vermelho que avançavam.

O primeiro contato entre aqueles aliados improváveis ocorreu ao norte de Brest-Litovsk (Brzesc). Em 22 de setembro, a grande fortaleza de Brest-Litovsk foi entregue ao Exército Vermelho durante uma parada cerimonial. Infelizmente para os oficiais soviéticos envolvidos, esse contato com os oficiais alemães mais tarde fez deles os principais alvos nas detenções do NKVD de Beria.

A resistência polonesa persistiu à medida que formações tentavam romper o cerco, e soldados isolados formaram tropas irregulares para lutar nas áreas mais inacessíveis de florestas, pântanos e montanhas. As estradas para o leste estavam apinhadas de refugiados em carroças, veículos dilapidados e até bicicletas para tentar escapar da luta armada. “O inimigo sempre vinha do ar”, escreveu um jovem soldado polonês, “mesmo quando voavam muito baixo permaneciam fora do alcance dos nossos Mausers velhos. O espetáculo da guerra rapidamente se tornou monótono; dia após dia víamos as mesmas cenas: civis correndo para se

abrigar dos ataques aéreos, comboios se dispersando, caminhões e carroças em chamas. O cheiro ao longo da estrada tampouco mudava. Era o odor de cavalos mortos que ninguém se preocupava em enterrar e que fediam até o céu. Só nos movimentávamos à noite e aprendemos a dormir enquanto marchávamos. Era proibido fumar, por medo de que o brilho do cigarro fizesse desabar sobre nós a poderosa Luftwaffe.”³³

Enquanto isso, Varsóvia continuava a ser o bastião principal da rebeldia polonesa. Hitler se impacientou com a subjugação da capital polonesa, então a Luftwaffe começou a fazer ataques aéreos intensos. Ela não encontrava muita oposição no ar e a cidade carecia de defesas antiaéreas eficazes. Em 20 de setembro, a Luftwaffe atacou Varsóvia e Modlin com 620 aviões. No dia seguinte, Göring ordenou que a 1ª e a 4ª Forças Aéreas fizessem ataques intensos. O bombardeio prosseguiu em sua força máxima — a Luftwaffe inclusive trouxe aviões de transporte Junker 52 para lançar bombas incendiárias — até que Varsóvia se rendeu, no dia 1º de outubro. O fedor dos cadáveres enterrados sob os escombros e os corpos inchados dos cavalos nas ruas eram opressivos. Aproximadamente 25 mil civis e 6 mil soldados foram mortos nesses ataques.

Em 28 de setembro, enquanto Varsóvia era atacada, Ribbentrop voou novamente para Moscou e assinou um “tratado de fronteiras e amizade” adicional com Stalin que estabelecia diversas alterações na linha de demarcação. Isto concedeu à União Soviética quase toda a Lituânia em troca de um pequeno aumento no território polonês ocupado pela Alemanha. Os alemães étnicos nos territórios ocupados pelos soviéticos seriam transferidos para áreas nazistas. O regime de Stalin também entregou muitos comunistas alemães e outros opositores políticos. Ambos os governos emitiram uma conclamação pelo fim da guerra europeia, agora que a “questão polonesa” havia sido resolvida.

Não há dúvidas sobre quem ganhou mais com os dois acordos que formaram o pacto nazissoviético. A Alemanha, ameaçada pelo bloqueio naval britânico, agora podia obter tudo o que precisava para prosseguir na guerra. Além dos suprimentos da União Soviética, que incluíam grãos, petróleo e manganês, o governo de Stalin também agiu como conduto para outros materiais, especialmente borracha, que a Alemanha não podia comprar no exterior.

Paralelamente às conversas em Moscou, os soviéticos começaram a exercer pressão sobre os Estados bálticos. Em 28 de setembro, um tratado de “assistência mútua” foi imposto à Estônia. Nas duas semanas seguintes, a Letônia e a Lituânia foram forçadas a assinar tratados semelhantes. Apesar da garantia pessoal de Stalin de que a sua soberania seria respeitada, os três estados foram incorporados à União Soviética no início do verão seguinte, e o NKVD procedeu

à deportação de 25 mil “indesejáveis”.³⁴

Se por um lado os nazistas aceitaram a invasão por Stalin dos Estados bálticos e inclusive a tomada da Bessarábia da Romênia, consideraram as suas ambições de controlar a costa do mar Negro e a foz do Danúbio junto aos campos petrolíferos de Ploesti não só provocadoras como ameaçadoras.

A resistência polonesa isolada prosseguiu ativa até outubro, mas a escala da derrota era bárbara. Estima-se que as Forças Armadas polonesas tenham sido atingidas com 70 mil mortos, 133 mil feridos e 700 mil capturados na luta contra os alemães. O total de baixas alemãs chegou a 44.400, das quais foram 11 mil fatais. A pequena força aérea polonesa fora aniquilada, mas a perda de 560 aviões pela Luftwaffe durante a campanha, principalmente por aterragens de emergência e fogo terrestre, foram surpreendentemente altas. As estimativas disponíveis sobre as baixas soviéticas são assustadoras. O Exército Vermelho teria perdido 996 homens mortos e 2.002 feridos, ao passo que os poloneses teriam sofrido 50 mil baixas fatais, sem dados para os feridos.³⁵ Esta disparidade talvez só se explique pelas execuções, e pode perfeitamente incluir os massacres perpetrados na primavera seguinte, inclusive o da Floresta de Katyń.

Hitler não declarou imediatamente a morte do estado polonês. Ele esperava por outubro para encorajar os britânicos e os franceses a chegarem a um acordo. A ausência de uma ofensiva aliada no oeste para ajudar os poloneses o fez pensar que os ingleses, e especialmente os franceses, não quisessem realmente dar prosseguimento à guerra. No dia 5 de outubro, depois de saudações em uma parada comemorativa da vitória em Varsóvia, com o major-general Erwin Rommel ao seu lado, ele falou com jornalistas estrangeiros. “Cavalheiros”, disse ele, “os senhores viram as ruínas de Varsóvia. Que isso seja uma advertência àqueles homens de estado em Londres e em Paris que ainda pensam em continuar a guerra.”³⁶ No dia seguinte, anunciou uma “oferta de paz” no *Reichstag*. Mas ao ser repudiado por ambos os governos aliados, e quando ficou claro que a União Soviética estava determinada a erradicar toda a identidade polonesa na sua zona, Hitler finalmente decidiu destruir por completo a Polônia.

A Polônia sob a ocupação alemã foi dividida entre o *Generalgouvernement* no centro e no sudoeste e em áreas que seriam incorporadas ao Reich (Danzig-Prússia Ocidental e a Prússia Oriental ao norte, a *Wartheland* a oeste e a Silésia Superior ao sul). Um enorme programa de limpeza étnica começou a esvaziar as áreas ‘germanizadas’ destas últimas. Elas seriam colonizadas por *Volksdeutsche* dos Estados bálticos, da Romênia e de outras partes dos Bálcãs. As cidades polonesas foram renomeadas. Łódź foi chamada Litzmannstadt em homenagem

a um general alemão morto perto dali na Primeira Guerra Mundial. Pożnan recuperou o seu nome prussiano de Posen, e tornou-se a capital do *Warthegau*.

A Igreja Católica polonesa, um símbolo do patriotismo no país, foi incansavelmente perseguida mediante a detenção e deportação dos clérigos. Na tentativa de eliminar a cultura polonesa e destruir futuras lideranças, as escolas e universidades foram fechadas. Só a educação mais básica foi permitida, o suficiente para uma classe de servos. Os professores e funcionários da Universidade de Cracóvia foram deportados em novembro para o campo de concentração de Sachsenhausen. Prisioneiros políticos poloneses foram enviados a um antigo quartel da cavalaria em Oswiecim, que foi rebatizada Auschwitz.

Os oficiais do partido nazista começaram a selecionar um grande número de poloneses para trabalhar na Alemanha, além de mulheres jovens para trabalhar como empregadas domésticas. Hitler disse ao comandante em chefe do exército, general Walther von Brauchitsch, que queria “escravos baratos”³⁷ e também limpar a “plebe” do território alemão recém-adquirido. Crianças louras que correspondiam aos ideais arianos foram sequestradas e enviadas à Alemanha para adoção. Contudo, Albert Förster, líder provincial (*Gauleiter*) de Danzig-Prússia Ocidental, deixou os puristas nazistas indignados ao permitir uma reclassificação em massa dos poloneses como alemães étnicos. Para os poloneses afetados, por mais humilhante e desagradável que fosse, essa redefinição das suas origens permitiu-lhes evitar a deportação e a perda das suas casas. Os homens, contudo, logo foram alistados na Wehrmacht.

Hitler declarou a anistia das tropas que haviam matado prisioneiros e civis em 4 de outubro. Eles supostamente teriam agido “movidos pelo desgosto com as atrocidades cometidas pelos poloneses”.³⁸ Muitos oficiais ficaram incomodados com o que consideraram um afrouxamento da disciplina militar. “Vimos e testemunhamos cenas infelizes em que soldados alemães incendiaram e pilharam, assassinaram e saquearam sem pensar no que faziam”, escreveu o comandante de um grupo de artilharia. “Homens adultos que, sem consciência do que faziam — e sem nenhum escrúpulo — violaram as leis e instruções e a honra do soldado alemão.”³⁹

O tenente-general Johannes Blaskowitz, comandante em chefe do VIII Exército, protestou veementemente contra a morte de civis pela SS e seus auxiliares — a *Sicherheitspolizei* (Polícia de Segurança) e a *Volksdeutscher Selbstschutz*. Ao saber de seu memorando, Hitler declarou furioso que “não se pode fazer uma guerra segundo o Exército da Salvação”.⁴⁰ Todas as demais objeções por parte do exército foram tratadas em termos sarcásticos. No entanto, muitos oficiais alemães ainda acreditavam que a Polônia não merecia existir. Praticamente nenhum objetou a invasão em termos morais. Como ex-membros

do *Freikorps* no caos violento que se seguiu à Primeira Guerra Mundial, alguns oficiais mais antigos haviam estado envolvidos em lutas encarniçadas contra os poloneses nas batalhas fronteiriças, especialmente na Silésia.

De diversas maneiras a campanha polonesa e seus resultados foram um ensaio para o posterior *Rassenkrieg* de Hitler, ou uma corrida de guerra contra a União Soviética. Aproximadamente 45 mil civis poloneses e judeus foram fuzilados, principalmente por soldados alemães comuns. Os *Einsatzgruppen* metralharam os internos dos hospícios. Um *Einsatzgruppe* foi posto na retaguarda de cada batalhão, com o codinome Operação Tannenberg, para capturar e mesmo matar aristocratas, juízes, jornalistas proeminentes, professores e quaisquer outras pessoas que pudessem exercer algum tipo de liderança em um futuro movimento de resistência polonesa. Em 19 de setembro, o *Obbergruppenführer* da SS Heydrich disse abertamente ao general de artilharia Franz Halder, chefe do Estado-Maior do Exército, que haveria “uma limpeza: judeus, intelectuais, clero, aristocracia”.⁴¹ No princípio, o terror era caótico, especialmente quando levado a cabo pela milícia de alemães étnicos, mas no final do ano ele se tornou mais coerente e direcionado.

Embora Hitler nunca tenha hesitado em seu ódio aos judeus, o genocídio industrial iniciado em 1942 nem sempre fizera parte dos seus planos. Ele exultava em seu antissemitismo obsessivo e criou a mentalidade nazista de que a Europa devia ser “varrida” de qualquer influência judaica. Mas os seus planos antes da guerra não incluíam a aniquilação assassina. Eles se concentraram em criar uma opressão insuportável que forçaria os judeus a emigrar.

A política nazista sobre a “questão judaica” havia oscilado. De fato, o próprio termo “política” é enganoso quando se considera a desordem institucional do Terceiro Reich. A atitude displicente de Hitler com relação à administração permitiu uma proliferação extraordinária de departamentos e ministérios rivais. A competição, especialmente entre os *Gauleiters* e outros servidores do Partido Nazista, a SS e o exército, produziu uma falta de coesão surpreendentemente imprevidente, em oposição à imagem de eficiência absoluta do regime. Os que competiam por suas atenções se atinham a um comentário casual ou tentavam adivinhar os seus desejos e iniciavam programas sem consultar outras organizações implicadas.

No dia 21 de setembro de 1939, Heydrich emitiu uma ordem estabelecendo “medidas preliminares” para lidar com a população judaica da Polônia que, sendo de aproximadamente 3 milhões e meio antes da invasão, representava 10% da população, a maior proporção na Europa. A zona soviética concentrava cerca de um milhão e meio, cifra aumentada pelos 350 mil judeus que haviam fugido para o leste. Heydrich ordenou que aqueles que ainda estavam em território

alemão fossem concentrados em cidades maiores com boas redes ferroviárias. Era o planejamento de um enorme movimento populacional. Em 30 de outubro, Himmler deu instruções de que todos os judeus na *Warthegau* fossem compulsoriamente transportados para o *Generalgouvernement*. As suas casas foram então entregues a migrantes *Volksdeutsche*, que nunca haviam vivido na fronteira do Reich e cujo alemão era muitas vezes considerado incompreensível.

Hans Frank, o nazista cruel e corrupto que geria o *Generalgouvernement* em proveito próprio do castelo real na Cracóvia, irritou-se quando recebeu a ordem de preparar a recepção de centenas de milhares de judeus e poloneses desalojados. Não havia planos para abrigar e alimentar as vítimas desta imigração forçada, e ninguém havia pensado no que fazer com elas. Em teoria, os judeus capazes seriam usados em trabalhos forçados. O resto seria confinado em guetos temporários nas cidades maiores até serem reassentados. Os judeus aprisionados nos guetos, privados de dinheiro e com pouca comida, em muitos casos morreram de fome e doenças. Embora ainda não se tratasse de um programa de aniquilação total, isto representou um passo importante naquela direção. Quando as dificuldades de reassentar os judeus em uma ainda não nomeada “colônia” se mostraram maiores do que o imaginado, logo começou a nascer a ideia de que matá-los poderia ser mais fácil do que trasladá-los.

Os saques, os assassinatos e as condições caóticas nas zonas ocupadas pelos nazistas tornavam a vida pavorosa, mas as coisas não eram muito melhores no lado soviético da nova fronteira interna.

O ódio de Stalin à Polônia remontava à Guerra Soviético-Polonesa, e à derrota do Exército Vermelho na Batalha de Varsóvia, em 1920, que os poloneses chamavam de o Milagre do Vístula. Stalin fora fortemente criticado por sua parte no fracasso do I Exército de Cavalaria em apoiar as forças do marechal M. N. Tukhachevsky, que ele executou por acusações falsas em 1937, no início do expurgo do Exército Vermelho. Nos anos 1930, o NKVD visava como espiões o grande número de poloneses na União Soviética, em sua maioria comunistas.

Nikolai Yezhov, o chefe do NKVD durante o Grande Terror, ficou obcecado com conspirações polonesas imaginárias. Os poloneses do NKVD foram expurgados, e na Ordem 00485 de 11 de agosto de 1937 os poloneses foram implicitamente definidos como inimigos do estado.⁴² Quando Yezhov se apresentou após os primeiros 21 dias de detenções, tortura e execuções, Stalin elogiou o seu trabalho: “Muito bem! Continue buscando e limpando essa imundície polonesa. Elimine-a no interesse da União Soviética.”⁴³ No movimento antipolonês do Grande Terror, 143.810 pessoas foram presas por espionagem e

111.091 foram executadas. Era quarenta vezes mais provável que poloneses fossem executados neste período do que os demais cidadãos soviéticos.

Segundo o Tratado de Riga, de 1921, que pôs fim à Guerra Soviético-Polonesa, a Polônia vitoriosa incorporou partes da Bielorrússia e da Ucrânia. Muitos legionários do marechal Józef Piłsudski foram assentados lá. Porém, após a invasão do Exército Vermelho, no outono de 1939, mais de 5 milhões de poloneses se viram sob o governo soviético, que tratava o patriotismo polonês como contrarrevolucionário por definição. O NKVD deteve 109.400 pessoas, a maior parte das quais foi enviada para os campos de trabalho do Gulag, e 8.513 foram executadas. As autoridades soviéticas perseguiram todos os que poderiam ter um papel na manutenção do nacionalismo polonês, inclusive proprietários de terras, advogados, professores, clérigos, jornalistas e oficiais. O leste da Polônia, ocupado pelo Exército Vermelho, seria dividido e incorporado à União Soviética, e a região norte se tornou parte da Bielorrússia e a parte sul foi unida à Ucrânia.

As deportações em massa para a Sibéria ou a Ásia central começaram em fevereiro de 1940. Os regimentos de fuzileiros do NKVD encurralaram 139.794 civis poloneses em temperaturas abaixo de 30 graus Celsius. A primeira leva de famílias selecionada foi despertada por gritos e golpes de coronhas de fuzis às suas portas. Soldados do Exército Vermelho ou milicianos ucranianos, sob o comando de um oficial do NKVD, invadiam as casas apontando suas armas e gritando ameaças. As camas eram viradas e os armários vasculhados, supostamente em busca de armas ocultas. “Vocês são parte da elite polonesa”,⁴⁴ disse o homem do NKVD à família Adamczyk. “Vocês são senhores e nobres poloneses. Vocês são inimigos do povo.” Uma fórmula mais frequente do NKVD era “Uma vez polonês, sempre um *kulak*”⁴⁵ — o termo soviético depreciativo para os camponeses ricos e reacionários.

As famílias tinham pouco tempo para se prepararem para a viagem terrível e abandonar as suas casas e fazendas para sempre. A maioria se paralisava diante da perspectiva. Pais e filhos eram forçados a se ajoelhar de frente para a parede enquanto as mulheres tinham permissão de reunir pertences como máquinas de costura⁴⁶ para ganhar dinheiro onde fosse, utensílios de cozinha, roupa de cama, fotografias da família, uma boneca de trapo e livros escolares. Alguns soldados soviéticos ficavam obviamente constrangidos e murmuravam pedidos de desculpas. Algumas famílias puderam ordenhar a sua vaca antes de partir ou matar algumas galinhas ou um leitão para a viagem de três semanas em carroças de boi. Todo o resto deveria ficar para trás. A diáspora polonesa havia começado.

Da Guerra de Mentira à Blitzkrieg

SETEMBRO DE 1939 – MARÇO DE 1940

Quando ficou evidente que bombardeios inimigos pesados não arrasariam Londres e Paris, a vida quase voltou à normalidade. A guerra tinha “uma qualidade “estranha, sonambúlica”,¹ escreveu um comentarista da vida cotidiana em Londres. Durante o blecaute,² além do risco de bater em um poste ao caminhar, o maior perigo era ser atropelado por um automóvel. Em Londres, mais de 2 mil pedestres foram mortos nos últimos quatro meses de 1939. A escuridão total encorajou alguns casais jovens a fazer sexo de pé nas portas das lojas, esporte que logo se tornou assunto de piadas nos teatros de variedades. Aos poucos, os cinemas e teatros reabriram. Em Londres, os *pubs* viviam cheios. Em Paris, os cafés e restaurantes lotavam quando Maurice Chevalier cantava o sucesso do momento, “*Paris sera toujours Paris*”. A sorte da Polônia havia sido quase esquecida.

Enquanto a guerra em terra e no ar languidescia, no mar ela se intensificava. Para os britânicos, ela começara com uma tragédia. Em 10 de setembro de 1939, o submarino HMS *Triton*³ afundou outro submarino, o HMS *Oxley*, pensando que se tratava de um *U-boat*. O primeiro *U-boat* alemão foi afundado em 14 de setembro pelos contratorpedeiros que escoltavam o porta-aviões HMS *Ark Royal*. Porém, em 17 de setembro o *U-39* conseguiu afundar o porta-aviões obsoleto HMS *Courageous*. Quase um mês depois, a Marinha Real sofreu um golpe maior quando um *U-47* penetrou as defesas de Scapa Flow nas ilhas Orkney e afundou o encouraçado HMS *Royal Oak*. A confiança britânica na força da sua marinha foi profundamente abalada.

Enquanto isso, dois encouraçados de bolso, o *Deutschland* e o *Admiral Graf Spee*, haviam recebido instruções para começar a intensificar as operações. Mas a Kriegsmarine cometeu um erro grave no dia 3 de outubro, quando o *Deutschland* capturou um cargueiro americano como butim de guerra. Depois da invasão brutal da Polônia, isto ajudou a colocar a opinião pública nos Estados

Unidos contra a Lei da Neutralidade, que proibia a venda de armas a países beligerantes, e a favor dos Aliados, que precisavam comprá-las.

Em 6 de outubro, Hitler anunciou no *Reichstag* uma oferta de paz à Grã-Bretanha e à França, supondo que ambos concordariam com a sua ocupação da Polônia e da Tchecoslováquia. No dia seguinte, sem nem ao menos querer saber a resposta de ambos, Hitler iniciou discussões com comandantes em chefe e com o general de artilharia Halder sobre uma ofensiva no oeste. O alto-comando do exército, OKH, foi instruído a traçar um plano, a Operação Gelb (Amarela) para um ataque dali a cinco semanas. Contudo, os argumentos dos comandantes mais experientes sobre as dificuldades de reposicionamento, suprimentos e do avanço da estação climática o deixaram irritado. Ele também deve ter ficado incomodado quando, em 10 de outubro, o rumor de que a Grã-Bretanha concordara com os termos da paz percorreu Berlim. As comemorações espontâneas nos mercados de rua e nas *Gasthaus* se transformaram em desânimo quando o esperado pronunciamento de Hitler no rádio mostrou que aquilo não passava de uma esperança fantasiosa. Goebbels ficou furioso, principalmente com a falta de entusiasmo diante da guerra que ficara patente.

Em 5 de novembro, Hitler concordou em se reunir com o general Von Brauchitsch, comandante em chefe do exército. Brauchitsch, instado por outros oficiais antigos a manter a postura firme contra uma invasão prematura, advertiu Hitler a não subestimar os franceses. Devido à escassez de munição e equipamentos, o exército precisava de mais tempo. Hitler o interrompeu para expressar o seu desprezo pelos franceses. Brauchitsch então tentou argumentar que, durante a campanha polonesa, o exército alemão se mostrara indisciplinado e mal treinado. Hitler explodiu e exigiu exemplos. Constrangido, Brauchitsch foi incapaz de citá-los. O comandante em chefe, abalado e completamente humilhado, foi dispensado por Hitler com a observação ameaçadora de que ele conhecia “o espírito de Zossen [o quartel-general do OKH] e estava determinado a esmagá-lo”.⁴

Halder, o chefe do Estado-Maior do exército que alimentava a ideia de um golpe militar para tirar Hitler do poder, temia que o comentário do Führer indicasse que a Gestapo conhecia os seus planos e destruiu tudo o que pudesse ser incriminador. Ele, que mais parecia um professor alemão do século XIX com seus cabelos *en brosse* e o pincenê, era alvo da impaciência violenta de Hitler com o conservadorismo do Estado-Maior.

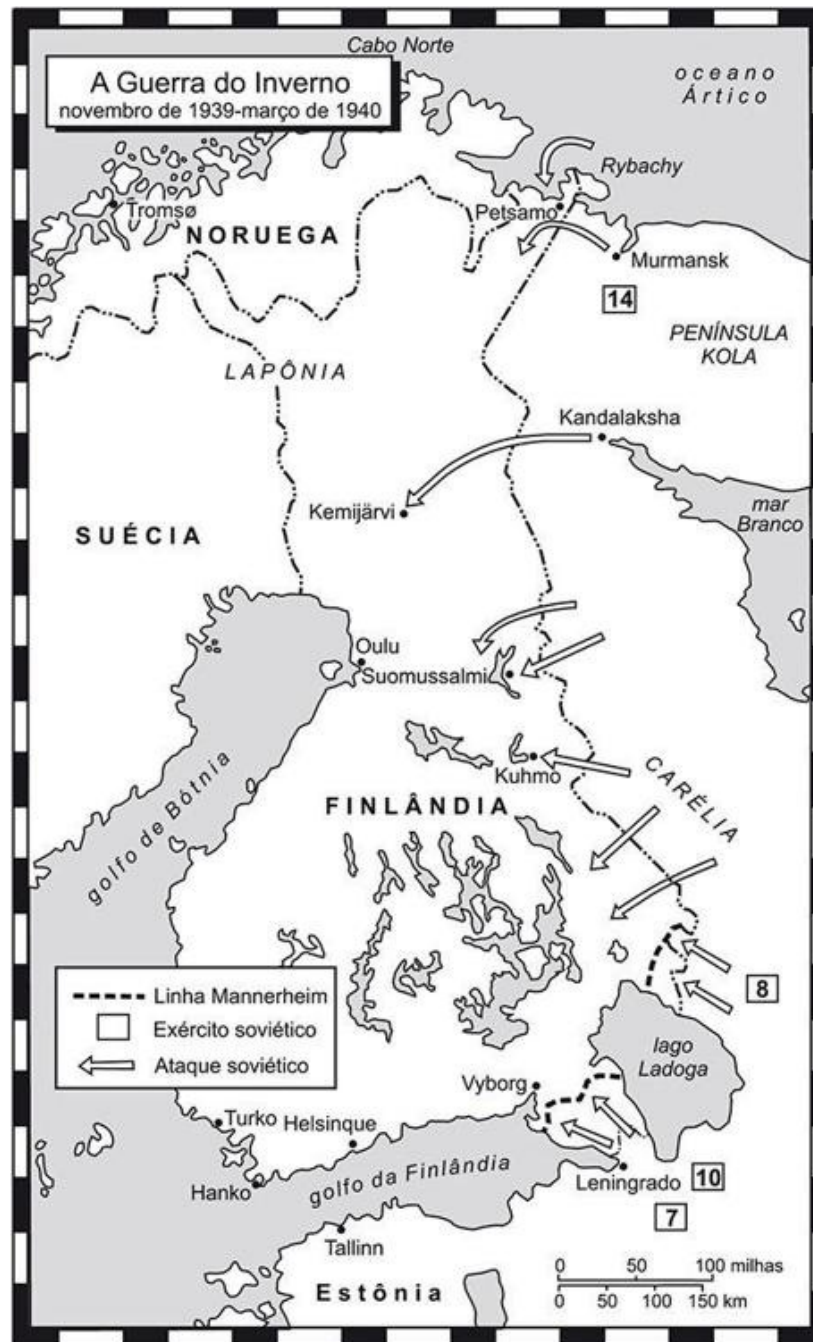
Neste ínterim, Stalin não perdeu tempo e se apossou dos ganhos oferecidos pelos acordos Molotov-Ribbentrop. Assim que a ocupação soviética do leste da Polônia se completou, o Kremlin impôs aos Estados bálticos os chamados “tratados de assistência mútua”. Em 5 de novembro, o governo finlandês foi

chamado a enviar emissários a Moscou. Uma semana depois, Stalin apresentou-lhes uma lista de exigências em outra proposta de tratado.⁵ Estas incluíam a entrega da península Hanko e a transferência de diversas ilhas no golfo da Finlândia à União Soviética, além de parte da península Rybachy, perto de Murmansk, e do porto de Petsamo. Outra exigência insistia em que a fronteira do istmo da Carélia, acima de Leningrado, fosse movida 35 quilômetros para o norte. Em troca, os finlandeses receberam a oferta de uma parte quase desabitada no norte da Carélia soviética.

As negociações em Moscou prosseguiram até 13 de novembro sem um acordo final. Convencido de que os finlandeses não tinham apoio internacional nem vontade de lutar, Stalin resolveu invadir. O pretexto nada convincente foi um “governo no exílio” fantoche, composto por um punhado de comunistas finlandeses na União Soviética que conclamavam a ajuda fraterna. As forças soviéticas provocaram um incidente fronteiriço perto de Mainila, na Carélia. Os finlandeses recorreram à Alemanha, mas o governo nazista recusou apoio e aconselhou-os a ceder.

Em 29 de novembro, a União Soviética rompeu relações diplomáticas. No dia seguinte, tropas do distrito militar de Leningrado atacaram posições finlandesas e aviões de bombardeio do Exército Vermelho atacaram Helsinque. A Guerra de Inverno começava. Os líderes soviéticos supunham que a campanha seria uma vitória fácil, como na ocupação do leste polonês. Voroshilov, o comissário da Defesa, queria que ela terminasse a tempo para o sexagésimo aniversário de Stalin, em 21 de dezembro. Dmitri Shostakovich recebeu ordens de compor uma peça para comemorar o acontecimento.

Na Finlândia, o marechal Carl Gustav Mannerheim, antigo oficial da Guarda de Cavaleiros do tsar e herói da guerra de independência contra os bolcheviques, foi convocado para deixar a reserva e ocupar o cargo de comandante em chefe. Com menos de 150 mil homens, muitos dos quais eram reservistas e adolescentes, os finlandeses enfrentaram as forças do Exército Vermelho, que tinha mais de um milhão de soldados. A sua defesa no istmo de Carélia, ao sudoeste do lago Ladoga, conhecida como Linha Mannerheim, consistia principalmente em trincheiras, *bunkers* de toras de madeira e alguns pontos fortes em concreto. Os finlandeses também foram ajudados pelas florestas e pequenos lagos que afunilavam as vias de acesso em direção aos seus campos minados cuidadosamente projetados.



Apesar do forte apoio da artilharia, o VII Exército soviético teve um choque desagradável. As suas divisões de infantaria foram retardadas junto à fronteira por postos avançados de combate e franco-atiradores. Sem detectores de minas e com ordem de avançar sem demora, os comandantes soviéticos simplesmente fizeram seus homens marchar através dos campos minados cobertos de neve diante da Linha Mannerheim. Para os soldados do Exército Vermelho, que tinham ouvido que os finlandeses os receberiam como irmãos e libertadores dos seus opressores capitalistas, a realidade da luta solapou o seu moral enquanto se

esforçavam pelos campos nevados em direção aos bosques de bétulas que ocultavam parte da Linha Mannerheim. Mestres na camuflagem de inverno, os finlandeses os ceifaram com suas metralhadoras.

No extremo norte do país, as tropas soviéticas de Murmansk atacaram a região de mineração e o porto de Petsamo, mas as suas tentativas de prosseguir rumo ao sul e cruzar a Finlândia pelo meio partindo do golfo de Bótnia foram espetacularmente desastrosas. Atônito ao ver que os finlandeses não desistiam de imediato, Stalin ordenou a Voroshilov que os esmagasse com o efetivo superior do Exército Vermelho. Os comandantes, aterrorizados com os expurgos e paralisados pela rígida ortodoxia militar decorrente, só podiam enviar mais e mais homens à morte. Em temperaturas de 40°C negativos, os soldados soviéticos, mal equipados e sem treinamento para aquele tipo de guerra de inverno, chamavam a atenção com seus sobretudos marrons enquanto iam tropeçando na neve alta. Em meio aos lagos congelados e às florestas do centro e do norte da Finlândia, as colunas soviéticas avançavam pelas escassas estradas através dos bosques. Lá, eram emboscados em ataques-relâmpago pelas tropas esquiadoras finlandesas armadas com submetralhadoras Suomi, granadas e facas de caça para dar cabo das suas vítimas.

Os finlandeses adotaram o que denominavam tática de “cortar lenha”, que partia as colunas inimigas em seções e interrompia suas linhas de suprimentos, levando-as à fome. Despontando silenciosamente em meio à neblina congelada, as tropas esquiadoras atiravam granadas e coquetéis Molotov nos tanques e na artilharia soviéticos e desapareciam tão rapidamente quanto haviam surgido. Era um tipo de combate de quase guerrilha para o qual o Exército Vermelho estava completamente despreparado. Fazendas, estábulos e celeiros eram incendiados pelos finlandeses para negar às colunas soviéticas quaisquer abrigos à medida que avançavam. As estradas foram minadas e petardos camuflados foram preparados. Quem fosse ferido nos ataques morria congelado rapidamente. Os soldados soviéticos começaram a se referir às tropas esquiadoras camufladas dos finlandeses como *belya smert* — ou “morte branca”. A 163ª Divisão de Infantaria foi cercada perto de Suomussalmi, e logo a 44ª Divisão de Infantaria, avançando para socorrê-la, foi dividida por uma série de ataques e também caiu vítima dos fantasmas brancos que adejavam entre as árvores.

“Ao longo de seis quilômetros”, escreveu a jornalista americana Virginia Cowles ao visitar depois o campo de batalha, “as estradas e florestas estavam salpicadas de corpos de homens e cavalos; havia tanques destroçados, cozinhas de campanha, caminhões, tratores de canhões, mapas, livros e artigos de vestuário, tudo destruído e espalhado. Os corpos estavam congelados, duros como madeira petrificada, e as suas peles tinham a cor do mogno. Alguns corpos

estavam empilhados uns sobre outros como um monte de lixo, cobertos apenas por uma manta caridosa de neve; outros estavam apoiados nas árvores em posturas grotescas. Todos haviam congelado nas posições em que se aninharam. Vi um com as mãos em torno de um ferimento no estômago; outro tentava abrir o colarinho do casaco.”⁶

Um destino semelhante teve a 122ª Divisão de Infantaria que avançava em direção ao sudoeste, da península Kola para Kemijärvi, onde foram surpreendidos e massacrados pelas forças do general K. M. Wallenius. “Como eram estranhos aqueles corpos na estrada”, escreveu o primeiro jornalista estrangeiro a comprovar a eficácia da corajosa resistência finlandesa. “O frio os congelara nas posições em que caíram. Também encolhera ligeiramente os seus corpos e feições, emprestando-lhes uma aparência cerosa e artificial. A estrada inteira era como uma gigantesca representação em cera de uma cena de guerra cuidadosamente encenada [...] um homem estava recostado em uma roda de vagão com um fio entre as mãos; outro encaixava o carregador no fuzil.”⁷

A reprovação internacional da invasão levou à expulsão da União Soviética da Liga das Nações, o seu ato final. O sentimento popular em Londres e Paris era quase mais indignado com esta incursão do que com o ataque à Polônia. O aliado alemão de Stalin também se viu em uma situação difícil. Embora recebesse um volume cada vez maior de provisões da União Soviética, ele agora temia prejudicar as suas relações e o comércio com os países escandinavos, especialmente com a Suécia. Acima de tudo, a liderança nazista se alarmou com os chamados da Inglaterra e da França para que fosse enviada ajuda militar à Finlândia. A presença dos Aliados na Escandinávia poderia interromper as remessas para a Alemanha do minério de ferro sueco, cuja alta qualidade era vital para a sua indústria bélica.

No entanto, naquela ocasião, Hitler estava serenamente confiante. A sua crença de que a providência estava do seu lado e o preservava para o cumprimento da sua grande tarefa se confirmara. No dia 8 de novembro, ele fizera o seu discurso anual na cervejaria Bürgerbräukeller, em Munique, de onde havia sido lançado o golpe fracassado dos nazistas, em 1923. Georg Elser, um marceneiro, secretamente enchera um pilar com explosivos perto da plataforma. Porém, só daquela vez, Hitler encurtou a visita para voltar a Berlim e, doze minutos depois da sua partida, uma enorme explosão destruiu o lugar, matando muitos dos “velhos lutadores” nazistas. Segundo um observador, a reação à notícia em Londres “resumiu-se ao calmo comentário ‘má sorte’ britânico, como se alguém tivesse falhado ao atirar em um faisão”.⁸ Com um otimismo inadequado, os

britânicos se confortaram com a ideia de que era só uma questão de tempo para que os alemães se livrassem do seu próprio governo terrível.

Elser foi detido naquela noite quando tentava cruzar para a Suíça. Embora claramente tivesse agido só, a propaganda nazista imediatamente culpou o serviço secreto de inteligência britânico (SIS) pelo atentado contra a vida do Führer. Himmler tinha a oportunidade perfeita de explorar este vínculo fictício. Walter Schellenberg, especialista em inteligência da SS, já estava em contato com dois oficiais do SIS e convenceu-os de que ele participava de uma conspiração contra Hitler na Wehrmacht. No dia seguinte, os persuadiu a encontrá-lo novamente em Venlo, na fronteira holandesa. Prometeu-lhes levar com ele um general antinazista. Em vez disso, os dois oficiais britânicos foram cercados e detidos por uma equipe de assalto da SS. O grupo era liderado pelo *Sturmabführer* Alfred Naujocks, que havia comandado o falso ataque transmissor-rádio de Gleiwitz no final de agosto. Não seria a primeira operação britânica terrivelmente malograda na Holanda.

Este fracasso foi omitido do público britânico, mas pelo menos o orgulho da Marinha Real foi restaurado mais tarde naquele mês. Em 23 de novembro, o navio mercante armado HMS *Rawalpindi* lutou contra os cruzadores alemães *Gneisenau* e *Scharnhorst*. Em uma batalha desesperançada de grande bravura, que foi inevitavelmente comparada à de Sir Richard Grenville no *Revenge* enfrentando enormes galeões espanhóis, as guarnições dos canhões lutaram até a morte. O *Rawalpindi*, queimando da proa à popa, afundou com o estandarte de guerra ainda desfraldado.

Então, em 13 de dezembro, ao largo da costa uruguaia, o esquadrão do comodoro Henry Harwood, com os cruzadores HMS *Ajax*, *Achilles* e *Exeter*, avistou o encouraçado de bolso *Admiral Graf Spee*, que já tinha afundado nove navios. O capitão Hans Langsdorff, o seu comandante, era altamente respeitado devido ao tratamento correto que dispensava às tripulações das suas vítimas. Porém, Langsdorff equivocadamente pensou que os navios britânicos fossem simples contratorpedeiros, e por isso não evitou a batalha, como deveria ter feito, embora superasse os adversários com seus canhões principais de 11 polegadas. O *Exeter* atraiu o fogo do *Graf Spee* e sofreu sérios danos, enquanto o *Ajax* e o *Achilles*, tripulado por neozelandeses, tentavam se posicionar para disparar os torpedos. Embora o esquadrão britânico tivesse sido gravemente atingido, o *Graf Spee*, que também fora danificado, recuou em meio a uma cortina de fumaça e rumou para o porto de Montevideú.

Nos dias seguintes, os britânicos levaram Langsdorff a crer que o seu esquadrão havia recebido um grande reforço. Em 17 de dezembro, depois de desembarcar os prisioneiros e a maior parte da tripulação, Langsdorff levou o

Graf Spee para o estuário do Rio da Prata e o afundou deliberadamente. Em seguida, cometeu suicídio. Os britânicos celebraram a vitória em um momento em que o moral precisava ser insuflado. Temendo que o *Deutschland* tivesse o mesmo fim, Hitler ordenou que o seu nome fosse trocado para *Lützow*. Não queria manchetes pelo mundo proclamando que um navio chamado “Alemanha” havia sido afundado. Ele dava muita importância aos símbolos, como ficaria ainda mais evidente quando a guerra se virou contra ele.

Depois de ouvir do Ministério da Propaganda de Goebbels que a Batalha do Rio da Prata havia sido vitoriosa, os alemães ficaram abatidos ao saber que o *Graf Spee* afundara. As autoridades nazistas tentaram impedir que a notícia estragasse o “Natal de guerra”. O racionamento foi minorado para os festejos e a população foi estimulada a contemplar a vitória devastadora sobre a Polônia. A maioria se convenceu de que a paz viria logo, já que a União Soviética e a Alemanha haviam conclamado os Aliados a aceitarem a realidade da destruição da Polônia.

Com filmes exibindo crianças em volta de árvores de Natal, o Ministério da Propaganda produziu uma festa doentia de sentimentalidade germânica. Contudo, muitas famílias foram assaltadas por uma inquietação terrível. Embora informadas oficialmente de que uma criança incapacitada ou um parente ancião havia morrido de “pneumonia” em alguma instituição, começaram a aumentar as suspeitas de que, na verdade, haviam sido mortos por gás em um programa da SS com médicos. A ordem para a eutanásia⁹ havia sido assinada por Hitler em outubro, mas foi alterada para a data da eclosão da guerra, 1º de setembro, de modo a acobertar o primeiro massacre da SS dos cerca de 2 mil poloneses internos em hospícios, alguns dos quais atingidos vestindo suas camisas de força. O ataque nazista encoberto aos “degenerados”, “bocas inúteis” e “vidas inservíveis” foi o primeiro passo na aniquilação deliberada dos que classificavam como “sub-humanos”. Hitler havia esperado o início da guerra para apoiar este programa eugenista extremo. Até agosto de 1941, mais de 100 mil alemães mental e fisicamente deficientes foram assassinados desta maneira. Na Polônia, as matanças continuaram, principalmente com tiros na nuca, mas às vezes com o gás carbônico de caminhões lacrados e também, pela primeira vez, em uma câmara de gás improvisada em Posen, processo que o próprio Himmler foi observar. Além dos deficientes, muitas prostitutas e ciganos foram também assassinados.

Hitler, que havia abjurado a paixão pelo cinema durante a guerra, também desistiu do Natal. Durante o período festivo, fez uma série de visitas surpresa amplamente divulgadas a unidades da Wehrmacht e da SS, inclusive ao Regimento *Grossdeutschland*, às bases e às baterias de artilharia antiaérea da

Luftwaffe e também à Divisão *Leibstandarte Adolf Hitler* da SS, que descansava da campanha assassina da Polônia. Na véspera do Ano-Novo ele fez um pronunciamento à nação pelo rádio. Proclamando uma “Nova Ordem na Europa”, disse: “Só devemos falar de paz depois de ganhar a guerra. O mundo judeu capitalista não sobreviverá ao século XX.” Não mencionou o “bolchevismo judaico”, pois recentemente havia enviado saudações pelo 60º aniversário de Stalin, em uma mensagem que também fazia os melhores votos “pelo futuro próspero dos povos da amiga União Soviética”. Stalin respondeu que “A amizade entre os povos da Alemanha e da União Soviética, cimentada com sangue, tem tudo para ser firme e duradoura.” Até com as exigências hipócritas da sua relação pouco natural, a expressão “cimentada com sangue”, em alusão ao ataque duplo à Polônia, era o cúmulo da desfaçatez, além de um mau augúrio para o futuro.

Difícilmente Stalin estaria de bom humor no final daquele ano. As forças finlandesas agora haviam avançado em território soviético. Ele foi forçado a aceitar que a culpa do desempenho desastroso do Exército Vermelho na Guerra de Inverno era em parte do seu incompetente camarada, o marechal Voroshilov. A humilhação do Exército Vermelho diante do mundo tinha de ser evitada, principalmente porque ele se assombrara com a eficácia devastadora das táticas de Blitzkrieg alemãs na campanha polonesa.

Portanto, Stalin decidiu convocar o comandante do exército S. K. Timoshenko para liderar uma Frente do Noroeste. Assim como Voroshilov, Timoshenko era veterano do I Exército de Cavalaria em que Stalin servira como comissário na Guerra Civil Russa, mas ao menos era um pouco mais inventivo. Novas armas e equipamentos foram enviados, inclusive os fuzis mais modernos, trenós motorizados e tanques KV pesados. Em vez dos ataques pesados de infantaria, as forças soviéticas pensavam esmagar a defesa finlandesa com artilharia.

Em 1º de fevereiro de 1940 teve início uma nova ofensiva soviética contra a Linha Mannerheim. As forças finlandesas se curvaram diante do massacre. Quatro dias depois, o ministro do Exterior finlandês fez um contato inicial com madame Aleksandra Kollontay, embaixadora soviética em Estocolmo. Os britânicos, e principalmente os franceses, esperavam ajudar a resistência finlandesa. Por isso, sondaram os governos sueco e norueguês para obter direito de passagem para uma força expedicionária em apoio aos finlandeses. Os alemães ficaram apreensivos e começaram a estudar a possibilidade de enviar tropas à Escandinávia para evitar um desembarque dos Aliados.

Os governos britânico e francês também consideraram a possibilidade de

ocupar Narvik, na Noruega, e as áreas mineiras ao norte da Suécia de modo a cortar o suprimento de minério de ferro para a Alemanha. Mas os governos sueco e norueguês temeram ser arrastados para a guerra. Recusaram o pedido de britânicos e franceses para cruzar os seus territórios e ajudar os finlandeses.

Em 29 de fevereiro, sem esperança de ajuda externa, os finlandeses decidiram buscar termos com base nas exigências originais da União Soviética, e um tratado foi assinado em Moscou em 13 de março. Os termos eram duros, mas poderiam ter sido muito piores. Os finlandeses haviam provado que estavam irredutíveis na defesa da sua independência, mas o mais importante foi que Stalin não quis prosseguir com uma guerra que podia atrair os Aliados do Ocidente. Ele também foi forçado a aceitar que a propaganda do Comintern havia sido ridiculamente autoenganosa, então dispensou o governo fantoche dos comunistas finlandeses. O Exército Vermelho havia perdido 84.994 entre mortos e desaparecidos, com 248.090 feridos ou enfermos. Os finlandeses tiveram 25 mil mortos.¹⁰

Porém, Stalin continuava a se vingar da Polônia. Em 5 de março de 1940, ele e o Politburo aprovaram o plano de Beria para assassinar oficiais poloneses e outros líderes em potencial que haviam rejeitado todas as tentativas de “reeducação” comunistas. Isto era parte da política stalinista de destruir uma futura Polônia independente. As 21.892 vítimas foram levadas em caminhões das prisões para cinco campos de execução. O mais notório foi na floresta de Katyń, perto de Smolensk, na Bielorrússia. O NKVD anotara os endereços das famílias das vítimas quando elas foram autorizadas a escrever para casa. Os membros dessas famílias também foram aprisionados e 60.667 deportados para o Cazaquistão. Pouco depois, mais de 65 mil judeus poloneses, que haviam fugido da SS e se recusavam a aceitar passaportes soviéticos, também foram deportados para o Cazaquistão e a Sibéria.¹¹

Enquanto isso, o governo francês quis levar a guerra para o mais longe possível do seu território. Irritado com o apoio dos comunistas franceses ao pacto nazissoviético, Daladier pensou que os Aliados poderiam enfraquecer a Alemanha atacando o aliado de Hitler. Ele defendeu o bombardeio das instalações petrolíferas soviéticas em Baku e no Cáucaso, mas os britânicos persuadiram os franceses a abandonar a ideia, porque havia o risco de a União Soviética entrar na guerra do lado dos alemães. Mais tarde, Daladier renunciou e foi substituído por Paul Reynaud, em 20 de março.

O exército francês, que havia suportado o esforço aliado na Primeira Guerra Mundial, era amplamente considerado capaz de defender o próprio território.

Observadores mais perspicazes estavam menos convencidos disso. Já em março de 1935, o marechal Tukhachevsky¹² previra que ele não seria capaz de suportar o ataque alemão. Na opinião dele, a sua fraqueza principal era que era demasiado lento em revidar o ataque. Isto não provinha apenas de uma mentalidade rigidamente defensiva, mas de uma carência quase total de radiocomunicação. De qualquer modo, os alemães haviam rompido os antiquados códigos franceses já em 1938.

O presidente Roosevelt, que prestara muita atenção aos relatórios da sua embaixada em Paris, também estava consciente da debilidade francesa. A força aérea mal começava a substituir suas aeronaves obsoletas. Embora fosse um dos maiores do mundo, o exército francês era desajeitado, antiquado e excessivamente confiante na sua linha de defesa Maginot ao longo da fronteira alemã, que o havia imbuído de uma mentalidade engessada. As suas enormes perdas na Primeira Guerra Mundial, com 400 mil baixas só na Batalha de Verdun, estavam no cerne desta mentalidade de trincheiras. Como observaram diversos jornalistas, adidos militares e comentaristas, o mal-estar político e social do país após tantos escândalos e governos derrubados havia minado qualquer esperança de unidade e determinação diante de uma crise.

Com admirável visão, Roosevelt percebeu que a única esperança para a democracia e os interesses de longo prazo dos Estados Unidos era apoiar a Grã-Bretanha e a França contra a Alemanha nazista. Por fim, em novembro de 1939, o projeto de lei “pagar e levar” apresentado ao congresso foi ratificado. Esta primeira derrota dos isolacionistas permitiu que as duas potências dos Aliados comprassem armas.

Na França, a atmosfera de irrealidade persistia. Um correspondente da Reuters¹³ em visita à frente inerte perguntou a soldados franceses por que não atiravam contra as tropas alemãs que perambulavam à sua vista. Eles pareceram surpresos. “*Ils ne sont pas méchants*”, respondeu um. “E, se atirmos, eles atirarão de volta.” As patrulhas alemãs que sondavam a linha logo perceberam a ineptidão e a falta de instinto agressivo da maior parte das formações francesas. E a propaganda alemã continuava a alimentar a ideia de que os britânicos estavam levando os franceses a carregarem o fardo mais pesado da guerra.

Além de algum trabalho nas posições defensivas, o exército francês fazia poucos treinamentos. As tropas limitavam-se a esperar. A inatividade levou a um moral baixo e à depressão — *le cafard*. Os políticos começaram a ouvir relatos sobre alcoolismo, afastamento sem licença e a aparência desleixada das tropas em público. “Não se pode passar todo o tempo jogando cartas, bebendo e

escrevendo para a esposa”, escreveu um soldado. “Ficamos deitados na palha bocejando e até gostamos de não fazer nada. Banhamo-nos cada vez menos, já não nos preocupamos em fazer a barba, não temos ânimo para varrer o lugar nem limpar a mesa depois de comer. Junto com o tédio, a imundície domina a base.”¹⁴

Em uma estação meteorológica do exército, Jean-Paul Sartre encontrou tempo para escrever o primeiro volume de *Os caminhos da liberdade* e parte de *O ser e o nada*. Aquele inverno, escreveu, foi “uma questão apenas de dormir, comer e não sentir frio. Isso era tudo”.¹⁵ O general Édouard Ruby comentou: “Cada exercício era considerado um aborrecimento, cada trabalho uma fadiga. Após vários meses estagnados, ninguém acreditava mais na guerra.”¹⁶ Nem todos os oficiais eram complacentes. O general Charles de Gaulle, sincero, defensor fervoroso da criação de divisões blindadas como as do exército alemão, advertiu que “estar inerte é estar derrotado”.¹⁷ Mas os seus alertas foram desprezados por generais irritados.

A única coisa que o alto-comando francês fez para manter o moral foi organizar entretenimento na linha de frente, com visitas de atores e cantores famosos como Édith Piaf, Joséphine Baker, Maurice Chevalier e Charles Trenet. Em Paris, onde os restaurantes e cabarés viviam repletos, a canção favorita era “*J’attendrai*” — esperarei. Porém, o mais alarmante para a causa aliada eram os direitistas em posições influentes que diziam: “Melhor Hitler do que Blum”, em referência a Leon Blum, o líder socialista da Frente Popular de 1936, que também era judeu.

Georges Bonnet, o grande apaziguador do Quai d’Orsay, tinha um sobrinho que antes da guerra fora receptador de dinheiro nazista para subsidiar propaganda antibritânica e antissemita na França.¹⁸ Otto Abetz, amigo do primeiro-ministro e mais tarde embaixador em Paris durante a ocupação, estivera profundamente envolvido no caso e fora expulso do país. Até o primeiro-ministro Paul Reynaud, firme partidário da guerra contra o nazismo, tinha uma fraqueza perigosa. A sua amante, a condessa Hélène de Portes, “uma mulher cujas feições um tanto vulgares transmitiam uma vitalidade e confiança extraordinárias”,¹⁹ pensava que a França nunca deveria ter honrado a promessa feita à Polônia.

Na forma de um governo no exílio, a Polônia havia chegado à França com o general Wladyslaw Sikorski como primeiro-ministro e comandante em chefe. Baseado na Argélia, ele se dedicou a reorganizar as Forças Armadas polonesas com os 84 mil que haviam escapado, principalmente através da Romênia, após a queda do país. Um movimento de resistência polonês havia começado a se desenvolver na pátria-mãe; na verdade, foi o que se organizou mais rapidamente

dentre todos os países ocupados. Em meados de 1940, o exército clandestino polonês somava uns 100 mil membros apenas no *Generalgouvernement*.²⁰ A Polônia foi um dos poucos países no império nazista onde a colaboração com o conquistador foi virtualmente ausente.

Os franceses estavam determinados a não ter o mesmo destino da Polônia. Contudo, a maioria dos líderes e o grosso da população haviam fracassado completamente em reconhecer que aquela guerra não seria como os conflitos anteriores. Os nazistas nunca ficariam satisfeitos com reparações e a rendição de uma ou duas províncias. Eles pretendiam reorganizar a Europa segundo a sua própria imagem brutal.

O Dragão e o Sol Nascente

1937-1940

O sofrimento não era uma experiência nova para as massas empobrecidas de camponeses chineses. Eles conheciam muito bem a fome que se seguia às inundações, ao desflorestamento e às depredações dos exércitos dos senhores da guerra. Viviam em casas de barro caindo aos pedaços, e as suas vidas tinham as desvantagens da doença, ignorância, superstição e a exploração dos proprietários de terras, que as arrendavam em troca de metade a dois terços das colheitas.

Os habitantes das cidades, inclusive muitos intelectuais de esquerda, tendiam a ver as massas rurais como pouco mais do que bestas de carga sem rosto. “A simpatia para com o povo é absolutamente inútil”, disse um intérprete comunista à intrépida jornalista e ativista americana Agnes Smedley. “É gente demais.” A própria Smedley comparou aquelas vidas à dos “servos da Idade Média”.¹ Eles subsistiam à base de ínfimas porções de arroz, painço ou abóbora cozidos em um caldeirão de ferro, o seu bem mais precioso. Muitos andavam descalços mesmo no inverno e usavam chapéus de junco ao trabalhar no verão, curvados nos campos. A vida era curta, e por isso as camponesas velhas, enrugadas pela idade e mancando com os pés ainda atados, eram relativamente raras. Muitos nunca haviam visto um automóvel ou um avião e nem mesmo a luz elétrica. Em grande parte do campo, os senhores da guerra e os proprietários de terras ainda exerciam poderes feudais.

A vida nas cidades não era melhor para os pobres, mesmo para os que tinham trabalho. “Em Xangai”, escreveu um jornalista americano de visita, “é rotineiro recolher os cadáveres de crianças trabalhadoras nas portas das fábricas pela manhã.”² Os pobres também eram oprimidos por coletores de impostos e burocratas gananciosos. Em Harbin, o grito tradicional dos mendigos era “Dê! Dê! Que você enriqueça! Que se torne um funcionário público!” Às vezes mudavam para “Que você enriqueça! Que se torne um general!”³ O fatalismo era tão inerente que uma mudança social real estava além da imaginação. A

revolução de 1911, que marcou o colapso da dinastia Qing e trouxe a república do dr. Sun Yat-sen, foi da classe média urbana. No princípio, assim era também o nacionalismo chinês, insuflado pelas intenções flagrantes do Japão de explorar as fraquezas do país.

Wang Ching-wei, que por um breve tempo liderou o Kuomintang após a morte de Sun Yat-sen, em 1924, era o principal rival do ascendente general Chiang Kai-shek. Chiang, orgulhoso e um tanto paranoico, era profundamente ambicioso e estava determinado a se tornar o grande líder chinês. Magro e careca, com um bigodinho militar bem aparado, ele era um operador político altamente habilidoso, mas nem sempre foi um bom comandante em chefe. Comandou a Academia Militar Whampoa, e os seus alunos favoritos foram designados para postos importantes. Contudo, devido a rivalidades e lutas entre facções no seio do Exército Nacional Revolucionário e entre senhores da guerra aliados, Chiang tentou controlar as suas formações de longe, muitas vezes provocando confusão e protelações.

Em 1932, um ano após o Incidente de Mukden e da tomada da Manchúria pelos japoneses, estes últimos deslocaram destacamentos da Marinha para a sua concessão em Xangai com uma beligerância evidente. Chiang previu que haveria um massacre ainda pior e começou a se preparar. O general Hans von Seeckt, antigo comandante em chefe das Forças Armadas do Reich (*Reichswehr*) durante a República de Weimar, que havia chegado em maio de 1933, aconselhou que uma guerra de atrito longuíssima seria a única esperança contra o Exército Imperial japonês, mais bem treinado. Com poucas divisas disponíveis, Chiang decidiu trocar o tungstênio chinês por armas alemãs.

Chiang Kai-shek era um modernizador incansável e estava imbuído de um nacionalismo verdadeiro. Durante o que ficou conhecida como a Década Nanquim (1928-37), comandou um acelerado programa de industrialização, construção de estradas, modernização militar e melhorias agrícolas. Também tentou pôr fim ao isolamento psicológico e diplomático da China. Contudo, ciente da fraqueza militar chinesa, estava determinado a evitar uma guerra com o Japão enquanto fosse possível.

Em 1935, por meio do Comintern, Stalin instruiu os comunistas chineses a criarem uma frente comum com os nacionalistas contra a ameaça japonesa. Era uma política que Mao Tsé-tung não via com bons olhos, depois dos ataques de Chiang às forças comunistas que o forçaram a embarcar na Longa Marcha, em outubro de 1934, para evitar a destruição do seu Exército Vermelho. Na verdade, Mao, homem corpulento com uma voz curiosamente aguda, era considerado um dissidente pelo Kremlin, pois ele entendia que os interesses de Stalin e os do Partido Comunista Chinês não eram os mesmos. Seguindo a linha leninista,

acreditava que a guerra preparava o terreno para a tomada revolucionária do poder.

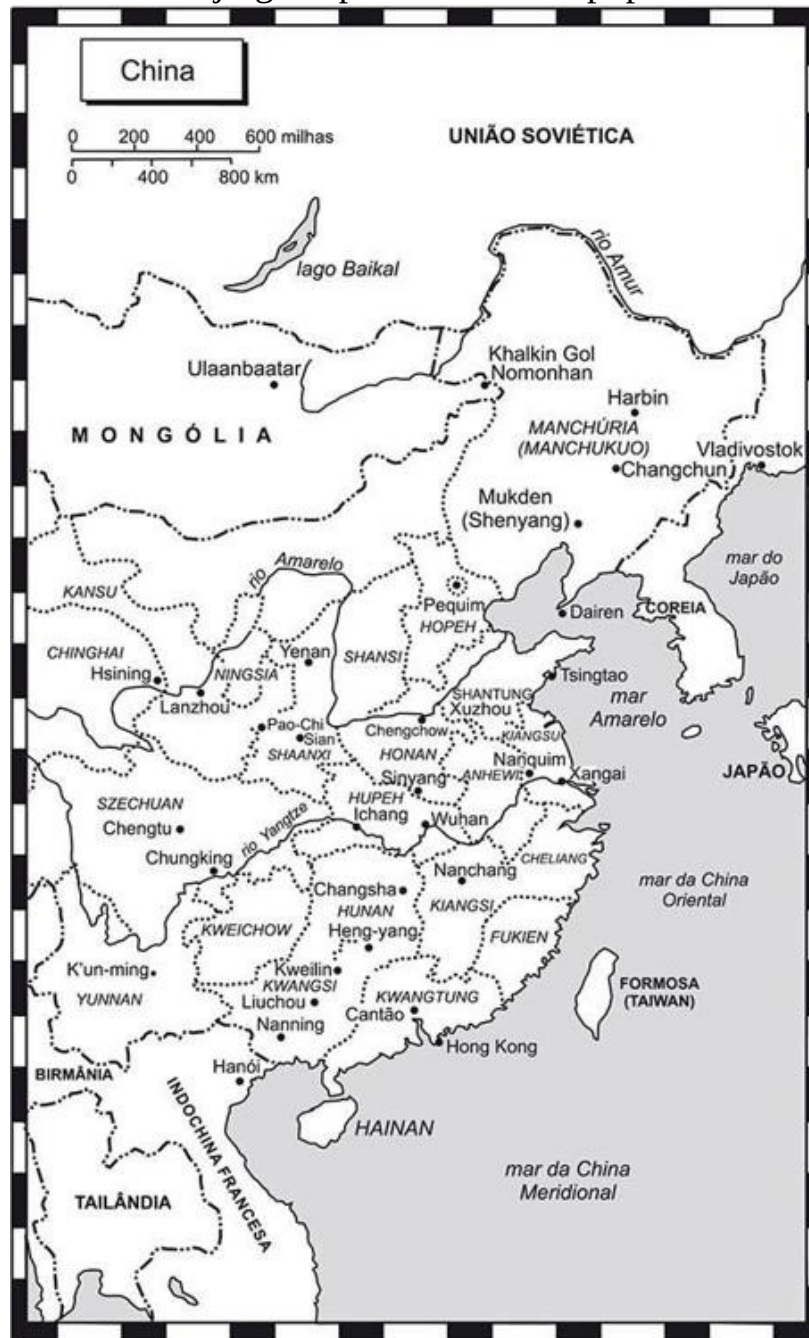
Moscou, por sua vez, não queria uma guerra no Extremo Oriente. Os interesses da União Soviética eram considerados muito mais importantes que uma vitória de longo prazo dos comunistas chineses. Por isso, o Comintern acusou Mao de não ter uma “perspectiva internacionalista”. Este chegou perto da heresia ao argumentar que os princípios marxista-leninistas da primazia do proletariado urbano não se adequavam à China, onde o campesinato devia ser a vanguarda da revolução. Mao defendia a guerra de guerrilha independente e o desenvolvimento de redes por trás das linhas japonesas.

Chiang enviou representantes para uma reunião com os comunistas. Queria que eles incorporassem as suas forças ao exército do Kuomintang. Em troca, teriam uma região própria no norte e não seriam mais atacados. Mao suspeitou que a política de Chiang fosse encurralá-los em uma área onde seriam destruídos por um ataque japonês a partir da Manchúria. Porém, Chiang sabia que os comunistas nunca se comprometeriam ou trabalhariam com outro partido no longo prazo. O seu único interesse era conquistar todo o poder para si. “Os comunistas são uma doença do coração”, disse ele certa vez. “Os japoneses, uma doença de pele.”⁴

Enquanto tentava negociar com os comunistas ao sul e no centro da China, Chiang não podia fazer grande coisa para deter as provocações e incursões japonesas no nordeste. O Exército Kwantung de Manchukuo enfrentou Tóquio, argumentando que não era hora de fazer concessões à China. O comandante do exército e futuro primeiro-ministro, tenente-general Tōjō Hideki, afirmou que se preparar para uma guerra com a União Soviética sem destruir a “ameaça na retaguarda” na forma do governo de Nanquim era “buscar problemas”.⁵

Ao mesmo tempo, a política cautelosa de Chiang Kai-shek com relação à agressão japonesa provocou grande raiva popular e manifestações estudantis na capital. No final de 1936, com a intenção de se apropriar das minas de carvão e dos depósitos de minério de ferro da região, as forças japonesas avançaram na província de Suiyuan, na fronteira com a Mongólia. As forças nacionalistas contra-atacaram e as expulsaram. Isto fortaleceu a posição de Chiang, e as condições para uma frente unida com os comunistas ficaram mais difíceis. Os comunistas e a Aliança Noroeste dos senhores de guerra atacaram unidades nacionalistas pela retaguarda. Chiang queria eliminar completamente os comunistas, mas continuava negociando com eles. Porém, no início de dezembro, ele voou a Siam para debater com dois comandantes do exército nacionalista que pretendiam formar uma linha forte contra o Japão e pôr fim à guerra civil com os comunistas. Eles o capturaram e o detiveram por duas

semanas até que concordasse com as suas propostas. Os comunistas exigiram que Chiang Kai-shek fosse julgado por um tribunal popular.



Chiang foi libertado e voltou a Nanquim depois de ser forçado a mudar de política. Houve um regozijo nacional genuíno com a perspectiva de unidade antijaponesa. Em 16 de dezembro, profundamente alarmado com o Pacto Anti-Comintern entre a Alemanha nazista e o Japão, Stalin pressionou Mao e Chou En-lai, seu colega mais sutil e diplomático, a se juntarem em uma frente unida com os nacionalistas. O líder soviético temia que Chiang Kai-shek se aliasse aos

japoneses caso os comunistas chineses armassem confusão ao norte. Se Chiang fosse deposto, Wang Ching-wei, que não queria lutar com os japoneses, poderia assumir a liderança do Kuomintang. Stalin levou os nacionalistas a acreditarem que se aliaria com eles em uma guerra contra o Japão com o único intuito de garantir que eles resistissem. Continuou iludindo-os com promessas sem a menor intenção de comprometer a União Soviética na luta.

Um acordo entre o Kuomintang e os comunistas ainda não tinha sido assinado quando, em 7 de julho de 1937, houve um enfrentamento entre tropas chinesas e japonesas na Ponte Marco Polo, no sudoeste de Pequim.⁶ Isto marcou o início da principal fase da Guerra Sino-Japonesa. O incidente foi uma farsa que demonstra a imprevisibilidade aterradora dos acontecimentos em épocas de tensão. Um soldado japonês se perdeu durante um treinamento noturno. O comandante da sua companhia exigiu entrar na cidade de Wanping para procurá-lo. Diante da negativa, ele atacou e as tropas chinesas se defenderam, enquanto o soldado perdido encontrava o caminho de volta ao acampamento por conta própria. Uma ironia adicional foi que o Estado-Maior em Tóquio por fim tentava controlar os seus oficiais fanáticos na China, responsáveis pelas provocações, ao passo que Chiang experimentava forte pressão para não fazer mais acordos.

O generalíssimo não tinha certeza das intenções japonesas e convocou uma conferência de líderes chineses. A princípio, os militares nipônicos estavam divididos. O exército Kwantung na Manchúria desejava ampliar o conflito, ao passo que o Estado-Maior em Tóquio temia a reação do Exército Vermelho ao longo das fronteiras norte. Na semana anterior tinha ocorrido um enfrentamento no rio Amur. Pouco depois, porém, os comandantes em chefe japoneses decidiram por uma guerra total. Eles acreditavam que a China podia ser derrubada antes da deflagração de um conflito maior, fosse com a União Soviética, fosse com as potências ocidentais. Como sucederia mais tarde com Hitler e a União Soviética, os generais japoneses cometeram o erro grosseiro de subestimar a indignação dos chineses e sua determinação a resistir. Tampouco lhes ocorreu que a resposta estratégica chinesa pudesse ser uma longa guerra de atrito.

Côncio das deficiências do seu exército e da imprevisibilidade dos Aliados no norte, Chiang Kai-shek sabia dos imensos riscos de uma guerra com o Japão. Mas não tinha muita escolha. Os japoneses anunciaram e repetiram um ultimato, rejeitado pelo governo de Nanquim, e em 26 de julho o exército atacou. Pequim caiu três dias depois. As forças nacionalistas e seus aliados recuaram, oferecendo resistência esporádica à medida que os japoneses avançavam para o sul.

“De repente, a guerra começou”, escreveu Agnes Smedley, que desembarcou de um barco a vela chinês na margem norte do rio Amarelo na “sinuosa cidade

de barro de Fenglingtohkow. A cidadezinha, na qual esperamos encontrar alojamento para a noite, era uma barafunda de soldados, civis, carroças, mulas, cavalos e vendedores ambulantes. Enquanto avançávamos pelos caminhos enlameados em direção ao centro, vimos de ambos os lados longas fileiras de soldados feridos deitados no chão, com bandagens ensanguentadas, alguns deles inconscientes [...]. Não havia médicos, enfermeiras nem assistentes junto a eles.”⁷

Apesar dos esforços de Chiang para modernizar as forças nacionalistas, nem elas nem as forças dos senhores da guerra aliados estavam tão bem equipadas e treinadas quanto as divisões japonesas que enfrentavam. A infantaria usava uniformes de algodão azul-acinzentado no verão, e no inverno os mais sortudos portavam casacos acolchoados de algodão ou casacos de pele de carneiro das tropas mongóis. Os calçados consistiam em sapatos de pano ou sandálias de palha. Apesar de serem silenciosos na corrida, eles não protegiam contra as afiadas estacas *punji* de bambu, untadas com excremento para provocar o envenenamento do sangue, que os japoneses usavam para defender as suas posições.

Os soldados chineses usavam quepes redondos com protetores de orelhas presos no topo. Não possuíam capacetes metálicos, à exceção dos que tiravam dos soldados japoneses mortos e portavam com orgulho. Muitos também usavam túnicas dos soldados inimigos, o que criava confusão em momentos de crise. O troféu mais apreciado era uma pistola japonesa. Na verdade, era mais fácil para os soldados chineses conseguir munição para as armas japonesas capturadas do que para os seus próprios fuzis, que provinham de uma grande variedade de países e fabricantes. As suas maiores deficiências eram os serviços de saúde, a artilharia e os aviões.

Na batalha e fora dela, as tropas chinesas eram instruídas por meio de clarins. Só existia radiocomunicação entre os QGs principais, e mesmo assim não era confiável. Os japoneses conseguiram quebrar facilmente os códigos chineses e, assim, sabiam de seus dispositivos e intenções. O transporte militar chinês consistia em alguns caminhões, mas a maior parte das unidades em campanha dependia de carroças puxadas por mulas tocadas com o praguejar tradicional, pôneis mongóis e carroças de boi com aros de rodas de madeira. A escassez era frequente, o que significava que muitas vezes os soldados não recebiam comida. Como quase sempre o pagamento atrasava por meses, e às vezes era escamoteado pelos oficiais, o moral era baixo. Mas não há dúvida quanto à bravura e determinação das tropas chinesas na Batalha de Xangai daquele verão.

Ainda se debate a respeito das origens e motivos que levaram àquele grande enfrentamento. A explicação clássica é que Chiang, ao abrir uma nova frente em

Xangai enquanto lutava no norte e no centro, pretendia dividir as forças japonesas e evitar que se concentrassem para uma vitória rápida. Seria a guerra de atrito recomendada pelo general Von Falkenhausen. Um ataque a Xangai também forçaria os comunistas e outros exércitos aliados a se comprometerem com a Guerra de Resistência, apesar do perigo sempre presente de que preferissem recuar a pôr em risco as suas forças e a sua base de poder. Também garantiria uma declaração soviética de apoio, o envio de assessores militares e o fornecimento de aviões de combate, tanques, artilharia, metralhadoras e viaturas. Tudo isto seria pago com a exportação de matéria-prima para a União Soviética.

A outra explicação é certamente atraente. Profundamente alarmado com o êxito japonês no norte da China, só Stalin queria realmente levar a luta para o sul, longe das suas fronteiras no Extremo Oriente. Ele conseguiu isso por meio do comandante nacionalista general Chang Ching-chong, que era um agente soviético infiltrado. Por diversas vezes Chang tentou convencer o generalíssimo a lançar uma ofensiva preventiva contra uma guarnição japonesa de 3 mil fuzileiros navais em Xangai.⁸ Chiang respondeu-lhe que não agisse sem ordens específicas. Um ataque em Xangai representava riscos enormes. A cidade ficava a apenas 290 quilômetros de Nanquim e uma derrota ali, junto à foz do Yangtzé, poderia permitir o avanço acelerado dos japoneses até a capital e o centro da China. Em 9 de agosto, Chang enviou um grupo seletivo de soldados ao aeroporto de Xangai, onde atiraram em um tenente e um soldado. Por iniciativa de Chang, também assassinaram um prisioneiro chinês condenado à morte, para fazer parecer que os japoneses haviam atirado primeiro. Estes, igualmente relutantes em iniciar uma guerra em Xangai, a princípio não reagiram, exceto com pedidos de reforços. Chiang disse a Chang que não atacasse. Em 13 de agosto, navios de guerra japoneses começaram a bombardear os quartelões chineses em Xangai. Na manhã seguinte, duas divisões nacionalistas atacaram a cidade. Também foi lançado um ataque aéreo contra o navio-capitânia da Terceira Frota japonesa, o velho cruzador *Izumo*, ancorado no litoral, diante do centro da cidade.⁹ Foi um início nada auspicioso. O fogo antiaéreo do navio de guerra repeliu as obsoletas aeronaves. Alguns disparos atingiram o bastidor de bombas de uma delas que, ao sobrevoar o bairro internacional, deixou cair a sua carga no Palace Hotel, na Estrada de Nanquim, e em outros lugares apinhados de refugiados. Deste modo, cerca de 1.300 civis foram mortos ou feridos pelo seu próprio avião.

As forças de ambos os lados começaram uma escalada que transformou a batalha no mais longo enfrentamento da Guerra Sino-Japonesa.¹⁰ Em 23 de agosto, depois de reforçar as suas tropas em Xangai, os japoneses desembarcaram na costa norte para flanquear as posições nacionalistas. Um navio blindado desembarcou tanques no litoral e a artilharia naval japonesa

tornou-se ainda mais eficaz diante das divisões nacionalistas quase sem artilharia. As tentativas nacionalistas de bloquear o Yangtzé também falharam e a sua força aérea ínfima não tinha chance contra a supremacia aérea japonesa.

A partir de 11 de setembro, as forças nacionalistas, dirigidas por Von Falkenhausen, lutaram com grande brio, apesar das baixas terríveis. A maior parte das divisões, principalmente as formações de elite de Chiang, perdera mais da metade dos contingentes, inclusive 10 mil oficiais subalternos. Incapaz de decidir entre seguir lutando ou recuar, Chiang enviou ainda mais divisões. Esperava atrair a atenção internacional para a luta chinesa pouco antes de uma reunião da Liga das Nações.

No total, os japoneses desdobraram mais de 200 mil homens na frente de Xangai, mais do que haviam mobilizado no norte da China. Na terceira semana de setembro conseguiram abrir brechas na defesa nacionalista, forçando-a a recuar em outubro até a linha do arroio Soochow, um verdadeiro obstáculo fluvial apesar do nome. Um batalhão ficou para trás para defender um depósito ou paiol e dar a impressão de que os nacionalistas ainda tinham uma posição segura em Xangai. Este “batalhão solitário” se tornou um grande mito na propaganda da causa chinesa.

No começo de novembro, depois de mais lutas desesperadas, os japoneses cruzaram o arroio Soochow usando pequenos barcos metálicos de assalto e estabeleceram cabeças de ponte em diversos lugares. Com outro desembarque anfíbio na costa sul, forçaram os nacionalistas a recuar. A disciplina e o moral, que se haviam conservado durante as lutas e as grandes perdas, desta vez despencaram. Os soldados jogavam fora os seus fuzis, e os refugiados eram pisoteados no pânico provocado pelos bombardeios e ataques japoneses. Nos três meses de luta ao redor de Xangai, os japoneses tiveram mais de 40 mil baixas. As cifras chinesas foram de mais de 187 mil, pelo menos quatro vezes e meia maiores.

Em um avanço impetuoso, incendiando aldeias pelo caminho, as divisões japonesas disputavam corrida entre elas para alcançar Nanquim. A Marinha Imperial japonesa enviou navios caça minas e lanchas torpedeiras Yangtzé acima para bombardear a cidade. O governo nacionalista começou a deixar o Yangtzé, principalmente em vapores e barcos a vela, em direção a Hankow, que passaria a ser a capital temporária. Chungking, no alto Yangtzé, em Sichuan, teria este papel mais tarde.

Chiang Kai-shek não conseguia decidir entre defender Nanquim ou deixá-la para trás sem resistir. A cidade era indefensável, mas abandonar um símbolo tão importante seria uma humilhação. Os seus generais não concordavam com isso. No final ocorreu o pior, com uma defesa incompleta que só serviu para irritar os

atacantes. Na verdade, os comandantes japoneses planejavam usar gás mostarda e bombas incendiárias na capital caso a luta alcançasse a intensidade que haviam experimentado em Xangai.¹¹

Os chineses certamente tinham uma ideia da violência do inimigo, mas não conseguiam imaginar o grau de crueldade que viria. Em 13 de dezembro, forças chinesas evacuaram Nanquim e foram emboscadas em um cerco repentino. As tropas japonesas entraram na cidade com ordem de matar todos os prisioneiros. Uma unidade na 16ª Divisão executou sozinha 15 mil prisioneiros chineses e uma companhia degolou 1.300.¹² Um diplomata alemão informou a Berlim que “além das execuções em massa com metralhadoras, outros métodos individuais também foram empregados, como despejar gasolina sobre a vítima e atear-lhe fogo”.¹³ Os edifícios da cidade foram saqueados e incendiados. Para escapar dos assassinatos, estupros e destruição, civis tentaram se abrigar na “zona de segurança internacional”.

A *fúria japonesa* chocou o mundo com os seus massacres terríveis e estupros em massa, em uma vingança pela luta amarga em Xangai, a qual o exército japonês não esperava dos chineses por eles desprezados. Os relatos sobre as baixas civis variam muito. Algumas fontes chinesas falam em 300 mil, mas a cifra mais provável está perto de 200 mil. Em uma série de mentiras ineptas, as autoridades militares japonesas afirmaram ter matado apenas soldados chineses em roupas civis, e que a conta dos mortos seria de pouco mais de mil. As cenas do massacre eram infernais, com cadáveres apodrecendo por toda parte nas ruas, muitos deles destróçados por cachorros ferozes. Todos os lagos, arroios e rios estavam poluídos por cadáveres em decomposição.

Os soldados japoneses haviam sido criados em uma sociedade militarista.¹⁴ Em homenagem aos valores marciais, toda a aldeia ou vizinhança se reunia para despedir um conscrito que partia para se alistar no exército. Então, os soldados costumavam lutar pela honra das suas famílias e comunidades e não pelo imperador, como os ocidentais costumavam crer. O treinamento básico era destinado a destruir a sua individualidade. Para endurecê-los e provocá-los, os recrutas constantemente eram insultados e espancados pelos suboficiais e sargentos, no que pode ser denominada a teoria do efeito colateral da opressão, para que despejassem a sua raiva nos soldados e civis do inimigo derrotado. Todos também haviam sido doutrinados desde a escola fundamental a crer que os chineses eram completamente inferiores à “raça divina” dos japoneses e estavam “abaixo dos porcos”.¹⁵ Em uma história típica de confissão no pós-guerra, um soldado admitiu que, embora tivesse ficado horrorizado com a tortura gratuita de um prisioneiro chinês, pediu para exercê-la com o fim de compensar um suposto insulto.

Em Nanquim, soldados chineses feridos eram mortos no chão à ponta de baionetas. Os oficiais faziam os prisioneiros se ajoelharem em filas e praticavam o degolamento com suas afiadas espadas de samurais. Os soldados também recebiam ordens de praticar com a baioneta em milhares de prisioneiros chineses atados ou amarrados em árvores. Quem se recusasse era fortemente espancado pelos graduados. O processo de desumanização das tropas no Exército Imperial japonês se intensificou assim que chegaram à China. Um certo cabo Nakamura, alistado a contragosto, descreveu em seu diário como ele e os camaradas forçaram novos recrutas japoneses a assisti-los torturar cinco civis chineses até a morte. Os recém-chegados ficaram horrorizados, mas Nakamura escreveu: “Todos os novos recrutas são assim, mas daqui a pouco eles mesmos farão isto.”¹⁶ Mais tarde, Shimada Toshio, soldado de segunda classe, contou sobre o seu “batismo de sangue” ao chegar, mais tarde, ao 226º Regimento na China. Um prisioneiro chinês fora atado pelas mãos e tornozelos a dois postes. Quase 50 recrutas foram enfileirados para enfiar-lhe a baioneta. “As minhas emoções devem ter congelado. Eu não tinha pena dele. Mais tarde o prisioneiro começou a pedir ‘Vamos, rápido!’ Nós não atingíamos o ponto certo. Então ele passou a dizer ‘Andem logo!’, o que significava que queria morrer rapidamente.”¹⁷ Shimada afirmou que era difícil pois a baioneta o varava “como [se fosse] tofu”.

John Rabe, um executivo alemão da Siemens que organizou a zona de segurança internacional de Nanquim e demonstrou coragem e humanidade, escreveu em seu diário: “Estou totalmente desconcertado com a conduta dos japoneses. Por um lado, querem ser reconhecidos e tratados como uma grande potência semelhante às potências europeias; por outro, demonstram uma crueza, brutalidade e bestialidade comparável apenas às hordas de Gêngis Khan.”¹⁸ Doze dias depois, ele escreveu: “Não se consegue respirar devido à repugnância ao se deparar com os corpos de mulheres com varas de bambu enfiadas em suas vaginas. Até as mulheres com mais de 70 anos estão sendo constantemente estupradas.”¹⁹

O ethos grupal do Exército Imperial japonês, instilado pelos castigos coletivos nos treinamentos, também produzia uma hierarquia entre as tropas experientes e os recém-chegados. Os soldados mais antigos organizavam os estupros em massa, com mais de trinta homens por mulher, as quais eles costumavam matar depois de terem acabado com elas. Soldados recém-chegados não podiam participar. Só quando já haviam sido aceitos como parte do grupo eram “convidados” a se juntar aos outros.

Os novos recrutas tampouco eram autorizados a visitar as “mulheres de alívio” nos bordéis militares. Elas eram meninas e jovens casadas, raptadas nas ruas ou designadas por chefes de aldeias, obrigados a fornecer uma cota fixa por

ordem da temida polícia militar Kempeitai. Depois do massacre e estupro de Nanquim, as autoridades militares japonesas exigiram outras 3 mil mulheres “para uso do exército”.²⁰ Mais de 2 mil já haviam sido capturadas apenas na cidade de Soochow após a sua invasão em novembro.²¹ Além das mulheres locais levadas contra a vontade, os japoneses importaram mulheres da sua colônia da Coreia. Um comandante de batalhão na 37ª Divisão²² chegou a levar três chinesas para o seu QG como escravas pessoais. As suas cabeças foram raspadas para fazê-las parecerem homens e disfarçar o seu papel.

A ideia das autoridades militares era reduzir os casos de doenças venéreas e restringir o número de estupros perpetrados publicamente por seus homens, o que poderia levar a população a resistir. Eles preferiam que as mulheres fossem estupradas perpetuamente no sigilo das “casas de alívio”.²³ Mas a ideia de que a oferta de mulheres de alívio fosse impedir de algum modo os soldados japoneses de estuprar à vontade provou ser totalmente equivocada. Era claro que os soldados preferiam estuprar aleatoriamente em vez de fazer fila nas casas de alívio, e os oficiais pensavam que o estupro elevava o espírito marcial.

Nas raras ocasiões em que os japoneses foram forçados a abandonar uma cidade, degolaram as mulheres de alívio para se vingarem dos chineses. Por exemplo, quando a cidade de Suencheng, não muito distante de Nanquim, foi temporariamente retomada, as tropas chinesas entraram em “um edifício depois que os japoneses foram expulsos e encontraram os corpos nus de uma dúzia de mulheres chinesas civis. Uma placa na porta da rua dizia ‘Casa de Alívio do Grande Exército Imperial’”.²⁴

Ao norte da China, os japoneses tiveram alguns percalços, quase sempre provocados pelas tropas nacionalistas chinesas. As forças comunistas do Oitavo Exército em Rota,* que diziam serem capazes de marchar mais de cem quilômetros por dia, foram preservadas das piores lutas por ordens estritas de Mao. Contudo, no final do ano, o exército Kwantung controlava as cidades das províncias de Chahar e Suyiuan e a parte norte de Shansi. Ao sul de Pequim, ocupou facilmente a província de Shantung e a sua capital devido à covardia do general Han Fu-Chu, o comandante regional.

O general Han, que havia fugido em um avião levando consigo o conteúdo do tesouro local e um ataúde de prata, foi detido pelos nacionalistas e condenado à morte. Fizeram-no ajoelhar-se e outro general atirou na sua cabeça. Esta advertência aos comandantes foi amplamente saudada por todos os partidos e contribuiu muito para a unidade chinesa. Os japoneses estavam cada vez mais desalentados ao ver como os chineses estavam determinados a prosseguir

lutando, mesmo depois de perder a capital e quase toda a sua força aérea. E se irritavam porque, após a Batalha de Xangai, os chineses conseguiram evitar o tipo de engajamento decisivo que os aniquilaria.

Em janeiro de 1938, os japoneses começaram a avançar para o norte da linha férrea de Nanquim em direção a Suchow, um importante centro de comunicações e de grande valor estratégico, pois estava ligado a um porto na costa leste, esparramada sobre os dois lados da linha férrea para o oeste. Se Suchow caísse, a grande aglomeração industrial da Wuchang e Hankow (hoje Wuhan) ficaria vulnerável. Como na Guerra Civil Russa, as linhas férreas chinesas eram de imensa importância para o deslocamento e o suprimento dos exércitos. Chiang Kai-shek, que há muito tempo sabia que Suchow seria um objetivo importante na invasão japonesa, reuniu 400 mil soldados na região, uma mescla das divisões nacionalistas e as dos senhores da guerra aliados.

O generalíssimo estava ciente da importância das batalhas futuras. O conflito na China havia atraído muitos jornalistas estrangeiros e era visto como a contraparte da Guerra Civil Espanhola. Alguns escritores, fotógrafos e cineastas que haviam estado na Espanha — como Robert Capa, Joris Evens, W. H. Auden e Christopher Isherwood — chegaram para testemunhar e registrar a resistência chinesa ao massacre japonês. A futura defesa de Wuchang foi comparada à defesa republicana de Madri contra o Exército da África de Franco, no outono de 1936. Os médicos que haviam tratado os feridos republicanos espanhóis logo começaram a chegar para ajudar as forças nacionalistas e os comunistas chineses. O mais notável era o cirurgião canadense dr. Norman Bethune, que morreu na China com o sangue envenenado.

Stalin também enxergou certos paralelos com a Guerra Civil Espanhola, mas Chiang foi iludido por seu representante em Moscou, demasiado otimista na crença de que a União Soviética entraria na guerra contra o Japão. Enquanto a luta prosseguia, Chiang abriu negociações indiretas com os japoneses por intermédio do embaixador alemão, em parte como uma aposta para forçar a mão com Stalin, mas os termos eram demasiado duros. Supostamente bem informado por um de seus agentes, Stalin sabia que os nacionalistas não iriam aceitá-los.

Em fevereiro, as divisões japonesas do II Exército que vinham do norte cruzaram o rio Amarelo e cercaram as formações chinesas. No final de março, os japoneses entraram na cidade de Suchow, onde um embate furioso durou vários dias. Os chineses tinham poucas armas para enfrentar os tanques japoneses, mas o armamento soviético havia começado a chegar, e os contra-ataques ocorreram a 60 quilômetros ao leste de Taierchuang, onde os nacionalistas afirmaram ter obtido uma grande vitória. Os japoneses trouxeram reforços do Japão e da Manchúria. Em 17 de maio, pensaram ter emboscado o grosso das divisões

chinesas, mas, dividindo-se em pequenos grupos, 200 mil soldados nacionalistas escaparam do cerco. Por fim, Suchow foi perdida em 21 de maio e foram feitos 30 mil prisioneiros.²⁵

Em julho, ocorreu o primeiro grande enfrentamento na fronteira entre os japoneses e o Exército Vermelho, perto do lago Khasan. Mais uma vez os nacionalistas esperavam que a União Soviética entrasse na guerra, mas as suas expectativas foram frustradas. Tacitamente, Stalin reconheceu o controle japonês sobre a Manchúria. Com as evidentes intenções de Hitler na Tchecoslováquia, o líder soviético se preocupava intensamente com a ameaça alemã no oeste. No entanto, Stalin começou a enviar conselheiros militares aos nacionalistas. O primeiro havia chegado em junho, pouco antes da partida do general Von Falkenhausen e sua equipe, chamados de volta à Alemanha por Göring.

Por fim, os japoneses planejaram atacar Wuchang e Hankow, como Chiang temia. Também decidiram criar um governo chinês fantoche. Para retardar o avanço inimigo, Chiang Kai-shek ordenou a ruptura dos diques do rio Amarelo ou, segundo o alto-comando, “Usar a água como um substituto dos soldados”.²⁶ Esta política de terra alagada atrasou os japoneses em cinco meses, mas a destruição e as mortes civis provocadas em 70 mil quilômetros quadrados foram terríveis. Não havia terras altas onde as pessoas pudessem se abrigar. Os números oficiais das mortes causadas por afogamento, fome e doenças chegaram a 800 mil, e mais de 6 milhões de pessoas ficaram desabrigadas.

Quando por fim o solo ficou suficientemente seco para suportar as viaturas, os japoneses voltaram a avançar sobre Wuchang e Hankow, com as forças da Marinha Imperial operando no Yangtzé e o XI Exército nas margens norte e sul. O Yangtzé tornou-se uma linha vital de suprimentos para as suas forças, imune aos ataques guerrilheiros.

Os nacionalistas até então haviam recebido uns 500 aviões soviéticos e 150 pilotos “voluntários” do Exército Vermelho,²⁷ mas, como serviam por um período de apenas três meses, partiam assim que adquiriam experiência. Entre 150 e 200 serviam em cada rodízio, e um total de 2 mil pilotos voaram na China. Eles montaram uma emboscada bem-sucedida em 29 de abril de 1938, ao previrem, corretamente, que os japoneses lançariam um grande ataque em Wuchang pelo aniversário do imperador Hiroito, mas de modo geral os pilotos da Marinha Imperial japonesa impunham a sua superioridade no centro e no sul da China. Os pilotos chineses, embora usassem aeronaves inadequadas, tendiam a fazer ataques espetaculares aos navios de guerra, o que resultava em sua própria destruição.

Em julho, os japoneses bombardearam o porto fluvial de Kiukiang, quase certamente com o uso de armas químicas que chamavam eufemisticamente de

“fumaça especial”. Em 26 de julho, quando a cidade caiu, o Destacamento Namita perpetrou outro massacre terrível de civis. Sob o calor intenso, o XI Exército diminuiu o ritmo da progressão, devido à forte resistência das forças chinesas e ao grande número de soldados japoneses que sucumbiam à malária e ao cólera. Isto deu tempo aos chineses de dismantelar fábricas e embarcá-las pelo Yangtzé até Chungking. Em 21 de outubro, o XXI Exército japonês capturou o grande porto de Cantão, na costa sul, em uma operação anfíbia. Quatro dias depois, a 6ª Divisão do XI Exército entrou em Wuchang enquanto as forças chinesas se retiravam.

Chiang Kai-shek esbravejou contra as deficiências do trabalho de Estado-Maior, de ligação, inteligência e comunicações. Os quartéis-generais divisionários tentavam evitar ordens de ataque dos comandantes em chefe. Nunca havia uma defesa em profundidade, mas uma única linha de trincheiras que podia ser rompida com facilidade, e raramente as reservas eram posicionadas no lugar certo. Contudo, o desastre seguinte foi, em grande parte, culpa do próprio Chiang.

Após a queda de Wuchang, a cidade de Changsha parecia vulnerável. Os aviões japoneses a bombardearam em 8 de novembro. No dia seguinte, Chiang ordenou que a cidade fosse preparada para ser incendiada caso os japoneses entrassem. Ele deu o exemplo dos russos, que haviam destruído Moscou em 1812. Três dias depois, espalharam-se rumores completamente infundados de que os japoneses estavam chegando, e a cidade foi incendiada nas primeiras horas de 13 de novembro. Changsha ardeu por três dias. Dois terços da cidade, inclusive celeiros repletos de arroz e grãos, foram totalmente destruídos. Morreram 20 mil pessoas, inclusive os soldados feridos, e 200 mil foram desalojadas.

Apesar das vitórias, o exército japonês foi pouco complacente. Os seus comandantes sabiam que não haviam conseguido dar um golpe definitivo. Suas linhas de suprimentos estavam estendidas demais e vulneráveis. Eles estavam cientes do apoio militar soviético aos nacionalistas, com os pilotos do Exército Vermelho disparando sobre os seus aviões. Inquietos, perguntavam-se o que Stalin estaria tramando. Em novembro, a preocupação levou-os a propor a retirada geral das suas forças para trás da Grande Muralha ao norte, desde que os nacionalistas trocassem o governo, concordassem com os direitos do Japão sobre a Manchúria, permitissem a exploração dos seus recursos e concordassem em formar uma frente unida contra os comunistas. O rival de Chiang, Wang Ching-wei, partiu para a Indochina em dezembro e fez contato com as autoridades japonesas em Xangai. Ele pensava que, como líder da facção de paz no seio do Kuomintang, seria o candidato óbvio para substituir Chiang. Mas poucos

políticos o seguiram quando ele partiu para juntar-se ao inimigo. O poderoso chamado de Chiang à redenção nacional venceu.

Depois de abandonar a estratégia do ataque de choque para obter uma vitória rápida, os japoneses agora seguiam por caminhos mais cautelosos. Com a guerra na Europa se armando, suspeitaram que logo precisariam mobilizar parte das suas amplas forças na China para outras frentes. Também acreditavam, de um modo bastante obtuso depois das atrocidades cometidas, que conseguiriam conquistar a população chinesa. Então, embora as forças nacionalistas e os civis chineses continuassem a sofrer grandes baixas — aproximadamente 20 milhões de chineses morreriam antes do final da guerra, em 1945 — os japoneses se dedicaram a operações em pequena escala, principalmente de eliminação dos grupos de guerrilha na retaguarda.

Os comunistas recrutaram grande número de civis locais para as suas milícias guerrilheiras, como o Novo Quarto Exército, ao longo do vale do Yangtzé. Muitos camponeses guerrilheiros estavam armados com pouco mais do que instrumentos agrícolas e lanças de bambu. Porém, de acordo com o plenário do Comitê Central²⁸ de outubro de 1938, a política de Mao era rígida. Eles deveriam manter a força para tomar território dos nacionalistas. Mao deixou claro que Chiang Kai-shek era o oponente decisivo, o “inimigo nº 1”.

Os ataques japoneses no interior sempre empregavam o massacre e o estupro em massa como uma arma de terror. Os soldados japoneses começavam matando os homens jovens da aldeia. “Eles os amarravam juntos e abriam as suas cabeças com as espadas.”²⁹ Depois voltavam a atenção para as mulheres. O cabo Nakamura escreveu em seu diário, em setembro de 1938, sobre a incursão a Lukuoehen, ao sul de Nanquim: “Atacamos a aldeia e vasculhamos todas as casas. Tentamos capturar as moças mais interessantes. A busca levou duas horas. Niura atirou e matou uma delas porque era virgem e feia e foi descartada por nós.”³⁰ O estupro de Nanquim e outras atrocidades locais provocaram entre o campesinato um ódio patriótico inimaginável antes da guerra, quando tinham pouca ideia do Japão e mesmo da China como nações.

A seguinte batalha importante só ocorreu em março de 1939, quando os japoneses deslocaram uma ampla força até a província de Kiangsi para atacar a capital, Nanchang. A resistência chinesa foi feroz, embora novamente os japoneses tenham usado gás venenoso. Em 27 de março, a cidade caiu após uma luta de casa em casa. Centenas de milhares de refugiados foram para o oeste, encurvados sob o peso das trouxas que levavam às costas ou empurrando carrinhos de mão com os seus pertences — roupas, ferramentas e tigelas de

arroz. Os cabelos das mulheres estavam cobertos de poeira e as mais velhas avançavam dolorosamente em virtude dos seus pés atados.

O generalíssimo ordenou um contra-ataque para retomar Nanchang. Pegou os japoneses de surpresa, e os nacionalistas defenderam a cidade até abril, mas o esforço foi demasiado. Depois de ameaçar comandantes de morte se não retomassem a cidade, Chiang Kai-shek teve de concordar com a retirada.

Pouco depois dos enfrentamentos nipo-soviéticos de maio no Khalkhin Gol, que fizeram Stalin enviar Jukov para lá como comandante, o principal assessor militar soviético junto a Chiang Kai-shek o instou a lançar uma grande contraofensiva para retomar a cidade de Wuchang. Stalin iludiu Chiang com a ideia de que estava a ponto de fazer um acordo com os britânicos, quando na verdade se preparava para um pacto com a Alemanha nazista. Chiang parou para pensar e suspeitou, corretamente, que Stalin o pressionava apenas para livrar as regiões fronteiriças russas. Os nacionalistas estavam apreensivos com a expansão dos comunistas e o crescente apoio de Stalin a Mao.³¹ Contudo, Chiang calculou que o principal objetivo de Stalin era manter o Kuomintang na guerra contra o Japão, para que pudesse resistir à invasão das forças comunistas. Isto levou a muitos enfrentamentos sangrentos, nos quais, segundo as contas dos comunistas chineses, mais de 11 mil pessoas foram mortas.

Embora Changsha tivesse sido destruída pelo incêndio trágico, os japoneses continuavam determinados a tomá-la devido à sua posição estratégica. A cidade era um alvo óbvio, pois se localizava na linha férrea entre Cantão e Wuchang, ambas ocupadas por forças japonesas. A retomada bloquearia os nacionalistas no ponto forte de Sichuan. Os japoneses lançaram o ataque em agosto, ao mesmo tempo em que seus camaradas do Exército Kwantung lutavam contra as forças do general Jukov no extremo norte.

Em 13 de setembro, enquanto as forças alemãs adentravam a Polônia, os japoneses avançaram sobre Changsha com 120 mil homens em seis divisões. Em princípio, o plano nacionalista era, mediante um lento movimento retrógrado, deixar os japoneses avançarem rapidamente para a cidade e depois contra-atacá-los inesperadamente pelos flancos. Chiang Kai-shek já havia notado a tendência japonesa de se estender demasiado. Os generais rivais, ansiosos pela glória, avançaram sem levar em conta as formações vizinhas. O programa de treinamento desde a perda de Wuchang havia surtido efeito, e a emboscada funcionou. Os chineses afirmaram ter provocado 40 mil baixas entre os japoneses.

Enquanto Jukov vencida a Batalha de Khalkhin Gol, a maior prioridade de Stalin

naquele agosto era evitar uma ampliação do conflito com o Japão enquanto negociava secretamente com a Alemanha. Contudo, o anúncio do pacto nazissoviético chocou profundamente a liderança japonesa. Eles não conseguiam acreditar que a Alemanha chegasse a um acordo com o demônio comunista. Ao mesmo tempo, naturalmente a recusa de Stalin a lutar contra os japoneses após a vitória de Jukov foi um grande golpe para os nacionalistas. O acordo de cessar-fogo nas fronteiras mongol e siberiana permitiu aos japoneses se concentrarem na luta contra os chineses sem precisar vigiar o norte soviético atrás.

Chiang Kai-shek temia que a União Soviética e o Japão fizessem um acordo secreto para solapar a China, semelhante à partição nazissoviética da Polônia de setembro. Por sua vez, Mao deu as boas-vindas a esta possibilidade, já que aumentaria enormemente o seu poder à custa dos nacionalistas. Chiang também se alarmou quando Stalin reduziu a ajuda militar aos nacionalistas. A eclosão da guerra na Europa, em setembro, significava que seria ainda mais improvável obter ajuda dos britânicos e franceses.

Para os nacionalistas, a falta de ajuda externa era cada vez mais séria, especialmente porque eles haviam perdido as suas principais bases industriais e de arrecadação de impostos. A invasão japonesa não criara apenas uma ameaça militar. As colheitas e suprimentos alimentícios haviam sido destruídos. O banditismo se alastrou ainda mais com os desertores e soldados extraviados reunidos em gangues. Dezenas de milhares de refugiados tentavam escapar para o oeste com o fim de salvar esposas e filhas da crueldade das tropas japonesas. Os aglomerados insalubres nas cidades provocaram surtos de cólera. A malária se espalhou para novas regiões com o movimento da população. E o tifo, a praga provocada por piolhos que flagelava tropas e deslocados, tornou-se endêmico. Apesar de grandes esforços para melhorar o atendimento de saúde chinês a militares e civis, os poucos médicos não podiam fazer muito para ajudar os refugiados, que sofriam com sarna, infecções cutâneas, tracoma e outros males da pobreza exacerbados pela desnutrição grave.

Ainda assim, encorajados pelo êxito em Changsha, os nacionalistas lançaram uma série de contra-ataques em uma “ofensiva de inverno” em todo o centro da China. Pretendiam cortar as linhas de suprimentos das expostas guarnições japonesas ao impedir o tráfico pelo Yangtzé e interromper as comunicações ferroviárias. Porém, assim que os ataques nacionalistas começaram, em novembro, os japoneses invadiram a província de Kwangsi, a sudoeste, com um desembarque anfíbio. Em 24 de novembro, tomaram a cidade de Nanning e ameaçaram a linha ferroviária para a Indochina francesa. As poucas tropas nacionalistas na área foram surpreendidas e recuaram rapidamente. Chiang Kai-shek enviou reforços e os combates, que duraram dois meses, foram selvagens.

Os japoneses afirmam ter matado 25 mil chineses em uma única batalha. Outras ofensivas mais ao norte tomaram regiões importantes para os nacionalistas em virtude do suprimento de grãos e do recrutamento. Eles também aumentaram o seu poder de bombardeio na China para atacar mais para dentro as áreas de retaguarda dos nacionalistas e tomar a nova capital de Chungking. Enquanto isso, os comunistas negociaram um acordo secreto com os japoneses no centro da China segundo o qual não atacariam as linhas férreas se os japoneses deixassem em paz o seu Novo Quarto Exército no campo.

A situação mundial era muito desfavorável aos nacionalistas, pois Stalin se aliara à Alemanha e alertara Chiang Kai-shek contra acordos com a Grã-Bretanha e a França. O líder soviético temia que britânicos e chineses tentassem manobrá-lo para lutar contra o Japão. Em dezembro de 1939, durante a Guerra de Inverno contra a Finlândia, os nacionalistas enfrentaram um dilema terrível quando a União Soviética foi expulsa da Liga das Nações por causa da invasão. Eles não queriam provocar Stalin, mas não podiam usar o veto para salvá-los, pois isto enfureceria as potências ocidentais. No final, o representante chinês se absteve. Isto irritou Moscou e não satisfez os britânicos nem os franceses. O envio de material bélico soviético diminuiu consideravelmente e não voltou ao nível anterior durante um ano. Para pressionar Stalin e levá-lo a reconsiderar, Chiang Kai-shek anunciou que estabeleceria conversas de paz com os japoneses.

Ainda assim, a maior esperança dos nacionalistas agora eram os Estados Unidos, que haviam começado a condenar a agressão japonesa e a reforçar as suas bases no Pacífico. O Partido Comunista Chinês de Mao estava ficando muito mais assertivo, aumentara o seu domínio nos territórios por trás das linhas japonesas e alardeava que derrotaria o Kuomintang ao final da Guerra Sino-Japonesa. Em 30 de março de 1940, os japoneses criaram em Nanquim o “governo nacional” de Wang Ching-wei, do chamado Kuomintang Reformado. Os verdadeiros nacionalistas se referiam a ele simplesmente como “o traidor criminoso”.³² Eles temiam que o seu regime fosse reconhecido não só pela Alemanha e pela Itália, os únicos aliados europeus dos japoneses, mas também por outras potências estrangeiras.

Nota:

* Um Exército em Rota foi organização militar típica durante a República Chinesa e, normalmente, enquadrava dois ou mais corpos de exército, ou diversas divisões ou brigadas independentes. Com a criação do Exército Nacional Revolucionário deu lugar ao Grupo de Exércitos (com exceção do Oitavo Exército em Rota). [N. do R. T.]

A Noruega e a Dinamarca

JANEIRO-MAIO DE 1940

Originalmente, Hitler pensou em atacar os Países Baixos e a França em novembro de 1939, assim que as divisões alemãs pudessem ser transferidas da Polônia. Acima de tudo, queria tomar os portos e aeroportos do canal da Mancha para atacar a Grã-Bretanha, que considerava o inimigo mais perigoso. Estava desesperadamente ansioso por alcançar uma vitória decisiva no oeste antes que os Estados Unidos estivessem em condições de intervir.

Os generais alemães estavam incomodados. Eles acreditavam que o tamanho do exército francês poderia levar a outro impasse, como na Primeira Guerra Mundial. A Alemanha não tinha nem combustível nem matérias-primas para uma campanha longa. Alguns também relutavam em atacar a Holanda e a Bélgica, que eram neutras, mas estes pruridos morais — como os parcos protestos contra a morte de civis poloneses pela SS — eram furiosamente descartados por Hitler. Este ficou ainda mais furioso ao saber que a Wehrmacht estava perigosamente carente de material bélico, principalmente bombas e tanques. Até a breve campanha polonesa havia esgotado os seus estoques e ressaltado a inadequação dos tanques Mark I e Mark II.¹

Hitler culpou o sistema de aquisições do exército pelo fracasso e nomeou o seu construtor-chefe, dr. Fritz Todt, para administrá-lo. Em uma decisão característica, Hitler resolveu esgotar todas as reservas de matérias-primas “sem preocupação com o futuro e à custa dos últimos anos de guerra”.² Elas seriam repostas, argumentou, assim que a Wehrmacht se apossasse das áreas de carvão e aço da Holanda, Bélgica e Luxemburgo.

Nevoeiros e cerração no final do outono de 1939 forçaram Hitler a aceitar que a Luftwaffe não poderia dar o apoio vital necessário contra o alvo na data pensada em novembro. (É tentador especular se as coisas teriam sido diferentes se ele tivesse lançado o ataque naquele momento, e não seis meses depois.) Em vez disso, encomendou planos para um ataque à Holanda em meados de janeiro

de 1940. Surpreendentemente, holandeses e belgas foram alertados a respeito pelo Ministério do Exterior em Roma. Isto ocorreu porque muitos italianos, especialmente o ministro do Exterior de Mussolini, conde Ciano, estavam nervosos e irados com a corrida alemã para a guerra em setembro. Eles temiam ser atacados primeiro no Mediterrâneo pelos britânicos. Além disso, o coronel Hans Oster, um antinazista da *Abwehr* (a inteligência militar alemã), passou a informação ao adido militar holandês em Berlim. Assim, em 10 de janeiro de 1940, um avião de ligação alemão que se perdera em uma nuvem espessa caiu em território belga. O oficial da Luftwaffe a bordo, que tinha cópia dos planos para atacar a Holanda, tentou queimar os papéis, mas soldados belgas chegaram antes que fossem destruídos.

Paradoxalmente, esta virada nos acontecimentos provaria ser muito desafortunada para os Aliados. Supondo que uma nova invasão alemã era iminente, as formações no nordeste da França para defender a Bélgica foram imediatamente deslocadas para a fronteira, denunciando o seu plano. Hitler e o OKW foram obrigados a repensar sua estratégia. O plano substituto seria o projeto brilhante do tenente-general Erich von Manstein de atacar com divisões panzer pelas Ardenas e depois avançar para o canal da Mancha pelas costas dos exércitos britânicos e franceses que avançariam para a Bélgica. Com os adiamentos, as forças aliadas que languidesciam nas fronteiras francesas tiveram um falso sentimento de segurança. Muitos soldados, e até estrategistas do Departamento da Guerra, começaram a crer que Hitler nunca teria coragem de invadir a França.

Diferentemente dos oficiais dos altos escalões do exército, o almirante Raeder estava totalmente de acordo com a estratégia agressiva de Hitler. Foi além e instou-o a incluir nos planos a invasão da Noruega, para dotar a Alemanha de um flanco naval de onde operar contra os navios britânicos. Raeder também argumentou que o porto norueguês de Narvik, ao norte, devia ser tomado para garantir o suprimento do minério de ferro sueco, tão vital para a indústria bélica alemã. Ele trouxera o líder pró-nazista norueguês, Vidkun Quisling, para se encontrar com Hitler, e Quisling ajudou a persuadir o Führer de que a ocupação alemã da Noruega era essencial. A ameaça de uma intervenção britânica e francesa na Noruega como parte do plano de apoio aos finlandeses o deixara perturbado. Caso os britânicos estabelecessem uma presença naval ao sul da Noruega, poderiam bloquear o Báltico. Himmler também tinha os olhos postos na Escandinávia, mas como campo de recrutamento para as suas formações militares da *SS-Waffen*. Contudo, as tentativas nazistas de infiltrar os países escandinavos não foi tão bem-sucedida como esperavam.

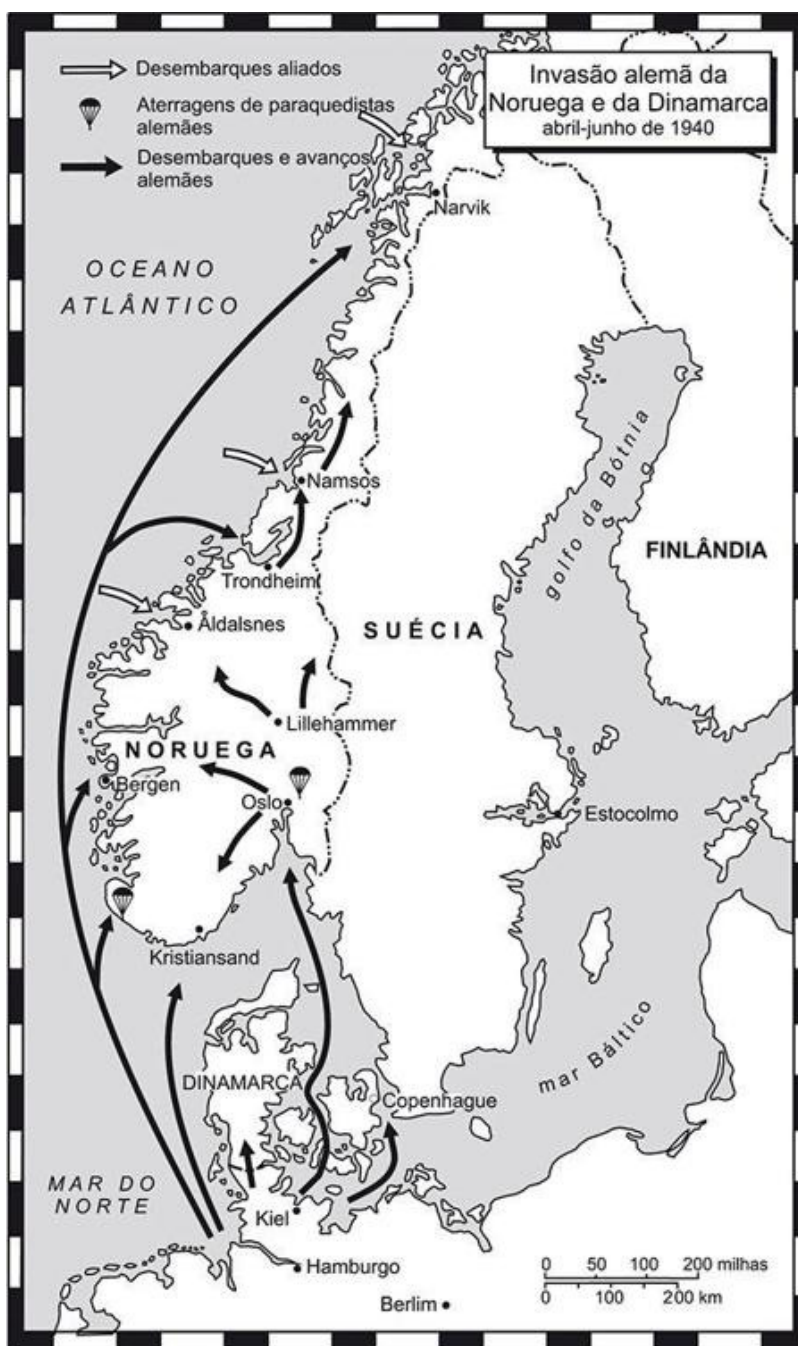
Os nazistas não sabiam que originalmente Churchill pretendia ir muito além

de simplesmente bloquear o Báltico. O belicoso primeiro lorde do Almirantado queria levar a guerra diretamente para o Báltico, enviando para lá uma esquadra de superfície, mas, para sorte da Marinha Real, a Operação Catherine foi abortada. Churchill também queria impedir o fornecimento de minério de ferro sueco à Alemanha a partir do porto de Narvik, mas Chamberlain e o Gabinete de Guerra foram firmemente contrários à violação da neutralidade norueguesa.

Churchill então correu um risco calculado. Em 16 de fevereiro, o HMS *Cossack*, um contratorpedeiro da classe Tribal, interceptou o *Altmark*, o navio que abastecia o *Graf Spee*, em águas norueguesas, e libertou alguns prisioneiros da marinha mercante que estavam a bordo. O famoso grito do grupo em uniformes azuis para os prisioneiros no porão — “A marinha está aqui!” — emocionou o público inglês, que vinha sofrendo as inconveniências da guerra, mas com pouco drama. Em resposta, a Kriegsmarine aumentou a sua presença na área. Porém, em 22 de fevereiro dois contratorpedeiros alemães foram atacados pelos bombardeiros Heinkel 111 porque a Luftwaffe não fora informada a tempo de que eles estavam na área. Os contratorpedeiros foram atingidos e se chocaram com minas. Ambos afundaram.³

Os navios de guerra alemães foram chamados aos portos, embora por outro motivo. Em 1º de março, Hitler emitiu ordens para a preparação da invasão da Dinamarca e da Noruega, operação que requeria todos os navios de superfície disponíveis. A decisão de atacar os dois países alarmou o exército alemão e a Luftwaffe. Eles acreditavam que já tinham problemas suficientemente complicados com a invasão da França. Um desvio de última hora para a Noruega poderia ser desastroso. Göring estava furioso, mas principalmente ressentido. Julgava que não tinha sido devidamente consultado.

Hitler assinou a ordem em 7 de março. Ela então pareceu adquirir maior urgência quando o reconhecimento aéreo informou que a Marinha Real estava concentrando as suas forças em Scapa Flow. Supunha-se que isso seria em preparação para o desembarque na costa norueguesa. Alguns dias depois, a notícia do pacto soviético-finlandês pondo fim ao conflito provocou sentimentos diversos entre o alto-comando alemão. Até os planejadores da Kriegsmarine, que vinham pressionando pela intervenção na Noruega, agora pensavam que não havia mais pressão, uma vez que britânicos e franceses já não tinham motivos para desembarcar na Escandinávia. Mas Hitler e outros, inclusive o almirante Raeder, pensavam que os preparativos estavam tão adiantados que a invasão deveria ser feita. A ocupação alemã também seria uma forma eficaz de pressionar a Suécia para manter o fornecimento de minério de ferro. E Hitler gostava da ideia de ter bases alemãs diante da costa leste da Grã-Bretanha, com acesso ao Atlântico norte.



A invasão simultânea da Noruega (Weserübung norte), com seis divisões, e da Dinamarca (Weserübung sul), com duas divisões e uma brigada de infantaria motorizada, foi marcada para 9 de abril. Navios de transporte escoltados pela Kriegsmarine desembarcariam as suas tropas em diversos pontos, inclusive Narvik, Trondheim e Bergen. O *Fliegerkorps* X da Luftwaffe levaria paraquedistas e unidades aerotransportadas para outros locais, especialmente Oslo. Copenhague e diversas outras cidades importantes da Dinamarca seriam atacadas por terra e ar. O OKW suspeitava que os alemães disputavam uma

corrida contra os britânicos pela Noruega, mas os germânicos na verdade estavam confortavelmente na dianteira.

Sem saber dos planos alemães, Chamberlain suspendera a força expedicionária anglo-francesa para a Noruega e a Finlândia após a assinatura do pacto soviético-finlandês. Fez isto contra o alerta do chefe do Estado-Maior imperial, general Sir Edmund Ironside. Chamberlain, que tinha horror de estender a guerra a uma Escandinávia neutra, esperava que a Alemanha e a União Soviética agora se distanciassem. Mas a inação dos Aliados e a esperança vã de que conduziriam a guerra segundo as regras da Liga das Nações não impressionavam ninguém.

Quando ainda era primeiro-ministro francês, Daladier defendera uma estratégia muito mais agressiva, desde que a luta se mantivesse fora da França. Além de querer bombardear os campos petrolíferos de Baku e do centro do Cáucaso, o que horrorizava Chamberlain, Daladier também pretendia ocupar a região mineira de Petsamo, no norte da Finlândia, perto da base naval soviética de Murmansk. Além disso, ele defendia fortemente o desembarque na costa norueguesa e o controle total do mar do Norte, para evitar que o minério de ferro sueco chegasse à Alemanha. Os britânicos, porém, suspeitavam que Daladier pretendia desviar a guerra para a Escandinávia de modo a diminuir as chances de um ataque alemão à França. Em parte, pensavam isso porque o primeiro-ministro francês se opusera obstinadamente ao plano britânico de bloquear o tráfego no Reno com o emprego de minas. De qualquer modo, Daladier foi forçado a renunciar como primeiro-ministro no dia 20 de março. Paul Reynaud assumiu e, na troca, Daladier tornou-se ministro da Guerra.

O regateio dos Aliados sobre as operações desperdiçou um tempo precioso. Daladier forçou Reynaud a continuar se opondo ao lançamento de minas no Reno. Os britânicos concordaram com o plano francês de minar as águas de Narvik, o que foi feito em 8 de abril. Churchill queria uma força pronta para desembarcar, pois estava certo de que os alemães reagiriam, mas Chamberlain permaneceu cauteloso demais.

Sem o conhecimento dos britânicos, em 7 de abril uma grande força naval alemã com infantaria a bordo já havia zarpado de Wilhelmshaven para Trondheim e Narvik, ao norte da Noruega. Os cruzadores *Gneisenau* e *Scharnhorst* partiram acompanhados do cruzador *Admiral Hipper* e de catorze contratorpedeiros. Outros quatro grupos rumaram para portos ao sul da Noruega.

Um avião inglês avistou a principal força-tarefa sob o comando do vice-almirante Günther Lütjens. Bombardeiros da RAF lançaram um ataque, mas não conseguiram acertar um só alvo. A Esquadra de Águas Territoriais (*Home Fleet*) britânica, comandada pelo almirante Sir Charles Forbes, zarpou de Scapa Flow,

mas estava muito atrasada. A única força naval em posição de interceptar era o cruzador HMS *Renown* e os contratorpedeiros que o escoltavam em apoio às operações de minagem, na costa de Narvik. Um deles, o HMS *Glowworm*, avistou um contratorpedeiro alemão e perseguiu-o, mas Lütjens enviou o *Hipper*, que pôs a pique o *Glowworm* quando este tentava abalroá-lo.

A Marinha Real, determinada a concentrar suas forças para uma batalha naval importante, ordenou o desembarque de tropas de outros navios prontos para zarpar para Narvik e Trondheim. No entanto, a Home Fleet não estava tendo muito êxito em interceptar a principal força-tarefa alemã. Isto deu tempo a Lütjens de enviar seus contratorpedeiros a Narvik, mas o esquadrão de batalha avistou o *Renown* na madrugada de 9 de abril. Este, com uma pontaria impressionantemente precisa em alto-mar, atingiu o *Gneisenau* e danificou o *Scharnhorst*, forçando Lütjens a recuar enquanto os navios passavam por reparos de emergência.

Depois de afundar dois pequenos navios de guerra noruegueses, os contratorpedeiros alemães desembarcaram as suas tropas e invadiram Narvik. Também em 9 de abril, o *Hipper* e seus contratorpedeiros desembarcaram tropas em Trondheim e outra força entrou em Bergen. Stavanger também foi tomada por paraquedistas e dois batalhões de infantaria aerotransportados. Oslo foi uma tarefa muito mais difícil, embora a Kriegsmarine tivesse enviado o novo contratorpedeiro *Blücher* e o encouraçado de bolso *Lützow* (o antigo *Deutschland*). As baterias de costa e os torpedos noruegueses afundaram o *Blücher*; ao sofrer estragos, o *Lützow* teve de recuar.

Na manhã seguinte, em Narvik, cinco contratorpedeiros britânicos conseguiram entrar nos fiordes sem serem avistados. Uma nevasca forte os manteve ocultos dos *U-boats* que vigiavam junto à costa. Como resultado, surpreenderam cinco contratorpedeiros alemães que reabasteciam. Afundaram dois deles, mas logo foram atacados dos fiordes laterais por outros contratorpedeiros alemães. Dois contratorpedeiros da Marinha Real foram a pique e um terceiro ficou muito danificado. Incapazes de zarpar, os navios sobreviventes tiveram de esperar até 13 de abril, quando o encouraçado HMS *Warspite* e nove contratorpedeiros vieram resgatá-los e deram cabo de todos os navios alemães que restavam.

Em outras ações na costa, dois contratorpedeiros alemães, o *Königsberg* e o *Karlsruhe*, foram afundados, o primeiro por bombas lançadas pelos Skuas decolados de porta-aviões e o último torpedeado por um submarino. O *Lützow* ficou tão danificado que teve de ser rebocado até Kiel. Mas os êxitos parciais da Marinha Real não impediram o transporte de mais de 100 mil soldados alemães para a Noruega naquele mês.

A ocupação da Dinamarca foi ainda mais fácil para os alemães. Eles conseguiram desembarcar tropas em Copenhague antes que as baterias de costa fossem alertadas. O governo dinamarquês se viu obrigado a aceitar os termos ditados por Berlim. Os noruegueses, contudo, repeliram quaisquer noções de “ocupação pacífica”.⁴ O rei retirou-se de Oslo com o governo e ordenou a mobilização. Embora as forças alemãs tivessem tomado muitas bases, ficaram isoladas enquanto não chegavam grandes reforços.

Devido à decisão da Marinha Real de desembarcar tropas em 9 de abril, as primeiras tropas dos Aliados só zarparam dois dias depois. A situação não melhorou com um Churchill impaciente que mudava de ideia e interferia constantemente nas decisões operacionais, para irritação do general Ironside e da Marinha Real. Enquanto isso, com grande bravura, as tropas norueguesas atacavam a 3ª Divisão de Montanha alemã. No entanto, com as forças alemãs já estabelecidas em Narvik e Trondheim, os desembarques britânico e francês tinham de ser feitos pelos flancos. Um ataque direto aos portos era considerado perigoso demais. Só em 28 de abril tropas britânicas e dois batalhões da Legião Estrangeira francesa começaram a desembarcar, reforçados por uma brigada polonesa. Capturaram Narvik e conseguiram destruir o porto, mas a supremacia aérea da Luftwaffe foi a certeza de que a operação dos Aliados estava fadada ao fracasso. No mês seguinte, o ataque alemão aos Países Baixos e à França forçaria a evacuação das tropas aliadas do flanco norte e, deste modo, a rendição das tropas norueguesas.

A família real e o governo rumaram para a Inglaterra para dar prosseguimento à guerra. A obsessão de Raeder com a Noruega, com a qual contagiara Hitler, terminou, contudo, sendo uma espécie de bênção mista para a Alemanha nazista. O exército continuou a reclamar, durante toda a guerra, que a ocupação da Noruega havia lá fixado tropas demais, as quais teriam sido muito mais úteis em outras frentes. Do ponto de vista dos Aliados, a campanha norueguesa foi muito mais desastrosa. Embora a Marinha Real tivesse conseguido afundar a metade dos contratorpedeiros da Kriegsmarine, a operação combinada foi o pior exemplo de cooperação interforças. Muitos oficiais de altas patentes também desconfiavam que o entusiasmo equivocado de Churchill pela operação fora influenciado pelo desejo secreto de apagar a lembrança da sua malfadada expedição aos Dardanelos na Primeira Guerra Mundial. Como ele admitiu em privado mais tarde, a responsabilidade pela debacle na Noruega foi muito mais sua do que de Neville Chamberlain. No entanto, com a cruel ironia da política, o revés terminou levando-o a substituir Chamberlain como primeiro-ministro.

Ao longo da fronteira francesa, a guerra de mentira, *drôle de guerre* ou *Sitzkrieg* como a chamavam os alemães, durou muito mais do que Hitler planejava. Ele desprezava o exército francês e estava certo de que a resistência holandesa entraria imediatamente em colapso. Tudo o que ele precisava era o plano certo para substituir aquele que os Aliados haviam repassado aos belgas.

Os oficiais mais antigos do exército não gostavam do projeto audacioso do general Von Manstein. Mas quando, finalmente, teve acesso a Hitler, o general argumentou que uma invasão alemã da Holanda e Bélgica faria as forças britânicas e francesas avançarem pela fronteira franco-belga.⁵ Elas seriam então eliminadas por um ataque pelas Ardenas e o rio Meuse, em direção a Boulogne e ao estuário do Somme. Hitler se agarrou ao plano, pois precisava de um golpe fulminante. Caracteristicamente, mais tarde afirmou que a sua ideia sempre fora aquela.

A Força Expedicionária Britânica (BEF, na sigla em inglês), com quatro divisões, havia se posicionado ao longo da fronteira belga em outubro. Em maio de 1940, aumentara para uma divisão blindada e dez de infantaria, sob o comando do general lorde Gort VC. Apesar do tamanho considerável do seu efetivo, Gort recebia ordens do comandante francês no nordeste, general Alphonse Georges, e do estranhamente reservado comandante em chefe francês, general Maurice Gamelin. Não havia um comando aliado conjunto, como na Primeira Guerra Mundial.

O maior problema que Gort e Georges enfrentavam era a recusa obstinada do governo de Bruxelas de pôr em xeque a neutralidade do país, mesmo sabendo que os alemães planejavam atacar. Gort e as formações francesas vizinhas tiveram então de esperar o ataque alemão para avançar. Os holandeses, que haviam conseguido se manter neutros na Primeira Guerra Mundial, estavam ainda mais determinados a não provocar os alemães com planos conjuntos com os franceses ou os belgas. Mas o país ainda esperava que, quando a luta começasse, as forças aliadas viriam em apoio do seu exército pequeno e mal equipado. O Grão-Ducado de Luxemburgo, apesar de favorável aos Aliados, sabia que não podia fazer nada além de fechar as fronteiras e advertir os invasores alemães de que estavam violando a sua neutralidade.

Havia outro erro fatal no planejamento francês. A Linha Maginot se estendia apenas da fronteira suíça até o ponto mais ao sul da fronteira belga, sem proteger o lado belga das Ardenas. Os franceses e os britânicos não imaginavam que os alemães tentariam avançar por aquela região de floresta densa. Os belgas avisaram aos franceses que aquilo era perigoso, mas o presunçoso Gamelin descartou a possibilidade. Reynaud, que chamava Gamelin de “um filósofo, um homem sem garra”,⁶ queria substituí-lo, mas Daladier, como ministro da Guerra,

insistia em mantê-lo. A paralisia nas decisões estendia-se até o topo.

Mal dava para disfarçar a falta de apoio da França para a guerra. As alegações alemãs de que a Inglaterra forçara os franceses a entrarem na guerra e os teria abandonado diante da intensidade da luta foram definitivamente corrosivas. Até o Estado-Maior geral, liderado pelo general Gamelin, demonstrava pouco entusiasmo. O gesto totalmente inapropriado de um avanço limitado perto de Saarbrücken, em setembro, fora quase um insulto aos poloneses.

A mentalidade defensiva francesa afetava a sua organização militar. A maioria das unidades blindadas, embora não fossem tecnicamente inferiores aos panzers alemães, eram insuficientemente treinadas. Além das três divisões mecanizadas — uma quarta foi constituída apressadamente sob o comando do coronel Charles de Gaulle —, os tanques franceses foram distribuídos para as formações de infantaria. As forças francesas e britânicas tinham poucos canhões anticarro — o de 2-libras foi apelidado de “atirador de ervilhas” — e as radiocomunicações eram, para dizer o mínimo, primitivas. Em uma guerra de movimento, os telefones de campanha e as linhas terrestres seriam de pouca utilidade.

A força aérea francesa ainda estava em estado lamentável. O general Vuillemin havia escrito a Daladier durante a crise na Tchecoslováquia, em 1938, para alertá-lo de que a Luftwaffe destruiria rapidamente os seus esquadrões. Desde então, os aperfeiçoamentos haviam sido pontuais. Portanto, os franceses esperavam que a RAF se encarregasse da maior parte do trabalho, mas o marechal do ar Sir Hugh Dowding, chefe do Comando de Caças, opunha-se fortemente a enviar aeronaves à França. O principal papel do seu comando era a defesa da Grã-Bretanha e, de qualquer modo, os aeródromos franceses não contavam com uma proteção antiaérea eficaz. Além disso, nem a RAF nem a força aérea francesa haviam treinado para o apoio aproximado às forças terrestres. Os Aliados não haviam aprendido esta e outras lições na campanha polonesa, tais como a habilidade da Luftwaffe em agressivos ataques preventivos contra campos de aviação, e a capacidade do exército alemão com ataques blindados súbitos para desorientar os defensores.

Após diversas protelações, em parte em virtude da campanha norueguesa e, em parte, nos dias anteriores, de previsões meteorológicas desfavoráveis, a invasão alemã no oeste foi finalmente definida. Sexta-feira, dia 10 de maio, seria o “Dia X”. Com a usual falta de modéstia, Hitler previu “a maior vitória na história mundial”.⁷

6

Ataque ao Oeste

MAIO DE 1940

A quinta-feira, 9 de maio de 1940, foi um dia bonito de primavera na maior parte do norte da Europa. Um correspondente de guerra comentou que os soldados belgas haviam semeado amores-perfeitos ao redor das casernas.¹ Houve rumores de ataques alemães e informes sobre pontes flutuantes sendo montadas junto à fronteira, mas em Bruxelas não fizeram caso deles. Muitos pareciam pensar que Hitler estava a ponto de atacar ao sul dos Bálcãs, e não ao oeste. De qualquer modo, poucos imaginavam que invadiria quatro países — Holanda, Bélgica, Luxemburgo e França — de uma vez só.

Em Paris, a vida prosseguia normalmente.² A capital nunca parecera tão bela. As castanheiras estavam repletas de folhas. Os cafés, lotados. Sem ironia aparente, “*J’attendrai*” ainda era a música do momento. Os cavalos continuavam a correr em Auteuil, e as mulheres elegantes se aglomeravam no Ritz. O mais surpreendente era a quantidade de oficiais e soldados nas ruas. O general Gamelin acabara de restabelecer a permissão para as licenças. Em uma coincidência curiosa, Paul Reynaud, o primeiro-ministro, havia apresentado a sua renúncia naquela manhã ao presidente Albert Lebrun, porque mais uma vez Daladier se recusara a demitir o comandante em chefe.

Na Grã-Bretanha, a BBC anunciara que na noite anterior, após um debate sobre o fiasco na Noruega na Câmara dos Comuns, 33 membros do Partido Conservador haviam votado contra o governo de Chamberlain. O discurso de Leo Amery atacando Chamberlain foi fatal para o primeiro-ministro. Ele terminou seu pronunciamento com a dispensa do Longo Parlamento por Cromwell, em 1653: “Partam, digo, acabemos com vocês. Em nome de Deus, partam!” em meio a cenas tumultuadas com coros de “Vá! Vá! Vá!”, um Chamberlain compungido deixou a Câmara tentando ocultar suas emoções.

Naquele dia de sol, os políticos em Westminster e os clubes de St. James discutiram o próximo passo em meios-tons ou em tons exaltados. Quem

sucederia Chamberlain? Para a maioria dos conservadores, Edward Halifax era a escolha natural. Muitos ainda consideravam Churchill um dissidente perigoso e até inescrupuloso. Porém, Chamberlain tentou manter-se no poder. Procurou o Partido Trabalhista e sugeriu uma coalizão, mas ouviu que eles não estavam preparados para servir sob a sua liderança. Naquela noite, foi forçado a encarar o fato de que devia renunciar. Assim, a Grã-Bretanha se viu em um limbo político às vésperas da grande ofensiva alemã no oeste.

Em Berlim, Hitler ditou a sua proclamação do dia seguinte para os exércitos da Frente do Ocidente. “A batalha que hoje se inicia decidirá o destino da nação alemã pelos próximos mil anos”,³ concluía. À medida que chegava o momento, o Führer ficava cada vez mais otimista, principalmente depois do êxito da campanha norueguesa. Previu que a França se renderia em seis semanas. O audacioso ataque com planadores à principal fortaleza belga de Eben-Amael, perto da fronteira holandesa, o deixara muito animado. O seu trem especial, o *Amerika*, partiu naquela manhã para levá-lo ao novo quartel-general do Führer, designado *Felsennest* (ou ninho do despenhadeiro), nas montanhas cobertas de bosques do Eifel, junto às Ardenas. Às 21 horas, a palavra-código Danzig foi enviada a todos os grupos do exército. As previsões meteorológicas diziam que no dia seguinte haveria visibilidade perfeita para a Luftwaffe. O sigilo fora mantido de modo tão cauteloso que, após todas as protelações do dia do ataque, alguns oficiais estavam longe dos seus regimentos quando a ordem de deslocamento chegou.

No norte, nos dois lados do Reno, o XVIII Exército alemão estava pronto para adentrar a Holanda em direção a Amsterdã e Roterdã. Uma terceira força se dirigiria ao norte de Tilburg e Breda, em direção ao mar. Logo ao sul estava o VI Exército do general Walther von Reichenau. Ele tinha como objetivos a Antuérpia e Bruxelas. O Grupo A de Exércitos, do general Von Rundstedt, com um total de 44 divisões, reunia a maior parte das forças panzer. O IV Exército do general Günther von Kluge invadiria a Bélgica em direção a Charleroi e Dinant. A investida destes exércitos nos Países Baixos a partir do leste faria as forças britânicas e francesas correrem para o norte e se unirem aos belgas e aos holandeses. Neste ponto, o plano *Sichelschnitt* de Manstein, ou golpe de foice, entraria em operação. O XII Exército do general Wilhelm List avançaria pelo norte de Luxemburgo e as Ardenas belgas para cruzar o rio Meuse, ao sul de Givet e perto de Sedan, cena do grande desastre da França em 1870.

Uma vez cruzado o Meuse, o grupo panzer comandado pelo general de cavalaria Ewald von Kleist rumaria para Amiens, Abbeville e o estuário do Somme, no canal da Mancha. Isto bloquearia a ação da BEF, a Força Expedicionária Britânica, e os VII, I e IX Exércitos franceses. Enquanto isso, o

XVI Exército alemão avançaria pelo sul de Luxemburgo para proteger o flanco esquerdo exposto de Kleist. O Grupo C de Exércitos, do general Ritter von Leeb, com outros dois exércitos, faria pressão sobre a Linha Maginot no sul, de modo que os franceses se sentissem incapazes de enviar forças ao norte para resgatar os seus exércitos emboscados em Flandres.

O golpe de esquerda do *Sichelschnitt* de Manstein era, portanto, o reverso da versão do golpe de direita do plano *Schlieffen*, tentado em 1914, que os franceses agora esperavam que eles executassem novamente. O almirante Wilhelm Canaris, da *Abwehr*, criou uma campanha de contrainformação muito eficiente, espalhando rumores na Bélgica e em outras partes de que era exatamente isso o que os alemães planejavam. Manstein estava confiante de que Gamelin enviaria o grosso das suas forças à Bélgica, pois eles haviam se deslocado imediatamente para a fronteira após a captura dos documentos com a queda do avião. (Muitos oficiais aliados antigos mais tarde pensaram que a queda do avião fora um estratagema alemão, mas na verdade fora um acidente genuíno, como confirma a fúria de Hitler à época.) De qualquer modo, o plano de Manstein para atrair os Aliados para a Bélgica jogava com outra preocupação francesa. Como a maioria dos seus compatriotas, o general Gamelin preferia lutar em território belga do que na Flandres francesa, que havia sido tão destruída na Primeira Guerra Mundial.

Hitler estava ansioso por uma participação à parte das tropas aerotransportadas e de operações especiais. Ele havia convocado o tenente-general Kurt Student à Chancelaria do Reich em outubro e lhe ordenara que preparasse grupos para tomar a fortaleza de Eben-Emael e pontes cruciais no canal Albert usando grupos de assalto em planadores. Os comandos de Brandemburgo, em uniformes holandeses, garantiriam as pontes, enquanto outros, disfarçados de turistas, se infiltrariam em Luxemburgo pouco antes do início da ofensiva. Mas o principal golpe aéreo consistiria em um assalto a três aeródromos em torno de Haia, com unidades da 7ª Divisão de Paraquedistas e da 22ª Divisão *Luftlande*, sob o comando do major-general Hans Graf von Sponeck. O objetivo era tomar a capital holandesa e fazer prisioneiros o governo e os membros da família real.

Os alemães haviam produzido muito “ruído” para despistar: fizeram circular rumores sobre uma concentração na Holanda e na Bélgica, ataques à Linha Maginot e até a sugestão de que poderiam desbordar o flanco sul, violando a neutralidade suíça. Gamelin estava certo de que o ataque alemão à Holanda e à Bélgica seria o ataque principal. Ele não prestou atenção à área diante das Ardenas, convencido de que as colinas cobertas de bosques eram “intransponíveis”. As estradas e caminhos na floresta eram suficientemente

largos para os tanques alemães, ao passo que a cobertura de bétulas, abetos e carvalhos oferecia a camuflagem perfeita para o grupo panzer de Kleist.

O especialista em reconhecimento aerofotográfico do quartel-general do general Von Rundstedt garantiu-lhe que as posições defensivas francesas no Meuse estavam longe de completas. À diferença da Luftwaffe, que fazia constantes voos de fotorreconhecimento sobre as linhas aliadas, a força aérea francesa recusava-se a enviar aeronaves sobre o território alemão. Contudo, a inteligência militar de Gamelin — o *Deuxième Bureau* — possuía um panorama assombrosamente preciso da ordem de batalha alemã. Eles haviam localizado o grosso das divisões panzer no Eifel pouco depois das Ardenas e também haviam descoberto que os alemães estavam interessados nas rotas de Sedan a Abbeville. Alertado pelo efficientíssimo serviço de inteligência suíço, em 30 de abril o adido militar francês em Berna avisou o quartel-general de Gamelin que os alemães atacariam entre 8 e 10 de maio, e que Sedan seria o “eixo principal” do ataque.⁴

Gamelin e outros comandantes dos altos escalões franceses, apesar de tudo, permaneciam em um estado de negação a respeito da ameaça. “A França não é a Polônia”, era a sua atitude. O general Charles Huntzinger,⁵ cujo II Exército era responsável pelo setor de Sedan, comandava apenas três divisões de terceira categoria naquela parte do front. Ele sabia quão despreparados e desanimados estavam seus recrutas para o combate. Huntzinger implorou a Gamelin por mais quatro divisões porque suas defesas não estavam prontas, mas Gamelin recusou. Alguns relatos, entretanto, acusam Huntzinger de negligência e afirmam que o general André Corap, comandante do vizinho IX Exército, mostrou-se mais atento à ameaça. De qualquer maneira, os pontos fortes em concreto, que dominavam o rio Meuse, construídos por empreiteiras contratadas, não possuíam nem brechas na direção correta. Os campos de minas e os emaranhados de arame farpado eram totalmente inadequados. E as sugestões de que árvores fossem abatidas transversalmente às trilhas da floresta na margem leste foram descartadas porque a cavalaria francesa poderia querer avançar.

Nas primeiras horas de sexta-feira, 10 de maio, notícias sobre o ataque iminente chegaram a Bruxelas. Os telefones começaram a tocar por toda a cidade. A polícia ia de hotel em hotel avisando os porteiros para que despertassem os militares que estivessem hospedados. Os oficiais, ainda vestindo os uniformes, correram em busca de táxis para juntar-se aos seus regimentos ou quartéis-generais. Quando o dia nasceu, a Luftwaffe apareceu. Bombardeiros biplanos belgas decolaram para interceptá-los, mas seus motores antiquados não foram páreo. Os civis da cidade acordaram ao som da artilharia antiaérea.

evitara uma reputação antirrepublicana.

Reconhecido como um jovem oficial brilhante de Estado-Maior por ter planejado a Batalha do Marne, em 1914, Gamelin era agora um homem pequeno e melindroso de 68 anos de calças imaculadamente cortadas. Muitos comentavam sobre o seu aperto de mão, surpreendentemente frouxo. Ele desfrutava de uma atmosfera suave com os seus oficiais favoritos de Estado-Maior, que, por compartilharem os seus interesses intelectuais, discutiam arte, filosofia e literatura como se atuassem em uma peça francesa intelectualizada e desligada do mundo real. Como Gamelin não acreditava nas radiocomunicações e não as possuía, as ordens de marcha para o combate até a Bélgica foram passadas por telefone. Naquela manhã, o comandante em chefe francês estava confiante de que os alemães estavam em suas mãos. Um oficial do gabinete o ouviu entoar para si uma canção marcial enquanto ia e vinha pelos corredores.

As notícias do ataque também chegaram a Londres. Um ministro do Gabinete foi procurar Winston Churchill no Almirantado às 6 horas e o encontrou comendo ovos com bacon e fumando um charuto. Churchill estava à espera do resultado das deliberações de Chamberlain. Este, como o rei e muitos líderes conservadores, queriam que lorde Halifax o sucedesse em caso de renúncia. Mas Halifax, que tinha um profundo respeito ao serviço público, pensava que Churchill seria um líder melhor e rejeitou o cargo. Este também havia enfatizado que, como membro da Câmara dos Lordes, Halifax, na realidade, não poderia ter assento na Câmara dos Comuns e, sem ela, seria impossível governar. Na Grã-Bretanha da época, o drama da mudança política sobrepujava os acontecimentos muito mais graves do outro lado do canal.

O plano de Gamelin era que o VII Exército do general Henri Giraud, à extrema esquerda, avançasse rapidamente pela costa até a Antuérpia e se reunisse ao exército holandês ao redor de Breda. Este acréscimo no avanço pelos Países Baixos seria um elemento importante no desastre que se seguiria, porque o VII Exército era a sua única reserva no nordeste da França. Os holandeses esperavam mais apoio, mas isso era demasiado otimista depois de se recusarem a coordenar os planos e dada a distância a ser coberta a partir da fronteira francesa.

Segundo o chamado Plano D de Gamelin, uma força belga de 22 divisões defenderia o rio Dyle da Antuérpia a Louvain. A BEF de Gort, com nove divisões de infantaria e uma divisão blindada, se reuniria à sua direita e defenderia o Dyle ao leste de Bruxelas, de Louvain a Wavre. No flanco sul da BEF, o I Exército francês do general Georges Blanchard cobriria a lacuna entre Wavre e Namur, enquanto o IX Exército do general Corap se disporia ao longo

do rio Meuse ao sul da Namur e a oeste de Sedan. Os alemães estavam cientes de cada detalhe, pois haviam quebrado facilmente o código francês.⁶

Gamelin supôs que as tropas belgas que defendiam o canal Albert, da Antuérpia a Maastricht, seriam capazes de deter os alemães por tempo suficiente para que os Aliados avançassem até o que imaginavam que fossem posições previamente preparadas. No papel, o plano Dyle parecia ser um acordo satisfatório, mas falhou completamente em prever a velocidade, a crueldade e o ardil das operações combinadas da Wehrmacht. As lições da campanha polonesa simplesmente não haviam sido aprendidas.

Mais uma vez, a Luftwaffe lançou ataques preventivos na madrugada contra aeródromos na Holanda, Bélgica e França. Os Messerschmitts conseguiram atingir aviões franceses alinhados convenientemente no solo. Os pilotos poloneses se horrorizaram com a “*insouciance* francesa”⁷ e a falta de entusiasmo para enfrentar o inimigo. Esquadrões da RAF decolavam apressadamente quando ordenado, mas uma vez no ar não sabiam bem aonde ir. Sem radares eficazes, o controle em terra não ajudava muito. Mesmo assim, naquele primeiro dia os Hurricanes da RAF conseguiram derrubar mais de trinta bombardeiros alemães, mas não tiveram de combater a escolta de caças daqueles bombardeiros, e a Luftwaffe não cometeria este erro novamente.

Os pilotos mais corajosos foram os que voaram nos obsoletos bombardeiros leves Fairey Battle, enviados para atacar uma coluna alemã que avançava por Luxemburgo. Lentos e com artilharia inadequada, estavam perigosamente vulneráveis aos bombardeiros inimigos e à artilharia terrestre. De um total de 38, treze foram derrubados e todos os demais foram danificados. Naquele dia, 56 aviões franceses foram destruídos de um total de 879, e a RAF perdeu 49 de um total de 384. A força aérea holandesa perdeu a metade da força em uma manhã. A Luftwaffe perdeu 126 máquinas, das quais a maioria era de aviões de transporte Junker 52.⁸

O maior esforço da Luftwaffe se concentrou contra a Holanda, na esperança de tirar o país da luta rapidamente, mas também para reforçar a ilusão de que o ataque principal viria do norte. Isto era parte do que o analista militar Basil Liddell Hart mais tarde denominou tática da “capa do matador”, de atrair as forças móveis de Gamelin para a armadilha.

Em um novo combate, os aviões de transporte Junker 52, escoltados por Messerschmitts, começaram a despejar as tropas paraquedistas. Contudo, o objetivo principal, tomar Haia com unidades da 7ª Divisão *Fallschmjäger* e da 22ª Divisão *Luftlande*, foi um fracasso custoso. Muitos daqueles lentos aviões de transporte foram derrubados a caminho do alvo e menos da metade da força aterrou nos três aeródromos em torno da capital holandesa. As unidades

holandesas se defenderam, infligindo muitas perdas entre os paraquedistas, enquanto a família real e o governo escapavam. Outros destacamentos das mesmas duas divisões conseguiram tomar o campo de aviação de Waalhaven, perto de Roterdã, além de pontes importantes. Mas ao leste as tropas holandesas reagiram rapidamente e explodiram as pontes à volta de Maastricht antes que os comandos alemães, vestindo uniformes holandeses, pudessem tomá-las.

Em Felsennet, Hitler supostamente chorou de alegria ao saber que os Aliados começavam a marchar em direção à armadilha belga. Também ficou entusiasmado ao saber que o grupo de paraquedistas em planadores conseguira pousar exatamente nas inclinações suaves da fortaleza Eban-Emael, na confluência do Meuse e do canal Albert. Eles encurralaram uma grande guarnição até a chegada do VI Exército, na noite seguinte. Outros destacamentos de paraquedistas tomaram pontes no canal Albert e os alemães rapidamente romperam as primeiras linhas principais de defesa. Embora a principal operação aérea contra Haia tivesse fracassado, a chegada dos paraquedistas bem no centro da Holanda provocou pânico e confusão. Isso levou à circulação de rumores desenfreados sobre paraquedistas que desciam vestidos de freiras, doces envenenados atirados às crianças e quintas-colunas fazendo sinais das janelas dos sótãos, fenômeno que contaminou a Bélgica, a França e, mais tarde, a Grã-Bretanha.

Em Londres, o Gabinete de Guerra se reuniu ao menos três vezes no dia 10 de maio. Chamberlain a princípio quis permanecer como primeiro-ministro, insistindo que não deveria haver mudança de governo enquanto a batalha do outro lado do canal prosseguisse, mas, quando veio a confirmação de que o Partido Trabalhista se recusava a apoiá-lo, soube que tinha de renunciar. Mais uma vez Halifax rejeitou o cargo, então Chamberlain foi levado ao palácio de Buckingham para aconselhar o rei George VI a chamar Churchill. Deprimido porque seu amigo Halifax havia recusado o posto, o rei não teve alternativa.

Com a sua posição confirmada, Churchill não perdeu tempo e voltou a atenção para a guerra e o avanço da BEF na Bélgica. O destacamento 12º Regimento Real de Lanceiros com seus carros blindados havia feito um reconhecimento às 10h20. A maior parte das demais unidades britânicas seguira durante o dia. A coluna vanguarda da 3ª Divisão foi detida na fronteira por um oficial belga uniformizado que exigiu “autorização para entrar na Bélgica”.⁹ Um caminhão simplesmente derrubou a barreira. Quase todas as estradas que levavam à Bélgica estavam repletas de colunas de viaturas militares rumando para o norte, para a linha do rio Dyle, que os Lanceiros alcançaram às 18 horas.

A concentração da Luftwaffe, primeiro nos campos de aviação e depois na Holanda, ao menos significou que os exércitos aliados que avançavam pela Bélgica foram poupados do ataque aéreo. Os franceses parecem ter sido demasiadamente lentos. Muitas formações francesas só começaram a se deslocar à noite.¹⁰ Isto foi um erro grave, pois as estradas rapidamente ficaram lotadas de refugiados que vinham da direção contrária. O VII Exército francês, por outro lado, se apressou ao longo da costa do canal da Mancha em direção à Antuérpia, mas logo sofreu ataques concentrados da Luftwaffe ao chegar ao sul da Holanda.

Naquele dia quente, ao longo do caminho os belgas saíam dos cafés e ofereciam canecas de cerveja aos soldados que marchavam com as faces avermelhadas, gesto generoso que não foi universalmente aceito pelos oficiais e graduados. Outras unidades britânicas atravessaram Bruxelas ao anoitecer. “Os belgas os saudavam”, escreveu um observador, “e os homens nos caminhões e nos reboques dos Bren saudavam de volta. Todos os homens vestiam lilás, roxo nos capacetes metálicos, no cano dos fuzis, nas viaturas. Eles sorriam e saudavam com o polegar para cima — gesto que a princípio chocou os belgas, para os quais aquilo tinha um significado grosseiro, mas eles logo entenderam que era um gesto alegre de confiança. Era uma visão incrível, comovente, assistir àquela máquina militar avançar com toda a sua força, eficiente, calmamente, a polícia militar britânica guiando-a nas encruzilhadas como se estivesse lidando com a hora do rush em Londres.”¹¹

Contudo, a grande batalha estava a ponto de ser decidida bem ao sudeste, nas Ardenas, com o Grupo A de Exércitos de Rundstedt. As suas colunas imensas de veículos serpenteavam pelas florestas que as ocultavam dos aviões aliados. Acima, uma nuvem de bombardeiros Messerschmitt estava pronta para atacar bombardeiros inimigos e aviões de reconhecimento. Os veículos e tanques que quebravam eram retirados da estrada. A programação foi cumprida rigidamente e, apesar do temor de muitos oficiais, o sistema funcionou muito melhor que o esperado. Todas as viaturas do grupo panzer de Kleist levavam um pequeno ‘K’ branco pintado com estêncil na frente e atrás, para garantir prioridade absoluta. A infantaria a pé e todos os outros transportes saíam da estrada assim que eles apareciam.

Às 4h30, o general de Blindados Heinz Guderian, comandante do 19º Corpo, acompanhou a 1ª Divisão Panzer quando esta cruzou a fronteira de Luxemburgo. Os comandos de Brandemburgo já haviam tomado alguns cruzamentos e pontes importantes. Antes de serem presos, os guardas luxemburgueses só conseguiram assinalar que a Wehrmacht estava violando a neutralidade do país. O grão-duque

e a família conseguiram escapar a tempo, sem serem reconhecidos pelos brandemburgueses.

Ao norte, o 41º Corpo panzer avançou na direção do Meuse em Monthermé, e mais ao norte, à direita, o 15º Corpo do general Hermann Hoth, liderado pela 7ª Divisão Panzer do major-general Erwin Rommel, rumou para Dinant. Contudo, para o seu desalento — e alarme de Kleist — várias divisões panzer foram retardadas com a demolição de pontes pelos sapadores belgas adidos aos Caçadores das Ardenas.

Com a primeira luz do dia 11 de maio, a 7ª Divisão Panzer de Rommel, com a 5ª Divisão Panzer à sua direita, avançou novamente e chegou ao rio Ourthe. A cavalaria francesa da vanguarda conseguiu explodir a ponte a tempo, mas depois recuou após uma rápida troca de tiros. Os engenheiros de campanha da divisão construíram um pontão flutuante, e o avanço em direção ao Meuse prosseguiu. Rommel observou que, ao enfrentar os franceses, os alemães se sairiam melhor se abrissem fogo imediatamente com tudo o que tinham.

Ao sul, o 41º Corpo panzer do tenente-general Georg-Hans Reinhardt, que se dirigia a Bastogne e depois a Monthermé, fora retardado por parte de uma força de Guderian que cruzava à sua frente. O próprio 19º Corpo de Guderian estava confuso, parcialmente em virtude de mudanças de ordens. Mas a vanguarda de cavalaria francesa, composta por unidades montadas e tanques leves, também estava desordenada. Embora a força da impulsão alemã na direção ao Meuse fosse cada vez mais evidente, a força aérea francesa não executou missões de combate. A RAF enviou mais oito Fairey Battles. Sete foram destruídos, em sua maioria por fogo antiaéreo.

Os bombardeiros aliados que atacaram as pontes de Maastricht e do canal Albert ao noroeste também sofreram muitas perdas, mas as tentativas foram poucas e tardias. O XVIII Exército alemão a esta altura havia penetrado bastante em território holandês, onde a resistência desmoronava. O VI Exército de Reichenau estava no canal Albert, desviando-se de Liège, enquanto outra divisão avançava pela Antuérpia.

A BEF, agora posicionada ao longo do rio Dyle, lamentavelmente estreito, e as formações francesas avançando para suas posições receberam pouca atenção da Luftwaffe. Isto deixou preocupados alguns oficiais mais atentos, que se perguntaram se não estariam sendo atraídos para uma armadilha. A preocupação mais imediata, porém, era o lento avanço do I Exército francês, agora infinitamente pior devido ao número crescente de refugiados belgas. Como indicavam as cenas observadas em Bruxelas, ainda haveria muitas outras levar. “Eles caminhavam, viajavam em carros e carroças ou em burros, eram empurrados em cadeiras de rodas e até em carrinhos de mão. Havia jovens de

bicicleta, velhos, velhas, bebês, camponesas com lenços na cabeça avançando em carroças repletas de colchões, móveis, painéis. Uma longa fila de freiras, as faces vermelhas com a transpiração sob as toucas, levantavam poeira com suas longas túnicas cinzentas [...]. As estações se assemelhavam às pinturas da Rússia durante a revolução, com gente dormindo no piso, recostada nas paredes, mulheres com bebês aos prantos, os homens pálidos e exaustos.”¹²

Em 12 de maio, os jornais de Paris e Londres deram a impressão de que o ataque alemão havia sido detido. O *Sunday Chronicle* anunciou “Desespero em Berlim”.¹³ Mas as forças alemãs haviam cruzado a Holanda até o mar, e os remanescentes do exército holandês haviam recuado para o triângulo formado por Amsterdã, Utrecht e Roterdã. O VII Exército do general Giraud, que agora estava no sul da Holanda, continuava a sofrer fortes ataques da Luftwaffe.

Na Bélgica, o Corpo de Cavalaria do general René Prioux, vanguarda do atrasado I Exército, conseguiu revidar os ataques das por demais estendidas unidades panzer alemãs que avançavam pela linha do Dyle. Porém, mais uma vez os esquadrões de aviões dos Aliados que tentavam destruir pontes e colunas foram massacrados por unidades alemãs de artilharia antiaérea leve com seus canhões quádruplos de 20 mm.

Para pouco ressentimento das forças alemãs que lutavam para cruzar o Meuse, as notícias no país se centravam nas batalhas na Holanda e no norte da Bélgica. Pouco se dizia sobre o ataque principal ao sul. Aquilo fazia parte do plano de enganar os Aliados e desviar a atenção dos setores de Dinant e Sedan. Gamelin ainda se recusava a reconhecer a ameaça ao alto Meuse, apesar de diversos alertas, mas o general Alphonse Georges, comandante em chefe do front nordeste, um velho general de aparência triste que Churchill admirava muito, interveio e determinou alta prioridade para o setor de Huntzinger em torno de Sedan. Georges, que Gamelin detestava, nunca se recuperara completamente de sérios ferimentos no peito provocados pelo assassino do rei Alexander da Iugoslávia, em 1934.

As coisas não melhoravam com a confusa cadeia de comando no exército francês, em grande parte criada por Gamelin com o fim de minar a posição do seu subcomandante. Mas até Georges reagira tarde demais à ameaça. As unidades francesas a nordeste do Meuse foram retiradas cruzando o rio, algumas em total desordem. A 1ª Divisão Panzer de Guderian quase não enfrentou oposição ao entrar na cidade de Sedan. As tropas francesas em debandada ao menos conseguiram detonar pontes em Sedan, mas as companhias de pontes da engenharia alemã já haviam demonstrado rapidez e habilidade na construção de

travessias.

Naquela tarde, a 7ª Divisão Panzer de Rommel também chegou ao Meuse, perto de Dinant. Embora a retaguarda belga tivesse explodido a ponte principal, granadeiros da 5ª Divisão Panzer haviam descoberto uma velha barragem em Houx. Naquela noite, acobertadas por uma névoa densa, diversas companhias conseguiram cruzar e estabelecer uma cabeça de ponte. O IX Exército de Corap não conseguiu carrear tropas à frente para defender o setor.

Em 13 de maio, as tropas de Rommel começaram a forçar o cruzamento do Meuse em dois outros pontos, mas foram alvo do fogo pesado de soldados bem posicionados do exército regular francês. Rommel foi até o cruzamento perto de Dinant em um carro blindado de oito rodas para avaliar a situação. Ao constatar que viaturas blindadas não levavam granadas fumígenas, ele ordenou que os seus homens atuassem fogo a algumas casas para que o vento levasse a fumaça para a área pretendida de travessia. Então avançou alguns panzers pesados Mark IV para disparar contra as posições francesas do outro lado do rio e cobrir a infantaria em seus pesados botes de assalto de borracha. “Os primeiros botes mal haviam sido colocados na água e o inferno se abateu sobre nós”, escreveu um oficial do 7º Batalhão de Reconhecimento panzer. “Franco-atiradores e artilharia pesada atingiram os homens indefesos nos botes. Com nossos próprios tanques e artilharia tentamos neutralizar o inimigo, mas ele estava muito bem posicionado. O ataque da infantaria foi barrado.”¹⁴

Este dia marcou o começo da lenda de Rommel. Para os oficiais, ele parecia onipresente: montava nos tanques para orientar o fogo, acompanhava os engenheiros combatentes e cruzava o rio. Sua energia e coragem estimulavam os soldados quando o ataque podia fraquejar. Em certo momento, ele comandava um batalhão de infantaria cruzando o Meuse quando apareceram tanques franceses. Talvez isso seja parte do mito, mas supostamente Rommel ordenou que seus homens, que não dispunham de armas anticarro, disparassem sinalizadores. Temendo que os disparos fossem perfuradores de blindagem, as guarnições dos tanques franceses imediatamente recuaram. As perdas alemãs foram altas, mas à noite Rommel havia estabelecido duas cabeças de ponte, a de Houx e outra no cruzamento altamente disputado em Dinant. Naquela noite, seus engenheiros construíram pontões flutuantes para a travessia dos tanques.

Enquanto preparava a transposição ao lado de Sedan, Guderian se envolveu em uma furiosa altercação com o seu superior, o general Von Kleist. Guderian arriscou ignorar o chefe e persuadiu a Luftwaffe a apoiar o seu plano com uma forte concentração de aviões do 2º e 8º *Fliegerkorps*. Este último era comandado

pelo major-general Wolfram Freiherr von Richthofen, um jovem primo do ás da Primeira Guerra Mundial o “Barão Vermelho”, antigo comandante da Legião Condor responsável pela destruição de Guernica. Zunindo as suas “trombetas de Jericó”, os Stukas de Richthofen abalaram o moral das tropas francesas que defendiam o setor de Sedan.

Surpreendentemente, a artilharia francesa, diante de uma grande concentração de viaturas e homens alemães que constituía alvo compensador, fora instruída a limitar os disparos para poupar munição. O comandante da divisão esperava que os alemães levassem mais dois dias para avançar seus canhões de campanha antes de cruzar o rio. Ele ainda não entendera que os Stukas eram agora a artilharia aérea dos pontas de lança panzer, e os Stukas atacaram as suas posições de tiro com uma precisão admirável. Enquanto a cidade de Sedan ardia com estrépito sob o bombardeio pesado, os alemães se lançaram ao rio com pesados barcos de assalto de borracha e remaram furiosamente. Sofreram muitas baixas, mas por fim os pioneiros do assalto cruzaram e atacaram os bunkers de concreto com lança-chamas e cargas explosivas.

Ao cair da tarde, espalhou-se o rumor entre os reservistas franceses apavorados de que os tanques inimigos já haviam cruzado o rio e eles estavam a ponto de ficar isolados. A comunicação entre unidades e comandantes estava praticamente em colapso em virtude das bombas que danificaram as linhas telefônicas. Primeiro a artilharia francesa, depois o próprio comandante da divisão, começaram a recuar. O espírito de *sauve qui peut* se apossou de todos. O estoque de munições reunido para mais um dia caiu em mãos inimigas sem resistência. Os reservistas mais velhos, apelidados de “crocodilos”, haviam sobrevivido à Primeira Guerra Mundial e não queriam morrer em uma luta que consideravam injusta. Os panfletos antiguerra do Partido Comunista Francês haviam influenciado muitos deles, mas a propaganda alemã alegando que os britânicos os haviam metido naquela guerra foi mais eficaz. A promessa de Reynaud ao governo de Londres, em março, de que a França nunca buscaria uma paz em separado com a Alemanha só havia aumentado as suspeitas.

Os generais franceses, com a mentalidade da grande vitória de 1918, foram completamente surpreendidos pelos acontecimentos. O general Gamelin, em visita ao quartel-general do general Georges naquele dia, ainda esperava que o ataque principal viesse da Bélgica. Só à noite descobriu que os alemães estavam do outro lado do Meuse. Ordenou então que o II Exército de Huntziger montasse uma contraofensiva, mas quando o general reposicionou as formações já era tarde demais para lançar algo além de ataques locais.

De qualquer modo, Huntziger não entendera, em absoluto, as intenções de Guderian. Supusera que o avanço seria para atacar o sul e chegar à Linha

Maginot por trás. Em consequência, reforçou as suas tropas à direita enquanto Guderian avançava por uma esquerda bem debilitada. A queda de Sedan, que ecoava a rendição de Napoleão II em 1870, instalou o horror nos corações dos comandantes franceses. Nas primeiras horas da manhã seguinte, 14 de maio, o capitão André Beaufre entrou no quartel-general do general Georges acompanhado do general Doumenc. “A atmosfera era a de uma família de luto”,¹⁵ escreveu Beaufre mais tarde. “A nossa frente foi rompida em Sedan!” disse Georges aos recém-chegados. “Houve um colapso.” Exausto, o general se jogou em uma cadeira e irrompeu em lágrimas.

Com três cabeças de ponte ao redor de Sedan, Dinant e uma menor entre elas perto de Monthermé, onde o 41º Corpo panzer de Reinhardt começava a se recuperar depois de uma batalha dura, uma brecha de quase 80 quilômetros estava a ponto de ser aberta na frente francesa. Teria sido uma boa oportunidade para esmagar os pontas de lança alemães, caso os comandantes franceses tivessem reagido com mais celeridade. No setor de Sedan, o general Pierre Lafontaine, da 55ª Divisão, já havia recebido dois regimentos de infantaria e dois batalhões de tanques leves adicionais, mas levou nove horas para dar a ordem de contra-atacar. Os batalhões de carros de combate também foram retardados pelas más comunicações e por soldados que fugiam da 51ª Divisão e bloqueavam as estradas. Durante a noite, os alemães não haviam perdido tempo e cruzaram o Meuse com mais panzers. Por fim, os blindados franceses entraram em ação no início da manhã, mas a grande maioria foi destruída. O colapso da 51ª Divisão espalhou o pânico entre as formações vizinhas.

Naquela manhã, as forças aéreas aliadas enviaram 152 bombardeiros e 250 caças para atacar os pontões flutuantes sobre o Meuse. Porém, os alvos eram pequenos demais, os esquadrões de Messerschmitt da Luftwaffe estavam a postos e os destacamentos antiaéreos alemães disparavam com sanha. A RAF sofreu o maior índice de baixas da sua história, com quarenta bombardeiros abatidos de um total de 71. Desesperados, os franceses enviaram alguns dos seus bombardeiros mais obsoletos, os quais foram massacrados. Georges enviou uma divisão blindada que não havia sido testada e uma divisão de infantaria motorizada comandada pelo general Jean Flavigny, mas elas foram prejudicadas pela falta de combustível. Flavigny foi instruído a atacar a cabeça de ponte em Sedan a partir do sul, pois, como Huntziger, Georges pensava que o principal perigo vinha da direita.

Ao norte tentou-se outro contra-ataque da 1ª Divisão Blindada contra a cabeça de ponte de Rommel. Mais uma vez as protelações foram fatais, com os refugiados belgas bloqueando as estradas e os caminhões-tanque com combustível não conseguindo avançar. Na manhã seguinte, 15 de maio, os pontas

de lança de Rommel surpreenderam os pesados tanques B1 da divisão quando estavam abastecendo. Foi travada uma batalha confusa, com as guarnições dos tanques franceses em séria desvantagem. Rommel deixou a 5ª Divisão Panzer continuar no combate enquanto ele prosseguia velozmente à frente. Se estivessem preparados, os tanques franceses poderiam ter obtido uma vitória significativa. Embora a 1ª Divisão Blindada francesa tivesse destruído 100 tanques alemães, ela estava virtualmente destruída no fim do dia, principalmente pelos canhões anticarro.

Nos Países Baixos, as forças aliadas ainda não tinham muita ideia da ameaça na retaguarda. Em 13 de maio, o Corpo de Cavalaria do general Prioux executara um movimento retrógrado combatendo para a linha do Dyle, onde o resto do I Exército de Blanchard estava entrando em posição. Embora os tanques Somua de Prioux fossem bem blindados, a artilharia e as manobras alemãs eram muito melhores, e a ausência de rádios nos tanques franceses foi uma grande desvantagem. Depois de perder quase a metade da força em uma batalha corajosa, o corpo de Prioux foi retirado para a retaguarda. Não teve mais condições de atacar novamente no sudeste contra a ruptura das linhas nas Ardenas como queria Gamelin.

O VII Exército francês começou a recuar em direção à Antuérpia após avançar infrutiferamente em Breda para unir-se às forças holandesas isoladas. Embora estivessem mal treinadas e mal armadas, as tropas holandesas lutaram bravamente contra a 9ª Divisão Panzer que rumava para Roterdã. O comandante do XVIII Exército alemão ficou frustrado com aquela resistência, mas naquela noite os panzers por fim abriram caminho.

No dia seguinte, os holandeses negociaram a rendição de Roterdã, mas o comandante alemão não conseguiu informar a Luftwaffe. Houve um grande ataque à cidade. Mais de 800 civis foram mortos. À noite, o ministro do Exterior holandês anunciou que 30 mil haviam morrido, causando horror em Londres e Paris. De qualquer modo, o general Henri Winkelman, o comandante em chefe holandês, optou pela rendição geral para evitar a perda de mais vidas. Ao saber da notícia, Hitler imediatamente ordenou uma marcha triunfal por Amsterdã com unidades da Divisão *Leibstandarte Adolf Hitler* da SS e da 9ª Divisão Panzer.

Hitler achou ao mesmo tempo divertido e irritante o telegrama do antigo kaiser Wilhelm II, que permanecia no exílio holandês em Apeldoorn. “Meu Führer”, dizia, “Congratulo-o e espero que, sob a sua maravilhosa liderança, a monarquia alemã seja completamente restaurada.”¹⁶ Hitler se assombrou ao constatar que o velho kaiser esperava que agisse como Bismarck. “Que idiota!”,

disse a Linge, o seu *valet de chambre*.

O contra-ataque francês planejado para 14 de maio contra a parte leste do saliente de Sedan foi postergado e mais tarde suspenso pelo general Flavigny, comandante do 21º Corpo. Ele tomou a decisão desastrosa de dividir a 3ª Divisão Blindada simplesmente para criar uma linha defensiva entre Chémery e Stonne. Huntziger ainda estava convencido de que os alemães se dirigiam ao sul por trás da Linha Maginot. Em consequência, desviou seu exército a fim de bloquear a rota para o sul. Só conseguiu abrir uma rota para o oeste.

Ao ser informado sobre os reforços franceses, o general Von Kleist ordenou a Guderian que aguardasse a chegada de mais forças para proteger aquele flanco. Após outra discussão acirrada, Guderian conseguiu convencê-lo de que era possível avançar com a 1ª e a 2ª Divisões panzer, desde que ele enviasse a 10ª Divisão Panzer e o Regimento de Infantaria *Grossdeutschland* comandado pelo coronel Von Schwerin contra a aldeia de Stonne, no alto de uma elevação que dominava o terreno ao redor. No começo do dia 15 de maio, o *Grossdeutschland* foi direto ao ataque sem esperar pela 10ª panzer. Os tanques de Flavigny responderam e a aldeia mudou de mãos diversas vezes ao longo do dia, com muitas baixas de ambos os lados. Nas ruas estreitas, os canhões anticarro do *Grossdeutschland* por fim destruíram os tanques B1, e os infantess alemães exaustos receberam o reforço de granadeiros da 10ª panzer. O *Grossdeutschland* perdeu 103 homens mortos e 459 feridos. Foi a maior perda de toda a campanha.

O general Corap começou a recuar com o IX Exército, mas isto levou a uma rápida desintegração e ampliou ainda mais a brecha. O Corpo Panzer de Reinhardt que estava no meio não só alcançou os outros dois em 15 de maio, como a 6ª Divisão Panzer os ultrapassou dramaticamente, com um avanço de 60 quilômetros até Montcornet, o que dividiu a azarada 2ª Divisão Blindada francesa em duas. Este ataque profundo à retaguarda francesa finalmente convenceu o general Robert Touchon, que tentava organizar um novo VI Exército para fechar a brecha, de que estavam atrasados demais. Ele ordenou que as formações se deslocassem para o sul do rio Aisne. Agora havia muito poucas forças francesas entre os panzers alemães e o litoral do canal.

Guderian fora instruído a não avançar até que um número suficiente de divisões de infantaria atravessasse o Meuse. Os seus superiores, Kleist, Rundstedt e Halder, estavam profundamente preocupados com a ponta de lança panzer distendida demais e exposta a um forte contra-ataque francês proveniente do sul. Até Hitler temia os riscos. Mas Guderian sentia que os franceses experimentavam o caos. A oportunidade era boa demais para desperdiçar. Por

isso, o que foi erroneamente descrito como uma estratégia de Blitzkrieg foi, em grande medida, improvisado no terreno.

Os pontas de lança alemães avançaram celeremente, com os batalhões de reconhecimento na vanguarda em viaturas blindadas de oito rodas e motocicletas com assentos laterais. Conquistaram pontes cuja demolição os franceses não tiveram tempo de preparar. As guarnições uniformizadas de preto dos panzers estavam sujas, barbudas e exaustas. Rommel deu um pouco de tempo às 5ª e 7ª Divisões para que descansassem e fizessem a manutenção das viaturas. A maioria aguentava com comprimidos de Pervitin (uma metanfetamina) e a intoxicação da vitória avassaladora. As tropas francesas com que se deparavam estavam tão exaustas que se entregavam imediatamente. Eram instruídas a simplesmente atirar as armas no chão e seguir marchando, de modo que a infantaria alemã que se aproximava por trás se encarregasse delas.

A segunda leva que acompanhava de perto as divisões panzer consistia de infantaria motorizada. Alexander Stahlberg, então um tenente da 2ª Divisão de Infantaria (motorizada) e mais tarde ajudante de ordens de Manstein, observou “as ruínas de um exército francês derrotado: veículos perfurados por balas, tanques incendiados e destruídos, armas abandonadas, uma cadeia sem fim de destruição”.¹⁷ Os infantes germânicos atravessaram aldeias despovoadas, avançando com tão pouco medo de um inimigo real como ocorria nas manobras. Muito atrás vinha a infantaria a pé, os coturnos ardendo, forçados pelos oficiais a avançar. “Marchar, marchar. Sempre adiante, sempre para o oeste”,¹⁸ escreveu um soldado em seu diário. Até os cavalos estavam “mortos de cansaço”.

Se Hitler tivesse conseguido no outono anterior o que pretendia, quase certamente a invasão de França teria sido um desastre. O êxito em Sedan foi um verdadeiro milagre para o exército alemão, que não tinha munição suficiente.¹⁹ A Luftwaffe só possuía bombas para catorze dias de combate. Além disso, as formações motorizadas e os panzers estavam em situação muito vulnerável. Os tanques mais pesados — os Mark III e Mark IV —, capazes de enfrentar os tanques britânicos e franceses, simplesmente não estavam disponíveis naquele momento. E a necessidade de treinamento, especialmente dos oficiais, em um exército que inchara de 100 mil para 5,5 milhões também exigira aqueles meses extras. As 29 postergações da Operação Fall Gelb permitiram à Wehrmacht reabastecer as suas reservas suficientemente e se preparar de modo adequado.

Em Londres, no dia 14 de maio, até o Gabinete de Guerra tinha poucas informações sobre a situação a oeste do Meuse. Por mera coincidência, Anthony Eden, secretário de Estado para a Guerra, anunciou naquele dia a criação do

Corpo de Voluntários da Defesa Local, depois renomeado Exército Territorial (Home Guard). Em menos de uma semana, mais de 150 mil homens se apresentaram. Contudo, o governo de Churchill só começou a perceber a escala da crise quando, no final da tarde, Reynaud enviou uma mensagem de Paris. Pedia mais dez esquadrões de caças britânicos para proteger as suas tropas dos ataques dos Stukas. Admitiu que os alemães haviam avançado ao sul de Sedan e disse que acreditava que se dirigiam a Paris.

O general Ironside, chefe do Estado-Maior imperial, deu ordens para o envio de um oficial de ligação ao quartel-general de Gamelin ou ao de Georges. Havia pouca informação, então Ironside concluiu que Reynaud estava sendo “um pouco histérico”.²⁰ Mas logo Reynaud descobriu que a situação era ainda mais catastrófica do que temera. Daladier, o ministro da Guerra, acabara de ouvir de Gamelin, sacudido da sua negligência por um relatório sobre a desintegração do IX Exército. Também chegaram informações de que o corpo panzer de Reinhardt havia alcançado Montcornet. Tarde da noite, Reynaud convocou uma reunião no Ministério do Interior com Daladier e o governador militar de Paris. Se os alemães estivessem se dirigindo para a capital, eles precisavam discutir como evitar o pânico e manter a lei e a ordem.

Às 7h30 da manhã seguinte, Churchill foi despertado por um telefonema de Reynaud. “Fomos derrotados”, disparou o francês. Semiadormecido, Churchill não respondeu de imediato. “Fomos esmagados; perdemos a batalha”, enfatizou Reynaud.

“Certamente isso não pode ter acontecido tão de pronto”, disse Churchill.

“A frente foi rompida perto de Sedan; eles estão entrando com grandes efetivos, tanques e viaturas blindadas.” Segundo Roland de Margerie, assessor de assuntos estrangeiros de Reynaud, ele teria acrescentado: “A estrada para Paris está aberta. Envie-nos aviões e todas as tropas que puder.”²¹

Churchill decidiu voar a Paris para fortalecer a determinação de Reynaud, mas antes convocou uma reunião do Gabinete de Guerra para discutir o pedido de outros dez esquadrões de caças. Ele estava disposto a fazer o que estivesse ao seu alcance para ajudar os franceses. Mas o comandante do ar, marechal Dowding, chefe do Comando de Caças, opôs-se resolutamente ao envio de mais aviões. Após uma discussão acirrada, ele contornou a mesa e colocou um papel diante de Churchill mostrando as probabilidades de perda com base nas baixas correntes. Em dez dias, não sobrariam Hurricanes nem na França nem na Inglaterra. O Gabinete de Guerra ficou impressionado com os argumentos, mas ainda assim decidiu pelo envio de outros quatro esquadrões à França.

O Gabinete de Guerra tomou outra decisão naquele dia. O Comando de Bombardeiros deveria finalmente executar uma ofensiva em território alemão.

Deveria montar um ataque ao Ruhr como retaliação ao ataque da Luftwaffe a Roterdã. Poucos aviões acertaram os alvos, mas aquele foi o primeiro passo em direção à campanha estratégica de bombardeio.

Profundamente abalado com a possibilidade do colapso da França, Churchill enviou um telegrama ao presidente Roosevelt, na esperança de convencê-lo a agir em favor dos Aliados. “Como o senhor sem dúvida sabe, o panorama rapidamente tornou-se sombrio. Se preciso, continuaremos sós na guerra e não temos medo. Mas confio que o senhor Presidente perceba que a voz e a força dos Estados Unidos podem não ter valor se forem contidas por demasiado tempo. Podemos ter uma Europa completamente subjugada e nazificada em uma velocidade assombrosa, e o peso pode ser maior do que conseguiremos suportar.”²² A resposta de Roosevelt foi amistosa, mas ele não se ofereceu para intervir. Churchill escreveu outra carta enfatizando a determinação britânica de “perseverar até o fim, seja qual for o resultado da grande batalha que sacode a França”, e novamente salientou a necessidade do rápido apoio americano.

Por achar que Roosevelt ainda não percebia a urgência, Churchill escreveu mais uma mensagem em 21 de maio, a qual hesitou em enviar. Embora insistisse em que seu governo nunca consentiria em se render, alertou para outro perigo. “Se os membros do atual governo forem mortos e outros vierem negociar em meio às ruínas, não esqueça que o único que restaria a barganhar com a Alemanha seria a armada e, se este país fosse deixado à sua sorte pelos Estados Unidos, ninguém teria o direito de culpar os responsáveis que fizessem os melhores acordos ao seu alcance em prol dos habitantes sobreviventes. Desculpe-me, senhor Presidente, por colocar este pesadelo de forma brusca. Evidentemente, não poderei responder pelos meus sucessores, os quais, em desespero e impotência absolutos, possam ser levados a se acomodar à vontade germânica.”²³

Churchill não enviou a mensagem, mas, como percebeu mais tarde, a sua tática de choque, implicando que os alemães poderiam chegar a se apossar dos navios de guerra da Marinha Real e desafiar os Estados Unidos, foi contraproducente. Ela conseguiu diminuir a confiança de Roosevelt na determinação britânica de lutar só, e o presidente discutiu com os assessores a possibilidade de a armada britânica ser deslocada para o Canadá. Chegou até a entrar em contato com William Mackenzie King, primeiro-ministro canadense, para discutir a questão. Algumas semanas mais tarde, o erro de Churchill exerceria uma influência trágica.

Na tarde de 16 de maio, Churchill voou para Paris. Ele não sabia que Gamelin

havia telefonado para Reynaud e informado que os alemães poderiam chegar à capital naquela noite. Eles já se aproximavam de Laon, a menos de 120 quilômetros de distância. O governador militar alertou que o governo devia partir imediatamente. Os ministros começaram a queimar papéis em fogueiras nos pátios, enquanto funcionários civis atiravam pilhas de mais papéis pelas janelas.

“O redemoinho do vento”, escreveu Roland de Margerie, “espalhava chispas e fragmentos de papéis que logo cobriram todo o bairro.” Ele comentou que a amante derrotista de Reynaud, a condessa de Portes, fez um comentário cáustico sobre “o idiota que deu esta ordem”.²⁴ O *chef de service* respondeu que fora o próprio Reynaud: “*C’est le Président du Conseil, Madame.*” Contudo, no último momento, Reynaud decidiu que o governo deveria ficar. Isto não adiantou muito, pois a notícia já havia se espalhado. A população de Paris, mantida em absoluta ignorância do desastre em virtude de uma censura rígida à imprensa, logo foi tomada pelo pânico. *La grande fuite* havia começado. Automóveis carregando caixas empilhadas no teto começaram a cruzar a Porte d’Orléans e a Porte d’Italie.

Acompanhado do general Sir John Dill, o novo chefe do Estado-Maior imperial, e do major-general Hastings Ismay, secretário do Gabinete de Guerra, Churchill pousou em seu avião Flamingo e descobriu que “a situação era incomparavelmente pior do que imaginávamos”. No Quai d’Orsay eles se reuniram com Reynaud, Daladier e Gamelin. A atmosfera era tal que nem se sentaram. “Os seus rostos estampavam o mais profundo abatimento”,²⁵ Churchill escreveu depois. Gamelin, de pé junto a um cavalete com mapa onde figurava uma marca em Sedan, tentava explicar a situação.

“Onde está a reserva estratégica?”, perguntou Churchill, e então repetiu no francês macarrônico: “*Où est la masse de manoeuvre?*”

Gamelin virou-se e, “com um meneio da cabeça e um alçar de ombros”, respondeu: “Não há.” Então, Churchill notou que havia fumaça do lado de fora do prédio. Da janela, viu funcionários do Ministério do Exterior carregando pilhas de documentos em carrinhos de mão para atirá-los em grandes fogueiras. Ficou aturdido ao saber que o plano de Gamelin não incluía uma grande reserva estratégica para contra-atacar uma penetração inimiga. Ele também ficou assombrado com a própria ignorância do perigo e o estado lamentável da ligação inter-Aliados.

Quando perguntou a Gamelin sobre os preparativos para o contra-ataque, o comandante em chefe, impotente, encolheu os ombros. O exército francês estava falido. Eles esperavam que os ingleses os socorressem. Roland de Margerie discretamente alertou Churchill de que a situação era ainda pior do que Daladier

e Gamelin haviam admitido. E quando acrescentou que poderiam precisar recuar até o rio Loire e inclusive prosseguir lutando de Casablanca, Churchill fitou-o “*avec stupeur*”.²⁶

Reynaud perguntou sobre os dez esquadrões de caças que havia pedido. Com o alerta de Dowding ressoando em seus ouvidos, Churchill explicou que seria desastroso deixar a Grã-Bretanha sem defesa. Recordou-lhes as terríveis perdas que a RAF sofrera tentando bombardear os cruzamentos do Meuse e afirmou que viriam quatro esquadrões e que outros baseados na Inglaterra estavam em ação na França, mas a audiência não ficou satisfeita. Naquela noite, Churchill enviou uma mensagem da embaixada britânica ao Gabinete de Guerra pedindo outros seis esquadrões. (Por questões de segurança na linha aberta, o pedido foi ditado em hindustâni pelo general Ismay e recebido por um oficial indiano do exército em Londres.) Pouco depois da meia-noite, quando chegaram a um acordo, Churchill voltou a encontrar Daladier e Reynaud para infundir-lhes coragem. Reynaud o recebeu de robe e pantufas.

Os esquadrões extras precisaram se basear na Inglaterra e cruzar o canal da Mancha diariamente para combater. Com o avanço alemão, havia poucos aeródromos e nenhum oferecia instalações para reparos. Em conjunto, 120 Hurricanes danificados em combate e baseados do outro lado do canal tiveram de ser abandonados na retirada acelerada. Os pilotos estavam absolutamente exaustos. A maioria fazia até cinco surtidas por dia e, como os bombardeiros franceses não tinham como enfrentar os Messerschmitt 109, os esquadrões de Hurricane precisavam aguentar a carga de uma batalha muito desigual.

Chegavam cada vez mais informes sobre a desintegração e a indisciplina no exército francês. Foram feitas tentativas de forçar as unidades a enfrentar a luta, com a execução de alguns oficiais acusados de abandonar os seus comandos. A mania da espionagem tomou conta de tudo. Diversos oficiais e soldados foram fuzilados aleatoriamente por tropas amedrontadas, convencidas de que eram alemães em uniformes dos Aliados. O pânico se instalou com rumores desenfreados sobre armas secretas germânicas e o medo inventado de uma quinta-coluna. A traição parecia ser a única explicação para uma derrota tão assombrosa, com o grito raivoso de “*Nous sommes trahis!*”.

O caos aumentou com o volume crescente de refugiados no nordeste da França. Somando holandeses e belgas, supõe-se que cerca de 8 milhões de refugiados ocuparam as estradas naquele verão, famintos, sedentos e exaustos, os ricos em carros, o restante em carroças ou empurrando bicicletas carregadas, carrinhos de bebê ou carrinhos de mão, com os seus pobres pertences. “São a coisa mais patética de se ver”,²⁷ escreveu em seu diário o tenente-general Sir Alan Brooke, comandante do 2º Corpo da BEF. Diante do avanço alemão, a

grande maioria da população de Lille abandonou a cidade. Embora não haja evidências de que a Luftwaffe tivesse emitido ordens aos seus pilotos para bombardear colunas de refugiados, membros das forças aliadas testemunharam esse tipo de incidentes. O exército francês, que havia confiado em uma defesa estática, era ainda menos capaz de reagir ao inesperado com as estradas apinhadas de civis aterrorizados.

A Queda da França

MAIO-JUNHO DE 1940

O moral alemão não podia estar mais elevado. As guarnições dos panzers em seus uniformes pretos saudavam os comandantes sempre que os viam enquanto avançavam para o canal da Mancha através dos campos desertos, reabastecendo os tanques em postos abandonados e nos depósitos de combustíveis do exército francês. Suas próprias linhas de suprimentos estavam completamente desprotegidas. O avanço impetuoso era retardado principalmente em virtude das estradas bloqueadas por viaturas francesas enguiçadas ou destruídas e das fileiras de refugiados.

Enquanto os panzers de Kleist rumavam para a costa do canal, Hitler estava bastante preocupado com um ataque francês ao seu flanco vindo do sul. Embora fosse um grande jogador, não podia acreditar na sua sorte. As lembranças de 1914, quando a invasão da França fora frustrada por um contra-ataque ao seu flanco, perseguiam também os generais mais antigos. O coronel-general Von Rundstedt concordava com Hitler, e em 16 de maio ordenou a Kleist que detivesse as divisões panzer para permitir que a infantaria as alcançasse. Mas o general Halder, um adesista tardio ao audacioso plano de Manstein, o instou a prosseguir. Kleist e Guderian tiveram outra alteração no dia seguinte, quando Kleist citou a ordem de Hitler.¹ Contudo, chegaram a um acordo em que um “destacamento de reconhecimento com capacidade para combater” sondaria a costa, enquanto o quartel-general do 29º Corpo ficaria onde estava. Isto deu a Guderian a oportunidade que esperava. À diferença de Hitler no seu Felsennest, ele sabia que os franceses estavam paralisados diante da audácia do ataque alemão. Restavam apenas bolsões de resistência, com os remanescentes de algumas divisões francesas continuando a combater apesar do desastre.

Por coincidência, no mesmo dia em que as divisões panzer pararam (e aproveitaram a oportunidade, pois precisavam descansar e reparar as viaturas), houve um contra-ataque francês vindo do sul. O coronel Charles de Gaulle, o

mais notável defensor da guerra blindada no exército francês (e que por isso se tornara muito impopular entre os generais mais velhos, adeptos da guerra de trincheiras), acabara de receber o comando da chamada 4ª Divisão Blindada. Por sua defesa apaixonada do combate mecanizado ele foi apelidado de “Coronel Motors”.² Mas a 4ª Blindada era uma miscelânea de batalhões de carros de combate, com pouco apoio da infantaria e quase nenhuma artilharia.

O general Georges o instruíra e mandara que prosseguisse com as seguintes palavras: “Vá em frente, De Gaulle! Para você, que há tanto tempo defende as ideias que o inimigo está pondo em prática, é o momento de agir.”³ De Gaulle desejava atacar, pois soubera da insolência das guarnições germânicas dos panzers. Quando atacavam as tropas francesas pelo caminho, simplesmente lhes diziam para jogar as armas fora e marchar para o leste. O grito de despedida dos alemães, “Não temos tempo de fazê-los prisioneiros”, insultava o seu patriotismo.

Partindo de Laon, De Gaulle decidiu investir pelo nordeste em direção a Montcornet, uma importante confluência de estradas na rota de suprimentos de Guderian. A investida súbita da 4ª Divisão Blindada pegou os alemães de surpresa e quase aniquilou o quartel-general da 1ª Divisão Panzer. Mas os alemães reagiram rapidamente, usando alguns tanques recentemente tornados operacionais e alguns canhões autopropulsados. Pediram apoio aéreo à Luftwaffe, e a divisão acossada de De Gaulle, carente de artilharia antiaérea e de apoio de caças, foi obrigada a recuar. Não é preciso dizer que Guderian não informou ao quartel-general do grupo de exércitos de Rundstedt sobre as ações daquele dia.

Na noite de 15 de maio, a BEF, que havia repellido os ataques ao seu setor no Dyle, ficou atônita ao ouvir por acaso que o general Gaston Billotte, comandante do 1º Grupo de Exércitos, estava preparando a retirada para a linha do rio Escaut. Isto significava abandonar a Antuérpia e Bruxelas. Os generais belgas só souberam da decisão na manhã seguinte e ficaram furiosos por não terem sido avisados.

O quartel-general de Billotte estava em colapso psicológico, com muitos oficiais aos prantos. O chefe do Estado-Maior de Gort ficou tão horrorizado com o que ouviu do oficial de ligação britânico que ligou para o Gabinete de Guerra em Londres para avisá-los que em algum momento a BEF poderia ser evacuada. Para os ingleses, o dia 16 de maio marcou o começo da retirada do combate. Bem ao sul de Bruxelas, em um cume perto de Waterloo, baterias da Artilharia Real se posicionaram com canhões 25-pounder. Desta vez, as armas foram

apontadas para Wavre, de onde os prussianos tinham vindo para ajudar os seus antepassados em 1815. Porém, na noite seguinte tropas alemãs entraram na capital belga.

Naquele dia, Reynaud enviou uma mensagem ao general Maxime Weygand, na Síria, pedindo-lhe que regressasse à França para assumir o comando supremo. Ele decidira se livrar de Gamelin sem se importar com a opinião de Daladier. Também pretendia substituir os ministros. Georges Mandel, que fora braço direito do ex-primeiro-ministro Georges Clemenceau e estava determinado a lutar até o fim, seria ministro do Interior. O próprio Reynaud ocuparia o Ministério da Guerra e ele planejava trazer Charles de Gaulle, naquele momento no posto temporário de um general moderno, para a subsecretaria de Estado. Reynaud soube que a sua decisão era acertada quando no dia seguinte soube pelo escritor André Maurois,⁴ que trabalhava como oficial de ligação, que os ingleses, embora estivessem lutando bem, haviam perdido toda a confiança no exército francês, principalmente nos comandantes mais antigos.

Porém, ao mesmo tempo Reynaud cometeu um erro fatal, provavelmente influenciado por sua amante *capitulard*, Hélène de Portes. Enviou um representante a Madri para persuadir o marechal Philippe Pétain, embaixador francês junto a Franco, a ser o vice-primeiro-ministro. O prestígio de Pétain, vitorioso em Verdun, lhe dera status de herói. Mas, assim como Weygand, o marechal de 84 anos estava mais preocupado com o medo da revolução e a desintegração do exército francês do que com a perspectiva da derrota. Como muitos da direita, ele acreditava que a França havia sido injustamente empurrada para a guerra pela Inglaterra.

Na manhã de 18 de maio de 1940, oito dias depois de Churchill assumir como primeiro-ministro, enquanto os alemães ameaçavam cercar a BEF ao norte da França, Randolph Churchill visitou o pai. O primeiro-ministro fazia a barba e pediu-lhe que lesse o jornal enquanto terminava. Mas de repente disse: “Acho que estou vendo a solução” e voltou a se barbear. Atônito, o filho perguntou: “Você quer dizer que podemos evitar a derrota?... Ou derrotar os bastardos?”

Churchill apoiou a navalha na pia e virou-se para ele. “Claro que quero dizer que podemos derrotá-los.”

“Bem, estou totalmente de acordo, mas não vejo como você pode fazer isto.”

O pai secou o rosto antes de dizer com grande intensidade: “Vou arrastar os Estados Unidos para a guerra.”⁵

Por acaso, aquele foi também o dia em que o governo, instado por Halifax, enviou a Moscou o austero socialista Sir Stafford Cripps para buscar melhores relações com a União Soviética.⁶ Churchill pensava que Cripps não era uma boa escolha, já que Stalin odiava quase mais os socialistas do que os conservadores. Ele também achava que Cripps, de pensamentos elevados, dificilmente seria a pessoa ideal para lidar com um cínico rude, desconfiado e calculista como Stalin. Contudo, em alguns aspectos ele era muito mais perspicaz que o primeiro-ministro. Já previra que a guerra significaria o fim do Império Britânico e traria mudanças sociais fundamentais.

Em 9 de maio, o Corredor Panzer, como ficou conhecido o saliente alemão, estendia-se pelo Canal du Nord. Guderian e Rommel precisavam deixar suas guarnições descansarem, mas este último persuadiu o comandante de seu corpo de exército de que naquela noite deviam avançar para Arras.

O contingente da RAF na França estava agora completamente desconectado das forças britânicas em terra, então foi decidido que os 66 Hurricanes regressariam à Inglaterra. Obviamente, os franceses sentiram-se traídos, mas a perda dos campos de pouso e a exaustão dos pilotos tornavam a decisão inevitável. A RAF já havia perdido um quarto da força de combate na Batalha da França.

Naquele dia, bem mais ao sul, o I Exército do general Erwin von Witzleben abriu a primeira brecha na Linha Maginot. O objetivo era evitar que os franceses enviassem tropas contra o flanco sul do Corredor Panzer, embora ele estivesse protegido por divisões de infantaria, que chegaram exaustas das marchas forçadas.

O coronel De Gaulle lançou outro ataque ao norte naquele dia, com 150 tanques, na direção de Crécý-sur-Serre. Prometeram-lhe cobertura de caças da Força Aérea francesa para protegê-los dos ataques dos Stukas, mas devido às péssimas comunicações eles chegaram tarde demais. De Gaulle teve de recuar pelo rio Aisne com os remanescentes combalidos.

A má comunicação entre os exércitos dos Aliados persistia, e isto levou à suspeita de que a BEF estava se preparando para se retirar. O general lorde Gort não descartava a possibilidade, mas não havia planos àquela altura. Ele não recebera uma resposta direta do general Billotte sobre a real situação ao sul e as reservas que os franceses tinham à disposição. Em Londres, o general Ironside conversou com o Almirantado para saber quantos pequenos navios havia disponíveis.

Embora os britânicos não tivessem muita ideia da verdadeira gravidade da

situação, os rumores nervosos aumentaram subitamente: que o rei e a rainha estavam enviando as princesas Elizabeth e Margareth Rose para o Canadá; que a Itália já havia entrado na guerra e o seu exército estava marchando para a Suíça; que os paraquedistas alemães haviam aterrado; que lorde Haw-Haw (o pró-nazista William Joyce) estava enviando mensagens secretas a agentes alemães na Grã-Bretanha por meio de suas emissões de rádio em Berlim.

Naquele domingo, último dia do comando do general Gamelin, o governo francês compareceu a uma missa na Notre Dame para pedir a intervenção divina. O embaixador americano William Bullitt, um francófilo, chorou durante a cerimônia.

O general Weygand, miúdo, enérgico e com um rosto vulpino mirrado, insistiu em dormir após o longo voo que o trouxera da Síria. De certo modo este monarquista era uma escolha surpreendente, pois odiava Reynaud, que o havia nomeado. Porém, este, desesperado, buscou símbolos vitoriosos na forma de Pétain e Weygand, o qual, como vice do marechal Ferdinand Foch, estava associado ao triunfo final em 1918.

Na segunda-feira 20 de maio, o primeiro dia do comando de Weygand, a 1ª Divisão Panzer chegou a Amiens, que sofrera um bombardeio pesado no dia anterior. Um batalhão do Regimento Real de Sussex, a única força aliada na cidade, foi aniquilado durante uma defesa fadada ao insucesso. A força de Guderian também conquistou uma cabeça de ponte no rio Somme, pronta para a fase seguinte da batalha. Este enviou a 2ª Divisão Panzer austríaca para Abbeville, onde ela chegou naquela noite. Algumas horas mais tarde, um batalhão panzer chegou à costa. O *Sichelschnitt* de Manstein havia sido conseguido. Fora de si de contentamento, Hitler mal podia acreditar na notícia. A surpresa era tal que o alto-comando do exército não sabia o que fazer em seguida.

No lado norte do corredor, a 7ª Divisão Panzer de Rommel havia avançado até Arras, mas lá foi retida por um batalhão da Guarda Galesa. Naquela noite, o general Ironside chegou ao quartel-general de Gort com a ordem de Churchill para forçar caminho pelo corredor e se juntar aos franceses no lado sul. Porém, Gort assinalou que o grosso das suas divisões defendia a linha do Scheldt e não podiam ser retiradas àquela altura. No entanto, ele estava organizando um ataque a Arras com duas divisões, mas não tinha ideia de quais eram os planos franceses.

Ironside foi ao quartel-general de Billotte. Ao encontrar o general francês em um estado de absoluto desânimo, o corpulento Ironside agarrou-o pelo uniforme

e sacudiu-o. Por fim, Billotte concordou em lançar um contra-ataque simultâneo com outras duas divisões. Gort estava profundamente cético de que algo pudesse resultar. Tinha razão. Segundo o oficial de ligação francês, o general René Altmayer, que comandava o 5º Corpo francês que deveria apoiar os ingleses, simplesmente chorava na cama. Só uma pequena força do excelente corpo de cavalaria do general Prioux chegou em socorro.

O contra-ataque britânico ao redor de Arras fora planejado para ocupar o sul da cidade e cortar a ponta de lança panzer de Rommel.⁷ A força consistia principalmente de 74 tanques Matilda dos 4º e 7º Regimentos Reais de Tanques, dois batalhões da Infantaria Leve de Durham, parte dos infantess do Northumberland e as viaturas blindadas do 12º Regimento de Lanceiros. Mais uma vez, o apoio da artilharia e a cobertura aérea prometidos para a operação não se materializaram. O próprio Rommel testemunhou a sua infantaria e artilheiros fugirem para salvar as suas vidas, e a recém-chegada divisão de infantaria mecanizada SS *Totenkopf* entrou em pânico, mas ele rapidamente pôs em ação alguns canhões anticarro e antiaéreos contra os pesados tanques Matilda. Ele quase morreu no combate, mas os riscos que correu ao intervir no combate como um oficial subalterno provavelmente salvaram os alemães de um revés.

A outra coluna britânica foi mais bem-sucedida, embora a maioria dos tanques tivesse enguiçado. As granadas anticarro alemãs ricochetearam nos Matildas remanescentes, mas muitos terminaram por sucumbir a falhas mecânicas após infligir danos consideráveis às viaturas alemãs blindadas e não blindadas. O contra-ataque, embora realizado com muita coragem, simplesmente não teve a força ou o apoio necessários para cumprir o objetivo. O fracasso dos franceses (com a honrosa exceção da cavalaria de Prioux) em se unir à batalha convenceu os comandantes britânicos de que o exército deles havia perdido a vontade de lutar. Para grande aflição de Churchill, a aliança estava condenada a se deteriorar com suspeitas e recriminações mútuas. Na verdade, os franceses lançaram outro contra-ataque em Cambrai, mas de êxito pouco duradouro.

Naquela manhã, a principal força da BEF havia sido fortemente atacada ao longo da linha do Escaut e combateu os alemães com grande determinação. A ação foi digna de duas condecorações Victoria Cross. Os alemães, despreparados para perder tantos homens em outra tentativa, recorreram ao bombardeio contra os ingleses com artilharia e morteiros. Quando Weygand convocou uma conferência em Ypres naquela tarde, todas as posições dos Aliados estavam a ponto de cair devido às más ligações e mal-entendidos entre os comandantes mais antigos. Ele queria que os britânicos recuassem para lançar um ataque mais forte contra o corredor alemão em direção ao Somme. Mas Gort estava fora do

alcance das comunicações e chegou tarde demais. O acordo de Weygand com o rei Leopoldo III da Bélgica de manter as tropas em território belga levou ao desastre. O qual aumentou com a morte do general Billotte, quando o carro em que estava bateu na traseira de um caminhão lotado de refugiados. Mais tarde, o general Weygand e alguns comentaristas franceses sugeriram que Gort havia evitado deliberadamente a reunião em Ypres porque planejava secretamente evacuar a BEF, mas não há provas disto.

“A cara da guerra é terrível”, escreveu um soldado alemão da 269ª Divisão de Infantaria à família em 20 de maio. “Cidades e aldeias em ruínas, lojas saqueadas por toda parte, valores pisoteados pelos coturnos, gado em manadas abandonado, cães esquivando-se furtivamente pelas casas [...] Na França vivemos como reis. Quando precisamos de carne, uma vaca é esquartejada e só os melhores cortes são usados, o resto se descarta. Há abundância de aspargos, laranjas, bebidas destiladas, cerveja, tabaco, cigarros e charutos, além de jogos completos de roupa lavada. Devido às longas distâncias que temos de marchar, perdemos contato com as nossas unidades. Com os fuzis nas mãos, invadimos uma casa e saciamos a fome. Terrível, não é? Mas a gente se acostuma a tudo. Graças a Deus isso não ocorre em nosso país.”⁸

“Pelas estradas vemos filas incomensuráveis de tanques e viaturas francesas queimadas e despedaçadas”, escreveu um cabo de artilharia à esposa. “Claro que também há alguns alemães entre eles, mas são surpreendentemente poucos.”⁹ Alguns soldados se queixavam de que quase não havia nada a fazer. “Há muitas muitíssimas divisões aqui que não dispararam nem um tiro”, escreveu um cabo da 1ª Divisão de Infantaria. “Na frente o inimigo está fugindo. Os franceses e os ingleses, os mesmos adversários da outra guerra mundial, recusam-se a enfrentar-nos. Na verdade, os nossos aviões estão no comando dos céus. Não vimos um avião inimigo, só os nossos. Imagine. Posições como Amiens, Laon, Chemin des Dames caem em questão de horas. Em 1914-18 lutamos durante anos.”¹⁰

As cartas triunfantes enviadas para casa não mencionavam os massacres ocasionais de prisioneiros britânicos e franceses e até mesmo de civis. Tampouco falavam sobre os massacres mais frequentes das tropas coloniais francesas capturadas,¹¹ principalmente os *tirailleurs* senegaleses, que lutaram bravamente contra a fúria racista das tropas alemãs. Às vezes eram fuzilados 50 a 100 de uma só vez por formações alemãs que incluíam a SS *Totenkopf*, a 10ª Divisão Panzer e o Regimento *Grossdeutschland*. No total, estima-se que, durante a Batalha da França, 3 mil soldados coloniais tenham sido mortos logo após serem capturados.

Na retaguarda das forças britânicas e francesas, Boulogne estava um caos; algumas guarnições navais francesas andavam totalmente bêbadas, e outras destruíam as baterias costeiras. Um batalhão de Guardas Irlandeses e outro de Guardas Galeses desembarcaram para defender a cidade. Quando a 2ª Divisão Panzer avançou para o norte em direção ao porto, em 22 de maio, foi emboscada por um destacamento do 48º Regimento francês, em sua maioria burocratas do quartel-general sem familiaridade com armas anticarro. Foi uma defesa corajosa, em um contraste flagrante com as cenas desonrosas em Boulogne, mas eles foram sobrepujados e a 2ª Divisão Panzer prosseguiu para atacar o porto.

Os dois batalhões de guardas possuíam poucas armas anticarro e logo foram forçados a recuar para a cidade e, depois, para um perímetro interno à volta do porto. Em 23 de maio, quando ficou claro que não conseguiriam manter Boulogne, os soldados da zona de retaguarda inglesa começaram a ser evacuados por contratorpedeiros da Marinha Real. Houve uma batalha extraordinária com navios de guerra britânicos entrando pelo porto e dominando panzers alemães com seus armamentos. Mas o comandante francês, que tinha ordens de lutar até o último homem, ficou indignado. Acusou os britânicos de deserção e isto contribuiu muito para amargar ainda mais as relações entre os Aliados. Isto também fez Churchill tomar a decisão de defender Calais a qualquer custo.

Embora contasse com o reforço de quatro batalhões e alguns tanques, Calais tinha pouca chance de resistir, apesar da ordem de que não haveria evacuação “pelo bem da solidariedade entre os Aliados”.¹² Em 25 de maio, a 10ª Divisão Panzer solicitou Stukas e a artilharia pesada de Guderian e começou a bombardear a velha cidade, para onde os remanescentes dos defensores haviam se retirado. A defesa de Calais continuou no dia seguinte. De Dover, do outro lado do canal, podiam ser vistas as chamas da cidade incendiada. As tropas francesas lutaram até ficarem sem munição. O comandante naval francês resolveu se render e os britânicos, que haviam sofrido grandes baixas, não tiveram opção a não ser fazer o mesmo. Apesar de condenada ao fracasso, a defesa de Calais ao menos retardou o avanço da 10ª Divisão Panzer ao longo da costa em direção a Dunquerque.

Na Grã-Bretanha, o moral civil estava firme, em grande parte devido à ignorância a respeito da verdadeira situação do outro lado do canal. Mas o suposto comentário de Reynaud de que “só um milagre salva a França”¹³ provocou muito alarme em 22 de maio. O país subitamente começara a despertar. A Lei de Poderes Emergenciais foi amplamente aceita, junto com a prisão de Sir Oswald Mosley, líder da União Britânica de Fascistas. A

organização de pesquisa social *Mass Research* comentou que, de maneira geral, os ânimos estavam mais determinados nas aldeias e áreas rurais do que nas cidades grandes, e que as mulheres estavam muito menos confiantes que os homens. As classes médias também estavam mais nervosas que as classes trabalhadoras: “Quanto mais branco o colarinho, menor a confiança.”¹⁴ De fato, a maior proporção de derrotistas estava entre os ricos e as classes altas.

Muitas pessoas se convenceram de que rumores como o de que o general Gamelin havia sido fuzilado como traidor ou cometera suicídio eram espalhados deliberadamente por alguns quintas-colunas. Mas a *Mass Observation* relatou ao Ministério da Informação que “no momento, a evidência sugere que a maioria dos boatos provém de pessoas ociosas, assustadas e desconfiadas”.¹⁵

Em 23 de maio, o general Brooke, comandante do 2º Corpo, escreveu em seu diário: “Só um milagre pode salvar a BEF e o fim não pode estar muito longe!”¹⁶ Porém, para sorte da Força Expedicionária Britânica, o ataque fracassado em Arras ao menos tornara os alemães mais cautelosos. Rundstedt e Hitler insistiram que a região deveria ser mantida antes de voltarem a avançar. O atraso da 10ª Divisão Panzer em Boulogne e Calais significou que Dunquerque não fosse conquistada às costas da BEF.

Na noite de 23 de maio, o coronel-general Von Kluge ordenou alto para as treze divisões alemãs ao longo do que os britânicos denominaram a Linha do Canal, no lado oeste do que estava se transformando no bolsão de Dunquerque, que distava pouco mais de 50 quilômetros do canal da Mancha ao longo do rio Aa e o seu canal, via Saint-Omer, Béthune e La Bassée. Os dois corpos panzer de Kleist precisavam urgentemente de manutenção nas viaturas. O seu grupo panzer já havia perdido a metade da sua força blindada. Em três semanas, seiscentos tanques haviam sido destruídos pelos inimigos ou haviam tido sérios problemas mecânicos, o que representava mais de um sexto da força germânica em todas as frentes.¹⁷

Hitler aprovou a ordem no dia seguinte, mas não foi uma intervenção pessoal sua, como muitas vezes se acreditou. O coronel-general Von Brauschitsch, comandante em chefe do exército alemão, apoiado por Halder, deu a ordem na noite de 24 de maio para que seguissem avançando, mas Rundstedt, com o apoio de Hitler, insistiu em que primeiro a infantaria deveria alcançá-los. Eles queriam preservar as forças panzer para uma ofensiva do outro lado do Somme e do Aisne antes que o grosso do exército francês tivesse tempo de se reorganizar. Um avanço pelos canais e pântanos de Flandres lhes pareceu um risco desnecessário quando Göring afirmou que a Luftwaffe poderia lidar com

qualquer tentativa de evacuação dos britânicos. Embora marchassem celeremente, as divisões de infantaria alemãs tiveram trabalho para alcançar as formações panzer. É um fato surpreendente que a BEF e a maior parte das formações francesas possuísem muitos mais transportes motorizados que o exército alemão, no qual apenas dezesseis divisões, de um total de 157, eram totalmente motorizadas.¹⁸ Todo o resto dependia de cavalos para tracionar a artilharia e transportar as bagagens.

Os britânicos tiveram outro golpe de sorte. Uma viatura do comando alemão foi capturada com documentos que mostravam que o próximo ataque seria ao leste, perto de Ypres, entre as forças belgas e o flanco esquerdo inglês. Lorde Gort foi persuadido pelo general Brooke a deslocar uma de suas divisões, que havia sido mobilizada para outro contra-ataque, a fim de fechar tal brecha.

Ao saber que os franceses não conseguiam montar um ataque através do Somme, Anthony Eden, secretário de Estado para a Guerra, alertou Gort, na noite de 25 de maio, que a segurança da BEF deveria ser a “consideração prioritária”.¹⁹ Portanto, ele deveria recuar em direção à costa do canal para a evacuação. O Gabinete de Guerra, forçado a encarar o fato de que o exército francês não se recuperaria do colapso, teve de considerar as implicações para a Inglaterra de lutar sozinha. Gort já havia advertido Londres que provavelmente a BEF perderia todos os equipamentos e ele achava que só uma pequena parcela das suas forças seria evacuada.

Eden não sabia que um Reynaud cada vez mais acossado estava sendo emboscado pelo marechal Pétain e o general Weygand. Pétain estivera em contato com Pierre Laval, um político que odiava os britânicos e estava à espera de uma oportunidade para substituir Reynaud. Laval havia feito contato com um diplomata italiano para sondar a possibilidade de negociar com Hitler por intermédio de Mussolini. Weygand, o comandante em chefe, acusava os políticos de “imprudência criminosa”²⁰ por terem ido à guerra. Apoiado por Pétain, exigiu a suspensão da garantia de que a França não buscaria a paz em separado. A sua prioridade era preservar o exército para manter a ordem. Reynaud concordou em voar a Londres no dia seguinte a fim de consultar o governo britânico.

A esperança de Weygand de que Mussolini seria persuadido a se manter fora da guerra com a promessa de mais colônias e que poderia negociar a paz era completamente fora de propósito. A afirmação de Hitler de que havia alcançado a vitória levou um Mussolini hesitante a dizer aos alemães e ao seu próprio Estado-Maior que a Itália entraria na guerra pouco depois de 5 de junho. Ele e os seus generais estavam cientes de que a Itália era incapaz de qualquer ação ofensiva eficaz. Chegaram, contudo, a considerar um ataque a Malta, mas depois decidiram que aquilo era desnecessário, já que poderiam invadir a ilha assim que

a Grã-Bretanha entrasse em colapso. Nos dias seguintes, Mussolini supostamente teria dito: “Desta vez vou declarar a guerra, mas não vou travá-la.”²¹ As principais vítimas da sua tentativa desastrosa de manipulação foram os seus exércitos de figuração, calamitosamente subequipados. Certa vez Bismarck comentou de modo incisivo que a Itália tinha muito apetite e dentes ruins.²² Isto seria provado de modo desastroso na Segunda Guerra Mundial.

Na manhã de domingo, 26 de maio, enquanto as tropas britânicas recuavam para Dunquerque sob uma chuva torrencial — “os trovões se misturavam ao estrondo da artilharia” —²³ o Gabinete de Guerra se reuniu em Londres sem saber das intenções de Mussolini. Lorde Halifax aventou a possibilidade de o governo considerar uma aproximação com o Duce para saber em que termos Hitler estaria disposto a aceitar a paz. Ele inclusive havia se encontrado com o embaixador italiano em privado na tarde anterior, para sondá-lo. Halifax estava convencido de que, sem perspectiva de apoio dos Estados Unidos num futuro próximo, a Inglaterra não era suficientemente forte para resistir sozinha a Hitler.

Churchill respondeu que a liberdade e independência britânicas eram de fundamental importância. Ele havia usado um artigo preparado pelos chefes de Estados-Maiores, intitulado “A estratégia britânica em certa eventualidade”²⁴ — um eufemismo para a rendição francesa. Alguns aspectos eram excessivamente pessimistas, como o desenrolar dos acontecimentos demonstrou. O relatório supunha que perderiam a maior parte da BEF na França. O Almirantado não esperava resgatar mais de 45 mil homens, e a Luftwaffe destruiria as fábricas de aviões nas Midlands. Outras suposições eram otimistas demais: por exemplo, os chefes de Estados-Maiores previram que a economia de guerra alemã se enfraqueceria por escassez de matérias-primas — uma hipótese estranha, pois a Alemanha passaria a controlar a maior parte da Europa central e ocidental. Mas a principal conclusão era que provavelmente a Grã-Bretanha se defenderia da invasão, desde que a RAF e a Marinha Real permanecessem intactas. Aquele era o ponto vital em apoio à argumentação de Churchill, contrária à de Halifax.

Churchill foi almoçar na Casa do Almirantado com Reynaud, que acabara de chegar a Londres. Pelo que este disse, ficou claro que a visão francamente favorável da situação sustentada pelo general Weygand alguns dias antes havia se convertido em um derrotismo declarado. Os franceses já contemplavam a perda de Paris. Reynaud chegou a dizer que, embora não fosse assinar um tratado bilateral de paz, poderia ser substituído por alguém que o fizesse. Ele já era pressionado para persuadir os britânicos — “de modo a reduzir proporcionalmente a nossa própria contribuição” —²⁵ a ceder Gibraltar e Suez

aos italianos.

Quando Churchill regressou ao Gabinete de Guerra e informou sobre a conversa, Halifax voltou a sugerir que procurassem o governo italiano. Churchill teve de jogar as suas cartas com cautela. Não podia se arriscar a um atrito declarado com Halifax, que comandava a lealdade de um grande número de conservadores, enquanto a sua própria posição não era segura. Por sorte, Chamberlain mudou de ideia e começou a apoiar Churchill, que o havia tratado com grande respeito e magnanimidade apesar do antagonismo anterior.

Churchill argumentou que a Grã-Bretanha não devia estar ligada à França se esta buscasse um acordo. “Não devemos nos colocar em uma posição deste tipo antes de nos envolvermos em um combate sério.”²⁶ Nenhuma decisão deveria ser tomada antes que ficasse claro quanto da BEF poderia ser salva. De qualquer modo, os termos de Hitler certamente impediriam o país de “completar o nosso rearmamento”. Corretamente, Churchill supôs que Hitler ofereceria muito mais concessões à França do que à Inglaterra. Mas o secretário do Exterior estava determinado a não desistir da ideia da negociação. “Se chegarmos ao ponto de discutir um acordo que não postule a destruição da nossa independência, seríamos tolos se não o aceitássemos.” Mais uma vez Churchill teve de sugerir que concordava com a ideia de abordar a Itália, mas na verdade estava ganhando tempo. Se o grosso da BEF fosse poupado, a sua própria posição, assim como o país, sairiam incomensuravelmente fortalecidos.

Naquela noite, Anthony Eden enviou uma mensagem a Gort confirmando que ele deveria “voltar à costa [...] junto com os exércitos francês e belga”.²⁷ Naquela mesma noite, em Dover, o vice-almirante Bertram Ramsay recebia ordens de lançar a Operação Dynamo, a evacuação da BEF por mar. Infelizmente, a mensagem de Churchill a Weygand confirmando a retirada para os portos do canal não explicitava os planos da evacuação. De modo incorreto, supôs-se que isto era evidente em vista das circunstâncias. As consequências para a relação já deteriorada com os franceses seriam graves.

A parada das divisões panzer havia dado ao pessoal de Gort a oportunidade de preparar um novo perímetro defensivo com base em uma linha de aldeias fortificadas, enquanto o grosso da BEF recuava. Mas os comandantes franceses em Flandres ficaram enfurecidos ao saber que os britânicos planejavam se retirar. Gort supusera que Londres havia informado o general Weygand ao mesmo tempo em que ele recebia instruções para voltar à costa. Pensou que os franceses também haviam recebido ordem de embarcar e se horrorizou ao descobrir que não era bem assim.

A partir de 27 de maio, o 2º Batalhão do Regimento de Gloucestershire e um batalhão de Infantaria Leve de Oxford e Buckinghamshire defenderam Cassel, ao sul de Dunquerque. Pelotões ocuparam fazendas remotas, em alguns casos durante três dias, contra forças muito superiores. Ao sul, a 2ª Divisão britânica, que havia sido mobilizada para defender a Linha do Canal de La Bassée até Aire, sofreu ataques muito pesados. Ao ficarem sem munição anticarro, os soldados do 2º Regimento Real de Norfolk, exaustos e em número reduzido, limitaram-se a correr com granadas de mão e atirá-las nas lagartas dos panzers. Os remanescentes do batalhão foram cercados pela SS *Totenkopf* e feitos prisioneiros. Naquela noite, a SS massacrrou 97 deles. No mesmo dia, no setor belga, a 255ª Divisão alemã vingou as suas perdas perto da aldeia de Vinkt com a execução de 78 civis sob a falsa alegação de que alguns estavam armados. No dia seguinte, em Wormhout, um grupo da SS *Leibstandarte* comandado pelo *Hauptsturmführer* Wilhelm Mohnke matou quase 90 prisioneiros britânicos, principalmente do Regimento de Fuzileiros Reais Warwicks, que também operava, como força da retaguarda. Assim, a guerra criminosa contra a Polônia produziu alguns ecos na frente oeste, supostamente mais civilizada.

Ao sul do Somme, a 1ª Divisão Blindada²⁸ britânica armou um contra-ataque a uma cabeça de ponte alemã. Mais uma vez, a artilharia francesa e o apoio aéreo não se materializaram, e o 10º Regimento de Cavalaria dos Hussardos e o Regimento de Cavalaria Queen's Bay perderam 65 tanques, alvos principalmente dos canhões anticarro germânicos. Um contra-ataque mais eficaz foi lançado pela 4ª Divisão Blindada de De Gaulle contra uma cabeça de ponte perto de Abbeville, mas também foi repellido.

Em 27 de maio, em Londres, o Gabinete de Guerra se reuniu novamente três vezes. A segunda reunião, à tarde, talvez tenha sido o momento mais crucial da guerra, quando a Alemanha nazista poderia ter vencido. Foi quando o enfrentamento em curso entre Halifax e Churchill ficou exposto. Halifax estava ainda mais determinado a usar Mussolini como mediador para descobrir as condições que Hitler poderia oferecer à França e à Grã-Bretanha. Acreditava que, se demorassem, os termos poderiam ser ainda piores.

Churchill criticou veementemente este enfraquecimento e insistiu em que deviam continuar lutando. “Mesmo que sejamos derrotados”, disse, “não ficaremos pior do que estaremos se abandonarmos a luta agora. Portanto, evitemos ser puxados pela ladeira escorregadia junto com a França.”²⁹ Em sua opinião, uma vez que comesçassem a negociar estariam “impossibilitados de voltar atrás” e reviver o espírito de desafio na população. Ao menos Churchill tinha o apoio implícito de Clement Attlee e Arthur Greenwood, os dois líderes trabalhistas, e também de Sir Archibald Sinclair, o líder liberal. Chamberlain

também se convenceu com o argumento principal de Churchill. Na reunião colérica, Halifax deixou claro que renunciaria caso as suas opiniões fossem ignoradas, porém mais tarde Churchill conseguiu tranquilizá-lo.

Naquela noite houve outro golpe. Após a abertura de uma brecha na linha belga no rio Lys, o rei Leopoldo decidiu capitular. No dia seguinte, rendeu-se incondicionalmente ao VI Exército. O coronel-general Von Reichenau e o seu chefe de Estado-Maior tenente-general Friedrich Paulus ditaram os termos no seu quartel-general. A próxima rendição a ser conduzida por Paulus seria a sua própria, em Stalingrado, dois anos e oito meses mais tarde.

Em público, o governo francês criticava severamente a “traição” do rei Leopold, mas em privado regozijava-se. Um dos *capitulards* expressou a atmosfera ao dizer: “Por fim temos um bode expiatório!”³⁰ Contudo, os britânicos não se surpreenderam com o colapso belga. Por sugestão do general Brooke, Gort havia se precavido sabiamente e movera as suas tropas para trás das linhas belgas, a fim de se prevenir contra uma penetração alemã entre Ypres e Comies, no flanco leste.

O general Weygand, então oficialmente informado de que os britânicos haviam decidido se retirar, ficou furioso com a falta de franqueza. Infelizmente, só ordenou às suas unidades que recuassem no dia seguinte e, em consequência, as tropas francesas chegaram às praias muito depois dos ingleses. O marechal Pétain argumentou que a falta do apoio britânico levaria à revisão do acordo assinado em março por Reynaud de não buscar a paz em separado.

Na tarde de 28 de maio, o Gabinete de Guerra reuniu-se novamente, desta vez na Câmara dos Comuns, por solicitação do primeiro-ministro. A batalha entre Halifax e Churchill veio à tona mais uma vez, e Churchill foi definitivamente contrário a qualquer forma de negociação. Mesmo que os britânicos se levantassem e deixassem a mesa de negociações, disse, “descobriremos que todas as forças da determinação que ainda temos disponíveis terão se desvanecido”.³¹

Assim que o encontro terminou, Churchill convocou uma reunião de todo o Gabinete. Disse que havia considerado negociar com Hitler, mas estava convencido de que os termos do acordo reduziriam a Grã-Bretanha a um “Estado escravo”³² com um governo títere. O apoio que recebeu não poderia ter sido mais enfático. Decididamente, Halifax fora vencido pela manobra de Churchill. A Grã-Bretanha lutaria até o fim.

Por não querer usar as suas forças panzer reduzidas, Hitler limitou-as no novo avanço em direção a Dunquerque. Elas deveriam fazer alto assim que os

regimentos de artilharia tivessem o porto dentro de seus alcances. Os bombardeios aéreo e de artilharia contra a cidade começaram acirrados, mas não foram suficientes para evitar a Operação Dynamo, a evacuação. Os bombardeiros da Luftwaffe ainda, com frequência, decolando de bases na Alemanha não contavam com apoio eficaz e eram frequentemente interceptados pelos esquadrões de Spitfires que decolavam dos campos mais próximos em Kent.

As infelizes tropas britânicas que lotavam as dunas de areia e a cidade enquanto esperavam para embarcar amaldiçoaram a RAF, sem saber que os seus caças enfrentavam os bombardeiros germânicos no interior. Apesar de Göring alardear que eliminaria os britânicos, a Luftwaffe causou relativamente poucas baixas. O efeito letal das bombas e granadas foi enormemente reduzido pela maciez das dunas. Mais soldados aliados foram mortos nas praias por ataques de metralhadoras dos aviões do que por bombas.

Quando o ataque alemão empregou a infantaria, a forte defesa das tropas britânicas e francesas evitou o avanço alemão. Os poucos dos Aliados que escaparam das vilas reforçadas estavam exaustos, famintos, sedentos e, em muitos casos, feridos; os mais graves tiveram de ser deixados para trás. Com alemães por toda a volta, a retirada foi enervante, sem jamais saber quando topariam com uma força inimiga.

A evacuação havia começado em 19 de maio, quando os feridos e tropas da retaguarda foram resgatados, mas o esforço principal só teve início na noite de 16 de maio. Após uma chamada pela BBC, o Almirantado entrou em contato com voluntários proprietários de pequenas embarcações, tais como iates, lanchas fluviais e lanchas com cabines. Primeiro eles foram convocados a se reunirem ao largo de Sheernes, depois de Ramsgate. Cerca de seiscentas dessas embarcações foram usadas na Operação Dynamo, quase todas tripuladas por “marinheiros de fim de semana”, para ampliar a força de mais de duzentas embarcações da Marinha.

Dunkerque era facilmente identificável a distância fosse do mar, fosse da terra. Incendiada pelos bombardeios alemães, a cidade lançava ao céu colunas de fumaça. Os tanques de petróleo queimavam ferozmente, provocando grandes massas de nuvens pretas espessas. Todas as estradas que levavam à cidade estavam coalhadas de veículos militares abandonados e destruídos.

As relações entre os oficiais britânicos e franceses mais antigos, principalmente da equipe do almirante Jean Abrial, comandante das forças navais do norte, azedaram cada vez mais. A situação não melhorou com a pilhagem de Dunquerque por tropas dos dois países, com um grupo culpando o outro. Muitos estavam bêbados por terem tentado saciar a sede com vinho,

cerveja e destilados, pois o abastecimento de água já não funcionava.

As praias e o porto ficaram apinhados de tropas enfileiradas para embarcar. Cada vez que vinha um ataque da Luftwaffe, com as sirenes dos Stukas ligadas quando mergulhavam “como um bando de enormes gaivotas infernais”,³³ os homens se espalhavam para se protegerem. O ruído era ensurdecedor, com os pum-puns antiaéreos dos contratorpedeiros que disparavam ao largo do molhe. Quando acabava, os soldados corriam de volta, sem querer perder a vez na fila. Alguns tinham ataques nervosos devido à tensão. Não se podia fazer muito a respeito das baixas por fadiga do combate.

À noite, os soldados esperavam no mar, com água até os ombros, que os botes salva-vidas e pequenas embarcações viessem buscá-los. A maioria estava tão cansada e desamparada em seus uniformes e coturnos encharcados que os marinheiros praguejavam ao puxá-los para a borda, agarrando-os pelos tirantes dos equipamentos.

A Marinha Real sofreu tanto quanto as tropas que resgatou. Em 29 de maio, quando Göring, pressionado por Hitler, lançou um esforço concentrado contra a evacuação, dez contratorpedeiros foram afundados ou ficaram seriamente avariados, além de muitas outras embarcações. Isso levou o Almirantado a retirar os principais esquadrões de contratorpedeiros, que seriam vitais para a defesa do sul da Inglaterra. Porém, no dia seguinte foram trazidos de volta quando a evacuação esmoreceu, pois cada contratorpedeiro podia transportar até mil soldados de uma vez.

Naquele dia houve também a defesa encarniçada do perímetro interno pelos Guardas Granadeiros, os Guardas Coldstream e os Royal Berkshires da 3ª Divisão de Infantaria. Eles quase não conseguiram deter os ataques alemães que, se tivessem sido bem-sucedidos, teriam impedido a continuidade da evacuação. Tropas francesas da 68ª Divisão permaneceram na parte oeste e sudoeste do perímetro de Dunquerque, mas as tensões na aliança franco-britânica se tornaram mais agudas.³⁴

Os franceses tinham certeza de que os britânicos dariam prioridade ao seu próprio pessoal e, de fato, Londres enviou instruções contraditórias a respeito. Muitas vezes as tropas francesas chegavam aos pontos de embarque britânicos e não tinham permissão para passar, o que naturalmente provocava cenas de fúria. Os soldados britânicos, irritados porque os franceses traziam bagagem quando haviam sido instruídos a abandonar os seus pertences, empurravam-nos pela borda do cais para o mar. Em outro caso, tropas britânicas se precipitaram sobre um navio destinado aos franceses, enquanto em um barco britânico os soldados franceses que tentaram embarcar foram atirados no mar.

Até o famoso charme do major-general Harold Alexander, comandante da 1ª

Divisão, foi incapaz de amainar a raiva do general Robert Fagalde, comandante do 16º Corpo, e do almirante Abrial, quando lhes disse que tinha ordens de embarcar o máximo de tropas britânicas que fosse possível. Os franceses mostraram uma carta de lorde Gort lhes assegurando que três divisões britânicas seriam deixadas para trás a fim de defender o perímetro. O almirante Abrial chegou a ameaçar fechar o porto de Dunquerque às tropas britânicas.

A disputa foi parar em Londres e Paris, onde Churchill estava reunido com Reynaud, Weygand e o almirante François Darlan, comandante da marinha francesa. Weygand reconheceu que Dunquerque não aguentaria por muito tempo. Churchill insistiu que a evacuação devia prosseguir em termos igualitários, mas a esperança de manter o espírito da aliança não era compartilhada em Londres. Lá, a suposição não verbalizada era que, como a França provavelmente desistiria de lutar, os britânicos deveriam cuidar de si mesmos. Alianças já são complicadas na vitória, mas na derrota elas tendem a provocar as piores recriminações possíveis.

Em 30 de maio, parecia que a metade da BEF ficaria para trás. Porém, no dia seguinte, a Marinha Real e os “barcos pequenos” chegaram: contratorpedeiros, lançadores de minas, iates, vapores, rebocadores, salva-vidas, barcos de pesca e de lazer. Muitas embarcações menores levaram os soldados das praias até as embarcações maiores. Um dos iates, o *Sundowner*, pertencia ao comandante C. H. Lightoller, o mais antigo sobrevivente do *Titanic*. O milagre de Dunquerque foi em geral atribuído ao predominante mar calmo durante aqueles dias e noites vitais.

A bordo dos contratorpedeiros, os marujos da Marinha Real distribuíram aos soldados esfomeados e exaustos canecas de chocolate, latas de carne e pão, porém, com a Luftwaffe intensificando os ataques a cada brecha na cobertura dos caças da RAF, alcançar um barco não significava chegar a porto seguro. É difícil esquecer a descrição dos terríveis ferimentos provocados pelos ataques aéreos, dos que se afogaram com o afundamento dos navios e dos gritos por ajuda sem resposta. A situação dos feridos que foram deixados para trás no perímetro de Dunquerque era ainda pior, e enfermeiros e médicos não puderam fazer muito para confortar os moribundos.

Nem mesmo os evacuados encontraram muito consolo ao chegar a Dover. A evacuação em massa sobrecarregou o sistema. Os trens-hospitais os distribuíram por toda parte. Um soldado ferido, de volta dos horrores de Dunquerque, mal pôde crer nos seus olhos ao ver pela janela do trem times em uniformes brancos jogando críquete, como se a Grã-Bretanha ainda estivesse em paz. Quando por fim foram tratados, muitos homens apresentavam vermes nas feridas sob os curativos feitos em campanha ou tiveram gangrena e precisaram amputar algum

membro.

Na manhã de 1º de junho, a retaguarda em Dunquerque, que incluía a 1ª Brigada da Guarda, foi esmagada por uma ofensiva alemã feroz no canal Bergues-Furnes. Alguns homens e até pelotões inteiros caíram, mas a bravura demonstrada naquele dia levou à condecoração com uma Victoria Cross e diversas outras medalhas. A evacuação à luz do dia teve de ser suspensa, devido às grandes perdas da Marinha Real e à perda de dois navios-hospitais, um afundado e o outro danificado. Os últimos barcos chegaram ao litoral de Dunquerque na noite de 3 de junho. Em uma lancha, o major-general Alexander deu uma última volta pelas praias e o porto convocando os soldados restantes a se apresentarem. Pouco antes da meia-noite, o comandante Bill Tennant, o oficial da marinha que o acompanhava, pôde avisar ao almirante Ramsay, em Dover, que a sua missão havia terminado.

Em vez das 45 mil tropas que o Almirantado esperava salvar, os navios da Marinha Real e as embarcações civis variadas resgataram 338 mil militares Aliados, dos quais 193 mil eram britânicos e o restante franceses.³⁵ Cerca de 80 mil soldados, em sua maioria franceses, foram deixados para trás em virtude de confusões e da lentidão dos comandantes em evacuá-los. Durante a campanha na Bélgica e no nordeste francês, os britânicos perderam 68 mil homens. Quase todos os tanques e transportes motorizados que sobraram, a maior parte da artilharia e a grande maioria das provisões tiveram de ser destruídos. As forças polonesas na França também chegaram à Grã-Bretanha, o que levou Göring a referir-se a eles depreciativamente como “os turistas de Sikorski”.³⁶

A reação na Inglaterra foi estranhamente mesclada, com alguns medos exagerados e também o alívio emocional porque a BEF havia sido salva. O ministro da Informação se preocupou por achar que o moral popular estava quase “bom demais”.³⁷ Contudo, a possibilidade da invasão começara a ser sentida. Rumores sobre paraquedistas alemães vestidos de freiras passaram a circular. Alguns inclusive aparentemente acreditaram que, na Alemanha, os “pacientes mentalmente perturbados [estavam sendo] recrutados para um corpo suicida”, e que “os alemães cavaram abaixo da Suíça e foram parar em Toulouse”. A ameaça de invasão inevitavelmente produziu um medo incoerente de inimigos no meio dos que foram resgatados. A *Mass Observation* comentou também que, após a evacuação de Dunquerque, as tropas francesas foram recebidas calorosamente, ao passo que os refugiados holandeses e belgas foram marginalizados.

Os alemães não perderam tempo em lançar a seguinte fase da campanha. Em 6

de junho, atacaram a linha dos rios Somme e Aisne com uma superioridade considerável em termos de efetivos terrestre e aéreo. As divisões francesas, ao se recuperarem do choque inicial do desastre, passaram a lutar com grande coragem, mas era tarde demais. Alertado por Dowding de que não havia bombardeiros suficientes para defender a Grã-Bretanha, Churchill rejeitou os pedidos franceses de enviar mais esquadrões para o outro lado do canal. Ainda havia mais de 100 mil soldados britânicos ao sul do Somme, inclusive a 51ª Divisão Highland, que logo ficaria isolada com a 41ª Divisão francesa em Saint-Valéry.

Com a intenção de manter a França na guerra, Churchill enviou outra força expedicionária, sob o comando do general Sir Alan Brooke. Antes de partir, Brooke advertiu Eden que, embora compreendesse a exigência diplomática da missão, o governo deveria reconhecer que militarmente ela não tinha chance de sucesso. Embora algumas tropas francesas lutassem bem, muitas outras haviam começado a se retirar furtivamente e se juntar às colunas de refugiados que rumavam para o sudoeste da França. Os rumores de gás venenoso e das atrocidades alemãs espalhavam o pânico.

Os automóveis avançavam, conduzidos pelos ricos que pareciam bem preparados. Por estarem na dianteira, podiam comprar ao longo do caminho os suprimentos de gasolina que iam minguando. A classe média seguia em veículos mais modestos, com colchões amarrados no teto, o interior repleto dos seus pertences mais preciosos, incluindo cães, gatos ou um canário na gaiola. As famílias mais pobres partiam a pé, de bicicletas, levando carrinhos de mão, cavalos e carrinhos de bebê para transportar seus pertences. Com os engarrafamentos estendendo-se por centenas de quilômetros, avançando alguns passos de cada vez, eles às vezes iam mais rápido que os automóveis, cujos motores ferviam com o calor.

À medida que aqueles rios de humanidade amedrontada, uns 8 milhões de pessoas, desaguavam no sudoeste, logo descobriam que era impossível obter não só gasolina como também comida. Os grandes números de habitantes das cidades que compravam todas as baguetes e alimentos disponíveis logo criaram uma resistência crescente à compaixão e um ressentimento contra o que chegou a ser visto como uma praga de gafanhotos. E isto apesar do número de feridos pelos ataques e bombardeios alemães às estradas congestionadas. Mais uma vez, as mulheres levaram o fardo mais difícil do desastre e enfrentaram a situação com autossacrifício e calma. Os homens eram os que choravam de desespero.

Em 10 de junho, Mussolini declarou guerra à França e à Inglaterra, apesar de estar ciente da fraqueza militar e material do seu país. Estava decidido a não perder a oportunidade de lucrar territorialmente antes que a paz viesse. Mas a

ofensiva italiana nos Alpes, que não foi informada aos alemães, foi desastrosa. Os franceses perderam apenas pouco mais de 200 homens. Os italianos tiveram 6 mil baixas, inclusive mais de 2 mil casos de enregelamento.³⁸

Em uma decisão que só contribuiu para aumentar a confusão, o governo francês havia se transferido para o vale do Loire, e os ministérios e quartéis-generais foram instalados em diversos castelos. No dia 11 de junho, Churchill voou para Briare, no Loire, para uma reunião com os líderes franceses. Escortado por um esquadrão de Hurricanes, ele e sua equipe aterrissaram em um aeródromo deserto nas proximidades. Churchill chegou acompanhado pelo general Sir John Dill, chefe do Estado-Maior, pelo major-general Hastings Ismay, secretário do Gabinete de Guerra, e pelo major-general Edward Spears, o seu representante junto ao governo francês. Foram conduzidos ao Château du Muguet, o quartel-general temporário do general Weygand.

Paul Reynaud, um homem miúdo de sobrancelhas arqueadas e um rosto “inchado de cansaço”³⁹, os esperava na sala de jantar sombria. Estava próximo da exaustão nervosa. Um Weygand mal-humorado e o marechal Pétain o acompanhavam. Ao fundo estavam o general-brigadeiro Charles de Gaulle, então subsecretário da Guerra, que havia sido protegido por Pétain até eles se desentenderem antes da guerra. Spears observou que, apesar das boas-vindas educadas de Reynaud, a delegação britânica foi recebida como “parentes pobres em uma recepção funerária”.⁴⁰

Weygand descreveu a catástrofe nos termos mais crus. Embora vestisse um paletó preto pesado naquele dia quente, Churchill fez o que pôde para soar genial e entusiasta com a sua mistura inimitável de inglês e francês. Sem saber que Weygand já havia dado ordens para entregar Paris aos alemães, advogou pela defesa da cidade casa a casa e pela guerra de guerrilha. Estas ideias deixaram Weygand e Pétain horrorizados, e este último saiu do seu mutismo para dizer: “Isto seria a destruição do país!”⁴¹ A sua principal preocupação era preservar tropas suficientes para esmagar a desordem revolucionária. Eles estavam obcecados com a ideia de que os comunistas poderiam tomar o poder em uma Paris abandonada.

Tentando transferir a responsabilidade pelo colapso da resistência, Weygand exigiu mais esquadrões de bombardeiros da RAF, ciente de que os britânicos se negariam. Alguns dias antes ele havia culpado pela derrota da França não os generais, mas a Frente Popular e os professores “que se recusaram a instilar nas crianças o sentido de patriotismo e sacrifício”.⁴² A atitude de Pétain era semelhante. “Este país”, disse ele a Spears, “foi carcomido pela política.”⁴³ Mais

exatamente, a França fora dividida de um modo tão amargo que as acusações de traição ricocheteavam.

Churchill e seus acompanhantes regressaram a Londres desiludidos, embora tivessem obtido a promessa de que seriam consultados antes de um armistício. Do ponto de vista britânico, as principais questões eram o futuro da esquadra francesa e se o governo de Reynaud daria continuidade à guerra a partir das colônias no norte da África. Mas Weygand e Pétain se opuseram decididamente à ideia, pois já estavam convencidos de que, na ausência do governo, a França degradingolaria no caos. Na noite seguinte, 12 de junho, Weygand exigiu abertamente o armistício em uma reunião do conselho de ministros, do qual não era membro. Reynaud tentou fazê-lo ver que Hitler não era um cavalheiro como Wilhelm I em 1871, mas um novo Gêngis Khan. Porém, aquela foi a última tentativa de Reynaud de controlar o comandante em chefe.

Paris era uma cidade quase deserta. Uma imensa coluna de fumaça se erguia da refinaria da Standard Oil, que havia sido incendiada a pedido do Estado-Maior e da embaixada americana para negar petróleo aos alemães. As relações franco-americanas eram extremamente cordiais em 1940. O governo francês confiava tanto no embaixador dos Estados Unidos, William Bullitt, que este foi temporariamente nomeado prefeito e negociou a rendição da capital aos alemães. Quando oficiais germânicos portando uma bandeira de trégua foram baleados junto à Porte Saint-Denis, no norte da cidade, o major-general Georg von Küchler, comandante em chefe do X Exército alemão, ordenou o bombardeio da cidade. Bullitt interveio e conseguiu salvá-la da destruição.⁴⁴

No dia 13 de junho, quando os alemães estavam prontos para entrar em Paris, Churchill foi a Tours para outra reunião. Os seus principais medos se confirmaram. Por iniciativa de Weygand, Reynaud perguntou se a Grã-Bretanha liberaria a França do acordo de não negociar a paz bilateral. Só algumas pessoas, incluídos o general Mandel, ministro do Interior, e o muito jovem general De Gaulle, estavam decididas a lutar a qualquer preço. Segundo Spears, embora concordasse com eles, Reynaud parecia estar atado pelos derrotistas e se transformara em uma múmia paralisada.

Diante da exigência francesa de paz em separado, Churchill disse que compreendia a posição deles. Os derrotistas torceram as suas palavras para implicar em consentimento, o que ele negou veementemente. Ele não estava disposto a liberar os franceses do compromisso enquanto os britânicos não tivessem certeza de que os alemães nunca se apossariam da esquadra francesa. Em mãos inimigas, isto tornaria a invasão da Inglaterra muito mais fácil. Ele exigiu que Reynaud indagasse ao presidente Roosevelt se os Estados Unidos estariam preparados para ajudar a França *in extremis*. Cada dia que a França

resistisse daria à Grã-Bretanha maiores oportunidades de se preparar para um ataque alemão.

Naquela noite houve um conselho de ministros no Châteu de Cangé. Weygand, insistindo no armistício, afirmou que os comunistas haviam tomado o poder em Paris e o seu líder, Maurice Thorez, havia invadido o Palais de l'Élysée. Tratava-se de um delírio grotesco. Imediatamente Mandel ligou para o chefe da polícia na capital, que confirmou que a notícia era totalmente falsa. Embora Weygand tivesse silenciado, o marechal Pétain tirou um papel do bolso e começou a lê-lo. Ele não só insistia no armistício como rejeitava a ideia de que o governo deixasse o país. “Permanecerei com o povo francês para compartilhar a sua dor e o seu sofrimento.”⁴⁵ Saindo do seu silêncio, Pétain revelou as suas intenções de governar uma França servil. Embora contasse com o apoio de um número suficiente de ministros e dos presidentes da Câmara de Deputados e do Senado, Reynaud não teve coragem de demiti-lo. Concordaram com um compromisso fatal: esperariam a resposta do presidente Roosevelt antes de tomar a decisão final sobre o armistício. No dia seguinte, no último ato da tragédia, o governo partiu para Bordeaux.

Os piores medos do general Brooke se confirmaram pouco depois de aterrissar em Cherburgo. Ele chegou ao quartel-general de Weygand, perto de Briare, na noite de 13 de junho, mas este estava no Châteu de Cangé, no conselho de ministros. Brooke o viu no dia seguinte. Weygand estava menos preocupado com o colapso das Forças Armadas do que com o término de sua carreira em termos melancólicos.⁴⁶

Brooke ligou para Londres e disse que não concordava com as ordens para que a segunda BEF defendesse um reduto na Bretanha, um projeto caro a De Gaulle e a Churchill. O general Dill compreendeu de imediato. Ele impediria que mais reforços fossem enviados à França. Os dois acordaram que as tropas britânicas que permaneciam no noroeste francês deveriam retroceder para os portos da Normandia e da Bretanha para serem evacuadas.

Ao regressar a Londres, Churchill ficou horrorizado. Um Brooke irritado teve de passar uma hora ao telefone com ele, explicando-lhe a situação. O primeiro-ministro insistia em que Brooke havia sido enviado à França para fazer os franceses sentirem que os britânicos os apoiavam. Brooke respondeu que “é impossível fazer um cadáver sentir e que, para todos os efeitos, o exército francês estava morto”. Seguir adiante “só serviria para inutilizar boas tropas em vão”.⁴⁷ Brooke aborreceu-se com a implicação de que era “pé frio” e se recusou a voltar atrás. Mais tarde, Churchill aceitou que não havia outra saída.

As tropas alemãs ainda estavam confusas com a presteza da maior parte das tropas francesas para se render. “Fomos os primeiros a entrar em certa cidade”, escreveu um soldado da 62ª Divisão de Infantaria, “e os soldados franceses estavam há dois dias sentados nos bares, à espera de serem feitos prisioneiros. Assim era na França, que costumava ser exaltada como a ‘*Grande Nation*’.”⁴⁸

Em 16 de junho, o marechal Pétain declarou que renunciaria a menos que o governo buscasse um armistício imediato. Foi persuadido a esperar uma resposta de Londres. A reação do presidente Roosevelt ao apelo de Reynaud estava permeada de comiseração, mas não prometia nada. De Londres, o general De Gaulle leu uma proposta pelo telefone, aparentemente sugerida por Jean Monnet, que depois seria considerado o fundador do ideal europeu, e à época era o encarregado da compra de armamentos. A Grã-Bretanha e a França deveriam formar um estado unido com um único gabinete de guerra. Churchill ficou entusiasmado com o plano de manter a França na guerra e Reynaud também se encheu de esperanças. Porém, quando o apresentou ao conselho de ministros, a maioria reagiu com um desprezo encolerizado. Pétain descreveu o plano como o “casamento com um cadáver”, ao passo que outros temeram que a “pérfida Albion” estivesse tentando tomar o país e as suas colônias no momento em que estavam mais debilitados.

Completamente abatido, Reynaud encontrou-se com o presidente Lebrun e apresentou a sua renúncia. Estava à beira de um colapso nervoso. Lebrun tentou persuadi-lo a permanecer no cargo, mas Reynaud havia perdido a esperança de resistir às exigências de um armistício. Ele chegou a recomendar que o marechal Pétain fosse chamado a formar um governo para pactuar o armistício. Embora, na essência, estivesse do lado de Reynaud, Lebrun sentiu-se obrigado a fazer o que sugeria. Às 23h Pétain presidiu um novo conselho de ministros. A Terceira República estava definitivamente morta. Alguns historiadores argumentam, com certa razão, que ela já havia sido destruída por um golpe militar interno montado por Pétain, Weygand e o almirante Darlan, que fora cooptado em 11 de junho, em Briare. O papel de Darlan era garantir que a esquadra francesa não fosse usada para evacuar o governo e as tropas para o norte da África a fim de prosseguir na luta.

Naquela noite, De Gaulle havia voado de volta a Bordeaux em um avião fornecido por ordem de Churchill. Ao chegar, descobriu que o seu patrono havia renunciado e ele próprio já não fazia parte do governo. A qualquer momento poderia receber ordens de Weygand, e, como militar da ativa, não poderia recusá-las. De um modo discreto, o que não era fácil com a sua altura e o seu rosto memorável, ele procurou Reynaud e disselhe que pretendia voltar à Inglaterra para continuar lutando. Reynaud ofereceu-lhe 100 mil francos de

fundos secretos. Spears tentou persuadir Georges Mandel a partir com eles, mas ele se recusou. Como judeu, não queria ser considerado um desertor, mas subestimou o antissemitismo que ressurgia no país. Mais tarde, isto lhe custaria a vida.

De Gaulle, o seu ajudante de ordens e Spears partiram do aeródromo em meio a aviões avariados. Enquanto voavam para Londres pelas Ilhas do Canal, Pétain anunciou por rádio que estava tentando um armistício. Os franceses haviam sofrido 92 mil mortes e tinham 200 mil feridos. Quase 2 milhões de homens haviam sido feitos prisioneiros de guerra. O exército francês dividido contra si mesmo, em parte pela propaganda comunista e da extrema direita, possibilitou uma vitória fácil à Alemanha, para não falar da grande quantidade de transporte motorizado, que no ano seguinte seria usado na invasão da União Soviética.

Na Inglaterra, o povo ficou em um silêncio assombrado com a notícia da rendição francesa. As implicações foram ressaltadas pelo anúncio do governo de que, dali em diante, os sinos das igrejas só tocariam para alertar de uma invasão. Os carteiros distribuíram panfletos oficiais em todas as casas advertindo que, no caso de um desembarque alemão, todos deveriam permanecer em casa. Se fugissem, congestionando as estradas, seriam metralhados pela Luftwaffe.

O general Brooke não perdeu tempo em evacuar as tropas britânicas remanescentes na França. Isto foi bem pensado, pois o anúncio de Pétain colocava os seus homens em uma posição perigosa. Na manhã de 17 de junho, dos 124 mil militares que ainda permaneciam na França, 57 mil militares do exército e da RAF já tinham partido. Um enorme esforço naval foi montado para retirar a maior quantidade possível de soldados de Saint-Nazaire, na Bretanha. Estima-se que, naquele dia, mais de 6 mil soldados e civis britânicos embarcaram no transatlântico *Lancastria*, da companhia Cunard. Bombardeiros alemães atacaram o navio e provavelmente mais de 3.500 morreram, inclusive muitos que ficaram presos no navio naufragado. Foi o pior desastre marítimo na história britânica.⁴⁹ Apesar desta tragédia pavorosa, outros 191 mil soldados Aliados regressaram à Inglaterra nesta segunda evacuação.

Churchill recebeu De Gaulle em Londres, ocultando a sua decepção porque nem Reynaud nem Mandel tinham ido. Em 18 de junho, um dia depois de chegar, De Gaulle fez uma transmissão radiofônica na BBC à França, data que seria comemorada por muitos anos. (Ele parece não ter percebido que aquele também era o dia do 125º aniversário da Batalha de Waterloo.) Duff Cooper, o francófilo ministro da Informação, descobriu que o Ministério do Exterior se opunha firmemente a que De Gaulle se pronunciasse. Temiam provocar o governo de Pétain naquele momento, quando o futuro da esquadra francesa era incerto. Mas Cooper, apoiado por Churchill e o Gabinete, disse à BBC que

prosseguisse.

Em seu famoso pronunciamento, confessadamente ouvido por muito pouca gente à época, De Gaulle usou o rádio para “içar as cores” dos Franceses Livres, ou *la France combattante*. Embora não pudesse atacar diretamente a administração de Pétain, aquele foi um chamado às armas inspirador, ainda que, mais tarde, tivesse sido aperfeiçoado por escrito: “*La France a perdu une bataille! Mais la France n’a pas perdu la guerre!*” De qualquer modo, ele demonstrou uma forte percepção do desenvolvimento futuro da guerra. Mesmo reconhecendo que a França fora derrotada por uma nova forma de guerra, moderna e mecanizada, ele previu que o poder industrial dos Estados Unidos mudaria a sorte do que estava se convertendo em uma guerra mundial. Por isso, rejeitou implicitamente a crença dos *capitulards* de que a Grã-Bretanha seria derrotada em três semanas e Hitler ditaria a paz europeia.

Em seu discurso sobre “a hora mais bela”, feito naquele mesmo dia na Câmara dos Comuns, Churchill também se referiu à necessidade de os Estados Unidos entrarem na guerra do lado da liberdade. A Batalha da França havia acabado, e a Batalha da Inglaterra estava a ponto de começar.

A Operação Seelöwe (Leão Marinho) e a Batalha da Inglaterra

JUNHO-NOVEMBRO DE 1940

Em 18 de junho de 1940, Hitler encontrou-se com Mussolini em Munique para informá-lo sobre os termos do armistício com a França. Ele não quis impor condições punitivas, por isso não permitiria à Itália tomar a esquadra francesa nem as suas colônias, como Mussolini esperava. A Itália inclusive não estaria presente à cerimônia do armistício. Enquanto isso, o Japão não perdeu tempo para explorar a derrota da França. Tóquio anunciou ao governo de Pétain que o suprimento para as forças nacionalistas chinesas através da Indochina deveria ser suspenso imediatamente. Esperava-se para qualquer momento a invasão da colônia francesa. O governador-geral francês curvou-se à pressão dos japoneses e permitiu que sediassem tropas e aviões em Tonquim.

No dia 21 de junho, os preparativos para o armistício haviam terminado. Hitler, que havia muito tempo sonhava com aquele momento, mandou trazer de seu museu na floresta de Compiègne o vagão ferroviário do marechal Foch onde os representantes alemães haviam assinado a rendição em 1918. A humilhação que assombrara a sua vida estava a ponto de se inverter. Ele ficou no vagão à espera da delegação do general Huntziger, sentado ao lado de Ribbentrop, do vice-Führer Rudolf Hess, Göring, Raeder, Brauchitsch e do major-general Wilhelm Keitel, chefe do OKW. Otto Günsche, o ordenança SS de Hitler, havia trazido uma pistola para o caso de os delegados franceses tentarem ferir o Führer. Hitler permaneceu em silêncio enquanto Keitel lia os termos do armistício. Depois partiu e, mais tarde, telefonou para Goebbels. “A desgraça acabou”, Goebbels anotou em seu diário. “É como nascer de novo.”¹

Huntziger foi informado de que a Wehrmacht ocuparia a metade norte do país e a costa atlântica. O governo do marechal Pétain ficaria com os dois quintos restantes e teria permissão de manter um exército de 100 mil homens. A França pagaria os custos da ocupação alemã e o marco foi fixado contra o franco em

uma taxa grotescamente favorável. Por outro lado, a Alemanha não tocaria na esquadra nem nas colônias francesas. Como Hitler adivinhara, naqueles dois pontos nem mesmo Pétain e Weygand fariam concessões. Ele queria afastar os franceses dos ingleses e simplesmente assegurar que eles não entregassem a esquadra ao antigo aliado. A Kriegsmarine, que esperava colocar as mãos na marinha francesa “para prosseguir na guerra contra a Grã-Bretanha”² ficou amargamente desapontada.

Depois de assinar os termos seguindo as instruções de Weygand, o general Huntziger ficou profundamente incomodado. “Se a Inglaterra não for forçada a se ajoelhar em três meses”, supostamente ele teria dito, “então seremos os maiores criminosos da história.”³ O armistício por fim entrou em vigor nas primeiras horas de 25 de junho. Hitler emitiu uma proclamação saudando a “vitória mais gloriosa de todos os tempos”.⁴ Em comemoração, os sinos dobraram na Alemanha durante uma semana e as bandeiras foram desfraldadas por dez dias. Então Hitler fez uma breve visita a Paris no início da manhã de 28 de junho, na companhia do escultor Arno Breker e dos arquitetos Albert Speer e Hermann Giesler. Ironicamente, foram escoltados pelo major-general Hans Speidel que, quatro anos depois, viria a ser o principal conspirador contra ele na França. Hitler não se deixou impressionar com Paris. Os seus planos para a nova capital da Alemanha eram infinitamente mais grandiosos. Regressou à Alemanha, onde planejou o retorno triunfal a Berlim e pensou em um apelo para que a Grã-Bretanha chegasse a um acordo, a ser apresentado no Reichstag.

Contudo, Hitler ficou preocupado quando a União Soviética invadiu a Bessarábia e tomou a Bukovina da Romênia, em 28 de junho. As ambições de Stalin na região poderiam ameaçar o delta do Danúbio e os campos petrolíferos de Ploesti, vitais para os interesses alemães. Três dias depois, o governo romeno renunciou à garantia anglo-francesa em suas fronteiras e enviou emissários a Berlim. O Eixo estava prestes a ganhar outro aliado.

Enquanto isso, ainda mais determinado a lutar, Churchill tomara uma decisão dura. Evidentemente, estava arrependido do telegrama enviado a Roosevelt em 21 de maio, em que apresentara a perspectiva da derrota britânica e a perda da Marinha Real. Agora, precisava de um gesto para os Estados Unidos e o mundo em geral que demonstrasse a intenção inquebrantável de resistir. Como o risco de a esquadra francesa cair nas mãos dos alemães ainda o preocupava muitíssimo, decidiu forçar a questão. As mensagens enviadas ao novo governo francês instando-o a mandar seus navios de guerra para os portos britânicos não tiveram resposta. A garantia anterior do almirante Darlan já não o convencia, pois este havia se juntado aos *capitulards*. E a garantia de Hitler sobre as condições do armistício podia ser facilmente descartada, como as suas

promessas anteriores. A esquadra francesa teria um valor inestimável para os alemães em uma invasão da Inglaterra, especialmente depois das perdas da Kriegsmarine na costa norueguesa. Com a entrada da Itália na guerra, o domínio do Mediterrâneo pela Marinha Real poderia ser desafiado.

A neutralização da poderosa força naval francesa estava fadada a ser uma missão quase impossível. “Você está diante de uma das tarefas mais difíceis e desagradáveis que um almirante britânico jamais enfrentou”,⁵ Churchill comentou com o almirante Sir James Somerville quando a sua Força-tarefa H deixou Gibraltar na noite anterior. Como a maioria dos oficiais da marinha, este se opunha ferrenhamente ao uso da força contra a marinha aliada, com a qual trabalhara de perto e amistosamente. Ele questionou as ordens para a Operação Catapult em uma mensagem ao Almirantado, mas a única resposta foram instruções muito específicas. Os franceses podiam unir-se aos britânicos e prosseguir lutando contra os alemães e a Itália; zarpar para um porto britânico; zarpar para um porto francês nas Índias Ocidentais, como a Martinica, ou os Estados Unidos; ou afundar os próprios navios num prazo de seis horas. Caso recusassem todas essas opções, ele tinha “as ordens do governo de Sua Majestade de empregar a força que fosse necessária para evitar que os navios [deles] caíssem nas mãos dos alemães ou dos italianos”.⁶

Os britânicos entraram em ação pouco antes do amanhecer da quarta-feira, 3 de julho. Os navios franceses de guerra ancorados em portos ao sul da Inglaterra foram tomados por grupos armados de assalto, com poucas baixas. Em Alexandria, um sistema mais cavalheiresco, de bloquear o esquadrão francês na enseada, foi providenciado pelo almirante Sir Andrew Cunningham. A grande tragédia ocorreria no porto francês de Mers-el-Kébir, perto de Orã, no norte da África, antiga base dos piratas da Costa Berbere. O contratorpedeiro HMS *Foxhound* chegou à enseada ao amanhecer; quando o nevoeiro matinal se dissipou, o comandante Cedric Holland, o emissário de Somerville, enviou uma mensagem solicitando uma conferência. O almirante Marcel Gensoul, na nau-capitânia *Dunkerque*, também comandava os cruzadores *Strasbourg*, *Bretagne* e *Provence*, além de um pequeno esquadrão de contratorpedeiros leves. Gensoul recusou-se a recebê-lo, então Holland foi forçado a fazer uma tentativa muito insatisfatória de negociar por intermédio do oficial de artilharia do *Dunkerque*, que ele conhecia.

Gensoul asseverou que a marinha francesa jamais permitiria que os seus navios fossem tomados pelos alemães ou os italianos. Se os britânicos insistissem na ameaça, o seu esquadrão enfrentaria a força com a força. Como ele continuasse se recusando a receber Holland, este lhe enviou um ultimato com as opções disponíveis. A possibilidade de rumar para a Martinica ou os Estados

Unidos, que até o general Darlan havia considerado uma opção, raramente é mencionada nos relatos franceses do incidente. Talvez porque Gensoul nunca o mencionou na mensagem a Darlan.

Enquanto o dia esquentava cada vez mais, Holland continuava tentando, mas Gensoul recusava-se a mudar de ideia. Perto do prazo limite das 15h, Somerville ordenou que o avião *Swordfish* do *Ark Royal* despejasse minas magnéticas na entrada da enseada. Ele esperava com isto convencer Gensoul de que não estava blefando. Por fim, este concordou em encontrar-se cara a cara com Holland, e o prazo foi estendido até as 17h30. Os franceses estavam ganhando tempo, mas Somerville, incomodado com a sua tarefa, estava preparado para correr aquele risco. Quando Holland subiu a bordo do *Dunkerque*, certamente refletindo sobre a coincidência infeliz daquele nome, observou que os navios franceses estavam agora aprestados para o combate, com os rebocadores prontos para puxar os quatro navios de guerra para fora do molhe.

Gensoul advertiu Holland que se os britânicos abrissem fogo, isto seria “comparável a uma declaração de guerra”.² Ele só afundaria deliberadamente os seus navios se os alemães tentassem tomá-los. Mas Somerville sofria pressão do Almirantado para resolver a questão rapidamente, pois as interceptações de telegramas indicavam que uma divisão de cruzadores franceses havia partido da Argélia. Ele enviou uma mensagem a Gensoul insistindo em que, se não concordasse imediatamente com uma das opções, seria obrigado a abrir fogo às 17h30, como estipulado. Holland teve de desembarcar rapidamente. Somerville esperou outra meia hora além do prazo renovado, na esperança de uma mudança de decisão.

Às 17h54m, o cruzador HMS *Hood* e os cruzadores *Valiant* e *Resolution* abriram fogo com o seu principal armamento de 15 polegadas. Eles logo atingiram o alvo. O *Dunkerque* e o *Provence* ficaram seriamente avariados, enquanto o *Bretagne* explodia e emborcava. Outros navios ficaram milagrosamente incólumes, mas Somerville suspendeu o ataque para dar uma oportunidade a Gensoul. Ele não percebera que o *Strasbourg* e dois dos outros três contratorpedeiros haviam conseguido zarpar para alto-mar encobertos pela espessa fumaça. Quando um avião de reconhecimento alertou o navio-capitânia sobre a fuga, Somerville não acreditou, supondo que as minas os teriam impedido. Mais tarde, o *Hood* os perseguiu e *Swordfishes* e *Skuas* foram lançados do *Ark Royal*, mas os ataques fracassaram, interceptados por bombardeiros franceses que levantaram voo do aeródromo de Orã. Naquele momento, a noite caía rapidamente na costa norte da África.

A carnificina a bordo dos navios avariados em Mers-el-Kébir foi atroz, principalmente dos que ficaram presos nas casas de máquinas. Muitos sufocaram

com a fumaça. Em conjunto, 1.297 marinheiros franceses morreram e outros 350 foram feridos. A maior parte das mortes ocorreu no *Bretagne*. Com razão, a Marinha Real considerou a Operação Catapult a tarefa mais vergonhosa que já havia levado a cabo. No entanto, esta batalha unilateral teve um efeito extraordinário em todo o mundo, ao demonstrar que a Grã-Bretanha estava preparada para seguir lutando de modo implacável, se necessário fosse. Roosevelt, em particular, convenceu-se de que os britânicos não se renderiam. Na Câmara dos Comuns, Churchill foi saudado por motivos similares, e não por ódio aos franceses por terem buscado o armistício.

Após Mers-el-Kébir, a crescente anglofobia no governo de Pétain, que abalou os diplomatas americanos, transformou-se em ódio visceral. Mas até Pétain e Weygand perceberam que uma declaração de guerra não traria nenhum benefício. Eles se limitaram a romper relações diplomáticas. Para Charles de Gaulle, naturalmente aquele período foi terrível. Muito poucos marinheiros e soldados franceses se mostraram dispostos a se juntar à sua força francesa em formação, que a princípio contava apenas com uma centena de homens. Em vez disso, a maioria, saudosa, solicitou a repatriação.

Hitler também foi forçado a refletir sobre os acontecimentos durante os preparativos para a sua grandiosa entrada triunfal em Berlim.⁸ Ele estivera a ponto de fazer uma “oferta de paz” à Grã-Bretanha logo após o seu regresso, mas agora estava em dúvida.

Temerosa de outro banho de sangue em Flandres e em Champagne, a maioria dos alemães exultou com a vitória surpreendente. Desta vez tinham certeza de que a guerra chegaria ao fim. Como os *capitulards* franceses, estavam convencidos de que a Grã-Bretanha nunca suportaria aquele fardo sozinho. Churchill seria deposto por um partido pacifista. No sábado, 6 de julho, meninas com o uniforme da *Bund Deutscher Mädel* (BDM), o equivalente feminino da Juventude Hitlerista, espalhou flores pelo caminho entre a Anhalter Bahnhof, a estação onde o trem do Führer chegaria, e a *Reichschancellery*. Enormes multidões começaram a se formar seis horas antes da chegada. A febre da excitação era extraordinária, especialmente após o estranho mutismo de Berlim diante da notícia das forças germânicas ocupando Paris. A excitação era muito superior ao fervor que se seguiu à *Anchluss*, a anexação da Áustria. Até os opositores do regime foram tomados pela alegria frenética da vitória. Desta vez, ela foi galvanizada pelo ódio à Inglaterra, o único obstáculo que restava à *Pax Germanica* em toda a Europa.

No triunfo romano de Hitler só faltaram os cativos acorrentados e o escravo

murmurando ao seu ouvido que ele continuava a ser um mortal. A tarde estava ensolarada para a sua chegada, o que novamente parecia confirmar o milagre do “tempo do Führer” nas grandes ocasiões do Terceiro Reich. O caminho estava ladeado por “milhares que saudavam aos gritos e se deixavam levar em uma histeria desvairada”.⁹ Quando o comboio de Mercedes de seis rodas chegou à *Reichschancellery*, os gritos estridentes de adulação das moças do BDM se mesclaram ao clamor das multidões que chamavam o Führer para aparecer no balcão.

Alguns dias depois, Hitler tomou uma decisão. Após meditar sobre as possíveis estratégias contra a Grã-Bretanha e discutir uma invasão com os seus comandantes em chefe, emitiu a “Diretriz nº 16 sobre os Preparativos de uma Operação de Desembarque contra a Inglaterra”. Os primeiros planos de contingência para a invasão da Grã-Bretanha, “*Studie Nordwest*”,¹⁰ estavam prontos desde dezembro. Contudo, mesmo antes das perdas da Kriegsmarine na campanha da Noruega, o almirante Raeder insistia em que só podiam tentar invadir quando a Luftwaffe alcançasse superioridade aérea. Da parte do exército, Halder opinava que a invasão deveria ser o último recurso.

A Kriegsmarine enfrentava a tarefa quase impossível de reunir navios e barcas suficientes para transportar através do canal da Mancha a primeira leva de 100 mil homens com tanques, transporte motorizado e equipamentos. Também devia considerar a sua definitiva inferioridade em navios de guerra contra a Marinha Real. O OKH inicialmente alocou para a força invasora os VI, IX e XVI Exércitos, estacionados ao longo da costa do canal entre a península de Cherburgo e Ostend. Mais tarde, o efetivo foi reduzido aos IX e XVI Exércitos, que desembarcariam entre Worthing e Folkestone.

Disputas entre as Forças Armadas a respeito dos problemas insuperáveis faziam a operação parecer cada vez mais improvável ante o clima instável de outono. A única parte da administração nazista que parecia levar a sério a invasão da Inglaterra era a RSHA (*Reichssicherheitshauptamt*, a Agência Central de Segurança do Reich) de Himmler, que incluía a Gestapo e o SD (*Sicherheitsdienst*, o Serviço de Segurança). O departamento de contraespionagem, chefiado por Walter Schellenberg, produziu um resumo extraordinariamente detalhado (e às vezes divertidamente impreciso) sobre a Grã-Bretanha, com uma “Lista Especial de Busca”¹¹ de 2.820 pessoas que a Gestapo pretendia deter após a invasão.

Hitler estava cauteloso por outros motivos. Temia que a desintegração do Império Britânico levasse os Estados Unidos, o Japão e a União Soviética a tomarem as suas colônias. Decidiu que a Operação Seelöwe só seria lançada caso Göring, agora promovido ao novo posto de *Reichsmarschall* (marechal do

Reich), pusesse a Grã-Bretanha de joelhos com a Luftwaffe. Consequentemente, nos escalões mais altos a invasão da Inglaterra nunca foi uma questão urgente.

A Luftwaffe não estava pronta. Göring supusera que os britânicos seriam obrigados a buscar a paz após a derrota da França e suas *Luftflotten* precisavam de tempo para reequipar os seus esquadrões. As perdas alemãs nos Países Baixos e na França haviam sido muito mais numerosas que o previsto. Em conjunto, 1.284 aviões haviam sido destruídos, enquanto a RAF perdera 931. Também o redesdobramento de unidades de bombardeiros e de caças para os campos de pouso no norte da França levava mais tempo que o esperado. Na primeira metade de julho, a Luftwaffe simplesmente se concentrou nos navios no canal da Mancha, no estuário do Tâmisa e no mar do Norte. Isto foi denominado a *Kanalkampf*. Os ataques, principalmente de bombardeiros Stukas e dos *S-Bootes* rápidos (lanchas torpedeiras que os ingleses chamavam de *E-boats*) virtualmente fecharam o canal para os comboios britânicos.

Em 19 de julho, Hitler fez um longo discurso para membros do Reichstag e os seus generais, reunidos com grande pompa na Sala de Ópera Kroll. Depois de saudar os seus comandantes, exultante com as conquistas militares alemãs, voltou-se para a Inglaterra, acusou Churchill de ser um provocador e fez um “apelo à razão”,¹² imediatamente rejeitado pelo governo britânico. Ele falhara totalmente em compreender que a posição de Churchill se tornara inatacável como o epítome da determinação pertinaz.

A frustração de Hitler era ainda maior após o triunfo no vagão ferroviário na Forêt de Compiègne e o enorme incremento do poderio alemão. A ocupação do norte e do noroeste da França pela Wehrmacht dava acesso por terra às matérias-primas da Espanha e às bases navais ao longo da costa atlântica. A Alsácia, a Lorena, o Grão-Ducado de Luxemburgo e Eupen-Malmedy, no leste da Bélgica, foram incorporados ao Reich. Os italianos controlavam a parte sudeste da França, enquanto a zona meridional central não ocupada ficara a cargo do “Estado francês” do marechal Pétain, com base na cidade de Vichy, famosa estação de águas.

No dia 10 de julho, uma semana depois de Mers-el-Kébir, a *Assemblée Nationale* reuniu-se no Grand Casino de Vichy. Votou plenos poderes para o marechal Pétain, com a oposição de apenas oito dos 649 membros. A Terceira República deixara de existir. O *État Français*, que supostamente encarnava os valores tradicionais do *Travail, Famille, Patrie*, criou uma asfixia moral e política xenofóbica e repressora. Ele nunca reconheceu que estava ajudando a Alemanha nazista ao policiar a França não ocupada em favor dos interesses germânicos.

A França não só teve de pagar os custos da própria ocupação como também

um quinto dos custos da guerra alemã até aquele momento. Os cálculos inchados e a taxa de câmbio do marco fixada por Berlim eram inquestionáveis. Isto era um bônus enorme para o exército de ocupação. “Agora podemos comprar muito com o nosso dinheiro”, escreveu um soldado, “e gastam-se muitos *pfennigs*. Estamos estacionados em uma cidade grande e as lojas estão agora quase vazias.”¹³ Os parisienses foram depenados, especialmente por oficiais de licença. Além disso, o governo nazista podia usar toda a matéria-prima que necessitasse para a sua indústria bélica. E o butim militar arrecadado em armamentos, veículos e cavalos abasteceu uma parte considerável das necessidades da Wehrmacht para a invasão da União Soviética, um ano depois.

Enquanto isso, a indústria francesa reorganizou-se para atender às necessidades do conquistador e a agricultura ajudou os alemães a viverem melhor do que haviam vivido desde a Primeira Guerra Mundial. A ração francesa diária de carne, gorduras e açúcar foi reduzida à metade da cota alemã. Estes consideravam que se tratava de uma vingança justa pelos anos de fome que haviam passado depois da Primeira Guerra Mundial. Por outro lado, os franceses foram estimulados a se consolar com a ideia de que assim que a Grã-Bretanha fizesse um acordo de paz, as condições melhorariam para todos.

Depois de Dunquerque e da capitulação francesa, os ingleses ficaram em estado de choque, como um soldado ferido que não sente dor. Eles sabiam que a situação era desesperadora, e até catastrófica, com quase todos os armamentos e veículos abandonados do outro lado do canal. No entanto, alentados pelas palavras de Churchill, quase deram as boas-vindas à dura clareza da sua sina. Desenvolveu-se a crença confortadora de que, embora os britânicos tivessem ido mal no começo da guerra, “venceriam a última batalha”, ainda que ninguém tivesse a mínima ideia de como isso ocorreria. Muitos, inclusive o rei, expressaram alívio de que a França já não fosse uma aliada. Mais tarde, o marechal do ar Dowding¹⁴ afirmou que, ao saber da rendição francesa, se ajoelhara e agradecera a Deus por não precisar arriscar mais seus caças do outro lado do canal.

Os britânicos esperavam que os alemães aproveitassem a oportunidade para uma invasão após a conquista da França. O general Sir Alan Brooke, agora responsável pela defesa da costa sul, preocupava-se com a falta de armamentos, viaturas blindadas e unidades treinadas. Os chefes de Estados-Maiores ainda estavam profundamente inquietos com a ameaça às fábricas de aviões, das quais a RAF dependia para substituir os aviões perdidos na França. Mas o tempo que a Luftwaffe levou para se preparar para atacar a Grã-Bretanha foi um período vital

para a preparação inglesa.

Os britânicos podiam ter apenas setecentos caças à época, mas os alemães não levaram em conta que o inimigo era capaz de produzir 470 deles por mês, o dobro da sua indústria armamentista. A Luftwaffe também confiava em que os seus pilotos e aviões eram declaradamente superiores. A RAF havia perdido 136 pilotos, mortos ou capturados na França. Embora reforçada por outras nacionalidades, ainda eram poucos. As escolas de treinamento de pilotos qualificavam o maior número que podiam, mas os pilotos recém-formados eram quase sempre os primeiros a serem derrubados.

Os poloneses constituíam o maior contingente de estrangeiros, com mais de 8 mil pessoas ligadas à aviação.¹⁵ Eram os únicos com experiência de combate, mas a sua integração à RAF foi lenta. As negociações com o general Sikorski, que queria uma força aérea polonesa independente, foram complicadas. Porém, uma vez que os primeiros grupos de pilotos entraram para a Reserva de Voluntários da RAF, rapidamente demonstraram as suas habilidades. Os pilotos britânicos muitas vezes se referiam aos “poloneses malucos” devido à sua bravura e ao desdém pela autoridade. Os novos camaradas logo se irritaram com a burocracia da RAF, apesar de reconhecerem que era mais bem administrada que a Força Aérea francesa.

A disciplina costumava ser um problema, em parte porque os pilotos poloneses ainda estavam aborrecidos com os próprios comandantes pelo estado da sua Força Aérea à época da invasão alemã no mês de setembro. Eles haviam encarado a perspectiva de lutar contra a Luftwaffe com alegria, convencidos de que embora as suas máquinas P-11 fossem lentas e mal armadas, venceriam pela habilidade e a coragem. Em vez disso, foram sobrepujados pela superioridade numérica e técnica das frotas aéreas alemãs. A experiência amarga, para não falar do péssimo tratamento do país por Hitler e Stalin, havia criado um desejo intenso de vingança agora que dispunham de aeronaves modernas. Os oficiais mais antigos da RAF se enganaram redondamente ao supor, com arrogância, que os poloneses haviam sido “desmoralizados” pela derrota e ao querer treiná-los para esquadrões de bombardeiros.

Para os poloneses, a diferença de atitude, alimentação e maneiras dos britânicos fora um choque. Poucos esqueceram os sanduíches de pasta de peixe que lhes foram oferecidos ao chegarem à Inglaterra, e ficaram ainda mais saudosos com os horrores da culinária britânica, do carneiro cozido demais com repolho ao onipresente pudim de ovos (que também horrorizava os franceses). Mas a cálida recepção dos britânicos, que os saudaram aos gritos de “Vida longa à Polônia!”, os surpreendeu. Os pilotos poloneses, considerados audazes e heroicos, se viram cercados e seduzidos em níveis extraordinários por jovens

inglesas que pela primeira vez tinham algum grau de liberdade. A língua não era problema, nem na pista de dança nem no ar.

A fama da coragem temerária dos pilotos poloneses era enganosa. Na verdade, as taxas de morte entre eles eram menores que entre os pilotos da RAF, em parte devido à experiência, mas também porque eram melhores em perscrutar o céu constantemente à procura das emboscadas dos bombardeiros alemães. Eles certamente eram individualistas e desprezavam as táticas antiquadas da RAF de voar em formações fechadas, em forma de V. Foi preciso um tempo, e algumas baixas, para a RAF começar a copiar o sistema alemão aprendido na Guerra Civil Espanhola de voar aos pares, conhecido como “quatro dedos”.

Em 10 de julho havia 40 pilotos poloneses nos esquadrões do Comando de Caças da RAF, e o número aumentou sistematicamente à medida que mais deles, vindos da França, foram qualificados. Quando a Batalha da Inglaterra chegou ao auge, mais de 10% dos pilotos de caça no sudeste eram poloneses. Em 13 de julho foi criado o primeiro esquadrão polonês. Em um mês, o governo britânico cedeu e concordou com o pedido de Sikorski de formar uma Força Aérea polonesa, com seus próprios esquadrões de caças e bombardeiros, mas sob o comando da RAF.

Em 31 de julho, Hitler convocou os seus generais ao Berghof, acima de Berchtesgaden. Ele continuava perplexo com a recusa da Grã-Bretanha a fazer um acordo. Como havia poucas possibilidades de os Estados Unidos entrarem na guerra num futuro próximo, ele sentia que Churchill contava com a União Soviética. Isto foi um fator importante na sua decisão de levar adiante o seu maior projeto, a destruição do “bolchevismo judeu” no leste. Só a derrota do poder soviético por uma invasão massiva levaria a Inglaterra a ceder, pensava ele. Por isso, a obstinação de Churchill em seguir lutando teve consequências muito mais amplas que a decisão sobre o destino das Ilhas Britânicas.

“Com a Rússia esmagada”, disse Hitler aos seus comandantes em chefe, “a última esperança da Grã-Bretanha seria eliminada. Então, a Alemanha será a dona da Europa e dos Bálcãs.”¹⁶ Desta vez, à diferença do nervosismo demonstrado antes da invasão da França, os generais foram extraordinariamente resolutos ante o prospecto de atacar a União Soviética. Sem nem mesmo uma ordem direta de Hitler, Halder havia ordenado aos seus oficiais de Estado-Maior que esboçassem alguns planos.

Na euforia da vitória sobre a França e da inversão total da humilhação em Versalhes, os comandantes em chefe da Wehrmacht saudaram o Führer como “o primeiro soldado do Reich”¹⁷ que garantiria a segurança eterna da Alemanha.

Duas semanas depois, Hitler, que em privado era cínico quanto à facilidade com que conseguia subornar os principais comandantes com honrarias, medalhas e dinheiro, galardoou doze bastões de marechal de campo aos conquistadores da França. Contudo, antes de se voltar contra a União Soviética, que segundo ele seria uma “brincadeira de criança”¹⁸ após a derrota da França, Hitler continuou a se sentir obrigado a lidar com a Inglaterra para evitar uma guerra em duas frentes. A diretriz do OKW havia instruído a Luftwaffe a se concentrar na destruição da RAF, “a sua organização de apoio terrestre e a indústria de armamentos britânica”,¹⁹ além de portos e navios de guerra. Göring previu que aquilo levaria menos de um mês. O moral dos pilotos estava alto em virtude da vitória sobre a França e da sua superioridade numérica. Na França, a Luftwaffe possuía 656 caças Messerschmitt 109, 168 caças bimotores Me 110, 769 bombardeiros Dornier, Heinkel e Junkers 88 e 316 bombardeiros de mergulho Ju 87 Stuka. Dowding tinha apenas 504 Hurricanes e Spitfires.

Antes do ataque principal, no início de agosto, os dois *Fliegerkorps* no norte da França se dedicaram ao reconhecimento dos campos de pouso da RAF. Fizeram voos de sondagem para atrair os caças britânicos ao céu e cansá-los antes do início da batalha, e atacaram as estações de radares costeiras. Estas, combinadas com o Corpo de Observadores e a boa comunicação com os centros de comando, significavam que a RAF não precisava perder tempo de voo em patrulhas aéreas sobre o canal da Mancha. Ao menos em teoria, os esquadrões podiam decolar rapidamente para alcançar altitude e economizar tempo para poupar combustível e permanecer no ar o máximo de tempo possível. Por sorte, foi difícil atingir as torres de radar, mas mesmo quando eram danificadas elas rapidamente voltavam a funcionar.

Dowding havia preservado os esquadrões Spitfire durante a luta pela França, exceto na evacuação de Dunquerque. Agora, economizava as forças por adivinhar o significado da tática alemã. Ele podia parecer triste e indiferente após a perda da esposa, em 1920, mas, no íntimo, era um apaixonado por seus “queridos rapazes combatentes”²⁰ e inspirava neles grande lealdade. Estava ciente do que estavam a ponto de enfrentar. Assegurou que o homem certo estivesse no comando do 11º Grupo, que defendia Londres e o sudeste da Inglaterra. O marechal do ar Keith Park era um neozelandês que havia derrubado vinte aviões alemães na guerra anterior. A exemplo de Dowding, estava preparado para ouvir os pilotos e permitia que ignorassem a tática conservadora da doutrina pré-guerra e desenvolvessem táticas próprias.

Naquele verão momentoso, o Comando de Caças adquiriu o caráter de uma força aérea internacional. Do efetivo de 2.917 aviadores que operaram na Batalha da Inglaterra, só 2.334 eram britânicos. O restante incluía 145 poloneses,

126 neozelandeses, 98 canadenses, 88 tchecos, 33 australianos, 29 belgas, 25 sul-africanos, treze franceses, onze americanos, dez irlandeses e várias outras nacionalidades.

O primeiro enfrentamento importante ocorreu antes do início oficial da ofensiva aérea alemã. Em 24 de julho, Adolf Galland liderou uma força de quarenta bombardeiros Me 109 e dezoito Dornier 17 em um ataque a um comboio no estuário do Tâmis. Spitfires de três esquadrões alçaram voo para atacá-los. Embora só tenham derrubado dois aviões alemães, e não os dezesseis que foram alardeados, Galland ficou abalado com a determinação dos pilotos britânicos, em desvantagem numérica. Quando os pilotos regressaram, ele os repreendeu por terem relutado em atacar os Spitfires, e começou a suspeitar que a batalha por vir não seria tão fácil como o *Reichsmarschall* havia suposto.

Com a típica pretensão nazista, a ofensiva alemã recebeu o nome de *Adlerangriff* (Ataque da Águia) e, após várias postergações, o *Adlertag* (Dia da Águia) foi marcado para 13 de agosto. Depois de certa confusão sobre as previsões meteorológicas, as formações de bombardeiros e caças decolaram. O grupo maior atacaria a base naval de Portsmouth, enquanto outros bombardeariam os aeródromos da RAF. Apesar do reconhecimento anterior, a inteligência da Luftwaffe falhou. Eles atacaram principalmente campos secundários de pouso ou bases que não pertenciam ao Comando de Caças. Quando o céu clareou à tarde, os postos de radar ao sul detectaram uma força de cerca de trezentos aviões em direção a Southampton. Oitenta caças entraram de imediato em ação, um número inimaginável nas semanas anteriores. O 609º Esquadrão conseguiu se engajar com um grupo de Stukas e derrubou seis deles.

No total, os caças da RAF derrubaram 47 aviões, perderam treze e tiveram três pilotos mortos. Mas as baixas alemãs foram muito maiores, com 89 pilotos mortos ou aprisionados. Agora, o canal da Mancha operava a favor da RAF. Na Batalha da França, os pilotos dos aviões ingleses avariados que regressavam para casa temiam ter de aterrissar ou amerrissar em emergência. Agora, eram os alemães que encaravam este grande perigo, além da incerteza de serem aprisionados caso tivessem de saltar de paraquedas sobre a Inglaterra.

Aborrecido com o resultado decepcionante do *Adlertag*, Göring lançou um ataque ainda maior em 15 de agosto, com 1.790 caças e bombardeiros atacando a partir da Noruega e da Dinamarca, além do norte da França. As formações da 5ª *Luftflotte* na Escandinávia perderam quase 20% dos seus integrantes, que não voltaram à batalha. A Luftwaffe chamou aquele dia de “Quinta-feira Negra”, mas a RAF mal podia se regozijar. As suas perdas não foram poucas e, com a sua superioridade numérica, a Luftwaffe continuaria a avançar. Os ataques constantes aos campos de aviação também mataram e feriram mecânicos,

abastecedores, ordenanças e até motoristas e cartógrafos do Destacamento Auxiliar Feminino da Força Aérea. Em 18 de agosto, o 43º Esquadrão obteve uma vingança satisfatória quando os seus caças se precipitaram sobre uma força de Stukas que bombardeavam uma estação de radar. Deram cabo de dezoito predadores vulneráveis antes que a escolta de Me 109 os acudisse.

Os oficiais pilotos recém-chegados como reforço questionavam ansiosos os que haviam estado em ação. Foram empurrados para a rotina. Despertados pelos ordenanças antes do amanhecer com uma xícara de chá, dispersavam-se para os locais onde tomavam o café da manhã e depois esperavam o sol nascer. Infelizmente para o Comando de Caças, na maior parte dos meses de agosto e setembro o tempo esteve perfeito para a Luftwaffe, com límpidos céus azuis.²¹

Esperar era a pior parte. Era quando os pilotos ficavam de boca seca com o gosto metálico do medo. Então, ouviam o som terrível dos telefones tocando e o grito de “Esquadrão ao ar!” Corriam para os aviões, os paraquedas sacolejando nas costas. O pessoal de terra os ajudava a subir nas cabines, onde faziam as verificações de segurança. Quando os motores Merlin davam a partida, os calços eram retirados e os pilotos taxiavam para a posição de decolagem; ao menos naqueles momentos não tinham medo, pois havia coisas demais para pensar.

Uma vez no ar, com as máquinas forcejando para ganhar altitude, os recém-chegados precisavam estar atentos ao que ocorria no entorno. Logo entenderam que os pilotos mais experientes não usavam lenços de seda por afetação. Com a cabeça girando de um lado para o outro, ficavam com o pescoço assado pelas gravatas e colarinhos regulamentares. Eles haviam ouvido centenas de vezes que deviam “se manter alertas o tempo todo”. Supondo que sobrevivessem à primeira ação, e alguns não sobreviviam, retornavam às bases para esperar outra vez e comiam sanduíches de carne enlatada que engoliam com canecas de chá enquanto os aviões eram reabastecidos e rearmados. A maioria dormia imediatamente, por exaustão, no piso ou em espreguiçadeiras.

De volta ao ar, os controladores do setor os dirigiam às formações das aeronaves inimigas. O grito de “*Tally ho!*” no rádio significava que havia sido detectada uma formação de pontos pretos. O piloto ligava o visor-refletor e a tensão aumentava. A disciplina vital era manter o medo sob controle ou ele os levava diretamente à morte.

A prioridade era desorganizar a formação dos bombardeiros antes que o guarda-chuva dos Me 109 interviesse. Quando diversos esquadrões eram “vetorizados” para a força inimiga, os Spitfires mais velozes se encarregavam dos caças inimigos, enquanto os Hurricanes tentavam lidar com os

bombardeiros. Em questão de segundos, o céu virava palco de uma cena caótica, com aeronaves girando, mergulhando e saltando em busca de posições para “apertar” uma rajada rápida de disparos ao mesmo tempo em que permaneciam atentos à retaguarda. A concentração obsessiva no alvo dava ao caça inimigo a oportunidade de vir por trás sem ser percebido. Alguns pilotos novos, ao serem atingidos pela primeira vez, ficavam paralisados. Se não saíssem do estado de paralisia estavam acabados.

Se o motor fosse atingido, o glicol ou o petróleo escorriam e sujavam o para-brisa. O maior medo era que o fogo se espalhasse para trás. O calor podia fazer a cobertura de plástico da cabine virar geleia, mas quando o piloto conseguia abri-la e soltava os cintos de segurança, precisava apenas virar o avião de ponta-cabeça para cair em salto livre. Muitos ficavam tão tontos com a experiência desorientadora que tinham de fazer um esforço consciente para se lembrar de puxar o gancho que abria o paraquedas. Quando conseguiam olhar em volta ao cair, muitas vezes descobriam que o céu, que parecia tão repleto de aeronaves, de repente estava deserto e eles estavam sós.

A menos que estivessem sobre o canal da Mancha, os pilotos da RAF sabiam que desciam no próprio território. Os poloneses e tchecos estavam cientes de que, apesar dos uniformes, podiam ser confundidos com alemães por locais entusiasmados demais ou membros do Exército Territorial. O paraquedas de Czesław Tarkowski, um piloto polonês, enganchou em um carvalho. “Gente com forcados e bastões correu para lá”, recordou. “Um deles, armado com uma pistola, gritava ‘*Hände hoch!*’ ‘Vá à merda!’”²² Respondi no meu melhor inglês. Os rostos imediatamente se iluminaram. “É um dos nossos!” gritaram em uníssono. Certa tarde, outro polonês aterrissou no campo de um clube de tênis muito respeitável. Foi registrado como hóspede, recebeu uma raquete, emprestaram-lhe calças brancas e foi convidado a jogar uma partida. Os seus oponentes foram derrotados e deixaram a quadra completamente exaustos quando um veículo da RAF chegou para buscá-lo.

O piloto honesto admitiria uma “exaltação selvagem, primitiva”²³ ao ver cair um avião inimigo que atingira. Os pilotos poloneses, advertidos pelos britânicos de que não deviam atirar nos pilotos alemães que se lançavam de paraquedas,²⁴ às vezes sobrevoavam o velame fazendo-o enrolar e “encharutar” com o vento, e o inimigo despencava direto para a morte. Outros tinham um lampejo de compaixão ao lembrarem que estavam matando ou aleijando um ser humano, e não só destruindo um avião.

A combinação de exaustão e medo levava a níveis perigosos de estresse. Muitos tinham sonhos terríveis todas as noites. Inevitavelmente, alguns tinham surtos devido à pressão. Em algum momento, quase todos tiveram “ataques de

nervos”, mas se forçaram a prosseguir. Contudo, alguns se afastaram do combate, fingindo que tinham problemas nos motores. Após algumas ocorrências, isso veio à baila. Na linguagem oficial da RAF, era atribuído à “falta de fibra moral”, e o piloto em questão era transferido para tarefas subalternas.

A grande maioria dos pilotos de caça britânicos tinha menos de 22 anos. Não tinham opção a não ser amadurecer rapidamente, embora os apelidos, a barulheira e a bagunça de escolares fossem constantes, para o assombro dos pilotos de outros países. Mas quando os ataques da Luftwaffe à Grã-Bretanha se intensificaram, com baixas civis cada vez mais numerosas, foi-se criando uma atmosfera de indignação raivosa.

Os pilotos de caça alemães também sofriam de estresse e exaustão. Eles operavam a partir de campos de pouso improvisados no Pas de Calais e sofriam muitos acidentes. O Me 109 era uma aeronave excelente para pilotos experientes, mas, para os que acabavam de sair do treinamento, era uma besta difícil de domar. À diferença de Dowding, que fazia os esquadrões se alternarem para garantir que pudessem descansar em uma área tranquila, Göring era impiedoso com as tripulações, cujo moral começou a declinar com o aumento das baixas. Os esquadrões de bombardeiros reclamavam que os Me 109 regressavam deixando-os expostos, mas isso ocorria porque os caças simplesmente não tinham reserva de combustível suficiente para permanecer sobre a Inglaterra por mais de trinta minutos, e ainda menos caso se envolvessem em combates acirrados com muitas manobras.

Entrementes, os pilotos dos caças bimotores Me 110 estavam deprimidos pelas baixas e queriam que os Me 109 os escoltassem. Pilotos britânicos com nervos de aço haviam descoberto que o ataque frontal era a melhor maneira de lidar com eles. Após o massacre de 18 de agosto, um Göring furioso foi forçado a retirar os bombardeiros de mergulho Stukas das operações importantes. Contudo, o *Reichsmarschall*, estimulado por avaliações desesperadamente otimistas do chefe da inteligência, estava certo de que a RAF estava a ponto de entrar em colapso. Ordenou a intensificação dos ataques aos aeródromos. Os seus pilotos, porém, ficavam abatidos ao ouvir constantemente que a RAF estava em seus últimos estertores e deparar com reações furiosas a cada missão que realizavam.

Dowding havia previsto esta batalha de atrito, e os danos crescentes infligidos às bases aéreas eram uma grande preocupação. Embora a RAF abatesse mais aviões alemães que aqueles que perdia em um dia, ela operava com uma base

muito menor. Um aumento extraordinário na produção de caças havia eliminado uma preocupação, mas as perdas dos pilotos deixavam Dowding muito ansioso. Os seus homens estavam tão exaustos que dormiam durante as refeições e até no meio de uma conversa. Para reduzir as baixas, os esquadrões de caças foram instruídos a não perseguir os aviões invasores pelo canal e não reagir aos ataques ao solo de pequenos grupos de Messerschmitts.

O Comando de Caças também foi afetado por discussões sobre tática. O marechal do ar Trafford Leigh-Mallory, comandante do 10º Grupo, ao norte de Londres, inclinava-se pela abordagem da “Grande Esquadrilha”, que concentrasse diversos esquadrões. Ela havia sido defendida pelo tenente-coronel Douglas Bader, um oficial corajoso, porém obstinado, famoso porque voltara a pilotar após ter perdido as duas pernas em um acidente antes da guerra. Mas tanto Keith Park como Dowding estavam profundamente insatisfeitos com a inovação da “Grande Esquadrilha”. Quando por fim o 10º Grupo conseguia reunir no ar uma daquelas formações, em geral os aviões alemães de reconhecimento já haviam desaparecido.

Na noite de 24 de agosto, uma força de mais de cem bombardeiros alemães sobrevoou os alvos e bombardeou o leste e o centro de Londres por engano. Isto levou Churchill a ordenar uma série de bombardeios retaliatórios sobre a Alemanha. As consequências foram graves para os londrinos, mas contribuíram para a decisão fatal de Göring de não mais atacar as bases aéreas. Isso salvou o Comando de Caças da RAF em um momento crucial da batalha.

Por pressão de Göring, os ataques alemães foram ainda mais intensificados no final de agosto e na primeira semana de setembro. Em um só dia, o Comando de Caças britânico perdeu quarenta aviões, com nove pilotos mortos e dezoito seriamente feridos. Todos estavam sob estresse intenso, mas saber que a batalha era literalmente uma luta para chegar ao final e que o Comando de Caças estava infligindo perdas ainda mais pesadas à Luftwaffe fortalecia a determinação dos pilotos.

Na tarde de 7 de setembro, das escarpas do Pas de Calais, Göring observou quando a Luftwaffe enviou mais de mil aviões em um ataque massivo. O Comando de Caças pôs no ar onze esquadrões. Em Kent, os trabalhadores agrícolas, as moças do Exército Agrícola Feminino e os aldeões apertavam os olhos para ver os riscos de vapor deixados no céu pela batalha. Era impossível distinguir a origem dos aviões, mas toda vez que um bombardeiro caía soltando fumaça havia gritos de júbilo. A maior parte dos esquadrões alemães tinha por alvo as docas de Londres. Era a retaliação de Hitler pelo ataque do Comando de Bombardeiros à Alemanha. A fumaça provocada pelas bombas incendiárias guiava as ondas seguintes de bombardeiros até a área de alvos. Com mais de

trezentos civis mortos e 1.300 feridos, Londres sofreu o primeiro de muitos ataques pesados. Mas a crença de Göring de que o Comando de Caças estava destruído e, por isso, a decisão de atacar as cidades, principalmente à noite, significava que a Luftwaffe não conseguiria vencer a batalha.

Contudo, os britânicos continuavam esperando o dobrar dos sinos das igrejas a qualquer momento, anunciando a invasão. O Comando de Bombardeiros continuava atacando as balsas reunidas nos portos do canal da Mancha. Ninguém conhecia as dúvidas de Hitler. Se a RAF não fosse destruída até meados de setembro, a Operação Seelöwe seria adiada. Ciente de que seria apontado culpado pelo fracasso em destruir a RAF, como alardeara que faria, Göring ordenou outro ataque grande no domingo, 15 de setembro.

Naquele dia, Churchill havia decidido visitar o quartel-general do 11º Grupo em Uxbridge, onde se instalou na sala de controle junto com Park. Ele observava avidamente enquanto as informações das estações de radar e do Corpo de Observadores se convertiam em caças alemães no quadro horizontal de plotagem situado abaixo. Ao meio-dia, seguindo os seus instintos de que aquilo era um esforço absoluto, Park enviou ao ar 23 esquadrões de caças. Desta vez, os Spitfires e Hurricanes foram instruídos a ganhar altitude. Quando as escoltas de Me 109 regressaram por falta de combustível, os bombardeiros foram dizimados pelos caças de uma força aérea que os alemães pensavam estar liquidada.

O padrão se repetiu à tarde, com Park pedindo mais reforços dos 10º e 12º Grupos no oeste da Inglaterra. Ao final do dia, a RAF havia destruído 56 aviões, contra uma perda de 29 caças e doze pilotos mortos. Houve outros ataques alguns dias depois, mas não na mesma escala. Contudo, em 16 de setembro, Göring foi convencido pelo oficial chefe da inteligência, sempre otimista, de que o Comando de Caças ficara reduzido a 177 aviões.

O medo da invasão persistia, mas em 19 de setembro Hitler decidiu adiar a Seelöwe indefinidamente. A Kriegsmarine e o OKH estavam ainda menos dispostos a invadir, agora que o fracasso da Luftwaffe em destruir o Comando de Caças ficara evidente. Com a guerra a oeste chegando a um impasse, começaram a surgir indícios de que se tornaria um conflito mundial. Pouco antes, os japoneses haviam sido surpreendidos pelas forças comunistas, que lançaram uma série de ataques no norte da China. A Guerra Sino-Japonesa recrudesceu novamente, em outra rodada de lutas brutais. Em 27 de setembro, os japoneses assinaram um pacto tripartite em Berlim. Uma atitude claramente dirigida aos Estados Unidos. O presidente Roosevelt logo reuniu os conselheiros militares para discutir as consequências, e dois dias depois a Grã-Bretanha reabriu a

estrada da Birmânia para o transporte de matérias-primas para os nacionalistas chineses.

A Batalha da Inglaterra foi considerada terminada no final de outubro, quando a Luftwaffe se concentrou no bombardeio noturno de Londres e alvos industriais nas Midlands. Se levarmos em conta os números de agosto e setembro, o auge da batalha, a RAF perdeu 723 aviões, enquanto a Luftwaffe perdeu mais de dois mil.²⁵ Uma proporção assombrosamente alta dessas baixas não teve relação com a “ação inimiga”, e sim com as “circunstâncias especiais”, o que significava principalmente acidentes. Em outubro, a RAF derrubou 206 caças e bombardeiros alemães, e a perda total na Luftwaffe naquele mês foi de 375.

A chamada *Blitz* em Londres e outras cidades prosseguiu durante o inverno. Em 13 de novembro, o Comando de Bombardeiros da RAF atacou Berlim por ordem de Churchill. Isto foi porque Molotov, o ministro de Relações Exteriores da União Soviética, chegara no dia anterior para uma reunião. Stalin estava preocupado com a presença de tropas alemãs na Finlândia e a influência nazista nos Bálcãs. Queria a garantia alemã dos direitos de navegação soviéticos do mar Negro através dos Dardanelos até o Mediterrâneo. Muitos acharam estranho ouvir uma banda da Wehrmacht tocar a “Internacional” na chegada de Molotov à Anhalter Bahnhof, decorada com estandartes soviéticos vermelhos.

O encontro não teve êxito e só produziu irritação mútua. Molotov exigiu respostas a questões específicas. Perguntou se o pacto nazissoviético do ano anterior ainda era válido. Quando Hitler respondeu claro que sim, Molotov assinalou que os alemães estavam criando relações próximas com os seus inimigos, os finlandeses. Ribbentrop instou os soviéticos a atacarem o sul em direção à Índia e o golfo Pérsico e dividir o butim do Império Britânico. Molotov não levou a sério a sugestão de que, para este fim, a União Soviética se juntasse ao Pacto Tripartite com a Itália e o Japão. Tampouco concordou quando Hitler, em um monólogo característico, contou-lhe que os britânicos haviam sido arrasados, como Ribbentrop afirmara. Por isso, quando as sirenes de ataque aéreo soaram e Molotov foi levado para o bunker da Wilhelmstrasse, não se conteve e comentou com o ministro do Exterior nazista: “Vocês dizem que a Grã-Bretanha está derrotada. Então, por que estamos sentados aqui neste abrigo antiaéreo?”²⁶

A Luftwaffe atacou Coventry na noite seguinte, mas isto já estava planejado desde antes e não foi uma represália. O ataque atingiu doze fábricas de armamentos e destruiu uma antiga catedral, além de matar 380 civis. Mas a campanha de bombardeio noturno não conseguiu quebrar a determinação do

povo britânico, embora 23 mil civis tenham morrido e 32 mil tenham sido feridos gravemente até o final da guerra. Muitos reclamavam das sirenes, cujos “longos alaridos mortuários”, como Churchill os denominava, encurtavam o tempo de sono das pessoas. “As sirenes são desligadas aproximadamente à mesma hora todas as noites, e saindo dos abrigos antiaéreos, bem cedo, nos bairros mais pobres podem ser vistas filas de pessoas carregando cobertores, garrafas térmicas e bebês.”²⁷ As vitrines protegidas com tábuas nas lojas destruídas pelos bombardeios tinham anúncios colados que diziam “estamos abertos” e os habitantes das casas destruídas no leste de Londres colocavam bandeiras britânicas de papel nas pilhas de detritos que haviam sido as suas casas.

“Pior que o tédio dos nossos dias”, escreveu Peter Quennell, funcionário do Ministério da Informação, “era a miséria das noites insones. Frequentemente nos pediam para trabalhar por turnos — tantas horas em dormitórios subterrâneos abafados, sob cobertores desgastados cheios de tufo de cabelo; tantas horas ao nível do piso, debruçados sobre as nossas escrivaninhas de sempre ou, em períodos de calma, adormecidos no piso, prontos para sermos despertados pelo velho mensageiro que trazia notícias terríveis — digamos, um ataque direto a um abrigo antiaéreo lotado — que tínhamos de filtrar. No entanto, é estranho como os hábitos se formam rapidamente, como nos adaptamos com facilidade a um modo de vida não familiar e como as supostas necessidades muitas vezes provam ser supérfluas.”²⁸

Embora os londrinos enfrentassem as dificuldades de um modo muito melhor que o esperado, exibindo a solidariedade do “espírito da Blitz” nas estações de metrô, o medo dos paraquedistas alemães persistia, principalmente entre as mulheres que viviam fora de Londres. Os rumores da invasão se espalhavam semana após semana. Porém, a Operação Seelöwe havia sido adiada em 2 de outubro, até a próxima primavera. Ela teve um papel duplo. A ameaça da invasão alemã ajudou Churchill a congregar o país e fortalecê-lo para uma guerra prolongada. Mas Hitler foi arguto ao manter a ameaça psicológica por muito tempo depois de descartar a ideia. Isto persuadiu os britânicos a manter defesas muito mais amplas no país do que o necessário.

Em Berlim, os líderes nazistas se resignaram ao constatar que nem a campanha de bombardeio fora capaz de dobrar a Inglaterra. Em 17 de novembro, Ernst von Weizsäcker, secretário de Estado de Relações Exteriores, escreveu em seu diário: “A noção que prevalece agora é a de que a fome provocada por um bloqueio é a arma mais importante contra a Grã-Bretanha, e não eliminar os britânicos.”²⁹ Na Alemanha, a própria palavra “bloqueio” carregava um tom emocional de vingança, em virtude da obsessão com as lembranças da Primeira

Guerra Mundial e do bloqueio da Marinha Real. Esta estratégia agora se voltaria contra as Ilhas Britânicas por meio da guerra submarina.

Reverberações

JUNHO DE 1940 – FEVEREIRO DE 1941

A queda da França no verão de 1940 reverberou direta e indiretamente em todo o mundo. Stalin ficou profundamente apreensivo. A sua esperança de que o poder de Hitler diminuísse em uma guerra de atrito com a França e a Inglaterra provou estar totalmente equivocada. A Alemanha se encontrava então mais poderosa depois de capturar intactos grande parte dos veículos e armamentos do exército francês.

Mais ao leste, isto representou um golpe sério para Chiang Kai-shek e os nacionalistas chineses. Com a perda de Nanquim, eles transferiram a sua base industrial para as províncias de Yunnan e Kwangsi, no sudoeste, perto da fronteira da Indochina francesa, acreditando que seria a área mais segura com acesso ao mundo exterior. Mas o novo governo de Vichy do marechal Pétain começou a ceder às exigências japonesas em julho e concordou com a criação de uma missão japonesa em Hanói. A rota de suprimentos dos nacionalistas através da Indochina foi interrompida.

O avanço do XI Exército japonês naquele verão de 1940 até o vale do Yangtzé dividiu os exércitos nacionalistas e provocou perdas enormes. Em 12 de junho, a queda do importante porto fluvial de Ichang foi um golpe terrível.¹ Isto isolou a capital nacionalista de Chungking e permitiu que as belonaves japonesas fizessem ataques repetidos. Naquela época do ano não havia nevoeiros no rio para impedir a visibilidade. Além de bombardear cidades e aldeias ao longo do rio, os aviões japoneses atacaram vapores e juncos lotados de feridos e de refugiados que escapavam rio acima através das grandes gargantas do Yangtzé.

Agnes Smedley perguntou a um médico da Cruz Vermelha como estava a situação. Ele admitiu que dos 150 hospitais na frente central, só cinco haviam restado. “E os feridos?”, Smedley indagou. “Ele não disse nada, e eu sabia a resposta.” A morte estava em toda parte. “A cada dia”, acrescentou ela, “víamos cadáveres humanos inchados flutuando rio abaixo, batendo nos juncos e sendo

afastados com varas pelos barqueiros.”²

Quando Smedley chegou a Chungking com suas escarpas acima da confluência dos rios Yangtzé e Chialing, assustou-se com explosões, mas não eram bombas. Engenheiros chineses abriam túneis nas escarpas para fazer abrigos antiaéreos. Ela descobriu que na sua ausência muitas coisas haviam mudado, para o bem e para o mal. A população de uma cidade provinciana de 200 mil habitantes estava inchando para um milhão. O crescimento das cooperativas industriais era muito estimulante, mas elementos de direita, cada vez mais poderosos no Kuomintang, as consideravam criptocomunistas. Havia melhorias no atendimento médico do exército, com a instalação de clínicas livres nas áreas nacionalistas, contudo, os patrões do Kuomintang queriam controlar os serviços de saúde, provavelmente para enriquecer com eles.

O mais sinistro foi a chegada ao poder do chefe de segurança, o general Tai Li, que diziam contar com uma força de 300 mil homens, uniformizados e em roupas civis. O seu poder era tal que alguns chegavam a suspeitar que ele controlava o próprio generalíssimo Chiang Kai-shek. Tai estava esmagando não só a dissensão como qualquer forma de expressão livre. Os intelectuais chineses começaram a fugir para Hong Kong. Até as organizações mais inócuas, como a Associação Cristã de Moças, foram fechadas na atmosfera de crise.

Segundo Smedley, os estrangeiros em Chungking desprezavam os exércitos chineses. “A China, dizem eles, não podia lutar; os seus generais estavam podres; os soldados eram cules analfabetos ou simples meninos; o povo era ignorante; atendimento aos feridos, uma abominação. Algumas acusações eram verdadeiras, outras não, mas quase todas se baseavam na ignorância do fardo temível sob a qual o país cambaleava.”³ Europeus e americanos não conseguiam entender o que estava em jogo e não fizeram muito para ajudar. A única assistência de peso no atendimento médico veio de chineses expatriados na Malásia, Java, Estados Unidos e outras partes. A sua generosidade foi considerável, e em 1941 os conquistadores japoneses os fariam sofrer por isso.

Chiang Kai-shek persistia em negociações de paz sem sentido, na esperança de pressionar Stalin para que voltasse a apoiá-lo militarmente como antes. Porém, em julho de 1940 uma mudança de governo em Tóquio colocou o general Tōjō Hideki no Gabinete como ministro da Guerra. As negociações foram rompidas. Tōjō queria interromper o abastecimento aos nacionalistas cortando as suas rotas de suprimentos e fazendo um forte acordo com a União Soviética. Em Tóquio, os líderes militares voltavam suas atenções para o sul, na direção do Pacífico, e para o sudoeste, onde estavam as possessões britânicas, francesas e holandesas em volta do mar da China. Isto lhes forneceria arroz e privaria os nacionalistas chineses de importações, mas o Japão cobiçava

sobretudo os campos petrolíferos das Índias Orientais Holandesas. A ideia de um acordo com os Estados Unidos envolvendo a retirada da China era impensável para o governo de Tóquio depois da morte, até aquele momento, de 62 mil soldados japoneses no “Incidente chinês”.⁴

Por ordens de Moscou, no segundo semestre de 1940 o Partido Comunista Chinês lançou no norte a campanha dos Cem Regimentos,⁵ com quase 400 mil homens. A intenção era minar as negociações de Chiang Kai-shek com os japoneses: eles não sabiam que elas haviam sido rompidas e, para começar, nunca haviam sido sérias. Os comunistas conseguiram fazer os japoneses recuar em diversos lugares, cortar a ferrovia Pequim-Hankow, destruir minas de carvão e até fazer ataques na Manchúria. Este grande esforço, em que empregaram as suas forças em táticas mais convencionais, custou-lhes 22 mil baixas, as quais não podiam aguentar.

Na Europa, Hitler exibiu um grau surpreendente de lealdade a Mussolini, muitas vezes para desespero dos seus generais. Mas o Duce, o seu ex-mentor, tentava todos os truques para evitar subordinar-se a ele. O líder fascista queria conduzir uma “guerra paralela”⁶ à da Alemanha nazista. Ele não contou a Hitler com antecedência sobre o seu plano de invadir a Albânia em abril de 1939, e fingiu que fazia par com a invasão alemã da Tchecoslováquia. Por sua vez, os líderes nazistas relutavam em compartilhar segredos com os italianos. No entanto, os alemães ainda assim quiseram assinar o Pacto de Aço no mês seguinte.

Como amantes imprudentes que esperam se beneficiar de uma relação, os dois enganaram um ao outro e ambos sentiram-se enganados. Hitler nunca avisou a Mussolini sobre as suas intenções de esmagar a Polônia, mas esperava que este o apoiasse contra a França e a Inglaterra, ao passo que o líder italiano acreditava que não haveria um conflito generalizado na Europa pelo menos nos próximos dois anos. A recusa de Mussolini em entrar na guerra ao lado da Alemanha em setembro de 1939 decepcionou Hitler profundamente. O Duce sabia que a Itália simplesmente não estava pronta, e as exigências excessivas de equipamentos militares como condição para apoiá-lo foram a sua única desculpa.⁷

Porém, Mussolini estava determinado a entrar na guerra em algum momento para abocanhar mais colônias e fazer a Itália parecer uma grande potência. Por isso, não quis perder a oportunidade quando as duas grandes potências coloniais, a Inglaterra e a França, sofreram derrotas significativas no início do verão de 1940. A surpreendente rapidez da campanha alemã contra a França e a crença generalizada de que a Grã-Bretanha seria obrigada a fazer um acordo colocaram-no em um frenesi de incerteza. Certamente a Alemanha ditaria a forma da

Europa e, quase certamente, seria a potência dominante nos Bálcãs, e a Itália corria o risco de ser posta de lado. Exclusivamente por este motivo Mussolini estava desesperado para ter o direito de se envolver nas negociações de paz. Imaginava que alguns milhares de baixas italianas lhe comprariam um lugar à mesa.

O governo nazista certamente não se opunha à entrada da Itália na guerra, ainda que tarde. Contudo, Hitler superestimava enormemente a capacidade de luta da Itália. Mussolini se jactara de ter “8 milhões de baionetas”, quando na verdade tinha menos de 1,7 milhão de soldados, e muitos não dispunham de fuzis para calar a baioneta. O país estava desesperadamente insolvente e carecia de matérias-primas e transporte motorizado. Para aumentar o número de divisões, Mussolini reduziu-as de três para dois regimentos. De um total de 73 divisões, só dezenove estavam totalmente equipadas. Na verdade, as forças italianas eram menores e estavam menos armadas do que quando entraram na Primeira Guerra Mundial, em 1915.

Insensatamente, Hitler acreditou nas estimativas de Mussolini a respeito da força italiana. Em sua visão militar estreita, condicionada pelos mapas marcados com símbolos de grandes unidades no quartel-general, uma divisão era uma divisão, por mais desfalcada, mal equipada e mal treinada que fosse. No verão de 1940, o cálculo errado e fatal de Mussolini foi pensar que a guerra estava quase no final quando mal havia começado. Ele não percebeu que a retórica anterior de Hitler sobre o *Lebensraum* no leste se converteria em um plano concreto. Em 10 de junho, o Duce declarou guerra à França e à Inglaterra. Em um discurso bombástico no balcão do Palazzo Venecia, em Roma, estufou o peito e bradou que as “nações jovens e férteis” esmagariam as democracias fatigadas. Foi saudado pela multidão de camisas pretas, mas a maioria dos italianos não ficou nada contente.

Os alemães não se deixaram impressionar com a tentativa de Mussolini de desfrutar da glória refletida pela Wehrmacht. O secretário de Estado na Wilhelmstrasse via o parceiro do Eixo “como um palhaço de circo que rolava no tapete após a apresentação do acrobata e pedia aplausos para si”.⁸ Muitos compararam a declaração de guerra do líder fascista à França derrotada como o ato de um “chacal” que tenta roubar parte da presa morta pelo leão. De fato, o oportunismo era vergonhoso e ocultava algo ainda pior. Mussolini fizera o país cativo e vítima das suas ambições. Percebeu que não poderia evitar uma aliança com um Hitler dominante, mas continuava ingenuamente otimista de que a Itália pudesse seguir uma política de expansão colonial em separado enquanto o resto da Europa estava envolvido em um conflito muito mais mortal. A fraqueza da Itália representou um desastre para si própria e uma séria vulnerabilidade para a

Alemanha.

Em 27 de setembro de 1940, a Alemanha assinou o Pacto Tripartite com a Itália e o Japão. Parte da ideia era impedir os Estados Unidos de entrarem na guerra, pois o conflito armado ficara em um limbo desde que a Inglaterra não se dobrara. Quando Hitler se encontrou com Mussolini no Passo de Brenner, em 4 de outubro, assegurou-lhe que nem Moscou nem Washington haviam reagido de modo perigoso ao anúncio do pacto. O que ele almejava era uma aliança continental contra a Grã-Bretanha.

Hitler pretendia deixar a região do Mediterrâneo como uma esfera de interesse italiana, mas após a queda da França logo descobriu que as questões eram muito mais complicadas. Ele teve de tentar equilibrar as expectativas conflitantes da Itália, da França de Vichy e da Espanha de Franco. Este último queria Gibraltar, mas também cobiçava o Marrocos Francês e outros territórios africanos. Hitler não queria provocar o Estado francês de Pétain e suas forças leais nas possessões coloniais do país. Do seu ponto de vista, enquanto durasse a guerra era muito melhor que a França de Vichy policiasse a si mesma e as colônias no norte da África em nome dos interesses alemães. Quando esta terminasse ele poderia dar as colônias francesas à Itália ou à Espanha. Contudo, apesar do poder aparentemente ilimitado com a derrota da França em 1940, naquele mês de outubro Hitler foi incapaz de persuadir o seu devedor Franco, o seu vassalo Pétain e o seu aliado Mussolini a apoiarem a estratégia de um bloco continental contra a Grã-Bretanha.

Em 22 de outubro, o trem blindado de Hitler, o *Führersonderzug Amerika*, com um par de locomotivas, uma engatada na outra, e dois vagões com armas antiaéreas montadas, parou na estação de Montoire-sur-le-Loir. Lá, ele se encontrou com Pierre Laval, o vice de Pétain, que tentava obter garantias sobre o status do governo de Vichy. Hitler evitou dá-las, ao mesmo tempo em que tentava recrutar Vichy para a coalizão contra a Inglaterra.

Os vagões reluzentes do *Amerika* seguiram para a fronteira espanhola em Hendaye, onde ele se encontrou com Franco no dia seguinte.⁹ O trem do Caudillo se atrasara devido ao estado deplorável das ferrovias espanholas, e a longa espera deixou Hitler de mau humor. Na plataforma, os dois ditadores passaram em revista a guarda de honra do *Führer-Begleit-Kommando*. Os soldados em uniformes pretos se destacavam em comparação com o barrigudo e baixo ditador espanhol, que quase nunca tirava do rosto o sorriso complacente e conciliador.

Quando por fim iniciaram as discussões, a torrente de palavras do Caudillo impediu o visitante de falar, situação à qual o Führer não estava acostumado. Franco falou da camaradagem de ambos nas armas durante a Guerra Civil Espanhola e da sua gratidão por tudo o que Hitler fizera e evocou a “aliança espiritual”¹⁰ entre os dois países. Depois, expressou profundo pesar por não ter podido entrar imediatamente na guerra ao lado da Alemanha em virtude da situação de pobreza no país. Durante grande parte das três horas Franco discorreu sobre a sua vida e suas experiências, o que levou Hitler a dizer mais tarde que preferia que lhe arrancassem três ou quatro dentes a ter outra conversa com o ditador espanhol.

Por fim, Hitler interveio para dizer que a Alemanha havia vencido a guerra. A Grã-Bretanha se agarrava à esperança de ser salva pela União Soviética ou os Estados Unidos e os americanos precisariam de um ano e meio ou dois para se prepararem para a guerra. A única ameaça britânica era que poderiam ocupar ilhas no Atlântico ou, com a ajuda de De Gaulle, criar confusão nas colônias francesas. Por isso, ele queria uma “frente ampla” contra a Inglaterra.

Hitler almejava conquistar Gibraltar, e o mesmo queriam Franco e os seus generais, mas eles não ficaram contentes com a ideia dos alemães comandando a operação. Franco também temia que, em represália, os britânicos tomassem as Ilhas Canárias. Contudo, espantou-se com as exigências arrogantes de entregar uma das Ilhas Canárias e as bases no Marrocos Espanhol. Hitler também estava interessado nos Açores e nas ilhas de Cabo Verde. Os Açores não seriam apenas uma base naval no Atlântico da Kriegsmarine. O diário de guerra do OKW registrou depois: “O Führer encara o valor de Açores de duas maneiras. Quer tê-las no caso de uma intervenção americana e para depois da guerra.”¹¹ Hitler já sonhava com uma nova geração de “bombardeiros com uma autonomia de 6 mil quilômetros” para atacar a costa leste dos Estados Unidos.

A expectativa de Franco de que o Marrocos Francês e Orã lhe seriam prometidos ainda antes de entrar na guerra pareceu no mínimo presunçosa aos olhos do Führer. Supostamente, em outra ocasião Hitler também teria protestado que a atitude de Franco o fazia sentir-se “como um judeu que quer barganhar as posses mais sagradas”.¹² Então, em outro rompante para seu entourage ao regressar à Alemanha, descreveu Franco como um “porco jesuíta”.¹³ Embora estivesse ideologicamente mais próximo da Alemanha, e o novo ministro de Exterior pró-nazista Ramón Serrano Suñer desejasse entrar na guerra, o governo de Franco temia provocar a Inglaterra. A sobrevivência da Espanha dependia de importações, em parte da Grã-Bretanha e, sobretudo, de petróleo e grãos dos Estados Unidos. A Espanha estava em um estado calamitoso após a devastação da Guerra Civil. Não era incomum ver pessoas desmaiarem nas ruas devido à

desnutrição. Os britânicos, e depois os americanos, empregaram a alavancagem econômica de um modo hábil, cientes de que a Alemanha não estava em condições de fornecer os itens importados. Quando ficou cada vez mais claro que a Inglaterra não estava disposta a fazer acordos com a Alemanha, o governo de Franco, experimentando então uma escassez crítica de alimentos e petróleo, não pôde fazer outra coisa senão expressar apoio ao Eixo e prometer entrar na guerra mais adiante, em uma data inespecífica. Isto não impediu Franco de considerar a sua própria “guerra paralela”, que consistia em invadir Portugal, aliado tradicional dos britânicos. Por sorte, este projeto nunca chegou perto de se cristalizar.

Após a reunião em Heandaye, o *Sonderzug* deu a volta e se dirigiu outra vez a Montoire, onde o próprio Pétain esperava por Hitler. Pétain saudou-o como se fossem iguais, com o que não caiu nas boas graças do Führer. O velho marechal expressou a esperança de que as relações com Berlim fossem marcadas pela cooperação, mas a sua exigência de garantia para as possessões coloniais francesas foi bruscamente rejeitada. A França iniciara a guerra contra a Alemanha, respondeu Hitler, e agora teria de pagar por isto “territorial e materialmente”.¹⁴ Muito menos exasperado com Pétain do que estivera com Franco, Hitler deixou as coisas em aberto. Queria que Vichy se unisse à aliança antibritânica, mas depois entendeu que não podia contar com os países “latinos” na formação de um bloco continental.

Hitler tinha sentimentos descontraídos quanto a uma estratégia periférica de prosseguir a guerra contra a Grã-Bretanha no Mediterrâneo, agora que o êxito da invasão do sul da Inglaterra era considerado improvável. Os seus pensamentos se voltavam principalmente para a invasão da União Soviética, embora ele vacilasse e considerasse adiá-la. Contudo, no início de novembro o OKW preparou planos de contingência, com o codinome Operação Felix, para a tomada de Gibraltar e das ilhas atlânticas.

No outono de 1940, Hitler esperava cercar a Grã-Bretanha e expulsar a Marinha Real do Mediterrâneo antes de embarcar no esquema primordial, a invasão da União Soviética. Convenceu-se de que o modo mais fácil de forçar a Inglaterra a um acordo era derrotar a União Soviética. Para a Kriegsmarine isto era frustrante, pois a prioridade armamentista passava ao exército e à Luftwaffe.

Certamente Hitler estava preparado para ajudar os italianos em seus planos de lançar um ataque da sua colônia na Líbia sobre as forças britânicas no Egito e no

canal de Suez, pois isto limitaria os ingleses e ameaçaria as suas comunicações com a Índia e a Australásia. Contudo, embora contentes com o apoio da Luftwaffe, os italianos não queriam permitir a presença das forças de terra da Wehrmacht em sua área de operações. Sabiam que os alemães iriam querer dominar tudo.

Hitler tinha um interesse particular nos Bálcãs, que representavam a base do seu flanco sul para a invasão da Rússia. Depois da ocupação soviética da Bessarábia e da Bukovina, sem querer alterar o pacto nazissoviético naquele momento, Hitler aconselhara o governo romeno a “aceitar as coisas por enquanto”.¹⁵ Ele resolveu enviar uma missão militar e tropas à Romênia para assegurar os campos petrolíferos de Ploesti. O que não queria era que Mussolini agitasse os Bálcãs com um ataque à Iugoslávia ou à Grécia a partir da Albânia ocupada pela Itália. Imprudentemente, ele contou com a inércia italiana.

A princípio, parecia que Mussolini não faria grande coisa. A marinha italiana, apesar das alegações anteriores de ação agressiva, não havia conseguido colocar navios no mar, exceto pelas escoltas de comboios para a Líbia. Sem querer atrair a Marinha Real, a força naval italiana deixou que a força aérea do país bombardeasse Malta. Na Líbia, o governador-geral marechal Italo Balbo pôs obstáculos, insistindo em que só avançaria contra os britânicos no Egito quando os alemães invadissem a Inglaterra.

No Egito, os britânicos não perderam tempo em avaliar as possibilidades do oponente. Na noite de 11 de junho, logo após a declaração de guerra de Mussolini, o 11º Regimento de Hussardos, em seus antigos Rolls-Royces blindados, foram para o oeste e cruzaram a fronteira líbia ao anoitecer. Dirigiram-se ao Forte Maddalena e ao Forte Capuzzo, as duas principais posições defensivas italianas na fronteira. Armaram emboscadas e fizeram 70 prisioneiros.

Os italianos ficaram muito aborrecidos. Ninguém se dera ao trabalho de avisá-los que o seu governo havia declarado a guerra. Em 13 de junho, ambos os fortes foram capturados e destruídos. Em outro ataque dois dias depois, na estrada entre Bardia e Tobruk, o 11º de Hussardos capturou mais uma centena de soldados. O aprisionamento incluiu um general italiano gordo em um carro oficial Lancia, acompanhado de uma “dama amiga”¹⁶ em estado avançado de gravidez que não era a sua esposa. Isso causou escândalo na Itália. Para os britânicos, o mais importante foi que o general tinha com ele todos os mapas da defesa da Bardia.

O comando do marechal Balbo na Líbia foi curto. Em 28 de junho, em um rompante de entusiasmo, as baterias antiaéreas italianas derrubaram o seu avião por engano. Menos de uma semana depois, o marechal Rodolfo Graziani, o

substituto, se horrorizou ao receber ordens de Mussolini de invadir o Egito em 15 de julho. O Duce considerava a marcha sobre Alexandria uma “conclusão inevitável”.¹⁷ Previsivelmente, Graziani fez o que pôde para adiar a operação, argumentando que não podia atacar no alto verão e, depois, que não contava com equipamentos suficientes.

Em agosto, o duque de Aosta, governador da África Oriental Italiana, conquistou uma vitória fácil ao invadir a Somalilândia Britânica a partir da Abissínia, forçando os parques defensores a recuarem pelo golfo de Aden. Mas Aosta sabia que a situação era desanimadora, a menos que o marechal Graziani conquistasse o Egito. Cercado a oeste pelo Sudão anglo-egípcio e pelo Quênia britânico e com a Marinha Real controlando o mar Vermelho e o oceano Índico, o duque não podia contar com suprimentos enquanto o Egito não fosse invadido.

Mussolini perdeu a paciência com a procrastinação de Graziani. Por fim, em 13 de setembro, os italianos começaram a avançar. Eles desfrutavam de uma forte superioridade, com cinco divisões contra as fracas divisões britânicas e da Commonwealth. A 7ª Divisão Blindada, os Ratos do Deserto, possuía apenas setenta carros de combate operacionais.

Os italianos conseguiram se perder antes mesmo de chegar à fronteira egípcia. Como planejado, as tropas britânicas executaram um movimento retrógrado e inclusive abriram mão de Sidi Barrani, onde Graziani interrompeu sua progressão. Mussolini insistiu em que deviam avançar ao longo da costa até Mersa Matruh. Porém, com o ataque iminente da Itália à Grécia, as forças de Graziani não receberam os suprimentos de que precisavam para prosseguir.

Em diversas ocasiões os alemães haviam alertado Mussolini para não atacar a Grécia. Em 19 de setembro, ele garantira a Ribbentrop que conquistaria o Egito antes de atacar a Grécia ou a Iugoslávia. Os italianos pareciam concordar em que os britânicos deveriam ser o primeiro alvo. No entanto, em 8 de outubro Mussolini sentiu-se afrontado ao saber que os alemães estavam enviando tropas à Romênia. O seu secretário do Exterior, o conde Ciano, se esquecera de contar-lhe que Ribbentrop fizera menção a isto anteriormente. “Hitler está sempre me confrontando com os seus *faits accomplis*”, disse o Duce a Ciano no dia 12 de outubro. “Desta vez, vou pagar na mesma moeda.”¹⁸

No dia seguinte ele ordenou ao Comando Supremo das Forças Armadas que planejasse a invasão imediata da Grécia a partir da Albânia, ocupada pela Itália. Nenhum dos oficiais mais antigos, inclusive o comandante da Albânia, o general Sebastiano Visconti Prasca, teve coragem de alertar o Duce a respeito dos enormes problemas de transportes e suprimentos em uma campanha de inverno

nas montanhas de Epirus. Os preparativos foram caóticos. Principalmente por razões econômicas, grande parte das Forças Armadas italianas estava sendo desmobilizada. As unidades com escassez de homens tiveram de ser reorganizadas. O plano exigia vinte divisões, mas seriam necessários três meses para transportar a maioria delas pelo Adriático. Mussolini queria atacar em 26 de outubro, em menos de duas semanas.

Os alemães estavam cientes dos preparativos, mas supuseram que os italianos não atacariam a Grécia antes de avançar no Egito e capturar Mersa Matruh. No seu trem blindado, Hitler estava de regresso das reuniões com Franco e Pétain quando soube que a invasão da Grécia estava em andamento. Em vez de prosseguir até Berlim, o *Sonderzug* foi desviado. Rumou para o sul de Florença, onde o ministro de Exterior alemão havia requisitado um encontro urgente entre Mussolini e o Führer.

No início da manhã de 28 de outubro, pouco antes da reunião, Hitler soube que a invasão da Grécia havia começado. Ficou furioso. Intuiu que Mussolini tinha inveja da influência alemã nos Bálcãs e previu que os italianos teriam uma surpresa desagradável. Acima de tudo, ele temia que isto levasse as forças britânicas à Grécia e lhes oferecesse uma base para bombardear os campos petrolíferos romenos de Ploesti. A irresponsabilidade de Mussolini poderia inclusive pôr em risco a Operação Barbarossa. Mas ele já havia dominado a raiva quando o *Sonderzug* se deteve na plataforma de Florença, onde Mussolini o esperava. Naquela ocasião, a discussão no Palazzo Vecchio mal tocou no assunto da invasão da Grécia, exceto pela oferta de Hitler de uma divisão aerotransportada e uma divisão de paraquedistas, para preservar a ilha de Creta da ocupação britânica.

Às 3h daquele dia, o embaixador italiano em Atenas apresentou um ultimato ao ditador grego, o general Ioannis Metaxas, que expiraria em três horas. Metaxas respondeu com um “não”, mas o governo fascista era indiferente à sua recusa ou à sua aquiescência. A invasão, com 140 mil homens, começou duas horas e meia depois.

As tropas italianas avançaram sob uma tormenta. Chovia copiosamente havia dois dias. As correntes torrenciais dos rios levaram algumas pontes e os gregos explodiram outras, sabedores do ataque que fora um segredo de polichinelo em Roma. As estradas de terra ficaram virtualmente intransitáveis por causa da lama espessa.

Sem saber se os búlgaros também os atacariam pelo nordeste, os gregos tiveram de deixar quatro divisões no leste da Macedônia e na Trácia. Contra o

ataque italiano a partir da Albânia, a sua linha de defesa ia do lago Prespa, na fronteira iugoslava, passava pelas montanhas Grammos e depois pelo caudaloso rio Thyamis até a costa, diante da ponta sul de Corfu. Os gregos não tinham tanques nem canhões anticarro. Contavam com poucos aviões modernos, mas a sua grande força era a indignação universal dos soldados, determinados a repelir o ataque dos desprezados *macaronides*,¹⁹ como chamavam os italianos. Até a comunidade grega em Alexandria foi tomada pelo fervor patriótico. Cerca de 14 mil zarparam para a Grécia para lutar, e os fundos que arrecadaram lá para o esforço de guerra foram mais elevados do que todo o orçamento da defesa egípcia.²⁰

Os italianos relançaram a ofensiva em 5 de novembro, mas só chegaram à costa e ao norte de Konitsa, onde a Divisão Julia dos Alpini avançou mais de 20 quilômetros. Contudo, a Julia, uma das melhores formações italianas, não teve apoio e logo se viu praticamente cercada. Só uma parte dela escapou, e o general Prasca ordenou que as tropas se pusessem na defensiva ao longo da frente de 140 quilômetros. O Comando Supremo em Roma teve de adiar a ofensiva no Egito e desviar as tropas para reforçar o exército na Albânia. A bravata de Mussolini de que ocuparia a Grécia em quinze dias não passou de fanfarronada, mas ele continuava convencido de que as suas forças venceriam. Hitler não se surpreendeu com a humilhação do aliado, pois já havia previsto que os gregos provariam ser melhores soldados que os italianos. O general Alexandros Papagos, chefe do Estado-Maior grego, já estava reunindo a reserva na preparação do contra-ataque.

Outro golpe ao orgulho italiano ocorreu na noite de 11 de novembro, quando a Marinha Real atacou a base naval de Taranto com aviões Fairey Swordfish, que decolaram do porta-aviões HMS *Illustrious*, e força-tarefa de quatro cruzadores e quatro contratorpedeiros. Três navios de guerra italianos, o *Littorio*, o *Cavour* e o *Duilio*, foram atingidos por torpedos em uma represália pela perda de dois Swordsifh. O *Cavour* foi a pique. O almirante Sir Andrew Cunningham, comandante em chefe no Mediterrâneo, teve certeza de que não havia muito a temer da parte da marinha italiana.

Em 14 de novembro, o general Papagos lançou uma contraofensiva, seguro de que tinha superioridade numérica na frente albanesa até a chegada de reforços italianos. Os seus homens começaram a avançar com grande bravura e determinação. Ao final do ano, os gregos haviam forçado os atacantes a recuar de volta à Albânia, entre 50 e 60 quilômetros fronteira adentro. Os reforços italianos, que incharam o exército na Albânia para 490 mil homens, não fizeram muita diferença. Quando Hitler invadiu a Grécia em abril do ano seguinte, os italianos haviam perdido quase 40 mil homens e 114 mil estavam feridos,

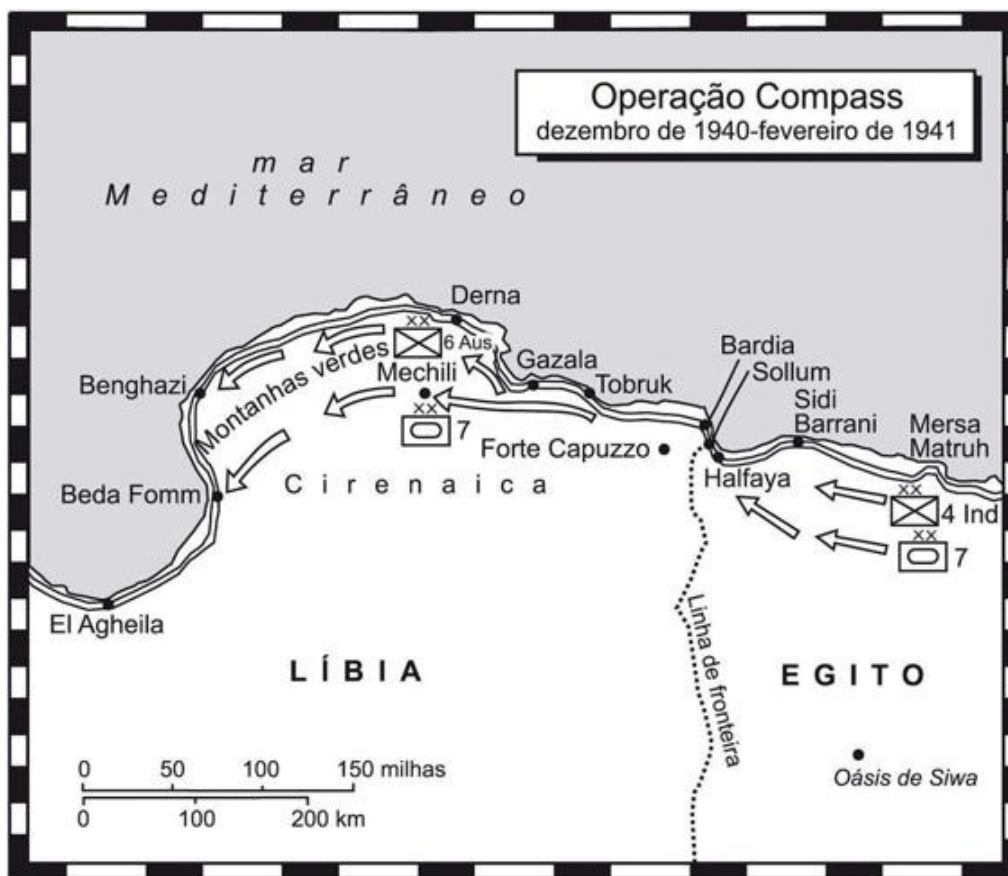
doentes ou enregelados.²¹ A pretensão italiana de atingir status de grande potência foi completamente desbaratada. A ideia da “guerra paralela” chegara ao fim.

A debilidade militar crônica da Itália logo ficou evidente também no Egito. O general Sir Archibald Wavell, comandante em chefe no Oriente Médio, tinha uma pesada carga de responsabilidades, cobrindo o norte e o leste da África e o Oriente Médio como um todo. Ele começara com apenas 36 mil homens no Egito, diante dos 215 mil italianos e seu exército líbio. Ao sul, o duque de Aosta comandava um quarto de milhão de homens, dos quais muitos eram soldados recrutados localmente. No entanto, forças britânicas e da Commonwealth logo começaram a chegar ao Egito para reforçar o comando britânico.

Wavell, um homem taciturno e inteligente, amante da poesia, não inspirava confiança em Churchill. O belicoso primeiro-ministro queria gente guerreira, especialmente no Oriente Médio, onde os italianos estavam vulneráveis. Churchill também estava impaciente. Ele subestimava o “pesadelo da logística” da guerra no deserto. Wavell, que temia a interferência do primeiro-ministro no seu planejamento, não lhe contou que estava preparando um contra-ataque, com o codinome de Operação Compass (Compasso). Ele só contou a Anthony Eden, que visitava o Egito, porque este lhe solicitou que enviasse armas, necessitadas com urgência, para ajudar os gregos. Ao saber o plano de Wavell quando Eden regressou a Londres, Churchill afirmou ter “pulado de alegria”.²² Imediatamente instou Wavell a lançar o ataque o mais cedo possível, e naquele mês.

O comandante em campanha da Força Ocidental do Deserto era o tenente-general Richard O’Connor. Miúdo, rijo e decidido, O’Connor tinha a 7ª Divisão Blindada e a 4ª Divisão Indiana, que ele desdobrou a cerca de 40 quilômetros ao sul da principal posição italiana em Sidi Barrani. Um destacamento menor, a Força Selby, tomou a estrada costeira de Mersa Matruh para avançar até Sidi Barrani a partir do oeste. Navios da Marinha Real se posicionavam perto da costa, prontos para apoiar com a artilharia. Antecipadamente, O’Connor havia camuflado depósitos avançados de suprimentos.

Como era sabido que os italianos tinham muitos agentes no Cairo, incluindo o entourage do rei Farouk, foi difícil guardar segredo. Então, para dar a impressão de não ter nada planejado, o general Wavell, acompanhado da mulher e das filhas, foi à corrida em Gezira pouco antes da batalha. Naquela noite, ofereceu uma recepção no Clube de Turfe.



Quando a Operação Compass começou, na madrugada de 9 de dezembro, os britânicos descobriram que haviam conseguido surpreender o inimigo. Em menos de 36 horas, a Divisão Indiana, liderada pelos tanques Matilda do 7º Regimento Real de Tanques, tomou as principais posições italianas até a periferia de Sidi Barrain. Um destacamento da 7ª Divisão Blindada avançou pelo noroeste e interrompeu a estrada costeira entre Sidi Barrani e Buqbuq, enquanto a força principal atacava a Divisão Catanzaro, diante de Buqbuq. A 4ª Divisão Indiana tomou Sidi Barrani no fim em 10 de dezembro, e quatro divisões italianas na área se renderam no dia seguinte. Buqbuq foi também capturada e a Divisão Catanzaro destruída. Só a Divisão Cirene, a 40 quilômetros ao sul, conseguiu escapar recuando rapidamente em direção ao Passo Halfaya.

As tropas de O'Connor obtiveram uma vitória impressionante. A um custo de 624 baixas, haviam capturado 38.300 prisioneiros, 237 canhões e 73 tanques. O'Connor queria passar à fase seguinte, mas foi obrigado a esperar. A maior parte da 4ª Divisão Indiana foi transferida para o Sudão para enfrentar as forças do duque de Aosta na Abissínia. Em substituição, ele recebeu a 16ª Brigada de Infantaria Australiana, a grande unidade avançada da 6ª Divisão Australiana.

O objetivo principal era Bardia, um porto na Líbia. Por ordem de Mussolini, o marechal Graziani concentrou seis divisões ao seu redor. A infantaria de

O'Connor atacou em 3 de janeiro de 1941, apoiada pelos Matildas restantes. Depois de três dias, os italianos se renderam à 6ª Divisão Australiana e 45 mil homens, 462 peças de artilharia e 129 tanques foram capturados. O seu comandante, general Annibale Bergonzoli, conhecido como “suíças elétricas” devido ao seu pelo facial surpreendente, conseguiu fugir para o oeste. Entre os atacantes houve apenas 130 mortos e 326 feridos.

Enquanto isso, a 7ª Divisão Blindada havia avançado para isolar Tobruk. Duas brigadas australianas partiram rapidamente de Bardia para completar o cerco. Tobruk também se rendeu, entregando outros 25 mil prisioneiros, 208 canhões, 87 veículos blindados e catorze prostitutas do exército italiano que foram enviadas a um convento em Alexandria, onde languidesceram entediadas até o final da guerra. O'Connor se espantou ao saber da oferta de Churchill à Grécia de forças terrestres e aviões, pois isso punha em risco o resto da sua ofensiva. Por sorte, Metaxas a recusou. Ele pensava que qualquer coisa menor do que nove divisões poderia provocar os alemães, sem conseguir mantê-los a distância.

O colapso do império italiano prosseguia no leste da África. Em 19 de janeiro, com a 4ª Divisão Indiana pronta no Sudão, a força do major-general William Platt avançou contra o exército isolado e demasiadamente inflado do duque de Aosta na Abissínia. Dois dias depois, o imperador Hailé Selassié regressou para se unir à libertação do seu país, acompanhado pelo major Orde Wingate. No sul, uma força comandada pelo major-general Alan Cunningham, o irmão mais novo do almirante, atacou a partir do Quênia. O exército de Aosta, enfraquecido pela carência de suprimentos, não resistiu por muito tempo.

Na Líbia, O'Connor decidiu fazer um esforço completo para encerrar o grosso dos exércitos italianos no saliente costeiro da Cirenaica, e a 7ª Divisão Blindada a cruzou direto até o golfo de Sirte, ao sul de Benghazi. Mas muitos de seus carros de combate estavam indisponíveis e a situação dos suprimentos era desesperadora, com as linhas de comunicação estendendo-se por 1.300 quilômetros até o Cairo. O'Connor mandou que a divisão se detivesse pelo momento diante de uma posição italiana forte em Mechili, ao sul do maciço de Jebel Akhdar. Nisto, patrulhas mecanizadas e aviões da RAF detectaram sinais de um recuo importante. O marechal Graziani começava a evacuar a Cirenaica.

Em 4 de fevereiro começou para valer a corrida que os regimentos de cavalaria chamavam de “Grande Prêmio de Benghazi”. Liderada pelo 11º de Hussardos, a 7ª Divisão Blindada avançou por terreno inóspito para deter os

remanescentes do X Exército italiano antes que eles fugissem. A 6ª Divisão Australiana perseguiu as forças em retirada pela costa e entrou em Benghazi em 6 de fevereiro.

Ao saber que os italianos estavam evacuando Benghazi, o major-general Michael Creagh, da 7ª Divisão Blindada, enviou uma coluna rápida na dianteira para detê-los em Beda Fomm. Esta força-tarefa, com o 11º de Hussardos, o 2ª Batalhão da Brigada de Fuzileiros e três baterias da Artilharia Montada Real, chegou à estrada bem a tempo. Diante de 20 mil italianos desesperados para escapar, temeram ser sobrepujados pela força numérica. Contudo, quando parecia que seriam engolidos, os tanques leves do 7º de Hussardos apareceram. Realizaram uma carga contra o flanco esquerdo da massa de italianos provocando alarme e confusão. A luta terminou assim que o sol se pôs.

A batalha recomeçou logo ao amanhecer, com a chegada de mais tanques italianos. Mas a coluna rápida britânica também começou a receber apoio de esquadrões chegados da 7ª Divisão Blindada. Mais de 80 tanques italianos foram destruídos ao tentarem furar o cerco. Enquanto isso, os australianos que avançavam de Benghazi aumentaram a pressão na retaguarda. Após uma última tentativa de escape que fracassou na manhã de 7 de fevereiro, o general Bergonzoli rendeu-se ao tenente-coronel John Combe do 11º de Hussardos. O “suíças elétricas” era o único oficial-general restante do X Exército.

Os soldados italianos exaustos e infelizes sentaram-se em bandos, encolhidos sob a chuva até onde a vista alcançava. Ao ser indagado por rádio quantos prisioneiros os hussardos haviam feito, um subalterno de Combe supostamente respondeu com a genuína indiferença da cavalaria: “Ah, vários acres, eu acho.” Cinco dias depois, o tenente-general Erwin Rommel aterrisou em Trípoli, seguido pelos destacamentos avançados do que viria a ser conhecido como o *Afrika Korps*.

A Guerra Balcânica de Hitler

MARÇO-MAIO DE 1941

Ao ver que as suas tentativas de derrotar a Grã-Bretanha haviam fracassado, Hitler se concentrou no principal objetivo da sua vida. Porém, antes de invadir a União Soviética decidiu proteger ambos os flancos. Começou a negociar com a Finlândia, mas os Bálcãs ao sul eram mais importantes. Os campos petrolíferos de Ploesti forneceriam combustível para as divisões panzer, e o exército romeno do marechal Ion Antonescu seria a fonte dos soldados. Como o sudeste europeu também era considerado esfera de influência pela União Soviética, Hitler sabia que era preciso agir com cautela para não provocar Stalin antes de estar preparado.

O ataque desastroso de Mussolini à Grécia havia resultado justamente no que Hitler temia, a presença militar britânica no sudeste europeu. Em abril de 1939, a Inglaterra dera garantias de apoio à Grécia e, em consequência, o general Metaxas pediu ajuda. Os britânicos ofereceram caças — os primeiros esquadrões da RAF rumaram para a Grécia na segunda semana de novembro de 1940 — e tropas britânicas desembarcaram em Creta a fim de liberar os soldados gregos para que servissem na frente albanesa. Cada vez mais temeroso de que os britânicos usassem os aeródromos gregos para atacar os campos de Ploesti, Hitler pediu ao governo búlgaro que criasse postos de observação ao longo da fronteira. Contudo, Metaxas insistiu em que os britânicos não atacassem os campos de petróleo de Ploesti, para não provocar a Alemanha nazista. O seu país podia lidar com os italianos, mas não com a Wehrmacht.

Hitler considerava invadir a Grécia, em parte para pôr fim à humilhação italiana, que refletia mal no Eixo como um todo, mas, acima de tudo, para proteger a Romênia. Em 12 de novembro, ele ordenou que o OKW planejasse a invasão através da Bulgária para garantir a linha costeira norte no mar Egeu. A Operação recebeu o codinome Marita. A Luftwaffe e a Kriegsmarine logo o convenceram a incluir toda a Grécia no plano.

A Marita seria lançada ao término da Operação Felix, o ataque a Gibraltar na primavera de 1941 e a ocupação do noroeste da África com duas divisões. Para evitar que as colônias francesas desertassem de Vichy, Hitler ordenou planos de contingência para a Operação Attila, a tomada das possessões e da frota francesas. Caso houvesse oposição, estas ações seriam levadas a cabo com grande violência.

Sendo Gibraltar a chave da presença britânica no Mediterrâneo, Hitler decidiu enviar o almirante Canaris, chefe da *Abwehr*, para uma conversa com Franco. A sua missão era obter um acordo para o trânsito de tropas alemãs pelas estradas costeiras espanholas no Mediterrâneo, em fevereiro. Mas a convicção de que Franco finalmente concordaria em entrar na guerra era otimista demais. O Caudillo deixou “claro que só poderia entrar na guerra se a Grã-Bretanha estivesse diante do colapso iminente”.¹ Hitler não estava disposto a desistir do projeto; porém, temporariamente limitado ao oeste do Mediterrâneo, voltou a atenção para o flanco sul da Operação Barbarossa.

Em 5 de dezembro de 1940, Hitler afirmou que pretendia enviar apenas dois *Gruppen* da Luftwaffe à Sicília e ao sul da Itália para atacarem as forças navais britânicas no leste do Mediterrâneo. Àquela altura, ele era contrário à ideia de despachar tropas terrestres em apoio aos italianos na Líbia. Porém, na segunda semana de janeiro de 1941, o êxito devastador do avanço de O'Connor o fez pensar duas vezes. Ele não ligava para a Líbia, mas a derrota de Mussolini representaria um golpe forte ao Eixo e encorajaria os inimigos.

A presença da Luftwaffe na Sicília cresceu com a inclusão do X *Fliegerkorps*, e a 5ª Divisão Ligeira recebeu ordens de se preparar para o norte da África. Porém, a vitória espetacular de O'Connor em 3 de fevereiro deixou claro que a Tripolitânia também estava em risco. Hitler ordenou que despachassem uma força para o comando do tenente-general Rommel, que ele conhecia bem das campanhas na Polônia e na França. Ela foi denominada *Deutsches Afrika Korps* e o projeto recebeu o codinome de Operação Sonneblume (Girassol).

Mussolini não teve alternativa a não ser concordar com o comando de Rommel sobre as forças italianas. Após reuniões em Roma, em 10 de fevereiro, este voou para Trípoli dois dias depois. Não perdeu tempo em descartar os planos italianos de defesa da cidade. A frente ficaria muito mais adiante, em Sirte, até que suas tropas desembarcassem por completo, mas isso, como ele logo descobriu, levaria tempo. A 5ª Divisão Ligeira só estaria pronta para entrar em ação no início de abril.

Nesse meio-tempo, o X *Fliegerkorps* na Sicília bombardeara a ilha de Malta,

especialmente os campos de aviação e a base naval de Valletta, e atacara os comboios britânicos que circulavam pelo Mediterrâneo desafiadoramente. A Kriegsmarine também tentou persuadir a marinha italiana a combater a esquadra inglesa no Mediterrâneo, mas os seus argumentos só surtiram efeito no final de março.

Os preparativos para a Operação Marita, a invasão da Grécia, prosseguiram nos três primeiros meses de 1941. Formações do XII Exército comandadas pelo general de campo Wilhelm List cruzaram a Hungria em direção à Bulgária. Ambos os países tinham governos anticomunistas e haviam se aliado ao Eixo em virtude de sua diplomacia ativa. A Bulgária também teve de ser convencida a permitir que as tropas alemãs cruzassem o seu território. Stalin observava os acontecimentos com profunda suspeita. Não estava convencido das garantias alemãs de que a sua presença lá tinha os britânicos como alvo exclusivo, mas não podia fazer grande coisa a respeito.

Atentos à movimentação militar alemã no Danúbio, os britânicos decidiram agir. Para preservar a credibilidade inglesa e na esperança de impressionar os americanos, Churchill ordenou a Wavell que descartasse a ideia de avançar para a Tripolitânia e, em vez disso, enviasse três divisões à Grécia. Metaxas acabara de falecer e, diante da realidade da ameaça alemã, o novo primeiro-ministro, Alexandros Koryzis, estava disposto a aceitar qualquer ajuda, por pequena que fosse. Nem o lúgubre Wavell nem o almirante Cunningham pensavam que a força expedicionária fosse ajudar a manter os alemães a distância, porém, como Churchill acreditava que a honra britânica estava em jogo, e Eden estava absolutamente convencido de que era a coisa certa a fazer, em 8 de março eles concordaram. Na verdade, mais da metade da força de 58 mil homens enviada para cumprir a garantia britânica à Grécia consistia de australianos e neozelandeses. Eram as formações mais disponíveis, mas isso viria a produzir, mais adiante, muitos ressentimentos entre tropas de países situados diametralmente opostos no mundo.

O comandante da força expedicionária era o general Sir Maitland Wilson, conhecido como “Jumbo” por causa de suas avantajadas altura e circunferência. Wilson não nutria ilusões quanto à batalha que o esperava. Após uma reunião otimista com o ministro britânico em Atenas, Sir Michael Palaret, teria dito: “Bem, não sei. Já mandei trazer meus mapas do Peloponeso.”² Esta parte mais meridional do continente grego era aonde as suas tropas seriam levadas em caso de derrota. A aventura grega era considerada pelos oficiais mais antigos uma “outra provável Noruega”. Os oficiais australianos e neozelandeses mais jovens,

porém, abriam entusiasmados os mapas dos Bálcãs para estudar as rotas de invasão pela Iugoslávia até Viena.

A Força-tarefa W de Wilson, com efetivo de Corpo de Exército, preparou-se para enfrentar a invasão alemã a partir da Bulgária. Ocupou posições ao longo da Linha Aliakmon, que corria, em parte, por trechos daquele rio até a costa do mar Egeu, ao norte do monte Olimpo. A 2ª Divisão Neozelandesa do major-general Bernard Freyberg estava à direita e a 6ª Divisão Australiana à esquerda, com a 1ª Brigada Blindada britânica adiante como um escudo. As tropas aliadas recordaram aqueles dias de espera como idílicos. Embora as noites fossem frias, o clima estava glorioso, flores silvestres em profusão cobriam as montanhas e os aldeões gregos não podiam ser mais generosos e hospitaleiros.

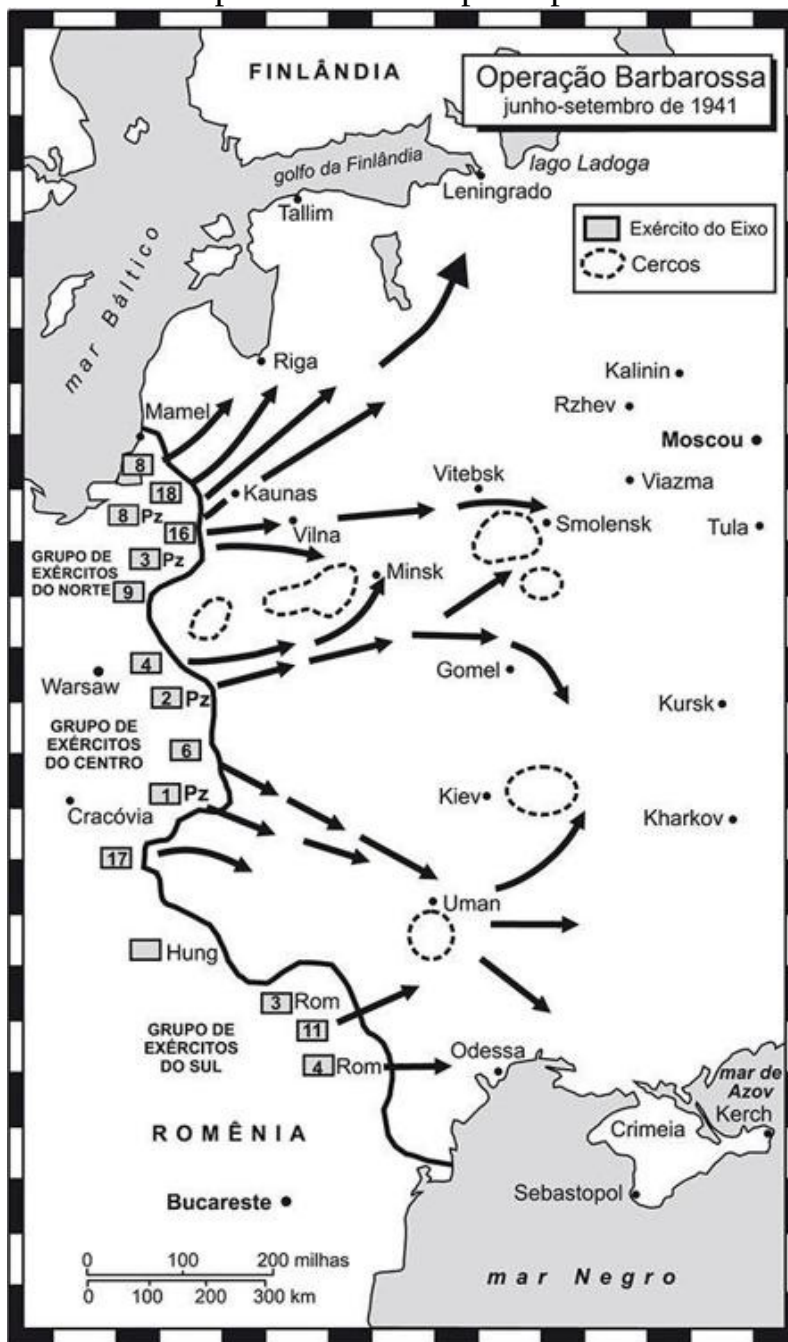
Enquanto as tropas britânicas e dos domínios esperavam na Grécia pelo ataque alemão, a Kriegsmarine pressionou a marinha italiana a atacar a esquadra britânica para desviar a atenção dos transportes que rumavam para o norte da África com as tropas de Rommel. Os italianos seriam apoiados pelos X *Fliegerkorps* no sul da Itália e foram encorajados a se vingarem do bombardeio de Gênova pela Marinha Real.

Em 26 de março, a marinha italiana se fez ao mar com o encouraçado *Vittorio Veneto*, seis cruzadores pesados, dois cruzadores leves e treze contratorpedeiros. Alertado da ameaça quando um Ultra interceptou o tráfico da Luftwaffe, Cunningham mobilizou os navios de guerra disponíveis: a Força-tarefa A, com os navios HMS *Warspite*, *Valiant* e *Barham*, o porta-aviões HMS *Formidable* e nove contratorpedeiros e a Força-tarefa B, com quatro cruzadores leves e quatro contratorpedeiros.

Em 28 de março, um hidroavião do *Vittorio Veneto* avistou os cruzadores da Força-tarefa B. O esquadrão do almirante Angelo Iachino os perseguiu. Ele não sabia da presença de Cunningham ao leste de Creta e ao sul do cabo Matapan. Bombardeiros do HMS *Formidable* atingiram o *Vittorio Veneto*, mas este conseguiu escapar. Uma segunda leva avariou o cruzador pesado *Pola*, fazendo-o se deter. Outros navios italianos foram chamados a ajudar, e esta foi a oportunidade dos britânicos. Uma artilharia devastadora pôs a pique três cruzadores pesados, inclusive o *Pola*, e dois contratorpedeiros. Embora Cunningham tenha ficado profundamente frustrado com a fuga do *Vittorio Veneto*, a Batalha de Cabo Matapan representou uma grande vitória psicológica para a Marinha Real.

O ataque alemão à Grécia foi planejado para começar no início de abril, mas uma crise inesperada explodiu na Iugoslávia. Hitler vinha tentando conquistar o

país e principalmente o seu regente, o príncipe Paul, como parte da ofensiva diplomática para garantir os Bálcãs antes da Operação Barbarossa. Contudo, o desencanto crescia entre os iugoslavos, principalmente ante as tentativas autoritárias dos alemães de obter todas as suas matérias-primas. Hitler instou o governo de Belgrado a se unir ao Pacto Tripartite, e em 4 de março ele e Ribbentrop exerceram forte pressão sobre o príncipe Paul.



Ciente da oposição crescente no país, o governo iugoslavo procrastinou, mas as exigências de Berlim tornaram-se muito insistentes. Por fim, o príncipe Paul e

representantes do governo assinaram o pacto em Viena, em 25 de março. Dois dias depois, oficiais sérvios tomaram o poder em Belgrado. O príncipe foi afastado da regência e o jovem rei Pedro II foi colocado no trono. As demonstrações antigermânicas em Belgrado incluíram o ataque ao carro do ministro alemão. Segundo o seu intérprete, Hitler ficou “sedento de vingança”.³ Convenceu-se de que os britânicos estavam por trás do golpe. Ribbentrop foi imediatamente chamado para uma reunião com o ministro do Exterior japonês, a quem acabara de sugerir que as forças japonesas invadissem Cingapura. Hitler ordenou que o OKW preparasse a invasão. Não haveria ultimato nem declaração de guerra. A Luftwaffe atacaria Belgrado o mais rapidamente possível. A operação se chamou Strafgericht (Vingança).

Hitler foi assistir ao golpe em Belgrado, em 27 de março, como uma “prova definitiva” da “conspiração dos judeus anglo-saxões fomentadores da guerra e dos judeus no poder no quartel-general bolchevique de Moscou”.⁴ Convenceu-se de que se tratava de uma traição vil ao pacto de amizade germano-soviético, que ele mesmo planejava romper.

Embora o governo iugoslavo tivesse declarado Belgrado uma cidade aberta, a Strafgericht seguiu em frente no Domingo de Ramos, 6 de abril. Em dois dias, a 4ª *Luftflotte* destruiu a maior parte da cidade. É impossível estimar as baixas civis.⁵ Os números oscilam entre 1.500 e 30 mil mortos, e a cifra provavelmente está no meio. O governo iugoslavo rapidamente assinou um pacto com a União Soviética, mas Stalin não fez nada por medo de provocar Hitler.

Enquanto o bombardeio de Belgrado prosseguia naquela manhã de domingo com 500 aeronaves, o ministro alemão em Atenas informou ao primeiro-ministro grego que as forças da Wehrmacht invadiriam a Grécia em represália à presença de tropas britânicas em seu solo. Koryzis respondeu que a Grécia se defenderia. Pouco antes do amanhecer de 6 de abril, o XII Exército de List iniciou ofensivas simultaneamente ao sul, na Grécia, e a oeste, na Iugoslávia. “Às 5h30 o ataque à Iugoslávia começou”, registrou em seu diário um cabo da 11ª Divisão Panzer. “Os panzers deram a partida. A artilharia ligeira abriu fogo, a artilharia pesada entrou em ação. Surgiram aeronaves de reconhecimento e 40 Stukas bombardearam as posições, os quartéis se incendiaram [...] uma visão magnífica logo ao nascer do dia.”⁶

Cedo naquela manhã, o arrogante general aviador Wolfram von Richthofen, comandante do VIII *Fliegerkorps*, foi assistir ao ataque da 5ª Divisão de Montanha no passo Rupel, junto à fronteira iugoslava, e ver os Stukas em ação. “No posto de comando às 4h”, escreveu em seu diário. “Ao clarear, a artilharia começou. Fogo poderoso. Depois as bombas. Penso se não estamos sendo muito complacentes com os gregos.”⁷ Mas a 5ª Divisão de Montanha recebeu uma

surpresa desagradável quando os bombardeiros de Richthofen atacaram as próprias tropas por engano. Os gregos provaram ser muito mais tenazes do que o esperado.

Mobilizado às pressas, sem artilharia antiaérea ou canhões anticarro, o exército iugoslavo não tinha a menor chance contra o poderio da Luftwaffe e das divisões panzer. Os alemães perceberam que as unidades sérvias resistiam com mais determinação que as croatas e macedônias, as quais muitas vezes se rendiam na primeira oportunidade. Uma coluna de 1.500 prisioneiros foi atacada por engano pelos Stukas, matando “um número terrível” deles. “Guerra é guerra!”,⁸ foi a reação de Richthofen.

A invasão da Iugoslávia criou um perigo inesperado na Linha Alaikmon. Se, como certamente fariam, os alemães viessem pelo sul através do vale Monastir, perto de Florina, as posições dos Aliados seriam imediatamente flanqueadas. As tropas na Linha Aliakmon tiveram de recuar para evitar a ameaça.

Hitler queria deter e destruir a força expedicionária dos Aliados na Grécia. Não sabia que o general Wilson tinha uma vantagem secreta. Pela primeira vez, as interceptações do Ultra decodificadas em Betchley Park puderam informar um comandante em campo sobre a movimentação da Wehrmacht. Mas os comandos britânico e grego se desalentaram diante do rápido colapso do exército iugoslavo, que só matou 151 alemães em toda a campanha.

As forças gregas que defendiam a Linha Metaxas junto à fronteira búlgara lutaram com muita bravura, mas logo parte do 18º Corpo de Montanha alemão a rompeu pela extremidade sudeste da Iugoslávia e abriu caminho para Salônica. Na manhã de 9 de abril, Richthofen ouviu a “notícia surpreendente”⁹ de que a 2ª Divisão Panzer havia entrado em seus subúrbios. Contudo, os gregos continuavam montando contra-ataques junto ao passo Rupel, o que forçou Richthofen, agora mais cauteloso, a desviar bombardeiros para desarticulá-los.

Em 11 de abril, ao sul de Vevi, a 1ª Brigada Blindada britânica se viu diante de uma parte da Divisão *SS Leibstandarte Adolf Hitler*. O major Gerry de Winton, comandante da companhia de comunicações, recordou a cena do vale à luz noturna “como uma pintura de Lady Butler, com o sol caindo à esquerda, os alemães atacando na linha de frente e, à direita, os artilheiros entrando em posição com suas peças”.¹⁰ Uma interceptação do Ultra indicou que a resistência fora eficaz: “Perto de Vevi, a *SS Adolf Hitler* encontra resistência violenta.”¹¹ Mas ações assim eram raras. Teve início um movimento retrógrado de um passo de montanha a outro, em que as unidades aliadas conseguiam se manter apenas um salto adiante dos alemães. As unidades gregas sem transporte motorizado não podiam alcançá-las, o que abriu uma enorme brecha entre a Força-tarefa W e o exército grego de Epirus, na frente albanesa.

Os tanques e veículos, incapazes de suportar as estradas pedregosas, tiveram de ser abandonados e destruídos enquanto as colunas que batiam em retirada eram atacadas incessantemente pelo ar. Os poucos esquadrões Hurricane da RAF, numericamente sobrepujados pelos Messerschmitts de Richthofen, não ajudavam muito. Na retirada, pulando de um campo de pouso improvisado ao outro, os homens recordavam inquietos a queda da França. Os pilotos alemães abatidos, porém, deparavam-se com o tratamento rude dos aldeões gregos que desejavam se vingar.

Em 17 de abril, os iugoslavos se renderam. Invadidos a partir do território austríaco ao norte e da Hungria, Romênia e Bulgária pelo exército de List, as suas forças dispersas não tinham muitas chances. A 11ª Divisão Panzer estava muito satisfeita consigo mesma. “Em menos de cinco dias destruímos sete divisões inimigas. Uma grande quantidade de material bélico foi apreendida. Tivemos poucas perdas”,¹² escreveu um cabo em seu diário. Um membro da 2ª Divisão SS *Das Reich* se perguntou: “Será que os sérvios acreditavam que com o seu exército incompleto, antiquado e mal treinado conseguiriam enfrentar a Wehrmacht alemã? Isso é o mesmo que um verme querendo engolir uma jiboia!”¹³

Apesar da vitória fácil, Hitler, o austríaco, queria se vingar da população sérvia, que ainda via como terroristas responsáveis pela Primeira Guerra Mundial e todas as suas mazelas. A Iugoslávia seria dividida e partes do seu território distribuídas entre os aliados húngaros, búlgaros e italianos. A Croácia, sob um governo fascista, tornou-se um protetorado italiano, e a Alemanha ocupou a Sérvia. O péssimo tratamento que os nazistas dispensaram aos sérvios provaria ser perigosamente contraproducente, levando a uma selvagem guerra de guerrilha e interferindo na exploração das matérias-primas do país.

A retirada na Grécia, com os iugoslavos misturados às forças aliadas e aos gregos, produziu imagens alucinantes. No meio de um engarrafamento de trânsito militar, um playboy de Belgrado calçando sapatos espalhafatosos foi visto em um Buick conversível para duas pessoas ao lado da amante. Um oficial inglês pensou que estava sonhando ao ver “passar à luz da lua um esquadrão de lanceiros sérvios com mantos longos como se fossem fantasmas de soldados derrotados de guerras muito antigas”.¹⁴

Sem nenhum contato entre o exército grego à esquerda e a Força-tarefa W, o general Wilson ordenou o recuo para a Linha Termópilas. Isso só foi possível com a defesa corajosa do vale do Tempe, quando a 5ª Brigada Neozelandesa conseguiu resistir por três dias à 2ª Divisão Panzer e à 6ª Divisão de Montanha.

Porém, uma interceptação do Ultra alertou que os alemães avançavam pela costa do Adriático em direção ao golfo de Corinto.

As tropas aliadas na Grécia ficavam profundamente constrangidas ao terem que destruir pontes e ferrovias à medida que recuavam, mas os habitantes locais continuavam a tratá-los com muita gentileza e clemência. Os padres ortodoxos benziam os veículos e as mulheres das aldeias lhes ofertavam flores e pão quando partiam, embora as suas perspectivas sob a ocupação inimiga fossem extremamente desoladoras. Eles não sabiam o quão terrível seria a sua sina. Em poucos meses, um pão chegaria a custar 2 milhões de dracmas, e no primeiro ano da ocupação 40 mil gregos morreriam de fome.¹⁵

Em 19 de abril, um dia após o primeiro-ministro grego cometer suicídio, o general Wavell voou para Atenas para consultas. Devido à incerteza da situação, seus oficiais do Estado-Maior portavam os revólveres regulamentares. A decisão de evacuar todas as tropas de Wilson foi tomada na manhã seguinte. Naquele dia, os últimos quinze Hurricanes enfrentaram 120 aeronaves de combate alemãs. A legação britânica e o quartel-general da missão militar no Hotel Grande Bretagne começaram a queimar papéis, entre os quais os mais importantes eram os das decodificações do Ultra.

Mesmo depois de a notícia da evacuação se espalhar, as tropas aliadas continuaram a ser saudadas pelo caminho. “Voltem com boa sorte!” diziam os gregos. “Voltem com a vitória!” Muitos oficiais e soldados quase choraram ao pensar que os estavam deixando à própria sorte. Só a necessidade de se apressar em meio ao caos da partida os fazia se concentrarem. Com uma forte retaguarda de australianos e neozelandeses para deter os alemães, os remanescentes da Força-tarefa W se dirigiram aos pontos de embarque ao sul de Atenas, nos portos Rafina e Rafti, ou na costa sul do Peloponeso. Os alemães estavam determinados a não permitir que outro *Dünkirchen-Wunder*¹⁶ — ou milagre de Dunquerque — se repetisse.

Embora o general Papagos e o rei George II da Grécia quisessem lutar enquanto a força expedicionária dos Aliados permanecesse no continente, os comandantes do exército de Epirus, que se confrontavam com os italianos, decidiam se render aos alemães. No dia 20 de abril, o general Georgios Tsolakoglou iniciou negociações com o marechal de campo List com a condição de que o exército grego não tivesse de lidar com os italianos. List concordou. Ao saber disto, Mussolini, indignado, reclamou com Hitler, que mais uma vez não quis que o aliado fosse humilhado. Para conduzir a cerimônia de rendição, com a presença de oficiais italianos, enviou o tenente-general Alfred Jodl, do OKW, no lugar de List, que ficou furioso.

A emoção da vitória fácil foi expressa por um oficial de artilharia alemão da

11ª Divisão Panzer em carta à esposa de 22 de abril: “Quando via o inimigo, atirava e sempre experimentava um prazer selvagem e genuíno na luta. Foi uma guerra alegre [...] Estamos bronzeados e certos da vitória. É maravilhoso fazer parte desta divisão.”¹⁷ Um *Hauptmann* da 73ª Divisão de Infantaria observou que a paz chegaria aos Bálcãs com a Nova Ordem Europeia, “de modo que as nossas crianças não tenham mais de viver a guerra”.¹⁸ Logo depois que as primeiras unidades alemãs entraram em Atenas, em 26 de abril, uma enorme bandeira com a suástica foi erguida acima da Acrópole.

Naquele mesmo dia ao amanhecer, unidades de paraquedistas aterraram no lado meridional do canal de Corinto para tentar impedir a retirada dos Aliados. Em uma luta caótica, sofreram muitas baixas nas mãos de neozelandeses munidos de canhões Bofors e alguns tanques leves do 4º Regimento de Hussardos. Os paraquedistas tampouco conseguiram cumprir a missão principal de conquistar a ponte. Os dois oficiais de engenharia que haviam preparado a sua demolição conseguiram se arrastar de volta e detoná-la.

Enquanto os alemães comemoravam a vitória em Ática, a evacuação das forças de Wilson prosseguia em um ritmo desesperado. Foram empregados todos os meios disponíveis. Os bombardeiros leves Bleiheim e hidroaviões Sunderland mal conseguiam decolar com os homens incomodamente apinhados nos compartimentos de bombas e nas torretas das metralhadoras. Pequenos barcos, vapores mercantes e todos os tipos de embarcações disponíveis partiram para o sul em direção a Creta. A Marinha Real enviou seis cruzadores e dezenove contratorpedeiros para buscar, mais uma vez, um exército derrotado. As estradas para os portos de embarque ao sul do Peloponeso foram bloqueadas às pressas por transportes militares sabotados. No final, apenas 14 mil homens foram feitos prisioneiros de um total de 58 mil enviados à Grécia. Outros 2 mil tinham sido mortos ou feridos durante o combate. Em termos do contingente, a derrota poderia ter sido muito pior, mas a perda de viaturas blindadas, veículos de transporte e armas foi desastrosa no momento em que Rommel avançava pelo Egito.

Hitler ficou aliviado ao conseguir assegurar o flanco meridional, mas pouco antes do fim da guerra atribui o atraso no lançamento da Operação Barbarossa a esta campanha.¹⁹ Em anos recentes, alguns historiadores analisaram o efeito da Operação Marita na invasão da União Soviética. A maioria pensa que fez pouca diferença. O adiamento da Barbarossa de maio para junho costuma ser atribuído a outros fatores, como o atraso na distribuição do transporte motorizado, principalmente os veículos capturados do exército francês em 1940, problemas de suprimento de combustível ou a dificuldade de criar aeródromos avançados para a Luftwaffe devido às fortes chuvas no final da primavera. Porém, uma

consequência que suscita poucas dúvidas é que a Operação Marita ajudou a convencer Stalin de que o avanço alemão no sul objetivava a captura do canal de Suez, e não a invasão da União Soviética.

Ao cruzarem o mar Egeu, os navios sobrecarregados com os remanescentes da Força-tarefa W tentaram, com pouco êxito, evitar os Stukas, Junkers 88 e Messerschmitts de Richthofen. No total, 26 navios foram postos a pique, entre eles dois navios-hospitais, e mais de 2 mil homens morreram. Mais de um terço das baixas ocorreu quando dois contratorpedeiros da Marinha Real, o HMS *Diamond* e o HMS *Wryneck*, tentaram salvar os sobreviventes de um navio mercante holandês que afundava. Ambos foram ao fundo com ataques sucessivos das aeronaves de combate alemãs.

A maior parte das tropas evacuadas, uns 27 mil homens, desembarcou na grande baía natural de Suda, na costa norte de Creta, nos últimos dias de abril. Exaustos, se arrastaram e se abrigaram sob as oliveiras, onde receberam biscoitos de água e sal velhos e carne enlatada. Soldados extraviados, mecânicos, unidades de bases sem oficiais e civis britânicos mesclavam-se perdidos no caos. A Divisão Neozelandesa de Freyberg desembarcou ordeiramente, junto com diversos batalhões australianos. Todos esperavam ser levados de volta ao Egito para prosseguir lutando contra Rommel.

A invasão de Malta havia sido estudada pelo OKW no início de fevereiro. O exército e a Kriegsmarine apoiaram o plano que garantia a rota de comboios para a Líbia. Mas Hitler decidiu que deveriam esperar mais tempo naquele mesmo ano, até a derrota da União Soviética. Os britânicos de Malta seriam um estorvo para o reabastecimento das forças do Eixo na Líbia, mas as bases dos Aliados em Creta representavam um perigo ainda maior, já que a ilha poderia ser usada para ataques dos bombardeiros contra os campos petrolíferos de Ploesti. Pelos mesmos motivos, Hitler instou os italianos a assegurarem a todo custo o domínio das suas ilhas no Dodecaneso. A ocupação alemã de Creta também traria uma vantagem positiva. Ela poderia ser usada como base da Luftwaffe para bombardear o porto de Alexandria e o canal de Suez.

Ainda antes da queda de Atenas, oficiais da Luftwaffe vinham estudando a possibilidade de um assalto aeroterrestre à ilha. O general *der Flieger* Kurt Student, fundador das forças aerotransportadas, estava particularmente entusiasmado. A Luftwaffe queria restaurar o seu prestígio após ser derrotada pela RAF na Batalha da Inglaterra. Göring abençoou o projeto e levou Student

para um encontro com Hitler em 21 de abril. Este esboçou o plano para empregar o XI *Fliegerkorps* na tomada de Creta e depois realizar um lançamento no Egito, quando os *Afrika Korps* de Rommel estivessem chegando. Hitler ficou ligeiramente cético e previu grandes baixas. Rejeitou de imediato a segunda parte do projeto de Student, mas aprovou a invasão de Creta, desde que isto não atrasasse a Barbarossa. A operação recebeu o codinome de Merkur (Mercúrio).

Como Wavell e o almirante Cunningham sabiam perfeitamente, era difícil defender Creta. Quase todos os portos e campos de pouso ficavam na costa norte. Eram extremamente vulneráveis ao ataque do Eixo a partir dos aeródromos do Dodecaneso, assim como os navios que se reabasteciam na ilha. No final de março, interceptações do Ultra identificaram a presença na Bulgária de uma parte dos XI *Fliegerkorps* do general Student, que incluía a 7ª Divisão de Paraquedistas. Em meados de abril, outro sinal revelou que 250 aeronaves de transporte haviam sido transferidas para lá. Evidentemente, uma grande operação aerotransportada estava sendo preparada e Creta era o alvo provável, principalmente se os alemães pretendessem usá-la para chegar ao canal de Suez. Uma onda de interceptações do Ultra na primeira semana de maio confirmou que Creta era realmente o objetivo.

Desde a ocupação da ilha pelos britânicos, em novembro de 1940, os planejadores tinham claro que os alemães só poderiam capturar a ilha com um ataque aéreo. A força da Marinha Real no leste do Mediterrâneo e a ausência de navios de guerra do Eixo descartavam um ataque anfíbio. O general-brigadeiro O. H. Tidbury, comandante militar da ilha, fez um reconhecimento minucioso e identificou as prováveis zonas de lançamento alemãs: os aeródromos de Iráklío, Rethymno e Maleme, e um vale a sudoeste de Chania. Em 6 de maio, uma interceptação do Ultra confirmou que Maleme e Iráklío seriam usados no “desembarque aéreo do restante XI *Fliegerkorps*, incluindo o QG e unidades integrantes do Corpo”,²⁰ além de bases avançadas para caças e bombardeiros de mergulho.

As forças britânicas estavam em Creta há quase seis meses, porém haviam feito pouco para transformar a ilha em uma fortaleza, como Churchill exigira. Isto se deu em parte por inércia, ideias confusas, e também porque a ilha não estava na lista de prioridades de Wavell. A estrada da costa sul, menos exposta, mal tinha começado e a construção de campos de pouso havia sido abandonada. Até a baía de Suda, que Churchill considerava um segundo Scapa Flow para a marinha, carecia de instalações.

O major-general Bernard Freyberg VC, comandante da Divisão Neozelandesa,

só chegou a Creta a bordo do HMS *Ajax* no dia 29 de abril. Caracteristicamente, havia esperado na Grécia até quase o último momento para se assegurar de que seus homens haviam embarcado. Freyberg, um homem imenso, há muito tempo era um herói para Churchill pela sua bravura na malfadada campanha de Gallipoli. Churchill o chamava de o “grande São Bernardo”. No dia seguinte à sua chegada foi convocado para uma conferência por Wavell, que voara para lá naquela manhã em um bombardeiro Blenheim. Eles se encontraram em uma villa à beira-mar. Para pasmo de Freyberg, Wavell pediu-lhe que ficasse em Creta com os neozelandeses e comandasse a defesa da ilha e passou-lhe os dados da inteligência sobre o ataque alemão, cujo efetivo então era estimado “entre 5 e 6 mil soldados aerotransportados e paraquedistas, além de um possível ataque naval”.²¹

Freyberg ficou ainda mais abatido ao saber que não haveria cobertura aérea e temeu que a Marinha Real não pudesse fornecer proteção contra uma “invasão partida do mar”.²² Ele parecia ter entrado lá com o pé esquerdo desde o primeiro momento. Não podia imaginar que Creta fosse invadida por um ataque aerotransportado, então pôs cada vez mais ênfase na ameaça naval. Wavell, contudo, tinha perfeitamente claro, como mostram as suas mensagens a Londres, que o Eixo simplesmente não tinha força naval para atacar por mar. Este equívoco fundamental da parte de Freyberg influenciou na disposição original das forças e na condução da batalha em seu momento crucial.

As tropas dos Aliados comandadas por Freyberg ficaram conhecidas como *Creforce*. O aeródromo de Iráklio ao leste foi defendido pela 14ª Brigada de Infantaria e um batalhão australiano. O de Rethymno foi coberto por dois batalhões australianos e dois regimentos gregos. Mas o de Maleme, a oeste, objetivo principal alemão, tinha apenas um batalhão neozelandês para defendê-lo. Isto ocorreu porque Freyberg acreditava que um ataque anfíbio viria da costa a oeste de Chania. Em consequência, concentrou o grosso da sua divisão ao longo daquele trecho, com o Regimento Galês e um batalhão neozelandês de reserva. Não havia força alguma desdobrada no lado mais afastado de Maleme.

Em 6 de maio, uma decodificação do Ultra mostrou que os alemães planejavam desembarcar duas divisões por via aérea, mais do dobro do número de homens que Wavell indicara a princípio. Chegaram outras confirmações e detalhes do plano, deixando absolutamente claro que o ataque principal seria um assalto aeroterrestre. Infelizmente, a Agência da Inteligência Militar em Londres aumentou por engano o número de reservas transportadas por mar no segundo dia. Mas Freyberg foi muito além, imaginando a possibilidade de um “desembarque na praia com tanques”,²³ o que nunca foi mencionado. Depois da batalha ele admitiu: “Da nossa parte, estávamos mais preocupados com ataques

por mar, e não com a ameaça dos desembarques aéreos.”²⁴ Por outro lado, Churchill exultava a cada detalhe sobre a invasão aerotransportada decodificado pelo Ultra. Era uma oportunidade rara na guerra conhecer o plano de operações e os objetivos principais do ataque inimigo. “Será uma boa oportunidade de liquidar as tropas de paraquedistas”,²⁵ disse ele em mensagem a Wavell.

Os Aliados levavam uma vantagem enorme no que se refere à informação e a inteligência alemã era extraordinariamente inepta, talvez devido à autoconfiança após as vitórias fáceis da Alemanha. Um informe de 19 de maio, véspera do ataque, estimava um efetivo de 5 mil militares dos Aliados na ilha, e de apenas 400 em Iráklio. Os voos de reconhecimento aerofotográfico do avião Dornier não conseguiram detectar as posições bem camufladas dos exércitos britânicos e dos domínios. O mais surpreendente era que, segundo o informe, os cretenses receberiam de braços abertos os invasores alemães.

Devido a atrasos na entrega de combustível de aviação, a operação foi postergada de 17 para 20 de maio. Nos dias anteriores à ação, os ataques furiosos dos Messerschmitts e Stukas de Richthofen aumentaram drasticamente. O seu alvo principal eram as posições da artilharia antiaérea. Os artilheiros dos canhões Bofors passaram por maus momentos, exceto no aeródromo de Iráklio, onde lhes ordenaram abandonar os armamentos e fazê-los parecer destruídos. Espertamente, a 14ª Brigada de Infantaria queria tê-los prontos para quando os aviões chegassem com os paraquedistas. Porém, em outro exemplo de confusão mental, e apesar de ter sido alertado pelas interceptações do Ultra de que os alemães não pretendiam danificar os campos de pouso para usá-los imediatamente, Freyberg não sabotou as pistas com crateras.

O céu estava límpido no amanhecer de 20 de maio. Seria mais um dia mediterrâneo belo e quente. Os ataques aéreos de sempre começaram às 6h e duraram uma hora e meia. Quando terminaram, os soldados saíram das trincheiras e se reuniram para o café. Muitos pensavam que a invasão aerotransportada, que, conforme haviam ouvido, seria no dia 17 de maio, talvez não chegasse a ocorrer. Embora soubesse que estava programada para aquela manhã, Freyberg decidiu não transmitir a informação.

Pouco antes das 8h, o som de um tipo diferente de motor foi ouvido quando os aviões de transporte de tropa Junkers 52 se aproximaram da ilha. Os homens pegaram os fuzis e correram para as suas posições. Em Maleme e na península de Akrotiri, perto do quartel-general de Freyberg, aeronaves com formas estranhas, asas longas e estreitas, zuniram voando baixo. O grito de “Planadores!” se fez ouvir. Os fuzis, canhões Bren e metralhadoras abriram fogo.

Em Maleme, quarenta planadores passaram acima do campo de pouso e aterrissaram além do perímetro oeste do aeródromo, no leito seco do rio Tavronitis e mais além ainda. Alguns planadores chocaram-se muito forte contra o solo, e outros foram atingidos pela artilharia. O erro de Freyberg ao não ter posicionado as tropas a oeste de Maleme ficou imediatamente evidente. Os planadores levavam o 1º Batalhão do Regimento de Assalto dos Paraquedistas, comandado pelo major Koch, que havia conduzido o ataque à fortaleza belga de Eben-Emael no ano anterior. Pouco depois, o som ainda mais forte dos motores de aviões anunciou a chegada da força principal de paraquedistas.

Para surpresa dos oficiais mais jovens no quartel-general da *Creforce*, ao ouvir o ruído o general Freyberg continuou tomando o café da manhã. Olhou para o alto e simplesmente comentou: “Chegaram bem na hora.”²⁶ Para alguns dos presentes, aquela atitude imperturbável era ao mesmo tempo impressionante e preocupante. O seu pessoal observou de binóculos as ondas de aviões de transporte de tropas Junkers despejando paraquedistas e a batalha irromper acima e abaixo da faixa costeira. Vários oficiais jovens se juntaram à caça dos paraquedistas que haviam caído pouco ao norte da pedreira onde ficava o quartel-general da *Creforce*.

Os neozelandeses saíram matando os paraquedistas com vontade ainda no ar. Os oficiais disseram-lhes para mirar nas botas enquanto desciam para compensar a velocidade da queda. Em Maleme, outros dois batalhões alemães saltaram além do Tavronitis. O 22º Batalhão Neozelandês, responsável pelo campo, havia posicionado uma só companhia à volta do campo de pouso, com apenas um pelotão no vulnerável lado oeste. Logo ao sul do campo, havia uma formação rochosa chamada de Cota 107, onde o tenente-coronel L. W. Andrew VC havia instalado seu posto de comando. O comandante da companhia no lado oeste da cota direcionou os disparos dos seus homens com grandes resultados, mas ao sugerir que os dois canhões de costa fossem levados para lá recebeu como resposta que eram para uso exclusivo contra alvos no mar. A obsessão de Freyberg com a “invasão pelo mar” o levou a se recusar a usar a artilharia e a posicionar as reservas, um erro crasso, já que a resposta tática mais inteligente teria sido lançar um contra-ataque imediato antes que os paraquedistas inimigos tivessem tempo de se reorganizar.

Muitos alemães que aterraram a sudoeste de Chania, no que era conhecido como Vale da Prisão, enfrentaram verdadeiro massacre ao caírem justamente sobre posições bem camufladas. Um grupo aterrou em pleno QG do 23º Batalhão. O oficial comandante matou cinco e o seu ajudante matou dois de onde estava sentado. Gritos de “Peguei o bastardo!” eram ouvidos de todas as direções. No calor da luta, foram feitos poucos prisioneiros.

Ninguém foi mais impiedoso na determinação de defender a ilha que os próprios cretenses. Com espingardas, velhos rifles, espadas e facas de cozinha, idosos, homens e meninos entraram em ação contra os paraquedistas em campo aberto e contra os que se enganchavam nas oliveiras. Ao saber da invasão, o padre Stylianos Frantzeskakis correu para a igreja e tocou o sino. Empunhou um fuzil e conduziu os paroquianos ao norte de Paleochora para lutar contra o inimigo. Os alemães, com um ódio prussiano aos franco-atiradores, rasgavam as camisas e vestidos dos civis. Quem tivesse marcas do coice de uma arma ou portasse uma faca era executado ali mesmo, independentemente da idade e do sexo.

A *Creforce* foi prejudicada pela má comunicação devido à escassez de equipamentos de rádio, pois nenhum havia sido enviado do Egito nas três semanas anteriores ao ataque. Em consequência, os australianos em Rethymno e os britânicos da 14ª Brigada de Infantaria em Iráklio só souberam às 14h30 que a invasão havia começado a oeste da ilha.

Para sorte dos ingleses, problemas de reabastecimento nos aeródromos gregos haviam atrasado a partida do 1º Regimento de Paraquedistas comandado pelo coronel Bruno Bräuer. Isso significou que o ataque preliminar dos Messerschmitts e Stukas havia terminado por muito tempo antes que a onda dos aviões de transporte de tropas Junkers 52 começasse a chegar. Os corneteiros soaram o alarme geral pouco antes das 17h30. Os soldados se enfiaram nas suas posições bem camufladas. As equipes dos Bofors, que mais uma vez haviam evitado reagir durante o ataque aéreo, assestaram então seus tubos e ficaram prontas para alvejar as pesadas e lentas aeronaves de transporte. Conseguiram derrubar quinze nas duas horas seguintes.

Bräuer, confundido por uma inteligência ruim, havia decidido espalhar os lançamentos de suas unidades, com o 3º Batalhão aterrando a sudoeste de Iráklio, o 2º Batalhão no campo a leste da cidade e o 1º Batalhão em torno da aldeia de Gournes, mais ao leste. O 2º Batalhão do capitão Buckhardt foi massacrado. Os escoceses *highlanders* do 3º Regimento *Black Watch* abriram um fogo mortal. Os poucos sobreviventes foram esmagados no contra-ataque com tropa do 3º Regimento dos Hussardos em tanques Whippet que passaram por cima e atiraram em quem tentasse escapar.

O 3º Batalhão do major Schulz aterrou em campos de milho e vinhedos e abriu caminho até Iráklio, apesar da defesa feroz nas muralhas da antiga cidade veneziana por tropas gregas e irregulares cretenses. O major rendeu a cidade, mas o Regimento de York e Lancaster e o Regimento de Leicestershire contra-

atacaram e forçaram os paraquedistas alemães a recuar. Quando veio a noite, o coronel Bräuer entendeu que a operação dera totalmente errado.

Em Rethymno, entre Iráklío e Chania, parte do 2º Regimento de Paraquedistas do coronel Alfred Sturm também aterrou sobre uma armadilha. O tenente-coronel Ian Campbell havia espalhado os seus dois batalhões australianos em terreno elevado, de onde avistavam a estrada costeira e o campo de pouso, com as tropas gregas mal armadas no meio. Quando os Junkers voaram em paralelo ao mar, os defensores abriram um fogo devastador. Sete aeronaves foram derrubadas. Outras, tentando escapar, soltaram os paraquedistas no mar, onde alguns se afogaram, atrapalhados pelos velames. Alguns desceram em terreno pedregoso e se feriram, e muitos tiveram mortes terríveis ao caírem sobre socas de bambu e serem empalados pelas varas. Os dois batalhões australianos lançaram contra-ataques. Os sobreviventes alemães tiveram de escapar para o leste, onde se entrincheiraram em uma fábrica de azeite de oliva. Outro grupo que havia aterrado mais perto de Rethymno se refugiou na aldeia de Perivolía para se defender do ataque da guarda cretense e irregulares do povoado.

Enquanto a noite caía rapidamente sobre Creta, tropas de ambos os lados se deixaram levar pela exaustão. Os tiros silenciaram. Os paraquedistas alemães sofriam devido à sede. Os seus uniformes eram feitos para climas nórdicos e muitos ficaram gravemente desidratados. Os irregulares cretenses armaram emboscadas junto aos poços e os espreitaram durante toda a noite. Um grande número de oficiais alemães foi morto, incluindo o comandante da 7ª Divisão de Paraquedistas.

Em Atenas, a notícia do desastre se espalhou. O general Student fitou o gigantesco mapa da ilha na parede do salão de festas do Hotel Grande Bretagne. Embora seu quartel-general não tivesse cifras detalhadas, sabiam que as baixas haviam sido grandes e nenhum dos três aeródromos havia sido tomado. Só Maleme ainda parecia possível, mas o Regimento de Assalto no vale Tavronitis estava quase sem munição. O quartel-general do XII Exército do marechal de campo List e o do VIII *Fliegerkorps* de Richthofen estavam convencidos de que a Operação Merkur devia ser abortada, mesmo que isso significasse abandonar os paraquedistas na ilha. Um oficial capturado chegara a afirmar ao comandante do batalhão australiano: “Não reforçamos o fracasso.”²⁷

Neste ínterim, o general Freyberg enviou uma mensagem ao Cairo às 22h dizendo que, pelo que sabia, suas tropas continuavam a controlar os três campos

de pouso e os dois portos. Porém, ele estava terrivelmente mal informado sobre a situação em Maleme. O batalhão exaurido do coronel Andrew lutou o melhor que pôde, mas o seu pedido de um contra-ataque no aeródromo foi ignorado. O superior de Andrew, o general-brigadeiro James Hargest, supostamente influenciado pela ênfase de Freyberg na ameaça vinda do mar, não enviou ajuda. Quando Andrew o alertou de que teria de recuar caso não recebesse apoio, Hargest respondeu: “Se tiver de fazê-lo, faça-o.” Maleme e a Cota 107 foram abandonados durante a noite.

Resolvido a não desistir, o general Student tomou uma decisão sem dar conhecimento ao marechal de campo List. Mandou chamar o capitão Kleye, o piloto mais experiente sob o seu comando, e pediu-lhe que fizesse um teste de aterrissagem assim que amanhecesse. Ao regressar, Kleye informou que não fora alvejado. Outros Junkers foram enviados para levar munição para o Regimento de Assalto e evacuar alguns feridos. Imediatamente, Student ordenou à 5ª Divisão de Montanha do major-general Julius Ringel que se preparasse para ser evacuada por via aérea, mas primeiro enviou todas as reservas disponíveis da 7ª Divisão de Paraquedistas, sob o comando do coronel Hermann-Bernhard Ramcke, para saltarem perto de Maleme. Com o aeródromo garantido, os primeiros aviões de transporte de tropas começaram a pousar às 17h com parte do 100º Regimento de Montanha.

Freyberg, que continuava à espera da esquadra invasora, não permitiu que nenhuma de suas reservas fosse empregada no contra-ataque, à exceção do 20º Batalhão Neozelandês. O Regimento Galês, a unidade maior e mais bem equipada, deveria ficar preservada pois ele continuava a temer “um ataque por mar na área de Canea [Chania]”.²⁸ Contudo, um de seus próprios oficiais havia lhe contado dos planos alemães capturados, segundo os quais o Grupo de Navios Leves,²⁹ que trazia reforços e suprimentos, se dirigia a um ponto a oeste de Maleme, a uns 20 quilômetros de Chania. Freyberg também se recusou a ouvir a garantia do oficial naval mais antigo da ilha de que a Marinha Real era perfeitamente capaz de lidar com as pequenas embarcações que viessem pelo mar.

Ao anoitecer, tão logo a Luftwaffe desapareceu do mar Egeu, três forças-tarefas da Marinha Real regressaram a todo vapor para as duas pontas da ilha. Graças a interceptações do Ultra, sabiam a rota da sua presa. Com três cruzadores e quatro contratorpedeiros com radar, a Força-tarefa D emboscou uma flotilha de pequenos barcos escoltados por um contratorpedeiro ligeiro italiano. Os holofotes foram acesos e o massacre começou. Só um caíque

escapou e chegou à praia.

Ao observar aquela ação naval ao norte no horizonte, Freyberg ficou fora de si de excitação. Um oficial recordou tê-lo visto pulando entusiasmado como um colegial. Quando acabou, os seus comentários deram a entender que, segundo ele, a ilha estava fora de perigo. Foi dormir aliviado, sem ao menos perguntar sobre o progresso do contra-ataque contra Maleme.

O ataque estava previsto para 1h do dia 22 de maio, mas Freyberg insistiu em que o 20º Batalhão não se movesse até ser substituído por um batalhão australiano de Georgioupolis. Sem transporte suficiente, os australianos se atrasaram, e em consequência o 20º Batalhão só ficou pronto para se juntar ao avanço do 28º Batalhão (Maori) às 3h30. As horas preciosas da escuridão estavam perdidas. Apesar da grande bravura dos atacantes — o tenente Charles Upham recebeu a primeira das suas duas Victoria Crosses na batalha —, eles não tinham muitas chances contra os paraquedistas reforçados e os batalhões de montanha, para não falar do ataque constante dos Messerschmitts assim que o dia começou. Exaustos, os neozelandeses tiveram de recuar à tarde. A única coisa que, furiosos, puderam fazer foi observar os Junkers 52 com sua carga de tropas que pousavam no ritmo terrivelmente impressionante de vinte aeronaves por hora. A ilha estava condenada.

Naquele dia, o desastre se estendeu também à guerra naval. Determinado a perseguir o segundo Grupo de Navios Leves que havia se atrasado, Cunningham enviou a Força-tarefa C e a Força-tarefa A1 ao mar Egeu assim que amanheceu. Por fim avistaram o grupo e causaram alguns danos, mas a intensidade do ataque aéreo alemão levou a perdas cada vez maiores. A Esquadra do Mediterrâneo perdeu dois cruzadores, e um contratorpedeiro naufragou. Dois encouraçados, dois cruzadores e vários contratorpedeiros foram seriamente danificados. A marinha ainda não tinha aprendido a lição de que a era dos encouraçados havia terminado. Outros dois contratorpedeiros, o HMS *Kashmir* e o HMS *Kelly* da força de lorde Louis Mountbatten foram afundados no dia seguinte.

Na noite de 22 de maio, Freyberg decidiu não arriscar um contra-ataque de última hora com os três batalhões não empregados. Obviamente, não queria ser lembrado como o homem que perdeu a Divisão da Nova Zelândia. Pode-se imaginar a raiva dos australianos em Rethymno e da 14ª Brigada de Infantaria em Iráklio, pois pensavam que haviam vencido as batalhas. Uma retirada terrível teve início pelas trilhas pedregosas das Montanhas Brancas com os membros da *Creforce* exaustos, com os pés doloridos e sedentos, abrindo caminho até o porto de Sfakia, onde a Marinha Real se preparava para mais uma vez recolher um exército derrotado. A grande unidade do general-brigadeiro Robert Laycock, que chegou como reforço, desembarcou na baía de Suda para logo perceber que a

ilha estava sendo abandonada. Incrédulos, viram os armazéns serem incendiados no molhe. Layock soube então que os seus homens formariam a retaguarda contra as tropas de montanha de Ringel.

A Marinha Real nunca desistiu, apesar das grandes perdas em Creta. A 14ª Brigada de Infantaria foi evacuada para o porto de Iráklío em dois cruzadores e seis contratorpedeiros após uma brilhante e oculta retirada na noite de 28 de maio. Os oficiais lembraram-se do enterro de Sir John Moore em Corunna, um poema sobre a evacuação mais famosa das Guerras Napoleônicas que quase todos haviam aprendido a recitar na escola. Mas tudo ia bem demais. Retardados por um contratorpedeiro avariado, os navios só puderam deixar o canal pelo lado leste da ilha quando o sol começava a surgir. Os Stukas atacaram logo depois do amanhecer. Dois contratorpedeiros foram destruídos e dois cruzadores ficaram seriamente avariados. Carregado de mortos, o esquadrão navegou com dificuldade até o porto de Alexandria. Um quinto da 14ª Brigada morrera no mar, uma proporção muito mais alta do que na luta contra os paraquedistas. Iluminado por um holofote, um gaiteiro do *Black Watch* entoou um lamento. Muitos soldados choraram copiosamente. Os alemães consideraram as perdas da Marinha Real na campanha de Creta uma vingança pelo afundamento do *Bismarck* (ver o próximo capítulo). Em Atenas, Richthofen e seu hóspede, o general Ferdinand Schörner, brindaram à vitória com champanhe.

A evacuação da costa sul também começou na noite de 28 de maio, mas os australianos em Rethymno nunca receberam ordens de retirada. “Inimigo continua atirando”,³⁰ informaram os paraquedistas alemães à Grécia. No final, apenas 50 australianos se salvaram cruzando as montanhas, e só foram resgatados por submarinos alguns meses depois.

Em Sfakia houve caos e desordem, provocados principalmente pela massa de tropas da retaguarda reunida sem liderança. Os neozelandeses, os australianos e os Fuzileiros Reais que haviam recuado de modo ordeiro criaram um cordão para evitar que os navios fossem invadidos. Os últimos deles partiram nas primeiras horas de 1º de junho, quando as tropas alemãs se aproximavam. A Marinha Real conseguiu evacuar 18 mil homens, inclusive a maior parte da Divisão Neozelandesa. Outros 9 mil soldados tiveram de ser deixados para trás e foram aprisionados.³¹

É fácil imaginar a sua amargura. Só no primeiro dia, as tropas dos Aliados haviam matado 1.856 paraquedistas. Em conjunto, as forças de Student sofreram umas 6 mil baixas, com 146 aeronaves destruídas e 156 muito danificadas. Os Junkers de transporte de tropas fariam muita falta à Wehrmacht mais adiante naquele verão, durante a invasão da União Soviética. O VIII *Fliegerkorps* de Richthofen perdeu outros seis aviões. A Batalha de Creta foi o maior golpe

sofrido pela Wehrmacht desde o início da guerra. Contudo, apesar da defesa furiosa dos Aliados, a batalha foi uma derrota desnecessária e dolorosa. Estranhamente, os dois lados aprenderam lições muito diferentes com o resultado da operação aérea. Hitler decidiu nunca mais tentar um envio de paraquedistas de grandes proporções, enquanto os Aliados foram estimulados a desenvolver as suas próprias formações de paraquedistas, com resultados posteriores muito variados.

A África e o Atlântico

FEVEREIRO-JUNHO DE 1941

O desvio das forças de Wavell para a Grécia, na primavera de 1941, não poderia ter ocorrido em ocasião pior. Foi outro exemplo britânico clássico de esticar recursos insuficientes em demasiadas direções. Os britânicos, sobretudo Churchill, pareciam incapazes de se equiparar ao talento do exército alemão de estabelecer prioridades de modo implacável.

A oportunidade de vencer a guerra no norte da África em 1941 foi perdida assim que as forças foram enviadas à Grécia e Rommel desembarcou em Trípoli com os elementos de vanguarda do *Afrika Korps*. A nomeação de Rommel não foi bem recebida pelos antigos oficiais do OKH. Eles preferiam o major-general Hans Freiherr von Funck, que havia sido enviado para informar sobre a situação na Líbia. Mas Hitler detestava Funck, principalmente porque ele fora próximo do coronel-general Werner Frieheer von Fritsch, demitido do posto de comandante do exército em 1938.¹

Hitler gostava do fato de Rommel não ser um aristocrata. Ele tinha um forte sotaque suevo e era uma espécie de aventureiro. Os seus superiores no exército e muitos contemporâneos o consideravam um arrogante em busca de publicidade. Também desconfiavam do modo como explorava a admiração de Hitler e Goebbels para desbordar a cadeia de comando. Rommel rapidamente percebeu que a campanha isolada na África era a oportunidade ideal para ignorar as instruções do OKH. Além disso, não granjeou popularidade ao afirmar que, em vez de invadir a Grécia, a Alemanha devia dirigir suas forças para o norte da África e conquistar o Oriente Médio e os seus campos de petróleo.

Depois de mudar de ideia diversas vezes quanto à importância da Líbia e à necessidade de enviar tropas ao norte da África, Hitler passou então a julgar essencial prevenir o colapso do governo de Mussolini. Também temeu que os britânicos fizessem ligações militares com os franceses do norte da África e que o exército de Vichy, influenciado pelo general Maxime Weygand, se unisse a

eles. Mesmo após a expedição desastrosa a Dacar, em setembro de 1940, quando os Franceses Livres e um esquadrão naval britânico foram repelidos por legalistas fiéis a Vichy, Hitler continuou superestimando enormemente a influência do general Charles de Gaulle naquele momento.

Rommel desembarcou em Trípoli em 12 de fevereiro de 1941 acompanhado do coronel Rudolf Schmundt, o principal assistente militar de Hitler. Isto contribuiu enormemente para aumentar a sua autoridade entre os italianos e os oficiais alemães mais antigos. No dia anterior, os dois se surpreenderam ao ouvir do comandante do XI *Fliegerkorps* na Sicília que os generais italianos lhe haviam suplicado para não bombardear Benghazi, pois muitos tinham propriedades por lá.² Rommel pediu que Schmundt telefonasse para Hitler imediatamente. Horas depois, os bombardeiros alemães estavam a caminho.

Rommel foi informado da situação na Tripolitânia por um oficial de ligação alemão. A maioria dos italianos em retirada havia jogado as armas fora e roubado caminhões para escapar. O general Italo Gariboldi, o substituto de Graziani, recusou-se a manter uma linha avançada contra os britânicos, que estavam então em El Agheila. Rommel cuidou pessoalmente do assunto. Duas divisões italianas foram enviadas adiante, e em 15 de fevereiro ele ordenou o desembarque dos primeiros destacamentos alemães, uma unidade de reconhecimento e, em seguida, um batalhão equipado com canhões de assalto. Os veículos Kübelwagen para qualquer terreno foram disfarçados como tanques na tentativa de impedir que os britânicos continuassem avançando.

Ao final do mês, com a chegada de mais unidades da 5ª Divisão Leve, Rommel sentiu-se encorajado a começar a enfrentar os britânicos em escaramuças. Só no final de março, quando contava com 25 mil homens em solo africano, Rommel se sentiu pronto para avançar. Nas seis semanas seguintes, recebeu o restante da 5ª Leve e a 15ª Divisão Panzer, mas a frente estava a 700 quilômetros ao leste de Trípoli. Ele se viu ante um enorme problema logístico, que tentou ignorar. Quando as coisas ficaram difíceis, instintivamente culpou a inveja no seio da Wehrmacht pela falta de provisões. Na verdade, as crises costumavam ocorrer quando os navios-transporte eram postos a pique no mar líbio pela RAF e pela Marinha Real.

Rommel tampouco percebeu que os preparativos para a Barbarossa faziam da campanha no norte da África uma espécie de atração secundária. Outros problemas surgiram com a dependência dos italianos. O exército daquele país tinha uma carência crônica de transporte motorizado. Seu combustível era de tão má qualidade que às vezes não servia para os motores alemães, e a ração do exército italiano era notoriamente ruim. Geralmente, consistia em carne enlatada com o selo AM, de *Amministrazione Militare*. Segundo os soldados italianos, AM

significava “*arabo morte*”³ ou “árabe morto” e os alemães a apelidaram de “Alter Mann” (“homem velho”) ou “ânus de Mussolini”.

A sorte de Rommel foi que a Força do Deserto dos Aliados Ocidentais ainda era muito fraca naquele momento. A 7ª Divisão Blindada fora levada para o Cairo a fim de ser reorganizada e foi então substituída na África pela 2ª Divisão Blindada, muito reduzida e despreparada, e a recém-chegada 9ª Divisão Australiana havia substituído a 6ª Divisão Australiana, enviada à Grécia. No entanto, os pedidos de reforço de Rommel para avançar no Egito foram rejeitados. A resposta que recebeu foi de que os corpos panzer seriam despachados para lá naquele inverno assim que a União Soviética fosse derrotada. Enquanto isso, não devia tentar uma ofensiva em grande escala.

Rommel logo ignorou suas ordens. Para horror do general Gariboldi, enviou a 5ª Divisão Leve à Cirenaica, explorando a fraqueza das forças aliadas. Um dos maiores erros de Wavell foi substituir O'Connor pelo inexperiente tenente-general Philip Neame. Wavell também subestimou a determinação de Rommel de avançar imediatamente. Pensou que ele não atacaria antes do início de maio. Ao meio-dia, a temperatura no deserto já tinha chegado a 50°C. Com seus capacetes de aço, os soldados sofriam dores de cabeça lancinantes, causadas principalmente pela desidratação.

Em 3 de abril, Rommel decidiu expulsar as forças aliadas do saliente da Cirenaica. Enquanto a Divisão Brescia italiana era enviada para invadir Benghazi, levando Neame a recuar rapidamente, Rommel mandou a 5ª Divisão Leve bloquear a estrada costeira para Tobruk. A força aliada rapidamente entrou em colapso e Tobruk foi cercada. A débil 2ª Divisão Blindada perdeu todos os tanques na retirada devido a enguiços e falta de combustível. Em 8 de abril, o comandante, major-general Gambier Parry e os oficiais do quartel-general foram feitos prisioneiros em Mechili, junto com a maior parte da 3ª Brigada Motorizada indiana. Naquele mesmo dia, o general Neame, acompanhado do general O'Connor, que viera para assessorá-lo, foram capturados quando o motorista pegou a estrada errada.

Os alemães se alegraram com a quantidade de mantimentos que encontraram em Mechili. Rommel escolheu um par de óculos de tanque britânicos, que usava preso ao boné como uma espécie de marca registrada. Ele resolveu invadir Tobruk ao se convencer de que os britânicos se preparavam para abandoná-la, mas logo descobriu que a 9ª Divisão Australiana não estava disposta a desistir da luta. Tobruk foi reforçada por mar, o que deu ao seu comandante, o major-general Leslie Morshead, um total de quatro brigadas, com forte artilharia e unidades de canhões anticarro. Morshead, de caráter impetuoso, conhecido pelos soldados como “Ming o impiedoso”, rapidamente fortaleceu as defesas de

Tobruk. A 9ª Australiana, embora inexperiente e mal disciplinada a ponto de deixar os oficiais ingleses quase sem fala de raiva, mostrou ser um conjunto de combatentes formidáveis.

Na noite de 13 de abril, Rommel começou o principal assalto a Tobruk, sem saber que ela estava fortemente defendida. Apesar das grandes perdas e da resistência feroz, tentou diversas vezes, para assombro dos oficiais, que passaram a vê-lo como um comandante brutal. Era o momento perfeito para um contra-ataque dos Aliados, mas, por uma indução esperta, britânicos e australianos foram persuadidos de que as forças de Rommel eram muito maiores do que realmente eram.

Os pedidos de Rommel de reforço e mais apoio aéreo irritaram o general Halder e o OKH, principalmente por ele ter ignorado os avisos de não se exceder. Ainda assim, Rommel enviou algumas unidades exauridas para a fronteira egípcia, que Wavell defendia com a 22ª Brigada de Guardas enquanto não chegavam outras grandes unidades do Cairo. Rommel demitiu o major-general Johannes Streich, comandante da 5ª Divisão Leve, por preocupar-se demasiado em preservar a vida das tropas. O major-general Heinrich Kirchheim, que o substituiu, ficou igualmente desencantado com o estilo de comando de Rommel. Naquele mês, escreveu ao general Halder: “Ele corre o dia todo entre as suas forças enormemente dispersas, ordenando ataques e desperdiçando tropas.”⁴

Ao receber informes tão conflitantes sobre o que ocorria no norte da África, o general Halder decidiu enviar para lá o tenente-general Friedrich Paulus, que na Primeira Guerra Mundial servira no mesmo regimento de infantaria de Rommel. Em sua opinião, Paulus “talvez fosse o único homem com suficiente influência pessoal para deter aquele soldado enlouquecido”.⁵ Oficial meticoloso, Paulus não podia ser mais diferente de Rommel, o agressivo comandante em campanha. A única semelhança entre ambos era o berço relativamente humilde. A tarefa de Paulus era convencer Rommel a não contar com reforços significativos e descobrir o que ele pretendia fazer.

A resposta foi que Rommel se recusava a recuar as unidades avançadas na fronteira egípcia e pretendia atacar Tobruk novamente com a 15ª Divisão Panzer recém-chegada. Isto ocorreu em 30 de abril e o ataque foi novamente repellido com grandes perdas, principalmente de tanques. As suas forças tinham pouca munição. Fazendo valer a autoridade outorgada pelo OKH, em 2 de maio Paulus entregou a Rommel uma ordem por escrito determinando que os ataques não fossem retomados a menos que o inimigo recuasse. Ao regressar, informou a Halder que “o ‘x’ do problema no norte da África”⁶ não era Tobruk, mas o caráter de Rommel e o reabastecimento do *Afrika Korps*. Este simplesmente se

recusava a reconhecer as enormes dificuldades para se transportar provisões através do Mediterrâneo e descarregá-las em Trípoli.

Depois das perdas na Grécia e na Cirenaica, Wavell estava preocupado com a insuficiência de tanques para enfrentar a 15ª Divisão Panzer. Churchill armou a Operação Tiger, o transporte em comboio pelo Mediterrâneo, no início de maio, de quase trezentos tanques Crusader e mais de cinquenta Hurricanes. Com parte dos X *Fliegerkorps* ainda na Sicília, isso significava um sério risco, mas graças à má visibilidade só um navio-transporte afundou no trajeto.

Impaciente, Churchill pressionou Wavell a levar adiante uma ofensiva na fronteira antes que os novos tanques chegassem. Contudo, embora a Operação Brevity comandada pelo brigadeiro “Strafer” Gott tenha começado bem em 15 de maio, ela provocou um rápido contra-ataque de Rommel no flanco. As tropas britânicas e indianas foram empurradas de volta e mais tarde os alemães recapturaram o Passo Halfaya. Quando os novos tanques Crusader chegaram, mais uma vez Churchill exigiu ação, neste caso em outra ofensiva com o codinome Operação Battleaxe. Ele não se importou ao saber que muitos tanques descarregados precisavam ser adaptados e que a 7ª Divisão Blindada precisava de tempo para as equipes se familiarizarem com os novos equipamentos.

Mais uma vez, Wavell viu-se diante de exigências conflitantes provenientes de Londres. No início de abril uma facção pró-germânica, encorajada pela debilidade britânica no Oriente Médio, havia tomado o poder no Iraque. Os chefes de Estados-Maiores em Londres recomendaram uma intervenção. Churchill concordou imediatamente e tropas indianas desembarcaram em Basra. Rashid Ali al-Gailani, o líder do novo governo iraquiano, buscou apoio alemão, mas não obteve resposta devido a uma confusão em Berlim. Em 2 de maio, a luta irrompeu quando o exército iraquiano cercou a base aérea britânica de Habbaniyah, perto de Fallujah. Quatro dias depois, o OKW decidiu enviar bombardeiros Messerschmitts 110 e Heinkel 111 via Síria para Mosul e Kirkuk, no norte do Iraque, mas eles logo ficaram não operacionais. Entrementes, as tropas imperiais britânicas da Índia e da Jordânia avançaram em Bagdá. O governo de Gailani não teve saída a não ser aceitar a exigência britânica de passagem contínua de tropas por território iraquiano, em 31 de maio.

Embora a crise no Iraque não tivesse desfalcado muito as forças de Wavell, Churchill ordenou-lhe que invadisse a Síria e o Líbano, onde as forças de Vichy haviam ajudado os alemães no malfadado deslocamento da Luftwaffe para Mosul e Kirkuk. Equivocadamente, Churchill temia que os alemães usassem a Síria como base para atacar a Palestina e o Egito. O almirante Darlan, vice de Pétain e ministro de Defesa de Vichy, pediu aos alemães que desistissem das operações de provocação na região enquanto ele enviava reforços franceses à sua

colônia para resistirem aos britânicos. Em 21 de maio, um dia após a invasão de Creta, um grupo de caças de Vichy pousou na Grécia a caminho da Síria. “A guerra está ficando cada vez mais estranha”, Richthofen anotou em seu diário. “Supõe-se que devemos abastecê-los e *entretê-los*.”²

A Operação Exporter, a invasão aliada do Líbano e da Síria sob o domínio de Vichy, que incluiu tropas dos Franceses Livres, começou em 8 de junho com um avanço pelo norte para a Palestina pelo rio Litani. O comandante de Vichy, o general Henri Dentz, pediu apoio à Luftwaffe e reforços de tropas de Vichy no norte da África e na França. Os alemães resolveram não dar cobertura aérea, mas permitiram que tropas francesas com canhões anticarro cruzassem de trem os Bálcãs ocupados até Salônica, e depois de navio até a Síria. Porém, a presença naval britânica era forte demais, e a Turquia, que não queria se envolver, recusou o direito de passagem. O Exército Francês do Levante logo soube que estava condenado, mas continuou determinado a opor forte resistência. Os embates continuaram até 12 de julho. Um armistício foi assinado em Acre, e a Síria foi declarada sob controle dos Franceses Livres.

A falta de entusiasmo de Wavell com a campanha síria e o seu pessimismo com a perspectiva da Operação Battleaxe o puseram em rota de colisão com o primeiro-ministro. A impaciência de Churchill e a sua total incapacidade de entender as dificuldades para montar duas ofensivas ao mesmo tempo levaram Wavell a uma situação de quase desespero. O primeiro-ministro, superconfiante depois da entrega dos tanques na Operação Tiger, descartou o alerta de Wavell sobre a eficácia dos canhões anticarro alemães. O que estava destruindo o grosso das suas viaturas blindadas eram eles, e não os panzers. O exército britânico foi imperdoavelmente lento na criação de uma arma comparável ao temido canhão alemão de 88 mm. O seu canhão 2-pounder, o “atirador de ervilhas”, era inútil. O conservadorismo do exército britânico o impediu de adaptar o canhão antiaéreo de 3,7 polegadas em um canhão anticarro.

Em 15 de junho, a Operação Battleaxe começou de modo semelhante à Brevity. Os britânicos retomaram o Passo Halfaya e tiveram alguns êxitos locais, mas logo foram empurrados de volta quando Rommel trouxe todos os panzers do cerco de Tobruk. Em três dias de luta acirrada, os britânicos foram mais uma vez flanqueados e tiveram de recuar para a planície costeira, onde conseguiram evitar o cerco. O *Afrika Korps* sofreu mais baixas, porém os britânicos perderam 91 tanques, principalmente devido aos canhões anticarro alemães, ao passo que os alemães perderam apenas uma dúzia. A RAF também perdeu mais aeronaves que a Luftwaffe na batalha. Com um exagero considerável, os soldados alemães

afirmaram que haviam destruído 200 tanques britânicos e saído vitoriosos da “maior batalha de tanques de todos os tempos”.⁸

Em 21 de junho, Churchill substituiu Wavell pelo general Sir Claude Auchinleck, conhecido como “o Auk”. Wavell assumiu a posição de Auchinleck como comandante em chefe na Índia. Pouco depois, Hitler promoveu Rommel a *General der Panzertruppe* e, para pasmo e desgosto de Halder, garantiu-lhe uma independência ainda maior.

A irritação de Churchill com Wavell e sua liderança desanimada do exército foi disparada por dois imperativos. Um foi a necessidade de uma ação agressiva para manter elevado o moral nacional e evitar que o país caísse em uma inércia sombria. O outro foi impressionar os Estados Unidos e o presidente Roosevelt. Acima de tudo, o primeiro-ministro precisava desmentir a impressão parcialmente justificada de que os britânicos estavam à espera de os EUA entrarem na guerra a fim de salvar a situação.

Para grande alívio de Churchill, Roosevelt fora reeleito em novembro de 1940. O primeiro-ministro britânico sentiu-se ainda mais encorajado ao saber da revisão estratégica preparada naquele mês pelo chefe de operações da marinha dos EUA. O “Plano Dog”, como ficou conhecido, levou a conversas entre equipes britânica e americana no final de janeiro de 1941. As discussões, que ocorreram em Washington com o codinome ABC-1, duraram até março. Elas formaram a base da estratégia dos Aliados quando os Estados Unidos entraram na guerra. A política da “Alemanha primeiro” foi acordada como o princípio básico. Isto significava que, mesmo em guerra contra o Japão no Pacífico, os Estados Unidos se concentrariam primeiro em derrotar a Alemanha nazista, pois sem o comprometimento forte das forças americanas no teatro europeu os britânicos seriam claramente incapazes de ganhar sozinhos. Se perdessem, os Estados Unidos e o seu comércio mundial estariam em risco.

Roosevelt reconheceu a ameaça que a Alemanha nazista significava mesmo antes do acordo de Munique, de 1938. Ao prever a importância do poder aéreo na próxima guerra, ele rapidamente lançou um programa para a fabricação de 15 mil aeronaves por ano para a Força Aérea do exército americano. O assistente do chefe do Estado-Maior do Exército dos EUA, general George C. Marshall, estava presente à reunião. Apesar de concordar com o plano, Marshall ressaltou que era necessário incrementar as forças terrestres, lamentavelmente pequenas. Com pouco mais de 200 mil homens, o exército americano tinha apenas nove divisões insuficientes, um décimo da ordem de batalha do exército alemão. Roosevelt ficou impressionado. Menos de um ano depois, respaldou a nomeação

de Marshall para chefe do Estado-Maior, o que ocorreu no dia em que a Alemanha invadiu a Polônia.⁹

Marshall era um homem formal de grande integridade e um organizador formidável. Sob a sua direção, o exército americano cresceu de 200 mil para 8 milhões de homens durante a guerra. Ele sempre disse a Roosevelt exatamente o que pensava e manteve-se imune ao charme do presidente. O seu maior problema era a dificuldade frequente de Roosevelt de mantê-lo informado das discussões e decisões que tomava com outrem, principalmente com Winston Churchill.

Para este último, a relação com Roosevelt era o elemento mais importante na política externa britânica. Ele devotou enorme energia, imaginação e, às vezes, uma adulação desavergonhada para conquistá-lo e obter o que o seu país quase arruinado necessitava para sobreviver. Em uma carta muito longa e detalhada de 8 de dezembro de 1940, Churchill pleiteou “um ato decisivo de não beligerância construtiva”¹⁰ para prolongar a resistência britânica. Isto incluiria o emprego de navios de guerra da Marinha dos EUA na proteção contra as ameaças dos *U-boats* e 3 milhões de toneladas de transportes em navios mercantes para manter a linha de comunicações britânica no Atlântico após as perdas devastadoras — mais de 2 milhões de toneladas brutas — até aquele momento. Também pediu 2 mil aviões por mês. “Por último, chego à questão financeira”, escreveu. Os créditos em dólar da Grã-Bretanha estavam a ponto de se esgotarem; de fato, as encomendas feitas ou em negociação “excedem muitas vezes as reservas cambiais remanescentes à disposição da Grã-Bretanha”. Nunca uma carta mendicante fora escrita de modo tão importante ou digno. Isto ocorreu quase exatamente um ano antes de os Estados Unidos se virem na guerra.

Roosevelt recebeu a carta no Caribe, a bordo do USS *Tuscaloosa*. Refletiu sobre o seu conteúdo e no dia seguinte ao seu regresso convocou uma coletiva de imprensa. Em 17 de dezembro, criou a parábola simplista e famosa sobre o homem cuja casa está em chamas e pede ao vizinho que lhe empreste a mangueira. Tratava de preparar a opinião pública antes de apresentar ao Congresso a Lei do *Lend-Lease* (empréstimo e arrendamento). Na Câmara dos Comuns, Churchill saudou-a como “o ato mais nobre na história de qualquer nação”.¹¹ Em privado, contudo, o governo britânico ficou abalado com as duras condições atreladas a ela.¹² Os americanos exigiram a auditoria de todos os ativos britânicos e insistiram em que não haveria subsídio enquanto todas as reservas em ouro e as divisas estrangeiras não fossem usadas. Um navio de guerra da marinha americana foi enviado a Cape Town para recolher o restante do ouro britânico estocado lá. Companhias britânicas nos Estados Unidos, principalmente Courtaulds, Shell e Lever, tiveram de ser vendidas a preços

irrisórios e logo foram revendidas com grandes lucros. Magnanimamente, Churchill atribuiu tudo isso à necessidade de Roosevelt de derrubar os críticos antibritânicos da lei, muitos dos quais recordavam a inadimplência inglesa e francesa desde a Primeira Guerra Mundial. Os britânicos como um todo subestimavam o desprezo dos americanos por eles; eram vistos como imperialistas, esnobes e especialistas na arte de conseguir que outros travassem as suas guerras.

Porém, a Grã-Bretanha estava em situação muito desvantajosa e sem condições de protestar. O ressentimento do país com estas condições se estenderia pelos anos do pós-guerra, inclusive porque o pagamento dos 4,5 bilhões de dólares em encomendas de armas em 1940 tirou os Estados Unidos da era da depressão e deslanchou o seu boom econômico durante a guerra. À diferença do material de alta qualidade que chegou mais tarde, os equipamentos comprados nos dias desesperadores de 1940 não impressionaram nem fizeram muita diferença. Os cinquenta contratorpedeiros fornecidos em troca das Ilhas Virgens Britânicas, em setembro de 1940, exigiram muitíssimo trabalho para se tornarem navegáveis.

Em 30 de dezembro, Roosevelt falou ao povo americano por rádio em uma “conversa ao pé da lareira” para defender o acordo. “Devemos ser o grande arsenal da democracia”, declarou. E assim foi. Na noite de 8 de março de 1941, a Lei do *Lend-Lease* foi aprovada no Senado. A nova política assertiva de Roosevelt incluía a declaração de uma zona de segurança pan-americana no oeste do Atlântico; o estabelecimento de bases na Groenlândia; e o plano de substituir as tropas britânicas na Islândia, o que ocorreu finalmente no início de julho. Os navios de guerra britânicos, a começar pelo porta-aviões avariado HMS *Illustrious*, poderiam ser reparados em portos americanos e os pilotos da RAF começariam a treinar nas bases da Força Aérea do Exército dos EUA. Um dos desenvolvimentos mais importantes foi que a Marinha dos EUA começou a escoltar comboios britânicos até a Islândia.

O Ministério do Exterior alemão reagiu a isto expressando a esperança de que a Grã-Bretanha fosse derrotada antes que os armamentos americanos tivessem um papel significativo, o que foi estimado para 1942.¹³ Mas Hitler estava focado demais na Barbarossa para prestar muita atenção. Àquela altura, a sua principal preocupação era não provocar os Estados Unidos para que não entrassem na guerra antes da derrota da União Soviética. Ele recusou o pedido do almirante de esquadra Raeder para os *U-boats* operarem no oeste do Atlântico até os 4,8 quilômetros das águas continentais americanas.

Mais tarde, Churchill declarou que a ameaça dos *U-boats* foi a única coisa que realmente o amedrontou durante a guerra. Em certo momento ele chegou a considerar tomar à força os portos meridionais da Irlanda, que era neutra, caso fosse necessário. A Marinha Real estava desesperadamente necessitada de navios de escolta para os comboios. Ela tivera grandes perdas na malfadada intervenção na Noruega, e depois os contratorpedeiros tiveram de ficar de prontidão para o caso de uma invasão alemã. Durante a “devastação da costa leste”, quando *U-boats* atacaram o tráfego de navios no mar do Norte, o capitão Ernst Kals do *U-173* recebeu a Cruz de Cavaleiro por afundar nove navios em duas semanas.

A partir do outono de 1940, a flotilha de *U-boats* finalmente começou a provocar danos severos à navegação aliada. Ela tinha bases na costa atlântica francesa e havia resolvido o problema do detonador de torpedos, que havia atrapalhado as operações no início da guerra. Em setembro, em apenas uma semana, *U-boats* afundaram 27 navios britânicos, em um total de mais de 160 mil toneladas. Estas perdas são ainda mais impressionantes quando se considera a pouca quantidade de submarinos alemães no mar. Em fevereiro de 1941, o almirante Raeder não tinha mais de 22 *U-boats* transatlânticos operando.¹⁴ Apesar dos rogos a Hitler, com os preparativos para a invasão da União Soviética o programa de construção de submarinos passou a ter baixa prioridade.

Inicialmente, a marinha alemã esperava muito dos encouraçados de bolso e dos navios mercantes armados. O *Graf Spee* havia sido deliberadamente afundado na costa de Montevideú, mas a jornada mais bem-sucedida fora a do cruzador de batalha *Admiral Scheer*. Em uma viagem que durou 161 dias pelos oceanos Atlântico e Índico, ele atacou dezessete navios. Porém, logo ficou claro que os *U-boats* eram muito mais baratos que os encouraçados de bolso e outros, que puseram a pique apenas 57 mil toneladas de cargas marítimas. Otto Kretschmer, o mais exitoso comandante de *U-boats*, afundou 37 navios, mais do dobro da tonelagem afundada pelo *Admiral Scheer*.¹⁵ As escoltas de navios realizadas pela Marinha Real só começaram a aumentar quando os cinquenta antigos contratorpedeiros americanos foram reformados e os estaleiros britânicos começaram a lançar corvetas ao mar.

O almirante Karl Dönitz, chefe do Comando de *U-boats* da Kriegsmarine, via a sua missão como uma “guerra de tonelagem”: os seus submarinos tinham de afundar navios com mais rapidez do que a capacidade britânica de construí-los. Em meados de outubro de 1940, Dönitz começou com táticas de “alcateia”, em que uma dúzia de *U-boats* se reuniam ao avistarem um comboio e o afundavam durante a noite. O incêndio de um dos barcos iluminava ou permitia ver a silhueta dos demais. O primeiro ataque de alcateia foi contra o Comboio SC-7 e afundou dezessete navios. Imediatamente depois, Günther Prien, o comandante

do *U-boat* que havia afundado o HMS *Royal Oak* em Scapa Flow, fez um ataque de alcateia contra o Comboio HX-79 de Halifax. Apenas quatro submarinos, afundaram doze navios de um total de 49. Em fevereiro de 1941, as perdas aliadas aumentaram novamente. Só em março as embarcações de escolta da Marinha Real conseguiram algum tipo de vingança com o afundamento de três *U-boats*, inclusive o *U-47*, comandado por Prien, e a captura do *U-99* e seu comandante, Otto Kretschmer.

A introdução do submarino de longo alcance Tipo IX logo fez as perdas aumentarem novamente até o verão, quando interceptações do Ultra fizeram diferença e, em setembro, chegou a ajuda dos navios-escolta da Marinha dos EUA no oeste do Atlântico. Àquela altura, a decodificação em Bletchley Park dos sinais interceptados nem sempre levava ao afundamento de *U-boats*, mas ajudava enormemente a planejar “rotas evasivas” para os comboios, desviando-os das “alcateias”. Isto também deu à Inteligência Naval e ao Comando Costeiro uma ideia muito mais clara do reabastecimento e dos procedimentos operacionais da Kriegsmarine.

A Batalha do Atlântico foi uma vida de monotonia marítima contra o pano de fundo do medo constante. Os mais corajosos dentre os corajosos eram as tripulações dos petroleiros, cientes de que viajavam em bombas incendiárias gigantes. Todos, do comandante ao marinheiro de convés, se perguntavam se já estariam sendo acompanhados pelos *U-boats* e se seriam derrubados dos beliches pela sacudidela violenta da explosão de um torpedo. Só o tempo horrível e o mar agitado pareciam reduzir o perigo.

A sua existência era perpetuamente úmida e fria, vestindo casacos e capas de oleados e com poucas chances de secar as próprias roupas. Os olhos dos vigias doíam de tanto perscrutar o mar cinzento à cata de periscópios. As canecas de chocolate quente e os sanduíches de carne enlatada eram o único descanso e consolo. Nos navios de escolta, principalmente contratorpedeiros e corvetas, a varredura dos radares, o ruído metálico do Asdic e o eco dos sonares criavam um fascínio amedrontador e hipnótico. A tensão psicológica era ainda maior entre a tripulação da marinha mercante por sua incapacidade de se defender. Todos sabiam que se o comboio fosse atacado por uma alcateia, e se tivessem que se lançar no mar oleoso ao serem torpedeados, as chances de resgate eram muito pequenas. Quando um navio parava para resgatar sobreviventes se tornava um alvo fácil para os *U-boats*. O alívio de chegar ao Mersey ou ao Clyde na viagem de regresso transformava a atmosfera a bordo.

As tripulações dos *U-boats* viviam em um desconforto ainda maior. As anteparas estavam sempre listradas pela condensação e o ar era fétido por causa das roupas enxovalhadas e os corpos sem banho. Mas o moral geralmente era

alto naquele momento da guerra, quando obtinham vitórias e a resposta britânica ainda estava em evolução. Grande parte do tempo era passado na superfície, o que melhorava a velocidade e o consumo de combustível. O perigo maior provinha dos aviões flutuadores (hidroaviões com maior capacidade de flutuação) dos Aliados. Assim que um deles era avistado, a sirene dava o alerta e o *U-boat* fazia o bem treinado mergulho de emergência. Mas enquanto os aviões permaneceram sem radares, as chances de encontrar *U-boats* foram remotas.

Em abril de 1941, a perda de navios dos Aliados chegou a 688 mil toneladas, mas houve desenvolvimentos alentadores. A cobertura aérea dos comboios foi ampliada, embora ainda houvesse a “lacuna da Groenlândia”, a ampla área central no Atlântico Norte para além do alcance da Força Aérea Real Canadense e do Comando Costeiro da RAF. Uma traineira armada alemã foi tomada ao largo da Noruega, com duas máquinas codificadoras Enigma a bordo com as chaves do mês anterior. Em 9 de maio, o HMS *Bulldog* conseguiu forçar o *U-110* a emergir. O grupo armado que subiu a bordo conseguiu se apoderar dos livros de códigos e da máquina codificadora Enigma antes que fossem destruídos. Outras aquisições valiosas foram navios capturados, um barco meteorológico e um de transporte de tropas. Quando os comboios aliados começaram a escapar da rede de *U-boats* e, mais tarde, três submarinos foram emboscados diante de Cabo Verde, Dönitz começou a suspeitar que os seus códigos estavam comprometidos. A segurança da Enigma foi reforçada.

Em conjunto, o ano havia sido duro para a Marinha Real. Enquanto as perdas aumentavam no Mediterrâneo com a Batalha de Creta, em 23 de maio o grande cruzador HMS *Hood*, atingido por um único torpedo do *Bismarck*, explodia no estreito da Dinamarca, entre a Groenlândia e a Islândia. O almirante Günther Lütjens no *Bismarck* havia zarpado do Báltico acompanhado pelo cruzador pesado *Prinz Eugen*. O choque em Londres foi considerável, e também o desejo de vingança. Mais de uma centena de navios de guerra participaram da caça ao *Bismarck*, inclusive os encouraçados HMS *King George V* e o *Rodney* e o porta-aviões *Ark Royal*.

O cruzador HMS *Suffolk* perdeu o contato, mas em 26 de maio, quando a força-tarefa britânica estava ficando quase sem combustível, um hidroavião Catalina avistou o *Bismarck*. No dia seguinte, bombardeiros Swordfish decolaram do *Ark Royal* com tempo ruim. Dois torpedos avariaram o mecanismo de direção do *Bismarck* quando ele rumava para a segurança de Brest. O grande navio de guerra alemão só conseguia dar voltas em círculo. Isto deu tempo ao *King George V* e ao *Rodney*, escoltados pelo 4º Esquadrão de Contratorpedeiros, de cercá-lo e disparar em massa os seus armamentos principais. O almirante Lütjens enviou uma mensagem final: “Navio incapaz de manobrar. Lutaremos

até a última granada. Vida longa ao Führer.” O cruzador HMS *Dorsetshire* foi enviado para acabar com ele. Lütjens, que mandara afundar seu próprio navio, morreu junto com 2.200 marinheiros. Só 110 homens foram resgatados do mar.

Barbarossa

ABRIL-SETEMBRO DE 1941

Na primavera de 1941, enquanto a invasão alemã da Iugoslávia se dava de um modo rápido e exitoso, Stalin optou por uma política cautelosa. Em 13 de abril, a União Soviética assinou um “acordo de neutralidade” de cinco anos com o Japão e reconheceu o governo títere de Manchukuo. Isto foi a culminação do que Chiang Kai-shek temera desde a assinatura do Pacto Molotov-Ribbentrop.¹ Chiang havia tentado fazer jogo duplo em 1940, fazendo sondagens de paz com o Japão. Esperava forçar a União Soviética a aumentar o seu apoio, que havia diminuído consideravelmente, e sabotar a sua reaproximação com Tóquio. Mas Chiang também sabia que um acordo real com os japoneses entregaria a liderança das massas chinesas a Mao e os comunistas, pois seria considerado uma traição terrível e covarde.

Depois que o Japão assinou o Pacto Tripartite, em setembro de 1940, Chiang, assim como Stalin, percebeu que aumentariam as chances de o Japão lutar contra os Estados Unidos e sentiu-se muito encorajado com esta perspectiva. A sobrevivência da China agora estava nas mãos dos Estados Unidos, embora intuisse que a União Soviética acabaria formando parte da aliança antifascista. Ele previu que o mundo estava a ponto de se polarizar de um modo mais coerente. O jogo tridimensional de xadrez finalmente se tornaria bidimensional.

Tanto o governo soviético quanto o japonês, que se odiavam mutuamente, queriam garantir as suas costas. Em abril de 1941, depois de assinar o pacto de neutralidade soviético-japonês, Stalin foi pessoalmente à estação Yaroslavsky, em Moscou, para despedir-se do ministro do Exterior japonês, Matsuoko Yösuke, que ainda estava ébrio com a hospitalidade pesada do líder soviético.² Em meio à multidão na plataforma, Stalin subitamente avistou o coronel Hans Krebs, adido militar alemão (que seria o último chefe do Estado-Maior geral em 1945). Para surpresa deste, Stalin deu-lhe um tapinha nas costas e disse: “Devemos continuar amigos, não importa o que aconteça.”³ A bonomia do

ditador estava em desacordo com a sua aparência tensa e enfermicha. “Estou certo disto”, respondeu Krebs, recuperando-se da surpresa. Logicamente, ele não acreditava que Stalin não soubesse que a Alemanha se preparava para a invasão.

Hitler estava extremamente confiante. Decidira ignorar o alerta de Bismarck a respeito da invasão da Rússia e os perigos conhecidos de uma guerra em duas frentes. Justificou a antiga ambição de esmagar o “bolchevismo judaico” como o modo mais seguro de forçar a Inglaterra a fazer um acordo. Quando a União Soviética fosse derrotada, o Japão estaria em condições de se concentrar no Pacífico e de ficar longe da Europa. Mas o objetivo principal da liderança nazista era garantir o petróleo e recursos alimentícios russos, que supostamente os tornariam invencíveis. Com o “Plano da Fome” elaborado pelo *Staatssekretär* Herbert Backe,⁴ a conquista da produção soviética de alimentos pela Wehrmacht levaria à morte de 30 milhões de pessoas, principalmente nas cidades.

Hitler, Göring e Himmler se aferraram entusiasmados ao plano de Backe. Parecia a promessa de uma solução drástica para o crescente problema alimentar alemão e uma arma importante na guerra ideológica contra os eslavos e o “bolchevismo judaico”. A Wehrmacht também aprovou. As dificuldades de abastecimento ao longo de grandes distâncias com transporte ferroviário insuficiente seriam resolvidas em grande parte quando alimentassem os seus 3 milhões de homens e 600 mil cavalos com recursos locais. Deste modo, mesmo antes que os primeiros tiros fossem disparados, a Wehrmacht tornou-se participante ativa em uma guerra genocida de aniquilação.

Em 4 de maio de 1941, ladeado pelo vice Rudolf Hess e pelo marechal do Reich Göring, Hitler falou ao *Reichstag*. Proclamou que o Estado nacional-socialista “duraria mil anos”. Seis noites depois, Hess partiu em um Messerschmitt 110 sem avisar ninguém. Voou para a Escócia à luz da lua cheia e saltou de paraquedas, mas quebrou o tornozelo ao aterrar. Astrólogos o haviam convencido de que conseguiria a paz com a Grã-Bretanha. Embora ligeiramente perturbado, Hess, assim como Ribbentrop, percebia claramente que a invasão da União Soviética poderia ser desastrosa. Mas a sua missão de paz independente estava destinada a um fracasso vergonhoso.

A sua chegada coincidiu com um dos ataques mais pesados da *Blitz*. A Luftwaffe, que também contou com a “lua de bombardeio” naquela noite, atacou Hull e Londres, danificando a abadia de Westminster, a Câmara dos Comuns, o Museu Britânico, diversos hospitais, o centro financeiro, a Torre de Londres e as docas. Os ataques elevaram o total de baixas civis para 40 mil mortes e 46 mil feridos graves.

A estranha missão de Hess provocou constrangimento em Londres, consternação na Alemanha e uma profunda desconfiança em Moscou. O governo

britânico não soube lidar com a situação. Deveria ter anunciado imediatamente que Hitler tentara fazer uma proposta de paz que fora rejeitada categoricamente. Em vez disso, Stalin convenceu-se de que o avião de Hess havia sido guiado pelo Serviço Secreto de Inteligência britânico. Ele há muito suspeitava que Churchill tentava provocar Hitler para que atacasse a União Soviética. Agora, se perguntava se o primeiro-ministro, um antibolchevique ferrenho, estaria tramando algo com a Alemanha. Stalin já havia descartado os alertas britânicos sobre os preparativos alemães para invadir a União Soviética como uma “*angliiskaya provokatsiya*”. Até as informações detalhadas do seu próprio serviço de inteligência foram negligenciadas, muitas vezes com a alegação de que os oficiais no exterior haviam sido corrompidos pela influência estrangeira.

Stalin continuava aceitando a garantia de Hitler, dada em uma carta do início do ano, de que as tropas alemãs estavam sendo deslocadas para o leste unicamente a fim de ficarem fora do alcance dos bombardeios britânicos. O tenente-general Filipp Ivanovich Golikov, o inexperiente diretor da inteligência militar GRU, também estava convencido de que Hitler não atacaria a União Soviética antes de conquistar a Inglaterra. Golikov recusou-se a transmitir as informações da inteligência sobre as intenções alemãs a Jukov, chefe do Estado-Maior e a Timoshenko, que havia substituído Voroshilov como comissário da Defesa. No entanto, todos estavam cientes do crescimento da Wehrmacht e tinham preparado um plano de contingência em 15 de maio em que discutiam um ataque preventivo para frustrar os preparativos alemães.⁵ Além disso, Stalin havia concordado com o aumento geral das forças e, como medida de precaução, 800 mil reservistas foram convocados e quase trinta divisões foram desdobradas ao longo das fronteiras ocidentais da União Soviética.

Alguns historiadores revisionistas, tentando justificar a posterior invasão de Hitler, sugeriram que tudo isto constituía um plano verdadeiro de ataque à Alemanha. Mas no verão de 1941 o Exército Vermelho simplesmente não estava em condições de lançar uma grande ofensiva e, de qualquer modo, a decisão de Hitler fora tomada muito antes. Por outro lado, não se pode descartar que Stalin, alarmado com a rápida derrota da França, não tenha considerado um ataque preventivo no inverno de 1941 ou, mais provavelmente, em 1942, quando o Exército Vermelho estaria mais bem treinado e equipado.

A toda hora chegavam novas informações da inteligência confirmando o perigo de uma invasão alemã. Stalin rechaçou os informes de Richard Sorge, o seu agente mais eficaz na embaixada alemã em Tóquio. Em Berlim, o adido militar soviético havia descoberto que 140 divisões alemãs estavam então posicionadas ao longo da fronteira russa. A embaixada soviética em Berlim havia inclusive obtido provas de um livro de frases básicas em russo, que seria

distribuído entre as tropas para que pudessem dizer “Mãos ao alto”, “Você é comunista?”, “Vou atirar!” e “Onde está o gerente da fazenda coletiva?”

O alerta mais surpreendente de todos foi dado pelo embaixador alemão em Moscou, Graf Friedrich von der Schulenburg, um antinazista que mais tarde foi executado por ter participado do complô para assassinar Hitler em 20 de julho de 1944. Ao saber do alerta, a descrença de Stalin foi total. “A desinformação agora chegou ao nível diplomático!”,⁶ exclamou. Em um estado de negação, o líder soviético se convenceu de que os alemães estavam apenas tentando pressioná-lo a fazer mais concessões em um novo pacto.

Ironicamente, a franqueza de Schulenburg foi a única exceção no hábil jogo de burla da diplomacia alemã. Até o desprezado Ribbentrop jogou espertamente com a suspeita que Stalin nutria a respeito de Churchill, de modo que as advertências britânicas sobre a Barbarossa produziram a reação contrária no ditador soviético. Stalin também ouvira sobre os planos dos Aliados de bombardear os campos petrolíferos de Baku durante a guerra com a Finlândia. E a ocupação soviética da Bessarábia em junho de 1940, que Ribbentrop persuadira o rei Carol a aceitar, na verdade havia empurrado a Romênia direto para o abraço cínico de Hitler.

Stalin continuou apaziguando Hitler com um grande aumento nas remessas de grãos, combustível, algodão, metais e borracha comprada no sudeste asiático, contornando o bloqueio britânico. Durante o período do Pacto Molotov-Ribbentrop, a União Soviética forneceu ao Reich 26 mil toneladas de cromo, 140 mil toneladas de manganês e mais de 2 milhões de toneladas de petróleo. Apesar de ter recebido muito mais de oitenta indicações claras da invasão alemã — na verdade, talvez tenham sido mais de cem —, Stalin parecia mais preocupado com “o problema da segurança ao longo da fronteira noroeste”, referindo-se aos Estados bálticos. Na noite de 14 de junho, uma semana antes da invasão alemã, 60 mil estonianos, 34 mil letões e 38 mil lituanos subiram em caminhões de gado e foram levados a campos de deportação no distante interior da União Soviética.⁷ Stalin continuou descrente mesmo quando, na semana anterior à invasão, os navios alemães deixaram apressadamente os portos soviéticos e o pessoal da embaixada foi evacuado.

“Esta é uma guerra de extermínio”, disse Hitler aos seus generais em 30 de março. “Os comandantes devem estar preparados para sacrificar os seus escrúpulos pessoais.”⁸ A única preocupação dos oficiais de mais altas patentes era o efeito sobre a disciplina. Os seus instintos viscerais — antieslavos, anticomunistas e antisemitas — se alinhavam com a ideologia nazista, embora

alguns não gostassem do partido e seus funcionários. A fome, ouviram, seria uma arma de guerra, e segundo estimativas, 30 milhões de soviéticos morreriam à míngua. Isto dizimaria parte da população, deixando o suficiente para serem escravizados em um “Jardim do Éden” colonizado pela Alemanha. O sonho do *Lebensraum* de Hitler por fim parecia estar ao seu alcance.

Em 6 de junho, a Wehrmacht emitiu a notória “Ordem dos Comissários” rejeitando especificamente qualquer observância da lei internacional. Esta e outras instruções exigiam que os *politruks*, ou oficiais políticos soviéticos, comunistas com carteira de filiação ao partido, sabotadores e judeus do sexo masculino fossem assassinados como guerrilheiros.

Na noite de 20 de junho, o OKW emitiu a palavra-código “Dortmund”.⁹ No diário de guerra contava: “O início do ataque foi ordenado impreterivelmente para 22 de junho. A ordem deve ser transmitida aos Grupos de Exércitos.” Estimulado pelo grande momento, Hitler preparou-se para partir para o novo quartel-general perto de Rastenburg, que recebeu o codinome de Wolfsschanze, ou Covil do Lobo. Estava convencido de que o Exército Vermelho e todo o sistema soviético seriam derrubados. “Só precisamos chutar a porta e todo o edifício apodrecido ruirá”, disse aos seus comandantes.

Os oficiais mais conscienciosos nas fronteiras orientais duvidavam. Alguns haviam relido o relato do general Armand de Calaincourt a respeito da marcha de Napoleão sobre Moscou e a retirada terrível. Os oficiais mais velhos e os soldados que haviam lutado na Rússia na Primeira Guerra Mundial também estavam incomodados. Contudo, a série de conquistas triunfais da Wehrmacht — na Polônia, Escandinávia, França, nos Países Baixos e nos Bálcãs — garantia à maior parte dos alemães que as suas forças eram invencíveis. Os oficiais disseram aos soldados que estavam “na véspera da maior ofensiva de todos os tempos”.¹⁰ Havia quase 3 milhões de soldados alemães, que logo seriam apoiados por exércitos da Finlândia, Romênia, Hungria e, mais tarde, da Itália, na cruzada contra o bolchevismo.

Nas florestas de bétulas e abetos que ocultavam os estacionamento das viaturas, quartéis-generais em barracas e regimentos de comunicações, além de unidades de combate, os oficiais instruíaam os seus homens. Muitos asseguraram que esmagar o Exército Vermelho levaria de três a quatro semanas. “Amanhã de manhã”, escreveu um soldado de uma divisão de montanha, “partiremos, graças a Deus, contra o nosso inimigo mortal, o bolchevismo. Para mim, foi como tirar uma pedra do coração. Por fim acabou a incerteza e sei onde estou. Estou muito otimista [...] E creio que se pudermos tomar toda a terra e as matérias-primas até os Urais, a Europa poderá se alimentar e a guerra marítima poderá durar o tempo que for.”¹¹ Um sargento de comunicações da divisão da SS *Das Reich* estava

ainda mais confiante. “Estou convicto de que a destruição da Rússia não vai durar mais que a da França, e neste caso a minha suposição de tirar licença em agosto ainda estará correta.”¹²

Naquela véspera de verão, por volta da meia-noite, as primeiras unidades avançaram para as posições de ataque enquanto os últimos trens com mercadorias soviéticas passavam por eles em direção à Alemanha. As silhuetas escuras dos panzers em formação emitiam nuvens de descarga ao darem partida nos motores. Os regimentos de artilharia removeram as redes de camuflagem de suas peças a fim de rebocá-las para perto das pilhas camufladas de granadas nas posições de tiro. Ao longo da margem ocidental do rio Bug, pesados botes de assalto de borracha foram levados à beira-rio pantanosa, os homens sussurrando para que as suas vozes não fossem levadas pelas águas até os soldados do NKVD na fronteira. Do outro lado da grande fortaleza de Brest-Litovsk havia sido espalhada areia nas estradas para que os coturnos não soassem com a marcha. Era uma manhã clara e fresca e a campina estava coberta de orvalho. Os pensamentos dos homens se voltaram instintivamente para as suas esposas e filhos, as namoradas ou os pais, todos adormecidos em casa, na Alemanha, felizmente alheios àquele empreendimento grandioso.

Durante a noite de 21 de junho, Stalin e o Kremlin se mostravam cada vez mais tensos. O chefe do NKVD acabara de informar que no dia anterior houvera pelo menos “trinta e nove incursões aéreas na fronteira da URSS”.¹³ Ao saber da notícia por um desertor alemão, um ex-comunista que havia cruzado as linhas para avisar do ataque, Stalin imediatamente ordenou fuzilá-lo por informação mal-intencionada. A sua única concessão aos generais cada vez mais desesperados foi colocar as baterias antiaéreas em torno de Moscou de prontidão e emitir ordens aos comandantes ao longo dos distritos fronteiriços para se prepararem, mas sem revidar. Stalin se aferrou à ideia de que o ataque não partia de Hitler. Seria uma *provokatsiya* de generais alemães.

Ele foi dormir incomumente cedo na sua *dacha* nos arredores de Moscou. Às 4h45 Jukov telefonou e insistiu para que o acordassem. Havia relatos de bombardeios alemães à base naval soviética de Sebastopol e outros ataques. Stalin permaneceu em silêncio por um longo tempo, respirando pesadamente, e por fim disse a Jukov que a tropa não deveria revidar com a artilharia. Ele convocaria uma reunião do Politburo.

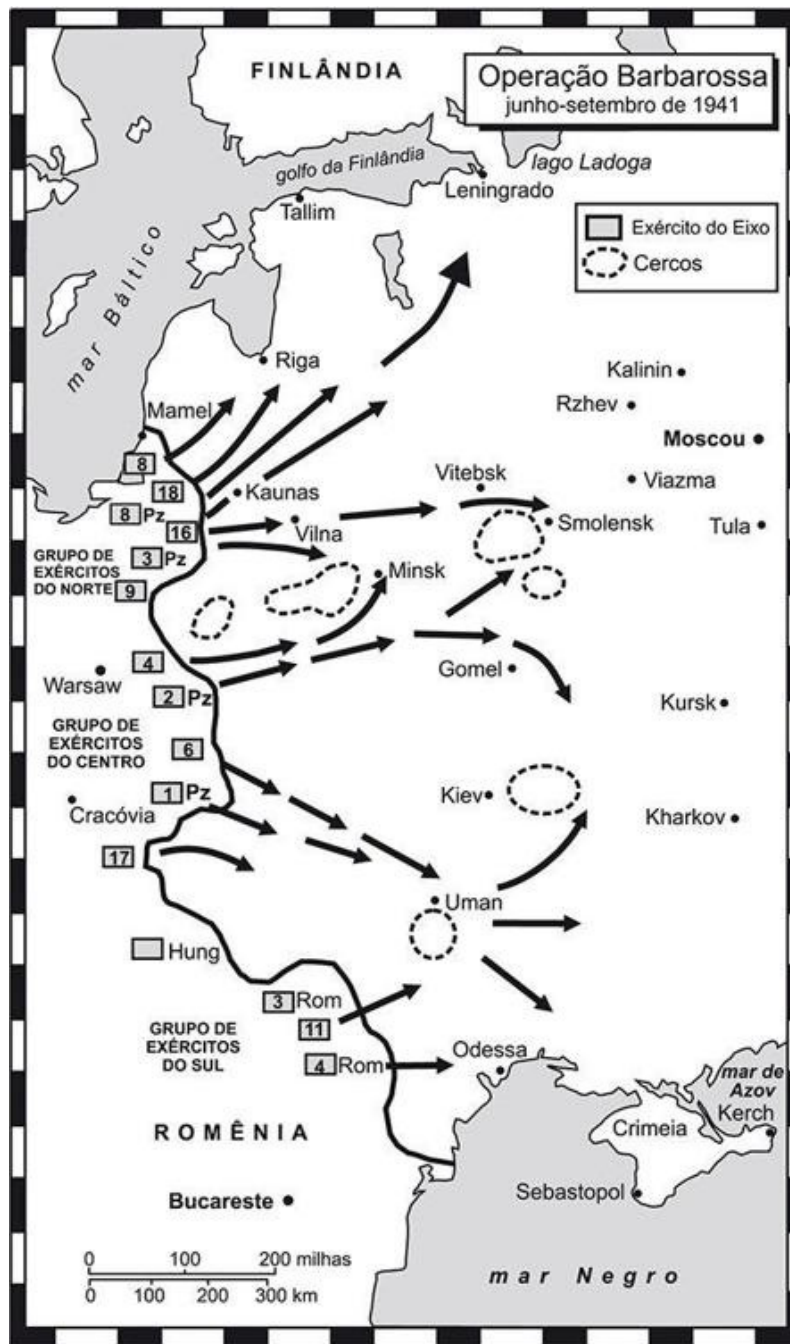
Quando se reuniram no Kremlin, às 5h45, Stalin continuou se recusando a crer que Hitler estivesse ciente dos ataques. Molotov foi instruído a convocar Schulenburg, que o informou de que havia um estado de guerra entre a

Alemanha e a União Soviética. Depois do alerta anterior, Schulenburg ficou pasmo com a surpresa que esta informação causou. Abalado, Molotov retornou à reunião para informar Stalin. Seguiu-se um silêncio opressivo.

Nas primeiras horas de 22 de junho, logo abaixo do cinturão da Europa do leste, do Báltico ao mar Negro, à luz de uma tocha esmaecida, dezenas de milhares de oficiais alemães consultaram os seus relógios sincronizados. Bem na hora, ouviram motores aéreos na retaguarda. As tropas à espera fitaram o céu noturno quando a massa de esquadrões de Luftwaffe se precipitou no alto em direção à luz da aurora no vasto horizonte oriental.

Às 3h15 pelo horário alemão (uma hora depois da de Moscou), teve início um pesado bombardeio de artilharia. Com isto, no primeiro dia da guerra germano-soviética, a Wehrmacht esmagou facilmente a linha de defesa na fronteira ao longo de 1.800 quilômetros de frente. Os guardas de fronteira foram fuzilados ainda em roupas íntimas, e suas famílias foram mortas nas casernas pelo fogo de artilharia. “Pela manhã”, diz o diário de guerra do OKW, “a impressão é que se conseguiu a surpresa em todos os setores.”¹⁴ Um quartel-general após o outro informou que as pontes nas suas frentes haviam sido tomadas intactas. Em questão de horas, as principais formações panzer já estavam sobrepujando os paíóis soviéticos.

O Exército Vermelho fora pego quase totalmente desprevenido. Nos meses anteriores à invasão, o líder soviético o havia forçado a avançar da Linha Stalin dentro da antiga fronteira e criar uma defesa avançada ao longo da linha estabelecida pelo Pacto Molotov-Ribbentrop. Pouco havia sido feito para se organizar a defensiva nas novas posições, apesar das tentativas enérgicas de Jukov. Menos da metade dos pontos fortes contavam com armas pesadas. Os regimentos de artilharia estavam sem tratores, que haviam sido enviados para ajudar na colheita. E a aviação soviética se encontrava no solo, as aeronaves enfileiradas, alvos fáceis dos ataques preventivos da Luftwaffe em 66 aeródromos. Supõe-se que 1.800 caças e bombardeiros tenham sido destruídos no primeiro dia do ataque, a maioria em terra. A Luftwaffe perdeu apenas 35 aviões.



Mesmo após as campanhas relâmpago contra a Polônia e a França, o plano de defesa dos soviéticos supunha que teriam de dez a quinze dias para engajar as forças principais do inimigo. A recusa de Stalin em reagir e a impetuosidade da Wehrmacht não lhes deu tempo, e os comandos brandemburgueses do 800º Regimento haviam se infiltrado antes do ataque ou descido de paraquedas para conquistar pontes e interromper as linhas telefônicas. Ao sul, nacionalistas ucranianos também haviam sido enviados para criar confusão e insuflar um levante contra os senhores soviéticos. Em consequência, os comandantes não

entendiam o que estava acontecendo e se viram incapazes de dar ordens ou se comunicar com os seus superiores.

Da fronteira oriental da Prússia, o Grupo de Exércitos do Norte do marechal de campo Wilhelm Ritter von Leeb atacou os Estados bálticos e rumou para Leningrado. O avanço foi muito facilitado por soldados brandemburgueses em uniformes soviéticos marrons que tomaram as vias férreas e as pontes sobre o rio Dvina no dia 26 de junho. O 56º Corpo Panzer do tenente-general Von Manstein, que avançou quase 80 quilômetros por dia, chegou à metade do caminho para seu objetivo em apenas cinco dias. Esta “investida impetuosa”, escreveu ele mais tarde, “foi a realização do sonho de um comandante de carros de combate.”¹⁵

Ao norte dos Alagadiços de Pripet, o Grupo de Exércitos do Centro, comandado pelo marechal de campo Fedor von Bock, avançou rapidamente pela Bielorrússia e logo se engajou em uma grande batalha no cerco a Minsk ao lado dos grupos panzer de Guderian e do coronel-general Hermann Hoth. A única resistência tenaz que encontraram foi na fortaleza de Brest-Litovsk, na fronteira. A 45ª Divisão de Infantaria austríaca sofreu muitas baixas, muito mais do que em toda a campanha na França, quando os seus grupos de assalto tentaram expulsar os defensores obstinados com lança-chamas, gás lacrimogênio e granadas. Os sobreviventes, sofrendo terrivelmente de sede e sem suprimentos médicos, continuaram lutando por três semanas até serem feridos ou ficarem sem munição. Mas em 1945, ao regressarem da prisão na Alemanha, a sua coragem incrível não impediu que fossem enviados ao Gulag. Stalin decidiu que a rendição constituía uma traição à pátria.

Os guardas de fronteira das forças do NKVD também resistiram desesperadamente, quando não eram pegos de surpresa. Porém, com muita frequência os oficiais do Exército Vermelho fugiam em pânico, desertando os seus homens. Com caóticas comunicações, os comandantes ficaram paralisados, fosse pela falta de instruções, fosse pelas ordens de contra-atacar que não guardavam qualquer relação com a situação no terreno. O expurgo no Exército Vermelho havia colocado oficiais sem experiência no comando de divisões e corpos de exército, e o medo das denúncias e prisões pelo NKVD havia destruído qualquer iniciativa. Até o comandante mais valente provavelmente tremeria e suaria de medo se oficiais do NKVD, com seus distintivos verdes e as tiras do NKVD no quepe, aparecessem subitamente em seu quartel-general. A diferença não poderia ser maior para o sistema de *Auftragstaktik* do exército alemão, em que comandantes novatos recebiam uma missão e se esperava que a realizassem da melhor maneira que entendessem.

O Grupo de Exércitos do Sul, comandado pelo marechal de campo Von Rundstedt, invadiu a Ucrânia. Em seguida, foi apoiado por dois exércitos

romenos ansiosos por recuperar a Bessarábia dos soviéticos. Dez dias antes, o seu ditador e comandante em chefe, o marechal Ion Antonescu, havia garantido a Hitler: “Claro que estaremos lá desde o início. Quando se trata de agir contra os eslavos você sempre pode contar com a Romênia.”¹⁶

Depois de rascunhar um discurso para anunciar a invasão, Stalin ordenou a Molotov que o lesse no rádio ao meio-dia. Ele foi transmitido por alto-falantes para as multidões nas ruas. A fala canhestra do ministro do Exterior terminou com a declaração: “A nossa causa é justa, o inimigo será esmagado, a vitória será nossa.” Apesar do tom pouco inspirador, o povo se indignou com aquela violação da pátria. Longas filas de voluntários se formaram imediatamente nos centros de recrutamento. Mas também se formaram outras filas, menos organizadas e movidas pelo pânico, para a compra de carne enlatada e alimentos secos e para o saque de dinheiro dos bancos.

Houve também um estranho sentimento de alívio porque o ataque traiçoeiro liberou a União Soviética da aliança não natural com a Alemanha nazista. Mais tarde, em Moscou, durante um ataque da Luftwaffe, o jovem físico Andrei Sakharov foi saudado por uma tia em um abrigo antibombas. “Pela primeira vez em anos”, disse ela, “sinto-me russa outra vez!”¹⁷ Emoções de alívio semelhantes foram ouvidas em Berlim, de que por fim lutavam contra o “verdadeiro inimigo”.

Os regimentos combatentes da aviação do Exército Vermelho, com pilotos inexperientes em aviões obsoletos, não tinham muita chance contra a Luftwaffe. Os ases dos caças alemães logo começaram a acumular grandes feitos e se referiam às mortes fáceis como “infanticídio”. Os oponentes soviéticos sentiam-se psicologicamente derrotados mesmo antes de enfrentar o inimigo. Porém, embora muitos pilotos evitassem a batalha, o desejo de vingança começou a fermentar. Um punhado de homens mais corajosos, quando surgia a oportunidade, simplesmente embicavam seus aviões para se chocarem contra os dos alemães, sabendo que não havia como entrar em seu rastro para derrubá-los.

O romancista e correspondente de guerra Vasily Grossman descreveu a espera por um avião de um regimento de caça para regressar a um campo perto de Gomel, na Bielorrússia. “Finalmente, após um ataque bem-sucedido a uma coluna alemã, os caças regressaram e aterrissaram. O avião do comandante tinha carne humana grudada no radiador. Isto ocorreu porque o avião de apoio havia atingido um caminhão com munição que explodiu exatamente quando o líder o sobrevoava. Poppe, o comandante, está limpando a sujeira com uma lima. Chamam um médico que examina atentamente a massa sangrenta e se

pronuncia: ‘É carne ariana!’ Todos riem. Sim, um tempo impiedoso — um tempo de ferro — começou!”¹⁸

“O russo é um oponente duro”, escreveu um soldado alemão. “Quase não fazemos prisioneiros, em vez disso matamos todos.”¹⁹ Ao marchar adiante, alguns divertiam-se atirando a esmo na massa de prisioneiros do Exército Vermelho levados para campos improvisados, onde eram largados para morrer a céu aberto. Alguns oficiais alemães ficaram estarecidos, mas a maioria se preocupava mais com a falta de disciplina.

Do lado soviético, o NKVD de Beria massacrava os internos nas prisões junto da frente para que não fossem salvos pela invasão alemã. Quase 210 mil prisioneiros poloneses foram assassinados. Só na cidade de Lvov o NKVD matou cerca de 4 mil pessoas. O fedor dos corpos em decomposição no calor do final de junho pairava em toda a cidade. O morticínio do NKVD levou os nacionalistas ucranianos a iniciarem uma guerra de guerrilha contra os ocupantes soviéticos. Em um frenesi de medo e ódio, o NKVD massacrrou outros 10 mil prisioneiros nas áreas da Bessarábia e dos Estados bálticos, invadidos no ano anterior. Outros prisioneiros foram forçados a marchar para o leste e os guardas do NKVD atiravam nos que caíam de cansaço.²⁰

Em 23 de junho, Stalin criou um quartel-general do comando supremo, batizando-o com o antigo nome tsarista de Stavka. Alguns dias depois, entrou no comissariado da Defesa acompanhado de Beria e Molotov. Lá, se encontraram com Timoshenko e Jukov, que em vão tentavam estabelecer algum tipo de ordem na enorme frente. Minsk acabara de cair. Stalin observou os mapas da situação e leu alguns informes. Ficou obviamente abalado ao descobrir que a situação era ainda mais desastrosa do que temera. Imprecou contra Timoshenko e Jukov, que não engoliu as críticas: “Lenin fundou o Estado”, disse, “e nós acabamos com ele.”²¹

O líder soviético seguiu para sua *dacha* em Kuntsevo e desapareceu, deixando estarecidos os demais membros do Politburo. Houve murmúrios de que Molotov devia assumir o poder, mas eles estavam amedrontados demais para fazer algo contra o ditador. Em 30 de junho, decidiram que devia ser instaurado um Comitê de Defesa do Estado com poderes absolutos. Dirigiram-se de carro para Kuntsevo a fim de se reunirem com Stalin. Ele pareceu fatigado e desconfiado quando entraram, acreditando que haviam ido para prendê-lo. Perguntou por que estavam ali. Quando lhe explicaram que precisava liderar o gabinete de guerra emergencial ele deixou transparecer a sua surpresa, mas concordou em assumir o comando. Há quem sugira que a partida de Stalin do

Kremlin tenha sido uma manobra na tradição de Ivan, o Terrível, para estimular os oponentes no Politburo a se desmascararem, o que levaria ao seu esmagamento, mas isto é pura especulação.

Stalin regressou ao Kremlin no dia seguinte, 1º de julho. Dois dias depois, fez uma declaração pelo rádio aos povos soviéticos. Os seus instintos lhe foram úteis. Surpreendeu os ouvintes ao dirigir-se a eles como “camaradas, cidadãos, irmãos e irmãs”. Nenhum senhor do Kremlin jamais se dirigira ao povo de modo tão familiar. Conclamou-os a defender a pátria com uma política de terra arrasada, de guerra total, evocando a luta patriótica contra Napoleão. Stalin entendia que os povos soviéticos muito mais provavelmente dariam a vida pela nação do que por qualquer ideologia soviética. Ciente de que o patriotismo é fomentado pela guerra, sabia que a invasão o faria reviver. Não ocultou a gravidade da situação, embora não tenha reconhecido a sua contribuição para a catástrofe. Ordenou também a criação de um imposto — *narodne opolchenie*. Esperava-se que os batalhões de milícias mal armados, verdadeiras buchas para canhão, fizessem as divisões panzer avançarem mais lentamente com pouco mais que os seus próprios corpos.

O terrível sofrimento dos civis surpreendidos no meio do combate não entrou nos cálculos de Stalin. Os refugiados, tangendo o gado das fazendas coletivas à sua frente, tentavam em vão se adiantar às divisões panzer. Em 26 de junho, na Ucrânia, o escritor Aleksandr Tvardovsky avistou algo extraordinário da janela do seu vagão quando o trem se deteve em uma parada à margem da estrada. “Todo o campo estava coberto de gente, deitada, sentada, por todos os lados”, escreveu em seu diário. “Levavam fardos, mochilas, malas, crianças e carrinhos de mão. Nunca tinha visto uma quantidade tão grande de pertences domésticos reunidos quando as pessoas abandonam suas casas às pressas. Provavelmente havia dezenas de milhares de pessoas naquele lugar [...]. Parecia que o campo se erguera, começara a se mover, avançara em direção à ferrovia, em direção ao trem, e começara a socar as paredes e janelas dos vagões. Seriam capazes de descarrilar o comboio. O trem começou a se mover [...]”²²

Centenas, talvez milhares, morreram no bombardeio das cidades bielorrussas. Os sobreviventes não tiveram melhor sorte ao tentarem escapar para o leste. “Quando Minsk começou a arder”, comentou um jornalista, “cegos da casa dos inválidos caminhavam pela estrada em uma longa fila, amarrados uns aos outros com toalhas.”²³ Já havia um grande número de órfãos de guerra, crianças cujos pais haviam sido mortos ou se perderam na confusão. Suspeitando que alguns fossem usados como espiões pelos alemães, o NKVD não tinha compaixão por eles.

Depois do seu êxito surpreendente na França, as formações panzer avançaram em condições perfeitas no verão, e as divisões de infantaria as alcançariam quando pudessem. Às vezes, quando a ponta de lança blindada ficava sem munição, os Heinkel 111 eram desviados para jogar provisões de paraquedas. As linhas de avanço no calor podiam ser distinguidas pelas aldeias incendiadas, nuvens de poeira agitadas pelas viaturas de lagartas e o tremor constante da marcha da infantaria e sua artilharia puxada a cavalo. Os artilheiros, deslocando-se nos armões, ficavam cobertos por uma poeira pálida que os faziam parecer figuras de terracota e os animais se arrastavam mortos de sede, tossindo com penosa regularidade. Como na *Grande Armée* de Napoleão, mais de 600 mil cavalos, reunidos por toda a Europa, formavam a base do transporte do grosso da Wehrmacht. Os suprimentos de ração, munição e até as ambulâncias de campanha dependiam da tração cavalar. Se não fosse pela grande quantidade de veículos motorizados que o exército francês não conseguiu destruir antes do armistício — assunto que provocava tremenda amargura em Stalin — a mecanização do exército alemão teria se limitado quase que exclusivamente aos quatro grupos panzer.

As duas grandes formações panzer do Grupo de Exércitos do Centro já haviam conseguido formar o primeiro cerco importante, encurralando quatro exércitos soviéticos com 417 mil homens no bolsão de Białystok, a oeste de Minsk. O 3º Grupo Panzer de Hoth no lado norte da pinça e o 2º Grupo Panzer de Guderian no sul fizeram a junção em 28 de junho. Os bombardeiros e Stukas da Segunda *Luftflotte* atacaram as forças cercadas do Exército Vermelho. O avanço significou que o Grupo de Exércitos do Centro estava a caminho da “ponte terrestre” entre os rios Dvina, que deságua no Báltico, e o Dnieper, que corre para o mar Negro.

O general Dmitri Pavlov, comandante de blindados soviéticos na Guerra Civil Espanhola e agora o infeliz chefe da Frente do Ocidente, foi substituído pelo marechal Timoshenko. (No Exército Vermelho, uma Frente era uma formação militar similar a um Grupo de Exércitos.) Em seguida, Pavlov foi preso com outros oficiais mais antigos do seu comando e depois julgado e executado sumariamente pelo NKVD. Desesperados, vários oficiais de altas patentes cometeram suicídio e um deles estourou os miolos diante de Nikita Kruchev, o comissário responsável pela Ucrânia.

Ao norte, o Grupo de Exércitos de Leeb foi amplamente saudado pelos Estados bálticos depois das levadas de opressão soviética e das deportações da semana anterior. Grupos de nacionalistas atacaram os soviéticos em retirada e tomaram cidades. O 5º Regimento de Infantaria Motorizada do NKVD foi enviado a Riga para restaurar a ordem, o que significou represálias imediatas

contra a população letã. “Diante dos cadáveres dos nossos camaradas caídos, o pessoal do regimento jurou esmagar impiedosamente os répteis fascistas e, no mesmo dia, a burguesia de Riga sentiu a nossa vingança na pele.”²⁴ Mas eles também logo foram forçados a recuar da costa báltica.

Ao norte do Kaunas, na Lituânia, o contra-ataque de um corpo mecanizado soviético com tanques KV pesados surpreendeu os alemães que avançavam. Os projéteis dos panzers ricocheteavam nos blindados soviéticos e só puderam dar conta deles quando foram trazidos canhões de 88 mm. A Frente Noroeste soviética recuou para a Estônia, hostilizada por forças nacionalistas improvisadas com as quais nem o Exército Vermelho nem os alemães contavam. Pouco antes de os germânicos invadirem começaram *pogroms* assassinos contra judeus, acusados de se juntarem aos bolcheviques.

O Grupo de Exércitos do Sul de Rundstedt foi menos afortunado. O coronel-general Mikhail Kirponos, que comandava a Frente Sudoeste soviética, havia sido alertado do ataque pelos guardas de fronteira do NKVD. Contava com forças mais poderosas, pois era ali que Timoshenko e Jukov esperavam o ataque principal. Kirponos recebeu ordens de lançar um forte contra-ataque com cinco corpos mecanizados. O mais poderoso, com pesados tanques KV e os novos T-34, foi comandado pelo major-general Andrei Vlasov. Contudo, Kirponos não conseguiu desdobrar suas forças de modo eficaz porque os cabos telefônicos haviam sido cortados e as suas formações ficaram dispersas demais.

Em 26 de junho, o 1º Grupo Panzer do general de Cavalaria Von Kleist avançou para Rovno através de Kiev, a capital da Ucrânia, o seu objetivo principal. Kirponos enviou cinco corpos mecanizados com resultados desiguais. Os alemães ficaram abatidos ao descobrir que os tanques T-34 e os pesados KV eram superiores a tudo o que tinham, mas até o Comissário do Povo para a Defesa considerava os armamentos dos tanques soviéticos “inadequados às vésperas da guerra”²⁵ e, dos 14 mil tanques que tinha, “só 3.800 estavam operacionais”²⁶ em 22 de junho. No exército alemão, o treinamento, as táticas, as radiocomunicações e a agilidade da reação das guarnições panzer geralmente eram muito superiores. Além disso, tinham o forte apoio aéreo dos esquadrões Stuka. O seu maior perigo era o excesso de confiança. O major-general Konstantin Rokossovsky, um ex-oficial de cavalaria de origem polonesa que mais tarde se tornou notável comandante da guerra, conseguiu atrair a 13ª Divisão Panzer para uma emboscada de artilharia mesmo depois de os seus tanques obsoletos terem sido destroçados no dia anterior.

Diante do pânico persistente e das deserções em massa, Kirponos introduziu os “destacamentos de bloqueio” para forçar os homens a voltarem para o combate. Rumores desenfreados provocaram o caos, como havia ocorrido na

França. Mas os contra-ataques soviéticos, apesar de custosos e malsucedidos, ao menos conseguiram atrasar o avanço alemão. Por ordem de Stalin, Nikita Kruchev já havia iniciado um esforço enorme para evacuar a maquinaria das fábricas e oficinas ucranianas. Feito de modo inescrupuloso, o processo conseguiu transportar por trem o grosso da indústria da república através dos Urais e além. Operações semelhantes foram realizadas em menor escala na Bielorrússia e em outras partes. No total, 2.593 unidades industriais foram removidas no período de um ano. Mais tarde, isto permitiria à União Soviética retomar a produção de material bélico fora do alcance dos bombardeiros alemães.

Em grande sigilo, o Politburo também decidiu enviar o corpo mumificado de Lenin, assim como as reservas de ouro e os tesouros tsaristas de Moscou para Tyumen, na Sibéria ocidental. Um trem especial, com os químicos e cientistas necessários para garantir a preservação do cadáver, partiram no início de julho protegidos por tropas do NKVD.²⁷

Em 3 de julho, o general Halder anotou em seu diário que “provavelmente não é exagero afirmar que a campanha russa foi vitoriosa no espaço de duas semanas”.²⁸ Contudo, ele reconheceu que a incomensurável vastidão do território e a resistência contínua manteriam as forças invasoras ocupadas “ainda por várias semanas”. Na Alemanha, uma pesquisa de atitudes da SS informou que as pessoas faziam apostas sobre a duração da guerra. Alguns se convenceram de que os exércitos já estavam a cem quilômetros de Moscou, mas Goebbels tentou debelar as especulações. Não queria minar a vitória com a impressão de que havia demorado mais que o esperado.

A espantosa imensidão de terras que a Wehrmacht havia invadido, com seu horizonte infinito, começou a afetar os *Landser*, como eram conhecidos os soldados da infantaria alemã. Os nascidos nas regiões alpinas eram os que mais se deprimiam com a planura, que parecia um oceano infinito de terra. Logo as formações das linhas de frente descobriram que, à diferença da França, bolsões de soldados soviéticos continuavam lutando mesmo depois de terem sido desbordados. Subitamente abriam fogo dos seus esconderijos nos enormes campos de trigo e atacavam reforços e quartéis-generais que se deslocavam.. Quando eram detidos vivos, eram imediatamente executados como guerrilheiros. Muitos cidadãos soviéticos padeciam também de otimismo exagerado. Alguns diziam a si mesmos que o proletariado germânico iria se rebelar contra seus senhores nazistas, agora que eles atacavam a “Mãe-Pátria dos oprimidos”. E aqueles que cravavam alfinetes de cabeças coloridas nos mapas para assinalar os

sucessos do Exército Vermelho logo tinham que arrancá-los quando ia ficando claro quão profundamente a Wehrmacht avançava em território soviético.

Porém, o triunfalismo dos exércitos alemães logo começou a murchar. As grandes batalhas de cerco, especialmente em Smolensk, foram ficando cada vez mais difíceis. As formações panzer conseguiam fazer amplas manobras com pouca dificuldade, mas tinham poucos granadeiros com eles para proteger o imenso círculo contra os ataques de dentro e de fora. Muitas tropas soviéticas penetraram antes da chegada da infantaria alemã, emperrada e com os pés doloridos devido às marchas forçadas de até 50 quilômetros por dia com equipamento completo. E os soldados do Exército Vermelho emboscados não se rendiam. Continuavam lutando com uma coragem desesperada, ainda que esta muitas vezes fosse reforçada pelos comissários e oficiais com o cano da arma. Sem munição, grandes ondas de homens se lançavam adiante aos berros, na esperança de romper o cordão do cerco. Alguns avançavam de braços dados enquanto as metralhadoras, superaquecidas pelo uso constante, os ceifavam. Os gritos dos feridos soavam por horas, irritando os nervos dos soldados alemães exaustos.

Em 9 de julho, Vitebsk caiu. Como Minsk, Smolensk e depois Gomel e Chernigov, aquilo era um inferno de casas de madeira ardendo com os ataques incendiários da Luftwaffe. Os incêndios eram tão intensos que muitas tropas alemãs foram obrigadas a dar meia-volta com os seus veículos. Foram necessárias 32 divisões alemãs para reduzir o *Kessel*, ou caldeirão de Smolensk, como denominavam o cerco. O *Kesselschlacht*, ou caldeirão de batalha, só cessou em 11 de agosto. As forças soviéticas tiveram 300 mil “perdas irrecuperáveis” de homens mortos ou feitos prisioneiros, além de 3.200 tanques e 3.100 canhões. Mas os contra-ataques soviéticos do leste ajudaram mais de 100 mil homens a escapar, e o atraso no avanço alemão foi crucial.

Vasily Grossman visitou um hospital de campanha. “Havia aproximadamente novecentos homens feridos em uma pequena clareira. Viam-se farrapos manchados de sangue, pedaços de carne, ouviam-se gemidos, urros reprimidos, centenas de olhos lúgubres e sofredores. A jovem ‘doutora’ ruiva estava afônica — estivera operando a noite toda. Tinha o rosto pálido, como se fosse desmaiar a qualquer instante.” Com um sorriso, disse que havia operado o seu amigo, o poeta Iosef Utkin. “‘Enquanto fazia as incisões, ele recitava poesia para mim.’ Mal se ouvia a sua voz, ela falava por meio de gestos. Os feridos continuavam chegando. Estavam encharcados de sangue e chuva.”²⁹

Apesar dos avanços formidáveis e da instalação de sinais apontando o caminho para Moscou, o exército alemão no *Ostfront* subitamente começou a temer que, afinal, a vitória talvez não pudesse ser alcançada naquele ano. Os três grupos de exércitos tiveram 213 mil baixas. Os números podiam representar apenas um décimo das baixas soviéticas, mas se a batalha de atrito persistisse por muito mais tempo, a Wehrmacht teria dificuldades para defender linhas de suprimentos tão extensas e derrotar as forças soviéticas remanescentes. O prospecto de lutar no inverno soviético era profundamente perturbador. Os alemães não haviam conseguido destruir o Exército Vermelho a oeste da União Soviética, e agora a massa territorial eurásiana se ampliava diante deles. A frente de 1.500 quilômetros se alargava para 2.500 quilômetros.

Em pouco tempo, as estimativas do departamento de inteligência sobre a força do exército soviético pareceram afluivamente limitadas. “No começo da guerra”, escreveu o general Halder em 11 de agosto, “calculamos umas 200 divisões inimigas. Agora, já contamos 360.” O fato de que uma divisão soviética pudesse ser claramente inferior em poder de combate comparada à alemã não era garantia suficiente. “Quando esmagamos uma dúzia, os russos simplesmente mandam outra dúzia.”³⁰

Para os russos, a ideia de que os alemães estavam na rota de Napoleão para Moscou era traumática. Contudo, a ordem de Stalin de montar massivos contra-ataques no oeste em direção a Smolensk foi eficaz, embora o custo em homens e equipamentos tenha sido terrível. Ela contribuiu para a decisão de Hitler de passar o Grupo de Exércitos do Centro à defensiva, enquanto o Grupo do Norte avançava até Leningrado e o Grupo do Sul se dirigia a Kiev. O 3º Grupo Panzer foi desviado para Leningrado. Segundo o tenente-general Alfred Jodl, do Estado-Maior do OKW, Hitler queria evitar os erros de Napoleão.

O marechal de campo Von Bock horrorizou-se com a mudança de foco, bem como outros comandantes dos altos escalões que supunham que Moscou, o centro soviético das comunicações, continuaria sendo o objetivo principal. Porém, muitos oficiais acreditavam que antes de avançar sobre Moscou as imensas forças soviéticas que defendiam Kiev precisavam ser eliminadas, caso atacassem o flanco sul.

Em 29 de julho, Jukov alertou Stalin de que Kiev podia ser cercada e insistiu para que abandonassem a capital ucraniana. O *Vozhd* (ou patrão), como era conhecido, disse que aquilo era besteira. Jukov pediu para ser dispensado do cargo de chefe do Estado-Maior. Stalin nomeou-o comandante da Frente da Reserva, mas o manteve como membro do Stavka.

O 2º Grupo Panzer de Guderian recebeu a missão de virar inesperadamente à direita no saliente de Roslavl e avançar 400 quilômetros para o sul até Lokhvitsa.

Lá, 200 quilômetros ao leste de Kiev, encontraria o 1º Grupo Panzer de Kleist, que havia começado a cercar a capital ucraniana. A incursão de Guderian provocou caos do lado soviético. Gomel, a última cidade importante na Bielorrússia, teve de ser abandonada às pressas. Mas a Frente Sudoeste de Kirponos, reforçada por ordem de Stalin, ainda não tinha permissão de abandonar Kiev.

Ao escapar para a Ucrânia, Vasily Grossman quase foi detido pelas divisões panzer de Guderian que avançavam para o sul. Na confusão da invasão, alguns russos a princípio pensaram que Guderian estava do seu lado, pois o seu nome soava armênio. À diferença da maioria dos correspondentes de guerra soviéticos, Grossman ficou profundamente comovido com o sofrimento dos civis. “A caminho de algum lugar ou apenas de pé, junto às cercas, eles choram mal começam a falar e vem o desejo involuntário de chorar junto com eles. Há tanto sofrimento!” Ele desprezava os clichês propagandísticos dos colegas jornalistas que o mais próximo que chegavam da frente era o quartel-general e recorriam a fórmulas desonestas como “o inimigo muito combalido prossegue no avanço covarde.”³¹

Em 10 de agosto, o Grupo de Exércitos do Sul de Rundstedt já havia feito 107 mil prisioneiros perto de Uman, na Ucrânia. Stalin emitiu ordens condenando à morte os generais do Exército Vermelho que se rendessem. Subestimando a ameaça do ataque de Guderian no sul, recusou-se a permitir que Kirponos recuasse da linha do Dnieper. O imenso reservatório e a hidrelétrica em Zaporozhye, o grande símbolo do progresso soviético, foram bombardeados como parte da estratégia de terra arrasada.

A evacuação de civis, gado e equipamentos prosseguiu com uma urgência ainda maior, como Grossman descreveu. “À noite, o céu fica vermelho com as dúzias de fogos distantes, e durante o dia uma tela cinza de fumaça paira no horizonte. Mulheres carregando crianças, velhos, rebanhos de ovelhas, vacas e cavalos de fazendas coletivas afundam na poeira e movem-se para o leste por estradas vicinais em carroças ou a pé, e os motoristas de tratores levam suas máquinas que fazem um ruído ensurdecedor. Dia e noite, trens com equipamentos fabris, máquinas e caldeiras deslocam-se para o leste.”³²

Em 16 de setembro, os grupos panzer de Kleist e Guderian se encontraram em Lokhvitsa e aprisionaram mais de 700 mil homens no cerco. Kirponos, muitos oficiais do comando e outros 2 mil homens foram mortos pela 3ª Divisão Panzer que estava por perto. O VI Exército do marechal de campo Von Reichenau avançou pelas ruínas de Kiev após o bombardeio. A população civil que ficara para trás estava condenada à fome. Os judeus enfrentaram morte mais rápida pelos pelotões de fuzilamento. Mais ao sul, o XI Exército e o IV Exército

Romeno se dirigiram a Odessa. Os próximos objetivos do Grupo de Exércitos do Sul seriam a Crimeia, com a grande base naval de Sebastopol, e Rostov-on-Don, a porta para o Cáucaso.

O *Kesselschlacht* de Kiev foi o maior na história militar. O moral alemão voltou a subir. Mais uma vez, a conquista de Moscou parecia possível. Para alívio de Halder, Hitler concordara com a ideia. Em 6 de setembro, emitiu a Diretriz Nº 35 do Führer, autorizando a tomada de Moscou. No dia 16 de setembro, quando os dois grupos panzer se reuniram em Lokhvitsa, o marechal de campo Von Bock emitiu instruções preliminares para a Operação Taifun (Tufão).

O grupo de Leeb, depois de avançar rapidamente pelos Estados bálticos, encontrou cada vez mais resistência à medida que se aproximava de Leningrado. Em meados de julho, um contra-ataque do tenente-general Nikolai Vatutin pegou os alemães de surpresa perto do lago Ilmen. Mesmo com o apoio do 3º Grupo Panzer de Hoth, o avanço de Leeb perdera a impulsão no terreno difícil dos bosques de bétula, com lagos e pântanos infestados de mosquitos. Meio milhão de homens e mulheres da cidade ameaçada haviam sido mobilizados para cavar mil quilômetros de fortificações e 645 quilômetros de trincheiras anticarro. Em 8 de agosto, Hitler ordenou a Leeb que cercasse Leningrado, enquanto os finlandeses retomavam o território que haviam perdido nos dois lados do lago Ladoga. O Recrutamento Popular, o *narodnoe opolchenie*, mal treinado e com poucas armas, foi lançado em ataques fúteis e assassinos, servindo literalmente de “bucha de canhão”. Em conjunto, mais de 135 mil habitantes de Leningrado, operários fabris e professores haviam se apresentado como voluntários ou foram forçados a fazê-lo. Não tinham treinamento, assistência médica, uniformes, transporte nem sistema de abastecimento. Mais da metade não tinha fuzis e, ainda assim, foram instruídos a contra-atacar divisões panzer. A maioria fugiu aterrorizada com os tanques, contra os quais não tinha nenhum tipo de defesa. A perda de vidas em massa — talvez uns 70 mil — foi tragicamente inútil, e não se pode afirmar que o seu sacrifício tenha retardado os alemães na linha do rio Luga. O XXXIV Exército soviético estava em frangalhos.³³ Enquanto os homens fugiam, 4 mil foram presos como desertores e quase a metade dos feridos eram suspeitos de terem se machucado propositalmente. Em apenas um hospital, 460 homens, de um total de mil, haviam atirado na mão ou no braço esquerdos.

A capital estoniana de Tallinn havia sido isolada pelo avanço alemão, mas Stalin recusou-se a permitir que os defensores soviéticos se retirassem mar acima, pelo golfo da Finlândia, até Kronstadt. Quando mudou de ideia já era

tarde demais para uma retirada organizada. Em 28 de agosto, os navios da Esquadra do Báltico em Tallinn embarcaram 23 mil cidadãos soviéticos enquanto as tropas alemãs lutavam para chegar à cidade. Sem cobertura aérea, a esquadra improvisada zarpou. Minas alemãs, lanchas torpedeiras finlandesas e a Luftwaffe afundaram 65 navios e 14 mil pessoas morreram. Foi o maior desastre naval da história russa, ainda pior do que a derrota em Tsushima, em 1905.³⁴

Ao sul de Leningrado, os alemães avançavam pela ferrovia principal em direção a Moscou. Em 1º de setembro, a sua artilharia pesada já tinha alcance e começou a bombardear. Caminhões do exército soviético lotados de feridos e uma última leva de refugiados voltaram para Leningrado, os camponeses dirigindo suas carroças com excesso de carga, outros levando trouxas e um menino puxando um bode relutante com um pedaço de corda enquanto as aldeias ardiam atrás deles.³⁵

Ao saber que uma cidade atrás da outra caía nas mãos dos alemães que faziam o cerco à cidade pelo sul, Stalin se enfureceu com Andrei Jdanov, o chefe do Partido Comunista em Leningrado, e com Voroshilov, comissário da Defesa local. Ele insinuou que devia haver traidores por trás daquilo. “Não lhe parece que alguém está deliberadamente abrindo caminho para os alemães?”, perguntou a Molotov, que fazia uma visita investigativa à cidade. “A inutilidade do comando de Leningrado é completamente incompreensível.”³⁶ Mas em vez de Voroshilov ou Jdanov “serem levados a um tribunal”, uma pequena onda de terror varreu a cidade quando o NKVD reuniu os suspeitos de sempre, muitas vezes apenas porque seus sobrenomes eram de famílias estrangeiras.

Em 7 de setembro, a 20ª Divisão Motorizada alemã avançou para o norte a partir de Mga para conquistar as elevações de Sinyavino. No dia seguinte, reforçada com parte da 12ª Divisão Panzer, chegou à cidade de Shlisselburg, com a sua fortaleza tsarista no sudoeste do lago Ladoga, onde deságua o rio Neva. Agora, Leningrado estava completamente isolada por terra. A única rota que restava era através do imenso lago. Voroshilov e Jdanov levaram um dia inteiro para tomar coragem de contar a Stalin que os alemães haviam tomado Shlisselburg. O cerco de Leningrado, o mais longo e cruel da história, havia começado.

Além de meio milhão de soldados, a população civil de Leningrado era de mais de 2,5 milhões, incluídas 400 mil crianças. O quartel-general do Führer decidiu que não ocuparia a cidade. Em vez disto, os alemães a bombardeariam e a isolariam, deixando a população morrer à míngua e de doenças. Uma vez dizimada, a cidade seria demolida e a área entregue à Finlândia.

Stalin já havia decidido que precisava mudar o comando em Leningrado. Ordenou que Jukov o assumisse, pois confiava na sua impiedade. Este voou de

Moscou ao receber a ordem. Ao chegar, dirigiu-se ao conselho militar no Instituto Smolny, onde afirmou ter encontrado derrotismo e bebedeira. Em pouco tempo, superou Stalin na presteza com que ameaçou as famílias dos soldados que se rendessem. Ordenou aos comandantes da frente de Leningrado: “Deixem claro para as tropas que as famílias dos que se renderem serão fuziladas e eles também serão mortos ao regressarem da prisão.”³⁷

Obviamente, Jukov não percebeu que, se fosse levada ao pé da letra, a ordem teria levado à execução do próprio Stalin. O filho do ditador soviético, o tenente Yakov Djugashvili, fora capturado em um cerco. Em privado, Stalin declarou que teria sido melhor se não tivesse nascido. Os serviços de propaganda nazistas logo exibiram o prisioneiro-troféu. “Um avião alemão apareceu”, escreveu em seu diário um soldado chamado Vasily Churkin. “Era um dia de sol e vimos uma grande quantidade de folhetos serem jogados do avião. Neles havia uma foto do filho de Stalin ladeado por dois oficiais alemães sorridentes. Mas aquilo fora preparado por Goebbels e não teve êxito.”³⁸ A impiedade de Stalin com o filho diminuiu em 1945 quando, aparentemente, Yakov atirou-se contra o arame farpado no campo, forçando os guardas a atirarem nele.

Stalin não se importava com os civis. Ao ouvir que os alemães haviam forçado “velhos e mulheres, mães e filhos” a formar escudos humanos ou servirem de emissários para exigir a rendição, ordenou que fossem mortos. “A minha resposta é — *nada de sentimentalismo*. Em vez disso, esmaguem os dentes do inimigo e dos seus cúmplices, doentes ou sãos. A guerra é inexorável e os que demonstram fraqueza e se permitem ficar indecisos são os primeiros a serem derrotados.”³⁹ Um cabo da 269ª Divisão de Infantaria escreveu em 21 de setembro: “Multidões de civis estão escapando do cerco e temos de fechar os olhos para não ver o seu sofrimento. Até na frente, onde agora há uma intensa troca de tiros, há muitas mulheres e crianças. Quando uma granada soa assustadoramente perto elas correm para se proteger. Parece cômico e nós damos risadas; mas, na verdade, é triste.”⁴⁰

Quando os últimos feridos e extraviados se arrastaram de volta para a cidade, as autoridades tentaram aplicar uma regra de ferro, cumprida pelas tropas do NKVD prontas para atirar à queima-roupa em qualquer desertor ou “derrotista”. A paranoia stalinista emergiu com a ordem ao NKVD de prender 29 categorias de inimigos em potencial. A mania de espionagem na cidade ficou febril, alimentada por rumores fantasiosos, principalmente porque as autoridades soviéticas forneciam muito poucas informações. Uma minoria de habitantes de Leningrado esperava secretamente que o regime stalinista caísse, mas não há evidências de agentes da inteligência alemã ou finlandesa em operação.

Jukov ordenou que os canhões da Esquadra do Báltico em Kronstadt fossem

posicionados como baterias flutuantes ou desmontados e levados para as elevações de Pulkovo, fora de Leningrado, para executar fogos de contrabateria. O fogo foi dirigido pelo general de artilharia Nikolai Voronov encarapitado na cúpula da catedral de São Isaac. O grande domo dourado, visível da Finlândia, fora camuflado com pintura cinza.

Em 8 de setembro, dia em que os alemães invadiram Shlisselburg, bombardeiros da Luftwaffe alvejaram os silos de grãos ao sul da cidade. “As colunas de fumaça espessa sobem bem alto”, escreveu Churkin em seu diário, pasmo com as implicações. “São os armazéns de alimentos Badaevskiye que ardem. O fogo está devorando os suprimentos de seis meses de alimentos de toda a população de Leningrado.”⁴¹ O fracasso em dispersar os depósitos havia sido um erro enorme. As rações teriam de ser drasticamente reduzidas. Além disso, não houvera um esforço para acumular lenha para o inverno. Mas erro ainda maior foi a incapacidade de evacuar um maior número de civis. Além dos refugiados, menos de meio milhão de habitantes haviam sido enviados para o leste antes que a linha de comunicação com Moscou fosse cortada com o avanço alemão.

Na segunda metade de setembro os alemães lançaram ataques furiosos com pesados bombardeios aéreos. Mais uma vez, os pilotos soviéticos, com seus aviões obsoletos, limitaram-se a abalroar bombardeiros alemães. Contudo, os defensores, em grande parte graças ao apoio da artilharia, conseguiram repelir os ataques por terra. Os fuzileiros navais da Esquadra do Báltico tiveram um papel crucial. Usavam os quepes azul-marinho em um ângulo jovial, com uma mecha aparecendo na frente como uma marca distintiva de orgulho.

Em 24 de setembro, o marechal de campo Von Leeb reconheceu que não tinha forças suficientes para invadir a cidade. Isto coincidiu com uma maior pressão de outros comandantes alemães para relançar o avanço sobre Moscou. O grupo panzer de Hoth foi chamado de volta ao Grupo de Exércitos do Centro. Com ambos os lados na defensiva e a chegada do inverno trazendo geadas mais intensas à noite, a luta se convertera em uma guerra de trincheiras. No final do mês só havia duelos esporádicos de artilharia na frente amargamente disputada.

As baixas soviéticas no norte haviam sido terríveis, com 214.078 “perdas irrecuperáveis”. Isto representava entre um terço e a metade de todas as tropas mobilizadas. Mas elas seriam poucas, comparadas às mortes em massa causadas pela fome que estavam por vir. Mesmo que Leningrado se rendesse, Hitler não tinha intenção de ocupar a cidade e muito menos alimentar os seus habitantes. Queria que ambos fossem totalmente apagados da face da Terra.

Rassenkrieg

JUNHO-SETEMBRO DE 1941

Os soldados alemães, que tinham se horrorizado com as aldeias polonesas em 1939, ficaram ainda mais chocados em território russo. Dos massacres de prisioneiros pelo NKVD às condições primitivas das fazendas coletivas, o “paraíso soviético”, como dizia Goebbels com um sarcasmo cortante, permeava os seus preconceitos. Com o seu gênio diabólico, o ministro da Propaganda nazista compreendera que só ódio e desprezo não bastavam. A combinação de ódio e medo era o modo mais eficaz de inspirar uma mentalidade de aniquilação. Todos os seus epítetos, como “asiático”, “traíçoeiro”, “bolchevique judeu”, “animal”, “sub-humano” tinham este fim. A maioria dos soldados se convencera da alegação de Hitler de que os judeus haviam iniciado a guerra.

Obviamente, o fascínio atávico e amedrontado com que muitos, se não a maioria, dos alemães encarava os eslavos havia sido alimentada por informes sobre crueldades inacreditáveis durante a Revolução Russa e a guerra civil. A propaganda nazista buscou explorar a noção de choque cultural entre a ordem germânica e o caos, a sordidez e o ateísmo bolcheviques. Contudo, apesar das similaridades superficiais entre os governos nazista e soviético, a diferença ideológica e cultural entre os dois países era profunda e ia do significativo ao trivial.

No auge do verão, os motociclistas alemães muitas vezes iam de um lado a outro usando pouco além de short e óculos. Na Bielorrússia e na Ucrânia, as mulheres mais velhas ficavam chocadas com aquela exibição de torsos. Escandalizavam-se mais ainda quando os soldados alemães caminhavam desnudos nas proximidades de suas *izbas*, ou casas de camponeses, e molestavam as jovens. Embora tenha havido relativamente poucos casos de estupro cometidos pelos soldados germânicos aquartelados em aldeias junto à linha de frente, por trás delas ocorreram vários, principalmente de jovens judias.

O pior crime foi cometido com aprovação oficial. Jovens ucranianas,

bielorrussas e russas foram reunidas e forçadas a participar de bordéis do exército. A escravidão as submetia ao estupro contínuo pelos soldados de licença. As que resistiam eram brutalmente castigadas e até mesmo assassinadas. Embora segundo a lei nazista as relações sexuais com *Untermenschen* (sub-humanos) fosse um delito, as autoridades militares consideravam este sistema uma solução pragmática tanto por questões disciplinares como pela saúde física dos soldados. Ao menos as jovens podiam ser regularmente examinadas pelos médicos da Wehrmacht para evitar doenças infecciosas.

No entanto, os soldados alemães também podiam ter pena das mulheres soviéticas que haviam sido deixadas para trás na evasão e tinham de sobreviver sem homens, animais ou máquinas. “Pode-se até ver uma dupla de mulheres puxando um arado caseiro enquanto outra o guia”, escreveu um cabo à sua família. “Um bando de mulheres está consertando a estrada sob a supervisão de um homem da Organização Todt. Pontapés eram usuais para instilar a obediência! Raras famílias têm homens vivos. Em 90% dos casos a resposta à pergunta é sempre: ‘Marido morto na guerra!’ É assustador. A perda de homens russos é absolutamente terrível.”¹

Muitos cidadãos soviéticos, principalmente os ucranianos, não esperavam os horrores da ocupação alemã. Na Ucrânia, muitos aldeões a princípio deram as boas-vindas às tropas alemãs com o presente tradicional de pão e sal. O ódio aos comunistas era generalizado, depois da coletivização forçada das fazendas por Stalin e da terrível fome de 1932-1933, que se estima tenha matado 3,3 milhões de pessoas.² Ucranianos anciãos e religiosos sentiram-se encorajados pelas cruzes pretas nos blindados alemães, por pensar que representavam uma cruzada contra o bolchevismo sem Deus.

Os oficiais da *Abwehr* perceberam que, diante das vastas áreas a serem conquistadas, a melhor estratégia para a Wehrmacht seria recrutar um exército de ucranianos de um milhão de homens. A sugestão foi rejeitada por Hitler, que não queria armar *Untermenschen* eslavos, mas pouco depois a sua opinião foi discretamente ignorada tanto pelo exército quanto pela SS, que começaram a recrutar. Por outro lado, a Organização de Nacionalistas Ucranianos, cujos membros haviam ajudado os alemães pouco antes da invasão, foi eliminada. Berlim desejava esmagar quaisquer esperanças de uma Ucrânia independente.

Depois de todas as declarações da propaganda soviética sobre os seus triunfos industriais, os ucranianos e outros ficaram assombrados com a qualidade e a variedade dos equipamentos alemães. Vasily Grossman contou como aldeões rodearam um motociclista austríaco capturado. “Todos admiravam o seu casaco de couro longo, macio, da cor do aço. Todos o tocavam meneando a cabeça. Isto significava: como podemos lutar contra gente que usa casacos assim? Os seus

aviões devem ser tão bons quanto os casacos de couro.”³

Nas cartas enviadas para casa, os soldados reclamavam que não havia muito para saquear na União Soviética, exceto comida. Desprezando os presentes iniciais, pilhavam gansos, galinhas e gado. Destruíam colmeias para extrair o mel e não davam atenção às súplicas das suas vítimas de que não lhes sobraria nada para sobreviver no inverno. O *Landser* recordava nostálgico a campanha na França e os seus ricos butins. À diferença dos franceses, os soldados do Exército Vermelho persistiam na luta, recusando-se a aceitar que haviam sido derrotados.

Qualquer soldado alemão que demonstrasse piedade para com o sofrimento dos prisioneiros soviéticos era ridicularizado pelos companheiros. A grande maioria considerava as centenas de milhares de prisioneiros como pouco mais do que vermes. O seu estado deplorável, imundos devido ao tratamento que recebiam, só servia para reforçar os preconceitos criados pela propaganda dos oito anos anteriores. As vítimas foram, assim, desumanizadas em uma espécie de profecia cumprida. Um soldado que vigiava uma coluna de prisioneiros contou em uma carta que eles comiam “grama como se fosse gado”. E quando passaram por um campo de batatas “se jogaram por terra, cavaram com as mãos e as comeram cruas.”⁴ Apesar de o principal elemento no plano da Barbarossa ter sido as batalhas de cerco, as autoridades militares alemãs deliberadamente haviam feito pouco para se preparar para as massas de prisioneiros. Quantos mais morressem por negligência, menos bocas teriam para alimentar.

Um prisioneiro de guerra francês descreveu a chegada de um grupo de prisioneiros soviéticos em um campo da Wehrmacht no *Generalgouvernement*: “Os russos chegaram em fila, cinco a cinco de braços dados, pois ninguém conseguia caminhar sozinho — ‘esqueletos ambulantes’ seria a única descrição adequada. O tom dos seus rostos não era nem amarelo, era verde. Quase todos pareciam estrábicos, como se não tivessem força suficiente para focar a visão. Despencavam por filas, cinco de cada vez. Os alemães caíam sobre eles e os golpeavam com a coronha dos fuzis e com chicotes.”⁵

Mais tarde, os oficiais alemães tentaram atribuir o tratamento dispensado aos 3 milhões de prisioneiros de guerra que haviam capturado em outubro à falta de tropas para vigiá-los e à escassez de transporte para alimentá-los. Porém, milhares de prisioneiros do Exército Vermelho morreram nas marchas forçadas simplesmente porque a Wehrmacht não queria que os seus veículos e trens fossem “infectados” por aquela massa “fétida”. Não havia campos preparados, então eles eram levados aos milhares para espaços ao ar livre cercados com arame farpado. Recebiam pouca água e comida. Isto era parte do Plano de Fome dos nazistas, destinado a matar 30 milhões de cidadãos soviéticos para sanar o problema da “superpopulação” nos territórios ocupados. Os feridos eram

deixados nas mãos dos médicos da Cruz Vermelha, que não tinham suprimentos. Quando os guardas alemães jogavam quantidades absolutamente insuficientes de pão por cima da cerca, divertiam-se vendo os homens brigarem por ele. Em 1941, mais de 2 milhões de prisioneiros soviéticos morreram de fome, doenças e frio.

As tropas soviéticas responderam à altura, atirando e cravando a baioneta raivosamente nos prisioneiros, devido ao choque causado pela invasão e ao modo impiedoso de guerrear dos alemães. De qualquer modo, a impossibilidade de alimentar e vigiar os cativos no caos da retirada significava que poucos seriam poupados. Os comandantes antigos se irritavam com a perda de “línguas” interrogáveis para fins da inteligência.

A combinação de medo e ódio também teve um papel importante na crueldade da guerra contra os guerrilheiros. A doutrina militar alemã tradicional por muito tempo fomentava um sentimento de indignação contra qualquer forma de guerra de guerrilha, muito antes das instruções do OKW de atirar em comissários e guerrilheiros. Já antes de Stalin convocar à insurreição por trás das linhas alemãs no discurso de 3 de julho de 1941, a resistência soviética havia começado espontaneamente com grupos ultrapassados de soldados do Exército Vermelho. Os bandos começaram a se formar em florestas e pântanos, encorpados por civis que fugiam de perseguições e da destruição das suas aldeias.

Usando as habilidades e a camuflagem natural de quem havia passado a vida no campo e nas florestas, os guerrilheiros soviéticos logo se converteram em uma ameaça muito maior do que os planejadores da Barbarossa poderiam imaginar. No início de setembro de 1941, só na Ucrânia havia 63 destacamentos guerrilheiros, com um total de quase 5 mil homens e mulheres operando por trás das linhas alemãs. O NKVD também planejava infiltrar outros oitenta grupos, enquanto 434 destacamentos estavam sendo treinados como grupos de reserva. No total, mais de 20 mil guerrilheiros já estavam ativos ou recebendo instrução.⁶ O número incluía também assassinos especialmente treinados que podiam se fazer passar por oficiais alemães. Linhas férreas, material rodante, locomotivas, trens de tropas, caminhões de abastecimento, mensageiros em motocicleta, pontes, combustível, todos eram alvos. Usando rádios lançados por paraquedas, destacamentos de guerrilheiros liderados por oficiais, principalmente das forças fronteiriças do NKVD, transmitiam inteligência a Moscou e recebiam instruções.

Não surpreende que a campanha guerrilheira tornasse a ideia de colonizar o “Jardim do Éden” de Hitler ainda menos atraente para os potenciais colonos alemães e o *Volksdeutsche*, aos quais haviam sido prometidas fazendas por lá.

Todo o plano *Lebensraum* no leste exigia áreas “limpas” e um campesinato totalmente servil. Previsivelmente, as represálias nazistas foram ficando cada vez mais selvagens. As aldeias próximas aos ataques guerrilheiros eram incendiadas. Reféns eram executados. As punições ostensivas incluíam o enforcamento público de mulheres jovens e meninas acusadas de ajudar os guerrilheiros. Porém, quanto mais dura a reação, maior a determinação a resistir. Em muitos casos, líderes guerrilheiros soviéticos provocavam a represália alemã deliberadamente para fomentar o ódio ao invasor. Foi realmente uma “época de ferro”.⁷ As vidas individuais pareciam ter perdido todo o valor de ambos os lados, especialmente aos olhos alemães, se o indivíduo fosse judeu.

O Holocausto teve essencialmente duas partes — o que Vasily Grossman mais tarde denominou “a *Shoah* pelas balas e a *Shoah* pelo gás”⁸ — e, para dizer o mínimo, o processo que, no final, levou ao assassinato industrializado dos campos de extermínio foi desigual. Até setembro de 1939, os nazistas esperavam forçar os judeus alemães, austríacos e tchecos a emigrar empregando maus-tratos, humilhações e a expropriação. Uma vez iniciada a guerra, isto ficou cada vez mais difícil. E a conquista da Polônia colocou outros 1,7 milhão de judeus sob a sua jurisdição.

Em maio de 1940, durante a invasão da França, Himmler escreveu um artigo para Hitler intitulado “Alguns pensamentos sobre o tratamento das populações estrangeiras do leste”.⁹ Ele sugeria uma triagem da população polonesa, de modo que os “racialmente valiosos” fossem germanizados, enquanto o resto faria trabalho escravo. Quanto aos judeus, escreveu: “Espero eliminar por completo o conceito dos judeus mediante a possibilidade de uma grande emigração para uma colônia na África ou a alguma outra parte.” Àquela altura, ele considerava o genocídio — “o método bolchevique de exterminação física” — “não alemão e impossível”.

A ideia de embarcar os judeus para o exterior tinha por foco a ilha de Madagascar.¹⁰ (Adolf Eichmann, à época um funcionário iniciante, pensava na Palestina, um protetorado britânico). Reinhard Heydrich, o vice de Himmler, também argumentou que o problema de 3,75 milhões de judeus nos territórios ocupados pela Alemanha não poderia ser resolvido mediante a emigração, então era necessária uma “solução territorial”.¹¹ O problema era que, mesmo que a França de Vichy concordasse, o “*Madagaskar Projekt*” podia não funcionar em virtude da superioridade naval britânica. Contudo, a ideia de deportar os judeus para uma reserva em alguma parte continuava sendo a solução preferida.

Em março de 1941, com os guetos poloneses transbordando de gente, pensou-

se na esterilização. Depois, com os planos de Hitler para a Operação Barbarossa, nazistas mais graduados encamparam a ideia de remover os judeus europeus, além de 31 milhões de eslavos, para alguma área no interior da União Soviética após a vitória. Isto ocorreria quando os exércitos alemães chegassem à linha Archangel-Astrakhan e a Luftwaffe pudesse lançar bombardeios de longo alcance sobre as fábricas de armamentos e os centros de comunicações soviéticos remanescentes nos Urais e mais além. Para Hans Frank, chefe do *Generalgouvernement*, a invasão prometia a oportunidade de deportar todos os judeus que haviam sido enxotados para o seu território.

Outros, inclusive Heydrich, concentraram-se em questões mais imediatas, particularmente na “pacificação” dos territórios conquistados. A noção que Hitler tinha de “pacificação” era muito clara. “Será melhor”, disse ele a Alfred Rosenberg, ministro dos territórios do leste, “matar a tiros quem se atrever a nos olhar de soslaio.”¹² Os soldados não deveriam ser processados por crimes contra civis, a menos que fosse necessário por questões disciplinares.

Os comandantes do exército, então nas mãos de Hitler após a vitória na França, da qual haviam duvidado abertamente, não puderam objetar. Alguns aderiram com entusiasmo à ideia de uma guerra de aniquilação — *Vernichtungskrieg*. Quaisquer resistências remanescentes às ações assassinas da SS na Polônia haviam se dissipado. Durante a Barbarossa, o marechal de campo Von Brauchitsch, o comandante em chefe do Exército, trabalhou de perto com Heydrich na ligação entre a força terrestre e a SS. O exército alemão abasteceria os *Einsatzgruppen* e faria ligação com eles mediante o oficial de inteligência sênior de cada quartel-general. Deste modo, no nível do comando e do Estado-Maior do Exército ninguém poderia alegar que ignorava as suas atividades.

A “Shoah pelas balas” costuma ser recordada pelas atividades dos 3 mil homens nos *Einsatzgruppen* da SS.¹³ Em consequência, muitas vezes nem foram computados os massacres perpetrados por 11 mil homens dos 22 batalhões da *Ordnungspolizei*, que agiram como uma segunda leva, bem atrás dos exércitos que avançavam. Himmler também formou uma brigada de cavalaria da SS e outras duas brigadas *Waffen-SS* para estarem sempre de prontidão. O comandante do 1º Regimento de Cavalaria da SS era Hermann Fegelein, que em 1944 casou-se com a irmã de Eva Braun e, por isso, tornou-se parte do entourage do Führer. Himmler ordenou à cavalaria da SS que executasse todos os judeus do sexo masculino e levasse as mulheres para os Alagadiços de Pripet. Em meados de agosto de 1941, a brigada de cavalaria afirmou ter matado 200 russos em combate e 13.788 civis, a maioria deles judeus, descritos como “saqueadores”.

Na invasão, cada um dos três grupos de exércitos seria seguido de perto por um *Einsatzgruppe*. Mais tarde, seria acrescentado um quarto grupo, ao sul da

costa do mar Negro, seguindo os romenos e o XI Exército. Os participantes dos *Einsatzgruppen* eram recrutados por toda parte do império de Himmler, incluindo as *Waffen-SS*, o *Sicherheitsdienst* (SD), a *Sicherheitspolizei* (Sipo), a *Kriminalpolizei* (Kripo) e a *Ordnungspolizei*. Cada *Einsatzgruppe* de aproximadamente oitocentos homens era composto de dois *Sonderkommandos* que operavam logo atrás das tropas e dois *Einsatzkommandos*, um pouco mais à retaguarda.

Heydrich instruiu os comandantes dos *Einsatzgruppen* provenientes da elite intelectual da SS — a maioria tinha doutorado — a estimular os grupos locais antissemitas a matarem judeus e comunistas. Estas atividades eram descritas como “esforços de autolimpeza”.¹⁴ Mas elas não deveriam dar indicação de uma aprovação oficial, nem permitiam que estes grupos acreditassem que as suas ações poderiam granjear-lhes alguma forma de independência política. Os *Einsatzgruppen* deveriam eles próprios executar oficiais, comissários, guerrilheiros e sabotadores do Partido Comunista e “judeus em cargos partidários e estatais”.¹⁵ Presumivelmente, Heydrich também sugeriu que poderiam e deveriam ir além destas categorias se fosse necessário, para cumprir as suas obrigações com “violência sem precedentes”, tais como disparar em judeus em idade militar. Porém, parece que naquele momento não havia indicação oficial de estímulo ao assassinato de mulheres e crianças judias.

O assassinato de homens judeus começou assim que os alemães cruzaram a fronteira soviética, em 22 de junho. Muitos dos primeiros massacres foram feitos por lituanos e ucranianos antissemitas, como Heydrich havia previsto. No oeste da Ucrânia, eles mataram 24 mil judeus. Em Kaunas, 3.800 foram esquartejados. Às vezes vigiados por soldados alemães, os judeus eram reunidos e atormentados, e os rabinos tinham as barbas puxadas ou incendiadas. Depois, eram espancados até a morte, enquanto a multidão urrava. Os alemães sustentavam a ideia de que essas mortes eram por vingança pelos massacres do NKVD antes da retirada. Os *Einsatzgruppen* e batalhões de polícia também começaram a arrebanhar e fuzilar centenas e até milhares de judeus.

As vítimas preparavam as próprias covas. Quem não cavasse suficientemente rápido levava um tiro. Eram forçados a se desnudar, em parte porque suas roupas depois seriam distribuídas, mas também para o caso de terem escondido itens de valor ou dinheiro nelas. Forçados a se ajoelhar à beira da fossa, levavam um tiro na nuca, de modo que o corpo não caísse para trás. Outras unidades da SS e policiais achavam mais simples fazer as primeiras vítimas deitarem no fundo da grande cova e atirar nelas *in situ* com submetralhadoras. A próxima leva era forçada a se deitar sobre os cadáveres no sentido contrário a fim de ser por sua vez fuzilada. Isto era conhecido como o método “sardinha”.¹⁶ Em alguns casos,

os judeus eram levados à sinagoga, que era depois incendiada. Quem tentasse escapar era fuzilado.

Com as constantes visitas de Himmler para oferecer estímulo inespecífico aos seus homens, o processo cresceu em escala. O grupo alvo original dos “judeus em cargos partidários e estatais” imediatamente se expandiu e passou a incluir todos os homens judeus em idade militar e depois todos os judeus, independentemente da faixa etária. No final de junho e início de julho, as mulheres e crianças judias eram mortas principalmente por grupos antisemitas locais. Mas no final de julho os *Einsatzgruppen* da SS, as brigadas *Waffen-SS* e os batalhões de polícia passaram a matar regularmente mulheres e crianças. Apesar da instrução de Hitler contrária ao armamento dos eslavos, eles eram apoiados por cerca de 26 batalhões de policiais recrutados localmente, em sua maioria atraídos pela possibilidade de roubar as vítimas.

Soldados alemães e até o pessoal da Luftwaffe também participaram das matanças, como os interrogadores do 7º Departamento do NKVD descobriram mais tarde por intermédio de prisioneiros alemães. “Um piloto do 3º esquadrão aéreo contou que, no início da guerra, participou da execução de um grupo de judeus em uma aldeia perto de Berdichev. Eles foram executados como castigo por terem entregado um piloto alemão ao Exército Vermelho. Um cabo chamado Traxler, do 765º Batalhão de Engenharia de Combate, testemunhou execuções de judeus por soldados da SS perto de Rovno e Dubno. Quando um dos soldados comentou que era uma visão horrorosa, um suboficial da mesma unidade, Graff, disse: ‘os judeus são porcos e os eliminamos para mostrar que você é uma pessoa civilizada’.”¹⁷

Certo dia, um cabo dos transportes, acompanhado pelo ordenança da companhia, viu por acaso “homens, mulheres e crianças sendo levados pela estrada por gente da SS”.¹⁸ Eles foram verificar o que estava acontecendo. Fora da aldeia, viram uma trincheira de 150 metros com uns três metros de profundidade. Havia centenas de judeus reunidos. As vítimas foram forçadas a deitar lado a lado na trincheira para que de cada lado um homem da SS pudesse caminhar atirando neles com submetralhadoras soviéticas capturadas. “Então as pessoas foram empurradas adiante e forçadas a descer e se deitarem sobre os mortos. Naquele momento uma menina — ela devia ter uns 12 anos — gritou com uma voz clara e comovente. ‘Deixem-me viver, eu sou só uma criança!’ Foi empurrada para dentro da fossa e fuzilada.”

Uns poucos conseguiram escapar daqueles massacres. Não surpreende que tenham ficado completamente traumatizados com a experiência. No extremo nordeste da Ucrânia, Vasily Grossman encontrou um deles. “Uma menina — uma beldade judia que conseguira escapar dos alemães — de olhos brilhantes e

absolutamente insanos”,¹⁹ escreveu em sua caderneta.

Os oficiais mais jovens da Wehrmacht pareciam aprovar mais a matança das crianças judias do que os mais antigos, principalmente por acreditarem que, de outro modo, os que fossem poupados poderiam regressar e se vingar no futuro. Em setembro de 1944, uma conversa entre o general de blindados Heinrich Eberbach e o seu filho da Kriegsmarine foi gravada secretamente quando eram prisioneiros britânicos. “Em minha opinião”, disse o general Eberbach, “pode-se chegar a dizer que a morte destes milhões de judeus, ou seja lá quantos foram, se tornou necessária aos interesses do nosso povo. Mas não era preciso matar mulheres e crianças. Isto foi ir longe demais.”²⁰ Ao que o filho respondeu: “Bem, se é para matar os judeus, então é preciso matar as mulheres e crianças também, ou pelo menos as crianças. Não é preciso fazer isso em público, mas de que me serve matar gente velha?”

Em geral, as formações da linha de frente não participavam dos massacres, mas houve exceções notáveis, especialmente a Divisão *Wiking* da SS na Ucrânia e algumas divisões de infantaria, que participaram de matanças como as de Brest-Litovsk. Não há dúvidas a respeito da cooperação próxima entre a SS e os quartéis-generais dos exércitos, mas os oficiais mais graduados do exército tentavam se distanciar do que estava ocorrendo. Foram emitidas ordens contra a participação ou o testemunho de assassinatos em massa por parte de membros da Wehrmacht, mas um número crescente de soldados de licença aparecia para assistir e fotografar as atrocidades. Alguns inclusive se ofereciam para agir quando os executores queriam descansar.

Como ocorria na Lituânia, na Letônia e na Bielorrússia, os massacres se espalharam pela Ucrânia, muitas vezes com a participação de homens locais recrutados como auxiliares. O antissemitismo crescera muito durante a grande fome ucraniana porque agentes soviéticos haviam espalhado rumores de que os judeus eram os principais responsáveis por ela, de modo a desviar a responsabilidade das políticas stalinistas de coletivização e “deskulakização”. Voluntários ucranianos também foram empregados na vigilância de prisioneiros do Exército Vermelho. “Eles são prestativos e camaradas”,²¹ escreveu um cabo. “São um alívio considerável para nós.”

Após os massacres em Lvov e em outras cidades, os ucranianos ajudaram denunciando e reunindo vítimas do *Einsatzgruppe C* em Berdichev, que tinha uma das maiores concentrações de judeus. Muito mais tarde durante a guerra, Vasily Grossman descobriu que quando as forças alemãs entraram na cidade, “os soldados nos caminhões gritavam ‘*Jude kaputt!*’ e acenavam com as armas”.²² Mais de 20 mil judeus foram mortos em levadas junto à pista de pouso. Entre eles estava a mãe de Grossman, e até o fim da vida ele foi atormentado pela culpa de

não tê-la levado de volta a Moscou quando a invasão começou.

Uma mulher judia chamada Ida Belozovskaya descreveu a entrada dos alemães na sua cidade, perto de Kiev, em 19 de setembro: “Gente com expressões adulatoras, contentes, servis, ladeavam a rua e saudavam os ‘libertadores’. Naquele dia eu soube que a nossa vida estava chegando ao fim, que o nosso suplício estava começando. Estávamos em uma ratoeira. Aonde poderíamos ir? Não havia para onde fugir.”²³ Os judeus foram denunciados às autoridades alemãs não só por conta do antissemitismo, mas também por medo, como Belozovskaya testemunhou. Os alemães matavam as famílias que acolhiam judeus, então mesmo os que eram solidários e davam-lhes comida não se atreviam a acolhê-los.

Embora o exército húngaro ligado ao Grupo de Exércitos do Sul de Rundstedt não participasse dos morticínios, os romenos que atacaram Odessa, cidade com uma vasta população judaica, cometeram atrocidades espantosas. No verão de 1941, tropas romenas foram acusadas de matar 10 mil judeus ao tomar de volta as áreas da Bessarábia e de Bukovina ocupadas pelos soviéticos. Até os oficiais alemães consideravam caótica e desnecessariamente sádica a conduta dos seus aliados. Em Odessa os romenos mataram 35 mil.

O VI Exército alemão, comandado pelo *Generalfeldmarschall* Von Reichenau, o nazista mais convicto dentre todos os comandantes mais graduados, tinha adida ao seu exército a 1ª Brigada SS. Uma divisão de segurança do exército, a *Feldgendarmarie*, e outras unidades militares também se envolveram em assassinatos em massa ao longo do caminho. Em 27 de setembro, pouco após a captura de Kiev, Reichenau participou de uma reunião com o comandante da cidade e oficiais da SS do 4º *Sonderkommando*. Acordaram que o comandante da cidade espalharia cartazes instruindo os judeus a se reunirem para a “evacuação” portando documentos de identidade, dinheiro, objetos de valor e roupas quentes.

As intenções assassinas dos nazistas tiveram a ajuda inesperada de um subproduto curioso do Pacto Molotov-Ribbentrop. A censura stalinista havia omitido qualquer alusão ao antissemitismo virulento de Hitler. Em consequência, quando os judeus em Kiev receberam ordens de se apresentar para o “reassentamento”, compareceram 33.771. O VI Exército, que ajudava no transporte, não esperava mais de sete mil. O *Sonderkommando* da SS levou três dias para matar todos eles na ravina de Babi Yar, na periferia da cidade.²⁴

Ida Belozovskaya, que era casada com um gentio, descreveu o agrupamento de judeus em Kiev, que incluía membros da sua família: “Em 28 de setembro, o meu marido e sua irmã russa foram se encontrar com os meus parentes infelizes na sua última jornada. Parecia-lhes, e todos queríamos crer nisto, que os

bárbaros alemães simplesmente os enviariam a alguma parte, e por vários dias as pessoas se movimentaram em grandes grupos em direção à sua ‘salvação’. Não havia tempo para levar todos, e as pessoas recebiam ordens de voltar no dia seguinte (os alemães não se sobrecarregavam de trabalho). E as pessoas continuavam se apresentando dia após dia, até que por fim chegasse a sua hora de deixar este mundo.”²⁵

O seu marido russo seguiu um dos transportes a Babi Yar para descobrir o que estava acontecendo. “Isto foi o que viu através de uma pequena fresta na cerca alta. As pessoas eram separadas, homens de um lado, mulheres e crianças do outro. Estavam nus (havia deixado seus pertences em outro lugar), e foram ceifados por submetralhadoras; o som dos disparos abafava os seus gritos e lamentos.”

Foi estimado que mais de um milhão e meio de judeus soviéticos escaparam dos esquadrões da morte. Mas a concentração da maior parte dos judeus no oeste da União Soviética, principalmente em cidades médias e grandes, facilitou muito o trabalho dos *Einsatzgruppen*. Os comandantes também ficaram agradavelmente surpresos ao ver como os seus correspondentes no exército eram prestativos e estavam ávidos por ajudar. Estima-se em mais de 1,35 milhão o número total de judeus mortos no final de 1942 pelos *Einsatzgruppen* da SS, o *Ordnungspolizei*, as unidades antiguerrilha e o próprio exército.

A “Shoah pelo gás” também teve um desenvolvimento aleatório. Já em 1935, Hitler havia indicado que quando a guerra terminasse ele introduziria um programa de eutanásia. Os criminosos insanos, os “de mente fraca”, os incapacitados e as crianças com defeitos congênitos foram incluídos na categoria nazista de “indignos de viver”. O primeiro caso de eutanásia foi realizado em 25 de julho de 1939 pelo médico pessoal de Hitler, o dr. Karl Brandt, a quem o Führer pediu que montasse um comitê consultivo. Menos de duas semanas antes da invasão da Polônia, o ministro do Interior ordenou aos hospitais que informassem sobre todos os casos de “recém-nascidos com deformidades”.²⁶ Mais ou menos na mesma época, o processo de informação foi estendido aos adultos.

Contudo, os primeiros pacientes mentais foram assassinados na Polônia, três semanas após a invasão. Foram fuzilados em uma floresta. Logo houve massacres de outros pacientes de hospícios. Mais de 20 mil foram mortos desta maneira. Mais tarde, pacientes alemães na Pomerânia foram assassinados. Esvaziados, dois hospitais foram convertidos em caserna das *Waffen-SS*. Ao final de novembro havia câmaras de gás em operação que usavam monóxido de

carbono e Himmler assistiu a um massacre nelas em dezembro. No início de 1940 houve experimentos com caminhões de carrocerias hermeticamente fechadas em que era injetado o próprio monóxido de carbono do escapamento, verdadeiras câmaras de gás móveis. Isto foi considerado um êxito, pois reduzia as complicações do transporte dos pacientes. Ao organizador, foram prometidos dez marcos por cabeça.

Dirigido de Berlim, o sistema foi estendido pelo Reich com o nome de T4. Os pais foram convencidos de que os seus filhos incapacitados, alguns dos quais tinham simples dificuldades de aprendizagem, seriam mais bem cuidados em outra instituição. Depois, diziam-lhes que as crianças morreram de pneumonia. Até agosto de 1941, cerca de 70 mil crianças e adultos alemães haviam sido mortos em câmaras de gás. Os números incluem judeus alemães hospitalizados por longo tempo.

O grande número de vítimas e os atestados de óbito nada convincentes não conseguiram manter o programa de eutanásia em segredo. Naquele agosto, Hitler ordenou que ele fosse suspenso, depois que clérigos como o bispo Clemens August Graf von Galen o denunciaram. Contudo, uma versão encoberta prosseguiu mais tarde, matando outros 20 mil até o fim da guerra. As pessoas envolvidas no programa de eutanásia foram recrutadas para os campos da morte no leste da Polônia em 1942. Como diversos historiadores apontaram, o programa de eutanásia nazista forneceu não só as bases da Solução Final como também os fundamentos do ideal de uma sociedade racial e geneticamente pura.

Com a negativa de Hitler de colocar decisões controversas por escrito, os historiadores têm interpretado de diferentes modos a linguagem evasiva e muitas vezes eufemística dos documentos secundários quando tratam de avaliar o momento exato em que foi tomada a decisão de lançar a Solução Final. Está provado que isto é uma tarefa impossível, principalmente porque o movimento em direção ao genocídio consistiu em estímulos sem registros vindos do topo, além de uma série descoordenada de passos e experimentos levados a cabo localmente por diferentes grupos de extermínio. De um modo curioso, ele espelhou a *Auftragstaktik* do exército, pela qual instruções gerais eram traduzidas em ações pelos comandantes no terreno.

Alguns historiadores argumentam de modo plausível que a decisão básica de perpetrar o genocídio ocorreu em julho ou agosto de 1941, quando uma vitória rápida ainda parecia ao alcance da Wehrmacht. Outros pensam que isto só ocorreu no outono, quando o avanço alemão na União Soviética diminuiu perceptivelmente e a “solução territorial” pareceu cada vez mais impraticável. Alguns o situam mais tarde ainda e sugerem a segunda semana de dezembro, quando o exército alemão parou nas proximidades de Moscou e Hitler declarou

guerra aos Estados Unidos.

O fato de que cada *Einsatzgruppe* interpretasse a sua missão de um modo ligeiramente distinto sugere que não havia uma ordem emitida de um ponto central. Só a partir do mês de agosto o genocídio total tornou-se um padrão, quando mulheres e crianças judias passaram a ser mortas em massa. Também em 15 de agosto Himmler testemunhou pela primeira vez a execução de 100 judeus perto de Minsk, espetáculo organizado a seu pedido pelo *Einsatzgruppe B*. Ele não suportou assistir. Depois, o *Obergruppenführer* Erich von den Bach-Zelewski ressaltou que naquela ocasião só 100 haviam sido mortos. “Observe os olhos dos homens deste *Kommando*”, Bach-Zelewski disse a Himmler, “como estão profundamente trêmulos! Estes homens estão liquidados pelo resto de suas vidas. Que tipo de seguidores estamos treinando aqui? Neuróticos ou selvagens!”²⁷ O próprio Bach-Zelewski, acometido de pesadelos e dores estomacais, mais tarde foi levado ao hospital por ordem de Himmler e tratado pelo médico-chefe da SS.

Depois, Himmler fez um discurso aos soldados justificando a sua ação e indicou que Hitler havia emitido ordens para o extermínio de todos os judeus nos territórios do leste. Comparou o trabalho deles à eliminação de porcos e ratos. Naquela tarde, discutiu com Bach-Zelewski e Arthur Nebe, o comandante do *Einsatzgruppe*, as alternativas ao fuzilamento. Nebe sugeriu um experimento com explosivos, que Himmler aprovou. O processo provou ser um grosseiro, sujo e constrangedor fracasso. O estágio seguinte foi o caminhão de gás que usava monóxido de carbono do cano de descarga. Himmler queria encontrar um método que fosse mais “humano” para os executores. Preocupado com o seu bem-estar espiritual, instou os comandantes a organizar eventos sociais com canções à noite. Contudo, a maioria dos assassinos preferia tentar esquecer com a ajuda de uma garrafa.

A intensificação do massacre de judeus também coincidiu com o tratamento cada vez mais brutal e a matança dos prisioneiros de guerra soviéticos pela Wehrmacht. Em 3 de setembro, o inseticida Zyklon B, desenvolvido pelo conglomerado químico IG Farben, foi usado pela primeira vez em Auschwitz-Birkenau em um teste com prisioneiros poloneses e russos. Ao mesmo tempo, judeus alemães e do oeste europeu levados para os territórios do leste eram mortos ao chegar por oficiais de polícia, que diziam ser esta a única maneira de lidar com os contingentes que lhes eram enviados. Oficiais dos altos escalões nos territórios ocupados do leste, o *Reichskommissariat Ostland* (os Estados bálticos e parte da Bielorrússia) e o *Reichskommissariat Ukraine*, desconheciam a política. Isto só ficaria claro mais tarde, após a conferência de Wannsee, em janeiro do ano seguinte.

A “Grande Aliança”

JUNHO-DEZEMBRO DE 1941

Churchill era conhecido pelo fluxo constante de ideias para dar seguimento à guerra. Um colega comentou que o problema era que ele não sabia qual delas servia. Contudo, o primeiro-ministro não era apenas uma raposa, como disse Isaiah Berlin. Era também um ouriço que desde o início tivera uma grande ideia. Sozinha, a Grã-Bretanha não tinha condições de enfrentar a Alemanha nazista. Ele sabia que precisava trazer os americanos para a guerra, como dissera ao filho Randolph em maio de 1940.

Apesar de não vacilar quanto ao seu objetivo, Churchill não perdeu tempo e formou uma aliança com o governo bolchevique que sempre detestara. “Não vou desdizer o que disse sobre ele”, declarou em uma transmissão radiofônica em 22 de junho de 1941, após a notícia da invasão da União Soviética. “Mas tudo isso se desvanece diante do espetáculo que agora se desenrola.”¹ Mais tarde comentou com o seu secretário particular, John Colville, que “se Hitler invadissem o inferno, eu faria pelo menos uma referência favorável ao Diabo na Câmara dos Comuns”. O seu discurso daquela noite, preparado com o embaixador americano John G. Winant, prometeu à União Soviética “qualquer ajuda econômica ou técnica ao nosso alcance”. O discurso causou boa impressão no país, nos Estados Unidos e em Moscou, embora Stalin e Molotov estivessem convencidos de que os britânicos continuavam escondendo a verdadeira natureza da missão de Rudolf Hess.

Dois dias depois, Churchill instruiu Stewart Menzies, chefe do Serviço Secreto de Inteligência, a enviar decodificações do Ultra ao Kremlin. Menzies alertou-o de que “isso seria fatal”.² O Exército Vermelho não possuía cifradores eficazes e os alemães rapidamente poderiam determinar a fonte daquela inteligência. Churchill concordou, mas a informação foi enviada mais tarde, devidamente disfarçada. Pouco depois foi negociado um acordo de cooperação militar entre os dois países, embora naquele momento o governo britânico não

esperasse que o Exército Vermelho conseguisse sobreviver ao ataque nazista.

Churchill ficou animado com os acontecimentos do outro lado do Atlântico. Em 7 de julho, Roosevelt informou o Congresso que forças americanas haviam desembarcado na Islândia para substituir tropas britânicas e canadenses. Em 26 de julho, os Estados Unidos e a Inglaterra atuaram em conjunto e congelaram bens japoneses em retaliação à ocupação da Indochina francesa. Os nipônicos queriam bases aéreas de onde atacar a estrada da Birmânia, por onde passavam armas e suprimentos para as tropas nacionalistas chinesas. Roosevelt estava decidido a apoiar os nacionalistas de Chiang Kai-shek e uma força de pilotos mercenários americanos, conhecida como os Tigres Voadores, foi recrutada no país para defender a estrada da Birmânia a partir de Mandalay, por onde passavam seus suprimentos. Mas quando os Estados Unidos e a Grã-Bretanha embargaram a venda de petróleo e outros materiais ao Japão as coisas ficaram muito mais complicadas. A Malásia, a Tailândia e os campos petrolíferos das Índias Orientais Holandesas estavam agora dentro do fácil alcance dos bombardeiros japoneses, e cada vez mais pareciam ser o seu próximo objetivo. Não surpreende que a Austrália também se considerasse em risco.

Nenhum pretendente se preparou tão cuidadosamente quanto Churchill para o primeiro encontro com o presidente americano durante a guerra, no início de agosto. Ambos os lados mantiveram sigilo. Churchill e sua comitiva, em que muitos não tinham ideia de aonde iam, embarcaram no navio de guerra HMS *Prince of Wales*. Para agradar o presidente, o primeiro-ministro levou uns tantos “galos silvestres”, abatidos antes do início da temporada de caça, além de alguns “ovos de ouro” com decodificações do Ultra para impressioná-lo. Ele atormentou Harry Hopkins, amigo íntimo e conselheiro de Roosevelt que o acompanhava, para que lhe contasse tudo o que fosse possível sobre o líder americano. Churchill não se lembrava do primeiro encontro que haviam tido, em 1918, quando não causou boa impressão no futuro presidente.

Com seus chefes de Estados-Maiores, Roosevelt também se preparara para o encontro. Enganou a imprensa e se transferiu do iate presidencial *Potomac* para o cruzador pesado USS *Augusta*. Depois, com uma forte escolta de contratorpedeiros, zarparam em 6 de agosto para o encontro na baía Placentia, ao largo da Terra Nova. Em pouco tempo os dois estabeleceram relações cálidas, e um culto ecumênico cuidadosamente encenado por Churchill no convés de ré do *Prince of Wales* produziu um profundo efeito emocional. Contudo, embora impressionado e cativado pelo primeiro-ministro, Roosevelt permaneceu distante. Como observou um biógrafo, ele tinha “o dom de tratar as pessoas que lhe eram apresentadas como se as conhecesse da vida toda e a capacidade de forjar uma aparência de intimidade que explorava impiedosamente”.³ No

interesse da amizade as questões polêmicas foram evitadas, principalmente o Império Britânico, que Roosevelt tanto criticava. O documento conjunto resultante do encontro, conhecido como Carta do Atlântico, assinado em 12 de agosto, prometia a autodeterminação a um mundo libertado, com a exceção implícita do Império Britânico e, sem dúvida, da União Soviética.

Ao longo de vários dias, as discussões foram amplas e muito longe, do perigo de a Espanha se juntar ao campo do Eixo à ameaça do Japão no Pacífico. Para Churchill, os resultados mais importantes incluíram o acordo americano em fornecer escolta aos comboios a oeste da Islândia, bombardeiros para a Grã-Bretanha e a incumbência de prestar ajuda massiva à União Soviética para que esta permanecesse na guerra. Contudo, Roosevelt enfrentou uma grande relutância nos Estados Unidos para se engajar na guerra contra a Alemanha nazista. Ao regressar da Terra Nova, soube que a Câmara dos Deputados havia aprovado a Lei do Alistamento Seletivo, inaugurando o primeiro recrutamento em tempos de paz, com apenas um voto de vantagem.

Os isolacionistas americanos se recusavam a reconhecer que a invasão nazista da União Soviética fosse ampliar a abrangência da guerra para além da Europa. Em 25 de agosto, tropas do Exército Vermelho e forças britânicas do Iraque invadiram o Irã, que era neutro, para garantir o seu petróleo e a rota de abastecimento do golfo Pérsico ao Cáucaso e ao Cazaquistão. No verão de 1941, aumentaram os temores britânicos de um ataque japonês às suas colônias. Aconselhado por Roosevelt, Churchill cancelou um ataque planejado pela Agência de Operações Especiais (SOE, na sigla em inglês) ao cargueiro japonês *Asaka Maru*, que se abastecia na Europa com suprimentos vitais para a máquina de guerra japonesa. A Grã-Bretanha não podia se arriscar sozinha a guerrear no Pacífico contra o Japão. Sua prioridade era assegurar a posição no norte da África e no Mediterrâneo. Enquanto os Estados Unidos não entrassem na guerra, Churchill e os seus chefes de Estados-Maiores limitavam-se a garantir a sobrevivência do país, criando uma força de bombardeiros para atacar a Alemanha e ajudando a União Soviética a continuar na luta.

Uma ofensiva de bombardeios contra a Alemanha era uma das maiores expectativas de Stalin quanto à assistência dos Aliados, já que as perdas do Exército Vermelho infligidas pela Wehrmacht haviam sido extremamente devastadoras no verão de 1941. Ele também exigiu a invasão do norte da França o mais brevemente possível, para diminuir a pressão sobre a frente leste. Em uma reunião com Sir Stafford Cripps cinco dias depois da invasão, Molotov tentou forçar o embaixador britânico a detalhar a escala da ajuda que Churchill

parecia estar oferecendo. Mas Cripps não tinha condições de fazê-lo. O ministro do Exterior soviético voltou a pressioná-lo dois dias depois, após reuniões em Londres entre lorde Beaverbrook, ministro de Suprimentos de Churchill, e o embaixador soviético, Ivan Maisky. Parece que Beaverbrook havia discutido a possibilidade de uma invasão da França com Maisky sem consultar os chefes britânicos de Estados-Maiores. A partir daí, um dos principais objetivos da política externa soviética foi pressioná-los para assinar um compromisso. Os russos suspeitavam, justificadamente, que a reticência britânica provinha da crença de que a União Soviética não aguentaria “por muito mais de cinco ou seis semanas”.⁴

Do lado soviético, um fracasso da imaginação mais sério envenenou as relações até o começo de 1944. Julgando os Aliados ao seu jeito, Stalin esperava que lançassem uma operação através do canal da Mancha, apesar das perdas e dificuldades. A relutância de Churchill em se comprometer com a invasão no noroeste europeu alimentou as suas suspeitas de que a Inglaterra desejava que o Exército Vermelho aguentasse o maior peso da guerra. Claro que havia um forte elemento de verdade nisto, assim como um forte elemento de hipocrisia do lado soviético, pois, em 1940, o próprio Stalin esperara que os capitalistas ocidentais e os alemães se dessangrassem mutuamente até a morte. Mas o ditador soviético não entendia as pressões exercidas sobre os governos democráticos. Supôs, erroneamente, que Churchill e Roosevelt detinham poderes absolutos em seus países. O fato de que precisassem se explicar à Câmara dos Comuns ou ao Congresso, ou levar a imprensa em consideração, era para ele uma desculpa patética. Ele nunca aceitou que Churchill realmente poderia ser forçado a renunciar caso lançassem uma operação que resultasse em baixas desastrosas.

Mesmo após décadas de leitura obsessiva, Stalin tampouco compreendia a base da estratégia britânica tradicional da guerra periférica, mencionada anteriormente. A Grã-Bretanha não era um poder continental. Ela ainda dependia da força naval e de coalizões para manter um equilíbrio de poder na Europa. Com a notável exceção da Primeira Guerra Mundial, evitou se envolver em grandes confrontos em terra enquanto o fim da guerra não fosse visível. Churchill estava determinado a seguir este padrão, embora os aliados americanos e soviéticos adotassem a doutrina militar diametralmente oposta do enfrentamento massivo assim que possível.

Em 28 de julho, apenas duas semanas após a assinatura do acordo anglo-soviético, Harry Hopkins foi a Moscou a pedido de Roosevelt em missão de sondagem. Esperava descobrir o que a União Soviética necessitava para continuar na guerra, tanto de imediato quanto no longo prazo. A liderança soviética acolheu-o prontamente. Hopkins questionou os informes

incansavelmente pessimistas do adido militar dos EUA em Moscou, para quem o Exército Vermelho entraria em colapso. Em pouco tempo foi convencido de que a União Soviética se sustentaria.

A decisão de Roosevelt de ajudar a União Soviética foi genuinamente altruísta, além de magnânima. Para exasperação do presidente, o *Lend-Lease* soviético demorou a sair, mas a sua escala e abrangência teve um papel importante na posterior vitória soviética (fato que a maioria dos historiadores russos ainda odeia admitir). Além de aço de alta qualidade, armamento antiaéreo, aviões e enormes carregamentos de alimentos que salvaram o país da fome no inverno de 1942-1943, a maior contribuição foi para a mobilidade do Exército Vermelho. Mais tarde durante a guerra, os seus avanços dramáticos foram possíveis graças aos jipes e caminhões americanos.

Em contraste, a retórica de assistência de Churchill nunca foi acompanhada de resultados, em grande parte devido à pobreza britânica e à urgência das suas necessidades imediatas. A maior parte do material fornecido era obsoleto ou inservível. Os sobretudos do exército britânico não serviam para o inverno russo, as botas de cano curto com solado tacheado de ferro aceleravam o enregelamento dos pés, os tanques Matilda eram visivelmente inferiores aos T-34 soviéticos e a aviação do Exército Vermelho criticou os Hurricanes de segunda mão, indagando por que não haviam enviado os Spitfires.

A primeira conferência importante entre os Aliados ocidentais e a União Soviética começou em Moscou no final de setembro, quando lorde Beaverbrook e o representante de Roosevelt, Averell Harriman, chegaram a Archangel a bordo do cruzador HMS *Lincoln*. Stalin recebeu-os no Kremlin e começou a listar todos os equipamentos e viaturas militares de que a União Soviética necessitava. “O país que conseguir produzir a maior quantidade de motores será vitorioso no final”,⁵ disse. Ele então sugeriu a Beaverbrook que a Grã-Bretanha enviasse tropas para ajudar a defender a Ucrânia, o que evidentemente deixou o amigo de Churchill perplexo.

Incapaz de esquecer o assunto Hess, Stalin passou a questionar Beaverbrook sobre o agente de Hitler e o que teria dito ao chegar à Inglaterra. Provocou espanto mais uma vez ao propor que discutissem os acordos pós-guerra. Stalin queria o reconhecimento da fronteira soviética de 1941, que incluía os Estados bálticos, o leste da Polônia e a Bessarábia. Beaverbrook negou-se a discutir uma questão que lhe parecia definitivamente prematura, com os exércitos alemães a menos de cem quilômetros de onde estavam sentados no Kremlin. Embora não soubesse, no dia anterior o Exército Panzer de Guderian havia iniciado a primeira fase da Operação Taifun contra Moscou.

Os diplomatas britânicos se irritaram com a zombaria de Stalin de que o seu país “recusava-se a realizar operações militares ativas contra a Alemanha hitlerista” quando, ao mesmo tempo, tropas britânicas e da Commonwealth estavam lutando no norte da África. Contudo, aos olhos dos soviéticos, diante de três grupos de exércitos alemães dentro do seu país, a luta em torno de Tobruk e da fronteira Líbia não chegava nem ao qualificativo de um show à parte.

Pouco após a invasão da União Soviética, Rommel começou a planejar um novo ataque ao porto assediado de Tobruk, que se tornara a chave da guerra no norte da África. Ele precisava suprir as tropas e eliminar a ameaça na retaguarda. Tobruk estava então nas mãos da 70ª Divisão britânica, reforçada por uma brigada polonesa e um batalhão tcheco.

Durante o verão, com a luz tremelicante do deserto sob o sol abrasador, desenvolveu-se uma espécie de guerra de mentira, com escassas escaramuças ao longo da fronteira líbia. As patrulhas de reconhecimento britânicas e alemãs conversavam entre si por rádio, e uma vez até reclamaram quando um oficial alemão recém-chegado forçou os seus homens a disparar depois que um cessar-fogo tático havia sido acordado. Para a infantaria de ambos os lados, a vida era menos divertida naquelas condições, com apenas um litro de água por dia para beber e se lavar. Nas trincheiras, tinham de enfrentar escorpiões, bichos-de-pé e as agressivas moscas do deserto, que se aglomeravam sobre qualquer pedaço de comida e qualquer centímetro de pele exposta. A disenteria tornou-se um problema sério, principalmente entre os alemães. Até os defensores de Tobruk tinham escassez de água, pois o ataque de um Stuka danificou a usina de dessalinização. A cidade havia sido duramente atacada por torpedos e bombas e o porto estava repleto de navios afundados. Só a determinação da Marinha Real os mantinha supridos. Membros da Brigada Australiana remanescente começavam a fazer escambo de butins de guerra por cerveja assim que chegava um navio.

Rommel tinha um problema ainda maior de reabastecimento pelo Mediterrâneo. Entre janeiro e o final de agosto de 1941, os britânicos haviam conseguido afundar 52 navios do Eixo e avariar outros 38.⁶ Em setembro, o submarino HMS *Upholder* afundou dois grandes navios de passageiros que transportavam provisões. (Os veteranos do *Afrika Krops* começaram a chamar o Mediterrâneo de “piscina alemã”).⁷ O fracasso do Eixo em invadir Malta em 1940 agora resultava em um grande erro. A Kriegsmarine em particular fora abalada pela insistência de Hitler, no início daquele ano, para que forças aeroterrestres fossem usadas contra Creta e não contra Malta, por temer ataques dos Aliados contra os campos petrolíferos de Ploesti. Desde então, o bombardeio constante dos campos de pouso de Malta e da grande baía de Valletta não foram

suficientes para compensar o fracasso em capturar a ilha.

Interceptações britânicas dos códigos navais italianos trouxeram ricas recompensas. Em 9 de novembro, a Força-tarefa K zarpava de Malta com os cruzadores ligeiros HMS *Aurora* e *Penelope* e dois contratorpedeiros quando topou com um comboio que se dirigia a Trípoli. Embora escoltada por dois cruzadores pesados e dez contratorpedeiros, a força-tarefa britânica avançou à noite usando o radar. Em menos de 30 minutos, os navios de guerra da Marinha Real afundaram os sete cargueiros e um contratorpedeiro sem sofrer nenhum dano. A Kriegsmarine ficou pasma e ameaçou assumir o controle das operações navais italianas. O *Afrika Korps* adotou uma atitude igualmente condescendente com relação aos seus aliados. “Temos de tratar os italianos como se fossem crianças”, escreveu um tenente da 15ª Divisão Panzer. “Não são bons soldados, mas são os melhores camaradas. Consegue-se tudo deles.”⁸

Após todas as postergações e a espera por suprimentos que nunca chegaram, Rommel planejou o ataque contra Tobruk para 21 de novembro. Ele não acreditou nos alertas italianos de que os britânicos estavam a ponto de lançar uma grande ofensiva, mas de qualquer modo sentiu-se impelido a deixar a 21ª Divisão Panzer entre Tobruk e Bardia. Isto provavelmente resultaria em forças insuficientes para um ataque exitoso a Tobruk. Contudo, em 18 de novembro, três dias antes do ataque planejado ao porto, o VIII Exército britânico, comandado pelo tenente-general Sir Alan Cunningham, cruzou a fronteira líbia na Operação Crusader (Cruzado). Após marchas para o combate realizadas à noite em silêncio-rádio absoluto e ocultos durante o dia pelas tempestades de areia e, depois, por tormentas, o VIII Exército conseguiu surpreender.

O *Afrika Korps* agora consistia na 15ª e na 21ª Divisões Panzer e uma divisão mista que mais tarde foi renomeada 90ª Divisão Leve. Esta formação incluía um regimento de infantaria composto principalmente por alemães que haviam servido na Legião Estrangeira francesa. Porém, em virtude da desnutrição e doenças, o *Afrika Korps*, com 45 mil homens, tinha carência de 11 mil nas unidades da linha de frente. A situação desastrosa dos suprimentos significava também que as divisões panzer, com 249 tanques, precisavam urgentemente de manutenção. Os italianos formavam a Divisão Blindada Ariete e três divisões semimotorizadas.

Por sua parte, desta vez os britânicos estavam plenamente equipados, com trezentos tanques Cruiser e trezentos tanques leves americanos Stuart, que chamavam de “Honeys”, além de mais de uma centena de Matildas e Valentines. A Força Aérea do Deserto Ocidental possuía 550 aviões em funcionamento, contra apenas 76 da Luftwaffe. Com estas vantagens, Churchill esperava a tão aguardada vitória, principalmente porque precisava muito de algo para exibir a

Stalin. Mas, embora os britânicos por fim estivessem totalmente equipados, as suas armas eram definitivamente inferiores às alemãs. Os novos Stuarts e os tanques Cruiser com seus canhões 2-pounder não tinham chance contra o canhão alemão de 88 mm, o “braço longo” do *Afrika Korps*, que podia derrubá-los muito antes de estarem à distância de tiro para revidar. Só o canhão de campo 25-pounder impressionava e os comandantes por fim haviam aprendido a empregá-lo em “tiro direto” durante os ataques dos panzers. Os alemães o chamavam de “*Ratsch-bum*”.

O plano britânico era concentrar o 30º Corpo, com o grosso dos blindados, em um ataque na direção noroeste a partir da fronteira líbia. As forças derrotariam as divisões panzer, avançariam para Tobruk e romperiam o cerco. A 7ª Brigada Blindada lideraria o ataque da 7ª Divisão Blindada a Sidi Rezegh, nas escarpas a sudeste do perímetro defensivo de Tobruk. À direita, o 13º Corpo enfrentaria as posições alemãs junto à costa no Passo Halfaya e Sollum. Nas condições ideais, o VIII Exército deveria ter esperado pelo ataque de Rommel a Tobruk, mas Churchill não permitiu que o general Auchinleck demorasse mais.

A 7ª Brigada Blindada chegou a Sidi Rezegh, ocupou o campo de pouso e capturou dezenove aviões em terra antes que os alemães tivessem tempo de reagir. Mas a 22ª Brigada Blindada à sua esquerda foi surpreendida pelo ataque da Divisão Aríete, enquanto a 4ª Brigada Blindada à sua direita se viu lutando contra partes da 15ª e da 21ª Divisões Panzer que atacavam o sul pela estrada costeira Via Balbia. Para sorte dos britânicos, os alemães não tinham muito diesel. Naquele terreno, o consumo de combustível era alto. Um oficial da Nova Zelândia descreveu o deserto líbio como “uma planície erma salpicada de acácias, vastos acres com montes de pedras, faixas de areia macia e leitos de rio intermitentes e rasos”.⁹ Ele cada vez mais se parecia com um lixão militar, com latas de ração e barris de petróleo descartados e viaturas incendiadas.

Em 21 de novembro, com um otimismo excessivo, o general Cunningham decidiu ordenar que o ataque começasse em Tobruk, embora a destruição da força panzer não tivesse começado. Isto provocou grandes baixas, tanto entre os sitiados como na 7ª Brigada Blindada, que perdeu três quartos dos tanques de um regimento para os canhões de 88 mm que acompanhavam um batalhão de reconhecimento alemão. A 7ª Blindada logo teve a retaguarda ameaçada pelas duas divisões panzer, e à noite estava reduzida a 28 carros de combate.

Sem saber das perdas, Cunningham lançou a fase seguinte da operação, com o avanço do 13º Corpo para o norte, por trás das posições italianas ao longo da fronteira. Ele foi comandado de modo determinado pela Divisão da Nova Zelândia do general Freyberg, apoiada por uma brigada de tanques Matildas. Cunningham também ordenou retomar o ataque a Tobruk. Mas a 7ª Brigada

Blindada, atacada de ambos os lados em Sidi Rezegh, estava reduzida a só dez tanques. E a 22ª Brigada Blindada, que havia vindo em seu socorro, tinha apenas 34. Elas foram forçadas a recuar em direção ao sul para se unirem à posição defensiva da 5ª Brigada Sul-Africana. Rommel queria esmagá-las entre as divisões panzer de um lado e a Aríete do outro.

Uma batalha de cerco começou ao sul de Sidi Rezegh contra a 5ª Brigada Sul-Africana e os remanescentes das duas brigadas blindadas britânicas em 23 de novembro, que era o *Totensdonntag*, o Dia de Finados alemão. Foi uma vitória de Pirro para os alemães. A Brigada Sul-Africana foi praticamente dizimada, mas ela e o grupo de apoio da 7ª Blindada cobraram um preço alto dos atacantes. Os alemães perderam 72 tanques, difíceis de substituir, e uma porcentagem extraordinariamente alta de oficiais e graduados. A 7ª Divisão Indiana e os neozelandeses ao leste também lutaram com eficácia, e os combatentes de Freyberg capturaram parte do Estado-Maior do *Afrika Korps*.

Após a perda terrível de tanques britânicos, Cunningham quis recuar, mas Auchinleck não deu permissão. Ele disse a Cunningham que prosseguisse com a operação a qualquer custo. Foi uma decisão corajosa e acertada, como os acontecimentos demonstraram. Na manhã seguinte, ansioso por terminar de destruir a 7ª Divisão Blindada e forçar a retirada geral, Rommel se deixou levar pelo gosto da vitória. Liderou pessoalmente a 21ª Divisão Panzer em uma corrida à fronteira, pensando que poderia cercar a maior parte do VIII Exército. Mas isto criou um caos, com ordens contraditórias e comunicações péssimas. Em determinado momento, a viatura de comando de Rommel enguiçou e ele se viu sem contato por rádio e preso do lado egípcio da espessa cerca de arame farpado ao longo da fronteira. A sua insistência em comandar na própria linha de frente novamente criou enormes problemas em uma batalha complexa.

Em 26 de novembro, ele soube pelo quartel-general do *Afrika Korps* que a Divisão Neozelandesa, apoiada por outra brigada blindada com tanques Valentine, havia retomado o campo de pouso em Sidi Rezegh no caminho para Tobruk. A 4ª Brigada neozelandesa também tomara o campo de pouso de Kambut, o que significava que a Luftwaffe estava sem bases. Mais tarde naquele dia, a guarnição de Tobruk se juntou às forças de Freyberg.

A corrida de Rommel à fronteira foi um erro desastroso. A 7ª Divisão Blindada estava se rearmando com a maior parte dos 200 tanques de reserva, ao passo que os seus homens estavam exaustos. Ao regressarem do avanço fútil, em 27 de novembro, foram acossados pelos Hurricanes da Força Aérea do Deserto Ocidental, que agora tinha a supremacia aérea.

Auchinleck decidiu dispensar Cunningham, que considerava insuficientemente agressivo e sempre estava à beira de um ataque de nervos.

Substituiu-o pelo major-general Neil Ritchie. Este retomou o ataque para o oeste, aproveitando-se da crise de suprimentos de Rommel. Mais uma vez os italianos haviam advertido Rommel que ele não poderia contar com nada além dos níveis básicos de munição, combustível e ração. Contudo, a autoconfiança da marinha italiana foi recuperada quando os seus navios conseguiram transportar mais provisões até Benghazi. Os submarinos italianos foram empregados para levar munição, necessitada urgentemente, até Darna, e o cruzador ligeiro *Cardona* foi transformado em navio-tanque. Não tardou para que a Kriegsmarine ficasse impressionada com os esforços do seu aliado.

Em 2 de dezembro, Hitler transferiu os 2º *Fliegerkorps* da frente leste para a Sicília e para o norte da África. Decidido a apoiar Rommel, ficou horrorizado ao saber da situação dos suprimentos em virtude dos ataques britânicos aos comboios do Eixo. Ordenou ao almirante Raeder que transferisse 24 *U-boats* para o Mediterrâneo. Raeder reclamou que “o Führer está preparado para praticamente abandonar a guerra de *U-boats* no Atlântico a fim de resolver nossos problemas no Mediterrâneo”.¹⁰ Hitler ignorou a sua argumentação de que a maior parte dos navios de transporte do Eixo estava sendo afundada pelos aviões e submarinos dos Aliados, e por isso os *U-boats* não seriam a melhor resposta para proteger os comboios de Rommel. Contudo, os submarinos alemães causaram sérias perdas à Marinha Real. Em novembro, afundaram o porta-aviões HMS *Ark Royal* e depois o encouraçado HMS *Barham*. Houve outras perdas e, na noite de 18 de dezembro, um grupo de torpedos italianos tripulados liderado pelo príncipe Borghese penetrou na baía de Alexandria para afundar os navios de guerra HMS *Queen Elizabeth* e *Valiant*, além de um navio-tanque norueguês. O almirante Cunningham ficou sem navios de porte no Mediterrâneo. O momento não poderia ser pior, justamente oito dias antes de aviões japoneses afundarem o navio de guerra HMS *Prince of Wales* e o cruzador *Repulse* junto à costa da Malásia.

Apesar da melhora para o Eixo no Mediterrâneo, o pedido de Rommel ao OKW e ao OKH em 6 de dezembro de viaturas, armas e reforços foi rejeitado naquele momento crítico na frente oriental. Em 8 de dezembro, Rommel suspendeu o cerco a Tobruk e começou a recuar para a linha Gazala, mais de 60 quilômetros ao oeste. No restante de dezembro e começo de janeiro de 1942 abandonou a Cirenaica e recuou de volta à linha de onde havia partido no ano anterior.

Os britânicos comemoraram a vitória da Operação Crusader, mas foi um êxito temporário alcançado por meio da força superior, e não de táticas melhores. O fracasso em manter próximas as brigadas blindadas fora o erro mais grave. Mais de oitocentos tanques e trezentos aviões haviam sido perdidos. Quando o VIII

Exército chegou à fronteira da Tripolitânia, um ano após a vitória sobre os italianos, encontrou-se severamente enfraquecido, com linhas de suprimento excessivamente longas. No vaivém da campanha no norte da África, e agora com exigências urgentes no Extremo Oriente, as forças britânicas e coloniais estavam vulneráveis a outra derrota em 1942.

Mesmo antes do início da guerra no Extremo Oriente, o governo britânico sentira que não poderia lidar com tudo. Em 9 de dezembro, Stalin pressionou o país para declarar guerra à Finlândia, Hungria e Romênia, por serem aliados da Alemanha na frente leste. Contudo, o desejo de Stalin de fazer seus novos aliados ocidentais estabelecerem as fronteiras do pós-guerra antes mesmo do início da Batalha por Moscou era em parte uma tentativa de superar uma situação constrangedora. As prisões e campos de trabalho soviéticos ainda mantinham mais de 200 mil soldados poloneses, detidos em 1939 durante a operação conjunta com a Alemanha nazista. Agora os poloneses eram aliados e o seu governo no exílio havia sido reconhecido por Washington e Londres. As argumentações enérgicas do general Sikorski, respaldadas pelo governo de Churchill, persuadiram o relutante regime soviético de que o NKVD devia libertar os prisioneiros de guerra poloneses para formar um novo exército.

Apesar de obstruções constantes por parte de funcionários soviéticos, os poloneses recém-libertados começaram a se reunir e formar unidades sob o comando do general Władysław Anders, que estivera preso em Lubyanka nos 20 meses anteriores. No início de dezembro, uma parada do exército de Anders foi organizada perto de Saratov, no Volga. Foi uma ocasião marcada por uma amarga ironia, como comentou o escritor Ilya Ehrenburg. O general Sikorski chegou acompanhado de Andrei Vyshinsky. Aparentemente, o famoso carrasco dos grandes julgamentos-espetáculo do Grande Terror fora escolhido devido às suas origens polonesas. “Ele brindou com Sikorski sorrindo docemente”, escreveu Ehrenburg. “Entre os poloneses havia muitos com o semblante fechado, cheios de ressentimento pelo que haviam passado; alguns não puderam deixar de admitir que nos odiavam [...] Sikorski e Vyshinsky se chamavam de ‘aliados’ mas sentia-se hostilidade por trás das palavras cordiais.”¹¹ O ódio e a desconfiança que Stalin tinha dos poloneses só haviam mudado superficialmente, como os acontecimentos posteriores deixariam claro.

A Batalha por Moscou

SETEMBRO-DEZEMBRO DE 1941

Em 21 de julho de 1941, a Luftwaffe bombardeou a capital soviética pela primeira vez. Andrei Sakharov, no posto de alerta contra incêndios na universidade, passou a maior parte das noites “no telhado vigiando enquanto os holofotes e os disparos traçantes cruzavam os céus inquietos de Moscou”.¹ Porém, após as perdas na Batalha da Inglaterra, as formações de bombardeiros alemães ainda estavam seriamente reduzidas. Incapazes de infligir danos sérios à cidade, eles voltaram a operar no apoio às forças terrestres.

Depois da suspensão do Grupo de Exércitos do Centro para se concentrar em Leningrado e Kiev, Hitler finalmente se decidiu por uma grande ofensiva contra Moscou. Os seus generais tinham sentimentos desencontrados. O enorme cerco ao leste de Kiev havia restaurado a sensação de triunfo, mas a vastidão do território, a extensão das linhas de comunicação e o tamanho inesperado do Exército Vermelho os deixavam inquietos. Poucos acreditavam que seria possível sair vitoriosos naquele ano. Eles temiam o inverno russo, para o qual estavam tremendamente mal equipados. As divisões de infantaria precisavam de coturnos depois de marchar centenas de quilômetros, e pouco havia sido feito para fornecer roupas quentes, porque Hitler proibira qualquer discussão sobre o assunto. As unidades panzer enfrentavam escassez de tanques e motores para repor os que a poeira grossa danificara. Contudo, para desalento dos comandantes, Hitler relutava em liberar reservas. A grande ofensiva contra Moscou, a Operação Taifun, só ficou pronta no final de setembro. Ela havia sido postergada porque o 4º Grupo Panzer do coronel-general Erich Hoepner tinha sido barrado no impasse em torno de Leningrado. O Grupo de Exércitos do Centro do marechal de campo Von Bock reunia um milhão e meio de homens, inclusive três grupos panzer bastante enfraquecidos. Eles combatiam a Frente da Reserva do marechal Semyon Budenny e a Frente de Briansk do coronel-general Andrei Yeremenko. A Frente do Ocidente do coronel-general Ivan Konev

formava uma segunda linha atrás dos exércitos de Budenny. Doze destas divisões consistiam em milícias sem treinamento e pateticamente armadas, incluindo estudantes e professores da Universidade de Moscou. “A maioria dos soldados das milícias usava sobretudos e chapéus civis”,² escreveu um deles. Quando marchavam pelas ruas, as pessoas pensavam que eram guerrilheiros a serem enviados contra a retaguarda alemã.

Em 30 de setembro, na neblina do amanhecer de outono, a fase preliminar da Operação Taifun teve início quando o Exército Panzer de Guderian atacou pelo nordeste em direção à cidade de Orel, a mais de 300 quilômetros ao sul de Moscou. O céu logo clareou, permitindo à Luftwaffe apoiar as pontas de lança panzers. O ataque súbito semeou o pânico pelo campo.

“Pensei que já havia visto uma retirada”, escreveu Vasily Grossman em sua caderneta, “mas nunca vi o que estou vendo agora [...] O êxodo! O Êxodo bíblico! Os veículos movem-se lado a lado em frentes de oito, há o ruído violento de dúzias de caminhões tentando ao mesmo tempo safar os pneus da lama. Manadas imensas de ovelhas e vacas são tangidas pelos campos. Seguem-lhes trens e carroças puxadas por cavalos, e há milhares de vagões cobertos com panos de aniagem coloridos. Há também multidões de pedestres com sacos, trouxas, malas [...] as cabeças loiras e morenas das crianças olham por debaixo das coberturas improvisadas sobre as carroças, e também as barbas dos anciãos judeus e os cabelos negros das meninas e mulheres judias. Quanto silêncio nos seus olhos, quanta dor sufocada, que sensação de destino, de catástrofe universal! À noite o sol surge em meio a nuvens pretas e cinza de várias camadas. Os seus raios são amplos e estendem-se do céu ao solo, como nas pinturas de Doré que retratam aquelas cenas bíblicas assustadoras, quando as forças celestiais atingem a Terra.”³

Em 3 de outubro, rumores sobre o avanço acelerado chegaram a Orel, mas os oficiais mais antigos na cidade recusaram-se a crer nos informes e continuaram bebendo. Desalentado com esta complacência fatal, Grossman e seus companheiros foram para a estrada de Bryansk, esperando ver tanques alemães a qualquer momento. Mas eles já estavam logo ali na frente. As pontas de lança de Guderian entraram em Orel às 18h, com a vanguarda de panzers ultrapassando os bondes na rua.

No dia anterior, 2 de outubro, mais ao norte, a principal fase da Taifun havia começado. Após um bombardeio curto e o lançamento de uma cortina de fumaça, os 3º e 4º Grupos Panzer atacaram os dois lados da Frente da Reserva comandada pelo marechal Budenny. Este, também camarada de Stalin da guerra

civil, era um bufão e bêbado bigodudo que não conseguia achar o próprio quartel-general. O comandante em chefe de Konev ficou encarregado de lançar o contra-ataque da Frente do Ocidente com duas divisões e duas brigadas blindadas, mas foram repelidas. As comunicações falharam, e em seis dias os dois grupos panzer haviam cercado cinco exércitos de Budenny e fizeram a junção em Viazma. Os tanques alemães perseguiram os soldados do Exército Vermelho, tentando esmagá-los sob as lagartas. Aquilo se tornou uma espécie de esporte.⁴

O Kremlin não tinha muita informação sobre o desastre caótico que ocorria a oeste. Só em 5 de outubro o Stavka recebeu um informe de um piloto de caça que havia avistado uma coluna de 20 quilômetros de veículos blindados alemães avançando em Yukhnov. Ninguém conseguiu acreditar. Outros dois voos de reconhecimento foram enviados e confirmaram a notícia, mas ainda assim Beria ameaçou colocar o comandante deles diante de um tribunal do NKVD por “incitar ao pânico”.⁵ No entanto, Stalin reconheceu o perigo. Convocou uma reunião do Comitê de Defesa Estatal e enviou uma mensagem a Jukov em Leningrado para que regressasse a Moscou.

Jukov chegou em 7 de outubro. Mais tarde, afirmou que ao entrar na sala de Stalin ouviu-o dizer a Beria que usasse os seus agentes para fazer contato com os alemães e sondar a possibilidade de fazer a paz. Stalin ordenou a Jukov que se dirigisse imediatamente ao quartel-general da Frente do Ocidente e o informasse de modo preciso sobre a situação. Ele chegou ao cair da noite e encontrou Konev e seus oficiais debruçados sobre um mapa à luz de velas. Jukov telefonou para Stalin e informou-o que os alemães haviam cercado cinco dos exércitos de Budenny a oeste de Viazma. Nas primeiras horas de 8 de outubro, no quartel-general da Frente da Reserva, ele descobriu que há dois dias Budenny não aparecia por lá.

A situação no interior dos cercos de Viazma e Briansk era indescritível. Stukas, caças e bombardeiros atacavam quaisquer grupos suficientemente grandes para chamar a atenção, enquanto os panzers e a artilharia disparavam constantemente nas tropas encurraladas. Os corpos empilhados apodreciam. Sujos e famintos, os soldados do Exército Vermelho matavam cavalos para comer, e os feridos morriam sem atendimento médico em meio ao caos. Em conjunto, quase três quartos de milhão de homens haviam sido encurralados. Os que se rendiam eram obrigados a depor as armas e marchar para o oeste sem alimentos. “Os russos são bestas”, escreveu um major alemão. “fazem-me recordar as expressões embrutecidas dos negros na campanha francesa. Que canalhada!”⁶

Quando Grossman escapou de Orel pouco adiante dos alemães, em 3 de outubro, dirigiu-se ao quartel-general de Yeremenko, na floresta de Briansk. Durante toda a noite do dia 5, Yeremenko esperou por uma resposta à sua solicitação de bater em retirada, mas nenhuma autorização de Stalin chegou. Nas primeiras horas de 6 de outubro, Grossman e os correspondentes que o acompanhavam souberam que até o quartel-general da linha de frente estava ameaçado. Rumaram para Tula o mais rapidamente que puderam, antes que os alemães bloqueassem a estrada. Yeremenko fora ferido na perna e quase capturado durante o assédio à Frente de Briansk. Retirado em um aeroplano, teve mais sorte que o major-general Mikhail Petrov, comandante do L Exército, que morreu de gangrena em uma cabana de lenhador no coração da floresta.

Grossman ficou desalentado com o caos e o medo por trás das linhas. Em Belev, na estrada para Tula, ele observou: “Circulam vários rumores insanos, ridículos e profundamente eivados de pânico. Subitamente, há uma tempestade louca de tiros. Descobre-se que alguém havia acendido as luzes das ruas e soldados e oficiais abriram fogo sobre os lampiões com rifles e pistolas para apagá-los. Deviam ter atirado desse jeito nos alemães.”⁷

Contudo, nem todas as formações soviéticas lutavam mal. Em 6 de outubro, o 1º Corpo de Fuzileiros de Guardas, comandado pelo major-general D. D. Lelyushenko e apoiado por duas brigadas aeroterrestres e pela 4ª Brigada Blindada do coronel M. I. Katukov, contra-atacou a 4ª Divisão Panzer de Guderian perto de Mtsensk em uma emboscada astuciosa. Katukov ocultou os T-34 na floresta e deixou o principal regimento panzer passar. Quando ele foi barrado pela infantaria de Lelyushenko, os tanques surgiram em meio às árvores e atacaram. Bem conduzido, o T-34 era superior ao panzer Mark IV, e a 4ª Divisão Panzer sofreu perdas significativas. Guderian ficou visivelmente abatido ao descobrir que o Exército Vermelho estava começando a aprender com os próprios erros e com as táticas alemãs.

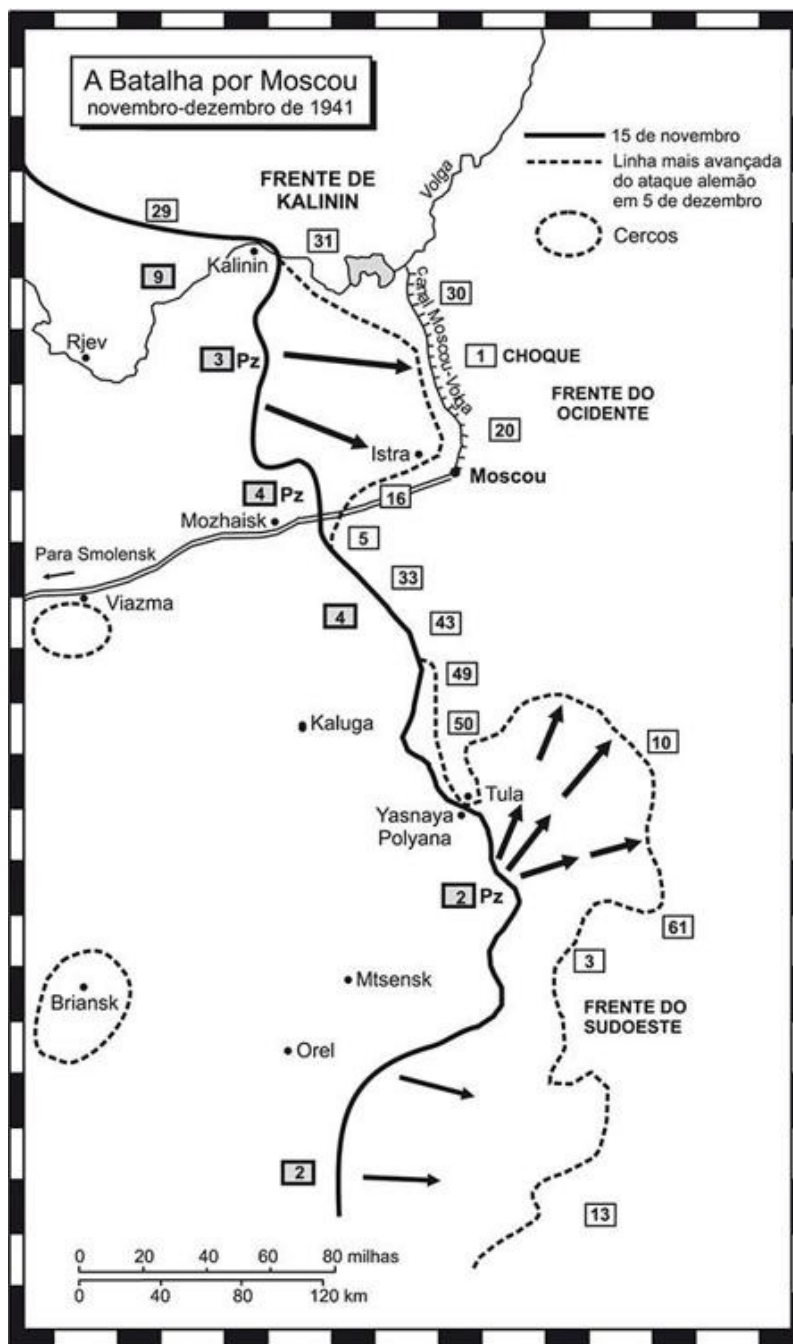
Naquela noite nevou e depois houve um descongelamento rápido. A *rasputitsa*, a estação de chuva e lama, chegara bem a tempo de retardar o avanço alemão. “Acho que ninguém tinha visto uma lama tão terrível”, escreveu Grossman. “Há chuva, neve, granizo, um pântano líquido sem fundo, uma pasta preta misturada por milhares e milhares de rastros de botas, rodas e lagartas. E todos estão contentes outra vez. Os alemães devem atolar no nosso outono infernal.”⁸ Mas o avanço em direção a Moscou prosseguia, apesar do ritmo mais lento.

Na estrada Orel-Tula, Grossman não resistiu e visitou a propriedade de Tolstoi em Yasnaya Polyana. Lá, encontrou a neta de Tolstoi empacotando a casa e o museu para esvaziá-los antes da chegada dos alemães. Ele imediatamente

recordou o trecho de *Guerra e Paz* em que o velho príncipe Bolkonsky teve de deixar a sua casa de Lysye Gory com a chegada do exército de Napoleão. “O túmulo de Tolstoi”, anotou em sua caderneta, “o estrondo dos caças acima, o ruído das explosões e a majestosa calma do outono. É tão difícil. Poucas vezes senti tanta dor.”⁹ O seguinte visitante foi o general Guderian, que transformou o lugar em quartel-general para o ataque a Moscou.

Poucas divisões soviéticas escaparam ao cerco de Viazma, ao norte. Até aquele momento, o bolsão menor de Briansk era o maior desastre, com mais de 700 mil homens mortos ou capturados. Os alemães sentiam o cheiro da vitória e a euforia se alastrou. No caminho para Moscou havia poucas defesas. Logo, a imprensa alemã clamava vitória total, mas isto incomodou o ambicioso marechal de campo Von Bock.

Em 10 de outubro, Stalin ordenou a Jukov que assumisse o comando da Frente do Ocidente e Konev e os remanescentes da Frente da Reserva. Jukov conseguiu persuadir Stalin de que Konev (que mais tarde se tornaria o seu maior rival) devia ser mantido e não transformado em bode expiatório. Stalin ordenou-lhe que sustentasse a linha em Mozhaisk, a apenas cem quilômetros de Moscou, na autoestrada de Smolensk. Percebendo a escalada do desastre, o Kremlin ordenou a construção de uma nova linha de defesa por um quarto de milhão de civis, em sua maioria mulheres, recrutadas para cavar trincheiras e fossas anticarro. Muitas foram mortas quando trabalhavam por soldados alemães extraviados.



A disciplina tornou-se ainda mais feroz, com os grupos de bloqueio do NKVD prontos para atirar em quem recuasse sem instruções. “Eles usavam o medo para domar o medo”,¹⁰ explicou um oficial do NKVD. Os Destacamentos Especiais do NKVD (que em 1943 foram denominados SMERSh) já estavam interrogando soldados e oficiais que haviam escapado dos cercos. Quem fosse classificado de covarde ou suspeito de ter mantido qualquer tipo de contato com o inimigo era fuzilado ou enviado às *shtrafroty* — as companhias punitivas. Lá, os esperavam as tarefas mais mortais, tais como liderar ataques contra campos minados. Os

criminosos dos Gulags também eram recrutados como *shtrafroty* e permaneciam criminosos. Até mesmo a execução de um chefe de quadrilha por um homem do NKVD que atirou na sua testa teve efeito temporário sobre os seus seguidores.¹¹

Outros esquadrões do NKVD investigaram em hospitais de campanha os possíveis casos de ferimentos autoprovocados. Executavam imediatamente os chamados “autoatiradores” ou “canhotos” — os que atiravam na própria mão esquerda na tentativa ingênua de escapar da luta. Um cirurgião polonês no Exército Vermelho mais tarde admitiu que amputara mãos de rapazes que haviam feito isto só para livrá-los do pelotão de fuzilamento. Claro que os prisioneiros do NKVD passavam por coisas ainda piores. Beria mandou executar 157 cativos proeminentes, inclusive a irmã de Trotsky. Outros foram eliminados por guardas que atiravam granadas de mão nas suas celas. A “máquina de moer carne” só foi afrouxada no final do mês, quando Stalin disse a Beria que as suas teorias conspiratórias eram uma asneira.¹²

A deportação de 375 mil alemães do Volga para a Sibéria e o Cazaquistão, que começou em setembro, foi acelerada para incluir todas as pessoas de origem alemã em Moscou. Tiveram início os preparativos para detonar o metrô e edifícios importantes da capital. Até a *dacha* de Stalin foi minada. Os esquadrões de assassinato e sabotagem do NKVD se mudaram para casas seguras na cidade, prontos para fazer guerra de guerrilha contra a ocupação alemã. O corpo diplomático recebeu instruções de partir para Kuibyshev, no Volga, cidade que já havia sido apontada como capital de reserva do governo. As principais companhias teatrais de Moscou, símbolos da cultura soviética, também foram instruídas a deixar a capital. O próprio Stalin não conseguia decidir se ficava ou deixava o Kremlin.

Em 14 de outubro, enquanto parte do II Exército Panzer de Guderian circundava a cidade de Tula, fortemente defendida, a 1ª Divisão Panzer capturava Kalinin, ao norte de Moscou, tomava a ponte sobre o alto Volga e destruía a ferrovia Moscou-Leningrado. Ao centro, a Divisão SS *Das Reich* e a 10ª Divisão Panzer chegaram ao campo de batalha napoleônico de Borodino, a apenas 110 quilômetros da capital. Lá, travaram luta dura contra uma força mais bem armada pelos novos lançadores de foguetes Katyusha e dois regimentos de fuzileiros siberianos, precursores de muitas divisões cujo desdobramento em torno de Moscou pegaria os alemães de surpresa.

Richard Sorge, o principal agente soviético em Tóquio, havia descoberto que os japoneses planejavam atacar os americanos no sul do Pacífico. Stalin não confiava inteiramente em Sorge, embora ele tivesse acertado com relação à Barbarossa, mas a informação foi confirmada pela interceptação de sinais. A diminuição da ameaça no extremo oriente da União Soviética permitiu a Stalin

trazer ainda mais divisões para o oeste, ao longo da ferrovia transiberiana. A vitória de Jukov em Khalkhin Gol tivera um papel de peso nesta importante mudança estratégica japonesa.

Os alemães haviam subestimado o efeito da chuva e da neve sobre sua progressão, que transformava as estradas em lodaçais de terra espessa e preta. O suprimento de combustível, munição e ração não conseguia passar, e o avanço perdeu ímpeto. Também houve atrasos devido à resistência dos soldados encurralados nos cercos, que impediam os invasores de liberar tropas para avançar sobre Moscou. O *General der Flieger* Wolfram von Richthofen voou a baixa altitude sobre os remanescentes do bolsão de Viazma e avistou pilhas de cadáveres e veículos e armas destruídos.

O Exército Vermelho também foi ajudado pela interferência de Hitler. A 1ª Divisão Panzer em Kalinin, posicionada para atacar para o sul em direção a Moscou, repentinamente foi instruída a rumar na direção oposta com o IX Exército para tentar outro cerco com o Grupo de Exércitos do Norte. Hitler e o OKW não tinham ideia das condições em que as tropas estavam lutando, mas a *Siegeseuphorie*, ou a euforia da vitória no quartel-general do Führer estava dissipando a concentração de forças contra Moscou.

Em 15 de outubro, Stalin e o Comitê Estatal de Defesa decidiram transferir o governo para Kuibyshev. Os funcionários receberam ordens de deixar as suas mesas e subir nos caminhões enfileirados do lado de fora, que os levariam à estação ferroviária de Kazan. Outros tiveram a mesma ideia. “Chefes de diversas fábricas colocaram as suas famílias em caminhões e saíram da capital e foi quando tudo começou. Os civis começaram a saquear as lojas. Caminhando pelas ruas, viam-se por toda parte rostos avermelhados e contentes de gente bêbada carregando fieiras de linguiça e rolos de tecidos embaixo do braço. Aconteciam coisas que seriam impensáveis dois dias antes. Dizia-se nas ruas que Stalin e o governo haviam fugido de Moscou.”¹³

O pânico e os saques eram estimulados por boatos disparatados de que os alemães estavam às portas da cidade. Funcionários amedrontados destruíam os seus cartões do Partido Comunista, atitude da qual se arrependeriam mais tarde, quando o NKVD restaurou a ordem, e eles viriam a ser acusados de derrotismo criminoso. Na manhã de 16 de outubro, Aleksei Kosygin entrou no edifício do Sovnarkom, o Conselho dos Comissários do Povo, do qual era presidente. Encontrou o local destrancado e abandonado e papéis secretos pelo chão. Os telefones soavam nos escritórios vazios. Supondo que seriam chamadas de pessoas tentando saber se o governo havia partido, ele atendeu. Um funcionário

perguntou se Moscou se renderia.

Nas ruas, a polícia havia desaparecido. Como na Europa ocidental no ano anterior, Moscou sofreu uma psicose de paraquedistas inimigos. Natalya Gesse, que coxeava com muletas após uma cirurgia, se viu “cercada por uma multidão que suspeitava que havia quebrado as pernas ao saltar de paraquedas de um avião”.¹⁴ Muitos saqueadores estavam bêbados e justificavam as suas ações dizendo que era melhor levar o que pudessem antes que os alemães o fizessem. Nas estações, as turbas tomadas pelo pânico tentando invadir os trens que partiam foram descritas como “redemoinhos humanos”¹⁵ em que crianças eram arrancadas dos braços das mães. “O que ocorreu na estação de Kazan é indescritível”,¹⁶ escreveu Ilya Ehrenburg. As coisas estavam um pouco melhor nas estações ao oeste de Moscou, onde centenas de soldados feridos haviam sido largados em macas ao longo das plataformas sem atenção médica. Mulheres que buscavam desesperadas um filho, marido ou namorado caminhavam entre eles.

Deixando a fortaleza do Kremlin, Stalin ficou chocado com o que viu. O estado de sítio foi declarado e os regimentos de fuzileiros do NKVD foram às ruas para evacuá-las, matando de imediato os saqueadores e desertores. A ordem foi restaurada de modo brutal. Então Stalin decidiu que ficaria, e isto foi anunciado pelo rádio. Foi um momento crítico de efeito considerável. Os ânimos passaram do pânico em massa à determinação massiva de defender a cidade a todo custo. Foi um fenômeno similar à mudança de atitude durante a defesa de Madri, cinco anos antes.

Depois de reforçar a necessidade de manter sigilo, Stalin disse ao Comitê Estatal de Defesa que as comemorações do aniversário da Revolução Bolchevique seguiriam em frente. Vários membros se assombraram, mas reconheceram que talvez valesse a pena correr o risco e demonstrar ao país e ao mundo que Moscou nunca se renderia. Na “véspera da Revolução”, Stalin fez um discurso no amplo saguão ornamentado da estação Maiakovski do metrô, o qual foi transmitido por rádio. Evocou os grandes heróis da história russa Aleksandr Nevsky, Dmitri Donskoy, Suvorov e Kutuzov, que estavam longe de ser proletários. “Os invasores alemães querem uma guerra de extermínio. Muito bem. Eles a terão!”¹⁷

Aquele foi o notável ressurgimento de Stalin na consciência soviética, após vários meses em que evitou ser associado aos desastres da retirada. “Olhei registros de jornais antigos entre julho e novembro de 1941 e o nome de Stalin raramente era mencionado”,¹⁸ escreveu Ilya Ehrenburg muitos anos depois.

Agora, o líder estava inextricavelmente ligado à defesa corajosa da capital. No dia seguinte, 7 de novembro, do mausoléu vazio de Lenin na Praça Vermelha, Stalin saudou numerosos destacamentos de reforços que marchavam sob a neve,

prontos para virarem para noroeste em direção à frente de batalha. O astuto Stalin havia previsto o efeito que este golpe teatral causaria e assegurou que fosse filmado para os cinejornais estrangeiros e domésticos.

Na semana seguinte, houve uma geada forte, e em 15 de novembro o avanço alemão prosseguiu. Logo ficou claro para Jukov que a principal linha de ataque seria no setor de Volokolamsk, onde o XVI Exército de Rokossovsky foi forçado a recuar. Jukov estava sob forte pressão e irritou-se com Rokossovsky. A diferença entre os dois era flagrante, embora ambos tivessem pertencido à cavalaria. O primeiro era um azougue atarracado e impiedoso e o segundo, alto e elegante, era calmo e pragmático. Rokossovsky, proveniente de uma família da baixa nobreza polonesa, havia sido preso quase ao fim do expurgo do Exército Vermelho. Tinha nove dentes de aço em substituição aos que perdeu na “esteira transportadora” das sessões de interrogatório. Stalin ordenou que o libertassem, mas o fazia recordar de tempos em tempos que a concessão era temporária. Qualquer erro e seria devolvido aos brutamontes de Beria.

Em 17 de novembro, Stalin assinou a ordem para que as forças e os guerrilheiros “destruam e queimem”¹⁹ todos os edifícios na zona de combate e além, para negar abrigo aos alemães diante das geadas que se avizinhavam. O destino dos civis não foi levado em consideração em momento algum. O sofrimento dos soldados, principalmente os feridos depositados nas plataformas das estações, era também atroz. “As estações estavam cobertas de excremento humano e soldados feridos com bandagens ensanguentadas”,²⁰ escreveu um oficial do Exército Vermelho.

Pelo fim de novembro, o III Exército Panzer estava a 40 quilômetros a noroeste de Moscou. Uma das suas unidades da vanguarda chegou a conquistar uma cabeça de ponte sobre o canal Moscou-Volga. Enquanto isso, o IV Exército Panzer alcançava um ponto a 16 quilômetros da borda oeste de Moscou, depois de fazer recuar o XVI Exército de Rokossovsky. Dizem que em meio a uma intensa neblina um motociclista do Regimento SS *Deutschland* entrou em Moscou e foi atingido pelos disparos de uma patrulha do NKVD junto à Estação Bielorrussa.²¹ Outras unidades alemãs podiam divisar as cúpulas do Kremlin em forma de cebola com binóculos de longo alcance. Os alemães vinham lutando desesperadamente, pois sabiam que a força brutal do inverno russo em breve cairia sobre eles. Mas as tropas estavam exaustas e muitos já sofriam de ulcerações por enregelamento.

Os trabalhos de defesa nas vias de acesso para Moscou continuavam em um ritmo frenético. “Ouriços” de aço feitos de vigas metálicas fundidas que formavam estrepes gigantescos funcionavam como obstáculos anticarro. O NKVD havia organizado “batalhões contratorpedeiros”²² para combater as tropas

de paraquedistas ou as sabotagens em fábricas importantes e como última linha de defesa. Cada homem recebeu um fuzil, dez cartuchos e algumas granadas. Temeroso de que Moscou fosse cercado pelo norte, Stalin ordenou a Jukov que preparasse uma série de contra-ataques. Mas primeiro precisou reforçar os exércitos a noroeste de Moscou, golpeados pelos III e o IV Exércitos Panzer.

No sul do país a situação também parecia crítica. Em meados de outubro, o grupo de exércitos de Rundstedt havia tomado a região mineira e industrial de Donbas, quando os romenos finalmente invadiram Odessa. O XI Exército de Manstein na Crimeia assediava a grande base naval de Sebastopol. O I Exército Panzer avançou rapidamente, em direção ao Cáucaso, deixando a infantaria para trás. Em 21 de novembro, a 1ª Divisão Panzer SS *Leibstandarte Adolf Hitler*, comandada pelo *Brigadeführer* Sepp Dietrich, que Richthofen chamava de “o bom e velho cavalo de batalha”,²³ entrou em Rostov, no limiar do Cáucaso, e conquistou uma cabeça de ponte sobre o rio Don. Hitler ficou exultante. Os campos petrolíferos mais ao sul pareciam ao seu alcance. Mas a ponta de lança panzer de Kleist estava dispersa demais e o seu flanco esquerdo guardado de modo débil por tropas húngaras armadas. O marechal Timoshenko aproveitou a oportunidade e contra-atacou através do Don congelado.

Ao perceber que um avanço completo pelo Cáucaso seria impossível antes da primavera, Rundstedt²⁴ recuou as suas forças de volta à linha do rio Mius, que fluía para o mar de Azov, a oeste de Taganrog. Hitler reagiu a esse primeiro recuo do exército alemão com incredulidade raivosa. Ordenou que cancelassem imediatamente a retirada. Rundstedt apresentou a sua demissão, que foi imediatamente aceita. Em 3 de dezembro, Hitler voou para o quartel-general do Grupo de Exércitos do Sul em Poltava, onde o invasor anterior, Carlos XII da Suécia, fora definitivamente derrotado. No dia seguinte, nomeou o marechal de campo Von Reichenau, um nazista convicto, que Rundstedt descrevera depreciativamente como um valentão que “corre por aí seminu quando faz exercícios físicos”.

Hitler ficou abalado ao descobrir que Sepp Dietrich, comandante da SS *Leibstandarte*, concordava com a decisão de Rundstedt. Depois de ter assegurado a Hitler que não recuaria, Reichenau prontamente conduziu a retirada, apresentando um *fait accompli* ao quartel-general do Führer. Depois de ter sido contrariado, Hitler compensou Rundstedt com um presente de aniversário de 275 mil marcos. Com frequência ele dizia, cinicamente, que era muito fácil subornar os generais com dinheiro, propriedades e condecorações.

Leningrado fora salva da aniquilação, em parte devido à liderança impiedosa de Jukov e à determinação das tropas, mas principalmente em virtude da decisão alemã de se concentrar em Moscou. A partir daí, o Grupo de Exércitos do Norte passou a ser malvisto na frente oriental, quase sem receber reforços e constantemente temeroso de ser privado de suas unidades para reforçar formações no centro e no sul da URSS. Esta negligência no lado germânico era ainda pior no lado soviético, pois Stalin diversas vezes pretendeu privar Leningrado de tropas para defender Moscou. Ele não tinha muito apreço pelo que considerava uma cidade de intelectuais que desprezavam os moscovitas e eram suspeitamente apreciadores da Europa ocidental. É difícil saber o quão seriamente ele considerou desistir da cidade, mas é óbvio que no outono e no inverno estava muito mais preocupado em preservar as forças da Frente de Leningrado do que a cidade, e ainda menos os seus cidadãos.

As tentativas soviéticas de romper o cerco a partir de fora com o LIV Exército não conseguiram mover os alemães da margem mais austral do lago Ladoga. Porém, ao menos os defensores mantinham o istmo entre a cidade e o lago, embora isto se devesse em parte à cautela dos finlandeses, que hesitavam em avançar pelo território soviético de antes de 1939.

O cerco adquiriu um padrão, com bombardeios alemães regulares sobre a cidade em horas determinadas. As baixas civis aumentaram, mas principalmente por fome. Leningrado era de fato uma ilha. A única ligação ainda possível com o “continente” era através do lago Ladoga ou por ar. Cerca de 2,8 milhões de civis estavam sitiados e, com meio milhão de soldados, as autoridades tinham de se encarregar de alimentar 3,3 milhões de pessoas. Em uma sociedade supostamente igualitária, a distribuição de alimentos era chocantemente desigual. Os funcionários do partido asseguravam que parentes e amigos não sofressem, e os que controlavam a provisão de alimentos, das padarias individuais às cantinas, lucraram sem o menor pudor. Muitas vezes era preciso distribuir propinas para obter até a ração básica.

Na realidade, comida era poder, tanto para o indivíduo corrupto quanto para o Estado soviético, que há muito a usava para forçar à submissão ou se vingar das categorias de pessoas desfavorecidas. Os operários, as crianças e os soldados recebiam rações completas, mas outros, como as donas de casa e os adolescentes, recebiam apenas a ração dos “dependentes”.²⁵ O seu cartão de racionamento ficou conhecido como *smertnik* — o cartão da morte. Com uma relação verdadeiramente soviética diante da hierarquia, eram considerados “bocas inúteis”, ao passo que os chefes do Partido recebiam rações suplementares para ajudá-los a tomar decisões favoráveis ao bem comum.

“A nossa situação alimentar é muito ruim”, anotou Vasily Churkin no final de

outubro, quando defendia a linha próxima a Shlisselburg, no lago Ladoga. “Recebemos 300 gramas de um pão preto como terra e uma sopa aguada. Alimentamos os cavalos com ramos de bétula sem folhas e eles morrem um atrás do outro. Os habitantes de Beryozovka e os soldados só deixam os ossos dos cavalos que morrem. Cortam pedaços da carne e a cozinham.”²⁶

Os soldados estavam muito melhor que os civis, e os que tinham família na cidade esperavam pelo inverno com uma ansiedade crescente. Começaram a circular histórias assustadoras de canibalismo. Churkin registrou que “o nosso cabo Andronov, um camarada alto e de ombros largos, cheio de energia, cometeu um erro e pagou com a vida. O chefe de abastecimento mandou-o a Leningrado em uma viatura com algum pretexto. Naquela época, em Leningrado eles passavam mais fome do que nós, e a maioria de nós tinha família por lá. O veículo com Andronov foi retido no caminho. Nele, encontraram comida enlatada, carne e cereais, que havíamos poupado das nossas rações escassas [para enviar às nossas famílias]. O tribunal condenou Andronov e o seu chefe à morte. A sua mulher e o filho pequeno estavam em Leningrado. As pessoas dizem que o vizinho comeu a criança e a mulher enlouqueceu.”²⁷

A cidade esfomeada precisava de geadas fortes para que o gelo no lago Ladoga endurecesse o suficiente para aguentar os caminhões que traziam provisões pela “estrada de gelo”. A primeira semana de dezembro foi de grandes riscos. “Vi um caminhão Polutorka”, escreveu Churkin, “com as rodas traseiras enfiadas no gelo. Nele havia sacas de farinha, e estavam secas [...] a cabine apontava para o alto, as rodas dianteiras estavam apoiadas no gelo. Passei por uma dúzia de caminhões Plutorka carregados de farinha congelados no lago. Eram os pioneiros da ‘Estrada da Vida’. Não havia nada além deles.”²⁸ Os habitantes de Leningrado teriam de esperar um pouco mais pelos suprimentos já estocados. No assentamento de Kabona, à beira do lago, Churkin viu que “ao longo da margem, estendendo-se por tantos quilômetros que não se via o fim, havia uma quantidade imensa de sacas com farinha e caixas com alimentos preparados para serem enviados pelo gelo para uma Leningrado faminta”.²⁹

No início de dezembro, muitos comandantes alemães do Grupo de Exércitos do Centro perceberam que as suas tropas exaustas e enregeladas não conseguiriam tomar Moscou. Queriam recuar as forças exauridas para uma linha defensiva até a primavera, mas estes argumentos já haviam sido descartados pelo general Halder por instrução do quartel-general do Führer. Alguns começaram a recordar 1812 e o terrível recuo do exército de Napoleão. Mesmo com a lama dura de gelo, a situação do suprimento não havia melhorado. Com as temperaturas indo a

menos de 20° C e muitas vezes com visibilidade zero, a Luftwaffe ficou em terra a maior parte do tempo. Assim como as equipes terrestres dos campos de pouso, as tropas motorizadas tinham de acender fogueiras sob os motores dos veículos para conseguir dar a partida. As metralhadoras e fuzis congelavam, pois a Wehrmacht não tinha o óleo adequado para a guerra de inverno, e os rádios não funcionavam em temperaturas extremas.

Os cavalos de tração e de carga trazidos da Europa ocidental não estavam habituados ao frio e lhes faltava forragem. O pão chegava duro de gelo. Os soldados o cortavam com serras de arco e o descongelavam nos bolsos das calças para poder comê-lo. Os *Landser*s debilitados não conseguiam cavar trincheiras no solo duro como aço sem antes derretê-lo com enormes fogueiras. Tinham chegado parques substitutos para as suas botas, que estavam despedaçadas depois de tantas marchas. Também havia escassez de luvas adequadas. As baixas por enregelamento eram agora maiores que o número de feridos em combate. Os oficiais reclamavam que os soldados estavam parecendo camponeses russos, pois haviam roubado roupas de inverno dos civis, às vezes forçando-os a entregar as botas à ponta de armas.

Mulheres, crianças e velhos eram obrigados a sair das suas cabanas, ou *izbas*, cujos pisos eram arrebatados pelos soldados em busca de reservas de batatas. Teria sido menos cruel matar as vítimas do que fazê-las morrer de fome ou frio, desabrigadas no que se revelava o inverno mais rigoroso dos últimos anos. As condições dos prisioneiros soviéticos eram as piores possíveis. Eles morreram de exaustão aos milhares nas marchas forçadas para o oeste através da neve e também de fome e doenças, principalmente tifo. Alguns foram levados ao canibalismo no estado desumanizado do sofrimento abjeto. A cada manhã, os guardas os faziam correr por algumas centenas de metros enquanto os golpeavam. Os que caíam eram mortos de imediato. A crueldade tornou-se viciante entre os que tinham controle absoluto sobre seres que haviam aprendido a desprezar e odiar.

Em 1º de dezembro, por fim a artilharia pesada alemã tinha condições de alcance para atingir Moscou. Naquele dia, o IV Exército do marechal de campo Von Kluge começou o ataque final à cidade a partir do oeste. O vento gelado formava montes de neve e os soldados se cansavam de ter de cruzá-los. Porém, com uma barragem de surpresa da artilharia e um pouco de apoio aéreo da Luftwaffe, o 20º Corpo conseguiu passar pelo XXXIII Exército em direção à estrada Minsk-Moscou. A retaguarda do V Exército soviético também foi ameaçada. Jukov reagiu imediatamente e lançou todos os reforços que conseguiu reunir, inclusive

a 32ª Divisão Siberiana de Fuzileiros.

A posição do Exército Vermelho foi restaurada no final do dia 4 de dezembro. A infantaria alemã estava entrando em colapso pela exaustão e o frio. A temperatura havia caído para menos de 30° C. “Não consigo descrever o que isto significa”, escreveu à família um cabo da 23ª Divisão de Infantaria. “Primeiro, o frio assustador, nevascas, os pés completamente encharcados — as nossas botas nunca secam e não temos autorização de tirá-las — e depois o estresse com os russos.”³⁰ Kluge e Bock sabiam que haviam falhado. Tentaram se consolar com a ideia de que o Exército Vermelho também devia estar nas últimas, como Hitler sempre insistia em dizer. Não podiam estar mais equivocados. Nos últimos seis dias, Jukov e o Stavka estiveram preparando um contra-ataque.

Com líderes como Jukov, Rokossovsky, Lelyushenko e Konev, um novo profissionalismo começava a surtir efeito. Aquela já não era a organização esclerosada de junho passado em que os comandantes, aterrorizados de serem presos pelo NKVD, não se atreviam a demonstrar a menor iniciativa. As pesadas formações daquele período também haviam sido abandonadas. Agora, o exército soviético consistia em pouco mais de quatro divisões. Naquele momento, o nível de comando no corpo de exército havia sido desbastado para melhorar o controle.

Onze novos exércitos tinham sido formados por trás das linhas. Alguns incluíam batalhões de esquiadores e as bem treinadas divisões siberianas, adequadamente equipadas para a guerra de inverno com jaquetas acolchoadas e uniformes e casacos brancos para camuflagem. Com suas lagartas largas, o novo tanque T-34 enfrentava muito melhor o gelo e a neve que os panzers alemães. À diferença dos equipamentos alemães, as armas e veículos soviéticos usavam lubrificantes adequados à baixa temperatura. Os regimentos de aviação do Exército Vermelho se reuniam em campos à volta de Moscou. Com os caças Yak e os aviões Shturmovik para ataque terrestre, alcançaram superioridade aérea pela primeira vez, enquanto a maior parte da Luftwaffe permanecia congelada em terra.

O plano de Jukov, aprovado por Stalin, era eliminar os dois salientes germânicos em ambos os lados de Moscou. O principal, ao norte, reunia o IV Exército e os desfalcados III e IV Exércitos Panzer. O do sul, a leste de Tula, era dominado pelo II Exército Panzer de Guderian. Mas este, percebendo o perigo, começara a recuar algumas unidades de sua vanguarda.

Às 3h de sexta-feira, 5 de dezembro, a recém-formada Frente de Kalinin de Konev avançou pelo lado norte do saliente principal, e os XXIX e XXXI Exércitos atacaram pelo Volga congelado. Na manhã seguinte, o I Exército de Choque e o XXX Exército avançaram pelo oeste. Então Jukov enviou outros três

exércitos, inclusive o XVI Exército reforçado de Rokossovsky e o XX Exército de Vlasov, contra o lado sul. Ele pretendia isolar os III e IV Exércitos Panzer. Assim que se abriu uma brecha, o 2º Corpo de Cavalaria de Guardas do major-general Lev Dovator atacou para criar confusão na retaguarda alemã. Os resistentes cavalos cossacos enfrentaram um metro de neve e logo alcançaram a infantaria alemã que lutava para recuar em meio à neve.

Ao sul, o L Exército atacou o flanco norte do II Exército Panzer de Guderian a partir de Tula, enquanto o X Exército avançava pelo nordeste. O 1º Corpo de Cavalaria de Guardas de Pavel Belov, apoiado por tanques, atacou a retaguarda alemã. Guderian deslocou-se rapidamente e conseguiu que a maior parte das suas forças se safasse. Mas ele não conseguiu restaurar a linha como esperava, pois a Frente do Sudoeste então despachou o XIII Exército e um grupo operacional contra o II Exército no seu flanco sul. Guderian teve de recuar mais 80 quilômetros. Isto abriu uma grande brecha entre ele e o IV Exército à sua esquerda.

O Exército Vermelho ainda tinha poucos tanques e artilharia, mas com os novos exércitos ele agora quase se equiparava ao contingente alemão na frente de Moscou. A sua maior vantagem era o elemento surpresa. Os alemães haviam descartado totalmente os informes dos pilotos da Luftwaffe sobre formações militares de peso deslocando-se por trás das linhas. Eles também não tinham reservas. E com o tiroteio pesado no sudeste de Leningrado e a retirada do Grupo de Exércitos do Sul para o Mius, Bock não conseguia obter reforços dos flancos. Este sentimento de precariedade atingiu até um terceiro-sargento de suprimentos da 31ª Divisão de Infantaria. “Não sei o que está errado. Mas temos o sentimento de que esta vasta Rússia é simplesmente demais para a nossa força”,³¹ escreveu ele à família.

Por volta de 7 de dezembro, a batalha pelo saliente principal estava indo bem. Parecia que o objetivo soviético de encurralar o III Exército Panzer e parte do IV seria alcançado. Mas o avanço era lento, para grande frustração de Jukov. Os exércitos envolvidos foram retidos ao tentar eliminar todos os pontos de resistência do inimigo, defendidos por *Kampfgruppen*, ou grupos de combate, improvisados. Dois dias depois, Jukov ordenou aos seus comandantes que suspendessem os ataques frontais e desbordassem os centros de resistência para alcançar a retaguarda alemã.

No dia 8 de dezembro, um soldado alemão escreveu em seu diário: “Será que teremos de recuar? Neste caso, que Deus tenha piedade de nós.”³² Eles sabiam o que isto significaria no campo aberto coberto de neve. A retirada ao longo da frente foi marcada pelo incêndio de vilarejos enquanto lutavam para recuar em meio à neve profunda. O caminho ficou entulhado de veículos abandonados por

falta de combustível, cavalos mortos de exaustão e de feridos deixados para trás na neve. As tropas famintas arrancavam pedaços de carne congelada do flanco dos animais.

Os batalhões de esquiadores siberianos surgiam por entre a névoa congelada para inquietar e atacar. Com incontida satisfação, reparavam nos equipamentos completamente inadequados dos alemães, obrigados a se enrolarem em xales e vestirem luvas saqueados das velhas nos vilarejos ou simplesmente arrancados das suas costas. “As nevascas foram excepcionalmente fortes”, escreveu Ehrenburg, “mas os siberianos do Exército Vermelho resmungaram: ‘Bem, se viesse uma nevasca de verdade, isto os mataria de uma vez’.”³³

A sua vingança foi feroz depois de saberem do tratamento dispensado pelos alemães aos soldados e civis. Praticamente livre da Luftwaffe, os caças do Exército Vermelho e os regimentos Shturmovik apossaram as longas colunas de tropzas em retirada, pretas contra a neve. Grupos de ataque dos Corpos de Cavalaria de Guardas de Belov e Dovator atingiram a retaguarda, empunhando sabres ao atacarem depósitos e baterias de artilharia. Os guerrilheiros desorganizavam as linhas de suprimentos, às vezes junto com a cavalaria. Jukov decidiu lançar o 4º Corpo Aeroterrestre por trás das linhas de frente alemãs. As tropas soviéticas não tinham piedade da infantaria alemã, enregelada e infestada de piolhos.

Os hospitais alemães de campanha tiveram de amputar um número cada vez maior de membros, pois o enregelamento não tratado levava à gangrena. Com temperaturas abaixo de 30° C, o sangue congelava instantaneamente nas feridas, e muitos soldados tinham problemas intestinais por dormirem no solo duro de gelo. Quase todos sofriam de diarreia, um mal ainda mais aflitivo naquelas condições. Os que não conseguiam se mover sozinhos estavam condenados. “Muitos feridos se mataram”,³⁴ escreveu um soldado em seu diário.

Com frequência, as armas congeladas emperravam. Os tanques eram abandonados por falta de combustível. O medo de ficarem isolados se espalhou. Um número cada vez maior de oficiais e praças começou a se arrepender do tratamento dispensado aos prisioneiros de guerra soviéticos. Contudo, apesar das recordações recorrentes de 1812 e da sensação de que a Wehrmacht estava tão amaldiçoada como a *Grande Armée* de Napoleão, a retirada não foi exatamente uma derrota. O exército alemão muitas vezes surpreendia o inimigo pela maneira como lutava, especialmente à beira do desastre. *Kampfgruppen* improvisados, formados à ponta de fuzil pela *Feldengendarmerie* que reunia soldados extraviados e liderados por oficiais e graduados determinados, conseguiam resistir com uma mistura de infantaria, engenheiros e armas variadas, como canhões antiaéreos e o velho canhão de campanha autopropulsado. Em 16 de

dezembro, um grupo que havia rompido o cerco por fim alcançou as linhas alemãs. “Há um número enorme de homens tendo colapso nervoso”, um deles anotou em seu diário. “O nosso oficial está aos prantos.”³⁵

A princípio, Hitler reagiu com descrédito à notícia da ofensiva soviética, convencido de que a informação sobre os novos exércitos era um blefe. Não entendia de onde teriam surgido. Humilhado por esta mudança no rumo da guerra após as declarações recentes de vitória sobre os *Untermensch* eslavos, ficou aborrecido e perplexo. Instintivamente, refugiou-se no seu credo visceral de que a vontade triunfaria. O fato de seus homens carecerem de roupas adequadas, munição, ração e combustível para as viaturas blindadas era quase irrelevante para ele. Obcecado com a retirada de Napoleão em 1812, estava determinado a desafiar a repetição da história. Ordenou que as tropas aguentassem firmes, embora fossem incapazes de cavar posições defensivas no solo duro como rocha.

Com todas as atenções em Moscou voltadas para a grande luta a oeste da capital, a notícia do ataque japonês a Pearl Harbor não causou grande impacto. Mas o efeito foi considerável na cidade de Kuibyshev, onde todos os correspondentes estrangeiros se concentravam (sob instruções rigorosas dos censores soviéticos de incluírem a data-hora de Moscou em todos os seus artigos). Ilya Ehrenburg comentou divertido que “os americanos no Grand Hotel saíram aos tapas com os jornalistas japoneses”.³⁶ Para ambos os grupos, era o mínimo que podiam fazer.

Pearl Harbor

SETEMBRO DE 1941- ABRIL DE 1942

No dia 6 de dezembro de 1941, quando começou o contra-ataque soviético ao redor de Moscou, decodificadores da marinha dos EUA decifraram uma mensagem entre Tóquio e o embaixador japonês em Washington. Embora a última parte estivesse faltando, o conteúdo era bastante claro. “Isto significa a guerra”,¹ disse Roosevelt a Harry Hopkins, que estava no Salão Oval naquela noite quando chegou a notícia. O presidente acabara de enviar uma mensagem pessoal ao imperador Hiroito instando o seu país a se afastar do conflito.

No Departamento de Guerra, o chefe da inteligência passou as decodificações ao general-brigadeiro Leonard Gerow, da Divisão de Planejamento de Guerra, com instruções para alertar as bases no Pacífico. Mas Gerow resolveu não fazer nada. “Acho que eles já têm avisos suficientes”,² disse ele. Isto foi porque em 27 de novembro os quartéis-generais da marinha e do exército no Pacífico haviam sido alertados de que a guerra era iminente. A informação da inteligência também se baseava em interceptações do Magic do fluxo informativo da diplomacia japonesa.

Curiosamente, ou talvez de modo significativo, não havia chegado nenhum alerta do Kremlin, malgrado o desejo de Roosevelt de ajudar a União Soviética. Pode-se apenas especular a respeito dos motivos de Stalin, mas ele se recusou a transmitir aos americanos as informações de Richard Sorge anteriores à Batalha por Moscou de que os japoneses planejavam fazer um ataque surpresa às forças americanas no Pacífico. Contudo, uma das coincidências mais notáveis da Segunda Guerra Mundial foi a decisão do presidente Roosevelt, em 6 de dezembro de 1941, o dia anterior ao ataque japonês, de ir adiante com o projeto de pesquisar uma arma atômica.³

Na primeira semana de setembro, os líderes militares japoneses haviam forçado o imperador Hiroito a aceitar a sua decisão de ir à guerra. O seu único protesto foi ler para eles um poema em favor da paz escrito pelo avô. Mas a

posição de Hiroito como comandante das Forças Armadas era extremamente ambivalente. A sua oposição à guerra não era moral, simplesmente refletia o medo de fracassar. Os militaristas extremados, principalmente os oficiais mais jovens e de patentes médias, acreditavam que o país tinha a missão divina de forjar um império sob o título eufemístico de Esfera de Coprosperidade da Grande Ásia Oriental, ou o que seria a “*pax nipônica*”, como observara o arguto embaixador americano em Tóquio em 1934. Em novembro de 1941, ele temeu que os militares estivessem prontos para levar o país a um “haraquiri nacional”.⁴

O impulso para a expansão imperial japonês produziu prioridades conflitantes: a guerra na China, o medo e o ódio à União Soviética no norte e a oportunidade de tomar as colônias francesas, holandesas e britânicas ao sul. O ministro do Exterior, Matsuoka Yosuke, havia acordado um pacto de neutralidade nipo-soviético em abril de 1941, pouco após a invasão alemã. Quando os exércitos alemães começaram a avançar rapidamente em direção ao leste, Matsuoka deu meia-volta e defendeu o ataque à retaguarda soviética no norte. Mas oficiais antigos do Exército Imperial japonês se opuseram ao plano. Eles recordavam a derrota nas mãos de Jukov, em agosto de 1939, e preferiam terminar a guerra na China primeiro.

A ocupação da Indochina francesa em 1940 havia ocorrido primordialmente para impedir o abastecimento dos exércitos de Chiang Kai-shek, mas resultou em um passo decisivo para a estratégia de “ataque ao sul”, defendida principalmente pela Marinha Imperial japonesa. A Indochina era a base ideal de onde atacar os campos petrolíferos das Índias Orientais Holandesas. Após o embargo americano e britânico ao Japão em retaliação pela ocupação da Indochina, o comandante da Frota Imperial, o almirante Yamamoto Isoroku, fora advertido de que os seus navios ficariam sem combustível no prazo de um ano. Os militaristas japoneses pensavam que deveriam ir adiante e tomar tudo o que necessitavam. Recuar seria uma vergonha insuportável.

O ministro da Guerra, general Tōjō Hideki, reconheceu que enfrentar os Estados Unidos e o seu poderio industrial era uma aposta terrível. Yamamoto, que também temia as consequências de uma guerra prolongada com este país, pensava que a única chance de sobreviver seria começar com um ataque massivo. “Nos primeiros seis a doze meses de uma guerra com os Estados Unidos e a Inglaterra, travarei batalhas selvagens e conseguirei uma vitória atrás da outra”, previu com precisão considerável. “Depois disso [...] não tenho expectativas de êxito.”⁵

Para fins externos, os líderes militares haviam acatado a preferência do imperador e do primeiro-ministro, o príncipe Konoe Fumimaro, pela busca de uma solução diplomática com os Estados Unidos, mas nunca tiveram a intenção

de aceitar um acordo que implicasse concessões significativas. O Exército Imperial se opunha resolutamente a qualquer recuo de suas tropas da China. Embora em muitos casos fossem fatalistas quanto às suas perspectivas, especialmente se a guerra se alongasse, os comandantes militares japoneses preferiam o risco do suicídio nacional à humilhação.

Roosevelt estava convencido de que a melhor política era uma linha firme, embora não quisesse a guerra àquela altura. O general Marshall e o almirante Harold R. Stark, chefes dos Estados-Maiores do exército e da marinha, o haviam alertado claramente de que o país ainda não estava suficientemente preparado. Mas, ao negociar com um enviado japonês em 25 de novembro, Cordell Hull, o secretário de Estado, se indignou ao saber que um grande comboio de navios de guerra e de transporte de tropas se dirigia ao mar da China Meridional. Ele respondeu com uma série de exigências que, em Tóquio, foram consideradas equivalentes a um ultimato.

Os “Dez Pontos” do documento de Hull insistiam, entre outras coisas, que os japoneses se retirassem da Indochina e da China, além de renunciarem ao Pacto Tripartite com a Alemanha. Esta reação severa fora encorajada pelos nacionalistas chineses e os britânicos. Só uma mudança de opinião absoluta e imediata dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha teria evitado o conflito àquela altura. Porém, um sinal de fraqueza ocidental provavelmente teria estimulado a agressividade japonesa.

A intransigência de Hull convenceu os líderes militares japoneses de que os seus preparativos para a guerra eram justificados. Adiar a guerra só os enfraqueceria e reduziria o Japão a uma “nação de terceira classe”,⁵ como afirmou Tōjō na conferência crucial de 5 de novembro. De qualquer modo, a frota de Yamamoto acabara de partir das Ilhas Curilas, no norte do Pacífico, tendo Pearl Harbor por objetivo. A hora zero fora estabelecida às 8h do dia 8 de dezembro (hora de Tóquio).

O plano japonês buscava garantir um perímetro em torno do Pacífico ocidental e do mar da China Meridional. Cinco exércitos tomariam os cinco principais objetivos. O XXV Exército atacaria a Península da Malásia e ocuparia a base naval britânica de Cingapura. O XXIII Exército no sul da China tomaria Hong Kong. O XIV Exército desembarcaria nas Filipinas, onde o general americano Douglas MacArthur, comandante em chefe e pró-consul, tinha o seu quartel-general. O XV Exército invadiria a Tailândia e o sul da Birmânia. O XVI

Exército asseguraria as Índias Orientais Holandesas, com os campos petrolíferos tão vitais ao esforço de guerra japonês. Contrariando as sérias dúvidas dos colegas da Marinha Imperial, o almirante Yamamoto insistiu em que algumas destas operações, principalmente o ataque às Filipinas, estariam em risco a menos que antes ele enviasse a sua força aérea para destruir a esquadra americana.

Os pilotos da marinha vinham praticando ataques de torpedos e bombardeios havia vários meses. A informação sobre os alvos foi fornecida pelo cônsul-geral japonês em Honolulu, que observara os movimentos dos navios de guerra americanos. Eles sempre estavam na baía no fim de semana. O ataque preventivo foi marcado para pouco depois do amanhecer de domingo, 8 de dezembro, que ainda seria 7 de dezembro em Washington. Nas primeiras horas de 26 de novembro, liderada pelo navio-capitânia *Akagi*, a força de porta-aviões zarpou das Ilhas Curilas, no norte do Pacífico, com os rádios no mais estrito silêncio.

No Havaí, o almirante Husband E. Kimmel, comandante em chefe da Esquadra do Pacífico, estava profundamente preocupado porque a sua equipe de inteligência não tinha ideia da posição dos porta-aviões da 1ª e da 2ª Esquadras japonesas. “Você quer dizer”, respondeu ao saber disso, “que eles poderiam estar dando a volta em Diamond Head [perto da entrada para Pearl Harbor] e nós não saberíamos?”⁷ Contudo, nem ele podia imaginar um ataque ao Havaí, no meio do Pacífico. Assim como o pessoal do exército e da marinha em Washington, pensava que o ataque japonês provavelmente ocorreria em torno do mar da China Meridional, contra a Malásia, a Tailândia ou as Filipinas. Por isso, a rotina de tempos de paz prosseguiu, com os oficiais em seus uniformes brancos tropicais, os marinheiros à espera de um fim de semana de cerveja e relaxamento na praia de Waikiki com as garotas locais. Muitos navios tinham tripulações ínfimas nos fins de semana.

Às 6h05 do sábado, 8 de dezembro, uma lâmpada verde foi agitada no deque do *Akagi*. Os pilotos ajustaram os seus *hachimaki*, uma faixa de cabeça branca com o símbolo do sol nascente na testa, que indicava que haviam prometido morrer pelo imperador. O grito de “Banzai!” ecoava entre a tripulação cada vez que um avião levantava voo. Apesar do inchaço, os seis porta-aviões da força-tarefa lançaram uma primeira leva de 183 aviões, incluindo caças Zero, bombardeiros Nakajima, aviões torpedeiros e bombardeiros de mergulho Aichi. A ilha de Oahu estava a 370 quilômetros ao sul.

Os aviões circundaram a esquadra de porta-aviões e depois entraram em formação ao se dirigirem para o alvo. Voando acima das nuvens ao amanhecer

era difícil perceber o seu rumo, então o comandante Fuchida Mitsuo, líder de bombardeiro, sintonizou a estação de rádio de Honolulu. Ela transmitia música dançante. Então ele ligou o radiogoniômetro. Corrigiu o curso em cinco graus. A música foi interrompida por uma previsão do tempo e ele ficou aliviado ao ouvir que a visibilidade sobre as ilhas estava melhorando, com brechas entre as nuvens.

Uma hora e meia após a decolagem, os pilotos avistaram a ponta norte da ilha. O avião de reconhecimento que estava à frente informou que os americanos pareciam alheios à presença deles. Fuchida disparou o sinal “dragão preto” da sua cabine para avisar que seguiriam o plano de ataque surpresa. O avião de reconhecimento então noticiou sobre a presença de dez encouraçados, um cruzador pesado e dez cruzadores leves. Ao avistarem Pearl Harbor, Fuchida estudou a ancoragem com os seus binóculos. Às 7h49 deu a ordem de avançar e passou para o porta-aviões o sinal “*Tora, tora, tora!*” A palavra-código, cujo significado era “tigre”, queria dizer que haviam conseguido surpresa total.

Dois grupos de bombardeiros de mergulho com 53 aviões se afastaram para atacar três aeródromos próximos. Os torpedeiros voaram baixo contra os sete encouraçados enfileirados. A rádio em Honolulu continuava transmitindo música. Fuchida já conseguia ver a água espirrando ao longo dos navios. Instruiu o seu piloto a inclinar o avião lateralmente como um sinal para os dez esquadrões bombardearem alinhados. “Uma linda formação”,⁸ comentou. Porém, quando avançavam, a artilharia antiaérea americana abriu fogo. À sua volta houve explosões cinza-escuras, fazendo a aeronave tremer. Os primeiros torpedos atingiram o encouraçado USS *Oklahoma*, que adernou lentamente. Morreram mais de 400 homens presos sob o casco.

Fuchida ficou pasmo com a presteza da resposta americana quando o seu avião apontou para o USS *Nevada*, a 3 mil metros. Agora estava arrependido de ter atacado em linha. Eles balançaram quando o USS *Arizona* se partiu em uma grande explosão, matando mais de mil homens a bordo. A fumaça preta do óleo queimando era tão espessa que muitos aviões dispararam demasiado e tiveram de voltar para uma segunda rodada.

Parte da força de bombardeiros de mergulho e caças de Fuchida havia se desviado para atacar o Corpo Aéreo do Exército dos EUA em Wheeler Field e Hickham Field e na Estação Aérea Naval em Ford Island. As equipes de terra e pilotos estavam tomando o café da manhã quando ocorreu o ataque. O primeiro homem a revidar em Hickham Field foi um capelão do exército que estava do lado de fora preparando o altar para uma missa ao ar livre. Ele tomou uma metralhadora que estava por perto e, resistindo do altar, começou a atirar nos caças inimigos que mergulhavam. Porém, em ambos os campos, os aviões

perfeitamente alinhados ao lado da pista eram um alvo fácil para os pilotos japoneses.

Quase exatamente uma hora depois de o primeiro avião avistar o alvo, uma segunda onda de atacantes surgiu, mas a sua tarefa foi mais difícil com a fumaça espessa e o volume do fogo que subia na sua direção. Até canhões navais de 12 cm disparavam nos aviões. Dizem que algumas de suas granadas foram cair na cidade de Honolulu e mataram civis.

De repente, o céu ficou vazio. Os pilotos japoneses deram meia-volta para o norte e se juntaram aos porta-aviões que já navegavam de volta para casa. Além dos encouraçados *Oklahoma* e *Arizona*, a marinha americana em Pearl Harbor perdeu dois contratorpedeiros. Outros três encouraçados foram afundados ou encalharam e mais tarde foram recuperados e consertados, e três mais foram avariados. O Corpo Aéreo do exército e o da marinha perderam 188 aviões destruídos e 159 avariados. No total, 2.335 soldados americanos foram mortos e 1.143 feridos. Apenas 29 aviões japoneses foram destruídos; mas a Marinha Imperial perdeu um submarino de longo curso e cinco minissubmarinos, todos supostamente empregados num ataque diversionário.

Apesar do choque do ataque, muitos marinheiros e trabalhadores dos estaleiros imediatamente mergulharam no mar para salvar os que haviam sido atirados para fora dos navios. A maioria dos que lutaram pela vida nas águas da baía ficou com o corpo coberto de óleo e teve de ser limpa com estopa. Pequenos grupos com cortadores de oxiacetileno começaram a serrar anteparas e até os cascos para resgatar os camaradas presos. À sua volta viam navios de guerra danificados em meio a uma espiral de fumaça preta, guindastes retorcidos e emaranhados nas docas e edifícios portuários crivados de buracos. Foram necessárias duas semanas para extinguir o último incêndio. A raiva impulsionava a todos na tarefa de restaurar o poder de fogo da esquadra americana no Pacífico. Eles ao menos tiveram um grande consolo: nenhum porta-aviões estava no porto. Eles seriam a única forma de contra-atacar, em uma guerra naval que havia mudado para sempre.

Contudo, Pearl Harbor não era o único alvo. Bombardeiros da Frota Aérea Imperial esperavam para decolar da ilha de Formosa (Taiwan) e atacar os aeródromos americanos nas Filipinas — mas um forte nevoeiro os mantinha em terra.

O general MacArthur foi despertado na sua suíte de um hotel de Manila com a notícia do ataque a Pearl Harbor. Imediatamente convocou uma reunião de Estado-Maior no quartel-general. O major-general Lewis Brereton, comandante

da Força Aérea do Extremo Oriente, pediu permissão para enviar Fortalezas Voadoras B-17s contra os campos de pouso de Formosa. Porém, MacArthur hesitou. Ele soubera que os bombardeiros japoneses baseados lá não tinham alcance para bombardear as Filipinas. Brereton não se deixou convencer. Ordenou que os B-17s decolassem com escoltas de caças para que não fossem pegos no solo. Por fim, MacArthur autorizou um voo de reconhecimento sobre Formosa, a ser seguido de um bombardeio no dia seguinte. Brereton determinou que os bombardeiros retornassem a Clark Field para se reabastecerem, a uns 90 quilômetros de Manila, e que os caças aterrissassem nas bases perto de Iba, no noroeste.⁹

Às 12h20, hora local, enquanto as tripulações almoçavam, os bombardeiros japoneses chegaram. Ao ver os alvos alinhados à sua espera, não puderam acreditar na sua boa sorte. Em conjunto, alvejaram dezoito bombardeiros B-17 e 53 caças P-40. A metade da Força Aérea do Extremo Oriente foi destruída no primeiro dia. Os americanos não haviam recebido nenhum alerta porque o seu radar ainda não estava instalado. Outros bombardeiros japoneses atacaram a capital, Manila. Os civis filipinos não sabiam o que fazer. Um fuzileiro naval americano viu “mulheres reunidas no parque sob pés de acácias. Algumas tinham as sombrinhas abertas para se proteger melhor”.¹⁰

A ilha de Wake, a meio caminho entre o Havaí e as ilhas Marianas, também foi atacada por aviões japoneses em 8 de dezembro, mas os americanos estavam a postos. O major James Devereux, comandante dos 427 fuzileiros navais lá sediados, ordenou que o corneteiro tocasse o “chamado às armas” assim que soube do ataque a Pearl Harbor. Quatro pilotos dos fuzileiros, em caças Grumman Wildcats, conseguiram derrubar seis caças Zeros depois dos outros oito Wildcats serem destruídos ou danificados em terra. Em 11 de dezembro, encorajados japoneses chegaram para desembarcar tropas, mas os canhões de 12 mm afundaram dois contratorpedeiros e avariaram o cruzador *Yubari*. A força-tarefa japonesa recuou sem tentar desembarcar os fuzileiros.

Embora animados com este feito extraordinário, os fuzileiros em Wake sabiam que os japoneses voltariam em maior número. Em 23 de dezembro, uma força-tarefa muito maior apareceu, desta vez com dois porta-aviões e seis cruzadores. Os fuzileiros lutaram valentemente contra a desvantagem de cinco para um, num assalto apoiado por bombardeios massivos da artilharia naval e ataques aéreos. Embora tenham conseguido causar muitas baixas, os americanos foram forçados a se render para evitar mais perdas civis na ilha.

No dia 10 de dezembro, 5.400 fuzileiros japoneses desembarcaram em Guam, nas ilhas Marianas, a uns 2.500 quilômetros a leste de Manila. A pequena guarnição americana insuficientemente armada não teve a menor chance.

Desde o final de novembro os britânicos em Hong Kong e na Malásia esperavam uma invasão japonesa. A Malásia era uma presa valiosa, com suas minas de estanho e extensos seringais. O governador, Sir Shenton Thomas, descrevera o país como o “arsenal de dólares do Império”.¹⁴ A Malásia representava uma prioridade quase tão alta para os japoneses quanto os campos petrolíferos das Índias Orientais Holandesas. Em 1º de dezembro foi declarado estado de emergência em Cingapura, mas os britânicos ainda estavam aflitivamente despreparados. As autoridades coloniais temiam que uma reação exagerada inquietasse a população nativa.

A espantosa complacência da sociedade colonial havia produzido um autoengano baseado principalmente na arrogância. A subestimação fatal dos atacantes incluía a ideia de que os soldados japoneses eram míopes e inerentemente inferiores às tropas europeias. Na verdade, eram incomensuravelmente mais resistentes e haviam sofrido lavagem cerebral, então acreditavam que não havia glória maior do que dar a vida pelo imperador. Os comandantes, imbuídos do sentimento de superioridade racial e convencidos do direito japonês de reinar no Extremo Oriente, permaneciam imperturbáveis diante da contradição fundamental de que a sua guerra supostamente libertaria a região da tirania ocidental.

A Marinha Real tinha uma base naval ampla e moderna na ponta nordeste da ilha de Cingapura. Poderosas baterias costeiras cobriam a passagem, prontas para impedir um ataque anfíbio, mas aquele complexo magnífico que havia custado grande parte do orçamento naval estava quase vazio. O plano original era que, em caso de guerra, uma esquadra fosse enviada da Grã-Bretanha para lá. Mas devido aos compromissos navais no Atlântico e no Mediterrâneo e à necessidade de proteger os comboios no Ártico para Murmansk que levavam suprimentos para os russos, os britânicos não tinham uma esquadra de batalha no Extremo Oriente. A promessa de Churchill de ajudar a União Soviética também significava que o Comando do Extremo Oriente carecia de aviões e tanques modernos, além de uma série de outros equipamentos. O único caça disponível — o Brewster Buffalo, conhecido como “o barril de cerveja voador” em virtude do seu formato e do manejo moroso — não tinha chance contra os Zeros japoneses.

O comandante britânico na Malásia era o tenente-general Arthur Percival, homem muito alto e magro com um bigode militar que não conseguia esconder seus dentes de coelho e o queixo fino. Embora tivesse adquirido a reputação, talvez imerecida, de ter sido cruel com os prisioneiros do Exército Republicano Irlandês (IRA) durante os conflitos na Irlanda, Percival tinha a obstinação dos timoratos ao tratar com comandantes subordinados. O tenente-general Sir Lewis

Heath, comandante do 3º Corpo Indiano, não respeitava Percival e ressentia-se amargamente por ter sido ultrapassado nas promoções exatamente por seu comandante de então. E as relações entre os vários comandantes do exército e da RAF, e entre eles e o major-general Henry Gordon Bennett, o comandante australiano tempestuoso e paranoico, estavam longe de ser amistosas. Em teoria, Percival comandava quase 90 mil homens, mas menos de 60 mil eram combatentes de linha de frente. Quase nenhum tivera experiência na selva, e os batalhões indianos e os voluntários locais praticamente não tinham treinamento. A situação lastimável da defesa britânica era conhecida em Tóquio. Os 3 mil civis japoneses residentes na Malásia haviam transmitido informações detalhadas de inteligência por meio do consulado geral em Cingapura.

Em 2 de dezembro, chegou a Cingapura um esquadrão da Marinha Real comandado pelo diminuto almirante Sir Thomas Phillips. Ele consistia do moderno encouraçado HMS *Prince of Wales*, do velho cruzador HMS *Repulse* e de quatro contratorpedeiros. Criticamente, não contava com cobertura antiaérea, pois o porta-aviões HMS *Indomitable*, com 45 Hurricanes, havia ficado retido para consertos. Mas isto não parecia preocupar os britânicos de Cingapura. Eles não pensavam que os japoneses se atreveriam a lançar uma invasão da Malásia naquele momento, com tantos navios poderosos baseados lá. Enquanto isso, o general Percival recusava-se a construir linhas de defesa com o argumento de que elas diminuiriam o espírito ofensivo dos seus soldados.

No sábado, 6 de dezembro, um bombardeiro da Real Força Aérea australiana baseado em Kota Bahru, no extremo nordeste da Malásia, avistou navios japoneses de transporte de tropas escoltados por navios de guerra. Eles haviam zarpado da ilha de Haina, junto à costa sul da China, e seriam alcançados por dois comboios da Indochina. Esta força-tarefa, que se separaria novamente, dirigia-se aos portos austrais tailandeses de Patani e Singora no istmo Kra e à base aérea de Kota Bahru. Do istmo Kra, o XXV Exército do general Yamashita Tomoyuki atacaria, em direção ao noroeste, o sul da Birmânia e a Malásia, ao sul.

Os britânicos haviam formulado um plano, a Operação Matador, para avançar até o sul da Tailândia e lá retardar os japoneses. Mas o governo tailandês, curvando-se ao inevitável e esperando recuperar território no Camboja, ao noroeste, tinha virtualmente aceitado o domínio japonês de antemão. O marechal do ar Sir Robert Brooke-Popham, o velho comandante em chefe do Extremo Oriente, não conseguia decidir se lançava ou não a Operação Matador. Brooke-Popham era conhecido como “Pop-off” porque costumava dormir nas reuniões. O general Heath estava furioso com a indecisão, pois as suas tropas indianas continuavam à espera para entrar na Tailândia quando deviam estar se

deslocando para Jitra, no extremo noroeste, para preparar posições defensivas. Encharcadas com as chuvas das monções, elas se encontravam cada vez mais desestimuladas.

Por fim, nas primeiras horas de 8 de dezembro, chegou a Cingapura a notícia de que os japoneses estavam desembarcando para atacar Kota Bahru. Às 4h30, enquanto os comandantes e o governador estavam em conferência, os bombardeiros japoneses fizeram o primeiro ataque a Cingapura. A cidade ainda tinha as luzes acesas. O almirante Phillips, embora ciente da falta de cobertura aérea, decidiu levar o seu esquadrão para a costa leste da Malásia e atacar a esquadra japonesa invasora.

Em Kota Bahru, as únicas explosões até aquele momento haviam sido as das minas na praia detonadas por vira-latas ou por cocos que caíam. Mais para o interior, a 8ª Brigada havia concentrado um batalhão ao redor do campo de pouso, mas as praias estavam protegidas por apenas dois batalhões espalhados por mais de 50 quilômetros.

O assalto japonês havia começado por volta da meia-noite de 7 de dezembro, na verdade uma hora antes do ataque a Pearl Harbor, embora ambos devessem ter sido simultâneos. No período de monções o mar estava agitado, o que não impediu os japoneses de desembarcar. Os pelotões da infantaria indiana conseguiram matar um bom número de atacantes, mas estavam dispersos demais e a visibilidade era ruim com a chuva intensa.

Os pilotos australianos correram para os dez bombardeiros Hudsons disponíveis e atacaram os navios-transporte ao largo da costa, destruindo um, danificando outro e afundando diversas barcas. Porém, após o amanhecer o aeródromo de Kota Bahru e outros ao longo da costa foram atacados sem cessar pelos Zeros japoneses provenientes da Indochina francesa. Ao final do dia, os esquadrões britânico e australiano na Malásia estavam reduzidos a cinquenta aviões. O desdobramento das tropas de Percival para proteger os aeródromos como primeira prioridade provou ser um grande erro, e a indecisão de Brooke-Popham quanto à Operação Matador significou que em pouco tempo a força aérea japonesa operava a partir de bases no sul da Tailândia. Para a irritação de Percival, o general Heath começou a recuar do nordeste no dia seguinte.

Após a elogiada proclamação de que aquele 7 de dezembro era “uma data a ser recordada pela infâmia”, o presidente Roosevelt telegrafou a Churchill em Londres para contar sobre a declaração de guerra aprovada pelo Senado e a

Câmara de Deputados. “Hoje estamos no mesmo barco com você e o povo do Império, e trata-se de um navio que não pode e não vai afundar.”¹² Foi uma metáfora infeliz, pois os HMS *Prince of Wales* e *Repulse* estavam zarpando da base naval escoltados por seus contratorpedeiros. Ao partir, o almirante Phillips advertira que não esperava proteção dos caças e que os bombardeiros japoneses estavam baseados no sul da Tailândia. Ele sabia, seguindo as melhores tradições da armada inglesa, que não podia recuar.

A Força-Tarefa Z de Phillips só foi avistada pelos hidroaviões japoneses no final da tarde de 9 de dezembro. Sem avistar qualquer navio de transporte de tropas ou belonave, Phillips decidiu regressar naquela noite para Cingapura. Mas, nas primeiras horas de 10 de dezembro, seu navio-capitânia foi informado sobre outro desembarque em Kuantan, que estava na sua rota.

Os tripulantes dos navios de guerra da Força-Tarefa Z da Marinha Real guarneceram os postos de combate após um café da manhã apressado de sanduíches de presunto e geleia. Vestindo proteção antifogo, capacetes de aço, óculos e luvas de asbesto, eles guarneceram também canhões e metralhadora da artilharia antiaérea. “O *Prince of Wales* parecia magnífico”,¹³ escreveu um observador a bordo do *Repulse*. “Ondas bordeadas de branco eram abertas pela proa que se inclinava. As ondas a envolviam com uma água rendada, ela emergia no alto e mais uma vez mergulhava. O navio subia e descia de um modo tão metódico que o efeito de fitá-lo era hipnótico. A brisa fresca deixava o White Ensign* esticado como uma cartolina. Senti um fluxo de ansiedade excitada invadir-me ao vê-lo e ao resto da força navegando na direção dos desembarques inimigos e suas escoltas de navios de guerra.”

Na verdade, a informação sobre o desembarque em Kuantan era falsa. O desvio e atraso no regresso foram fatais. Mais tarde naquela manhã, um avião japonês de reconhecimento foi avistado. Às 11h15, o *Prince of Wales* abriu fogo contra um pequeno grupo de aviões inimigos. Minutos depois, surgiu outro grupo de aviões torpedeiros. Os canhões antiaéreos dos dois navios começaram a disparar. As tripulações os chamavam de “pianos de Chicago”. Os tiros traçantes em arco formavam uma massa de curvas pouco acentuadas em direção aos alvos. Mas enquanto a tripulação se concentrava nos aviões torpedeiros ninguém notou bombardeiros a uma altitude muito mais elevada. O *Repulse* foi atingido por uma bomba que atravessou a catapulta do deque. Saiu fumaça do buraco, mas a atenção continuava voltada para os aviões atacantes. Quando os canhões antiaéreos derrubavam um deles em baixa altitude todos gritavam: “Pato abatido!” Depois, um corneteiro tocou o terrível alerta “navio em chamas” para lembrar a tripulação do perigo imediato. As mangueiras de incêndio no buraco que lançava fumaça preta não serviram para grande coisa.

A nova onda de aviões de ataque se concentrou no *Prince of Wales*. Um torpedo atingiu a popa, mandando para o alto uma “coluna como uma árvore” de água e fumaça. O grande navio começou a adernar. “Não dá para acreditar que aqueles aviões que parecem tão leves façam isso com ele”, comentou o mesmo observador no *Repulse*, ainda incapaz de crer que a era dos encouraçados havia realmente chegado ao fim. Mesmo que o porta-aviões *Indomitable* estivesse com eles, é pouco provável que seus aviões tivessem sido suficientes para impedir os ataques dos obstinados japoneses.

Com leme e os motores avariados, o HMS *Prince of Wales* estava condenado quando surgiu outra leva de aviões torpedeiros. A tripulação do *Repulse* fez o que pôde para impedir o ataque, mas outros três torpedos atingiram o alvo. A inclinação do navio aumentou drasticamente. Era óbvio que estava a ponto de afundar. Então o *Repulse* também foi atingido por dois torpedos, um após o outro. Veio a ordem de abandonar o navio. Houve pouco pânico. Alguns marinheiros inclusive tiveram tempo de acender um último cigarro enquanto faziam fila. Quando chegava a sua vez, respiravam fundo e se atiravam no mar coberto de óleo.

Churchill, que exultara com os grandes navios da Marinha Real na época em que foi primeiro lorde do Almirantado, ficou atônito com o desastre. A tragédia era ainda mais pessoal após a sua viagem à Terra Nova a bordo do *Prince of Wales*, em agosto. Agora, a Marinha Imperial japonesa reinava incontestemente no Pacífico. Hitler se regozijou com a notícia. Era um bom augúrio para sua declaração de guerra aos Estados Unidos, anunciada em 11 de dezembro.

Hitler sempre supusera que em algum momento teria de lutar contra os Estados Unidos e agora calculava que, com um exército pequeno e a crise no Pacífico, o país não conseguiria ter um papel decisivo na Europa por pelo menos dois anos. Acima de tudo, ele foi encorajado pelo almirante Dönitz, que queria enviar uma alcateia de *U-boats* contra os navios americanos. Uma guerra submarina sem trégua poria a Inglaterra de joelhos.

O anúncio de Hitler ao Reichstag levou os deputados nazistas a se levantarem para vivas e aplausos. Eles encaravam os Estados Unidos como o grande poder judeu do Ocidente. Mas os oficiais alemães que continuavam lutando na retirada desesperada da frente leste não sabiam o que pensar ao ouvir a notícia. Os mais perspicazes sabiam que aquela guerra mundial seria invencível com os Estados Unidos, o Império Britânico e a União Soviética aliados contra eles. A retirada diante de Moscou, combinada à entrada americana na guerra, fez de dezembro de 1941 o momento decisivo em termos geopolíticos. Dali em diante, a Alemanha se tornaria incapaz de vencer a Segunda Guerra Mundial, embora ainda conseguisse causar danos e mortes terríveis.

Em 16 de dezembro, o marechal de campo Von Bock, que sofria de uma espécie de doença psicossomática, informou Hitler que era preciso decidir se o Grupo de Exércitos do Centro devia permanecer e lutar ou recuar. Ambas as decisões podiam destruí-lo. Obviamente, ele queria ser afastado do seu comando fracassado, e alguns dias depois foi substituído por Kluge, que inicialmente concordou com a negativa de Hitler em recuar. Brauchitsch, o comandante em chefe do exército, também foi demitido por seu pessimismo. Hitler nomeou a si próprio para a função de comandante em chefe da força terrestre. Vários outros comandantes foram substituídos, mas a demissão de Guderian, o símbolo do ataque impetuoso, foi a que deixou os oficiais alemães mais deprimidos. Caracteristicamente, Guderian desobedecera ordens de manter suas posições a qualquer preço. Há muito se debate se a decisão de Hitler de se manter firme foi sabedoria ou loucura. Ela evitou uma debacle ao estilo de 1812 ou causou perdas imensas e desnecessárias?

Em 24 de dezembro, tão longe de casa, os soldados alemães sentiram necessidade de comemorar o Natal, mesmo nas condições mais abjetas. Foi fácil conseguir uma árvore, que decoraram com estrelas feitas com o papel prateado dos maços de cigarros. Em alguns casos chegaram a ganhar velas dos camponeses russos. Aconchegados uns aos outros para se aquecerem nos vilarejos que ainda não haviam sido incendiados, trocaram presentinhos patéticos e cantaram “Noite feliz, noite de paz”. Embora se considerassem sortudos por estarem vivos depois de ver tantos camaradas morrerem, sentiam uma solidão avassaladora ao pensar nas suas famílias.

Poucos perceberam o paradoxo da sentimentalidade alemã em meio à guerra sanguinária que haviam desencadeado. No dia de Natal, o campo de prisioneiros de guerra nos arredores de Kaluga foi evacuado com temperaturas abaixo de 30°C negativos. Muitos prisioneiros soviéticos, alguns dos quais haviam sido reduzidos ao canibalismo, tropeçaram na neve e foram mortos a tiros. Talvez não surpreenda que os soviéticos tenham se vingado matando alemães feridos abandonados na retirada e, em pelo menos um caso, tenham derramado combustível sobre eles e ateado fogo.

Ninguém estava mais consciente da mudança drástica na situação mundial do que Stalin. Mas a sua impaciência por se vingar dos alemães e aproveitar as oportunidades surgidas com a sua retirada o levou a exigir uma ofensiva geral ao longo de toda a frente, uma série de operações para as quais o Exército Vermelho carecia de veículos, artilharia, provisões e, acima de tudo, o treinamento necessário. Jukov ficou horrorizado, embora até aquele momento as operações tivessem ido melhor do que o esperado. Os planos superambiciosos do Stavka objetivavam a destruição dos Grupos de Exércitos do Centro e do Norte, assim

como um ataque massivo à Ucrânia.

Após tantos meses de sofrimento, o ânimo do povo soviético também se inclinou fortemente pelo otimismo excessivo. “Acabaremos com isso até a primavera”,¹⁴ muitos diziam. Mas eles, como o seu líder, ainda teriam muitos choques pela frente.

A colônia britânica de Hong Kong, que havia mantido uma espécie de neutralidade nos primeiros quatro anos da guerra sino-japonesa ao norte, era um alvo óbvio. Além da riqueza, era uma das principais rotas de suprimento das forças nacionalistas. Como em Cingapura, a comunidade japonesa havia fornecido a Tóquio informações detalhadas sobre as suas defesas e fraquezas. Os planos para a sua captura vinham sendo considerados há dois anos. Uma quinta-coluna, em sua maior parte baseada em gangues da Triade subornadas com muito dinheiro, também havia sido preparada.

A comunidade britânica, após tantos anos de supremacia asfixiante, não sabia se os chineses de Hong Kong, os refugiados da província de Kwangtung ao norte, os indianos e mesmo os eurasionos lhes seriam leais. Em consequência, não os informaram sobre a situação, e hesitavam em armá-los para resistir aos japoneses. Em vez disso, decidiram confiar nos 12 mil soldados britânicos e dos domínios e no Corpo de Defesa de Voluntários de Hong Kong, quase inteiramente europeu. Os nacionalistas de Chiang Kai-shek ofereceram ajuda para defender Hong Kong, mas os britânicos foram extremamente relutantes em aceitá-la. Sabiam que Chiang queria recuperar a colônia para a China. Paradoxalmente, os oficiais ingleses tinham relações muito mais próximas com os guerrilheiros chineses do Partido Comunista e mais tarde lhes forneceram armas e explosivos, atitude que deixou os nacionalistas assombrados. Comunistas e nacionalistas pensavam que os britânicos preferiam perder Hong Kong para os japoneses do que para os chineses.

Do ponto de vista puramente militar, Churchill não tinha ilusões. Se os japoneses invadissem, não haveria “a menor chance de manter Hong Kong ou entregá-la”.¹⁵ Mas a pressão americana convenceu-o a reforçar a colônia em uma demonstração de solidariedade com os filipinos, igualmente ameaçados. Em 15 de novembro, 2 mil soldados canadenses chegaram para reforçar a guarnição. Embora inexperientes, podiam entender o que os esperava se o exército japonês atacasse. Não se deixaram convencer pelo plano dos Aliados de que a colônia fosse defendida por até noventa dias para dar tempo à marinha americana em Pearl Harbor de vir em seu socorro.

Em 8 de dezembro, quando as forças japonesas se mobilizaram para ocupar

Xangai, um ataque ao campo de pouso de Kai Tak destruiu os cinco aviões da colônia. Uma divisão do XXIII Exército do tenente-general Sakai Takashi cruzou o rio Sham Chun, que marcava a fronteira entre ambos os territórios.¹⁶ O comandante britânico, o major-general C. M. Maltby e seus homens foram pegos desprevenidos. Além de explodir algumas pontes, suas forças recuaram rapidamente para o que era conhecido como Linha de Defesa dos Bebedores de Gim, no istmo dos Novos Territórios. Com equipamentos leves e camuflados, os japoneses movimentaram-se silenciosamente e rapidamente pelo território com sapatos com sola de borracha, enquanto os defensores batiam os pés nas colinas rochosas com botas tacheadas de metal e equipamento completo para o combate. Membros da Tríade e apoiadores do líder chinês títere no continente, Wang Ching-wei, guiaram as tropas japonesas por trás da linha de defesa. Maltby havia desdobrado apenas um quarto da sua força nos Novos Territórios. A maior parte permanecera na ilha de Hong Kong, a postos para enfrentar o ataque por mar, que nunca chegou.

Para a população chinesa em Hong Kong, aquela guerra não lhe dizia respeito. O racionamento de comida e os abrigos antiaéreos organizados pelas autoridades coloniais eram totalmente insuficientes para eles. Aqueles que foram empregados como motoristas auxiliares fugiram abandonando os veículos. A polícia chinesa e o pessoal da prevenção antiaérea simplesmente tiraram os uniformes e foram para casa. Os empregados de hotéis e de casas particulares também desapareceram. Os quinta-colunas semearam confusão ao roubar todo o arroz dos campos de refugiados apinhados de fugitivos da guerra na China. Logo começaram os motins e saques, liderados pelas gangues da Tríade. Alguém desfraldou uma enorme bandeira japonesa no alto Hotel Península, junto ao molhe Kowloon. Isto provocou pânico entre alguns soldados canadenses, que pensaram que haviam sido superados. Ao meio-dia de 11 de dezembro, o general Maltby pensou que não tinha alternativa a não ser recolher as tropas e cruzar a baía para a ilha de Hong Kong. Isto provocou o caos, quando a multidão tentou invadir os barcos que partiam.

A notícia do afundamento do *Prince of Wales* e do *Repulse* confirmou que não havia esperança de obter ajuda de uma força-tarefa da Marinha Real. A própria ilha estava em estado de fermentação após o incessante bombardeio da artilharia e dos aviões japoneses. A sabotagem dos quintas-colunas aumentava a histeria. A polícia britânica cercou japoneses na ilha e deteve sabotadores, alguns dos quais foram mortos imediatamente. A crise forçou os britânicos a procurar o almirante perneta Chan Chak, o representante de Chiang Kai-shek em Hong Kong. A sua rede de vigilantes nacionalistas pagos foi chamada para restaurar algum tipo de ordem e combater a Tríade, que planejava massacrar os europeus.

O método mais eficaz era o suborno. Os líderes da Tríade concordaram em participar de uma reunião no Hotel Cecil. As suas exigências foram absurdas, mas chegou-se a um acordo. Os vigilantes do almirante Chan Chak, operando sob o nome de Associação Leal, Honrada e Beneficente, logo somaram 15 mil homens, dos quais mil estavam ligados ao Ramo Especial. Uma guerra subterrânea foi lançada contra os partidários de Wang Ching-wei. A maioria dos capturados foi executada em becos. Os britânicos ficaram encantados com o almirante chinês pirata que resolvera a situação, e por fim decidiram pedir ajuda aos exércitos nacionalistas.

O moral na ilha assediada se elevou com os rumores sobre a ajuda e a ordem praticamente restaurados. Maltby, porém, indeciso sobre onde concentrar as tropas para impedir o desembarque, não conseguiu reforçar o contingente na ponta nordeste da ilha. Um grupo de quatro japoneses nadou à noite para fazer o reconhecimento da área; na noite seguinte, em 18 de dezembro, 7.500 soldados fizeram a travessia utilizando todos os pequenos barcos que puderam encontrar. Uma vez criada, a 38ª Divisão não tentou avançar pela costa até Victoria, como Maltby esperava. Em vez disso, forçou caminho pelo interior acidentado, empurrou os dois batalhões canadenses de volta e dividiu a ilha em duas. Em pouco tempo, Stanley e Victoria estavam sem água e eletricidade e grande parte da população chinesa passava fome.

O governador, Sir Mark Young, já havia sido convencido pelo general Maltby de que não havia esperança de resistir. Young enviou uma mensagem a Londres em 21 de dezembro pedindo autorização para negociar com o comandante japonês. Por intermédio do almirantado, Churchill respondeu que “Não deve haver nenhum pensamento sobre rendição. Deve-se lutar por todas as partes da ilha e resistir ao inimigo com suprema tenacidade. A cada dia que consiga resistir, estará ajudando a causa dos Aliados em todo o mundo”.¹⁷ Aparentemente desalentado ao se enxergar como “o primeiro homem a entregar uma colônia britânica desde Cornwallis em Yorktown”,¹⁸ Young concordou em seguir lutando.

Apesar de algumas resistências corajosas, o moral dos defensores condenados estava em queda. As tropas indianas, principalmente os rajaputros que haviam sofrido muitas baixas, estavam em péssimas condições. O moral também havia sido minado pela propaganda japonesa constante urgindo-os a desertar, com a implicação de que a derrota do Império Britânico traria a liberdade para a Índia. A polícia sique havia desertado quase por completo. O seu ressentimento com os britânicos era alimentado pela recordação do massacre em Amritsar, em 1919.

Com os incêndios se alastrando e o fornecimento de água cortado, o que criou um grave problema sanitário, a comunidade britânica, principalmente as donas de casa, começou a pressionar Maltby e o governador para porem fim à luta.

Young resistiu, mas na tarde do dia de Natal, quando os japoneses intensificaram o bombardeio, concluiu que já não era possível resistir. Naquela noite, oficiais japoneses levaram os dois homens em uma lancha pela baía ao Hotel Península, onde se renderam ao general Sakai à luz de velas. O almirante Chan Chak, junto com vários oficiais britânicos, escapou numa lancha torpedeira e se juntou às forças nacionalistas no continente.

Nas 24 horas seguintes, as Triádes saquearam à vontade, principalmente as casas britânicas no Peak. Apesar das ordens do general Sakai de que as tropas tratassem bem os prisioneiros, o tiroteio pesado na ilha os havia deixado enraivecidos. Em vários casos, feridos e atendentes médicos foram atingidos com baionetas, enforcados ou decapitados. Contudo, houve relativamente poucos casos de estupro de mulheres europeias, e os atacantes foram severamente punidos, o que foi um contraste surpreendente com a atuação terrível do Exército Imperial japonês no continente. Na verdade, os europeus foram tratados com certo respeito, como para provar que os japoneses eram igualmente civilizados. Contudo, contradizendo do modo perverso a propaganda japonesa de que faziam a guerra para libertar a Ásia dos brancos, os oficiais não fizeram muitos esforços para evitar que os seus homens estupassem mulheres chinesas em Hong Kong. Estima-se que mais de 10 mil tenham sido violadas e milhares de civis tenham sido mortos no “feriado” posterior à batalha.¹⁹

Embora inferior em efetivos, o exército do general Yamashita, bem estabelecido na península malaia, tinha superioridade aérea e o apoio de uma divisão blindada. As tropas indianas, a maior parte da qual nunca havia visto um tanque, estavam pasmas. Também estavam assustadas com a selva e o brilho lúgubre das plantações de seringueira. Porém, a tática japonesa mais eficaz foi avançar pelas estradas costeiras ao leste e ao oeste conduzidos pelos tanques, e ao chegar a uma obstrução na estrada, cercar os defensores com a infantaria aproximando-se pelos arrozais ou pela selva. A rapidez do avanço japonês aumentava ainda mais com as tropas em bicicleta, que muitas vezes ultrapassavam os defensores em retirada.

Avançando pelas costas leste e oeste da península malaia, as tropas de Yamashita, calejadas pela batalha, empurraram a mistura de unidades britânica, indiana, australiana e malaia em direção à ponta austral de Johore. Em diversas ações, certas unidades lutaram bem e causaram muitas baixas. Mas os recuos incessantes eram muito cansativos e desmoralizantes, comparados aos tanques japoneses e aos ataques constantes dos caças Zeros.

O general Percival continuava se recusando a criar uma linha de defesa em

Johore, pois acreditava que isto seria ruim para o moral. A falta de posições preparadas foi desastrosa para a defesa de Cingapura. Ainda assim, a 8ª Divisão Australiana conseguiu reter a Divisão da Guarda Imperial japonesa e desestabilizá-la com emboscadas.

Uma força de Hurricanes chegou para reforçar as defesas de Cingapura, mas mostraram-se inferiores aos Zeros. Após duas semanas de lutas em Johore, os remanescentes das forças aliadas se retiraram para a ilha de Cingapura. O caminho elevado que cruzava o estreito de Johore foi então explodido em 31 de janeiro de 1942, logo depois que os Highlanders de Argyll e Sutherland o atravessaram tocando suas gaitas de fole. Supõe-se que os japoneses tenham decapitado 200 soldados australianos e indianos que foram deixados para trás, feridos demais para marcharem.

O Hotel Raffles continuava servindo jantares dançantes quase todas as noites, com a ideia de que o funcionamento dos negócios elevava o moral. Contudo, para os oficiais de volta do combate na península malaia, aquilo se parecia mais com a banda que tocava a bordo do *Titanic*. Sob o incessante bombardeio japonês, grande parte da cidade estava em ruínas. Muitas famílias europeias haviam começado a partir de hidroavião para Java ou para o Ceilão nos navios de guerra que acabavam de trazer provisões. A maior parte dos pais e maridos havia se alistado em unidades voluntárias. Algumas mulheres permaneceram como enfermeiras, embora temessem por sua sorte se os japoneses conquistassem a cidade.

A fraqueza inerente da ilha de Cingapura ao longo do estreito de Johore ficava ainda pior com a convicção de Percival de que os japoneses atacariam o nordeste da ilha. Isto se devia à sua estranha crença de que a base naval, que já havia sido destruída, era o principal elemento a ser defendido. Ele ignorou instruções do general Wavell, agora comandante em chefe dos Aliados na região, de reforçar a parte noroeste da ilha que, com seus mangues e córregos, era o setor mais difícil de defender.

A 8ª Divisão Australiana, encarregada desta região, imediatamente percebeu o perigo. Não tinham campos claros de tiro, minas e arame farpado, pois o grosso havia sido enviado para o lado nordeste. Os batalhões foram reforçados com tropas recém-chegadas, mas a maioria mal sabia atirar com um fuzil. O general Gordon Bennett, embora ciente do erro fundamental de Percival, pouco disse e limitou-se a se retirar para o seu quartel-general.

Em 7 de fevereiro, a artilharia japonesa abriu fogo pela primeira vez em Cingapura, que estava sob um imenso manto de fumaça por causa do depósito de combustível incendiado na base naval na noite anterior. No dia seguinte, como uma tática para desviar a atenção, o bombardeio se intensificou drasticamente no

flanco nordeste. Isto deixou Percival ainda mais convencido de que o ataque viria de lá.

Yamashita observava os acontecimentos da torre do palácio do sultão de Johore, de onde se divisava o istmo estreito. Havia decidido usar o restante da munição da artilharia pouco antes das suas tropas cruzarem em barcos e balsas, naquela noite, para os mangues na costa noroeste de Cingapura. As metralhadoras Vickers causaram muitas baixas entre os atacantes, mas os 3 mil australianos que guardavam o setor foram rapidamente superados pelos dezesseis batalhões de Yamashita, que atacaram repentinamente por terra. O bombardeio japonês massivo havia cortado todas as linhas telefônicas, então a artilharia de apoio levou algum tempo para reagir, e o quartel-general da 8ª Divisão não tinha ideia do que estava acontecendo. Nem os iluminativos Very lançados no céu pela linha de frente australiana foram vistos.

Na madrugada de 9 de fevereiro, quase 20 mil soldados nipônicos desembarcaram. Contudo, Percival ainda não havia feito grandes mudanças no seu dispositivo para o combate, além de enviar dois batalhões subequipados para formar uma linha de bloqueio. Ele também permitiu que o último esquadrão de Hurricanes fosse levado para Sumatra. A confusão rapidamente levou ao colapso das suas esperanças de formar, como último recurso, uma linha de defesa a nordeste da cidade de Cingapura. Os japoneses haviam desembarcado tanques e logo avançaram sobre os bloqueios de estradas que restavam. Por ordem do governador, o tesouro começou a queimar todas as cédulas que possuía. Os carros foram levados para o porto a fim de evitar que caíssem nas mãos dos japoneses, mas a maior parte era de carcaças enguiçadas nas ruas. A cidade bombardeada e incendiada fedia em virtude dos corpos em decomposição, e os hospitais estavam lotados de feridos e mortos. A evacuação das mulheres, inclusive enfermeiras, foi acelerada quando os últimos navios estavam prestes a zarpar, mas alguns foram bombardeados. Alguns sobreviventes que conseguiram chegar à orla foram mortos com baionetas ou tiros pelas patrulhas japonesas. As embarcações que tentavam escapar toparam com uma flotilha de navios de guerra japoneses.

Percival, que recebera ordens de Churchill e Wavell de lutar até o fim, estava sendo pressionado pelos comandantes subordinados a se render para evitar mais perdas de vidas. Ele enviou mensagem a Wavell, que foi firme na ordem de prosseguir lutando, rua a rua. Mas a cidade estava ficando sem água, pois a canalização se rompera com os bombardeios. As tropas japonesas atacaram o hospital militar em Alexandra e mataram pacientes e funcionários à ponta de baionetas. Um homem anestesiado foi ferido até morrer na mesa de cirurgia.

Por fim, no domingo 15 de fevereiro, o general Percival se rendeu ao general

Yamashita. Depois de ordenar aos seus homens que descarregassem suas armas e permanecessem onde estavam, o general Bennett fugiu. Com um grupo, nadou até uma sampana e, depois de subornar o capitão de um junco chinês, chegou a Sumatra. Ao chegar à Austrália, alegou que havia escapado para transmitir a experiência de luta contra os japoneses, mas os soldados que deixou para trás estavam compreensivelmente enraivecidos.

Em consequência do desastre humilhante, as críticas a Percival, ao governador Shenton Thomas, Bennett, Brooke-Popham, Wavell e muitos outros foram esmagadoras. “Estamos pagando muito caro agora”, escreveu em seu diário o general Sir Alan Brooke, que substituiu Sir John Dill como chefe do Estado-Maior imperial, “por não termos pago o prêmio do seguro essencial para a segurança de um império”.²⁰ Embora a preparação e a condução da campanha malaia tenham sido deploráveis, Cingapura nunca poderia ter sido uma fortaleza inexpugnável com o controle japonês do mar e do espaço aéreo ao redor. Além das tropas, havia um milhão de civis na ilha, então de qualquer modo em pouco tempo eles passariam fome.

Em 19 de fevereiro, aviões japoneses atacaram o porto de Darwin, no norte da Austrália, afundando oito navios e matando 240 civis. O governo australiano ficou irado e alarmado. O país estava exposto, com as suas melhores divisões ainda no Oriente Médio. Os australianos haviam começado a perceber a sua vulnerabilidade no mês de novembro anterior, quando o cruzador HMS *Sydney* foi posto a pique ao largo da costa quando tentava interceptar o atacante *Komoran*, que portava a bandeira holandesa. Durante o debate longo e acalorado que se seguiu, com dois inquéritos governamentais realizados desde 1998, muitos suspeitam que o atacante alemão não estivesse só. Acredita-se que o *Sydney* tenha sido torpedeado por um submarino japonês que operava com o *Komoran* dezoito dias antes do ataque a Pearl Harbor. A raiva dos australianos com o fracasso britânico em defender a Malásia era justificada, mas o fato é que o país havia investido pouco em defesa. Por ironia, foi principalmente a ferocidade da crítica australiana que levou Churchill a enviar mais reforços a Cingapura, a maioria dos quais caiu nas mãos dos japoneses.

Sumatra, nas Índias Orientais Holandesas, fica do outro lado do estreito de Málaca, em frente a Cingapura, e os japoneses não perderam tempo em prosseguir com suas conquistas. Em 14 de fevereiro de 1942, um dia antes da rendição de Percival, paraquedistas japoneses saltaram em Palembang para tomar os campos petrolíferos e as refinarias da Shell holandesa. Uma força-tarefa japonesa com um porta-aviões, seis cruzadores e onze contratorpedeiros

para escoltar os navios de transporte das tropas aproximou-se do litoral.

A ilha de Java era o próximo objetivo. A Batalha no Mar de Java, em 27 de fevereiro, resolveu a questão rapidamente. Uma força-tarefa aliada de cruzadores e seis contratorpedeiros holandeses, americanos, australianos e britânicos atacou dois comboios japoneses escoltados por três cruzadores pesados e catorze contratorpedeiros. Nas 36 horas seguintes, os navios dos Aliados foram alvos de disparos de canhões e torpedos. Foi um engajamento galante, mas fadado ao fracasso. Em 9 de março, a Batávia (hoje Jacarta) e o resto das Índias Orientais Holandesas haviam se rendido.

Para os comandantes japoneses na China, a Birmânia era o objetivo mais importante. Ela oferecia o melhor modo de bloquear o suprimento dos exércitos nacionalistas de Chiang Kai-shek e defender todo o flanco ocidental no sudeste asiático. O quartel-general imperial havia planejado ocupar apenas o sul do país, mas isto logo mudou com a força do seu avanço.

A batalha pela Birmânia começou em 23 de dezembro de 1941, quando bombardeiros japoneses atacaram Rangum. Outros ataques provocaram a fuga em massa da cidade. Os Aliados contavam apenas com um esquadrão da RAF de Brewster Buffalos e um esquadrão de pilotos voluntários americanos conhecidos como Tigres Voadores, com P-40 Curtiss Warhawks. Pouco depois chegaram três esquadrões de Hurricanes que haviam sido desviados da Malásia.

Em 18 de janeiro de 1942, o XV Exército do general Iida Shojiro atacou da fronteira da Tailândia. O major-general John Smyth VC, que comandava a 17ª Divisão Indiana, queria formar uma linha ao longo do rio Sittang, que proporcionava uma forte barreira. Mas Wavell ordenou que avançasse para o sudeste em direção à fronteira tailandesa para retardar o quanto pudesse o avanço japonês, pois precisava de mais tempo para reforçar Rangum. Isto resultou em um desastre, com apenas uma divisão fraca tentando defender todo o sul da Birmânia.

Em 9 de fevereiro, a política japonesa mudou repentinamente. A “febre da vitória” convenceu o quartel-general imperial de que poderiam tomar a maior parte da Birmânia para bloquear na fonte a rota de suprimento dos nacionalistas chineses. Como havia previsto, Smyth mais tarde foi forçado a recuar para o Sittang, mas agora isto significava recuar a sua divisão em fila indiana por uma ponte de tábuas na noite de 21 de fevereiro. Um caminhão enguiçou e a coluna ficou retida por três horas. Quando veio a aurora, a maior parte da divisão estava em uma posição totalmente exposta a leste do rio caudaloso. Tentando bloqueá-la, uma força japonesa ameaçou capturar a ponte. O subcomandante foi obrigado

a detoná-la. Menos da metade da divisão escapou. Seguiu-se uma retirada caótica para Rangum.

A capital birmanesa havia sido protegida pelos Tigres Voadores e a RAF, que haviam forçado os japoneses a fazer os bombardeios à noite. Em consequência, reforços desembarcaram no porto, inclusive a 7ª Brigada Blindada, com tanques leves Stuart. Mas Rangum estava condenada, e os suprimentos foram levados para o norte antes de, por fim, o local ser abandonado. Um tratador do zoológico soltou todos os animais, inclusive os perigosos, o que criou certo pânico. Na cidade quase deserta, o governador Sir Reginald Dorman-Smith e seu assistente jogaram uma última partida de bilhar depois de acabar com as poucas garrafas que restavam na adega. Então, para negar aos japoneses os retratos severos dos antigos governadores, atiraram as bolas de bilhar nas telas.

O general Sir Harold Alexander, nomeado comandante em chefe na Birmânia, voou para Rangum quando os japoneses se aproximavam. Em 7 de março, ordenou a destruição dos tanques de petróleo da Burmah Oil, na periferia da cidade, e instruiu as forças britânicas remanescentes a recuarem para o norte. Para sorte dos britânicos, eles puderam escapar porque no dia seguinte os japoneses não conseguiram fazer emboscadas eficazes. O plano era formar uma nova linha de defesa no norte com a 1ª Divisão Birmanesa de homens da tribo das montanhas de Keren, que se opunham ferozmente aos japoneses, e 50 mil soldados nacionalistas chineses liderados pelo comandante americano na China, o major-general Joseph Stilwell. “Joe Vinagre” era um anglófilo visceral. Ele afirmou, de modo pouco convincente, que Alexander “se espantou ao encontrar a MIM — eu, um reles americano, — no comando das tropas chinesas. ‘Extraordinário!’ Olhou-me como se eu tivesse saído rastejando do fundo de um buraco”.²¹

Depois de ocupar Rangum e o porto, os japoneses puderam reforçar o seu exército rapidamente. Os seus aviões, que agora decolavam de campos no interior da Birmânia, conseguiram destruir quase todos os caças remanescentes da RAF e dos Tigres Voadores em um aeródromo mais ao norte.

No final de março, as forças chinesas foram derrotadas e o que agora se tornara o Corpo Birmanês, comandando pelo tenente-general William Slim, foi forçado a recuar rapidamente para não ser cercado. Chiang Kai-shek acusou os britânicos de fracassarem na manutenção da linha. Certamente a ligação entre ambos os exércitos era ineficaz, em parte porque os chineses não tinham mapas e não podiam ler os nomes dos lugares nas cartas topográficas fornecidas pelos britânicos. O desastre confirmou-se quando Stilwell insistiu em uma ofensiva que os exércitos chineses foram incapazes de levar a cabo.

Stilwell rejeitou o plano de Chiang Kai-shek de defender Mandalay por

considerá-lo passivo demais. Sem avisar os britânicos, enviou duas divisões chinesas para fazerem um ataque no sul e recusou-se a permitir que a 200ª Divisão recuasse de Tounggoo. Os japoneses rapidamente tiraram vantagem destas formações espalhadas demais e avançaram mais até Lashio, ao norte de Mandalay, e assim cercaram o flanco dos britânicos. Stilwell recusou-se a admitir responsabilidade pelo desastre e culpou as forças chinesas por sua relutância estúpida em atacar e perderem a oportunidade de uma grande vitória. Os britânicos apreciavam muito mais os esforços chineses e ficaram tão furiosos com Stilwell quanto Chiang Kai-shek.

Em 5 de abril, uma poderosa força-tarefa japonesa entrou na baía de Bengala para atacar a base naval britânica em Colombo. O almirante Sir James Somerville conseguiu mandar a maior parte dos seus navios para fora a tempo, mas os danos causados foram extremamente sérios. No início de maio, os japoneses haviam tomado Mandalay e cruzaram para a China pela estrada da Birmânia, obrigando algumas forças nacionalistas chinesas a regressarem à província de Yunnan. Quem mais sofreu com a retirada para o norte foram os civis indianos da ampla comunidade na Birmânia, inclusive os pequenos comerciantes e suas famílias, que não estavam acostumados a passar dificuldade. Foram atacados e roubados pelos birmaneses, que os odiavam. As tropas aliadas restantes tiveram de recuar em direção à fronteira indiana depois de sofrer 30 mil baixas. A ocupação japonesa do sudeste asiático parecia terminada.

Nota:

[* O White Ensign ou St George's Ensign é um pavilhão desfraldado nos navios e repartições em terra da Marinha Real que consiste da Cruz de São George tendo no quadrante superior esquerdo a Union Jack. \[N. do R. T.\]](#)

A China e as Filipinas

NOVEMBRO DE 1941—ABRIL DE 1942

O ano de 1941 havia começado de modo encorajador para os nacionalistas chineses. O XI Exército japonês estava tão disperso que não conseguia se concentrar para uma ofensiva eficaz. Ao sul de Yangtzé, no rio Jin, os nacionalistas conseguiram inclusive provocar um sério revés às 33^a e 34^a Divisões, causando mais de 15 mil baixas. Em uma jogada calculada, Chiang Kai-shek forçou a guerrilha comunista do Novo IV Exército a abandonar as áreas ao sul do Yangtzé e passar para o norte do rio Amarelo.¹ Parece que, embora tenha sido feito um acordo para esta retirada, Mao se assegurou de rompê-lo. Houve lutas encarniçadas quando as tropas comunistas, deliberadamente confundidas por Mao, toparam com as forças nacionalistas. Inevitavelmente, os relatos de ambos os lados sobre os acontecimentos diferem por completo. O que se sabe é que isto tornou ainda mais difícil evitar uma guerra civil. Os representantes soviéticos limitaram-se a expressar preocupação com a luta entre nacionalistas e comunistas quando deviam estar atacando os japoneses. Mas, no mundo à volta, os partidos comunistas estrangeiros usaram o incidente como propaganda para alegar que os nacionalistas eram sempre os agressores.

Entrementes, o generalíssimo estava indignado com o crescente controle soviético sobre a província de Sinkiang, no extremo noroeste, fronteira à Mongólia, União Soviética e Índia. Operando mediante o senhor da guerra local, Sheng Shih-tsai, a União Soviética havia construído bases e fábricas, instalara uma guarnição militar e começara a minerar estanho e a perfurar petróleo. Com o aumento da sua influência na província, um campo secreto treinava quadros para o Partido Comunista Chinês. Sheng Shih-tsai candidatou-se a membro do partido. A iniciativa foi vetada por Stalin, mas depois, em vez disso, ele foi aceito pelo Partido Comunista da União Soviética. Como Sinkiang era uma escala essencial no abastecimento e comércio com a União Soviética, os

nacionalistas estavam de mãos atadas. Chiang Kai-shek só podia ganhar tempo até a chegada de um momento mais favorável para reafirmar o seu controle sobre o que se tornara um feudo soviético.

Apesar das tensões, o abastecimento soviético havia sido retomado, ao menos momentaneamente, em grande parte porque Stalin temia a volta da ameaça japonesa no Extremo Oriente. Em uma batalha pela província austral de Hunan, os nacionalistas mais uma vez usaram a tática da retirada seguida do contra-ataque. Só em Shensi, ao sul, os japoneses conseguiram avançar de verdade e tomar importantes áreas agrícolas, das quais os nacionalistas dependiam para obter alimentos e recrutas. Isto ocorreu com a sua vitória acachapante na Batalha de Zhongyuan, que Chiang Kai-shek descreveu como “a maior vergonha na história da guerra contra o Japão”.²

Ernest Hemingway e sua nova esposa, Martha Gellhorn, viajavam pela China na época, e a tristeza e a miséria ao redor abateram até a intrépida Gellhorn.³ “A China me curou — nunca mais quero viajar”, escreveu ela à mãe. “É angustiante ver e um horror compartilhar a vida real no Oriente.” A sujeira, os odores, os ratos e percevejos causaram efeito. Na capital nacionalista de Chungking, que Hemingway descreveu como “cinzenta, amorfa, lamacenta, uma série de edifícios pardacentos de cimento e choças miseráveis”, eles almoçaram com madame Chiang Kai-shek e o generalíssimo, e mais tarde souberam que havia sido uma grande honra serem recebidos por ele sem a dentadura.

O generalíssimo não teria gostado de saber que Gellhorn já havia ficado impressionada com Chou En-Lai, o representante comunista em Chungking. Por sua parte, Hemingway demonstrou que não era acrítico com relação aos comunistas como fora na Espanha. Estava ciente da eficácia da propaganda e sabia que gente que apoiava o comunismo, como Edgar Snow, havia conseguido convencer os leitores americanos de que as forças de Mao lutavam duramente, enquanto os nacionalistas corruptos pouco faziam, quando, na verdade, o inverso era verdade.

Certamente havia corrupção na China nacionalista, mas ela variava segundo o exército e os oficiais. Oficiais de Estado-Maior da velha guarda no V Exército usavam caminhões militares para trazer ópio de Sichuan a fim de vendê-lo no vale do Yangtzé, mas nem todos os oficiais nacionalistas seguiam o comportamento tradicional dos senhores da guerra. Enquanto alguns lucravam sem o menor pejo com o roubo e a venda das rações dos próprios soldados, outros, mais modernos e liberais, enfiavam a mão no bolso para comprar remédios para os seus homens. Em breve, os comunistas mostraram que não eram melhores. A sua produção e venda de ópio era destinada a criar uma poupança para combater os nacionalistas mais tarde. Em 1943, o embaixador

soviético estimou a venda de ópio pelos comunistas em 44.760 quilos, no valor aproximado de 60 milhões de dólares naquela ocasião.⁴

Do ponto de vista dos nacionalistas, a invasão da União Soviética por Hitler, em junho de 1941, foi um acontecimento ambíguo. Do lado positivo, significou que Stalin não podia estar tão seguro na aposta de tomar a província de Sinkiang. Acima de tudo, deixava claras as linhas de batalha da Segunda Guerra Mundial, colocando a Inglaterra, os Estados Unidos e a União Soviética do mesmo lado contra a Alemanha e o Japão. Por outro lado, tornava Stalin cada vez mais determinado a evitar um enfrentamento com o Japão. Ele temia o fortalecimento das forças japonesas no norte e pediu aos comunistas chineses que lançassem um grande ataque de guerrilha, mas, apesar de concordar, Mao não fez nada. A única ofensiva comunista, a Operação Cem Regimentos, havia ocorrido no verão anterior. Mao ficara furioso, pois ela ajudara os nacionalistas que estavam sob pressão, e embora tenha causado sérios danos a ferrovias e minas, as baixas comunistas foram grandes.

Apesar de as forças comunistas praticamente terem voltado à neutralidade durante o ano de 1941, o comandante japonês, general Okamura Yasuji, lançou o seu lema selvagem antiguerrilha “Três Tudos”⁵ — “matar tudo, queimar tudo, destruir tudo” — contra as áreas das bases comunistas. Quando não eram massacrados, os jovens eram detidos para fazer trabalhos forçados. A fome também era usada como arma. Os japoneses incendiaram todas as plantações que não puderam levar. Estima-se que neste período a população das áreas das bases comunistas diminuiu de 44 milhões para 25 milhões.⁶

Para fúria de Moscou, Mao retirou muitas forças e dividiu as que ainda estavam por trás das linhas japonesas. Aos olhos soviéticos, aquilo foi uma traição ao “internacionalismo proletário”⁷ que obrigava os comunistas de todos os cantos a fazer muitos sacrifícios pela “pátria dos oprimidos”. Agora Stalin tinha certeza de que Mao estava mais interessado em tomar território dos nacionalistas do que em lutar contra os japoneses. Mao também fazia tudo o que podia para reduzir a influência soviética no seio do Partido Comunista Chinês.

Embora Stalin tivesse assinado um pacto de não agressão com o Japão em abril e depois tenha suspendido o fornecimento de material militar aos nacionalistas, continuava oferecendo-lhes assessores militares.⁸ O principal assessor à época era o general Vasily Chuikov, que mais tarde comandaria o LXII Exército na defesa de Stalingrado. No total, uns 1.500 oficiais do Exército Vermelho serviram na China, ganhando experiência e avaliando sistemas de armas, como haviam feito na Guerra Civil Espanhola.

Os britânicos também ofereceram armas e treinamento aos destacamentos da guerrilha chinesa. Isto fora organizado pelo escritório da Agência de Operações

Espaciais em Hong Kong, mas, como seus oficiais começaram a armar grupos comunistas na área de East River, Chiang exigiu que o programa fosse suspenso. Enquanto isso, os americanos haviam começado a fornecer assistência. Isto incluía a formação do Grupo Voluntário Americano, os Tigres Voadores, equipados com 100 Curtiss P-40 e comandados pelo general da reserva do Corpo Aéreo do Exército Claire Chennault, assessor de aviação de Chiang Kai-shek. Eles estavam baseados na Birmânia para ajudar a proteger a ligação por terra com o sudoeste da China, mas os P-40 tinham poucas chances contra o Mitsubishi Zero japônês, a menos que o piloto empregasse táticas especiais.

Na própria China, especialmente na capital de Chungking, os pilotos da minúscula força aérea nacionalista faziam o que podiam para desorganizar as formações dos bombardeiros japoneses. Em dezembro de 1938, o quartel-general imperial foi forçado a admitir que as táticas nacionalistas haviam frustrado toda esperança de uma vitória rápida. Por isso, recorreu ao bombardeio estratégico na esperança de destruir a resistência chinesa.⁹ Os objetivos eram todos os complexos industriais, mas o principal era a capital nacionalista, atacada incessantemente com explosivos e bombas incendiárias. Os japoneses adotaram a estratégia de pequenos ataques múltiplos para manter a cidade em alerta constante e minar as suas defesas. Os historiadores chineses referem-se ao “Grande Bombardeio de Chungking”, cujo estágio mais intenso durou de janeiro de 1939 a dezembro de 1941, quando unidades da aviação naval japonesa foram deslocadas para o Pacífico. Mais de 15 mil civis chineses foram mortos e 20 mil ficaram gravemente feridos.

Em 18 de setembro de 1941, o XI Exército japonês lançou uma nova ofensiva com quatro divisões contra a cidade de Changsha, de importância estratégica. A luta foi intensa enquanto as forças chinesas recuavam. Como sempre, os feridos foram os que mais sofreram durante a retirada. Um médico chinês de Trinidad, nas Antilhas Ocidentais, descreveu uma cena tipicamente sádica. “Uma ambulância da Cruz Vermelha estava parada na estrada cercada por centenas de homens feridos, de pé ou deitados. Ela já estava lotada e os feridos menos graves haviam subido no teto. Alguns inclusive se amontoaram no banco do motorista. Este estava de pé diante deles, os braços alçados, rogando desesperado. Não era uma cena incomum. Os feridos se deitavam na estrada para evitar que os caminhões os deixassem para trás.”¹⁰

Nesta nova tentativa de cercar Changsha os japoneses tiveram mais baixas do que as que causaram. A combinação nacionalista de operações convencionais e de guerrilha era cada vez mais eficaz. O plano havia sido traçado pelo general Chuikov. Os chineses voltaram a contra-atacar assim que os japoneses entraram na cidade. Fontes nipônicas afirmaram que eles só recuaram por ordem do

quartel-general imperial, enquanto os chineses comemoravam uma grande vitória.

No meio-tempo, os chineses haviam enviado uma grande força contra o importante porto fluvial de Ichang, no Yangtzé, na tentativa de recuperá-lo. Em 10 de outubro quase conseguiram esmagar a 13ª Divisão japonesa que defendia o local. “A situação da divisão era tão desesperadora que o pessoal se preparou para incendiar os estandartes do regimento, destruir documentos secretos e cometer suicídio.”¹¹ Porém, foram salvos a tempo pela 39ª Divisão que veio em seu socorro.

Tanto os exércitos nacionalistas e os senhores da guerra, seus aliados, quanto os comunistas fizeram deliberadamente uma campanha longa e geograficamente extensa, evitando grandes ofensivas. Às vezes, os nacionalistas, e principalmente os comunistas, buscavam tréguas locais com os japoneses. O Exército Imperial japonês, por seu lado, usava as operações na China como um campo de treinamento para as formações recém-criadas. Embora a contínua resistência chinesa não tenha alterado o resultado da guerra no Extremo Oriente, ela teve efeitos indiretos consideráveis.

Mesmo quando os japoneses iniciaram a guerra mais ampla no Pacífico, em dezembro de 1941, o seu Exército Expedicionário na China ainda tinha 680 mil homens. Era quatro vezes maior que o total das forças terrestres japonesas usadas para atacar as possessões britânicas, americanas e holandesas. Como assinalaram diversos historiadores, o dinheiro e os recursos destinados à Guerra Sino-Japonesa desde 1937 poderiam ter sido mais bem empregados na preparação da guerra do Pacífico, principalmente na construção de mais porta-aviões. No entanto, a consequência mais importante da resistência chinesa, combinada à vitória soviética em Khalkhin Gol, foi a negativa japonesa em atacar a Sibéria quando o Exército Vermelho estava em seu ponto mais vulnerável, no outono e início do inverno de 1941. O curso da Segunda Guerra Mundial poderia ter sido muito diferente se o ataque tivesse sido lançado.

Em fevereiro de 1942, o general Marshall nomeou o general Joseph Stilwell comandante na China e na Birmânia. Stilwell havia sido adido militar dos Estados Unidos em Nanquim junto ao governo nacionalista, quando a guerra de resistência contra o Japão começou, em 1937. Portanto, em Washington era visto como um conhecedor da China. Mas “Joe Vinagre” Stilwell considerava os oficiais chineses preguiçosos, hipócritas, bizantinos, inescrutáveis, não militares, corruptos e até mesmo estúpidos. Sua opinião era mais ou menos a do século XIX, que via a China como “o homem doente da Ásia”.¹² Ele parece não ter entendido as dificuldades reais enfrentadas pelo governo de Chiang Kai-shek, principalmente os problemas de abastecimento alimentar, que haviam forçado a

retirada de muitas tropas para zonas agricolamente mais ricas simplesmente para evitar que desertassem em virtude da fome.¹³

A comida, como Stilwell se recusava a reconhecer, tendia a ser a maior preocupação dos nacionalistas,¹⁴ principalmente porque as suas áreas haviam sido tomadas por mais de 50 milhões de pessoas que fugiam da crueldade japonesa.¹⁵ Após colheitas ruins e a perda de áreas agrícolas para o inimigo, os preços dos alimentos subiram vertiginosamente. Os pobres e refugiados passavam fome, e até os oficiais de menor patente lutavam para alimentar as suas famílias. O governo considerava praticamente impossível evitar que os especuladores e oficiais retivessem grãos e arroz para obter maiores lucros mais tarde, embora parte dos estoques acumulados apodrecesse. Era muito difícil extirpar a corrupção que Stilwell condenava.

A solução dos nacionalistas foi taxar os camponeses em espécie, mas isso transferiu o fardo de alimentar os vastos exércitos para os ombros deles; tiveram também que recrutá-los em grandes quantidades para o serviço militar. Em breve a fome assolou muitas regiões. Em consequência, o alistamento também ficou mais difícil, e os recrutadores recorreram à força e ignoraram todas as isenções. As rações eram reduzidas constantemente e ao final da guerra a inflação fez com que o soldo mensal de um soldado fosse menor que o preço de dois repolhos. Para uma sociedade agrária extensa e devastada em que as comunicações haviam sido interrompidas, era quase impossível travar uma guerra moderna. Para os comunistas, as coisas eram melhores nas áreas menos populosas, principalmente por seu controle feroz em todos os níveis. Eles eram argutos no modo mais eficaz de empregar a mão de obra, inclusive colocando as tropas para ajudarem nas colheitas. Os exércitos comunistas também criaram as próprias fazendas para torná-las autossuficientes. Assim, entre os camponeses pobres granjearam muito mais apoio que os nacionalistas. Mas a sua grande vantagem foi terem sido deixados relativamente em paz enquanto os japoneses concentravam as suas forças contra os nacionalistas.

Marshall havia designado Stilwell entre outras coisas por seu profundo compromisso com a doutrina do exército americano que enfatizava a importância da ofensiva. Contudo, os nacionalistas e seus aliados simplesmente não estavam em condições de lançar operações ofensivas de peso. Careciam de transporte para concentrar as forças e não tinham apoio aéreo nem tanques. Por isso, mesmo antes da guerra Chiang Kai-shek havia decidido que a sua única chance de sobrevivência seria uma guerra de atrito interminável. Um realista que conhecia o seu país e as limitações dos seus exércitos melhor do que Stilwell, Chiang teve de aguentar arengas constantes sobre a sua falta de “espírito belicoso”. Stilwell referia-se depreciativamente ao generalíssimo como

“Amendoim”. Equivocadamente, Chiang subestimava a raiva americana do Japão e temia que os Estados Unidos fizessem a paz com Tóquio e o abandonassem. Na sua necessidade desesperada de ajuda, era obrigado a aturar este aliado desrespeitoso.

Stilwell também compartilhava a suspeita generalizada de Marshall e seus seguidores de que os britânicos só se interessavam em recuperar o seu império e estavam dispostos a manipular o apoio americano para alcançar este fim. Mas ele estava absolutamente só na crença de que os japoneses poderiam ser derrotados efetivamente na China. Esta visão era completamente contrária à estratégia de Washington de encorajar Chiang Kai-shek de modo a manter grandes contingentes japoneses na China enquanto os Estados Unidos dominavam o Pacífico. Marshall recusou firmemente o pedido de Stilwell de um corpo de exército para ser ponta de lança na luta na China.

A crença de Stilwell na primazia da guerra na China levou-o, contudo, a pôr o foco na Birmânia para garantir a linha de suprimento dos nacionalistas. Por sua parte, os britânicos enxergavam as forças de Chiang Kai-shek como um modo de defender a Índia e, mais tarde, como um aliado para ajudá-los a recuperar os domínios imperiais perdidos da Birmânia e da Malásia. Hong Kong seria uma questão muito mais complexa, como sabiam, pois Chiang estava decidido a recuperá-la para a China.

Malgrado ter sido em parte responsável pelo desastre na Birmânia, Stilwell foi descrito como um herói pela imprensa americana, que continuava lamentavelmente ignorante a respeito da guerra na China. Na verdade, os nacionalistas tiveram êxito na condução da guerra até 1941, ao conseguir o equilíbrio entre as necessidades da economia rural e o alistamento de 2 milhões de homens por ano e a necessidade de alimentá-los. Mas a ofensiva japonesa de Shensi, ao sul, quando capturaram o centro de comunicações de Ichang, no Yangtzé, isolou a maior parte dos exércitos nacionalistas das suas provisões alimentares em Sichuan.

Chiang Kai-shek aborreceu-se porque, depois da longa retirada na Birmânia, Stilwell se deslocou para a Índia, em 1942, com duas das suas melhores divisões. Corretamente, ele suspeitou que Stilwell estivesse tentando construir o seu próprio comando independente, mas o tolerou porque estava ainda mais preocupado de que estas formações não passassem ao controle britânico. As duas divisões, a 22ª e a 38ª, foram reequipadas com a reserva de equipamentos do *Lend-Lease* destinado aos exércitos de Chiang na China, mas que já não podiam chegar até lá devido à perda da estrada da Birmânia. Só aviões de carga que sobrevoassem a “corcunda” do Himalaia conseguiam transportar uma pequena quantidade de equipamentos. Vários outros materiais destinados aos

nacionalistas ficaram estocados nos Estados Unidos ou foram entregues aos britânicos. O controle de Stilwell sobre a distribuição dos suprimentos do *Lend-Lease* criou tensão e suspeitas na sua relação com o generalíssimo, de quem ele, supostamente, era o chefe do Estado-Maior. Stilwell acreditava piamente que, como o provedor da ajuda, devia usá-la como uma alavanca para forçar Chiang a fazer o que lhe ordenavam.

A guerra do Pacífico, com ênfase no poderio aéreo e marítimo em apoio a desembarques anfíbios, era muito distinta da guerra continental na China. Nas Filipinas, o general MacArthur havia retido o grosso das suas tropas quando os japoneses, em 10 de dezembro de 1941, fizeram pequenos desembarques na ponta norte da ilha principal de Luzon. Acertadamente, ele previu que os japoneses tinham por objetivo desviar a atenção e dividir as suas forças. Dois dias depois, houve outro desembarque japonês na península sudeste de Luzon. O ataque principal só ocorreu em 2 de dezembro, quando 43 mil homens do XIV Exército desembarcaram em praias a 200 quilômetros ao norte de Manila.

Os dois desembarques principais indicavam que o Exército Imperial japonês pretendia fazer um ataque em pinça contra a capital filipina. Em teoria, MacArthur comandava uma força de 130 mil homens, mas a grande maioria era de unidades filipinas da reserva. Ele só podia contar com 31 mil combatentes americanos e filipinos. As tropas japonesas, calejadas pela batalha, com pontas de lança blindados, logo recuaram de volta à baía de Manila. MacArthur pôs em ação o plano contingencial *Orange* (Laranja).¹⁶ Isso significava recuar as tropas para a península de Bataan, no lado oeste da baía de Manila, e mantê-la. A ilha de Corregidor, na boca da grande baía, poderia controlar a entrada com baterias de artilharia costeiras e defender a extremidade sudeste da península, que tem 50 quilômetros de comprimento.

Na falta de transporte militar suficiente para retirar as forças ao sul, MacArthur requisitou os ônibus com pinturas espalhafatosas de Manila. Na noite de 24 de dezembro, acompanhado do presidente Manuel Quezon e do seu governo, ele deixou a capital em um vapor para estabelecer o seu quartel-general na ilha-fortaleza de Corregidor, conhecida como “a Rocha”. Enormes depósitos e estoques de petróleo em volta de Manila e nas instalações navais foram incendiados, enviando grossas colunas de fumaça preta para o céu.

O recuo para Bataan dos 15 mil soldados americanos e 65 mil filipinos e a sua primeira linha de defesa ao longo do rio Pampanga foram feitos com dificuldade. Muitos reservistas filipinos haviam fugido de volta para casa, porém outros rumaram para as montanhas a fim de prosseguir na guerra de guerrilha contra os

invasores. Do outro lado de Bataan, os japoneses entraram em Manila em 2 de janeiro de 1942. O maior problema de MacArthur era alimentar 80 mil soldados e 26 mil refugiados civis na península, agora que a marinha japonesa havia montado um bloqueio eficaz e desfrutava de supremacia aérea.

Os ataques japoneses começaram em 9 de janeiro. As forças de MacArthur que detinham o gargalo da península de Bataan estavam divididas pelo monte Natib. De modos distintos, o solo, com selva espessa e ravinas no lado oeste e pântanos no lado leste ao longo da baía de Manila, era um terreno infernal. A malária e a dengue assolavam as tropas, que careciam de quinino suficiente, além de outros suprimentos médicos. A maioria já estava debilitada pela disenteria, que os fuzileiros navais americanos chamavam de “corredeiras do Yangtzé”. O principal erro de MacArthur foi dispersar os suprimentos em vez de concentrá-los em Bataan e Corregidor.

Após duas semanas de luta encarniçada, em 22 de janeiro os japoneses adentraram no centro montanhoso e forçaram as tropas de MacArthur a recuar para outra linha a meio caminho na península. Com os uniformes em frangalhos, doentes, a pele começando a deteriorar por causa da selva e dos pântanos, os soldados estavam exaustos e gravemente debilitados. Uma nova ameaça surgiu com quatro desembarques anfíbios dos japoneses em torno da ponta sudoeste da península. Eles foram contidos e repelidos com grandes dificuldades, causando grandes baixas em ambos os lados.

A resistência das tropas americanas e filipinas fora tão eficaz e provocou tantas baixas japonesas que, em meados de fevereiro, o tenente-general Homma Masaharu recuou as suas tropas para que descansassem enquanto esperavam por reforços. Embora o moral dos defensores tivesse melhorado, e eles aproveitassem para aprimorar as suas defesas, o número de doentes e o entendimento de que não podiam esperar por ajuda logo cobraram o seu preço. Muitos dos “Batalhadores Bastardos de Bataan”,¹⁷ como se autodenominavam, se amarguraram com a ideia de MacArthur instando-os a maiores esforços a partir da segurança dos túneis de concreto do quartel-general em Corregidor. MacArthur ficou conhecido como “Dugout Doug” (O Douglas dos Abrigos). Ele queria ficar nas Filipinas, mas recebeu ordens diretas de Roosevelt de partir para a Austrália a fim de se preparar para lutar de volta. Em 12 de março ele partiu com a sua família e Estado-Maior em uma flotilha de quatro lanchas torpedeiras rápidas, ou lanchas PT.

Os que ficaram para trás, sob o comando do major-general Jonathan Wainwright, sabiam que a situação era desesperançada. Com fome e doentes, menos de um quarto podia combater. As forças do general Homma, por sua vez, haviam sido reforçadas com outros 21 mil homens, bombardeiros e artilharia.

Em 3 de abril, os japoneses atacaram novamente com uma força avassaladora. A defesa caiu e em 9 de abril as tropas em Bataan comandadas pelo major-general Edward King Jr. se renderam. Em Corregidor, Wainwright ainda resistia, mas a “Rocha” foi pulverizada por bombardeios contínuos, torpedos navais e artilharia terrestre. Na noite de 5 de maio as tropas japonesas desembarcaram na ilha e, no dia seguinte, um Wainwright devastado foi forçado a render os 13 mil homens restantes. Contudo, a agonia dos defensores de Bataan e Corregidor estava longe de acabar.

A Guerra pelo Mundo

DEZEMBRO DE 1941 – JANEIRO DE 1942

Embora a guerra com a Alemanha e a guerra com o Japão fossem conduzidas como dois conflitos separados, exerceram muito mais influências mútuas do que pode parecer. A vitória soviética em Khalkhin Gol, em agosto de 1939, não só contribuiu para a decisão japonesa de atacar o sul e trazer os Estados Unidos para a guerra como também significou que Stalin podia deslocar as suas divisões siberianas para o oeste e derrotar a tentativa de Hitler de tomar Moscou.

O pacto Nazissoviético, que fora um grande choque para o Japão, também afetou o seu pensamento estratégico. A surpreendente falta de ligação entre a Alemanha e o Japão, que concluíra o seu pacto de neutralidade com Stalin apenas dois meses antes de Hitler invadir a União Soviética, não contribuiu para tal. A facção favorável ao “ataque ao sul” prevaleceu em Tóquio não só contra os que queriam a guerra com a União Soviética, mas também contra aqueles no Exército Imperial japonês que primeiro queriam terminar a guerra na China. De qualquer modo, o pacto de neutralidade nipo-soviético significava que agora os Estados Unidos eram o principal fornecedor dos nacionalistas chineses. Chiang Kai-shek tentou persuadir o presidente Roosevelt a exercer pressão sobre Stalin para que se unisse à guerra contra o Japão, mas ele se recusou a barganhar o *Lend-Lease*. Stalin foi inflexível na opinião de que o Exército Vermelho só podia lutar em uma frente de cada vez.

Em 1941, o apoio crescente de Roosevelt a Chiang Kai-shek provocou a fúria de Tóquio, mas para os japoneses a decisão de Washington de impor um embargo petrolífero foi considerada equivalente a uma declaração de guerra. O fato de que tivesse ocorrido em resposta à ocupação japonesa da Indochina e fosse um aviso para que não invadissem outros países não encaixava na sua lógica, baseada no orgulho nacional.

Em virtude das suas crenças em supremacia, os militaristas japoneses, assim como os nazistas, tendiam a misturar causa e efeito. Talvez de um modo

previsível, enfureceram-se com a Carta do Atlântico de Roosevelt e Churchill, que consideraram uma tentativa de impor a versão anglo-americana da democracia ao mundo. Eles podiam apontar o paradoxo que significava para o Império Britânico promover a autodeterminação e, no entanto, a noção japonesa de libertação imperial na Esfera de Co-Prosperidade da Grande Ásia Oriental era muito mais opressora. Na verdade, a sua nova ordem asiática era surpreendentemente semelhante à versão alemã, e o modo como tratavam os chineses tinha paralelo na atitude nazista com relação aos *Undermenschen* eslavos.

O Japão nunca se atreveria a atacar os Estados Unidos se Hitler não tivesse começado a guerra na Europa e no Atlântico. Uma guerra em dois oceanos era a sua única oportunidade contra o poderio naval americano e o Império Britânico. Foi por isso que em novembro de 1941 os japoneses buscaram garantias da Alemanha nazista de que ela declararia guerra aos Estados Unidos assim que eles atacassem Pearl Harbor. A princípio, Ribbentrop foi evasivo, certamente ainda irritado porque o Japão havia negado o pedido alemão em julho de atacar Vladivostok e a Sibéria. “Roosevelt é um fanático”, disse, “então é impossível prever o que fará.”¹ O general Oshima Hiroshi, o embaixador japonês, perguntou à queima-roupa o que a Alemanha faria.

“Se o Japão entrar em guerra com os Estados Unidos”, Ribbentrop foi forçado a responder, “claro que a Alemanha declararia guerra imediatamente. Nestas circunstâncias, não haveria qualquer possibilidade de a Alemanha fazer a paz em separado com os Estados Unidos: o Führer está decidido neste ponto.”

Os japoneses não haviam contado os seus planos à Alemanha, então, segundo Goebbels, a informação sobre o ataque a Pearl Harbor chegou “como um raio vindo do nada”.² Hitler saudou a notícia com grande satisfação. Os japoneses manteriam os americanos ocupados, pensou, e a guerra no Pacífico certamente diminuiria a quantidade de provisões enviadas à União Soviética e à Grã-Bretanha. Ele calculou que os Estados Unidos entrariam em guerra contra ele num futuro próximo, mas não estariam em condições de intervir na Europa antes de 1943, no mínimo. Ele desconhecia a política da “Alemanha primeiro” acordada entre os chefes de governo americano e britânico.

Em 11 de dezembro de 1941, o *chargé d'affairs* americano em Berlim foi chamado à Wilhelmstrasse, onde Ribbentrop leu o texto da declaração de guerra alemã aos Estados Unidos. Naquela tarde, no Reichstag, aclamado pelos membros do partido ao grito de “*Sieg heil!*”, o próprio Hitler declarou que, de acordo com o Pacto Tripartite, a Alemanha e a Itália, junto com o Japão, estavam em guerra com os Estados Unidos. Na verdade, o Pacto era uma aliança de defesa mútua. A Alemanha não estava de modo algum obrigada a ajudar o Japão

caso ele fosse o agressor.

Em um momento em que as tropas alemãs recuavam em Moscou, a declaração de guerra aos Estados Unidos parecia, no mínimo, precipitada. A decisão denotava um orgulho desmedido, principalmente quando Ribbentrop (provavelmente repetindo as palavras de Hitler) afirmou de modo arrogante, “Uma grande potência não permite que lhe declarem guerra — ela própria o faz”.³ Contudo, Hitler não havia nem mesmo consultado o OKW e oficiais militares importantes no seu quartel-general, tais como os generais Alfred Jodl e Walter Warlimont. Eles ficaram alarmados com a decisão imprevidente, principalmente porque no verão anterior Hitler havia declarado que não queria guerra com os Estados Unidos antes de esmagar o Exército Vermelho.

De um só golpe, a estratégia autojustificada de Hitler de que a vitória sobre a União Soviética forçaria a Grã-Bretanha a sair da guerra virara de ponta-cabeça. Agora, na verdade, a Alemanha enfrentaria uma guerra em duas frentes. Os generais estavam pasmos com a sua aparente ignorância do poderio industrial americano. Os alemães comuns começaram a temer que o conflito se estendesse por anos. (Mais tarde, no final da guerra, foi surpreendente como muitos alemães se convenceram de que a guerra havia sido declarada pelos Estados Unidos, e não o contrário.)

Os soldados na frente leste ouviram a notícia determinados a encará-la pelo melhor ângulo. “No próprio dia 11 de dezembro pudemos ouvir o discurso do Führer, um acontecimento extraordinário”, escreveu um cabo da 2ª Divisão Panzer, alardeando que estavam a 12 quilômetros do Kremlin. “Agora começou a autêntica guerra mundial. Ela tinha que vir.”⁴

O principal elemento do pensamento de Hitler estava na guerra naval. A política cada vez mais agressiva de Roosevelt de “*shoot on sight*” (atirar ao avistar), que ordenava aos navios de guerra americanos que atacassem *U-boats* onde quer que os encontrassem, e a decisão de escoltar os comboios a oeste da Islândia haviam começado a fazer a Batalha do Atlântico pender a favor dos Aliados. O almirante Raeder havia pressionado Hitler a permitir que suas alcateias revidassem. Hitler compartilhava a sua frustração, mas não se atrevia a dar um passo enquanto os japoneses não fixassem a marinha americana no Pacífico e concordassem formalmente em não procurar a paz em separado com os Estados Unidos. Agora, o Atlântico ocidental e toda a linha costeira norte-americana poderiam se tornar zonas de alvos na “guerra de torpedos”. Na visão de Hitler, isto finalmente poderia significar um modo de fazer a Grã-Bretanha se dobrar, mesmo antes da conquista da União Soviética.

O *Konteradmiral* Karl Dönitz, comandante da flotilha de *U-boats*, havia pedido a Hitler em setembro de 1941 que o deixasse constantemente a par de

uma possível declaração de guerra aos Estados Unidos.⁵ Queria tempo para preparar as suas alcateias, de modo a posicioná-las para atacar impiedosamente os navios americanos ao longo da costa leste enquanto os Estados Unidos se encontrassem ainda despreparados. Contudo, como os acontecimentos demonstraram, a decisão súbita de Hitler ocorreu quando não havia *U-boats* disponíveis na área.

A obsessão antissemita de Hitler o havia convencido de que os Estados Unidos eram basicamente um país nórdico dominado por judeus que fomentavam a guerra, e esta foi outra razão pela qual era inevitável o confronto entre a sua Nova Ordem Europeia e a América. Contudo, ele não percebeu que o ataque a Pearl Harbor unira o país de um modo muito mais poderoso do que Roosevelt jamais sonhara fazer. O lobby isolacionista com o mote “América primeiro” foi totalmente silenciado e a declaração de guerra de Hitler caiu como uma luva nas mãos de Roosevelt. Sem isto, o presidente não esperava contar com o Congresso para levar adiante a “guerra não declarada” no Atlântico.

Sem dúvida, aquela segunda semana de dezembro de 1941 foi o ponto de inflexão da guerra. Apesar das notícias terríveis de Hong Kong e da Malásia, Churchill agora sabia que a Grã-Bretanha não seria derrotada. Depois de ouvir a notícia sobre Pearl Harbor, ele contou que “foi para a cama e dormiu o sono dos justos e agradecidos”.⁶ O empurrão para trás dos exércitos alemães diante de Moscou também havia demonstrado que provavelmente Hitler não venceria o seu adversário mais formidável em terra. Além disso, houve um arrefecimento temporário na Batalha do Atlântico, e até no norte da África as notícias eram por fim encorajadoras, com a ofensiva de Auchinleck expulsando Rommel da Cirenaica. Portanto, foi com grande otimismo que Churchill zarpou novamente para o Novo Mundo, desta vez encouraçado HMS *Duke of York*, o navio irmão do *Prince of Wales*. Sua série de encontros com Roosevelt e os chefes de Estados-Maiores americanos teve o codinome de “Arcádia”.⁷

Enquanto cruzava o Atlântico, Churchill preparou suas visões sobre a futura conduta da guerra em uma fermentação de ideias. Estas, debatidas com os seus próprios chefes de Estados-Maiores, foram aperfeiçoadas para formar o planejamento estratégico britânico. Não deveria haver tentativas de desembarque no norte da Europa enquanto a indústria alemã, especialmente a aeronáutica, não tivesse sido dizimada por pesados bombardeios, campanha à qual queriam que os Estados Unidos se juntassem. As forças americanas e britânicas deveriam desembarcar no norte da África em 1942 para ajudar a derrotar Rommel e garantir o Mediterrâneo. Então, desembarques poderiam ocorrer em 1943 na Sicília e na Itália, ou em pontos da costa norte europeia. Churchill também reconhecia que os americanos deveriam revidar contra os japoneses com porta-

aviões.

Após uma travessia difícil cruzando mares agitados, em 22 de dezembro o *Duke of York* por fim chegou aos Estados Unidos. Recebido por Roosevelt, Churchill foi hospedado na Casa Branca, e nas três semanas seguintes provou ser um hóspede cansativo. Mas ele estava em seu elemento, e teve uma recepção extremamente calorosa quando discursou no Congresso. Os dois líderes não podiam ser mais diferentes. Sem dúvida, Roosevelt era um grande homem, contudo apesar de exibir charme e uma expressão calculada de intimidade que causava grande efeito, essencialmente era um homem vaidoso, frio e calculista.

Churchill, por sua vez, era impetuoso, expansivo, emotivo e temperamental. As suas conhecidas depressões quase sugerem uma forma de desordem bipolar. A maior diferença entre eles estava nas suas atitudes com relação ao império. Churchill orgulhava-se de descender do grande duque de Marlborough e era um imperialista antiquado. Para Roosevelt, estas atitudes não só eram algo obsoleto como profundamente equivocadas. O presidente também pensava que ele desprezava a *realpolitik* e, no entanto, mostrava-se sempre pronto a dobrar os países menores à sua vontade. Anthony Eden, outra vez no cargo de secretário do Exterior, logo comentou secamente sobre as dificuldades da relação triangular com a União Soviética que “a política dos Estados Unidos é exageradamente moralista, ao menos quando estão em jogo interesses alheios aos americanos”.⁸

A delegação britânica foi tranquilizada pelos chefes de Estados-Maiores americanos de que a sua política continuava sendo a da “Alemanha primeiro”. Esta decisão também foi influenciada pelo problema da escassez de navios. Dadas as enormes distâncias envolvidas, cada navio só podia fazer três viagens de ida e volta por ano ao cenário do Pacífico. Porém, a falta de navios também significava que o reforço americano na Grã-Bretanha para uma invasão pelo canal da Mancha levaria mais tempo que o imaginado. Este problema só começaria a ser resolvido quando o programa Liberty de construção de cargueiros foi posto em marcha, começando a produção em massa de navios-transportes.

Ao entrarem na guerra, os Estados Unidos estavam a ponto de se tornarem muito mais do que “o grande arsenal da democracia”. O programa *Victory*, sugerido originalmente por Jean Monnet, um dos poucos franceses que o governo americano respeitava de verdade, já havia deslanchado. Trabalhando em um plano para aumentar as forças para mais de 8 milhões de homens e com estimativas generosas para armamentos, tanques, aviões, material bélico e navios necessários para derrotar a Alemanha e o Japão, a indústria americana começou a se dedicar à produção voltada para a guerra. O orçamento subiu para 150 bilhões de libras esterlinas. A generosidade militar se tornaria assombrosa. Como

comentou um general: “O exército americano não resolve os seus problemas, simplesmente passa por cima deles.”⁹

O *Lend-Lease* para a União Soviética também fora aprovado pelo Congresso em outubro. Além disso, a Cruz Vermelha americana forneceu 5 milhões de dólares em suprimentos médicos. Roosevelt insistiu no envio de provisões à União Soviética. Churchill, por sua vez, alimentou as suspeitas de Stalin ao fazer promessas extravagantes e não cumpri-las. Em 11 de março de 1942, Roosevelt disse a Henry Morgenthau, o secretário do Tesouro, que “os ingleses falharam em todas as suas promessas aos russos... O único motivo para estarmos tão bem com eles é que até agora temos mantido as nossas promessas”.¹⁰ Ele escreveu a Churchill: “Sei que você não se incomodará com a minha franqueza brutal ao lhe dizer que creio poder lidar melhor com Stalin do que o seu Ministério do Exterior ou o meu departamento de Estado. Stalin odeia todo o seu pessoal do topo. Ele pensa que gosta mais de mim, e espero que continue assim.”¹¹ A autoconfiança arrogante e exagerada de Roosevelt na influência que exercia sobre Stalin tornar-se-ia uma desvantagem perigosa, principalmente no final da guerra.

Stalin queria que a Grã-Bretanha reconhecesse a reivindicação soviética pela Polônia e pelos Estados bálticos ocupados após o Pacto Molotov-Ribbentrop, e pressionou Anthony Eden com este fim. A princípio, os britânicos recusaram-se a discutir esta contradição flagrante da insistência da Carta do Atlântico na autodeterminação. Porém, temendo que Stalin buscasse a paz em separado com Hitler, Churchill levantou junto a Roosevelt a possibilidade de talvez concordarem com isto. Este rejeitou a sugestão de imediato. Então, paradoxalmente, foi Roosevelt quem provocou grande desconfiança em Stalin com uma promessa irrealizável. Em abril de 1942, sem estudar a questão, ele ofereceu ao líder soviético uma Segunda Frente mais tarde naquele ano.

O general Marshall estava horrorizado com o acesso de Churchill ao presidente na Casa Branca, sabendo da tendência de Roosevelt a formular políticas pelas costas dos seus próprios chefes de Estados-Maiores. Ficou ainda mais pasmo ao saber mais tarde, em junho de 1942, em outra visita de Churchill, que Roosevelt havia concordado com o plano do inglês de desembarques no norte da África, a Operação Gymnast (Ginasta), que muitos oficiais americanos de alta patente consideravam um esquema britânico para salvar o império.

Churchill regressou triunfante dos Estados Unidos, mas, exausto e doente, logo foi derrubado por uma série de desastres. Na noite de 11 de fevereiro de 1942 e no dia seguinte, os encouraçados alemães *Scharnhorst* e *Gneisenau*, junto com o encouraçado *Prinz Eugen* conseguiram “rápido cruzamento do canal”, de Brest para suas águas territoriais, com visibilidade ruim. Ao longo do caminho,

falharam diversos ataques de bombardeiros da RAF e de navios torpedeiros da Marinha Real. O país estava espantado e raivoso. Em vários lados houve inclusive um clima de derrotismo. Então, em 15 de fevereiro, Cingapura se rendeu. A humilhação britânica parecia não ter fim. Churchill, o reverenciado líder guerreiro, viu-se atacado por todos os lados, pela imprensa, o Parlamento e o governo australiano. Para piorar as coisas, grandes reuniões e manifestações começaram a exigir “Uma Segunda Frente Agora” para ajudar a União Soviética — a operação de ofensiva que Churchill não queria e não podia empreender.

Contudo, a grande ameaça da época não tinha nada a ver com os fracassos militares britânicos. A Kriegsmarine acabara de mudar o interior da máquina Enigma, acrescentando um rotor extra. Bletchey Park ficou incapacitado de decifrar as transmissões. As alcateias de Dönitz, agora a postos no Atlântico Norte e ao longo do litoral norte-americano, começaram a causar a quantidade de perdas que respondia aos sonhos de Hitler. No total, 1.769 navios dos Aliados e 90 neutros foram afundados em 1942. Após a euforia de Churchill com a entrada dos americanos na guerra, a Grã-Bretanha encararia a fome e o colapso caso perdesse a Batalha do Atlântico. Não surpreende que, com todos os problemas e humilhações que lhe caíram em cima, ele invejasse enormemente o êxito de Stalin em repelir os alemães de Moscou.

O grande feito do Exército Vermelho na Batalha de Moscou em dezembro logo foi solapado pelo próprio Stalin. Na noite de 5 de janeiro de 1942 ele convocou o Stavka e o Comitê de Defesa Estatal para uma reunião no Kremlin. O líder soviético estava louco por vingança e se convenceu de que chegara o momento de uma ofensiva geral. Os alemães estavam em uma situação confusa. Não se haviam preparado para o inverno e só seriam capazes de revidar um grande ataque na primavera. Enquanto caminhava pelo escritório de um lado para o outro fumando cachimbo, insistiu no plano de lançar operações maciças de cercos à frente central no lado oposto de Moscou, no norte em torno de Leningrado para romper o cerco e no sul contra o exército de Manstein na Crimeia, no Donbass, para retomar Kharkov.

Jukov, que desconhecia as instruções de Stalin ao Stavka, ficou assustado. Em conferência com Stalin, insistiu em que a ofensiva se concentrasse no “eixo ocidental” perto de Moscou. O Exército Vermelho não dispunha de suficientes reservas e suprimentos, principalmente munição, para um avanço generalizado. Após a Batalha por Moscou, os exércitos envolvidos haviam sofrido grandes perdas e estavam exaustos. Stalin ouviu-o, mas ignorou todas as advertências de Jukov. “Cumpra as suas ordens!”,¹² disse. A reunião terminara. Só mais tarde

Jukov descobriu que havia desperdiçado tempo. Instruções detalhadas já haviam sido emitidas à sua revelia aos comandantes das Frentes.

O exército alemão estava, de fato, exaurido e sofrendo muito. Vestindo roupas saqueadas dos camponeses, os soldados enregelados, com as barbas por fazer, os narizes descascando e as bochechas queimadas de frio, não pareciam aqueles que haviam avançado para o leste no verão anterior cantando marchas militares. As tropas alemãs seguiram a prática local de serrar as pernas dos mortos e descongelá-las em fogueiras para retirar as botas. Mesmo enrolando os calçados em tecido era impossível evitar o congelamento quando estavam de sentinela. A menos que fossem tratados rapidamente, os membros enregelados logo gangrenavam e tinham de ser amputados. Os cirurgiões do exército nos hospitais de campanha, assombrados com os índices de baixas, simplesmente atiravam mãos e pés amputados em pilhas na neve.

Ainda assim, os oponentes sempre subestimaram a capacidade do exército alemão de se recuperar do desastre. A disciplina, que estivera a ponto de ser perdida, fora restabelecida rapidamente. Durante a retirada caótica, os oficiais improvisaram *Kampfgruppen* de infantaria misturados com canhões de assalto, engenheiros e alguns panzers. E na primeira semana de janeiro, por insistência de Hitler, aldeias foram transformadas em pontos fortes. Quando o solo estava duro demais para cavar trincheiras, usavam explosivos ou torpedos para abrir crateras ou criavam posições de morteiros e postos de tiro por trás da neve compactada e do gelo reforçado com toras de madeira. Às vezes limitavam-se a cavar a neve com as coronhas dos fuzis. Os soldados alemães ainda não haviam recebido roupas de inverno. Eles esperavam roubar as jaquetas acolchoadas dos soviéticos caídos antes de congelarem, mas naquelas temperaturas tão baixas isso raramente era possível. A disenteria, da qual quase todos padeciam, era uma maldição em dobro quando eram forçados a baixar as calças naquele frio. E ingerir neve para se reidratar geralmente piorava as coisas.

O XVI Exército de Rokossovsky e o XX Exército do general Andrei Vlasov atacaram ao norte de Moscou e, quando se abriu uma brecha, o 2º Corpo de Cavalaria de Guardas, apoiado por tanques e batalhões de esquiadores, forçou a entrada. Mas, como Jukov alertara, os alemães já não estavam desorganizados. As forças soviéticas logo viram que, em vez de cercar os alemães, foram elas próprias sitiadas. Algumas formações alemãs foram ultrapassadas, mas resistiram e lutaram supridas pelo ar. O maior *Kessel* (caldeirão) consistiu em seis divisões alemãs cercadas perto de Demyansk, na estrada de Leningrado para Novgorod.

Ainda mais adiante, para o noroeste, a Frente de Volkhov do general Kirill Meretskov tentou novamente romper o cerco a Leningrado usando o LIV

Exército e o II Exército de Choque. Stalin forçou-o a um ataque prematuro, com contingentes sem treinamento e artilharia sem aparelhos de pontaria, até o general Voronov voar para lá com um carregamento deles. O II Exército de Choque avançou pelo rio Volkhov e rapidamente penetrou na retaguarda alemã, ameaçando isolar o XVIII Exército alemão. Mas o avanço foi dificultado pelos contra-ataques germânicos e as condições climáticas. “Para abrir uma senda na neve alta eles tiveram de formar colunas em fileiras de quinze. A primeira fileira ia adiante, esmagando a neve, que às vezes lhes chegava à cintura. Depois de quinze minutos, a fileira da dianteira recuava e se posicionava no final da coluna. A dificuldade de movimentos aumentava porque de tempos em tempos eles topavam com trechos semicongelados de brejos e rios cobertos com uma fina camada de gelo.”¹³ Com os pés congelados e encharcados, tiveram grandes baixas devido ao enregelamento. Os cavalos mal alimentados estavam exaustos, e por isso os próprios soldados tinham de carregar a munição e os suprimentos.

O general Vlasov, que recentemente havia sido elogiado por sua participação na defesa de Moscou, foi enviado por Stalin para assumir o comando. Vlasov recebeu promessas de reforços e suprimentos, mas quando estes chegaram já era tarde demais. A munição foi jogada de paraquedas, mas a maior parte caiu por trás das linhas alemãs. Logo o exército de Vlasov ficou completamente isolado nos pântanos congelados e bosques de bétulas. Meretskov alertou Stalin para o desastre iminente. Pouco depois do degelo da primavera, o II Exército de Choque praticamente deixara de existir. Uns 60 mil homens foram perdidos. Só 13 mil escaparam. Amargurado, Vlasov acabou sendo capturado em julho. Os alemães logo o persuadiram a formar um Exército Russo de Libertação, ROA. A maioria dos que se apresentaram como voluntários o fizeram unicamente para evitar morrer de fome nos campos de prisioneiros. A reação de Stalin à traição de Vlasov revelou as suas obsessões enganosas no Grande Terror e no expurgo do Exército Vermelho: “Como foi que nos enganamos com ele antes da guerra?”,¹⁴ perguntou ele a Beria e a Molotov.

Os emissários de Stalin, inclusive o sinistro e incompetente comissário Lev Mekhlis, simplesmente atormentavam os comandantes de Frentes, culpando-os de quaisquer falhas, ainda que a falta de suprimentos e veículos não fosse culpa deles. Ninguém se atrevia a contar a Stalin sobre o caos provocado pelo seu plano absurdamente ambicioso, que se estendia inclusive à retomada de Smolensk. Os reforços alemães trazidos da França foram enviados direto para a luta, ainda sem equipamentos de inverno, enquanto muitas divisões soviéticas foram reduzidas a pouco mais de 2 mil homens cada uma.

A tentativa de criar um grande cerco em Vyazma fracassou. Jukov chegou a mandar parte do 4º Corpo Aerotransportado para trás das linhas alemãs, mas a

Luftwaffe contra-atacou nos seus campos de pouso ao redor de Kaluga, que os alemães conheciam bem, tendo acabado de abandoná-la. Em todo o front do leste, de Leningrado ao mar Negro, os pontos fortes alemães conseguiram evitar grandes avanços. Na Crimeia, Manstein conseguiu reprimir uma invasão soviética anfíbia da península de Kerch que tentava romper o cerco a Sebastopol.

A maior crise aconteceu em Rjev, onde o IX Exército alemão corria o risco de ser isolado. O general Walther Model, cuja energia impiedosa o levou a se tornar um dos favoritos de Hitler, demonstrou não só grande coragem física como, em outras ocasiões, também coragem moral pelo modo como resistiu a Hitler. Ele imediatamente lançou um contra-ataque que pegou os soviéticos desprevenidos. Isto permitiu restaurar a linha de frente e isolar o XXIX Exército. Porém, os soldados do Exército Vermelho cercados, sabendo da sorte que os aguardava se fossem feitos prisioneiros pelas tropas de Model, lutaram até o fim.

Outro favorito de Hitler, o marechal de campo Von Reichenau, que fora nomeado comandante em chefe do Grupo de Exércitos do Sul após a demissão de Rundstedt, representou um tipo de baixa diferente. Em 12 de janeiro ele saiu para a sua corrida matinal perto do quartel-general em Poltava. Na hora do almoço sentiu-se mal e sofreu um ataque cardíaco. Imediatamente Hitler ordenou que fosse levado de avião de volta à Alemanha para se tratar, mas o marechal de campo morreu no caminho. Pouco antes de falecer, Reichenau, cujo VI Exército havia colaborado com o *Sonderkommando* da SS no massacre de Babi Yar, persuadira Hitler a designar o seu chefe de Estado-Maior, o tenente-general Friedrich Paulus, para o comando do seu VI Exército.

Os alemães também conseguiram reabastecer as tropas cercadas em Demyansk, Kholm e Belyi. O bolsão de Demyansk foi mantido com uma sequência de mais de 100 voos por dia de Junkers 52. Este êxito teria graves consequências um ano mais tarde, quando Göring assegurou a Hitler que poderia manter o VI Exército de Paulus sitiado no entorno de Stalingrado. Embora as tropas alemãs ao redor de Demyansk recebessem comida suficiente para seguir lutando, os civis russos no interior do *Kessel* foram abandonados à fome.

Em volta de Kursk, as forças de Timoshenko conseguiram fazer os alemães recuarem em batalhas desesperadas. Os campos da luta armada pareciam um *tableau mort* congelado. Um oficial do Exército Vermelho chamado Leonid Rabichev se deparou com “uma moça bonita, uma telefonista que estava escondida na floresta desde a chegada dos alemães. Ela queria se juntar ao exército. Disselhe que subisse na carroça”. Um pouco adiante: “Vi uma coisa horrível. O vasto espaço que se estendia até o horizonte estava coalhado dos nossos tanques e de tanques alemães. Espalhados entre eles havia milhares de russos e alemães sentados, de pé ou na posição de rastejo, todos petrificados pelo

gelo. Alguns se apoiavam entre si, outros se abraçavam. Alguns estavam apoiados nos fuzis, outros nas metralhadoras. Muitos tinham as pernas decepadas. Isto era obra da nossa infantaria, que não conseguira arrancar as botas das pernas congeladas dos Fritz, então eles as serravam para descongelá-las nos bunkers. Grieshechkin [o seu ordenança] verificou os bolsos dos soldados congelados e encontrou dois isqueiros e vários pacotes de cigarros. A moça olhava tudo aquilo com indiferença. Já tinha visto a cena muitas vezes, mas eu estava horrorizado. Alguns tanques tinham tentado derrubar outros e estavam alçados com apoio nas extremidades traseiras das lagartas depois de colidirem entre si. Era terrível pensar que os feridos, tanto os nossos quanto os alemães, haviam congelado até morrer. A frente havia avançado e se esqueceram de enterrar aqueles homens.”¹⁵

O sofrimento dos civis era ainda maior. Eles ficaram esmagados entre a crueldade dos alemães e a do próprio Exército Vermelho e dos guerrilheiros, com ordens de Stalin de destruir quaisquer construções que os alemães pudessem usar para se abrigarem. Nas áreas recém-libertadas, as tropas do NKVD detinham camponeses que pudessem ter colaborado com os alemães. Quase 1.400 pessoas foram detidas no mês de janeiro,¹⁶ embora a linha divisória entre a sobrevivência e a colaboração fosse de difícil definição. As tropas soviéticas que avançavam toparam com patíbulos e ouviram dos aldeões sobre outros exemplos de atrocidades dos alemães, mas às vezes os soldados alemães foram clementes. Nestes casos, era melhor para os aldeões permanecer em silêncio para evitar acusações de traição à pátria-mãe.

A esperança absolutamente descabida de Stalin de que a Wehrmacht estava a ponto de sofrer o mesmo destino da *Grande Armée* de Napoleão só se dissipou em abril, quando as baixas soviéticas haviam chegado a mais de um milhão, das quais a metade era de mortos ou desaparecidos.¹⁷

Como a mais alta prioridade no transporte era o deslocamento de tropas e suprimentos militares, a população de Moscou estava à beira da fome. Criou-se um mercado negro em que roupas e calçados eram trocados por batatas. Os mais velhos recordaram os anos de fome na guerra civil. As crianças sofriam de raquitismo. Não havia combustível nem lenha para os fogões, então os canos de água e esgoto congelaram. Cem mil mulheres e crianças foram enviadas aos bosques adjacentes para cortar lenha. A eletricidade era racionada, com muitos blecautes. Duas vezes mais pessoas morreram de tuberculose do que no ano anterior e, de modo geral, o índice de mortalidade triplicou. Temia-se uma epidemia de tifo, mas os incansáveis esforços das autoridades médicas de

Moscou a mantiveram em suspenso.¹⁸

As condições na Leningrado cercada foram incomensuravelmente piores. A artilharia alemã bombardeava a cidade regularmente, quatro vezes por dia. Mas as defesas se mantinham, principalmente graças aos canhões navais, tanto os desmontados quanto os que continuavam nos navios da Esquadra do Báltico, na base naval de Kronstadt, e fundeados no Neva. A chave para a sobrevivência da cidade agora estava no seu tênue sustento.

As autoridades soviéticas fizeram tentativas laboriosas, mas muitas vezes incompetentes, de manter aberto o frágil elo da cidade com o leste. Com os alemães na margem sul do lago Ladoga, a única rota era a “estrada do gelo”. Só após a terceira semana de novembro, quando o abastecimento da cidade só era suficiente para mais dois dias, o gelo solidificou o bastante para aguentar transportes motorizados e de tração animal. O grande perigo era um descongelamento súbito.

No lado oriental, os alemães haviam tomado Tikhvin, em 8 de novembro de 1941. Isto forçou os soviéticos a construir um caminho com toras de bétula através das florestas do norte.¹⁹ Milhares de trabalhadores forçados — camponeses, prisioneiros dos *gulagui* e tropas de retaguarda — morreram no processo e seus corpos foram jogados na lama, sob o caminho de troncos. Estes esforços extremos foram quase totalmente perdidos, pois as tropas de Meretskov, ajudadas por destacamentos de guerrilheiros na retaguarda alemã, retomaram Tikhvin em 9 de dezembro, três dias depois de o caminho de toras ficar pronto. Isto reabriu a linha férrea e reduziu enormemente a rota para o sudeste do lago Ladoga.

O tráfego de duas mãos pelo lago congelado, com maquinaria industrial da cidade indo em direção ao leste e suprimentos vindo do oeste, era um feito extraordinário. A estrada sobre o gelo foi defendida contra ataques de tropas germânicas de esquiadores com postos de metralhadoras e canhões antiaéreos em pontos fortes no gelo. Eles contavam com iglus para abrigar os soldados do Exército Vermelho. Os soviéticos construíram também uma espécie de aerotrenó armado, movido a motor de avião, montado na traseira, semelhante a uma versão de inverno da voadeira dos pântanos. Por toda parte foram instalados centros médicos e postos de controle guarnecidos para dirigir o tráfego no gelo. Mas o manejo dos civis evacuados de Leningrado costumava ser brutalmente incompetente e ruim. Até o NKVD reclamou do “tratamento irresponsável e impiedoso” e das condições “desumanas” nos trens.²⁰ Nada era feito para ajudar os que chegavam vivos à “terra firme”. Sobreviviam se tivessem parentes ou amigos para dar-lhes alimentos e abrigo.

Mesmo após a retomada de Tikhvin, os habitantes de Leningrado estavam tão

fracos pela fome que muitos caíam nas ruas congeladas ao saírem sem rumo em busca de combustível ou comida. As suas cadernetas de ração eram imediatamente roubadas. O pão era arrancado das mãos dos que voltavam da padaria. Nada destrói mais rapidamente o moral básico do que a fome. Quando o membro de uma família morria, muitas vezes o cadáver era escondido no apartamento congelado para continuarem recebendo a ração destinada a ele.

Contudo, malgrado o medo das autoridades, houve algumas tentativas de arrombar e saquear padarias. Só os chefes do Partido e aqueles próximos à cadeia alimentar, os distribuidores e balconistas, podiam ter forças para tal. Os que estavam na base da pirâmide e não trabalhavam em alguma fábrica, com acesso privilegiado a uma cantina subsidiada, tinham poucas chances de sobreviver. Eles começavam a parecer velhos com tanta rapidez que um parente próximo poderia ter dificuldade em reconhecê-los. Corvos, pombos e gaivotas foram comidos primeiro, depois gatos e cachorros (até os famosos cães experimentais de Pavlov foram consumidos no Instituto Fisiológico) e, por fim, ratos.

Quase todos os que tentavam caminhar para o trabalho ou fazer fila para obter comida tinham de parar para descansar a cada poucos metros, devido à fraqueza. Trenós infantis eram usados para transportar lenha. Mais tarde, foram usados para transportar até as valas comuns os cadáveres, chamados de “múmias” porque eram enrolados em papel ou em mortalhas de tecido. A madeira não podia ser gasta em caixões. Era necessária para aquecer e manter a vida.

De uma população de 2.280.000 em dezembro de 1941, um total de 514 mil foram evacuados para “terra firme” na primavera, e 620 mil morreram. Para os cidadãos mais velhos, o cerco foi a segunda grande fome que suportaram, a primeira tendo começado em 1918 com a guerra civil. Muitos comentavam que uma premonição da morte acontecia 48 horas antes de a pessoa morrer. Fazendo um último esforço, muitas pessoas informavam no trabalho que não voltariam e imploravam aos chefes que cuidassem das suas famílias.

Leningrado, que se orgulhava da sua herança cultural, transformou o Hotel Astoria em hospital para escritores e artistas. Lá, recebiam vitaminas na forma de agulhas frescas de pinheiro socadas em uma bebida amarga. Houve também tentativas de cuidar dos órfãos. “Eles nem pareciam mais crianças”, disse uma diretora de escola. “Eram estranhamente silenciosos, com uma espécie de olhar perdido.”²¹ Contudo, em algumas instituições o pessoal da cozinha roubava a comida para suas próprias famílias e deixava as crianças passarem fome.

As autoridades da cidade não haviam conseguido estocar lenha antes do cerco, então a maioria tentava se aquecer queimando livros, além de móveis e portas, nos seus aquecedores barrigudos. Antigas construções de madeira foram

derrubadas a fim de fornecer lenha para edifícios públicos. Em janeiro de 1942, a temperatura em Leningrado às vezes caía a menos de 40 graus negativos. Muitas pessoas simplesmente iam para a cama para se aquecerem, e então morriam. A morte por fome vinha de modo anônimo e silencioso. A meia-vida deslizava para a não vida. “Você não imagina o que era isso”, disse uma mulher a um jornalista inglês pouco depois. “Pisávamos em cadáveres nas ruas e nas escadas! Você simplesmente deixava de prestar atenção.”²²

A maioria morria da combinação de fome e frio. A hipotermia e o estresse, combinados à fome, alteram tanto o metabolismo que as pessoas não conseguem absorver adequadamente mesmo as poucas calorias que consomem. Em teoria, os soldados tinham assegurada uma ração muito melhor que a dos civis, mas em muitos casos ela nunca chegava. Os oficiais roubavam-na para si e suas famílias.²³

“As pessoas transformam-se em animais diante dos nossos olhos”,²⁴ escreveu alguém em seu diário. Alguns enlouqueceram de fome. A história soviética tentou fingir que não houve canibalismo, mas observações casuais e fontes de arquivo indicam o contrário. Umas duas mil pessoas foram presas pelo “uso de carne humana como comida” durante o sítio, 886 delas no primeiro inverno de 1941-1942.²⁵ “Comer cadáveres” era consumir a carne de alguém já morto. Alguns chegavam a roubar corpos dos necrotérios ou das fossas comuns. Fora de Leningrado, alguns soldados e oficiais ingeriram cadáveres e até os membros amputados nos hospitais de campanha.

“Comer pessoas”, o que era mais raro, vinha do assassinato deliberado de um indivíduo com o propósito de cometer canibalismo. Não surpreende que os pais mantivessem os filhos nos apartamentos por medo do que lhes pudesse ocorrer. Dizia-se que a carne das crianças era a mais tenra, e em segundo lugar a das mulheres jovens. Embora abundem histórias sobre quadrilhas que vendiam carne humana moída em *kotleta*, ou rissoles, quase todo o canibalismo ocorreu dentro de blocos de apartamentos, com pais enlouquecidos comendo os próprios filhos ou vizinhos caçando os filhos alheios. Alguns soldados famintos da 56ª Divisão de Fuzileiros do LV Exército²⁶ emboscaram transportadores de ração, mataram-nos, roubaram a provisão de alimentos, enterraram os corpos na neve e regressaram mais tarde para comê-los aos poucos.

Contudo, se a fome despertava o pior nas pessoas, houve exemplos de altruísmo e autossacrifício com vizinhos e até com estranhos. As crianças parecem ter tido um índice de sobrevivência melhor que seus pais, presumivelmente porque os adultos lhes davam parte das suas rações. Em geral, as mulheres sobreviviam mais que os homens, mas muitas vezes caíam depois. Elas também enfrentaram o terrível dilema de ceder às súplicas dos filhos ou

comer o suficiente para manter a força e cuidar da família. A taxa de natalidade despencou, em parte devido à má nutrição extrema, já que as mulheres paravam de menstruar e os homens tornavam-se estéreis, mas também porque a maior parte dos homens estava no front.

Os soldados do Exército Vermelho e os fuzileiros navais em Leningrado estavam confiantes de que os alemães nunca invadiriam. Pensavam que a principal razão para os alemães persistirem no cerco era manter os finlandeses na guerra. Os habitantes de Leningrado estavam irados porque os Aliados ocidentais relutavam em enxergar a Finlândia como um país inimigo. Não podiam aceitar que o ataque de Stalin à Finlândia, em 1939, fora totalmente unilateral. O ódio ao inimigo era fomentado continuamente pelos serviços de propaganda do Exército Vermelho. Cartazes mostravam uma aldeia incendiada e, em primeiro plano, um menino gritando com os olhos desvairados: *‘Papa, ubei nemtsa!’* (‘Papai, mate um alemão!’).²⁷

A ofensiva geral de Stalin não foi a única no ano novo de 1942. Em 21 de janeiro, o coronel-general Rommel também surpreendeu os britânicos no norte da África. A partir do momento em que a situação do seu suprimento melhorou um pouco, o ambicioso Rommel passou a planejar outro ataque. O reforço do teatro mediterrâneo de operações havia dependido da rápida conquista da União Soviética, mas o fracasso da Operação Taifun contra Moscou não o deteve. Quando um comboio chegou a Trípoli em 5 de janeiro com 55 panzers, além de viaturas blindadas e canhões anticarro, aumentou a sua determinação de contra-atacar enquanto contava com uma vantagem temporária.

O VIII Exército britânico se encontrava em um estado deplorável. A 7ª Divisão Blindada, que se reequipava no Cairo, havia sido substituída pela inexperiente 1ª Divisão Blindada. Outras formações veteranas, inclusive as australianas, haviam sido transferidas para o Extremo Oriente. Os alemães estavam cientes da ordem britânica de batalha, graças a interceptações de informes do adido militar americano no Cairo, cujo código quebraram facilmente. Mas Rommel, que nutria ideias desmedidas de avançar pelo Egito e o Oriente Médio, não informou o Comando Supremo italiano nem o OKW sobre seus planos. Contudo, a maioria dos soldados estava animada em voltar à batalha. Um membro da 15ª Divisão Panzer escreveu para casa em 23 de janeiro, dizendo: “Mais uma vez estamos ‘rommeliando’ adiante!”²⁸

Ao contra-atacar na Cirenaica, em 21 de janeiro, Rommel ignorou todas as ordens de suspender a operação. Uma coluna avançou pela rota costeira até Benghazi, enquanto as duas divisões panzer foram por dentro. Os panzers

encontraram o caminho muito difícil, mas em cinco dias de luta os britânicos perderam quase 250 viaturas blindadas. Hitler ficou exultante e promoveu Rommel a *General der Panzertruppe*. O general Ritchie, azarado e promovido a postos além de suas capacitações, supondo que se tratava apenas de um ataque, logo descobriu que a sua 1ª Divisão Blindada corria risco de ficar isolada. Para sorte dos britânicos, a ambição desmedida de Rommel e o lento avanço das duas divisões panzer permitiram ao grosso das forças escapar a tempo. Ritchie os levou de volta para a Linha Gazala, abandonando a maior parte da Cirenaica. As tropas exaustas e sem combustível de Rommel não se preocuparam em prosseguir. Sabiam que poderiam fazê-lo mais tarde.

Os soldados alemães enviados pelo Mediterrâneo como reforço ficaram excitados e orgulhosos de se juntarem ao “pequeno *Afrika Korps*”²⁹ no deserto. Um suboficial médico viu com bons olhos o “trabalho de colonização” dos italianos em Trípoli. “Os navios de guerra italianos que escoltaram o nosso comboio também eram vistosos”, escreveu ele para casa. Mas muitas das impressões iniciais não iriam durar. No deserto líbio, eles encontraram “sempre a mesma paisagem, areia e pedra”. A guerra no norte da África era “muito, muito diferente” da guerra na Rússia, ressaltou. No entanto, eles sentiam saudades quando alguém tocava gaita à noite sob as estrelas e recordavam a primavera que estava por chegar na Alemanha.

Wannsee e o Arquipélago da SS

JULHO DE 1941 – JANEIRO DE 1943

O vice de Heinrich Himmler era o enérgico *Obergruppenführer* da SS Reinhard Heydrich. Ele dirigia o Escritório Central de Segurança do Reich (RSHA), que conduzia o florescente império da SS. Dizia-se que Heydrich, um antissemita alto, imaculado e violinista, carregava traços de sangue judeu que pareciam intensificar o seu ódio.

No verão de 1941, ele se irritou com o modo confuso e circunstancial como era tratada a “questão judaica” e a falta de um programa central. Além dos massacres de judeus cometidos por servidores locais de segurança nos territórios orientais, alguns déspotas da SS começaram a experimentar versões mais industriais de extermínio. Foram feitos testes insatisfatórios em Warthegau bombeando monóxido de carbono para dentro de caminhões selados. No *Generalgouvernement*, o SS *Polizeiführer* Odilo Globocnik começou a construir um campo de extermínio em Belzec, perto de Lublin. Enquanto isso, Himmler impacientava-se por resolver os problemas do estresse psicológico sofrido pelos *Einsatzgruppen* como resultado do seu trabalho.

Heydrich havia instruído Adolf Eichmann a esboçar uma autorização, que Göring assinou em 31 de julho. O documento instruía Heydrich a “levar adiante uma solução para a questão judaica via a emigração ou a evacuação”, e o encarregava de “fazer todos os preparativos organizacionais, funcionais e materiais para uma solução total da questão judaica na esfera de influência alemã na Europa”. Cerca de um mês depois, Eichmann foi chamado ao escritório de Heydrich, onde ouviu que Himmler havia recebido ordens de Hitler de levar adiante “o aniquilamento físico dos judeus”.¹ Embora oficiais nazistas graduados às vezes gostassem de usar o nome do Führer em vão para colocar em prática as suas próprias políticas, neste caso seria impensável que Himmler ou Heydrich tivessem ousado fazê-lo em um assunto tão importante.

Foram abandonadas as ideias anteriores de que o aniquilamento total dos

judeus só ocorreria após a vitória. Percebe-se pela primeira vez a ansiedade indizível de que não podiam perder a oportunidade que a guerra no leste representava. A pressão cresceu também na Alemanha e nos países ocupados, inclusive na França, para enviarem os seus judeus para o leste. Em Paris, a SS ordenou à polícia francesa que reunisse os judeus franceses e estrangeiros, uma operação inicial que enviou 4.323 pessoas a dois campos em 10 de maio de 1941.

Em 18 de setembro, instruções de Himmler revelaram que os guetos seriam usados como campos de “armazenagem”. Mais de meio milhão de judeus haviam morrido de fome e doenças nos guetos poloneses, mas este processo era considerado lento demais. Novas discussões demonstraram que o plano era colocar todos os judeus em campos de concentração. Mas até em um Estado totalitário era preciso superar problemas legais, tais como lidar com judeus com passaportes estrangeiros e o que fazer com aqueles casados com arianos.

Em 29 de novembro de 1941, Heydrich emitiu um convite aos funcionários veteranos do *Ostministerium* e outros ministros e agências para discutir uma política comum com ele e representantes da RSHA. Isto ocorreria no dia 9 de dezembro. A reunião foi adiada no último instante. O grande contra-ataque do marechal Jukov fora lançado em 5 de dezembro, e dois dias depois os japoneses atacaram Pearl Harbor. Precisavam de tempo para avaliar as implicações daqueles acontecimentos importantes, e em 11 de dezembro Hitler anunciou ao Reichstag a declaração de guerra aos Estados Unidos. No dia seguinte, convocou os líderes do Partido Nazista para uma reunião na Chancelaria do Reich. Lá, referiu-se à sua profecia de 30 de janeiro de 1939, segundo a qual, se ocorresse uma guerra mundial, “os instigadores deste conflito sangrento teriam de pagar por ele com as suas vidas”.²

Com a declaração de guerra de Hitler e os ataques japoneses no Extremo Oriente, o conflito tornou-se verdadeiramente mundial. Na lógica distorcida de Hitler, os judeus deviam sofrer por suas culpas. “O Führer está determinado a fazer uma limpeza”, escreveu Goebbels no seu diário em 12 de dezembro. “Ele profetizou que, se os judeus voltassem a provocar uma guerra mundial, o resultado seria a sua própria destruição. Aquilo não foi uma figura de retórica. A guerra mundial está aí, e a destruição do judaísmo deve ser a consequência inevitável. Esta questão deve ser considerada sem sentimentalismos.”³

Menos de uma semana mais tarde, Hitler reuniu-se com Himmler para discutir a “questão judaica”. Contudo, apesar da atmosfera exaltada, quase febril, quando ele frequentemente se referia à sua predição anterior à guerra de que os judeus estavam provocando a própria destruição, ele ainda não parecia ter tomado a decisão irrevogável a respeito da “Solução Final”. Apesar das diatribes

apocalípticas contra os judeus, Hitler parece ter sido bastante relutante em ouvir detalhes dos assassinatos em massa, da mesma forma com que se esquivava de quaisquer imagens de sofrimento nas batalhas ou nos bombardeios. O desejo de manter a violência como algo abstrato era um paradoxo psicológico significativo para quem havia feito mais do que quase qualquer outro na história para provocá-la.

Após o adiamento, a conferência de Heydrich por fim ocorreu em 20 de janeiro de 1942, nos escritórios da RSHA em uma grande residência no litoral de Wannsee, no limite sudoeste de Berlim. Heydrich, o *Obergruppenführer* da SS, a presidiu, e o *Obsersturmbannführer* da SS, Eichmann, a relatou. Além de outros membros da RSHA, a maior parte dos presentes eram representantes de altos cargos nos territórios ocupados, a *Reichchancellery*, e quatro *Staatssekretäre*, os principais funcionários de ministérios importantes. Eles incluíam o dr. Roland Fresler, do Ministério da Justiça, que mais tarde ficou conhecido como perseguidor dos conspiradores de julho. O Ministério do Exterior estava representado pelo *Unterstaatssekretär* Martin Luther,⁴ homônimo de outro antissemita muito mais famoso e influente. Ele chegou com um memorando cuidadosamente preparado intitulado “Pedidos e ideias do Ministério do Exterior relacionados à pretendida solução final da questão judaica na Europa”. Mais da metade dos presentes tinha doutorado e uma minoria significativa era de advogados.

Heydrich começou reivindicando os seus poderes na preparação da Solução Final em todos os territórios e funções oficiais. Apresentou estatísticas de todas as comunidades judaicas europeias, incluindo os judeus britânicos, que seriam “evacuados para o leste”. Os números — a sua estimativa total era de 11 milhões — seriam primeiro gradualmente reduzidos mediante o trabalho forçado, e depois os sobreviventes seriam tratados “como convém”. Os judeus anciãos e os que haviam lutado pelo kaiser seriam enviados ao campo-exibição de Theresienstadt, na Boêmia.

Em nome do Ministério do Exterior, Luther propôs cautela e o adiamento da reunião de judeus em países como a Dinamarca e a Noruega, onde isto poderia incitar uma reação internacional. Passaram muito tempo discutindo a complicada questão daqueles de ascendência judaica parcial — os chamados *Mischlinge* — e dos casados com arianos. Talvez previsivelmente, o representante do *Generalgouvernement* insistiu em que o caso dos seus judeus fosse resolvido primeiro. Por fim, enquanto tomavam conhaque após o almoço, os participantes discutiram os diversos métodos disponíveis para alcançar o seu objetivo. Contudo, as atas da reunião apresentam os eufemismos de sempre, como “evacuação” e “reassentamento”.

Uma coisa, todavia, estava clara para os envolvidos. Todas as ideias de uma “solução territorial” não haviam dado em nada. Com a ofensiva geral errática de Stalin após a Batalha por Moscou, não havia uma área adequada nos territórios soviéticos ocupados onde os judeus pudessem ser largados para morrer de fome. Agora, a única solução certa parecia ser o extermínio industrializado.

Uma grande impaciência em dar cabo da tarefa agitava o governo nazista, tanto em Berlim como — e principalmente — no feudo francês do *Generalgouvernement*. O *Gauleiter* Arthur Greiser queria eliminar 35 mil poloneses tuberculosos no Warthegau. Os advogados da SS chegaram a discutir a possibilidade de matar prisioneiros alemães e outros que tivessem a infelicidade de parecer “abortos do inferno”.⁵ Durante a “*Shoah* pelas balas”, “os assassinos na União Soviética ocupada se mobilizaram para [encontrar] as vítimas”, mas na “*Shoah* pelo gás” “as vítimas foram trazidas até os assassinos”.⁶ Este processo começou a ser levado a cabo inicialmente nos campos de extermínio de Chelmno (Kulmhof), onde foram usados caminhões de gás, e continuou em Bełzec, Treblinka, Sobibór e depois, no verão, em Auschwitz-Birkenau.

Um aparato administrativo formidável foi montado para lidar com os judeus que ainda não haviam morrido nos guetos nem haviam sido fuzilados. Responsável por reunir todas as comunidades judaicas fora da Polônia, Eichmann trabalhou de perto com o *Gruppenführer* Heinrich Müller, o chefe da Gestapo. Eichmann, que também amava o violino, jogava xadrez com Müller de vez em quando, enquanto seguiam meditando sobre a sua enorme tarefa. O elemento mais essencial na operação era o transporte.

O planejamento e os cronogramas tinham uma importância vital. O Sistema Ferroviário do Reich, com 1,4 milhão de funcionários, era a maior organização alemã depois da Wehrmacht e tinha lucros consideráveis. Os judeus eram transportados em vagões de carga e gado com bilhetes só de ida, ao mesmo custo dos passageiros que pagavam passagens. Os tíquetes dos guardas da *Ordnungspolizei* eram de ida e volta. O dinheiro para pagar tudo isto era confiscado pela Gestapo de fundos judaicos. Mas a obsessão ideológica de Hitler, Himmler e Heydrich muitas vezes entrava em contradição absoluta com a conduta da guerra que tentavam vencer. A Wehrmacht começou a reclamar da eliminação de mão de obra judia especializada na indústria de material bélico e no gigantesco desvio do transporte ferroviário, que era tão necessário para o reabastecimento da frente leste.

Os líderes comunitários judeus foram instruídos a organizar a sua própria política para o “reassentamento”, com a ameaça de que, se não o fizessem, a SA ou a SS o fariam. Eles sabiam o que isto significava. Tiveram de fazer listas para

os “transportes”. Aqueles enviados ao Leste foram executados a tiros ao chegarem, principalmente em Minsk, Kaunas e Riga. A maioria, dependendo do ponto de partida, logo era despachada para os campos de extermínio. Os judeus mais velhos e “privilegiados” enviados a Theresienstadt não sabiam que a sua sentença de morte apenas havia sido adiada.

Os homens da *Ordnungspolizei* e da Gestapo empregados na limpeza dos guetos recebiam uma ração de conhaque. Os auxiliares ucranianos não tinham direito a ela. Os judeus que tentavam se esconder ou escapar eram mortos na hora. O mesmo acontecia com os velhos, que não podiam chegar sem ajuda até os transportes. A grande maioria que partiu nos vagões de trem aparentemente aceitava o seu fado. Mas muitos conseguiram escapar das composições ferroviárias para os bosques. Alguns foram ajudados por poloneses e outros conseguiram se unir a grupos de guerrilheiros.

Os campos de concentração nazistas haviam sido construídos logo após a tomada do poder por Hitler, em 1933. Himmler organizou um dos primeiros para prisioneiros políticos em Dachau, ao norte de Munique, e logo assumiu a administração de todos os campos. Os guardas provinham das *Totenkopfverbände*, ou Unidades das Caveiras, cujo nome provém do distintivo com caveira que usavam. Em 1940, quando a escala das redes de campos se expandiu enormemente após a conquista da Polônia, o *Obergruppenführer* Oswald Pohl criou o seu próprio subimpério no seio da SS e transformou os campos de trabalho em um meio gerador de renda. Ele também se tornou uma figura importante no desenvolvimento do sistema dos campos.

Embora tivesse havido testes com o Zyklon B em Auschwitz em setembro de 1941, o primeiro campo de extermínio com câmaras de gás adequadas construído sob a supervisão de Pohl foi Bełżec. As obras começaram em 1941, dois meses antes da conferência de Wannsee. A preparação de outros se deu rapidamente. O trabalho nos campos de extermínio teve grande ajuda dos conhecimentos dos que haviam participado do programa de eutanásia, sob a direção da *Reichschancellery*.

Alguns têm argumentado que o método de linha de produção dos campos de extermínio foi fortemente influenciado por Henry Ford, que por sua vez se inspirara nos matadouros de Chicago. Ford, um antisemita feroz desde 1920, era admirado por Hitler e outros nazistas proeminentes.² Ele pode inclusive ter ajudado a fundar o Partido Nazista, mas ninguém conseguiu obter evidências documentais a respeito. De qualquer modo, o seu livro, *O judeu internacional*, fora traduzido e publicado na Alemanha, onde tinha grande influência nos

círculos nazistas. Hitler possuía um retrato de Ford dependurado na parede do seu escritório de Munique, e em 1938 conferiu-lhe a Grã-Cruz da Ordem Suprema da Águia Alemã. Mas não há evidências reais de que as técnicas da linha de produção de Ford tenham sido copiadas nos campos de extermínio.

No final de 1942, perto de 4 milhões de judeus do leste e do oeste europeu e também da União Soviética haviam sido mortos nos campos de extermínio, junto com 40 mil ciganos. A participação ativa da Wehrmacht, de funcionários de quase todos os ministérios, grande parte da indústria e do sistema de transportes, espalhou a culpa de tal forma que a sociedade alemã levou muito tempo para admiti-la nos anos do pós-guerra.

O regime nazista fez o que pôde para manter o processo de extermínio em segredo, mas havia dezenas de milhares de pessoas envolvidas. Falando para oficiais veteranos da SS em outubro de 1943, Himmler descreveu-o como “uma página de glória na nossa história não escrita e que nunca será escrita”.⁸ Os boatos se espalharam com rapidez, principalmente depois das fotografias tiradas por soldados das execuções em massa de judeus na União Soviética. A princípio, a maior parte dos civis não conseguia crer que judeus fossem mortos por gás em linhas de produção. Mas tantos alemães estavam implicados nos diversos aspectos da Solução Final, e tantos lucravam com o confisco das propriedades dos judeus, fossem negócios ou apartamentos, que em pouco tempo uma minoria de alemães tinha uma ideia bastante precisa do que estava acontecendo.

Malgrado certa simpatia demonstrada aos judeus quando foram forçados a usar a estrela amarela, aos olhos dos seus concidadãos eles se tornaram “não pessoas” quando as deportações começaram. Os alemães preferiam não se inteirar do seu destino. Logo se convenceram de que isto se devia à ignorância quando, na verdade, estava mais para a negação. Como escreveu Ian Kershaw: “a estrada para Auschwitz foi construída com ódio e pavimentada com a indiferença”.⁹

Por sua parte, os civis alemães sabiam pouco sobre os experimentos médicos infames realizados pelo dr. Josef Mengele e seus colegas em Auschwitz. Até hoje, as experiências feitas pelos médicos da SS em prisioneiros políticos russos, poloneses, ciganos, tchecos, iugoslavos, holandeses e alemães em Dachau são relativamente pouco conhecidas.¹⁰ Morreram mais de 12 mil, geralmente em agonia, como resultado dos testes e das cirurgias e amputações praticadas. As vítimas incluíam gente injetada com doenças, mas também, a pedido da Luftwaffe, gente sujeita a extremos de pressão alta e baixa, submergida em água congelante como parte de pesquisas sobre tripulações aéreas abatidas sobre o mar, forçada a ingerir água salgada e sujeita a experimentos com punções no fígado. Além disso, na sala de autópsia os prisioneiros eram forçados pelo

pessoal da SS a extrair e tratar a pele de boa qualidade dos cadáveres (mas não a dos alemães) “para ser usada em selas, culotes de montaria, luvas, pantufas e bolsas femininas”.

Em Danzig, no Instituto Médico Anatômico,¹¹ o professor Rudolf Spanner mandava matar “poloneses, russos e uzbeques” no campo de concentração vizinho de Stutthof para realizar experimentos reciclando os seus cadáveres na produção de sabão e couro. Mentalidade assim em um médico está muito além da nossa compreensão, mas, como comentou mais tarde Vasily Grossman, traumatizado ao descrever os horrores de Treblinka: “É dever do escritor contar esta verdade terrível, e é dever civil do leitor aprender sobre isto.”¹²

Apesar da industrialização progressiva da Solução Final, a “*Shoah* pelas balas” prosseguia tanto no *Reichskommissariat* nos Estados Bálticos quanto no *Reichskommissariat* da Ucrânia. Até os judeus poupados por serem trabalhadores especializados foram reunidos e mortos a tiros. Durante o início da primavera e o verão de 1942, o *Einsatzgruppen* da SS e os nove regimentos da *Ordnungspolizei* competiram para eliminar todos os judeus em suas áreas respectivas mediante “*Grossaktionen*”. Em julho, um pagador alemão escreveu para casa: “Em Bereza-Kartuska, onde tirei minha folga ao meio-dia, 1.300 judeus haviam sido mortos no dia anterior. Foram levados para uma cavidade fora da cidade. Homens, mulheres e crianças foram forçados a se despir completamente e levaram tiros na nuca. As suas roupas foram desinfetadas para serem reutilizadas. Estou convencido de que, se a guerra durar muito mais tempo, os judeus serão transformados em salsichas e servidos aos prisioneiros de guerra russos ou aos trabalhadores judeus especializados.”¹³

Gueto após gueto foram cercados. Alguns empresários judeus tentaram comprar a sua sobrevivência com propinas. “As moças judias que queriam salvar as suas vidas se ofereciam aos policiais. Como regra, as mulheres eram usadas à noite e mortas pela manhã.”¹⁴ A polícia e seus auxiliares se moviam nas primeiras horas ou pouco antes do alvorecer, sob a luz de lanternas ou tochas. Muitos judeus tentavam se esconder sob os assoalhos, mas os assassinos atiravam granadas de mão embaixo dos barracões. Algumas vezes os prédios eram incendiados.

Os detidos eram levados às fossas de execução, onde também eram obrigados a se despir antes de serem mortos na beirada, ou forçados a se deitar no método “sardinha”. Mais uma vez, os assassinos se assombravam com a submissão dos judeus. Muitos executores estavam bêbados e não conseguiam eliminar as vítimas. Muitas foram enterradas vivas. Alguns conseguiram se safar depois.

Nem todos eram submissos. Os “judeus das florestas” que haviam escapado se juntaram aos guerrilheiros soviéticos ou formaram os seus próprios grupos de guerrilha, principalmente na Bielorrússia. Os ataques antiguerrilha prosseguiram sob o comando de Bach-Zelewski até a primavera de 1944. Em Lvov e no resto da Galícia, a polícia de segurança alemã e a *Hilfspolizei* ucraniana, conhecida como Hipos, prosseguiram com as matanças. As tentativas de formar grupos de resistência nos guetos raramente foram bem-sucedidas até o levante do gueto de Varsóvia, em janeiro de 1943. Houve tentativas de resistência nos guetos de Lvov e Białystok, mas não com a escala e a determinação de Varsóvia.

Os judeus que inicialmente se opuseram à resistência agora sabiam a verdade. Os alemães os queriam todos mortos. Após a deportação de mais de 300 mil judeus em 1942, só restaram 70 mil no gueto de Varsóvia. A maior parte dos remanescentes era de jovens relativamente fortes. Os velhos e os doentes já haviam sido levados. Os diversos grupos políticos judeus, bundistas,^{*} comunistas e sionistas concordaram em resistir. Começaram matando os colaboradores e depois montaram posições defensivas com ligações pelos esgotos. Obtiveram armas e explosivos com o Exército Territorial, ou *Armia Krajowa*, que era leal ao governo no exílio, e também com a resistência comunista polonesa, a Guarda do Povo. Uma centena de pistolas e revólveres foram comprados de cidadãos de Varsóvia que os mantinham escondidos, apesar do risco de serem executados. Em janeiro de 1943, o primeiro confronto armado ocorreu quando os alemães cercaram 6.500 judeus para serem deportados.

Furioso, Himmler ordenou a destruição de todo o gueto de Varsóvia.¹⁵ Mas a principal tentativa de atacar a área só ocorreu em 19 de abril. Tropas da *Waffen-SS* entraram pelo norte, onde os prisioneiros eram colocados em caminhões de gado. Os atacantes logo recuaram com os seus feridos depois de serem alvo de tiroteios pesados e perder a única viatura blindada para um coquetel Molotov. Himmler ficou pasmo ao saber que haviam sido repelidos e demitiu o comandante. A partir de então, a SS passou a atacar com pequenos grupos em diferentes pontos.

Após a defesa fracassada das fábricas que os alemães incendiaram com lanças-chamas, os defensores judeus se retiraram para os esgotos, de onde emergiam para atirar nas tropas alemãs por detrás. A SS injetou água na tentativa de afogá-los, mas os combatentes judeus conseguiram evitar ou desviar a inundação. Outros ocuparam um grande edifício usado por uma empresa de armamentos e passaram a defendê-lo. O *Brigaderführer* Jürgen Stroop ordenou que os seus homens incendiassem o prédio. Quando os judeus começaram a se atirar dos andares mais altos, os soldados das SS os chamaram de “paraquedistas” e tentaram atingi-los antes que chegassem ao solo.

Após a guerra, Stroop ainda parecia excitado com a luta, que descreveu para um companheiro de cela. “O barulho era monstruoso”, disse, “casas ardendo, fumaça, chamas, centelhas voando, penas de colchão esvoaçando, o fedor dos corpos chamuscados, o estrondo das armas, as granadas explodindo, o fogo reluzindo, judeus com esposa e filhos saltando pelas janelas das casas incendiadas.”¹⁶ Ele admitiu, porém, que a “coragem na batalha” dos judeus tinha pegado ele e os seus homens completamente de surpresa.

A amarga resistência prosseguiu por quase um mês, até o dia 16 de maio. Milhares morreram na batalha, e 7 mil dos 56.065 prisioneiros foram executados imediatamente. O resto foi enviado a Treblinka para ser morto por gás, ou para batalhões de trabalho forçado para morrerem de exaustão. O gueto foi demolido. Vasily Grossman, que entrou em Varsóvia com o Exército Vermelho em 1945, descreveu a cena: “Ondas de pedras, tijolos quebrados, um mar de destroços. Não há uma só parede intacta — a ira da besta foi terrível.”¹⁷

Nota:

* Em iídiche, *Bund* significa federação ou união. Bundismo refere-se à União Judaica Trabalhista da Lituânia, Polônia e Rússia, movimento socialista secular surgido em 1897. [N. da T.]

A Ocupação Japonesa e a Batalha de Midway

FEVEREIRO-JUNHO DE 1942

A ocupação japonesa de Hong Kong começou com a intenção de ser moderada, mas rapidamente se tornou violenta e descontrolada.⁴ As vítimas europeias sofreram pouco comparativamente, mas os soldados japoneses embriagados continuavam estuprando e matando a população local, ressaltando a hipocrisia do seu lema “A Ásia para os asiáticos”. Os japoneses demonstraram certo respeito por seus colegas imperialistas, os britânicos, mas nenhum pelas outras raças asiáticas, especialmente os chineses. Diz-se que um oficial de alto posto ordenou a execução dos nove soldados que estupraram uma enfermeira britânica no hospital em Happy Valley. Nada foi feito para impedir os ataques violentos às mulheres chinesas.

Praticamente não havia restrições ao saque por parte dos soldados japoneses, das Tríades e dos que apoiavam o governo títere de Wang Ching-wei em Nanquim, que eram usados como uma polícia irregular. Em troca, as autoridades militares permitiram às Tríades criar antros de jogos. Gangues de criminosos em pequena escala também operavam impunemente. Os japoneses tentaram atrair a comunidade indiana, encorajando o ódio aos britânicos e concedendo-lhes status privilegiado com melhores rações. Os siques e rajaputros foram recrutados para a polícia e inclusive receberam armas. A política de dividir para conquistar entre as comunidades chinesa e indiana prosseguiu até o final de 1942, quando, após uma briga entre os nipônicos e a Liga Independentista Indiana em Cingapura, os japoneses subitamente retiraram os privilégios dos indianos e estes se viram em condições piores do que sob o domínio britânico. Sob o regime brutal da polícia de segurança militar, a *Kempeitai*, os chineses de Hong Kong e até as Tríades quase começaram a sentir saudades do governo britânico.

O novo governador japonês tentou conquistar os eurasionos e as famílias de comerciantes chineses proeminentes para que a economia portuária voltasse a florescer. Ao mesmo tempo, oficiais nipônicos de altas patentes que cobiçavam o

conteúdo dos armazéns organizaram uma forma mais sistemática de saquear, em parte para proveito próprio, mas também como butim de guerra para enviar a Tóquio. Como em muitos locais ocupados pelas forças japonesas, a situação tornou-se ainda mais confusa em virtude das rivalidades entre a marinha e o exército. Este queria Hong Kong como base para prosseguir lutando contra os nacionalistas de Chiang Kai-shek, ao passo que a marinha planejava usar o porto como apoio para sua expansão na direção sul.

Xangai, que fora ocupada rapidamente pelos japoneses em 8 de dezembro de 1941,² passou nominalmente ao governo títere de Wang Ching-wei em Nanquim. No porto da cidade de grandes negócios, corrupção gritante, prostituição e salões de dança, as condições se deterioraram drasticamente para os europeus remanescentes, a comunidade de russos brancos e, principalmente, os chineses pobres. Uma epidemia de cólera matou milhares, era difícil conseguir comida e o mercado negro estava no auge.

Tudo e quase todos estavam à venda. Xangai era a capital da espionagem no Extremo Oriente. A *Abwehr* e a Gestapo espionavam os japoneses, que por sua vez os espionavam também. A desconfiança japonesa do aliado havia aumentado enormemente desde a prisão do espião comunista alemão Richard Sorge, em outubro de 1941. Mas as forças japonesas de ocupação sofriam de uma forte rivalidade interna. O inferno não conhece fúria como a das agências de inteligência em competição.

Em 17 de fevereiro de 1942, em Cingapura, a polícia militar *Kempeitai* cercou a comunidade chinesa dos Estreitos.* Ela seria punida por ter apoiado a resistência da China nacionalista. O general Yamashita ordenou que a comunidade pagasse 50 milhões de dólares como um “obséquio de reparação”.³ Todos os homens entre 12 e 50 anos de idade podiam ser mortos. Muitos foram detidos e levados à praia de Changi, onde foram metralhados. A *Kempeitai* admitiu ter executado pelo menos 6 mil por serem “antijaponeses”, mas os números reais foram muito mais elevados do que isto, principalmente incluindo-se as execuções no continente. As vítimas que caíam nesta definição supostamente eram comunistas ou ex-empregados dos britânicos. Os japoneses também mataram quem tivesse tatuagens, supondo que pertencessem a alguma sociedade criminosa.

Ao redor das casernas de Changi, os estoques de arame farpado que deveriam ter sido empregados pelos britânicos para criar defesas eram agora usados para conter prisioneiros de guerra dos exércitos aliados. Eles foram forçados a se perfilar pelas ruas na parada da vitória do general Yamashita, agora conhecido como “o Tigre da Malásia”. O Hotel Raffles foi convertido em bordel para os

oficiais mais antigos. As mulheres “de conforto” ou eram trazidas à força da Coreia ou eram belas jovens chinesas raptadas nas ruas.

A maior parte das mulheres europeias e dos civis do sexo masculino foi encarcerada em separado na prisão de Changi. Duas mil pessoas foram trancafiadas em acomodações construídas para seiscentas. A propina era o único meio de melhorar as rações ou comprar remédios. O arroz polido que recebiam tinha pouco valor nutritivo, e logo houve muitos casos de beribéri entre os prisioneiros de guerra britânicos e australianos, cada vez mais emaciados. Entre os guardas havia coreanos e siques, contrários aos britânicos, que haviam desertado durante a batalha e depois se apresentaram aos japoneses como voluntários. Com recordações amargas do massacre de Amritsar, tinham prazer em humilhar os ex-senhores. Alguns seguiam o costume japonês de dar-lhes tapas na cara quando não se curvavam diante dos guardas, e outros chegaram a participar dos pelotões de fuzilamento. Enquanto isso, na cidade de Cingapura, saqueadores e ladrões eram decapitados e tinham as cabeças empaladas, como na Idade Média. Ser enterrado sem uma parte do corpo era considerado o pior destino possível no Extremo Oriente.

Muitos malaios acreditaram nas alegações da propaganda japonesa de que o Exército Imperial os libertaria, e por isso deram as boas-vindas às tropas agitando pequenas bandeiras com o sol nascente. Logo descobriram que isto estava longe da verdade. Os invasores e escroques japoneses chegaram para se meter em todo tipo de negócios escusos, como salões de baile, drogas, prostituição e jogos.

Nas Índias Orientais Holandesas, as autoridades militares japonesas ficaram furiosas ao descobrir que a maioria das instalações petrolíferas havia sido destruída antes da rendição. Os holandeses e outros europeus enfrentaram uma vingança terrível. Em Bornéu e em Java, quase todos os civis brancos foram mortos ou decapitados, e muitas esposas e filhas sofreram estupros em série. Mulheres holandesas e javanesas foram levadas para as casas de conforto, onde diariamente recebiam uma “cota de vinte recrutas pela manhã, dois sargentos à tarde e oficiais mais antigos à noite”.⁴ Quando as jovens conseguiam fugir ou se recusavam a cooperar, eram punidas com brutalidade e seus pais ou suas famílias sofriam as consequências. Em conjunto, estima-se que o Exército Imperial japonês tenha forçado mais de 100 mil meninas e jovens à escravidão sexual. Um grande número delas era de coreanas, enviadas para guarnições no Pacífico e no mar da China Meridional, mas o *Kempeitai* também sequestrava mulheres malaias, chinesas dos Estreitos, filipinas e javanesas, além de outras nacionalidades. A política de usar as mulheres das nações conquistadas como um recurso para os soldados era abertamente aprovada nos níveis mais altos do

governo japonês.

Um jovem nacionalista chamado Achmed Sukarno atuava como propagandista e consultor das autoridades militares japonesas, na esperança de obter a independência da antiga colônia holandesa. Após a guerra, em vez de ser acusado de colaboracionista, tornou-se o primeiro presidente da Indonésia, apesar do fato de dezenas de milhares de seus concidadãos terem passado fome. Estima-se que cerca de 5 milhões de pessoas tenham morrido com a ocupação japonesa no sudeste asiático durante a guerra.⁵ Destas, ao menos um milhão eram vietnamitas. Os japoneses usaram os arrozais para outras colheitas, e o arroz e os grãos foram confiscados para produzir etanol.

Os partidos políticos e a imprensa livre foram banidos. O *Kempeitai* empregou técnicas de tortura cruéis e sofisticadas para se vingar de qualquer tentativa de subversão e até do menor indício de atitudes “antijaponesas”. Em um programa de niponização, a língua e o calendário japoneses foram impostos em algumas partes. Os países ocupados tiveram os seus alimentos e matérias-primas saqueados e o desemprego cresceu de tal maneira que a Esfera de Coprosperidade da Grande Ásia Oriental logo ficou conhecida como “Esfera de Copobreza”. A moeda de ocupação japonesa foi considerada uma piada de mau gosto quando a inflação subiu descontroladamente.

Na Birmânia, muitos cidadãos inicialmente deram as boas-vindas aos japoneses na esperança de obter a independência, embora diferentes etnias no norte tenham permanecido leais aos britânicos. Os japoneses montaram uma força de quase 30 mil homens para servir no Exército Nacional Birmanês, mas os tratavam como inferiores. Até os oficiais birmaneses deviam saudar os soldados rasos dos invasores. Os japoneses também recrutaram cerca de 7 mil indianos para o Exército Nacional Indiano entre aqueles capturados na Malásia e em Cingapura. Tal exército, supostamente seria usado para liberar o seu país do jugo colonial britânico.

Em Cingapura, os prisioneiros de guerra britânicos e australianos foram enviados ao norte para trabalhar na infame ferrovia birmanesa, não importando o quão enfermos, fracos e emaciados estivessem. Sofriam com a febre das águas negras, beribéri, disenteria, difteria, dengue, malária e pelagra. Não havia suprimentos médicos e as infecções surgiam rapidamente nas feridas causadas por espinhos quando abriam clareiras na selva. Os prisioneiros deviam fazer medidas não só aos oficiais como também aos soldados rasos. Levavam tapas na cara ou eram golpeados com a lâmina das espadas por graduados ou oficiais. A insubordinação e a subversão eram punidas com uma tortura favorita. Depois de o prisioneiro ser forçado a ingerir água até quase explodir, os guardas o prendiam no piso com as pernas abertas e pulavam no seu estômago. De modo

geral, os prisioneiros recapturados quando tentavam escapar eram decapitados em público.

Os guardas japoneses gritavam “Rápido! Rápido!” para as vítimas exaustas, ordenando-lhes que trabalhassem mais duro. Famintos, sedentos e picados por insetos, os prisioneiros de guerra trabalhavam quase nus no calor insuportável. Muitos desmaiavam por desidratação. Em conjunto, um terço dos 46 mil prisioneiros aliados morreram, mas as condições foram ainda piores para os 150 mil trabalhadores forçados locais, dos quais a metade morreu.

A ocupação japonesa da Indochina⁶ francesa não mudou muito após o acordo original com o almirante Darlan, assinado em Vichy em 29 de julho de 1941. Em dezembro o governador-geral, o almirante Jean Decoux, assinou outro acordo sobre a defesa da Indochina e o governo francês que reconhecia Vichy continuou lá até março de 1945. A principal diferença foi que, com a Indochina separada de fato da França, o país passou à esfera econômica japonesa. Alguns grupos nacionalistas se aliaram aos japoneses na esperança de obter independência da França, mas o comandante japonês assegurou a continuidade do regime colonial francês. Por sua parte, Roosevelt havia determinado que a Indochina não fosse devolvida à França após a guerra.

Em abril de 1942, pouco antes de o major-general Edward King Jr. se render com as forças americanas e filipinas na Península de Bataan, ele perguntou ao coronel Nakayama Motoo como os seus homens seriam tratados. Nakayama retrucou que eles não eram bárbaros. Contudo, os oficiais japoneses não esperavam fazer tantos prisioneiros em Bataan. Doutrinados desde o dia em que se alistavam para acreditar no código Bushido, segundo o qual um soldado jamais capitula, eles tinham desprezo pelo inimigo que se rendia. Em um paradoxo flagrante, a sua raiva era ainda maior diante dos inimigos que montavam uma defesa feroz.

Do total de 76 mil americanos e filipinos, ao menos 6 mil estavam doentes ou feridos demais para caminhar. Sujos, emaciados e exaustos da luta tão longa com rações mínimas, uns 70 mil homens foram forçados a avançar em uma marcha de 100 quilômetros até o campo O'Donnell. A “marcha da morte de Bataan” foi uma negativa grotesca da asserção de Nakayama. Golpeados e roubados de tudo o que possuíam, torturados pela sede e impedidos de comer, forçados a avançar à ponta de baionetas, os prisioneiros foram sujeitos a crueldades e humilhações deliberadas por vingança. Nos dias seguintes, poucos guardas lhes permitiram descansar à sombra ou se deitar. Morreram mais de 7 mil soldados americanos e filipinos de Bataan. Cerca de quatrocentos oficiais e graduados da 91ª Divisão

foram mortos a golpes de espada em um massacre em 12 de abril em Batanga.⁷ Dos 63 mil que chegaram vivos ao campo, centenas morreram a cada dia. Outros 2 mil sobreviventes de Corregidor morreram de fome ou de doenças nos primeiros dois meses de cativeiro.

A série de desastres, rendições e humilhações infligidas aos Aliados provocou o desprezo dos nacionalistas chineses, que há quatro anos resistiam a exércitos japoneses muito maiores. Os britânicos haviam se recusado a pedir-lhes ajuda na defesa de Hong Kong, e não haviam conseguido armar os chineses e permitir que se defendessem. Isto minou seriamente a sua reivindicação sobre a colônia no caso de vitória sobre os japoneses. De qualquer modo, o governo Chungking de Chiang Kai-shek se opunha definitivamente à presença estrangeira nos portos do tratado. O governo do presidente Roosevelt tinha forte simpatia por estas atitudes anticoloniais, e a opinião pública americana apoiava a ideia de que os Estados Unidos não deveriam ajudar a restaurar as possessões britânicas, francesas e holandesas no Extremo Oriente.⁸

O fracasso britânico em resistir aos japoneses foi atribuído em grande parte ao seu comportamento colonialista. Por mais que esta explicação fosse atraente à época, estava longe de ser verdade, pois a maior parte dos esforços de guerra do país haviam se concentrado do outro lado. No primeiro semestre de 1942, o governo britânico quase cedeu à pressão de Washington e de Chungking para renunciar a Hong Kong, porém, mais tarde naquele ano, Londres limitou-se a concordar em discutir a devolução ao final da guerra. Convencidos de que as suas forças ocupariam a cidade primeiro, os nacionalistas não fizeram pressão.

Chiang Kai-shek acreditava que, como a Grã-Bretanha já não era uma potência no Extremo Oriente, a China nacionalista agora seria reconhecida como tal. Roosevelt aquiesceu, mas sabia que Stalin nunca aceitaria que a China se unisse aos “Três Grandes”. Sempre realista, Chiang sabia que independentemente dos seus sentimentos com relação aos britânicos, precisaria do apoio de Churchill, o que explica em parte a sua flexibilidade diante do adiamento da discussão sobre Hong Kong. Por sua parte, os nacionalistas estavam aborrecidos com o fato de a Agência de Operações Especiais trabalhar com as guerrilhas comunistas chinesas em East River ao sul da China e nos Novos Territórios em Hong Kong. Os comunistas ajudaram prisioneiros de guerra britânicos que escaparam da colônia. Um grupo foi recebido com um banquete de ganso e vinho de arroz ao redor de uma fogueira, quando um oficial ensinou os guerrilheiros comunistas a cantarem a canção “Os Granadeiros Britânicos” e a “Canção de Remo de Eton”.⁹

Na Índia, as relações entre os britânicos e o Partido do Congresso, que queria a independência do país, haviam se deteriorado bastante. Lorde Linlithgow, o vice-rei, mostrou-se política e economicamente arrogante e inepto. Em 1939, ele não se deu o trabalho de consultar os líderes do Partido do Congresso e obter o seu apoio na guerra. Com suas noções românticas do império e do rajado, Churchill não era melhor. Forçado a enviar uma missão à Índia liderada por Sir Stafford Cripps, o político de quem menos gostava, ele odiava a ideia de dar status de domínio à Índia ao final da guerra. É famosa a qualificação desta proposta por Mahatma Gandhi como um “cheque pós-datado”, e os líderes no Congresso não se deixaram impressionar por ela. Instado por Gandhi, em 8 de agosto de 1942 o Congresso emitiu o chamado aos britânicos “Saiam da Índia” imediatamente, mas deixando lá as suas tropas para defendê-la dos japoneses. Na manhã seguinte, as autoridades britânicas prenderam os líderes. Seguiram-se manifestações e revoltas, mil pessoas foram mortas e 100 mil encarceradas. Os distúrbios confirmaram o preconceito de Churchill de que os indianos eram ingratos e traiçoeiros.

A perda da Birmânia para os japoneses, na primavera de 1942, reduziu o abastecimento de arroz da Índia em 15%. Os preços dispararam. Na esperança de fazê-lo subir ainda mais, importadores e comerciantes estocaram os grãos e teve início uma espiral inflacionária. Os pobres simplesmente não conseguiam comer. O governo em Nova Delhi não fez nada para controlar este mercado negro feroz. Simplesmente transferiu a responsabilidade aos governos regionais, que reagiram com um “protecionismo provinciano enlouquecido”.¹⁰ Os que tinham excedentes, como Madras, se recusaram a vendê-lo aos que enfrentavam séria escassez do grão.

Bengala sofreu o pior impacto. Ao menos 1,5 milhão de pessoas morreram em consequência direta da fome, que começou no início de 1942 e durou todo o ano seguinte. Estima-se que um número parecido tenha morrido de doenças — cólera, malária e varíola — pois estavam tão desnutridas que não careciam de imunidade. Já furioso com a Índia, Churchill recusou-se a interferir no programa de embarque de ajuda. Só quando o marechal de campo Wavell foi designado vice-rei, em setembro de 1943, o governo da Índia começou a controlar o problema, usando tropas para distribuir alimentos. Wavell tornou-se ainda mais impopular junto a Churchill ao seguir esta política. O episódio provavelmente foi o mais vergonhoso na história do rajado britânico. Para dizer o mínimo, ele solapou por completo o argumento de que o governo britânico protegia os pobres indianos dos ricos.

Para os americanos, o ataque japonês a Pearl Harbor teve um aspecto redentor. Os seus encouraçados estavam no porto naquele fim de semana fatídico, mas não os porta-aviões. Por isto mesmo, o almirante Yamamoto, o mais perspicaz dos comandantes japoneses, não se uniu ao júbilo após o ataque.

Em Washington, a incerteza reinava entre os oficiais no prédio principal da marinha. O desejo de revidar era imenso, mas a Esquadra do Pacífico, tremendamente desfalcada, precisava ser cautelosa. O almirante de esquadra, Ernest J. King, o novo comandante em chefe, era conhecido por sua irascibilidade. Ficou furioso por terem os britânicos convencido o general Marshall e Roosevelt a adotar a política da “Alemanha primeiro”, o que significava que o teatro do Pacífico era obrigado a assumir a defensiva. Oficiais britânicos perceberam que King era reconhecidamente anglóphobo, mas os seus correspondentes americanos lhes afiançaram que o almirante não era preconceituoso. Ele simplesmente odiava todo mundo.

O Estado-Maior da Armada em Washington decidiu que seria perigoso demais enviar uma força-tarefa para recuperar a ilha de Wake. Os três comandantes de forças-tarefas se aborreceram com a decisão, mas à época ela era quase certamente a mais adequada. No final de dezembro de 1941, o almirante Chester W. Nimitz chegou a Pearl Harbor para assumir o posto de novo comandante em chefe da Esquadra do Pacífico. O desafortunado almirante Kimmel ainda estava lá, sem saber qual seria a sua sorte, embora fosse tratado com grande simpatia pelos colegas. Nos níveis mais altos da hierarquia na marinha dos Estados Unidos havia pouquíssima rivalidade e choques de egos. Nimitz foi uma boa escolha para o posto. Um texano grisalho descendente da nobreza alemã empobrecida, tinha a fala mansa, era decidido e capaz de fazer as coisas andarem com uma autoridade tranquila. Não surpreende que inspirasse grande lealdade e confiança. Isto foi particularmente útil em um momento em que Washington ainda não tinha desenvolvido uma abordagem clara para a guerra no Pacífico.

Contudo, Washington insistiu em lançar um ataque contra Tóquio para elevar o moral. Ele seria comandado pelo tenente-coronel James Dolittle, do Corpo Aéreo do Exército, com bombardeiros B-52 médios que pela primeira vez decolariam de um porta-aviões. O vice-almirante William F. Halsey zarpou em 8 de abril de 1942 com os porta-aviões *Enterprise* e *Hornet*. Ele gostava da ideia de revidar, mas Nimitz tinha dúvidas sobre uma operação que sacrificaria tantos bombardeiros em um gesto que causaria poucos danos ao inimigo. Também se preocupava em ter forças disponíveis suficientes para enfrentar a próxima ofensiva japonesa, esperada em algum lugar das Ilhas Salomão e da Nova Guiné. Isso ficava na região sudoeste do Pacífico, que estava sob o comando do general MacArthur.

O comandante Joseph Rochefort, o criptoanalista chefe em Pearl Harbor, havia ajudado a quebrar o código naval japonês em 1940. Oficial pouco convencional, geralmente calçando pantufas e vestindo jaqueta vermelha de smoking, Rochefort não havia conseguido alertar sobre o ataque a Pearl Harbor em virtude do estrito silêncio-rádio imposto à esquadra nipônica de porta-aviões. Para sorte da marinha americana, ele agora conseguira decodificar um sinal que indicava que os japoneses planejavam desembarcar na extremidade sudeste da Nova Guiné em maio e conquistar o aeródromo de Port Moresby. Isto daria à sua força aérea controle sobre o mar de Coral e lhes permitiria atacar facilmente o norte da Austrália.

Com as imensas distâncias envolvidas no Pacífico, reabastecer no mar era um desafio crítico para ambos os lados. Cada força-tarefa americana de dois porta-aviões e navios-escolta precisava navegar com pelo menos um navio-tanque ou “petroleiro”, que os submarinos japoneses atacavam primeiro. Porém, com o prosseguimento da guerra, os submarinos da marinha americana provaram ser o meio mais eficiente de destruir os cargueiros e petroleiros japoneses. Este esforço, em que os submarinos dos Estados Unidos foram responsáveis por cerca de 55% de todas as embarcações japonesas afundadas, teve um efeito devastador nas forças navais e terrestres, que enfrentaram escassez de combustível e suprimentos.¹¹

Halsey, que regressara depois de lançar o ataque a Tóquio, era o candidato óbvio para liderar o primeiro contra-ataque de peso. Em 30 de abril de 1942 ele zarpou com a Força-Tarefa 16. Contudo, como Nimitz suspeitava, a Força-Tarefa 17, comandada pelo vice-almirante Frank J. Fletcher, que já estava operando no mar de Coral, enfrentaria o grosso da luta antes da chegada de Halsey.

Em 3 de maio, uma força japonesa desembarcou em Tulagi, nas Ilhas Salomão. Os comandantes japoneses estavam extremamente confiantes na derrota da força naval americana no mar de Coral, ao sul da Nova Guiné e nas Salomão. Apoiado por belonaves australianas e neozelandesas, Fletcher rumou para o noroeste ao saber que outra força japonesa se dirigia a Port Moresby, na Nova Guiné. A confusão se instalou em ambos os lados, mas aviões do USS *Lexington* avistaram o porta-aviões japonês *Shohu* e o afundaram. Os aviões japoneses pensaram ter encontrado o porta-aviões americano e afundaram um contratorpedeiro e um navio-tanque.

Em 8 de maio, porta-aviões japoneses e americanos se atacaram mutuamente. Aeronaves do *Yorktown* conseguiram danificar o *Shokaku* e impossibilitá-lo de lançar mais aviões, ao passo que os japoneses atingiram o *Lexington* e o *Yorktown*. Incapazes de proteger a sua esquadra, os japoneses decidiram recuar de Port Moresby, para desgosto do almirante Yamamoto. O *Lexington*, que

parecia ter se recuperado, começou a afundar após explosões provocadas por vazamento de combustível.

Para os americanos, a Batalha do Mar de Coral foi um êxito parcial, pois evitou um desembarque, ao passo que os japoneses se convenceram de que o inimigo havia levado uma “surra”.¹² De qualquer modo, ela provocou muita reflexão do lado americano sobre os defeitos técnicos nos seus aviões e armamentos. A maior parte deles não havia sido resolvida quando ocorreu o embate seguinte.

O almirante Yamamoto, ciente do potencial americano de produzir porta-aviões mais rapidamente que o Japão, queria fazer um ataque arrasador antes que a sua esquadra perdesse a iniciativa. Um ataque à base nas Ilhas Midway forçaria os poucos porta-aviões americanos a entrarem na luta. Após o ataque de Doolittle ao Japão, os críticos no Estado-Maior da Armada em Tóquio por fim se ajustaram ao seu ponto de vista. A interceptação de sinais analisada pelo comandante Rochefort e seus colegas indicava que os japoneses estavam a ponto de rumar para o oeste e o norte a fim de atacar as Ilhas Midway. Isto sugeria que pretendiam estabelecer uma base de onde poderiam atacar a própria Pearl Harbor. O Estado-Maior da Armada em Washington rejeitou a ideia, mas Nimitz reuniu o mais rapidamente possível todos os navios de guerra disponíveis em Pearl Harbor.

Em 26 de maio, quando a principal esquadra invasora japonesa zarpou de Saipan, nas ilhas Marianas, já não havia dúvidas quanto ao seu destino. Rochefort havia montado uma armadilha de sinais ao enviar uma mensagem dizendo que havia escassez de água em Midway. Isto foi repetido em uma mensagem japonesa em 20 de maio, usando as letras “AF” para identificar Midway. Como as referências anteriores usando este código haviam se referido ao seu objetivo principal, Nimitz teve certeza de qual era o plano de Yamamoto. Isto lhe deu a oportunidade de escapar da grande cilada à sua frente e torná-la favorável a si mesmo. Halsey sofria de uma doença relacionada ao estresse e teve de ser internado. Então, Nimitz escolheu o contra-almirante Raymond Spruance, um fanático por exercícios físicos, para comandar a Força-Tarefa 16.

Em 28 de maio, Spruance zarpou de Pearl Harbor com os porta-aviões *Enterprise* e *Hornet*, escoltados por dois cruzadores e seis contratorpedeiros. Fletcher, que assumiria o comando-geral, partiu dois dias depois com dois cruzadores, seis contratorpedeiros e o *Yorktown*, que fora reparado com uma velocidade impressionante. Os navios de guerra americanos partiram bem a tempo. Na esperança de emboscá-los, uma linha de submarinos japoneses se posicionou entre o Havaí e as Ilhas Midland algumas horas após a passagem das duas forças-tarefa.

Spruance e Fletcher enfrentaram uma formação formidável. A Marinha Imperial japonesa tinha quatro esquadras no mar com onze encouraçados, oito porta-aviões, 23 cruzadores, 65 torpedeiros e vinte submarinos. Três forças-tarefa se dirigiam a Midway e a uma das ilhas Aleutas, a uns 3.200 quilômetros ao norte, junto à parte mais ao sul do mar de Bering. Os japoneses acreditavam que os americanos “não sabiam dos nossos planos”.¹³

Em 3 de junho, os aviões baseados na costa de Midway foram os primeiros a avistar os navios japoneses que se aproximavam pelo sudoeste. No dia seguinte, os japoneses lançaram os primeiros ataques aéreos a Midway. Os bombardeiros da força aérea do exército americano e bombardeiros de mergulho dos fuzileiros navais, sediados na ilha, reagiram. Tiveram perdas terríveis e erraram o alvo várias vezes, o que aumentou a segurança dos japoneses. O almirante Nagumo Chuichi, comandante da força-tarefa japonesa, ainda não sabia da presença dos porta-aviões americanos. De sua parte, Yamamoto começou a suspeitar que eles poderiam estar lá, depois de uma sinalização de Tóquio alertando para o aumento no tráfego de mensagens em Pearl Harbor, mas ele não quis romper o silêncio-rádio.

Para os jovens pilotos americanos que operavam no azul aparentemente infinito do Pacífico, a perspectiva de batalha era ao mesmo tempo estimulante e aterradora. Muitos deles tinham acabado de sair da escola de pilotagem e não tinham a experiência dos seus oponentes, mas aqueles aviadores jovens, bronzeados e entusiastas demonstraram uma coragem surpreendente. Já era terrível ser atingido sobre o oceano, mas ser resgatado por um navio de guerra japonês significava quase certamente a execução por decapitação.

O caça japonês Zero era superior ao rechonchudo Grumman F4F Wildcat, mas o Wildcat aguentava um bocado de avarias, pois possuía tanques de combustível que se selavam ao serem atingidos. Os bombardeiros americanos e os bombardeiros de mergulho não tinham chance contra os Zeros, a menos que tivessem uma escolta de caças. O obsoleto bombardeiro de torpedo Douglas TBD Devastator era lento e o torpedo raramente funcionava, então, para o piloto, atacar um navio de guerra japonês era quase uma missão suicida. O bombardeiro de mergulho Douglas SBD Dauntless, por sua vez, era muito mais eficaz, especialmente em mergulhos quase verticais de perto, como os acontecimentos provariam.

Um hidroavião Catalina avistou a força japonesa de porta-aviões e transmitiu a sua posição. Fletcher ordenou a Spruance que reunisse os seus aviões para o ataque. A força-tarefa de Spruance partiu a toda velocidade. Os seus alvos estavam no alcance máximo dos torpedeiros, mas o risco valeria a pena se pudessem atacar os porta-aviões japoneses antes que seus aviões decolassem.

Devido a uma confusão, os bombardeiros de torpedo Devastator chegaram primeiro, sem a cobertura dos caças. Foram massacrados pelos caças Zero. Os japoneses supuseram uma vitória, mas a sua alegria foi prematura.

“A tripulação saudou os pilotos que regressaram, deu-lhes tapinhas nas costas e gritou palavras de encorajamento”,¹⁴ escreveu o comandante aéreo naval Fuchida Mitsuo no *Akagi*. Os aviões foram rearmados e outros levados do hangar para o deque de voo, aprestados para o contra-ataque aos porta-aviões americanos. O almirante Nagumo decidiu esperar que os bombardeiros de torpedo Nakajima fossem rearmados com bombas de ataque terrestre para só então atacar novamente Midway.¹⁵ Alguns historiadores afirmam que isto provocou um atraso crítico e desnecessário. Outros assinalam que era prática comum não decolar enquanto todos os tipos de aviões estivessem prontos para operar em conjunto.

“Às 10h20, o almirante Nagumo deu ordem de partir quando prontos”, prosseguiu Fuchida. “No deque de voo do *Akagi* todos os aviões estavam posicionados, aquecendo as turbinas. O grande navio começou a girar em direção ao vento. Em cinco minutos, todos os aviões alçariam voo [...]. Às 10h24, a ordem de decolar partiu da ponte de comando por meio do sistema de som por tubos. O oficial de convés agitou uma bandeira branca e o primeiro caça Zero ganhou velocidade e alçou voo. Naquele instante, um vigia gritou ‘Bombardeiros de mergulho!’. Olhei para o alto e vi três aviões inimigos pretos mergulhando em direção ao nosso navio. Alguns canhões conseguiram fazer disparos nervosos, mas era tarde demais. As silhuetas rechonchudas dos bombardeiros de mergulho Dauntless rapidamente se agigantaram e então uma série de objetos pretos começou a voar assustadoramente das suas asas.”

Os Dauntless do *Enterprise* e do *Yorktown* de Fletcher haviam conseguido se ocultar em uma nuvem a 3 mil metros, por isso a surpresa foi completa e o deque do *Akagi* era um alvo perfeito. Os aviões japoneses totalmente abastecidos e armados explodiram um atrás do outro. Uma bomba fez um buraco enorme no deque de voo e outra explodiu o elevador que alçava os aviões do hangar abaixo. Nem isto nem o outro estrago na popa no deque teria sido suficiente para afundar o navio, mas os aviões explodindo com suas bombas e os torpedos estocados junto deles reduziram o *Akagi* a uma carcaça ardente. O retrato do imperador a bordo do *Akagi* foi rapidamente transferido para um contratorpedeiro.

O *Kaga*, que estava perto, também foi mortalmente atingido, com nuvens pretas espiralando no ar. Então os bombardeiros de mergulho atingiram o *Soryu*. A gasolina se espalhou e criou um inferno. A munição e as bombas começaram a explodir de repente, um estrondo enorme atirou na água quem estava no deque. “Assim que o incêndio começou no nosso navio”, relatou o almirante Nagumo,

“o comandante, Yanagimoto Ryusaku, apareceu na torre de comunicações a estibordo da ponte de comando. De lá, ele conduziu as ações e determinou que os homens se abrigassem e tentassem se salvar. Não permitiu que ninguém se aproximasse dele. As chamas o cercaram, mas ele se recusou a deixar o posto. Gritava ‘*Banzai*’ repetidamente quando a morte heroica o levou.”¹⁶

Pouco depois, o *Yorktown* ficou avariado e inoperante por causa dos torpedos dos bombardeiros japoneses. Os aviões que regressavam eram desviados para os porta-aviões de Spruance, substituindo algumas das suas perdas iniciais. Em um ataque posterior, aviões do *Enterprise* atingiram o *Hiryu*, que também afundou. “Às 23h50”, informou o almirante Nagumo, “o comandante do *Hiryu*, Kaki Tomeo, e o comandante do esquadrão, o contra-almirante Yamagichi Tamon, enviaram mensagens à tripulação. Isto foi seguido de expressões de reverência e respeito ao imperador, de gritos de *banzai* e do arriamento da bandeira de batalha e da bandeira de comando. À 00h15, todos receberam ordens de abandonar o navio, o retrato de Sua Alteza Imperial foi retirado e começou a transferência do pessoal para os contratorpedeiros *Kazagumo* e *Makigumo*. A movimentação do retrato e dos homens terminou à 1h30. Após completar as operações de transferência, o comandante do esquadrão e o do navio permaneceram a bordo. Agitaram os seus quepes para a tripulação e, com perfeita compostura, uniram o seu destino ao do navio.”¹⁷

Sem saber do desastre acontecido com seus porta-aviões, Yamamoto ordenou novos ataques. Pode-se imaginar a sua reação ao ser informado da situação. Determinou então que sua esquadra massiva de dez encouraçados, incluindo o *Yamato*, o maior deles ainda flutuando, e dois porta-aviões de escolta, com um grande número de cruzadores e contratorpedeiros de escolta, zarpasse a toda velocidade. Ciente das forças de Yamamoto, durante a noite Spruance mudou o curso em direção a Midway para se beneficiar da cobertura aérea baseada em terra. No dia seguinte, os seus bombardeiros de mergulho conseguiram pôr a pique um cruzador e danificar outro tremendamente. Mas, enquanto operações de resgate eram efetuadas em 6 de junho, o *Yorktown* avariado foi atingido por torpedos de um submarino japonês e submergiu na manhã seguinte.

Com quatro porta-aviões e um cruzador japoneses perdidos e um encouraçado seriamente avariado, além de 250 aviões destruídos, tudo isso em troca de um porta-aviões americano, Midway representou uma vitória decisiva e uma virada definitiva na guerra do Pacífico. A esperança de Yamamoto de esmagar a Esquadra do Pacífico americana desvaneceu-se por completo. Contudo, como Nimitz reconheceu em seu relatório: “Se não tivéssemos informações prévias da movimentação dos japoneses e tivéssemos sido surpreendidos com as forças-tarefa dispersas, possivelmente nos confins do mar de Coral, a Batalha de

Midway teria tido um fim muito diferente.”^{[18](#)}

Nota:

[* A comunidade chinesa fazia parte da população das Colônias dos Estreitos criadas em 1826 Málaca, Penang, Dinding, Cingapura e Labuan \(junto à costa de Bornéu\) pela Companhia Britânica das Índias Orientais e mais tarde controladas pelo Império Britânico. À exceção de Cingapura, hoje estes territórios pertencem à Malásia. \[N. da T.\]](#)

Derrota no Deserto

MARÇO-SETEMBRO DE 1942

Após a retirada humilhante através da Cirenaica, em janeiro e fevereiro de 1942, o mito Rommel tão intensamente propagandeado por Goebbels passou a ser difundido também pelos britânicos. A lenda da “Raposa do Deserto” foi uma tentativa equivocada de justificar os próprios fracassos. Hitler ficou surpreso e fascinado com este culto ao herói. Ele reforçava a sua crença de que os britânicos estavam a ponto de entrar em colapso após as derrotas no Extremo Oriente. Contudo, ele estava preparado para domar o seu general favorito a fim de apaziguar os italianos. A posição de Mussolini fora ameaçada com a oposição crescente dentro do Comando Supremo, cujos membros pensavam que o Duce estava nas mãos de Hitler. Tal comando havia sido afrontado pela arrogância e as exigências peremptórias de Rommel, além das suas queixas constantes sobre a sua incapacidade de prover e proteger os comboios de suprimentos de que o general necessitava. Além disso, Halder e o OKH ainda se opunham resolutamente a reforçar Rommel. Argumentavam que o canal de Suez só deveria ser tomado após o avanço no Cáucaso. A prioridade da frente leste continuava sendo um argumento poderoso enquanto preparavam a grande ofensiva no sul da Rússia. Somente a Kriegsmarine, que desejava uma política de derrotar a Inglaterra primeiro, apoiava as ambições de Rommel.

A ilha de Malta estava em uma situação desesperadora após uma nova ofensiva da Luftwaffe contra os aeródromos e o porto principal de Valletta. Todos os cinco navios de um comboio haviam sido afundados em março, e as tropas e a população civil passavam fome. Porém, em maio, um reforço de seis Spitfires que decolaram do porta-aviões USS *Wasp* e a chegada de um navio lança-minas com suprimentos salvaram a ilha. O marechal de campo Albert Kesselring, o comandante em chefe no Mediterrâneo, havia planejado uma invasão aerotransportada de Malta, a Operação Hércules, mas ela teve de ser descartada. Não só Hitler duvidava do seu êxito como o *Fliegerkorps* era

necessário mais ao leste. E os italianos também exigiam apoio excessivo antes de se engajarem no combate.

Mais uma vez, Rommel ignorou as ordens e os problemas dos suprimentos e começou a deslocar o Exército Panzer *Afrika* em direção à linha Gazala. “A luta não se parece ao horror, ao sofrimento indescritível da campanha russa”, um suboficial escreveu para casa em abril. “Não há aldeias e cidades destruídas ou devastadas.”¹ Em outra carta naquela noite, ele escreveu à mãe: “O ‘Tommy’ aqui leva tudo mais na esportiva [...]. Avante até a vitória decisiva.” Embora os soldados de Rommel também estivessem aflitos com os enxames de moscas e o calor intenso que endurecia o pão, eles ansiavam pela vitória da “grande ofensiva na Rússia, e depois os ‘Tommies’ daqui serão esmagados de ambos os lados”. Aspiravam visitar o Cairo.

Subitamente, o OKW concordou com o sonho de Rommel de tomar o Egito e o canal de Suez. Hitler começara a temer que o apoio militar americano viesse mais cedo do que pensara. E ele não podia descartar um ataque dos Aliados pelo canal. Se Rommel conseguisse esmagar o VIII Exército, pensava, o moral britânico seria abalado. Os japoneses também haviam indicado que só avançariam para o oeste pelo oceano Índico caso os alemães tomassem o canal de Suez.

O primeiro estágio da invasão do Egito, com o codinome Operação Teseu, era flanquear a linha defensiva britânica. Esta se estendia em blocos defendidos, de Gazala na costa, a uns 80 quilômetros a oeste de Tobruk, até o sul em Bir Hakheim, um posto avançado no deserto defendido pela 1ª Brigada de Franceses Livres do general Marie-Pierre Koenig. Havia sete blocos, cada um deles defendido por força-tarefa à base de brigada de infantaria, com artilharia, arame farpado e minas, que se estendiam até o próximo bloco. Na retaguarda, Ritchie havia posicionado formações blindadas prontas para o contra-ataque. Rommel pretendia tomar Tobruk. Este porto era considerado vital para o suprimento, pois de outro modo os caminhões Opel da Blitz levariam catorze dias para ir e voltar a Trípoli.

A Operação Teseu não poderia pegar os britânicos de surpresa, pois Bletchley havia fornecido as importantes decodificações do Ultra ao QG do Oriente Médio. Mas a cadeia de comando relutava em passar adiante a informação, exceto para dizer que era provável que houvesse um ataque em maio e que ele poderia tomar a forma de um “gancho” de direita a partir do sul. O ataque começou em 26 de maio, com divisões de infantaria italianas avançando contra a metade norte da linha, como uma finta. Ao sul, a Divisão Motorizada Trieste e a Divisão Blindada Ariete, junto com as divisões panzers alemãs, enveredaram pelo deserto. Uma tempestade de areia ocultou suas 10 mil viaturas da vista dos

britânicos. Durante a noite, vinda do sul, a principal força de ataque de Rommel flanqueou a Linha Gazala.

Rommel liderou as suas divisões rapidamente num amplo movimento em curva, aproveitando a luz da lua assim que o *khamsin* (vento quente, seco e empoeirado) parou. Antes do amanhecer, elas já estavam posicionadas, prontas para o ataque. A uns 30 quilômetros a nordeste de Bir Hakeim, a 15ª Divisão Panzer chocou-se com a 4ª Brigada Blindada, provocando sérias baixas no 3º Regimento Real de Carros de Combate e no 8º Regimento de Hussardos. Pouco depois, 80 tanques britânicos contra-atacaram a 21ª Divisão Panzer. Agora, o VIII Exército contava com 167 carros de combate Grant americanos. Eles eram pesados, incomumente altos e não muito manobráveis quando se tratava de disparar, mas os seus canhões de 75 mm eram muito mais eficazes que os patéticos 2-pounders dos tanques Crusader.

Enquanto isso, ao sudeste de Bir Hakeim, a 3ª Brigada Motorizada Indiana fora atacada às 6h30 do dia 27 de maio. O seu comandante disse pelo rádio que estavam enfrentando “toda uma maldita divisão blindada alemã”,² quando na verdade tratava-se da Divisão Aríete italiana. As tropas indianas destruíram 52 tanques, mas foram sobrepujadas quando os seus canhões anticarro foram postos fora de ação.

A brigada de Franceses Livres de Koenig, em uma posição igualmente solitária em Bir Hakeim, sabia o que os esperava ao ouvirem à noite o ruído dos motores dos tanques no deserto. Pela manhã, uma patrulha confirmou que o inimigo estava atrás deles e os havia isolado do seu depósito de suprimentos. A força, de uns 4 mil homens, incluía uma meia brigada da Legião Estrangeira, dois batalhões de tropas coloniais e fuzileiros navais. Também contava com apoio da artilharia, com 54 canhões franceses de 75 mm e canhões Bofors. Como nos outros blocos, a sua primeira linha de defesa consistia em campos minados e arame farpado.³

Os tanques da Divisão Aríete mudaram então de rumo para atacar os Franceses Livres em massa, os quais destruíram 32 deles. Apenas seis carros de combate italianos conseguiram penetrar pelos campos de minas e pelo arame farpado, mas os legionários franceses os inutilizaram a curta distância. Alguns até subiram nos tanques inimigos e atiraram através das aberturas e escotilhas. O ataque não contou com apoio de infantaria, de modo que os franceses rechaçaram bravamente cada onda, infligindo pesadas baixas e fazendo 91 prisioneiros, inclusive um comandante de regimento. Escaramuças foram também travadas contra a 90ª Brigada Leve alemã. “Pela primeira vez desde junho de 1940”, escreveu orgulhosamente o general de Gaulle, “franceses e alemães entraram em ação uns contra os outros.”⁴ A nordeste, o restante da 90ª

Divisão Leve atacou a 7ª Brigada Motorizada e forçou os britânicos, em menor número, a recuar. Suas unidades assaltaram o quartel-general da 7ª Divisão Blindada e tomaram vários depósitos de suprimentos. Embora a 90ª Leve avançasse rapidamente, as duas divisões panzer de Rommel foram estorvadas por contra-ataques e fogo pesado de artilharia quando progrediam para o norte em direção ao campo de pouso de El Adem, que fora cenário de uma luta igualmente pesada no ano anterior.

O ousado plano de Rommel não teve êxito como ele esperava. As suas forças ficaram em posição vulnerável entre os blocos da Linha Gazala e o restante dos blindados ingleses a oeste. Rommel também esperava que os franceses em Bir Hakeim fossem logo esmagados, mas eles resistiam. Ele ficou profundamente preocupado e muitos dos seus oficiais pensaram que a ofensiva havia fracassado. Um chefe militar sugeriu informar ao OKW que a operação havia sido de reconhecimento, na tentativa de proteger a reputação do Panzerarmee Afrika. Mas eles não precisavam se preocupar. Mais uma vez os britânicos não tinham concentrado suficientemente seus tanques para causar um impacto.

Rommel queria prosseguir para o norte até a estrada costeira e romper a linha britânica lá, de modo a restabelecer a sua linha de suprimentos até Trípoli. Mas a partir de 28 de maio a luta tornou-se caótica no centro da Linha Gazala. As divisões de Rommel foram prejudicadas pela escassez de combustível e munição, mas outra vez ele foi salvo pela lentidão dos comandantes britânicos em explorar a sua vantagem considerável. Ritchie queria executar um pesado ataque noturno, mas os comandantes dos corpos e divisões argumentaram que precisavam de mais tempo. Eles pensavam que os alemães estavam encurralados, mas as tropas do Eixo haviam feito uma brecha no campo minado a oeste e o suprimento foi retomado. Contudo, esta passagem estava próxima ao bloco da 150ª Brigada, cujos batalhões Yorkshire subitamente criaram um grande problema para Rommel.

No Wolfsschanze, na Prússia Oriental, a atenção de Hitler não estava no norte da África. O seu assistente da Luftwaffe, Nicolaus von Below, regressou de uma visita a Rommel, onde encontrou “uma situação muito desagradável”.⁵ Em 27 de maio, Reinhard Heydrich fora atacado em Praga por jovens tchecos equipados pela Agência de Operações Especiais britânica. Heydrich havia sobrevivido, mas na semana seguinte sucumbiria à infecção dos ferimentos. E na noite de 30 de maio a RAF havia lançado o primeiro ataque de mil bombardeiros contra Colônia. Hitler ficou fora de si de raiva, dirigida principalmente contra Göring.

A partir de 31 de maio, durante a batalha retalhada que os britânicos denominaram “caldeirão” e os alemães “a panela de salsichas”, Rommel lançou as suas forças contra a posição da 150ª Brigada. O assalto, com tanques,

artilharia e Stukas, foi pesado. A brigada lutou até o fim com grande valentia, granjeando a admiração dos alemães. Mas o fracasso repetido dos comandantes britânicos em contra-atacar a partir do oeste foi um dos exemplos menos inspiradores da condução da guerra. Rommel então ordenou à 90ª Divisão Leve e à Divisão Trieste que destruíssem os franceses em Bir Hakeim, de modo que ele pudesse começar a romper a Linha Gazala a partir do sul.

Em 3 de junho, os homens de Koenig revidaram o ataque de uma força avassaladora. Os britânicos enviaram tropas em reforço, mas elas toparam com a 21ª Divisão Panzer e recuaram. Não houve outras tentativas de ajudar a guarnição francesa, em parte porque o contra-ataque ao norte em 5 de junho fracassara em virtude da incompetência e timidez dos comandantes da formação, que relutavam em arriscar os seus tanques contra os canhões alemães de 88 m. Algumas provisões conseguiram chegar. A RAF forneceu o apoio que pôde, ajudando a desorganizar os ataques e combatendo os Stukas e Heinkels. As tropas coloniais francesas deram cabo dos pilotos dos Stukas que saltaram de paraquedas. Os homens de Koenig, sofrendo de sede e fome no calor intenso e na poeira, cavaram mais fundo as suas trincheiras à espera de um ataque maior. Resistindo, sabiam que ajudavam muito o movimento retrógrado do VIII Exército.

Exasperado com a tenacidade da defesa francesa, Rommel assumiu pessoalmente o comando. Em 8 de junho, a artilharia alemã e os Stukas voltaram a atacar a posição. Uma bomba matou dezessete feridos no posto de triagem. A determinação dos defensores nunca esmoreceu. Um oficial viu o único sobrevivente de uma guarnição de canhão, um legionário com a mão decepada, recarregar o 75 mm enfiando a granada com o cotoco sanguinolento. Em 10 de junho, a defesa francesa foi rompida. Os defensores de Bir Hakeim estavam sem munição.

Naquela noite, a 7ª Divisão Blindada britânica, a única formação que podia tê-los salvo, recuou. Koenig recebeu ordens de bater em retirada. Ele conduziu a maior parte dos homens que restavam através do cerco alemão durante a noite, a princípio sem serem detectados, depois sob fogo intenso. Ele estava acompanhado do seu corajoso motorista inglês e da amante Susan Travers, que mais tarde foi nomeada suboficial da Legião Estrangeira francesa. Rommel recebeu determinações de Hitler para executar todos os legionários capturados, fossem eles franceses, os quais deveriam ser tratados como insurgentes, alemães antifascistas ou cidadãos de outros países ocupados pelos nazistas. Para crédito de Rommel, ele garantiu que os capturados fossem tratados como prisioneiros de guerra comuns.

Quando o general De Gaulle soube pelo general Sir Alan Brooke, o chefe do

Estado-Maior imperial, que Koenig e a maior parte dos seus homens haviam escapado de volta para as linhas britânicas, ficou tão emocionado que precisou se trancar sozinho em uma sala. “Oh, o coração batendo de emoção, soluços de orgulho, lágrimas de felicidade”,⁵ escreveu mais tarde em suas memórias. Ele sabia que aquele momento marcava “o início da ressurreição da França”.

Mais para o norte, a batalha do Caldeirão prosseguia, com as brigadas britânicas e indianas lutando teimosamente na defesa, mas o VIII Exército permanecia incapaz de lançar um contra-ataque eficaz. Em 11 de junho, logo após a queda de Bir Hakeim, Rommel ordenou às suas três divisões que destruíssem as posições britânicas remanescentes, inclusive o bloco “Knightsbridge” mantido pela 201ª Brigada de Guardas e a 4ª Brigada Blindada. Em seguida, elas conquistariam Via Balbia. Isto provocou uma retirada súbita em 14 de junho quando, junto à costa, os sul-africanos e a 50ª Divisão receberam ordens de recuar para a fronteira egípcia a fim de evitar o cerco. Seguiu-se uma indigna debandada, que ficou conhecida como o “galope de Gazala”.

Tobruk ficou exposta, e a infantaria italiana avançou para cercá-la pelo leste. Rommel trouxe suas divisões, embora no processo a 21ª Panzer tivesse sido gravemente atingida pelos Hurricanes e pelos caças-bombardeiros P-40 Kittyhawks da RAF. A Força Aérea do Deserto do vice-marechal do ar Arthur Coningham aperfeiçoava as suas técnicas a toda hora, e sem o seu apoio o destino do VIII Exército poderia ter sido catastrófico.

Churchill ordenou a Auchinleck que mantivesse Tobruk a qualquer preço. Mas não havia tropas e canhões suficientes, e muitas das minas para sua defesa haviam sido levadas para reforçar a Linha Gazala. Em 17 de junho, Rommel começou o assédio com uma finta contra um dos cantos do perímetro, enquanto sigilosamente preparava o ataque em outra parte.

À diferença dos australianos, que haviam defendido Tobruk encarniçadamente no ano anterior, a 2ª Divisão Sul-Africana comandada pelo general Hendrik Klopper era inexperiente. De qualquer maneira, o almirante Cunningham sabia que não contava com navios para abastecer Tobruk através de outro cerco. A guarnição de 33 mil homens incluía outras brigadas de infantaria e uma brigada blindada fraca com tanques obsoletos.

No amanhecer de 20 de junho, Kesselring enviou todos os Stukas e grupos de bombardeiros disponíveis no Mediterrâneo, apoiados por esquadrões da *Regia Aeronautica*, a força aérea italiana. Isto foi acompanhado de um bombardeio concentrado da artilharia, enquanto batalhões da engenharia abriam brechas pelos campos minados. A 11ª Brigada Indiana ficou chocada com o ataque sem precedentes, e às 8h30 os primeiros panzers atravessaram as defesas externas. No decorrer de um só dia, enquanto colunas de fumaça se elevavam no alto da

cidade destruída, os alemães avançaram até o porto, cortando ao meio a posição fortalecida de 20 quilômetros de extensão. Foi uma vitória assombrosamente rápida.

O general Kloppe se rendeu na manhã seguinte, antes de o porto e vários depósitos serem destruídos. Quatro mil toneladas de petróleo caíram nas mãos de Rommel, o melhor presente que poderia receber. Os seus soldados famintos, cujas roupas estavam em frangalhos, extasiaram-se com a pilhagem. “Temos chocolate, leite e vegetais enlatados e biscoitos aos montes”, um suboficial escreveu para casa. “Temos viaturas e armas inglesas em grandes quantidades. Que bom vestir as camisas e meias inglesas!” Os soldados italianos não compartilharam do rico butim. O mesmo suboficial reconheceu que “eles passam pior do que nós, com menos água, menos comida, soldo menor e não usam o mesmo equipamento que nós temos”.⁷

Mussolini tentou fingir que a tomada de Tobruk era uma vitória italiana, então, para enfatizar a verdade, Hitler imediatamente promoveu Rommel, de 49 anos, ao posto de marechal de campo. A promoção produziu muita inveja e ressentimento entre as patentes mais altas da Wehrmacht, o que certamente agradou a Hitler. No primeiro aniversário da Operação Barbarossa, o ditador alemão estava jubiloso na certeza de que o Império Britânico começara a se desintegrar, como ele afirmara. Em uma semana, a Operação Blau para tomar o Cáucaso seria lançada no sul da Rússia. Novamente, o Terceiro Reich parecia invencível.

Naquele dia de junho, Churchill estava na Casa Branca com Roosevelt quando um assessor entrou e passou uma nota ao presidente. Ele a leu e entregou ao primeiro-ministro. Churchill, desalentado, mal pôde acreditar. Pediu ao general Ismay para checar com Londres se Tobruk realmente havia caído. Ismay regressou e confirmou a notícia. Naquele momento, a humilhação não podia ser maior. Mais tarde, Churchill escreveu: “A derrota é uma coisa; desonra é outra.”⁸

Exibindo os seus instintos mais generosos, Roosevelt imediatamente perguntou o que poderia fazer para ajudar. Churchill pediu todos os tanques Sherman de que os americanos pudessem dispor. Quatro dias depois, o alto-comando concordou em despachar trezentos Shermans além de cem obuses autopropulsados de 105 mm. Foi um ato de grande altruísmo, principalmente porque os Shermans tiveram de ser arrebatados das formações do exército americano, que há muito queriam substituir os seus blindados obsoletos.

Profundamente deprimido e chocado, Churchill regressou para encarar uma moção de desconfiança na Câmara dos Comuns. Ele colocou a maior parte da

culpa em Auchinleck, o que foi bastante injusto. O maior erro de Auk fora designar Ritchie. A escassez crítica de comandantes competentes e decididos nos níveis mais graduados do exército britânico certamente teve uma influência terrível na sua atuação. Brooke atribuiu isto às mortes dos melhores oficiais jovens na Primeira Guerra Mundial.

Uma desvantagem igualmente limitadora foi o longo desastre do sistema de aquisições bélicas. À diferença da RAF, que havia atraído os projetistas e engenheiros mais talentosos em uma época em que a aviação era algo excitante, o exército aceitou armamentos que já eram obsoletos e depois continuou a produzi-los em massa, em vez de voltar para a prancheta. Este ciclo havia começado com a perda de muitos equipamentos em Dunquerque e a necessidade de substituir os armamentos rapidamente, e não havia sido interrompido.

Alguns canhões anticarro 6-pounder foram usados com bons resultados nas batalhas de Gazala, mas mandar tanques mal projetados com canhões 2-pounder contra os Panzers IV e, principalmente, os canhões de 88 mm, era como enviar caças Gloster Gladiator contra Messerschmitts 109. É de admirar a bravura das tripulações que partiam para o ataque sabendo que os seus tanques eram praticamente inúteis, exceto contra a infantaria. Só no final da guerra os britânicos produziram um excelente carro de combate, o Comet.

O único consolo de Churchill na visita aos Estados Unidos foi que ele conseguiu persuadir Roosevelt a concordar com a invasão das colônias francesas no norte da África. A Operação Gymnast, mais tarde denominada Operação Torch, foi atacada ferozmente pelo general Marshall e os demais chefes americanos de Estados-Maiores. O temor de Marshall de que Churchill tivesse acesso a Roosevelt sem a presença dos assessores militares se confirmara. Eles suspeitavam, com certa razão, que a Grã-Bretanha quisesse preservar a sua posição no Oriente Médio. Mas Churchill temia que, se a Inglaterra perdesse o Egito, os alemães invadiriam o Cáucaso com o avanço de Rommel, e eles então perderiam não só o canal de Suez, mas os campos petrolíferos da região. Isto também poderia encorajar os japoneses a estender as suas operações no oeste do oceano Índico.

Churchill tinha outro motivo, que se coadunava com o pensamento de Roosevelt. Como uma invasão prematura do norte da França estava fora de questão em virtude da inferioridade aérea e da escassez de barcas de desembarque, não havia outra área onde as tropas americanas pudessem ser desdobradas contra a Alemanha. O primeiro-ministro sabia que o almirante King e o público americano queriam abandonar a estratégia da “Alemanha primeiro” e se concentrar no Pacífico. Até Brooke duvidou enormemente dos desembarques no norte da África, mas Churchill provou que estava correto, embora por razões

diferentes das que apresentou. O exército americano precisava da experiência em combate antes de enfrentar a Wehrmacht em batalhas importantes no continente europeu. E os Aliados precisavam conhecer os perigos das operações anfíbias antes de tentar uma invasão através do canal da Mancha.

Kesselring ainda queria conquistar Malta primeiro, mas Rommel foi peremptório. Ele precisava do apoio da Luftwaffe para destruir o VIII Exército antes que este se recuperasse. Hitler apoiou Rommel, com o argumento de que a tomada do Egito tornaria Malta irrelevante. Mas ambos descuidaram o fato de que enquanto a Luftwaffe era desviada para apoiar Rommel nas batalhas de Gazala, Malta havia sido reforçada. Mais uma vez as linhas de suprimentos no Mediterrâneo estavam em risco, e a tomada de Tobruk e o seu porto não havia resolvido a charada logística da guerra do deserto, como Rommel esperava. No que foi denominado o efeito “banda elástica” destas campanhas, a linha de suprimentos esticada demais levava ao desastre, arrastando para trás o atacante.

Mesmo antes da queda de Tobruk, Rommel havia ordenado à 90ª Divisão Leve avançar para o Egito pela estrada costeira. Em 23 de junho, as duas divisões panzer também foram enviadas atrás do VIII Exército. Entrementes, Auchinleck exonerou Ritchie e assumiu o comando. Sabiamente, cancelou a ordem de resistir em Mersa Matruh e instruiu todas as formações a recuarem rapidamente para El Alamein, uma pequena estação ferroviária junto ao mar. Entre Alamein e a depressão Qattara, ao sul, com seus pântanos, salinas e areias movediças, ele pretendia estabelecer a linha defensiva, seguro de que Rommel não conseguiria flanqueá-los facilmente, como fizera em Gazala.

O moral do VIII Exército não poderia estar pior. Apesar da determinação de Auchinleck de recuar para El Alamein, a ordem anterior de Ritchie havia deixado a 10ª Divisão Indiana na defesa de Mersa Matruh. Ela foi surpreendida pela velocidade das unidades de ataque de Rommel, que cercaram a cidade e bloquearam a estrada costeira. Parte do 10º Corpo conseguiu romper o cerco, mas perdeu mais de 7 mil homens, aprisionados no processo. Mais ao sul, a Divisão Neozelandesa rompeu o cerco da 21ª Divisão Panzer em um ataque noturno feroz, matando feridos, médicos e combatentes, ação que os alemães consideraram crime de guerra.

Rommel ainda estava convencido de que havia sobrepujado o VIII Exército e que poderia avançar pelo Oriente Médio. Mussolini estava tão seguro do êxito que aterrissou no aeroporto da cidade de Derna seguido de um magnífico garanhão cinzento, no qual faria a parada da vitória na capital egípcia. Para a diversão ou o alarme da maioria dos egípcios, no Cairo reinavam o pânico e a

confusão nos escritórios do QG do Oriente Médio e na embaixada britânica. Diante dos bancos havia longas filas. Em 1º de julho, surgiram colunas de fumaça no ar com a queima de documentos nos jardins dos edifícios oficiais. Elas produziram em toda a cidade uma tempestade de papéis secretos parcialmente queimados. Os vendedores ambulantes as usaram para fazer os cones em que serviam amendoim, e este dia ficou conhecido como “quarta-feira de cinzas”. Os membros da comunidade europeia começaram a partir de carro, com os colchões amarrados no teto em cenas que lembravam a Paris de dois anos antes.

O “distúrbio”,⁹ como ficou conhecido, começara em Alexandria, quando o vice-almirante Sir Henry Harwood, que acabara de assumir o posto de Cunningham, ordenou a dispersão da esquadra britânica para outros portos no Levante. Houve boatos de que os alemães chegariam em 24 horas e que uma invasão aérea era esperada a qualquer momento. Os comerciantes egípcios prepararam retratos de Hitler e Mussolini, prontos para serem dependurados nos seus estabelecimentos. Outros foram muito além. Oficiais nacionalistas, esperando que os alemães os libertassem dos britânicos, começaram a preparar uma sublevação. Um oficial chamado Anwar Sadat, mais tarde presidente do país, comprou 10 mil garrafas vazias para fazer coquetéis Molotov.

Para a comunidade judaica, a perspectiva era aterradora e, embora as autoridades britânicas no Cairo tivessem concedido a ela prioridade nos trens para a Palestina, a administração local recusou-se a lhe dar vistos. Os temores dos judeus não eram injustificados. Uma unidade da *Einsatzkommando* da SS esperava em Atenas para começar a operar no Egito, e depois na Palestina, caso a fiera de vitórias de Rommel tivesse continuidade.

As deserções no Exército do Nilo, como Churchill as denominava, aumentaram dramaticamente, e o total na cidade e no Delta chegou a 25 mil homens. Os oficiais britânicos sentiam a urgência característica de fazer piadas diante do desastre. Tendo reclamado sempre da lentidão do serviço no Hotel Shephard, diziam: “Espere até Rommel chegar ao Shephard. Isto o atrasará.” Havia rumores de que Rommel já havia telefonado para reservar um quarto. Certamente a rádio alemã transmitiu uma mensagem às mulheres de Alexandria: “Tirem os seus vestidos de baile do armário, estamos a caminho!” Mas o triunfalismo do Eixo foi prematuro.

Embora os alemães interceptassem o tráfego de sinais britânico no plano tático, Auchinleck estava ciente dos planos de Rommel por meio do Ultra. Nas primeiras horas de 1º de julho, o *Afrika Korps* com duas divisões panzer fez um ataque em finta na direção sul, na Linha Alamein. O verdadeiro objetivo estava mais ao norte, mas, na impaciência de pegar o VIII Exército desprevenido,

Rommel dispensou reconhecimentos. Foi um erro grave, que piorou devido a uma tempestade de areia. A 90ª Divisão Leve tentou atacar o bloco de Alamein, mas foi repelida por um fogo de artilharia inesperadamente pesado. Pouco depois, a 21ª Divisão Panzer avançou sobre um dos blocos centrais guardado pela 18ª Brigada Indiana. Apesar de ter tomado a posição, perdeu um terço dos tanques, muitos deles para caças-bombardeiros da RAF.

A Força Aérea do Deserto de Coningham insistia com ataques incansáveis. Os pilotos mantinham um ritmo ainda maior de surtidas do que durante a Batalha da Inglaterra. Com pilotos de diversas nações, a força aérea incluía o *Groupe de Chasse Alsace*¹⁰ de Franceses Livres, equipado com diversos tipos de aviões. Coningham precisava desesperadamente dos Spitfires para enfrentar os Messerschmitts, mas o Ministério da Aeronáutica em Londres relutava em liberá-los da defesa nacional. A Força Aérea do Deserto era apoiada agora por um grupo de bombardeiros americanos B-24 Liberators, que atacaram os navios do Eixo e os portos de Benghazi, Tobruk e Mersa Matruh. A Força Aérea do Oriente Médio dos EUA se reuniu sob o comando do major-general Lewis H. Brereton com grupos de caças e bombardeiros. Pela primeira vez, as forças britânica e americana combateram juntas.

A expectativa alemã de uma vitória fácil começou a soçobrar. Auchinleck contra-atacou com grupos móveis e concentrou a artilharia com grande eficácia. A Divisão Neozelandesa mais uma vez se distinguiu ao aproveitar o momento perfeito para um contra-ataque súbito à Divisão Aríete, que se desbaratou. Na noite de 3 de julho, Rommel ordenou que o Panzerarmee Afrika passasse à defensiva. Ela contava com menos de cinquenta tanques em condições de combater. Os seus homens estavam absolutamente exaustos e com pouca munição e combustível. Ele simplesmente não podia enfrentar os ataques duros e implacáveis.

As rochas, os sedimentos nos penhascos e a areia da Linha Alamein também não ofereciam um ambiente hospitaleiro aos homens do VIII Exército. Eles eram atormentados por grandes enxames de moscas agressivas e tempestades de areia formadas pelo vento, além do calor debilitante do deserto. Os tanques literalmente viravam fornos sob o sol abrasador. À noite, os soldados se enrolavam em lonas impermeáveis para afastar os escorpiões. Sofriam de disenteria transmitida pelas moscas, além dos ferimentos que também atraíam estes insetos vorazes. Quando tentavam comer o ensopado de carne enlatada ou biscoitos esmigalhados para fazer um mingau com a consistência do gesso era difícil não engolir algumas moscas no bocado. O único consolo era o chá, ainda que a água usada para prepará-lo tivesse um gosto horrível. Não surpreende que os pensamentos dos soldados se dirigissem à comida e aos confortos caseiros.

Um infante declarou aos camaradas que, “quando voltasse para casa, passaria o tempo tomando sorvete de chocolate sentado na privada e desfrutando do luxo de dar descarga”.¹¹

O VIII Exército estava exaurido demais para aproveitar a oportunidade de contra-atacar. Em vez disto, concentrou-se em fortalecer a sua posição ao longo da linha, com uma nova brigada australiana trazida do espinhaço Ruweisat. Rommel atacou novamente em 10 de julho. Ao norte, a 9ª Divisão Australiana, apoiada por uma brigada blindada, atacou os italianos perto de El Alamein e os pôs a correr. O seu butim mais importante foi a captura da unidade de decifração de sinais de Rommel, golpe que o deixou praticamente cego, agora que os alemães já não conseguiam romper o código americano. O adido militar americano, Bonner Fellers, que, sem querer, era a fonte de inteligência mais confiável dos alemães, havia partido no final de junho.

Durante a maior parte de julho, os dois lados se atacaram mutuamente em uma versão militar do jogo pedra, papel e tesoura. Rommel ficou contrariado com a atuação da maioria das formações italianas, o que provocou discussões ásperas entre os aliados do Eixo. Ele foi forçado a separar algumas formações para inserir “ganchos de corselete” entre algumas divisões italianas. Os seus protestos indignados contra a falta de suprimentos foram inúteis, pois a RAF e a Marinha Real novamente provocaram grandes perdas de comboios do Eixo e instalações portuárias. A sua ideia de que tomar Tobruk e Mersa Matruh resolveria os seus problemas de uma só vez foi brutalmente desmentida. Na noite de 26 de julho, o recém-formado Serviço Aéreo de Operações Especiais atacou com jipes um campo perto de Fuka e destruiu 37 aviões no solo, muitos deles aeronaves de transportes Junkers 52. Com isto, o total de aviões destruídos naquele mês subiu para 86.

O feito de Auchinleck não deve ser subestimado. Ele ao menos salvou o depauperado VIII Exército do desastre e estabilizou a linha, ao mesmo tempo que causou grandes perdas aos alemães. Churchill viu as coisas por outro ângulo. Realçou apenas oportunidades perdidas e recusou-se a reconhecer a exaustão das tropas e a flagrante inferioridade das viaturas blindadas britânicas.

Acompanhado do general Sir Alan Brooke, o primeiro-ministro chegou ao Cairo em 3 de agosto, a caminho de Moscou para explicar a Stalin a postergação da Segunda Frente. Os britânicos pensavam que finalmente haviam forçado os americanos a abandonar a Operação Sledgehammer, o ataque pelo canal da Mancha para invadir a Península Cotentin, apressadamente prometida a Molotov. Porém, na segunda semana de julho, houve sinais de rebelião entre os chefes de

Estados-Maiores e o secretário da Guerra, Henry L. Stimson. Acreditando que os britânicos eram secretamente contrários à invasão do norte da França, eles exigiram o abandono da política da “Alemanha primeiro” e a mudança de foco para o Pacífico.

Invocando o seu posto de comandante supremo, Roosevelt deu um basta em 14 de julho. Enviar tropas para tomar ilhas no Pacífico era justamente o que a Alemanha esperava que fizessem, escreveu ele a Marshall, e isto “não afetaria a situação mundial neste ano nem no próximo”.¹² E certamente não ajudaria a Rússia nem o Oriente Médio. Não se sabe se aquilo foi um blefe da parte de Marshall com o intuito de forçar os britânicos a se comprometer com uma invasão pelo canal. Mas ele e o almirante King voltaram à carga mais tarde naquele mês ao visitarem Churchill em Chequers quando tentaram ressuscitar a Operação Sledgehammer. Os britânicos se mantiveram totalmente contrários. Seria um desastre e não ajudaria em nada o Exército Vermelho.

Harry Hopkins, que também estava em Londres, encorajou os britânicos em privado, sabendo que Roosevelt queria ver as tropas americanas em ação no norte da África. Por fim, obrigado a fazer o melhor do que considerava a missão ruim de lutar a guerra britânica, Marshall enviou a Londres um dos seus melhores oficiais, o major-general Dwight D. Eisenhower, para começar a planejar os desembarques no norte da África, com a intenção de assumir o comando-geral.

Antes de seguir viagem para a União Soviética, Churchill estava determinado a dar um jeito na estrutura de comando no Oriente Médio. Auchinleck afirmou que não seria prudente lançar outro ataque antes de meados de setembro, então Churchill decidiu substituí-lo como comandante em chefe pelo tenente-general Sir Harold Alexander. Escolheu também o tenente-general “Strafer” Gott, comandante do 13º Corpo, para comandar o VIII Exército. Embora tivesse sido um dos melhores comandantes do deserto, Gott estava cansado e, a esta altura, desmoralizado. Brooke queria o tenente-general Bernard Montgomery em seu lugar, mas Churchill não cedeu. A situação resolveu-se com a morte de Gott quando o seu avião foi atingido por um Messerschmitt. No final, Montgomery assumiu o comando.

Montgomery orgulhava-se de diferir dos oficiais de altas patentes do exército britânico. O pequeno general rijo de nariz adunco não poderia contrastar mais com Alexander, despretensioso, aristocrático e imaculado. Monty também se vestia de modo distinto, preferindo um pulôver sem forma e calças de veludo cotelê, mais tarde encimados por uma boina preta do Regimento Real de Carros de Combate, a sua marca registrada. Contudo, era um militar conservador, que acreditava no trabalho detalhado de Estado-Maior e no deslocamento de divisões

e não de forças-tarefas, hábito que se desenvolvera na campanha do deserto. Ele jogava para a plateia despidoradamente, fosse ela de soldados ou jornalistas, apesar da sua voz muito aguda e da incapacidade de pronunciar o “r”. Antitabagista e abstêmio, era egoísta, ambicioso, implacável e dotado de uma autoconfiança ilimitada que às vezes beirava a insensatez. Mas a crença em si mesmo, que era capaz de transmitir a todos os que conhecia, estava no cerne da sua missão de transformar o surrado VIII Exército em grande comando confiante na vitória. Os comandantes teriam de se controlar e não haveria mais lamentações nem questionamento das ordens.

A situação que Montgomery herdou em agosto de 1942 não era tão terrível como ele próprio alardeou mais tarde. As divisões alemã e italiana de Rommel haviam sofrido um golpe considerável nas batalhas de julho. Com razão, Montgomery ficou pasmo com a atitude derrotista de muitos oficiais dos altos escalões, embora se equivocasse ao pensar que Auchinleck compartilhava esta visão. A falha deste último fora ignorar esta atitude entre os “Porcos de Gabardina”, como os oficiais combatentes chamavam os que serviam no Estado-Maior do quartel-general do Oriente Médio no Cairo. Montgomery anunciou ao VIII Exército que havia mandado queimar todos os planos de conduta do combate para retiradas. Com um considerável efeito teatral, conseguiu reconstruir o moral e a confiança por meio de visitas e programas de treinamento. A impressão de mudanças drásticas operou milagres, embora ele atribuísse a si próprio uma série de inovações que haviam começado com Auchinleck.

Montgomery não tinha intenção de lançar uma ofensiva prematura, mesmo que esta cautela tivesse sido o principal motivo da demissão de Auchinleck. Porém, ele era muito mais esperto ao lidar com o primeiro-ministro. Na verdade, planejava demorar ainda mais do que a data de meados de setembro estabelecida por Auchinleck. Estava determinado a criar uma força avassaladora no seu exército para que a vitória fosse praticamente garantida. Nisto certamente estava correto, pois a Grã-Bretanha não podia encarar outro fiasco.

Rommel havia recebido reforços da 164ª Divisão e uma brigada de paraquedistas, mas sabia que a sua posição agora era mais do que precária. Suas tropas estavam fracas demais para prosseguir em uma guerra de atrito contra a Linha Alamein. Em vez disto, ele queria recuar, de modo a tirar os britânicos de suas posições, e impor-lhes uma batalha de movimento em que seus blindados levariam vantagem. Ele ainda carecia de transportes e combustível, pois a RAF e a Marinha Real afundavam um navio de suprimentos atrás do outro. Sofrendo de estresse e de uma frustração furiosa, ele criticou de modo amargo e devastador a atuação das tropas italianas, embora algumas formações, principalmente a

Divisão Folgore, estivessem combatendo bem.

Na segunda metade de agosto os papéis se inverteram e Mussolini e Kesselring instaram Rommel a lançar uma ofensiva assim que fosse possível quando, na verdade, ele estava relutante e pessimista. Em 30 de agosto, sentindo que estaria condenado se agisse e igualmente condenado se não o fizesse, ele lançou seu “gancho” de direita contra o sul da linha do VIII Exército, para dar a volta por trás e atacar a crista Alam Halfa. Sabia que o risco maior estava em ficar sem combustível, mas Kesselring lhe prometera que os navios petroleiros estavam a ponto de atracar e os suprimentos seriam enviados.

Ciente do plano de Rommel graças às decodificações do Ultra, Montgomery colocou as suas formações blindadas a postos para aparar o golpe, mais ou menos como Auchinleck havia planejado. O reconhecimento e a inteligência de Rommel eram ruins. Seu Estado-Maior havia subestimado a extensão dos campos minados que precisavam ser atravessados ao sul, e não avaliou o efeito da Força Aérea do Deserto na futura batalha. Enquanto as duas divisões panzer avançavam pelos campos minados, os esquadrões de bombardeiros e caças-bombardeiros de Coningham os atacaram incessantemente durante a noite iluminada pelos clarões. Agrupados nos corredores estreitos, os panzers eram alvos relativamente fáceis. O *Afrika Korps* e a Divisão Blindada Littorio só chegaram na manhã seguinte, quando então o avanço para o norte, em direção ao espinhaço Alam Halfa, ganhou ímpeto. Rommel foi encorajado a prosseguir e Kesselring enviou os Stukas para destruir as posições defensivas mais adiante. Mas os Stukas, lentos e vulneráveis, foram seriamente danificados pelos esquadrões da Força Aérea do Deserto.

O espinhaço estava bem defendido, o que forçou as divisões panzer a se deterem. Rommel esperava um contra-ataque massivo em 1º de setembro, mas Montgomery não quis arriscar as suas formações blindadas em novas cargas de cavalaria e manteve a maioria em suas posições. Foi lançado apenas um contra-ataque blindado. Então, Rommel recebeu a pior notícia possível. Os petroleiros com os quais contava haviam sido atacados, com resultados devastadores. Mais uma vez, o Ultra permitira aos britânicos que eles fossem detectados.

Rommel estava em uma posição nada invejável, com as divisões panzer presas e vulneráveis entre a Linha Alamein a oeste e os blindados britânicos ao leste e ao sul, e atacado continuamente pela Força Aérea do Deserto. Em 5 de setembro, ele ordenou a retirada. Além de um contra-ataque inepto do 30º Corpo ao sul, Montgomery não conseguiu tirar vantagem da oportunidade para montar um aproveitamento do êxito devastador. Mas a repulsa do *Afrika Korps* e os danos infligidos pela Força Aérea do Deserto contribuíram muito para erguer o moral do VIII Exército.

Rommel tirou da dificuldade a maior parte das suas forças, mas sabia que a maré da guerra no norte da África havia virado irrevogavelmente contra ele, embora ainda não soubesse da ameaça à sua retaguarda planejada por Eisenhower.

Operação Blau (Azul) — Barbarossa Relançada

MAIO-AGOSTO DE 1942

Quando a neve começou a derreter, na primavera de 1942, os horrores encobertos da luta no inverno vieram à tona. Os prisioneiros soviéticos foram encarregados de enterrar os corpos dos camaradas mortos na ofensiva de janeiro. “Agora está agradavelmente quente durante o dia”, escreveu para casa um soldado alemão em papel tirado do bolso de um comissário morto, “os cadáveres estão começando a feder e é hora de enterrá-los.”¹ Um soldado da 88ª Divisão de Infantaria escreveu que depois de tomar uma aldeia em um ataque rápido, os corpos de “cerca de 80 soldados alemães de um batalhão de reconhecimento surgiram sob a neve, com os membros decepados e os crânios esmagados. A maioria tinha sido queimada”.²

Contudo, quando as bétulas se encheram de folhas e o sol começou a secar a terra encharcada, o moral dos oficiais alemães experimentou um renascimento extraordinário. Foi como se o inverno terrível não tivesse passado de um pesadelo e a corrida pela vitória fosse recomeçar. As divisões panzer foram reequipadas, os reforços absorvidos pelas unidades e os paíóis foram preparados para a ofensiva do verão. O Regimento de Infantaria *Grossdeutschland*, que havia sido reduzido a um punhado de homens no desastre do inverno, foi ampliado para o efetivo de uma divisão motorizada, com dois batalhões panzer e canhões de assalto. As divisões da *Waffen-SS* foram expandidas para formações panzer, mas muitas divisões comuns não receberam quase nada além de repletamentos. A tensão entre a SS e o exército aumentou.³ Um comandante de batalhão da 294ª Divisão de Infantaria escreveu em seu diário sobre “o grande temor que todos sentimos do poder e da importância da SS [...]. Na Alemanha já se diz que assim que o exército voltar para casa com a vitória, a SS vai desarmá-lo na fronteira”.⁴

Muitos soldados que haviam recebido a medalha da campanha de inverno não se deixaram impressionar com isso. Referiam-se a ela como a “Ordem da Carne

Congelada”. No final de janeiro foram transmitidas novas instruções para os que voltavam para casa de licença. “Você está sob a lei militar”, elas os faziam recordar, “e ainda está sujeito a punições. Não converse sobre armas, táticas ou perdas. Não fale sobre rações ruins ou injustiça. O serviço de inteligência do inimigo está a postos para explorar isso.”⁵

O cinismo das tropas cresceu com a chegada tardia das roupas civis de inverno, roupas de esqui e casacos de pele de mulher que haviam sido doados após o apelo de Goebbels a fim de obter roupas quentes para os soldados do *Ostfront*. O cheiro de naftalina e a imagem das casas que haviam deixado só intensificaram o sentimento de que haviam sido abandonados em outro planeta onde reinavam a imundície e os piolhos. A vastidão da União Soviética era profundamente inquietante e deprimente. O mesmo capitão da 294ª Divisão escreveu sobre os “campos infinitos sem cultivo, sem bosques, só umas árvores de vez em quando. Fazendas coletivas tristes com casas destruídas. Umas poucas pessoas sujas, em andrajos, estavam paradas junto à linha férrea com expressão de indiferença”.⁶

Enquanto Stalin esperava que a Wehrmacht atacasse Moscou novamente, Hitler tinha outras ideias muito diferentes. Sabendo que a sobrevivência da Alemanha na guerra dependia de comida e, principalmente, de combustível, ele pretendia consolidar a posse da Ucrânia e tomar os campos petrolíferos do Cáucaso. Stalin seria o primeiro a tropeçar nesta *danse macabre* militar e Hitler iria longe demais, com consequências catastróficas. Naquele momento, contudo, tudo parecia ir como o Führer desejava.

Em 7 de maio, o XI Exército de Manstein na Crimeia contra-atacou as forças soviéticas que tentavam avançar pela península de Kerch. Ele enviou os panzers pelo flanco e as cercou. Muitos lutaram valentemente e foram enterrados nas trincheiras pelos tanques alemães, que ziguezagueavam e giravam as lagartas para enchê-las com terra. O desastre que se seguiu nos dez dias posteriores — quase totalmente por culpa de Lev Mekhlis,⁷ o comissário favorito de Stalin — levou à perda de 176 mil homens, 400 aviões, 347 tanques e 4 mil canhões. Mekhlis tentou culpar as tropas, principalmente os azerbaijanos, mas as perdas terríveis provocaram um ódio tremendo no Cáucaso. Mekhlis foi rebaixado, mas logo Stalin lhe deu outro cargo.

Segundo relatos alemães, os soldados da Ásia central eram os que mais desertavam. “Foram treinados mal e depressa e enviados à linha de frente. Eles dizem que os russos ficam atrás deles forçando-os a avançar. Cruzaram o rio durante a noite. Caminhavam na lama com água até os joelhos e nos fitavam com os olhos brilhando. Só na nossa prisão eles se sentem livres. Os russos estão tomando cada vez mais medidas para evitar as deserções e a evasão dos campos

de batalha. Agora há as chamadas companhias de guarda, com uma única função: evitar que as próprias unidades recuem. Se a coisa for realmente tão ruim assim, todas as conclusões sobre a desmoralização do Exército Vermelho estão corretas.”⁸

Pouco depois houve um desastre ainda maior do que Kerch. O marechal Timoshenko, apoiado por Nikita Kruchev, havia proposto em março que os exércitos das Frentes do Sudoeste e do Sul desarticulassem quaisquer ofensivas contra Moscou montando um ataque em pinça sobre Kharkov. Isto deveria coincidir com a invasão da península de Kerch para aliviar a guarnição exausta de Sebastopol.

O Stavka não tinha ideia do poderio alemão e supunha que suas próprias forças ainda enfrentavam as unidades combalidas do inverno. A inteligência militar soviética não conseguira detectar o grande aumento nos efetivos do Grupo de Exércitos do Sul, embora muitas forças desviadas para lá consistissem em formações romenas, húngaras e italianas, todas mal armadas e mal equipadas. O relançamento da Barbarossa por Hitler seria denominado Fall Blau (Operação Azul). Os alemães sabiam dos preparativos de Timoshenko para uma ofensiva, embora ela tenha ocorrido mais cedo do que esperavam. Preparavam um ataque ao sul de Kharkov para isolar o saliente de Barvenkovo, que o Exército Vermelho havia conseguido na ofensiva de janeiro. Este plano recebeu o nome de Operação Fridericus e era a fase preparatória da Blau.

Em 12 de maio, cinco dias após o ataque fracassado na península de Kerch, a ofensiva de Timoshenko começou. A pinça ao sul penetrou numa divisão de segurança fraca e avançou 15 quilômetros no primeiro dia. Os soldados soviéticos ficaram espantados com a evidência da fartura alemã nas posições que tomaram, com luxos como chocolate, latas de sardinha e carne, pão branco, conhaque e cigarros. Mas as suas próprias baixas foram muitas. “Era terrível”, escreveu Yuri Vladimirov de uma bateria antiaérea, “passar pelos homens gravemente feridos que morriam de hemorragia e imploravam por ajuda em voz alta ou baixa e nós não podíamos fazer nada.”⁹

A parte norte da ofensiva foi mal coordenada e atraiu ataques constantes da Luftwaffe. “Avançamos de Volchansk em direção a Kharkov e podíamos ver as chaminés da famosa fábrica de tratores”, escreveu um soldado do XXVIII Exército. “A aviação alemã não nos deixou em paz, nos bombardearam incessantemente, das três da manhã até o cair da noite, com uma pausa para almoço de duas horas. Tudo foi destruído pelas bombas.” Havia confusão entre os comandantes e falta de munição. “Até o pessoal da justiça militar teve de combater”,¹⁰ acrescentou o soldado.

Timoshenko percebeu que havia atingido os alemães quando eles preparavam

sua própria ofensiva. Mas não suspeitou que podia estar se encaminhando para uma cilada. O tenente-general Paulus, um talentoso oficial de Estado-Maior que nunca havia chefiado um grande comando, espantou-se com a gravidade do ataque de Timoshenko contra o VI Exército. Dezesseis batalhões foram atingidos gravemente na luta, sob as fortes chuvas de primavera. Mas o marechal de campo Von Bock pressentiu a oportunidade de uma vitória importante. Convenceu Hitler de que o I Exército Panzer de Kleist poderia se deslocar do sul e cortar as forças de Timoshenko no saliente de Barvenkovo. Hitler vibrou com a ideia e a assumiu como sua. Em 17 de maio, Kleist atacou pouco antes do amanhecer.

Timoshenko ligou para Moscou a fim de pedir reforços, mas ainda não havia percebido quão perigosa era a sua situação. Por fim, na noite de 20 de maio, ele persuadiu Kruchev a telefonar para Stalin e pedir o cancelamento da ofensiva. Kruchev falou com Stalin, que estava na *dacha* em Kuntsevo. Ele disse a Georgii Malenkov, secretário do Comitê Central, que falasse com Kruchev. Este exigiu falar com o próprio Stalin, que se recusou e pediu a Malenkov que descobrisse o que ele queria. Ao saber o motivo, Stalin bradou que “As ordens militares têm que ser obedecidas”¹¹ e mandou Malenkov cortar a ligação. Dizem que neste momento nasceu o ódio de Kruchev por Stalin, que motivou a sua inflamada denúncia do ditador na 20ª Conferência do Partido, em 1956.

Foram necessários outros dois dias para que Stalin autorizasse a suspensão da ofensiva, mas já então o grosso dos VI e LVII Exércitos estavam isolados. As tropas encurraladas fizeram tentativas desesperadas de romper o cerco, avançando até de braços dados, e o massacre foi terrível. Os cadáveres se empilhavam em ondas diante das posições alemãs. O céu havia clareado, permitindo perfeita visibilidade à Luftwaffe. “Nossos pilotos trabalham dia e noite às centenas”, escreveu um soldado da 389ª Divisão de Infantaria. “O horizonte está coalhado de fumaça.”¹² Apesar da batalha, Yuri Vladimirov foi capaz de ouvir uma cotovia cantar em um dia quente e límpido. Mas então ele ouviu o grito de “Tanques! Os tanques vêm aí!”¹³ e correu para se esconder na trincheira.

O fim estava próximo. Para evitar a execução imediata, os comissários tiravam os próprios uniformes e vestiam os dos mortos do Exército Vermelho. Eles também raspavam a cabeça para parecerem com soldados comuns. Ao se renderem, os soldados enfiavam os fuzis com baioneta calada no solo. “Parecia uma floresta mágica após um incêndio em que as árvores perderam as folhas”, escreveu Vladimirov. Em um estado de imundície, infestado de piolhos, ele pensou no suicídio por saber o que o esperava, mas deixou que o prendessem. Em meio aos capacetes e máscaras de gás abandonados, recolheram os feridos e

os levaram em macas improvisadas feitas de capas de chuva. Os soldados alemães fizeram os homens exaustos e esfomeados marchar em colunas por cinco.

Cerca de 240 mil homens foram feitos prisioneiros, junto com 2 mil canhões de campanha e a maior parte dos carros de combate desdobrados. Um comandante de exército e vários oficiais cometeram suicídio. Após a batalha, Kleist observou que a área estava tão coalhada de corpos de homens e cavalos que a sua viatura comando tinha dificuldade para avançar.

Esta segunda batalha de Kharkov foi um golpe terrível no moral da União Soviética. Kruchev e Timoshenko estavam certos de que seriam executados. Embora fossem amigos, começaram a se acusar mutuamente, e Kruchev teve o que pareceu ser um colapso nervoso. De modo característico, Stalin simplesmente humilhou-o batendo as cinzas do seu cachimbo no topo da careca de Kruchev e afirmando que era uma tradição romana o comandante que havia perdido uma batalha despejar cinzas na própria cabeça em autopunição.

Os alemães estavam radiantes, mas a vitória produziu um efeito perigoso. Paulus, que quis recuar nos primeiros estágios da batalha, ficou abismado com o que supôs ter sido perspicácia de Hitler ordenar-lhe que se mantivesse firme enquanto Kleist preparava o ataque fatal. Ele era obcecado por ordem e estava imbuído do respeito à cadeia de comando. Seis meses depois, estas qualidades, combinadas à renovação de sua admiração por Hitler, exerceriam influência importante em um momento crítico em Stalingrado.

Apesar do perigo que ameaçava a sobrevivência da União Soviética naquele ano, Stalin continuava preocupado com as fronteiras pós-guerra. Os americanos e os britânicos rejeitaram a sua exigência de reconhecerem a fronteira soviética de 1941, que incluía os Estados bálticos e o leste da Polônia. Contudo, na primavera de 1942, Churchill pensou duas vezes. Considerou a possibilidade de ceder à exigência como um incentivo para mantê-lo na guerra, apesar da flagrante violação da Carta do Atlântico, que garantia a autodeterminação. Roosevelt e o seu secretário de Estado, Sumner Welles, recusaram-se indignados a apoiar a proposta de Churchill. Contudo, mais adiante na guerra, seria Churchill quem iria se opor ao projeto imperial de Stalin, enquanto Roosevelt o aceitaria.

As relações entre os Aliados ocidentais e Stalin estavam fadadas a serem solapadas pela suspeição. Churchill, em especial, havia prometido muito mais material bélico do que a Grã-Bretanha era capaz de fornecer. E a garantia desastrosa do presidente americano a Molotov, em maio, de que lançaria uma Segunda Frente antes do fim do ano fez mais para envenenar a Grande Aliança

do que qualquer outra coisa. A tendência paranoica de Stalin convenceu-o de que os países capitalistas simplesmente queriam que a União Soviética se debilitasse enquanto eles esperavam.

Por intermédio de Harry Hopkins, o manipulador Roosevelt mandou dizer a Molotov que era favorável à abertura de uma Segunda Frente em 1942, mas que os seus generais eram contrários à ideia. Aparentemente, estava disposto a dizer o que fosse para manter a União Soviética na guerra, sem se importar com as consequências. Stalin sentiu-se enganado quando ficou claro que os Aliados não tinham intenção de invadir o norte da França naquele ano.

O próprio Churchill foi alvo do ressentimento de Stalin por suas promessas não cumpridas. Embora ele e Roosevelt tivessem sido tremendamente imprudentes, Stalin recusava-se a reconhecer as verdadeiras dificuldades. As perdas dos comboios no Ártico destinados a Murmansk nunca entraram nos seus cálculos. Os comboios PQ, que haviam zarpado da Islândia para Murmansk em setembro de 1941, enfrentaram perigos espantosos. No inverno, os navios ficavam recobertos de gelo e o mar era perigoso, mas no verão, com as noites curtas, eles se viam muito vulneráveis ao ataque aéreo alemão a partir de bases no norte da Noruega, além das ameaças constantes dos *U-boats*. Um quarto dos navios do PQ-13 foram a pique em março. Churchill forçou o Almirantado a enviar o PQ-16 em maio, embora isso significasse que só a metade dos navios faria a travessia. Ele não tinha ilusões quanto às consequências políticas de um cancelamento. Ocorreu que só seis de um total de 36 navios foram afundados.

O comboio seguinte, o PQ-17, o maior já enviado à União Soviética, foi um dos maiores desastres navais da guerra. A inteligência falha havia sugerido que o encouraçado alemão *Tirpitz*, junto com o *Admiral Hipper* e o *Admiral Scheer*, haviam zarpado de Trondheim para atacar o comboio. Isto levou o primeiro lorde do Almirantado, o almirante Sir Dudley Pound, a ordenar que o comboio se dispersasse em 4 de julho. Foi uma decisão catastrófica. Em conjunto, 24 navios de um total de 39 foram afundados por bombardeiros e *U-boats*, com a perda de quase 100 mil toneladas de tanques, aviões e viaturas. Após a perda de Tobruk no norte da África, e combinado com o avanço alemão no Cáucaso, os britânicos começaram a perceber que poderiam perder a guerra. Todos os demais comboios foram suspensos, para grande desgosto de Stalin.

Uma vez destruídas as forças soviéticas na península de Kerch, Manstein direcionou o XI Exército contra o porto e a fortaleza de Sebastopol. A artilharia massiva e o bombardeio aéreo dos Stukas não conseguiram desalojar os defensores, que lutavam de cavernas e túneis nas profundezas da rocha. Em certo

momento, dizem que os alemães usaram armas químicas para desalojá-los, mas não há comprovação. A Luftwaffe estava determinada a lidar com os ataques dos bombardeiros do Exército Vermelho. “Vamos mostrar aos russos no que dá brincar com a Alemanha”,¹⁴ escreveu um terceiro-sargento.

Os guerrilheiros soviéticos atacaram a retaguarda alemã e um grupo explodiu a única linha férrea do istmo de Perekop. Tártaros antissoviéticos da Crimeia foram recrutados para caçá-los. Manstein trouxe um canhão monstruoso de 800 mm montado sobre vagões de trem a fim de martelar as ruínas da grande fortaleza. “Só posso dizer que isto já não é uma guerra”, escreveu um soldado do corpo de reconhecimento em motocicletas, “mas a aniquilação de duas visões de mundo.”¹⁵

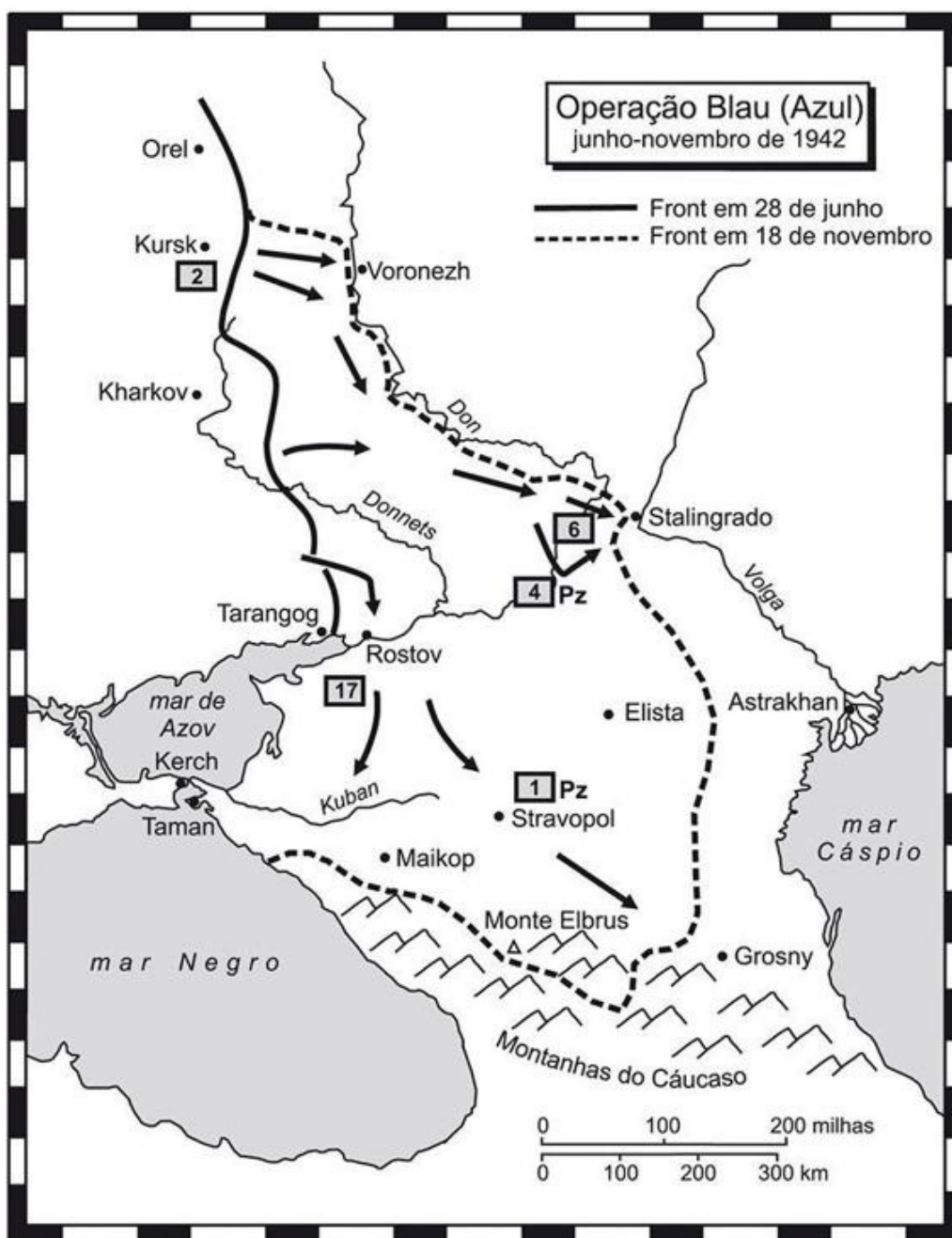
A tática mais eficaz de Manstein foi lançar um ataque surpresa com barcos de assalto pela baía Severnaya, flanqueando a primeira linha de defesa. Os soldados e marujos da Esquadra do Mar Negro aguentaram firmes. Oficiais políticos convocaram reuniões para dizer-lhes que tinham ordens de resistir até morrer. Baterias antiaéreas foram usadas como anticarros, mas um canhão atrás do outro foi destruído na ação. “As explosões se transformaram numa só grande detonação”, registrou um membro da infantaria da marinha. “Não era possível distinguir as explosões individuais. O bombardeio começava cedo de manhã e terminava tarde da noite. Bombas e granadas enterraram homens e tínhamos de desenterrá-los para seguir lutando. Todos os telefonistas foram mortos. O nosso último canhão antiaéreo logo foi atingido. Adotamos a ‘defesa de infantaria’ nas crateras das bombas. Os alemães nos empurraram de volta para o mar e tivemos de usar cordas para chegar ao fundo das falésias. Sabendo que estávamos lá, eles jogaram os corpos dos nossos camaradas mortos na batalha, e também barris incendiados com betume e granadas. A situação era desesperadora. Decidi avançar pela costa até Balaklava e atravessar a baía a nado à noite e escapar pelas montanhas. Organizei um grupo de fuzileiros navais. Mas não conseguimos avançar mais de um quilômetro.”¹⁶ Foram capturados.

A batalha de Sebastopol durou de 2 de junho a 9 de julho, e as baixas alemãs também foram grandes. “Perdi muitos camaradas ao meu lado”, escreveu um suboficial quando ela terminou. “Uma vez, no meio da batalha, chorei como uma criança por um deles.”¹⁷ Quando a luta finalmente terminou, Hitler, exultante, promoveu Manstein a marechal de campo. Ele queria que Sebastopol se tornasse a principal base naval alemã no mar Negro e a capital de uma Crimeia completamente germanizada. Mas o enorme esforço para tomá-la, como o próprio Manstein comentou, reduziu as forças disponíveis para a Operação Blau em um momento crítico.

Por um golpe de sorte, Stalin recebeu alertas detalhados da próxima ofensiva alemã no sul da Rússia, mas rejeitou-a como desinformação, assim como havia descartado a inteligência sobre a Barbarossa no ano anterior. Em 19 de junho, o major Joachim Reichel, o oficial de Estado-Maior que carregava os planos da *Fall Blau*, foi morto em um avião Fieseler Storch por trás das linhas soviéticas. Porém, certo de que o principal ataque alemão estava dirigido a Moscou, Stalin decidiu que os documentos eram falsos. Hitler ficou furioso ao saber deste desastre da inteligência e demitiu os comandantes de corpo e de divisão de Reichel. Mas os ataques preliminares para garantir a linha de partida ao leste do rio Donets já haviam começado, na primeira fase da operação.

Em 28 de junho, os II e IV Exércitos panzer de Hoth atacaram para o leste, em direção a Voronezh, no alto Don. O Stavka enviou dois corpos de tanques, porém, devido às péssimas radiocomunicações, eles vagaram a descoberto e foram seriamente atingidos por ataques dos Stukas. Por fim convencido de que os alemães não se dirigiam a Moscou, Stalin ordenou que Voronezh fosse defendida a todo custo.

Então, Hitler interferiu nos planos da Operação Blau. Originalmente, ela teria três fases. A primeira era a tomada de Voronezh. A seguinte, o cerco das forças soviéticas pelo VI Exército de Paulus na grande curva do Don e, por fim, o avanço até Stalingrado para proteger o flanco esquerdo. Àquela altura a ideia não era necessariamente conquistar a cidade, mas alcançá-la ou “ao menos tê-la à distância das nossas armas pesadas”,¹⁸ de modo que não fosse usada como um centro de comunicações nem de armamentos. Só então o IV Panzer rumaria para o sul a fim de se juntar ao Grupo A de Exércitos do marechal de campo List para atacar o Cáucaso. Mas a impaciência de Hitler o fez decidir que um só corpo panzer era suficiente para dar cabo da batalha em Voronezh. O Exército Vermelho demonstrou que podia lutar obstinadamente nas ruas quando os alemães perderam a vantagem da manobra blindada respaldada pela superioridade aérea.



Hitler descartou as preocupações dos seus generais, e a princípio a Operação Blau parecia seguir de modo triunfante. Os exércitos alemães avançaram a grande velocidade, para regozijo dos comandantes dos panzers. Com o calor do verão, o solo estava seco e a rota estava boa quando partiram para o sudeste. “Até onde os olhos podem ver”, escreveu um correspondente de guerra, “as viaturas blindadas e as de meia-lagarta avançam pela estepe. As flâmulas ondeiam no ar iridescente da tarde.”¹⁹ Certa manhã a temperatura chegou a “53° ao sol”.²⁰ A única frustração era que tinham poucas viaturas e frequentemente precisavam parar por falta de combustível.

Tentando retardar o avanço alemão, aviões soviéticos lançaram bombas incendiárias à noite para fazer arder a estepe. Os alemães não desistiram. Os tanques do Exército Vermelho escondidos estavam camuflados, mas logo foram cercados e destruídos. Soldados da infantaria soviética ocultos em pilhas de milho tentaram revidar, mas os panzers simplesmente os esmagaram sob as lagartas. As tropas panzer se detinham nas aldeias de pequenas casas brancas com telhado de palha e saqueavam ovos, leite, mel e aves. Cossacos antibolcheviques que haviam dado as boas-vindas aos alemães viram a sua hospitalidade ser acintosamente desrespeitada. “Para as pessoas locais, nós somos libertadores”, escreveu amargurado um terceiro-sargento, “nós os libertamos dos seus últimos grãos de milho, vegetais, óleo de cozinha e por aí vai.”²¹

Em 14 de julho, as forças dos Grupos A e B de Exércitos se encontraram em Millerovo, mas os enormes cercos que Hitler esperava não aconteciam. Após Barvenkovo, um certo realismo havia se infiltrado no pensamento do Stavka. Os comandantes soviéticos recuavam os seus exércitos antes de serem cercados. O resultado é que os planos de Hitler de cercar e destruir os exércitos soviéticos a oeste do rio Don não podiam ser cumpridos.

Rostov-on-Don, a porta do Cáucaso, caiu em 23 de julho. Hitler imediatamente ordenou que o XVII Exército tomasse Batum, enquanto os I e IV Exércitos panzer rumariam para os campos petrolíferos de Maikop e Grozny, a capital da Chechênia. “Se não tomarmos Maikop e Grozny”, disse ele aos seus generais, “porei um fim à guerra.”²² Abalado ao ver que as suas predições de outra ofensiva contra Moscou estavam tão equivocadas, e ao constatar que o Exército Vermelho não contava com tropas suficientes no Cáucaso, Stalin enviou Lavrenti Beria para amedrontar os generais.

Desta vez, Paulus recebeu ordens para conquistar Stalingrado com o VI Exército enquanto o seu flanco esquerdo ao longo do Don era protegido pelo IV Exército romeno. Suas divisões de infantaria marchavam havia dezesseis dias sem descanso. E o 24º Corpo Panzer de Hoth, que corra para o sul em direção ao Cáucaso, fora desviado para ajudar no assédio a Stalingrado. Mainstein se surpreendeu ao saber que o XI Exército, depois de garantir a Crimeia, seria enviado ao norte para outra ofensiva no front de Stalingrado. Mais uma vez Hitler falhou em concentrar as suas forças, no momento exato em que tentava tomar uma vasta extensão de território.

Em 28 de julho, Stalin emitiu a Ordem nº 227, intitulada *Ni shagu nazad* [Nem um passo atrás], esboçada pelo coronel-general Aleksandr Vasilevsky. “os fomentadores do pânico e os covardes devem ser destruídos no ato. A mentalidade de retirada deve ser decisivamente eliminada. Os comandantes de

exércitos que permitirem o abandono voluntário das posições devem ser destituídos e enviados para julgamento imediato pelo tribunal militar.”²³ Cada exército teria grupos de bloqueio para fuzilar os que recuassem. Os batalhões de punição foram reforçados naquele mês com 30 mil prisioneiros do *Gulag* com menos de 40 anos, por mais fracos e desnutridos que estivessem. Naquele ano morreram 35.560 prisioneiros do *Gulag*, um quarto dos presos.²⁴

A brutalidade da Ordem nº 227 fomentou injustiças escandalosas quando os generais impacientes exigiam bodes expiatórios. Um comandante de divisão ordenou a um coronel cujo regimento fora lento no avanço que atirasse em alguém. “Isto aqui não é uma reunião de sindicato”, disse o general. “É uma guerra.” O coronel escolheu o tenente Aleksandr Obodov, o admirado comandante da companhia de morteiros. O comissário do regimento e um capitão do Destacamento Especial do NKVD prenderam Obodov. “Camarada comissário, sempre fui um bom homem”, disse Obodov, incrédulo com a sua sina. “em um ataque de raiva, os dois oficiais que o detiveram começaram a atirar nele”, relatou um amigo seu. “Sasha tentou afastar as balas como se fossem moscas. Após o terceiro disparo ele caiu no chão.”²⁵

Mesmo antes de o VI Exército de Paulus alcançar a grande curva do rio Don, Stalin havia criado uma Frente de Stalingrado e colocado a cidade em pé de guerra. Se os alemães cruzassem o Volga o país seria dividido em dois. A linha de abastecimento anglo-americana através da Pérsia agora estava ameaçada, depois que os britânicos cancelaram os comboios para o norte da Rússia. As mulheres e até as colegiais foram encarregadas de cavar trincheiras anticarro e bermas para proteger os tanques que estocavam petróleo junto ao Volga. A 10ª Divisão de Infantaria do NKVD chegou para controlar os pontos de travessia do Volga e trazer disciplina a uma cidade cada vez mais tomada pelo pânico. Agora, Stalingrado estava ameaçada pelo VI Exército de Paulus na curva do Don e pelo IV Exército Panzer de Hoth, subitamente enviado ao norte por Hitler para acelerar a tomada da cidade.

No amanhecer de 21 de agosto, a infantaria do 51º Corpo cruzou o Don em botes de assalto. Uma cabeça de ponte foi conquistada, pontes flutuantes foram construídas através do rio e, na tarde seguinte, a 16ª Divisão Panzer do tenente-general Hans Hube começou a avançar. Pouco antes das primeiras luzes de 23 de agosto, o batalhão da vanguarda panzer de Hube, comandado pelo coronel Hyazinth Graf Strachwitz, avançou em direção ao sol nascente e a Stalingrado, situada a apenas 65 quilômetros a leste. A estepe do Don, uma extensão de capim esturricado, estava dura como pedra. Só *balkas* ou depressões retardavam o seu avanço. Mas o quartel-general de Hube subitamente parou ao receber uma mensagem por rádio. Esperaram com os motores desligados até que apareceu um

Fieseler Storch que deu uma volta e aterrissou ao lado da viatura comando de Hube. O general Wolfram Freiherr von Richthofen, o comandante brutal de cabeça raspada da 4ª *Luftflotte*, se adiantou. Disse a Hube que, por ordem do quartel-general do Führer, toda a sua frota aérea atacaria Stalingrado. “Use-nos hoje!”, disse ele a Hube. “Você terá o apoio de 1.200 aviões. Amanhã não poderei prometer-lhe nada.”²⁶ Algumas horas depois, as guarnições dos tanques saudaram entusiasmadas ao ver os esquadrões de Heinkels 111, Junkers 88 e Stukas voando acima das suas cabeças em direção a Stalingrado.

Os habitantes da cidade nunca esqueceriam aquele domingo, 23 de agosto de 1942. Alheios à aproximação das forças alemãs, civis faziam convalesce ao sol no centro de uma cidade que se estendia por mais de 30 quilômetros ao longo da curva da margem oeste do Volga. Nas ruas, alto-falantes transmitiram alertas de ataques aéreos, mas só quando as baterias antiaéreas começaram a disparar as pessoas correram para se abrigar.

Os aviões de Richthofen começaram a bombardear a cidade furiosamente em vagas. “Ao final da tarde”, escreveu ele em seu diário, “começou o meu principal ataque de dois dias a Stalingrado, com bons efeitos incendiários desde o início.”²⁷ Os tanques de estocagem de petróleo foram atingidos, criando bolas de fogo e imensas colunas de fumaça preta visíveis a mais de 150 quilômetros de distância. Mil toneladas de bombas incendiárias transformaram a cidade em um inferno. Os altos edifícios de apartamentos, o orgulho da cidade, foram destruídos e reduzidos a cinzas. Foi o ataque aéreo mais concentrado em toda a guerra no leste. Os refugiados haviam inchado a população para cerca de 600 mil, dos quais se estima que 40 mil tenham sido mortos nos primeiros dois dias do ataque.

A 16ª Divisão Panzer de Hube saudava e gritava para os aviões que regressavam, e os Stukas soavam as sirenes em resposta. Ao final da tarde, o batalhão panzer de Strachwitz se aproximou do Volga ao norte da cidade. Mas então caiu sob o fogo das baterias antiaéreas com canhões de 37 mm ocultos em buracos. As jovens que operavam os canhões, muitas delas estudantes, lutaram até morrerem todas. Os comandantes dos panzers ficaram abalados e constrangidos ao descobrir o sexo dos defensores.

Os alemães haviam percorrido o caminho do Don ao Volga em um só dia, o que parecia um grande feito. Agora, alcançaram o que consideravam a fronteira da Ásia e o último objetivo de Hitler, a linha Archangel-Ashtrakhan. Muitos pensavam que a guerra estava no fim. Tiraram fotografias triunfantes uns dos outros posando nos tanques e instantâneos das nuvens de fumaça que subiam de Stalingrado. Um ás do caça da Luftwaffe e um de seus alas, ao verem os panzers lá embaixo, voltaram em sinal de vitória.

De pé no alto do seu panzer na margem oeste do Volga, um comandante observava o outro lado do rio com seus binóculos. “Vimos a imensa estepe que se estende em direção à Ásia e fiquei pasmo”, recordou ele. “Mas não pude pensar nisto por muito tempo, pois tínhamos de atacar outra bateria antiaérea que havia começado a atirar em nós.”²⁸ A valentia das jovens mulheres virou lenda. “Foi a primeira página na defesa de Stalingrado”, escreveu Vasily Grossman, que pouco depois ouviu relatos em primeira mão.

Naquele verão de crise na Grande Aliança, Churchill decidiu que precisava visitar Stalin para explicar, cara a cara, a razão da suspensão dos comboios e por que a Segunda Frente era impossível no momento. Ele vinha sendo também muito criticado em seu país, após a queda de Tobruk e das grandes perdas na Batalha do Atlântico. Portanto, não estava em seu melhor momento para uma série de encontros exaustivos com Stalin.

Voou do Cairo a Moscou via Teerã e chegou em 12 de agosto. O intérprete de Stalin viu Churchill passar em revista a guarda de honra com o queixo erguido e observar intensamente “cada soldado, como se avaliasse o ânimo dos combatentes soviéticos”.²⁹ Foi a primeira vez que aquele antibolchevique acérrimo punha os pés no território. Ele estava acompanhado de Averell Harriman, representante de Roosevelt na conferência, mas teve de entrar no primeiro carro a sós com o macambúzio Molotov.

Naquela noite, Churchill e Harriman foram levados ao apartamento sombrio e austero de Stalin no Kremlin. O primeiro-ministro perguntou sobre a situação militar. A pergunta favorecia Stalin. Ele descreveu detalhadamente os acontecimentos muito perigosos no sul pouco antes de Churchill explicar por que a Segunda Frente tinha que ser adiada.

Churchill começou descrevendo o grande fortalecimento das forças no Reino Unido. Depois falou da ofensiva de bombardeios estratégicos com os ataques massivos contra Lübeck e Colônia, sabendo que surtiriam efeito em virtude da sede de vingança de Stalin. Tentou convencer Stalin de que as forças alemãs na França eram fortes demais para se lançar uma operação pelo canal da Mancha antes de 1943. Stalin protestou veementemente e “contestou os efetivos das forças alemãs no oeste europeu que Churchill citara”. Ele disse com desdém que “quem que não quer correr riscos nunca vencerá uma guerra”.

Na esperança de aplacar a raiva de Stalin, Churchill esboçou planos para o desembarque no norte da África, que tentava convencer Roosevelt a aceitar à revelia do general Marshall. Ele tomou um pedaço de papel e desenhou um crocodilo, para ilustrar a ideia de que atacariam o “ventre macio” da besta. Mas

Stalin não ficou satisfeito com esse substituto para a Segunda Frente. Quando Churchill mencionou a possibilidade de uma invasão dos Bálcãs, ele imediatamente percebeu que a sua verdadeira intenção era evitar que o Exército Vermelho ocupasse a região. Contudo, a reunião terminou em uma atmosfera melhor do que Churchill esperava.

No dia seguinte, a amarga condenação da perfídia dos Aliados pelo ditador soviético e a repetição incessante de todas as suas acusações por Molotov deixaram Churchill tão aborrecido e deprimido que Harriman teve de passar várias horas tentando reanimá-lo. No dia 14 de agosto, Churchill quis romper as conversações e evitar o banquete preparado em sua honra naquela noite. O embaixador britânico, Sir Archibald Clark Kerr, um excêntrico genial, quase não conseguiu demovê-lo da ideia. Mas Churchill insistiu em comparecer vestido com o seu macacão — que Clark Kerr comparava a um macacão infantil — quando todos os funcionários e generais soviéticos estariam de uniformes de gala.

O jantar no magnífico salão Catarina durou até depois de meia-noite, com dezenove pratos e brindes constantes, iniciados principalmente por Stalin, que fazia a ronda do tilintar das taças. “Ele tem um rosto desagradavelmente frio, astuto e morto”, escreveu o general Sir Alan Brooke em seu diário, “e sempre que olho para ele posso imaginá-lo enviando gente à morte sem mover um músculo. Por outro lado, não há dúvida de que tem o cérebro ágil e um verdadeiro entendimento da essência da guerra.”³⁰

No dia seguinte, Clark Kerr teve de empregar todo o seu charme e persuasão mais uma vez. Churchill estava furioso com as acusações soviéticas de que os britânicos eram covardes. Porém, no fim do encontro, Stalin convidou-o novamente ao seu escritório para jantar. A atmosfera logo mudou, facilitada pelo álcool e a visita de Svetlana, a filha de Stalin. O chefe soviético tornou-se afável, houve piadas de ambos os lados, e logo Churchill viu o tirano de uma perspectiva inteiramente nova. Convenceu-se de que havia conquistado a amizade de Stalin e no dia seguinte deixou Moscou cheio de alegria com o seu êxito. Churchill, para quem muitas vezes as emoções eram mais reais que os fatos, não percebeu que Stalin era ainda mais hábil que Roosevelt quando se tratava de manipular as pessoas.

De volta à Inglaterra, havia outras más notícias à sua espera. Em 19 de agosto, o comandante das Operações Cominadas, lorde Louis Mountbatten, havia montado um ataque de peso em Dieppe, na costa norte da França. A Operação Jubilee (Jubileu) foi lançada com pouco mais de 6 mil homens, a maior parte deles soldados canadenses. Incluía também forças de Franceses Livres e um batalhão americano de rangers. Nas primeiras horas, o assalto ao leste topou com

um comboio alemão, e isto alertou a Wehrmacht sobre o ataque. Um encouraçado e 33 barcas de desembarque afundaram. Todos os tanques desembarcados foram destruídos, e a infantaria canadense foi emboscada na praia pela forte defesa e o arame farpado.

O ataque, que causou mais de 4 mil baixas, produziu lições difíceis, ainda que óbvias. Convenceu os Aliados de que os portos defendidos não seriam tomados a partir do mar, que os desembarques teriam de ser precedidos por bombardeios aéreos e navais pesados e, o mais importante, que a invasão do norte da França não deveria ser feita antes de 1944. Mais uma vez, Stalin ficou furioso com a postergação do que considerava a única Segunda Frente válida. No entanto, o desastre criou uma grande vantagem. Hitler acreditou que aquilo que logo viria a denominar Muralha Atlântica era praticamente inexpugnável e que as suas forças na França facilmente impediriam uma invasão.

Na União Soviética, as notícias do ataque em Dieppe criaram a esperança de que se tratava do início da Segunda Frente, mas logo o otimismo se transformou em desilusão amarga. A operação foi vista como um fraco apaziguamento para a opinião estrangeira. A Segunda Frente tornou-se uma faca de dois gumes na propaganda soviética, tanto um símbolo de esperança para a população em geral quanto um modo de constranger os britânicos e os americanos. Os soldados do Exército Vermelho eram mais cínicos. Ao abrir latas do apresuntado do *Lend-Lease* americano (que chamavam de *tushonka* — ou carne cozida), eles diziam “Vamos abrir a Segunda Frente”.³¹

À diferença dos camaradas no sul da Rússia, o moral das forças alemãs ao redor de Leningrado não estava alto. O fracasso em estrangular “a primeira cidade do bolchevismo” provocou uma profunda amargura. A dureza do inverno fora substituída pelo desconforto dos pântanos e das nuvens de mosquitos.

Por sua vez, os defensores soviéticos agradeciam terem sobrevivido à fome daquele inverno terrível, que havia matado quase um milhão de pessoas. Grandes esforços foram feitos para limpar a cidade e remover a imundície acumulada que ameaçava causar uma epidemia. A população foi levada a trabalhar na plantação de repolhos em quaisquer pedaços livres de terra, incluindo todo o Champ de Mars. O soviete de Leningrado informou que 12.500 hectares de vegetais haviam sido semeados na cidade e em volta dela na primavera de 1942. Para evitar outra fome no inverno seguinte, a evacuação de civis começou pelo lago Ladoga, e mais de meio milhão de pessoas deixaram a cidade, sendo substituídas por reforços de tropas. Outras preparações incluíram o armazenamento de suprimentos e a instalação de uma linha de dutos petrolíferos

no fundo do lago Ladoga.

Em 9 de agosto, em um grande golpe para elevar o moral, a Sétima Sinfonia (Leningrado) de Shostakovich foi executada na cidade e transmitida para todo o mundo.³² A artilharia alemã tentou interromper o concerto, mas o fogo soviético de contrabateria o reduziu à sua insignificância, para o júbilo dos habitantes de Leningrado. Eles também se animaram com o fato de os ataques incessantes da Luftwaffe aos navios no lago Ladoga terem diminuído após a destruição de 160 aviões alemães.

A inteligência soviética sabia que os alemães comandados pelo marechal de campo Von Manstein, com o recém-chegado XI Exército, estavam a ponto de lançar um grande ataque. Em uma operação de codinome *Nordlicht*, Hitler ordenou que Manstein esmagasse a cidade e juntasse forças com os finlandeses. Para impedir o ataque, Stalin ordenou que as Frentes de Leningrado e de Volkhov fizessem outra tentativa de atacar o saliente germânico, que chegava até a margem sul do lago Ladoga, e deste modo romper o cerco. Isto ficou conhecido como a Ofensiva Sinyavino, a qual teve início em 9 de agosto.

Um jovem soldado do Exército Vermelho descreveu o seu primeiro ataque durante a madrugada em uma carta para casa: “O ar se encheu de um zumbido, trovões, disparos de metralhadoras, o chão tremia, a fumaça envolvia o campo de batalha. Rastejamos sem parar. Para diante, somente para diante, ou a morte. Um estilhaço de metralha cortou o meu lábio, o sangue cobriu o meu rosto, infinitos estilhaços de metralha caíam do alto como granizo, queimando as nossas mãos. A nossa metralhadora estava funcionando, o fogo aumentou, não podíamos erguer a cabeça. A nossa proteção contra os estilhaços era uma trincheira rasa. Tentamos avançar o mais rápido que podíamos para deixar a zona de fogo. Os aviões começaram a zumbir no alto. O bombardeio começou. Não lembro quanto tempo isto durou. Houve um boato de que haviam aparecido viaturas blindadas alemãs. Entramos em pânico, mas os veículos na verdade eram os nossos tanques, que rompiam as cercas de arame farpado. Logo chegamos à cerca e topamos com um tiroteio horrendo. Foi ali que pela primeira vez vi um soldado morto, ele estava decapitado, deitado na trincheira que bloqueava o nosso caminho. Só então me ocorreu que eu também poderia ser morto. Saltamos por cima do homem morto.

“Deixamos para trás o inferno de tiros. Diante de nós havia uma trincheira anticarro. De algum lugar na lateral soaram submetralhadoras. Corremos abaixados. Houve duas ou três explosões. ‘Corra, estão atirando granadas’, disse Puchkov. Corremos ainda mais rápido. Dois metralhadores mortos que bloqueavam o nosso caminho pressionavam um tronco como se tentassem passar por cima dele. Deixamos a trincheira, corremos por um espaço plano e pulamos

[em outra trincheira]. Um oficial alemão morto estava deitado no fundo, a cara na lama. Ali estava vazio e calmo. Nunca esquecerei este longo corredor de terra com uma parede iluminada pelo sol. As balas zuniam por toda parte. Não sabíamos onde estavam os alemães, estavam atrás e diante de nós. Um dos metralhadores deu um pulo para ver mas foi morto imediatamente por um franco-atirador. Sentou-se como se estivesse perdido em seus pensamentos, a cabeça inclinada sobre o peito.”³³

As perdas soviéticas foram pesadas — 111 mil baixas, com 40 mil mortos — mas, para a fúria de Hitler, este ataque preventivo desbaratou completamente a operação de Manstein.

Ainda obcecado com os campos petrolíferos do Cáucaso e com a cidade que levava o nome de Stalin, Hitler estava certo de “que os russos estão liquidados”,³⁴ embora tivessem feito muito menos prisioneiros que o esperado. Então instalado no novo quartel-general do Führer, com o codinome de *Werwolf*, na periferia de Vinnitsa, na Ucrânia, Hitler viu-se atormentado por moscas e mosquitos e ficou cada vez mais inquieto com o calor opressivo. Começou a se agarrar a símbolos de vitória, mais do que à realidade militar. Em 12 de agosto, disse ao embaixador italiano que a Batalha de Stalingrado decidiria o desfecho da guerra.³⁵ Em 21 de agosto, tropas de montanha alemãs escalaram os 5.600 metros do monte Elbrus, a maior montanha do Cáucaso, para fincar a “bandeira de batalha do Reich”. Três dias depois, a notícia de que a vanguarda panzer de Paulus havia chegado ao Volga melhorou ainda mais o ânimo de Hitler. Mas em 31 de agosto ele ficou furioso quando o marechal de campo List, comandante em chefe do Grupo A de Exércitos no Cáucaso, disselhe que as tropas estavam no fim das suas forças e que enfrentavam muito mais resistência do que pensavam. Ele não acreditou em List e ordenou um ataque a Astrakhan e a conquista do litoral ocidental do mar Cáspio. Simplesmente recusou-se a aceitar que as suas forças eram inadequadas para a missão e que careciam de combustível, munição e suprimentos.

Por sua vez, os soldados alemães em Stalingrado continuavam muito otimistas. Pensavam que logo a cidade estaria em suas mãos e poderiam voltar para casa. “De qualquer modo, não passaremos o inverno na Rússia”,³⁶ escreveu um soldado da 389ª Divisão de Infantaria, “pois a nossa divisão rejeitou qualquer roupa de inverno. Se Deus quiser, veremos novamente nossos entes queridos este ano.” “Tomara que a operação não dure muito”,³⁷ um cabo motociclista de reconhecimento da 16ª Divisão Panzer comentou casualmente depois de dizer que as soldadas russas que haviam capturado eram tão feias que mal se podia olhar para elas.

O quartel-general do VI Exército estava cada vez mais inquieto com a longa linha de suprimentos, que se estendia por centenas de quilômetros até o rio Don. Subitamente, as noites haviam ficado “muito frias”,³⁸ Richthofen anotou em seu diário. O inverno não estava longe. Os oficiais também estavam preocupados com os exércitos fracos de romenos, italianos e húngaros que vigiavam a margem direita do Don, na retaguarda. Os contra-ataques do Exército Vermelho os haviam empurrado de volta em alguns lugares para conquistar cabeças de ponte no rio que mais tarde teriam um papel vital.

Os oficiais de inteligência russos já haviam coletado todo o material que podiam com aqueles aliados dos nazistas. Muitos soldados italianos tinham sido forçados à frente contra a sua vontade, alguns inclusive haviam sido levados para lá “acorrentados”.³⁹ Os russos descobriram que os soldados romenos haviam recebido promessas dos oficiais de que “depois da guerra receberiam terras na Transilvânia e na Ucrânia”. Contudo, os soldados recebiam um soldo pobre de apenas 60 lei por mês, e a sua ração consistia em uma lata de comida quente ao dia e 300 a 400 gramas de pão.⁴⁰ Eles odiavam os membros da Guarda de Ferro em suas fileiras, os quais agiam como espiões. A desmoralização dos III e IV Exércitos romenos foi cuidadosamente registrada em Moscou.

Os destinos dos fronts em Stalingrado, no Cáucaso e no Egito estavam fortemente interligados. Uma Wehrmacht excessivamente espalhada, confiante demais em aliados fracos, estava agora condenada a perder a sua grande vantagem da *Bewegungskrieg* — a guerra de movimento. Esta terminara, porque por fim os alemães perderam a iniciativa. O quartel-general do Führer, como Rommel no norte da África, já não podia esperar o impossível das tropas exaustas e das linhas de suprimentos insustentáveis. Hitler começou a suspeitar que o auge da expansão do Terceiro Reich havia sido alcançado. E ficou ainda mais determinado a não permitir que os seus generais recuassem.

Contra-ataque no Pacífico

JULHO DE 1942 – JANEIRO DE 1943

Após a decisão de adiar a invasão pelo canal da Mancha em julho de 1942 e, em vez disto, desembarcar em território francês no norte da África, o almirante King aproveitou para reforçar o Pacífico. Na medida do possível, ele pretendia manter a guerra contra o Japão sob a direção da marinha americana, usando os fuzileiros navais como pontas de lança nas operações anfíbias. O exército, enquanto isso, planejava enviar cerca de 300 mil soldados para a região, a maior parte sob o comando do general Douglas MacArthur, com o quartel-general para o sudoeste do Pacífico na Austrália. King não compartilhava da admiração pública americana por MacArthur; na verdade, ele o odiava. Até o antigo protegido de MacArthur, o general Eisenhower, lamentou que este tivesse sido evacuado das Filipinas.

MacArthur se estabeleceu como um vice-rei militar, com uma corte de oficiais sicofantas conhecidos como a “gangue de Bataan”. Diferentemente do modesto almirante Nimitz, o bem-apegoado general de feições duras era um mestre das relações públicas que gostava de ser fotografado com um cachimbo de sabugo de milho na boca e os olhos postos no horizonte do Pacífico. MacArthur não dava muita atenção aos desejos dos seus superiores políticos, que eram democratas. Desprezava Roosevelt, e em 1944 pensou seriamente em concorrer contra ele na eleição presidencial. Os líderes republicanos queriam que este direitista feroz fosse nomeado comandante supremo do exército e da marinha. A ideia de um general tão autocrático interferindo na estratégia naval deixava o almirante King horrorizado.

Por insistência de Roosevelt, o Extremo Oriente havia sido dividido em duas áreas de responsabilidade. Os britânicos cuidariam de China-Birmânia-Índia, conhecidos como CBI, embora a China fosse de interesse principalmente americano. Os ianques controlariam as operações no Pacífico e no mar da China Meridional e garantiriam a defesa da Austrália e da Nova Zelândia. Os dois

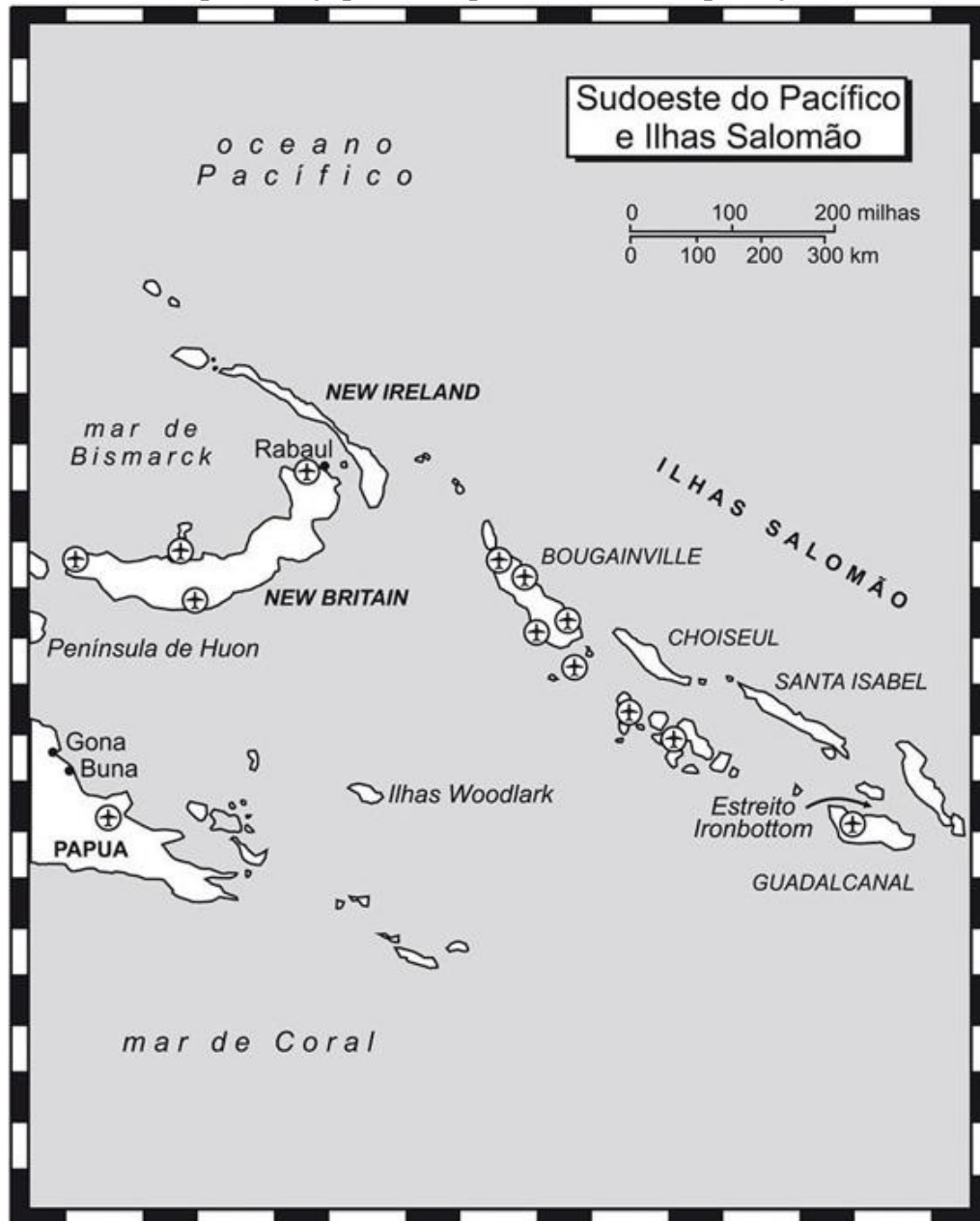
domínios não ficaram nem um pouco contentes com o arranjo sobre cuja estratégia não opinaram, já que a Junta de Chefes de Estados-Maiores em Washington não tinha a menor intenção de complicar as operações com consultas aos aliados. Em abril de 1942, eles criaram um Conselho da Guerra no Pacífico com representantes dos países interessados, mas o órgão existiu unicamente para que chineses, holandeses, australianos e outros “pudessem desabafar”¹ e mais nada. A Austrália era a primeira prioridade da defesa desde janeiro, quando os japoneses tomaram Rabaul, na Nova Guiné, e a transformaram em uma importante base naval e militar. Isto representou um perigo para a rota de navegação entre os Estados Unidos e a Austrália. Todos concordaram que era preciso agir, mas uma disputa tola ocorria toda vez que as operações na região caíam sob o comando do general MacArthur ou o almirante Nimitz, o comandante em chefe do Pacífico, ou CINCPAC. Em maio, a subsequente tentativa japonesa de tomar Port Moresby, na costa sul de Papua-Nova Guiné, foi adiada após a caótica Batalha do Mar de Coral. Contudo, os japoneses tomaram o porto de Tulagi, nas Ilhas Salomão, a leste. Rabaul era o objetivo principal dos americanos e MacArthur queria atacá-la imediatamente, mas antes de tentar recapturá-la a marinha insistiu em primeiro garantir, mais ao sul, as Ilhas Salomão. A última coisa que Nimitz desejava era que MacArthur lançasse a 1ª Divisão de Fuzileiros Navais contra Rabaul e pusesse as carreiras de ambos em risco nas águas controladas pelos aviões japoneses.

A inteligência dos eficientes grupos australianos de “vigilantes da costa” ocultos com rádios nas ilhas alertou que os japoneses estavam construindo um campo de pouso em Guadalcanal, junto à ponta sudeste do arquipélago Salomão. Ao entardecer de 21 de julho, enquanto os americanos preparavam a invasão de Tulagi e Guadalcanal com a 1ª Divisão de Fuzileiros Navais e MacArthur transferia o seu quartel-general de Melbourne para Brisbane, chegou a notícia de que uma força japonesa de 16 mil homens estava desembarcando em Buna, na costa norte de Papua. Com certeza eles tentariam novamente tomar Port Moresby, ao sul, uma base para atacar a Austrália.

Os japoneses conquistaram rapidamente uma cabeça de praia e logo começaram a avançar pela trilha Kokoda. Ela atravessava a floresta densa, serpenteando até o topo e para além da montanha Owen Stanley, com 4 mil metros de altitude. Embora em número bem menor, os defensores australianos fizeram uma corajosa ação na retaguarda, retardando os japoneses. Ambos os lados sofreram com a extrema umidade da floresta tropical e tiveram disenteria, tifo, malária e dengue. As vertentes da montanha eram tão íngremes que os joelhos e as panturrilhas doíam e, ao mesmo tempo, pareciam feitos de geleia.

Em meio ao fedor da vegetação mofada e em decomposição, as roupas

ficavam em frangalhos, a pele picada por insetos se infectava e ambos os lados estavam meio famintos devido à dificuldade de subir com suprimentos. Os lançamentos aéreos para os australianos caíam muito longe do alvo e só alguns fardos foram recuperados. Ambos os lados usaram os papuas como carregadores, levando suprimentos e munição em varas ou carregando macas com os feridos. Nas encostas lamacentas da montanha, aquela era uma tarefa fatigante. Os 10 mil papuas que ajudaram os australianos foram bem tratados, mas os que foram forçados a trabalhar para os japoneses passaram maus pedaços.



A luta foi inclemente. Os soldados japoneses, com ganchos nas botas, escondiam-se nas árvores para disparar nos australianos pelas costas. Muitos

fingiam estar mortos e se ocultavam entre cadáveres até ter a oportunidade de atirar no inimigo por trás. Os soldados australianos logo aprenderam a enfiar a baioneta em todos os cadáveres, para terem certeza. Eles também tinham o prazer malicioso de contaminar toda a comida que deixavam para trás ao recuarem, furar as latas com a baioneta e espalhar o resto na lama. Sabiam que os japoneses estavam ainda mais desesperados do que eles e comeriam o que fosse, sem se importar com as consequências gástricas.

MacArthur, que era escandalosamente desinformado, convenceu-se de que os soldados australianos eram mais numerosos que os japoneses, mas que não estavam preparados para lutar. Na verdade, apoiados pelos engenheiros de combate do exército americano, os australianos conseguiram exaurir o inimigo durante os meses seguintes, apesar das condições terríveis, e detê-los diante de Port Moresby. Enquanto isso, outra grande força australiana derrotava os japoneses que desembarcaram na baía Milne, no ponto mais a leste de Papua.

Em 6 de agosto, ocultos por nuvens espessas e uma chuva forte, os 82 navios da Força-Tarefa 61 se aproximaram das ilhas de Guadalcanal e Tulagi. Os 19 mil fuzileiros navais revisaram as suas armas, afiaram as baionetas e encarvoaram as massas de mira de seus fuzis. Houve pouco das brincadeiras e dos insultos amigáveis de sempre. Ao amanhecer do dia seguinte, enquanto os fuzileiros desciam bem pesados pelas redes de carga para as barcas de desembarque, os canhões dos encouraçados que os escoltavam começaram o bombardeio. Aviões decolaram acima das suas cabeças para atacar as posições japonesas. Logo as barcas alcançaram as praias e os fuzileiros se dispersaram sob os coqueiros. A esquadra invasora americana havia obtido o elemento surpresa em Guadalcanal e Tulagi. Os japoneses não esperavam que os americanos revidassem tão cedo após todas as derrotas que haviam sofrido em suas mãos.

A luta em Tulagi foi feroz, mas ao entardecer do dia seguinte, a 1ª Divisão de Fuzileiros Navais reforçada conquistou as duas ilhas. O vice-almirante Fletcher, que comandou a força-tarefa naval que deu cobertura à invasão, estava profundamente temeroso de que os seus três porta-aviões fossem atacados a partir do continente e talvez até mesmo de porta-aviões. Para fúria e desgosto do contra-almirante Richmond K. Turner, comandante da força anfíbia, Fletcher insistiu em zarpar para casa com os porta-aviões e navios-escolta no prazo de 48 horas. Turner considerou a decisão dele comparável à deserção diante do inimigo.

Nas primeiras horas de 9 de agosto, a força-tarefa de cobertura de Fletcher foi surpreendida por um forte esquadrão de encouraçados japoneses que partira de

Rabaul. A Marinha Imperial japonesa sabia que levava uma vantagem decisiva nas ações noturnas. O cruzador australiano HMAS *Canberra* e três cruzadores e um contratorpedeiro americanos foram a pique em pouco mais de meia hora. No total, morreram 1.023 marinheiros americanos e australianos. Para sorte dos Aliados, o vice-almirante Mikawa Gunichi, temendo um ataque aéreo ao amanhecer dos porta-aviões americanos, que naquele momento estavam muito longe dali, regressou a Rabaul. Turner continuou desembarcando mais equipamentos dos fuzileiros navais em Guadalcanal, e depois teve de levar os seus barcos para longe após as grandes perdas dos navios-escolta.

Cientes da situação perigosa, os fuzileiros não perderam tempo para capturar o aeródromo japonês, que rebatizaram de Henderson Camp. Cercado de coqueirais, ele se localizava na costa norte de Guadalcanal. Os fuzileiros eram bombardeados regularmente no meio do dia e logo batizaram a ação de “hora do Tōjō”. Os cruzadores e contratorpedeiros japoneses que singravam o chamado “Estreito Ironbottom” por causa dos muitos naufrágios lá ocorridos bombardearam o Henderson Camp em diversas ocasiões. Em 15 de agosto, navios americanos conseguiram atravessar trazendo combustível e bombas para os aviões lá sediados. Dezenove caças Wildcats e doze bombardeiros de mergulho decolaram de um porta-aviões e chegaram cinco dias depois. O major-general Alexander A. Vandergrift, comandante da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais, admitiu que quase chorou de alívio e alegria quando pousaram sãos e salvos. Eles foram chamados de Força Aérea Cactus, pois Cactus era o codinome para Guadalcanal.

As noites de espera pelos inevitáveis ataques japoneses eram o pior. Os ruídos inesperados, fossem eles produzidos por grandes caranguejos de terra, porcos selvagens no mato ou pássaros, ou fosse o ruído seco de um coco caindo na areia eram suficientes para sobressaltar a sentinela e fazê-la disparar no escuro. Os dias eram gastos incrementando a defesa, embora grande parte do material continuasse a bordo dos transportadores que o almirante Turner se vira obrigado a retirar após a partida de Fletcher e a desastrosa batalha no Estreito Ironbottom.

Para sorte dos fuzileiros navais, os japoneses os subestimaram enormemente. Na noite de 18 de agosto, os contratorpedeiros japoneses de Rabaul desembarcaram o 28º Regimento, comandado pelo coronel Ichiki Kiyono, a 30 quilômetros a leste de Henderson Camp. Assim que Vandegrift foi informado do desembarque pelas patrulhas, ordenou que fosse defendida a linha do rio Ili. Na noite de 21 de agosto, o coronel Ichiki mandou os seus homens, mil no total, atacarem por um manguezal. Na margem oposta, os fuzileiros esperavam por eles.

Sob a luz verde mortiça dos iluminativos, eles massacraram os atacantes

japoneses com metralhadoras e canhões anticarro. “A Febre estava conosco”,² escreveu um fuzileiro sobre a sede de sangue que sentiam. Poucos conseguiram passar, mas logo foram alvejados ou atacados a baionetadas. Os fuzileiros lançaram um ataque ao flanco com um batalhão reserva. “Alguns japoneses se jogaram no canal e nadaram para longe do manguezal de horrores”, prosseguiu o mesmo fuzileiro. “Pareciam lemingues. Não conseguiam voltar para terra. As suas cabeças flutuavam como rolhas no horizonte. Os fuzileiros se deitaram de barriga na areia e atiraram neles.” De um total de mil, mais de 800 japoneses foram mortos. Os fuzileiros caçadores de souvenirs arrancaram dos corpos infestados de moscas qualquer coisa que pudessem negociar mais adiante. Um fuzileiro apelidado “Souvenir” ia de cadáver em cadáver com um alicate, abria-lhes a boca e arrancava os dentes de ouro. Logo chegaram os crocodilos e fizeram a festa. Amontoados em suas armas, os fuzileiros ouviam a mastigação no escuro com sentimentos conflitantes. O coronel Ichiki, que sobrevivera ao ataque, cometeu *seppuku*, ou desventramento ritual.

Em 23 de agosto, os japoneses enviaram outra força de desembarque, desta vez com uma forte escolta da Esquadra Combinada. Isto se transformou na Batalha das Ilhas Salomão Orientais. Os porta-aviões do almirante Fletcher foram mandados de volta. Os seus aviões atacaram e afundaram o pequeno porta-aviões *Ryujo*, escoltando um esquadrão de cruzadores que bombardeavam Henderson Camp, mas Fletcher não tinha ideia de que os grandes porta-aviões *Zuikaku* e *Shokaku* também estavam na área. Os japoneses lançaram aviões contra a força-tarefa de Fletcher e danificaram o porta-aviões USS *Enterprise*, mas perderam 90 deles, ao passo que os americanos perderam apenas 20. Então, os porta-aviões de ambos os lados recuaram, mas pilotos de Henderson Camp e algumas Fortalezas Voadoras B-17 conseguiram atacar a força que desembarcava com um êxito incomum, esmagando o principal navio de transporte de tropa, afundando um contratorpedeiro e danificando seriamente o navio-capitânia *Jintsu*, do contra-almirante Tanaka Raizo.

A Força Aérea Cactus dominava as incursões navais durante o dia, então os japoneses só podiam obter reforços à noite. A perda de aviões significava que os americanos também precisaram desembarcar repletamentos ao anoitecer. Os caças Wildcats obsoletos dos fuzileiros navais não eram páreo para os Zeros, mas ainda assim conseguiram provocar um número impressionante de perdas. Em terra, os fuzileiros de Vandegrift viviam à intempérie nas trincheiras à beira da floresta e nos coqueirais. Bombardeados constantemente ou alvos de granadas vindas do mar, eles também enfrentavam pequenos grupos de japoneses. Todas as noites um bombardeiro, que eles apelidaram “Charlie Máquina de Lavar”, zumbia acima das suas cabeças, mantendo-os despertos. Com pouca munição, os

japoneses tentavam provocar os fuzileiros para que revelassem as suas posições à noite batendo varas de bambu para simular disparos de rifle. Eles se esgueiravam no escuro e pulavam para dentro dos abrigos individuais e trincheiras empunhando facões que arremetiam para todos os lados e depois iam embora na esperança de que, na confusão, os sobreviventes se matassem entre si.

A fome dificilmente era mitigada pelos suprimentos de arroz infestado de vermes que haviam capturado dos japoneses. Mas os piores inimigos eram as febres tropicais, a disenteria e a pele que apodrecia com as úlceras na umidade extrema. A coragem era uma moeda exaurível. Alguns homens tiveram colapsos com o estresse dos bombardeios, para grande constrangimento dos camaradas. “Todos olhavam para o outro lado”, escreveu o mesmo fuzileiro, um ex-escritor esportivo, “como milionários confrontados com a visão horripilante de um membro do clube que pede cinco dólares emprestados ao garçom.”³

No final de agosto, o almirante Tanaka conseguiu desembarcar uma força de 6 mil homens, comandados pelo major-general Kawaguchi Kiyotake em operações noturnas com contratorpedeiros. Seu desdobramento em Guadalcanal em lugar de Papua diminuiu a pressão sobre os australianos que defendiam Port Moresby. A força principal foi levada para o local em que o regimento de Ichiki havia desembarcado, enquanto outra desembarcou a oeste de Henderson Camp. Kawaguchi era quase tão arrogante e sem imaginação quanto Ichiki. Sem contar com destacamentos de reconhecimento, decidiu lançar um ataque a partir do sul contra Henderson Camp.

Assim que partiram, uma força de fuzileiros incursionou contra sua base e destruiu a artilharia e os rádios; depois, os atacantes urinaram no estoque de alimentos. Sem saber do ataque, a força de Kawaguchi se embrenhou pela floresta, perdendo-se a toda hora. Por fim, na noite de 12 de setembro, o major-general iniciou o ataque à pequena elevação ao sul de Henderson Camp. Sabendo que não podiam esperar ajuda da marinha depois dos reforços recebidos pelos japoneses em Rabaul, os fuzileiros navais contavam com o pior. Caso fossem sobrepujados, não teriam outra opção a não ser fugir para as montanhas e fazer uma guerra de guerrilha. E eles já estavam com pouca comida.

A Batalha da “Colina Sangrenta” custou aos fuzileiros um quinto do seu efetivo, mas os japoneses perderam mais da metade dos seus homens. Kawaguchi teve de admitir a derrota quando as suas duas outras forças foram também liquidadas. Os sobreviventes recuaram para as colinas, onde, junto aos remanescentes do ataque fracassado de Ichiki, literalmente passaram fome e os seus uniformes apodreceram. Guadalcanal ficou conhecida entre os japoneses como a “ilha da fome”.

O almirante Yamamoto ficou indignado ao saber do fracasso. O insulto às

armas japonesas tinha de ser vingado, então foram reunidas forças de toda parte para esmagar os defensores americanos. Em 18 de setembro, o almirante Turner voltou com a sua força-tarefa para desembarcar reforços sob a forma do 7º Regimento de Fuzileiros Navais, mas o porta-aviões *Wasp* foi afundado por um submarino japonês.

Em 9 de outubro, desembarcou na ilha uma força japonesa muito maior, comandada pelo tenente-general Hyakutake Haruyoshi. Porém, duas noites depois Turner regressou para desembarcar o 164º Regimento da Divisão Americal. Ele tinha outro plano em mente: emboscar o que os fuzileiros denominavam “Expresso de Tóquio”, os navios de guerra japoneses que traziam tropas e suprimentos a Guadalcanal. Naquele caso, ele consistia de três cruzadores pesados e oito contratorpedeiros. Na confusa ação noturna que se seguiu, conhecida como Batalha do Cabo Esperança, os japoneses perderam um cruzador pesado e um contratorpedeiro, e outro cruzador pesado ficou seriamente avariado. Os americanos tiveram apenas um cruzador danificado. O moral americano se elevou e a força de Turner desembarcou o 164º de Infantaria e todos os suprimentos em segurança. Os fuzileiros foram à praia pilhar os mortos japoneses e trocar troféus com os marinheiros.⁴ Uma espada de samurai valia 3 dúzias de barras grandes de chocolate Hershey. Uma bandeira “com a almôndega” do sol nascente valia uma dúzia de barras.

Nas duas noites seguintes, encorajados japoneses que passaram pelo Estreito Ironbottom bombardearam o campo, destruindo quase toda a Força Aérea Cactus e tornando a pista inoperante por uma semana. Mas havia outra pista em construção, e os reforços haviam feito muita diferença. A melhor notícia para Vandegrift foi a nomeação do vice-almirante Halsey como comandante em chefe do Pacífico Sul. Halsey, ciente de que Guadalcanal havia se tornado um teste de força entre o Japão e os Estados Unidos, estava disposto a cancelar outras operações de modo a concentrar a força máxima onde ela era necessária com mais urgência. Roosevelt pensava exatamente como ele.

A estação chuvosa começou e chuvas torrenciais inundaram os abrigos individuais e trincheiras. Homens de barba crescida tremiam, passando dias e dias com o corpo ensopado. A prioridade era manter a munição seca. A força de Vandegrift conseguiu repelir os ataques do general Hyakutake, que não foram mais sutis que os anteriores. Os fuzileiros haviam limpado o mato e o capim *kunai* com facões para criar campos de tiro diante dos abrigos e das trincheiras. Mas a luta por Guadalcanal tornou-se mais uma batalha real no mar. Uma série de enfrentamentos do fim de outubro ao fim de novembro se transformou em uma guerra naval de desgaste. Para começar, as baixas americanas foram maiores, e em meados de novembro uma luta de três dias terminou com a perda

de dois cruzadores leves e sete contratorpedeiros americanos. Mas eles afundaram dois encouraçados nipônicos, um cruzador pesado, três contratorpedeiros e sete navios de transporte de tropas, nos quais 6 mil reforços do general Hyakutake morreram. No início de dezembro, a marinha americana controlava as vias de acesso à ilha.

Na segunda semana de dezembro, exausta, a 1ª Divisão de Fuzileiros Navais foi evacuada para descansar em Melbourne, onde teve uma recepção estrondosa das jovens e recebeu uma Citação Presidencial para Unidade. Ela foi substituída pela 2ª Divisão de Fuzileiros Navais, a Americal, e pela 25ª Divisão de Infantaria, que constituíram o 14º Corpo comandado pelo major-general Alexander M. Patch. Nos dois meses seguintes, após uma batalha cruel pelo monte Austen, ao sul de Henderson Camp, contratorpedeiros japoneses no último “Expresso de Tóquio” evacuaram os 13 mil remanescentes da força de 36 mil homens de Hyakutake. Aproximadamente 15 mil mortos haviam sucumbido à fome. Agora, os japoneses referiam-se a Guadalcanal como “a Ilha da Morte”. Para os americanos, ela foi o primeiro dos “passos sobre pedras” que, mais tarde, os levariam pelo Pacífico até Tóquio.

Os acontecimentos em Guadalcanal também ajudaram os australianos que defendiam Port Moresby. Os japoneses, incapazes de reforçar e reabastecer suas tropas, ordenaram-lhes que recuassem para Buna, na costa norte de Papua, onde haviam desembarcado. Por fim os australianos estavam em superioridade numérica, com a 7ª Divisão que regressara do Oriente Médio. Para os japoneses famintos e doentes com os uniformes e as botas em frangalhos, a retirada pela montanha coberta de selva foi uma experiência terrível. Muitos não sobreviveram. Os australianos que avançavam descobriram que os japoneses haviam estado se alimentando de carne de cadáveres.

Contudo, quando os australianos e os americanos da 32ª Divisão de Infantaria atacaram a cabeça de praia em Gona e Buna, a empreitada se provou perigosa. Os japoneses haviam construído bunkers inteligentemente camuflados na selva, usando os troncos grossos dos coqueiros que as balas das metralhadoras não conseguiam penetrar. Em 21 de novembro, quando o general MacArthur ordenou à 32ª Divisão de Infantaria “tomar Buna hoje a qualquer preço”,⁵ os soldados sofreram. Não contavam com armamento pesado, tinham pouca comida e foram repetidamente bombardeados pela sua própria força aérea. O seu moral não poderia estar pior.

A 7ª Divisão australiana que atacou Gona teve uma experiência igualmente sangrenta. Em 30 de novembro, parte da 32ª conseguiu se infiltrar nas posições japonesas à noite, rastejando através do capim *kunai*, alto e afiado. Mas a batalha por Buna e Gona prosseguiu em virtude da resistência desesperada dos

japoneses. Só com a chegada de alguns tanques leves e mais artilharia para enfrentar os bunkers japoneses os Aliados conseguiram finalmente avançar. Quando os australianos por fim tomaram Gona, em 9 de dezembro, descobriram que os japoneses haviam empilhado os seus mortos em decomposição como sacos de areia ao redor das suas posições.

Só em janeiro de 1943 a 32ª Divisão e os australianos conseguiram acabar com a resistência na área de Buna. Os defensores japoneses haviam sobrevivido à base de capim e raízes. Em virtude da desnutrição, muitos sucumbiram à disenteria por ameba e à malária, e os poucos homens aprisionados estavam totalmente emaciados. MacArthur alardeou uma “vitória impressionante” e depois culpou a “lentidão” dos comandantes australianos por ela ter demorado tanto. As batalhas de Guadalcanal e de Papua, porém, que coincidiram com a campanha de Stalingrado em condições climáticas muito distintas, acabaram com o mito da invencibilidade japonesa. Elas representaram uma virada psicológica na guerra do Pacífico, embora a batalha naval de Midway tenha sido a verdadeira em termos estratégicos.

Na Birmânia, por outro lado, não se imaginava uma virada depois da retirada de 1.800 quilômetros até Assam. Para as tropas dos Aliados, forçadas a regressar à Índia, a guerra na Europa poderia ser em outro planeta, embora os afetasse diretamente ao reduzir os seus pedidos de reforços, apoio aéreo e suprimentos. Churchill reconheceu que o cenário na Birmânia não era central para a guerra contra o Japão, exceto para reabrir a estrada para a China. Ele tinha interesse em retomar o país apenas para sanar a humilhação da derrota e restaurar o enodado prestígio britânico.

O marechal de campo Wavell, sabendo que não podia manter as tropas ociosas por tempo demais, optou por uma ofensiva limitada para retomar a península de Mayu, na baía de Bengala, e a ilha de Akyab, no litoral e a mais de 80 quilômetros ao sul da fronteira. A primeira ofensiva em Arakan ocorreu em uma área de “pequenas colinas íngremes recobertas de selva, arrozais e pântanos”.⁶ Os manguezais e pequenos arroios tornavam grande parte da faixa costeira quase intransponível.

A operação foi considerada um ataque preventivo para frustrar a invasão da Índia pelo Japão. O plano era que a 14ª Divisão indiana avançasse de Cox's Bazaar até a península de Mayu, enquanto a 6ª Brigada de Infantaria desembarcava na foz do rio Mayu para tomar Akyab e o campo de pouso japonês. Na ocasião não havia barcas de desembarque devido à Operação Torch e às necessidades americanas nas Ilhas Salomão. O general Noel Irwin,

comandante do Exército Oriental, recusara-se a usar o 15º Corpo de Slim em virtude de uma antipatia pessoal, porque este havia demitido um amigo seu no Sudão, em 1940. Ele foi incrivelmente grosseiro com Slim e, quando este reclamou, Irwin retrucou: “Não posso ser rude. Sou mais antigo.”⁷

O avanço pela costa foi bloqueado pelos japoneses entre Maungdaw e Buthidaung, e uma chuva excepcionalmente torrencial quase impediu a movimentação. A força japonesa, menor, recuou em dezembro. A 14ª Divisão indiana progrediu, tanto pela península de Mayu quanto pelo lado leste do rio Mayu, até Rathedaung. Mas os japoneses haviam carregado reforços, que bloquearam a península em Donbaik e contra-atacaram perto de Rathedaung.

Como ocorrera com os americanos e os australianos, os batalhões indianos na península, agora reforçados pela 6ª Brigada britânica, sofreram muitas baixas por causa dos bunkers japoneses camuflados ao redor de Donbaik. Em março de 1943, um ataque japonês pelo rio Mayu ameaçou a retaguarda e forçou os britânicos a recuar. Uma força da 55ª Divisão japonesa conseguiu inclusive capturar o quartel-general da 6ª Brigada e o seu comandante. Mais tarde, as tropas britânicas e indianas, exauridas e acossadas pela malária, recuaram de volta para a Índia. As suas 3 mil baixas foram o dobro das baixas japonesas. Com desprezo, o general Stilwell decidiu que os britânicos relutavam tanto quanto os nacionalistas de Chiang Kai-shek em combater os japoneses.

Em 17 de janeiro de 1943, a Inglaterra e os Estados Unidos desistiram oficialmente de quaisquer direitos sobre assentamentos internacionais que haviam sido impostos à China nos “tratados desiguais” firmados após as Guerras do Ópio e a Rebelião dos Boxers. Tal acordo, concedido relutantemente pelos britânicos, foi uma tentativa de manter a China na guerra enquanto a ofensiva principal contra o Japão acontecia no Pacífico. O Ataque Doolittle a Tóquio, em abril de 1942, a partir do porta-aviões *Hornet*, em que o avião sobrevivente pousou na costa chinesa, provocara a ofensiva japonesa que destruiu uma cidade e arruinou uma base aérea nacionalista.

Talvez devido à sua responsabilidade pelo desastre que levava à perda de Mandalay, Stilwell ficou obcecado com a retomada da Birmânia. O seu plano de longo prazo, quando a estrada da Birmânia fosse reaberta, era rearmar e retreinar as forças de Chiang Kai-shek para derrotar os japoneses na China. Em 7 de dezembro de 1942, em Washington, o general Marshall decidiu que o único interesse americano na retomada do norte da Birmânia era a reabertura da rota de suprimentos, e não o reforço dos exércitos de Chiang Kai-shek. Ele queria apenas “o rápido aumento das operações aéreas fora da China”.⁸

Marshall ficou impressionado com os relatórios dos antigos Tigres Voadores de Chennault, que se transformaram na 14ª Força Aérea dos EUA após Pearl Harbor. “Os bombardeios, com muito poucas baixas americanas, já causaram estragos incontáveis aos aviões envolvidos”, acrescentou. Chennault, que escreveu direto a Roosevelt, afirmou que conseguiria destruir a força aérea japonesa na China, atacar as linhas japonesas de suprimentos no mar da China Meridional e até lançar ataques contra Tóquio. Ele estava convencido de que podia “conseguir a queda do Japão”,⁹ assim como o marechal do ar Sir Arthur Harris, na Grã-Bretanha, acreditava que o Comando de Bombardeio sozinho conseguiria derrotar a Alemanha. Embora Washington não engolisse aquele otimismo excessivo, uma campanha aérea baseada na China era uma proposta muito mais alentadora que as esperanças de Stilwell de robustecer os exércitos chineses mais tarde. Stilwell ficou indignado ao ser posto de lado e começou uma guerra contra Chennault. Marshall precisou escrever-lhe uma carta dura em janeiro de 1943, instando-o a apoiar Chennault, mas isto não adiantou muito.

Um choque de personalidades contribuiu também para a falta de uma estratégia coerente no Pacífico, quase inteiramente em virtude da obsessão pessoal do general MacArthur com as Filipinas e a sua determinação de honrar a promessa “Retornarei”. Ele insistia em um ataque à Nova Guiné para eliminar as forças japonesas remanescentes, e depois pretendia se preparar para a invasão das Filipinas. Com uma esperta manipulação da imprensa, conseguiu convencer a opinião pública americana de que o seu grande dever moral era libertar o aliado semicolonial dos horrores da ocupação japonesa.

A marinha americana, com um plano muito mais prático, queria avançar de arquipélago em arquipélago em direção ao Japão, cortando os suprimentos de todas as suas guarnições dispersas e das forças de ocupação. Incapaz de resolver o impasse com MacArthur, a Junta de Chefes de Estados-Maiores se comprometeu com a chamada política dos Eixos Gêmeos, que seguiria ao mesmo tempo as duas linhas de ação. Só os Estados Unidos, com a sua impressionante produção de navios e aviões, era capaz de conseguir algo com uma dispersão de forças tão grande.

O poderio rapidamente crescente dos Estados Unidos no Pacífico não ajudou muito os nacionalistas chineses, e a política dos Eixos Gêmeos fez deles uma prioridade ainda menor para os recursos. Por outro lado, a forte virada nos destinos da guerra no fim de 1942, especialmente em Guadalcanal, forçou Tóquio a cancelar os planos da Ofensiva Gogō, quando o exército expedicionário na China avançaria até Sichuan e destruiria o governo nacionalista em Chungking.

Stalingrado

AGOSTO-SETEMBRO DE 1942

Stalin ficou furioso ao saber que as forças soviéticas haviam sido forçadas a recuar para a periferia de Stalingrado. “O que aconteceu com eles?”¹ explodiu ao telefone com o general Aleksandr Vasilevsky, que ele havia enviado para lá para informar o Stavka. “Não percebem que isto é uma catástrofe não só para Stalingrado? Que perderemos o nosso rio principal e também o petróleo?” Além das forças de Paulus ameaçando o norte da cidade, os dois corpos panzer de Hoth avançavam rapidamente pelo sul.

Vasily Grossman, o primeiro correspondente a chegar à cidade destruída pela Luftwaffe, ficou tão alarmado quanto os demais. “Esta guerra na fronteira do Cazaquistão, na parte mais baixa do Volga, provoca o sentimento terrível de uma faca enfiada bem fundo.”² Ao observar os edifícios bombardeados com as janelas vazias e os bondes queimados nas ruas, ele comparou as ruínas da cidade a “Pompeia, atacada pelo desastre em um dia em que tudo florescia”.

Em 25 de agosto de 1942 foi proclamado o estado de sítio em Stalingrado. A 10ª Divisão de Infantaria do NKVD organizou “batalhões aniquiladores” de operários de ambos os sexos da Fábrica de Material Bélico Barrikady, da Siderúrgica Outubro Vermelho e da Fábrica de Tratores Dzerzhinsky. Quase sem armas, eles foram enviados contra a 16ª Divisão Panzer, com resultados previsíveis. Membros dos grupos de bloqueio do Komsomol (Juventude Comunista) com armas automáticas foram posicionados atrás deles, para evitar que recuassem. A noroeste da cidade, o I Exército de Guardas foi enviado para atacar o flanco do 14º Corpo Panzer do general Gustav von Wietersheim, que estava à espera de reforços e suprimentos. O plano era fazer a junção com o LXII Exército que estava sendo forçado de volta à cidade, mas os panzers, apoiados pelos aviões de Richthofen, empurraram o I Exército de Guardas de volta na primeira semana de setembro.

A Luftwaffe continuava destruindo a cidade arruinada. Ela também

bombardeou e destruiu balsas, vapores e pequenas embarcações que tentavam evacuar civis da margem oeste pelo Volga. Aferrado à aniquilação do inimigo bolchevique, Hitler emitiu uma nova instrução em 2 de setembro. “O Führer ordena que ao entrar na cidade toda a população masculina seja eliminada, pois, com a sua população de um milhão declaradamente comunista, a cidade é particularmente perigosa.”³

Os sentimentos dos soldados alemães eram muito variados, como indicam as cartas que escreveram. Alguns estavam exultantes com a vitória que se aproximava, outros resmungavam que, à diferença da França, não havia nada para comprar e enviar para casa. As esposas pediam peles, especialmente de astracã. “Por favor, mande-me um presente da Rússia, não importa o que seja”,⁴ pediu uma delas. Com os ataques da RAF, as notícias de casa não eram alentadoras. Os parentes reclamavam da intensificação do recrutamento. “Quando toda esta *Schweinerei* [porcaria] vai acabar?”, o soldado Müller leu em uma carta. “Daqui a pouco os meninos de 16 anos serão enviados para a batalha.” E a sua namorada lhe contou que já não ia ao *Kino* (cinema), pois achava “triste demais assistir às notícias sobre a frente de batalha”.⁵

Embora o avanço sobre Stalingrado parecesse exitoso, na noite de 7 de setembro Hitler teve um ataque de raiva sem precedentes. O general Alfred Jodl acabara de regressar ao quartel-general do Führer em Vinnitsa depois de uma visita ao marechal de campo List, comandante em chefe do Grupo A de Exércitos no Cáucaso. Quando Hitler queixou-se do fracasso de List em cumprir as suas ordens, Jodl replicou que List fizera o que lhe havia sido determinado. Hitler esbravejou: “Isto é mentira!”⁶ e saiu da sala intempestivamente. Então, deu ordens para que os estenógrafos anotassem cada palavra dita nas conferências diárias.⁷

O general Warlimont, do Estado-Maior do OKW, que regressara de uma ausência curta, ficou impressionado com a mudança dramática no ambiente. Hitler saudou-o com uma “longa mirada de ódio fumegante”. Mais tarde, Warlimont disse ter pensado: “Este homem está envergonhado; ele entendeu que o seu jogo fatal acabou.”⁸ Outros membros da equipe de Hitler também acharam que ele estava totalmente ensimesmado. Já não comia com eles nem apertava as suas mãos. Parecia desconfiar de todos. Duas semanas depois, Hitler demitiu o general Halder da função de chefe do Estado-Maior do exército.

O Terceiro Reich havia alcançado a sua maior ocupação de territórios. As suas forças se espalhavam do Volga à costa atlântica francesa, e do cabo Norte na Noruega ao Saara. Porém, agora Hitler estava obcecado com a tomada de Stalingrado, principalmente porque levava o nome de Stalin. Beria se referia à batalha por lá como “o enfrentamento de dois carneiros”,⁹ pois ela se tornara

uma questão de prestígio para os dois líderes. Acima de tudo, Hitler se afezrou à ideia de uma vitória simbólica sobre Stalingrado para compensar o fracasso iminente na tomada dos campos petrolíferos do Cáucaso. De fato, a Wehrmacht havia chegado ao “ponto culminante” e a sua ofensiva perdera o gás e já não conseguia vencer nos ataques subsequentes.

No entanto, aos olhos ansiosos do mundo ao redor, nada parecia capaz de deter o avanço alemão no Oriente Médio a partir do Cáucaso e do norte da África. A embaixada americana em Moscou esperava o colapso soviético a qualquer momento. Naquele ano de desastres para os Aliados, a maioria das pessoas não conseguia reconhecer que a Wehrmacht havia se estendido demais e de um modo perigoso. Tampouco avaliava corretamente a determinação do depauperado Exército Vermelho de revidar.

Enquanto o LXII Exército se retirava para a periferia da cidade, o general Yeremenko, comandante da Frente de Stalingrado, e Kruchev, o seu principal oficial político, convocaram o major-general Vasily Chuikov ao novo quartel-general na margem leste do Volga. Ele assumiria o comando do LXII Exército em Stalingrado.

“Camarada Chuikov”, disse Kruchev, “como entende a sua missão?”¹⁰

“Defenderemos a cidade ou morreremos tentando.” Respondeu ele. Yemeremko e Kruchev disseram-lhe que havia entendido corretamente.

Com fortes feições russas e cabelos estranhamente encarapinhados, Chuikov provou ser um líder implacável, pronto a golpear e disparar em qualquer oficial que não cumprisse seu dever. No ambiente de pânico e caos, era certamente o melhor homem para a tarefa. Stalingrado não exigia um gênio estratégico, apenas esperteza caipira e uma determinação impiedosa. A 29ª Divisão Motorizada alemã havia chegado ao Volga ao sul da cidade, isolando o LXII Exército do seu vizinho, o LXIV Exército, comandado pelo major-general Mikhail Shumilov. Chuikov sabia que precisava resistir e desgastar os alemães sem se importar com as baixas. “Tempo é sangue”, como explicou depois, com uma clareza brutal.

Para impedir as tentativas cada vez mais constantes dos soldados de escapar pelo Volga, Chuikov ordenou ao coronel Sarayan, comandante da 10ª Divisão de Infantaria do NKVD, que colocasse piquetes em todas as encruzilhadas para matar os desertores. Ele sabia que o moral estava entrando em colapso. Até um oficial político assistente escreveu tolamente em seu diário: “Ninguém acredita que Stalingrado será defendida. Acho que nunca venceremos.”¹¹ Contudo, Sarayan se indignou quando Chuikov lhe disse para deslocar o restante das suas

tropas para o combate, sob as suas ordens. O NKVD não aceitava muito bem que oficiais do exército assumissem o controle dos seus homens, mas Chuikov sabia que podia enfrentar quaisquer ameaças. Não tinha nada a perder. O seu exército estava reduzido a 20 mil homens e menos de 60 tanques, muitos dos quais não se movimentavam, e por isso foram rebocados para posições de tiro e lá enterrados, só ficando visível a torre.

Chuikov já havia percebido que as tropas alemãs não gostavam do combate a curta distância, então pretendia manter suas linhas o mais próximas possível do inimigo. Tal proximidade também atrapalharia a Luftwaffe, que evitaria bombardear os seus próprios homens. Mas talvez a maior vantagem fosse o estrago que os bombardeios já tinham feito à cidade. A paisagem de ruínas que os bombardeiros de Richthofen haviam criado seria o campo de morte dos seus próprios homens. Chuikov também tomou a decisão correta ao manter a artilharia média e pesada na margem leste do Volga, para atirar nas concentrações de tropas alemãs que se reunissem para atacar.

O primeiro ataque alemão importante começou em 13 de setembro, um dia depois de Hitler forçar Paulus a fixar uma data para a tomada da cidade. Sofrendo de um tique nervoso e com uma disenteria crônica, Paulus estimou que isto levaria 24 dias. Os oficiais alemães haviam encorajado seus homens com a ideia de que avançariam até a margem do Volga em um grande ataque. Os esquadrões da Luftwaffe de Richthofen já haviam começado a bombardear, principalmente com Stukas. “Uma massa de Stukas voou sobre nós”, escreveu um cabo da 389ª Divisão de Infantaria, “depois do ataque não podíamos crer que nem um rato tivesse sobrevivido.”¹² Nuvens de poeira clara da alvenaria destruída se misturavam à fumaça dos edifícios e tanques de petróleo incendiados.

Exposto em seu quartel-general em Mamaev Kurgan, Chuikov ficou sem contato com os comandantes das divisões porque as linhas telefônicas haviam sido cortadas com o bombardeio. Ele foi forçado a levar seu Estado-Maior em uma corrida agachada até um bunker construído à margem do rio Tsaritsa. Embora a maioria dos ataques alemães tivesse diminuído com a resistência feroz, a 71ª Divisão de Infantaria penetrou até o centro da cidade. Yeremenko teve a tarefa nada invejável de informar Stalin por telefone quando este estava no meio de uma conferência com Jukov e Vasilevsky. Imediatamente Stalin ordenou que a 13ª Divisão de Guardas comandada pelo major-general Aleksandr Rodimtsev, um herói da Guerra Civil espanhola, cruzasse o Volga para se juntar à luta na cidade.

Dois regimentos de infantaria do NKVD conseguiram conter a 71ª Divisão de Infantaria em 14 de setembro, e inclusive retomar a estação ferroviária. Isto deu

tempo aos guardas de Rodimtsev para iniciar a travessia naquela noite, em uma mistura de botes a remo, barcos a vela, canhoneiras e barcas. Foi uma transposição longa e terrível sob o tiroteio, pois em Stalingrado o Volga atingia 1.300 metros de largura. Quando os homens dos primeiros barcos chegaram perto da margem oeste, puderam ver as silhuetas dos fuzileiros alemães contra as chamas dos edifícios que ardiam além da margem acima deles. Os primeiros soldados soviéticos a desembarcar subiram o declive íngreme para atacar, sem tempo nem de calar as baionetas. Juntando-se aos infantos do NKVD à esquerda, obrigaram os alemães a recuar. À medida que mais batalhões desembarcavam, iam progredindo e combatendo até a linha férrea na base do Mamaev Kurgan, onde uma batalha acirrada prosseguiu pelo topo dos seus 102 metros. Se os alemães o tomassem, poderiam controlar a travessia do rio com a sua artilharia. O monte foi sacudido por bombas durante três meses, e os corpos foram enterrados e desenterrados diversas vezes.

Ficou claro que alguns infantos do NKVD lançados na linha de frente entraram em colapso em virtude do estresse. O Destacamento Especial do NKVD relatou que “a unidade de bloqueio do LXII Exército prendeu 1.218 praças e oficiais entre 13 e 15 de setembro, dos quais 21 foram executados, dez detidos e outros enviados de volta às suas unidades. A maior parte dos detidos pertencia à 10ª Divisão do NKVD”.¹³

“Stalingrado parece um cemitério ou um amontoado de lixo”, escreveu um soldado do Exército Vermelho em seu diário. “Toda a cidade e a área ao redor está preta, como se tivesse sido pintada de fuligem.”¹⁴ Era difícil distinguir os uniformes de ambos os lados, pois estavam impregnados de sujeira e pó de alvenaria. Na maior parte das vezes, a fumaça e a poeira eram tão espessas que não se via o sol. O fedor dos cadáveres em decomposição nas ruínas se misturava ao do excremento e do ferro queimado. Pelo menos 50 mil civis (um relatório do NKVD fala em 200 mil) não conseguiram cruzar o Volga ou foram detidos, agora que a prioridade era a evacuação dos feridos. Famintos e sedentos, eles se amontoavam nos porões dos edifícios destruídos enquanto a batalha prosseguia no alto e o chão tremia com as explosões.

A vida era ainda pior para os que estavam encurralados atrás das linhas alemãs. “Desde os primeiros dias da ocupação”, informou mais tarde o Destacamento Especial do NKVD, “os alemães começaram a eliminar os judeus e comunistas deixados para trás na cidade, além de membros do Komsomol e gente suspeita de ser guerrilheira. Eram principalmente a *Feldgendarmarie* e a polícia auxiliar ucraniana que procuravam os judeus. Os traidores em meio à população local também tinham um papel significativo. Para encontrar e matar todos os judeus, eles faziam revistas em apartamentos, porões, abrigos e

trincheiras. Os comunistas e os membros do Komsomol eram caçados pela *Geheime Feldpolizei*, ajudada ativamente por membros traidores da pátria-mãe [...]. Houve também atos de estupros bárbaros de mulheres soviéticas pelos alemães.”¹⁵

Muitos soldados soviéticos não aguentaram a pressão psicológica da batalha. No total, 13 mil foram executados por covardia ou deserção durante a campanha de Stalingrado. Os detidos foram forçados a se despirem antes de serem fuzilados, para que seus uniformes fossem reutilizados sem os furos desalentadores das balas. Os soldados diziam que o prisioneiro recebia “nove gramas”¹⁶ de chumbo, a última ração do Estado soviético. Os que faziam vista grossa para os camaradas que tentavam desertar eram também detidos. Em 8 de outubro, a Frente de Stalingrado informou Moscou que após a imposição de uma rígida disciplina “o ânimo derrotista está quase eliminado e o número de casos de traição diminuiu”.¹⁷

Os comissários ficavam particularmente incomodados com rumores de que os alemães haviam permitido que os desertores soviéticos que cruzavam a linha voltassem para casa. Um oficial de alto posto relatou a Moscou que a falta de treinamento político “é explorada pelos agentes alemães que levam adiante o seu trabalho de corrupção, tentando persuadir soldados instáveis a desertarem, especialmente aqueles cujas famílias ficaram nos territórios temporariamente ocupados pelos alemães”.¹⁸ Os ucranianos saudosos, muitas vezes refugiados da invasão alemã, que haviam sido enfiados em uniformes e enviados diretamente à frente de batalha, pareciam ser os mais vulneráveis. Eles não tinham notícias das suas famílias e suas casas.

O departamento político podia ter comentado o fato de que só 52% dos soldados do LXII Exército tinham nacionalidade russa como uma evidência da natureza abrangente da União Soviética. Esta porcentagem não leva em conta o grande contingente de siberianos. Mais de um terço dos homens de Chuikov eram ucranianos. O equilíbrio era obtido com cazaques, bielorrussos, judeus (legalmente definidos como não russos), tártaros, uzbeques e azerbaijanos. Esperava-se demasiado da conscrição em massa na Ásia central, recrutados jamais haviam entrado em contato com a moderna tecnologia militar. “Para eles é difícil compreender as coisas”, informou um tenente russo enviado para comandar um pelotão de metralhadoras, “e é muito difícil trabalhar com eles.”¹⁹ A maioria chegava sem treinamento e tinha de aprender a operar uma arma com os sargentos e oficiais.

“Quando fomos movimentados para a segunda linha devido às enormes baixas”, registrou um soldado tártaro da Crimeia, “recebemos reforços: uzbeques e tadjiques que continuavam usando os seus gorros típicos até na linha de frente.

Os alemães gritavam para nós em russo pelo megafone: ‘Onde arranjaram estes animais?’”²⁰

A propaganda dirigida aos soldados era crua, mas provavelmente eficaz. Uma foto no jornal da Frente de Stalingrado mostrava uma moça amedrontada com os membros atados. “E se a sua querida for amarrada deste jeito pelos fascistas?” dizia a legenda. “Primeiro eles vão estuprá-la insolentemente, depois jogá-la sob um tanque. Avance, guerreiro. Dispare no inimigo. O seu dever é evitar que o violador estupe a sua garota.”²¹ Os soldados soviéticos acreditavam fervorosamente no slogan da propaganda: “Para os defensores de Stalingrado não há terra do outro lado do Volga.”²²

No início de setembro, os soldados alemães ouviram dos oficiais que logo Stalingrado cairia e isto significaria o fim da guerra na frente leste ou, ao menos, a oportunidade de uma licença em casa. O cerco a Stalingrado fora apertado quando as tropas do IV Exército Panzer fizeram a junção com as do VI Exército de Paulus. Todos sabiam que na Alemanha as pessoas esperavam notícias do triunfo. A chegada da 13ª Divisão de Infantaria de Guardas comandada por Rodimtsev e o fracasso alemão em tomar os locais de desembarque no centro da cidade foram considerados reveses temporários. “Desde ontem”, escreveu em uma carta à família um membro da 29ª Divisão de Infantaria Motorizada, “a bandeira do Terceiro Reich tremula no centro da cidade. O centro e a área da estação estão em mãos alemãs. Você não pode imaginar como recebemos esta notícia.”²³ No seu flanco esquerdo, os ataques soviéticos a partir do norte eram todos repelidos com muitas baixas. A 16ª Divisão Panzer havia posicionado os seus tanques na vertente oposta e destruía todos os veículos soviéticos que apareciam no alto do morro. A vitória parecia inevitável, contudo, com as primeiras geadas, a dúvida começou a surgir em algumas mentes.

Na noite de 16 de setembro, o secretário de Stalin entrou em seu gabinete silenciosamente e depositou na sua mesa a transcrição de um sinal de rádio alemão interceptado. Ele dizia que Stalingrado havia sido tomada e a Rússia estava dividida em duas. Stalin foi até a janela e olhou para fora, depois ligou para o Stavka. Ordenou que enviassem uma mensagem a Yeremenko e Kruchev exigindo absoluta verdade sobre a situação. Porém, na verdade a crise imediata já havia passado. Chuikov havia começado a trazer mais reforços através do rio para compensar as suas perdas terríveis. A artilharia soviética, emassada na margem leste, também estava ficando mais experiente no rompimento de ataques alemães. E o 8º Exército Aéreo começava a enviar mais aviões para enfrentar a Luftwaffe, embora suas tripulações carecessem ainda de confiança. “Os nossos pilotos sentem que já são cadáveres ao decolarem”, admitiu um comandante de caça. “Por isto as baixas.”²⁴

A tática de Chuikov era ignorar as ordens da Frente de Stalingrado de lançar grandes contra-ataques. Ele sabia que não podia suportar mais baixas. Em vez disso, confiava nos “quebra-mares” e usava casas reforçadas como pontos fortes e canhões anticarro ocultos nos escombros para romper os ataques alemães. Ele cunhou a expressão “academia Stalingrado de luta nas ruas” para descrever os ataques noturnos das patrulhas de combate, com homens armados com submetralhadoras, granadas, facões e até espadas afiadas. Eles atacavam atravessando porões e esgotos.

Dia e noite, nos edifícios atingidos, a luta ia de piso em piso com grupos de inimigos em diferentes andares disparando e atirando granadas através dos buracos abertos pelos tiros de canhão. “A submetralhadora é útil no combate casa a casa”, registrou um soldado. “Os alemães muitas vezes atiram granadas em nós e então jogamos outras neles. Muitas vezes eu pegava uma granada alemã, atirava-a de volta e ela explodia antes de tocar o solo. A minha seção recebeu ordem de defender uma casa e na verdade estávamos todos no telhado. Os alemães chegavam no térreo e no primeiro piso e disparávamos neles.”²⁵

O reabastecimento de munição tornou-se um problema desesperador. “A munição trazida durante a noite não é recolhida a tempo pelos representantes do comando do LXII Exército”, informou o Destacamento Especial do NKVD. “Ela é descarregada na margem e muitas vezes destruída pelo fogo inimigo durante o dia. Os feridos só são evacuados à noite. Aqueles em estado grave não recebem nenhuma ajuda. Eles morrem e seus corpos ficam por lá. Veículos passam por cima deles. Não há médicos. Os feridos são atendidos pelas mulheres locais.”²⁶ Mesmo quando sobreviviam à travessia do Volga e chegavam a um hospital de campanha, suas perspectivas eram pouco alentadoras. As amputações eram feitas às pressas. Muitos foram evacuados para Tashkent em trens-hospitais. Um soldado escreveu que na sua enfermaria de catorze soldados de Stalingrado só cinco homens “tinham todos os membros”.²⁷

Desalentados por terem perdido a vantagem da manobra, os alemães apelidaram a nova forma de combate de *Rattenkrieg*, ou guerra de ratos. Os comandantes, pasmos com a selvageria do combate em que suas baixas chegavam a números terríveis, foram forçados a empregar táticas da Primeira Guerra Mundial. Tentaram responder com grupos de assalto, mas os soldados não gostavam de lutar à noite. As sentinelas, amedrontadas com a ideia de siberianos rastejando para capturá-los como “línguas” de interrogatórios, entravam em pânico ao menor som e começavam a disparar. Só em setembro, os gastos do VI Exército com munição passaram de 25 milhões de cartuchos. “Os alemães estão lutando sem contar a munição”, o Destacamento Especial informou a Beria em Moscou. “Canhões de campanha podem apenas disparar

em um só homem enquanto nós invejamos uma metralhadora com um pente de balas.”²⁸ Contudo, os soldados alemães escreviam para casa queixando-se da ração escassa e das dores da fome. “Vocês não podem imaginar o que estou vivendo aqui”, escreveu um deles. “Outro dia passaram uns cachorros e matei um, mas era magro demais.”²⁹

Outros meios eram usados para desgastar os alemães e impedi-los de descansar. O 588º Regimento de Bombardeio Noturno especializou-se em pilotar os obsoletos biplanos Po-2 à noite em voos rasantes sobre as linhas alemãs, desligando os motores ao atacar. O assobio fantasmagórico criava um ruído sinistro. Estes pilotos extraordinariamente valentes eram jovens mulheres. Elas logo foram apelidadas de “bruxas noturnas”, primeiro pelos alemães e depois pelos seus pares.

Durante o dia, a pressão psicológica provinha das equipes de atiradores de escol. No início, a atividade era aleatória e mal planejada. Mas logo os comandantes das divisões russas reconheceram a sua importância em espalhar o medo entre os inimigos e alavancar o moral dos seus próprios homens. A atividade foi elevada a um culto pelos oficiais políticos e, como resultado, deve-se ser cauteloso diante de muitas afirmações stakhanovistas sobre os seus feitos, principalmente quando a propaganda transformou excelentes franco-atiradores no equivalente a astros do futebol. Vasily Zaitsev, o mais famoso franco-atirador de Stalingrado, mas não o mais atuante, provavelmente foi promovido por pertencer à 284ª Divisão de Infantaria siberiana do coronel Nikolai Batyuk, uma formação muito favorecida por Chuikov. O comandante do Exército tinha inveja porque a 13ª Divisão de Infantaria de Guardas de Rodimtsev recebia muita publicidade e, por isso, dava-se pouca atenção ao seu famoso franco-atirador Anatoly Chekhov.

O terreno acidentado da cidade destruída e a proximidade das linhas de frente eram ideais. Os franco-atiradores podiam se esconder quase em qualquer lugar. Um edifício alto oferecia um campo mais vasto de onde disparar, mas escapar depois era muito mais perigoso. Vasily Grossman, o correspondente em que os soldados mais confiavam, foi autorizado a acompanhar Chekhov, de 19 anos, em uma de suas expedições. Um rapaz muito introvertido, Chekhov contou a Grossman as suas experiências em longas entrevistas. Descreveu como escolhia as vítimas a partir dos uniformes. Os oficiais eram o alvo prioritário, especialmente os observadores avançados da artilharia. Também os que buscavam água quando os alemães estavam sedentos. Há inclusive relatos de franco-atiradores com ordens de atirar em crianças russas famintas, subornadas por soldados alemães com pedaços de pão para encher os seus cantis com água do Volga. Os atiradores de escol soviéticos não tinham escrúpulos em atirar em

mulheres russas avistadas com alemães.

Como se estivesse em uma expedição de pesca, Chekhov se posicionava em um local cuidadosamente escolhido antes do amanhecer, de forma a estar pronto para “o despertar”. Desde o primeiro assassinato ele preferia atirar na cabeça e ver o jorro de sangue gratificante que isto provocava. “Vi algo preto jorrar da sua cabeça, e ele caiu [...]. Quando eu atiro, a cabeça imediatamente se inclina para trás, ou para um lado, e o atingido deixa cair o que está levando e vai ao chão [...]. Eles nunca beberam água do Volga!”³⁰

O diário confiscado de um suboficial alemão da 297ª Divisão de Infantaria logo ao sul de Stalingrado revelou o efeito desmoralizante dos franco-atiradores até fora das ruínas da cidade. Ele escreveu em 5 de setembro: “O soldado que trazia o nosso café da manhã foi morto por um atirador de escol quando estava a ponto de descer em nossa trincheira.” Cinco dias depois, ele anotou: “Acabo de voltar da retaguarda e não consigo explicar como estava bom lá. Pode-se caminhar ereto sem medo de ser morto por um franco-atirador. Pela primeira vez em treze dias consegui lavar o rosto.” Ao voltar para a frente escreveu: “Os atiradores de escol não nos dão descanso. Eles atiram muito bem.”³¹

A mentalidade stakhanovista estava profundamente arraigada no Exército Vermelho, e os oficiais sentiam-se obrigados a inflar e até a inventar informes, como explicou um jovem tenente: “Todas as manhãs e noites era preciso enviar um relatório sobre as baixas causadas ao inimigo e o heroísmo dos homens do regimento. Tive de fazer esses relatos porque fui nomeado oficial de ligação, já que a nossa bateria ficou sem canhões [...] Uma manhã, por curiosidade, li um papel onde estava escrito ‘SECRETO’ enviado pelo comandante do regimento. Dizia que os soldados do regimento haviam repelido o ataque inimigo e danificado dois tanques, neutralizado o fogo de quatro baterias e matado uma dúzia de soldados e oficiais de Hitler com disparos de artilharia, fuzis e metralhadoras. Mas eu sabia perfeitamente que os alemães estavam pacificamente sentados em suas trincheiras e que os nossos canhões de 75 mm não haviam disparado nem uma granada. Não posso dizer que o relatório tenha me deixado surpreso. Àquela altura, estávamos acostumados a seguir o exemplo do Bureau Sovinform [agência oficial de notícias].”³²

Os soldados do Exército Vermelho não enfrentavam apenas o medo, a fome e os piolhos, aos que se referiam como “franco-atiradores”, mas também sofriam com a ânsia de fumar. Alguns se arriscavam a ser severamente punidos por usar os documentos de identidade para enrolar um cigarro quando ainda tinham algum tabaco *makhorka*. Todos ansiavam pela ração de vodka de 100 gramas ao dia, mas os encarregados dos mantimentos roubavam parte dela e completavam o resto com água. Quando podiam, os soldados trocavam equipamentos e roupas

por *samogonka* (vodca caseira), com os civis.³³

Os mais valentes de todos em Stalingrado foram as jovens enfermeiras, que constantemente se expunham aos tiros para recolher os feridos e arrastá-los. Às vezes elas revidavam o fogo alemão. Macas não existiam, então a enfermeira carregava o ferido nas costas ou o arrastava pelo chão em um lençol ou uma capa. Os feridos eram levados a um dos postos de embarque para evacuação ao longo do imenso rio, onde corriam risco sob o fogo da artilharia, metralhadoras e ataques aéreos. Frequentemente havia tantos que às vezes passavam horas ou dias sem atendimento. Os serviços médicos estavam sobrecarregados. E nos hospitais de campanha, que careciam de banco de sangue, enfermeiras e médicos ofereciam o próprio sangue para as transfusões de braço a braço. “Se não o fizerem, os soldados morrem”,³⁴ informou a Frente de Stalingrado a Moscou. Muitos desmaiavam ao doar sangue demais.

A batalha crucial por Stalingrado também foi palco de uma importante mudança no poder dentro do Exército Vermelho. Em 9 de outubro, o Decreto nº 307 anunciou “a introdução de uma estrutura unificada de comando no Exército Vermelho e a eliminação do posto de comissário”.³⁵ Comandantes que haviam sofrido com a intervenção dos oficiais políticos sentiram-se triunfantes. Tratava-se de uma parte essencial para o renascimento de um corpo profissional de oficiais. Por sua vez, os comissários ficaram pasmos ao ver que agora os comandantes os ignoravam. O departamento político da Frente de Stalingrado deplorou a nova “atitude absolutamente incorreta”.³⁶ Diversos exemplos foram enviados a Moscou. Um comissário informou que o “departamento político é considerado um apêndice desnecessário”.

A inteligência militar soviética e o NKVD também se alarmaram ao descobrir, durante o interrogatório de prisioneiros, que um grande número de soldados detidos agora trabalhava para os alemães em diversas tarefas.³⁷ “Em algumas partes do front”, o departamento político de Stalingrado informou Moscou, “houve casos de ex-russos que vestiram o uniforme do Exército Vermelho e penetraram em nossas posições com o propósito de fazer um reconhecimento e deter soldados e oficiais para interrogá-los.”³⁸ Mas eles nunca imaginaram que só no VI Exército havia mais de 30 mil deles. Somente no fim da batalha, por meio de interrogatórios, eles descobriram a escala e o funcionamento do sistema.

“Os russos no exército alemão podem ser divididos em três categorias”, disse um prisioneiro ao seu interrogador do NKVD. “Em primeiro lugar, soldados mobilizados pelas tropas alemãs, os chamados pelotões cossacos [de combate], adidos às divisões germânicas. Depois, os *Hilfsfreiwillige* [conhecidos como “*Hiwis*”], gente local, prisioneiros russos voluntários ou soldados do Exército Vermelho que desertaram para se juntar aos alemães. Esta categoria usa o

uniforme alemão completo e exibe postos e distintivos. Comem como os soldados alemães e estão adidos a regimentos. Em terceiro lugar, há os prisioneiros russos que fazem o trabalho sujo, cozinha, estábulos *etc.* Estas três categorias são tratadas de modo distinto e o melhor tratamento, obviamente, é reservado aos voluntários.”³⁹

Em outubro de 1942, Stalin enfrentava outros problemas. Chiang Kai-shek e a liderança do Kuomintang em Chungking estavam ansiosos para explorar a fraqueza momentânea da União Soviética, quando os exércitos alemães ameaçavam os campos petrolíferos do Cáucaso. Por muitos anos Stalin havia incrementado o controle soviético da província de Sinkiang, ao norte, com suas minas e o importante campo petrolífero de Dushanzi. Com uma diplomacia cautelosa, Chiang começou a recuperar a soberania nacionalista na província. Forçou os soviéticos a retirarem as suas tropas e entregar as empresas de mineração e construção de aviões que haviam criado. Chiang buscou o apoio dos americanos, e mais tarde os soviéticos saíram por conta própria. Stalin não podia se arriscar a contrariar Roosevelt. A astúcia com que Chiang lidou com a situação evitou que a União Soviética tomasse Sinkiang do mesmo modo como controlava a Mongólia Exterior. A retirada soviética também significou um revés importante para os comunistas chineses na província. Eles só regressariam em 1949, ao final da guerra civil, quando o Exército Popular de Libertação de Mao a conquistou.⁴⁰

Em outubro, os incessantes ataques alemães a Stalingrado se renovaram com vigor ainda maior. “Um furioso bombardeio da artilharia começou quando nos preparávamos para o café da manhã”, escreveu um soldado soviético. “De repente, a cozinha onde estávamos sentados se encheu de uma fumaça fétida. O reboco caiu nas nossas bandejas metálicas sobre o caldo aguado de painço. Esquecemos a sopa imediatamente. Alguém lá fora gritou ‘Tanques!’. O grito atravessou o estrondo das paredes caindo e dos berros lancinantes de alguém.”⁴¹

Embora o LXII Exército tivesse sido empurrado de volta para um ponto perigosamente próximo da margem do Volga, continuou a combater em uma luta de atrito terrível nas fábricas em escombros na parte norte da cidade. A Frente de Stalingrado informou que as suas tropas demonstravam um “verdadeiro heroísmo em massa”.⁴² Contudo, foram enormemente ajudadas pelo aumento massivo do fogo da artilharia soviética do outro lado do Volga, que desorganizou os ataques alemães.

Durante a primeira semana de novembro, a Frente de Stalingrado percebeu uma mudança. “Nos últimos dois dias”, observou um relatório para Moscou de 6 de novembro, “o inimigo mudou de tática. Provavelmente devido às grandes baixas das últimas três semanas, pararam de usar grandes formações.”⁴³ No curso de três semanas de ataques pesados e caros, os alemães não haviam conseguido avançar além da média de “50 metros por dia”. Os russos identificaram a nova tática alemã de “reconhecimento em força para sondar os pontos fracos dos nossos regimentos”. Mas os novos “ataques súbitos” não tinham mais êxito que os antigos. O moral dos soldados soviéticos estava melhorando. “Muitas vezes penso nas palavras de Nekrasov de que o povo russo é capaz de aguentar qualquer coisa que Deus nos mande”, escreveu um soldado. “Aqui no exército é fácil imaginar que não há força na terra capaz de derrotar o nosso vigor russo.”⁴⁴

O moral alemão, por sua vez, sofria terrivelmente. “Impossível descrever o que está ocorrendo aqui”, escreveu para casa um cabo alemão. “Mulheres e homens, todos em Stalingrado que ainda têm a cabeça e as duas mãos continuam lutando.”⁴⁵ Outro reconheceu que “os cães [soviéticos] lutam como leões.”⁴⁶ Um terceiro escreveu inclusive que “quanto mais cedo eu for ao chão, menos sofrerei. Muitas vezes achamos que os russos deviam capitular, mas esta gente sem educação é estúpida demais para entender isso.”⁴⁷ Infestados de piolhos, debilitados pelas rações minguadas e vulneráveis a diversas doenças, das quais a mais recorrente era a disenteria, o seu único conforto era esperar ansiosamente os aquartelamentos de inverno e o Natal.

Hitler exigiu um avanço final para tomar a margem oeste do Volga antes que a neve chegasse. Em 8 de novembro, no Bürgerbräukeller, em Munique, ele alardeou em um discurso aos “Velhos Combatentes” do nazismo que Stalingrado praticamente estava tomada. “O tempo não importa”,⁴⁸ afirmou. Muitos oficiais do VI Exército ficaram atônitos ao ouvir aquelas palavras, transmitidas pela rádio de Berlim. O Panzerarmee Afrika de Rommel havia recuado e as forças aliadas acabavam de desembarcar no litoral do norte da África. Era o exemplo de uma bravata horrível que teria um efeito desastroso sobre os destinos alemães, especialmente do VI Exército. Por orgulho, Hitler não seria capaz de favorecer uma retirada estratégica.

Seguiu-se uma série de decisões impensadas. O quartel-general do Führer ordenou que a maior parte dos 150 mil cavalos da artilharia e dos transportes do VI Exército fossem enviados para a retaguarda, a centenas de quilômetros. Enormes quantidades de forragem já não precisariam ser enviadas, economizando-se muito em transporte. A medida privou as divisões não motorizadas de mobilidade, mas talvez Hitler pretendesse eliminar qualquer possibilidade de recuo. A sua ordem mais desastrosa foi mandar Paulus

empregar quase todas as forças panzer para a batalha “final” por Stalingrado, e que até os motoristas substitutos dos panzers fossem usados como infantaria. Paulus obedeceu. Se Rommel estivesse no lugar dele, quase certamente teria ignorado as ordens.

Em 9 de novembro, no dia seguinte ao do discurso de Hitler, o inverno chegou em Stalingrado. A temperatura baixou subitamente para menos 18 graus centígrados, o que tornava a travessia do Volga ainda mais perigosa. “Os blocos de gelo colidem, se quebram e moem uns aos outros”,⁴⁹ escreveu Grossman, afetado pelo som lúgubre. Era quase impossível reabastecer e evacuar os feridos. Cientes dos problemas enfrentados pelo inimigo, os comandantes da artilharia alemã concentraram o fogo ainda mais nos pontos de travessia. Em 11 de novembro, grupos de combate de seis divisões alemãs, apoiados por quatro batalhões de engenheiros, começaram a ofensiva. Chuikov imediatamente lançou contra-ataques naquela noite.

Em suas memórias, Chuikov afirmou que não tinha ideia do que o Stavka estava planejando, mas isto não é verdade. Como revela um relatório para Moscou, ele sabia que devia manter o maior efetivo de forças alemãs lutando na cidade naquele momento, de modo que o VI Exército não conseguisse reforçar os seus flancos vulneráveis.

Os comandantes e oficiais de Estado-Maior alemães há muito tempo estavam agudamente conscientes de que os seus flancos se encontravam enfraquecidos. A esquerda de sua retaguarda ao longo do Don era defendida pelo III Exército romeno, e o setor ao sul pelo IV Exército romeno. Nenhum dos dois grandes comandos estava bem armado, os homens estavam desmoralizados e careciam de canhões anticarro. Hitler havia descartado todas as advertências, afirmando que o Exército Vermelho estava em seu último suspiro e seria incapaz de lançar uma ofensiva eficaz. Ele também se recusou a aceitar as estimativas da produção soviética de carros de combate. Na verdade, a produtividade dos operários soviéticos de ambos os sexos nas fábricas dos Urais, improvisadas e sem aquecimento, era quatro vezes maior que a da indústria alemã.

Os generais Jukov e Vasilevsky estavam alertas para a grande oportunidade que se apresentara em 12 de setembro, quando parecia que Stalingrado estava a ponto de cair. Chuikov recebera reforços suficientes para defender a cidade, mas só isso. Na verdade, o LXII Exército servira de isca em uma grande armadilha. Nas terríveis batalhas no outono, o Stavka estivera organizando as suas reservas e criando novos exércitos, principalmente formações de tanques, assim como desdobrando baterias de mísseis Katyusha. Eles descobriram que a nova arma

era tremendamente eficaz para aterrorizar o inimigo. O soldado Waldemar Sommer, da 371ª Divisão de Infantaria, disse ao seu interrogador do NKVD: “Se o Katyusha cantar só mais um par de vezes, as únicas coisas que restarão em nós serão os botões de ferro.”⁵⁰

Stalin, em geral impaciente, finalmente aceitara os argumentos dos seus generais de que precisavam de tempo. Eles o convenceram de que seria inútil atacar por fora o flanco norte do VI Exército. O que o Exército Vermelho precisava era fazer um cerco colossal, com grandes formações de tanques desde muito mais atrás, ao leste ao longo do Don e ao sul a partir de Stalingrado. Não lhe explicaram que isto significava um retorno à doutrina de “operações profundas” defendidas pelo marechal Mikhail Tukhachevsky, que tinham sido consideradas heréticas após a sua execução nos expurgos. A perspectiva de uma vingança massiva abriu a sua mente para este ousado plano que “mudaria definitivamente a situação estratégica no sul”.⁵¹ A ofensiva se chamou Operação Urano.

Desde meados de setembro, Jukov e Valisevsky começaram a reunir novos exércitos e treiná-los por curtos períodos em diferentes setores da frente. Este procedimento tinha a vantagem adicional de confundir a inteligência alemã, que começou a esperar uma grande ofensiva contra o Grupo de Exércitos do Centro. Medidas para despistar — *maskirovka* — foram executadas, com botes de assalto exibidos ostensivamente no Don perto de Voronezh, onde não havia ataques planejados, enquanto as tropas cavavam posições defensivas abertamente nos setores onde ocorreria a ofensiva. Mas, na verdade, tinha fundamento a suspeita alemã de uma grande ofensiva contra o saliente Rjev a oeste de Moscou.

A inteligência militar soviética havia reunido informes alentadores sobre as condições dos III e IV Exércitos romenos. Interrogatórios revelaram o ódio entre os conscritos pelo marechal Antonescu, que havia “vendido a pátria à Alemanha”.⁵² O soldo diário de um soldado mal dava “para comprar um litro de leite”.⁵³ Os oficiais eram “grosseiros com os soldados e muitas vezes os agrediam fisicamente”.⁵⁴ Havia muitos casos de ferimentos autoprovocados, apesar de admoestações dos oficiais de que eram “um pecado contra a pátria e contra Deus”. As tropas alemãs os insultavam constantemente, o que levava a brigas, e os soldados romenos haviam matado um oficial alemão por disparar em dois camaradas. O interrogador concluiu que as forças romenas estavam em “uma baixa condição moral e política”. Os interrogatórios de prisioneiros pelo NKVD descobriram também que os soldados do exército romeno estavam “estuprando todas as mulheres nas aldeias a sudoeste de Stalingrado”.⁵⁵

Nas Frentes de Kalinin e Oriental, o Stavka também planejava a Operação

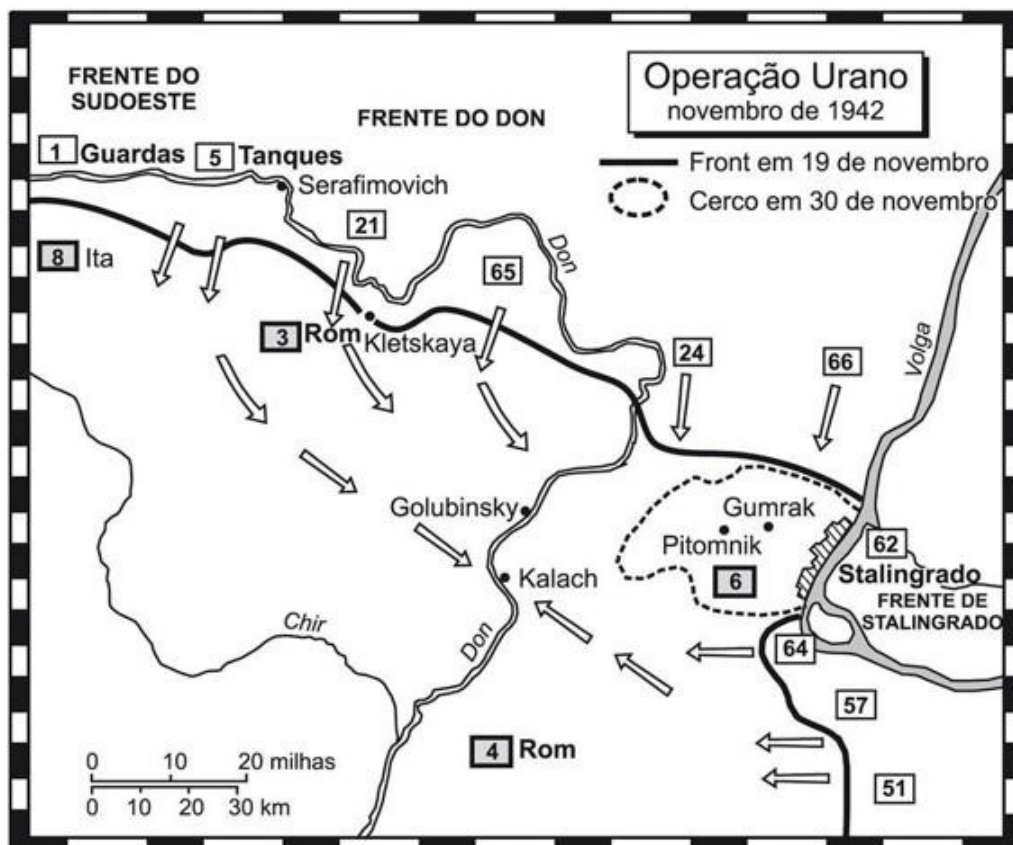
Marte, a ser lançada contra o IX Exército alemão. O principal objetivo era garantir que nem uma só divisão pudesse ser “deslocada da parte central para a parte sul”.⁵⁶ Embora, como representante do Stavka, Jukov fosse responsável por supervisionar a operação, ele dedicou mais tempo ao planejamento da Urano que à Marte.⁵⁷ Passou os primeiros dezenove dias em Moscou, apenas oito dias e meio no setor Kalinin do front e não menos de 32 dias no eixo de Stalingrado. Por si só, isto indica que a Marte era uma operação suplementar, apesar do desdobramento de seis exércitos.

Segundo alguns historiadores militares russos, o que demonstrou conclusivamente que a Marte era uma ofensiva secundária e não, como argumentou David Glantz, uma operação equivalente, foi a alocação de munição de artilharia.⁵⁸ Segundo o general do exército M. A. Gareev, da Associação Russa de Historiadores da Segunda Guerra Mundial, a ofensiva Urano recebeu “2,5 a 4,5 lotes de munição [por peça] em Stalingrado, comparados a menos de um quarto na Operação Marte.”⁵⁹ Este desequilíbrio flagrante sugere um desprezo impressionante pela vida humana por parte do Stavka, que estava disposto a enviar seis exércitos à guerra com insuficiente apoio de artilharia para deter o Grupo de Exércitos do Centro durante o cerco de Stalingrado.

Segundo o espião-mestre general Pavel Sudoplatov, esta crueldade era completamente cínica. Ele contou que detalhes da vindoura Ofensiva Rjev foram passados deliberadamente aos alemães. Em conjunto, a Agência de Operações Especiais do NKVD e a inteligência militar do GRU haviam preparado a Operação Monastério, uma infiltração na *Abwehr* alemã. Aleksandr Demyanov, neto do líder dos cossacos de Kuban, havia sido instruído pelo NKVD a ser recrutado pela *Abwehr*. O major-general Reinhard Gehlen, chefe da inteligência alemã na frente oriental, deu-lhe o codinome Max e afirmou que ele era o seu melhor agente e organizador de rede. Mas a organização clandestina de Demyanov, de simpatizantes do anticomunismo, estava inteiramente controlada pelo NKVD. Max havia “desertado” cruzando as linhas em esquís durante o caos do contra-ataque soviético, em dezembro de 1941. Como os alemães já o haviam identificado como um provável agente durante o pacto nazissoviético e a sua família era conhecida nos círculos de russos brancos emigrados, Gehlen confiou nele totalmente. Max foi então lançado de paraquedas por trás das linhas do Exército Vermelho em fevereiro de 1942 e logo começou a transmitir por rádio uma inteligência plausível, porém incorreta, fornecida pelos controladores do NKVD.

No início de novembro, os preparativos para a Operação Urano ao redor de Stalingrado e para o ataque secundário da Operação Marte perto de Rjev estavam bem avançados. Max foi instruído a dar os detalhes da Marte aos

alemães. “A ofensiva prevista por Max na frente central, perto de Rjev”, escreveu o general Sudoplatov, chefe da Agência de Operações Especiais, “foi planejada por Stalin e Jukov para desviar a atenção das tropas alemãs para longe de Stalingrado. A desinformação plantada por Aleksandr foi ocultada até do marechal Jukov, e me foi entregue pessoalmente pelo general Fedor Fedotovitch Kuznetsov, do GRU, em um envelope lacrado [...] Jukov, sem saber que este jogo de desinformação era praticado às suas expensas, pagou um alto preço ao perder milhares de homens sob o seu comando.”⁶⁰



Ilya Ehrenburg foi um dos poucos escritores a visitar o cenário da luta. “Parte de um pequeno bosque na periferia de [Rjev] havia sido um campo de batalha; as árvores incendiadas pelas bombas e granadas pareciam estacas fincadas a esmo. A terra estava entrecortada por trincheiras; os abrigos sobressaíam como bolhas. Um buraco de explosão se unia ao seguinte [...]. O profundo tronar dos canhões e o ladrido furioso dos morteiros eram ensurdecedores, então subitamente, em uma calma de dois ou três minutos, ouviam-se as metralhadoras [...]. Nos hospitais de campanha, eram feitas transfusões de sangue, amputavam-se braços e pernas.”⁶¹ O Exército Vermelho tinha 70.374 mortos e 145.300 feridos, uma tragédia maciça de sacrifícios mantida em segredo por quase sessenta anos.⁶²

Para a grande operação de cerco contra o VI Exército, Jukov fez pessoalmente o reconhecimento dos setores de ataque no Don, enquanto Vasilevsky vistoriava os exércitos ao sul de Stalingrado. Lá, ele ordenou um ataque limitado até pouco além da fileira de lagos salgados para obter uma linha de partida melhor. O sigilo tinha uma importância fundamental. Nem os comandantes de exércitos sabiam do plano. Os civis por trás da frente foram evacuados. As suas aldeias seriam necessárias para ocultar as tropas deslocadas durante a noite. A camuflagem soviética era boa, mas não o suficiente para ocultar a concentração de tantas formações. Contudo, isto não era crucial. Embora os oficiais do VI Exército e do Grupo B de Exércitos esperassem algum tipo de ataque no setor defendido pelos romenos ao noroeste a fim de cortar a linha férrea para Stalingrado, nunca imaginaram uma tentativa de envolvimento completo. Os ataques ineficazes ao flanco nordeste perto de Stalingrado os haviam convencido de que o Exército Vermelho era incapaz de lançar um ataque mortal. Tudo o que Hitler estava preparado para fazer era deslocar o fraco 47º Corpo Panzer como uma reserva por trás do III Exército romeno. O Corpo consistia da 1ª Divisão Blindada romena, com tanques obsoletos, da 14ª Divisão Panzer, que havia ficado inoperante na luta por Stalingrado, e da 22ª Divisão Panzer, cujas viaturas estavam imóveis havia tanto tempo por falta de combustível, já que os ratos, para escapar do frio, haviam se alojado em seu interior e roído a fição.

Em virtude da escassez de transportes, a Operação Urano foi adiada para 19 de novembro. A paciência de Stalin foi posta à prova. Com mais de um milhão de homens em posição, ele temia que os alemães descobrissem o que estava ocorrendo. Do norte do Don, o V Exército Blindado, o 4º Corpo Blindado, dois corpos de cavalaria e outras divisões de artilharia cruzaram à noite e se desdobraram nas cabeças de ponte. Ao sul de Stalingrado, dois corpos motorizados, um corpo de cavalaria e formações de apoio ao combate foram trazidos pelo Volga na escuridão, uma travessia perigosa com as massas de gelo descendo pelo rio.

Na noite de 18 para 19 de novembro, sapadores soviéticos nas cabeças de ponte do Don rastejaram pela neve em uniformes branco camuflados para limpar os campos minados. Na névoa espessa e fria eles eram invisíveis para as sentinelas romenas. Às 7h30, hora de Moscou, obuseiros e canhões de campanha, morteiros e regimentos de Katyushas abriram fogo simultaneamente. Apesar do bombardeio, que fez o solo tremer a 50 quilômetros de distância, os soldados romenos resistiram muito mais tenazmente do que os oficiais de ligação alemães esperavam. Assim que os tanques foram empregados no ataque achatando o arame farpado, o avanço soviético começou com os T-34 e a cavalaria partiu rápido e a meio-galope pelos campos nevados. Surpreendidas

em terreno aberto, as divisões de infantaria alemãs se viram lutando contra cargas de cavalaria “como se estivéssemos em 1870”,⁶³ escreveu um oficial.

O quartel-general do VI Exército não estava sobressaltado demais, pois sabia que o 47º Corpo Panzer estava a caminho para conter o ataque. Mas a interferência do quartel-general do Führer e novas ordens criaram confusão. Com a 22ª Divisão Panzer quase incapaz de se mover porque o sistema elétrico dos tanques ainda não tinha sido consertado, o contra-ataque do tenente-general Ferdinand Heim mergulhou no caos. Ao saber disto, Hitler quis mandar fuzilá-lo.

Quando, por fim, Paulus começou a reagir já era tarde demais. As suas divisões de infantaria estavam sem cavalos e, portanto, sem mobilidade. As formações panzer continuavam fixadas em Stalingrado e incapazes de se desembaraçar rapidamente dos ataques lançados pelo general Chuikov exatamente para isso. Quando finalmente se livraram, as tropas panzers foram deslocadas para o oeste a fim de se juntarem ao 11º Corpo do tenente-general Karl Strecker e bloquear a penetração bem à retaguarda do Corpo. Mas isso significou que o flanco sul, defendido pelo IV Exército romeno, foi deixado apenas com a 29ª Divisão Motorizada como reserva.

Em 20 de novembro, o general Yeremenko ordenou o início do ataque no sul. Liderados por dois corpos motorizados e um corpo de cavalaria, os LXIV, LVII e LI Exércitos começaram a avançar. O momento da vingança chegara e o moral estava elevado. Os soldados feridos recusaram-se a ser evacuados para a retaguarda. “Não vou partir”, disse um integrante da 45ª Divisão de Infantaria. “Quero atacar junto com os meus camaradas”.⁶⁴ Os soldados romenos se renderam em grandes números, e muitos foram mortos de imediato.

Sem reconhecimento aéreo naquele momento crucial, o quartel-general do VI Exército não captou o conceito do plano soviético. Este consistia em juntar as duas direções de assalto na área de Kalach, no Don, após cercar todo o VI Exército. Na manhã de 21 de novembro, Paulus e seu Estado-Maior no quartel-general em Golubinsky, a 20 quilômetros ao norte de Kalach, não tinham ideia do perigo. Porém, à medida que o dia transcorria, com as informações alarmantes sobre a progressão das pontas de lança soviéticas, perceberam a catástrofe iminente. Não havia unidades disponíveis para deter o inimigo, e o seu quartel-general estava agora ameaçado. Queimaram documentos rapidamente e danificaram aviões de reconhecimento na pista de pouso destruída. Naquela tarde, o quartel-general do Führer enviou ordens de Hitler: “O VI Exército deve manter-se firme apesar do perigo de cerco temporário.”⁶⁵ O destino do maior grande-comando de toda a Wehrmacht estava a ponto de ser definido. Com sua ponte sobre o Don, Kalach estava praticamente sem defesa.

O comandante da 19ª Brigada Blindada soviética soube por uma mulher local que os tanques alemães sempre se aproximavam da ponte com os faróis acesos. Então, ele colocou dois panzers capturados na dianteira da sua coluna, ordenou a todos os motoristas que acendessem os faróis e se dirigiu diretamente para a ponte de Kalach antes que o diminuto contingente de defensores e as guarnições de artilharia antiaérea da Luftwaffe percebessem o que estava ocorrendo.

No dia seguinte, domingo, 22 de novembro, as duas pontas de lança soviéticas fizeram a junção na estepe congelada guiadas pelos disparos de iluminativos verdes. Abraçaram-se como ursos e trocaram vodca e linguiça para comemorar. Para os alemães, aquele dia foi o *Totensonntag* — o dia dos mortos. “Não sei como isto vai acabar”, escreveu à sua esposa o tenente-general Eccard Freiherr von Gablenz, comandante da 384ª Divisão de Infantaria. “É muito difícil para mim, pois eu devia inspirar os meus subordinados com uma fé inquebrantável na vitória.”⁶⁶

Alamein e a Torch

OUTUBRO-NOVEMBRO DE 1942

Em outubro de 1942, enquanto Jukov e Vasilevsky preparavam o grande cerco ao VI Exército em Stalingrado, Rommel estava na Alemanha em licença de saúde. Sofria de estresse, baixa pressão sanguínea e problemas intestinais. A sua última tentativa de penetrar no dispositivo do VIII Exército na batalha de Alam Halfa havia fracassado. Muitos de seus soldados estavam doentes também, além de desesperadamente necessitados de mantimentos, combustível e munição. Depois que o sonho de conquistar o Egito e o Oriente Médio virou cinzas, Rommel recusou-se a assumir a responsabilidade. Convenceu-se de que, por inveja, o marechal de campo Kesselring havia retido deliberadamente os suprimentos do Panzerarmee Afrika.

De fato, a situação do Panzerarmee Afrika era grave. Os italianos na retaguarda e a Luftwaffe guardavam para si a maior parte das provisões. O moral alemão estava muito baixo. Graças a interceptações do Ultra, os ataques submarinos e os bombardeios dos Aliados afundaram outros cargueiros em outubro. A desconfiança de Hitler dos “aliados anglófilos” o convenceram de “que os italianos estavam entregando os transportes alemães aos britânicos”.¹ Não lhe ocorreu a possibilidade de que os códigos alemães do Enigma estivessem sendo quebrados.

O general de blindados Georg Stumme, comandante do corpo que havia sido submetido a corte marcial por perder os planos da Operação Blau, comandou o exército na ausência de Rommel, e o tenente-general Wilhelm von Thoma assumiu o *Afrika Korps*. Hitler e o OKW não acreditavam que os britânicos fossem atacar antes da primavera seguinte, e por isso ainda havia a possibilidade de o Panzerarmee Afrika alcançar o delta do Nilo. Rommel e Stumme eram mais realistas. Sabiam que não havia muito a fazer diante do poderio aéreo dos Aliados e dos ataques da Marinha Real aos seus comboios de suprimentos.

Rommel ficou ainda mais abismado com a tranquilidade que encontrou em

Berlim ao receber o bastão de marechal de campo. Göring descartou o poderio aéreo dos Aliados dizendo: “Os americanos só conseguem fazer lâmina de barbear.”² “Senhor marechal do ar”, replicou Rommel, “quem dera tivéssemos estas lâminas.” Hitler prometeu enviar quarenta novos tanques Tiger e unidades de lançadores de foguetes, como se isto fosse mais do que suficiente para resolver a escassez.

O OKW desconsiderou quaisquer sugestões de que os Aliados poderiam desembarcar no noroeste da África no futuro imediato. Só os italianos levaram a ameaça a sério. Fizeram planos contingenciais de ocupar a Tunísia francesa, projeto a que os alemães se opunham por medo da resistência das forças de Vichy. Na verdade, o planejamento da Operação Torch estava mais adiantado do que os italianos suspeitavam. No início de setembro, as dores de cabeça de Eisenhower começaram a diminuir com a solução dos desacordos transatlânticos. Haveria desembarques simultâneos em Casablanca, na costa atlântica, e em Orã e Argel, no Mediterrâneo. Contudo, devido a confusões e à escassez de embarcações, o problema do abastecimento se tornou um pesadelo para o major-general Walter Bedell Smith. A maioria das tropas que cruzou o Atlântico chegou sem armas nem equipamento, e por isso o treinamento anfíbio foi postergado.

Na frente diplomática, os governos americano e britânico asseguraram ao regime de Franco na Espanha que não tinham a intenção de violar a soberania espanhola na África nem no continente. Isto era necessário para se contrapor aos boatos alemães de que os Aliados planejavam tomar as Ilhas Canárias. Por sorte, o pragmático general e conde Francisco de Jordana era outra vez ministro do Exterior, depois que Franco demitira o cunhado, Ramón Serrano Súñer, pró-nazista e muito ambicioso. Jordana, pequeno e de idade avançada, estava determinado a manter a Espanha fora da guerra, e a sua nomeação em setembro foi um grande alívio para os Aliados.

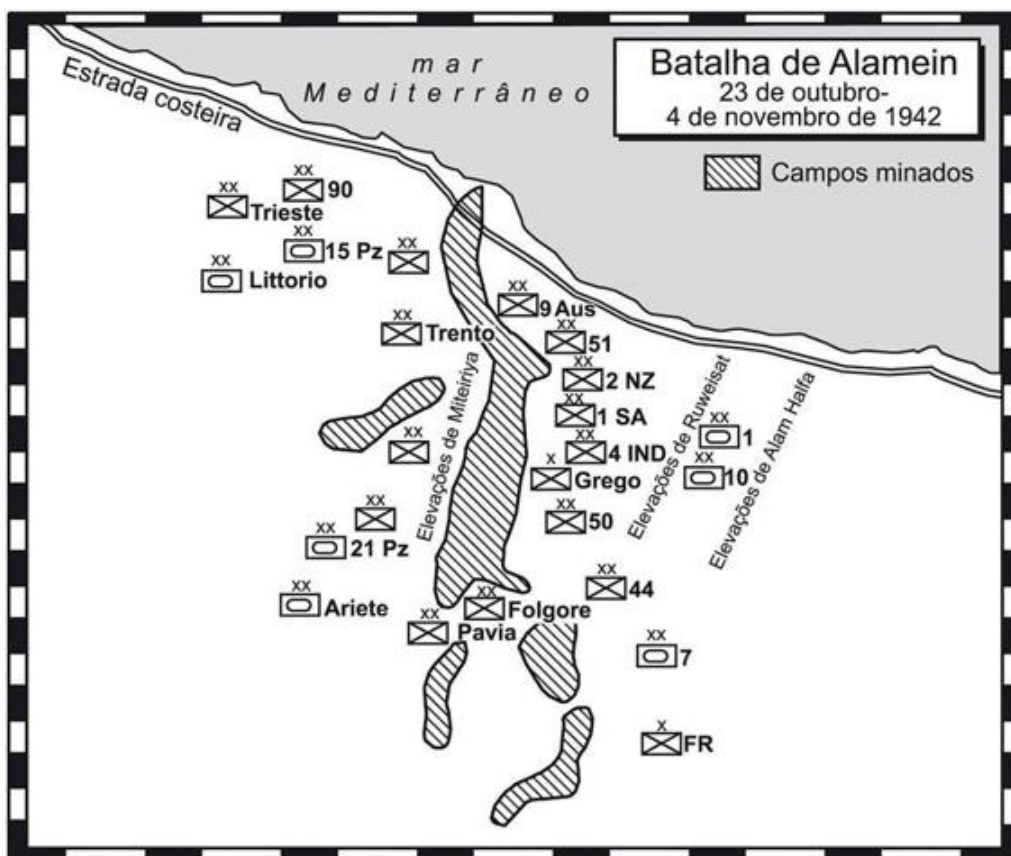
Embora carecesse de uma inteligência precisa, Stumme estava certo de que Montgomery preparava uma grande ofensiva. Ele aumentou as atividades de patrulhamento e acelerou a colocação de quase meio milhão de minas nos chamados “jardins do diabo” diante das posições do Panzerarmee Afrika. Seguindo a orientação de Rommel, Stumme reforçou as formações italianas com unidades alemãs e dividiu o *Afrika Korps*, com a 15ª Divisão Panzer atrás da parte norte da frente e a 21ª Divisão Panzer ao sul.

O general Alexander agia como um guarda-chuva, protegendo Montgomery da impaciência de Churchill. Montgomery precisava de tempo para treinar as

novas forças, principalmente o 10º Corpo Blindado do tenente-general Herbert Lumsden que, com orgulho e excesso de otimismo, denominou o seu *corps de chasse*. Lumsden, cavalariano exibicionista que havia vencido a prova *Grand National*, dificilmente era o favorito de Montgomery, mas Alexander gostava dele.

O plano de Montgomery, a Operação Lightfoot, consistia em fazer seus homens atacarem no setor norte, que era o mais fortemente defendido. Ele pressupunha que os alemães seriam surpreendidos. O 10º Corpo de Lumsden aproveitaria o avanço quando o 30º Corpo chegasse ao campo minado ao sul da estrada costeira. Com a ajuda de um sofisticado plano para iludir o inimigo levado a cabo pelo major Jasper Maskelyne, um ilusionista profissional, Montgomery esperava convencer os alemães de que o ataque principal viria do sul, de modo que eles levassem para lá as suas forças. Maskelyne instalou centenas de imitações de viaturas e até um falso duto de água no setor sul. O tráfego-rádio foi intensificado na área com sinais pré-gravados, enquanto caminhões iam de um lado a outro arrastando correntes para levantar poeira. Para dar peso a esta parte vital do plano de Montgomery, o 13º Corpo do tenente-general Brian Horrocks atacaria, seguido da 7ª Divisão Blindada e apoiado por um terço da sua artilharia. No extremo esquerdo da Linha Alamein, os Franceses Livres de Koenig atacariam a forte posição italiana de Qaaret el Himeimat, à beira da depressão Qattara, mas não tinham apoio suficiente para um objetivo tão difícil.

Em 19 de outubro, a Força Aérea do Deserto e os americanos começaram a lançar uma série de bombardeios e ataques aéreos rasantes contra os campos de pouso da Luftwaffe. Quatro dias depois, às 20h40 do dia 23 de outubro, a artilharia de Montgomery bombardeou pesadamente as posições do Eixo. O solo tremia com as ondas de choque, e os disparos nas bocas das armas iluminavam o horizonte noturno. A distância, pareciam relâmpagos difusos. Os bombardeiros aliados atacaram as posições de reserva e de retaguarda. O general Stumme, temendo gastar toda a munição, ordenou à artilharia que não revidasse.



Desde o entardecer, sapadores haviam avançado lentamente enquanto a lua surgia, fincando a terra com as baionetas e erguendo minas para criar brechas assinaladas com fita branca e lamparinas. Às 22h o 30º Corpo começou a avançar por ali com quatro divisões — a 51ª *Highland*, a 9ª Australiana, a 1ª Sul-africana e a 2ª Neozelandesa — cada uma delas apoiada por ao menos um regimento blindado. Os *Highlanders* recém-chegados foram adiante soando as gaitas e com as baionetas caladas, depois de saberem que as tropas italianas pareciam temer o aço frio mais do que qualquer outra coisa. As baixas da infantaria foram relativamente poucas, porém, para irritação de Montgomery, os tanques do 10º Corpo de Lumsden se desorganizaram nos campos minados. Em decorrência dos atrasos, foram duramente atacados ao amanhecer.

O general Stumme queria observar pessoalmente a situação na frente, mas quando sua viatura foi alvejada o motorista arrancou sem perceber que Stumme havia descido. Ele morreu de um ataque cardíaco e o seu corpo só foi encontrado no dia seguinte. Quando o general Von Thoma recebeu a notícia e assumiu o comando, relutou em lançar um grande contra-ataque, pois não se atrevia a usar combustível antes que as suas forças fossem reabastecidas. Contudo, em 25 de outubro tanto a 15ª Divisão Panzer no norte quanto a 21ª do sul deram respostas bem-sucedidas.

O plano principal de Montgomery não estava indo bem. Os alemães não haviam caído na sua esparrela e não haviam desviado forças para enfrentar o falso ataque do 13º Corpo. Entrementes, no norte, os campos minados alemães e a resistência do Eixo foram mais fortes do que o esperado. Injustamente, Montgomery culpou a 10ª Divisão Blindada, inclusive acusando-a de covardia quando, na verdade, fora mal empregada. O seu preconceito contra a cavalaria não o ajudou a aprender a usá-la melhor.

Ao saber da ofensiva britânica e da morte de Stumme, Rommel ordenou que um avião o levasse à África via Roma. Ele chegou ao seu quartel-general no entardecer do dia 25 de outubro, depois de saber em Roma que a situação do abastecimento de combustível estava ainda pior por causa da Marinha Real e das forças aéreas dos Aliados.

O ataque britânico foi apoiado pelos australianos, que capturaram dois oficiais alemães portando mapas detalhados dos seus campos minados. Os australianos tomaram uma colina importante naquela noite, que defenderam contra pesados contra-ataques no dia seguinte. Com o reforço do 30º e do 10º Corpos, a pressão sobre o Panzerarmee Afrika no norte estava ficando insuportável. Rommel soube que o petroleiro com o qual contavam também havia sido afundado. Ele advertiu o OKW que com pouco combustível e sem munição seria difícil prosseguir na batalha. Estava claro que Montgomery concentrava a maior parte das suas forças no norte, então Rommel deslocou a 21ª Divisão Panzer para lá. Sem o combustível necessário para os panzers recuarem e travarem uma batalha de movimento em campo aberto, ele estava preso a um combate quase imóvel que não poderia vencer. Mais da metade dos panzers haviam sido destruídos, alvos do canhão anticarro 6-pounder ou de ataques aéreos. O novo canhão de 40 mm que equipava os aviões americanos P-39 Airacobras provou ser uma arma anticarro muito eficaz.

Forçado a mudar os planos diante de uma defesa tão encarniçada, Montgomery preparou uma nova ofensiva enquanto os australianos aguentavam o peso dos continuados contra-ataques. Em 2 de novembro, a Operação Supercharge começou nas primeiras horas da manhã com outro bombardeio pesado acompanhado de ataques aéreos. Montgomery lançou a 9ª Brigada Blindada em um ataque contra canhões anticarro enterrados. Foi advertido de que isto seria suicida, mas respondeu que era o que tinha de ser feito. O ataque foi outra Balaklava,* e a brigada foi praticamente exterminada. A Divisão Neozelandesa de Freyberg avançou para o norte do espinhaço Kidney, mas os contra-ataques alemães com duas divisões panzer impediram o seu êxito. A manutenção da cabeça de ponte, porém, foi o último esforço do Panzerarmee. Por fim, Montgomery vencia a batalha de atrito.

Rommel deu ordens de recuar para a linha Fuka, embora soubesse que as tropas não motorizadas, em sua maioria italianas, seriam alcançadas rapidamente. Muitos soldados alemães confiscaram tanques italianos para si à ponta de fuzis, produzindo cenas desagradáveis. Naquela noite, Rommel enviou uma mensagem ao OKW, esboçando a situação e explicando o motivo da sua retirada. Devido a um mal-entendido por parte de um oficial, Hitler só recebeu a mensagem na manhã seguinte. Suspeitando de uma conspiração para evitar que expedisse contraordens à retirada de Rommel, ele teve um ataque de fúria, e o quartel-general do Führer foi palco de cenas históricas. O choque da derrota de Rommel foi completamente inesperado, pois a atenção de Hitler estava posta em Stalingrado e no Cáucaso. A sua confiança no comando de Rommel o impedira de imaginar este revés.

Pouco depois do meio-dia de 3 de novembro, ele enviou uma ordem a Rommel: “Na posição em que se encontra, não pode haver outra ideia a não ser resistir, não recuar um só passo e lançar na batalha todos os soldados e armas disponíveis.” Ele prometeu o apoio da Luftwaffe e mais provisões e concluiu: “Não é a primeira vez na história que a determinação prevalecerá sobre os batalhões mais fortes do inimigo. Só há uma opção a oferecer às suas tropas: a vitória ou a morte.”³

Rommel ficou abalado e atônito com o absurdo da ordem. Contudo, as mentiras com que Hitler se iludia e que lhe permitiam rejeitar a realidade da derrota se repetiriam pouco depois, com o general Paulus, na estepe do Don a oeste de Stalingrado. Apesar dos seus instintos militares, Rommel percebeu que devia obedecer. Ordenou a suspensão da retirada. Só as divisões italianas no sul foram instruídas a se deslocarem para o noroeste. Isto permitiu ao 13º Corpo de Horrocks avançar sem empecilhos em 4 de novembro. Mais ao norte, o 10º Corpo progrediu e tomou o quartel-general e o general Von Thoma, que se rendeu ao 10º Regimento de Hussardos.

Respaldado pelo apoio de Kesselring, Rommel ordenou a retirada geral. Disse a Hitler que iriam apenas até a Linha Fuka, mas na verdade atravessaram quase toda a Líbia. O fato de o Panzerarmee escapar se deveu à reação lenta e à cautela excessiva de Montgomery. Após alcançar esta vitória, ele não quis arriscar uma reviravolta. Tem-se discutido que o fracasso em cercar Rommel durante a retirada levou à decisão desastrosa de Hitler de enviar mais tropas ao norte da África, as quais mais tarde seriam capturadas. Mas isto dificilmente justifica a conduta de Montgomery, já que jamais fez parte de um plano geral.

A vitória de Alamein certamente não se deveu a gênio tático ou estratégico. A decisão de Montgomery de atacar a parte mais fortalecida da linha alemã foi, no mínimo, questionável. A sua infantaria e as tropas blindadas certamente lutaram

com bravura, ajudadas em grande parte pelo fato de Montgomery ter conseguido mudar o ânimo do VIII Exército. Porém, na maior parte dos aspectos a batalha foi vencida pela contribuição formidável da Artilharia Real e da Força Aérea do Deserto e a destruição incansável da Luftwaffe, dos panzers e das linhas de suprimentos, além da Marinha Real e das forças aéreas aliadas, que interromperam a linha vital do Eixo no Mediterrâneo.

Em 7 de novembro, quando Hitler estava a caminho de Munique para fazer um discurso diante da velha guarda do Partido Nazista, o seu trem especial foi parado na Turíngia.⁴ Uma mensagem de Wilhelmstrasse alertava sobre a iminência de um desembarque dos Aliados no norte da África. Ele imediatamente ordenou que defendessem a Tunísia. Ao ser informado de que a Luftwaffe não poderia fazer grande coisa devido à distância em que se encontravam as suas bases, ele ficou furioso com Göring. Todos os rumores conflitantes dos últimos meses sobre as intenções dos Aliados, e a sua obsessão com a tomada de Stalingrado significavam que o OKW estava totalmente despreparado para uma nova frente. A grande questão era como o regime de Vichy reagiria a uma invasão aliada das suas colônias no norte da África.

Ribbentrop subiu no trem em Bamberg e instou Hitler a deixá-lo fazer propostas a Stalin por intermédio do embaixador soviético em Estocolmo. Hitler rejeitou a sugestão sem pensar duas vezes. A ideia de negociar em um momento de fraqueza era impensável. Ele continuou trabalhando no discurso, no qual afirmava que a tomada de Stalingrado era iminente e enfatizava a decisão de seguir lutando até a vitória final. O orgulho impediu-o de considerar quaisquer outras opções. Ele omitiu a derrota de Rommel e nunca mencionou os desembarques dos Aliados no norte da África, preferindo se referir à sua predição de que os judeus seriam aniquilados. No entanto, até Goebbels reconhecia que estavam “no ponto de inflexão da guerra”.⁵ Afora os nazistas fanaticamente leais, a maioria dos alemães pensava que a vitória estava mais longe do que nunca, como demonstravam claramente os informes do *Sicherheitsdienst* sobre o moral dos civis. Poucos compartilhavam a ideia de Göring de que os americanos só eram capazes de fabricar lâminas de barbear. A crescente ofensiva de bombardeios dos Aliados contra as suas cidades demonstrava uma crescente superioridade material.

Para Eisenhower e seus estrategistas, a reação da França de Vichy e do regime de Franco na Espanha também era uma questão crucial. Politicamente ingênuo, Eisenhower logo descobriu que pisara no campo minado da política francesa. Roosevelt não queria nada com o general De Gaulle, e pressionou Churchill para

não colocar o francês a par do que ocorria. A relação entre os dois estava ainda mais tensa em virtude da suspeita francesa de que os britânicos cobiçavam a Síria e o Líbano, e Churchill sabia que De Gaulle ficaria furioso se fosse mantido à margem. De Gaulle tampouco aceitaria que os Aliados fizessem algum arranjo com as autoridades de Vichy no norte da África para evitar uma luta encarniçada. Contudo, Churchill tinha uma oferta, na esperança de apaziguar o orgulhoso general.

Incapaz de esquecer que os aviões japoneses que decolaram dos campos de Vichy na Indochina haviam afundado o *Prince of Wales* e o *Repulse*, a Marinha Real continuava preocupada com a colônia francesa de Madagascar, que se estendia paralelamente à rota dos seus comboios na costa sudeste da África.⁶ Algumas semanas após o desastre ao largo da Malásia, uma força de desembarque foi designada para a Operação Ironclad (Armadura) — a tomada do porto principal, Diego Suarez, na ponta norte de Madagascar. A princípio, o general Brooke em Londres e Wavell no Extremo Oriente se opuseram ao plano, já que muita coisa estava em jogo. Mais tarde, no início de março de 1942, interceptações americanas dos códigos navais japoneses revelaram que Berlim insistia com Tóquio para intervir a oeste do oceano Índico e atacar os navios britânicos de suprimentos que circundavam o sul da África em direção ao Egito. Em 12 de março, o Gabinete de Guerra por fim aprovou a Operação Ironclad.

No início de maio a força britânica zarpou da África do Sul e à noite desembarcou fuzileiros no porto de Diego Suarez, ao estilo de Nelson. O plano ia só até ali, pois se supunha que seria criado um *modus vivendi* com as autoridades de Vichy na capital, Tananarive. Porém, em 30 de maio um pequeno submarino japonês torpedeou o navio HMS *Ramillies* no ancoradouro de Diego Suarez. A flotilha de submarinos japoneses afundou também 23 barcos com suprimentos para o VIII Exército, marcando assim a única assistência direta prestada pelos japoneses aos aliados alemães durante a guerra.

Persuadido pelo marechal de campo Smuts de que os japoneses poderiam estabelecer bases em outros portos de Vichy em Madagascar, Churchill relutantemente concordou com a tomada de toda a ilha. Pensou que isto poderia ser uma maneira de apaziguar De Gaulle, que quis tomar a ilha com forças de Franceses Livres e depois ficou furioso ao saber que os britânicos planejavam tratativas com as autoridades locais de Vichy. Quando ela fosse tomada, a ilha poderia ser entregue a De Gaulle. Isto finalmente ocorreu em 5 de novembro, após uma campanha guerrilheira infrutífera organizada pelo governador, Armand Annet. Uma semana antes da rendição, Churchill, benevolente, conseguira indagar junto ao general De Gaulle quem ele gostaria de nomear para governar Madagascar. De Gaulle suspeitava que os britânicos planejavam desembarcar no

norte da África, porém, se soubesse de todas as negociações que os americanos haviam feito com os generais de Vichy para preparar a Operação Torch, provavelmente teria abandonado a sala.

Robert Murphy, que fora o *chargé d'affaires* americano em Vichy e agora era o emissário de Roosevelt nas colônias francesas no norte da África, também estava convencido de que De Gaulle devia ser mantido totalmente à margem da situação. A maioria dos oficiais do exército colonial francês ainda considerava De Gaulle pouco mais que um traidor a soldo dos ingleses. Eles precisavam da garantia de uma autoridade que fosse do seu agrado. O general Henri Giraud era um oficial alto e valente com um bigode magnífico, mas não muito aquinhado pela inteligência. De Gaulle chamava-o de “soldado de chumbo”. Giraud, que fora feito prisioneiro à frente do VII Exército francês em 1940, havia escapado de Königstein, uma prisão-fortaleza na Saxônia. Ele chegara a Vichy, onde Pierre Laval, o primeiro-ministro de Pétain, quis entregá-lo aos alemães, mas o marechal se negou a fazê-lo.

Murphy achou que Giraud poderia servir melhor aos interesses dos Aliados, mas o general tinha as suas próprias ideias, insistiu em ser o comandante em chefe da Operação Torch e exigiu que os Aliados desembarcassem na França e também ao norte da África. Giraud tampouco queria os britânicos envolvidos, já que o ataque da Marinha Real à frota francesa em Mers-el-Kébir não fora esquecido nem perdoado. Ele era um grande amigo do general Charles Mast, um importante comandante das forças francesas no norte da África. Murphy, que havia criado uma rede de contatos entre comandantes e funcionários graduados, conseguiu uma reunião secreta entre o general Mast e seus colegas conspiradores com o representante de Eisenhower, o tenente-general Mark Clark.

Na noite de 21 de outubro, acompanhado de dois guarda-costas, Clark desembarcou do submarino britânico HMS *Seraph*, perto de Argel. A sua principal tarefa era convencer Mast de que as forças americanas seriam tão avassaladoras que os franceses não deviam tentar enfrentá-las. Clark afirmou que meio milhão de homens iriam desembarcar, quando as forças consistiam em apenas 112 mil. Mast alertou-o de que, embora o exército e a força aérea pudessem ser subjugados, a marinha francesa resistiria com afinco. Outros oficiais ofereceram a Clark informações valiosas sobre os dispositivos das suas tropas e defesas. O medo de ser descoberto pelos gendarmes locais, que haviam sido avisados de que contrabandistas haviam desembarcado, levou ao retorno indigno de Clark ao submarino na noite seguinte sem as próprias calças. Apesar desta humilhação insignificante, a sua perigosa missão foi muito bem-sucedida.

O submarino HMS *Seraph*, desta vez simulando ser americano, foi enviado para buscar Giraud na Côte d’Azur e levá-lo a Gibraltar para uma reunião com

Eisenhower. Agentes do Eixo e reconhecimento aéreo informaram sobre o grande fluxo de navios em Gibraltar. Para sorte dos Aliados, a inteligência alemã supôs que as embarcações tinham o objetivo de reforçar Malta ou desembarcar forças na Líbia para cortar a linha de retirada de Rommel. Os *U-boats* alemães no Mediterrâneo foram instruídos a se concentrarem na costa líbia, bem ao leste de onde as forças invasoras iriam desembarcar. Outra teoria do Eixo era que os Aliados pretendiam tomar Dacar, na costa ocidental africana, como uma base naval, para ajudá-los na Batalha do Atlântico.

Por intermédio de Murphy, os americanos haviam recebido propostas do almirante Darlan. O almirante William D. Leahy, ex-embaixador de Roosevelt em Vichy, considerava Darlan um oportunista perigoso. O fato de Darlan odiar Laval, que o havia substituído como representante de Pétain, não era garantia da sua confiabilidade. Contudo, até Churchill estava preparado para lidar com este anglófono determinado, se isto levasse a frota francesa em Toulon a passar para o lado dos Aliados. Eisenhower preferia ficar do lado de Giraud, mas este, ao chegar a Gibraltar, continuava esperando ser o comandante em chefe dos Aliados. Poucas vezes uma operação militar foi tão atrapalhada pela política e pelas rivalidades pessoais.

Em 4 de novembro, quatro dias antes dos desembarques, Darlan, que havia feito um giro pelas colônias francesas na África, voou para Argel. Acabara de saber que o seu filho, um tenente da marinha que sofria de pólio, havia piorado. Ele não sabia que as frotas aliadas estavam no mar, e quando a saúde do filho melhorou planejava voar de volta a Vichy. A Força-Tarefa do Oeste, com 35 mil homens comandados pelo major-general George S. Patton, já havia deixado Hampton Roads a caminho de Casablanca. As outras duas forças-tarefas que haviam zarpado da Inglaterra rumavam para Orã e Argel, no Mediterrâneo. Em conjunto, os navios foram escoltados por 300 belonaves sob o comando-geral do almirante Cunningham, que estava contente de voltar ao Mediterrâneo.

Na noite de 7 de novembro, Darlan jantava na Villa des Oliviers, residência do general Alphonse Juin, o comandante em chefe em Argel. Juin havia substituído Weygand, que estava preso no lugar de Giraud em Königstein, porque Hitler temia que ele se juntasse aos Aliados. Ao final da refeição foram interrompidos pelo chefe da marinha em Argel, que correu para dizer-lhes que talvez os navios aliados não estivessem se dirigindo a Malta. Podiam estar vindo para desembarcar tropas em Orã e Argel. Darlan descartou estes temores e foi dormir antes de tomar o voo cedo na manhã seguinte. À meia-noite, Murphy ouviu a senha no serviço francês da BBC confirmando que os desembarques seriam levados adiante. Enviou as forças irregulares que ele e o general Mast haviam recrutado para tomar instalações importantes e o quartel-general.

Nas primeiras horas de 8 de novembro, Murphy foi à Villa Oliviers e mandou acordar Juin. Informou-o dos desembarques. A princípio Juin ficou sem saber o que fazer. Depois disse que primeiro precisava consultar o oficial mais antigo, o almirante Darlan, que estava em Argel. Murphy viu que não tinha alternativa. O Buick de Juin foi enviado para buscá-lo.

Darlan chegou enfurecido. O almirante baixo, careca e de peito estufado, sempre com o cachimbo na boca, logo foi apelidado de *Popeye* pelos americanos, que se divertiam com os seus sapatos de salto. O ódio de Darlan aos ingleses tinha um pedigree ilustre, pois o seu bisavô havia sido morto na Batalha de Trafalgar. Mas ele também era um vira-casaca experiente. Logo após o armistício de 1940, o veterano político francês Édouard Herriot disse sobre ele: “Este almirante sabe nadar”² quando Darlan, depois de prometer aos britânicos a resistência total, secretamente se uniu aos *capitulards*.

Enquanto Murphy tentava acalmar Darlan e persuadi-lo de que era inútil resistir aos desembarques, um grupo de irregulares de Mast apareceu para deter Darlan e Juin. Depois apareceu um esquadrão da *Gendarmerie* para libertá-los e fazer prisioneiros os insurgentes e Murphy. Este estava à espera das tropas americanas que já deveriam ter chegado, mas por engano elas desembarcaram um pouco mais além na costa.

Mas um desastre ainda maior estava por vir. O plano britânico de tomar os portos de Argel e Orã de um só golpe foi um fracasso total, envolvendo grande número de baixas. Não surpreende que isto tenha causado uma ira considerável entre os americanos. No porto, as baterias francesas e as embarcações bombardearam dois contratorpedeiros da Marinha Real que levavam a bandeira americana quando tentavam trazer grupos americanos para desembarcar, como haviam feito em Diego Suarez. Uma operação aeroterrestre com um único batalhão de paraquedistas americanos para tomar os aeródromos de Orã também mostrou ser um fiasco. A Operação Torch parecia estar degringolando em uma farsa grotesca.

Apesar do pedido de Roosevelt para manter os Franceses Livres alheios aos fatos, Churchill solicitou ao general Ismay que telefonasse para o general Pierre Billotte, chefe do Estado-Maior de De Gaulle, e o avisasse da invasão pouco antes de as tropas começarem a desembarcar. Mas Billotte decidiu não despertar De Gaulle, que fora dormir cedo. Quando soube da notícia na manhã seguinte, De Gaulle se inflamou de raiva. “Espero que o povo de Vichy os atire no mar”, disparou. “Não se ganha a França arrombando-a!”⁸ Contudo, depois de almoçar com Churchill, este o apaziguou. Naquela noite, ele fez uma transmissão por rádio dando total apoio à operação dos Aliados.

Só quando as tropas americanas chegaram em força, com muitas horas de

atraso devido ao desembarque caótico, Darlan mudou de atitude. Pediu para se encontrar com o comandante da 34ª Divisão de Infantaria para discutir o cessar-fogo, o que foi acordado para Argel. As tropas francesas voltariam às casernas sem entregar as armas.

A suspeita de Hitler da confiabilidade do governo de Vichy como aliado se incendiou. Cortar relações diplomáticas com os Estados Unidos não era suficiente, nem o acordo de Pierre Laval para que os aviões do Eixo usassem os campos de pouso da Tunísia. Em 9 de novembro, Laval foi chamado a Munique e desafiado a provar a sua lealdade à Alemanha com uma declaração de guerra aos Aliados. Era um passo demasiado longo para ele, e também para o resto do governo em Vichy.

Entrementes, Darlan não estendeu o cessar-fogo a Casablanca nem a Orã, onde o combate prosseguia. Ele precisava saber o que estava ocorrendo em Munique e na França. A confusão aumentou com a chegada a Argel do general Giraud, seguido do general Mark Clark, que indicou que deviam se preparar para descartar Giraud e tratar com Darlan. Por sorte, Giraud reconheceu que Darlan era seu superior e não criou confusão. Mas Eisenhower, de volta dos túneis úmidos do Rochedo de Gibraltar, só contava com alguns informes confusos para avaliar o progresso. Não havia notícias do general Patton e do desembarque em Casablanca. Nervoso, Eisenhower fumou um Camel atrás do outro e rezou.

Em Munique, acompanhado do conde Ciano, o secretário do Exterior de Mussolini, Hitler recebeu Laval e exigiu que as tropas francesas retivessem os portos e campos de pouso na Tunísia para o desembarque das tropas do Eixo. O ressentimento francês com a Itália era tão intenso depois da facada pelas costas de Mussolini em junho de 1940, que Laval hesitou em permitir que as forças italianas penetrassem em território francês. Mas indicou que se curvaria ao ultimato alemão, desde que o marechal Pétain pudesse protestar formalmente.

Na manhã seguinte, 10 de novembro, Darlan foi ao Hotel Saint-Georges em Argel, que Clark ocupava com o seu quartel-general. Os modos nada diplomáticos de Clark não foram bem recebidos por Darlan, que ressaltou ter uma patente muito superior à sua. Clark chegou a ameaçar impor o governo militar aliado a todo o território francês no norte da África. Darlan se conteve, pois precisava ganhar tempo. Ele não podia ordenar o cessar-fogo que Clark queria com tanta urgência enquanto Hitler não enviasse tropas à zona desmilitarizada da França, rompendo assim o acordo do armistício de 1940. Eisenhower explodiu ao ouvir de Clark que as negociações haviam emperrado: “Deus do céu! O que eu preciso é de um bom assassino.”⁹ Ao menos Orã fora tomada naquele dia pela 1ª Divisão de Infantaria americana, ao custo de 300 baixas, mas as forças francesas ainda resistiam às tropas de Patton no Marrocos,

mesmo depois de quase todos os seus navios terem sido afundados ao largo de Casablanca em uma batalha furiosa.

Bem cedo na manhã seguinte, Hitler anunciou que as tropas alemãs ocupariam o sul e o sudeste da França na Operação Anton. Ele continuava reconhecendo o governo de Pétain, mas a reputação do marechal estava em frangalhos. Muitos que o apoiavam pensavam que ele deveria ter fugido para o norte da África para se unir aos Aliados. Hitler deu ordens de ocupar também os Pireneus. O governo de Franco temia que Hitler exigisse a passagem de tropas pela Espanha para atacar Gibraltar, e em 13 de novembro um conselho de ministros ordenou a mobilização parcial.

Com o deslocamento alemão para a zona não ocupada da França, Darlan pôde alegar que Pétain era um prisioneiro. Ele ordenou que o cessar-fogo se estendesse por todo o território francês no norte da África. Mas Darlan não conseguiu enviar a frota francesa a Toulon, como Churchill esperava. O contra-almirante Jean de Laborde, que cismava com Darlan e temia que os seus marinheiros e oficiais quisessem se juntar aos odiados anglo-saxões, permaneceu leal a Vichy em um isolamento extraordinário. Os oficiais da Kriegsmarine asseguraram-lhe que as forças alemãs não tentariam tomar os seus navios nem o porto de Toulon, e Laborde manteve-se firme. Mas a chegada de tropas panzers da SS e o desentendimento crescente na sua tripulação o forçaram a tomar uma decisão. Quando as forças alemãs entraram no porto, ele deu ordens de afundar os navios. Quase cem navios de guerra foram explodidos ou afundados.

A Operação Torch custou aos Aliados 2.225 baixas, das quais aproximadamente a metade por morte, e os franceses perderam cerca de 3 mil homens. Patton e Clark reconheceram que o caos dos desembarques havia sido lamentável. Se a luta fosse contra o exército alemão e não contra as mal equipadas tropas coloniais francesas, eles teriam sido massacrados. Os oficiais britânicos fizeram piadas arrogantes sobre “Como era verde o nosso aliado”,¹⁰ mas foi doloroso ler os informes sobre a desorganização e a logística caótica. Acima de tudo, isto provou que o desejo do general Marshall de lançar uma invasão prematura da França teria sido catastrófico. Fossem quais fossem os motivos de Churchill e do general Brooke em forçar os americanos a invadir o norte da África, o resultado inegável é que estavam certos. O exército americano ainda tinha muito que aprender antes de enfrentar a Wehrmacht no norte da Europa e até mesmo na Tunísia.

O moral das tropas muitas vezes é volátil, e pode oscilar freneticamente entre o abatimento e o júbilo. A vitória fácil no Marrocos e na Argélia criou um otimismo insustentável. Com o estado de ânimo insuflado pelo vinho local barato, os soldados americanos pensavam que haviam provado o gosto do

sangue e estavam quase calejados pela batalha. Os que haviam visto os obsoletos tanques franceses Renault serem detidos por suas bazucas novas gritavam: “Tragam os panzers!”¹¹ Até mesmo Eisenhower disse a Roosevelt que esperava tomar Trípoli até o final de janeiro.

Nota:

^{*} Balaklava foi onde ocorreu a Carga da Brigada Ligeira na Guerra da Crimeia, quando tal brigada inglesa foi dizimada em sucessivas cargas de cavalaria contra canhões russos. *[N. do R. T.]*

O Sul da Rússia e a Tunísia

NOVEMBRO DE 1942 – FEVEREIRO DE 1943

Nas estepes congeladas do Don, os rumores do cerco soviético espalharam-se rapidamente no VI Exército. Em 21 de novembro de 1942, Paulus e o seu chefe de Estado-Maior voaram do quartel-general em Golubinsky nos dois últimos aviões leves Fieseler Storch em direção a Nizhne-Chirskaya, fora do *Kessel*. Lá, no dia seguinte reuniram-se com o general Hoth, do IV Exército Panzer, para discutir a situação e conversar sobre uma linha segura para o Grupo B de exércitos. Mas Hitler, ao saber onde Paulus estava, acusou-o de abandonar as tropas e ordenou-lhe que voasse de volta para se juntar ao seu Estado-Maior em Gumrak, 15 quilômetros a oeste de Stalingrado. Paulus ficou profundamente abatido com o insulto e Hoth precisou acalmá-lo.

Eles discutiram a ordem de Hitler para o VI Exército se manter firme apesar da ameaça do “cerco temporário”.¹ Supondo que logo Hitler cairia em si, eles concordaram que tal exército precisava de suprimento urgente de combustível e munição pelo ar, de modo a romper o cerco. Mas o comandante do 8º Corpo Aéreo alertou-os de que a Luftwaffe simplesmente não tinha suficientes aviões de transporte para suprir um exército inteiro. Com as formações panzer quase sem combustível e as divisões de infantaria privadas dos cavalos, Paulus sabia que o seu VI Exército teria de abandonar toda a artilharia, para não falar dos feridos, caso precisasse escapar. O tenente-general Arthur Schmidt, “um homem de pescoço taurino, olhos miúdos e lábios finos”,² comentou que “isto seria um fim napoleônico”.³ Paulus, que havia estudado minuciosamente a campanha de 1812, assombrava-se com esta perspectiva. O major-general Wolfgang Pickert, comandante da 9ª Divisão de Artilharia Antiaérea da Luftwaffe, chegou no meio da reunião. Disse que estava retirando a sua divisão imediatamente. Ele também sabia que a Luftwaffe não podia abastecer o VI Exército pelo ar.

Hitler não pretendia permitir que as tropas recuassem de Stalingrado. Ele investira tanto a sua reputação na tomada da cidade, especialmente com as suas

bravatas no discurso em Munique duas semanas antes, que não suportava a ideia de recuar. Ordenou então ao marechal de campo Von Manstein que deixasse o front norte e formasse um novo Grupo de Exércitos do Don para romper o cerco e resgatar o VI Exército. Ao saber das intenções de Hitler, Göring convocou seus oficiais de transportes mais antigos. Embora o VI Exército necessitasse de 700 toneladas diárias de suprimentos, ele perguntou aos oficiais se dariam conta de 500. Eles responderam que 350 era o máximo absoluto, e só por um curto período. Na esperança de adular Hitler, Göring garantiu ao quartel-general do Führer que a Luftwaffe poderia reabastecer o VI Exército. A falsa promessa selou o destino de Paulus e das suas forças. Em 24 de novembro, Hitler ordenou à “Fortaleza Stalingrado” com a frente no Volga que resistisse “independentemente das circunstâncias”.⁴

O Exército Vermelho havia cercado aproximadamente 290 mil homens no *Kessel* Stalingrado, número que incluía mais de 10 mil romenos e mais de 30 mil auxiliares russos *hivis* (prisioneiros de guerra soviéticos que passaram para o lado germânico).⁵ Hitler recusou-se a permitir que a notícia circulasse na Alemanha. Os comunicados do OKW falsificavam deliberadamente a verdade sobre a situação, mas começaram a circular rumores. Hitler queria culpar qualquer um, menos a si próprio, pelo triunfo soviético. Houve uma furiosa troca de palavras com o marechal Antonescu no Wolfsschanze, na Prússia Oriental, quando ele tentou atribuir a responsabilidade pelo desastre aos exércitos romenos nos flancos. Irado, Antonescu assinalou que os alemães haviam se recusado a equipar os seus homens com canhões anticarro adequados, e que todos os seus alertas sobre o ataque iminente haviam sido descartados. Ele não sabia que o VI Exército se recusava então a fornecer rações às suas tropas. Os oficiais alemães diziam: “É inútil alimentar os romenos porque eles se rendem de qualquer modo.”⁶

As tropas do VI Exército isoladas a oeste do Don haviam conseguido voltar a tempo para se juntarem ao grosso do grande comando. O *Kessel* Stalingrado adquiriu a forma de um crânio esmagado, com a testa na cidade e o resto defendendo o perímetro na estepe de uma área no Don medindo 60 por 40 quilômetros. Cinicamente, os soldados alemães referiam-se a ela como “a fortaleza sem teto”. As rações, insuficientes mesmo antes do cerco, foram cortadas drasticamente. Os homens ficavam exaustos cavando trincheiras no solo congelado, e na estepe erma havia pouca lenha para cobrir os bunkers de terra. Os oficiais tentaram animar os soldados com o argumento de que “Até a morte é preferível à prisão russa, e devemos resistir até o fim. A pátria não vai se esquecer de nós”.⁷

O cerco soviético retomou extensas áreas de território ocupado. A chegada das

tropas do Exército Vermelho era saudada com lágrimas de alegria pelos civis saqueados e famintos, mas o NKVD veio logo atrás e deteve os suspeitos de colaboração. O quartel-general da Frente do Don lançou uma série de ataques na primeira semana de dezembro na esperança de dividir o *Kessel*, mas o seu departamento de inteligência subestimou terrivelmente o efetivo do inimigo que estava cercado. O chefe de inteligência do general Rokossovsky pensava que estavam sitiados 86 mil homens, e não 290 mil.

Os oficiais soviéticos tampouco podiam imaginar o quão obstinados os alemães estavam em resistir. A promessa do Führer de que seriam resgatados foi aceita como a verdade do evangelho, principalmente pelos soldados jovens criados sob a égide do Nacional-Socialismo. “O pior já passou”, escreveu um soldado da 376ª Divisão aos pais com um otimismo ingênuo. “Todos esperamos estar fora do *Kessel* antes do Natal [...]. Quando esta batalha de cerco terminar, já não haverá guerra na Rússia.”⁸ Os oficiais encarregados dos suprimentos, depois de cortar as rações entre um terço e a metade, eram mais realistas. A escassez de forragem significava que os poucos cavalos remanescentes teriam de ser sacrificados.

Segundo cálculos do intendente-chefe do VI Exército, seriam necessários no mínimo 300 voos por dia e, no entanto, na primeira semana da ponte-aérea a média de voos diários fora de menos de 30. De qualquer modo, uma proporção considerável da tonelagem transportada era de combustível de avião para a viagem de regresso. Göring tampouco havia considerado o fato de que os campos de pouso no *Kessel* estavam ao alcance da artilharia pesada soviética, enquanto os caças inimigos e a artilharia antiaérea representavam um perigo constante. Em um só dia perderam 22 aviões de transporte em virtude da ação inimiga e de acidentes. Certos dias o tempo estava tão ruim que nenhum avião conseguia decolar. Richthofen telefonava constantemente para o coronel-general Hans Jaschonnek, chefe do Estado-Maior da Luftwaffe, para dizer-lhe que o plano de reabastecimento por via aérea estava condenado. Göring parecia incomunicável porque havia se retirado para o Hotel Ritz, em Paris.

Neste período, Stalin pôs o Stavka para trabalhar em planos mais ambiciosos. Após o sucesso da Operação Urano, ele queria isolar o Grupo de Exércitos do Don e encurralar o I Exército Panzer e o XVII Exército no Cáucaso. A Operação Saturno consistiria em um ataque de peso das Frentes do Sudoeste e de Voronezh ao VIII Exército italiano em direção ao baixo Don, onde ele desembocava no mar de Azov. Mas Jukov e Vasilevsky concordavam em que, como Manstein provavelmente tentaria desafogar o VI Exército atacando o nordeste ao mesmo tempo a partir de Kotelnikovo, ele devia limitar o plano a um ataque ao flanco esquerdo traseiro do Grupo de Exércitos do Don. A operação foi batizada de

Pequeno Saturno.

De fato, Manstein planejava o que previram. Praticamente a única coisa que lhe restava fazer era avançar a partir de Kotelnikovo. A sua ofensiva foi denominada Operação *Unternehmen Wintergewitter* (Tempestade de Inverno). Hitler simplesmente queria que o VI Exército fosse reforçado, de modo que mantivesse a base no Volga pronta para outras operações em 1943. Contudo, Manstein preparava secretamente uma segunda operação, chamada *Donnerschlag* (Trovoada), para destrinçar o VI Exército, na esperança de que Hitler criasse juízo.

Em 12 de dezembro, o restante da 4ª Panzer do general Hoth começou o ataque no norte. Ele havia recebido reforços da 6ª Divisão Panzer da França e um batalhão de novos tanques Tigre. Os soldados do VI Exército na extremidade sul do *Kessel* ouviram os disparos da barragem de preparação da artilharia a centenas de quilômetros de distância e o rumor se espalhou: “*Der Manstein kommt.*” A promessa de Hitler se cumpria, disseram uns aos outros. Não sabiam que ele não pretendia permitir que recuassem.

O ataque de Hoth ocorreu antes do que os comandantes soviéticos esperavam. Vasilevsky temia pelo LVII Exército no seu caminho, mas Rokossovsky e Stalin se recusaram a mudar as ordens. Por fim, Stalin concordou e ordenou que o II Exército de Guardas do general Rodion Malinovsky fosse desviado. O atraso não foi tão grave como poderia ter sido, porque um súbito degelo com chuvas torrenciais retardou o avanço dos tanques de Hoth quando combatiam acirradamente no rio Myshkova, a menos de 30 quilômetros do perímetro do *Kessel*. Manstein esperava que Paulus tivesse iniciativa, ignorasse as ordens de Hitler e começasse a romper o cerco para o sul. Mas Paulus era obediente demais à cadeia de comando e não se moveria sem ordens diretas do próprio Manstein. De qualquer modo, as suas tropas estavam famintas demais para avançar grandes distâncias e os panzers não tinham combustível suficiente.

Stalin autorizou a Pequeno Saturno modificada e ordenou que começasse em três dias. Em 16 de dezembro, os I e III Exércitos de Guardas e o VI Exército atacaram a débil frente italiana. A atitude italiana diante da guerra contra a União Soviética era muito distinta da alemã. Os oficiais italianos estavam chocados com a atitude racista dos alemães com relação aos eslavos, e quando se encarregavam das unidades da Wehrmacht esforçavam-se muito mais em alimentar os prisioneiros russos empregados em trabalhos pesados. Também eram amistosos com os aldeões locais que tiveram roupas e mantimentos confiscados pelos alemães.

As melhores formações italianas eram as quatro divisões do Corpo Alpino — Tridentina, Julia, Cuneense e Vicenza. À diferença da infantaria italiana comum,

os alpinos estavam acostumados às condições adversas do inverno, mas também se encontravam mal equipados. Tiveram de fazer calçados novos a partir dos pneus dos veículos soviéticos destruídos. Não tinham artilharia anticarro, os seus fuzis datavam de 1891 e as suas metralhadoras, não tendo sido fabricadas para as condições do Ártico, muitas vezes emperravam por congelamento. As viaturas, ainda pintadas com camuflagem do deserto, tampouco funcionavam em temperaturas extremas, que às vezes chegavam a menos de 30° centígrados. E as suas mulas, incapazes de aguentar a neve profunda, morriam de exaustão, falta de forragem e frio. Muitos homens ficaram enregelados, e, como os alemães, tentavam suprir as suas deficiências tirando as jaquetas e botas de feltro *valenki* dos soldados do Exército Vermelho mortos. As rações de minestrone e o pão chegavam duros de gelo. Até a ração de vinho era sólida. Os soldados e oficiais italianos odiavam e desprezavam o regime fascista, que os havia enviado tão despreparados àquela guerra.

Enquanto as divisões do Exército Vermelho atacavam em ondas com o grito de guerra “Urra! Urra!”, muitos nas formações do VIII Exército italiano resistiram com mais determinação que o esperado. Porém, mal armados e sem reservas, as suas defesas logo sucumbiram no caos. As tropas italianas, exaustas e fracas pela disenteria, recuaram em longas colunas pela neve como refugiados, com cobertores enrolados no corpo e na cabeça. O Corpo Alpino resistiu e reforçou o flanco do II Exército húngaro à sua esquerda.

As brigadas soviéticas de tanques abriram-se em leque na sua retaguarda, com os T-34 de lagartas largas avançando sobre a neve recente. Uma queda súbita na temperatura significava que o solo ficava outra vez duro. Os depósitos e os entroncamentos ferroviários com trens carregados de suprimentos eram facilmente capturados. Desde que a 17ª Divisão Panzer fora transferida para ajudar no ataque de Hoth, a retaguarda do Grupo de Exércitos do Don ficara sem reservas.

O maior perigo para o VI Exército ocorreu quando o 24º Corpo Blindado tomou o campo de pouso perto de Tatsinskaya, a principal base de transporte aéreo para abastecer o *Kessel*. O general-aviador Martin Fiebig ordenou às tripulações dos Junkers 52 que decolassem para Novocherkassk quando os tanques chegaram à beira do campo. Eles decolaram alinhados enquanto os tanques disparavam. Alguns explodiram em bolas de fogo, e um tanque atingiu um avião que taxiava. No total, 108 Ju 52 conseguiram decolar, mas a Luftwaffe perdeu 72 aviões, quase 10% de toda a sua frota de transporte. Os demais campos capazes de abastecer Stalingrado estavam muito longe dali.

A Pequeno Saturno forçou Manstein a rever toda a sua estratégia. Não só estava fora de questão substituir o VI Exército como o próprio marechal logo

teria que sair do Cáucaso. Manstein não teve coragem de contar a Paulus sobre a situação verdadeiramente desesperadora que o seu exército enfrentava. Alguns oficiais tinham uma clara noção da sua sina. “Nunca voltaremos a ver os nossos lares”, escreveu o capelão da 305ª Divisão de Infantaria, “nunca sairemos deste caos!”.⁹ Os oficiais da inteligência soviética, porém, se depararam com os prisioneiros alemães em um estado de negação e lógica confusa ante a possibilidade da derrota. “Acreditamos que a Alemanha vencerá a guerra”, disse um navegador da Luftwaffe de um Ju 52 derrubado ao tentar deixar Stalingrado, “senão, por que estaríamos aqui?”¹⁰ Um soldado expôs a mesma obstinação: “Se perdermos a guerra já não restará esperança alguma.” Em Stalingrado eles não sabiam que o front alemão no norte da África estava encurralado pelos dois lados.

O principal objetivo da Operação Torch era ocupar a Tunísia francesa antes que o Eixo deslocasse tropas para lá, mas os alemães reagiram com uma rapidez impressionante. Na manhã de 9 de novembro os primeiros caças alemães pousaram antes da tomada de Argel e Orã. Destacamentos avançados de infantaria e paraquedistas seguiram por via aérea no dia seguinte. O comandante francês local, ainda seguindo ordens de Vichy, não protestou diante da quebra das condições do armistício de 1940.

O avanço dos Aliados para o leste, em direção a Túnis, foi mal organizado e quase sem planejamento. O esquelético I Exército britânico, comandado por um escocês soturno, o tenente-general Kenneth Anderson, foi apoiado por diversas unidades blindadas americanas e alguns batalhões de infantaria franceses. Apesar do tamanho reduzido da força, que mal chegava a constituir um corpo, Anderson cometeu o erro de dividi-la em quatro eixos de progressão. Ele não sabia que em 25 de novembro o Eixo já havia deslocado 25 mil homens.

O único êxito verdadeiro do I Exército aconteceu no dia em que a Força-Tarefa, com o 1º Batalhão do 1º Regimento Blindado americano e o 17º Batalhão do 21º Regimento de Lanceiros avançaram sobre Túnis a partir do oeste. Os tanques Stuart americanos toparam com um campo de pouso da Luftwaffe perto de Djeideïda. Atacando como comandos, eles atravessaram a pista atirando nos Junkers 52, Messerschmitts e Stukas pousados. Destruíram mais de vinte aviões. O ataque provocou pânico e convenceu o tenente-general Walther Nehring, que havia comandado o *Afrika Korps* sob o mando de Rommel, a recuar para o seu perímetro de defesa. Mas o ataque ao campo de pouso não conseguiu minar a superioridade aérea alemã.

Em outra parte, paraquedistas e diversas forças alemãs emboscaram colunas predominantemente britânicas, causando grandes baixas. O 2º Batalhão do Regimento de Infantaria de Lancashire perdeu 144 homens em um só ataque em Medjez contra um batalhão de paraquedistas apoiado por canhões de 88 mm e alguns panzers. Para piorar, os aviões americanos atiraram nas suas próprias tropas terrestres. Estas começaram a disparar em qualquer avião que aparecesse, com o lema “Se voar, vamos derrubar”. A chegada da 10ª Divisão Panzer e alguns novos tanques Tigre desancaram as tropas de Anderson em 3 de dezembro, forçando-as a recuar com grandes perdas. Foi uma luta desigual contra um inimigo muito mais eficiente e mais bem armado.

Eisenhower ficou aliviado ao chegar a Argel, após semanas nos túneis úmidos do rochedo de Gibraltar. Mas em vez de conseguir focar na campanha deficiente na Tunísia, envolveu-se nos problemas do suprimento e da política francesa. Ele se deixava distrair pelos oficiais franceses e o seu “senso de humor mórbido”.¹¹ Esperava que os Aliados tivessem acordado um compromisso viável, com Darlan nomeado alto-comissário do norte da África e Giraud como comandante em chefe das forças francesas, embora ele ainda almejasse o comando supremo de todas as tropas aliadas. Por outro lado, o único motivo pelo qual Churchill apoiava Darlan — que ele entregasse a frota francesa em Toulon — desaparecera junto com os seus navios deliberadamente afundados.

Em seguida, Eisenhower teve um choque desagradável. Quando a notícia do “acordo de Darlan” vazou nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, a indignação

moral foi desmesurada. A imprensa e a opinião pública se espantaram com a ideia de que o comandante supremo dos Aliados tivesse alçado um traidor de Vichy a líder no norte da África, principalmente quando estava claro que a legislação antissemita continuava em vigor e os oponentes políticos não haviam sido libertados da prisão. Na verdade, os gaullistas estavam sendo tratados de um modo particularmente grosseiro. Contudo, Darlan não demonstrou muita satisfação com a sua posição. Tinha consciência de que em breve os americanos o descartariam como um “limão espremido”.

Sabidamente, De Gaulle manteve-se calado em público, já que o problema fora criado pelos americanos. Talvez já tivesse percebido que os oficiais de Vichy o odiavam quase tanto quanto odiavam os britânicos. Embora nunca o tenha reconhecido, a política americana de lidar com Darlan e Giraud à sua revelia terminou por operar a seu favor. Essas duas situações evitaram uma guerra civil no norte da África.

A Agência de Operações Especiais (SOE, na sigla em inglês) ficou alarmada com a profunda desconfiança provocada pelo acordo com Darlan não só entre os gaullistas em Londres, mas principalmente nas relações dos Aliados com a resistência francesa no interior e até mesmo em outros países. Junto com o OSS (Escritório de Serviços Estratégicos) americano, a SOE rapidamente criara bases em Argel para treinar diversos voluntários franceses jovens para trabalharem na Tunísia. Um dos recrutas era Fernand Bonnier, que havia começado a se misturar aos círculos monarquistas e acrescentara “de la Chapelle” ao seu nome em um gesto grandioso. Os que sonhavam com a restauração, com o conde de Paris coroado rei da França, consideravam De Gaulle um regente possível para abrir o caminho, porque era sabido que a família do general fora monarquista.

Neste mundo nebuloso de complicações conspiratórias formou-se um plano para assassinar Darlan. Ele envolveu gaullistas, que enviaram duas mil libras via Londres ao general François d’Astier de la Vigerie para financiar a operação; o tenente-coronel Douglas Dodds-Parker do Granadeiros de Guardas, o oficial mais graduado da SOE em Argel e Fernand Bonnier, que o executou. Dodds-Parker, que havia acompanhado o líder da resistência francesa Jean Moulin ao avião no seu regresso final à França, ensinou Bonnier a usar a pistola e mais tarde alegou, de modo incorreto, como ficou provado, que a sua própria arma havia sido usada no assassinato. Segundo o plano, Bonnier sumiria de Argel a bordo do *Mutin*, barco comandado por Gerry Holdsworth, da flotilha secreta da SOE para agentes infiltrados no Mediterrâneo. Contudo, logo depois de emboscar Darlan e atirar no seu estômago Bonnier foi detido, enfrentou a corte marcial e foi executado com uma pressa indecente.

Abalado com o acontecimento, embora antes tivesse desejado “um assassino

competente”, Eisenhower convocou Dodds-Parker ao quartel-general das forças aliadas e exigiu garantias categóricas de que a SOE não estava envolvida naquilo. Dodds-Parker as deu. É difícil dizer até que ponto o plano havia vazado. Em Londres, o OSS certamente estava a par e o aprovara, mas parece que nem Churchill nem Sir Charles Hambro, chefe da SOE, emitiram algum tipo de autorização para tal. O descarte do “limão espremido” provocou poucas lágrimas, mesmo entre os aliados que o haviam apoiado. Indiferente, na noite de Ano-Novo Roosevelt comentou com um convidado na Casa Branca que Darlan era só um “filho da mãe”.¹²

No bolsão de Stalingrado, as tropas cercadas do VI Exército mantiveram o moral alto com a chegada do Natal. Embora sofressem com piolhos, frio e fome, o Natal era uma alternativa escapista para ponderar a respeito do seu dilema fatal. Eles sabiam que a Operação de revezamento Tempestade de Inverno de Mainstein, que os tiraria daquela situação, havia falhado e, no entanto, muitos ainda eram presas da “febre de Kessel” e imaginavam que ouviriam a artilharia do Exército Panzer da SS prometido por Hitler chegando para socorrê-los. Eles não podiam acreditar que o Führer pudesse abandonar o VI Exército. Mas tanto o OKW quanto Manstein perceberam que ele teria de ser sacrificado para fixar os exércitos soviéticos que o cercavam enquanto as forças alemãs no Cáucaso eram evacuadas.

Os soldados do VI Exército sonhavam em comemorar o Natal “à moda alemã”.¹³ Prepararam pequenas lembranças para dar uns aos outros, muitas vezes pequenas talhas ou alimentos que haviam escondido e que mal podiam dispensar. Nos bunkers sob a neve, diante da adversidade, a camaradagem gerou uma generosidade extraordinária. Na noite de Natal eles cantaram “Noite Feliz”, e as palavras familiares fizeram muitos irromper em lágrimas ao recordar as suas famílias na Alemanha. Mas as benesses natalinas não se estenderam aos prisioneiros soviéticos mantidos em dois campos no *Kessel*. Privados de comida para não diminuir as rações dos alemães, os poucos sobreviventes foram impelidos a comer os cadáveres dos camaradas.

A realidade não podia ser negada por tempo demais. Durante dois dias não chegaram aviões com suprimentos devido ao ataque dos tanques soviéticos ao campo de pouso de Tatsinskaya. O VI Exército estava morrendo de fome aos poucos com a dieta de *Wasserzuppe* — uns tantos pedaços de carne de cavalo em neve derretida. O patologista do exército, o dr. Hans Girgensohn, que havia chegado ao *Kessel* em meados de dezembro, fez uma descoberta alarmante após realizar 50 autópsias. Os soldados morriam de fome muito mais rapidamente do

que ocorreria em outras circunstâncias. Ele concluiu que isto se devia ao efeito da interação do estresse, da desnutrição prolongada, da falta de sono e do frio intenso. Havia uma interferência no metabolismo corporal. Mesmo que o soldado ingerisse comida com algumas centenas de calorias, o seu sistema digestivo provavelmente absorvia apenas uma fração delas. A debilidade resultante também diminuía a sua capacidade de sobreviver às doenças. Mesmo os que não estavam enfermos sentiam-se fracos demais para tentar avançar pela neve alta e, de qualquer modo, Paulus não tinha coragem de desafiar as ordens de Hitler.

A situação nos hospitais de campanha era inacreditavelmente terrível. Mesmo no interior das tendas, o sangue congelava nas feridas abertas. Os membros gangrenados pelo enregelamento eram amputados. Nos dedos, usavam-se alicates. Não havia mais anestésicos, e quem tivesse ferimentos graves no estômago ou na cabeça era abandonado à morte. Os cirurgiões desesperadamente estafados eram obrigados a fazer uma triagem impiedosa. “O soldado alemão sofre e morre com bravura sem queixas”, escreveu o capelão da 305ª Divisão de Infantaria. “Até os amputados estavam tranquilos.”¹⁴

Só os feridos que podiam caminhar eram evacuados por avião, porque as padiolas ocupavam demasiado espaço. A Polícia Militar, armada com submetralhadoras, tentava conter as multidões de feridos e falsos doentes que tentavam invadir os aviões nas pistas de gelo de Gumrak e Pitomnik. Nem mesmo um lugar no avião não era garantia de sobrevivência. Os Junkers 52 sobrecarregados e os grandes Focke-Wulf Condors esforçavam-se por ganhar altura antes de chegar ao perímetro, de onde as baterias antiaéreas soviéticas disparavam. Os soldados viram alguns explodirem, cientes de que estavam repletos de camaradas feridos.

O ano novo de 1943 trouxe outro surto irracional de esperança quando, em uma mensagem, Hitler prometeu que “eu e toda a Wehrmacht faremos tudo o que pudermos para resgatar os defensores de Stalingrado, que com a sua firmeza alcançarão um dos feitos mais gloriosos na história do exército alemão”.¹⁵ Em respeito ao sofrimento do VI Exército, Hitler aboliu o consumo de conhaque e champanhe no seu quartel-general.

O povo alemão ainda não sabia que o VI Exército estava sitiado, e os soldados que escreviam para casa eram ameaçados com punições severas se revelassem este fato. Um deles enviou um desenho de ano novo, mas no canto, em letras miúdas, escreveu em francês: “Há 20 dias estamos cercados. É terrível ficar sentado aqui nesta armadilha. Eles nos dizem ‘Agente, agente!’, mas recebemos 220 gramas de pão por dia e um pouco de sopa de carne de cavalo. Quase não temos sal. Os piolhos são uma tortura e é absolutamente impossível

livrar-se deles. Os bunkers são escuros e lá fora a temperatura é de menos 20 ou 30 graus.”¹⁶ Contudo, esta carta nunca chegou ao seu destino, pois estava em uma saca do Correio de Campanha de um avião abatido. A inteligência da Frente do Don usava comunistas e desertores alemães para triar a correspondência interceptada. Outro soldado escreveu sarcasticamente: “No primeiro dia dos feriados tivemos ganso com arroz no jantar, no segundo dia ganso com ervilhas. Há muito tempo comemos ganso. Só que os nossos gansos têm quatro patas e ferraduras.”¹⁷

Stalin se queixava de cada atraso na montagem da Operação Koltso (Anel), o golpe de misericórdia para o VI Exército. Rokossovsky teria 47 divisões apoiadas por trezentos aviões. Em 8 de janeiro, o quartel-general da Frente do Don enviou dois emissários com uma bandeira branca oferecendo a Paulus os termos da rendição. Porém, quase certamente por ordem do seu chefe de Estado-Maior, o tenente-general Schmidt, eles foram mandados de volta com o documento que traziam.

Dois dias depois, ao amanhecer, a Operação Koltso teve início com um pesado bombardeio de artilharia e o rugir das baterias de foguetes Katyusha. Os oficiais do Exército Vermelho agora se referiam orgulhosos aos seus canhões como “o deus da guerra”. O principal ataque foi contra o “nariz de Marinovka”, um saliente a sudoeste do *Kessel*. Os soldados alemães, enrolados como espantalhos, mal conseguiam encostar os dedos inchados e enregelados no gatilho. A paisagem branca, com pequenos amontoados de neve marcando os corpos sem enterrar, ficou coalhada de buracos pretos de granadas com manchas amarelas nas bordas causadas pela pólvora. No setor sul, os remanescentes de uma divisão romena fugiram, deixando uma brecha de um quilômetro na linha de defesa. Imediatamente, o LXIV Exército enviou uma brigada de tanques T-34, cujas lagartas esmigalhavam a crosta de neve congelada.

Forçadas a recuar, as divisões alemãs no sudoeste não conseguiram criar uma nova linha de defesa, pois o solo estava duro demais para cavar trincheiras. Tinham tão pouca munição que os soldados esperavam que os atacantes soviéticos ficassem quase na distância do tiro à queima-roupa. O capelão da 305ª Divisão registrou o impiedoso ataque soviético “esmagando os feridos com os tanques, disparando sem piedade nos feridos e prisioneiros”.¹⁸

O aeródromo de Pitomnik era um caos desastroso, com aviões destruídos e pilhas de cadáveres congelados do lado de fora das tendas hospitalares. Havia pouco combustível para evacuar os demais feridos para os hospitais de campanha. Alguns foram arrastados em trenós, até os seus camaradas desistirem, exaustos. As cenas de sofrimento eram inimagináveis. O número de soldados desalentados e em choque que tentavam escapar de volta para a cidade em ruínas

era tão grande que a Polícia Militar não conseguia manter a disciplina. Contudo, a maioria dos homens resistiu, muitas vezes apoiados por *Hiwis* russos, que sabiam perfeitamente o que os esperava ao final da batalha.

Em 16 de janeiro, Pitomnik foi abandonado, e os últimos Messerschmitts pousados decolaram por ordem de Richthofen. O outro pequeno campo de pouso em Gumrak não tinha condições de receber aviões de transporte e estava sob o fogo direto da artilharia. A Luftwaffe começou a lançar suprimentos de paraquedas, mas a maior parte caiu por trás das linhas soviéticas. Naquele dia, um batalhão completo de tropas da 295ª Divisão de Infantaria se rendeu. Alguns comandantes de batalhões já não suportavam encarar o sofrimento dos seus homens. Eles mancavam com os pés enregelados, os lábios rachados, e os rostos barbudos tinham o aspecto amarelo ceroso dos moribundos. Os corvos sobrevoavam e pousavam para comer os olhos dos mortos e agonizantes.

O Exército Vermelho não tinha dó, principalmente depois de descobertas repulsivas. “Ao libertar a aldeia de Novo-Maksimovsky”, informou o NKVD da Frente do Don, “os nossos soldados encontraram 67 prisioneiros soviéticos em dois prédios com as janelas emparedadas, 60 deles mortos de fome e alguns corpos em decomposição. Os demais prisioneiros estão semimortos e a maior parte não consegue ficar de pé de tanta fome. Acontece que estes prisioneiros passaram dois meses nestes prédios. Os alemães os estavam matando de fome. Às vezes atiravam-lhes pedaços de carne de cavalo podre e lhes davam água salgada para beber.”¹⁹ O oficial encarregado do campo, Dulag-205, mais tarde afirmou durante o interrogatório na SMERSH que “no início de dezembro de 1942 o comando do VI Exército alemão, na pessoa do tenente-general Schmidt, deixou de abastecer o campo com alimentos e então começaram as mortes em massa devido à fome”.²⁰ Os soldados soviéticos não tiveram piedade dos feridos alemães, principalmente depois de se depararem com os últimos prisioneiros russos sobreviventes, famintos em outro campo em Gumrak. Tragicamente, de modo não intencional, os seus salvadores os mataram de tanto alimentá-los.²¹

Em 22 de janeiro, o quartel-general do VI Exército recebeu uma mensagem de Hitler. “Rendição fora de questão. Tropas lutarão até o fim. Se possível, manter a fortaleza reduzida com tropas em condições de lutar. A bravura e tenacidade da fortaleza permitiram criar uma nova frente e lançar contra-ataques. O VI Exército deu uma contribuição histórica na maior passagem da história alemã.”²² Em Stalingrado, onde os homens rastejavam “como animais selvagens”,²³ a situação nos porões era ainda pior, com talvez uns 40 mil feridos e doentes entre os vivos do VI Exército. Muitas vezes, os dedos dos pés e das mãos enregelados caíam ao serem retiradas as bandagens. Ninguém tinha forças para remover os cadáveres. Os piolhos cinzentos os deixavam em busca de carne fresca.

Em 26 de janeiro, os remanescentes do VI Exército foram divididos em dois quando o XXI Exército chegou às linhas da 13ª Divisão de Guardas de Rodimtsev, ao norte da Mamaev Kurgan. Paulus, que também sofria de disenteria, teve um colapso nervoso no porão da loja de departamentos Univermag, na Praça Vermelha. Agora Schmidt estava no comando. Muitos generais e oficiais de altas patentes se mataram para não enfrentar a humilhação da rendição. Alguns escolheram o “suicídio do soldado”, erguendo-se na trincheira para serem alvejados.

Hitler anunciou a promoção de Paulus ao posto de marechal de campo. Paulus sabia que aquilo era uma ordem em código para que se suicidasse, mas agora que a sua admiração por Hitler havia evaporado, ele não pretendia dar satisfações ao Führer. Em 31 de janeiro, os soldados do Exército Vermelho entraram no prédio da Univermag. “Paulus estava visivelmente nervoso”, escreveu o intérprete soviético, um tenente judeu chamado Zakhary Rayzman. “Os seus lábios tremiam. Ele disse ao general Schmidt que havia demasiada agitação e gente demais no cômodo.”²⁴ Rayzman escoltou oficiais e soldados alemães de volta ao quartel-general da sua divisão. Precisou impedir que os soldados do Exército Vermelho tentassem humilhá-los no caminho. “É uma ironia do destino”, comentou um coronel alemão com a intenção de ser ouvido. “Um judeu impede que nos machuquem.” Paulus e Schmidt foram levados ao quartel-general do LXIV Exército, comandado pelo general Shumilov, onde a rendição foi filmada. O tique nervoso de Paulus ainda era bastante evidente.

Hitler ouviu a notícia da rendição em silêncio. Aparentemente, fitava a sua sopa de legumes. Porém, no dia seguinte a sua raiva contra Paulus explodiu porque ele não tinha se suicidado. Em 2 de fevereiro, o general Strecker, comandante dos poucos remanescentes do 11º Corpo nas ruínas ao norte de Stalingrado, também se rendeu. O Exército Vermelho descobriu que eles tinham 91 mil prisioneiros em suas mãos, muito mais do que o esperado. Em virtude principalmente da falta de preparativos, por algum tempo eles não receberam alimentos nem assistência médica. Quando a primavera chegou, quase a metade havia morrido.

As baixas soviéticas em toda a campanha de Stalingrado chegaram a 1,1 milhão, dos quais quase meio milhão morreram. O exército alemão e seus aliados também perderam mais de meio milhão de homens, entre mortos e capturados. Em Moscou, os sinos do Kremlin repicaram com a vitória. Stalin foi saudado como o grande arquiteto da vitória histórica. A reputação da União Soviética cresceu em todo o mundo e atraiu muitos recrutas para os movimentos de resistência liderados por comunistas.

Na Alemanha, as estações de rádio receberam instruções de tocar música

solene. Depois de se recusar sistematicamente a reconhecer que o VI Exército estivera cercado desde novembro, Goebbels agora tentava fingir que todo aquele exército havia perecido na resistência final: “Eles morreram para que a Alemanha pudesse viver.” Mas a tentativa de criar um mito heroico surtiu o efeito contrário. Rapidamente espalharam-se rumores pela Alemanha, principalmente entre os que ouviam secretamente a BBC, de que Moscou havia anunciado a prisão de 91 mil homens. O choque da derrota foi avassalador. Só os fanáticos nazistas ainda acreditavam que era possível vencer a guerra.

O OKW ficou abalado com a “grande agitação causada entre o público alemão”²⁵ após a rendição do VI Exército em Stalingrado e emitiu um alerta severo aos oficiais para que não piorassem a situação criticando as lideranças militares e políticas com “os chamados relatos factuais” da luta. As tentativas de infundir a “visão nacional-socialista” às Forças Armadas aumentaram e, no entanto, as autoridades recebiam informes de que oficiais mais antigos dos “dias da soldadesca apolítica”²⁶ do exército do Reich tinham pouco interesse em doutrinar os seus soldados. Os oficiais comprometidos e a SS queixaram-se de que o Exército Vermelho era muito mais eficaz nos seus ensinamentos ideológicos.

Em 18 de fevereiro, Goebbels invocou o tema “Guerra Total — Guerra Curta!”²⁷ em uma reunião de massa no Palácio dos Esportes de Berlim. A atmosfera era elétrica. Ele gritou do pódio: “Vocês querem a guerra total?” A audiência se ergueu e urrou afirmativamente. Até um jornalista antinazista que cobria o evento confessou mais tarde que também havia pulado de entusiasmo e quase não pôde deixar de gritar “Ja!” com o resto da multidão. Mais tarde, disse a amigos que, se Goebbels tivesse gritado “Vocês todos querem morrer?”, a multidão teria concordado aos berros. O regime nazista havia transformado a população do país em cúmplices, voluntários ou não, dos seus crimes e da sua insanidade.



Nanquim, dezembro de 1937. Tropas japonesas treinam usando baionetas contra prisioneiros chineses nas "covas da morte". (Keystone/Getty)



Artilharia japonesa avança no sul da China. (Corbis)



Joseph Goebbels e Hermann Göring. (Der Spiegel)



Varsóvia, agosto de 1939. Cidadãos leem sobre as ameaças de Hitler. (Getty)



O bombardeio de Narvik, Noruega, abril de 1940. (Getty)



Guarnição de um tanque francês B1 se rende às tropas alemãs, maio de 1940. (Getty)



Retirada de Dunquerque. Náufragos franceses do contratorpedeiro Bourrasque, 30 de maio de 1940. (Hulton/Getty)



Batalha da Inglaterra: tripulação alemã detida pela Guarda Territorial, 12 de setembro de 1940. (Getty)



Hans Frank, chefe do *Generalgouvernement*, convoca o clero polonês. (Getty)



Paraquedistas alemães vitoriosos em Iráklío, Creta, 1º de junho de 1941. (W. John)



Operação Exporter: viatura blindada inglesa com metralhadora Bren, montada na Síria, junho de 1941. (Time & Life/Picture/Getty)



Operação Barbarossa: aldeia ucraniana incendiada, julho de 1941. (Arquivo Fotográfico e de Documentários do Estado Russo)



Infantaria do Exército Vermelho no grande contra-ataque de Moscou, dezembro de 1941. (RIA Novosti)



O navio USS Shaw explode no ataque japonês a Pearl Harbor, 7 de dezembro de 1941. (Getty)



Hitler declara guerra aos Estados Unidos na Sala de Ópera Kroll do Reichstag, 11 de dezembro de 1941. (Bundesarchiv)



Contraofensiva soviética perto de Moscou, dezembro de 1941. (Arquivo Fotográfico e de Documentários do Estado Russo)



Serviços de suprimentos alemães reduzidos a carroças camponesas com tração animal, dezembro de 1941. (TopFoto)



Assistente de enfermagem venda um soldado soviético ferido. (Arquivo Fotográfico e de Documentários do Estado Russo)



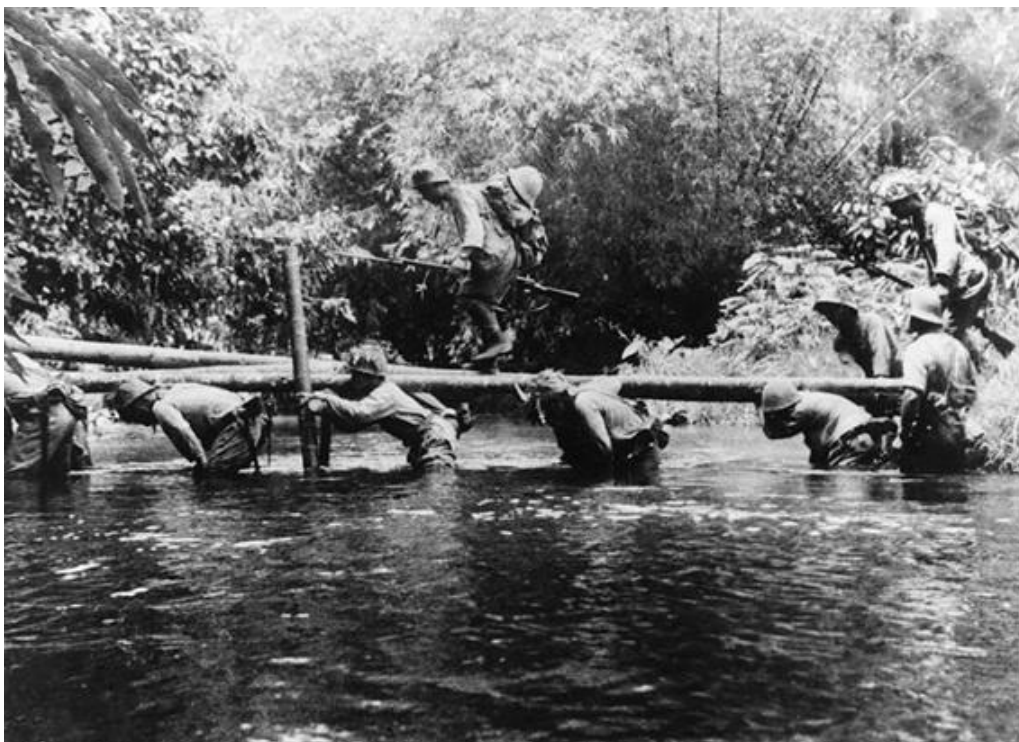
Os efeitos da fome: três fotos de Nina Petrova em Leningrado, maio de 1941, maio de 1942 e outubro de 1942. (Museu de História de São Petersburgo)



Evacuados de Leningrado na "estrada de gelo" através do lago Ladoga, abril de 1942. (Rafael Mazalev)



Rommel no norte da África: foto tirada pelo fotógrafo pessoal de Hitler, Heinrich Hoffmann, e empregador de Eva Braun. (Getty)



Avanço japonês na Birmânia, com soldados servindo de apoio para pontes. (Ullstein/TopFoto)



Tropas japonesas comemoram a vitória em Corregidor, na entrada da baía de Manila, 6 de maio de 1942. (Getty)



Oficiais alemães relaxam em um café na Champs-Élysées, Paris. (Corbis)



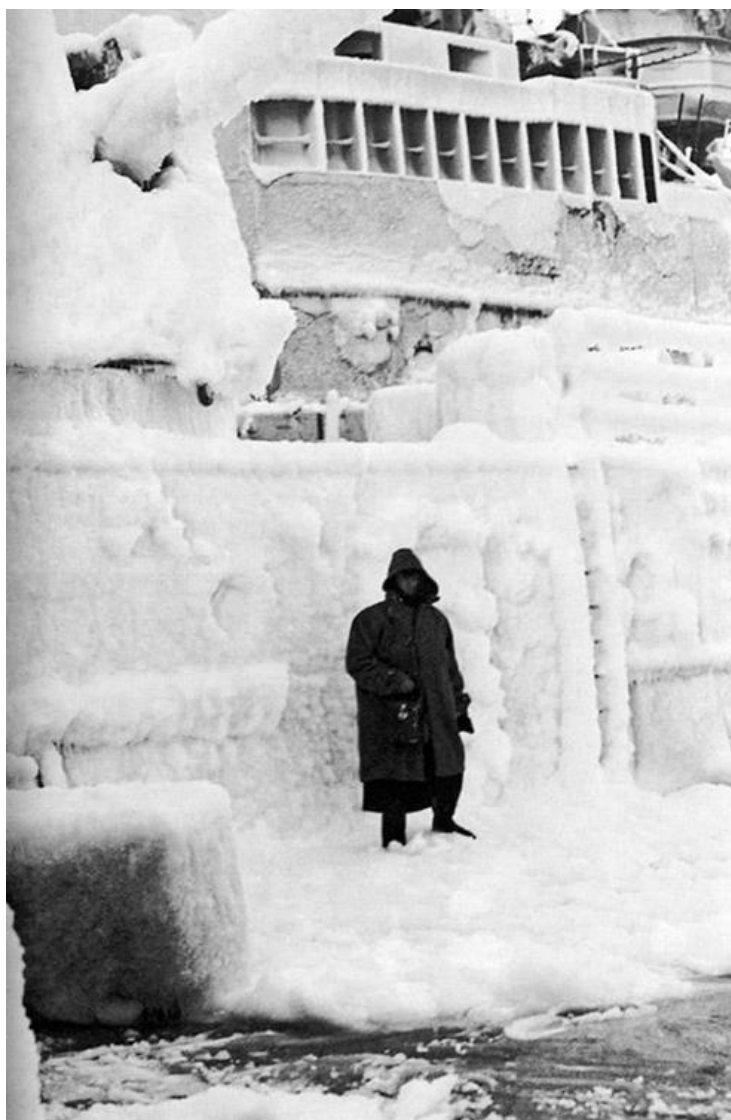
Infantaria alemã em Stalingrado. (Art Archive)



Fuzileiros navais americanos invadem o atol Tarawa, nas Ilhas Gilbert, 19 de novembro de 1943. (Getty)



Prisioneiro em um campo de concentração alemão preso ao arame farpado para ser executado. (Bildarchiv)



O navio britânico HMS Belfast em um comboio no Ártico, novembro de 1943. (Museu Imperial da Guerra)



Mobilização da indústria bélica soviética. (Arquivo Fotográfico e de Documentários do Estado Russo)



Destacamento da cavalaria japonesa na China. (Ullstein/TopFoto)



Hamburgo após os intensos ataques em fins de julho de 1943. (Getty) Encarte



O generalíssimo e a madame Chiang Kai-shek sorriem para as câmeras ao lado do general Stilwell. (George Rodger/Magnum Photos)



MacArthur, Roosevelt e Nimitz em Pearl Harbor, 26 de julho de 1944. (Time & Life/Getty)



Tropas americanas desembarcam em Bougainville, Ilhas Salomão, 6 de abril de 1944. (Time & Life/Getty)



Acidente com um Hellcat em um porta-aviões. (Getty)



Prisioneiro alemão em Paris, 26 de agosto de 1944. (Biblioteca Histórica da Cidade de Paris)



Carregadores de macas no Levante de Varsóvia, setembro de 1944. (Museu do Levante de Varsóvia)



Atendimento médico durante o bombardeio de Berlim. (Bundesarchiv)



Churchill em Atenas com o arcebispo Damaskinos, dezembro de 1944. (Dmitri Kessel)



Tropas britânicas ocupam Atenas, dezembro de 1944. (Dmitri Kessel)



Praia Vermelha em Iwo Jima, fevereiro de 1945. (Getty)



Mulher filipina resgatada durante a batalha por Intramuros, em Manila, fevereiro de 1945. (Time & Life/Getty)



Infantaria soviética sobre canhão autopropulsado SU-76 em uma cidade alemã incendiada. (Planeta, Moscou)



Civis esperam para entrar na torre de um abrigo antiaéreo em Berlim. (Bildarchiv)



“Para Berlim”, controladora soviética de tráfico. (Arquivo Fotográfico e de Documentários do Estado Russo)



Civis limpam destroços em Dresden após o bombardeio, fevereiro de 1945. (Bildarchiv)



Avião de carga C-46 aterrissa em K'un-ming. (William Vandivert para Life/Getty)



Pilotos camicases japoneses posam para uma foto comemorativa. (Keystone/Getty)



Galeria de mármore na bombardeada chancelaria do Reich. (Museu Berlin-Karlshorst)



Alemães feridos em Berlim, 2 de maio de 1945. (Museu Berlin-Karlshorst)



Os japoneses rendem-se no USS *Missouri*, 2 de setembro de 1945. (Corbis)



Civis desalojados em Okinawa. (Arquivos Nacionais Americanos e Registros do Governo)

Casablanca, Kharkov e Túnis

DEZEMBRO DE 1942 – MAIO DE 1943

Em dezembro de 1942, enquanto o I Exército de Anderson lutava nas colinas açoitadas pelas chuvas na Tunísia, o VIII Exército de Montgomery fracassava em não aproveitar o êxito contra o Panzerarmee de Rommel que batia em retirada. Temeroso de manchar a sua reputação como garantidor da vitória, Montgomery não quis arriscar derramar sangue com um súbito contra-ataque em que os alemães eram mestres. Muitos regimentos também se alegraram em deixar “outros infelizes correrem atrás deles”,¹ como afirmou o comandante do Regimento dos Sherwood Rangers. Eles pensavam que já tinham feito a sua parte e preferiram se dedicar a saquear pistolas Luger, álcool, charutos e chocolates das viaturas alemãs abandonadas.

Talvez Montgomery estivesse correto em reconhecer que o exército britânico ainda não estava pronto para enfrentar os alemães em uma guerra de movimento, mas os seus preconceitos contra a cavalaria marcaram uma conduta cautelosa demais nas operações. Só os regimentos motorizados, os 11º de Hussardos e os Dragões Reais, avançaram o suficiente para acossar de modo consistente os alemães em retirada. Embora então as forças de Rommel estivessem reduzidas a aproximadamente 50 mil homens e menos de um batalhão de carros de combate, a relutância de Montgomery em correr riscos levou-o em certo momento a considerar deixar Trípoli e Túnis para o I Exército de Anderson. Esta complacência se refletiu nos escalões mais baixos. “Todos havíamos visto o inimigo tão desorganizado que não parecia possível que se reagrupasse e nos desse muito trabalho”, escreveu o poeta Keith Douglas, tenente dos Sherwood Rangers. “Quando soubemos dos desembarques no norte da África, pouca gente esperava mais do que um par de semanas de limpeza de focos de resistência antes do final da campanha africana.”²

A Força Aérea do Deserto no Egito também havia sido criticada por sua incapacidade de paralisar os blindados de Rommel quando eles recuaram para a

Líbia pelo Passo Halfaya. Mas ela foi retardada pelo tempo consumido na aquisição de combustível e suprimentos para os seus campos de pouso avançados. O vice-marechal do ar Coningham pediu ajuda aos americanos e o comando de Brereton, agora designado 9ª Força Aérea, transportou combustível para a frente. Certo de que a guerra no norte da África estava perdida, Rommel criou uma linha de defesa em Mersa el Brega, a leste de El Agheila, no golfo de Sirte, onde havia começado a campanha no deserto em fevereiro de 1942.

Em 14 de janeiro de 1942, Roosevelt chegou a Casablanca, exausto após uma viagem de cinco dias dos Estados Unidos. Naquela noite, encontrou-se com Churchill em Anfa e, no dia seguinte, a Junta Combinada de Chefes de Estados-Maiores se reuniu para ouvir o informe de Eisenhower sobre a campanha no norte da África. O comandante das forças aliadas estava visivelmente nervoso. Gripado, o seu consumo voraz de cigarros Camel não ajudava, e tinha a pressão sanguínea muito alta. O ataque improvisado a Túnis havia fracassado. Eisenhower jogou a culpa na chuva, na lama e na dificuldade de trabalhar com os franceses, e não na recusa de Anderson de concentrar as suas forças já fracas. Ele reconheceu o caos do sistema de suprimentos, que Bedell Smith, o seu chefe de Estado-Maior, estava tentando resolver.

Em seguida, Eisenhower delineou um plano de ataque até Sfax, no golfo de Gabes, com uma divisão do 2º Corpo do major-general Lloyd Fredendall. Do seu jeito cortante, o general Brooke derrubou o plano. Ele assinalou que a força atacante seria esmagada entre Rommel e o chamado V Exército Panzer do coronel-general Hans-Jürgen von Arnim em Túnis. Com as pálpebras caídas e o magro rosto aquilino, inclinado para adiante, Brooke parecia uma mistura de ave de rapina e réptil, principalmente quando passava a língua pelos lábios. Profundamente abalado, Eisenhower se dispôs a repensar o plano e retirou-se da sala.

A conferência de Casablanca não foi o melhor momento de Eisenhower, e ele confessou a Patton que temia ser exonerado. Também foi censurado pelo general Marshall por causa da má disciplina das tropas americanas e do caos na retaguarda. Por sua vez, o Corpo de Exército de Patton, inteligentemente apresentado em Casablanca, causou boa impressão em todos, como ele garantira que ocorreria.

O principal objetivo da conferência era criar uma estratégia. O almirante King foi peremptório na crença de que os recursos dos Aliados deviam ser concentrados contra os japoneses no Pacífico. Ele discordou veementemente da política de “sustar operações” no Extremo Oriente. Os americanos estavam

muito mais interessados que os britânicos em apoiar os nacionalistas de Chiang Kai-shek. Contudo, o general Brooke estava determinado a obter um acordo pleno sobre o fim da guerra no norte da África para depois invadir a Sicília. Desesperou-se com a falta de tino estratégico de Marshall. Este se afeitava à ideia de uma invasão pelo canal da Mancha em 1943, mas estava claro que o exército americano ainda não estava pronto para enfrentar as 44 divisões alemãs na França, e os Aliados careciam dos navios e barcas necessários para o transporte e o desembarque. Marshall foi forçado a ceder. Graças à boa preparação da equipe, os britânicos tinham todas as estatísticas à mão. Os americanos não.

Brooke percebeu que Marshall era um organizador brilhante da força militar americana, mas não sabia o que fazer com ela. Uma vez que os americanos haviam sido convencidos de desistir da invasão da França e estavam indecisos sobre o curso a seguir, Brooke conseguiu dobrá-los. Ele também precisou vencer uma disputa contra a própria equipe de planejamento britânica, que queria invadir a Sardenha em vez da Sicília. Por fim, em 18 de janeiro, com a ajuda do marechal de campo Dill, o adido militar em Washington, e do marechal do ar Sir Charles Portal, Brooke persuadiu os americanos a concordarem com sua estratégia mediterrânea na Operação Husky, a invasão da Sicília. O general-brigadeiro Albert C. Wedemeyer, um planejador do Departamento da Guerra que desconfiava profundamente dos britânicos, foi forçado a admitir mais tarde que “viemos, ouvimos e fomos conquistados”.³ A conferência de Casablanca foi o ponto mais alto da influência britânica.

Durante a conferência em Anfa, britânicos e americanos puderam se conhecer melhor, mas nem sempre com admiração. À sua maneira de cavalarião, Patton enxergou no general Alan Brooke “um simples funcionário”.⁴ A opinião de Brooke sobre Patton era muito mais próxima da realidade. Ele o descreveu como “um líder elegante, corajoso, precipitado e desequilibrado, bom em operações que exigem ímpeto e investida, mas desorientado nas que exigem habilidade e discernimento”.⁵ Uma coisa em que ambas as partes concordavam era que o general Mark Clark só estava interessado no general Mark Clark. Eisenhower se deu bem com o almirante Cunningham e o marechal do ar Sir Arthur Tedder, que mais tarde se tornaria o seu vice, mas aos olhos dos americanos “Ike” recuou demais e cedeu à influência britânica. O general Alexander foi nomeado para comandar todas as forças terrestres. Embora em princípio Patton admirasse Alexander, ficou contrariado com o que considerou um rebaixamento do exército americano. Pouco depois, escreveu em seu diário que “Ike é mais britânico que os britânicos e é como argila nas mãos deles”.⁶

Mas até Eisenhower não gostava da ideia de trabalhar com um conselheiro

político britânico na forma de Harold Macmillan. Este estava decidido a apoiar De Gaulle e, após o assassinato de Darlan, Eisenhower e Roosevelt não podiam fazer grande coisa para mantê-lo à parte. Eisenhower também temia a interferência na cadeia de comando devido aos vínculos estreitos entre Macmillan e Churchill e o seu status ministerial, mas Macmillan não tinha intenção de fazer valer tal status. Ele reconheceu que logo os americanos teriam poder quase total na aliança, e por isso preferia uma abordagem mais sutil. Remontando-se à sua educação clássica ao comparar os americanos aos romanos, pensava que a melhor maneira de lidar com o mais poderoso aliado dos britânicos era assumir o papel dos “escravos gregos [que] conduziam as operações do imperador Claudius”.⁷

Eisenhower ainda estava abalado com a reação da imprensa americana e britânica ao caso Darlan. “Sou uma mescla de ex-soldado”, escreveu ele a um amigo, “pseudoestadista, político amador e falso diplomata.”⁸ Depois de naufragar em todos os campos, ele delegou as tratativas políticas e diversos outros problemas a Bedell Smith, um fardo que não contribuiu para curar a úlcera de “Beetle”. Contudo, embora fosse conhecido pela aspereza com os oficiais americanos, Bedell Smith conseguiu boa relação com britânicos e franceses.

O problema pendente no norte da África, que Churchill e Roosevelt se esforçaram por resolver em Casablanca, era o papel do general Charles de Gaulle. Roosevelt continuava a desconfiar dele, porém, a instâncias de Churchill, Giraud e De Gaulle foram levados à conferência e apertaram as mãos diante das câmeras. Displacientemente, o presidente americano havia prometido a Giraud armas e equipamentos para onze divisões francesas, sem verificar se isto era possível. De Gaulle, porém, que inicialmente recusara o convite para ir a Casablanca, ficou contente em deixar Giraud como comandante em chefe das forças francesas no norte da África, desde que ele tivesse a liderança política. Para isto, precisou esperar um pouco mais. Esta inversão no poder não seria muito difícil, como ele sabia. O bravo “soldado de chumbo” não era páreo para o mais obstinado dos generais políticos.

Depois que a cena constrangedora dos dois generais franceses em um aperto relutante de mãos foi repetida para os fotógrafos, o presidente Roosevelt anunciou que os Aliados pretendiam obter a rendição incondicional da Alemanha e do Japão. Churchill afirmou que a Grã-Bretanha estava de pleno acordo, embora tenha se surpreendido de que Roosevelt divulgasse este objetivo. Em sua opinião, as implicações disto não haviam sido completamente avaliadas, embora ele tivesse obtido a concordância prévia do Gabinete de Guerra. Contudo, a declaração, que buscava dar garantias ao desconfiado Stalin,

provavelmente não fez muita diferença no resultado da guerra. As lideranças nazista e japonesa pretendiam lutar até o fim. Outra decisão importante com o objetivo de apressar o resultado foi a intensificação da campanha de bombardeio estratégico contra a Alemanha pelo Comando de Bombardeiros e a 8ª Força Aérea americana.

Como Churchill previra, Stalin não se impressionou ao receber a mensagem conjunta de Roosevelt e do primeiro-ministro enviada de Marrakesh informando-lhe das decisões tomadas em Casablanca. Contudo, os desembarques da Torch haviam levado Hitler a reforçar a Tunísia e ocupar o sul da França. Isto desviou as tropas alemãs de modo muito mais eficaz do que uma operação fracassada através do canal da Mancha. Também forçou a Luftwaffe a redirecionar 400 aviões da frente leste, com resultados desastrosos. Ao final da primavera de 1943, as formações de Göring haviam perdido 40% da sua força no Mediterrâneo. Mas Stalin não se apaziguou com estes detalhes. O que o irritou foi a decisão anglo-americana de postergar o confronto com os alemães na França em uma batalha de atrito. O Exército Vermelho ainda enfrentava e continuaria a enfrentar a parte maior e mais avassaladora do exército alemão.

Em 12 de janeiro, poucos dias antes da conferência de Casablanca, o Exército Vermelho lançou a Operação Iskra (Centelha) ao sul do lago Ladoga para romper o cerco alemão a Leningrado. Jukov foi novamente enviado por Stalin para coordenar a ofensiva e empregou o II Exército de Choque em um ataque a partir do “continente”, o LXVII Exército do lado de Leningrado e três brigadas de tropas de esquiadores, que atravessaram o enorme lago congelado. O LXVII Exército teria que cruzar o Neva, portanto a ofensiva foi postergada até que o gelo no rio estivesse suficientemente espesso para aguentar os tanques mais leves.

A ofensiva começou com um bombardeio pesado e terminou com uma tempestade de foguetes Katyusha. À temperatura de menos 25º centígrados, as tropas soviéticas camufladas de branco surgiam no meio do gelo. No canto sudoeste do lago Ladoga, a fortaleza tsarista de Shlisselburg foi cercada. Em dois dias de luta na floresta e no pântano congelado, as vanguardas dos dois exércitos atacantes estavam a dez quilômetros uma da outra. As tropas soviéticas conseguiram inclusive recuperar um tanque Tigre intacto, um butim importante para os seus engenheiros estudarem.

Em 15 de janeiro, Irina Dunaevskaya, uma jovem intérprete, atravessou o Neva congelado para visitar o campo de batalha. Ela viu homens mortos “sob uma capa transparente de gelo, como em um sarcófago de vidro”.⁹ Em um

quartel-general alemão capturado, encontrou os soldados do Exército Vermelho enrolando cigarros com o papel das listas de recomendação de medalhas de honra. Em virtude dos apelidos, ela supôs que eram criminosos libertados transferidos do *Gulag*. Do lado de fora havia “copas e ramos de árvores pelo solo, árvores derrubadas, neve preta de fuligem e corpos de soldados, dispersos ou empilhados, a maioria de inimigos, mas também dos nossos, cadáveres de cavalos, munição espalhada, e armas destroçadas — demasiado para os olhos de uma mulher [...] o cadáver de um alemão louro muito jovem jazia na estrada em uma pose muito natural, como se estivesse vivo. Três corpos chamuscados de soldados alemães ainda estavam sentados no banco dianteiro da sua imensa viatura. De novo, havia cadáveres dos nossos soldados na estrada sob o gelo, como se estivessem sob um vidro, esmagados em uma folha plana pelos veículos pesados que há pouco haviam passado por cima deles [...] longe de nós, a paisagem tinha um tom branco acinzentado, e os pinheiros eram marrom-acinzentados. Todas as cores eram austeras, frias e solitárias”.

“As suas preces”, um motorista de tanque escreveu à mãe, “devem estar me protegendo nas batalhas, pois atravessei campos minados quatro ou cinco vezes são e salvo quando muitos tanques foram detonados e um foguete que explodiu no meu blindado matou o comandante e o atirador, mas não me feriu. Aqui, nos tornamos ao mesmo tempo fatalistas e extremamente supersticiosos. Ando sedento de sangue. Cada Fritz morto me deixa contente.”¹⁰

Em 18 de janeiro, os dois exércitos soviéticos fecharam o fosso, a um custo de 34 mil baixas. O cerco a Leningrado foi rompido, embora a cabeça de ponte entre a cidade e o “continente” só tivesse uma dúzia de quilômetros de largura. Naquele dia, Stalin promoveu Jukov a marechal.

Com uma nova ferrovia atravessando a faixa conquistada ao sul do lago Ladoga, os suprimentos para Leningrado aumentaram consideravelmente. Contudo, a linha ainda estava ao alcance da artilharia alemã, por isso o comando soviético lançou outra ofensiva, a Operação Polyarnaya Zvezda (Estrela Polar), comandada pelo marechal Timoshenko. Este ordenou que a cidade de Sinyavino fosse tomada pelo Exército Vermelho em 23 de fevereiro. A tentativa de aprofundar a cabeça de ponte começou com um forte bombardeio da artilharia. O solo estava tão alagado que as granadas que explodiam se limitavam a formar gêiseres de lama, e muitas não chegaram a explodir. As tropas do Exército Vermelho penetraram nas linhas alemãs e avançaram pela floresta de pinheiros e bétulas. Vasily Churkin recordou que passaram por um bordel de campo: “uma barraca de dois pisos que os alemães haviam montado às pressas com tábuas toscas. Dizem que ali viviam 75 moças russas das vilas vizinhas. Os alemães as haviam forçado.”¹¹

O 26º Corpo do Exército alemão programou o contra-ataque com grande habilidade. “Vimos diversos tanques Tigre avançar disparando na nossa direção”, escreveu Churkin. “Atrás deles vinha a infantaria alemã. Quando os tanques se aproximaram, os nossos soldados começaram a sair das trincheiras e recuar. Os comandantes dos pelotões gritavam com os covardes, mandando-os regressar às trincheiras, mas o pânico se espalhou mais depressa.”

Uma das formações da Wehrmacht que sofreu muito com a Operação Estrela Polar foi a *División Azul* espanhola,¹² composta principalmente por voluntários falangistas. A decisão de formá-la foi tomada em Madri cinco dias após o lançamento da Operação Barbarossa. A direita espanhola continuava afirmando que a União Soviética havia sido a principal instigadora da guerra civil. Quase um quinto dos primeiros voluntários eram estudantes, e pode-se argumentar que a Divisão Azul era uma das formações intelectualmente mais preparadas que já foram à guerra. Comandada pelo general Agustín Muñoz Grandes, um oficial regular do exército que se tornara falangista, foi constituída como a 250ª Divisão de Infantaria e enviada à frente de Novgorod após ser treinada na Bavária. Naquela região de florestas e pântanos, os homens sofreram muito com doenças e, depois, com o enregelamento. Mas Hitler se impressionou com a sua resistência ao ataque e a sua contribuição para a destruição do II Exército de Choque do general Vlasov, na primavera de 1942.

Defendendo um setor no rio Izhora, a Divisão Azul resistiu, apesar de ter sofrido 2.525 baixas em 24 horas de luta. Um dos regimentos foi dizimado, mas a linha foi restabelecida com reforços alemães. A batalha foi a maior e a mais cara da divisão em toda a guerra, e certamente contribuiu para o fracasso da ofensiva soviética.

No sul da Rússia, a Operação Pequeno Saturno havia forçado Manstein a recuar o I Panzer e o XVII Exército para a cabeça de ponte de Kuban, no canto noroeste do Cáucaso, ao sul de Rostov. Rokossovsky queixou-se porque haviam perdido uma oportunidade com a diminuição da ofensiva e o fracasso em avançar até Rostov para isolar o inimigo por completo. Contudo, mais uma vez Stalin passava por uma febre otimista, como ocorrera no ano anterior. Esqueceu-se de como o exército alemão se recuperara rapidamente de um desastre e queria libertar o leste da Ucrânia nas operações no Donbas e em Kharkov com os exércitos disponíveis após a rendição do VI Exército.

Em 6 de fevereiro, Manstein encontrou-se com Hitler, que em princípio assumiu a responsabilidade pela derrota em Stalingrado, mas depois culpou Göring e outros pelo desastre. Ele queixou-se amargamente do fracasso de

Paulus em cometer suicídio. Contudo, os japoneses ficaram ainda mais desgostosos com a notícia. Em Tóquio, Shigemitsu Mamoru, o novo ministro do Exterior, e uma audiência de cerca de 150 generais e oficiais de altas patentes assistiram a um filme sobre Stalingrado feito por cinegrafistas russos. As cenas que mostravam Paulus e outros generais capturados os deixaram profundamente chocados. “Será mesmo verdade?”, perguntavam atônitos. “Se for verdade, por que Paulus não cometeu suicídio como um verdadeiro soldado?”¹³ Subitamente, a liderança japonesa compreendeu que o invencível Hitler iria perder a guerra.

Agora Manstein estava em melhor posição para exigir flexibilidade de ação. Hitler queria a defesa obstinada do território ocupado, mas, paradoxalmente, a ameaça de colapso no sul da Rússia deu a Manstein a oportunidade de fazer um dos contra-ataques mais impressionantes da guerra.

O Exército Vermelho, após dizimar o II Exército húngaro e cercar parte do II Exército alemão com a Frente de Voronezh, no flanco esquerdo de Manstein, avançou para o oeste com o fim de tomar aquilo que depois seria chamado de Saliente de Kursk. “Na última semana e meia”, escreveu um soldado à esposa em 10 de fevereiro, “estivemos marchando por território recém-libertado dos fascistas. Ontem as nossas viaturas blindadas entraram em Belgorod. Confiscamos muitas coisas e fizemos muitos prisioneiros de guerra. Enquanto marchamos sempre encontramos enormes grupos de húngaros, romenos, italianos e alemães capturados. Se você visse, Shurochka, que triste figura virou a famosa gangue de Hitler. Eles usam botas do exército, alguns com galochas de palha, uniformes de verão, só uns poucos vestem sobretudos, e por cima de tudo usam as roupas masculinas e femininas que roubaram. Na cabeça portam bonés com xales de mulher enrolados por cima. Muitos têm os membros enregelados; estão sujos e com piolhos. Dá um sentimento de revolta pensar que essa gentinha adentrou tão longe no nosso país. Já marchamos 270 quilômetros nas províncias de Voronezh e Kursk. Há tantas aldeias, cidades, fábricas e pontes destruídas. Os civis voltam para casa quando o Exército Vermelho chega. Eles estão tão felizes!”¹⁴

Outra parte da Frente de Voronezh avançou até Kharkov. Em 13 de fevereiro, Hitler insistiu em que a cidade fosse defendida pelo 2º Corpo Panzer do *Gruppenführer* Paul Hausser, com as Divisões *Leibstandarte Adolf Hitler* e *Das Reich*. Por iniciativa própria, Hausser desobedeceu-o e recuou. Simultaneamente, Manstein também recuou o I Exército Panzer até o rio Mius. Com quatro exércitos, a Frente do Sudoeste soviética avançara para o oeste. Adiante iam quatro corpos de tanques (embora não mais fortes que um só corpo panzer) comandados pelo tenente-general M. M. Popov. O Stavka pensava estar a ponto de obter uma grande vitória com a exploração da brecha na frente alemã

ao sul de Kharkov, mas as suas linhas de suprimentos eram absurdamente extensas.

Em 17 de fevereiro, furioso porque as suas ordens haviam sido ignoradas, Hitler voou para Zaporozhye e confrontou Manstein. Porém, este tinha as coisas sob controle. Deslocou o quartel-general do IV Exército Panzer para assumir o controle do 2º Corpo Panzer da SS, agora reforçado com a Divisão *Totenkopf*, e preparou o I Exército Panzer para golpear os atacantes soviéticos por baixo. Hitler se viu obrigado a concordar com o plano. O contra-ataque duplo de Manstein destruiu a força blindada de Popov e quase cercou a I Guarda e o VI Exército. As tropas do 25º Corpo Blindado, então sem combustível, tiveram de abandonar as viaturas e seguir a pé até as linhas soviéticas.

Na primeira semana de março, o IV Exército Panzer avançou sobre Kharkov e mais tarde, em 14 de março, Hausser retomou a cidade após uma batalha desnecessariamente custosa. As fortes chuvas de primavera logo impediram outras operações. Os prisioneiros de guerra soviéticos foram postos a trabalhar enterrando os mortos. A maioria tinha tanta fome que muitos buscavam restos de comida nos bolsos dos cadáveres, mas isto era considerado saqueio aos mortos. Em geral eram simplesmente fuzilados, mas algum sádico podia levar as coisas mais longe. Um deles amarrou três prisioneiros acusados de roubo em um portão. “Quando as vítimas estavam bem atadas” escreveu outro soldado, “ele colocou uma granada no bolso do casaco de um deles, arrancou o pino e correu para se abrigar. Os três russos, cujas entranhas foram despedaçadas, gritaram pedindo clemência até o ultimo momento.”¹⁵

Hitler mirava o imenso saliente de Kursk como o objetivo de uma ofensiva no verão que restaurasse a superioridade germânica na frente leste. Contudo, o exército alemão enfraquecera desastrosamente na União Soviética. Além da perda do VI Exército e daqueles dos seus aliados, houve grandes baixas durante a retirada do Cáucaso, para não mencionar a luta ao redor de Leningrado e a ofensiva do Exército Vermelho contra o IX Exército em Rjev. Muitas viaturas sem combustível foram abandonadas na retirada, destruídas com granadas nos motores. Muitas vezes os panzers limitavam-se a rebocar caminhões repletos de feridos.

O poderio da Wehrmacht na frente leste também havia sido reduzido com a transferência de tropas para a Tunísia e a França, para o caso de uma invasão dos Aliados. As operações no Mediterrâneo continuavam causando grandes perdas à Luftwaffe, assim como a campanha estratégica de bombardeio das cidades e fábricas de aviões alemãs. A necessidade de proteger o Reich levava à retirada dos esquadrões de caças e das baterias antiaéreas, dando superioridade aérea aos soviéticos pela primeira vez. Na primavera de 1943, a força alemã era de pouco

mais de 2 milhões e 700 mil homens, enquanto o Exército Vermelho reunira pouco menos de 5 milhões e 800 mil, com quatro vezes mais tanques e três vezes mais canhões e morteiros pesados. O Exército Vermelho também tinha mais mobilidade, graças ao fluxo de jipes e caminhões fornecidos pelo *Lend-Lease* americano.¹⁶

Parte do incremento da força do Exército Vermelho se devia ao recrutamento de mulheres jovens, até um máximo de 800 mil.¹⁷ Embora muitas servissem desde o início da guerra, e muito mais de 20 mil tenham servido apenas na Batalha de Stalingrado, o alistamento em massa começou em 1943. Os seus papéis militares agora eram muito mais amplos que os anteriores como médicas, auxiliares, enfermeiras, telefonistas, operadoras de rádio, pilotos, observadoras aéreas e guarnecedoras de baterias antiaéreas. A bravura e competência demonstrada pelas mulheres, principalmente na Batalha de Stalingrado, levou as autoridades soviéticas a recrutá-las em maior número, e durante a guerra havia mais mulheres servindo o Exército Vermelho do que em qualquer outra força regular. Embora tenha havido franco-atiradoras famosas por suas habilidades, a maioria surgiu com a criação de uma escola de atiradores de escol, em 1943. Dizia-se que as mulheres resistiam melhor ao frio que os homens e que tinham as mãos mais firmes.

Contudo, estas jovens intrépidas também precisavam lidar com as atenções dos camaradas do sexo masculino, e especialmente com as dos superiores. “Estas moças evocam recordações das danças escolares, do primeiro amor”,¹⁸ escreveu Ilya Ehrenburg. “Quase todas as que conheci na frente haviam saído direto da escola. Muitas vezes se retraíam assustadas: havia demasiados homens ao redor com olhares famintos.” Algumas foram forçadas a se tornarem “esposas de campanha” dos oficiais de altas patentes, conhecidas como “PPZh” (abreviação de *pokhodno-polevaya zhena*) porque o som se parecia com PPSH, a submetralhadora padrão do Exército Vermelho.

Muitas vezes, a coerção era aplicada rudemente. Um soldado recordou que um oficial ordenou a uma jovem do pelotão de comunicações que acompanhasse uma patrulha de combate simplesmente porque ela se recusara a dormir com ele. “Muitas foram enviadas de volta à retaguarda porque estavam grávidas”,¹⁹ escreveu ele. “A maioria dos soldados não pensava mal delas. A vida era assim. Passávamos os dias encarando a morte na linha de frente, então as pessoas queriam ter alguns prazeres.” Contudo, poucos homens assumiam quaisquer responsabilidades e faziam tudo o que podiam para evitar as vítimas chorosas antes de partirem. O amigo e colega de Ehrenburg, Vasily Grossman, ficou chocado com o uso descarado da hierarquia para obter favores sexuais. Ele considerava a “esposa de campanha” o “grande pecado” do Exército Vermelho:

“No entanto, à volta deles, milhares de moças em uniforme militar trabalham duro e dignamente.”²⁰

Nas colinas sulcadas a oeste de Túnis, o I Exército de Anderson tentava resistir. A sua atuação foi estorvada por uma estrutura de comando confusa e pelo fracasso em concentrar as forças mal coordenadas e os temperamentos exaltados dos oficiais britânicos, franceses e americanos. As tropas aliadas não eram páreo para os contra-ataques altamente profissionais dos alemães, que combinavam bombardeiros de mergulho Stukas, artilharia e panzers.

Ambos os lados queixavam-se amargamente da chuva torrencial, da sujeira e da lama. “É inacreditável o que temos de aguentar”,²¹ escreveu um cabo para casa, obviamente desconhecendo as condições muito piores na frente leste. O general Von Arnim havia chegado para comandar as forças na Tunísia, agora chamadas de V Exército Panzer. Ele preparou defesas contra os ataques repetidos dos Aliados, e os judeus tunisianos foram detidos para fazer trabalhos forçados. A comunidade judaica também teve ouro e dinheiro saqueados impiedosamente.

A retirada de Rommel da Linha Mersa el Brega, em dezembro de 1942, e a falta de êxito dos Aliados na Tunísia encorajaram Montgomery a prosseguir. Mas ele perdeu todas as oportunidades de cercar os remanescentes do Panzerarmee, especialmente quando ele parou na Linha Buerat. Em 23 de janeiro de 1943, o VIII Exército entrou em Trípoli liderado pelos 11º de Hussardos. Porém, Rommel novamente havia recuado para fortificar a Linha Mareth na base da baía de Gabes, de modo a se reunir com o V Exército Panzer de Arnim.

Aceitando que a guerra na África estava perdida, Rommel defendeu a evacuação das suas tropas ao estilo de Dunquerque. Não tinham suficiente combustível nem armas e ele se desesperava tentando fazer Hitler entender isto. Em uma discussão furiosa no Wolfsschanze no final de novembro, Hitler se recusara a permitir que ele recuasse da Linha Mersa el Brega e chegou a acusar as tropas de Rommel de abandonar as armas na retirada de Alamein. Na verdade, a retirada de Rommel, fugindo do VIII Exército, foi a parte mais habilidosamente conduzida da sua guerra no deserto.

As tentativas de Mussolini de persuadir Hitler a pôr fim à guerra na União Soviética caíam por terra. A rendição em Stalingrado e a perda da Líbia representaram um golpe sério no moral do Duce. Ele demitiu o genro, o conde Ciano, do posto de ministro do Exterior e curou a depressão recolhendo-se ao leito, na tentativa de fugir da realidade.

O general Von Arnim temia que o 2º Corpo americano no sul, comandado pelo general Lloyd Fredenhall, cortasse caminho pelas montanhas na estrada de Kasserine para o mar, em Sfax. Isto isolaria o seu V Exército Panzer do Panzerarmee de Rommel. Arnim explicou a situação a Rommel e pediu que a sua 21ª Divisão Panzer rearmada desalojasse o destacamento francês mal equipado do Passo Faïd.

A 21ª Panzer atacou em 30 de janeiro e o 2º Corpo do general Fredenhall reagiu lentamente aos pedidos de ajuda dos franceses. No dia seguinte, quando um comando de combate da 1ª Divisão Blindada americana finalmente contra-atacou no passo rochoso, os alemães esperavam por eles. A linha de tanques Sherman sofreu ataques dos Messerschmitts e de canhões anticarro bem camuflados. Mais da metade da força foi destroçada e os sobreviventes se safaram dando marcha a ré nas viaturas em chamas. Algumas horas mais tarde, outra tentativa americana de avançar também fracassou, com muitas baixas. Fredenhall, um comandante desastroso, dividiu ainda mais as suas forças apesar das instruções de Eisenhower em sentido contrário. Enviou outro destacamento de comandos, em uma operação aventureira com ordens conflitantes. O apoio de infantaria, composto por tropas “verdes”, foi bombardeado em seus caminhões pelos Stukas. A carnificina das tropas inexperientes da 34ª Divisão de Infantaria foi de mal a pior nos dias seguintes, pois Fredenhall, que raramente saía do quartel-general na retaguarda distante, ordenava cada vez mais ataques.

Rommel decidiu eliminar de uma vez a ameaça americana com uma ofensiva em três direções. Em 14 de fevereiro, a 10ª Divisão Panzer atacou a oeste do Passo Faïd, enquanto a 21ª Divisão Panzer veio do sul com um ataque em pinça. Setenta tanques americanos foram destruídos no primeiro dia de luta perto de Sidi Bou Zid. Um deles foi destruído a 2.700 metros de distância pelo canhão de 88 mm de um Tigre. As granadas dos Shermans de 75 mm não conseguiam penetrar a blindagem frontal dos Tigres mesmo à queima-roupa. Em 16 de fevereiro, um tripulante de panzer escreveu para casa desculpando-se de modo insincero por não ter escrito, mas a sua divisão estivera combatendo os americanos nos últimos dias. “Vocês devem ter ouvido no anúncio de ontem da Wehrmacht que nós destruímos mais de noventa tanques.”²²

No dia seguinte, o destacamento do *Afrika Korps* no sul avançou sobre Gafsa, provocando uma retirada movida pelo pânico. Perto de Sidi Bou Zid, um batalhão Sherman da 1ª Blindada foi emboscado e aniquilado em um contra-ataque corajoso mas inútil. Os tanques americanos incendiados e destruídos sujavam a paisagem, enquanto os árabes tunisianos continuavam a lavrar o campo. As equipes dos tanques americanos recuaram com os rostos enegrecidos, como soldados de cavalaria após a carga da Brigada Ligeira. Fredenhall e

Anderson não tinham a menor ideia do que estava ocorrendo na frente.

Em 16 de fevereiro, Rommel foi para Gafsa. Foi saudado pelos habitantes sobreviventes, depois que os americanos em retirada destruíram grande parte da cidade ao explodir o seu paiol. Ele queria que as tropas do *Afrika Korps* alcançassem os americanos, que recuavam em direção a Tébessa, onde pretendia capturar o principal depósito deles. Arnim, contudo, considerava a ideia arriscada demais, e houve uma discussão triangular com Kesselring.

Naquela noite, as divisões panzer avançaram para Sbeitla. Em 17 de fevereiro, enquanto algumas unidades americanas fugiam apavoradas, outras resistiram e lutaram bem, como reconheceu a 21ª Divisão Panzer. Fredenhall enviou os destacamentos que pôde ao Passo Kasserine, mas em 20 de fevereiro começou o colapso. O major-general E. N. Harmon assistiu à debacle. “Foi a primeira — e única — vez em que vi um exército americano se dispersar. Jipes, caminhões, viaturas de todo tipo se alinhavam pela estrada na nossa direção, às vezes aos pares e até em frentes de três. Era óbvio que só havia uma coisa na mente dos motoristas tomados pelo pânico — fugir da frente, escapar para algum lugar onde não houvesse tiros.”²³

Para sorte dos Aliados, Rommel e Arnim se desentendiam ferozmente. Tentando fazer coisas demais, dividiram as suas forças para tomar Tébessa no oeste, além de se dirigirem ao norte para Thala e, por uma estrada paralela, a Sbiba. Com as forças britânicas e americanas bloqueando os caminhos para Thala e Sbiba, apoiadas no último momento pela artilharia americana, a 10ª e a 21ª divisões panzer foram retidas. Mais tarde, o destacamento do *Afrika Korps* na estrada de Tébessa também foi detido por canhões anticarro e artilharia americana. Rommel ficou impressionado com a eficácia da artilharia americana. Quando o céu clareou, os aviões aliados começaram a atacar os panzers que recuavam. Rommel voltou para a Linha Mareth em 23 de fevereiro, confiante de que havia golpeado os Aliados com suficiente dureza para desencorajar novos avanços.

Incapaz de crer que os alemães haviam recuado, as tropas aliadas demoraram a regressar para o Passo Kasserine. Ele estava entulhado de tanques incendiados, aviões derrubados e cadáveres. Ao avistar tunisianos saqueando os mortos, os soldados americanos abriram fogo com submetralhadoras Thompson, atirando para matar ou simplesmente para assustá-los. O 2º Corpo de Fredenhall havia perdido mais de 6 mil homens, 183 tanques, 104 meias-lagartas, mais de duzentas peças de campanha e outras quinhentas viaturas de transporte.²⁴ Aquele foi um batismo de fogo selvagem, piorado pelas ordens confusas. As tropas dispararam nos próprios aviões, destruindo e danificando 39 deles, e os esquadrões aliados atacaram os alvos errados. Em 22 de fevereiro, alguns B-17

Fortalezas Voadoras bombardearam um campo de pouso britânico em vez de atingir o Passo Kasserine.

Embora Rommel tivesse sido promovido para comandar o Grupo de Exércitos Afrika acima do general Von Arnim, já era tarde demais quando ele soube do plano de Kesselring de outra ofensiva mais ao norte, a Operação Oxhead (Cabeça de Boi). Ela só começou em 26 de fevereiro, e seria coordenada com ataques ao redor de Kasserine desde a semana anterior. As perdas alemãs foram muito maiores que as britânicas, em especial a maioria dos tanques.

O Comando Supremo, que retomara o controle por ordens de Hitler, em prol da unidade no Eixo recusou permissão para que Rommel recuasse da Linha Mareth. Ciente de que Montgomery preparava uma ofensiva, Rommel decidiu atacar, mas as interceptações do Ultra forneceram toda a informação de que os britânicos necessitavam. Montgomery enviou rapidamente artilharia, canhões anticarro e artilharia e tanques para o setor ameaçado, onde eles foram escondidos. Em 6 de março, os alemães avançaram para uma zona de morte assinalada como alvo de todo um corpo de artilharia. Rommel perdeu 52 tanques e 630 homens. Kesselring e Rommel suspeitaram, injustamente, que os italianos haviam revelado o plano.

Sofrendo de icterícia e totalmente exausto, Rommel pensou que era hora de voltar à Alemanha para se tratar e descansar. Em 9 de março ele deixou o norte da África pela última vez. Na noite seguinte foi recebido por Hitler no quartel-general Werwolf, nos arredores de Vinnitsa, na Ucrânia. Hitler recusou-se a ouvir a sua explicação de que o Grupo de Exércitos Afrika devia ser evacuado pelo Mediterrâneo para defender a Itália. Ele chegou a rejeitar quaisquer planos de encurtar a frente na Tunísia. Rommel, que ele agora considerava um derrotista, recebeu ordem de partir para um descanso reparador.

Frustrado com a falta de ação no Marrocos e com o modo como os britânicos pareciam conduzir a guerra no norte da África, Patton escreveu: “Pessoalmente, gostaria de sair e matar alguém.”²⁵ Ao menos as suas preces foram atendidas. Na segunda semana de março, Eisenhower o enviou, junto com o major-general Omar N. Bradley como suplente, para assumir o comando no lugar de Fredenhall. Eisenhower afastou alguns outros oficiais e Alexander queria se livrar de Anderson, mas Montgomery não liberou a única pessoa que Alexander queria para comandar o I Exército.

Patton não perdeu tempo em assumir o controle do 2º Corpo, a começar pelos sinais de respeito e uniformes corretos. O corpo estava apavorado com o novo comandante, e a polícia militar ficou conhecida como a “Gestapo de Patton”.²⁶ Este ficou pasmo com o número de soldados evacuados devido à fadiga do combate. Frustrou-se também porque não tinha ordem de atacar até o mar e

isolar o Panzerarmee de Rommel (agora renomeado I Exército Italiano) do general Von Arnim, ao norte. Em vez disto, a sua tarefa limitava-se a ameaçar o seu flanco para ajudar Montgomery. Patton suspeitou que este quisesse para si toda a glória, mas Alexander, que ficara chocado com a confusão em Kasserine, ainda não estava pronto para confiar nas tropas americanas.

Patton podia se consolar com a promoção às três estrelas de tenente-general. Reinterpretando as ordens que recebera, avançou com as suas divisões, retomou Gafsa e progrediu para o maciço do Espinhaço Leste que dominava a planície até o mar. Quando a 10ª Divisão Panzer tentou empurrar a sua 1ª Divisão de Infantaria do alto de El Guettar, foi brutalmente golpeada e perdeu a metade dos tanques.

Montgomery decidiu enviar o 30º Corpo em um ataque frontal à Linha Mareth para fixar o inimigo enquanto avançava sobre o seu flanco no sudoeste, em uma longa manobra dos neozelandeses de Freyberg apoiados por tanques. Mas os alemães não esqueceram do longo gancho de esquerda dos neozelandeses de Freyberg, e o ataque da 50ª Divisão em 20 de março foi um desastre. Tendo alardeado o êxito prematuramente, Montgomery ficou abalado. Recuperou-se rapidamente, porém, e enviou Horrocks com o 10º Corpo para reforçar os neozelandeses em um ataque pela costa, a mais de 30 quilômetros por trás da Linha Mareth. Ao mesmo tempo, enviou a 4ª Divisão Indiana em um avanço mais próximo do flanco. Em 26 de março, os neozelandeses e as brigadas blindadas de Horrocks avançaram em conjunto e esmagaram as fracas defesas alemãs no passo Tegaba. O general Giovanni Messe, comandante do I Exército Italiano, recuou as suas forças rapidamente para a costa, em direção a Túnis. Apesar do êxito, mais uma vez as forças do Eixo escaparam.

A Força Aérea do Deserto acossou as forças alemãs em retirada. Uma baixa foi o coronel Claus Graf Schenk von Stauffenberg, que perdeu uma das mãos e um olho no ataque de um caça. Em 7 de abril, unidades dos I e VIII Exércitos se encontraram. As duas organizações não podiam ser mais diferentes. Os veteranos do deserto em seus tanques e caminhões cor de terra danificados demonstravam um desinteresse notável, para não mencionar a desatenção com os regulamentos de uniformes. Embora muitas vezes fosse dura, a sua guerra de modo geral tivera um respeito muito maior pelas vidas dos prisioneiros e poucas baixas civis no deserto quase despovoado. A tribo local dos senussis conseguira evitar o pior da luta no deserto, embora alguns deles e muitos dos seus camelos tivessem perdidos membros nos campos minados.

O I Exército, na batalha travada principalmente nas montanhas no extremo leste do Atlas, se viu em um conflito muito mais sujo. O choque foi traumático quando as tropas, principalmente as unidades americanas, imaturas e confiantes

demais, enfrentaram as unidades experientes de panzers e granadeiros panzer. Apesar de algumas baixas psicológicas, a maioria rapidamente se endureceu como um mecanismo de defesa. Alguns inclusive ficaram totalmente desumanizados, assassinando prisioneiros de modo sádico e inclusive atirando a esmo nos árabes tunisianos para se divertirem ou usando os camelos de alvo como em um parque de diversões. Em geral, os soldados britânicos eram mais disciplinados, mas também estavam imbuídos das ideias racistas da época. Só alguns fizeram amizade com os locais. As tropas francesas não eram melhores. Ironicamente, os ex-soldados e oficiais do governo de Vichy queriam se vingar dos árabes que, muitas vezes, haviam colaborado com os alemães, principalmente em virtude das suas políticas antissemitas. Contudo, mesmo quando a campanha se aproximava da vitória final, as relações entre os três aliados pareciam piorar, e a arrogância britânica provocou uma anglofobia descontrolada entre muitos oficiais americanos.

A confiança de Eisenhower, que havia sido seriamente minada nos meses de inverno, estava recuperada. O seu exército aprendia com os próprios erros. O planejamento da Operação Husky, a invasão da Sicília, estava bem adiantado, o Eixo estava a ponto de ser expulso para sempre do norte da África e o sistema de suprimentos enfim funcionava. Os britânicos estavam pasmos com a generosidade do titã industrial americano. Também se chocaram com o desperdício, embora não pudessem reclamar, pois igualmente se beneficiavam com isto. Contudo, o inchaço no quartel-general das forças aliadas, com uma equipe de mais de 3 mil homens e oficiais, deixou até Eisenhower constrangido.

No início de maio, as forças remanescentes do Eixo foram encurraladas na ponta norte da Tunísia, incluindo Bizerta, Túnis e a península do Cabo Bon. Embora não somasse mais de um quarto de milhão de homens, menos da metade eram alemães e a maioria dos italianos não era de tropas combatentes. Com escassez de munição e, sobretudo, combustível, os alemães sabiam que o fim estava próximo, e faziam piadas de humor negro sobre “Tunisgrado”. A recusa de Hitler de evacuar os homens para defenderem o sul da Europa não contribuiu para o moral. Eles não podiam acreditar que o Führer continuasse enviando reforços em abril e maio, todos os quais seriam feitos prisioneiros.

Os transportadores Junkers 52 e os grandes Messerschmitts 323 eram presa fácil dos caças aliados, esperando para emboscar nos céus mediterrâneos. Mais da metade da frota de transporte da Luftwaffe foi destruída nos últimos dois meses da campanha. No sábado, 18 de abril, quatro esquadrões de caças americanos e um de Spitfires saltaram sobre um grupo de 65 transportadores escoltados por 20 caças. No que ficou conhecido como o “massacre do domingo de Ramos”, os caças aliados derrubaram 74 aviões. Enquanto o Exército

Vermelho destruía a maior parte do esmagador exército alemão, os aliados ocidentais começavam a destruir a Luftwaffe. O marechal do ar Coningham, comandante da Força Aérea do Deserto, ficou furioso com o pouco destaque dado por Montgomery ao papel da RAF no norte da África. A combinação das forças aéreas aliadas com a Marinha Real no estrangulamento das linhas de suprimentos do Eixo pelo Mediterrâneo contribuiu tanto quanto as forças terrestres para a vitória final.

Porém, a última fase da destruição da cabeça de ponte não foi fácil. Montgomery combateu no setor montanhoso de Enfidaville, na costa sul de Túnis, com poucos resultados e muitas baixas. O VIII Exército estava atrás dos americanos no aprendizado das duras lições da guerra na montanha. Outros ataques do I Exército mais a oeste enfrentaram resistência em lutas ferozes. Os Guardas Irlandeses atravessaram um milharal em uma vertente para atacar uma posição alemã sob o fogo das metralhadoras, da artilharia e do novo morteiro Nebelwerfer, com seis tubos. Quando um homem era atingido por um disparo, um camarada espetava a sua arma no solo. “Surgiram coronhas de fuzis por toda parte, assinalando os mortos, moribundos e feridos”, escreveu um cabo. “Parei junto a um pobre guarda que pedia água. Os seus ferimentos eram horríveis. Vi os ossos do seu braço espatifados e ele tinha uma ferida aberta na lateral.”²⁷

Os sobreviventes do ataque invadiram o olival na colina adiante, forçando os alemães a fugir. Em uma trincheira, o cabo e dois guardas ouviram vozes falando alemão em um bunker. Atiraram granadas e recuaram. Depois, o cabo espiou o buraco escuro. “Devia haver uns vinte alemães espalhados por ali. Estavam todos com bandagens e os que não estavam mortos gritavam enlouquecidos. O inimigo em retirada havia deixado lá os seus feridos. Fui embora sem sentir a menor compaixão por eles. Eles fizeram coisa muito pior com os meus camaradas mortos e feridos que jaziam no milharal.”

Só o 2º Corpo de Bradley enviado ao oeste de Túnis conseguiu avançar de modo significativo no início de maio. Montgomery, que por fim reconheceu o seu erro em Enfidaville, persuadiu Alexander de que era preciso um ataque concentrado para pôr fim à batalha de atrito em volta do perímetro. Em 6 de maio, reunindo a 7ª Divisão Blindada, a 4ª Divisão Indiana e a 201ª Brigada de Guardas, Horrocks lançou a Operação Strike (Golpe) a partir do sudoeste. Após uma barragem de artilharia ainda mais concentrada do que em Alamein, avançaram até Túnis e dividiram o bolsão em dois, enquanto os americanos tomavam Bizerta, na costa norte. Mais uma vez lideradas pelos 11º de Hussardos em seus blindados danificados pela batalha, as tropas britânicas entraram em Túnis na tarde do dia seguinte. Em 12 de maio tudo chegou ao fim. Quase um quarto de milhão de soldados se rendeu, inclusive doze generais.

Hitler convenceu-se de que estivera correto em prosseguir lutando até o fim no norte da África, de modo a retardar a invasão dos Aliados no sul da Europa e manter Mussolini no poder. Por outro lado, nas futuras batalhas ele necessitaria terrivelmente daquelas forças perdidas.

A Europa Cercada por Arame Farpado 1942-1943

A invasão da União Soviética afetou a política de ocupação alemã em quase toda a Europa. No leste, a ideia intoxicante, mas também assustadora, de dominar milhões de pessoas aumentou a confiança dos nazistas no terror como meio de alcançar resultados. Apesar das esperanças iniciais de alguns oficiais e administradores dos altos escalões de que atrairiam certas nacionalidades para a cruzada antibolchevique, tais como os bálticos e os ucranianos, Hitler só estava interessado em instilar o medo pelo medo. Como no caso da Polônia, pensava que os demais países deviam ser varridos do mapa de uma vez.

Apesar da aversão de Hitler à ideia dos eslavos vestindo o uniforme da Wehrmacht, quase um milhão de cidadãos soviéticos serviram no exército alemão e na SS. A maioria foi forçada pela fome nos campos de concentração a trabalhar como auxiliares *Hiwi* nas divisões alemãs. Mas mesmo alguns destes “Ivans” foram tomados, oficiosamente, como soldados regulares. Mais tarde, um comandante da 12ª Divisão Panzer da SS *Hitler Jugend* se orgulhou do seu motorista e guarda-costas russo que o acompanhava por toda parte.

Com distintos graus de entusiasmo e eficácia, mais de 100 mil serviram no Exército Russo de Libertação do general Vlasov e em um corpo “cossaco” de guerrilheiros em território soviético e, depois, na Iugoslávia e na Itália. A polícia e os guardas dos campos de concentração ucranianos tinham uma reputação terrível pela sua crueldade. Himmler também recorreu ao recrutamento de letões, estonianos, caucasianos étnicos e até de muçulmanos bósnios para as formações da *Waffen-SS*. Ele criou uma divisão ucraniana em 1943, denominada divisão SS *Galicia*¹ para não provocar a ira de Hitler. Cem mil ucranianos se apresentaram como voluntários, dos quais só um terço foi aceito.

O tratamento dos civis e prisioneiros de guerra nos territórios ocupados continuava horrível. Em fevereiro de 1942, cerca de 60% dos 3,5 milhões de prisioneiros do Exército Vermelho haviam morrido de fome, pela exposição à

intempérie ou de doenças. Os nazistas convictos não se limitavam a se orgulhar desta impiedade. A sua desumanização de categorias de vítimas — judeus, eslavos, asiáticos e ciganos — era uma forma deliberada de cumprir a profecia: reduzi-los à condição de animais mediante a humilhação, o sofrimento e a fome e, deste modo, “provar” a sua inferioridade genética.

A rivalidade caótica entre os sátrapas de Hitler no leste era ainda maior do que na própria Alemanha entre o Partido Nazista e diferentes órgãos do governo. Alfred Rosenberg foi nomeado ministro dos Territórios do Leste, mas era frustrado a cada passo. O seu “Ministério do Leste” era ridicularizado, em parte porque ele era um dos poucos funcionários civis que pretendiam envolver antigas nacionalidades soviéticas na luta contra o bolchevismo. Encarregado da economia de guerra, Göring simplesmente queria limpar as áreas ocupadas e deixar as suas populações morrerem de fome, ao passo que Himmler queria livrar-se delas massacrando-as para preparar a colonização alemã. Portanto, Rosenberg não controlava a política de segurança, de alimentos nem a economia, o que significava que não exercia nenhum controle. Ele nem mesmo tinha autoridade sobre Erich Koch, o *Reichskommissar* para a Ucrânia e *Gauleiter* da Prússia Oriental. Koch, um bêbado brutal, referia-se à população local como “negros”.²

O Plano de Fome de Herbert Backe, que supostamente mataria até 30 milhões de cidadãos soviéticos, nunca saiu da prancheta. A fome estava disseminada, mas não era organizada como os nazistas haviam planejado. Os comandantes militares evadiam as ordens de isolar as cidades para matar as suas populações de fome, já que a Wehrmacht precisava manter grandes contingentes de trabalhadores soviéticos vivos para atender às suas necessidades. A ideia de Backe de alimentar o Reich e a Wehrmacht na frente leste com recursos locais foi um grande fracasso. A agricultura no “celeiro” ucraniano estava praticamente extinta devido à tática de terra arrasada soviética, aos danos provocados pela guerra, ao despovoamento, à evacuação dos tratores e às atividades guerrilheiras. Para a Wehrmacht, viver da terra significava saquear forragem e grãos e matar indiscriminadamente as aves e o gado, sem considerações sobre o suprimento futuro e muito menos a sobrevivência dos civis que os produziam. A falta de vagões e de transporte motorizado significava que a maior parte dos alimentos que restava não podia ser distribuída adequadamente.

As ideias nazistas sobre o futuro eram uma fantasia grotesca. O Plano Geral do Leste previa que o império alemão chegaria até os Urais, com estradas de ferro ligando novas cidades, cidades-satélite, aldeias modelo e fazendas administradas por colonizadores armados, com os *Untermenschen* lavrando o solo na qualidade de servos. Himmler sonhava com colônias alemãs *gemütlich*,

com jardins e pomares erguidos sobre os antigos campos de extermínio dos seus SS *Einsatzgruppen*. Para oferecer um centro de férias, a Crimeia, rebatizada Gotengau, seria a Riviera alemã. O maior problema, contudo, era encontrar suficiente gente “germanizável” para ocupar as terras do leste. Muito poucos dinamarqueses, holandeses e noruegueses se apresentaram como voluntários. Surgiu inclusive uma ideia maluca de enviar os escravos para o Brasil e trazer de volta os colonos alemães da província de Santa Catarina. À época da derrota em Stalingrado e da retirada do Cáucaso, estava claro que não havia alemães suficientes, reais, reciclados ou recrutados, para alcançar a meta de 120 milhões e, deste modo, tornar realidade a visão de Hitler e Himmler.

A limpeza étnica e as transferências de população pela Europa Central eram não só cruéis como também incrivelmente dispendiosas em termos de mão de obra e recursos, em um momento em que a guerra começava a se desequilibrar em desfavor dos alemães. Os colonos se mostraram incapazes de arar a terra tão bem como os desalojados, e com isso a produção agrícola declinou desastrosamente.

Sobrecarregada, a máquina de guerra alemã precisava desesperadamente de mão de obra, por isso Fritz Sauckel, que trabalhava com o ministro de Material Bélico Albert Speer, viajou pelos territórios e países ocupados reunindo 5 milhões de trabalhadores para fábricas, minas, fundições e fazendas. O Reich ficou coalhado de acampamentos para esta massa inchada de trabalho escravo. Temerosos, os civis alemães olhavam de soslaio aqueles estrangeiros, considerando-os inimigos internos. A maioria dos nazistas graduados estava incomodamente consciente do paradoxo de que, embora tivessem reduzido a população “racialmente indesejável”, agora traziam centenas de milhares para a própria Alemanha.

Os funcionários nazistas mais graduados haviam prometido uma “maior esfera econômica alemã”³ e uma união econômica europeia que elevaria os padrões de vida, mas as políticas contraditórias e a compulsão por explorar os países subjugados tiveram o resultado oposto. Os países conquistados foram forçados a pagar os custos da ocupação pelas forças alemãs. Muitos negócios lucraram com a colaboração próxima com os novos amos, mas em quase todos os países, à exceção da semi-independente Dinamarca, a população como um todo ficou muito mais pobre. A maioria dos países do oeste europeu foi forçada a entregar entre um quarto e um terço das suas receitas, e a Alemanha confiscou grande parte da produção agrícola de cada país para garantir que os alemães não passassem fome. Nos países ocupados isto produziu um mercado negro desenfreado e o aumento descontrolado da inflação.

Quase desde o início, Churchill tinha grandes esperanças de transformar o descontentamento europeu com a ocupação nazista em uma revolta aberta. Em maio de 1940 ele nomeou o dr. Hugh Dalton, um socialista abastado, ministro do Bem-Estar Econômico e para supervisionar a criação da Agência de Operações Especiais. Dalton não era popular no Partido Trabalhista mas, como um antiapaziguador, no final da década de 1930 fizera muito para arrancá-lo da postura pacifista. Havia muito tempo que ele admirava Churchill, embora este não retribuísse o sentimento. O primeiro-ministro não suportava “a sua voz estridente e os seus olhos astutos”,⁴ e comentou sobre Sir Robert Vansittart, subsecretário permanente do Ministério do Exterior na década de 1930: “Van é um sujeito extraordinário! Ele gosta até do dr. Dalton.”⁵

Grande admirador dos poloneses, Dalton recrutou o coronel Colin Gubbins, que fora oficial de ligação junto ao exército polonês nas batalhas de 1939. Gubbins mais tarde viria a comandar a SOE. A resistência polonesa era uma inspiração para a SOE. Mesmo após a rendição do país, no final de setembro de 1939, os soldados poloneses lutaram no distrito de Kielce até maio de 1940, comandados pelo major Henryk Dobrzański, enquanto outros resistiram na área de Sandomierz, no alto Vístula. Foi criada uma seção polonesa na SOE, mas o seu papel era apenas trabalhar o Sexto Bureau do exército polonês em Londres e apoiá-lo. Nenhuma missão militar foi enviada à Polônia ocupada e, em consequência, os próprios poloneses cuidavam de tudo. Após a grande contribuição dos pilotos poloneses na Batalha da Inglaterra, a SOE conseguiu persuadir a RAF a converter um bombardeiro Whitley com novos tanques de combustível para que pudesse fazer a longa viagem de ida e volta a partir de uma base na Escócia. A primeira entrega de correios polonesa ocorreu em 15 de fevereiro de 1941. Também foram projetados fardos a serem lançados de paraquedas com armas e explosivos para abastecer o que viria a ser a *Armia Krajowa*, ou Guarda Nacional.

Talvez de alguma forma o patriotismo polonês fosse romântico, mas ele se manteve surpreendentemente firme nos tempos mais sombrios da opressão nazista e soviética. Além das mortes individuais e em massa com a invasão alemã, mais de 30 mil poloneses foram enviados aos campos, muitos ao novo campo de Auschwitz. Embora o exército polonês tenha sido esmagado em setembro de 1939, logo se criou um novo movimento clandestino de resistência. No seu auge, a Guarda Nacional teve cerca de 400 mil membros. Este serviço de inteligência extremamente engenhoso, que criou a primeira cópia da máquina Enigma, continuou ajudando os Aliados. Mais tarde, os poloneses conseguiram inclusive fazer desaparecer um foguete V-2 que caíra em um pântano e desmontá-lo. Um Dakota C-47 de transporte foi enviado à Polônia para buscá-lo

para que fosse examinado pelos cientistas aliados.

Tanto a Guarda Nacional quanto as redes de inteligência se reportavam ao governo polonês no exílio em Londres, que Stalin admitiu existir relutantemente em agosto de 1941, após a invasão nazista da União Soviética. A Guarda Nacional estava sempre desesperadamente carente de armamentos. A princípio, dedicou-se a libertar prisioneiros e sabotar as comunicações férreas, o que foi de grande ajuda para o Exército Vermelho, mas não foi reconhecido. Os ataques armados vieram depois.

Libertados dos campos de trabalho para se unirem às forças comandadas pelo general Władisław Anders, os poloneses nunca deixaram de odiar os seus opressores. A desconfiança que o governo no exílio nutria por Stalin aumentou quando se soube que ele havia pedido aos britânicos que reconhecessem a fronteira que ele demarcara com Hitler no Pacto Nazissoviético. Em abril de 1943 houve uma crise quando os alemães anunciaram ao mundo que haviam descoberto na floresta de Katyń as valas comuns dos oficiais poloneses executados pelo NKVD soviético.

O governo soviético sempre negou ter informação sobre estes prisioneiros, e à época nem os poloneses acreditaram que o regime stalinista fosse capaz de um massacre semelhante. O Kremlin insistiu em que a descoberta era um truque da propaganda alemã, e que os nazistas deviam ter assassinado as vítimas. O governo polonês no exílio exigiu uma investigação da Cruz Vermelha Internacional e os britânicos ficaram profundamente constrangidos. Churchill suspeitou que os soviéticos fossem capazes de algo assim, mas não conseguia confrontar Stalin, principalmente quando precisava admitir novamente que seria impossível invadir a França naquele ano. Em junho houve outros desastres para os poloneses. Em Varsóvia, os alemães conseguiram prender o comandante e outros líderes da Guarda Nacional. Contudo, tragédias ainda maiores aguardavam a Polônia.

O verão de 1941 assistiu a alguns ataques às tropas alemãs na União Soviética pelos soldados do Exército Vermelho isolados pelo avanço da Wehrmacht. Contudo, a primeira revolta contra o governo nazista ocorreu na Sérvia, após o lançamento da Operação Barbarossa. Ela pegou de surpresa as complacentes forças germânicas. Pouco após a vitória na primavera, um tenente alardeou em uma carta enviada à sua casa: “Nós soldados somos como deuses por aqui!”⁶ A rapidez da rendição do país naquele abril os levava a esperar poucos problemas, mas eles não sabiam quantos soldados iugoslavos haviam conservado e escondido as suas armas.

A Sérvia ficou sob o comando-geral do quartel-general do marechal de campo Wilhelm List na Grécia. As três divisões do 56º Corpo do tenente-general Paul Bader eram mal treinadas e mal equipadas. Ordenadas a responder ao revide, limitaram-se a disparar nos judeus que já estavam detidos. Mas a execução dos aldeãos junto ao local de uma emboscada favoreceu os guerrilheiros comunistas, cujos números incharam rapidamente com a adesão dos que queriam vingar a morte de parentes.

No quartel-general do Führer, o marechal de campo Keitel exigiu represálias severas. A proporção foi elevada para cem sérvios para cada alemão morto, na crença de que a “mentalidade balcânica”² só entendia a violência. Em setembro houve uma importante ofensiva punitiva reforçada pela 342ª Divisão de Infantaria. Os comandantes alemães locais novamente resolveram atirar nos judeus detidos. Em meados de outubro de 1941, cerca de 2.100 judeus e ciganos foram mortos em retaliação pela morte de 21 soldados alemães nas mãos dos guerrilheiros comunistas. Foi o primeiro massacre de judeus longe dos territórios russo e polonês.

Os ataques guerrilheiros foram liderados por Josip Broz, apelidado de Tito, um eficiente organizador do Comintern na Guerra Civil Espanhola. Uma figura forte com uma beleza bruta que havia ressuscitado o Partido Comunista iugoslavo, Tito acreditava que os comunistas de todo mundo deviam ajudar os camaradas da União Soviética. O internacionalismo do partido conseguiu evitar as piores linhas divisórias étnicas e religiosas na Iugoslávia, com croatas católicos, sérvios ortodoxos e bósnios muçulmanos.

A organização de resistência rival Četniks, liderada pelo general Draža Mihailovic, era quase exclusivamente composta por sérvios. Barbudo, de óculos e aparência melancólica, Mihailovic parecia mais um padre ortodoxo do que um militar, e não podia competir com a liderança carismática de Tito. Ele queria fortalecer suas forças e mantê-las prontas para o desembarque dos Aliados, de forma que pudessem se unir a eles e reconstruir o reinado do jovem rei Pedro II. Com perspicácia, ele previra que Tito usaria a guerra de guerrilha para tomar o poder quando o Exército Vermelho chegasse. Mihailovic não queria provocar represálias, porém, ao contrário da propaganda comunista, as suas forças às vezes acolhiam os alemães. Outros grupos que também se autodenominavam Četniks cooperavam estreitamente com os alemães e o governo fantoche do general Milan Nedic, confusão que mais tarde ajudou os comunistas a manchar o nome de Mihailovic aos olhos dos britânicos.

Um elemento ainda mais criminoso na guerra civil que se formava na Iugoslávia proveio da Ustaše croata, antissérvia e antissemita. O estado croata de Ante Pavelic era um aliado leal dos alemães, e a Ustaše instaurou o reino do

terror na região. Durante a guerra, mais de meio milhão de iugoslavos foram assassinados nas lutas entre facções de forças rivais.

Outros massacres alemães se sucederam a novas pugnas, com o assassinato de centenas de civis sérvios para alcançar as cotas de represálias. Alguns oficiais alemães começaram a enxergar a estupidez da sua política, que visava apenas às pessoas que não tinham fugido e, portanto, não tinham relação alguma com os ataques aos seus homens. Após a morte de umas 15 mil pessoas, e com poucos judeus e ciganos para servirem de alvo, as cotas de represália começaram a diminuir sem que Berlim tomasse conhecimento.

A drástica redução no número de reféns detidos começou em março de 1942, quando um grande ônibus de gás chegou a Belgrado. Cerca de 7.500 judeus do campo de Semlin foram asfixiados enquanto eram levados pela capital sérvia para uma vala comum cavada em um estande de tiro na periferia da cidade. O embaixador alemão ficou profundamente constrangido com a maneira evidente como isto foi feito, mas em 29 de maio de 1942 o chefe da polícia de segurança sentiu-se confiante para alardear que “Belgrado era a única grande cidade da Europa livre de judeus”.⁸

A guerra na Iugoslávia ia ficando cada vez mais cruel à medida que os alemães lançavam uma ofensiva atrás da outra nas montanhas bósnias. Guerrilheiros feridos surpreendidos pelas tropas germânicas eram esmagados pelos tanques. Tito organizou as suas forças em brigadas de mil homens, mas foi esperto ao não tentar táticas militares convencionais. A disciplina era rígida, e não era permitida a confraternização entre os homens e o grande número de mulheres jovens que lutavam nas suas fileiras. No outono de 1942 os guerrilheiros de Tito praticamente haviam controlado a região montanhosa que se estendia pelo oeste da Bósnia e o leste da Croácia, e estabeleceram o seu quartel-general na cidade de Bihac, depois de expulsar a Ustaše.

Tendo reconhecido o governo monarquista iugoslavo no exílio londrino, os britânicos forneceram ajuda a Mihailovic, que foi designado o seu representante. Moscou não objetou, pois também reconhecia formalmente o governo iugoslavo. Porém, em 1942, interceptações do Ultra e outros informes indicaram que as forças de Tito estavam atacando os alemães enquanto os Četniks limitavam-se a esperar. Foram infrutíferas as tentativas dos oficiais de ligação da SOE, lançados de paraquedas, de persuadir os movimentos rivais de resistência a trabalharem em conjunto. Por isso, à medida que crescia o interesse dos Aliados pelo Mediterrâneo, quando os alemães saíram do norte da África os britânicos fizeram contato com Tito.

Temerosos de desembarcar nos Bálcãs e determinados a proteger a costa e garantir o seu suprimento de minerais, os alemães lançaram novas ofensivas com

forças próprias e italianas. Tito conduziu a retirada para Montenegro, escapando por pouco de um cerco no rio Neretva. Com as forças quase intactas, e depois com ajuda britânica lançada de paraquedas ou desembarcada em pistas secretas, a sua força de guerrilheiros cresceu rapidamente. Abandonado pelos Aliados após fracassar em realizar ações específicas, Mihailovic estava fadado a perder a guerra civil paralela.

Ao sul, a Albânia continuava ocupada pelas tropas italianas. Abbas Kupa, que apoiava o rei Zog, o qual fugira com a invasão de Mussolini, em 1939, iniciou uma resistência em pequena escala na primavera de 1941. Quando os nazistas invadiram a União Soviética, os comunistas albaneses, liderados por Enver Hoxha, começaram a sua própria campanha, muito mais agressiva, no sul. Como na Iugoslávia, os britânicos decidiram ajudar os comunistas, pois eles lutavam com mais afinco. Abbas Kupa recebeu pouco apoio, o que contrariou os oficiais da SOE e, com o tempo, os comunistas de Hoxha conseguiram eliminar os rivais.

A Grécia interessava muito mais aos britânicos. Churchill respaldava firmemente o rei Jorge II e não estava preparado para entregar o país ao movimento guerrilheiro comunista EAM-ELAS. Contudo, para constrangimento dos britânicos, diversos monarquistas colaboravam com os alemães e os italianos, em uma mistura de anticomunismo e oportunismo. O governo autoritário do general Metaxas havia exacerbado os sentimentos antimonarquistas, e o pequeno partido comunista grego rapidamente ampliou a sua influência.

O saqueio do país pelo Eixo, piorado pela ocupação italiana incompetente, fez os gregos sofrerem uma fome terrível no inverno de 1941. Em 1942, o impiedoso líder comunista Ari Veloukhiotis começou a reunir uma força guerrilheira nas montanhas de Pindus. O seu principal rival era o general Napoleon Zervas, um barbudo alegre que formou a EDES (Liga Nacional Republicana Grega), organização não comunista de centro-esquerda. As forças de Zervas eram muito menores e se concentraram no Epirus, no noroeste. Com o crescimento da força comunista eles ficaram isolados do resto do país, enquanto outros pequenos grupos de resistência, como o EKKA, terminaram cooptados pelo EAM-ELAS, controlado pelos comunistas.

Dois oficiais britânicos da SOE, lançados de paraquedas na Grécia no verão de 1942, após muitas dificuldades fizeram contato com Zervas e o ELAS. A sua principal tarefa era organizar um ataque à principal linha férrea que levava suprimentos do sul da Alemanha para o Panzerarmee de Rommel no norte da África. Eles conseguiram convencer Zervas e o ELAS a se unirem em uma operação para detonar a grande ponte ferroviária Gorgopotamos. Enquanto os

guerrilheiros atacavam as posições italianas de cada lado, uma equipe de demolição trazida do Cairo instalava grandes cargas de plástico explosivo nos pilares de sustentação da ponte. Foi uma das missões de sabotagem mais bem-sucedidas da guerra, e a linha férrea ficou interrompida por quatro meses.

Em março de 1943, forças alemãs e a SS começaram a deter 60 mil judeus gregos, principalmente da cidade de Salônica, onde existia uma grande comunidade havia centenas de anos. Embora abrigasse os poucos que conseguiam escapar, a resistência grega não foi capaz de impedir o tráfico ferroviário que os levou para campos de concentração na Polônia, onde muitos foram submetidos aos mais terríveis experimentos médicos.

Após o raro exemplo de cooperação entre ELAS e EDES na operação Gorgopotamos, os oficiais de ligação da SOE se viram em um campo minado de rivalidades políticas quando a Grécia também se envolveu em uma guerra civil entre os grupos guerrilheiros. Era muito mais fácil trabalhar com Zervas, mas os britânicos precisavam armar o ELAS para a Operação Animals (Animais). Esta foi uma campanha de ataques no verão de 1943, anterior à invasão da Sicília. Combinado com o plano de despistamento Operação Mincemeat (Carne Moída), que consistiu em lançar ao largo da costa espanhola o corpo do que parecia um oficial da Marinha Real com informes importantes, o objetivo era persuadir os alemães de que os Aliados estavam a ponto de desembarcar na Grécia. Como todas as campanhas de desinformação eficazes, ela jogava com a ideia de Hitler sobre quais seriam as intenções do inimigo e fortalecia a sua crença de que o plano britânico era invadir o sul da França através do Balcãs. A sua origem austríaca o deixava obcecado com a região. Consequentemente, uma divisão panzer e outras forças foram desviadas para a Grécia pouco antes dos desembarques na Sicília.

A liderança do ELAS estava dividida sobre como lidar com os britânicos. Eles queriam o apoio e a legitimidade que a ligação com os Aliados traria, mas desconfiavam intensamente da motivação britânica. Em agosto de 1943, delegados dos guerrilheiros foram levados para uma reunião no Cairo. Como a maioria dos gregos à época, os comunistas opunham-se à restauração da monarquia. Argumentavam que o rei Jorge não devia voltar ao país, a menos que fosse autorizado por um plebiscito. Por insistência de Churchill, o governo grego no exílio e os britânicos se recusaram a aceitar isto e culpavam injustamente a SOE por permitir que o confronto político chegasse àquele ponto. Os representantes do ELAS regressaram firmemente decididos a derrotar os rivais, criar um governo provisório e evitar quaisquer tentativas dos britânicos de reinstalar a monarquia.

Contudo, a resistência em Creta apresentou alguns problemas políticos. A

maior parte dos líderes guerrilheiros conhecidos como *kapitans* aceitaram a orientação britânica e, embora não fossem monarquistas, eram decididamente anticomunistas. Só alguns grupos insignificantes no leste da ilha apoiaram o EAM-ELAS.

Na França, a vasta maioria do país, inclusive os republicanos, sentiu-se aliviada com o armistício de Pétain. Eles não sabiam que os planos alemães àquela altura eram reduzir a França ao nível de um “país turístico”⁹ e tomar a Alsácia e a Lorena para o Reich, forçando os seus homens a servirem no exército alemão.

Os franceses abaixaram a cabeça e levaram a vida como puderam naquelas novas circunstâncias, embora isto fosse extremamente difícil para as esposas do milhão e meio de prisioneiros de guerra que estavam na Alemanha. Os saques da ocupação, com os alemães levando uma parte considerável da produção agrícola francesa, causaram grandes dificuldades nas aldeias e cidades, especialmente para quem não tinha relação com o campo. Durante a guerra, a altura média dos rapazes diminuiu sete centímetros e a das meninas onze centímetros.¹⁰

No final de 1940, pequenos grupos de resistência começaram a publicar jornais clandestinos, muitas vezes inspirados nas transmissões radiofônicas que De Gaulle fazia de Londres declarando que a luta prosseguia. Eles incluíam gente de diversos meios e partidos. Àquela altura havia poucos atos de resistência contra os alemães. Só após a invasão da União Soviética houve ataques armados de membros do Partido Comunista Francês. Depois da situação embaraçosa e de perder muito membros com o Pacto Nazissoviético, o partido começou a desenvolver uma organização clandestina eficiente.

Desde 1940 a ocupação militar vinha sendo relativamente correta, mas a orientação em direção à guerra total e o assassinato de soldados e oficiais alemães pelos comunistas fez com que a SS comessem a assumir o controle. Em maio de 1942 Heydrich viajou a Paris para nomear o *Gruppenführer* Carl-Albrecht Oberg chefe da SS e da polícia. Hitler havia tratado a França melhor do que a maioria das nações conquistadas pela razão prática de que se o país se policiasse sozinho no interesse dos alemães, isto pouparia à Wehrmacht uma grande força de ocupação. Contudo, a esperança de Pétain de unir o país gravemente ferido sob a autoridade do *État Français* não podia durar muito.

A derrota havia exacerbado as divisões inconciliáveis na sociedade francesa. Até a direita do pré-guerra se dividiu. Uma pequeníssima minoria, envergonhada com a derrota, queria resistir à dominação alemã. Os germanófilos fascistas, por sua vez, desprezavam Pétain, por pensar que a sua cautelosa colaboração era insuficiente. O *Parti Populaire* de Jacques Doriot, o *Rassemblement National*

Populaire de Marcel Déat e o *Mouvement Social Révolutionnaire* de Eugène Deloncle apoiavam a ideia da Nova Ordem nazista na Europa, na crença de que a França voltaria a ser uma grande potência junto com o Terceiro Reich. Eles estavam ainda mais iludidos que o velho marechal, já que os alemães nunca os levaram a sério. No máximo, eram o equivalente nazista dos “idiotas úteis” de Lenin.

As lutas internas da extrema direita tinham paralelo no lado alemão. Otto Abetz, o embaixador francófilo em Paris, geralmente era ridicularizado pelos líderes nazistas, especialmente Göring. A SS e os militares frequentemente estavam em colisão, e Paris atraiu uma pletora de quartéis-generais e escritórios de administração germânicos, cada qual seguindo uma política própria. O centro da Paris ocupada estava coalhado dos letreiros que, simbolicamente, apontavam em todas as direções.

Contudo, o SS *Gruppenführer* Oberg estava extremamente satisfeito com a assistência prestada pela polícia de Vichy. Naquele estágio da guerra na frente leste, o Terceiro Reich carecia de mão de obra e Oberg tinha menos de 3 mil policiais alemães em toda a França ocupada. René Bousquet, o secretário-geral da polícia nomeado por Pierre Laval, era um jovem administrador eficiente, e não um ideólogo da direita. Como os jovens *technocrates* que silenciosamente reorganizavam e reforçavam o sistema de governo de Vichy, Bousquet estava convicto de que, se quisesse ter algum propósito, o *État Français* devia manter o controle das questões de segurança. Se isto significasse se exceder nos seus poderes na hora de reunir judeus para a deportação, ele estava preparado para ignorar as instruções de Pétain de que a polícia francesa não devia se envolver.

Em 16 de julho de 1942, sob as ordens de Bousquet, um total de 9 mil policiais parisienses fizeram uma batida em Paris à procura de judeus “sem nacionalidade”. Cerca de 28 mil, incluindo 3 mil crianças que os alemães não haviam pedido, foram levados ao estádio do Vélodrome d’Hiver e para um campo de trânsito em Drancy, na periferia de Paris, antes de serem enviados aos campos de extermínio no leste. Houve outras batidas na zona não ocupada ao sul. Oberg ficou muito satisfeito com os esforços de Bousquet, embora Eichmann continuasse decepcionado.

A chegada de um exército americano no Mediterrâneo e claros indícios de que o Eixo seria derrotado estimularam a rápida formação da resistência. A tomada da zona não ocupada pelos alemães e o assassinato de Darlan, no final de 1942, também tiveram um forte impacto. No final de janeiro de 1943, tentando fortalecer o seu poder, o governo de Vichy criou a *Milice Française*, uma força paramilitar liderada por Joseph Darnand. A *Milice* atraiu uma mescla de ideólogos da extrema direita e antissemitas, arquirreacionários muitas vezes

provenientes da nobreza provinciana empobrecida, rapazes camponeses ingênuos atraídos pelo poder das armas e oportunistas criminosos aliciados pela promessa de saquear as casas dos detidos.

A criação da *Milice* reacendeu a guerra civil latente entre “*les deux Frances*”, que existia desde a revolução de 1789. De um lado estavam os católicos de direita que odiavam os maçons, a esquerda e a República, que eles chamavam de “*la gueuse*” ou “a prostituta”. Do outro, estavam os republicanos e anticlericais que haviam votado na Frente Popular em 1936. Contudo, sob a ocupação muitos franceses desafiavam a generalização. Havia até a esquerda *bien pensant* que denunciava judeus, e agentes do mercado negro que os salvavam, nem sempre por dinheiro.

A Operação Anton, a ocupação alemã do sul e do leste da França, fez mudar de lado muita gente que havia apoiado Pétain sem vontade. O único oficial-general no exército de 100 mil homens do Armistício a se opor ao exército alemão foi o general Jean de Lattre de Tassigny, um líder ostentoso que foi levado para fora do país pelos Aliados e mais tarde se tornou comandante do I Exército francês. Vários oficiais passaram à clandestinidade e se uniram a um novo movimento, a ORA, *Organisation de Résistance de l’Armée*. Relutando em apoiar De Gaulle, a princípio eles só reconheceram o general Giraud.

Previsivelmente, o Partido Comunista Francês desconfiava profundamente daquelas viradas de casaca de última hora, parte do que denominava “*Vichy à l’envers*”, ou “Vichy ao contrário”. Outros oficiais e funcionários fugiram para o norte da África, onde o governo do almirante Darlan era conhecido como “*Vichy à la sauce américaine*”. Quando chegou em Argel, François Mitterrand, um funcionário de Vichy que mais tarde foi presidente socialista da República, foi encarado com desconfiança pelo general De Gaulle não por ter vindo de Vichy, mas por ter chegado em um avião britânico.

De Gaulle se ressentia de quaisquer interferências inglesas nos assuntos franceses, especialmente do apoio da SOE aos grupos de resistência franceses. Ele queria que todas as atividades de resistência se submetessem ao seu próprio BCRA, o *Bureau Central de Reinsegnements et d’Action* e ficou muito aborrecido porque a Seção F da SOE, dirigida pelo coronel Maurice Buckmaster, desenvolveu quase cem células independentes em território francês.

O Ministério do Exterior havia instruído a Seção F a ficar longe dos Franceses Livres em Londres. A Seção estava disposta a fazê-lo, em parte por razões de segurança — os Franceses Livres eram notórios pela negligência e o seu sistema de codificação primitivo era um livro aberto para os alemães — mas também porque logo percebeu que as rivalidades políticas podiam ser perigosas na França. Como comentou mais tarde um oficial graduado, a grande vantagem de a

SOE permanecer acima das pugnas, ao mesmo tempo que controlava o suprimento de armas, era a sua capacidade de reduzir a ameaça de uma guerra civil quando a libertação por fim chegasse.¹¹

A SOE também criou a Seção RF, que trabalhava com o BCRA fornecendo armas e aviões, e o seu escritório ficava próximo do quartel-general do BCRA na Duke Street, ao norte da Oxford Street. O chefe do BCRA era André Dewavrin, mais conhecido pelo nome de guerra coronel Passy. A sua organização originalmente se dividia entre a inteligência e o “serviço de ação”, que lidava com a resistência armada. Houve rumores, nunca comprovados, de que Passy era membro da virulenta Cagoule anticomunista, embora ele certamente tivesse um ou dois *cagouleurs* trabalhando para si. O depósito de carvão no quartel-general da Duke Street foi convertido em celas onde os voluntários franceses suspeitos de serem espiões de Vichy ou comunistas eram detidos e interrogados pelo *capitaine* Riger Wybot. Surgiram relatos de tortura e de supostas mortes, provocando ira e constrangimento na SOE. Em 14 de janeiro de 1943, o chefe do serviço de segurança Guy Lidell escreveu em seu diário: “Pessoalmente, acho que é hora de fechar Duke Street.”¹²

A determinação de De Gaulle em unir a resistência sob o seu comando foi reforçada, embora, como militar de carreira, ele não confiasse muito nos irregulares. Se a resistência francesa reconhecesse a sua primazia, então os britânicos, e especialmente os americanos, teriam de fazer o mesmo. Além de redes como a *Confrérie de Notre-Dame*, dirigida pelo coronel Rémy (nome de guerra do cineasta Gilbert Renault), poucos eram naturalmente gaullistas. Mas grupos como *Combat*, fundado por Henri Frenay, aos poucos reconheceram a necessidade de operar em conjunto. Os comunistas, por seu lado, desconfiavam de De Gaulle, que supunham se tornaria um ditador militar de direita.

No outono de 1941, Jean Moulin, que em 1940 fora o prefeito mais jovem da França, apareceu em Londres. Um líder natural, ele impressionou a SOE e De Gaulle, que imediatamente viu nele o homem que unificaria a resistência. No dia de Ano-Novo de 1942, Moulin regressou à França com uma *ordre de mission* de De Gaulle nomeando-o delegado-geral. A sua tarefa era reorganizar todas as redes que pudesse em pequenas células que correriam menos riscos de ser infiltradas por agentes da *Abwehr* e do *Sicherheitsdienst* (ou SD), o serviço de contrainteligência da SS, muitas vezes confundido com a Gestapo. A resistência não devia tentar uma guerra aberta, mas preparar-se para a libertação da França pelas forças dos Aliados.

Moulin, que precisava de um militar para comandar o que mais tarde se tornaria o Exército Secreto, recrutou o general Charles Delestraint. Trabalhando incansavelmente, ele conquistou as principais redes na zona ocupada, *Combat*,

Libération e *Franc-Tireur* (diferente da organização comunista *Franc-Tireurs et Partisans*). Apesar do seu êxito, o governo britânico continuava decidido a não entregar a Seção F aos Franceses Livres.

Ironicamente, o apoio americano a Darlan contribuiu enormemente para o acordo entre De Gaulle e os comunistas. Estes estavam indignados com o apoio dos Aliados a Darlan, que era primeiro-ministro de Vichy quando os seus membros foram executados como reféns. Em janeiro de 1943, Fernand Grenier chegou a Londres como delegado do Partido Comunista junto aos Franceses Livres. No mês seguinte, Pierre Laval cedeu à pressão alemã para enviar mais trabalhadores ao Reich e criou o *Service de Travail Obligatoire*. O recrutamento aberto de mão de obra criou um ressentimento amargo na França e fez dezenas de milhares de jovens escaparem para as montanhas e florestas. Os grupos de resistência ficaram sobrecarregados com o fluxo e, embora fosse difícil alimentá-los, e ainda mais armá-los, o Maquis, como era chamado, tornou-se um movimento de massas.

Na primavera, Moulin criou o Conseil National de la Résistance e entrou em contato com redes no norte do país para convencê-las a se unirem. Mas em junho começou uma série de desastres, principalmente em virtude da segurança ruim. O SD conseguiu se infiltrar num grupo atrás do outro. O general Delestrain foi detido em um metrô de Paris e em 21 de junho Jean Moulin e todos os membros do Conseil National de la Résistance foram encurralados em uma casa na periferia de Lyon. Moulin foi tão torturado pelo SS *Hauptsturmführer* Klaus Barbie que morreu duas semanas depois, sem abrir a boca. Horrorizados com todas as falhas na segurança e na avalanche de detenções que prosseguiram, os britânicos ficaram ainda mais relutantes em confiar no BCRA.

Os gaullistas reconstituíram o conselho de resistência, desta vez chefiado por Georges Bidault, um católico de centro-esquerda honesto, mas desprovido de carisma. Como ele não possuía a clareza nem a determinação de Moulin, os comunistas, cujo sistema de células fechadas havia sofrido poucas infiltrações, aumentaram enormemente a sua influência. Eles se associaram ao Exército Secreto gaullista na esperança de receber grande quantidade de armas e dinheiro da SOE. Também esperavam infiltrar os diversos comitês de resistência com os seus próprios “submarinos”, comunistas secretos que fingiam não ter nada a ver com o partido. A sua visão da libertação da França era diametralmente oposta à ideia gaullista. Com o controle dos comitês e a força crescente dos seus grupos armados nos *Franc-Tireurs et Partisans*, eles pretendiam levar a libertação à revolução. Contudo, não sabiam que Stalin tinha outras prioridades e subestimaram as habilidades políticas dos gaullistas.

O próprio De Gaulle, que quase havia sido esquecido com a questão de Darlan

e a promoção do general Giraud pelos americanos, logo virou a mesa. Roosevelt havia enviado Jean Monnet para aconselhar Giraud, mas, embora fosse contrário a De Gaulle, Monnet mostrou ser realista. Ele trabalhou por trás dos panos para suavizar a transição de poder. Em 30 de maio de 1943, De Gaulle aterrissou no campo Maison Blanche, em Argel, onde Giraud lhe deu as boas-vindas com uma banda tocando a *Marsellaise*. Os britânicos e os americanos observavam a distância. Logo se seguiu um frenesi de desacordos e rumores de conspirações e até de sequestros. As intrigas levaram o general Pierre de Bénouville a comentar: “nada se parece mais a Vichy do que Argel.”¹³

Em 3 de junho foi formado o *Comité Français de Libération Nationale*, em que De Gaulle ditava praticamente todos os aspectos do que era claramente um governo “pronto para assumir”. Com a sua notável visão, ele percebera a necessidade de sondar Stalin, e não só para manobrar melhor os comunistas franceses. Decidiu enviar um representante a Moscou. Os Franceses Livres, os únicos do tipo entre os aliados ocidentais, já haviam contribuído com um grupo de combatentes na frente leste. Em 1º de setembro de 1942, o *Groupe de Chasse Normandie* foi formado em Baku, no Azerbaijão, antes de ser treinado na operação e conversão do caça Yak-7. O Grupo *Normandie-Nieman*, como era chamado, entrou em combate em 22 de março de 1943 e mais tarde afirmou ter derrubado 273 aviões da Luftwaffe.¹⁴ De Gaulle calculou que as boas relações entre a União Soviética e a França dariam a Stalin um coringa no Ocidente e melhorariam a sua própria posição ao lidar com os anglo-saxões.

Após a conquista da Bélgica, Hitler ordenou que os flamengos recebessem tratamento preferencial. Ele pensava que poderiam se tornar uma espécie de anexo subgermânico do Reich na futura reorganização da Europa. Uma parte do território belga ao sul de Aachen, além do Grão-Ducado de Luxemburgo, foi incorporado ao Reich.

Em 1942, a necessidade de mais mão de obra na frente leste fez Himmler aumentar a *Waffen-SS* com unidades de países “germânicos”, que incluía escandinavos, holandeses e flamengos. Além da *Légion Wallonie*, criada pelo fascista Léon Degrelle, que se considerava um futuro líder da Bélgica na Nova Ordem, foi incorporada também uma legião flamenga (*Legion Flamand*). No total, cerca de 40 mil belgas de ambas as comunidades serviram na *Waffen-SS*, o dobro do número de franceses que formaram a Divisão *SS Charlemagne*.

Contudo, a grande maioria dos belgas odiava a segunda ocupação alemã do país em um quarto de século. Os jornais clandestinos floresceram e jovens resistentes recorreram ao grafite para atacar a ocupação. Como em outros países

ocupados, o sinal V da vitória dos Aliados apareceu rabiscado nos muros. Quando Rudolph Hess voou para a Inglaterra, em 1941, eles pintaram “*Heil Hess!*”¹⁵ nas paredes. O exército alemão adotou uma abordagem pragmática e preferiu ignorar as alfinetadas. Mas assumiu uma atitude mais severa quando uma série de ataques ameaçou a produção industrial.

A resistência armada teria sido suicida, então muitos belgas bem posicionados, incluindo ex-oficiais da inteligência, fizeram o que estava ao seu alcance para espionar para os Aliados. Um *Armée Secrète* clandestino foi criado mais tarde, com cerca de 50 mil membros, mas precisou esperar até a libertação estar próxima. Havia grande desconfiança entre o governo belga no exílio em Londres e a seção da SOE responsável pelo país. O controlador mais eficiente, que assumiu em meados de 1943, foi Hardy Amies, que mais tarde tornou-se estilista da rainha.

Uma organização mais militante era o comunista *Front de l’Indépendance* que, além de fomentar greves, assassinou colaboradores nas ruas. Outros grupos corajosos organizaram linhas de fuga para tripulações aliadas abatidas durante a campanha estratégica de bombardeio da Alemanha. A mais bem-sucedida era a linha Cometa, organizada por uma jovem, Andrée de Jongh, de codinome Dédée. Muitos belgas também correram grandes riscos ao esconder judeus nascidos no país. Os refugiados judeus de outros países detidos lá tiveram menos sorte. Eles formaram a maior parte dos 30 mil judeus transportados para os campos.

Os Países Baixos, que haviam permanecido neutros na Primeira Guerra Mundial, talvez tenham sofrido mais do que a Bélgica com o choque da ocupação. Embora uma pequena minoria tenha colaborado ou mais tarde tenha se unido à Divisão Holandesa da *Waffen-SS*, a maioria do país era amargamente antigermânica. Como na Bélgica, a detenção de judeus, em fevereiro de 1941, provocou uma greve, que por sua vez levou a represálias brutais. Um grupo de resistência holandês queimou as certidões de nascimento em Amsterdã para prejudicar as buscas dos alemães, mas a maior parte dos 140 mil judeus do país foi transportada para os campos da morte, inclusive a jovem Anne Frank. Com o início da guerra no leste, as autoridades de ocupação alemãs instituíram um governo ainda mais duro. Em 4 de maio de 1942, os alemães fuzilaram 72 membros da resistência holandesa e detiveram centenas deles.

O *Sicherheitsdienst* estivera ativo nos Países Baixos antes da guerra, por isso quando cresceu a oposição ao recrutamento de mão de obra, as prisões tinham alvos precisos. Depois de obter uma lista de contatos da inteligência holandesa dos dois oficiais do SIS presos em Venlo, em 1940, os alemães os pegaram

rapidamente.

A *Abwehr* também teve grande êxito contra a resistência holandesa no início de março de 1942. O seu golpe de contrainteligência foi denominado Operação Polo Norte, ou *Englandspiel*.¹⁶ Este desastre deveu-se quase totalmente às práticas surpreendentemente negligentes da Seção N do quartel-general da SOE em Londres. Um operador de rádio da SOE foi detido em uma batida em Haia. A *Abwehr* forçou-o a transmitir para Londres. Ele o fez, supondo que, como havia omitido o elemento de segurança ao final da mensagem, Londres saberia que havia sido capturado. Mas, para seu espanto, Londres supôs que ele simplesmente se esquecera de incluí-lo, e respondeu dizendo-lhe que conseguisse uma zona de aterragem para outro agente que saltaria de paraquedas.

Um comitê alemão de recepção esperava o novo agente, que foi forçado a enviar outra mensagem de volta como lhe ordenaram. A cadeia prosseguiu, e um agente após o outro foi detido ao aterrar. Todos ficaram profundamente chocados ao descobrir que os alemães sabiam tudo sobre eles, até a cor das paredes da sua sala na Inglaterra. A *Abwehr* e o SD, desta vez trabalhando juntos em harmonia, conseguiram capturar cerca de 50 oficiais e agentes holandeses. As relações anglo-holandesas foram gravemente afetadas por este desastre; na verdade, muitos nos Países Baixos suspeitavam de traição da parte de Londres. Não havia conspiração, apenas a terrível combinação de incompetência, negligência e ignorância das condições na Holanda ocupada.

A Dinamarca, surpresa e esmagada com a invasão nazista em 1940, optou por uma forma de resistência passiva na primeira parte da ocupação. O governo alemão manteve a mão leve e basicamente permitiu que o país se autogovernasse, o que levou Churchill a se referir injustamente à Dinamarca como “o canário amestrado de Hitler”. Os fazendeiros dinamarqueses, altamente produtivos, geravam um quinto das necessidades alemãs de manteiga, porco e carne.¹⁷ Himmler pretendia recrutar o maior número possível de dinamarqueses para a *Waffen-SS*, mas a maioria dos voluntários veio da minoria sulista de língua germânica.

Em novembro de 1942, irritado com a antipatia declarada do rei Christian, Hitler exigiu um governo mais obediente. O odiado pró-nazista Erik Scavenius foi nomeado primeiro-ministro. Scavenius fez a Dinamarca se unir ao Pacto Anti-Comintern e convocou os dinamarqueses a se apresentarem como voluntários para lutar na União Soviética. Embora a situação do país sob o governo nazista fosse uma das menos terríveis na Europa, os dinamarqueses

conseguiram salvar quase todos os judeus do país levando-os para o sul da Suécia em barcos de pesca pelo Kattegat. A clandestinidade dinamarquesa, o *Dansk Frihedsråd*, fornecia inteligência valiosa a Londres, principalmente à RAF. Ela também executava ações de sabotagem e, em 1943, estabeleceu um governo de oposição.

De todos os governos no exílio em Londres, o norueguês foi o mais forte, tanto em autoridade quanto em recursos. A grande marinha mercante norueguesa foi posta a serviço dos britânicos e representou uma importante contribuição para o esforço de guerra nos comboios pelo Atlântico e o Ártico. A Noruega, que exibira um alto índice de apoio ao rei Haakon VII, também sofreu muito menos que outros países ocupados com a ameaça de uma guerra civil, fosse durante a ocupação, fosse ao final da guerra.

Após a derrota do país, os oficiais noruegueses começaram a organizar um exército clandestino, o *Milorg*, no final de 1940. Ao término da guerra, ele reunia perto de 40 mil membros. Houve uma frustração considerável com a intervenção inepta dos Aliados, e nos primeiros anos da ocupação alemã houve tensões entre os noruegueses e a SOE, que pretendia desenvolver uma campanha agressiva.

O desejo de Churchill de lançar ataques à Noruega, com dois às ilhas Lofoten, em 1941, e depois defendendo a invasão em 1942, deixou perplexos os seus chefes de Estados-Maiores, mas fizeram Hitler crer que os Aliados atacariam pelo mar do Norte. A insistência do ditador alemão em manter mais de 400 mil soldados na Noruega, para frustração dos generais em outras partes, reteve uma força considerável durante quase cinco anos de guerra. Com um exército de ocupação tão enorme, não era de surpreender que o *Milorg* não quisesse iniciar uma guerra de guerrilha, que teria provocado a morte maciça de civis.

Antes da guerra, o autointitulado líder norueguês, Vidkun Quisling, havia comandado um pequeno grupo de simpatizantes nazistas, o *Nasjonal Samling*. Após se autoproclamar chefe do governo durante a invasão alemã ele logo foi defenestrado por Josef Terboven, o *Reichskommissar*, que o desprezava. Em fevereiro de 1942, Hitler designou Quisling ministro-presidente, mas Terboven continuou a solapar as suas ilusões de poder. Foi criado o *Rikshird*, um similar da SA nazista, que atraiu 50 mil membros, a maioria de oportunistas. Outras organizações nazistas, como a Juventude Hitlerista (*Hitler Jugend*), também foram imitadas. Um número considerável de mulheres norueguesas se envolveu com soldados alemães e mais de 10 mil crianças nasceram destas uniões, algo talvez inevitável com um exército de ocupação tão imenso.

Mas a maior parte da população odiava os ocupantes alemães. Em abril de 1942, a ampla maioria do clero luterano se declarou contrária ao governo de Quisling, e quando os alemães ordenaram a caça aos judeus apenas 767 de um total de 2.200 foram deportados. A maioria foi levada para a fronteira da Suécia que, apesar de contente de vender à Alemanha o seu rico minério de ferro e outros materiais para a indústria bélica, começou a se distanciar do parceiro comercial nazista quando a maré da guerra começou a se virar contra a Alemanha.

Um alvo vital da RAF fora a fábrica Norse Hydro, no distrito de Telemark, que produzia água pesada para o que se suspeitava seria o protótipo de uma bomba atômica alemã. Mas o bombardeio aéreo era considerado impraticável, então a SOE foi convocada para organizar uma operação de sabotagem. Um comando de assalto britânico terminou em um desastre em novembro de 1942, quando dois planadores Horsa caíram devido ao mau tempo. As tropas alemãs detiveram os sobreviventes de um deles, amarraram as suas mãos com arame farpado e os executaram imediatamente. Isto foi uma resposta ao recente *Kommandobefehl* de Hitler, ordenando que todos os membros das forças especiais ou de grupos de incursões, estivessem ou não de uniforme, fossem fuzilados. Os alemães imediatamente descobriram nos mapas do planador caído qual era o seu objetivo.

Em outubro, o comitê de recepção constituído por três comandos noruegueses havia descido de paraquedas nas montanhas. Eles resistiram ao inverno inclemente sobrevivendo em abrigos cavados na neve e comendo carne de rena. A sua única fonte de vitamina C era o *gørr*, a matéria verde semidigerida do estômago das renas. Em 17 de fevereiro de 1943, finalmente outros seis comandos noruegueses treinados na Grã-Bretanha saltaram de paraquedas, mas se equivocaram na zona de lançamento e foram parar em outro lago congelado nas montanhas. Finalmente os dois grupos se reuniram e, na noite de 28 de fevereiro, conseguiram colocar explosivos na fábrica de água pesada Vermork.¹⁸ Entraram e saíram sem disparar um tiro e causaram danos consideráveis. Os alemães consertaram as instalações e a produção foi reiniciada quatro meses depois. Ataques da 8ª Força Aérea dos EUA não atingiram o alvo corretamente, e por isso a resistência norueguesa foi chamada novamente.

Quando uma quantidade suficiente de água pesada ficou pronta, em fevereiro de 1944, os alemães a levaram em vagões ferroviários até uma balsa, sem saber que dois membros mais velhos da resistência norueguesa haviam entrado clandestinamente na noite anterior e colocado cargas com detonadores de tempo fabricados com despertadores. A balsa afundou exatamente como planejado, na parte mais profunda do lago. Catorze civis morreram, mas as autoridades

norueguesas em Londres haviam acordado antecipadamente que o alvo justificava os riscos. Embora os cientistas alemães não estivessem nem perto de construir uma bomba nuclear, os Aliados não podiam arriscar. De qualquer modo, as duas ações em Vermork estão entre as operações de sabotagem mais eficientes da guerra.

A Tchecoslováquia, a primeira vítima da agressão alemã, foi abandonada pelos britânicos e franceses em 1938 e totalmente ocupada pelos alemães no mês de março seguinte. Mas os estudantes tchecos marcaram o seu dia da independência em 28 de outubro de 1939 com uma grande passeata. Os nazistas fecharam todas as universidades e executaram nove estudantes como advertência. O ex-primeiro-ministro Edvard Beneš estabeleceu um governo no exílio em Londres e soldados e pilotos tchecos partiram para a Inglaterra. Os pilotos tchecos lutaram na RAF com muita habilidade e bravura.

Os alemães desmembraram o país. Os Sudetos já haviam sido incorporados ao Reich, a Eslováquia tornou-se um Estado títere fascista governado pelo monsenhor Jozef Tiso, e o restante do país foi declarado Protetorado do Reich da Boêmia e da Morávia. Embora a princípio o governo nazista tenha evitado medidas drásticas, o SD prontamente esmagou quaisquer sinais de descontentamento, principalmente após junho de 1941 e a entrada da União Soviética na guerra ao lado dos Aliados. A resistência tcheca — o UVOD ou

Ústřední vedení odboje domácího — e os grupos comunistas iniciaram uma campanha de sabotagem contra os depósitos de petróleo e as ferrovias.

Hitler nomeou Reinhard Heydrich protetor da Morávia e da Boêmia para esmagar a oposição. Este imediatamente optou por uma política de terror para assegurar que a produção bélica não fosse mais interrompida. Deteve os principais funcionários e sentenciou-os à morte. No total, 92 pessoas foram fuziladas nos primeiros dias e milhares de outras enviadas ao campo de concentração Mauthausen. O plano de longo prazo de Heydrich era germanizar o território mediante deportações em massa. Ele também começou a despachar os 100 mil judeus da região para campos de concentração, onde quase todos morreram.

Em Londres, o governo tcheco no exílio resolveu assassinar Heydrich. Dois jovens voluntários tchecos foram treinados pela SOE e lançados de paraquedas no país no final de 1941. Em 27 de maio de 1942, depois de muito trabalho de reconhecimento, a dupla se posicionou para uma emboscada na estrada. Um tentou atirar em Heydrich quando o seu Mercedes conversível diminuiu a

marcha para fazer uma curva fechada, mas a sua submetralhadora emperrou. O seu companheiro lançou então uma bomba improvisada. Heydrich foi ferido na explosão. Embora não fossem fatais, os ferimentos foram infectados e ele morreu de septicemia no dia 4 de junho.

Embora contrariado porque Heydrich havia se arriscado circulando por Praga em um carro conversível, a fúria de Hitler contra os tchecos levou a represálias em massa, com assassinatos e deportações. As aldeias de Lidice e Ležaky foram destruídas e todos os habitantes do sexo masculino com mais de 16 anos foram executados. As mulheres foram enviadas ao campo de concentração de Ravensbrück. Embora não tão extrema quanto outras atrocidades nazistas, Lidice tornou-se o símbolo da opressão alemã em todo o mundo ocidental.

A Batalha do Atlântico e o Bombardeio Estratégico 1942-1943

O feito da Marinha Real e da RAF afundando os navios de suprimentos do *Afrika Korps* de Rommel, no outono de 1941, obrigou Hitler a ordenar a transferência dos *U-boats* do Atlântico para o Mediterrâneo e redondezas. O almirante Dönitz objetou energicamente, mas sem efeito. No Mediterrâneo, os *U-boats* tiveram bons resultados afundando o porta-aviões HMS *Ark Royal* e o encouraçado HMS *Barham*, mas a contribuição do Ultra à sobrevivência do VIII Exército no norte da África foi considerável.

O comandante em chefe da marinha americana, o almirante Ernest King, relutava em operar um sistema de escolta ao longo da costa leste dos EUA, embora o país já estivesse em guerra com a Alemanha. O almirante Dönitz enviou à área alguns *U-Boats* Tipo IX que deveriam alvejar os navios à noite contra as luzes costeiras, principalmente os petroleiros. As perdas foram tantas que, por pressão do general Marshall, no início de abril King foi forçado a escoltar comboios. Os alemães então transferiram os ataques para o Caribe e o golfo do México.

Em fevereiro de 1942, a Kriegsmarine acrescentou um quarto rotor às suas máquinas Enigma. Bletchley chamou o novo sistema de “Shark” (Tubarão) e por quatro meses pelejou para quebrá-lo, mas sem sucesso. Para piorar as coisas, os alemães quebraram o código do Almirantado conhecido como Cifra Naval 3, que trocava detalhes dos comboios com os americanos. Embora em agosto os britânicos tenham suspeitado de que ele fora decifrado, o Almirantado inexplicavelmente continuou a usá-lo por mais dez meses, com consequências desastrosas.

Um total de 1.100 navios foi a pique em 1942, com 173 só em junho. Porém, ao fim de outubro, a máquina Enigma foi apreendida em um submarino naufragado no leste do Mediterrâneo. Em meados de dezembro, os

decodificadores em Bletchley decifraram o “Shark”. Os comboios puderam ser desviados para evitar as alcateias, e aviões antissubmarinos do Canadá, Islândia e Reino Unido puderam ser redirecionados para áreas onde havia *U-boats* reunidos. Isto forçou as alcateias a se concentrarem no “fosso negro” no Atlântico, fora do alcance das aeronaves sediadas em bases costeiras.

Para ampliar o alcance dos *U-boats* e o seu tempo de navegação, o almirante de esquadra Dönitz, que fora promovido ao substituir Raeder como comandante da Kriegsmarine, introduziu os submarinos “vaca leiteira” para reabastecer e rearmar as alcateias. Em dezembro ele enviou vários *U-boats* ao oceano Índico. Na Operação Torch, os *U-173* afundaram três navios da frota invasora de Casablanca e, na noite seguinte, um *U-130*, capitaneado por Ernst Kals, afundou outros três.

Durante todo este tempo, a “rota do inferno” dos comboios no Ártico prosseguiu. Nos meses de verão as noites eram tão curtas que as escoltas e os navios mercantes sofriam constantes ataques aéreos das bases da Luftwaffe no norte da Noruega. Além dos *U-boats*, a Kriegsmarine enviou contratorpedeiros pesados de ancoradouros nos fiordes. No inverno, a superestrutura dos navios ficava enterrada no gelo, que tinha de ser quebrado com picaretas. E a tripulação dos navios afundados tinha poucas chances se fosse preciso pular no mar. Morreriam de hipotermia em três minutos.

Determinado a melhorar a segurança dos comboios destinados à União Soviética, Churchill queria invadir e controlar o norte da Noruega com a Operação Júpiter. Desde o outono de 1941 ele vinha aborrecendo seus chefes de Estados-Maiores com planos de um desembarque por lá. Diversas vezes eles retrucaram com argumentos sólidos explicando por que aquilo seria impraticável. Não tinham navios de transportes nem belonaves, e a área era longe demais para ter cobertura aérea. Churchill voltou à carga em maio de 1942. Em julho ocorreu-lhe que a tarefa seria adequada ao Corpo Canadense, já que os seus homens estavam acostumados aos climas inclementes. O general Andrew McNaughton, o comandante, estimou que seriam necessários “cinco divisões, vinte esquadrões e uma esquadra grande”.⁴ Churchill queria enviá-lo a Moscou para discutir o projeto com Stalin. Foi necessária a firme oposição dos canadenses e dos chefes de Estados-Maiores para, meses depois, o primeiro-ministro descartar o assunto. Em Washington, o general Marshall também se opunha terminantemente àquele desperdício de esforços.

Em dezembro de 1942, o Comboio JW-51B com destino a Murmansk foi atacado junto ao cabo Note pelo cruzador pesado *Admiral Hipper*, pelo *Lützow* e seis contratorpedeiros. Quatro escoltas da Marinha Real imediatamente se voltaram contra eles. Embora o contratorpedeiro HMS *Achates* e um caça minas

tenham sido afundados, conseguiram avariar o *Hipper* e afundar um contratorpedeiro alemão. Após repelir uma força superior, as escoltas, lideradas pelo HMS *Onslow*, conseguiram acompanhar o comboio ao seu destino.

Na conferência de Casablanca, em janeiro de 1943, as bases de *U-boats* e os estaleiros foram apontados como os objetivos prioritários do Comando de Bombardeiros. Em 13 de fevereiro, Lorient, uma das principais bases na costa atlântica francesa, sofreu um bombardeio pesado. Saint-Nazaire também foi atacada. Contudo, apesar da enorme quantidade de bombas despejadas, em geral mais de mil toneladas por vez, os abrigos de ferro e concreto eram bastante sólidos. Descobriu-se que era mais eficaz colocar uma grande quantidade de minas ao largo da costa da Bretanha.

Em pouco tempo os aperfeiçoamentos nos radares montados nos antissubmarinos Liberator e Sunderland mostraram resultados. A baía de Biscaia tornou-se um campo de morte para os esquadrões do Comando Costeiro, que operavam a partir do sudoeste da Inglaterra. No entanto, as alcateias no “fosso negro” continuavam a provocar grande destruição. Em março de 1943, em mar agitado, o rápido Comboio HX-229 ultrapassou o SC-122, mais lento. Isto deu às alcateias um alvo de noventa navios mercantes, protegidos por apenas dezesseis navios-escolta. Dönitz havia concentrado 38 *U-boats* na área, e na noite de 20 de março eles afundaram 21 navios. Só a chegada dos Liberators que decolaram da Islândia na manhã seguinte salvou os navios restantes dos dois comboios.

Naquele momento, Dönitz tinha 240 *U-boats* em operação. Em 30 de abril, ele concentrou 51 deles entre a Groenlândia e Terra Nova para interceptar o Comboio ONS-5. Porém, como Bletchley havia quebrado o código “Shark”, mais cinco contratorpedeiros foram enviados de St. John, e os Catalinas da Força Aérea canadense estavam de prontidão. Os Liberators de longo alcance estreitaram o “fosso negro” e os navios-escolta foram equipados com um sistema de determinação da direção de alta frequência que podia localizar *U-boats* na superfície a até 60 quilômetros de distância. Os comboios incluíam porta-aviões escolta, contratorpedeiros e corvetas armadas com um novo equipamento chamado Hedgehog que disparava cargas profundas adiante do navio, em vez de simplesmente soltá-las pela popa. Na primeira semana de maio, os *U-boats* de Dönitz interceptaram o comboio. Afundaram treze navios, mas o contra-ataque das escoltas e aviões afundou sete *U-boats*. Isto forçou Dönitz a cancelar o restante da operação.

Em maio, ele foi obrigado a aceitar que a sua tática da alcateia não estava funcionando. Um grupo de 33 *U-boats* tentou atacar o Comboio SC-130. Eles não conseguiram afundar nenhum navio e perderam cinco submarinos. Um

deles, o *U-954*, foi afundado por um Liberator do Comando Costeiro. Toda a tripulação foi morta, inclusive Peter, o filho de 21 anos de Dönitz. Em conjunto, a Kriegsmarine perdeu 33 *U-boats* naquele mês. Em 24 de maio, Dönitz ordenou que a maioria dos submarinos no Atlântico Norte se retirasse e fundeasse ao sul de Açores. Agora, a principal preocupação de Churchill havia passado. Com a ameaça dos *U-boats* reduzida drasticamente, podiam começar a fortalecer as tropas americanas para invadir a Europa.

Hitler vira a campanha de *U-boats* contra a Grã-Bretanha como uma vingança justa do bloqueio da Alemanha na Primeira Guerra Mundial. Igualmente, os britânicos consideravam a campanha de bombardeio estratégico contra a Alemanha uma vingança pela blitz em Londres. Havia também um forte elemento de vingança pelos crimes nazistas em outras partes. Mas o ímpeto principal provinha da debilidade britânica e da sua incapacidade de revidar de outro modo.

Em 29 de junho de 1940, pouco depois da derrota francesa, Churchill reconheceu que o bloqueio naval da Alemanha já não era possível. “Neste caso”, acrescentou, “a única arma decisiva que temos em mãos é um ataque aéreo arrasador à Alemanha.”² A ofensiva de bombardeio estratégico já havia começado em 15 de maio, quando 99 bombardeiros atacaram instalações petrolíferas no Ruhr. Mas o primeiro ano dos ataques do Comando de Bombardeiros foi muito ineficaz. No final de setembro de 1941, Churchill ficou horrorizado ao ler o Relatório Butt, que estimou, a partir de fotos de reconhecimento, que só um avião em cinco despejou bombas dentro de um raio de 8 quilômetros dos alvos.

O chefe do Estado-Maior do ar, o marechal Portal, acabara de escrever um artigo para o primeiro-ministro defendendo uma força de 4 mil bombardeiros para destruir o moral alemão. Inteligentíssimo, Portal não se deixou abater pelo espanto e a raiva de Churchill ao ler o Relatório Butt.³ Respondeu com o argumento incontestável de que o exército britânico não estava em condições de derrotar a Alemanha. Só a RAF podia esperar enfraquecer os germânicos de modo fatal para quando a Grã-Bretanha regressasse ao continente europeu. Churchill retrucou recordando as alegações exageradas da RAF anteriores à guerra sobre os efeitos decisivos do bombardeio. Naquela época, a perspectiva da “destruição aérea era tão exagerada que deixou deprimidos os estadistas responsáveis pela política do pré-guerra e teve um papel definitivo no abandono da Tchecoslováquia, em agosto de 1938”.⁴

Churchill pode ter acertado na mosca que as alegações da RAF tinham relação

com a sua rivalidade com o exército e a Marinha Real. Os bombardeios da Alemanha na Primeira Guerra Mundial haviam sido ineficazes e perdulários. A recém-criada RAF lutava para sobreviver com afirmações absurdamente exageradas sobre os danos provocados, especialmente no moral civil. Desde 1918, a sua justificativa para se manter como um serviço independente se baseava no argumento de que o bombardeio era uma possibilidade estratégica. Isto estabeleceu um “padrão de exageros que terminou ajudando a criar um hiato entre a política de declarações da RAF e as suas capacidades reais”.⁵ Contudo, Churchill não queria rejeitar as vantagens oferecidas pelo Comando de Bombardeiros. Com um profundo sentido da história, ele tinha em mente a estratégia britânica tradicional de evitar o confronto direto em solo europeu enquanto o inimigo não estivesse seriamente debilitado no mar e na periferia. Sobretudo, ele estava determinado a evitar um banho de sangue como na Primeira Guerra Mundial.

Para Churchill, a necessidade mais urgente durante os ataques noturnos da Luftwaffe à Grã-Bretanha em 1940 e na primavera de 1941 era assegurar ao povo desencantado e receoso que a Grã-Bretanha estava revidando. No momento em que o exército tropeçava nos desastres na Grécia e em Creta e Rommel avançava no norte da África, a teoria da RAF sobre a ofensiva do poderio aéreo, anunciada pelo primeiro chefe do Estado-Maior da força aérea, lorde Trenchard — “bombardeá-los mais duramente do que eles nos bombardearam” —,⁶ era atraente demais para ser questionada. Não houve menção ao fato de que a força de bombardeio de Trenchard na Primeira Guerra Mundial sofrera inúmeras baixas com poucos resultados. Tampouco à implicação clara de que a estratégia se dirigia essencialmente à população civil “para efeitos no moral”, tal como fizera a Luftwaffe. De qualquer modo, a verdade é que o bombardeio continuava tão impreciso que só podia ter por objetivo áreas com cidades densamente povoadas.

À diferença da Luftwaffe, que manteve uma cooperação tática estreita com o exército alemão, a RAF, na sua ampla batalha pela independência, se distanciara o mais possível das duas outras forças e rejeitava o conceito de apoio aproximado. A desconfiança entre as forças singulares se intensificou na década de 1930. O exército e a Marinha Real questionaram a moralidade e a legalidade da estratégia de bombardeio proposta pela RAF. O Almirantado chegou a qualificar o bombardeio de cidades como “revoltante e anti-inglês”.⁷ A RAF protestou exaltada que a “morte de bebês”⁸ não estava entre os seus objetivos. Contudo, a ênfase no ataque ao moral do inimigo não indicava alternativas.

Quando a guerra eclodiu, o Comando de Bombardeiros estava muito atrás do Comando de Caças no aprestamento para levar adiante a sua missão. Não só os

aviões eram inadequados como a navegação, a inteligência, a aerofotogrametria e os sistemas de localização de alvos haviam sido tremendamente negligenciados. O Comando de Bombardeiros tampouco previra a eficácia da defesa antiaérea alemã.

No início da guerra, os comandantes da RAF ouviram que “o bombardeio intencional das populações civis é ilegal”.⁹ Isto foi uma resposta ao apelo do presidente Roosevelt às nações combatentes para que evitassem bombardear as cidades. As missões de bombardeio da Alemanha se limitavam a ataques ineficazes a estaleiros e portos e ao despejo de folhetos de propaganda. Mesmo após os ataques da Luftwaffe a cidades como Varsóvia e, depois, Roterdã, a política só mudou depois que a Luftwaffe bombardeou Londres por equívoco, na noite de 24 de agosto de 1940, em vez de atacar os portos no estuário do Tâmesa. A ordem de Churchill de retaliar, como foi mencionado, levou ao início da blitz em Londres e à diminuição das restrições aos alvos da RAF. Contudo, apesar das afirmações do Comando de Bombardeiros nos anos da guerra, a sua força de Wellingtons e Handley Page Hampdens mostrou-se incapaz de se defender dos caças, de encontrar os alvos mesmo à luz do dia e, quando os encontrava, de provocar danos significativos. A humilhação para a RAF foi considerável.

Fortalecido por uma ideia totalmente otimista sobre a vulnerabilidade econômica alemã, Churchill levou adiante os planos de incrementar a força do Comando de Bombardeiros. Ao estimar a possibilidade de alcançar a vitória unicamente mediante os bombardeios, ele descontou o fracasso da ofensiva da Luftwaffe em destruir a infraestrutura ou o moral civil da Grã-Bretanha. Contudo, a produção petrolífera e as fábricas de aviões alemães provaram ser alvos muito pequenos para a realidade aleatória do bombardeio aéreo. Por isso, Portal argumentou que os ataques alemães a Londres em 1940 permitiam à Grã-Bretanha “dispensar as luvas”¹⁰ e propôs voltar ao velho mantra da RAF de criar um “efeito moral” mediante o bombardeio de cidades, que sabia ser possível. Churchill concordou. Em 16 de dezembro de 1940, um mês antes da destruição de Coventry, o Comando de Bombardeiros lançou o primeiro “ataque de área” deliberado em Mannheim.

A situação cada vez mais desesperadora da Batalha do Atlântico forçou o Comando de Bombardeiros a se concentrar nas docas disfarçadas de *U-boats*, nos estaleiros e fábricas que produziam o avião Focke-Wulf Condor usado contra os comboios. Contudo, em julho de 1941 a defesa do bombardeio de área das cidades cresceu na RAF, apoiada veementemente por lorde Trenchard. Havia a convicção equivocada de que o moral alemão era muito mais frágil que o inglês, e que os alemães estavam prestes a desistir da campanha noturna incessante. O Relatório Butt sobre a imprecisão do bombardeio logo depois

convenceu até os críticos de que não havia opção a não ser partir para as áreas-alvo.

Em fevereiro de 1942, o Comando de Bombardeiros foi autorizado pelo Gabinete a levar adiante a estratégia de áreas-alvo, e o marechal do ar, Sir Arthur Harris, assumiu o comando. Com um bigode farto e forte como um touro, Harris não tinha dúvida de que a chave da vitória era a destruição das cidades alemãs. Na sua visão, isto evitaria a necessidade de enviar forças ao continente para enfrentar a Wehrmacht. Estrangeiro calejado que tivera uma vida dura na Rodésia, ele não via razão para se comprometer com aqueles que qualificava como cavalheiros de coração mole.

Desde as noites passadas no teto do Ministério da Aeronáutica durante a blitz, assistindo às bombas da Luftwaffe caírem sobre Londres, Harris quis revidar, principalmente com uma carga de bombas incendiárias que sobrecarregasse os serviços dos bombeiros do inimigo. A blitz em Londres e em outras cidades havia matado 41 mil civis e ferido outros 137 mil. Portanto, Harris não estava preparado para ouvir críticas nem disposto a aceitar outras solicitações de generais ou almirantes, os quais, ele estava convencido, haviam tentado minar a RAF desde a sua independência. Para ele, eram “diversionistas” que queriam impedi-lo de levar adiante o seu plano principal.

Sua primeira tarefa era elevar o moral das tripulações.¹¹ Elas haviam sofrido grandes baixas — quase 5 mil homens e 2.331 aviões nos primeiros dois anos da guerra — com poucos resultados, segundo o Relatório Butt. Em muitos dos ataques iniciais, morreu mais gente das tripulações do que alemães em terra.

As suas vidas não tinham o glamour dos esquadrões de Spitfires no sudeste, cujos pilotos eram festejados nas suas viagens frequentes a Londres. A maior parte das bases de bombardeiros estava no interior plano e açoitado pelo vento de Lincolnshire ou Norfolk, ali situados por se encontrarem na mesma latitude de Berlim. A tripulação vivia em estruturas Nissen* onde pairava no ar o odor dos cigarros e da fumaça do carvão dos fogões e onde a chuva parecia não parar de martelar o teto. Além de ovos com bacon no café da manhã na volta de uma missão, a comida consistia em uma rotina monótona de macarrão com queijo, vegetais cozidos demais, beterraba e presuntada, e a maioria sofria de constipação. Além das infindáveis xícaras de chá, que se dizia salpicado de brometo para reduzir os ímpetos sexuais, a única bebida disponível era a cerveja aguada dos pubs lúgubres aos quais iam de bicicleta ou de ônibus nas noites chuvosas. Os mais sortudos podiam se fazer acompanhar de uma jovem da WAAF [Força Aérea Auxiliar Feminina] da própria base. Outros esperavam conhecer jovens locais ou Garotas do Campo** nos bailes.

Como no Comando de Caças, os pilotos e as tripulações eram em grande parte

voluntários. Um quarto deles provinha de países invadidos pelos nazistas e dos domínios britânicos: Canadá, Austrália, Rodésia e África do Sul. Havia tantos canadenses que eles formaram esquadrões RCAF à parte, e o mesmo fizeram depois homens de outros países, como os poloneses e os franceses. Cerca de 8 mil membros das tripulações do Comando de Bombardeiros morreram em acidentes nos treinamentos, aproximadamente a sétima parte do total de baixas.

Quando estavam em uma operação, eles conviviam com o frio paralisador, tédio, medo, desconforto e o ruído perpétuo dos motores. A morte podia chegar a qualquer momento, pela artilharia antiaérea ou por um caça noturno. A sorte, boa ou má, parecia dominar as suas vidas, e muitos se tornavam obsessivamente supersticiosos, agarrando-se a rituais pessoais e talismãs, como um pé de coelho ou uma medalha de São Cristóvão. Independentemente do alvo, as missões começavam com uma rotina parecida — a reunião informativa (*briefing*), que começava com as palavras “o alvo desta noite”, a checagem dos rádios, a decolagem, o voo em círculos para completar as formações no céu, os metralhadores disparando rajadas de teste sobre o canal da Mancha e, depois, a atmosfera no avião ficando tensa quando chegava a mensagem pelo intercomunicador: “costa inimiga adiante”. A tripulação ficava à espera do sacolejo da aeronave quando a carga pesada de bombas caía.

Aquela era uma guerra de homens jovens. Um piloto de 31 anos era chamado de “vovô”. Todos tinham apelidos e havia um forte sentimento de camaradagem, mas para lidar com a morte de amigos eles precisavam desenvolver certo cinismo ou sangue-frio, para se protegerem da culpa por sobreviver. A visão de um avião em chamas produzia uma mescla de terror e alívio por ser outrem. Um bombardeiro podia regressar tão avariado por um caça noturno que a equipe de terra tinha de retirar com muito trabalho os restos mortais do metralhador de cauda de sua torreta.¹² A espera na zona de dispersão, sem saber se a operação ia ocorrer, estava atrasada ou fora cancelada devido ao mau tempo sobre o alvo criava uma forte tensão. Os pilotos eram “afinados como um violino”,¹³ embora às vezes se referissem a si mesmos como “um motorista de ônibus glorificado”.¹⁴

O poder de ofensiva do Comando de Bombardeiros só começou a crescer quando aviões pesados — primeiro os Stirlings, depois os quadrimotores Halifaxes e Lancasters — começaram a substituir os Hampdens e os Wellingtons. Na noite de 3 de março de 1942, foram enviados 235 bombardeiros no primeiro ataque pesado a um alvo na França, a fábrica da Renault em Boulogne-Billancourt, na periferia de Paris. Tratava-se de um alvo legítimo, pois fabricava veículos para a Wehrmacht. Pela primeira foram empregados sinalizadores de marcação e, como havia poucas armas antiaéreas na região, os aviões puderam descer a cerca de 4 mil pés para melhor pontaria. A destruição

do complexo da fábrica foi boa, mas 367 civis foram mortos, principalmente em conjuntos habitacionais das redondezas.

Em 28 de março, a RAF bombardeou o porto de Lübeck, no norte da Alemanha, com uma mistura de bombas incendiárias e de alto-explosivo, como Portal e Harris haviam planejado. A velha cidade ardeu. Hitler ficou indignado. “Agora vamos revidar o terror com o terror”, registrou o seu assistente da Luftwaffe. Ele ficou tão furioso que exigiu que “trouxessem aviões da frente leste”,¹⁵ mas o general Jeaschonnek, chefe do Estado-Maior da Luftwaffe, conseguiu persuadi-lo de que podiam usar as formações de bombardeiros no norte da França. Contudo, quando a campanha de bombardeio inglesa se acelerou, cresceu a pressão para trazer da frente leste formações de caças e baterias antiaéreas pesadas para defender o Reich. Um mês após o ataque a Lübeck o Comando de Bombardeiros lançou uma série de quatro ataques a Rostock, 8 quilômetros ao leste, provocando uma destruição ainda maior. Goebbels descreveu-o como um *Terrorangriff* — um ataque de terror — e a partir de então as tripulações do Comando de Bombardeiros foram chamadas de *Terrorflieger*. Harris agora definia o sucesso segundo o número de acres urbanos reduzidos a cinzas por seus bombardeiros.

Na noite de 30 de maio de 1942, Harris lançou o primeiro ataque de mil bombardeiros contra Colônia. O alvo original era Hamburgo e seus arsenais de *U-boats*, mas o mau tempo obrigou a mudança de planos. Preparando um *coup de théâtre*, Churchill havia convidado o embaixador John Winant e o general “Hap” Arnold, o comandante das Forças Aéreas do US Army, para jantar em Chequers. Assim que os hóspedes se sentaram à mesa o primeiro-ministro fez o anúncio. Foi uma bravata desavergonhada, mas irresistível naquele ano de humilhações. Winant enviou um telegrama a Roosevelt dizendo: “A Inglaterra é o lugar para ganhar a guerra. Mande aviões e tropas para cá assim que puder.”¹⁶

A devastação foi grande, porém relativamente pequena segundo padrões posteriores. Cerca de 480 pessoas morreram. Harris, um propagandista obstinado do Comando de Bombardeiros, havia reunido praticamente todos os aviões que conseguiam voar, até os de treinamento, para alcançar a cifra de mil. Ele também queria impressionar os americanos e a União Soviética. “A vingança começou!” foi a manchete no *Daily Express*. Contudo, Harris sabia que precisava confundir o público e inclusive alguns dos superiores, como Churchill, que tinha sentimentos muito desencontrados e fingia que os alvos eram militares, como depósitos de petróleo e centros de comunicações. Estações ferroviárias importantes justificavam o bombardeio de todo o centro da cidade. Contudo, Harris sabia que o público o apoiava. Só algumas vozes solitárias, como a de George Bell, bispo de Chichester, se manifestaram.

Naquele agosto, quando Churchill voou a Moscou para explicar a Stalin que a invasão do norte da França era impraticável, o bombardeio das cidades alemãs era o seu trunfo mais forte. Ele também pôde argumentar que a ofensiva do Comando de Bombardeiros era uma espécie de Segunda Frente. A campanha de bombardeio foi a única ação britânica que Stalin aprovou. A inteligência soviética já tinha informações dos interrogatórios de prisioneiros de guerra indicando que o moral das tropas alemãs na frente leste fora minado pela preocupação com as famílias em casa sob o bombardeio britânico. Stalin nunca perdeu o gosto pela vingança, principalmente porque se estimava que meio milhão de civis soviéticos morreram com os bombardeios alemães. A aviação do Exército Vermelho não tinha desenvolvido um ramo de bombardeiros estratégicos, então Stalin ficou satisfeito ao ver os britânicos fazerem o trabalho para ela.

Com o aperfeiçoamento dos instrumentos de apoio à navegação empregando tecnologia de recepção e retransmissão de sinais de rádio para guiá-los aos seus objetivos, os aviões do Comando de Bombardeiros podiam encontrar melhor os seus alvos. A introdução do avião Pathfinder, que identificava o alvo com sinalizadores, foi uma inovação a princípio rejeitada por Harris, até ele ser suplantado por Portal e o pessoal do Ministério da Aeronáutica. Simultaneamente, as defesas antiaéreas alemãs eram reforçadas. Em Berlim, Hitler ordenou a construção de gigantescas torres em concreto para a instalação de pesadas baterias antiaéreas no topo.

As baixas do Comando de Bombardeiros cresciam sem cessar com o incremento no ritmo de missões de combate à Alemanha, especialmente ao Ruhr, ironicamente conhecido como “Vale Feliz”. O parente mais próximo recebia uma nota oficial e depois uma carta de condolências do comandante do esquadrão ou da base. Algum tempo depois, os pertences pessoais eram devolvidos — abotoaduras, roupas, escova de cabelo e aparelho de barbear e, se o morto tivesse carro, este podia ser buscado.

“A pior coisa é ver o fogo antiaéreo”, escreveu o comandante de ala Guy Gibson, de 24 anos de idade, que liderou o 617º Esquadrão no ataque *Dambuster**** na noite de 16 de maio de 1943. “Você precisa deixar a imaginação para trás ou ela lhe será prejudicial.”¹⁷ Sentir a artilharia antiaérea era obviamente pior. “Uma granada explodindo abaixo de você lança o avião a uns 50 pés para cima”, comentou o ator Denholm Elliott, que serviu como radioperador em um Halifax. “Você com certeza se torna religioso instantaneamente.”¹⁸

As baixas não divulgadas foram as ocorridas antes do final da 36ª missão. FFM, ou falta de fibra moral, era a frase da RAF para a covardia ou o choque da

batalha. Durante a maior parte da guerra, a RAF parece ter sido ainda mais cruel do que o exército no tratamento das baixas psicológicas. No total, 2.989 tripulantes do Comando de Bombardeiros foram diagnosticados com estresse de combate. Mais de um terço eram pilotos. O mais impressionante é que o treinamento parece ter sido ainda mais estressante que os bombardeios noturnos.

No verão de 1942, a 8ª Força Aérea americana começou a se concentrar na Grã-Bretanha. O major-general Carl A. Spaatz havia chegado em maio para dirigir todas as operações aéreas na Europa, e a 8ª Força de Bombardeiros era comandada pelo brigadeiro-general Ira C. Eaker. Para surpresa da RAF, que havia tentado e não conseguira, os americanos anunciaram que a sua campanha de bombardeio seria diurna.

A Força Aérea do Exército Americano evitava a teoria controversa da RAF de destruir o moral do inimigo. Os seus líderes afirmavam que, com o visor Norden de bombardeio, fariam ataques precisos em “pontos nodais” da “malha industrial” do inimigo. Mas a identificação e designação de alvos era uma ciência inexata e para obter precisão também precisariam de visibilidade perfeita e um objetivo claramente identificável que não estivesse fortemente defendido. Muitas vezes, as afirmativas de que podiam “atingir um barril” não se coadunavam com a realidade das bombas atiradas de modo absolutamente disperso. O vai e vem dos pilotos para se esquivarem dos ataques alterava os giroscópios sensíveis do visor Norden, e seria muito otimista achar que o operador do visor permanecia calmo quando inseria todos os dados necessários, supondo-se, para começar, que conseguisse ver o alvo através da fumaça, das nuvens e da névoa. Os padrões de bombardeio americanos não eram melhores que os da RAF.¹⁹

Depois de armar os B-17 com metralhadoras pesadas nas torretas, a USAAF (Forças Aéreas do Exército dos Estados Unidos) supôs que voando a grande altitude em formações cerradas poderia rechaçar os ataques dos caças com zonas entrecruzadas de tiro. Mas os metralhadores inexperientes tendiam a atacar outros aviões da própria formação, em vez de atacar os Messerschmitts. Spaatz não pensara que fossem necessárias escoltas de caças, embora desde meados da década de 1920 o serviço aéreo auxiliar do US Army, como então era designado, havia testado tanques de combustível descartáveis que aumentavam o alcance dos aviões de escolta. Assim como os britânicos, eles desprezaram as lições do combate aéreo na Guerra Civil Espanhola e na China. Elas ficariam evidentes quando a 8ª Força Aérea deu início às missões na Alemanha.

A princípio, Spaatz decidiu restringir as tripulações inexperientes a ataques

relativamente fáceis na França. Em 17 de agosto, uma dúzia de Fortalezas Voadoras B-17 decolou para a primeira missão, liderada por Eaker. Spaatz quis ir também, mas como tinha acesso às informações do Ultra, a sua ideia foi descartada. O alvo do bombardeio eram os pátios ferroviários de Rouen, no norte da França, suficientemente próximos para permitir a cobertura dos caças Spitfires. Não havia defesa antiaérea, e as escoltas de Spitfires perseguiram alguns Messerschmitts na viagem de volta. A tripulação teve recepção de heróis pelos jornalistas e foi celebrada com alvoroço. Mas Churchill e Portal estavam preocupados com a lenta progressão da força de bombardeiros americana na Grã-Bretanha e com a insistência teimosa nas operações diurnas. O atraso foi causado em grande parte porque aviões e homens foram desviados para o Mediterrâneo a fim de apoiar as operações da 12ª Força Aérea no norte da África.

Com o general Arnold à frente, a USAAF se expandiu a uma velocidade impressionante. Nos primeiros tempos, foi abençoada por fortes amizades no topo da hierarquia. Já a RAF frequentemente era cindida por disputas, em grande parte provocadas pela obstinação de Harris e o ódio que sentia pelo Estado-Maior da força aérea que, segundo ele, tinha a mente ainda mais fraca que os detestáveis exército e Marinha Real. Ele ridicularizava os “oleosos”, como chamava os favoráveis aos bombardeios das instalações inimigas de combustíveis, e os “fomentadores da panaceia” que exigiam ataques a outros alvos específicos. No entanto, o dogma do bombardeio de precisão diurno dos americanos não era alterado. Nem mesmo a realidade do clima europeu e suas nuvens impenetráveis abalava a convicção dos comandantes das Forças Aéreas do exército dos EUA de que estavam atingindo o alvo.

Durante a crise na Batalha do Atlântico, a partir do final de 1942, o Comando de Bombardeiros e a 8ª Força Aérea se concentraram nas áreas de *U-boats* na costa atlântica francesa. Mas as grandes construções em concreto eram impenetráveis, mesmo quando eles acertavam o alvo com disparos diretos, o que era bastante raro no clima terrível daquele inverno. Já as cidades portuárias ao redor, Saint-Nazaire e Lorient, foram totalmente destruídas. Em retrospectiva, o único consolo para os Aliados foi que esta grande manobra diversionária em concreto retardou enormemente a construção da Muralha Atlântica de Hitler, uma série de defesas costeiras para impedir a invasão do norte da Europa.

Durante o ataque da 8ª a Saint-Nazaire, em 23 de novembro, a Luftwaffe tentou novas táticas contra as Fortalezas Voadoras. Até então, os pilotos alemães atacavam por trás, mas naquela ocasião usaram 30 Focke-Wulfs 190 novos para ataques frontais, com as pontas das asas dos caças quase coladas umas nas outras. Foi preciso muita concentração e habilidade dos pilotos de caça, mas o

nariz de Plexiglass das Fortalezas, que continha o visor de bombardeio, era o ponto mais vulnerável. Para a tripulação na parte dianteira do bombardeiro, aquilo foi aterrador.

Assim como as tripulações da RAF, os americanos tinham dificuldade de esperar, e as missões podiam ser canceladas ou suspensas devido ao mau tempo. Só em dois ou três dias de cada dez havia suficiente visibilidade para enxergar o alvo. Os rapazes dos bombardeiros americanos também tinham as suas superstições e rituais, fosse vestir um suéter ao contrário, carregar moedas da boa sorte ou voar no mesmo avião. Eles odiavam ser transferidos para um avião substituto.

Os ventos gélidos eram paralisantes, especialmente para os atiradores no nariz do avião. Alguns vestiam botas, luvas e macacões com aquecimento elétrico, mas eles raramente funcionavam bem. No primeiro ano das operações, mais homens sofreram de ulcerações pelo enregelamento do que baixas pelo combate. Os atiradores nas torretas, incapazes de sair da posição, agachados durante horas sobre território inimigo, tinham de urinar nas calças. As manchas molhadas congelavam rapidamente. Quando uma arma emperrava, eles retiravam as luvas para limpar a obstrução e os dedos grudavam no metal congelado. E qualquer homem seriamente ferido por estilhaços de granadas antiaéreas ou fogo daqueles canhões provavelmente morria de hipotermia antes que o avião atingido chegasse à base. Quando o fogo inimigo atingia a reserva de oxigênio, eles desmaiavam até o piloto conseguir baixar o avião a menos de 20 mil pés de altitude. Embora as mortes por anoxia não tenham chegado a cem, a maioria das tripulações sofreu com isso em algum momento.

Em meio às nuvens espessas, houve diversas colisões, e muitos aviões caíram ao regressar à base com tempo ruim. Mas o maior choque era ver um avião adiante ou ao lado se desintegrar em uma bola de fogo gigantesca. Não surpreende que muitos pilotos recorressem ao uísque durante a noite para acalmar os nervos, esperando não ter os pesadelos recorrentes que afetavam um número cada vez maior de homens. Eles sonhavam com os companheiros seriamente mutilados, com os motores incendiados ou fuselagens crivadas de disparos do inimigo.

Como sucedia com a RAF, a fadiga do combate era uma experiência comum ou, em outras palavras, os homens ficavam indiferentes ou sofriam de “tensões Focke-Wulf”. Muitos tinham “tremedeiras” e alguns desmaiavam subitamente, ficavam cegos temporariamente ou até catatônicos. Eram reações previsíveis ao estresse causado pelo desamparo diante do perigo extremo. Em alguns casos, as reações eram retardadas. Eles pareciam ter superado experiências terríveis e, semanas depois, ficavam prostrados. As estatísticas sobre os colapsos

psicológicos são poucas e incertas, já que os comandantes ocultavam o problema.

O major Curtis LeMay, que acabara de chegar com o 305º Grupo de Bombardeio, ficou abismado ao ver que os pilotos americanos em cima dos alvos se esquivavam e zigzagueavam para evitar o fogo antiaéreo e, com isso, lançavam suas bombas totalmente a esmo. Na opinião do combativo LeMay, que mais tarde inspirou o personagem do general Jack D. Ripper em *Dr. Strangelove* (Dr. Fantástico), o filme de Stanley Kubrick, isto tornava o exercício inútil. Então ele ordenou aos pilotos que voassem em linha reta na final para o bombardeio. O reconhecimento aéreo demonstrou que, no ataque a Saint-Nazaire de 23 de novembro, o 305º duplicou o número de acertos no alvo. Contudo, mesmo com o aperfeiçoamento de LeMay, menos de 3% das bombas caíram num perímetro de 300 metros do alvo. Inicialmente, as alegações da USAAF de poderem acertar um barril pareciam, no mínimo, ambiciosas demais. Então LeMay adotou um sistema diferente. Colocou os melhores navegadores e bombardeadores nos aviões da vanguarda, retirou o visor Norden e disse aos comandantes dos aviões restantes que só despejassem suas cargas quando os líderes o fizessem. Contudo, ainda assim a dispersão da formação de aviões em voo fez muitas bombas caírem longe do alvo, por mais precisos que fossem os líderes.

A combinação das baterias antiaéreas alemãs, que agora atiravam de verdadeiras “caixas”, e os ataques mais agressivos dos caças inimigos reduziram ainda mais a precisão dos bombardeios. Uma formação cerrada para se defender dos caças significava também um alvo mais concentrado para o ataque antiaéreo. Como observou um historiador da campanha de bombardeio americana: “A 8ª Força Aérea nunca encontrou a maneira de bombardear com o máximo de precisão e o máximo de proteção. Isto a colocou em um dilema que levou irrevogavelmente ao método de ‘arrasar quarteirão’, com algumas bombas atingindo os alvos e o resto se espalhando por toda parte. Foi a realidade dos combates, e não a teoria pré-guerra, que levou a 8ª inexoravelmente na direção dos ataques indiscriminados de Harry, o Bombardeador.”²⁰

Na conferência de Casablanca, em janeiro de 1943, o general Eaker ouviu do general Arnold que Roosevelt havia concordado em alterar a 8ª Força Aérea para o bombardeio noturno junto com a RAF. Eaker tentou convencer Churchill de que o bombardeio diurno era mais eficaz. Alegou que suas aeronaves derrubavam ao menos dois ou três caças alemães para cada avião perdido, o que Churchill sabia ser inverídico. Mas ele não contestou, pois Portal o persuadira com antecedência a não enfrentar os americanos neste ponto. A combinação dos ataques diurnos da USAAF e dos noturnos da RAF tornou-se um acordo tácito

de bombardeio 24 horas por dia.

Os Aliados acordaram uma diretriz de bombardeio segundo a qual o “objetivo principal será a destruição progressiva e a desarticulação do sistema militar, industrial e econômico alemão e o solapamento do moral do povo alemão até o ponto em que a sua capacidade para a resistência armada esteja fatalmente debilitada”.²¹ Harris, claro, encarou isso como um selo de aprovação da sua estratégia. Embora Portal devesse comandar a “Ofensiva Combinada de Bombardeiros”, as principais decisões seriam tomadas por Eaker e Harris, que podiam designar e selecionar os alvos.

Mesmo com o acordo sobre esta diretriz do bombardeio, que ficou conhecida como *Pointblank*, a Ofensiva Combinada de Bombardeiros foi tudo menos combinada, embora Harris e Eaker se dessem bem e Harris tivesse feito o possível para ajudar a 8ª Força Aérea a se organizar e operar. Parcialmente instruído pelo general Marshall a fim de se preparar para a invasão da França, Eaker devia se concentrar na destruição da Luftwaffe, tanto das fábricas em terra quanto dos caças no ar. Por sua vez, Harris simplesmente pretendia seguir como sempre, destruindo cidades ao mesmo tempo que dizia que a prioridade era atacar alvos militares. Adorava exibir às visitas importantes os grandes “livros azuis” encadernados em couro no seu quartel-general em High Wycombe. Eles estavam repletos de mapas e gráficos descrevendo a importância das cidades-alvo e a área destruída. A raiva e o ressentimento de Harris aumentavam com a sua convicção de que o Comando de Bombardeiros não recebia a atenção e o respeito que merecia.

Em 16 de janeiro de 1943, quando a Batalha de Stalingrado chegava ao seu fim lúgubre e congelado, o Comando de Bombardeiros fez o primeiro de uma série de ataques a Berlim. Foi também o primeiro ataque a empregar os sinalizadores do avião Pathfinder. Onze dias depois, a 8ª Força Aérea atacou alvos na Alemanha pela primeira vez a caminho dos estaleiros de *U-boats* na costa norte. Um mês mais tarde eles regressaram a Wilhelmshaven com oito jornalistas a bordo, inclusive Walter Cronkite. Pouco depois, o cineasta William Wyler e o ator Clark Gable voaram com a 8ª Força Aérea, acrescentando-lhe um glamour que o Comando de Bombardeiros da RAF nunca poderia alcançar. O anseio de Harris por cobertura jornalística encolheu diante dos esforços de relações públicas de Spaatz e Eaker.

Em 5 de março, o Comando de Bombardeiros voltou a atacar o coração industrial da Alemanha, especialmente Essen. O ataque de 12 de março destruiu o centro de fabricação de panzers, o que atrasou a produção dos tanques Tigre e Pantera e contribuiu para adiar a grande Ofensiva de Kursk. A 8ª Força Aérea logo se juntou ao que foi denominado a Batalha do Ruhr, e o total de baixas

chegou a 21 mil alemães mortos.

Humilhado com a debilidade da Luftwaffe diante do ataque dos Aliados, Göring trouxe mais grupos de caças do front oriental para defender o país. Embora este não fosse um dos objetivos declarados dos Aliados, o seu efeito no resultado da guerra talvez tenha sido muito maior do que os danos que estavam causando. O Exército Vermelho não só começou a obter superioridade aérea como alcançou a supremacia em algumas regiões. Isto também significou que os voos de reconhecimento da Luftwaffe tiveram de ser reduzidos drasticamente. Por sua vez, isto permitiu que o Exército Vermelho obtivesse melhores resultados com a *maskirovka*, ou operações de despistamento.

Embora o moral alemão não estivesse abatido como os Aliados esperavam, Goebbels e outros líderes estavam profundamente preocupados. A propaganda nazista era recebida com sarcasmo pela população. Um poema muito conhecido da época dizia:

*Lieber Tommy flieger weiter,
Wir sind alle Ruhrarbeiter,
Fliege weiter nach Berlin,
Die haben alle 'ja' geschrien.*

(Caro Tommy, siga voando,
Somos trabalhadores do Ruhr
Siga adiante até Berlim,
Foi lá que todos gritaram “sim”.)

O poema se referia ao discurso de Goebbels no Palácio dos Esportes de Berlim após Stalingrado, em fevereiro de 1943, quando ele inflamou a audiência aos gritos de: “Vocês querem a guerra total?” e todos gritaram de volta afirmativamente.

Naquela primavera de 1943, as perdas aéreas dos Aliados chegaram a níveis assustadores. Menos de uma tripulação de cada cinco na RAF sobreviveu a 30 missões. Em 17 de abril, a 8ª Força Aérea perdeu quinze bombardeiros para os caças alemães sobre Bremen. Furioso porque não recebera os reforços que lhe haviam prometido, Eaker advertiu o general Arnold em Washington que estava reduzido a 123 bombardeiros para um só ataque. A 8ª Força Aérea simplesmente não estava em condições de alcançar a supremacia aérea exigida para garantir o

êxito de uma invasão cruzando o canal da Mancha.

Arnold estava em uma situação difícil. Todos os cenários da guerra exigiam mais bombardeiros. Mas em maio ele enviou reforços à Grã-Bretanha e começou um enorme programa de construção de aeródromos em East Anglia. Precisavam desesperadamente de gente nova, já que a 8ª Força Aérea havia perdido 188 bombardeiros e 1.900 homens no primeiro ano de operações. Eaker enfim se convencera da necessidade urgente de caças escoltas de longo alcance. O barrigudo Thunderbolt P-47 não tinha alcance para além da fronteira alemã.

Em 29 de maio, a RAF criou a primeira tormenta de fogo em um ataque a Wuppertal. Depois que os Pathfinders despejaram os sinalizadores, a principal onda de bombardeiros lançou as bombas incendiárias para iniciar o fogo antes que as bombas de alto-explosivo da onda seguinte destruíssem e destelhassem os prédios. Os edifícios em chamas produziram um inferno que sugou o ar em volta. Muitos cidadãos foram asfixiados pela fumaça e a falta de oxigênio e, de certa forma, foram os mais sortudos. O asfalto derretia nas ruas e os sapatos das pessoas ficavam grudados nele. Alguns correram até o rio e se atiraram na água para se protegerem do calor. Quando o incêndio amainou, os corpos carbonizados estavam tão reduzidos com a queima da gordura que as equipes de sepultamento conseguiam juntar três corpos enegrecidos em uma bacia e sete ou oito em uma banheira de zinco. Cerca de 3.400 pessoas morreram naquela noite. Tal como ocorrera com a Luftwaffe em 1940, a RAF descobriu que as incendiárias eram o ingrediente vital para a destruição em massa. Elas também eram mais leves que as bombas convencionais e podiam ser lançadas em grande quantidade.

Harris se ressentia de quaisquer interrupções na sua campanha impenitente contra alvos urbanos, principalmente quando teve de desviar os seus bombardeiros para atacar bases de *U-boats*. Ele intensificou o bombardeio de cidades, especialmente as que já haviam sido atingidas. Em 10 de junho de 1943 a Ofensiva Combinada de Bombardeiros — *Pointblank* — começou oficialmente. Duas semanas mais tarde, pouco mais de um ano após o primeiro bombardeio de mil bombas, ele enviou o Comando de Bombardeiros de volta contra Colônia. As bombas explosivas e as incendiárias começaram a cair nas primeiras horas de 29 de junho, festa de São Pedro e São Paulo.²²

“Os moradores da casa estavam todos no porão”, escreveu Albert Beckers. “Durante um tempo considerável, acima de nós os motores dos aviões faziam o ar vibrar. Era como se fôssemos coelhos na toca. Eu estava preocupado com os canos de água — o que ocorreria se eles se rompessem, seríamos afogados? O ar vibrava com as detonações. No porão, não havíamos sentido a precipitação das incendiárias, mas acima de nós tudo estava em chamas. Depois veio a segunda

onda, a dos explosivos. Você não imagina o que é se agachar em um buraco quando o ar treme, os tímpanos arrebentam com o estrondo, a luz se apaga, o oxigênio acaba e poeira e fragmentos de reboco caem do teto. Tivemos de sair para o porão vizinho por uma brecha.”²³

O jornalista Heinz Pettenberg descreveu o pânico no porão da casa de um amigo, onde 300 pessoas haviam buscado abrigo quando os incêndios começaram no alto. “Com outros dois homens, Fischer lutou como um louco para salvar a casa. Durante os trabalhos muitas vezes tinham de descer para evitar o pânico entre o grupo enlouquecido no porão. A esposa de Fischer soprava um apito e Fischer descia com a pistola para pôr ordem na confusão. Todas as inibições haviam caído por terra.”²⁴

“O Waidmarkt oferecia um espetáculo terrível”, contou Beckers. “Havia chuvas de centelhas no ar. Pedços grandes e pequenos de madeira ardente flutuavam e pousavam nas roupas e cabelos. Um garotinho que se havia separado dos pais estava perto de mim e apontou para as centelhas. A praça ficou insuportavelmente quente. O fogo foi varrido por um vento e o oxigênio escasseou.”

Nas ruas, “As crianças corriam de um lado para o outro à procura dos pais”, escreveu uma colegial de 16 anos. “Uma menininha guiava a mãe, que ficara cega durante a noite. Junto a um monte de destroços vi um padre com os dentes trincados tentando desesperadamente levantar cada pedra, cada tijolo, porque uma bomba de alto-explosivo havia enterrado toda a sua família ali [...]. Caminhamos pelas vielas estreitas como se estivéssemos em um forno e dos porões chegava o odor de cadáveres calcinados.”²⁵

“Por toda parte se ouviam os gritos dos feridos, os chamados desesperados e as batidas dos que estavam presos abaixo do piso”, escreveu uma menina de 14 anos da BDM, o equivalente feminino da Juventude Hitlerista. “As pessoas chamavam os nomes dos desaparecidos e as ruas estavam cobertas de mortos colocados ali para serem identificados [...]. Os que regressaram depois ficaram abismados diante do que haviam sido as suas casas. Tivemos de recolher partes de corpos em banheiras de zinco. Era horrível e nauseante [...] duas semanas depois do ataque eu continuava vomitando.”²⁶ Prisioneiros do campo de concentração foram trazidos para tentar retirar cadáveres sob os escombros.

O *Sicherheitsdienst* informou sobre as reações ao ataque em Colônia e o dano causado à catedral. Muitos clamavam por vingança, mas os nazistas se alarmaram com a reação dos católicos. “Tudo isto poderia ter sido evitado se não tivéssemos iniciado a guerra”,²⁷ disse um. “O Senhor não teria permitido uma coisa dessas se o bem estivesse do nosso lado e lutássemos por uma causa justa”, disse outro. O informe do SD chegou a afirmar que algumas pessoas

diziam que a destruição da catedral de Colônia e de outras igrejas alemãs estava, de alguma forma, relacionada à destruição das sinagogas na Alemanha, e que era um castigo de Deus. Depois de usar a destruição intensamente na propaganda e dedicar os cinejornais ao tema, de repente Goebbels pensou melhor, temendo deixar a população mais abatida do que furiosa. O SD descobriu que todos estavam contrariados com a ênfase na propaganda sobre as igrejas e os prédios antigos destruídos quando as autoridades não diziam nada sobre o sofrimento da população e as 4.377 mortes. Milhares deixaram a cidade e os relatos do horror se espalharam.

Harris estava decidido a manter a pressão, embora tivesse resolvido levar as suas forças para longe do Ruhr, que estava ficando muito bem defendido. Os ataques prosseguiram incessantes, com uma grande ofensiva contra Hamburgo iniciada em 24 de julho.²⁸ Pela primeira vez, previamente foram lançadas tiras de papel de alumínio chamadas de “Window” (Janela), para refletir as ondas eletromagnéticas dos radares alemães e confundir o seu sistema de defesa. O Comando de Bombardeiros atacou à noite, e a 8ª Força Aérea bombardeou duas vezes por dia. Harris a nomeou Operação Gomorra. A tragédia para a população de Hamburgo foi que o *Gauleiter* Karl Kaufmann ordenou que ninguém deixasse a cidade sem autorização especial, uma decisão que condenou milhares à morte. Na noite de 27 de julho a RAF voltou com 722 aviões. As condições para a conflagração eram ideais. Foi o mês mais seco e quente dos últimos dez anos.

A massa de bombas incendiárias caindo no lado leste da cidade em um padrão mais compacto que o comum acelerou a fusão dos incêndios individuais em uma fornalha gigantesca. Isto criou uma chaminé ou um vulcão de calor que se lançou ao céu e sugou os ventos no nível do solo com a força de um furacão. Com isto, as chamas cresceram ainda mais. A 17 mil pés, as tripulações eram capazes de sentir o fedor da carne carbonizada. No solo, a explosão de ar quente arrancava roupas, desnudava as pessoas e queimava os seus cabelos. A pele ressecava e se enrugava. Como ocorrera em Wuppertal, o asfalto fervia e as pessoas grudavam nele como insetos no papel mata-moscas. As casas explodiram em chamas em questão de minutos. Em pouco tempo os bombeiros não tinham mais o que fazer. Os civis que se abrigaram nos sótãos sufocaram e morreram ao inalar fumaça ou monóxido de carbono. Segundo as autoridades da cidade, eles foram de 70 a 80% das 40 mil pessoas que morreram. Muitos outros corpos ficaram tão carbonizados que nunca foram recuperados.

Os sobreviventes fugiram para o campo e além. As autoridades locais enfrentaram a crise galhardamente, considerando-se a magnitude do desastre. As notícias do horror se espalharam boca a boca pelo país quando os desalojados passaram por Berlim e foram distribuídos para o leste e o sul. Muitos estavam

em choque. Houve casos de gente que enlouqueceu de dor e colocou os corpos engelhados dos filhos em malas para levarem-nos consigo.

O choque em todo o Reich foi considerado comparável a uma versão civil de Stalingrado. Até líderes nazistas como Speer e o marechal de campo Milch, chefe administrativo da Luftwaffe, começaram a pensar que outros bombardeios semelhantes poderiam derrotá-los rapidamente. Incapaz de desistir, Harris enviou outro ataque em 29 de julho, mas as baixas do Comando de Bombardeiros foram muito elevadas, com 29 aviões perdidos. Um novo grupo de caças alemães, o *Wilde Sal*, ou Javali, havia adotado novas táticas, atacando os bombardeiros do alto, e inclusive acima do alvo, quando a sua silhueta era visível contra as chamas. Em 2 de agosto, outra força do Comando de Bombardeiros decolou, mas se deparou com uma tempestade elétrica. Foi um fracasso oneroso: perderam 30 aviões e causaram poucos danos.

No início de agosto, depois do intenso bombardeio da “semana da blitz” e da perda de 97 Fortalezas Voadoras, o general Eaker mandou os bombardeiros descansarem antes de outras missões importantes. Entrementes, a força de Liberators B-24 foi para o norte da África, de onde atacariam os campos petrolíferos de Ploesti, na Romênia. A Operação Tidal Wave (Maremoto) começou em 1º de agosto. Para evitar alertar os defensores, não foi feito o reconhecimento. Ao se aproximarem pelo vale do Danúbio eles fizeram um ataque a baixa altitude, o que foi um erro. Os alemães haviam preparado um anel de baterias antiaéreas de 40 mm e 20 mm e até de metralhadoras em todos os telhados ao redor. A força mantivera silêncio-rádio o dia todo, mas os alemães estavam a postos. Depois de quebrar os códigos americanos, eles estavam a par do ataque.

Voando a baixa altitude por entre nuvens espessas de fumaça negra, a força de bombardeiros foi atacada pela artilharia antiaérea e em seguida foi assaltada por uma grande formação de caças sediada por perto. De um total de 178 Liberators, só 33 estavam em condições de voar ao regressar. Embora tivessem causado grandes danos, os alemães recrutaram um enorme contingente de trabalhadores e em poucas semanas as refinarias estavam produzindo mais petróleo do que antes do ataque.

Outra missão imposta por Washington foi que a 8ª Força Aérea penetrasse no interior da Alemanha. Em 17 de agosto ela atacou as fábricas de Messerschmitts em Regensburg com 146 bombardeiros liderados por Curtis LeMay e as fábricas de rolamentos de Schweinfurt com 230. A força de LeMay, que decolou apesar da névoa densa, voou de Regensburg pelos Alpes em direção ao norte da África

para confundir os alemães. Porém, entretanto o efetivo da Luftwaffe subira para quatrocentos caças, com os aviões desviados do front oriental. A força de LeMay perdeu catorze bombardeiros antes mesmo de chegar a Regensburg. Um artilheiro comentou ao ouvir todos rezando pelo interfone: “Aquilo parecia uma igreja voadora.”²⁹ Pelo menos eles não foram perseguidos ao chegarem aos Alpes depois de despejar as bombas.

A força para Schweinfurt, que havia sido retida até a névoa se dissipar, se aproximou do alvo com várias horas de atraso. Isto foi desastroso e significou que os caças alemães que haviam atacado o grupo de LeMay tiveram tempo de aterrissar, reabastecer e se rearmar. Novamente, devido ao seu alcance limitado, os caças Thunderbolt que escoltavam os Fortalezas para Schweinfurt tiveram de regressar à Bélgica, pouco antes da fronteira alemã. A partir deste momento, os esquadrões de Focke-Wulfs e Messerschmitts 109 atacaram de todas as direções. Estima-se que tenham decolado uns 300, muito mais dos que atacaram os aviões de LeMay. Os atiradores das Fortalezas em pouco tempo estavam cercados de cápsulas vazias e giravam as torres para todos os lados tentando seguir os caças que investiam contra a formação. Tantos aviões foram atingidos e tantos homens saltaram de paraquedas que um tripulante comentou que aquilo parecia “uma invasão de paraquedistas”.³⁰

Ao chegar a Schweinfurt, os aviões remanescentes não conseguiram bombardear com precisão. A formação estava um caos e sob o fogo constante, com nuvens negras explodindo à sua volta e os alemães haviam ocultado os alvos com geradores de fumaça. De qualquer modo, as suas bombas de 450 quilos simplesmente não eram poderosas o bastante para causar danos significativos, mesmo quando acertavam os alvos. A 8ª Força Aérea perdeu seis bombardeiros e outros cem ficaram tão avariados que foram considerados inoperantes. Perderam também seiscentos tripulantes.

Depois disto, Churchill renovou a pressão sobre a USAAF para que adotasse o bombardeio noturno. Arnold resistiu veementemente, mas sabia que continuariam vulneráveis enquanto não contassem com a escolta de caças de longo alcance. Os líderes da Força Aérea americana foram forçados a reconhecer que o conceito por trás do Fortaleza fortemente armado, ao qual se aferraram por tempo demais, era profundamente equivocado. A amarga lição se renovou quando a 8ª Força Aérea mais uma vez se aventurou para além da cobertura dos caças para atacar Stuttgart. Perdeu 45 Fortalezas de um total de 338.

Durante a operação Regensburg-Schweinfurt, a Luftwaffe perdeu 47 caças na ampla batalha aérea, chegando ao total de 334 derrubados em agosto. O mais perigoso é que estava perdendo muitos pilotos experientes. As suas mortes afetaram muito mais a defesa alemã que os danos causados pelas forças de

LeMay à fábrica de Messerschmitts em Regensburg. Em 18 de agosto, após ser raivosamente acusado por Hitler de ter permitido a destruição de Hamburgo e outros ataques, o general Jeschonnek, chefe do Estado-Maior da Luftwaffe, cometeu suicídio. Hitler nem ligou. Agora estava ainda mais determinado a desenvolver as armas “Vingança”, a bomba V-1 e o foguete V-2. Sua prioridade era provocar ainda mais terror entre os inimigos.

Depois de bombardear a base de pesquisa da arma V em Peenemünde, na costa do Báltico, o Comando de Bombardeiros começou a Batalha de Berlim. Harris estava convencido de que se fizessem na capital nazista o que os seus aviões haviam feito em Hamburgo, a Alemanha se renderia em 1º de abril de 1944. Para o desespero do general Adolf Galland, chefe dos caças da Luftwaffe, e do marechal de campo Milch, Hitler se recusou a aumentar a produção de caças. A sua fé em Göring e na Luftwaffe havia diminuído consideravelmente. Ele confiava nas enormes torres de concreto para defender Berlim dos ataques aéreos. Porém, embora a barreira das torres e dos raios de luz dos projetores cruzando o céu fossem aterradores para as tripulações da RAF que se aproximavam da cidade, a artilharia antiaérea era responsável por uma proporção muito menor de perdas do que a causada pelos caças noturnos da Luftwaffe.

O avião Pathfinder soltou sinalizadores de luzes vermelhas e verdes sobre Berlim, que os alemães apelidaram de Árvores de Natal. Em seguida, os Carpenters e Halifaxes fizeram um ataque “arrasa quartirão” do começo ao fim da cidade. Por ordem de Harris, cada Lancaster carregava cinco toneladas de bombas. “O céu de Berlim está coberto de arcos de uma beleza vermelho sangue sinistra”, escreveu Goebbels em seu diário depois de um dos maiores ataques. “Já não consigo olhar isto.”³¹ Contudo, ele foi um dos pouquíssimos líderes nazistas que saiu para se misturar e conversar com as vítimas dos ataques.

A vida ficou muito mais difícil para os berlinenses comuns, que tentavam sair para o trabalho a tempo pelas ruas cobertas de escombros, as linhas dos bondes arrancadas em formas fantásticas, os trens cancelados em virtude dos danos às linhas férreas. Os civis pálidos e cansados pela falta de sono corriam para chegar a tempo, os que haviam sido bombardeados para fora dos seus apartamentos foram morar com amigos ou esperar serem reassentados pelas autoridades. As acomodações haviam sido confiscadas das famílias judias, a maioria delas “enviadas para o leste”. Como na maior parte das cidades, eles conseguiram roupas e utensílios domésticos nas casas devassadas dos judeus. Poucos paravam para pensar na sorte dos antigos proprietários.

Contudo, um número surpreendente de judeus, entre cinco e sete mil, haviam entrado na clandestinidade e eram conhecidos como “submarinos”. Alguns se ocultavam na cidade, fosse nas casas de antinazistas solidários ou em pequenas casas de campo. Os que podiam passar por arianos retiraram as estrelas amarelas das suas roupas, conseguiram papéis falsos e se mesclaram à população. Todos temiam ser presos a qualquer momento pela patrulha da AS nas ruas ou pelos homens à paisana da Gestapo guiados por um *Grefeir* ou “caçador” judeu, chantageado para encontrar e denunciar os “submarinos” com a promessa dúbia de que a sua família seria salva.

À noite, quando as sirenes soavam, a população corria para os abrigos antiaéreos, os porões ou as enormes cavernas das torres antiaéreas. Levavam garrafas térmicas e pequenas valises de papelão com sanduíches, seus pertences valiosos e documentos importantes. Com o torcido humor berlinense, as sirenes eram chamadas de “trombetas de Meyer”, em referência à bravata fátua de Göring no início da guerra de que se a RAF bombardeasse Berlim ele se chamaria Meyer. A torre antiaérea do Tiergarten (zoológico) podia acomodar 18 mil pessoas. Ursula von Kardorff, que mantinha um diário, descreveu-a “como um cenário para a cena da prisão em *Fidelio*”. Os casais se abraçavam nas escadas de concreto em espiral como se fizessem parte de “um baile à fantasia de travestis”.³²

Nos abrigos comuns, conhecidos como *Luftschutzräume*, o ar ficava rançoso à medida que o lugar se enchia de corpos mal lavados e do onipresente mau hálito. A maior parte da população sofria de problemas odontológicos em virtude da deficiência de vitaminas. Os abrigos eram iluminados com luzes azuis e as setas e avisos nas paredes eram feitos com pintura luminosa para o caso de a eletricidade ser cortada. Nos porões sob os edifícios, onde a maior parte das pessoas se abrigava, as famílias sentavam-se enfileiradas umas diante das outras como se estivessem em um vagão de metrô. Quando os prédios eram sacudidos pelas bombas, alguns praticavam estranhos rituais de sobrevivência, como enrolar uma toalha na cabeça. Mas quando os edifícios se incendiavam e a fumaça e a poeira entravam nos porões, a histeria facilmente podia tomar conta dos que estavam no subsolo. Havia buracos cavados nas paredes laterais para que pudessem escapar para os porões dos prédios vizinhos em caso de necessidade. Os trabalhadores estrangeiros, identificados por uma grande letra pintada nas costas, eram proibidos de entrar nos abrigos e se mesclar naquelas circunstâncias íntimas com mulheres e crianças alemãs.

Como prometera a Churchill, Harris disse aos seus homens que a Batalha de Berlim seria a batalha decisiva da guerra.³³ Mas a sua campanha de desgaste, noite após noite, deixou em frangalhos os nervos não só dos berlinenses como

também os dos seus comandados. As tripulações se agarravam ao mantra de Harris de que aquilo encurtaria a guerra e, com isso, salvaria muitas vidas.

A batalha prosseguiu de agosto de 1943 a março de 1944 e, no entanto, 17 mil toneladas de bombas de alto-explosivo e 16 mil toneladas de incendiárias não conseguiram destruir a capital alemã. A cidade era espalhada demais para ficar vulnerável a uma tempestade incendiária, e os espaços muito abertos absorviam a maior parte das bombas. Harris calculara muito mal e, por fim, foi forçado a recuar. As suas garantias a Churchill foram vãs. O Comando de Bombardeiros perdeu mais de mil aviões, em sua maior parte para caças noturnos. Matou 9.930 civis, mas no processo perdeu 2.690 homens das tripulações.

As tentativas de Harris de quebrar o moral alemão fracassaram. Contudo, ele se recusou a admitir a derrota e certamente não se retratou. Desprezou as tentativas governamentais de encobrir as falhas da campanha de bombardeio afirmando que a RAF só visava aos alvos militares e que as mortes de civis haviam sido inevitáveis. Ele simplesmente considerava os operários e seus bairros alvos legítimos no Estado militarizado moderno. Rechaçava a ideia de que eles deviam estar “envergonhados de bombardear por áreas”.³⁴

Enquanto isso, os americanos se tornavam tão cautelosos e eufemísticos quanto as críticas de Harris no Ministério da Aeronáutica. Embora o general Arnold reconhecesse em privado que na maior parte dos casos estavam fazendo ataques “cegos” e, em consequência, usavam áreas como alvos, ele se recusava a admiti-lo publicamente. Após as bravatas sobre o bombardeio de “barris”, os padrões de bombardeio americano no outono de 1943 não eram melhores que os documentados no Relatório Butt. “Em períodos longos de mau tempo”, escreveu um historiador do poder aéreo, “de modo geral a precisão americana não foi melhor — e muitas vezes foi pior — do que a do Comando de Bombardeiros.”³⁵ Os comandantes da USAAF se recusaram a crer nas evidências ao serem confrontados com elas.

Hitler ordenou ataques de retaliação a cidades históricas inglesas — Bath, Canterbury, Exeter, Norwich e York. Um funcionário da imprensa em Wilhelmstrasse anunciou que “a Luftwaffe atingirá todos os prédios marcados com três estrelas no Baedeker”.³⁶ O nome do famoso guia de viagens encadernado em vermelho foi acrescentado aos ataques, que ficaram conhecidos como Incursões Baedeker. Goebbels ficou furioso com esta asneira, pois queria humilhar os britânicos por destruírem cidades antigas.

Sofresse ou não de um “complexo de Júpiter”³⁷ ao atirar raios do céu em retaliação (ideia que a opinião pública britânica apoiava de modo geral), a atuação de Harris foi uma forma de “guerra total”, como a que Goebbels defendeu de um modo alucinado no pódio do Palácio dos Esportes em fevereiro.

A crença de Harris de que a sua estratégia encurtava a guerra e salvava vidas era incrivelmente semelhante ao enorme slogan por trás do discurso de Goebbels, que proclamou: “Guerra total — guerra curta.” A questão inevitável de se o lançamento de uma guerra aérea total sobre os civis alemães seria o equivalente moral da versão da Luftwaffe é muito complicada para se chegar a uma resposta satisfatória. Em termos estatísticos, contudo, a Ofensiva Combinada de Bombardeiros foi ligeiramente menos assassina no final, se incluirmos todos os cidadãos da Europa, e os bálticos e soviéticos mortos pela Luftwaffe.

Notas:

[* Construções semicilíndricas pré-fabricadas de aço corrugado. \[N. da T.\]](#)

[** Membros do Exército de Mulheres do Campo contratadas para trabalhar na produção agrícola do país em substituição aos agricultores jovens recrutados para a guerra. \[N. da T.\]](#)

[*** Codinome de uma missão cujo objetivo era destruir uma série de represas no Ruhr. \[N. do R. T.\]](#)

O Pacífico, a China e a Birmânia

MARÇO-DEZEMBRO DE 1943

Após as árduas batalhas para assegurar Guadalcanal e o leste de Papua-Nova Guiné, os americanos sabiam que seria difícil eliminar a base japonesa em Rabaul. As rivalidades no comando entre MacArthur e a Marinha dos EUA não facilitavam as coisas. Mas quando o almirante William “Bull” Halsey Jr., que assumira como comandante em chefe no Pacífico Sul, visitou MacArthur no quartel-general de Brisbane, eles se deram surpreendentemente bem. Em abril de 1943 ficou combinado que as forças de Halsey pulariam de ilha em ilha, a partir de Guadalcanal ao longo do arquipélago das Ilhas Salomão. Ao mesmo tempo, as forças de MacArthur expeliriam os japoneses da Nova Guiné e tomariam a Península de Huon, do outro lado de New Britain, combinando assim um ataque em pinça a Rabaul. Duas ilhas ao sul de New Britain, Kiriwina e Woodlark, também seriam tomadas para servirem de base aérea.

Os japoneses reforçaram Rabaul, Nova Guiné e o oeste das Ilhas Salomão com 100 mil soldados trazidos da Coreia, China e outras áreas. A prioridade era reforçar Lae, na Península de Hon, com a 51ª Divisão. Em 1º de março, um comboio japonês com oito navios de transporte de tropas escoltado por oito contratorpedeiros entrou no mar de Bismarck ao largo da extremidade ocidental de New Britain. Ele foi avistado pelas Fortalezas Voadoras B-17 da 5ª Força Aérea que apoiava MacArthur. A 5ª havia sido muito aperfeiçoada por um novo comandante, o general George C. Kenney. Suas reformas incluíram ordenar às tripulações dos bombardeiros médios B-25 que parassem de bombardear de grandes altitudes, o que havia provado ser inútil contra navios. Em vez disso, deveriam atacar a baixas altitudes, com as recém-montadas metralhadoras no bico das B-25 disparando para a frente a fim de neutralizar a artilharia antiaérea a bordo dos navios, para então lançarem suas bombas bem perto e perpendiculares aos costados para que quicassem na água e explodissem contra o casco das embarcações inimigas.

A Batalha do Mar de Bismarck começou com ataques a baixas altitudes dos Beaufighters australianos, seguidos de bombardeios voando mais alto que afundaram um navio de transporte de tropas e avariaram muitos outros. Os Zeros japoneses que davam cobertura aérea foram atacados pelos recém-chegados Lightnings P-38, que eram páreo para eles. Nos dois dias seguintes, o comboio combateu ao longo do Estreito de Vitiaz até a Nova Guiné. No terceiro dia, as tripulações de Kenney tentaram a nova técnica dos “ataques com bombas quicando” pela primeira vez. Após outro violento ataque dos Beaufighters para acabar com a artilharia antiaérea dos navios, os B-25 e A-20 despejaram as bombas saltitantes com espoletas de tempo, para que explodissem dentro dos navios. O efeito foi devastador. Os sete transportadores remanescentes afundaram junto com quatro contratorpedeiros. Com base na ideia de que os japoneses nunca se renderiam, rápidas lanchas torpedeiras (*PT boats*) e caças metralharam os botes salva-vidas e os homens no mar. Morreram uns três mil. Com o bombardeio de baixa altitude com bombas quicando, os Estados Unidos encontraram a solução correta para vencer a batalha naval, e o Japão não conseguiu reforçar nem reabastecer as suas guarnições, exceto com submarinos e incursões noturnas e apressadas dos contratorpedeiros. Em vários locais as tropas japonesas começaram a passar fome.

O almirante Yamamoto redobrou os esforços para fortalecer as suas forças na região. Outros duzentos aviões foram enviados a Rabaul e à ilha de Bougainville, a oeste das Ilhas Salomão, duplicando seu poderio. Ele voou a Rabaul para supervisionar as operações. Em 17 de abril, no maior ataque japonês desde Pearl Harbor, bombardeiros de mergulho escoltados por Zeros atacaram Guadalcanal e Tulagi. Nos dias seguintes, aviões japoneses atingiram Port Moresby e a baía Milne, no ponto mais oriental de Papua.

Em 14 de abril, os americanos interceptaram uma mensagem de rádio indicando que Yamamoto voaria de Rabaul para Bougainville no dia 18 de abril. O almirante Nimitz pediu e obteve autorização de Washington para armar uma emboscada. Eles sabiam o horário de chegada em Bougainville. Dezoito Lightnings P-38 estavam à espera no Henderson Camp de Guadalcanal. Enquanto a maior parte dos Lightnings pelejava com a escolta de nove caças Zero, os outros pilotos foram atrás dos dois bombardeiros, um dos quais levava Yamamoto. O tenente Thomas Lanphier atingiu e arrancou uma das asas do avião do almirante e ele se espatifou contra o solo da ilha. O outro bombardeiro caiu no mar. O corpo carbonizado do comandante em chefe da Marinha Imperial japonesa foi retirado da selva por um grupo de soldados japoneses enviados para resgatá-lo. Em 5 de junho, as cinzas de Yamamoto tiveram um funeral de Estado em Tóquio.

A Operação Cartwheel, a tomada de Rabaul, começou em 30 de junho. Um regimento da 41ª Divisão comandada por MacArthur desembarcou na Nova Guiné perto de Lae. Algumas barcas de desembarque tiveram dificuldades com as ondas fortes batendo nas praias, e o som dos seus motores acelerados tentando se desvencilhar no escuro soava como tanques desembarcando. As tropas japonesas fugiram para a selva e uma cabeça de praia foi rapidamente conquistada. No mesmo dia as forças americanas desembarcaram nas ilhas de Kiriwina e Woodlark, uns 500 quilômetros ao sul de Rabaul. Não enfrentaram oposição e construíram campos de pouso para que os esquadrões de Lightnings P-38 ficassem a pouca distância da grande base japonesa.

Também em 30 de junho os navios do almirante Halsey desembarcaram 10 mil soldados em New Georgia, nas Ilhas Salomão, a noroeste de Guadalcanal. Os americanos haviam aperfeiçoado tremendamente as técnicas de desembarque, com muitos mais tratores anfíbios e caminhões anfíbios conhecidos como DUKW. Eles receberam forte apoio aéreo de Guadalcanal, mas a selva densa de New Georgia era mais impenetrável do que os planejadores haviam imaginado. Os soldados recém-chegados com a 43ª Divisão acharam a selva cansativa e confusa, e logo começaram a se assustar com os ruídos noturnos. Um regimento levou três dias para percorrer menos de 1,5 quilômetro. Ainda inexperientes nos truques da guerra na selva, eles eram facilmente fustigados por pequenos grupos de atacantes japoneses provenientes da base de Munda, na extremidade oeste da ilha. Antes mesmo de enfrentar uma batalha, quase um quarto da força já era vítima da fadiga de combate. Halsey teve que exonerar comandantes e enviar tropas descansadas, aumentando o efetivo das forças terrestres para 40 mil homens.

A lentidão do avanço permitiu aos japoneses trazer reforços à noite, elevando o seu contingente para 10 mil. A primeira tentativa do contra-almirante Walden Ainsworth de interceptar estes comboios noturnos teve êxito no início, quando afundaram o navio-capitânia *Jintsu*. Mas quando os seus navios prosseguiram na perseguição, um contratorpedeiro foi afundado e três cruzadores ficaram seriamente avariados pelos navios de guerra japoneses que usaram os torpedos mortais Long Lance, muito mais eficazes que qualquer arma do arsenal americano.

Naquelas batalhas noturnas, a veloz lancha torpedeira *PT 109*, comandada pelo tenente John F. Kennedy, foi avariada por um contratorpedeiro japonês. Kennedy conseguiu levar os sobreviventes à costa de uma ilha próxima. Graças a uma guarda costeira australiana, foram resgatados seis dias depois. Em 6 de agosto, outra emboscada noturna de seis contratorpedeiros americanos detectou no radar quatro contratorpedeiros japoneses carregados de tropas. Os navios de

guerra americanos esperaram até que eles estivessem ao alcance de suas armas, e então dispararam 24 torpedos. Só um escapou. Os outros três afundaram com novecentos soldados.

Os reforços japoneses que conseguiram chegar a New Georgia foram usados em um contra-ataque triplo, um dos quais conseguiu cercar o quartel-general da 43ª Divisão. Só uma excelente barragem da artilharia americana com tiros perfeitamente regulados que atingiram todo o perímetro conseguiu fazer os japoneses recuarem.

O avanço até Munda foi mais árduo do que os americanos esperavam. Os japoneses haviam construído uma rede de bunkers bem camuflados na selva. Mais tarde, usando uma combinação de artilharia, morteiros, lança-chamas e tanques leves, os bunkers foram destruídos, e o aeródromo de Munda foi tomado em 5 de agosto. A batalha por New Georgia foi uma experiência elucidativa, pois exigiu superioridade numérica de quatro para um, para não falar do apoio maciço por ar e terra, necessário para conquistar a ilha.

O estado-maior de Halsey, surpreso com o tempo e o esforço despendidos, reexaminou a sua estratégia. Decidiram que, em vez de tomar as Ilhas Salomão uma a uma, podiam saltar as que estivessem bem defendidas, construir campos de pouso à frente e usar a força aérea e naval para isolar as guarnições que haviam ficado para trás. O resultado foi que o alvo seguinte não seria Kolombangara, mas a ilha de Vella Lavella, com uma defesa fraca. Isto forçou os japoneses a evacuar Kolombangara, que tinham acabado de reforçar.

A primeira prioridade em quase todas as ilhas recém-tomadas era construir uma pista de pouso. Batalhões navais de construção, os CBs, que ficaram conhecidos como “Seabees” (abelhas marinhas), dinamitavam florestas, aplainavam o solo com escavadeiras, esticavam tiras de aço perfurado chamadas tapete Marston e as cobriam com coral esmigalhado. Às vezes eles desembarcavam logo após a primeira leva de fuzileiros navais e tinham uma nova pista pronta para a ação em dez dias. Um oficial comentou sobre essas equipes incrivelmente trabalhadoras e engenhosas que “fediam como bodes, viviam como cães e trabalhavam como mulas”.¹ A sua contribuição para a guerra no Pacífico foi considerável.

Enquanto isto, na Nova Guiné, as tropas americanas e australianas de MacArthur convergiram sobre a base japonesa de Lae antes de tomar a Península de Huon. O 503º Regimento de Infantaria Paraquedista saltou na pista de pouso de Dadzab a oeste de Lae, e no dia seguinte os aviões de transporte C-47 começaram a desembarcar a 7ª Divisão australiana. Com a 9ª Divisão australiana vindo do leste, a cidade estava condenada e caiu em meados de setembro. A Península de Huon, contudo, foi mais difícil. Determinados a resistir

obstinadamente para proteger Rabaul ao longo do Estreito de Vitiaz, os japoneses só foram expulsos da costa em outubro, e foram necessários outros dois meses para expulsá-los das montanhas.

Em novembro, as forças de Halsey desembarcaram em Bougainville, a última grande ilha antes de Rabaul. Os pântanos nos manguezais, a selva e a montanha eram um obstáculo ainda mais formidável que o terreno em New Georgia. Além disso, a guarnição japonesa de 40 mil homens tinha o apoio de quatro campos de pouso. Halsey começou com alguns ataques diversionários contra as ilhas próximas, depois desembarcou com duas divisões na costa oeste em um ponto pouco defendido e seguiu com ataques aéreos pesados contra a própria Rabaul, onde destruiu mais de 100 aviões japoneses. O novo e veloz caça Corsair F4U mostrava o seu valor. Os japoneses estavam perdendo a maioria dos pilotos experientes e o caça Zero, que provara ser um vencedor em 1941, agora estava obsoleto. Após dois dias de ataques, o novo comandante em chefe da Esquadra Combinada, o almirante Koga Mineichi, ordenou a retirada de todos os navios de guerra de Rabaul para Truk, a sua principal base no Pacífico, 1.300 quilômetros ao norte.

O general Hyakutake, comandante do XVII Exército em Bougainville, supôs que o desembarque no oeste era outra ação diversionária e não contra-atacou. Isto deu aos americanos a oportunidade de criar um perímetro amplo e bem defendido antes que Hyakutake entendesse que cometera um erro grave.

Em 15 de dezembro, a vanguarda de MacArthur desembarcou na costa sul de New Britain. Onze dias depois, a 1ª Divisão de Fuzileiros Navais, descansada após um longo período em Melbourne, desembarcou em Cabo Gloucester, na ponta sudoeste da ilha. Para MacArthur, esta parte da ilha era vital, pois garantiria o flanco da sua rota de invasão para as Filipinas.

Os fuzileiros desembarcaram em uma praia de areia vulcânica preta um dia depois do Natal, após ouvir do comandante: “Não apertem os gatilhos enquanto não tiverem carne diante da mira. E, quando o fizerem, derramem sangue, espirrem o sangue dos amarelos.”² Era época de chuva, com lama, umidade constante, apodrecimento, sanguessugas, infecções cutâneas e patrulhas e escaramuças sob torrentes de água tão densas que a visibilidade ficava drasticamente reduzida. Quando o principal ponto da Cota 660 que se erguia junto à pista de pouso foi conquistado depois de uma luta dura, o Cabo Gloucester ficou sob o controle dos Aliados. Agora podiam bombardear Rabaul de diversos pontos, embora com a partida da frota japonesa ela tivesse perdido importância. Mas as forças de MacArthur ainda precisavam terminar de limpar a costa norte da Nova Guiné.

Enquanto MacArthur se aproximava do seu sonho de glória nas Filipinas,

Nimitz começou a avançar para o norte do Japão, ilha por ilha, pelo centro do Pacífico. O seu comando incluía a 5ª Esquadra do vice-almirante Spruance, fortemente reforçada pelos porta-aviões da classe Essex, cada qual com cem aviões, além de porta-aviões da classe Independence com cinquenta aeronaves. A poderosa força de porta-aviões significava que a invasão das Ilhas Gilbert, o primeiro arquipélago a ser tomado, poderia ocorrer sem contar com uma cobertura aérea baseada em terra. Estes atóis, rasos e com pouco mais além de palmeiras, pareciam alvos idílicos em comparação com as selvas sufocantes, os manguezais e as montanhas das grandes ilhas ao sul do Pacífico. Mas os planejadores subestimaram os problemas que os recifes de coral que os cercavam representavam.

Em 20 de novembro, a 2ª Divisão de Fuzileiros Navais atacou o Atol de Tarawa. Três encouraçados, quatro cruzadores pesados e vinte contratorpedeiros bombardearam as posições japonesas e a sua pista de pouso. Também houve fortes ataques aéreos com bombardeiros de mergulho Dauntless, e os fuzileiros sentiram-se muito encorajados ao assistir às explosões. Parecia que toda a ilha estava sendo destruída. Mas os bunkers japoneses, construídos de concreto e troncos de palmeira, eram mais resistentes do que os comandantes americanos supunham.

Os tanques anfíbios e as barcas de desembarque levaram muito mais tempo para chegar à praia do que o planejado. O bombardeio terminou e, por problemas de comunicação no navio-capitânia USS *Maryland*, houve uma longa pausa que deu tempo aos japoneses de superar o choque e reforçar o setor ameaçado. Porém, o erro principal foi do almirante Turner, o obstinado comandante da força-tarefa, que se recusou a ouvir os alertas de um oficial britânico da reserva que havia registrado as marés da ilha. Apoiado pelo comandante dos fuzileiros navais, ele avisou Turner que, naquela época do ano, as suas barcas de desembarque não contavam com o necessário calado de 1,20 metro.

Os tanques anfíbios levando a primeira leva passaram por cima dos corais, mas logo enfrentaram uma concentração terrível de disparos. Bloqueados por um paredão marinho submerso, foram alvos da infantaria japonesa que lançava granadas. Um fuzileiro jogador de beisebol conseguiu pegar cinco granadas de uma vez e atirá-las de volta, mas a sexta explodiu na sua mão. Depois, as barcas de desembarque que vinham atrás encalharam nos corais e se tornaram alvos fáceis. Um serviço de transporte caótico entrou em operação com os tanques anfíbios sobreviventes indo e vindo entre a praia e o recife. Até os fuzileiros que chegavam à praia ficavam impossibilitados de se movimentar por causa do fogo cerrado. Os rádios encharcados de água do mar não funcionavam, de modo que não havia comunicação entre a praia e os navios ao largo.

Quando veio a noite, 5 mil homens estavam na praia, mas ao custo terrível de 1.500 baixas e tanques anfíbios destruídos. Havia cadáveres espalhados pela praia e muitos outros flutuando nas ondas como destroços de naufrágios. Durante a noite os fuzileiros japoneses se arrastaram até os tanques destruídos e alguns nadaram até os que estavam na baía, para transformá-los em posições de tiro por trás dos fuzileiros na praia. Os metralhadores inclusive tripularam um cargueiro japonês bombardeado e combateram de lá.

O padrão se repetiu mais ou menos igual no dia seguinte, quando os reforços tentaram desembarcar. Porém, para sorte dos fuzileiros, outro batalhão que havia chegado à costa noroeste da ilha logo os reforçou com tanques. A luta desesperada por fim deu uma reviravolta quando os fuzileiros começaram a destruir um bunker atrás do outro com uma combinação de cargas explosivas, gasolina e lança-chamas que reduziram os defensores a esqueletos calcinados. Alguns foram enterrados vivos nos bunkers quando uma escavadeira blindada fechou com areia as frestas por onde atiravam.

A batalha terminou no fim do terceiro dia com um ataque suicida em massa baseado na ideologia *gyokusai* de “a morte antes da desonra”,³ para não serem feitos prisioneiros. Os fuzileiros abateram os atacantes com uma alegria selvagem.

Quase 5 mil soldados japoneses e trabalhadores de construção coreanos morreram em três dias. Mas o custo de tomar uma ilha minúscula — com mais de mil mortos e 2 mil feridos — abalou os comandantes e a opinião pública americana em casa, abismados com as fotos dos fuzileiros mortos. Não obstante, as mortes levaram a diversos aperfeiçoamentos para as futuras operações, com a introdução das equipes de demolição submarina, tanques anfíbios mais bem blindados e a total reavaliação das comunicações e da inteligência antes de fazer outros desembarques. As limitações do bombardeio e das granadas de alto-explosivo da artilharia naval também foram reavaliadas. Para bunkers como os de Tarawa, precisavam de munição que perfurasse a blindagem.

Na primavera de 1943, Roosevelt e Marshall haviam consolidado a sua estratégia para a China. Preferiram a ofensiva aérea e continuaram rejeitando os argumentos de Stilwell de que o poder terrestre dos Aliados devia ser aumentado no país para derrotar os japoneses. A sua principal prioridade era fortalecer a 14ª Força Aérea de Chennault no continente chinês. Ela ampliaria o seu papel nos ataques aos navios japoneses no mar da China Meridional, e atacaria as bases de suprimentos nipônicas para ajudar a marinha americana no Pacífico. Mas havia uma falha no plano. Os êxitos de Chennault provocaram a reação japonesa e,

sem forças chinesas suficientemente fortes para defender os aeródromos, a campanha da 14ª Força Aérea fracassaria. Os exércitos de Yunnan de Chiang Kai-shek deveriam ter sido reforçados com este objetivo, mas receberam poucas armas. A maior parte das primeiras 4.700 toneladas de suprimentos foi destinada a Chennault, e a promessa de Roosevelt de que o transporte aéreo sobre o topo do Himalaia entregaria 10 mil toneladas em um mês era, no mínimo, otimista demais.

Em maio, os japoneses lançaram a quarta ofensiva contra Changsha, na província de Yunnan, com um desembarque anfíbio nas praias do lago Tungting. Outro ataque a partir de Hupeh, ao sul, sugeriu que se tratava de uma operação de cerco para tomar uma importante área de cultivo de arroz. Os Liberators B-24 da 14ª Força Aérea de Chennault atacaram a base japonesa de suprimentos e os trens com reforços. Os Liberators e suas escoltas de caças derrubaram vinte aviões japoneses, elevando o moral das tropas nacionalistas em terra.

Embora as perdas nacionalistas tivessem sido muito maiores que as japonesas, as forças de Chiang Kai-shek atacaram de Hupeh e forçaram os japoneses a recuar. Na província de Shantung, ao sul de Pequim, uma divisão nacionalista muito atrás das linhas japonesas foi atacada tanto pelos japoneses quanto pelas formações comunistas chinesas.

O governo nacionalista em Chungking havia rompido relações com a França de Vichy, enquanto o governo títere de Wang Ching-wei declarava guerra aos Estados Unidos e à Grã-Bretanha. O governo de Vichy também foi forçado a entregar as concessões francesas na China a Wang Ching-wei. A grande comunidade de russos brancos em Xangai,⁴ que havia cooperado com os japoneses, estava cada vez mais deprimida desde a vitória soviética em Stalingrado. O regime tão odiado da União Soviética parecia mais forte do que nunca, e a guerra no Pacífico e na frente leste agora estava indo em uma direção muito distinta da que haviam previsto. A ideia de uma Xangai comunista estava se tornando uma possibilidade. Os japoneses haviam deixado as forças de Mao Tsé-tung no norte relativamente em paz e, se o Exército Vermelho viesse após derrotar a Alemanha, os comunistas chineses tomariam o poder.

A dança diplomática de sombras prosseguia. Tóquio anunciou que a Birmânia teria a independência como membro da Esfera de Coprosperidade da Grande Ásia Oriental. O seu governo títere declarou guerra à Grã-Bretanha e aos Estados Unidos. Em outra tentativa de reafirmar a declaração de guerra ao colonialismo, o governo japonês formou um Exército Nacional Indiano, comandado por Subhas Chandra Bose e formado por prisioneiros de guerra indianos recrutados nos campos japoneses.

Naquela primavera, as disputas entre Stilwell e Chennault se tornaram cada

vez mais ásperas. A rusga começara a minar os esforços de guerra, para o desalento dos oficiais aliados. Brooke descreveu Stilwell como pouco mais que “um excêntrico míope” e Chennault como “um aeronauta muito garboso de cérebro limitado”.⁵ Stilwell também havia granjeado a inimizade de Chiang Kai-shek ao pretender enviar assistência aos comunistas chineses. Chiang ficou furioso porque os comunistas de Mao Tsé-tung se recusavam a participar da ordem de batalha nacionalista. Stilwell alegou que eles lutavam com mais afinco contra os japoneses, o que deixou Chiang ainda mais irado. Contudo, a inteligência britânica tinha certeza de que os comunistas haviam feito um acordo não oficial com os japoneses, segundo o qual ambos os lados restringiriam os ataques entre si. Mao estava poupando as suas forças mal armadas para a guerra civil que certamente ocorreria com a derrota dos japoneses. E, claro, Chiang fazia o mesmo.

Em maio de 1943, na tentativa de resolver a disputa entre Stilwell e Chennault, ambos foram convocados para uma reunião com Roosevelt pouco antes da conferência Trident em Washington. Roosevelt confirmou a prioridade da ofensiva aérea da China a cargo de Chennault, mas permitiu a Stilwell prosseguir na campanha para retomar o norte da Birmânia. O presidente tinha a tendência de evitar disputas entre comandantes e permitir que ambas as opções fossem realizadas ao mesmo tempo, como foi o caso com MacArthur e a marinha americana após a estratégia dos Eixos Gêmeos no Pacífico.

Em julho foi proposta a Operação Buccaneer (Pirata), um grande desembarque na costa birmanesa, para expulsar os japoneses da baía de Bengala. Chiang Kai-shek apoiou o plano, mas, justificadamente, desconfiava que os Aliados não estivessem preparados para comprometer grandes forças terrestres no sudeste asiático. Não surpreende que ele se ressentisse com a ideia de fornecer tropas para reconquistar a Birmânia quando os americanos e os britânicos davam tão pouca importância às suas forças na China. De qualquer modo, mais tarde a escassez de navios afetou a Buccaneer.

As relações com Chiang Kai-shek não melhoraram quando, em meados de agosto, a conferência Quadrant (Quadrante) em Quebec acordou criar o Comando do Sudeste Asiático, ou SEAC, com o vice-almirante lorde Louis Mountbatten como supremo comandante aliado. Brooke, que não considerava Mountbatten competente, comentou que ele precisaria de um chefe de Estado-Maior muito inteligente para orientá-lo. Este homem foi o tenente-general Sir Henry Pownall. Mountbatten também teria como seu vice Joseph “Vinagre” Stilwell, que odiava o almirante inglês. Elegante, charmoso e hábil no uso das

suas ligações com a realeza, Mountbatten tinha um grande talento para as relações públicas, mas foi um comandante de corveta promovido vertiginosamente de modo indevido.

Chiang Kai-shek ficou horrorizado ao saber que as suas tropas serviriam na Birmânia sob o comando britânico. Ele queria que Stilwell, cada vez mais rabugento, fosse afastado, mas em outubro mudou de ideia ao reconhecer que sem ele não haveria o compromisso americano de apoiar as suas forças na China. Ironicamente, esta meia-volta foi apoiada por Mountbatten, que temia que o afastamento de Stilwell aumentasse as suspeitas da imprensa americana de que os britânicos estavam dominando o sudeste asiático. Os oficiais americanos já faziam piadas de que SEAC significava “Save England’s Asian Colonies” (Salve as Colônias Inglesas na Ásia). Stalin teria gargalhado se conhecesse os detalhes das rivalidades e antipatias pessoais que atrapalhavam a estratégia dos Aliados.

Antes da conferência Quadrant, Brooke estava ainda mais horrorizado com a sugestão de Churchill de que Orde Wingate, recém-promovido a general-brigadeiro, fosse promovido a comandante de exército. No mês de abril anterior, Churchill não aprovara os planos britânicos para a Birmânia e dissera: “É melhor vocês comerem um porco-espinho, um espinho de cada vez”.⁶ No entanto, tipicamente, agora estava encantado com a ideia de operações irregulares por trás das linhas japonesas.

Wingate, um cristão fundamentalista e visionário ascético que o general Slim comparava a Pedro o Eremita, não era um charlatão. Provavelmente era maníaco-depressivo, e tentara o suicídio cortando a própria garganta. Não era fácil de lidar. Tratava os seus homens com dureza; na verdade, era impiedoso até com os feridos, mas era igualmente duro consigo mesmo. Barbudo e mal-ajambrado, usava um capacete de safári antiquado que parecia grande demais e não se adequava à imagem de oficial de alto posto da Artilharia Real. Perambulava nu, mastigava cebola crua, coava o chá nas meias e às vezes usava um despertador dependurado no pescoço por uma corda. Ele havia granjeado a reputação de mestre da guerra irregular depois de organizar “grupos especiais noturnos” de judeus na Palestina para revidar ataques dos árabes, e pela liderança da Força Gideon na Etiópia. Churchill sempre fora aberto a ideias pouco convencionais e parecia que Wingate traria uma solução para o impasse no norte da Birmânia.

Em 1942, na Índia, Wingate sugerira a Wavell que colunas apoiadas logisticamente pelo ar e atacando pela retaguarda japonesa seriam muito úteis para atacar as linhas de suprimentos e comunicações do inimigo. Em fevereiro de 1943 ele teve a primeira oportunidade de provar as suas teorias. A 77ª Brigada foi dividida em dois grupos que, por sua vez, foram divididos em

colunas que cruzaram o rio Chindwin. Cada destacamento contava com um grupo de reconhecimento do Regimento de Infantaria da Birmânia e levava ração, munição, metralhadoras e morteiros carregados por mulas. [Ver mapa da Birmânia, p. 619.]

Na terceira semana de março, a maior parte das colunas Chindit havia cruzado o rio Irrawaddy, mas o contato por rádio estava cada vez mais difícil e ficou complicado organizar o envio de suprimentos por paraquedas, pois duas divisões japonesas os forçavam a continuar avançando. Com pouca comida, eles começaram a matar as mulas para comer, o que significou que a maior parte do equipamento pesado teve de ser abandonado. Logo as colunas de Wingate começaram a recuar depois de fracassar em interromper a estrada Mandalay-Lashio e de perder neste processo quase um terço dos 3 mil homens que haviam partido inicialmente. A disciplina era feroz, com açoitamentos e inclusive algumas execuções. Um grande número de feridos e enfermos foi deixado para trás. Entre os que regressaram, exaustos, febris e famintos, seiscentos não puderam servir por vários meses.

Esta longa incursão pode não ter tido sucesso, mas elevou o moral do XIV Exército de Slim e da opinião pública doméstica, devido aos relatórios tremendamente otimistas. Ela permitiu tirar lições importantes, sobretudo a necessidade de limpar as áreas para o lançamento de provisões, e até de campos de pouso, na selva. Quando os Aliados estivessem em condições de fornecer suficiente transporte e apoio de caças, estas operações trariam mais recompensas. Contudo, a primeira penetração de longo alcance teve um efeito mais importante. Levou os japoneses a prepararem uma grande ofensiva para a primavera de 1944 que desaguaria nas batalhas decisivas da campanha da Birmânia.

A Batalha de Kursk

ABRIL-AGOSTO DE 1943

Raras vezes uma ofensiva importante foi tão óbvia para o inimigo quanto a operação alemã Zitadelle (Cidadela) para isolar o saliente soviético ao redor de Kursk.¹ Os comandantes de Stalin estimavam que os alemães só conseguiriam fazer um ataque de vulto, e o saliente de Kursk era evidentemente o setor mais vulnerável da sua linha. Jukov e Vasilevsky conseguiram persuadir o líder impaciente de que a melhor estratégia era se preparar para o ataque duplo, derrotá-lo na defesa e depois partir para a ofensiva.

A preparação alemã em abril de 1943 foi observada de perto por voos de reconhecimento, destacamentos de guerrilheiros por trás das linhas e agentes soviéticos. Os britânicos enviaram um alerta baseado em uma interceptação do Ultra, fortemente disfarçado para ocultar a fonte. O espião soviético John Cairncross forneceu muito mais detalhes. Contudo, havia incerteza em Moscou em virtude de diversas postergações alemãs. O marechal de campo Von Manstein queria lançar a operação no início de maio, ao final das chuvas de primavera, mas Hitler estava estranhamente nervoso e a adiava uma vez atrás da outra.

O Führer apostava praticamente todas as suas reservas naquele jogo gigantesco para encurtar a frente e retomar a iniciativa, e para tranquilizar os aliados indecisos após a derrota em Stalingrado e a retirada do Cáucaso. “A vitória em Kursk será um farol para o mundo”,² proclamou Hitler em uma ordem de 15 de abril. Contudo, com a vitória dos Aliados na Tunísia, ele começou a fitar com ansiedade o mapa da Sicília e da Itália. “Quando penso neste ataque me dá um embrulho no estômago”,³ disse ele a Guderian.

Muitos oficiais dos altos escalões faziam ressalvas à ofensiva. Para compensar a inferioridade numérica, o exército alemão sempre confiara na sua maior habilidade: lançar um *Bewegungskrieg*, ou guerra de movimento. Mas parecia que a Ofensiva de Kursk poderia se tornar uma guerra de atrito. Como em um jogo de xadrez em que você já perdeu muitas peças, os riscos se multiplicam

quando perde a iniciativa e tenta atacar novamente. A rainha do exército alemão, as suas forças blindadas, estava a ponto de ser enviada a uma batalha muito mais perigosa para a Wehrmacht do que para o Exército Vermelho, que agora desfrutava de superioridade em efetivos e armamentos.

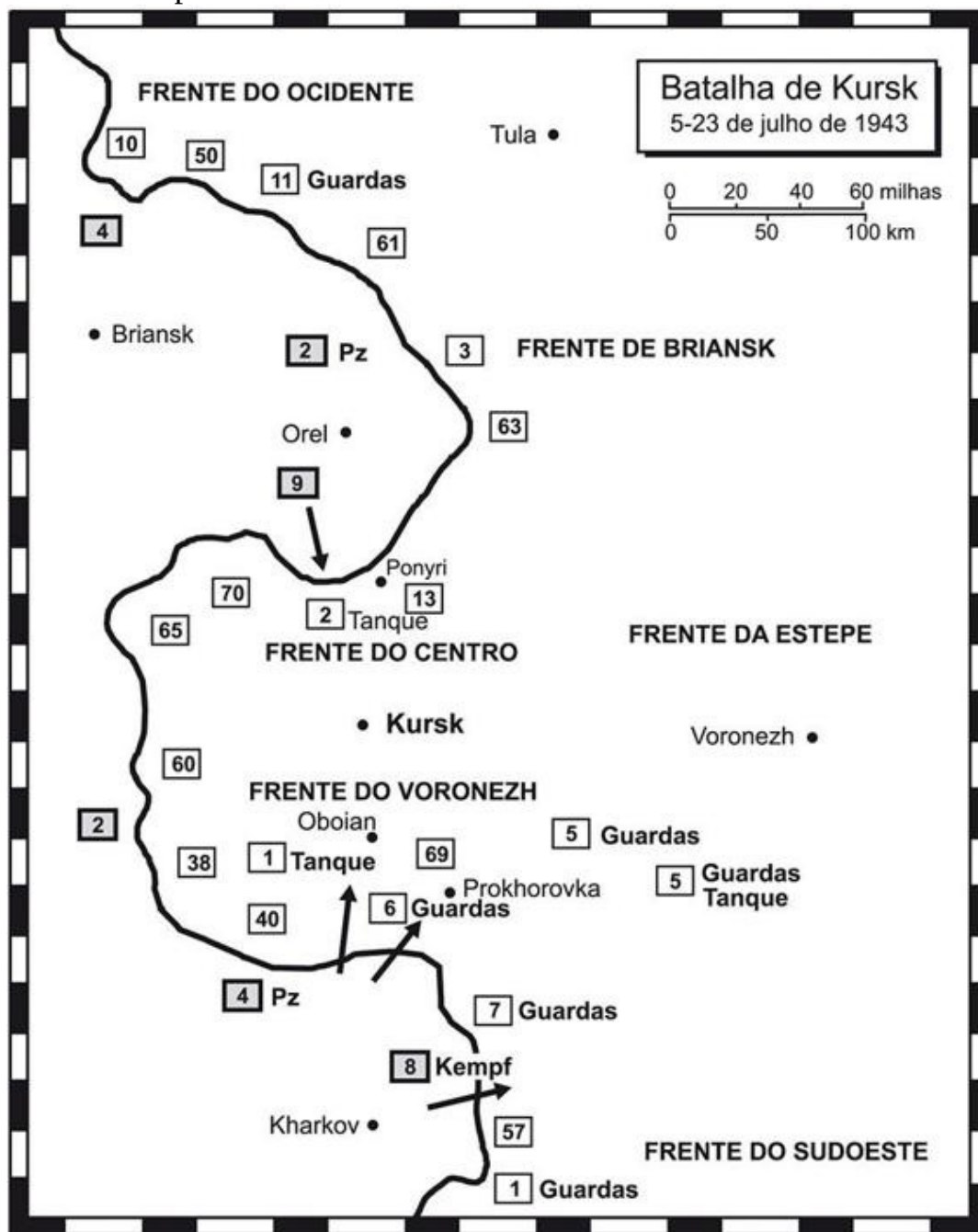
Os oficiais do OKW começaram a expressar dúvidas sobre a ideia por trás da Operação Zitadelle, porém, de um modo perverso, isto fez Hitler teimar ainda mais em prosseguir. O planejamento da operação ganhou impulso próprio. Hitler sentia-se incapaz de recuar. Ele descartou as informações do reconhecimento aéreo sobre a força das defesas soviéticas dizendo que eram exageradas. Porém, apesar da vontade de Manstein de atacar cedo, a Zitadelle foi adiada outras vezes para que mais tanques, como o novo Pantera Mark V, fossem trazidos às pressas para a frente após os atrasos causados pelos bombardeios da RAF. Por fim, a grande ofensiva teve início em 5 de julho.

O Exército Vermelho não desperdiçou aquele espaço crucial para respirar. As suas formações e cerca de 300 mil civis recrutados foram postos a trabalhar na construção de oito linhas de defesa, com fossos profundos para tanques, bunkers subterrâneos, campos minados, arames farpados e mais de 9 mil quilômetros de trincheiras. No verdadeiro estilo soviético, cada soldado tinha a tarefa de cavar cinco metros de trincheiras por noite, já que era muito perigoso fazê-lo de dia. Em alguns lugares as trincheiras se estendiam por quase 300 quilômetros. Todos os civis não envolvidos nas escavações que viviam no perímetro de 25 quilômetros da frente foram evacuados. Patrulhas de reconhecimento foram enviadas à noite para sequestrar alemães e interrogá-los. Estas equipes eram formadas por homens escolhidos pelo tamanho e força para dominarem uma sentinela ou um distribuidor de rações. “Cada grupo de reconhecimento tinha um par de sapadores que o guiava pelas nossas minas e criava brechas no campo minado alemão.”⁴

O mais importante é que uma grande reserva estratégica, comandada pelo coronel-general I. S. Konev e conhecida como Frente da Estepe, se reunira na retaguarda do saliente. Ela incluía o V Exército Blindado de Guardas, cinco exércitos de infantaria, outros três corpos blindados e motorizados e três corpos de cavalaria. No total, a Frente da Estepe reunia quase 575 mil homens. Eles tinham o apoio do 5º Exército Aéreo. O movimento e as posições destas formações eram ocultos na medida do possível, de modo a enganar os alemães sobre os preparativos do Exército Vermelho para um contra-ataque poderoso. Outras medidas de camuflagem incluíam a aglomeração de outras forças no sul e a construção de campos de pouso falsos para sugerir preparativos para uma ofensiva por lá.

Em geral, uma força de ataque exige uma superioridade de até três para um

com relação aos defensores, mas em julho de 1943 a proporção estava invertida. Os grupos do exército soviético envolvidos — a Frente do Centro de Rokossovsky, a Frente de Voronezh de Vatutin, a Frente do Sudoeste de Malinovsky e a Frente da Estepe de Konev — somavam mais de 1,9 milhão de homens. A força alemã para a Operação Zitadelle não chegava a 780 mil. Isto significava uma aposta enorme.⁵



Os alemães empenharam a sua fé na força dos panzers, usando companhias de tanques Tigre como pontas de lança para abrir brechas nas linhas de defesa

soviéticas. O 2º Corpo Panzer da SS, que havia retomado Kharkov e depois Belgorod em março, estava sendo reaparelhado. Reforçado principalmente pelo pessoal de solo da Luftwaffe, a 1ª Divisão Panzer *Leibstandarte Adolf Hitler* pôs os recém-chegados em um programa intensivo de treinamento. Neste ponto, o *Untersturmführer* da SS Michael Wittmann,⁵ que se tornaria o maior ás de panzers da guerra, assumiu o comando do seu primeiro pelotão de Tigres. Porém, apesar da superioridade inquestionável dos Tigres, as divisões de granadeiros panzer da *Waffen-SS* estavam conscientes de sua inferioridade em quantidades de equipamentos. A SS *Das Reich* chegou a reequipar uma companhia com T-34 capturados.

A inteligência do Ultra, passada para o Departamento Soviético de Inteligência Estrangeira por Cairncross por meio do seu controlador em Londres, também havia identificado campos de pouso da Luftwaffe na região.⁷ Cerca de 2 mil aviões estavam concentrados lá, a maior parte do que restara no front oriental depois de tantos esquadrões serem enviados de volta para defender a Alemanha contra as forças aéreas dos Aliados. Os regimentos de aviação do Exército Vermelho puderam então lançar ataques antecipados no início de maio, aparentemente destruindo mais de quinhentos aviões no solo. A Luftwaffe também tinha escassez de combustível, o que restringia a sua capacidade de apoiar as tropas atacantes.

Os problemas alemães de suprimentos haviam crescido com a feroz campanha guerrilheira por trás das linhas da Wehrmacht. Certas áreas, como as florestas ao sul de Leningrado e grande parte da Bielorrússia, estavam quase totalmente controladas pelas forças guerrilheiras, agora dirigidas por Moscou. Os ataques guerrilheiros cresceram em violência. O *Brigadeführer* da SS Oskar Dirlewanger e seu grupo, recrutado entre criminosos libertados, queimaram e destruíram aldeias inteiras. Para a Ofensiva alemã de Kursk, os grupos guerrilheiros soviéticos foram colocados de prontidão para atacar as linhas férreas e retardar o suprimento.

Os adiamentos repetidos da ofensiva alemã encorajaram comandantes impacientes como o coronel-general Vatutin a afirmar que não deviam esperar. O Exército Vermelho deveria deslanchar o ataque. Jukov e Vasilevsky mais uma vez tiveram de acalmar Stalin e convencê-lo a ter paciência. Eles destruiriam muitos mais alemães, com menos baixas na defesa, do que atacando. O ânimo de Stalin não era dos melhores, depois de ouvir de Churchill no início de junho que a invasão Aliada do norte da França fora adiada para o seguinte mês de maio.

Stalin também estava amargurado com a disputa internacional surgida com o assassinato em massa de prisioneiros de guerra poloneses na floresta de Katyń e em outras partes. No final de abril, os alemães, ao descobrirem a vala comum,

convocaram uma comissão internacional de doutores de nações ocupadas e aliadas para examinar as evidências. O governo polonês no exílio sediado em Londres exigiu uma investigação completa a cargo da Cruz Vermelha Internacional. Furioso, Stalin alegou que as vítimas haviam sido assassinadas pelos alemães e que quem duvidasse disto estaria “ajudando e sendo cúmplice de Hitler”. Em 26 de abril, Moscou cortou relações diplomáticas com o governo polonês no exílio. Em 4 de julho, o general Sikorski morreu em um acidente trágico quando a carga a bordo do *Liberator* em que ele estava escorregou para o fundo do avião ao decolar.⁸ Após as notícias sobre Katyń e a exigência de Sikorski de uma investigação, os poloneses naturalmente pensaram em sabotagem.

Em 15 de maio, aparentemente tentando tranquilizar a Grã-Bretanha, e principalmente os Estados Unidos, que lhe forneciam assistência vital mediante o *Lend-Lease*, Stalin anunciou a abolição do Comintern. Mas o gesto também tinha o propósito de desviar a atenção da discussão sobre os assassinatos em Katyń. Na verdade, o Comintern, dirigido por Georgii Dimitrov, Dmitri Manuilsky e Palmiro Togliatti, simplesmente continuou operando na Seção Internacional do Comitê Central.

Na tarde de 4 de julho, um dia quente e úmido com trovoadas ocasionais, unidades de granadeiros panzer das divisões *Grossdeutschland* e 11ª Panzer por fim iniciaram ataques exploratórios contra posições soviéticas avançadas no setor sul de Belgorod. Naquela noite, as companhias da engenharia alemã de combate do IX Exército de Model começaram a cortar arame e remover minas no setor norte. Um soldado foi capturado e interrogado. O general Rokossovsky, comandante em chefe da Frente do Centro, recebeu a informação de que a Hora H seria às 3h. Ele imediatamente deu ordens de bombardear fortemente com canhões, morteiros pesados e lançadores de foguetes Katyusha o IX Exército de Model. Jukov telefonou para Stalin e avisou que a batalha por fim começara.

As forças de Vatutin no lado sul do saliente, que também haviam interrogado um prisioneiro alemão, logo começaram um ataque antecipado contra o IV Exército Panzer de Hoth. Tanto o IX Exército quanto o IV Exército Panzer foram obrigados a retardar os ataques por até duas horas. Chegaram a imaginar que os soviéticos estavam a ponto de lançar uma ofensiva. Embora os alemães tenham sofrido relativamente poucas baixas com o bombardeio, agora sabiam que o Exército Vermelho estava pronto e esperando por eles nos seus eixos de progressão. Combinado com uma tormenta, aquele não era um começo estimulante.

Assim que raiou o dia, o Exército Vermelho lançou ataques antecipados contra os campos de pouso alemães, mas eles estavam praticamente vazios. A Luftwaffe havia decolado mais cedo e logo começou uma tremenda batalha aérea, com vantagem para os pilotos alemães. Com o comando “Panzer march!”, as pontas de lança blindadas avançaram às 5h. No setor sul, as “cunhas” de Hoth consistiam de Tigres e enormes canhões de assalto, com os Pantera e Panzer IV nos flancos e a infantaria atrás. Os Pantera, que haviam sido trazidos apressadamente das linhas de produção alemãs, logo provaram ser mecanicamente falíveis, e muitos pegaram fogo. Contudo, ainda que menos de duzentos Tigres de um total de 2.700 tanques tenham sido empregados na Zitadelle, eles continuavam sendo um formidável aríete.

O moral alemão parecia alto. “Acho que desta vez os russos vão levar uma baita surra”,⁹ escreveu um cadete de um grupo de artilharia antiaérea. Um suboficial da 19ª Divisão Panzer pensou que as explosões e os caças soviéticos derrubados dariam “Uma imagem maravilhosa no cinejornal, só que provavelmente ninguém acreditaria”.¹⁰ Os oficiais também mantinham o moral dos seus homens com outro pensamento encorajador. Stalin estava ficando contrariado com a Inglaterra por causa da Segunda Frente que não vinha nunca. “Se algo parecido não acontecer logo”, escreveu um soldado da 36ª Divisão de Infantaria, “ele nos fará uma oferta de paz.”¹¹

Hoth havia atacado no setor sul em três direções. À esquerda, a 3ª e a 11ª divisões panzer, flanqueadas pela Divisão *Grossdeutschland* de granadeiros panzer. No meio, ele empregou as divisões *Das Reich* e *Totenkopf* de granadeiros panzer, do *Obergruppenführer* Paul Hausser. À direita a 6ª, a 19ª e 7ª divisões panzer, enquadradas pelo 3º Corpo Panzer. À direita da retaguarda, o Destacamento Kempf atacou o sul de Belgorod tentando cruzar o rio Donets ao norte. No norte, o avanço central de Model em direção a Ponyti consistia em dois grupos panzer liderados por um batalhão de Tigres e enormes canhões autopropulsados Elefante, também conhecidos como Ferdinand.

O terreno aberto que tinham à frente, com uns poucos bosques e algumas aldeias agrícolas, parecia ideal para os tanques, mas logo as equipes dos panzers descobriram que era difícil enxergar as centenas de canhões anticarro. Eles estavam adidos às divisões avançadas do Exército Vermelho, instruídas a se sacrificarem absorvendo o choque das pontas de lança blindadas em uma batalha de desgaste. Pesadas granadas de artilharia haviam sido enterradas diante de muitas posições para serem detonados por controle remoto.

No alto, com as sirenes soando, os Stukas desajeitados com asas de gaivota mergulharam nas posições soviéticas e nos tanques T-34 enterrados. O ás do Stuka Hans Rudel experimentou a própria invenção do “pássaro-canhão”¹² com

dois canhões de 37 mm fixados embaixo das asas. Outros T-34, mal disfarçados com montes de feno, foram logo atacados. Os membros da tripulação que sobreviveram ao impacto das bombas perfurantes se arrastaram para fora através do feno em chamas. Os soldados alemães ficaram excitados com o efeito. “A nossa Luftwaffe é realmente fantástica”, escreveu para casa um primeiro-sargento da 167ª Divisão de Infantaria. “Assim que o inimigo é atingido, o nosso braço panzer avança a todo vapor.”¹³

Contudo, os canhões anticarro soviéticos estavam bem camuflados. As guarnições experientes muitas vezes só atiravam quando o panzer estava a quase 20 metros de distância. No setor norte, a oeste de Ponyri, onde os Tigres avançaram, Vasily Grossman ouviu como as granadas de 45 mm dos anticarros “os atingiam, mas quicavam como ervilhas. Houve casos em que os artilheiros enlouqueceram ao ver isto”, acrescentou. Ele descobriu que as coisas não estavam melhores no setor sul. “Um artilheiro disparou à queima-roupa em um Tigre com um canhão de 45 mm. As granadas ricochetearam. O artilheiro perdeu a cabeça e se jogou contra o Tigre.”¹⁴

Embora a maioria dos disparos dos canhões anticarro rebotasse na pesada blindagem dos Tigres, as lagartas eram vulneráveis às minas. Com uma valentia suicida, os sapadores soviéticos correram com minas anticarro sobressalentes para colocá-las pelo caminho. Os soldados do Exército Vermelho também rastejaram para atirar granadas, saquitéis de cargas e coquetéis Molotov.

Temendo a ruptura das linhas a oeste de Ponyri, Rokossovsky enviou brigadas anticarro, de artilharia e de morteiros. Também solicitou o apoio de caças do 16º Exército Aéreo para combater os bombardeiros e Messerschmitts, mas eles foram seriamente avariados. Os comandantes alemães ficaram abalados ao descobrirem que não havia surpresa no ataque e que os soldados soviéticos não fugiam do ataque blindado. Apesar das grandes baixas, as pontas de lança alemãs forçaram caminho adiante a uma profundidade de quase dez quilômetros em uma frente de 15 quilômetros. Rokossovsky preparou um contra-ataque no dia seguinte, mas o caos do vasto campo de batalha dificultava a coordenação.

A batalha aérea foi igualmente impiedosa, com a 6ª Frota Aérea alemã e o 16º Exército Aéreo soviético mesclando praticamente todos os aviões disponíveis. Os Focke-Wulfs, Stukas e Messerschmitts se enredavam com os Shturmoviks, Yaks e Lavochkins. Às vezes os pilotos soviéticos desesperados simplesmente abalroavam os aviões alemães.

A batalha aérea acima do IV Exército Panzer de Hoth ao sul do saliente foi ainda mais intensa. A 4ª Frota Aérea da Luftwaffe, tendo escapado por pouco do

ataque preventivo da aviação soviética na madrugada, infligiu grandes perdas aos atacantes. A campanha de Kursk há muito tempo tem sido retratada, às vezes com números exagerados, como a maior batalha de blindados da história, mas os seus enfrentamentos aéreos estão entre os mais intensos de toda a Segunda Guerra Mundial.

No sul, o avanço da Divisão *Grossdeutschland* atolou em um campo minado traiçoeiramente enlameado pela tormenta da noite anterior. Os batalhões de engenheiros de combate enviados em socorro ficaram sob fogo intenso, e só um ataque desesperado dos granadeiros panzer a pé conseguiu neutralizar as defesas soviéticas que cobriam o campo minado. Foram necessárias várias horas para liberar os tanques e limpar o caminho pela zona perigosa. Para solapar ainda mais o moral alemão, uma brigada dos novos tanques Pantera trazida em apoio teve problemas mecânicos. Isto não ocorreu só com os Panteras. “A minha divisão já está entregue às baratas”, escreveu um suboficial da 4ª Divisão Panzer. “Muitas meias-lagartas enguiçaram, muitos panzers também, e os Tigres não são uma maravilha.”¹⁵ Mas o avanço prosseguiu.

O tártaro Reshat Zevadinovich Sadredinov fazia parte de uma bateria antiaérea que teve quatro canhões destruídos pelos Stukas. O centeio alto à sua volta ardia em chamas. As guarnições das peças se esconderam em bunkers na terra quando os alemães passaram por elas. Quando os soldados do Exército Vermelho por fim apareceram, descobriram que estavam muito longe da retaguarda da luta. Sadredinov e seus companheiros tomaram os uniformes dos soldados alemães mortos e os vestiram sobre os seus. As sentinelas os inquiriram quando se aproximaram da linha de frente soviética. Quando os soldados soviéticos descobriram que eram russos com uniformes alemães gritaram: “Ah, seus bastardos, vocês são homens de Vlasov.”¹⁶ Eles foram severamente espancados. Sadredinov e os companheiros finalmente puderam comprovar a sua identidade ao receberem permissão para entrar em contato com o chefe do Estado-Maior da sua divisão.

“A Luftwaffe estava nos bombardeando” recordou Nikifor Dmitrievich Chevola, comandante da 27ª Brigada Anticarro que enfrentou a *Grossdeutschland*. “Lá estávamos, no meio do fogo e da fumaça, e os meus homens enlouqueceram. Continuavam disparando, sem prestar atenção naquilo.” Os caças Messerschmitts, ou “Messers”, como os soldados do Exército Vermelho os chamavam, dispararam nas trincheiras do início ao fim. Mesmo depois de serem feridos diversas vezes, os homens raramente voltavam para os postos de primeiros socorros. “Estrondos constantes, o solo tremendo, havia fogo por toda parte. Nós gritávamos. Quanto às radiocomunicações, os alemães tentaram nos enganar. Eles gritavam pelo rádio: ‘Eu sou Nekrasov! Eu sou

Nekrasov!’ [O coronel I. M. Nekrasov comandava a 52ª Divisão de Infantaria de Guardas que operava no setor ao lado do de Dmitrievich.] Gritei de volta: ‘Mentira! Você não é ele! Vá se danar!’ Eles abafavam nossas vozes com seus gritos.”¹⁷

“Aquilo era uma batalha cara a cara”, disse um apontador de artilharia chamado Trofim Karpovich Teplenko. “Era como um duelo, canhão anticarro contra blindado. A cabeça e as pernas do sargento Smirnov foram decepadas. Trouxemos a cabeça de volta e também as pernas, pusemos tudo em um pequeno fosso e o cobrimos.”¹⁸ O pó da terra preta e a fumaça da pólvora tingiam a comida de cinza escuro, isso quando a ração chegava. Durante as estranhas calmarias da batalha os homens tinham dificuldade de dormir no silêncio. “Quanto mais silencioso, mais tenso fica”, explicou o tenente-coronel Chevola.

Uma dúzia de quilômetros a leste, o 2º Corpo Panzer da SS, apoiado pela brigada de lançadores de foguetes Nebelwefer, havia se chocado contra a 52ª Divisão de Infantaria de Guardas de Nekrasov. Por trás dos tanques da vanguarda, equipes com lança-chamas se adiantaram para esvaziar os bunkers e as trincheiras. A sua tarefa era quase suicida, pois atraíam imediatamente o fogo inimigo. Porém, quando eram bem-sucedidos, o jorro das chamas deixava um fedor de carne calcinada e petróleo.

A *Leibstandarte* à esquerda avançou muito até Prokhrovka, com a *Das Reich* e a *Totenkopf* progredindo para o nordeste à sua direita. Mas até a *Leibstandarte* foi retida naquela noite por outra brigada anticarro enviada para que a linha fosse mantida. Trinta quilômetros a sudeste, o Destacamento Kempf do exército, depois de cruzar o rio Donets a sudeste de Belgorod, não teve muitos resultados. O seu objetivo de avançar para proteger o flanco direito de Hoth seria obviamente difícil.

As guarnições de panzers, especialmente os carregadores, muitas vezes sofreram de exaustão pelo calor naquele dia insuportavelmente quente. Os Tigres haviam sido adaptados para transportar 120 granadas de 88 mm, em vez de noventa. Os alvos eram tantos que os carregadores, trabalhando rapidamente nos confins tórridos das torres, caíam de fadiga. Às vezes os tanques precisavam ser reabastecidos duas ou três vezes por dia, e estocar as granadas lá dentro também era cansativo, mesmo com ajuda. Um correspondente de guerra alemão adido a uma companhia de Tigres quase enlouqueceu com o ruído e o chiado nos fones de ouvido, com o matraquear constante das metralhadoras e com o estrondo pesado do armamento principal.

Vatutin, depois de depender principalmente das unidades anticarro no primeiro

dia de luta, começou a trazer o I Exército Blindado do tenente-general Katukov e dois corpos blindados de guardas para reforçar a segunda linha principal de defesa. Embora a sua decisão de empregar estas reservas blindadas na defesa, e não em um grande contra-ataque, tenha sido criticada mais tarde, ele estava correto. Um ataque em massa em campo aberto os teria exposto aos Tigres, cujos canhões de 88 mm derrubariam os tanques T-34 a até 2 quilômetros de distância, muito antes de estarem em condições de atacar os panzers. Uma das guarnições de Tigre conseguiu destruir 22 tanques soviéticos em menos de uma hora, feito que valeu imediatamente ao seu comandante a Cruz de Cavaleiro.

No dia 6 de julho, enquanto a Divisão *Grossdeutschland* ficava retida no solo pantanoso e pela resistência feroz à esquerda, a *Leibstandarte* avançou mais para o norte com a *Das Reich*, rompendo a segunda linha de defesa. Mas os seus flancos estavam expostos, e a pressão soviética no lado oeste os forçou a deixar o eixo de progressão em direção ao norte. Isto os empurrou para o nordeste, em direção ao entroncamento ferroviário de Prokhorovka.

Entrementes, no setor norte, as unidades do IX Exército de Model enfrentavam grandes baixas. A sua infantaria e até os granadeiros panzer não conseguiram acompanhar o grupo. Os soldados de infantaria soviéticos, que estavam escondidos, emboscaram os gigantescos canhões autopropulsados Elefante enquanto os sapadores continuavam a colocar minas no seu caminho. Para o assombro dos alemães, nem aqueles monstros conseguiam provocar *Panzerschreck*, ou pânico de tanque, nas fileiras soviéticas.

Na batalha de blindados em torno de Ponyri, em 7 de julho, “tudo estava em chamas, os veículos e as pessoas”.⁴⁹ Quase todas as casas e aldeias haviam sido destruídas em uma área de quilômetros ao redor. Os soldados do Exército Vermelho ficaram horrorizados com os homens de uma guarnição de tanque muito queimada que passou por eles. “Um tenente, ferido na perna e com a mão decepada, comandava a bateria atacada pelos tanques. Quando o ataque inimigo cessou, ele se matou porque não queria viver aleijado.” A mutilação era o maior medo dos soldados do Exército Vermelho. Isto não era de surpreender, considerando-se o modo como os camaradas aleijados eram tratados. Os veteranos com membros amputados eram chamados impiedosamente de samovares.

Model percebeu que, embora as suas forças tivessem conseguido avançar mais de uma dezena de quilômetros em um setor a oeste de Ponyri, as linhas de defesa soviéticas eram muito mais profundas do que havia imaginado. Rokossovsky também estava preocupado. O contra-ataque de blindados planejado para o

amanhecer não saía. Tudo o que ele pôde fazer foi enviá-los a posições cobertas para reforçar a linha. Isto foi bom, pois Model havia decidido empregar a sua reserva principal em uma tentativa desesperada de penetrar.

A luta intensa que prosseguiu no norte até a noite de 8 de julho destruiu o entusiasmo das pontas de lança blindadas de Model. Apesar das perdas terríveis dos defensores, a superioridade numérica do Exército Vermelho em tanques e canhões anticarro era colossal. O avião Shturmovik para ataques terrestres havia começado a provocar severas perdas entre os panzers e os canhões de assalto. O IX Exército de Model perdeu cerca de 10 mil homens e duzentos tanques.²⁰ Quando ficou claro que o ataque inimigo estava chegando ao fim, Rokossovsky e o general Popov, da Frente de Briansk, começaram a preparar o contra-ataque no saliente de Orel, planejado para 10 de julho. Ele se chamou Operação Kutuzov, em homenagem ao grande comandante russo de 1812.

No lado sul do saliente de Kursk, os exércitos de Vatutin estavam em perigo. O Stavka esperara que os alemães fizessem um esforço maior no flanco norte, quando na verdade ele ocorreu no sul, com o IV Exército Panzer de Hoth. Parecia que o avanço alemão em direção a Prokhorovka, liderado pelo 2º Corpo Panzer da SS, prevaleceria mesmo contra o I Exército Blindado de Guardas de Katukov, que passara à defensiva. Na noite de 6 de julho, Vatutin, apoiado pelo general Vasilevsky, representante do Stavka, pediu a Moscou que providenciasse reforços com urgência.

A situação era tão grave que a Frente da Estepe de Konev recebeu ordens de se preparar para avançar e o V Exército Blindado de Guardas do tenente-general Pavel Rotmistrov foi deslocado para apoiar Vatutin imediatamente. Por ordem pessoal de Stalin, o 2º Exército Aéreo cobriria a sua marcha de 300 quilômetros à luz do dia, porque a nuvem de poeira levantada pelas colunas de tanques logo atrairia a Luftwaffe.

O V Exército Blindado de Guardas partiu nas primeiras horas de 7 de julho, e as suas colunas se espalharam em 30 quilômetros de largura pela estepe. “Ao meio-dia”, escreveu Rotmistrov, “a poeira se elevava em nuvens densas, acomodando-se em camadas sólidas nos arbustos e campos de cultivo à beira do caminho e nos tanques e caminhões. Mal se via o disco vermelho escuro do sol. Tanques, canhões autopropulsados, tratores de artilharia, viaturas blindadas de transporte de pessoal e caminhões avançavam em um fluxo sem fim. Os rostos dos soldados estavam escuros de poeira e da fumaça da exaustão. Fazia um calor insuportável. Os soldados eram torturados pela sede e as suas camisas, molhadas de suor, grudavam no corpo.”²¹

A batalha monstruosa ao longo do lado sul do saliente de Kursk prosseguiu em 7 de julho com a defesa sacrificando-se furiosamente nas divisões de infantaria, nas brigadas blindadas e nas unidades anticarro dos VI e I Exércitos Blindados de Guardas. As forças de Hoth descobriram que assim que destruíam uma divisão em seguida vinha outra barrar o seu caminho. Não havia tempo de enterrar os corpos infestados de moscas. De ambos os lados os homens ficavam fora de si de medo e estresse e com o estrépito desumano da batalha. Um soldado alemão chegou a dançar can-can até ser puxado pelos companheiros. Em certo momento parecia que a Divisão *Grossdeutschland* estava a ponto de penetrar na direção de Oboian, mas depois topou com uma brigada do 6º Corpo Blindado que havia sido deslocada a tempo. As divisões SS *Leibstandarte* e *Das Reich* conseguiram percorrer o caminho em direção a Pokhorovka no flanco leste do VI Exército de Guardas, mas tiveram de enfrentar contínuos contra-ataques aos flancos expostos.

Os pilotos da Luftwaffe abateram muitos aviões soviéticos. O ás da caça Erich Hartmann derrubou sete naquele dia, e mais tarde tornou-se o piloto mais eficaz de toda a guerra, com 352 vitórias. As tripulações aéreas do Exército Vermelho também tiveram sucessos. Destruíram cerca de cem caças e bombardeiros no setor sul. A Luftwaffe, com a prioridade posta no apoio às tropas em terra, não conseguia enfrentar tantos aviões inimigos como gostaria, pois a escassez grave de combustível limitava o número de surtidas. Os soviéticos começaram a alcançar superioridade aérea pela primeira vez na batalha e em pouco tempo bombardeavam os campos de pouso alemães todas as noites. Contudo, apesar das perdas, um dos pilotos de Rudel escreveu que estavam no ar novamente antes do amanhecer. “Com o espírito Stuka inquebrantável mergulhamos as nossas aves sobre o inimigo e atiramos as nossas bombas carregadas de destruição.”²²

Em 8 de julho, Hausser deslocou a Divisão SS *Totenkopf* do flanco direito dos corpos panzer para o esquerdo, a fim de ajudar a empurrar o eixo de progressão para longe de Prokhorovka e de volta a Obion, na estrada principal para Kursk. Quando os corpos estavam se deslocando, o 10º Corpo Blindado soviético atacou, mas de modo tão descoordenado que foi repelido com grandes perdas. O 2º Corpo Blindado, que deveria assaltar o flanco exposto do Corpo Panzer da SS, foi golpeado pelas aeronaves Henschel HS-109 destruidoras de blindados com um canhão de 30 mm. As divisões de Hausser (talvez incluindo na conta as baixas causadas pela Luftwaffe) afirmaram ter destruído 121 tanques soviéticos naquele dia.

Em 9 de julho, o 2º Corpo Panzer da SS começou a atacar a última linha de defesa de Vatutin. “Os que usavam uniformes camuflados [SS] lutaram

extremamente bem”,²³ reconheceu um defensor soviético do VI Exército de Guardas. Ele também viu um Tigre destruir sete T-34 um após o outro. Totalmente exaustas, as guarnições dos panzers se mantinham à base de pílulas de Pervitin, que embotava a percepção do perigo e os mantinha despertos. Hausser também esperava obter ajuda no flanco direito, mas o Destacamento Kempf do exército ainda estava lutando contra uma resistência obstinada a leste de Belgorod, enquanto o seu flanco direito era ameaçado pelo VII Exército de Guardas do general Shumilov.

Um regimento de granadeiros panzer da SS *Totenkopf* chegou ao rio Psel. Mas o restante do 2º Corpo Panzer foi atrasado por divisões soviéticas enviadas para manter o VI Exército de Guardas e o I Blindado de Guardas na batalha. No final daquela tarde o comando alemão decidiu mudar o eixo de progressão de Hausser novamente, de volta a Prokhorovka. Os alemães esperavam que o Destacamento Kempf do exército à direita, que havia tido dificuldade em avançar mais cedo, desta vez seguisse rapidamente para o norte. Mas as divisões Kempf estavam sob ataques constantes em ambos os flancos.

Em 10 de julho, o dia em que os Aliados desembarcaram na Sicília, o I Exército Blindado e os remanescentes do VI Exército de Guardas, correndo muito risco, continuaram retardando os ataques ao eixo Oboian. Isto manteve o 48º Corpo Panzer do general Otto von Knobelsdorf ocupado demais para apoiar o avanço de Hausser para Prokhorovka. A *Grossdeutschland* estava completamente exausta, mas ainda assim os seus granadeiros panzer conseguiram capturar duas colinas importantes com o regimento panzer comandado por Hyazinth Graf Strachwitz, o “*Panzer-Kavallerist*”, que fora o primeiro a alcançar o Volga ao norte de Stalingrado. Oboian já era visível de binóculos, mas eles pensavam que nunca a alcançariam. Para Strachwitz, aquele devia ser um sentimento familiar. Em 1914, a sua patrulha de cavalaria avistara Paris quando os franceses contra-atacaram no Marne.

As divisões SS de Hausser não conseguiram avançar tão rapidamente para Prokhorovka como queriam, principalmente porque muitos regimentos foram detidos por batalhas em todo lado. Contudo, a *Leibstandarte* seguiu com parte da *Das Reich*, apesar de uma chuva de fogo de artilharia. A SS *Totenkopf* havia conseguido cruzar o rio Psel 5 quilômetros à direita, mas foi retida pela defesa soviética desesperada em uma colina mais adiante, que evitou que avançasse para o nordeste pelo vale. Mas o chão enlameado estava seco. “Agora faz muito calor aqui”, escreveu um médico para casa, “e nas estradas a poeira chega até os joelhos. Você devia ver a minha cara, está coberta com um milímetro de pó.”²⁴ Para os pilotos dos Stukas, o ritmo das ações de ataque nunca diminuía. “Em cinco dias”, escreveu um tenente, “executei trinta missões de combate, chegando

ao total de 285.”²⁵ Eles tinham um papel decisivo nas grandes batalhas de tanques, acrescentou.

Em 11 de julho, Vatutin deslocou a linha de defesa para o sudoeste de Prokhorovka e trouxe divisões descansadas do V Exército de Guardas para bloquear o avanço do 2º Corpo Panzer SS. Kempf, que sofria forte pressão de Manstein para penetrar, usou os Tigres da 503ª Formação Panzer para ultrapassar as defesas de duas divisões de infantaria soviéticas. Um terceiro-sargento da 6ª Panzer escreveu que aquele era o quinto dia em que não saíam dos tanques. “Os russos nos mantêm ocupados, pois nos últimos três meses tiveram bastante tempo para construir uma linha de defesa que nunca havíamos visto.”²⁶ A 19ª Divisão Panzer também seguiu para o norte na outra margem do Donets em direção a Prokhorovka.

Consciente da ameaça e supervisionado de perto pelo marechal Vasilevsky, que estava em contato constante com Stalin, Vatutin ordenou ao general Rotmistrov que desdobrasse o V Exército Blindado de Guardas assim que este chegasse. Porém, naquela noite, em uma visita de reconhecimento da frente com Vasilevsky, Rotmistrov viu de binóculos que os tanques que haviam avistado a distância eram alemães. O 2º Corpo Panzer SS, em um avanço súbito, já havia chegado ao ponto de onde Rotmistrov pretendia lançar o contra-ataque no dia seguinte. Ele regressou o mais rapidamente que pôde em um jipe do *Lend-Lease* para mudar os planos.

Rotmistrov e seu Estado-Maior trabalharam ao longo da noite preparando novas ordens, mas às 4h de 12 de julho ele soube por Vatutin que a 6ª Divisão Panzer estava se aproximando do rio Donets em Rzhevets. Isto significava que o Destacamento Kempf estava flanqueando o LXIX Exército soviético e poderia ameaçar a retaguarda do V Exército Blindado de Guardas.

De fato, uma força-tarefa da 6ª Divisão Panzer já havia se esgueirado no escuro e chegado a Rzhevets usando um T-34 capturado adiante da coluna. Embora os engenheiros do Exército Vermelho tivessem explodido a ponte sobre o Donets, na confusão uma passarela ficara intacta, e ao amanhecer os granadeiros panzer haviam cruzado o rio. Uma força-tarefa da 19ª Divisão de Panzers correu para reforçá-los, mas a Luftwaffe não havia sido informada do êxito em Rzhevets. Uma formação de Heinkels 111 bombardeou a cabeça de ponte, ferindo o major-general Walther von Hünersdorff, comandante da 6ª Divisão Panzer, e o coronel Hermann von Oppeln-Bronikowski, líder da força-tarefa.

Para enfrentar essa ameaça perto de Rzhevets naquela noite turbulenta, Vatutin determinou que Rotmistrov usasse sua reserva como uma força de bloqueio. Ao oeste de Prokhorovka, o 48º Corpo Panzer de Knobelsdorff tentava

claramente atacar de novo na direção da cidade de Oboian, então Vatutin ordenou um ataque preventivo com brigadas de carros de combate do I Exército Blindado e o 22º Corpo de Infantaria de Guardas. As forças de Hoth estavam exauridas. Depois de iniciar a ofensiva com 916 panzers, eles estavam reduzidos a menos de 500. A chuva forte novamente havia transformado o pó espesso em uma pasta lamacenta, o que tornava o avanço mais difícil para os alemães do que para os soviéticos com seus T-34 de lagartas largas.

Em 12 de julho, pouco depois do amanhecer, o general Rotmistrov chegou ao bunker do posto de comando do 29º Corpo Blindado, em um pomar no alto de uma colina de onde se avistavam os campos de trigo e a linha férrea a sudeste de Prokhorovka. As suas ordens reescritas para o contra-ataque haviam sido distribuídas, e a artilharia e os regimentos de Katyusha haviam se reposicionado nas primeiras horas da manhã. Por trás dos campos havia uma floresta onde se escondia uma parte do 2º Corpo Panzer SS. Mais uma vez o céu claro foi coberto por nuvens carregadas, prometendo mais chuvas fortes.

A batalha começou com ataques dos Stukas. Caças Yak e Lavochkin do 2º Exército Aéreo logo vieram para enfrentá-los. Eles foram seguidos de bombardeiros soviéticos, cujo ataque era acompanhado do estrondo ensurdecedor da artilharia e do alarido paralisante das baterias de foguetes Katyusha que incendiaram os campos. Quando o 2º Corpo Panzer surgiu na orla da floresta e avançou pelo campo aberto, Rotmistrov emitiu a palavra chave “*Stal! Stal! Stal!*” para que os tanques atacassem. Eles estavam ocultos em declives por trás de pequenas colinas, e ao sinal de “Aço!”, avançaram a toda velocidade. Na ordem de operações, ele dissera que a única chance contra os Tigres seria se aproximarem e sobrepujá-los numericamente.

O *Obersturmführer* Rudolf von Ribbentrop, filho do ministro do Exterior, descreveu a cena da torre do seu Tigres no 1º Regimento SS de Panzers. “O que vi me deixou abismado. Detrás de uma pequena elevação, a 150-200 metros diante de mim havia 15, logo trinta, depois quarenta tanques. Por fim, eram demasiados para contar. Os T-34 avançaram em grande velocidade na nossa direção transportando infantaria em cima de suas blindagens.” ²⁷

A batalha parecia o enfrentamento medieval de dois cavaleiros em armaduras. A artilharia e os aviões não podiam ajudar nenhum dos lados, de tão enroscadas que estavam as duas forças. A formação e o controle se perderam de ambos os lados, e um tanque enfrentava o outro à queima-roupa. Quando a munição e o combustível explodiam, a torre do tanque saía voando. Os atiradores alemães primeiro concentravam o fogo no carro de combate do comando, pois era o único com rádio, depois miravam no grande barril de metal fixado na traseira dos T-34 que continham uma reserva de combustível.

“Eles estavam à nossa volta, em cima de nós e entre nós”, escreveu o *Untersturmführer* do 2º Regimento de Granadeiros Panzer. “Lutamos homem a homem.”²⁸ A superioridade alemã em comunicação, mobilidade e artilharia se esvaiu no caos, no ruído e na fumaça. “A atmosfera era sufocante”, recordou um motorista de tanque soviético. “Eu arfava em busca de ar com o suor escorrendo pelo rosto.” O estresse psicológico era imenso. “Esperávamos ser mortos a qualquer momento.”²⁹ Os que seguiam vivos e lutando mais um par de horas estavam atônitos. “Os tanques investiam uns contra os outros”, escreveu um observador soviético. “O metal ardia.”³⁰ A área concentrada do campo de batalha estava coalhada de viaturas blindadas incendiadas emitindo colunas de fumaça preta e oleosa.

As esperanças de Hoth de que o Destacamento Kempf do exército atacasse o flanco do V Exército de Guardas de Rotmistrov foram frustradas. Ele havia sido bloqueado a 19 quilômetros de distância pela reserva de Rotmistrov. O único êxito parecia vir da esquerda, quando a SS *Totenkopf* tentou passar pelo V Exército de Guardas em direção ao nordeste de Prokhorovka. Contudo, os reforços soviéticos chegaram a tempo de fechar a brecha. Embora o 48º Corpo Panzer de Knobelsdorff tenha revidado o ataque preventivo preparado por Vatutin, o êxito parcial foi demasiado tardio para conseguir uma penetração.

Quando uma chuva pesada caiu ao entardecer, ambos os lados se recolheram para se reabastecerem e se rearmarem. As equipes médicas evacuaram os feridos e equipes de manutenção percorreram o campo de batalha naquela noite, onde diversos tanques se espalhavam avariados e incendiados. Até o cruel Jukov ficou tocado com a visão ao fazer um giro pelo campo de batalha dois dias depois.

Os prisioneiros da SS foram mortos de imediato porque eles não poupavam os seus prisioneiros. Houve pouco respeito pelos mortos. “Os alemães foram esmagados por viaturas”, registrou um jovem oficial soviético. “Havia pilhas de alemães mortos com porta-cartas topográficas e os seus pertences ainda com eles. Vi tanques passarem por cima dos corpos.”³¹

Só à noite Hoth soube que ao norte do saliente de Kursk o Exército Vermelho acabara de lançar a Operação Kutuzov para retomar Orel. O IX Exército de Model, exausto, e o II Exército Panzer se surpreenderam com o tamanho da ofensiva. Mais uma vez, a inteligência alemã havia subestimado a concentração de forças do Exército Vermelho na retaguarda. O XI Exército de Guardas do general I. Kh. Bagramyan atacou a retaguarda de Model e avançou 16 quilômetros em dois dias. Apoiando-se neste êxito, o IV Exército Blindado, o III Exército Blindado de Guardas e até o exausto XIII Exército de Rokossovsky

passaram à ofensiva.

Em 13 de julho, muito preocupado com a bem-sucedida invasão da Sicília pelos Aliados três dias antes, Hitler convocou os marechais de campo Von Manstein e Von Kluge para uma conferência no Wolfsschanze. Manstein havia ordenado ao 2º Corpo Panzer e ao Destacamento Kempf do exército que atacassem novamente, mas Hitler anunciou que precisava remover tropas do front oriental para defender a Itália. A Operação Zitadelle foi cancelada de imediato. Ele suspeitou que os italianos não estivessem preparados para lutar pela Sicília e isto punha o país em risco de ser invadido.

Contudo, sabendo que Hoth concordava com ele, Manstein queria prosseguir a batalha ao menos para estabilizar o front. A luta furiosa continuou. O Destacamento Kempf por fim se uniu às forças de Hoth, mas em 17 de julho o OKH ordenou ao 2º Corpo Panzer SS que recuasse da frente a fim de ser transferido para a Europa. A invasão da Sicília, embora não fosse a Segunda Frente que Stalin queria, ainda assim surtiu efeito. Também naquele dia, as Frentes do Sudoeste e do Sul lançaram ataques combinados ao longo do Donets e do Mius até o mar de Azov. Isto foi em parte uma operação diversionária para afastar as forças alemãs de Kharkov, cuja retomada era o principal objetivo soviético.

Desta vez, o anseio de Stalin por uma ofensiva geral foi bem cronometrado. Os alemães ficaram atônitos com o número de formações novas e reorganizadas que iam surgindo e com a habilidade do Exército Vermelho em lançar novos ataques imediatamente após a monstruosa Batalha pelo Saliente de Kursk. “Esta guerra nunca foi tão horrível e cruel como agora”, escreveu um piloto de Stuka em um tom autocomiserativo, “e não consigo ver o seu fim.”³² Para piorar as coisas, a sabotagem das ferrovias pelos guerrilheiros se intensificou. Em 22 de julho, Hitler autorizou Model a se preparar para a retirada do saliente de Orel.

As implicações da vitória em Kursk eram tão grandes que Stalin resolveu fazer a sua única visita ao front em toda a guerra. Em 1º de agosto, um trem camuflado e fortemente guardado o levou ao quartel-general da Frente do Oeste. Depois ele foi ao da Frente de Kalinin, no norte. Sem embargo, como não gastou tempo conversando com praças e oficiais, pode-se supor que o propósito da visita foi se gabar diante de Churchill e Roosevelt.

Em 3 de agosto, a Frente da Estepe de Konev e outros exércitos da Frente de Voronezh foram lançados na Operação Rumyantsev, com pouco menos de um milhão de homens, mais de 12 mil canhões e baterias de Katyusha, e quase 2.500 tanques e canhões autopropulsados. Manstein não esperava tão cedo por um ataque tão poderoso. “Para a infantaria alemã exaurida, foi como se o inimigo derrotado tivesse se erguido da tumba com as energias renovadas.”³³ Dois dias

mais tarde, Belgorod foi tomada, e o Exército Vermelho agora podia se dedicar a Kharkov.

Em 5 de agosto, as forças soviéticas também entraram em Orel, ao norte do saliente, e descobriram que os alemães tinham acabado de partir. Vasily Grossman, que se lembrava muito bem das cenas de pânico na cidade em 1941, entrou naquela tarde. “O cheiro de queimado pairava no ar”, escreveu. “Uma fumaça azul-clara leitosa se erguia dos incêndios em extinção. Na praça, um alto-falante tocava a ‘Internacional’ [...]. Havia garotas de bochechas rosadas controladoras do trânsito paradas em todos os cruzamentos sacudindo pequenas bandeiras vermelhas e verdes.”³⁴

Em 18 de agosto, Briansk foi libertada. Naquela semana, quando as forças de Konev rumavam para Kharkov, os alemães lançaram um contra-ataque. Desta vez, o Exército Vermelho não foi surpreendido e revidou. Em 28 de agosto, Kharkov por fim caiu após a acirrada defesa do Destacamento Kempf, agora denominado VIII Exército. Hitler havia ordenado que mantivessem a cidade até onde fosse possível, na esperança de reduzir a desmoralização dos aliados alemães. A situação catastrófica na Itália o abalara e ele temia o seu efeito sobre romenos e húngaros. Isto era irônico, já que a sua insistência na ofensiva de Kursk tivera por objetivo impressionar os aliados.

O exército alemão havia levado uma surra séria. Perdera quase 50 mil homens. Muitas divisões foram reduzidas ao equivalente a um regimento ou menos. Mas a vitória do Exército Vermelho também cobrou um preço alto. Em virtude da tática de aríete de Jukov, só a Ofensiva Belgorod-Kharkov custou mais de um quarto de milhão de baixas, cifra ainda maior que os 177 mil homens mortos no saliente de Kursk. A Operação Kutuzov para retomar o saliente de Orel foi ainda pior, com cerca de 430 mil baixas. No total, o Exército Vermelho perdeu cinco viaturas blindadas para cada panzer destruído. No entanto, agora os alemães não tinham alternativa a não ser recuar para a linha do rio Dnieper e começar a retirar as forças restantes da cabeça de ponte deixada na Península de Taman. O sonho de Hitler de garantir os campos petrolíferos do Cáucaso estava destruído para sempre.

O Exército Vermelho crescera imensamente em força e experiência, mas as falhas intrínsecas permaneciam. Após a batalha, Vasily Grossman visitou o major-general Gleb Baklanov, que comandava a 13ª Divisão de Infantaria de Guardas. Este lhe disse que “os homens agora lutam de modo inteligente, sem ansiedade. Lutam como se estivessem trabalhando”. Mas ele desdenhou do planejamento de ofensivas do Estado-Maior do Exército Vermelho e de muitos comandantes de regimentos que não checavam os detalhes antes do ataque ou mentiam sobre a posição das suas unidades. Ele ainda sentia que o grito de

“Adiante! Adiante! era fruto da estupidez ou medo dos superiores. Por isso se derrama tanto sangue.”³⁵

Havia muito ressentimento no seio do exército alemão após a perda fatal da iniciativa em Kursk e em Kharkov. A hierarquia nazista ficou nervosa e contrariada. Ainda invejosa do sistema do *politruk* soviético, ela voltou a exigir que os oficiais do exército assumissem o papel de comissários. Mas não havia muito a fazer para conter as críticas à liderança militar no front oriental e ao planejamento de Kursk. As postergações da operação por Hitler para esperar a chegada dos Panteras indubitavelmente contribuíram para a escala do desastre, mas não é certo que ela teria sido bem-sucedida se tivesse sido lançada em maio em vez de julho.

Os comandantes alemães no front assinalaram que os soldados queriam saber a verdade sobre a situação geral, e os oficiais tiveram dificuldades em dar uma resposta direta. “O guerreiro de 1943 é um homem diferente daquele de 1939!”, escreveu o coronel-general Otto Wöhler, comandante em chefe do VIII Exército após a queda de Kharkov. “Há muito ele compreendeu como é amarga a luta pela existência da nossa nação. Ele odeia clichês e dissimulações, quer conhecer os fatos e conhecê-los ‘na sua própria linguagem’. Rejeita instintivamente qualquer coisa que pareça propaganda.”³⁶ Manstein, comandante em chefe do Grupo de Exércitos do Sul, endossou plenamente este relatório.

O OKH tentou culpar o novo chefe do Estado-Maior do VIII Exército, o major-general dr. Hans Speidel, que foi caricaturado como um “intelectual, introspectivo, natural de Württemberg que prefere apontar os aspectos negativos e perde muitas coisas boas”.³⁷ Wöhler respondeu com uma forte repulsa e Keitel imediatamente proibiu correspondência adicional sobre a questão. Keitel exigiu que os oficiais demonstrassem confiança irrestrita na liderança. Qualquer outra coisa equivaleria a derrotismo e qualquer medida, mesmo brutal, seria justificada para destruir os que tentassem enfraquecer a vontade nacional. A guerra não terminaria com um tratado de paz. Era uma questão de vitória ou aniquilação. Desprovido de inteligência e pomposo, Keitel daquela vez teve motivos para suspeitar. Speidel já estava se tornando uma das principais figuras da resistência militar a Hitler e teria um papel importante no complô de julho do ano seguinte.

Da Sicília à Itália

MAIO-SETEMBRO DE 1943

Em 11 de maio de 1943, no dia em que as forças americanas desembarcaram nas Ilhas Aleutas, no norte do Pacífico, Winston Churchill e os seus chefes de Estados-Maiores chegaram a Nova York a bordo do *Queen Mary*. O general Sir Alan Brooke temia a conferência Trident, que começaria em Washington, DC no dia seguinte. Ele suspeitava que, ao enviar grandes reforços ao Extremo Oriente, os americanos estivessem recuando sorrateiramente da política da “Alemanha primeiro”. “Estamos tentando levar duas guerras ao mesmo tempo, o que é impossível com a limitação de recursos para transporte marítimo.”¹

Brooke também precisava impedir Churchill de atacar em outro projeto preferido, a invasão de Sumatra para privar os japoneses de petróleo. O primeiro-ministro tampouco havia desistido da ideia de lançar a Operação Júpiter para tomar o norte da Noruega. Brooke ficava exausto tentando conter os entusiasmos descontrolados do seu chefe, que não tinham relação com os recursos e, acima de tudo, com a capacidade de transporte e de cobertura aérea do país.

Em Washington, as diferenças entre os dois aliados ficaram imediatamente evidentes e, talvez, mais profundas do que antes. Muitos oficiais americanos de altas patentes sentiam que os britânicos os estavam engambelando. O general Marshall, que fora forçado a ceder na Operação Husky, a invasão da Sicília, insistia que as forças americanas não deviam permanecer no Mediterrâneo. Deviam ser trazidas de volta para a Grã-Bretanha e ficar a postos para invadir o norte da França no final da primavera de 1944. Caso contrário, deviam ser enviadas ao Extremo Oriente. Provavelmente isto era mais uma ameaça que uma proposta séria, para forçar os britânicos a se comprometerem irrevogavelmente. Mas era exatamente o que o almirante King desejava.

Com o seu estilo de falar aos arrancos, Brooke argumentou que os aliados ocidentais não podiam ficar parados por dez meses enquanto o Exército

Vermelho enfrentava sozinho a maior parte da Wehrmacht. Ele então arremessava sobre os americanos a justificativa para a Sledgehammer. Ou Hitler enviava forças poderosas à Itália em detrimento do front oriental ou da defesa do canal da Mancha, ou abandonava a maior parte do país e estabelecia uma linha defensiva ao norte do rio Po, nas vertentes dos Alpes. Além disso, prosseguiu, a invasão do continente pelo Estreito de Messina, após a tomada da Sicília, derrubaria Mussolini e tiraria a Itália da guerra. A retomada do controle do Mediterrâneo encurtaria a rota para o Extremo Oriente e ajudaria a economizar o equivalente a um milhão de toneladas de transporte marítimo por ano.

Os britânicos foram insinceros ou otimistas demais ao assegurarem que a campanha na Itália só exigiria nove divisões. A noção de Churchill sobre “o ventre macio da Europa”, que ele tentara primeiro com Stalin, se transformara em um mantra. Ele chegara a sugerir a invasão dos Bálcãs para impedir a ocupação soviética da Europa Central, ideia que provocou profunda desconfiança entre os americanos. Eles a consideraram mais um exemplo da política britânica para o período pós-guerra.

Em 19 de maio, os chefes de Estados-Maiores de cada lado acordaram um compromisso em uma reunião extraoficial. Na Grã-Bretanha, 29 divisões se preparariam para invadir a França na primavera de 1944 e a invasão da Itália prosseguiria. Marshall insistiu em uma cláusula. Após a conquista da Sicília, sete divisões teriam de ser levadas de volta do Mediterrâneo para a Grã-Bretanha para o ataque cruzando o canal.

Depois de todos os maus presságios, Brooke ficou satisfeito. O seu plano de dispersar as forças alemãs antes da invasão pelo canal fora aceito. De qualquer modo, a concentração das forças americanas na Grã-Bretanha estava lenta demais para permitir a invasão da França em 1943, e certamente os Aliados careciam de barcas e superioridade aérea para garantir o êxito do desembarque.

Acompanhados do general Marshall, Churchill e Brooke voaram para Argel a fim de informar Eisenhower das decisões tomadas em Washington. Marshall continuava se opondo à invasão da Itália e insistia em que não era possível tomar uma decisão final antes que o resultado da campanha na Sicília ficasse claro. Durante o voo, toda vez que Churchill tentava definir questões estratégicas, Marshall o enrolava indagando inocentemente sobre algum tema que Churchill não resistia em expor demoradamente. Embora o general Marshall não se comprometesse com o passo seguinte após a Sicília, Churchill e Brooke convenceram Eisenhower das vantagens da invasão da Itália supondo o colapso da resistência do Eixo.

À espera do ataque alemão no saliente de Kursk, Stalin estava muito

insatisfeito com o projeto para a Itália, como deixou claro em uma mensagem conjunta a Roosevelt e Churchill. Este respondeu de modo cortante e, no entanto, fora o primeiro-ministro que se equivocara totalmente ao dizer a Stalin em fevereiro que pretendia lançar a invasão pelo canal da Mancha em agosto, operação que Brooke sabia ser impossível. Foi um engano absolutamente desnecessário, fadado a confirmar as piores suspeitas de Stalin sobre as promessas vãs dos britânicos.

O planejamento da Operação Husky, a invasão da Sicília, foi complicado e às vezes ácido. Em abril, Eisenhower considerou cancelá-la ao saber que duas divisões alemãs haviam sido deslocadas para a ilha. Churchill desdenhou. “Ele vai se deparar com muito mais de duas divisões alemãs” quando invadirem a França, assinalou. “Confio em que os chefes de Estados-Maiores não aceitarão doutrinas derrotistas e pusilânimes, de onde quer que venham”,² especificou.

Montgomery, que estava fortemente envolvido nas batalhas finais pela Tunísia, achou que os planejadores da Husky estavam trabalhando em desacordo e pensando de trás para frente. Dos problemas de reabastecimento surgiu a ideia de que seria melhor fazer diversos desembarques. Ele rejeitou esta abordagem e propôs que o VIII Exército desembarcasse no sudeste da ilha com uma concentração maior, com o VII Exército de Patton à esquerda para apoio mútuo. Patton suspeitou que Montgomery quisesse a vitória para si e que pretendia usar os americanos como pouco mais do que uma flancoguarda.

Isto provocou certa fricção. Patton chegou a sentir que os “Aliados devem lutar em locais diferentes, pois se odeiam entre si mais que ao inimigo”.³ O chefe de Estado-Maior britânico de Eisenhower, marechal do ar Tedder, compartilhava o ceticismo de Patton quanto a Montgomery. “Ele é um cara de capacidade média”, supostamente teria dito a Patton, “que ascendeu tanto que se crê Napoleão — e ele não é.”⁴ Patton pensava que Alexander tinha medo de Montgomery e por isso não era suficientemente firme com ele.

Intrigas ainda mais intensas fermentaram no quartel-general das forças aliadas, situado no bairro colonial francês de Argel. Desde o casamento à força do general Henri Giraud e do general Charles de Gaulle promovido por Roosevelt e Churchill em Casablanca em janeiro, os gaullistas esperavam a sua hora. Em 10 de maio, terceiro aniversário da invasão da França pelos alemães, o Conseil National de la Résistance na França ocupada reconheceu a liderança de De Gaulle. Nem Roosevelt nem Churchill tinham ideia de como isto seria crucial.

Em 30 de maio, o general De Gaulle por fim chegou ao aeroporto Maison Blanche de Argel, após um longo atraso provocado pelas autoridades militares

americanas a instâncias de Roosevelt. Sob o sol ofuscante, uma banda tocou a “Marsellaise” enquanto oficiais americanos e britânicos tentavam ficar em segundo plano. Eles tinham bons motivos para ficar de fora. No dia anterior Giraud havia condecorado Eisenhower com a medalha de Grande Comandante da Legião de Honra, mas De Gaulle, como Brooke descobriu, ficou “indignado por Giraud fazer aquilo sem consultá-lo!”.⁵

A chave do poder era o controle da Armée d’Afrique, que estava sendo rearmada com equipamentos e armamentos americanos. Inevitavelmente, havia profundas suspeitas entre os oficiais tradicionais, os *moustachis* do antigo exército de Vichy que haviam sido leais a Pétain e os *hadjis*, assim chamados por terem feito a peregrinação a Londres para se unirem a De Gaulle. Os *moustachis* comandavam 230 mil soldados, ao passo que os Franceses Livres do Oriente Médio e a força de Koenig que também havia se distinguido em Bir Hakeim só contavam com 15 mil homens. Os gaullistas começaram a recrutar tropas para as suas próprias formações, o que provocou a indignação dos giraudistas. Mas a autoridade moral e a habilidade política de De Gaulle o colocariam no topo.



Em 10 de julho, a Husky teve início com lançamentos aéreos pouco antes do amanhecer, e depois 2.600 navios desembarcaram oito divisões, tantas quanto na Normandia onze meses mais tarde. Ao cair a noite, os Aliados tinham 80 mil homens, 3 mil veículos, trezentos tanques e novecentos canhões em terra.

Os alemães foram pegos de surpresa. A Operação Mincemeat, que atirou na costa espanhola o corpo de um suposto oficial da Marinha Real com planos falsos, juntamente com outras operações diversionárias, fez Hitler crer que a invasão seria na Sardenha e na Grécia. O marechal de campo Kesselring continuava acreditando que a Sicília ou o sul da Itália eram objetivos mais prováveis, mas não lhe deram ouvidos. Mussolini havia reforçado a Sardenha,

convencido de que os Aliados desembarcariam por lá depois dos bombardeios na ilha. Houve também ataques e distúrbios em Turim e Milão, o que aumentou o nervosismo do regime fascista.

O mar estava calmo quando os navios invasores zarparam, mas ventos fortes o agitaram e os navios oscilaram, provocando enjoo nas tropas a bordo. Os que estavam nas LST de fundo chato, ou seja, nas barcas para desembarque de tanques, sofreram o pior, rodando e sendo jogados em todas as direções. Por sorte, os ventos amainaram ao se aproximarem da costa. O VIII Exército de Montgomery se dirigiu à extremidade sudeste do triângulo da Sicília. Suas tropas deveriam atacar para o norte do litoral na direção de Messina para bloquear as divisões do Eixo antes que elas pudessem cruzar de volta para o continente. O VII Exército de Patton desembarcava a oeste em três pontos da costa sul, também guiado por submarinos da Marinha Real que agiam como faróis piscando luzes azuis. Uma vez em terra, não havia objetivos claros para o VII Exército, incerteza no planejamento que Patton tinha sérias intenções de explorar.

Pouco depois das 2h no dia 10 de julho, foi dada a ordem — “Descer!” — e as barcas de desembarque foram abaixadas pelos guindastes para a água. O mar ainda estava agitado e em pouco tempo havia soldados escorregando no vômito dos outros. Por fim, as barcas de assalto zarparam e um correspondente assistiu às “hordas de pequenas embarcações, como percevejos d’água avançando em direção à praia”.⁶ O desembarque não foi fácil por causa das ondas e das minas nas praias. Muitas vezes as tropas desciam no lugar errado e a confusão chegou a ser tão grande como durante a Operação Torch. Em poucas horas os DUKW anfíbios entraram em ação e trouxeram suprimentos, combustível e até baterias de artilharia.

Mais para o interior, os lançamentos de paraquedistas foram caóticos em virtude dos ventos fortes, com os combatentes da 1ª Divisão Aeroterrestre britânica e da 82ª Aeroterrestre dos EUA espalhados por toda parte. Muitos machucaram as pernas. A força britânica de planadores, cujo objetivo era uma ponte importante ao sul de Siracusa chamada Ponte Grande, foi a que mais sofreu. Os pilotos dos rebocadores eram pouco experientes e sua navegação foi terrível. Um planador aterrissou em Malta e outro perto de Mareth, no sul da Tunísia. Sessenta planadores soltos cedo demais caíram no mar. Mas os trinta homens que atingiram o alvo conseguiram tomar a ponte e desativar as cargas de demolição. A eles se juntaram outros cinquenta pela manhã e todos juntos defenderam a ponte dos ataques durante a maior parte da tarde, até que apenas quinze deles não fossem feridos. Embora tenham sido forçados a se render, a ponte foi rapidamente retomada por soldados do Royal Scots Fusiliers

(Fuzileiros Reais escoceses), que vieram pela praia. Toda a operação custou 600 baixas, das quais quase a metade por afogamento.

Fosse qual fosse a confusão do lado dos Aliados, as forças de 300 mil homens do Eixo estavam em uma grande desordem. A tormenta no mar os havia convencido de que não haveria invasão naquela noite. O VI Exército do general Alfredo Guzzoni podia ter 300 mil tropas em teoria, mas tinha apenas duas divisões alemãs, a 15ª de Granadeiros Panzer e a *Hermann Göring* Panzer. A primeira havia sido deslocada para o oeste da ilha e estava longe demais para contra-atacar, então Kesselring ordenou à *Hermann Göring* que avançasse imediatamente para Gela, que havia sido tomada pelos Rangers no desembarque central de Patton no primeiro dia. A 1ª Divisão de Infantaria, “The Big Red One”, deslocou-se para o interior a fim de se posicionar em terreno elevado e tomar o aeródromo.

O ataque da *Hermann Göring* na manhã de 11 de julho pegou os principais batalhões de infantaria sem apoio de tanques. Os Shermans ainda não tinham desembarcado. A oeste, a Divisão Livorno também avançara sobre Gela, mas logo foi detida por morteiros que dispararam rojões de fósforo branco, dirigidos pessoalmente pelo general Patton, e pela artilharia naval de dois cruzadores e quatro contratorpedeiros ao largo. A *Hermann Göring* ao norte e nordeste da cidade quase chegou às praias. O seu comandante até informou ao general Guzzoni que os americanos estavam reembarcando. Porém, um pelotão de Shermans e algumas peças de artilharia desembarcaram na hora certa. Os “Long Toms” (Toms Compridos) de 155 mm entraram imediatamente em ação, executando tiros diretos.

Em um vinhedo abaixo da serra de Biazza, ao leste, parte do 505º Regimento de Infantaria Paraquedista comandado pelo coronel James M. Gavin topou com Tigres da Divisão *Hermann Göring*. Gavin não tinha dúvidas sobre a agressividade dos seus homens que, antes de deixar a Argélia, haviam praticado a pontaria em “uns árabes de aspecto ameaçador”.⁷ Mas contra os Tigres eles só tinham bazucas e um par de canhões de 75 mm.

Para a sorte dos paraquedistas, um suboficial da Marinha que portava um rádio se ofereceu para solicitar apoio de fogo naval. Gavin estava compreensivelmente nervoso, imaginando se aqueles disparos seriam adequadamente precisos. Ele primeiro pediu um só tiro de regulação. E a granada atingiu diretamente o alvo. Gavin solicitou então uma concentração de tiros da artilharia naval. Os alemães começaram a recuar e os primeiros Shermans apareceram vindos da praia, para o júbilo dos paraquedistas. Em conjunto eles atacaram a serra e conseguiram matar a equipe de um Tigre que desavisadamente estava do lado de fora do tanque, o qual foi capturado. Os

paraquedistas perceberam que os impactos dos rojões das bazucas na dianteira dos Tigres mal amassavam suas poderosas blindagens. Os panzers da *Hermann Göring* tiveram de recuar rapidamente ao longo da frente recebendo todo o tempo os disparos da marinha americana. Patton, que estivera parabenizando e praguejando contra as suas tropas em torno de Gela, ficou muito satisfeito “Deus certamente hoje olhou por mim”,⁸ escreveu em seu diário.

Pela noite, o ânimo de Patton voltou a mudar. O 504º Regimento de Infantaria Paraquedista devia chegar da Tunísia nas primeiras horas e saltar atrás das linhas do VII Exército como reforço imediato. Ele queria cancelar a operação, mas descobriu que era tarde demais. Suspeitou que a sua ordem para que os artilheiros antiaéreos na praia e mais para o interior suspendessem o fogo não tivesse sido corretamente transmitida. As guarnições não tinham como distinguir entre amigos e inimigos, principalmente no escuro, e estavam sobressaltadas após todos os ataques da Luftwaffe naquele dia. Os comandantes das forças de desembarque queixaram-se da falta de cobertura aérea nas praias, mas os seus colegas da força aérea relutavam em arriscar os caças porque os artilheiros antiaéreos dos Aliados atiravam em tudo o que voava.

Os piores medos de Patton se tornaram realidade. Uma metralhadora começou a disparar quando os C-47s surgiram no céu e então todos se juntaram a ela, até os metralhadores dos carros de combate, com suas .50s montadas nas torres. Seus homens simplesmente não conseguiam se controlar. Seguiam atirando nos paraquedistas no ar e até mesmo quando eles já haviam atingido o chão ou a água. Foi um dos piores exemplos de “fogo amigo” entre os Aliados, com 23 aviões destruídos, 37 seriamente avariados e 400 baixas. Mais tarde, ao receber a notícia, Eisenhower ficou furioso e culpou Patton.

Contudo, a situação de Patton melhorou quando o general Guzzoni ordenou à *Hermann Göring* que se deslocasse para o leste a fim de bloquear o VIII Exército na estrada norte para Messina. Os britânicos haviam tomado Siracusa sem enfrentar muita resistência. Porém, nos dias seguintes, ao avançarem pela estrada costeira em direção a Catânia, a luta ficou muito mais dura. Os alemães estavam no processo de reforçar a ilha com a 29ª de Granadeiros Panzer e a 1ª Divisão Paraquedista. O quartel-general do 14º Corpo Panzer do general Hube havia sido deslocado pelo ar para lá a fim de dirigir as tropas da Wehrmacht. Mas o principal objetivo de Hube, acordado com Guzzoni, era proteger Messina e os estreitos, de modo que as suas forças pudessem se retirar para o continente, evitando assim uma rendição como a de Túnis.

Em 13 de julho, os britânicos tentaram outro envio de paraquedistas, desta vez para capturar a ponte Primosole perto de Catânia. Mais uma vez os aviões foram atingidos pelo fogo da esquadra invasora, além do fogo dos canhões antiaéreos

do Eixo, provocando o caos. Do total de 1.856 homens da 1ª Brigada de Paraquedistas, menos de trezentos chegaram ao ponto de reorganização perto da ponte. Eles a tomaram na manhã seguinte e removeram as cargas de demolição. Os contra-ataques do recém-chegado 4º Regimento de Paraquedistas alemão quase os repeliram, mas mesmo perdendo um terço da força os paraquedistas britânicos conseguiram manter a ponte.

Em seu auxílio veio a 151ª Brigada com três batalhões da Infantaria Leve Durham em uma marcha forçada de 40 quilômetros com equipamento completo sob uma temperatura de 35º centígrados. No caminho, foram atacados por caças alemães e bombardeados por aviões americanos. O 9º Batalhão dos Durhams partiu direto para o ataque, sofrendo grandes perdas sob o fogo de paraquedistas alemães bem camuflados disparando tiros rasantes de suas MG 42, que os britânicos chamavam de Spandaus. “Do terreno elevado de onde observávamos o 9º Batalhão realizar o ataque frontal”, escreveu um Durham, “a visão era chocante. O rio Simeto estava literalmente vermelho do sangue do 9º Batalhão. Às 9h30 tudo havia terminado. Eles tinham conseguido evitar que os alemães explodissem a ponte.”⁹

Outro batalhão Durham conseguiu vadear o rio mais tarde e surpreender os alemães, mas a batalha feroz prosseguiu. Os infantess ingleses afirmaram que franco-atiradores alemães dispararam nos padioleiros que levavam os feridos. Quando o batalhão ficou sem munição, as viaturas que transportavam metralhadoras Bren começaram a ir e vir transportando cartuchos. O tremendo mau cheiro dos cadáveres ao sol logo fez os motoristas transportadores chamarem o lugar de “beco do fedor”. Por fim, os paraquedistas alemães foram forçados a recuar com a chegada da 4ª Brigada Blindada.

Enquanto a batalha pela ponte Primosole prosseguia, a 51ª Divisão Highland a oeste atacou Francoforte, uma aldeia siciliana típica no alto de um morro, acima de terraços de olivais, à qual se chegava por uma estrada de terra que subia sinuosa por uma encosta íngreme em curvas fechadas. À esquerda, outra parte da divisão conseguiu tomar Vizzini após uma ação curta e intensa. Os soldados escoceses da Divisão Highland avançaram confiantes. Mas em seguida tiveram um choque desagradável em Gerbini, onde os alemães montaram uma forte defesa no aeródromo adjacente. A *Hermann Göring* e a Divisão de Paraquedistas empregaram os canhões anticarro de 88 mm com efeitos devastadores. O 13º Corpo britânico na planície costeira ficou bloqueado, enquanto o 30º Corpo teve de lutar de cume em cume. Os soldados britânicos detestaram combater nas montanhas rochosas da Sicília e começaram a sentir saudades do deserto no norte da África.

Montgomery decidiu deslocar o 30º Corpo por dentro da zona de ação de

Patton, para que atacasse pelo lado oeste do Monte Etna. Alexander concordou sem consultar Patton, que ficou compreensivelmente aborrecido. O major-general Omar Bradley, comandante do 2º Corpo, ficou ainda mais contrariado e disse a Patton que não devia permitir que os britânicos fizessem aquilo com ele. Porém, após a explosão de Eisenhower com o desastre aéreo e a falta de informações do quartel-general do VII Exército, Patton não queria outro enfrentamento com um oficial superior. Bradley não conseguiu acreditar que Patton pudesse ser tão dócil.

Apesar do apelido de “General GI”, em virtude da aparente falta de pretensão e dos modos de homem do lar, Bradley era impiedoso e ambicioso. Patton não gostava do ressentimento que Bradley nutria por ele. Mas ambos encaravam um escândalo em potencial. Na 45ª Divisão de Infantaria de Bradley, uma formação da Guarda Nacional que antes da invasão Patton incitou para que ela se autodenominasse “divisão assassina”, um sargento e um capitão massacraram mais de setenta prisioneiros desarmados. A reação inicial de Patton foi apresentar os soldados assassinados como franco-atiradores ou prisioneiros mortos ao tentarem escapar. As autoridades militares resolveram abafar a questão, supostamente para que os alemães não desencadeassem represálias contra os prisioneiros aliados.

Patton conseguiu persuadir Alexander a capturar o porto de Agrigento, na costa oeste, para facilitar a situação dos suprimentos, ao invés de se limitar a proteger o flanco esquerdo de Montgomery. Alexander concordou, sem saber quais eram as verdadeiras intenções do americano. Patton aproveitou a oportunidade para avançar para o noroeste pela costa e ao norte pelas montanhas em direção a Palermo. Com uma generosa cota de viaturas e artilharia autopropulsada, o exército americano podia se mover muito mais rapidamente que o britânico, cujos comandantes também pareciam achar confusa a experiência de lutar nas encostas das videiras e em montanhas esturricadas pelo sol. Os britânicos não tinham percebido a regra fundamental de Patton, aprendida com a debacle de Kasserine: sempre conquistar o ponto mais alto primeiro. A topografia era tudo.

Em 17 de julho, Patton soube que Alexander e Montgomery esperavam que o VII Exército operasse como flancoguarda. Patton já não aceitava o seu papel secundário. Foi ver Alexander em Túnis acompanhado do general Wedemeyer, um anglófono notório que, como representante do general Marshall, tinha muito peso. Alexander, constrangido com o modo como havia cedido à insistência de Montgomery, imediatamente permitiu a Patton continuar avançando. O respeito

anterior de Patton por Alexander havia minguido, mas agora ele tinha permissão do comandante do Grupo de Exércitos para soltar as suas divisões.

Tal como os seus soldados, o general Patton ficou chocado com a pobreza, a sujeira, os montes de excrementos e as doenças que encontrou nas cidades e aldeias sicilianas. “A gente deste país”, escreveu em seu diário, “a mais carente e esquecida por Deus que já vi.”¹⁰ Para muitas tropas americanas, as condições de vida na Sicília eram piores que no norte da África. Civis semifamintos mendigavam comida às tropas e houve alguns distúrbios por alimentos nas cidades, resolvidos pelos policiais militares que dispararam as submetralhadoras Thompsons para o alto e até nos civis que protestavam.

Embora houvesse lugares de grande beleza na paisagem quente e rochosa, com olivais e pomares de cítricos, a existência primitiva da população, que dependia de burros e carroças para o transporte, parecia quase medieval. Patton comentou em uma carta à esposa: “pode-se comprar qualquer mulher na cidade por uma lata de feijão, mas não há muitos compradores.”¹¹ Ele estava claramente equivocado, pois o índice de doenças venéreas cresceu muitíssimo em ambos os exércitos. Um hospital de campanha britânico recebeu 186 casos em um só dia.¹²

Em 19 de julho, Hitler e Mussolini se encontraram em Feltre, no norte da Itália. A jactância e a autoconfiança do Duce haviam evaporado. Agora, Hitler o assustava e Mussolini não disse nada durante uma lição de duas horas que ouviu sobre as deficiências italianas. Talvez agitado pelas anfetaminas que consumia à época, o Führer parecia vibrar de energia. O Duce, por outro lado, era um homem encolhido física e psicologicamente. Ele, que se gabava de ter boa condição física e gostava de exibir o torso — hábito que Hitler considerava indigno —, agora sofria dores estomacais e se inclinava à melancolia, à apatia e à indecisão. Como mais tarde Hitler sentiria a respeito dos alemães, Mussolini concluía que os seus compatriotas eram inúteis e não mereciam a sua liderança. Porém, como Hitler, ele nunca visitou o front nem as vítimas de bombardeios.

A incapacidade de Mussolini de confiar em quem quer que fosse à sua volta o deixara sem contato com a realidade. Ele fingia ser um ditador onisciente e onividente, mas ninguém no seu entourage ousava lhe dizer que era odiado pela maioria dos italianos, que não queriam mais nada com a sua guerra. A compulsão do Duce de emitir infundáveis instruções sobre quaisquer assuntos sob o sol significava também que, nas palavras de um secretário do Partido Fascista, ele era “o homem mais desobedecido da história”.¹³ O governo estava à deriva e o seu genro, o conde Ciano, embora não ousasse se opor a ele abertamente, começou a tramar a sua queda na esperança de tomar o poder e negociar a paz com os Aliados.

Durante a reunião em Feltre chegou a notícia de que pela primeira vez os

americanos haviam bombardeado pátios ferroviários de manobras na periferia de Roma. Mussolini ficou abalado, principalmente ao saber que isto alastrara o pânico pela cidade. Hitler, que temia que o governo de Mussolini estivesse à beira do colapso, havia não só preparado um vasto contingente do exército alemão para ocupar o país como também enviado tanques à milícia de camisas pretas para que eles enfrentassem qualquer tentativa de golpe antifascista.

Em 22 de julho, a 3ª Divisão do major-general Lucian K. Truscott entrou avassaladoramente pela capital dilapidada de Palermo e o 2º Corpo de Bradley chegou a Termini Imerese, na costa norte. Exultante, Patton se instalou no fausto do Palácio Real de Palermo, onde comeu a ração K em pratos de porcelana estampada com brasão e bebeu champanhe na sala de jantar suntuosa. Enquanto isso, os britânicos continuavam avançando penosamente de ambos os lados do Monte Etna. Um regimento da 1ª Divisão canadense conseguiu tomar a cidade de Assoro escalando um penhasco como na captura de Quebec pelo general Wolfe, quase dois séculos antes.

Em 24 de julho, o Grande Conselho Fascista se reuniu em Roma. As críticas foram de início comedidas e Mussolini não conseguiu perceber o que estava acontecendo. Com muita dor, ele parecia apático, quase paralisado. A reunião entrou noite adentro. Após dez horas, o conde Dino Grandi, embaixador em Londres antes da guerra, apresentou uma moção pelo retorno à monarquia constitucional com parlamento democrático. A indiferença de Mussolini convenceu alguns de que ele simplesmente buscava uma saída. A moção de Grande foi aprovada por dezenove votos a sete.

No dia seguinte, Mussolini esqueceu-se de fazer a barba e foi visitar o rei Vittorio Emanuele III na Villa Savoia. Agiu como se nada inadequado tivesse acontecido. Porém, ao começar a falar, o rei diminuto o calou e disselhe que o marechal Pietro Badoglio assumiria como primeiro-ministro. Ao despedir-se, estupefato, Mussolini foi detido por oficiais *carabinieri* e levado de ambulância para seu quartel fortemente vigiado. Naquela noite um anúncio no rádio levou as pessoas às ruas para gritar “*Benito e finito*”. O fascismo italiano caiu em questão de horas, desaparecendo como um cenário que dá lugar ao de outra produção. Nem a milícia dos camisas pretas, armada com tanques alemães, tentou evitar a queda. Em Milão, os operários invadiram as prisões para libertar os antifascistas.

Ao saber do golpe em Roma, Hitler quis enviar à cidade uma divisão de paraquedistas para prender o novo governo e a família real. Ele suspeitava que, de alguma forma, os maçons e o Vaticano estivessem por trás da queda de Mussolini. Rommel, Jodl e Kesselring por fim o persuadiram a não atacar a cidade. Certamente Hitler não confiava na promessa do marechal Badoglio de que a guerra da Itália continuaria. As tropas alemãs tomaram o Passo de Brenner

e as principais instalações no norte do país com oito divisões. Uma operação chamada Alarich fora preparada para ocupar todo o país caso a Itália se rendesse. Hitler disse aos seus serviços de inteligência que descobrissem onde Mussolini estava preso usando quaisquer meios, inclusive o suborno e videntes.

Com o sangue quente, Patton estava determinado a conquistar Messina antes de Montgomery. Apressou os seus homens insistentemente, embora muitos tivessem sucumbido ao calor intenso e à desidratação. A malária, a disenteria, a dengue e a febre da mosca do deserto eram responsáveis por uma grande proporção de baixas fora de combate. Só a malária derrubou 22 mil homens nos dois exércitos aliados na Sicília.

Em 25 de julho, Patton voou para Siracusa a pedido de Montgomery para discutir o avanço sobre Messina. A falta de instruções do quartel-general Aliado tornava isto essencial. Montgomery admitiu tacitamente que estava bloqueado ao sul de Catânia e, sem esperar por Alexander, eles começaram a discutir a situação observando um mapa aberto diante do carro de comando Humber de Montgomery. Para a surpresa de Patton, Montgomery concordou que as forças americanas cruzassem os limites entre os dois exércitos se isto os ajudasse a chegar rapidamente a Messina. Finalmente, atrasado em virtude das notícias sobre os acontecimentos cruciais em Roma, Alexander chegou acompanhado de Bedell Smith. O comandante do Grupo de Exércitos ficou claramente irritado ao saber que os seus dois generais haviam chegado a um acordo sem a sua presença. Mas mesmo que em Siracusa Montgomery tivesse concedido metade da corrida ao VII Exército, Patton tinha toda a intenção de ganhá-la por completo.

Os seus homens, manchados de suor e cobertos de poeira, avançaram de uma colina rochosa a outra. Como os britânicos, tiveram de levar munição e outros suprimentos em mulas. As duas divisões de granadeiros panzer os acossaram por todo o caminho, detonando pontes e colocando minas e *booby-traps* a cada oportunidade. As tropas americanas ficaram enraivecidas com o modo como eles camuflavam as armadilhas nos cadáveres, então à vezes se vingavam nos prisioneiros. O campo e as cidades, esmagados pela artilharia dos Aliados e os bombardeios que provocaram numerosas baixas civis, fediam a corpos em decomposição. Os cadáveres formavam altas pilhas em meio aos detritos e eram incinerados com gasolina para evitar doenças.

Na primeira semana de agosto, a batalha pela cidade de Troina, nas montanhas, custou 500 baixas à 1ª Divisão de Infantaria americana. Patton já havia decidido que o seu comandante, Terry Allen, estava exausto, e assim que a

luta em Troina terminou ele o dispensou junto com o seu subcomandante, o general-brigadeiro Teddy Roosevelt Jr. Bradley, que detestava Allen pelo seu desrespeito flagrante, ficou profundamente satisfeito.

Em 3 de agosto, Patton visitou o 15º Hospital de Evacuação. Ficou visivelmente comovido ao ver os feridos, mas não tinha paciência com surtos psicológicos. Perguntou a um soldado da 1ª Divisão, um jovem tapeceiro de Indiana que sofria de trauma de combate, qual era o seu problema. “Acho que não aguento isso”, respondeu o jovem desamparadamente. Patton teve um ataque de raiva, esbofeteou-o com as luvas e o arrastou para fora da tenda. Chutou-o no traseiro gritando: “Ouça bem, seu bastardo covarde. Você vai voltar à frente!” Uma semana depois ele teve outra explosão ao visitar o 93º Hospital de Evacuação. Chegou a apontar a pistola para a vítima, ameaçando matá-la por covardia. Um repórter britânico que assistiu à cena ouviu-o dizer logo depois: “Não existe esse negócio de trauma de granadas. Isso é uma invenção dos judeus!”¹⁴

Para acelerar o avanço pela costa norte, Patton convenceu a marinha americana a fornecer suficientes barcas de desembarque para infiltrar um batalhão 15 quilômetros atrás das linhas alemãs. Bradley e Truscott se opuseram veementemente ao plano e, como temiam, o batalhão foi praticamente dizimado depois de tomar o Monte Cipolla. Patton achou que o jogo arriscado era perfeitamente justificado. Ele não sabia que os alemães já haviam começado a levar as suas forças de volta pelo Estreito de Messina em uma operação bem organizada. A retirada alemã se acelerou em 11 de agosto. O quartel-general das forças aliadas não preparara medidas para bloqueá-los. Em vez disto, Tedder estava usando as Fortalezas B-17 para bombardear as ferrovias ao redor de Roma, e tanto a Marinha Real quanto a Marinha dos EUA relutavam em empregar grandes navios com toda a artilharia do Eixo posicionada na costa italiana. Mais tarde, Eisenhower se arrependeu de não ter desembarcado forças terrestres no lado oposto dos estreitos, e 110 mil soldados do Eixo foram evacuados quase sem baixas. Em grande parte, esta miopia se deveu à relutância do general Marshall em se comprometer com a invasão total do continente.

Patton estava muito mais interessado em que as suas tropas chegassem a Messina antes das de Montgomery, e fez uma entrada triunfal na cidade arruinada na manhã de 17 de agosto. Mas em pouco tempo o seu triunfo se esvaiu. Naquela mesma manhã, por intermédio de correspondentes de guerra americanos, Eisenhower soubera em Argel dos ataques nos hospitais de campo — e uma tempestade estava a ponto de desabar. Nada dos incidentes era conhecido nos Estados Unidos. O presidente Roosevelt inclusive havia enviado uma mensagem de congratulação ao vulcânico Patton contando que Harry

Hopkins sugerira que “depois da guerra eu devia nomeá-lo Marquês do Monte Etna”.¹⁵

Quando um oficial bate em um subordinado, comete uma ofensa que deve ser julgada por corte marcial, mas Eisenhower, ao mesmo tempo que estava furioso com Patton, não queria perdê-lo. Ele conseguiu persuadir os jornalistas americanos e britânicos a omitirem a história. Depois de se angustiar diante do dilema por dias e noites, ele ordenou a Patton que pedisse desculpas em público aos dois soldados, à equipe médica que testemunhara os incidentes e às tropas. Alguns o aplaudiram, mas a 1ª Divisão de Infantaria, ainda ressentida com a exoneração de Allen e Teddy Roosevelt Jr., o ouviu em silêncio.

A campanha da Sicília, embora tenha deixado escapar tantas tropas do Eixo, certamente foi valiosa. As baixas foram altas — 12.800 do VIII Exército e 8.800 do VII Exército de Patton —, mas o moral foi muito estimulado e diversas habilidades foram aprimoradas, tanto nas operações anfíbias como no combate posterior. Agora, os Aliados tinham praticamente o controle do Mediterrâneo e de diversos aeródromos de onde atacar a Itália e mais além. A invasão também motivara a queda de Mussolini e provocara raiva, pânico e depressão em Hitler no Wolfsschanze. A destruição de Hamburgo pela RAF abalou o Führer mais do que ele ousava admitir, e as ofensivas do Exército Vermelho no front oriental após a Batalha de Kursk deixaram claro que ele carecia de tropas.

Em agosto, Churchill, Roosevelt e seus chefes de Estados-Maiores se reuniram novamente, desta vez em Quebec, para a conferência Quadrant, organizada pelo primeiro-ministro canadense William Mackenzie King. Alguns dias antes Churchill havia debatido com Roosevelt a questão do projeto da bomba atômica. Os americanos haviam tentado excluir os britânicos da pesquisa, conhecida como “Tube Alloys”, mas Churchill convenceu Roosevelt de que ela devia ser um empreendimento conjunto.

Em Quebec, a conferência discutiu a rendição iminente da Itália, após sondagens secretas do general Giuseppe Castellano, emissário de Badoglio, intermediadas por Madri e Lisboa. Tratava-se de uma perspectiva encorajadora. Os campos de pouso italianos poderiam ser usados para bombardear a Alemanha e os campos petrolíferos de Ploesti, como enfatizou o general “Hap” Arnold, comandante da força aérea americana. Mas o entusiasmo britânico com a campanha italiana total para avançar pelo norte da linha do Po não era compartilhado pelos americanos, embora Brooke tenha argumentado enfaticamente que isto levaria as divisões alemãs para longe da frente da Normandia.

Roosevelt e Marshall não queriam que o avanço prosseguisse além de Roma, embora isto significasse deixar as tropas ociosas no país. Com certa razão, eles suspeitavam que os britânicos usariam a campanha italiana para adiar a invasão da França e desviar recursos para o nordeste, na direção dos Bálcãs e da Europa Central. Infelizmente, o modo enfadonho como Churchill abordava a estratégia — ele agora queria invadir Rodes e as ilhas do Dodecaneso para levar a Turquia à guerra — parecia confirmar os seus receios. Marshall insistiu que as sete divisões selecionadas para a invasão da Normandia fossem retiradas da Itália em 1º de novembro, como acordado na conferência Trident.

A invasão da Normandia, agora denominada Operação Overlord, foi fixada para maio de 1944. O tenente-general Sir Frederick Morgan, chefe do Estado-Maior do (ainda não nomeado) comandante supremo dos Aliados, já estava trabalhando nos planos iniciais. Apoiado pelo general Arnold, ele ressaltou a necessidade urgente de enfraquecer a Luftwaffe primeiro. Em três ocasiões Churchill prometera precipitadamente o comando supremo ao general Brooke. Agora, estava diante do fato de que Roosevelt insistia em que um general americano ocupasse o posto, já que os EUA forneceriam a maioria das tropas. Equivocadamente, os americanos pensavam também que Brooke fosse contrário à invasão da França.

Brooke ficou profundamente decepcionado quando Churchill lhe disse que ele não comandaria a Overlord, e nunca se recuperou do golpe. Ficou ainda mais aborrecido ao descobrir que, em privado, Churchill havia acordado que, em troca, o almirante lorde Mountbatten chefiaria o SEAC, o novo Comando do Sudeste Asiático. O candidato óbvio para a Overlord parecia ser o general Marshall, embora ele evitasse postular a função.

Em 3 de setembro, Churchill viajou de trem de Quebec a Washington. Chegou a tempo para um dia crucial. O elegante general Castellano, chefe do Estado-Maior de Badoglio, e o chefe do Estado-Maior de Eisenhower, general Bedell Smith, haviam firmado secretamente o armistício italiano após negociações complicadas. Os alemães tinham incrementado as suas forças na Itália para dezesseis divisões, e os italianos se encontravam compreensivelmente aterrorizados com as represálias germânicas.

No alvorecer daquele dia, tropas britânicas e canadenses desembarcaram perto de Reggio di Calabria. Tinham o apoio de navios de guerra e artilharia no Estreito de Messina, mas os desembarques não foram revidados naquela bela manhã de setembro e o mar estava calmo. Os britânicos a denominaram a “Regata do Estreito de Messina”. Depois houve outros desembarques na ponta da bota italiana e na base naval de Taranto. O almirante Cunningham se arriscou em enviar a 1ª Divisão Aeroterrestre a Taranto em cruzadores da Marinha Real.

A esquadra italiana zarpou de Malta para se render, mas a Luftwaffe conseguiu afundar o encouraçado *Roma* com uma das novas bombas propelidas por foguetes e matou 1.300 marinheiros.

Toda a campanha italiana foi eivada de juízos falsos e desejos antecipados. Em virtude de algumas interceptações iniciais do Ultra, o quartel-general das forças aliadas acreditou que com a rendição italiana os alemães recuariam para a linha Pisa-Rimini, no norte da Itália. Contudo, Hitler decidira que isto equivaleria a abandonar os Bálcãs por trás dos aliados croatas, romenos e húngaros. Além disso, apesar das promessas de Bedell Smith, os italianos não estavam preparados para defender Roma dos alemães. O lançamento planejado da 82ª Divisão Aeroterrestre na capital italiana, que coincidiria com os principais desembarques em Salerno, felizmente foi abortado quando os aviões se preparavam para decolar. Toda a formação teria sido dizimada se tivessem prosseguido.

Em 8 de setembro, depois de passar muito tempo agitado com os acontecimentos na Itália, Hitler voou para o quartel-general de Manstein no sul da Rússia para discutir a crise no front oriental. O Exército Vermelho havia irrompido através do Grupo de Exércitos do Centro de Kluge e do Grupo de Exércitos do Sul de Manstein. Ao retornar ao Wolfsschanze naquela noite, o Führer soube que o armistício italiano acabara de ser anunciado e que a primeira leva do V Exército do general Mark Clark havia desembarcado em Salerno, 50 quilômetros a sudeste de Nápoles. Pode-se imaginar o seu humor depois de saber da “traição” de Badoglio, embora a esperasse. Ele convocou Goebbels e outros líderes nazistas para uma reunião no dia seguinte. Goebbels escreveu em seu diário: “O Führer está determinado a fazer tábula rasa na Itália.”¹⁶

A Operação Achse (Eixo) (ex-Alarich) foi lançada com uma rapidez desumana. Uma das primeiras prioridades do marechal de campo Kesselring era tomar Roma. Os paraquedistas alemães invadiram a cidade quando os habitantes ainda comemoravam o que pensavam ser o fim da guerra para eles. O rei e o marechal Badoglio escaparam a tempo, as dezesseis divisões alemãs desarmaram as tropas italianas e destruíram as que resistiram. Cerca de 650 mil homens foram aprisionados, a maioria dos quais mais tarde foi enviada para fazer trabalhos forçados. Himmler instruiu o chefe da polícia de segurança de Roma, o *Obersturmerführer* da SS Herbert Kappler, a reunir os 8 mil judeus da cidade.

Enquanto ocupavam Roma, os alemães enviaram forças para bloquear um possível desembarque anglo-americano no golfo de Salerno, o local mais óbvio naquela parte da costa tirrena. O recém-criado X Exército era comandado pelo general Heinrich von Vietinghoff. Ele rapidamente enviou a 16ª Divisão Panzer, a formação sucessora daquela destruída em Stalingrado, para se posicionar nas

colinas que dominavam a grande baía. Naquela noite de 8 de setembro, logo depois de as tropas aliadas comemorarem a notícia da rendição da Itália a bordo dos navios invasores, as primeiras forças alemãs já estavam a postos para recebê-las quando desembarcassem nas primeiras horas do dia seguinte.

A resistência inesperadamente forte pegou a tropas aliadas de surpresa. Só quando os varredores de minas limpavam um canal na manhã seguinte os navios de guerra puderam chegar suficientemente perto da costa para identificar concentrações de tanques e baterias de canhões alemães. Quase tudo o que podia dar errado em Salerno aconteceu. O major-general Ernest Dawley, comandante do 6º Corpo americano, só contribuiu para a confusão em terra. Só protegeu o flanco esquerdo com a parcela britânica da força de invasão ao receber ordens de Clark três dias depois e, àquela altura, a força alemã já havia aumentado. A Divisão Panzer *Hermann Göring* e as 15ª e 29ª Divisões de Granadeiros Panzer chegaram uma após a outra à frente de Salerno.

Os britânicos e os americanos foram encurralados em campos de tabaco, em pomares de macieiras e pereiras ou empurrados de volta às dunas de areia, onde havia pouca cobertura além de arbustos e algas. Sob as vistas dos artilheiros alemães em terreno elevado, a evacuação das baixas era difícil durante o dia, e os enfermeiros tinham de fazer o melhor que podiam com pó de sulfa e bandagens de combate.

Na extremidade esquerda, só os Rangers do tenente-coronel William Darby tiveram êxito ao avançar rapidamente para o interior a fim de conquistar pontos-chave no Passo Chiunzi. Essa estrada serpenteante permitia atravessar a base montanhosa da Península de Sorrento para Nápoles. Das suas posições eles podiam dirigir os disparos dos pesados canhões navais no Golfo que atiravam com elevação máxima para atingir os comboios de suprimentos e reforços alemães que vinham pela estrada costeira de Nápoles.

Ciente de que a sua força invasora não conseguiria se safar daquela ratoeira, Clark forçou Dawley a enviar a 36ª Divisão de Infantaria da Guarda Nacional do Texas para tomar uma aldeia no topo de um monte na manhã de 13 de setembro.

A resposta alemã foi selvagem e os texanos foram fortemente golpeados. O pior estava por vir. O general Von Vietinghoff pensou que os dois corpos aliados estavam a ponto de desembarcar, então lançou um ataque com unidades panzer e canhões autopropulsados em direção ao sul desde Eboli. A luta foi tão desesperada e o avanço alemão tão perigoso que Clark considerou recuar e Vietinghoff pensou que a batalha estava ganha.

O avanço do VIII Exército para o norte não prosseguia, a sua vanguarda ainda estava quase a cem quilômetros a sudeste. Muitos atrasos foram causados por pontes destruídas pelos alemães na retirada. O almirante Hewitt, comandante da

força-tarefa em Salerno, ficou pasmo com a perspectiva de um reembarque. Já em 14 de setembro ele alertara o almirante Cunningham em Malta, que imediatamente despachou os navios de guerra HMS *Warspite* e HMS *Valiant* com armamento mais pesado. Cunningham também enviara três cruzadores a toda velocidade a Trípoli para levar reforços, mas enquanto isto a situação tinha se estabilizado um pouco. Uma defesa determinada, com canhões de 105 mm disparando, havia detido o ataque dos panzers e o pedido urgente de Clark de que um regimento da 82ª Aeroterrestre fosse lançado na cabeça de ponte foi atendido.

O general Alexander chegou em um contratorpedeiro na manhã de 15 de setembro. Em total acordo com o almirante Hewitt, cancelou todos os planos de evacuação. A cabeça de ponte de Salerno logo foi garantida pelo apoio de bombardeiros e pelo peso e a precisão do fogo naval aliado. Os navios de guerra americanos e britânicos causaram sérios danos aos tanques e à artilharia alemã. Infelizmente, em um ataque noturno da Luftwaffe, o *Warspite* disparou os canhões de 6 polegadas em um avião que voava baixo e acertou o contratorpedeiro HMS *Petard*, provocando muitos danos.¹⁷

Os bombardeiros do major-general James Doolittle esmagaram tão completamente a cidade de Battipaglia, logo atrás das linhas alemãs, que o general Spaatz enviou a mensagem: “Você já não é o mesmo, Jimmy. Ainda há uma árvore de maçã silvestre e um estábulo de pé.”¹⁸ Mas nascia uma nova doutrina de bombardeio, que os americanos denominavam “Colocar a cidade na rua”. Isto significava deixar uma cidade em escombros deliberadamente, de modo que os reforços e os suprimentos inimigos não conseguissem chegar. Isto seria uma tática importante no mês de junho seguinte na Normandia.

Mais ou menos nesta ocasião, a inteligência alemã tinha descoberto o paradeiro de Mussolini. Depois de mantê-lo primeiro na ilha de Ponza e depois em La Maddalena, o marechal Badoglio mandou levá-lo secretamente para uma estação de esqui ao norte de Roma conhecida como Gran Sasso, nos Apeninos. Horrorizado com a humilhação do aliado, Hitler ordenou que o resgatassem. Em 12 de setembro, o *Hauptsturmführer* Otto Skorzeny, com uma força de operações especiais da *Waffen-SS* em oito planadores, fez pousos forçados na montanha. Os *carabinieri* que guardavam o Duce não ofereceram resistência. Mussolini abraçou Skorzeny, dizendo que sabia que o seu amigo Adolf Hitler não o abandonaria. Foi levado para fora dali até o Wolfsschanze. O assistente de Hitler na Luftwaffe o descreveu como “um homem alquebrado”.¹⁹ O plano dos alemães era instalá-lo como a figura emblemática de uma suposta *Repubblica Sociale*

Italiana, criando assim a ficção de que o Eixo ainda funcionava para justificar a invasão da Itália.

Em 21 de setembro, tropas de Franceses Livres desembarcaram na Córsega, que os alemães tinham abandonado para reforçar o continente. Em Salerno, a retirada alemã começara três dias antes. Kesselring havia dito a Vietinghoff que levasse o seu exército gradualmente para a linha do rio Volturno, ao norte de Nápoles. Por fim Clark demitiu o comandante do corpo, o general Dawley, e os britânicos à esquerda da cabeça de praia atacaram ao norte para tomar a base da Península de Sorrento e preparar o avanço pela costa de Nápoles. Depois que os Guardas Coldstream tomaram uma colina em um ataque noturno, o comandante do pelotão, Michael Howard, descreveu a cena: “Nos posicionamos ao amanhecer. Com os primeiros tons cinzentos de luz enterramos os mortos alemães. Eram os primeiros cadáveres com que eu lidava: bonecos patéticos encolhidos que jaziam hirtos e torcidos, com os olhos vidrados. Nenhum tinha mais de 20 anos, e alguns não passavam de crianças. Com uma negligência terrível, com a escavadeira nós os empurramos para as trincheiras e jogamos terra por cima.”²⁰

Em 25 de setembro, o VIII Exército e o V Exército de Clark fizeram a junção e estabeleceram uma linha atravessando a Itália. As forças americanas em Salerno haviam sofrido mais de 3.500 baixas e as britânicas 5.500. O VIII Exército que avançava pelo lado do Adriático tomara a planície de Foggia e todos os seus aeródromos para serem usados no bombardeio do sul da Alemanha, Áustria e os campos petrolíferos de Ploesti. O V Exército de Clark a oeste passou pelo monte Vesúvio, e em 1º de outubro os Dragões de Guardas do Rei com seus carros blindados lideraram o avanço até Nápoles sob os onipresentes varais de roupas estirados pelas ruas. Mas não havia lençóis dependurados. Nápoles estava sem água porque os alemães haviam detonado os aquedutos em vingança pela resistência à sua ocupação brutal. Eles destruíram o que puderam da cidade, inclusive antigas bibliotecas, esgotos, estações de eletricidade, fábricas e, principalmente, o porto. Bombas com espoletas de tempo foram deixadas em outros prédios importantes para explodirem semanas depois. A guerra na Itália começava a replicar os horrores do front oriental.

A interceptação de Bletchley Park que indicava que Hitler havia planejado evacuar a maior parte da Itália não foi acompanhada de outras mensagens que revelassem que o quartel-general do Führer havia mudado de ideia, principalmente com a pressão de Kesselring, que queria defender o país desde o sul de Roma. Rommel aconselhou o recuo, mas não foi ouvido em parte porque Hitler temia o efeito que isto teria nos aliados dos Bálcãs e também porque a invasão aliada estava patinando. Contudo, a determinação de Hitler de conservar

a Itália, e a convicção de que os britânicos invadiriam os Bálcãs e o Egeu implicaram em reter um total de 37 divisões alemãs na região, enquanto a Wehrmacht lutava para sobreviver no front oriental.

Goebbels e Ribbentrop instaram Hitler a iniciar conversações de paz com Stalin, mas ele raivosamente rejeitou a ideia. Nunca negociaria em uma situação de fragilidade. O general Jodl, do OKW, percebeu a lógica louca do mantra nazista da “vitória final”, a que estavam presos. “Que venceremos porque temos que vencer”, anotou pouco depois, “significa que a história mundial perdeu todo o sentido.”²¹ Como já não havia esperança de negociar em uma situação de força, a implicação era evidente. A Alemanha lutaria até a sua completa destruição.

A Ucrânia e a Conferência de Teerã

SETEMBRO-DEZEMBRO DE 1943

Depois de o Exército Vermelho retomar Kharkov em 23 de agosto de 1943, o exército alemão enfrentou uma crise no sul. A linha defensiva ao longo do rio Mius foi rompida, e em 26 de agosto a Frente Central de Rokossovsky atacou no limite entre o Grupo de Exércitos do Sul e o Grupo de Exércitos do Centro em 3 de setembro. Kluge e Manstein pediram a Hitler que nomeasse um comandante em chefe no front oriental. Hitler se recusou e insistiu para que se mantivesse a área industrial do Donbas mesmo que fosse necessário recuar do Mius. Ele mais uma vez prometeu reforços, mas Manstein já não acreditava nisto. Naquele dia, as tropas britânicas desembarcaram no sul do continente italiano.

Cinco dias mais tarde, depois de uma mensagem em teletipo de Manstein sobre a escala do ataque soviético, Hitler voou para o quartel-general do Grupo de Exércitos do Sul em Zaporozhye. A mensagem de Manstein era tão completa que até Hitler se sentiu obrigado a autorizar a retirada do rio Dnieper. Foi a sua última visita ao território ocupado na União Soviética. Ao regressar ao Wolfsschanze no final daquele dia fatídico, ele soube do desembarque dos Aliados em Salerno e da capitulação iminente do exército italiano.

Após a sua decisão relutante, o exército alemão teve de correr de volta ao Dnieper para não ser isolado. Embora enfraquecido pela Batalha de Kursk, o Exército Vermelho avançou rapidamente e conquistou cabeças de ponte no rio antes que os alemães conseguissem criar uma defesa eficaz. Aquele rio imenso seria a base de uma linha de defesa de Smolensk a Kiev e depois até o mar Negro. Como a maior parte dos grandes rios russos que correm de norte para o sul, ele tinha a margem direita inusitadamente alta formando uma fortificação natural.

No recuo pelo leste da Ucrânia, os alemães tentaram executar um programa de terra arrasada impiedoso, mas não tiveram tempo de destruir tanto quanto pretendiam. Os *Landzers*, depois de encher os bolsos e as mochilas, quase

choraram ao ver os seus depósitos incendiados. Arrasados pelos caças-bombardeiros Shturmovik durante o dia, eles tiveram de recuar cruzando o Dnieper acobertados pela noite e a névoa de outono do alvorecer.

Stalin prometera a condecoração e o título de Herói da União Soviética ao primeiro soldado que cruzasse o rio. Em balsas improvisadas feita de barris de petróleo e tábuas, pequenos barcos e até nadando, os soldados do Exército Vermelho enfrentaram o desafio. Na ocasião, quatro operadores de submetralhadoras se tornaram Heróis da União Soviética, ao alcançarem a margem oeste no dia 22 de setembro. “Houve casos em que os soldados transportaram canhões de campanha dos regimentos em portões de madeira e cruzaram o Dnieper em lonas impermeáveis forradas de feno”,¹ escreveu Vasily Grossman em seu diário. As forças de Vatutin conquistaram cabeças de ponte ao norte e ao sul de Kiev na terceira semana de setembro. Em pouco tempo, as tropas cruzaram o rio em quarenta pontos diferentes, mas a maioria em contingentes pequenos demais para lançar ataques em terra. Um grupo cujo barco havia afundado chegou a uma cabana de camponês. A mulher os saudou: “Meninos, filhos, venham para a minha casa.”² Depois de ajudá-los a se aquecerem e secar os uniformes em frangalhos, ele serviu-lhes *samogon*, uma vodka caseira.

Em muitos lugares as perdas soviéticas foram grandes. Um grupo de acompanhamento teve de lidar com os cadáveres. “Recolhemos os mortos ou os que haviam se afogado”, recordou o membro de um esquadrão, “e os enterramos em trincheiras, cinquenta de cada vez. Tantos soldados haviam morrido ali. A margem alemã era íngreme e bem fortificada, e os nossos rapazes avançavam em terreno aberto.”³

Tentando ampliar a cabeça de ponte em Velikii Burin, no sudeste de Kiev, três brigadas aeroterrestres foram lançadas na margem oeste do rio. Mas a inteligência soviética não identificou uma concentração alemã na área, de duas divisões panzer e três de infantaria. Muitos paraquedistas aterraram em posições ocupadas pela 19ª Divisão Panzer e foram massacrados. A cabeça de ponte mais exitosa foi a de Litezh, ao norte de Kiev. Uma divisão de infantaria do Exército Vermelho conseguiu chegar até o Dnieper em uma área pantanosa que os alemães tinham considerado impenetrável. Aproveitando a oportunidade, Vatutin correu um grande risco que valeu a pena. Reforçou a cabeça de ponte com o 15º Corpo de Blindados de Guardas. Muitos T-34 foram perdidos nos pântanos, mas um número suficiente conseguiu passar imprimindo grande velocidade.

Ao norte, Smolensk finalmente foi tomada após uma luta difícil no final do mês. A Ofensiva Rjev, que havia começado a avançar para o oeste naquela parte da frente, deixou tudo devastado à sua passagem. O correspondente australiano

Godfrey Blunden visitou a região. “Algumas famílias camponesas de velhos, mulheres e crianças haviam regressado e estavam acampadas em verdadeiras palhoças de índios. Em muitas partes haviam pendurado a roupa lavada em varais entre árvores, como se fosse normal ter um dia dedicado a isto naquela terra de ninguém profanada. Há uma lição sobre a persistência humana no modo como as pessoas retornam às suas antigas casas, mas não se podia deixar de pensar como conseguiriam sobreviver no próximo inverno.” Ele ficou abalado ao descobrir que “uma velhinha toda murcha” que conhecera era, na verdade, “uma menina de 13 anos”.⁴

No sul, a Frente do Sul do general F. I. Tolbukhin isolou o XVII Exército da Crimeia, que já havia evacuado a cabeça de ponte de Kuban no Cáucaso. A Frente Central de Rokossovsky havia forçado um grande saliente a oeste de Kursk, e em outubro se aproximava de Gomel, na extremidade da Bielorrússia. Para Stalin e, é claro, para Vatutin, o verdadeiro prêmio era a capital ucraniana de Kiev. No final de outubro, noite após noite Vatutin infiltrou na cabeça de ponte de Litzh o III Exército Blindado de Guardas do tenente-general P. S. Rybalko e o XXXVIII Exército. Uma camuflagem brilhante, operações diversionárias em outras partes e a ausência de reconhecimento aéreo da Luftwaffe levaram os alemães a descuidar desta ameaça em particular. Quando os dois exércitos saíram das cabeças de ponte puderam cercar Kiev, que caiu em 6 de novembro, um dia antes da comemoração do aniversário da Revolução em Moscou. Stalin ficou exultante. Vatutin não perdeu tempo e enviou outros exércitos para tomar Jitomir e Korosten. Apesar da lama da *rasputitsa* de outono, em pouco tempo os seus exércitos criaram um saliente de 150 quilômetros de profundidade e 300 quilômetros de largura.

À medida que avançavam, eles se deparavam com desolação e com o campesinato mudo de tanto sofrimento. “Quando os velhos ouvem o russo”, escreveu Vasily Grossman, “correm para encontrar as tropas e choram silenciosamente, incapazes de dizer uma só palavra. As camponesas velhas dizem: ‘Pensamos que iríamos cantar e rir ao ver o nosso exército, mas há tanta dor nos nossos corações que as lágrimas escorrem.’”⁵ Eles relataram o desgosto de assistir aos soldados alemães perambulando desnudos, mesmo diante de mulheres e meninas, e “a sua gula que os tornava capazes de comer vinte ovos de uma vez, ou um quilo de mel”. Grossman encontrou um menino descalço e em andrajos. Perguntou pelo seu pai. “Morto”, ele respondeu. “E a sua mãe?” “Ela morreu.” “Você tem irmãos?” “Uma irmã. Eles a levaram para a Alemanha.” “Você tem parentes?” “Não, foram todos queimados em uma aldeia de guerrilheiros.”

Contudo, alguns ucranianos não deram as boas-vindas à volta do regime

soviético. Muitos haviam colaborado com os alemães, participando de milícias e até servindo como soldados ou guardas em campos de concentração. E os nacionalistas ucranianos do UPA (*Ukrainska povstanska armiia*), que tinham se voltado contra os alemães, estavam prontos para fazer uma campanha guerrilheira contra o Exército Vermelho. A sua vítima mais famosa viria a ser o próprio general Vatutin, assassinado em uma emboscada.

Os piores pesadelos de Grossman foram superados pela realidade que ele descobriu. A tomada de Kiev confirmou os informes sobre o massacre em Babi Yar. Os alemães haviam tentado ocultar o crime incinerando e removendo os corpos, mas havia demasiados cadáveres. Depois do massacre inicial, em setembro de 1941, o local continuou sendo usado para executar mais judeus, ciganos e comunistas. Estima-se que no outono de 1943 quase 100 mil pessoas tenham sido assassinadas lá.

Grossman descobriu que as estatísticas do grande vazio eram estarrecedoras. Sem os nomes individuais, ele tentou dar um rosto humano a este crime antes inimaginável. “Houve o assassinato de uma experiência profissional enorme e antiga”, escreveu, “passada de uma geração a outra por milhares de famílias de artesãos e membros da intelligentsia. Foi o assassinato das tradições cotidianas que os avós passavam para os netos, foi o assassinato das memórias, das canções de luto, da poesia popular, da vida alegre e amarga, foi a destruição de lares e cemitérios, foi a morte de uma nação que havia vivido lado a lado com os ucranianos por centenas de anos.” Ele relatou o destino de um médico judeu muito querido chamado Feldman, que fora salvo da execução em 1941 quando uma turba de camponesas ucranianas intercedeu junto ao comandante alemão. “Feldman continuou vivendo em Brovary e tratando dos camponeses locais. Foi executado na primavera daquele ano. Khristya Chunya chorou e por fim explodiu em lágrimas ao contar que o homem velho fora forçado a cavar a própria cova. Ele teve de morrer só. Já não havia judeus na primavera de 1943.”⁶

Compreensivelmente orgulhoso dos grandes feitos militares da União Soviética naquele ano, Stalin finalmente concordou com uma reunião dos Três Grandes, com Roosevelt e Churchill. No final de novembro de 1943 eles se reuniram em Teerã que, como a maior parte do Irã, continuava ocupada por tropas britânicas e soviéticas para garantir os campos petrolíferos e o abastecimento por terra para o Cáucaso. Stalin havia escolhido a capital iraniana para estar em contato direto com o Stavka.

Na preparação da conferência de Teerã, primeiro haveria uma reunião em outubro dos ministros do Exterior, em Moscou. A agenda no Palácio

Spiridonovka era enorme. As preocupações britânicas iam da questão polonesa às relações internacionais pós-guerra, passando pelo tratamento dos Estados inimigos, pelo Comitê Consultivo Europeu sobre a Alemanha, o julgamento dos criminosos de guerra e pelos acordos para a França, Iugoslávia e o Irã. Cordell Hull, secretário de Estado americano, ressaltou o desejo de Roosevelt de um substituto para a desacreditada Liga das Nações. Esta era uma questão delicada para Molotov e Litvinov, o vice-comissário para assuntos exteriores, por causa da expulsão da União Soviética devido à invasão da Finlândia, em 1939. O projeto das Nações Unidas de Roosevelt, que terminaria se consolidando ao final da guerra, teria as nações vitoriosas no núcleo para lhe imprimir maior força.

O lado soviético insistiu para que britânicos e americanos pusessem propostas detalhadas sobre a mesa que, então, seriam discutidas em Teerã. Eles não revelavam a sua própria posição e insistiam unicamente em um aspecto: “medidas para encurtar a guerra contra a Alemanha e seus aliados na Europa.”² Isto queria dizer que pretendiam obter uma data precisa para a invasão da França. Eles também levantaram a questão de trazer a Turquia para a guerra ao lado dos Aliados e sugeriram pressionar a Suécia neutra para permitir a instalação de bases aéreas dos Aliados em seu território. De modo geral, para ambos os lados a conferência foi considerada satisfatória.

Segundo o australiano Godfrey Blunden, o maior sucesso em Moscou tinha a forma de “uma pequena caixa de madeira com dois lugares para os olhos”. Ela era “em vários sentidos muito semelhante às caixas de surpresas que se vê nos parques de diversões, exceto pelo fato de que, em vez de dançarinas, havia uma série de fotografias estereoscópicas surpreendentes da Alemanha bombardeada”.⁸ O invento do marechal do ar Harris fascinou e impressionou os generais do Exército Vermelho em Moscou com as suas imagens tridimensionais da destruição urbana.

Blunden ouviu isto do próprio Harris quando foi visitá-lo no quartel-general do Comando de Bombardeiros. Harris mostrou-lhe os grandes álbuns de fotografia que havia encadernado especialmente em couro azul da RAF para impressionar os visitantes. Cada série de fotografias aéreas na mesma escala estava coberta por uma folha de papel vegetal mostrando as linhas das áreas industriais e residenciais. A primeira foto do álbum marcava a destruição de Coventry. Harris então virou as páginas uma a uma, mostrando as cidades alemãs. Em certo momento, Blunden exclamou sobre a extensão da destruição: “Deve haver ao menos seis Coventrys aqui.”

“Não, você se equivoca”, respondeu Harris satisfeito. “Há dez.” Quando chegaram a outra cidade cujos danos não eram tão amplos, Harris comentou: “Precisa de outro bom ataque para acabar com ela.”

“Estas fotografias”, escreveu Blunden, “mostram de um modo muito gráfico que o bombardeio de áreas praticado inicialmente pelos alemães se transformou em uma arma de um poder imenso. Os danos causados a Coventry há três anos — que levaram os alemães a cunhar a palavra *Coventrate*, significando eliminar uma cidade — são agora quase insignificantes diante dos danos ainda maiores causados às cidades alemãs.”

Naquela ocasião, os americanos tentavam promover a participação da China nacionalista no que se tornaria a aliança dos “Quatro Grandes”. Sabendo das ambições de Chiang Kai-shek neste sentido, Roosevelt esperava que isto mantivesse os nacionalistas na guerra, apesar da decepção com a escassez de suprimentos para os seus exércitos. Chiang fez o mesmo jogo com os Estados Unidos que fizera antes com a União Soviética: usou ameaças sutis de uma paz em separado com o Japão para obter maior apoio. Apesar de ser uma jogada deliberadamente débil, a iniciativa de Chiang ainda produzia algum efeito, já que, ao menos em teoria, as forças chinesas fixavam mais de um milhão de soldados japoneses no seu continente. Porém, Roosevelt também visava ao mundo do pós-guerra, no qual considerava vital a inclusão da China na liderança das Nações Unidas. Churchill e o seu entourage certamente não encorajavam esta ideia. Os soviéticos estavam ainda mais relutantes, depois das pressões de Chiang para expulsá-los da província de Sinkiang, mas em princípio chegou-se a um acordo na conferência de Moscou.

Chiang havia mudado a sua posição de um modo importante. Ele agora queria o apoio americano para garantir que a União Soviética não tomasse áreas do norte da China caso voltasse a entrar em guerra com o Japão. Depois de fazer tudo o que estava ao seu alcance para persuadir Roosevelt a fazer Stalin declarar guerra, Chiang agora queria ver o Japão derrotado sem a ajuda soviética. Justificadamente, temia que o envolvimento soviético incrementasse o poder e os armamentos dos comunistas chineses.

Na quarta semana de novembro de 1943, Roosevelt e Churchill se encontraram no Cairo a caminho de Teerã. Nesta conferência bastante improvisada, Roosevelt havia feito arranjos para que Chiang Kai-shek se juntasse ao processo desde o início e não ao final, como os britânicos haviam imaginado. Eles ficaram bastante contrariados. “O generalíssimo me fez lembrar uma cruz de marta com furão”, escreveu Brooke. “Um rosto astuto, raposino. Evidentemente, sem a compreensão da guerra em seus aspectos mais amplos, mas determinado a obter o melhor nas barganhas.”⁹ Para confundir ainda mais os generais britânicos, madame Chiang Kai-shek, vestida com um impressionante

cheongsam preto com uma fenda até o quadril, intervinha frequentemente para corrigir a versão do intérprete do que o generalíssimo havia dito, e depois dava a sua própria interpretação do que ele deveria ter dito. Ainda ressentido com o revés em Sinkiang, Stalin se recusara a enviar um representante à conferência alegando que ainda tinha um pacto de não agressão com o Japão.

Churchill sabia que a sua “relação especial” com Roosevelt havia se deteriorado. Isto se deveu em parte à sua relutância em se comprometer com a Operação Overlord, e também ao seu desejo de atacar a Europa Central para evitar a ocupação soviética. Churchill também estava em uma enrascada em virtude da sua ligação emocional com o Império Britânico. Ao declarar que estava de acordo com Chiang Kai-shek em que o imperialismo ocidental na Ásia devia acabar com a vitória sobre o Japão, Roosevelt prometeu que a Indochina não voltaria ao domínio francês, proposta que teria deixado De Gaulle furioso se soubesse. Durante toda a conferência a atmosfera esteve longe de ser amistosa, e às vezes foi abertamente hostil. Os americanos estavam decididos a não serem desviados, especialmente da Normandia para os Bálcãs. Segundo os britânicos, os americanos faziam ouvidos moucos às suas argumentações, e eles ficaram apreensivos com o comportamento de Roosevelt em Teerã, quando tivesse Stalin para apoiá-lo nas questões cruciais.

Roosevelt e Churchill voaram do Cairo para Teerã a fim de realizar o encontro com Stalin, que teve início em 28 de novembro. Por solicitação expressa de Stalin, Roosevelt se hospedou em uma ala da embaixada soviética, bem em frente à embaixada britânica. Stalin foi visitá-lo usando o uniforme de marechal, com as calças enfiadas em botas caucasianas de salto que o faziam parecer mais alto. Os dois estadistas se dedicaram a seduzir um ao outro em uma demonstração de intimidade que só influenciou Roosevelt.

O presidente tentou granjear o favor do ditador soviético à custa de Churchill. Tocou na questão do colonialismo. “Falo disso na ausência do nosso camarada em armas Churchill, já que ele não gosta de discutir o tema. Os Estados Unidos e a União Soviética não são potências coloniais, e para nós é mais fácil discutir estas questões.”¹⁰ Segundo o intérprete de Stalin, neste *tête-à-tête* ele não tinha vontade de abordar um tema “tão delicado”, mas concordou em que “a Índia é o ponto fraco de Churchill”.¹¹ Contudo, apesar de todos os esforços do presidente em criar confiança mútua, Stalin não se esquecia da falsa promessa de abrir a Segunda Frente em 1942 com o único fim de manter a União Soviética na guerra.

Stalin expressou-se veementemente a respeito da França depois da revolta no Líbano, onde tropas de Franceses Livres haviam tentado restabelecer o poder colonial. Ele considerava a maioria dos franceses colaboradores e chegou a dizer

que a França “deve ser punida por ter ajudado os alemães”.¹² Sem dúvida, estava recordando que a rendição do exército francês em 1940 havia fornecido à Wehrmacht a maior parte dos veículos para a invasão da União Soviética um ano depois.

Quando a sessão plenária começou no final daquela tarde, o principal tema de debate foi a Operação Overlord. Com o apoio tácito de Roosevelt, Stalin lidou com o desejo de Churchill de montar uma operação no norte do Adriático dirigida à Europa Central. Insistiu na primazia da Overlord e concordou com o plano de uma invasão simultânea no sul da França. Rejeitou firmemente qualquer outra operação que dispersasse as forças. Stalin recebeu com um sorriso irônico a afirmação de Churchill de que o seu plano ajudaria o Exército Vermelho. Segundo o intérprete soviético, Roosevelt piscou para o líder soviético enquanto este desmanchava cigarros Herzegovina Flor para encher o cachimbo. Stalin pôde atormentar Churchill tranquilamente neste aspecto, pois sabia que os americanos eram contrários à ideia, e de qualquer modo ele tinha todas as cartas na mão quando se tratava de determinar a estratégia aliada. A sua insistência em comprometer os Aliados com os planos de uma grande invasão da França na primavera de 1944 significava que o avanço pelo norte da Europa deixaria os Bálcãs e a Europa Central sob o controle do Exército Vermelho, justamente o que Churchill temia.

Ao observar a interação dos três líderes, o general Brooke ficou profundamente impressionado com o modo como Stalin manejou a discussão. O ditador desdenhou a campanha na Itália, provavelmente irritado porque os aliados não envolveram a União Soviética na rendição italiana. Isto foi um erro da parte deles, porque Stalin foi capaz de usar isto como argumento mais tarde, ao discutirem o futuro dos países ocupados pelo Exército Vermelho. Consciente do fato de que as vitórias em Stalingrado e Kursk haviam transformado a União Soviética em uma superpotência, Stalin já havia se jactado com o seu entourage: “Agora o destino da Europa está traçado e faremos o que quisermos com o consentimento dos Aliados.”¹³

Ele também estava bem informado sobre o pensamento e as reações dos americanos e britânicos. Antes da reunião chamou Sergo, o filho de Beria, e confiou-lhe “uma missão delicada e moralmente repreensível”.¹⁴ Queria saber tudo o que os americanos e os britânicos diziam em privado. O que dissessem seria gravado por microfones ocultos em seus quartos, e a cada manhã Sergo Beria informaria Stalin sobre todas as conversas. O líder soviético se surpreendeu com a ingenuidade dos Aliados em conversar tão abertamente, pois decerto sabiam que haviam sido grampeados. Além do conteúdo, ele queria saber o tom de voz que empregavam. Conversavam com convicção ou sem

entusiasmo, e como Roosevelt reagia?

Stalin ficou satisfeito quando Sergo Beria o informou sobre a admiração genuína de Roosevelt por ele, e a sua negativa em ouvir o conselho do almirante Leahy para que adotasse uma atitude mais firme. Mas quando Churchill elogiava Stalin durante a conferência, o líder soviético retrucava recordando-lhe algum comentário hostil que havia feito no passado. As gravações secretas também o ajudaram a explorar as diferenças entre Churchill e Roosevelt. Aparentemente, quando Churchill objetou em privado que Roosevelt estava ajudando Stalin a instalar um governo comunista na Polônia, este respondeu que Churchill apoiava um governo anticomunista, então que diferença fazia?¹⁵

De fato, a Polônia era uma questão crucial para Churchill e Stalin, ao passo que Roosevelt parecia preocupado apenas em garantir o voto dos poloneses americanos nas próximas eleições presidenciais. Isto significava dar a impressão de ser duro com Stalin até a contagem dos votos. Considerando-se que antes Roosevelt havia rejeitado a ideia de mudar as fronteiras da Polônia com base na Carta do Atlântico, tanto ele quanto Churchill agora se viam obrigados a considerar a reivindicação de Stalin sobre a parte leste do país, que ele absorvera em 1939 como a “Bielorrússia ocidental” e a “Ucrânia ocidental”. A iminente ocupação da região pelo Exército Vermelho faria disto um *fait accompli*. Segundo o plano de Stalin, a Polónia seria compensada com território alemão até o rio Oder. O presidente e o primeiro-ministro sabiam que nunca conseguiriam forçar os soviéticos a entregar um prêmio semelhante, mas a aquiescência de Roosevelt fez Stalin crer que não teria problema em impor um governo comunista aos poloneses.

Stalin conseguiu estabelecer uma data para a invasão da França, mas quando americanos e britânicos foram forçados a admitir que ainda não haviam designado o comandante supremo, ele demonstrou desprezo por aquela falta de planejamento sério. Contudo, concordou em lançar uma grande ofensiva logo após os desembarques e declarou a intenção de se unir à guerra contra o Japão assim que a Alemanha fosse derrotada. Isto era exatamente o que Roosevelt queria, embora Chiang Kai-shek tivesse pavor da ideia. Quando a conferência terminou, Stalin considerou que havia “ganhado o jogo”.¹⁶ Em privado, Churchill teria concordado com isto. Ele ficou profundamente abatido com a constante aliança de Roosevelt com Stalin, na crença de poder manobrá-lo. “Agora ele sabe que não pode confiar no apoio do presidente”, escreveu o médico do primeiro-ministro, lorde Moran, em seu diário depois de Churchill desabafar os seus temores diante do futuro. “O mais importante é que ele percebe que os russos também veem isto.”¹⁷

Depois do momento humilhante relacionado à Overlord e à conferência de

Teerã, Roosevelt estava determinado a nomear o comandante supremo quando ele e os delegados aliados regressassem ao Cairo. Pediu a Marshall que chamasse o general Eisenhower. Assim que ambos se instalaram no carro do presidente, Roosevelt virou-se para ele e disse: “Bem, Ike, você vai comandar a Overlord.”¹⁸ Roosevelt havia decidido que não podia se dar ao luxo de perder Marshall como chefe do Estado-Maior em virtude do seu domínio de todos os teatros de operações, o talento brilhante para a organização e, acima de tudo, a habilidade em lidar com o Congresso. Marshall também era visto como o único que conseguia manter o general MacArthur sob controle no Pacífico. Marshall ficou decepcionado (embora não tanto quanto Brooke), mas, lealmente, aceitou a decisão. A boa sorte de Eisenhower parecia se coadunar com o apelido que Patton lhe dera em privado, “Destino Divino”, baseado nas iniciais dos seus dois primeiros nomes.

Entre os chefes de Estados-Maiores dos Aliados no Cairo reinava uma euforia irracional. Todos pareciam certos de que a guerra acabaria em março, ou pelo menos em novembro de 1944, e estavam preparados para apostar nisto.¹⁹ Considerando-se que ainda faltavam seis meses para a Overlord e o Exército Vermelho estava a centenas de quilômetros de Berlim, isto era ser otimista demais, para dizer o mínimo. Por sua parte, Churchill estava completamente exausto após as disputas traumáticas no Cairo e em Teerã. Caiu com pneumonia na Tunísia e quase morreu. Um pouco de conhaque e a notícia de que a Marinha Real havia afundado o cruzador de batalha *Scharnhorst* ao largo do norte da Noruega contribuíram para a sua recuperação no Natal. Quase 2 mil marinheiros da Kriegsmarine morreram no mar congelado.

Como Stalin ressaltara em Teerã, as forças de Vatutin enfrentavam contra-ataques constantes do Grupo de Exércitos do Sul de Manstein. Este, na esperança de refazer o golpe que dera em Kharkov mais cedo naquele ano, enviou dois corpos panzer contra os flancos da famosa Primeira Frente Ucraniana de Vatutin. Ele queria fazer os soviéticos recuarem para o Dnieper, retomar Kiev e cercar uma grande formação do Exército Vermelho perto de Korosten.

Hitler, que envelhecera drasticamente nos últimos meses e sofria de estresse, entrou em um estado de negação ainda mais profundo. Até o seu favorito, o general Model, descreveu a situação no front oriental como uma “luta em marcha a ré”.²⁰ O exército alemão estava sendo infectado pelo fatalismo. Um oficial da infantaria capturado na frente de Leningrado reconheceu durante o interrogatório: “Vivemos na imundície. É desesperador.”²¹ Contudo, embora

Hitler culpasse os generais e a falta de vontade por cada revés, ele ficou profundamente abalado com a propaganda disseminada na frente pela organização soviética *Freies Deutschland*, de prisioneiros de guerra alemães “antifascistas”. Isto o levou a estabelecer o posto de oficial da liderança nacional-socialista em todas as unidades, em contrapartida ao comissário ou oficial político soviético.

Três dias depois, Manstein, que pensava ter estabilizado a frente, teve uma surpresa muito desagradável. O Exército Vermelho deslocara o I Exército Blindado e o III Exército da Guarda de perto de Brusilov sem serem detectados, e no dia de Natal eles atacaram na direção de Jitomir e Berdichev. Pouco depois, a Segunda Frente Ucraniana de Konev no sul também avançou, e logo dois corpos alemães que mantinham a linha do Dnieper a sudeste de Kiev foram cercados no bolsão de Korsun. Hitler se recusou a permitir que recuassem, e o seu destino foi um dos mais cruéis que a Wehrmacht enfrentou no front oriental.

A *Shoah* pelo Gás 1942-1944

A abrangência do plano de Heydrich delineado na conferência de Wannsee, em janeiro de 1942, era de tirar o fôlego. Como confirmou um de seus colegas mais próximos, ele possuía “inteligência, uma ambição insaciável e uma energia desumana”.¹ A Solução Final pretendia afetar mais de 11 milhões de judeus, segundo os cálculos de Adolf Eichmann. A cifra incluía os habitantes de países neutros, como Turquia, Portugal e Irlanda, além da Grã-Bretanha, o inimigo invicto da Alemanha.

O fato de estas deliberações acontecerem a poucas semanas do revés sofrido pela Wehrmacht em Moscou e da entrada dos Estados Unidos na guerra sugere que a confiança dos nazistas na “vitória final” era inabalável ou que eles se sentiam impelidos a completar a “tarefa histórica”² antes que outros reveses tornassem isto impossível. Provavelmente a resposta está em uma combinação dos dois. Certamente, a perspectiva da vitória no final do verão de 1941 contribuiu para a radicalização drástica da política nazista. Em um momento em que os acontecimentos mundiais chegavam a um ponto crítico, não havia como voltar atrás. Assim, a “*Shoah* pelas balas” avançou para a “*Shoah* pelo gás”.

Da mesma forma que o Plano da Fome e o tratamento dos prisioneiros de guerra soviéticos, a Solução Final tinha duplo propósito. Além de eliminar inimigos raciais e ideológicos, o outro objetivo era preservar o fornecimento de alimentos para os alemães. Isto era considerado muito urgente em virtude do grande número de trabalhadores estrangeiros levados para trabalhar no Reich. A própria Solução Final consistiria em um sistema paralelo de eliminação mediante o trabalho forçado e o assassinato imediato, realizado pela SS *Totenkopfverbände* (Unidades Caveira). Os únicos momentaneamente poupados seriam os judeus velhos ou preeminentes escolhidos para o gueto promocional de Theresienstadt, os trabalhadores com habilidades essenciais ou meio-judeus, e aqueles em casamentos mistos. Os seus destinos podiam ser decididos mais

tarde.

O campo de extermínio de Chełmo (Kulmhof) já estava em operação e logo vieram Belzec e o complexo de Auschwitz-Birkenau. Em Chełmo foram usados caminhões de gás para matar judeus das cidades da região. Em janeiro de 1942, cerca de 4.400 ciganos trazidos da Áustria também foram levados para lá e mortos pelo gás. Os cadáveres foram enterrados na floresta por equipes de judeus vigiados pela *Ordnungspolizei*. Chełmo viria a ser o centro do extermínio em massa dos judeus ainda amontoados no gueto de Łódź, 55 quilômetros ao sul.

O campo de Belzec, entre Lublin e Lvov, era considerado um passo adiante, pois tinha câmaras de gás construídas para receber monóxido de carbono de veículos estacionados do lado de fora. Após a matança teste de 150 judeus em janeiro, a morte por gás, principalmente de judeus galicianos, teve início em meados de março. O campo de Majdanek foi construído na periferia de Lublin.

Auschwitz, ou Oswiecim na versão polonesa, fora uma cidade silesiana perto de Cracóvia, com quartéis de cavalaria do século XIX da época do Império Austro-Húngaro. Os quartéis foram tomados pela SS em 1940 para servir de campo para os prisioneiros de guerra poloneses. Ficou conhecido como Auschwitz I. Lá, em setembro de 1941, ocorreram os primeiros testes com Zyklon B — comprimidos de cianeto de hidrogênio projetados para matar insetos quando misturados à água pela produção de ácido cianídrico — em prisioneiros soviéticos e poloneses.

O trabalho começou no final de 1941 no vizinho Birkenau, conhecido como Auschwitz II. Duas casas de camponeses foram convertidas em câmaras de gás improvisadas e começaram a funcionar em março de 1942. O massacre só adquiriu uma escala significativa em maio, mas em outubro já estava claro para Rudolf Höss, o comandante da SS, que as instalações eram absolutamente insuficientes e que os enterros em massa estavam poluindo o lençol freático. Naquele inverno foram construídos um sistema de câmaras de gás e fornalhas completamente novos.

Embora Auschwitz estivesse isolado em uma área pantanosa, com rios e bosques de bétulas, o local era de fácil acesso pela malha ferroviária. Foi um dos motivos pelos quais o conglomerado IG Farben se interessou em montar uma fábrica para produzir *buna*, ou borracha sintética. Pretendendo germanizar a região, Himmler promoveu a ideia com entusiasmo e ofereceu mão de obra dos prisioneiros do campo de concentração. Ele chegou a ir pessoalmente para informar Höss e entrar em contato com representantes da IG Farben. Surpreso com a dimensão gigantesca do projeto e o enorme número de trabalhadores escravos que exigia, Himmler disse a Höss que o seu campo de 10 mil

prisioneiros teria de triplicar de tamanho. O tesouro da SS receberia até quatro Reichsmark ao dia por escravo fornecido à IG Farben e, em troca, a SS escolheria *kapos* violentos e impiedosos entre prisioneiros criminosos de outras partes para açoitar os escravos judeus e fazê-los trabalhar duro.

A construção da imensa Buna-Werke foi adiante no verão de 1941, enquanto divisões alemãs no leste pareciam triunfar sobre a União Soviética. Ainda com escassez de mão de obra, Himmler conseguiu 10 mil prisioneiros do Exército Vermelho com a Wehrmacht em outubro. Antes de ser executado por crimes de guerra, Höss escreveu que eles chegavam em péssimas condições. “Eles praticamente não recebiam comida durante o trajeto, e nas paradas ao longo do caminho eram despejados nos campos mais próximos e recebiam ordens de ‘pastar’ as ervas comestíveis que encontrassem como se fossem gado.”³ Trabalhando nos períodos mais frios do inverno, com pouca roupa e às vezes reduzidos ao canibalismo, os prisioneiros exaustos e doentes “morriam feito moscas”, escreveu Höss. “Eles já não eram seres humanos”, explicou. “Haviam se tornado animais que só queriam comida.”⁴ Não surpreende que não tenham conseguido construir mais de um par de blocos de casernas, em vez das 28 planejadas.

A estratégia da morte pelo trabalho da SS era ainda menos eficaz que os campos de punição do Gulag de Beria. A única concessão dos nazistas ao pragmatismo foi construir um novo campo Auschwitz III ou Monowitz — junto à Buna-Werke, de forma que os escravos da IG Farben não perdessem tempo caminhando tanto. Contudo, os guardas da SS e os *kapos* continuavam a açoitar os trabalhadores, como se isto os forçasse a terminar projetos muito além das suas capacidades e forças.

Após a guerra, os diretores da IG Farben, que em parte eram donos da manufatura do Zyklon B, alegaram não saber nada sobre o assassinato em massa de judeus. Porém, o enorme complexo Buna-Werke da IG Farben foi gerido por 2.500 empregados alemães do Reich, que viviam na cidade e se associaram aos guardas da SS de Auschwitz-Birkenau. Um deles, pouco depois de chegar, perguntou a um guarda da SS de onde provinha o odor espantoso que pairava na área. O homem da SS respondeu que eram judeus bolcheviques “subindo pela chaminé em Birkenau”.⁵

Em maio de 1942, quando carregamentos de judeus cada vez maiores chegavam a Auschwitz, a SS levou os restantes prisioneiros políticos poloneses para o trabalho forçado na Alemanha. Em 17 de julho, Himmler foi inspecionar o complexo de Auschwitz em ampliação. Quando a sua limusine passou pelo portão de Auschwitz I, a orquestra de músicos judeus do campo começou a tocar a marcha triunfal da *Aida* de Verdi.

O *Reichsführer*-SS desceu do carro, se deteve para ouvir a música e depois retribuiu a saudação de Höss. Os dois inspecionaram uma guarda de honra de prisioneiros em uniformes listrados recém-confeccionados. De óculos e queixo miúdo, Himmler os contemplou com um distanciamento frio. Höss o acompanhou ao escritório para mostrar-lhe os últimos planos das novas câmaras de gás e crematórios. Depois, Himmler e seu entourage foram ao ramal ferroviário para assistir ao desembarque de uma leva de judeus holandeses, enquanto a orquestra do campo tocava novamente. “As pessoas a princípio eram enganadas com a ilusão de ordem e a música tocando”, um oficial dos Franceses Livres deportado para Auschwitz contou depois ao Exército Vermelho. “Mas logo sentiam o fedor dos cadáveres e, quando os prisioneiros eram separados de acordo com a sua condição física, imaginavam o que iria acontecer.”⁶

Primeiro, os homens eram separados das mulheres e crianças, uma divisão das famílias que provocava muita agitação, até que treinadores de cães e guardas com chicotes vinham acabar com os distúrbios. Himmler estava particularmente interessado em assistir ao processo de seleção feito na plataforma por dois médicos da SS, que escolhiam entre os que pareciam aptos para o trabalho e os não aptos, que seriam eliminados imediatamente. Os selecionados para trabalhar não eram mais afortunados do que os que seriam mortos de imediato. Eles também seriam mortos a gás ou trabalhariam até a morte nos dois ou três meses seguintes.

Himmler seguiu o grupo selecionado para as câmaras de gás no Bunker nº 1, e por uma janelinha os viu morrer. Observou também os efeitos sobre o pessoal da SS, depois de ficar muito impressionado com o estresse psicológico imposto ao *Einsatzgruppen* no ano anterior. Depois, observou os judeus do comando de trabalho removerem os corpos e disse a Höss que no futuro seria melhor queimar os cadáveres. Himmler, que tinha calafrios ao pensar em animais mortos em massa nos abatedouros, possuía um interesse meramente profissional no massacre do que considerava vermes humanos. “Livrar-se de piolhos não é uma questão de *Weltanschauungs*”, escreveu mais tarde a um subordinado. “É uma questão de higiene.”⁷ Himmler tinha o aspecto ascético de um dentista, embora se deleitasse com fantasias guerreiras neogóticas e tentasse apresentar a SS como uma ordem de cavaleiros.

De Auschwitz-Birkenau, a comitiva rodou uma curta distância para visitar a Buna-Werke em Auschwitz-Monowitz. A IG Farben foi responsável pela morte de dezenas de milhares de trabalhadores forçados e, no entanto, o imenso complexo de Buna-Werke nunca conseguiu produzir borracha sintética. A companhia também financiou os experimentos desumanos em Aschwitz-Birkenau do *Hauptsturmführer* dr. Josef Mengele com crianças, especialmente

gêmeos idênticos, e com adultos. Além de remover órgãos, de esterilizar e deliberadamente infectar com doenças as suas vítimas cuidadosamente escolhidas, Mengele testava “protótipos de soros e drogas — muitas das quais fornecidas pela Bayer, a divisão farmacêutica da IG Farben”.⁸

Mengele não estava só. O dr. Helmuth Vetter, embora também fosse membro da SS, era empregado da IG Farben em Auschwitz. Ele fazia experimentos com mulheres. Quando a IG Farben solicitou a Höss 150 prisioneiras para os experimentos de Vetter, ele pediu duzentos *Reichsmark* por cobaia, mas a IG Farben conseguiu baixar o preço para 170 RM. Todas as mulheres morreram, como a companhia confirmou em uma carta a Höss. Vetter ficou animado com o trabalho. “Tenho oportunidade de testar os nossos novos preparados”, escreveu a um colega. “Sinto que estou no paraíso.”⁹ Também foram feitos testes farmacêuticos perigosos com prisioneiros nos campos de concentração de Mauthausen e Buchenwald. A IG Farben estava particularmente interessada em obter um método de castração química, a ser usado nos territórios ocupados da União Soviética.

Himmler também apoiava fortemente os experimentos em esterilização do professor Karl Clausen em Auschwitz. A perversão grotesca dos deveres dos médicos sob o nazismo, com a qual muitos profissionais proeminentes aquiesceram, é um exemplo horripilante de como uma perspectiva de poder quase ilimitado pode distorcer o discernimento de pessoas inteligentes. Estes médicos tentaram justificar os experimentos desnecessariamente cruéis alegando que eram pesquisas que ajudariam a humanidade em geral. Significativamente, em já simbiose consciente ou inconsciente com a profissão médica, a Alemanha nazista e outras ditaduras do período muitas vezes empregavam metáforas cirúrgicas, em particular a extirpação de tumores cancerígenos do corpo político. Um exemplo do sentido do humor doentio dos nazistas e da sua fraude compulsiva é que os suprimentos de Zyklon B eram transportados em vans pintadas com a Cruz Vermelha.

Apesar do juramento de sigilo imposto aos oficiais e homens da SS sobre as suas atividades, os rumores se espalhavam, às vezes de um modo extraordinário. No final do verão de 1942, o *Obersturmführer* dr. Kurt Gerstein, um especialista em gás da SS, ficou tão perturbado com o que viu em uma ronda de inspeção que em uma cabine escura no expresso noturno de Varsóvia para Berlim contou tudo o que sabia ao barão Von Otter, um diplomata sueco. Otter relatou tudo ao ministro do Exterior em Estocolmo, mas o governo sueco não quis provocar os nazistas e simplesmente omitiu a informação. Contudo, logo as notícias sobre os campos da morte chegaram aos Aliados por outros canais, principalmente o Exército Nacional Polonês.

Rudolf Höss, o *commandant* de Auschwitz, não podia ser mais distinto da elite intelectual da SS, concentrada principalmente no *Sicherheitsdienst*. De meia-idade, Höss era um ex-soldado impassível que galgara os postos da hierarquia do sistema dos campos de concentração sem jamais questionar uma ordem. Primo Levi o desprezava não por ser “um monstro”, ou “sádico”, mas porque era um “salafrário grosseiro, arrogante e cansativo”.¹⁰ Höss era absolutamente obsequioso para com os seus superiores, principalmente o *Reichsführer*-SS, que considerava como um deus quase tanto quanto o próprio Führer. É inacreditável a falta de imaginação do seu relato defendendo os valores familiares com a sua exemplar vida doméstica, enquanto dia após dia destruía milhares e milhares de outras famílias.

Beirando a autocomiseração, ele reclama da baixa qualidade do pessoal da SS enviado a Auschwitz e, principalmente, dos *kapos* recrutados nas fileiras dos prisioneiros comuns. Eles eram chamados de “verdes” pela cor do triângulo que os identificava. (Os judeus usavam um triângulo amarelo, o dos prisioneiros políticos era vermelho, os espanhóis republicanos em Mauthausen usavam triângulo azul-escuro e o dos homossexuais era rosa-arroxeadado.) Estes *kapos*, particularmente as mulheres criminosas encarregadas de um destacamento punitivo fora do campo em Budy, eram conhecidas pela crueldade. “Acho incrível que os seres humanos possam se transformar em bestas assim”, escreveu Höss. “O modo como os ‘verdes’ maltratavam as judias francesas, despedaçando-as, matando-as com machados e estrangulando-as — era simplesmente horripilante.”¹¹

Sem embargo, apesar do horror confesso à crueldade dos *kapos*, Höss fornecia aos “verdes” do sexo masculino um “bordel” de campo. Tratava-se de uma cabana onde prisioneiras judias eram mantidas para o prazer sádico deles antes de serem enviadas à câmara de gás. Na outra ponta, as prisioneiras mais privilegiadas eram as testemunhas de Jeová, conhecidas como “papa-Bíblia”, enviadas aos campos porque a sua crença rejeitava toda forma de serviço militar. Os oficiais da SS as usavam como criadas domésticas e nos refeitórios dos quartéis. Höss tinha uma trabalhando como babá dos seus filhos pequenos. Elas eram tão confiáveis que a SS não reclamava quando se recusavam a limpar e até mesmo tocar nos seus uniformes com base em seus princípios pacifistas.

As mulheres nos campos eram disciplinadas pelos treinadores de cães do *Hundestaffel*. Aparentemente, tinham mais medo das bestas que grunhiam que dos homens, e às vezes os treinadores soltavam a guia dos cães para se divertir. A presença dos treinadores pode ter sido o que impediu as mulheres de optarem pelo modo mais fácil de cometer suicídio, que era “correr contra a cerca” na esperança de que os guardas atirassem rapidamente. Era mais comum que os

cães fossem soltos para atacar as mulheres.

As mulheres podiam ser mais complicadas, observou Höss. Um dos problemas nos vestiários das câmaras de gás era que “muitas mulheres escondiam os seus bebês em meio às pilhas de roupas”.¹² Por isso, um delegado judeu era enviado para verificar. Eles tinham de jogar lá dentro os bebês que encontravam antes que as portas da câmara de gás fossem fechadas e aferrolhadas.

Höss ficou intrigado com a obediência demonstrada por aqueles prisioneiros judeus, cujas vidas haviam sido temporariamente poupadas em um pacto faustiano. Ele tentou retratá-los como cúmplices voluntários. Na verdade, a vontade desesperada de viver superava a moralidade normal, fenômeno já inimaginável na sordidez e degradação de Auschwitz e eclipsado pela certeza da morte iminente. Poucos advertiam os recém-chegados sobre o que iria acontecer. Mediante a desumanidade mais absoluta, os nazistas criaram as condições para aquele darwinismo social irrestrito em que diziam acreditar.

A aniquilação de todos os instintos e lealdades sociais, combinada ao pesadelo irreal daquele trabalho repulsivo, produzia um efeito brutalizante. “Eles cumpriam aquelas tarefas com uma indiferença empedernida”, escreveu Höss, “como se aquilo fosse parte de um dia comum de trabalho. Comiam ou fumavam enquanto arrastavam os cadáveres. Não paravam de comer nem quando realizavam a tarefa terrível de incinerar os cadáveres que jaziam havia algum tempo nas valas comuns.”¹³

Os prisioneiros mais privilegiados eram os que trabalhavam no armazém chamado de “Kanada”, o departamento que separava os pertences, roupas, sapatos e óculos e empacotava os fardos de cabelos humanos. Porém, eles sabiam que não passavam de mortos-vivos. Mais tarde, no verão de 1944, o *Sonderkommando* de prisioneiros judeus do Kanada tentou uma revolta armada e a fuga de Auschwitz-Birkenau. Quatro homens da SS morreram e 455 prisioneiros foram fuzilados.

A exemplo dos campos de extermínio de Chelmo, Belzec e Auschwitz-Birkenau, outros centros de extermínio foram preparados em Treblinka e Sobibór. O programa chamava-se *Aktion Reinhard*, em homenagem ao assassinado Heydrich.

O *Obergruppenführer* Oswald Pohl, do Escritório Econômico-Administrativo Principal da SS (*Wirtschaftsverwaltungshauptamt*) responsabilizou-se pela supervisão e coordenação das atividades, tarefa difícil com tantas facções nazistas rivais. Burocrata dedicado, Pohl estava decidido a tornar o processo o

mais eficiente e produtivo que fosse possível. Todos os pertences das vítimas eram recolhidos e registrados, mas a corrupção em alguns campos deixava Himmler desanimado e horrorizado. O ouro dos dentes devia ser extraído antes de os corpos serem incinerados ou enterrados. Roupas, sapatos, óculos, malas e peças íntimas eram reunidos e levados de volta ao Reich para serem distribuídos entre os necessitados, geralmente aqueles que haviam perdido tudo nos bombardeios. Os fios de cabelo, colhidos antes de as vítimas entrarem nas câmaras de gás, supostamente tinham melhor propriedade de retenção do calor do que a lã e eram tricotados como meias para as tripulações da Luftwaffe e dos *U-boats*, mas a maior parte virava estofado de colchão. Ao regressarem do Atlântico, as tripulações dos *U-boats* encontravam baús de relógios à sua espera como brindes. Não tardou para descobrirem a fonte de tanta generosidade.

O êxito do genocídio dependia do fluxo ininterrupto de uma correia transportadora que levava as vítimas nuas e sem tumultos até as câmaras de gás. Porém, no lado do trabalho escravo do sistema, Pohl nunca conseguiu resolver o problema fundamental do campo de concentração. Quando você tenta matar a própria força de trabalho por maus-tratos é impossível obter dela um trabalho eficiente, como ficou demonstrado inúmeras vezes.

O estudo de Treblinka feito por Vasily Grossman no verão de 1944 ressaltou a importância do fluxo. Grossman teve permissão de sentar-se junto ao pessoal do Exército Vermelho que interrogou guardas detidos, poloneses locais e quarenta sobreviventes do campo de trabalho de Treblinka I. (Treblinka II era o campo de extermínio adjacente.) Imediatamente percebeu que este era o aspecto-chave do sistema nazista. Nunca antes na história humana tanta gente fora morta por tão poucos executores. Em Treblinka, entre julho de 1942 e agosto de 1943, uma equipe com cerca de 25 homens da SS e aproximadamente cem ucranianos *Wachmänner* auxiliares conseguiram matar perto de 800 mil judeus e ciganos, o que equivalia à população de “uma pequena capital europeia”, como afirma Grossman.

As maiores contribuições para o bom funcionamento da operação eram o sigilo e o engano. “As pessoas eram informadas de que seriam levadas à Ucrânia para trabalhar na agricultura.”¹⁴ As vítimas não deviam saber qual seria o seu destino até o último momento. Para tal, nem mesmo os guardas que acompanhavam os trens eram autorizados a saber a verdade e não entravam na área central do campo.

Em Treblinka, “o desvio ferroviário foi preparado para parecer uma estação de passageiros [...] com bilheteria, guardador de bagagens e restaurante. Havia setas

por toda parte indicando ‘Para Bialystok’, ‘Para Baranovich’. Quando o trem chegava, havia uma banda tocando no prédio da estação, e todos os músicos estavam bem vestidos”. Quando começaram a circular rumores sobre Treblinka, o nome da estação foi trocado para Ober-Maidan.

Nem todos se deixavam iludir. Os argutos e questionadores logo percebiam que havia algo errado, fossem objetos pessoais abandonados ou a praça atrás da estação que não havia sido completamente limpa após o transporte anterior, o muro alto ou a linha de trem que não levava a nenhum lugar. A SS aprendeu a explorar o otimismo instintivo da maior parte das pessoas, que esperavam desesperadamente que as coisas fossem melhores ali do que no gueto ou no campo de trânsito de onde tinham vindo. Contudo, em muito poucas ocasiões as vítimas adivinhavam a sua sorte e derrubavam os guardas quando estes abriam as portas dos vagões de gado. As metralhadoras os derrubavam quando corriam em direção à floresta.

Com a ordem de deixar as bagagens na praça, a multidão de 3 ou 4 mil do novo transporte ficava pensando se conseguiria encontrar suas malas novamente no meio da confusão. O suboficial da SS gritava para que levassem consigo só as coisas de valor, documentos e produtos de higiene. A ansiedade aumentava quando as famílias eram levadas por guardas armados, alguns com um sorriso cruel, para cruzar o portão em uma cerca de arame farpado de 6 metros de altura encimada por postos de metralhadoras. Atrás deles, na praça da estação, “judeus de trabalho” de Treblinka I já estavam classificando os seus pertences, escolhendo o que seria despachado de volta à Alemanha e o que seria queimado. Eles tinham de ser cautelosos ao comer sub-repticiamente algum bocado encontrado nas malas. Um guarda ucraniano podia arrastá-los e surrá-los ou atirar neles.

Em uma segunda praça junto ao centro do campo, os velhos e doentes eram conduzidos por uma saída com uma placa que dizia “Sanatório”, onde os esperava um médico de jaleco com uma braçadeira com a cruz vermelha. O *Scharführer* da SS no comando dizia ao resto da multidão para se separar, e as mulheres e crianças iam para os barracões à esquerda para tirarem as roupas. Era quando começava o choro, pois naturalmente as famílias temiam ser permanentemente separadas. Sabendo disso, a SS aumentava a pressão com ordens curtas e ríspidas: “*Achtung!*” e “*Schneller!*” e depois “Os homens aqui! As mulheres e crianças se despem nos barracões à esquerda!”.

Qualquer manifestação de tristeza era reprimida por mais gritos com ordens, mas também com a insinuação esperançosa de que tudo era normal. “As mulheres e crianças devem tirar os sapatos ao entrar nos barracões. As meias devem ser colocadas dentro dos sapatos. As meias das crianças nas sandálias,

botas ou sapatos. Sejam organizados! [...] Ao ir para a sala de banho devem levar seus documentos, dinheiro, uma toalha e sabão. Repito [...].”

Nos barracões, as mulheres tiravam a roupa e depois tinham as cabeças raspadas, supostamente para prevenir piolhos. Nuas, entregavam documentos, dinheiro, joias e relógios em uma cabina presidida por outro suboficial da SS. Como Grossman comentou, “uma pessoa nua imediatamente perde a força para resistir, para lutar contra o seu destino”. Contudo, houve exceções. Um jovem judeu do gueto de Varsóvia ligado à resistência conseguiu ocultar uma granada de mão e atirou-a em um grupo de SS e ucranianos. Outro ocultou uma faca, com a qual golpeou um *Wachmann*. E uma jovem alta surpreendeu outro *Wachmann* ao tomar a sua carabina para lutar. Foi dominada e morta depois de ser terrivelmente torturada.

Agora que as vítimas não tinham mais muitas dúvidas de que a sua morte era iminente, a SS em uniformes cinza e os *Wachmänner* de preto gritavam de um modo mais forte e insistente para aturdi-los e apressá-los. “*Schneller! Schneller!*” Elas eram levadas por uma passagem coberta de areia entre pés de abeto para esconder o arame farpado por trás. Recebiam ordens de erguer as mãos acima da cabeça e eram forçadas a avançar à base de cassetetes, látigos e golpes de submetralhadoras. Os alemães chamavam aquilo de “o caminho sem retorno”.

O sadismo gratuito aumentava o efeito do choque e reduzia as possibilidades de reagir no último instante. Os guardas também agiam movidos por um prazer monstruosamente perverso. Um homem da SS tremendamente forte conhecido como Zepf agarrava uma criança pelas pernas “como um porrete” e esmagava a sua cabeça contra o solo. Levadas a uma terceira praça, as vítimas viam uma fachada semelhante à de um templo, de pedra e madeira, que ocultava as câmaras de gás. Aparentemente, algumas ciganas ingênuas, que ainda não tinham percebido a sua sina, juntaram as mãos admirando o prédio, o que provocou um ataque de riso nos guardas da SS e nos ucranianos.

Para forçar os prisioneiros a entrar nas câmaras de gás, os guardas soltavam os cachorros. Supostamente, quando eles cravavam os dentes nos prisioneiros os gritos eram ouvidos a quilômetros de distância. Um dos guardas capturados disse a Grossman: “Eles viam a morte chegando e, além disso, aquilo estava lotado. Eles recebiam golpes terríveis, e os cães rasgavam os seus corpos.” Só havia silêncio quando as pesadas portas das câmaras de gás eram trancadas. Vinte minutos depois de lançado o gás, as portas dos fundos eram abertas e grupos de prisioneiros de Treblinka I começavam a remover os corpos de rostos amarelados. Outro grupo de prisioneiros judeus então extraía os dentes de ouro com alicates. Eles podem ter sobrevivido mais do que os cadáveres com os quais

tinham de lidar, mas não gozavam de situação invejável. “Era um luxo levar um tiro”, disse a Grossman um dos poucos sobreviventes.

Apinhadas nas câmaras de gás, as vítimas levavam 20 e até 25 minutos para morrer. O chefe dos guardas, observando por um visor protegido com vidro, esperava até não ver mais nenhum movimento. As grandes portas do fundo eram abertas e arrastavam os corpos para fora. Se algum deles mostrasse sinais vitais, o suboficial da SS administrava um rápido golpe de misericórdia com a pistola. Depois ele chamava o grupo dos dentes para trabalhar com os alicates na extração de ouro. Por fim, outro grupo de judeus temporariamente aliviados de Treblinka I carregava os corpos para as carroças ou vagonetes e os levava para outra linha de fossas cavadas por escavadoras a vapor.

Enquanto isso, os velhos e doentes que haviam sido desviados para o “Sanatório”, eram liquidados com um *Kopfschuss*, um tiro de pistola na nuca. Como em Auschwitz, os sobreviventes temporários não eram invejados. Eles também eram objeto de um sadismo inacreditável, do fuzilamento de prisioneiros ao estupro de jovens judias que depois eram assassinadas. Os guardas da SS forçavam os prisioneiros a cantarem o hino especial “Treblinka”, composto por um deles. Em Treblinka I Grossman registrou também detalhes de “Svidersky, o caolho alemão de Odessa cujo apelido era ‘Mestre do Martelo’. Ele era considerado um especialista insuperável na morte ‘a frio’ e foi quem matou 15 crianças de 8 a 13 anos, consideradas incapazes para o trabalho, no transcurso de vários minutos.”¹⁵

No início de 1943, Himmler visitou Treblinka e ordenou ao comandante que desenterrasse todos os corpos e os incinerasse. As cinzas deviam ser espalhadas bem longe. Parece que após a campanha de Stalingrado a hierarquia da SS foi subitamente forçada a contemplar as consequências caso o Exército Vermelho descobrisse os locais das carnificinas. Os corpos putrefatos, até 4 mil de cada vez, foram espalhados ao longo das linhas do trem sobre enormes fogueiras conhecidas como “assados”. Havia tantos corpos acumulados para fazer desaparecer que o trabalho se estendeu por oito meses.

Os oitocentos “judeus de trabalho” forçados a realizar esta tarefa horripilante tiveram a sua vingança. Eles sabiam que não sobreviveriam depois que todos os corpos fossem incinerados. Em 2 de agosto de 1943, durante uma longa canícula, armaram uma revolta liderada por Zelo Bloch, um tenente judeu do exército tcheco. Armados com pouco além de espadas e machados, eles atacaram as torres de vigilância e o corpo da guarda, matando dezesseis SS e *Wachmänner*. Incendiaram parte do campo e atacaram as cercas. Na rebelião de cerca de 750 homens que se seguiu, a SS trouxe reforços e cães adestrados para esquadrihar os bosques e pântanos. Aviões de reconhecimento sobrevoaram a

área constantemente. Cerca de 550 foram trazidos de volta e executados no campo, enquanto outros foram mortos no local em que foram encontrados. Apenas setenta sobreviveram até a chegada do Exército Vermelho no ano seguinte.

Mas a revolta marcou o fim de Treblinka. Os prédios, inclusive as câmaras de gás e a estação de trens falsa, foram destruídos. As últimas cinzas dos incêndios se espalharam e, na tentativa grotesca de fingir que o campo nunca existira, plantaram tremoços em toda a área. Contudo, como observou Grossman ao caminhar por ali, “a terra está devolvendo ossos triturados, dentes, roupas, papéis. Ela não quer guardar estes segredos”.¹⁶

Treblinka estabeleceu um ciclo de morte ainda mais intenso do que Auschwitz-Birkenau. A soma de 800 mil mortos, alcançada ao longo de 13 meses, não estava muito distante do milhão assassinado em Auschwitz-Birkenau em 33 meses. Treblinka recebeu muitos judeus poloneses, uns poucos do Reich e outros da Bulgária, ao passo que Auschwitz-Birkenau recebeu vítimas de toda a Europa. Além dos judeus poloneses, eles vieram dos Países Baixos, Bélgica, França, Grécia, Itália, Noruega, Croácia e, mais tarde, da Hungria. Belzec recebeu 550 mil pessoas, principalmente judeus poloneses. O Campo de Sobibór, onde morreram uns 200 mil, recebeu judeus da região de Lublin, mas também dos Países Baixos, França e Bielorrússia. Outros 150 mil, a maioria de poloneses, morreram em Chełmo, e 50 mil judeus poloneses e franceses morreram em Majdanek.

Em 6 de outubro de 1943, na conferência de Posen, Himmler se dirigiu aos *Reichsleiters* e *Gauleiters*. O almirante de esquadra Dönitz, o marechal de campo Milch e Albert Speer (embora ele tenha tentado negá-lo pelo resto da sua vida) também ouviram o seu discurso. Desta vez dispensando os eufemismos padronizados da Solução Final — tais como “leste evacuado” e “tratamento especial” —, Himmler por fim foi franco com gente de fora do círculo a respeito do que estavam fazendo. “Enfrentamos a questão: o que fazer com as mulheres e as crianças? Foi quando decidi encontrar uma solução absolutamente clara. Não me considero inocente por exterminar os homens — isto é, matá-los ou mandar matá-los — e não permitir que os vingadores, na forma dos seus filhos, cresçam [e se voltem contra] nossos filhos e netos. Uma decisão difícil tinha de ser tomada para fazer este povo desaparecer da Terra.”¹⁷

Em 25 de janeiro de 1944, Himmler se dirigiu a quase duzentos generais e almirantes, mais uma vez em Posen. Eles também precisavam saber dos sacrifícios que a SS estava fazendo. A “luta racial” levada a cabo pelas suas

“tropas ideológicas”, explicou, não “permitiria que surgissem vingadores contra os nossos filhos”.¹⁸ Não haveria exceções na eliminação total dos judeus.

Himmler poderia ter se gabado ante a audiência pelo fato de tão poucos homens terem conseguido matar tantos. Mediante uma mescla de engano, incerteza e crueldade indescritível, a minúscula força de flageladores conseguira eliminar quase 3 milhões de vítimas, incapazes de acreditar que houvesse campos de extermínio na Europa, o suposto berço da civilização.

Itália — O Duro Ventre Macio

OUTUBRO DE 1943—MARÇO DE 1944

A invasão aliada do continente italiano, em setembro de 1943, a princípio parecera uma boa ideia com o colapso do fascismo e a promessa dos aeródromos. Contudo, havia uma ausência óbvia de ideias claras sobre os objetivos da campanha e como alcançá-los. Alexander, o comandante do 15º Grupo de Exércitos dos Aliados na Itália, não coordenou as operações do V Exército do general Mark Clark e do VIII Exército do general Bernard Montgomery. Clark não estava nada satisfeito com a lentidão do avanço de Montgomery para substituí-lo em Salerno, apesar das mensagens animadas que diziam “Aguente, estamos chegando!”¹ Para piorar as coisas, de certo modo Montgomery parecia crer que havia salvado o V Exército em Salerno.

Não contribuíam para as relações entre os Aliados o fato de que tanto Monty, baixo e rijo, e Clark, alto e desajeitado, fossem tão obcecados com as próprias imagens. Clark, que pouco depois aumentou a sua equipe de relações públicas para 50 homens, insistia em que os fotógrafos capturassem o seu perfil mais favorável de nariz imperial. Alguns oficiais o apelidaram de Marcus Aurelius Clarkus.² E Monty havia começado a distribuir fotografias autografadas como se fosse uma estrela de cinema.

Acima deles, o charmoso, mas acanhado, Alex parecia pensar que o planejamento podia ser feito à medida que avançavam, atitude que certamente convinha a Churchill, que queria manter a campanha italiana indo muito além do que os americanos imaginavam. Por sua vez, Montgomery não gostava de fazer nada que não fosse cuidadosamente planejado com antecedência. “Até agora não há planos que eu conheça para desenvolver a guerra na Itália, mas estou bastante acostumado a isso!”³ escreveu ele em seu diário. Contudo, como Alexander sabia por experiência, de qualquer modo Montgomery faria o que quisesse. Como comentou o seu biógrafo, Alexander assumia o papel do “marido compreensivo em um casamento difícil”.⁴ Eisenhower tampouco conseguia

controlar os seus subordinados e não tinha uma ideia clara do que estavam tentando fazer na Itália.

O verdadeiro problema, claro, vinha do alto e do desacordo central que atrapalhava a estratégia aliada desde 1942. Roosevelt e Marshall estavam determinados a não deixar que nada atrasasse a Overlord. Churchill e Brooke, por sua vez, ainda consideravam o Mediterrâneo o cenário vital onde a rendição das tropas italianas devia ser explorada. Na verdade, os dois, que temiam a invasão pelo canal da Mancha sem a supremacia aérea, esperavam que uma série de êxitos no Mediterrâneo fosse uma boa desculpa para postergar a Overlord. O único oficial de alta patente americano a concordar com eles era o general Spaatz, comandante da força aérea americana no Mediterrâneo. Como Harris, Spaatz acreditava que os bombardeios poderiam ganhar a guerra em três meses e “não achava que a Overlord fosse necessária ou desejável”.⁵ Ele queria continuar avançando pela Itália, atravessar o rio Po e chegar inclusive à Áustria para ter os seus bombardeiros mais perto da Alemanha.

Certamente Churchill estava certo ao insistir na Torch e na Husky, enfrentando a oposição de Marshall. Apesar de ter sido impulsionado por motivos equivocados, ele ao menos evitou a tentativa desastrosa de invadir a França em 1943. Mas agora ele começava a perder credibilidade entre os americanos, em virtude da nova obsessão de retomar Rodes e outras ilhas no Egeu que haviam sido ocupadas pelos italianos. Naturalmente, o general Marshall suspeitava que estes saltos de ilha em ilha fossem parte de um plano secreto para invadir os Bálcãs. Consequentemente, recusou peremptoriamente ajuda e qualquer envolvimento americano.

Até Brooke, que apoiava a campanha italiana e outras operações na região, temia que o primeiro-ministro estivesse totalmente desequilibrado pelo que designou “loucura de Rodes”.⁶ “Ele entrou em um delírio exacerbado com o ataque a Rodes, exagerou a sua importância e agora não consegue enxergar nada mais, e se empenhou em tomar a ilha mesmo colocando em perigo as suas relações com o presidente e os americanos, e também o futuro da campanha italiana [...]. Os americanos já estão desesperadamente desconfiados dele, e isto vai piorar as coisas.”⁷

A ilusão de que os Aliados logo estariam em Roma havia contagiado os comandantes americanos e Churchill. Mark Clark estava decididamente empenhado em ser coroado conquistador e até Eisenhower acreditava que a capital italiana cairia no final de outubro. Imprudentemente, Alexander declarou que estariam em Florença no Natal. Mas já havia claros indícios de que os alemães lutariam encarniçadamente na retirada e se vingariam das tropas e dos guerrilheiros italianos que colaboravam ativamente com os Aliados.

Ao leste de Nápoles, em uma aldeia perto de Acerra, o Esquadrão B dos 11º de Hussardos encontrou os habitantes locais no cemitério enterrando dez homens que os alemães haviam fuzilado contra um muro. “Pouco depois dos [nossos] carros blindados partirem”, registrou o regimento, “subitamente mais alemães pularam o muro do cemitério e atiraram com metralhadoras Tommy nos habitantes de pé junto às tumbas.”⁸ A fúria de Hitler contra os italianos por terem mudado de lado contagiara até o soldado alemão comum.

Avançando para noroeste a partir de Nápoles, o V Exército de Clark encontrou o primeiro obstáculo grande no rio Volturno, 30 quilômetros adiante. Nas primeiras horas de 13 de outubro, tanto a artilharia divisionária quanto a do corpo de exército criaram uma forte barreira no vale. A 56ª Divisão Britânica passou maus bocados perto da costa, mas o principal trecho do rio, embora largo, era vadeável, e no dia seguinte uma grande cabeça de ponte foi conquistada. Para os alemães, o Volturno era só uma posição avançada defensiva, pois Kesselring já havia identificado a sua principal linha de defesa ao sul de Roma. Como Hitler, ele queria manter os Aliados o mais ao sul da península que fosse possível. Rommel, que comandava as divisões alemãs no norte e preferia recuar, havia sido posto de lado.

No seguinte estágio do avanço, os dois exércitos aliados logo descobriram que o terreno montanhoso e o clima não correspondiam à “Itália ensolarada” que haviam imaginado ao ver os cartazes turísticos do pré-guerra. O outono na Itália era como a *rasputitsa* russa, com chuva constante e lodaçais profundos. O uniforme de combate britânico e o verde-oliva americano ficavam encharcados semanas a fio. O “pé de trincheira” era um problema para os que não punham as meias para secar uma vez ao dia. Os aguaceiros do final do outono transformaram os rios em correntes caudalosas e as trilhas em charcos, e os alemães em retirada haviam detonado todas as pontes e minado todos os caminhos. Embora tivessem inventado a ponte Bailey, os britânicos invejavam as brigadas de engenheiros americanas, bem equipadas e numerosas. Mas naquela abundante sucessão de vales montanhosos até o exército americano enfrentava escassez de equipamentos para construir pontes.

Os alemães conduziram a retirada bloqueando estradas e colocando minas, com a cobertura de canhões anticarro bem camuflados. Agora, o avanço significava esperar que o tanque na dianteira ou a viatura blindada topasse com uma mina e fosse destruído por rajadas de tiros “vinda de lugar nenhum” que perfuravam a blindagem. As amplas manobras da guerra no deserto tinham ficado para trás. Estradas estreitas em vales estreitos e aldeias bem defendidas no topo de montanhas significavam que a infantaria precisava conquistar objetivos elevados. A menos de 30 quilômetros ao norte do Volturno, a progressão parou

por completo.

A Gustav, ou Linha de Inverno, escolhida por Kesselring corria por 140 quilômetros logo abaixo de Ortona, no Adriático, até o golfo de Gaeta, do lado do Tirreno. Aquela era a parte mais estreita da bota italiana e bem escolhida para a defesa. O principal ponto forte da Linha Gustav era a fortaleza natural de Monte Cassino. Todo o otimismo impensado dos comandantes aliados evaporou quando o Ultra confirmou que Hitler e Kesselring montariam uma defesa furiosa. Neste ponto, Eisenhower devia ter insistido em reavaliar toda a campanha. Com sete divisões a ponto de serem enviadas à Inglaterra para a Overlord, os Aliados já não contavam com a superioridade numérica necessária para uma grande ofensiva. Churchill e Brooke pareciam pensar que de certo modo era injusto que os americanos insistissem em se aferrar ao acordo feito na conferência Trident de maio.

O reconhecimento em terra confirmou o que os mapas indicavam. Para o V Exército de Clark, o único caminho para Roma era pela Rota 6, que passava pelo desfiladeiro de Mignano, flanqueada por montanhas maciças em ambos os lados. Por trás delas estava o rio Rapido que, por sua vez, era dominado pelo Monte Cassino.

À esquerda, o 10º Corpo britânico tinha a barreira do rio Garigliano. Em 5 de novembro, o Corpo tentou cruzar o desfiladeiro de Mignano tomando Monte Camino — para descobrir que aquele enorme ponto, com um cume atrás do outro, estava bem defendido pela 15ª Divisão de Granadeiros Panzer na primeira parte da Linha de Inverno. Os homens da 201ª Brigada de Guardas, incapazes de romper as defesas alemãs, viram que era impossível avançar no que chamaram de “crista do traseiro pelado”. Sob a chuva gelada tiveram de construir uma defesa de pedras improvisada. O fogo dos morteiros alemães acima deles era ainda mais letal por causa das lascas de pedras que voavam para todo lado. Depois de vários dias, Clark não teve opção a não ser concordar em recuar do que ficou conhecido como Montanha Assassina. Os mortos foram deixados posicionados, com as armas apontadas para o inimigo, enquanto os sobreviventes recuavam.

Mais acima, a nordeste do centro dos Apeninos, a 34ª e a 45ª divisões dos EUA pastoreavam cabras pelas campinas montanhosas para detectar minas.⁹ A verdade incômoda era que nem os britânicos nem os americanos tinham aprendido a lição da guerra nas montanhas. Nestes terrenos, os caminhões não podiam chegar perto das posições avançadas. A comida e a munição tinham de ser carregadas por mulas ou homens pelas trilhas íngremes e ziguezagueantes.

Na volta, a tropa de mulas trazia os mortos. Os tropeiros, em sua maioria carvoeiros contratados por diárias, tinham medo da carga horripilante. Os feridos só podiam ser transportados à noite pelos padioleiros, uma jornada dolorosa para estes e para os feridos no sobe e desce pelas encostas íngremes e escorregadias.

Na tarde de 2 de dezembro, sob um céu enegrecido, em meio a outra tormenta, novecentas peças da artilharia do V Exército começaram um pesado bombardeio enquanto os infantes encharcados escalavam as encostas, os britânicos novamente subindo o Monte Camino e os americanos o La Difensa, liderados pela 1ª Destacamento de Forças Especiais. No amanhecer do dia seguinte, aquele grupo semi-irregular havia tomado o cume e se preparava para o contra-ataque dos granadeiros panzer. Nos dias seguintes a luta em La Difensa foi desapiedada de ambos os lados. Os americanos, que tinham sido alvos de alguns truques sujos, não fizeram prisioneiros.

Logo a sudoeste, os britânicos finalmente tomaram Monte Cassino, e a posição central alemã, transversal à Rota 6, podia agora ser parcialmente flanqueada. Clark enviou a 36ª Divisão ao lado nordeste para romper a Linha Bernhardt diante da aldeia de San Pietro. Monte Lungo, no sudoeste do desfiladeiro de Mignano, tinha de ser o primeiro objetivo, pois de outra forma a artilharia alemã desorganizaria o assalto principal. Uma brigada de Alpini italianos, ansiosos por mostrar o seu valor contra o ex-aliado que os tratara tão mal, partiu corajosamente para o ataque, mas foi destruída pelo pesado fogo das metralhadoras. Clark chegou a tentar usar tanques, mas eles não conseguiam avançar naquele terreno rochoso sem enguiçar ou soltar uma lagarta. Depois de vários dias com muitas baixas, Monte Lungo foi tomado pelo oeste e pouco depois San Pietro caiu. Os alemães simplesmente recuaram para a próxima linha.

Em meados de dezembro, os soldados de Clark tinham um aspecto lastimável. Estavam com a barba por fazer, de cabelos compridos e úmidos e tinham fortes olheiras de cansaço. Os uniformes estavam impregnados de lama, os coturnos caíam aos pedaços e a pele estava esbranquiçada e engelhada por estar constantemente úmida. Muitos sofriam com o “pé de trincheira”. Os aldeões italianos de San Pietro, que tinham se refugiado em cavernas, também estavam em péssimas condições. Eles saíram e encontraram as suas casas totalmente destruídas e as roças e vinhedos devastados. Quase todas as árvores nas colinas em volta haviam sido derrubadas pelo fogo da artilharia.

Nos Apeninos, do lado do Adriático, o VIII Exército de Montgomery podia estar lutando uma guerra à parte. A concentração foi lenta até os portos ficarem acessíveis, e depois o VIII Exército se atrasou devido à escassez de suprimentos,

principalmente combustível. A maior parte dos carregamentos que chegavam a Bari se destinava à rápida organização da 15ª Força Aérea do major-general James Doolittle, baseada nos treze aeródromos de Foggia.

Montgomery reconheceu que o principal objetivo da campanha italiana devia ser fixar o maior número possível de divisões alemãs e usar as bases de Foggia para bombardear os alemães na Bavária, na Áustria e na bacia do Danúbio. O terreno montanhoso no sul da Itália favorecia a defesa alemã e tornava quase impossível para os Aliados empregar as suas muito maiores forças blindadas. Eles descobriram que a luta era muito mais implacável do que no deserto. Do lado alemão, ela adquirira o que um correspondente de guerra chamou de “ferocidade comandada”.¹⁰ Os alemães mataram “todos os homens de um pelotão canadense que foram cercados, isolados e demonstraram desejo de rendição”. E “qualquer civil encontrado na área de batalha é imediatamente morto, independentemente de habitar ali ou não”.

Montgomery queria penetrar e flanquear os alemães que estavam diante do V Exército de Clark, mas as fortes chuvas de outono na segunda semana de novembro retardaram a tentativa de cruzar o rio Sangro. O solo estava tão encharcado que os tanques não conseguiam se mover, e as nuvens eram tão baixas que o apoio aéreo, que ainda se chamava Força Aérea do Deserto, não podia operar. O Sangro estava tão caudaloso que as pontes flutuantes simplesmente eram levadas pela correnteza. Em 27 de novembro, embora a chuva não tivesse diminuído, a 2ª Divisão Neozelandesa atravessou o rio e “a luta encarniçada pela posse do barranco começou para valer”.¹¹

Montgomery convocou todos os correspondentes de guerra na frente italiana para uma reunião informativa. Falou com eles de pé nos degraus da sua viatura personalizada ainda com a camuflagem para o deserto, oculta em um olival acima do vale Sangro. Ele usava botas de camurça para o deserto, calças de veludo cotelê cáqui e uma jaqueta de batalha aberta no colarinho com um lenço de seda em volta do pescoço. O correspondente australiano Godfrey Blunden escreveu que ele era “um homem pequeno e franzino, astuto, de olhos azuis calculistas encimados por sobranceiras grisalhas. Ele fala com uma voz seca e precisa sem o menor traço de ceceio”. A sua apresentação dos “grandes princípios da guerra” “só foi interrompida pelo chilreio de uma gaiola repleta de periquitos e canários em uma lateral da viatura”.¹²

No início de dezembro, Montgomery ordenou que a 1ª Divisão Canadense atacasse ao longo da costa em direção a Ortona. Ali, 25 quilômetros depois, estavam La Pescara e a Rota 5, que levava a Roma atravessando os Apeninos. O comandante, o major-general Christopher Vokes, um ruivo enorme, pôs os seus homens em ação em uma série de ataques frontais contra a 90ª Divisão de

Granadeiros Panzer. Após um êxito inicial, eles toparam com posições alemãs que guardavam uma ravina a sudoeste de Ortona, onde havia minas espalhadas. Por nove dias, Vokes lançou ao ataque um batalhão após o outro, até os seus homens o apelidarem de Carniceiro. Montgomery enviou mensagens indagando o motivo da lentidão. Os canadenses descobriram que estavam enfrentando não só granadeiros panzers como também a 1ª Divisão de Paraquedistas, que reconheceram pelos capacetes redondos dos paraquedistas.

Em 21 de dezembro, os canadenses finalmente romperam a linha. Equipes de demolição alemãs explodiram a antiga cidade deixando-a em ruínas, mas os paraquedistas ainda conseguiram defendê-la por mais uma semana e camuflaram *booby-traps* por todos os lados. Furioso, o gigante Vokes teve um acesso de choro pelas baixas na sua divisão naquele mês — 2.300 homens, com quinhentos mortos e muitos casos de fadiga que deixaram os homens paralisados e mudos. Montgomery suspendeu os ataques por um tempo.

Mais uma vez, o sistema de suprimentos de Montgomery estava uma confusão. Em 2 de dezembro, um pesado ataque da Luftwaffe no porto de Bari pegou os Aliados de surpresa. Dezesete navios afundaram, incluindo um Liberty, o *SS John Harvey*, que levava 1.350 toneladas de bombas de gás mostarda. Transportadas sob forte sigilo, estas bombas seriam guardadas como reserva caso os alemães recorressem à guerra química. O porto ficou um caos, com os dutos de petróleo rompidos e pegando fogo. Outro navio com 5 mil toneladas de munição se incendiou e explodiu. Quando o *Harvey* se rompeu, matando o comandante e toda a tripulação, enormes ondas se formaram a cada explosão. O gás mostarda cobriu todos os que haviam sido jogados no mar e os que estavam ao redor da área das docas. Pouco depois, os correspondentes de guerra descobriram que todas as referências ao ataque haviam sido suprimidas pelos censores.

O sigilo envolvendo o gás mostarda e a morte de toda a tripulação do *John Harvey* significou que os médicos que cuidavam dos tripulantes e civis não entendiam por que muitos deles, incapazes de abrir os olhos, morriam com tantas dores. Só dois dias depois os médicos tiveram alguma certeza da causa. Mais de mil soldados e marinheiros aliados morreram, além de um número desconhecido de italianos. O porto ficou fechado até fevereiro de 1944. Foi um dos ataques mais devastadores da Luftwaffe em toda a guerra.

Os dois exércitos de Alexander estavam agora condenados a uma campanha dispendiosa em um ambiente difícil. O sul da Itália não era “um lugar feliz naquele inverno frio de 1943”,¹³ como observou um guarda irlandês. Os mais infelizes e necessitados de todos eram os civis, prontos para agarrar qualquer resto de comida ou recolher qualquer guimba de cigarro atirada pelos soldados.

A sobrevivência era um negócio desesperador. Em Nápoles, uma prostituta amadora se oferecia por 25 centavos ou uma lata de ração. Em Bari, na costa do Adriático, “cinco cigarros comprem uma mulher”. Os bordéis sem inspeção levavam o aviso “Proibido”, mas aquilo só servia para colocar os soldados diante do desafio do não permitido. A polícia militar americana, conhecida como “Flocos de Neve” por causa dos capacetes brancos, achava divertido inspecionar estes estabelecimentos para averiguar se havia pessoal militar presente. Os índices de doenças venéreas chegaram a níveis muito mais altos do que na Sicília, com mais de um soldado infectado de cada dez. A penicilina só passou a estar oficialmente disponível para este tipo de uso não militar na primavera de 1944. A justificativa foi colocar um maior número de homens de volta à linha de frente.

Enquanto a cornucópia industrial americana enviada para o porto de Nápoles estimulava um enorme mercado negro alimentado por furtos, os italianos comuns estavam à beira da fome. Os alemães haviam se apropriado dos seus suprimentos alimentares, que já haviam sido drasticamente reduzidos pela má administração fascista. O único produto comestível que os invasores haviam deixado disponível eram as castanhas das florestas, que consideravam mera comida para porcos. Privados de trigo, os italianos trituravam as castanhas para produzir farinha. Havia grande escassez de sal, então era impossível matar e curar um porco, sempre e quando sobrasse algum após a passagem dos alemães. Os comandantes e oficiais alemães ignoraram até as súplicas do ministro da Agricultura de Mussolini. Praticamente não havia homens para lavrar os campos, já que os alemães haviam levado os soldados italianos para fazerem trabalhos forçados. Inevitavelmente, a desnutrição generalizada fez as crianças sofrerem de raquitismo. Mas o maior assassino, especialmente em Nápoles, foi o tifo. Com pouco sabão e água quente disponíveis, os piolhos rapidamente espalharam a doença, até que os americanos trouxeram grandes quantidades de DDT para borrifar a população.

Convalescendo em Marrakesh do surto de pneumonia que o atingira depois do Natal, Churchill se impacientou com as linhas de batalha estáticas na Itália. Voltou entusiasmado para o plano anterior do general Mark Clark, de flanquear a linha dos alemães com outro desembarque anfíbio mais perto de Roma. Eisenhower ficou claramente incomodado com a ideia, conhecida como Operação Shingle, mas tanto ele quanto Montgomery estavam partindo do Mediterrâneo para Londres a fim de preparar a Overlord. Churchill ficou sozinho em campo e, de certa forma, assumiu o comando. O próprio Clark já estava

menos convencido do êxito provável da Shingle, com apenas duas divisões. Se o V Exército falhasse em romper a Linha Gustav, esta força desembarcada seria facilmente encurralada.

A operação para desembarcar e abastecer duas divisões exigia uma quantidade considerável de transporte marítimo — quase noventa barcas para desembarque de blindados e 160 comuns de desembarque. Mas a maioria zarparia para a Inglaterra em meados de janeiro de 1944 para os preparativos da Overlord. Churchill empregou uma boa quantidade de prestidigitação dos fatos e datas e conseguiu persuadir Roosevelt de que de nenhuma maneira a Operação Shingle atrasaria as coisas. Embora Brooke apoiasse o plano, ele ficou incomodado com a ideia do primeiro-ministro no papel de comandante em chefe no Mediterrâneo. “Sentado em Marrakesh, Winston está cheio de gás e tentando vencer a guerra daqui!” escreveu em seu diário o recém-promovido marechal de campo. “Peço a Deus para que ele volte para casa e fique sob controle.”¹⁴

Instalado no Hotel Mamounia, Churchill convocou os oficiais dos mais altos escalões de todo o Mediterrâneo. Descartou quaisquer dúvidas e se recusou a adiar a data planejada, 22 de janeiro, para dar tempo para os ensaios. As praias ao redor de Anzio, cem quilômetros depois das linhas alemãs, foram selecionadas. A maioria dos presentes apoiou o plano, em grande parte porque era preciso romper o impasse, mas todos estavam cientes de que era uma jogada arriscada. Churchill subestimou os problemas logísticos e a capacidade dos alemães de deslocar tropas para contra-atacar o desembarque com uma rapidez maior que a dos Aliados em reforçar a cabeça de ponte. Portanto, tudo dependia da habilidade do V Exército em transpor o rio Rapido, tomar a cidade de Cassino que estava fortemente defendida e, o mais difícil, tomar a fortaleza de Monte Cassino que se erguia acima dela. Monte Cassino não só dominava a região imediata como também oferecia aos observadores da artilharia alemã uma visão panorâmica de toda a área.

Mais uma vez, o 10º Corpo britânico avançaria pela esquerda, o mais perto do mar. Clark havia colocado à sua direita o recém-chegado Corpo Expedicionário francês, com duas divisões de tropas calejadas do norte da África. Os *goumiers* eram bons combatentes de montanha. Viajavam com poucos apetrechos, usavam cada dobra do terreno com grande perícia e eram impiedosos com os inimigos, matando-os silenciosamente com punhais e baionetas. O ataque principal seria novamente no centro, desta vez a alguns quilômetros ao sul de Cassino, em direção ao vale do Liri. Isto implicava cruzar o Rapido e suas margens infestadas de minas sob disparos, e depois atacar as fortes defesas alemãs na parte mais elevada.

O plano de Clark carecia de imaginação. Diversos comandantes das suas

divisões ficaram incomodados, mas não expressaram abertamente as suas dúvidas. Eles suspeitavam que a obsessão de Clark em tomar Roma poderia custar muitas vidas. Contudo, Clark tinha de armar um ataque forte e total para que o desembarque em Anzio tivesse êxito. A 36ª Divisão, que havia sido bem golpeada em Salerno, lideraria o ataque do 2º Corpo contra a aldeia de Sant'Angelo, situada acima do Rapido e defendida pela 15ª Divisão de Granadeiros Panzer. Ao sul, na noite de 21 de janeiro, a 46ª Divisão britânica cruzou o Garigliano. Mas foi forçada a recuar de modo desorganizado diante do rápido contra-ataque alemão, cujos engenheiros de combate abriram algumas comportas rio acima, antes da confluência com o Liri. Uma enxurrada dispersou os botes de assalto.

Na noite de 20 de janeiro a 36ª Divisão começou a se aproximar do Rapido em meio à névoa densa. O caos irrompeu porque muitas companhias se perderam. Os engenheiros alemães haviam colocado minas na margem leste, e enquanto os futuros atacantes se adiantavam carregando os pesados barcos de assalto de borracha um homem gritou ao ter o pé arrancado. Alertadas pelo grito, as equipes de morteiros dos granadeiros panzer dispararam uma sequência rápida de rajadas. As metralhadoras disparando de posições fixas perfuraram vários botes lançados.

Os batalhões que conseguiram chegar do outro lado foram forçados a recuar e, no dia seguinte, o comandante da divisão recebeu ordens de mandá-los de volta. Desta vez tiveram mais êxito, mas foram encurralados em pequenas cabeças de ponte, onde se tornaram alvos de morteiros e disparos incessantes. Mais tarde, os remanescentes da divisão recuaram, depois de sofrer mais de 2 mil baixas. Foi uma batalha inútil e sangrenta que provocou muitas recriminações à época e depois. Porém, sua combinação com o ataque britânico à esquerda convenceu Kesselring de que havia uma crise à vista. Ele havia enviado duas divisões de reserva, a 29ª e a 90ª de Granadeiros Panzer, para perto de Roma com o fim de reforçar a linha ao longo do Garigliano e do Rapido. Isto significou que, duas noites depois, o setor de Anzio-Nettuno estava desprotegido.

Em 20 de janeiro, a 1ª Divisão de Infantaria britânica e a 3ª Divisão americana, apoiadas por Comandos e pelos três batalhões de Rangers do coronel Darby, começaram a embarcar em portos na baía de Nápoles. Acompanhadas por bandas quando marchavam para os navios, as unidades pareciam uma parada vitoriosa antes mesmo do início da batalha. O 1º Batalhão dos Guardas irlandeses marcharam ao som de “Dia de São Patrício”. “Fiquei surpreso ao ver os italianos ladeando as ruas aos gritos e aplaudindo-nos pelas ruas”, escreveu

um deles. “Percebi que muitos guardas tinham namoradas italianas espalhadas entre a multidão que nos saudava; muitas foram até os soldados e lhes entregaram flores e adornos.”¹⁵ A segurança era tão ruim que os locais sabiam para onde os soldados se dirigiam.

O comandante geral do 6º Corpo e, portanto, da Operação Shingle, era o major-general John. P. Lucas. Ele era um homem gentil que lembrava um tio idoso, de bigode branco e óculos de aro metálico, mas sem nenhum instinto assassino. Os oficiais dos altos escalões não resistiam e davam-lhe conselhos encorajadores, em grande parte contraditórios e incorretos. O mais desastroso proveio do próprio general Clark. “Não se exponha, Johnny”, disse ele a Lucas. “Fiz isto em Salerno e me meti em problemas.”¹⁶ Clark não apresentou objetivos claros. Sugeriu que ele tomasse a praia e não pusesse seu Corpo em risco.

Para assombro de todos, mesmo depois daquele embarque espalhafatoso os alemães não tinham a menor ideia dos desembarques planejados em Anzio e Nettuno. Estavam absolutamente desprevenidos. Na verdade, quando americanos e britânicos desembarcaram nas primeiras horas de 22 de janeiro e indagaram sobre os alemães aos moradores locais, tudo o que obtiveram como resposta foi um alçar de ombros e gestos sinalizando o caminho para Roma. Foram feitos poucos prisioneiros. Eles estavam se suprindo de víveres naquela zona tranquila que fora um balneário dos oficiais fascistas de Roma.

Embora os alemães não tivessem preparado defesas militares convencionais, provocaram deliberadamente a sabotagem ambiental na área. Na década de 1930, a um custo muito alto, Mussolini drenara os manguezais de Pontine e assentara 100 mil veteranos da Grande Guerra para que trabalhassem as terras que reivindicavam. Os mosquitos que infestavam a região foram praticamente eliminados.¹⁷ Com a rendição italiana, dois cientistas de Himmler planejaram uma vingança contra o ex-aliado. Desligaram as bombas para inundar novamente grande parte da área e destruíram as comportas que controlavam as marés. Depois, introduziram a espécie de mosquito transmissora da malária, que sobrevive em água salobra. As autoridades alemãs também confiscaram os estoques de quinino para espalhar a doença. Os habitantes não só tiveram terras e casas destruídas como, no ano seguinte, mais de 55 mil contraíram malária. Tratava-se de um caso evidente de guerra biológica.

Desconhecendo a ameaça de malária, Alexander e Clark visitaram o pacífico local do desembarque. Não pareciam preocupados com a falta de ímpeto nos escalões mais elevados, mas nos batalhões da vanguarda começara a surgir um sentimento de incômodo e desalento. “Todos tínhamos um sentimento nauseante de anticlímax”, escreveu um guarda irlandês. “Todos estávamos ansiosos com o avanço arriscado até Roma. Ele poderia ser duro e sangrento, mas teríamos

chegado lá. Tínhamos o elemento surpresa. Não havia alemães. Então, o que impedia a Divisão de avançar?”¹⁸ Nas fileiras britânicas havia a suspeita infundada de que estavam sendo retidos porque os ianques queriam chegar a Roma primeiro. Mas Lucas nem estava pressionando a 3ª Divisão do major-general Lucian Truscott para que progredisse com urgência, apesar de precisar tomar as colinas ao norte ou interromper a linha de suprimentos do X Exército ao longo da Rota 7.

O desembarque dos Aliados provocou pânico em Roma e no quartel-general de Kesselring acima do vale do Tiber, principalmente porque ele havia enviado as duas divisões de reserva para as batalhas nos rios Garigliano e Rapido. O marechal foi despertado com a notícia pouco depois do amanhecer e telefonou para Berlim. Um plano de conduta do combate, a Operação Richard, foi acionado, trazendo divisões do norte da Itália e reforços de outras partes. O general de cavalaria Eberhard von Mackensen traria o quartel-general do seu IV Exército de Verona. O quartel-general do X Exército de Vietinghoff recebeu ordens de enviar todas as tropas não empregadas em combate para o Colli Albani e o Colli Laziali, que ficavam acima dos Alagados Pontinas, na planície costeira. Acima de tudo, Kesselring queria todas as baterias de canhões no topo daquelas montanhas. Porém, primeiro enviou a “artilharia voadora”, e a Luftwaffe usou as “bombas planadoras contra navios fundeados ao largo da costa. Uma delas partiu em dois o contratorpedeiro HMS *Janus*, da Marinha Real. Outra afundou um navio-hospital fortemente iluminado e assinalado como hospital. As minas foram grandes obstáculos para a esquadra invasora.

Em 24 de janeiro, por fim a 1ª Divisão britânica do lado oeste da cabeça de praia avançou rapidamente e no dia seguinte já havia tomado o vilarejo de Aprilia. A 3ª Divisão de Truscott atacou Cisterna, onde enfrentou a Divisão Panzer *Hermann Göring*. Não demorou muito para que os canhoneiros de Kesselring no alto dos montes comesçassem um bombardeio quase constante da planície abaixo. A recusa de Lucas de correr para tomar os terrenos altos provava ser desastrosa. Com uma obstinação perversa, ele deixara a enorme vantagem da surpresa escorrer entre os seus dedos. Mas Clark e Alexander também eram culpados, pois deviam tê-lo pressionado mais a avançar nas primeiras 48 horas. Contudo, também se pode argumentar que o 6º Corpo de Lucas, com apenas duas divisões, simplesmente não era suficientemente forte para avançar terra adentro e proteger os seus flancos, e que toda a operação fora mal planejada.

Quando Clark voltou a visitar a cabeça de praia, em 28 de janeiro, a rápida mobilização alemã havia ultrapassado a força aliada invasora, com pouco mais de 60 mil homens. Inclusive havia mais reforços inimigos a caminho do sul. A ideia reconfortante de que o poder aéreo dos Aliados os impediria de se

mobilizarem era ilusória, e a artilharia alemã ficava cada vez mais pesada. Uma italiana de 18 anos entrou em trabalho de parto quando um grupo de civis e militares tentava se proteger do bombardeio em um cemitério. Enquanto a mãe dela rezava para todos os santos, um cabo do Corpo Médico do Exército Real ajudou-a a dar à luz um menino saudável como se aquilo fosse uma tarefa cotidiana.

Quando os Rangers de Darby e a 3ª Divisão de Truscott atacaram na noite seguinte, foram repelidos por uma força alemã muitas vezes maior que o esperado. Um novo ataque foi desastroso para os Rangers, e muitos foram mortos ou capturados. Mais tarde os alemães desfilaram os seus prisioneiros alegremente por Roma para os fotógrafos e as câmeras do cinejornal da *Deutsche Wochenschau*. Hitler, obcecado com o significado simbólico de Roma, estava determinado a não perder a capital do seu aliado mais proeminente. Em consequência, entregou mais recursos do que Kesselring pedira para defender a Itália.

Os postos de atendimento dos regimentos aliados, as estações de triagem de baixas e o hospital de evacuação estavam sobrecarregados de padiolas devido ao incremento do bombardeio alemão. Pequenas patrulhas alemãs se infiltraram no perímetro. A batalha era “uma série de pequenos enfrentamentos agudos”, escreveu um sargento da guarda irlandesa. “Havia tantos deles ocultos nos aquedutos e fossas de escoamento profundas que em segundos o inimigo estava em cima de você.”¹⁹ Com o céu carregado de nuvens, os Aliados já não podiam confiar no apoio aéreo. Americanos e britânicos tiveram de resistir e enfrentar a fúria do contra-ataque de Mackensen, agora com quase 100 mil homens após a chegada dos novos reforços.

O desembarque em Anzio falhara completamente em minar a linha de defesa do X Exército no Garigliano e no Rapido. A grande rocha de Monte Cassino, coroada por um mosteiro beneditino, era o seu ponto forte. Porém, a menos de 10 quilômetros ao nordeste, o corpo francês do norte da África com duas divisões comandadas pelo general Alphonse Juin cruzou o rio Secco e tomou Monte Belvedere, dentro da Linha Gustav. Houve 8 mil baixas nos combates mais duros de montanha. No vale do Rapido, os duelos de artilharia e de contrabateria prosseguiram sem cessar.

Em 30 de janeiro, a 34ª Divisão de Infantaria dos EUA, depois de ser forçada a recuar, conseguiu transpor o Rapido ao norte de Cassino. Nos dias seguintes avançou lutando de colina em colina na parte posterior da grande montanha. Mas a luta pela cidade de Cassino e pelo próprio Monte Cassino avançava e recuava

no clima congelante e sob a neve. A 34ª Divisão, exausta e lacerada pelo avanço corajoso, logo depois teve de ser substituída pela 4ª Divisão indiana.

O tenente-general Bernard Freyberg, o novo comandante do corpo neozelandês, assumiu o controle do setor. O enorme e destemido Freyberg, conhecido entre os colegas britânicos como “um urso com pouco cérebro”, via as coisas de modo direto. Ele concluiu que o grande mosteiro beneditino de Monte Cassino era inexpugnável. Em vez de tentar poupá-lo, como Eisenhower e Alexander haviam determinado, os Aliados deviam destruí-lo por completo. Os informes imprecisos de que os alemães o haviam transformado em uma fortaleza foram levados a sério, e outros informes indicando que estava repleto de refugiados foram descartados. O general Juin se opôs veementemente à sua destruição, assim como Clark e o comandante do 2º Corpo dos EUA. Mas Alexander apoiou Freyberg com firmeza. A pressão por resultados de Churchill em Londres era grande demais.

Em 4 de fevereiro começou o ataque de Mackensen ao saliente britânico em Anzio, com os granadeiros panzer tocando uma enorme manada de cabras diante deles pelos campos minados. O 1º Batalhão de Guardas irlandês e o 6º de Gordons enfrentaram o maior peso do combate quando Panzers Mark IV vieram por trás. A 1ª Divisão de Infantaria recuou e perdeu 1.500 homens, dos quais novecentos foram feitos prisioneiros. Houve outro ataque alemão três dias depois, em Aprilia. Mais uma vez, o avanço pelo mar só foi impedido pela artilharia massiva e os canhões dos navios de guerra fundeados.

No Wolfsschanze, depois de examinar mapas em grande escala da cabeça de praia de Anzio, Hitler emitiu ordens detalhadas a Mackensen para realizar um ataque maciço e destruí-la por completo. Ele queria dar uma evidente e útil lição aos Aliados e desencorajá-los quanto a uma empreitada maior através do canal mais tarde naquele ano. Em 16 de fevereiro a luta alcançou maior intensidade. A 3ª Divisão de Granadeiros Panzer e a 26ª Divisão Panzer atacaram Aprilia novamente e a área entre a 45ª Divisão americana e a recém-chegada 56ª Divisão britânica. Dois dias depois, Mackensen empregou as suas reservas também.

Os granadeiros panzer atacaram quase em colunas napoleônicas pelo mesmo eixo em Carroceto. Observadores da artilharia os viram chegar e em questão de minutos as baterias de canhões dos Aliados regularam seus tiros de forma a produzir um efeito devastador. Os americanos apelidaram a estrada de “a alameda do boliche”.²⁰ As baixas entre os Aliados foram grandes, mas Mackensen perdeu mais de 5 mil homens.

Pressionado por Alexander, Clark regressou à cabeça de praia de Anzio para

demitir Lucas do comando do 6º Corpo e substituí-lo por Truscott. É irônico que a decisão tenha sido tomada justamente quando a batalha começava a favorecer os Aliados. Churchill estava em descompasso quando fez o famoso comentário sobre Anzio uma semana depois em uma reunião dos chefes de Estados-Maiores em Londres: “Esperávamos desembarcar um tigre para estraçalhar as tripas dos alemães. Mas só conseguimos uma enorme baleia encalhada espirrando água com a cauda!”²¹

Em 29 de fevereiro, por ordens de Kesselring e do quartel-general do Führer, Mackensen lançou outro grande ataque. As baterias aliadas fizeram 66 mil disparos. Hitler estava ficando tão interessado na dúzia de quilômetros da cabeça de praia de Anzio quanto no front oriental. Mas recusou-se a reconhecer que as suas tropas não poderiam vencer sem suficiente munição e cobertura aérea, ao passo que os Aliados se fortaleciam cada vez mais no *Materialschlacht*, a batalha do material. Por sua parte, Kesselring compreendeu que haviam chegado a um ponto de inflexão na guerra. A Wehrmacht não podia continuar usando tropas e armamento por muito tempo contra um inimigo com reservas aparentemente inesgotáveis de poder de fogo. Em Anzio, três quartos das suas perdas haviam sido provocadas por explosões de granadas.

Em 15 de fevereiro, todo o potencial destrutivo dos Aliados se abateu sobre Monte Cassino. Na noite anterior choveram folhetos sobre o antigo mosteiro advertindo os que se refugiavam lá que, para a sua própria segurança, saíssem o mais rápido possível. Contudo, em virtude de confusões e ceticismo, poucos partiram. O abade recusou-se a crer que os Aliados fossem capazes de ato semelhante. As Fortalezas Voadoras B-17 e ondas de B-25 Mitchells e B-26 Marauders se revezaram bombardeando o topo da montanha, enquanto toda artilharia do V Exército no vale Rapido dava a sua contribuição explosiva. Muitas centenas de refugiados foram mortos.

O plano de Freyberg deu errado por todos os lados. Ele só conseguiu lançar o ataque muito depois da partida dos bombardeiros. Ainda assim, não teve força suficiente e foi mal coordenado. O bombardeio aliado deu aos alemães o direito e a oportunidade de transformar o mosteiro parcialmente destruído em uma verdadeira fortaleza. E as tentativas aliadas de culpar os alemães, com falsas afirmativas de que eles haviam ocupado o mosteiro, foram firmemente negadas pelo abade em uma entrevista filmada com o general de blindados Fridolin von Senger und Etterlin, comandante do 14º Corpo Panzer.

A cidade de Cassino, agora defendida pela 1ª Divisão de Paraquedistas, tornou-se o principal objetivo de Freyberg, mas a decisão de atacar com a 2ª

Divisão Neozelandesa e a 4ª Divisão Indiana foi frustrada por uma chuva incessante. Eles precisavam do solo seco para passar com os tanques, mas tudo estava inundado. Quando a chuva parou, em 15 de março, a cidade foi atacada por bombardeiros e artilharia. Apesar das afirmações da tripulação dos bombardeiros da 15ª Força Aérea, não foi o seu melhor momento em termos de navegação e mira. Cinco outras cidades foram atingidas por engano; na verdade, os aviões americanos conseguiram bombardear todas as nacionalidades do seu lado — a divisão indiana, o quartel-general do VIII Exército, os recém-chegados poloneses e o quartel-general do general Juin — provocando 350 baixas aliadas e 75 civis.

Seguindo prática padronizada pelos germânicos quando um ataque importante era esperado, a cidade de Cassino foi mantida com apenas pequeno efetivo. O grosso dos paraquedistas foi retirado para uma segunda e uma terceira linhas de posições. O subsequente avanço das tropas de Freyberg não foi ajudado pelos destroços que bloqueavam as ruas e pelas enormes crateras. Os tanques Sherman não podiam progredir e, então, a despeito das encorajadoras previsões meteorológicas, as chuvas começaram de novo. Os paraquedistas alemães defenderam a cidade arruinada com uma habilidade mortal. Aos neozelandeses, que queriam vingar a derrota em Creta, certamente não faltava coragem e determinação, nem à divisão indiana, especialmente os 9º de Infantaria Gurka. Porém, para frustração de Clark, Freyberg ia no seu próprio ritmo, demonstrou não ter talento tático e errou obstinadamente. A batalha durou oito dias, e o Corpo de Freyberg perdeu o dobro de homens dos alemães. Destacamentos isolados, como os Gurkas, que haviam tomado as colinas com grande esforço, foram chamados de volta. Todo o corpo recuou golpeado, amargurado e desanimado.

Entrementes, em Anzio, a natureza infundável da guerra na Itália continuava com as forças aliadas no perímetro da cabeça de praia já então com quase 100 mil homens, mantendo a paridade com os alemães. Contudo, esta frente de batalha selvagem havia mergulhado em uma rotina disfarçada pelas escaramuças noturnas das patrulhas de combate. Os soldados semeavam vegetais e compravam animais de criação das famílias italianas evacuadas que estavam de partida. As tropas entediadas apostavam em qualquer coisa, da corrida de besouros ao beisebol. O empreendedorismo americano floresceu com a venda de bebidas alcoólicas de alambiques improvisados. “Contrabandistas do 133º de Infantaria misturaram 22 quilos de passas fermentadas e uma pitada de baunilha para criar ‘Bêbado em Paris’.”²² Os soldados britânicos capturavam ratos em

sacos de areia e os lançavam sobre as trincheiras alemãs. Os casos de ferimentos autoprovocados eram preocupantemente altos, ao que parece mais devido ao medo antecipado que ao medo imediato. Os psiquiatras observaram que a fadiga de combate aumentava nas cabeças de praia e cabeças de ponte cercadas. Ela só diminuía drasticamente quando começava a guerra de movimento.

Em 23 de março, quando a luta por Cassino estava no auge, guerrilheiros italianos em Roma emboscaram um destacamento da polícia alemã que marchava pela cidade. Irado, Hitler ordenou represálias, dez execuções por alemão morto. Kappler, chefe da SS em Roma, escolheu 335 reféns para serem executados no dia seguinte nas Fossas Ardeatinas, na periferia da cidade. A caçada aos judeus comandada por Kappler foi bem-sucedida e 1.259 detidos foram enviados a Auschwitz. A maior parte deles se escondera com a ajuda de italianos, inclusive da Igreja Católica, embora o papa não tivesse se manifestado contra a perseguição.

Do outro lado do Adriático, as represálias alemãs na Iugoslávia ficaram mais brutais. Himmler havia autorizado o recrutamento de muçulmanos bósnios para a 13ª Divisão SS de Montanha *Handschar* para lutar contra os guerrilheiros de Tito, que lhes eram apresentados como os odiados sérvios. Eles usavam um feio cinza com a caveira da SS. Na verdade, cada vez mais a guerrilha era composta por todas as nacionalidades iugoslavas, e o quase exclusivamente sérvio Četniks do general Mihailovic passara a evitar o confronto com os alemães após as represálias assombrosas de outubro de 1941. As forças comunistas de Tito, por sua vez, não tinham escrúpulos em intensificar o conflito, contando com as atrocidades alemãs para inchar os seus números. Quando ficou claro para os britânicos que os Četniks estavam recuando, a SOE retirou a sua missão militar e aumentou o apoio às brigadas de Tito. Suprimentos das bases da SOE em Bari foram enviados por avião, e em 2 de março de 1944 ataques aéreos a alvos na Iugoslávia partiram dos aeródromos de Foggia.

Quando o bombardeio aliado na Alemanha se intensificou, Hitler quis se vingar e infligir terror em Londres, mas a maioria dos alemães comuns estava deprimida com as arengas nazistas. Queriam proteção dos bombardeios e ouvir uma mensagem de esperança sobre o fim da guerra. Só pessoas leais ao partido usavam a saudação “*Heil Hitler!*”. A derrubada de Mussolini na Itália semeou a esperança em muitas mentes alemãs, mas os dois regimes e o poder que detinham eram polos à parte. Para garantir o controle nazista sobre a Alemanha, Hitler designou Heinrich Himmler, o *Reichsführer*-SS, também para o Ministério do Interior. Porém, para desalento de Goebbels, Hitler se afastara ainda mais do

povo alemão e continuava se recusando a visitar civis bombardeados e soldados feridos.

Consciente ou inconscientemente, Hitler se assegurou de que não existisse nenhum caminho de volta. Não havia alternativa além da vitória ou a destruição total. Depois de prometer a inevitabilidade da vitória nazista, agora ele podia ameaçar despudoradamente com o horror da derrota, sem ao menos admitir que algo havia mudado ou que ele fosse de alguma forma responsável por aquela situação catastrófica. Diante dos reveses recentes no norte da África, Hitler culpou os franceses traiçoeiros, os ainda mais traiçoeiros italianos e os generais reacionários na Wehrmacht que careciam da fé nazista e não haviam obedecido as suas ordens.

Nos seus raros momentos de lucidez, parecia que Hitler conseguia visualizar o final da guerra. Ao menos ele foi consistente na visão social-darwinista de que o poder sempre tem razão. Depois do desastre em Stalingrado ele começou a aplicar esta noção aos seus conterrâneos. Disse a Goebbels que “se o povo alemão demonstrar fraqueza merece ser eliminado por outro povo mais forte; não poderíamos ser solidários com ele”.²³ Ele retornaria a esta questão com a proximidade da queda do Reich.

A Ofensiva Soviética na Primavera

JANEIRO-ABRIL DE 1944

Em 4 de janeiro de 1944, o marechal de campo Von Manstein voou ao Wolfsschanze a fim de chamar atenção para o grande perigo que corria o Grupo de Exércitos do Sul. O IV Exército Panzer, entre Vinnitsa e Berdichev, podia ser destruído. Isto deixaria uma brecha enorme entre as suas forças e o Grupo de Exércitos do Centro. A única solução era trazer tropas de volta da Crimeia e da curva do Dnieper.

Hitler recusou-se a considerar a questão. Abandonar a Crimeia seria arriscar perder o apoio da Romênia e da Bulgária, e ele não podia retirar forças do norte, pois isto encorajaria os finlandeses a sair da guerra. Ele afirmou que havia tantos desacordos entre os inimigos que a aliança desmoronaria. Só o general Kurt Zeitzler, chefe do Estado-Maior do Exército, estava com os dois homens. Hitler percebia claramente o que estava por vir e não estava satisfeito.

Manstein voltou a pedir a Hitler que lhe entregasse o comando do front oriental. Considerando a recusa constante do quartel-general do Führer em permitir a retirada até o momento em que já era tarde demais, Manstein ressaltou que alguns dos problemas que enfrentavam provinham do modo como eram comandados. “Nem eu consigo que os marechais de campo me obedeçam!”, respondeu Hitler com uma fúria gélida. “Você imagina, por exemplo, que eles lhe obedeceriam mais prontamente?” Manstein retrucou que as suas ordens não eram desobedecidas. Ele havia ganhado a disputa, mas Hitler encerrou a reunião abruptamente.¹ Esperto demais para o gosto do Führer, o único que Manstein conseguiu foi despertar a desconfiança profunda de Hitler. Os seus dias como comandante em chefe estavam contados.

Em janeiro de 1944, após perder 4,2 milhões de homens, as Forças Armadas alemãs estavam no ponto mais alto da mobilização, com 9,5 milhões vestindo o seu uniforme.² Pouco menos de 2,5 milhões estavam no front oriental, apoiados por uns 700 mil soldados aliados, um pouco mais do que na Operação

Barbarossa, dois anos e meio antes. Mas os números eram enganosos. O exército alemão era uma organização muito diferente da que iniciara a invasão. Na média, perdia o equivalente a um regimento por dia, e muitos dos melhores novos oficiais e graduados morriam lutando.³ Os efetivos eram mantidos elevados pelo recrutamento forçado de poloneses, alsacianos e *Volksdeutsch* para o exército e a *Waffen-SS*. Entre 10 e 20% da força de uma divisão consistia em *Hiwis* e trabalhadores forçados. A outra grande diferença era que o exército alemão já não contava com o apoio eficaz da *Luftwaffe*, que em grande parte havia sido deslocada para defender o Reich do bombardeio aliado.

O Exército Vermelho mobilizou 6,4 milhões de homens, quase todos para o front oriental, e também desfrutava de uma superioridade massiva em tanques, canhões e aviões. Contudo, até a União Soviética estava sofrendo com uma crise de mão de obra após as perdas assombrosas dos dois anos anteriores e da mobilização maciça para a indústria bélica. Muitas divisões de infantaria estavam reduzidas a 2 mil homens ou menos. No entanto, o Exército Vermelho era uma organização incomparavelmente mais profissional e eficaz do que nos desastres de 1941.⁴ O medo asfixiante da mão pesada do NKVD fora substituído por um maior senso de iniciativa e até de experimentação. Na primeira metade de 1944, as prioridades soviéticas eram claras. Fazer os alemães se retirarem de Leningrado, reocupar a Bielorrússia e libertar o resto da Ucrânia.

Após a bem-sucedida operação Jitomir-Berdichev, a cargo da Primeira Frente Ucraniana, que revidou todos os contra-ataques de Manstein, o marechal Jukov, representante do Stavka, pretendia destruir o forte saliente alemão no Dnieper, em volta de Korsun. Em 24 de janeiro, os 11º e 42º Corpos que Hitler não deixara Manstein retirar foram surpreendidos e isolados pelo V Exército Blindado de Guardas e o VI Exército Blindado da Segunda Frente Ucraniana de Konev. Decidido a resgatá-los depois do fracasso na missão de resgate em Stalingrado, Manstein reuniu quatro divisões panzer.

O grande rival de Jukov, o general Konev, também estava decidido a destruir as quatro divisões de infantaria e a 5ª Divisão SS de Granadeiros Panzer *Wiking* antes que recebessem ajuda. Konev, que segundo o filho de Beria tinha “olhinhos malvados, a cabeça raspada parecendo uma abóbora e uma expressão cheia de arrogância”,⁵ era absolutamente cruel. Ele ordenou a 2ª Força Aérea que o apoiava que despejasse bombas incendiárias em todos os prédios de madeira das cidades e aldeias do que havia se tornado o bolsão de Cherkassy.⁶ Isto forçaria as tropas alemãs subnutridas a sair e enfrentar o frio amargo.

Em 17 de fevereiro as tropas cercadas tentaram romper o sítio, lutando na neve profunda. Konev estava pronto e lançou a armadilha. Com as suas lagartas largas, os T-34 enfrentavam as nevascas. Suas guarnições perseguiram os

fuzileiros alemães enfraquecidos, esmagando-os sob as lagartas. Depois a cavalaria atacou nos pôneis cossacos e com os sabres decepou os braços alçados dos que tentavam se render. Diz-se que mais de 20 mil alemães morreram lá só naquele dia. Stalin ficou tão impressionado com a vingança de Konev que o promoveu a marechal. Vatutin também poderia ter sido promovido se não tivesse sido emboscado por nacionalistas ucranianos em 28 de fevereiro e sido mortalmente ferido. Jukov assumiu o comando da Primeira Frente Ucraniana e prosseguiu o ataque ao flanco norte do Grupo de Exércitos do Sul, enquanto a Terceira Frente Ucraniana de Malinovsky e a Quarta Frente Ucraniana de Tolbukhin esmagavam ou faziam as forças alemãs recuarem na curva do Dnieper.

Hitler estava cada vez mais relutante em pensar na retirada de Leningrado. Já não havia esperanças de destruir o “berço do bolchevismo”, mas ele temia que isto desse aos finlandeses a desculpa que queriam para fazer as pazes com a União Soviética. Os soldados não conseguiam compreender por que estavam sendo mantidos naqueles pântanos, principalmente diante dos rumores de que o Exército Vermelho tinha feito grandes avanços no sul.

À espera de um grande ataque, as autoridades militares alemãs empurraram a população civil no norte da Rússia mais para a retaguarda, para evitar que o Exército Vermelho a recrutasse. “O nosso carro passou pelo corpo de uma mulher que jazia na neve”, escreveu Godfrey Blunden perto de Velikie Luki. “O motorista não parou. Estas coisas são comuns perto da zona de guerra russa. A mulher que provavelmente caíra para fora da formação ao ser levada para a Alemanha havia levado um tiro ou morrera de frio. Quem saberá quem era ela? Era só uma entre muitos milhões de russos.”⁷

Em 14 de janeiro de 1944, as Frentes de Leningrado, de Volkhov e a Segunda do Báltico começaram uma série de ataques para romper completamente o cerco. Nos dois meses anteriores, a Frente de Leningrado havia despachado secretamente o II Exército de Choque à noite para a cabeça de ponte Oranienbaum, na costa báltica, a oeste da cidade. Depois, quando o golfo da Finlândia ficou duro de gelo, mais 22 mil soldados, 140 tanques e 380 canhões cruzaram até o bolsão.⁸

Em uma névoa densa e congelante, o Exército Vermelho e a Esquadra do Báltico começaram um bombardeio excepcionalmente pesado, com 21.600 canhões e 1.500 baterias de foguetes Katyushas. O tremor de 220 mil disparos em 100 minutos foi tão grande que o reboco caiu dos tetos em Leningrado, a 20 quilômetros de distância. “Os foguetes levantavam uma parede de terra, fumaça

e poeira com centelhas por dentro”,⁹ escreveu um artilheiro. O ataque que partiu da cabeça de ponte de Oranienbaum foi acompanhado de outro, das colinas de Pulkovo, no flanco sudoeste da cidade. O coronel-general Georg Küchler, o comandante em chefe do Grupo de Exércitos do Norte, não esperava ataques tão habilidosamente coordenados. Mas os alemães revidaram com o profissionalismo de sempre. Protegido em uma posição de tiro bem construída, um canhão de 88 mm atingiu um tanque soviético após o outro. A infantaria soviética que avançava podia sentir o odor da carne calcinada dos que estavam dentro dos blindados.

Eles não encontraram civis nas aldeias, pois haviam sido evacuados para trás das linhas alemãs. O avanço prosseguiu em direção a Pushkin (Tsarskoe Selo) e Peterhof. Os cadáveres alemães, de cara na neve, haviam sido esmagados pelas lagartas dos T-34 que avançavam. Alguns soldados cantavam enquanto marchavam, outros rezavam. “Percebi que estava tentando recordar orações que aprendi quando era criança”, registrou um oficial, “mas não me lembrava de nenhuma.”¹⁰ Ao chegarem a Gatchina, descobriram que o lugar estava “coberto de merda”. Os alemães que ocuparam o lugar não se preocuparam em ir para fora no frio. O correspondente britânico Alexander Werth, contudo, afirmou que os soldados do Exército Vermelho ficaram furiosos ao descobrirem que parte do palácio de Gatchina havia sido usado como um bordel para os oficiais alemães.¹¹

Na manhã de 22 de janeiro, o general Küchler voou até o Wolfsschanze a fim de pedir permissão a Hitler para recuar de Pushkin, um gesto sem sentido, pois era impossível deter a retirada. No dia seguinte, a última granada alemã caiu em Leningrado. Em 27 de janeiro de 1944, após 880 dias, o cerco foi realmente rompido. Saudações vitoriosas foram disparadas na cidade, mas as comemorações foram ensombrecidas pelas recordações dos que haviam morrido. O sentimento predominante entre a maior parte das pessoas era de culpa por ter sobrevivido.

Entre as tropas da linha de frente, o desejo de vingança era forte. Vasily Churkin conta em seu diário que ao entrarem em Vyritsa “pegamos quatro adolescentes russos vestindo uniformes alemães. Eles foram imediatamente mortos, tanto era o ódio de tudo o que fosse alemão. Mas os meninos eram inocentes. Os alemães os haviam usado como carroceiros na retaguarda. Eles receberam sobretudos e foram obrigados a usá-los”.¹²

Em pouco tempo Hitler demitiu Küchler e substituiu-o pelo marechal de campo Model, o seu comandante favorito nas crises, mas isto não impediu o avanço soviético, que se estendia por 200 quilômetros. Formações estrangeiras da *Waffen-SS*, inclusive a Légion Wallonie comandada por Léon Degrelle, foram trazidas de Narva. Mais para o sul, a linha de frente central na Bielorrússia

permaneceu estável nos primeiros meses de 1944. Mas a campanha alemã contra os guerrilheiros na Bielorrússia foi tão selvagem quanto qualquer batalha na frente. O IX Exército alemão expulsou 50 mil civis soviéticos considerados inadequados ao trabalho para a terra de ninguém, o que equivalia à sentença de morte.¹³

Na Ucrânia, o exército alemão continuava a ser golpeado, sem tempo de se recuperar entre uma ofensiva e a seguinte. Em 4 de março, a Primeira Frente Ucraniana de Jukov esmagou a linha alemã com dois exércitos blindados e rumou para a fronteira romena. Outro exército blindado cruzou o Dniester e avançou para o nordeste da Romênia.

Em 22 de fevereiro, Hitler deixou o Wolfsschanze no leste da Prússia enquanto bunkers de concreto eram construídos, já que o seu quartel-general estava ao alcance da aviação soviética. Ele mudou-se para o Berghof, que por acaso também estava mais perto dos aliados dos Bálcãs, dos quais cada vez menos ele podia depender. No início de março, ele decidiu enfrentar o problema da “traição” húngara, ao saber que o almirante Horthy havia sondado os Aliados. Hitler pretendia tomar o país, manter Horthy em custódia e lidar com os judeus húngaros.

Em 18 de março, Horthy chegou a Schloss Klessheim acompanhado de figuras proeminentes do seu governo. Ele e o seu entourage pensavam que haviam sido convocados para discutir o pedido que haviam feito da transferência das forças húngaras do front oriental para defender a fronteira dos Cárpatos contra o Exército Vermelho. Mas Hitler limitou-se a apresentar um ultimato a Horthy. Este, apesar de indignado com as ameaças diretas, inclusive contra a sua família, não teve opção. Regressou de trem a Budapeste como prisioneiro na companhia do *Obergruppenführer* SS Ernest Kaltenbrunner, chefe da RSHA. Um governo títere foi instalado no dia seguinte e as forças alemãs entraram no país. Foram imediatamente seguidas pelos “especialistas” de Eichmann, prontos para arrebatar os 750 mil judeus húngaros e enviá-los a Auschwitz.

Em 19 de março, quando as tropas alemãs entraram em Budapeste, Hitler realizou uma cerimônia bizarra no Berghof. Todos os marechais de campo da Wehrmacht foram convocados para declararem a sua lealdade. O decano deles, Von Rundstedt, começou lendo uma declaração que todos haviam assinado. Hitler pareceu comovido com aquela representação totalmente artificial, o que deixou os marechais de campo preocupados com a sua saúde mental.

Hitler e Goebbels estavam cada vez mais inquietos com a propaganda “antifascista” que emanava da Liga de Oficiais Alemães. Este grupo de

prisioneiros proeminentes na União Soviética, manipulados pelo NKVD, era liderado pelo general de artilharia Walther von Seydlitz-Kurzbach e outros oficiais de altas patentes capturados em Stalingrado.¹⁴ Seydlitz, agora um antinazista virulento, propusera em setembro ao NKVD a criação de um corpo com 30 mil prisioneiros de guerra alemães que poderiam ser levados à Alemanha para derrubar Hitler. Ao ser informado disto, Beria suspeitou, equivocadamente, que se tratava de um plano elaborado e ambicioso de fuga em massa.

Os votos cerimoniais de lealdade dos marechais de campo pareceram ainda menos convincentes em 30 de março, quando Manstein, do Grupo de Exércitos do Sul, e Kleist, do Grupo de Exércitos do Centro, foram levados ao Berghof para serem dispensados dos seus postos. O seu crime fora pedir permissão para recuar as suas forças de modo a evitar outro cerco.

Uma semana depois, as forças alemãs e romenas encurraladas na Crimeia pela Quarta Frente Ucraniana foram forçadas a recuar após um ataque devastador no istmo de Perekop. Em 10 de abril, as tropas germânicas em Odessa tiveram de escapar pelo mar. E pouco mais de um mês depois os últimos 25 mil soldados alemães e romenos deixados em Sebastopol tiveram de se render. Agora, a Wehrmacht havia sido varrida da costa do mar Negro aos Alagadiços de Pripet, na beira da Polônia. Ao sul, o Exército Vermelho havia recuperado quase todo o território soviético e entrado em território estrangeiro. Ao norte, a Frente de Leningrado havia chegado à fronteira estoniana. Para Stalin, o próximo objetivo estava claro. Se o plano do Stavka de isolar todo o Grupo de Exércitos do Centro na Bielorrússia funcionasse, seria a maior vitória da guerra, principalmente se fosse coordenada para coincidir com a invasão aliada da Normandia.

À noite, os Lancasters da RAF continuavam a atacar Berlim na original “Segunda Frente” britânica, embora a um custo muito alto em bombardeiros e tripulações. Göring não se apresentou mais em público. Hitler estava desesperado com o fracasso da Luftwaffe em se vingar da Inglaterra, mas não conseguia demitir o velho camarada. Mas o plano do marechal do ar Harris de “destruir Berlim de ponta a ponta” para ganhar a guerra continuava sendo fruto da sua imaginação obstinada. A destruição provocada por esta Batalha de Berlim foi imensa, mas a cidade não ardeu.

Os ataques da força aérea americana e da RAF chegaram ao ápice da “Grande Semana” no final de fevereiro de 1944. Escoltas de longo alcance de caças Mustang reduziram drasticamente as perdas americanas quando os seus bombardeiros pesados atacaram depósitos de combustíveis e aviões em Regensburg, Fürth, Graz, Steyr, Gotha, Schweinfurt, Augsburg, Aschersleben,

Bremen e Rostock. Os chefes da força aérea em Washington haviam levado muito tempo para aceitar que a sua doutrina de bombardeios diários sem escolta havia falhado, mas com o Mustang e o seu motor Rolls-Royce eles por fim tinham a máquina para fazê-la funcionar. A nova tática contribuiu também para o necessário enfraquecimento da Luftwaffe antes da Operação Overlord.

Apesar da campanha de bombardeio dos Aliados, a produção de aviões alemã aumentou, embora às vezes funcionasse em fábricas dentro de túneis. Mas as batalhas aéreas haviam deixado a Luftwaffe com poucos pilotos experientes. Os noviços passaram às pressas pelas escolas de pilotagem devido à escassez de combustível e foram enviados direto aos esquadrões das frentes, onde eram alvos fáceis para os pilotos aliados. Assim como a Marinha Imperial japonesa, a Luftwaffe não conseguiu enviar de volta os seus melhores pilotos para serem instrutores de voo e combate aéreo. Em vez disso, os mantiveram em um ciclo incessante de voos até ficarem exaustos e cometerem erros fatais. Quando a invasão aliada ocorreu em junho, a Luftwaffe era uma força exaurida.

O Pacífico, a China e a Birmânia

1944

Em novembro de 1943, depois de tomar as ilhas Tarawa e Makin e de digerir as lições, Nimitz começou a planejar a tomada das ilhas Marshall, ao norte. O seu primeiro objetivo era o Atol Kwajalein, no centro. Alguns comandantes estavam preocupados com o número de bases aéreas japonesas na área, mas ele foi inflexível.

O equilíbrio de poder no Pacífico mudara decisivamente a favor da marinha americana. O surpreendente programa de construção de navios dos EUA excedeu em muito aquilo que o falecido almirante Yamamoto temera antes de atacar Pearl Harbor. O país também provou ser capaz de se equiparar e superar os japoneses em tecnologia aeronáutica. A Marinha Imperial japonesa havia começado a guerra com um caça muito superior, o Zero, mas não conseguiu modernizá-lo o bastante. Por outro lado, a marinha dos EUA trouxe novos aviões, especialmente o Grumman F6F Hellcat, e experimentava novas técnicas continuamente.

Em 31 de janeiro de 1944, a Força-Tarefa 58 do contra-almirante Marc A. Mitscher, com 12 porta-aviões rápidos e oito novos encouraçados, avançou na direção das ilhas Marshall muito à frente da força invasora. Os seus 650 aviões destruíram quase todas as aeronaves japonesas em ataques preventivos e os navios de guerra bombardearam as pistas de pouso. Os americanos também prepararam um bombardeio naval muito mais longo e intenso e introduziram no combate tanques anfíbios com melhor blindagem. Em consequência, os desembarques em Kwajalein e ao redor, iniciados em 1º de fevereiro, tiveram bons resultados com uma quantidade muito menor de mortes — apenas 334 homens, comparada aos 1.056 mortos em Tarawa.

Encorajado pela operação em Kwajalein, o almirante Nimitz decidiu avançar e tomar o Atol Eniwetok, quase 650 a oeste. Ele usou novamente o porta-aviões rápido para eliminar quaisquer ameaças aéreas japonesas. No caso de Eniwetok, elas poderiam vir da grande base aeronaval nipônica em Truk, a 1.240 quilômetros a oeste nas ilhas Carolinas. O almirante Mitscher levou nove porta-aviões e, quando em distância adequada, lançou uma onda após a outra de caças e bombardeiros de mergulho. Em 36 horas, os pilotos da marinha americana destruíram duzentos aviões em terra e, junto com os navios de superfície,

afundaram 48 embarcações japonesas, somando mais de 200 mil toneladas. A Frota Combinada japonesa nunca mais usaria a Truk, e Eniwetok e as ilhas vizinhas foram conquistadas.

O general MacArthur, o vice-rei do sudoeste do Pacífico baseado em Brisbane, estava montando as suas forças gradualmente para cumprir a promessa de retomar as Filipinas. No final do ano ele acumularia sob o seu comando o VI e o VIII Exércitos, a 5ª Força Aérea e a 7ª Esquadra, que ficou conhecida como “a Marinha de MacArthur”.

Justificadamente, ele suspeitava que embora a política oficial fosse dar a mesma prioridade ao seu avanço nas Filipinas que ao de Nimitz no centro do Pacífico, a marinha americana certamente venceria. A sua estratégia de avançar sobre o Japão saltando por grupos de ilhas era agora fortemente apoiada por “Hap” Arnold, comandante da força aérea. Quando entrasse em operação a nova Superfortaleza B-29, com um alcance de bombardeio de 2.400 quilômetros, eles poderiam atacar o Japão diretamente das ilhas Marianas.

MacArthur não tinha opção a não ser seguir avançando para o oeste ao longo da costa norte da Nova Guiné, na esperança de que os comandantes alocassem os recursos de que precisava para começar a reconquista das Filipinas. Contudo, ele subitamente decidiu tomar as Ilhas Admiralty, 240 quilômetros ao norte, antes do previsto. O reconhecimento aéreo indicava que o aeródromo japonês havia sido abandonado. Era um empreendimento tremendamente arriscado, principalmente com uma pequena força invasora, mas valeu a pena. Os japoneses foram forçados a abandonar a defesa de Madang na costa norte da Nova Guiné e os navios de guerra americanos agora podiam usar a enorme baía natural das Ilhas Admiralty e cortar a linha de suprimentos japonesa da Nova Guiné.

As divisões do exército recém-chegadas demoraram para se adaptar ao combate nas ilhas do Pacífico. As sentinelas se assustavam com os ruídos noturnos da selva ou reagiam de modo exagerado às táticas japonesas para assustá-las, o que às vezes criava um caos. Tropas da 24ª Divisão que vigiavam o quartel-general do 1º Corpo do tenente-general Robert Eichelberger em Hollandia, no extremo oeste da Nova Guiné, chegaram inclusive a se enfrentar entre si, disparar metralhadoras e atirar granadas, quando não havia japoneses por perto. Eichelberger descreveu aquilo como “uma exibição vergonhosa”, mas a disciplina de tiro continuou sendo um conceito estranho para muitas unidades americanas, apesar das reclamações constantes dos oficiais de altas patentes sobre os “tiroteios promíscuos”.¹

Chiang Kai-shek estava dolorosamente consciente de que as estratégias gêmeas de MacArthur e da marinha americana tornavam o seu país ainda mais remoto. Após a conferência de Teerã ele descobrira que a Operação Buccaneer, o plano de desembarques na baía de Bengala, fora cancelada porque as viaturas anfíbias eram necessárias na Overlord. O principal interesse da Junta de Chefes de Estados-Maiores em Washington na China era usá-la como um porta-aviões impossível de afundar de onde se pudesse atingir o Japão. E mesmo este papel perderia muita importância com a captura das ilhas Marianas e a construção de bases aéreas para as Superfortalezas B-29.

Chiang também suspeitava que, enquanto os Aliados se ocupavam com a invasão da França, os japoneses lançariam uma grande ofensiva contra ele antes que os Estados Unidos pudessem deslocar forças da Europa para o Extremo Oriente. Ele alertou Roosevelt para isto em uma mensagem em 1º de janeiro de 1944.² O general Stilwell também estava preocupado com a nova tentativa japonesa de destruir bases americanas na China após a ofensiva de Chekiang-Kiangsi, no ano anterior. Mas seus planos de modernizar o exército chinês passaram para o segundo plano. Os japoneses eram particularmente provocados pelos ataques da 14ª Força Aérea americana ao aeródromo naval de Hsinchu, em Formosa, seguido de bombardeios contra as ilhas que constituíam seu país.

Americanos e britânicos ignoraram alertas sobre uma grande retaliação japonesa, em parte porque o generalíssimo os havia antes enganado com falsos alarmes, mas principalmente porque a análise da inteligência estava profundamente equivocada. Eles pensavam que o Exército Imperial japonês seria incapaz de empreender uma campanha importante e chegaram a supor que o país começaria a retirar tropas da China para reforçar as Filipinas.

Na verdade, o quartel-general Imperial já havia aprovado os planos da Ofensiva Ichigō no sul da China, com meio milhão de homens, e da Operação Ugō, que atacaria a Índia partindo do norte da Birmânia com 85 mil combatentes. Na primeira metade de 1943, a divisão de operações no quartel-general Imperial trabalhara no “Plano Estratégico de Longo Alcance”.³ Este plano reconhecia tacitamente que o Japão não poderia vencer a supremacia naval americana no Pacífico. Em vez disto, relançaria uma guerra continental para destruir as forças nacionalistas chinesas.

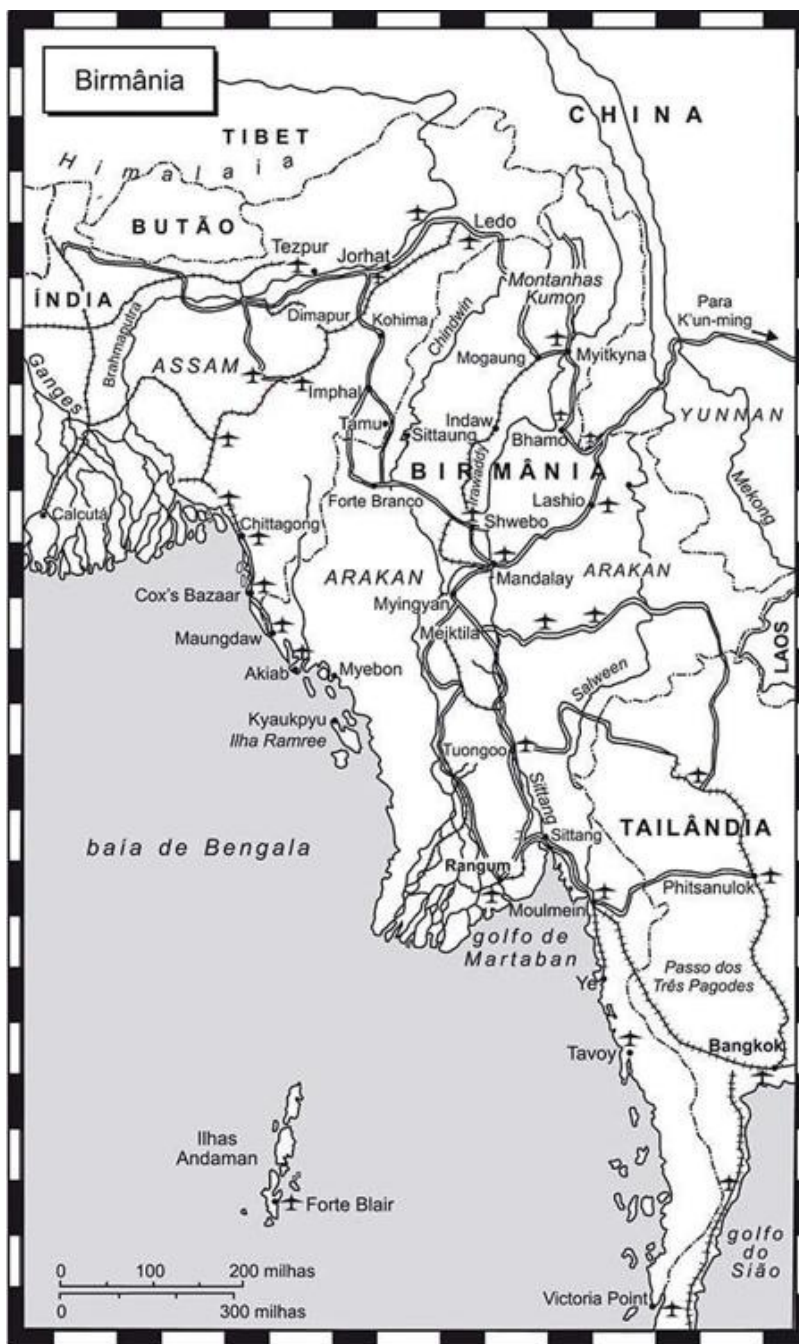
O imperador Hiroito queria uma grande vitória que, ele acreditava, permitiria ao Japão negociar uma paz favorável com as potências ocidentais. O general Okamura Yasuji, comandante em chefe na China, por sua vez, pensava que a Ofensiva Ichigō seria a única chance que teriam de destruir os nacionalistas antes que os americanos desembarcassem em massa na costa sudoeste da China, em 1945. Os dois principais objetivos da Ofensiva Ichigō determinados pelo

Quartel-General Imperial eram destruir os campos de pouso americanos na China e, mediante “uma operação de limpeza em terra”,⁴ fazer a junção dos exércitos japoneses na China com os desdobrados no Vietnã, na Tailândia e na Malásia.

Em 24 de janeiro, o general Tōjō restringiu o objetivo à destruição dos aeródromos americanos e o Imperador deu o seu consentimento. Mas a ideia de assegurar um corredor da Manchúria atravessando a China até a Indochina, a Tailândia e a Malásia ainda era prioritária no pensamento do Estado-Maior. A supremacia aérea americana no mar da China Meridional, combinada aos ataques dos seus submarinos, ameaçava cortar as conexões marítimas. Portanto, uma rota por terra era considerada vital.

Na Birmânia, cada lado preparava a sua ofensiva. O tenente-general Mutagachi Renya, comandante do XV Exército japonês na Birmânia, estava obcecado em invadir a Índia com 156 mil homens. Outros oficiais de altas patentes japoneses, principalmente os do XXXIII Exército no nordeste da Birmânia, estavam bastante céticos. Queriam atacar os nacionalistas chineses através do rio Salween e destruir a base aérea americana em K'un-ming.

Os britânicos tendem a encarar a campanha da Birmânia de 1944 como uma das colunas Chindit embrenhadas na floresta, e as batalhas defensivas em Imphal e Kohima, sob a liderança de Slim, como atos de bravura que transformaram a derrota em vitória. Os americanos, quando chegam a pensar na Birmânia, criam imagens de “Joe Vinagre” Stilwell e dos Saqueadores de Merrill. Para os chineses, foi a campanha Yunnan-norte da Birmânia. As suas melhores divisões tiveram um papel importante lá, quando deviam ter sido usadas na defesa do sul da China contra a Ofensiva Ichigō, que destruiu o poder dos nacionalistas e ajudou os comunistas a ganharem a guerra civil que se aproximava.



Em 9 de janeiro, tropas indianas e britânicas do XIV Exército tomaram Maungdaw depois de descer pela costa de Arakan. Mais uma vez, queriam tomar a ilha de Akyab e o seu aeródromo, mas novamente foram forçadas a recuar quando a 55ª Divisão japonesa ameaçou isolá-las. Enquanto isso, Stilwell avançava para o nordeste da Birmânia com as divisões chinesas na Força X, que havia sido treinada e equipada na Índia pelos americanos. O plano era tomar o centro de comunicações de Myitkyna e o campo de pouso. Os Aliados queriam eliminar a base aérea japonesa porque os seus aviões ameaçavam a rota mais

direta para a China sobrevoando o Himalaia. Quando Myitkyna fosse tomada a estrada de Ledo poderia ser unida à estrada da Birmânia e voltar a ser uma rota terrestre para K'un-ming e Chungking. O avanço das divisões chinesas da Força X para o sul também visava à reunião com a Força Expedicionária da China, geralmente conhecida como Força Y, que atacava a Birmânia a partir de Yunnan pelo rio Salween.

A Força Y tinha pouco menos de 90 mil homens, menos da metade da força programada. O motivo era a escassez de armas e equipamentos. A 14ª Força Aérea de Chennault ficou com a maior parte dos suprimentos aerotransportados sobre o Himalaia e, como havia complementos frequentes nas entregas planejadas de 7 mil toneladas ao mês, as divisões chinesas receberam pouco. Stilwell comparou a tarefa de rearmá-los a “tentar adubar um campo de 40 mil metros quadrados com excremento de pardal”.⁵ As relações entre Chennault e Stilwell haviam se deteriorado ainda mais. O primeiro, tentando justificar a prioridade dos seus suprimentos, alegou que os seus aviões haviam afundado 40 mil toneladas de navios japoneses no verão de 1943, quando na verdade foram pouco mais de três mil.⁶

O comando de Stilwell no nordeste fora fortalecido com a única formação de combate americana no continente asiático. Tratava-se do 5307º Regimento Provisório, com o codinome Galahad, apelidado por um jornalista de “Saqueadores de Merrill”, em referência ao seu comandante, o brigadeiro-general Frank Merrill. O Estado-Maior em Washington ficara tão impressionado com Orde Wingate que autorizara uma versão americana dos Chindits. Membros leais de uma tribo das terras altas do nordeste conhecida como Rangers Kachin fizeram o reconhecimento para eles, assim como haviam feito para as tropas imperiais britânicas.

As forças de Stilwell empurraram para trás a experiente 18ª Divisão japonesa no Vale Hukawng, mas não conseguiram encurralá-la. Contudo, a retirada japonesa se acelerou quando, em 5 de março, os Chindits de Wingate desceram em planadores bem ao sul e interromperam a ferrovia para a base e o aeródromo japoneses em Myitkyna. A Operação Thursday (Quinta-Feira) foi a ofensiva de penetração mais ambiciosa da guerra no Extremo Oriente. Ela foi mais bem preparada e apoiada que a primeira incursão dos Chindits por trás das linhas japonesas.

A 16ª Brigada comandada pelo brigadeiro Bernard Fergusson fez uma marcha “muito tediosa”⁷ de Ledo a Indaw. Foram 360 quilômetros em linha reta, mas nunca havia uma linha reta sobre montanhas altas e a selva densa, onde raramente viam o céu. Um trecho de 55 quilômetros levou sete dias. As chuvas tropicais significavam que os rios e arroios enchiam e os Chindits “ficavam

molhados durante semanas”. Fergusson observou que “4 mil homens e setecentos animais formavam uma fileira que se estendia por 104 quilômetros de ponta a ponta, avançando dois a dois porque as sendas e trilhas não eram suficientemente largas”.

Outras duas brigadas e dois batalhões foram transportados em planadores e C-47 quando os aeródromos foram abertos na selva. Isto foi feito com escavadeiras leves transportadas em grandes planadores Waco americanos. As mulas, canhões 25-pounder, canhões antiaéreos Bofors e todo o resto do equipamento pesado também chegaram por via aérea. Foi preciso matar uma mula agitada em um avião de transporte C-47, mas a maioria das baixas ocorreu na primeira leva com a queda dos planadores. Os planadores danificados eram empurrados para a lateral da pista de pouso por uma escavadeira e deixados lá com os corpos apodrecendo no interior, porque não havia tempo para enterrá-los. Para os recém-chegados, o fedor não era muito estimulante.

Quando as pistas estavam prontas, os perímetros das bases na selva foram protegidos com arame farpado e posições defensivas eram organizadas para os inevitáveis contra-ataques japoneses. Um oficial de Estado-Maior do QG da brigada comentou que “era extraordinário aterrissar em território inimigo à noite em um Dakota, em uma pista iluminada por balizas”.⁸ Os ataques japoneses tornaram-se suicidamente metódicos, porque quase sempre vinham do mesmo ponto e à mesma hora. Independentemente de quantos homens morriam, eles por orgulho continuavam tentando uma e outra vez. Os metralhadores os ceifavam contra o arame e os cadáveres lá dependurados atraíam enxames de moscas.

Em pouco tempo, os Hurricanes da RAF começaram a operar a partir de Boradway, a base maior. Em 24 de março, um B-25 americano aterrissou trazendo Wingate. Dois correspondentes de guerra americanos pediram carona quando ele estava de partida e ele os levou, apesar dos protestos do piloto porque o avião estava sobrecarregado. Ele caiu na selva e todos a bordo morreram.

No nordeste, exausta, enferma e subnutrida, a Força Galahad avançava em condições desastrosas para Myitkyina. As monções, sanguessugas, piolhos e as doenças tropicais de sempre, especialmente a malária — e até malária cerebral — cobravam o seu preço. O mesmo fizeram as infecções, a pneumonia e a meningite. Os mortos eram enterrados, mas em pouco tempo chacais desenterravam os corpos. Era quase impossível reabastecer os homens de Merrill por via aérea em um terreno repleto de vales profundos com matas de bambu impenetráveis e grama elefante, além dos espinhaços íngremes das montanhas Kumon, que se elevavam a 1.800 metros.

Os Chindits também estavam exaustos e famintos e muitos estavam doentes, mas desta vez, por estarem próximos à pista de pouso, podiam ser evacuados por

aviões leves junto com os feridos, e não abandonados como na incursão anterior. Os feridos graves que não podiam ser removidos recebiam “uma dose letal de morfina”⁹ ou um tiro de revólver para não caírem vivos nas mãos dos japoneses.

Quase todos estavam emaciados depois de viver à base de ração K, que simplesmente não fornecia calorias suficientes. A exaustão e o esforço eram tão grandes que no final houve muitas baixas psicológicas. “Víamos as pessoas indo ladeira abaixo”, comentou o oficial chefe do serviço médico da 111ª Brigada. “Alguns morriam dormindo. Os gurkhas eram os mais resistentes da nossa brigada. Os gurkhas têm uma criação muito rígida no Nepal e estão acostumados às dificuldades e aos desastres.”

Stilwell não tinha ideia do que os Chindits estavam fazendo e o que haviam conseguido isolando Myitkyina a partir do sul e do oeste. A ligação entre ele e os britânicos era quase inexistente e provocou fortes rancores. Obsessivamente anglofóbico, segundo um observador, ele parecia “estar lutando outra Guerra de Independência”.¹⁰

Enquanto as forças de Stilwell se esforçavam por chegar a Myitkyina, as batalhas decisivas da guerra na Birmânia ocorriam no noroeste. As ambições do general Mutagachi para o XV Exército não tinham limite. Ele fora encorajado por Subhas Chandra Bose a crer que com o chamado Exército Nacional Indiano, recrutado entre prisioneiros de guerra nos campos japoneses, o Raj britânico seria derrubado facilmente em uma “Marcha para Delhi”. Mas Mutagachi subestimou tremendamente os problemas logísticos que sua ofensiva com três divisões enfrentaria.

Ele baseou o seu plano primeiro na captura da base britânica bem abastecida em Imphal e no uso do que denominava “suprimentos de Churchill”. Após derrotar a divisão indiana em Imphal, ele pretendia cortar a ferrovia Bengala-Assam que abastecia as divisões chinesas de Stilwell e, assim, forçá-los a recuar para o ponto de partida em Ledo. Depois, planejava destruir as pistas de pouso em Assam usadas para apoiar o XIV Exército de Slim e para o transporte de suprimentos para a China sobrevoando o Himalaia.

Em 8 de março, três dias depois de os Chindits desembarcarem bem na sua retaguarda, o XV Exército de Mutagachi começou a cruzar o rio Chindwin. Slim disse ao quartel-general do 4º Corpo para recuar as divisões a fim de ocupar posições defensivas na planície de Imphal. Embora a retirada fosse desmoralizadora, ele percebeu que precisava esticar as linhas de suprimentos dos japoneses e encurtar a sua. Naquele terreno, a logística era a chave da batalha. Mountbatten tampouco perdeu tempo. Ordenou aos aviões de transporte

americanos que trouxessem a 5ª Divisão indiana como reforço e só depois pediu permissão ao Estado-Maior em Washington.

O comando britânico não percebera que uma força japonesa muito mais forte do que haviam imaginado ameaçava Kohima, 80 quilômetros ao norte de Imphal. Ela cortaria o 4º Corpo e ameaçaria a outra base de abastecimento e o aeródromo de Dimapur. A 31ª Divisão japonesa avançara rapidamente de Chindwin em direção a Kohima passando principalmente por trilhas na selva. Os britânicos não esperavam que eles se movessem sem transporte motorizado e foram surpreendidos. Mas a 50ª Brigada de Paraquedistas indiana resistiu em um magnífico enfrentamento de uma semana perto de Sangshak.

Kohima era uma pequena vila na montanha nas terras altas de Naga, a 1.500 metros de altitude. Tinha bangalôs coloniais brancos e uma capela missionária de telhado de zinco vermelho contra um panorama de floresta e montanhas azuis a distância. O bangalô do administrador adjunto se jactava de uma quadra de tênis que se tornou uma terra de ninguém na batalha mortal que estava por vir.

A luta travada pela 50ª Brigada de Paraquedistas permitiu a Slim deslocar alguns reforços. Mas em 6 de abril, quando os japoneses chegaram, Kohima foi defendida apenas pelo 4º Regimento Real West Kent, um destacamento de rajaputros, os Infantes de Assam recrutados localmente, uma bateria de montanha e alguns sapadores. Eles ficaram isolados quando os japoneses cercaram a cidade e bloquearam a estrada para Dimapur.

A batalha pela colina Garrison e a quadra de tênis foi selvagem. Estranhamente, os japoneses gritavam em inglês “Desistam!” antes de atacar, o que fornecia um alerta aos defensores. As tropas britânicas lutaram com uma nova vingança em mente. Depois que os japoneses mataram prisioneiros feridos em Arakan com baionetadas, o comandante da companhia dos West Kents disse: “Eles renunciaram ao direito de serem considerados humanos e os encaramos como vermes a serem exterminados [...]. Estávamos contra a parede e íamos vender as nossas vidas pelo preço mais alto que pudéssemos.”¹¹

Eles se puseram a fazê-lo com metralhadoras Bren, granadas e fuzis, causando enormes baixas. “O peso do ataque ameaçava sobrepujar o batalhão”,¹² disse o comandante do quartel-general da companhia. “A parte externa da defesa ficou apinhada de corpos japoneses.” As baixas britânicas ocorreram principalmente entre franco-atiradores e a artilharia leve. Os feridos foram colocados em fileiras nas trincheiras. Muitos foram atingidos novamente por estilhaços quando já estavam deitados. A água era muito escassa e era lançada de paraquedas em camburões metálicos. Os japoneses, por seu lado, estavam ficando sem arroz devido à suposição de Mutagachi de que seria fácil saquear os mantimentos britânicos. Parte da sua valentia desesperada e inclusive irracional provinha da

necessidade de conseguir um pouco de comida.

A 2ª Divisão britânica, avançando pela estrada de Dimanpur com os tanques do 3º de Carabineiros, começou a lutar para aliviar os defensores de Kohima. Quando por fim chegaram à colina Garrison, o lugar parecia uma cena da Primeira Guerra Mundial, com árvores esvaquiçadas, trincheiras derrubadas por granadas de artilharia e o fedor da morte. Porém, embora os golpeados West Kents tenham sido substituídos, a batalha de Kohima prosseguiu por quase quatro semanas. A monção estava começando, o que significava que os japoneses poderiam esperar ainda menos das suas linhas de suprimentos. Em 13 de maio eles se desengajaram do combate, e muitos foram massacrados quando já iam embora.

Dois dias antes, em 11 de maio, as divisões chinesas da Força Y em Yunnan começaram a cruzar o rio Salween para se reunirem com a Força X de Stilwell. A 56ª Divisão japonesa defendendo a linha de Salween estava ciente dos planos.¹³ Ela já tinha feito ataques do outro lado do rio para fazer os chineses recuarem para Yunnan, mas a força nacionalista aumentada, apoiada por uma parte da 14ª Força Aérea de Chennault, indicava a preparação de uma grande ofensiva. Isto foi confirmado pela interceptação de mensagens. Os japoneses, depois de capturarem um livro de códigos chinês, puderam decifrar toda a radiocomunicação de K'un-ming e Chungking. Embora os japoneses tenham tido certo êxito nos contra-ataques contra as tropas que cruzavam o rio, as forças chinesas eram fortes demais.

Em 17 de maio, Stilwell lançou um assalto com planadores ao aeródromo de Myitkyina com parte da Força Galahad e o tomou. “Isto vai deixar os ingleses para trás”,¹⁴ escreveu em seu diário. Mas os japoneses rapidamente reforçaram a guarnição de trezentos homens na cidade e em pouco tempo os americanos foram assediados. Os japoneses haviam reunido ali uma grande quantidade de munição. Exaustos e doentes, com feridas na pele, os homens de Merrill começaram a cair. Alguns tinham uma disenteria tão forte que simplesmente rasgavam o fundo das calças para poupar tempo.

Stilwell foi pouco compreensivo, fosse com os seus homens ou com os Chindits. Porém, com as divisões chinesas reforçadas cercando a cidade, os japoneses foram assediados. Em 24 de junho, um ataque simultâneo de tropas chinesas e da 77ª Brigada gravemente enfraquecida do brigadeiro Michael Calvert tomou a cidade-chave de Mogaung, a oeste. Contudo, no início de agosto o comandante japonês em Myitkyina cometeu *seppuku* e as tropas sobreviventes fugiram para a selva do outro lado do Irrawaddy. Por fim puderam

refazer a estrada de Ledo para a China e os aviões cargueiros americanos fizeram uma rota muito mais curta e segura, quase duplicando a tonelagem de suprimentos entregues à China.

Enquanto prosseguia a grande batalha em torno de Imphal contra o XV Exército de Mutagachi, os regimentos dos Aliados contra-atacaram. Porém, como os americanos, eles se assombraram e assustaram com o talento japonês para escavar as colinas a fim de construir bunkers. Um subalterno recém-chegado que se juntou ao 2º Regimento de Fronteira ouviu do sargento do pelotão: “Pelo amor de Deus, aqueles bastardinhos sabem cavar. Eles passam para o subsolo antes de os nossos caras conseguirem cuspir nas próprias mãos.”¹⁵

A predição do general Slim de que a monção prejudicaria as rotas japonesas de suprimentos mais do que as suas provou ser verdadeira. O XIV Exército podia confiar no abastecimento aéreo, ao passo que os homens de Mutagachi passavam fome. O tenente-general Tanaka Noburo, que chegara em 23 de maio para assumir o comando da 33ª Divisão no sul, escreveu em seu diário: “Os oficiais e os soldados têm um aspecto horrível. Deixaram os cabelos e a barba crescer e parecem selvagens das montanhas [...]. Eles não têm quase nada para comer — estão desnutridos e pálidos.”¹⁶ Em junho, a divisão perdera 70% dos homens. Alguns passavam dias inteiros sem nada para comer além de capim e lagartos. Os oficiais haviam assegurado os poucos mantimentos para si. Em muitos casos, atacaram na esperança vã de encontrar latas de carne curada nas trincheiras aliadas.

Os soldados japoneses não eram imunes à fadiga e à psicose de batalha, mas só um pequeno número foi evacuado.¹⁷ Os infelizes incapazes de aguentar o esforço cometiam suicídio. Eles tinham diversas expressões para o medo paralisante, como “perder as pernas”, ou “tremedeira de samurai” para o tremor incontrolável. Costumavam lidar com o medo adotando duas atitudes extremas: o fatalismo profundo e a aceitação de que iam morrer, ou a negação, quando se convenciam de que eram invulneráveis. Ao partirem para o exército quase todos recebiam das mães um lenço com “mil pontos”, que supostamente os protegeriam das balas. Porém, à medida que a derrota do Japão ia ficando mais evidente, o fatalismo tornava-se quase obrigatório, já que os regulamentos proibiam os soldados de se deixarem prender, mesmo aqueles gravemente feridos.

O general Mutagachi estava ficando descontrolado. Enviava um ataque atrás do outro, mas os comandantes das divisões ignoravam as suas ordens. Em 3 de julho, a Ofensiva *Imphal* foi por fim suspensa. A retirada japonesa através do

Chindwin deixou um rastro de horror. Ao avançarem, as tropas aliadas viram japoneses feridos infestados de larvas. Na maioria das vezes limitavam-se a lhes dar um tiro de misericórdia. O XV Exército de Mutagachi perdeu 55 mil homens. Perto da metade das baixas ocorreu por fome ou doenças. O comandante em chefe do exército da área da Birmânia, o general Kawabe Masakusu e Mutagachi foram destituídos. As baixas dos Aliados nas batalhas por Imphal e Kohima chegaram a 17.587 mortos e feridos.

Na China, a Ofensiva Ichigō começou em abril.¹⁸ Foi a maior operação que o Exército Imperial japonês jamais empreendeu, com o emprego de 510 mil homens de um total de 620 mil da sua Força Expedicionária da China. Porém, desta vez os japoneses não tinham superioridade aérea. Na realidade, no início de 1944 a proporção entre as forças havia mudado. Os nacionalistas tinham 170 aviões e a 14ª Força Aérea dos EUA tinha 230, ao passo que a Marinha Imperial japonesa contava com apenas cem, já que o resto fora deslocado para compensar as perdas desastrosas no Pacífico. Chennault pensava ter aviões suficientes para defender suas bases, mas o quartel-general imperial em Tóquio autorizou a duplicação da força aérea para as operações vindouras.

Como Chiang havia alertado, o principal objetivo da Ofensiva Ichigō era eliminar os aeródromos da 14ª Força Aérea. A primeira fase, a Ofensiva Kogō, veio do I Exército japonês no nordeste, fortemente reforçado pelo Exército Kwantung em Manchukuo. Os japoneses não atacaram as forças comunistas de Mao Tsé-tung baseadas em Yenan, a oeste, que por algum tempo não fizeram grande coisa além de matar colaboradores. Os japoneses só estavam interessados em esmagar os nacionalistas.

Em abril, o I Exército atacou no sul atravessando o rio Amarelo para se unir à parte do XI Exército que avançava para o norte a partir de Wuchang-Hankow. Isto deixou livre a ferrovia Pequim-Hankow e estabeleceu a primeira parte do corredor. As tropas nacionalistas na província de Honan se retiraram em desordem. Os oficiais fugiram confiscando caminhões militares, carroças e bois para evacuar as suas famílias e todo o butim que haviam reunido na cidade e no campo. Os camponeses indignados com o saque dos seus minguados mantimentos e pertences desarmaram oficiais e soldados. Mataram muitos e enterraram alguns vivos.

O ódio das autoridades locais e do exército era mais do que compreensível. Em 1942, uma seca gravíssima, agravada por impostos em espécie dos nacionalistas sobre os alimentos e exacerbada pela exploração cínica dos funcionários locais e proprietários de terras, provocou uma fome terrível no

inverno, que durou até a primavera de 1943. Calcula-se que, do total de 30 milhões de pessoas na província, uns três milhões tenham morrido.

Os piores medos de Chiang Kai-shek haviam se tornado realidade, e as suas divisões mais bem equipadas ficaram retidas na campanha Birmânia-Yunnan por insistência dos americanos. Depois que Chennault ficou com a parte do leão dos suprimentos e Stilwell alocou o resto para a Força X e a Força Y, sobrou pouco para reequipar outros exércitos nacionalistas. Os que estavam no centro e no sul da China careciam de armas e munição, e em muitos casos não eram pagos. Quando Chiang pediu a Roosevelt um empréstimo de um milhão de dólares para manter as suas forças operando, Washington imediatamente viu aquilo como uma forma de chantagem para obter dinheiro para si próprio, como um preço para manter a China nacionalista na guerra.¹⁹

Em janeiro, a relutância de Chiang em enviar a Força Y à frente Salween pelo temor de uma ofensiva japonesa fez Roosevelt ameaçar cortar totalmente o *Lend-Lease*. Uma vez iniciada a Ofensiva Ichigō, Roosevelt não quis que a 14ª Força Aérea de Chennault e as recém-chegadas B-29 do 20º Comando de Bombardeiros fossem usadas para apoiar as tropas nacionalistas, embora os ataques de Chennault tivessem sido um dos principais fatores a provocar o ataque japonês. Apesar de defender os chineses nacionalistas, Roosevelt era cínico e desdenhoso do que não contribuísse para acelerar o triunfo das armas americanas no curto prazo. Convencido de que as Nações Unidas lideradas pelos Estados Unidos e a União Soviética conseguiriam resolver tudo depois, desprezou as consequências do pós-guerra.

Em 1º de junho, depois que o exército chinês de 200 mil homens em Honan havia desmoronado, começou o avanço japonês para o sul, de Wuchang para Changsha. Ao sul de Changsha e Heng-yang, a base aérea americana em Kweilin era um importante objetivo japonês. A inteligência japonesa conhecia cada detalhe dela por intermédio de seus agentes, que trabalhavam na massa de prostitutas que serviam ao pessoal da Força Aérea dos EUA na cidade. Hsueh Yueh, o comandante cantonês cujas forças haviam defendido Changsha com êxito três vezes, estava amargamente decepcionado. Os seus exércitos não tinham visto suprimento americano algum, mas ainda assim esperava-se que defendessem a 14ª Força Aérea. Como escreveu até Theodore White, o mais acre crítico dos nacionalistas: “Hsueh defendeu a cidade como sempre fez, com as mesmas táticas e as mesmas unidades, mas elas estavam três anos mais velhas, as armas três anos mais usadas, os soldados três anos mais famintos do que quando viram a glória pela última vez.”²⁰

Chennault não hesitou em lançar os caças Mustang e os bombardeiros B-25 em ataques noturnos às colunas japonesas que avançavam pela estrada de

Changsa. Suas bases lá e em Heng-yang estavam em risco. Voando três ou quatro missões por dia e sustentados à base de café e sanduíches, os pilotos da 14ª Força Aérea certamente fizeram o que puderam. A determinação nipônica em avançar foi incrementada quando, em 15 de junho, Superfortalezas B-29 provenientes de Chengtu, a oeste, iniciaram uma série de ataques pesados às ilhas formadoras da nação japonesa. Mas os ataques aéreos enfraqueceram rapidamente por escassez de combustível.

O general Hsueh seguiu em Changsha as antigas táticas, cedendo no centro e depois atacando nos flancos e na retaguarda. Mas os soldados malnutridos não tinham força para deter os japoneses, e as disputas entre os comandantes levaram ao desastre. Os japoneses tomaram Changsha e toda a artilharia de Hsueh com pouco esforço. O comandante do IV Exército chinês, que escapou em um comboio de caminhões militares levando pertences pessoais e o butim, foi preso e fuzilado por ordem de Chiang Kai-shek. O sudoeste da China estava vulnerável e a base aérea americana em Heng-yang caiu em 26 de junho.

Enquanto incrementavam a ofensiva para destruir as bases aéreas americanas no continente chinês, os japoneses não sabiam que em breve os seus esforços seriam irrelevantes. A 5ª Esquadra do almirante Spruance era a maior do mundo, com 535 navios de guerra. Ela se dirigia às ilhas Marianas para transformá-las em pistas de pouso, de onde as Superfortalezas B-29 poderiam bombardear o Japão. Junto com a 5ª Esquadra seguia a Força Conjunta Expedicionária do vice-almirante Turner, com 127 mil homens.

As posições japonesas em Saipan, a maior ilha e o primeiro alvo, há algum tempo haviam sido bombardeadas por aviões baseados em terra. No início de junho, a força aérea japonesa nas Marianas estava muito reduzida. Mas a tropa defensora de 32 mil homens ainda era bem maior que o esperado. A Força-Tarefa 58 do almirante Mitscher realizou um bombardeio de dois dias com sete navios de guerra antes do desembarque dos fuzileiros navais, que não foi muito eficaz. Destruíu alvos pouco importantes, como uma usina de processamento de cana-de-açúcar, mas não conseguiu atingir os bunkers próximos.

Na manhã de 15 de junho, as primeiras levadas da 2ª e da 4ª Divisão de Fuzileiros Navais começaram a desembarcar em Saipan em viaturas anfíbias blindadas (amtracs) sob o fogo da artilharia, de morteiros e rajadas de metralhadora. A ideia era que os amtracs avançassem pelas praias, mas poucos conseguiram. Havia obstáculos demais, e eles não tinham suficiente blindagem na frente contra os projéteis japoneses. Ao menos a infantaria evitou as fortes baixas do passado ao vadear as ondas. Ao anoitecer, uma cabeça de praia com

quase 20 mil homens havia sido conquistada na ilha de 22 quilômetros de extensão. Os japoneses realizaram duas cargas suicidas de infantaria, mas com os contratorpedeiros americanos disparando granadas iluminativas sobre o campo de batalha, os fuzileiros puderam metralhar os inimigos.

Naquela noite, a 2.400 quilômetros a oeste, o submarino USS *Flying Fish* avistou parte da Marinha Imperial japonesa ao largo das Filipinas, no Estreito de San Bernardino. Ele emergiu para enviar o sinal de alarme à 5ª Esquadra. A 1ª Esquadra Móvel do vice-almirante Ozawa Jisaburo foi reforçada com os encouraçados Yamato e Musashi. Ele tinha sob seu comando quase todas as belonaves que navegavam no Pacífico — nove porta-aviões com um total de 430 aviões, cinco encouraçados, treze cruzadores e 28 contratorpedeiros — para uma batalha decisiva. O almirante Spruance, por sua vez, contava com quinze porta-aviões rápidos com 891 aviões na Força-Tarefa 58 de Mitscher, e Ozawa não sabia que a maior parte dos aviões japoneses baseados em terra na região haviam sido eliminados. A sua maior fraqueza, contudo, estava na falta de experiência dos pilotos. Poucos haviam servido por períodos de seis meses e a maioria tinha pouco mais de dois meses de treinamento de voo.

Spruance enviou a força-tarefa de Mitscher para interceptar a esquadra de Ozawa a 290 quilômetros a oeste das Marianas, mas depois a trouxe de volta na direção de Saipan, para o caso de os japoneses dividirem as suas forças. Os aviões de reconhecimento de Ozawa avistaram a força-tarefa em 18 de junho, e cedo na manhã seguinte ele enviou um primeiro ataque de 69 aviões. Eles foram detectados pelos radares dos contratorpedeiros de Mitscher que faziam a cortina de vigilância. Caças Hellcat em um ataque sobre Guam foram chamados de volta aos seus porta-aviões enquanto bombardeiros eram despachados para Guam para destruir as pistas de pouso, caso os pilotos de Ozawa tentassem aterrissar lá. Os americanos aproveitaram a enorme vantagem numérica. Com 15 porta-aviões, contavam com aviões suficientes para formar um guarda-chuva de caças todo o tempo.

Às 10h36 uma patrulha de Hellcats avistou os atacantes que chegavam e mergulhavam. Derrubaram 42 dos 69 aviões e perderam uma só aeronave. Quando a segunda leva de 128 aviões saiu depois, os pilotos dos caças da marinha dos EUA derrubaram outros setenta. Incapaz de admitir a derrota, Ozawa enviou mais duas levas. No total, 240 aviões japoneses que partiram dos porta-aviões foram postos fora de ação, além de outros cinquenta aviões que partiram de Guam. Os aviões de guerra americanos sofreram apenas pequenas avarias, e os submarinos americanos puseram a pique dois porta-aviões, o *Shokaku* e o navio-capitânia de Ozawa, o *Taiho*.

Quando a maior parte dos aviões não regressou, Ozawa fez uma suposição

fatalmente errada. Pensou que a maioria havia aterrissado em Guam e logo regressaria aos porta-aviões, e por isto manteve a sua esquadra na área. O almirante Mitscher obteve o consentimento de Spruance para persegui-la no dia seguinte. Finalmente, no final da tarde de 20 de junho, um dos aviões de reconhecimento de Mitscher avistou a esquadra japonesa. O inimigo estava bem distante e logo escureceria, aquela era a última chance. Os porta-aviões se posicionaram contra o vento e conseguiram lançar 216 aviões em 20 minutos. Os Hellcats enfrentaram a cortina de caças de Ozawa e derrubaram outros 65 aviões, os bombardeiros de mergulho e os bombardeiros armados com torpedos afundaram o *Hiyo* e dois navios-tanque com combustível e causaram avarias sérias em outros navios de guerra.

Apesar da ameaça dos submarinos, Mitscher ordenou que os navios acendessem as luzes, os faróis e os as balizas para guiar os aviões que regressavam. Um piloto descreveu a cena como “uma estreia de Hollywood, o Ano-Novo chinês e o 4 de julho, tudo junto”.²¹ Muitos aviões estavam quase sem combustível. No total, oitenta fizeram aterragens violentas ou caíram no mar — quatro vezes o número de aviões destruídos no ataque. Foi um final caótico, mas o “Tiro ao Alvo” nas Grandes Marianas, como os pilotos da marinha gostavam de chamá-lo, custara aos japoneses mais de quatrocentos aviões e três porta-aviões. Poderiam ter sido mais, se Spruance não tivesse se acautelado e mantido a força-tarefa de Mitscher tão perto de Saipan.

A batalha pela ilha também ficou conhecida pela forma como o tenente-general Holland Smith, comandante do corpo dos Fuzileiros Navais, demitiu um general do Exército responsável pela 27ª Divisão, uma formação do Exército Territorial. Furioso com o ataque lento, cauteloso e mal coordenado que reteve duas das suas divisões de fuzileiros, Holland Smith foi apoiado pelo almirante Spruance. O problema era que o Corpo de Fuzileiros tinha uma abordagem diferente e muito direta para o combate.

Todavia, os japoneses foram forçados de volta para o ponto norte da ilha e, na manhã de 7 de julho, os sobreviventes lançaram o maior ataque banzai de toda a guerra. Mais de 3 mil soldados e marinheiros japoneses armados de baionetas, espadas e granadas atacaram dois batalhões da 27ª Divisão. Os fuzileiros e soldados não conseguiram disparar suficientemente rápido enquanto os japoneses os fustigavam. A batalha terminou dois dias depois. A força invasora americana teve 14 mil mortes e feridos, ao passo que os japoneses deixaram 30 mil corpos na ilha. Além deles, houve 7 mil civis japoneses de um total de 12 mil, cuja maioria cometeu suicídio atirando-se no mar do alto de despenhadeiros. Os apelos de intérpretes com alto-falantes para que não se matassem foram ignorados.

Depois da Saipan, as ilhas de Tinian e Guam foram invadidas. Tinian foi conquistada em um golpe esperto com o desembarque inesperado de dois regimentos de fuzileiros navais, enquanto uma operação diversionária ocorria do outro lado da ilha. Guam, o primeiro território dos EUA a ser recapturado, foi palco de outro ataque japonês. Porém, desta vez eles se depararam com uma concentração de baterias de artilharia que dispararam tiros diretos com suas peças. As pistas de Guam foram tomadas antes do final de julho e logo batalhões de engenheiros de construção e *Seabees* (os CBs da marinha) ampliaram as pistas para receber as Superfortalezas B-29. As Marianas foram bases muito melhores para bombardear as ilhas japonesas que as do continente chinês. Elas não eram ameaçadas pelas forças terrestres japonesas e, ao mesmo tempo, material bélico, peças de reposição e combustível para aviões podiam chegar por mar, sem serem aerotransportados sobrevoando o Himalaia. O quartel-general Imperial em Tóquio percebeu claramente que o jogo final havia começado.

A Primavera de Expectativas

MAIO-JUNHO DE 1944

Após muitas postergações, o planejamento detalhado da Operação Overlord começou a sério em janeiro de 1944. Muito trabalho valioso já havia sido feito pelo grupo chefiado pelo tenente-general Sir Frederick Morgan sob o acrônimo COSSAC, ou Chefe do Estado-Maior do Comando Supremo Aliado. Porém, como haviam trabalhado sem um comandante supremo, era difícil tomar as decisões cruciais.

Eisenhower, o comandante supremo, e Montgomery, comandante do 21º Grupo de Exércitos, tiveram a mesma reação ao examinar o esboço dos planos de invasão da Normandia. Concluíram que três divisões não eram suficientes e os Aliados precisavam de mais praias. Era preciso alargar a área da invasão para incluir a base da Península Cotentin. Eisenhower também insistiu em que precisava ter o controle absoluto das forças aéreas aliadas. Isso sugeria uma interferência no bombardeio da Alemanha que Harris e Spaatz, os “barões dos bombardeiros”, não encararam com simpatia.

O tenente-general Bedell Smith, chefe do Estado-Maior de Eisenhower, tinha muito a acertar com Montgomery. As postergações do Dia D tinham relação com a escassez de barcas de desembarque e com a relutância britânica em se comprometer com a invasão. A Overlord agora era uma realidade iminente, apesar dos temores de Brooke e Churchill. Os oficiais britânicos de altas patentes inteirados da situação não resistiram em comentar que era difícil dar crédito ao compromisso americano com a política da “Alemanha primeiro” após o desvio massivo de homens, navios, armamentos e equipamentos para o Pacífico. A marinha americana e MacArthur haviam ganhado a batalha em Washington. O teatro do Pacífico conseguira inclusive, com a conivência do general “Hap” Arnold, tomar as novas Superfortalezas B-29 para atacar Tóquio, ao passo que a 8ª Força Aérea de Ira Eaker não recebera nenhuma delas para bombardear a Alemanha.

O outro problema que Bedell Smith tentou resolver no breve retorno de Eisenhower para casa foi a questão da Operação Anvil, a invasão do sul da França. Eisenhower pensava que os Estados Unidos haviam feito um “investimento considerável” ao reequipar o exército francês e “era preciso encontrar uma ‘entrada’ para ele na França”.¹ Mas a escassez de barcas de desembarque, em parte provocada pela insistência de Churchill no desembarque em Anzio, sugeria que uma invasão simultânea do sul da França enfraqueceria a Overlord. Bedell Smith concordava com os britânicos em que Anvil deveria ser posta de lado ou, ao menos, adiada. Eisenhower se aborrecia muito com qualquer sugestão de que “Anvil fosse sacrificada”.² Porém, apesar da sua obstinação, foi obrigado a reconhecer que ela talvez tivesse de ser adiada.

Embora fosse o objetivo comum dos Aliados, a tão esperada invasão da França estava destinada a criar tensões com os franceses. Nem Roosevelt nem Churchill tinham uma ideia clara das condições na França, do amplo apoio a De Gaulle e do que era essencialmente um futuro governo provisório. O *Conseil Nationale de la Résistance* reconheceu a liderança dele e até os comunistas franceses o apoiaram. Contudo, a profunda desconfiança que Roosevelt nutria com relação a De Gaulle não havia diminuído e até os britânicos, mais favoráveis, ficaram abalados em março com os acontecimentos em Argel. Pierre Pucheu, o ex-ministro do Interior de Vichy que, em 1941, escolhera prisioneiros comunistas para serem executados pelos alemães como reféns, estava sendo julgado. Pucheu fora a Argel desejando se unir à luta antigermânica. Ele havia recebido o que parecia um *laissez-passer* do general Giraud, um pedaço de papel que acabou com quaisquer esperanças dos giraudistas.

Os comunistas e seus aliados em Argel imediatamente exigiram justiça como vingança. De Gaulle confirmou a sentença de morte de Pucheu após o primeiro julgamento do regime de Vichy. Ele não tinha alternativa. A “impiedosa guerra civil”³ na França entre a tremendamente inchada milícia de Vichy e a crescente resistência aumentava a ameaça de linchamentos vingativos após a libertação. De Gaulle temia que o caos desse aos americanos uma justificativa para impor à França o terrível acrônimo AMGOT: Governo Militar Aliado do Território Ocupado.

Os grupos de resistência também estavam determinados a fazer da libertação da França um assunto francês. Tornavam-se cada vez mais ameaçadores com a aproximação da invasão aliada. Nas montanhas da Alta-Savoia, no planalto de Glières, acima de Annecy, 450 *résistants*, que incluíam 56 republicanos espanhóis, lutaram com um heroísmo condenado ao fracasso contra 2 mil *Gardes Mobiles*, *Franco-Gardes* e *Milice*, além de cinco batalhões de tropas alemãs.

Na Itália, a determinação do general Mark Clark em tomar Roma com o V Exército dos EUA antes da Overlord era ainda maior. Contudo, apesar da supremacia aérea dos Aliados que impedia os transportes motorizados e ferroviário alemães de funcionar durante o dia, a resistência da Wehrmacht na Itália sob o comando de Kesselring foi muito mais duradoura do que Hitler esperava.

O sangrento impasse nos Apeninos teve um efeito desmoralizante nas forças aliadas. Houve um alto índice de ferimentos autoprovocados e de fadiga de combate. Quase 30 mil homens desertaram ou se ausentaram sem licença das unidades britânicas na Itália, e as divisões americanas sofreram o mesmo.

Houve casos de fadiga de combate entre os 56 mil homens do 2º Corpo polonês chefiado pelo general Władisław Anders. Após o fracasso da tomada de Monte Cassino a cargo dos neozelandeses de Freyberg e das tropas indianas, a tarefa foi entregue aos poloneses. Eles deixaram absolutamente claro para os ingleses que não tinham intenção de fazer prisioneiros alemães. Os poloneses não só estavam ansiosos por vingança como sabiam que precisavam de uma vitória espetacular para contribuir para a causa da Polônia livre. Stalin era abertamente hostil ao governo no exílio, principalmente após a descoberta em Katyń dos oficiais poloneses assassinados pelo NKVD. Ele planejava estabelecer um governo comunista títere com o Exército Vermelho posicionado novamente para invadir a pátria dos poloneses no exílio.

O novo ataque a Cassino era parte da Operação Diadem (Diadema), uma ofensiva geral planejada por Alexander. Quase meio milhão de homens de dez nações estava envolvido. O V Exército de Clark no oeste, na costa tirrena, com o Corpo Francês de Juin nas montanhas e o VIII Exército com o tenente-general Sir Olive Leese, o substituto de Montgomery, deviam subjugar as forças de Kesselring na Linha Gustav. Alexander ordenou que empregassem diversas táticas diversionárias. Foram construídos bunkers falsos em setores de ataque enquanto o tráfego-rádio e falsas barcas de desembarque davam a impressão de outro ataque anfíbio. As forças de Truscott na cabeça de praia foram fortemente reforçadas. O plano de Alexander era atacar a Linha Gustav para atrair as reservas alemãs, e depois os corpos de Truscott atacariam a nordeste, em direção a Valmontone, para isolar o X Exército de Vietinghoff.

Clark estava furioso. Não estava interessado em encurralar o X Exército. “A captura de Roma é o único objetivo importante”,⁴ disse a Truscott. À beira da paranoia, Clark parecia pensar que o plano de Alexander era um truque britânico para roubar-lhe o triunfo romano e entregá-lo ao VIII Exército. A garantia de Alexander de que o V Exército teria autorização para tomar Roma aumentou as suspeitas de Clark. As ordens do grupo de exércitos eram perfeitamente claras,

mas ele secretamente se preparou para desobedecê-las.

Às 23h do dia 11 de maio, a artilharia aliada — 25-pounders, obuseiros de 105 mm, canhões médios de 140 mm e Long Toms de 155 mm abriram fogo criando um estrondo ensurdecedor e enchendo o horizonte de flashes ofuscantes. Os poloneses partiram direto para o ataque mas, para seu desalento, descobriram que os alemães estavam substituindo os batalhões da linha de frente naquela noite. Deste modo, a força inimiga era quase o dobro do estimado, e as baixas polonesas foram assombrosas. O mesmo ocorreu com a 8ª Divisão indiana ao cruzar o rio Rapido contra a aldeia fortificada de Sant'Angelo, onde a 36ª Divisão americana havia sofrido grandes baixas no início do ano. Por fim os engenheiros conseguiram instalar as pontes e os gurkhas, apoiados por tanques, tomaram a aldeia. Mas a cabeça de ponte britânica era pequena e Monte Cassino continuava a dominar a área.

O 2º Corpo americano junto à costa enfrentou uma pesada oposição ao longo do rio Garigliano. As divisões coloniais de Juin posicionadas entre os americanos e os ingleses também enfrentaram uma reação terrível. Juin decidiu mudar de tática. Mudou o eixo para tomar Monte Majo em um ataque súbito com forte apoio da artilharia. Isto custou mais de 2 mil baixas, mas conseguiu-se penetrar na Linha Gustav. Os *goumiers* avançaram movidos a sangue e butim. “A maioria usava sandálias, meias de lã, luvas com a proteção dos dedos do gatilho cortada e uma *djelaba* listrada; usavam barba, um elmo em forma de tigela de sopa e uma faca de 30cm de comprimento na cinta.”⁵ As facas serviam para cortar os dedos e orelhas dos alemães mortos como troféus. Os *goumiers* eram formidáveis combatentes de montanha, mas aterrorizavam os civis italianos e houve histórias de estupros brutais, que os oficiais franceses tendiam a descartar como o preço a ser pago na guerra.

Clark estava furioso com o corpo americano por não avançar tão rapidamente quanto os franceses e desprezava o VIII Exército, por continuar retido pela 1ª Divisão de Paraquedistas alemães em Monte Cassino. Porém, a coragem dos poloneses e o assédio gradual forçaram os paraquedistas a recuar. Em 18 de maio, a bandeira vermelha e branca da Polônia tremulou nas ruínas da grande abadia beneditina. Aquilo lhes custara pelo menos 4 mil baixas.

A retirada alemã para a Linha Hitler, dez ou 20 quilômetros atrás da Linha Gustav, não ocorreu sem tropeços. As tropas de Juin não lhes deram sossego e quando, por fim, o VIII Exército avançou pelo gargalo do vale Liri, ficou claro que a segunda linha de defesa estava em risco. Desesperado para mantê-la, Kesselring transferiu divisões do XIV Exército de Mackensen que defendiam a cabeça de praia em Anzio. Era o que Alexander esperava.

O 6º Corpo de Truscott, sigilosamente reforçado por sete divisões, agora

estava mais forte que todo o exército de Mackensen. Em 22 de maio, Clark voou para a cabeça de praia em Anzio para tentar demonstrar ao mundo que ele, e não Alexander, controlava a operação. Na manhã seguinte, as divisões de Truscott atacaram a nordeste em direção a Valmontone como Alexander havia ordenado. As baixas foram pesadas, mas no dia seguinte, ao ver que os alemães haviam recuado, o 2º Corpo na costa se uniu à cabeça de praia de Anzio. Com um grupo de correspondentes de guerra e fotógrafos em jipes, Clark correu para imortalizar o acontecimento.

Em 25 de maio, a 1ª Divisão Blindada de Truscott tinha alcance de tiro para atingir Valmontone, e em 24 horas ele poderia ter cortado a linha de retirada do X Exército. Porém, naquela tarde recebera ordens de Clark de mudar o eixo de avanço para o noroeste, em direção a Roma. Truscott e os comandantes da divisão ficaram muito incomodados, mas Truscott seguiu lealmente Clark, que ocultou o que estava aprontando para Alexander. A obsessão de Clark era tão intensa que se pode supor que estava ligeiramente desnorteado. As tentativas posteriores de justificar os seus atos foram confusas e contraditórias. Ele chegou a alegar em certo momento que havia advertido Alexander de que, se as unidades do VIII Exército tentassem chegar a Roma antes dele, ele ordenaria aos seus homens que disparassem contra elas.

Clark não só estava decidido a não permitir que Alexander recebesse crédito como não estava preparado para reconhecer o papel de Truscott. A Segunda Guerra Mundial testemunhou diversos exemplos de egolatria. O desejo de Clark de entrar em Roma antes da Overlord como um conquistador foi um dos mais evidentes. O marechal de campo Brooke escreveu no seu diário: “É assombroso como os homens podem ser mesquinhos e pequenos nas questões de comando.”⁶ Alexander descreveu o comportamento de Clark como “inexplicável”, mas em seguida tentou justificar: “Só posso supor que o chamariz imediato de Roma, por seu valor publicitário, o tenha convencido a mudar o rumo da marcha.”⁷

Enquanto as forças de Alexander lutavam a principal batalha da campanha italiana, acontecimentos ainda maiores eram preparados no noroeste europeu. A Overlord seria a maior operação anfíbia da história, com mais de 5 mil navios, 8 mil aviões e oito divisões na primeira leva. Havia um nervosismo considerável, denominado “agitação do Dia D”. Os oficiais britânicos dos altos escalões tinham lembranças dolorosas de Dunquerque e outras evacuações, para não falar do ataque desastroso de Dieppe. Mas o planejamento da Operação Neptune (Netuno) — o estágio da travessia do canal na Overlord — era extraordinariamente detalhado. Ao receber as ordens, que somavam centenas de

páginas, a 3ª Divisão canadense a apelidou “Operação Overboard”.*

Os alemães esperavam uma invasão, mas não sabiam exatamente quando e onde ela ocorreria. Os britânicos encenaram uma série de planos complicados de despistamento sob o título geral de Plano Fortitude. Fortitude Norte sugeria que um “IV Exército britânico” desembarcaria na Noruega, onde Hitler, para o desespero dos seus generais, insistira em manter mais de 400 mil homens. O Fortitude Sul lançava mão de arremedos de tanques, aviões e até navios de desembarque no sudeste da Inglaterra para convencer os alemães de que uma segunda invasão seria deslanchada no Pas de Calais com o 1º Grupo de Exércitos, comandado pelo general George Patton, o líder que os alemães mais temiam.

Usando agentes duplos e espiões capturados, o Sistema *Doble Cross*** persuadiu os alemães de que o desembarque na Normandia era apenas uma preliminar ou uma tática diversionária e que o verdadeiro ataque viria mais tarde, ao sul de Boulogne. A inteligência militar alemã, depois de superestimar tremendamente as forças e o contingente dos Aliados, engoliu aquele cenário. Mais tarde, quando a escala do engano ficou clara e oficiais antinazistas conspiraram para matar Hitler em julho, a Gestapo começou a suspeitar que os oficiais da inteligência tinham se permitido enganar como parte de um plano traiçoeiro para perder a guerra.

Os mentores da Overlord haviam previsto que o êxito ou o fracasso seriam decididos nos dias arriscados imediatamente após os desembarques. A soma de forças aliadas podia não ser capaz de se equiparar aos reforços alemães que chegassem para contra-atacar as cabeças de praia. A solução para isso foi a ideia, desenvolvida na Itália, de que era necessário separar a área inicial do combate do restante da zona de ação, destruindo todas as comunicações na retaguarda do inimigo: pontes, ferrovias, pátios de manobras ferroviários e cruzamentos de estradas importantes. A área da invasão da Normandia seria isolada, assegurando-se de que muito pouco pudesse chegar para o leste pelo Sena e ao sul pelo Loire. Porém, para ocultar a área alvo da invasão, era necessário estender os ataques até os Países Baixos e inclusive à Dinamarca.

O teimoso marechal do ar Harris não se impressionou. Estava convencido de que se os seus Lancasters continuassem bombardeando Berlim e outras cidades seria desnecessário invadir a França. Também argumentou que os bombardeiros não podiam atingir alvos precisos, como as linhas férreas. O general Spaatz queria prosseguir com o “plano do petróleo”, atacando refinarias e depósitos de óleo sintético e bombardeando fábricas de aviões. Mas o moral não estava alto na 8ª Força Aérea. Quase 90 homens pousaram deliberadamente os seus aviões na Suécia e na Suíça, onde se internaram pelo resto da guerra. A Força Aérea do

Exército dos EUA havia feito declarações bombásticas sobre a precisão do bombardeio diurno, quando na verdade ele era só um pouco melhor do que o noturno do Comando de Bombardeiros. Os aviões chegaram a bombardear cidades suíças, em vez das alemãs.

Contudo, Eisenhower decidira disciplinar os “barões dos bombardeiros” por intermédio do seu vice, o marechal do ar Tedder. Mas rivalidades dentro da RAF eram profundas, e ele teve de fazer valer a sua autoridade, com pleno apoio de Roosevelt. Harris e Spaatz entraram na linha. Churchill ficou abalado ao descobrir que estavam arquitetando a destruição massiva de cidades francesas, pois seria a única maneira de bloquear cruzamentos de estradas importantes. A perspectiva de grandes baixas civis e de cidades reduzidas a escombros deixaria os franceses indignados. Ele apelou contra esta parte do “Plano de Transporte” junto a Eisenhower e Roosevelt, que respaldou a justificativa do comandante supremo de que aquilo salvaria vidas entre os Aliados. Churchill pediu um limite de 10 mil mortes, mas nem este número hipotético lhe foi concedido. Na véspera do Dia D morreram 15 mil civis franceses e 19 mil ficaram gravemente feridos.

A outra preocupação de Churchill tinha relação com o general Charles de Gaulle. Os comandantes britânicos e americanos não queriam que os segredos da Overlord fossem passados à liderança francesa em Argel, pois sabiam que os alemães haviam quebrado os seus códigos antiquados. Contudo, Eisenhower insistiu em fazer confidências ao general Pierre Koenig. Este, comandante em chefe dos grupos de resistência, agora conhecidos como *Forces Françaises de l'Interieur*, enviaria instruções pouco antes dos desembarques aos seus subordinados para que sabotassem as comunicações e o transporte. Diversos navios de guerra franceses, esquadrões da força aérea e unidades terrestres também participavam da invasão.

Roosevelt quis recordar aos seus subordinados que os Aliados não estavam libertando a França para instalar o general De Gaulle no poder. A maioria dos oficiais americanos dos altos escalões se incomodava com a intransigência do presidente e Churchill fez o que pôde para convencê-lo de que deviam trabalhar com De Gaulle. Porém, Roosevelt queria impor um governo militar até a realização de eleições e insistiu em criar uma moeda de ocupação. Foram impressas cédulas de aparência tão pouco convincente que as tropas as compararam a “cupons de cigarros”.

Relutantemente, Roosevelt concordou que Churchill convidasse De Gaulle para ir a Londres, e dois aviões York foram enviados a Argel para trazê-lo com a sua equipe. A princípio De Gaulle se recusou a ir, porque Roosevelt havia rejeitado quaisquer discussões sobre o governo civil francês. Duff Cooper, representante de Churchill em Argel, o alertou de que estaria nas mãos de

Roosevelt caso não fosse a Londres. Em 3 de junho, o *Comité Français de Libération Nationale* em Argel assumiu oficialmente o nome de *Gouvernement Provisoire de la République Française* e, no último momento, De Gaulle concordou em acompanhar Cooper à Inglaterra.

Ao sul de Roma, o sonho de Mark Clark estava a ponto de se tornar realidade. Uma divisão de infantaria americana havia conseguido se infiltrar em uma brecha da última linha de defesa alemã e forçou seu colapso. Kesselring ordenou a retirada imediata. Hitler permitiu que Roma fosse declarada cidade aberta e não ordenou que fosse destruída. Mas isso não ocorreu por misericórdia ou respeito pelos antigos monumentos artísticos, e sim ao fato de ele ter a atenção focada no canal da Mancha e na ideia de que em breve poderia destruir Londres com as suas bombas voadoras.

No dia 4 de junho, em Roma, Mark Clark convocou os comandantes subordinados para uma reunião informativa no Campidoglio, tendo chamado também todos os correspondentes de guerra na Itália. Esta oportunidade para fotografias de um Clark exultante com um mapa na mão e assinalando o norte e os alemães em retirada fez os comandantes dos corpos se encolherem constrangidos. Mas o triunfo romano de Marcus Aurelius Clarkus foi curto. Pouco depois do amanhecer de 6 de junho um oficial entrou na sua suíte no Hotel Excelsior, em Roma, e o despertou com a notícia da invasão aliada na Normandia. “O que você acha disso?” foi a amarga reação de Clark. “Mal nos deixaram ocupar as manchetes dos jornais por um dia com a queda de Roma.”⁸

Hitler esperava ansioso a invasão, convencido de que ela seria esmagada contra a Muralha do Atlântico. Isto tiraria britânicos e americanos da guerra, e ele poderia concentrar as forças alemãs contra o Exército Vermelho. O marechal de campo Rommel, encarregado de defender o norte da França, sabia que a Muralha do Atlântico existia mais no reino da propaganda do que na realidade. O seu superior, o marechal de campo Gerd von Rundstedt, a considerava simplesmente “um blefe barato”.⁹

Após as experiências com o poder aéreo dos Aliados no norte da África, Rommel sabia que seria tremendamente difícil trazer reforços e suprimentos. Ele se envolvera em uma disputa com o general de blindados Leo Freiherr Geyr von Schweppenburg, comandante do Grupo Oeste de Panzers e com Guderian, agora inspetor-geral das forças panzer. Eles queriam reter as divisões panzer nas florestas ao norte de Paris, prontas para um contra-ataque que empurrasse os

Aliados de volta para o mar, fosse na Normandia ou no Pas de Calais. Mas Rommel suspeitava que elas seriam dizimadas durante a marcha para o combate pelos esquadrões de caças-bombardeiros Typhoon e P-47 Thunderbolt. Ele queria os tanques posicionados junto aos possíveis locais de desembarque.

Na ânsia de manter o controle mediante a política de dividir e governar, Hitler não quis ter um comando unificado na França. Em consequência, não havia um comandante supremo com autoridade sobre a Luftwaffe e a Kriegsmarine. Hitler chegou a insistir para que a maior parte das divisões panzer ficasse sob o controle direto do OKW. Elas não podiam ser deslocadas sem a sua ordem expressa. Rommel esforçou-se incansavelmente para melhorar a defesa nas praias, principalmente no setor do VII Exército na Normandia, onde estava cada vez mais convencido de que ocorreria o ataque. Por sua parte, Hitler continuava mudando de ideia, talvez em parte para depois poder dizer que fizera previsões certas. O Pas de Calais, defendido pelo XV Exército, possuía mais locais de lançamento das bombas V, significava uma jornada curta pelo canal e estava muito mais próximo das bases de caças em Kent para oferecer cobertura aérea.

O serviço alemão de contrainteligência estava certo de que a invasão seria em breve, devido à atividade da resistência e ao tráfego-rádio, contudo, ao estudar as informações meteorológicas a Kriegsmarine concluiu que não haveria invasão entre 5 e 7 de junho devido ao mau tempo. Na noite de 5 de junho, chegaram a cancelar todas as patrulhas no canal. Ao ser informado da previsão do tempo, Rommel decidiu visitar a esposa na Alemanha que aniversariava e depois encontrar-se com Hitler no Berghof para persuadi-lo a liberar mais divisões panzer.

A situação climática era a maior preocupação de Eisenhower na primeira semana de junho. Em 1º de junho, o meteorologista-chefe subitamente o advertiu de que o clima quente estava a ponto de chegar ao fim. Os encouraçados da força de bombardeio zarpavam de Scapa Flow naquele dia. Tudo havia sido cronometrado para que a invasão começasse na manhã de 5 de junho. No dia 4 os dados meteorológicos continuavam indicando um tempo tão ruim que Eisenhower teve de ordenar o adiamento. Em seguida, novas previsões mostraram que o tempo poderia melhorar na noite de 5 de junho. Enquanto as tempestades e o mar pesado prosseguiram no canal da Mancha, Eisenhower enfrentava um dilema terrível. Poderia confiar na precisão da previsão? O general Miles Dempsey, que comandaria o II Exército britânico na invasão, considerou a decisão de Eisenhower de “partir” a atitude mais valente da guerra.¹⁰

A tensão diminuiu assim que Eisenhower falou e Montgomery concordou. Foi a decisão correta. Outra postergação teria atrasado a invasão em duas semanas

para combinar com o seguinte ciclo das marés. Isto teria um efeito desastroso no moral e provavelmente perderiam a oportunidade da surpresa. Um atraso de duas semanas também teria colocado a operação no caminho da pior tempestade que o canal havia visto em 40 anos. Costuma-se supor, com uma facilidade excessiva, que a Operação Overlord estava destinada a ter êxito simplesmente devido à supremacia aérea e naval dos Aliados.

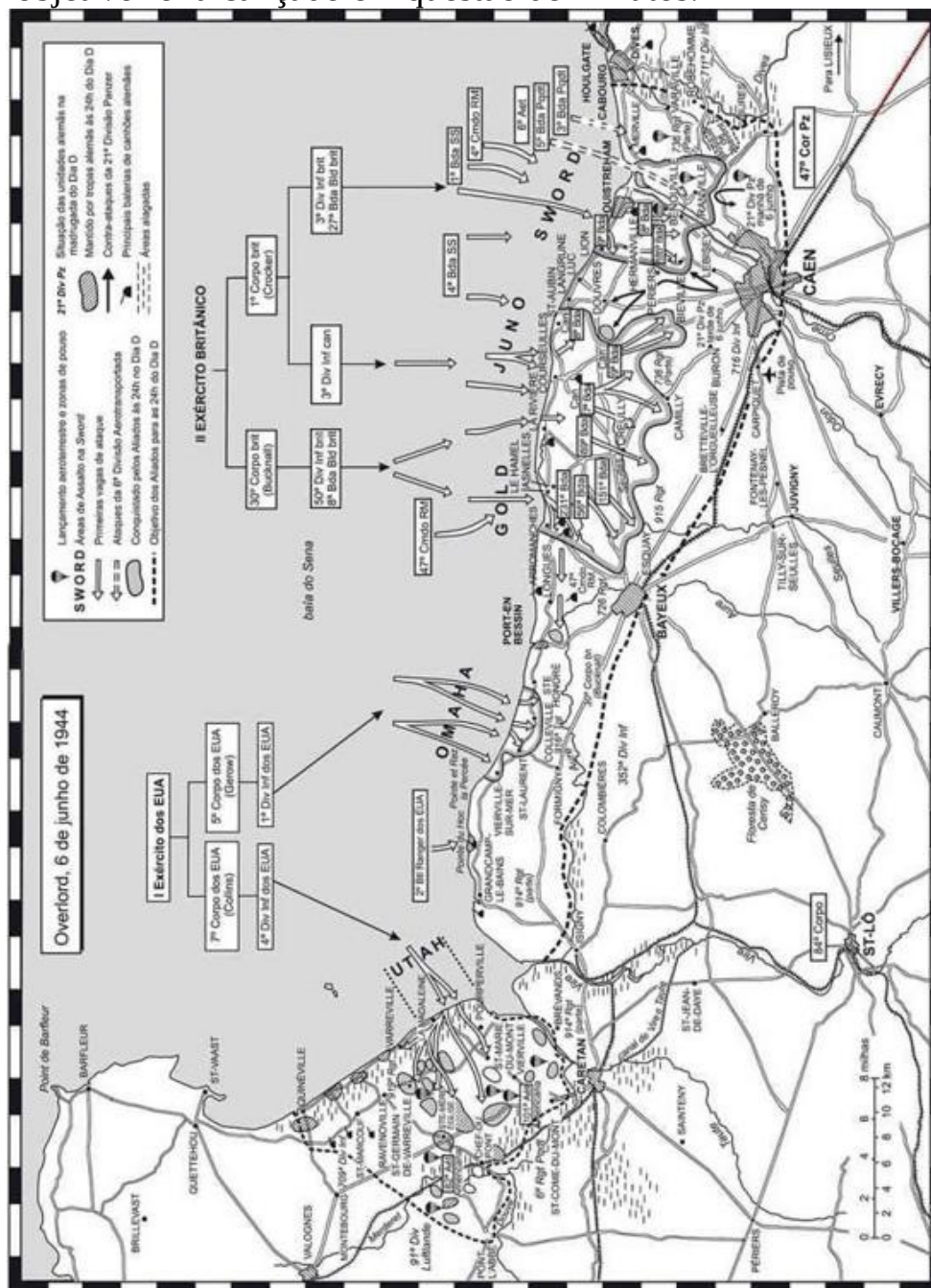
No início da noite de 5 de junho, o serviço francês da BBC emitiu uma série de mensagens em código para colocar a resistência em ação. Paraquedistas pesadamente equipados das 82ª e 101ª Divisões Aeroterrestres e da 6ª Aerotransportada britânica embarcaram nos aviões e planadores. Ao sul da ilha de Wight, os comboios da invasão começaram a se reunir com embarcações de todos os tamanhos e navios de desembarque de todos os tipos. Os soldados se acotovavam na amurada para observar com espanto o canal cinzento e encapelado coalhado de barcos de uma dúzia de nacionalidades movendo-se em todas as direções, incluindo trezentos encouraçados, monitores, contratorpedeiros, cruzadores e corvetas.

Mais adiante, na escuridão crescente, uma rede de 277 caça-minas avançou para o sul em direção à costa da Normandia. O almirante Ramsay temia enormes baixas entre aquelas embarcações com casco de madeira. Os barcos voadores Liberators e Sunderland do Comando Costeiro continuavam a rastrear o mar à procura de *U-boats*, do sul da Irlanda à baía de Biscaya. Para o enorme constrangimento do almirante de esquadra Dönitz, nenhum submarino alemão foi até o canal para atacar a esquadra invasora.

As centenas de aviões de transporte carregando paraquedistas e puxando planadores fez uma curva sobre o canal para evitar voar sobre a frota invasora e arriscar o desastre ocorrido na invasão da Sicília. Ainda assim, três C-47 Skytrains foram derrubados por navios aliados depois de despejar os paraquedistas americanos na Península de Contentin.¹¹

Os lançamentos aéreos não ocorreram segundo o planejado. Quando as ondas de transportadores cruzaram a costa, o pesado fogo antiaéreo obrigou as formações a se separarem. A navegação muitas vezes era falha. Só uma minoria conseguiu lançá-los nas zonas corretas e muitos paraquedistas tiveram de fazer marchas penosas de quilômetros para encontrar as suas unidades. Outros pousaram em posições alemãs e foram mortos. Alguns caíram em rios ou pântanos, onde se afogaram com o peso do equipamento e os tirantes e velames dos paraquedas. Contudo, a ampla dispersão de tropas teve o efeito inesperado de confundir os alemães quanto ao verdadeiro alvo da operação e dar a

impressão de que os ataques eram parte de uma ação diversionária massiva na Normandia antes que o verdadeiro ataque ocorresse no Pas de Calais. Só uma operação, a tomada da ponte Pegasus no rio Orue, no flanco leste, foi espetacularmente bem-sucedida. Os pilotos dos planadores pousaram na posição exata e o objetivo foi alcançado em questão de minutos.



[Ampliar mapa](#)

Antes da madrugada de 6 de junho quase todas as pistas de pouso na Inglaterra começaram a pulsar com o ruído da rotação das máquinas quando esquadrões de bombardeiros, caças e caças-bombardeiros começaram a decolar

seguindo corredores marcados rigidamente para evitar colisões e quedas. Os pilotos e as tripulações provinham de quase todos os países aliados: Grã-Bretanha, Estados Unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul, Rodésia, Polônia, França, Tchecoslováquia, Bélgica, Noruega, Países Baixos e Dinamarca. Alguns esquadrões, principalmente de Halifaxes e Stirlings, haviam partido mais cedo em missões de despistamento, despejando as já usuais “janelas” com lâminas de alumínio e bonecos paraquedistas que explodiam ao pousar.

As tripulações de caça-minas e o almirante Ramsay não podiam crer na própria sorte quando, ao terminar a sua tarefa, regressaram sem dar um tiro. O mar encrespado que havia convencido a Kriegsmarine a permanecer no porto fora a maior bênção para elas. Enviaram mensagens de boa sorte aos contratorpedeiros que avançavam para mais perto do continente a fim de assumir posições de bombardeamento antes das primeiras luzes. Os cruzadores e navios de guerra fundearam muito mais ao largo.

Os 130 mil combatentes apinhados nos navios dormiram pouco naquela noite. Alguns jogaram, alguns tentaram aprender algumas frases em francês, outros leram a Bíblia. Pouco depois de 1h, as tropas, especialmente as dos navios americanos, comeram um farto café da manhã e em seguida começaram a prender os equipamentos ao corpo, que continuaram ajustando por nervosismo enquanto fumavam compulsivamente. Por volta das 4h, as tropas receberam ordens de se reunir no deque. Descer pelas redes até as barcas de desembarque que oscilavam paralelas aos cascos nas ondas revoltas era perigoso, principalmente porque estavam sobrecarregados de armamentos e munição.

Assim que cada barca de desembarque ficava pronta, o timoneiro a conduzia para longe da lateral do navio e se juntava a uma fila em círculo seguindo uma pequena luz na popa da embarcação da frente. Um membro da 1ª Divisão de Infantaria que partiu do USS *Samuel Chase* escreveu que “a luz aparecia e sumia à medida que subíamos e baixávamos com as ondas”.¹² Logo os homens começaram a se arrepender do café da manhã farto e vomitaram pela borda, nos capacetes ou entre os pés. Os deques ficaram escorregadios com o vômito e a água do mar.

Quando uma luz cinzenta começou a penetrar pelo céu nublado, os encouraçados abriram fogo com o armamento principal — os canhões de 355 mm. Os cruzadores e contratorpedeiros imediatamente se juntaram ao bombardeio. Observando da costa, o tenente-general Joseph Reichert da 711ª Divisão de Infantaria notou que “o horizonte parecia uma massa sólida de chamas”.¹³ Já havia então suficiente luz da aurora para os alemães perceberem o tamanho da frota invasora. Os telefones de campanha soaram furiosamente nos

postos de comando. Os teletipos matraqueavam no quartel-general do Grupo B de Exércitos em La Roche-Guyon, no Sena, e no quartel-general de Rundstedt em Sain-Germain, na periferia de Paris.

Enquanto o bombardeio naval prosseguia, as barcas de desembarque carregadas de lançadores de foguetes se aproximaram da costa, mas a maior parte de seus disparos foi curta e os foguetes atingiram a água. O momento mais aterrador chegou para as tripulações dos Shermans DD (anfíbios), que começaram a descer pela frente das barcas em águas muito mais revoltas do que quando a capacidade de flutuação dos tanques fora testada. Em muitos casos, a tela de lona que cobria a torre caía com a força das ondas e algumas tripulações afundaram presas no interior das viaturas.

Na praia Utah, na base da Península de Contentin, a 4ª Divisão de Infantaria americana desembarcou com muito menos baixas do que o esperado e começou a progredir para substituir os paraquedistas da 82ª e da 101ª Aeroterrestres. Dominada por escarpas cobertas de algas, a longa praia curva conhecida como Omaha foi um objetivo muito mais mortal do que os Aliados esperavam. Muitas coisas deram errado mesmo antes de os soldados das 1ª e 19ª Divisões de Infantaria desembarcarem. O bombardeio naval, embora intenso, fora curto demais para ser eficaz e foi uma perda de tempo. Em vez de seguir a linha costeira, o que teria dado aos atiradores uma melhor pontaria com a visibilidade ruim, os aviadores americanos insistiram em chegar pelo mar para evitar serem atingidos pela lateral. Ao voarem sobre as barcas que desembarcavam os combatentes, as tripulações decidiram esperar um pouco mais para evitar atingir os seus próprios homens, então suas bombas caíram nos campos e aldeias do interior. Nenhuma defesa das praias, bunkers e postos de tiros foi atingida. Não havia nem mesmo crateras na praia onde a infantaria de assalto pudesse se abrigar. Como resultado, a primeira leva sofreu muitíssimas baixas, com a linha inimiga das metralhadoras e da artilharia leve disparando sobre as barcas que desciam as rampas. Muitas delas encalharam em bancos de areia.

“Algumas barcas voltavam depois de descarregar”, escreveu um membro da 1ª Divisão, “outras ficaram parcialmente inundadas, mas continuavam lutando para chegar à praia. As que encalhavam forçavam os motores sem resultado algum. Outras davam ré e tentavam novamente [...]. Vi barcas adernando, virando e jogando as tropas na água. Vi também outras muito avariadas pela artilharia levadas pelas ondas. Vi barcas sem combatentes parcialmente cheias de água como se estivessem abandonadas, ondeando. Os homens no meio delas lutavam pela proteção patética que ofereciam.”¹⁴

Os soldados traumatizados paralisavam no sopé das falésias, até os oficiais conseguirem forçá-los a se levantarem alertando-os de que morreriam na praia a

menos que progredissem continente adentro e matassem alemães. Os defensores haviam recebido reforços de uma pequena parte da 352ª Divisão de Infantaria, mas não eram tantos como alguns relatos fazem crer. Para sorte dos americanos, a principal reserva da 352ª, de uns 3 mil soldados, foi enviada em uma busca sem sentido nas primeiras horas da manhã para atacar os bonecos paraquedistas que explodiam e foi dizimada por uma brigada britânica que havia progredido diagonalmente da praia Gold. De qualquer modo, a matança e o caos em Omaha pela manhã foram suficientes para fazer o general Bradley considerar abandonar a praia de uma vez. Neste momento veio a notícia de que alguns grupos haviam conseguido chegar das falésias relativamente ilesos e que ainda era possível tomar Omaha. Uma combinação de alguns tanques Sherman enfrentando os bunkers e de contratorpedeiros americanos e britânicos navegando perigosamente perto e disparando com uma precisão impressionante nas posições alemãs também fez a balança pender a favor da força invasora.

Na praia Gold, a 50ª Divisão britânica não perdeu tempo em avançar terra adentro. Uma brigada se deteve a pouca distância de Bayeux quando caiu a noite e na manhã seguinte tomou a cidade sem baixas. A 3ª Divisão canadense enfrentou mais dificuldades na praia Juno, onde os alemães haviam fortificado aldeias à beira-mar e criado redes de túneis. Na Sword, que incluía o pequeno porto de Ouistreham, a 3ª Divisão britânica teve problemas com a maré inusitadamente alta que atrasou o desembarque dos tanques. Campos minados de ambos os lados das estradas e o fogo de artilharia bloqueando-as com viaturas incendiadas significaram que o ataque rápido por terra à cidade de Caen atrasou demais. A defesa encarniçada de um grande complexo de bunkers alemães piorou as coisas. No flanco, a 6ª Divisão Aerotransportada havia conquistado a região a ela designada entre os rios Orne e Dives, detonando pontes para evitar o contra-ataque de panzers vindos do leste.

O plano de Montgomery era tomar Caen e o terreno além da cidade o mais rapidamente possível para possibilitar a construção de campos de pouso, mas a resistência alemã com metralhadoras e canhões anticarro ocultos e firmemente posicionados em pátios de fazendas e nas aldeias foi muito mais difícil de romper do que esperavam. A inteligência aliada tampouco conseguiu detectar que a 21ª Divisão Panzer já estava na área de Caen. Havia uma contradição muito estranha no esquema de Montgomery. Por um lado, queria tomar a antiga cidade de Caen nas primeiras 24 horas da batalha, objetivo que obviamente era otimista demais. Por outro, ordenou a destruição da cidade com um ataque massivo de bombardeiros pesados em 6 de junho, mas os destroços bloqueando a cidade só atrapalharam os atacantes e ajudaram os defensores. Quase não morreram alemães no ataque, ao passo que o choque e o sofrimento da

população foram terríveis.

Os comandantes aliados temiam um grande contra-ataque de panzers, o que contribuiu para a sua cautela excessiva. Por sorte, o fracasso de Hitler em se decidir até o final da tarde do dia 6 de junho por empregar as formações blindadas favoreceu os invasores. Os comandantes em terra superestimaram o efeito dos pesados bombardeios aéreos, mas subestimaram o êxito dos esquadrões de caças-bombardeiros, que percorriam o interior atacando colunas blindadas alemãs que se dirigiam à área da invasão. A 1ª Divisão Panzer SS *Leibstandarte Adolf Hitler*, a 12ª Divisão Panzer SS *Hitler Jugend* e, sobretudo, a Divisão Panzer *Lehr* foram tremendamente golpeadas pelos Typhoons e P-47 Thunderbolts.

A 3ª Divisão Canadense considerou necessário conquistar aldeias e trazer rapidamente à frente os seus canhões anticarro para fortalecer a defesa. Mas a 3ª Divisão de Infantaria britânica, com honrosas exceções, foi lenta no avanço. O resultado foi que o II Exército britânico no flanco leste não conseguiu ganhar terreno que podia ter sido tomado com relativamente poucas baixas. Quando Rommel lançou o Grupo Panzer Oeste contra os setores britânico e canadense como o general Morgan havia previsto, as forças de Montgomery levaram um mês para tomar a cidade que fora o seu primeiro objetivo. A escassez de espaço do lado britânico na área de invasão impediu a RAF de estabelecer pistas de pouso avançadas e retardou o reforço das forças invasoras. Depois de fracassar em tomar as pistas de pouso de Caen e Carpiquet é surpreendente que Montgomery tenha escrito a Eisenhower em 8 de junho: “Estou muito satisfeito com a situação.”¹⁵

O I Exército de Bradley a oeste de Caen e na Península de Contentin enfrentou uma oposição mais branda, mas um terreno muito pior. O marechal de campo Brooke havia alertado para as dificuldades com o *bocage* da Normandia, as cercas vivas altas e densas que delimitavam as propriedades e se erguiam em declives sólidos com trilhas fundas no meio. Brooke havia estudado a topografia em 1940, mas quem nunca havia visto uma paisagem campestre tão incomum pensou que era semelhante à do oeste da Inglaterra, com pequenos declives que um tanque Sherman atravessaria facilmente. Contudo, o primeiro problema enfrentado pelas forças americanas foram os pântanos e as áreas inundadas. Os paraquedistas haviam caído lá com muitos resultados fatais, e grande parte do gargalo da Península de Contentin que precisavam conquistar estava alagado.

Depois que a cabeça de praia em Omaha foi garantida, o tenente-general Leonard “Gee” Gerow ordenou às divisões que progredissem pelo interior o

mais rapidamente possível. A 1ª Divisão de Infantaria avançou rápido para o sul e o leste a fim de fazer a junção com os britânicos em Port-en-Bessin em 7 de junho. A 29ª Divisão de Infantaria, que havia sido fortemente atingida, enviou o regimento de reserva para o oeste em direção a Isigny. Bradley esperava ligar as cabeças de praia de Omaha e Utah o mais breve possível. Mas as duas divisões aeroterrestres ainda estavam envolvidas em uma luta furiosa ao longo dos rios Merderet e Douve e ao redor de Sainte-Mère-Église, até que a 4ª Divisão de Infantaria avançou por terra a partir de Utah com batalhões de tanques para apoiá-las.

Depois que os alemães foram forçados a recuar do canto a sudeste da Península de Contentin, a 101ª Aeroterrestre conseguiu tomar a cidade de Carentan, em grande parte graças à confusão no lado alemão. Em 13 de junho, a 17ª Divisão de Granadeiros Panzer SS *Götz von Berlichingen* armou um contra-ataque. Bradley soube que estavam se aproximando pelas interceptações do Ultra e rapidamente trocou parte da 2ª Divisão Blindada. Os paraquedistas americanos ao sul de Carentan lutaram em um recuo semiguerrilheiro em direção à cidade, até que o general-brigadeiro Maurice Rose apareceu liderando os Shermans em uma meia-lagarta sem capota. Os granadeiros panzer SS fugiram confusos. No dia seguinte, as duas áreas invadidas foram reunidas.

Os alemães esperavam um grande ataque ao sul de Carentan, mas Bradley tinha outra prioridade: assegurar a Península de Contentin e o porto de Cherburgo na ponta. Em 14 de junho, a recém-desembarcada 9ª Divisão de Infantaria e a 82ª Aeroterrestre atacaram pelo gargalo da península. Estimulados pelo comandante do 7º Corpo, o major-general Lawton Collins, conhecido como “Lightning Joe” (Relâmpago Joe), eles chegaram à costa atlântica em quatro dias. Depois, com três divisões na península, avançaram para o norte com forte apoio aéreo e tomaram Cherburgo em 26 de junho. Hitler ficou indignado ao saber que o tenente-general Karl-Wilhelm von Schlieben havia se rendido.

Os Aliados, depois da sorte com o clima na invasão, agora sofriam terrivelmente. Uma grande tormenta no canal da Mancha destruiu o porto artificial de Mulberry construído ao largo de Omaha e avariou navios e barcas de desembarque. Os americanos ficaram desesperadamente necessitados de artilharia e munição, o que os impediu de avançar para o sul durante a operação de Cherburgo.

O reforço dos exércitos britânicos também foi sustado à medida que se chegava a um impasse. A resistência alemã ao redor de Caen havia se intensificado com a chegada da Divisão SS *Hitler Jugend*. Para piorar as coisas, nuvens baixas mantiveram os aviões aliados em terra. A 50ª Divisão britânica e a 8ª Brigada Blindada haviam avançado para o sul partindo de Bayeux, mas

toparam com violentos contra-ataques da Divisão Panzer *Lehr* perto de Tilly-sur-Seulles e Lingèvres.

Em 10 de junho, Montgomery encontrou-se com Bradley em Port-en-Bessin e, com o mapa aberto sobre o capô do carro, explicou que não pretendia entrar diretamente em Caen. Queria cercá-la com a 51ª Divisão Highland atacando do setor da 6ª Aerotransportada a leste do Orne. Ao mesmo tempo, a 7ª Divisão Blindada se esgueiraria para o sul no flanco direito passando próximo do setor americano perto de Caumont, e depois para o leste em direção a Villers-Bocage, por trás da Divisão Panzer *Lehr*. Era um plano bom e ousado, se tivesse sido posto em prática de imediato e com força total. No entanto, foi pouco mais do que um reconhecimento em força escandalosamente mal apoiado.

Em 13 de junho, a ponta de lança, que consistia em apenas uma força-tarefa à base de regimento, alcançou Villers-Bocage, mas sem um destacamento de reconhecimento na vanguarda. Em consequência, os tanques Cromwell dos *Sharpshooters* (o 4º Regimento Yeomanry do Condado de Londres) toparam com uma emboscada devastadora de tanques Tigres liderados pelo ás dos blindados Michael Wittmann, do 101º Batalhão de Carros de Combate Pesados. Isto, somado à súbita chegada da 2ª Divisão Panzer no flanco sul exposto da 7ª Divisão Blindada, levou a uma retirada humilhante.

Montgomery havia insistido em ter três de suas divisões do deserto com ele na Normandia — a 7ª Blindada, a 50ª Northumbrian e a 51ª Highland. Muitos regimentos veteranos lutaram bem na Normandia, mas o moral e, em alguns casos, a disciplina de outros tantos não eram bons. Lutavam havia muito tempo e não estavam preparados para correr riscos. Uma cautela “astuta” os fazia ir devagar. No caso dos regimentos blindados, o medo dos canhões anticarro alemães bem camuflados era compreensível, pois o 88 mm os derrubaria a uma distância de mais de 1,5 quilômetro. E menos de um terço dos tanques britânicos tinha o excelente canhão 17-pounder, que podia enfrentar o Tigre ou o Pantera a uma distância razoável. Após a debacle de Villers-Bocage, a confiança da 7ª Divisão Blindada foi seriamente abalada. A tentativa da 51ª Divisão Highland de atacar no leste de Caen também foi por terra. Montgomery ficou tão apavorado com o desempenho da 51ª que demitiu o seu general e pensou em enviar a divisão de volta à Inglaterra para ser treinada novamente. Só no final da campanha da Normandia a Highland recuperou a antiga reputação.

No exército dos EUA o desempenho também variava enormemente, não só entre as divisões como nas grandes unidades e unidades que as constituíam. As baixas psicológicas eram altas nas divisões novatas, e o índice de colapso nervoso entre os repletamentos mal treinados e mal orientados era desastroso. Podia ser muito desmoralizante chegar de noite a uma unidade da

frente sem conhecer ninguém e, em muitos casos, com pouca instrução. Os veteranos os evitavam, pois tinham chegado para substituir colegas que tinham acabado de morrer e que eles ainda pranteavam.

Quaisquer ideias de que os alemães deveriam saber que a guerra estava perdida foram brutalmente sacudidas pela sua defesa selvagem e eficaz usando todos os truques letais aprendidos no front oriental. Além das formações aliadas de elite, como de paraquedistas e rangers, a maioria dos soldados eram cidadãos armados que só queriam que a guerra acabasse. Não se podia esperar que partilhassem o fervor de quem havia sido doutrinado desde a puberdade na mentalidade guerreira nazista e depois persuadido pela propaganda de Goebbels de que, se não defendessem a Normandia, as suas famílias, lares e pátria seriam destruídos para sempre.

A 12ª Divisão *Hitler Jugend SS* era a mais fanática. Os seus oficiais haviam dito aos homens antes da batalha que qualquer soldado da SS que se rendesse sem sofrer feridas incapacitantes seria tratado como traidor. Caso fossem aprisionados com vida, deviam rejeitar a transfusão de sangue estrangeiro, preferindo morrer pelo Führer. Não era possível imaginar soldados britânicos ou americanos desejando morrer pelo rei Jorge VI, Churchill ou o presidente Roosevelt. Claro, nem todos os soldados alemães eram tão crédulos. Muitos nas divisões comuns de infantaria simplesmente queriam sobreviver e voltar a ver as namoradas e as suas famílias.

Quando os americanos tomaram Cherburgo, a batalha do *bocage* e dos pântanos ao sul da península começou de verdade. Foi um embate sangrento com grandes baixas, e as divisões de Bradley se espalharam de Caumont à costa atlântica para chegar a campo aberto, onde as divisões blindadas americanas podiam ser desdobradas para operar com força total.

Os generais alemães alegaram, talvez justificadamente, que era fácil revidar o modo de combater de Bradley, com pouco além dos ataques de um só batalhão apoiado por alguns carros de combate e tanques fortemente armados para destruir outros blindados. O comandante da 3ª Divisão de Paraquedistas chegou a se jactar de que aquilo era o treinamento perfeito para as tropas iniciantes, muitas das quais haviam sido transferidas da Luftwaffe e unidades de treinamento de voo simplesmente para completar os efetivos. Usando pequenos destacamentos de combate com uma mistura de infantaria, engenheiros para colocar minas e armadilhas, canhões de assalto autopropulsados e canhões anticarro bem posicionados, as forças alemãs infligiram mais baixas entre os atacantes americanos do que as que sofreram. O seu principal problema era a escassez de munição e outros suprimentos em virtude do ataque aéreo aliado ao transporte na retaguarda.

O objetivo de Bradley era capturar Saint-Lô e garantir a estrada Périers-Saint-Lô como a linha de partida da ofensiva principal, enquanto Montgomery novamente tentava cercar Caen. Ele não sabia que em 17 de junho Rommel e Rundstedt haviam pedido permissão a Hitler para recuar as suas forças para uma linha mais defensável por trás do rio Orne e fora do alcance da artilharia naval dos Aliados. Hitler, que visitava rapidamente a França para impor a sua vontade aos seus generais, recusou-se a considerar a solicitação. A sua obstinação maníaca e a interferência nas decisões do comando definiram não só o padrão da campanha da Normandia, mas também o destino da França.

Em seu mundo de ilusão, Hitler convenceu-se de que a bomba voadora V-1 que acabara de lançar contra Londres poria os britânicos de joelhos e os novos caças em breve destruiriam a força aérea dos Aliados. Rommel sabia que isto era mera fantasia, e instou-o a dar um fim à guerra. Hitler retrucou que os Aliados não iriam negociar, e desta vez tinha razão. Após a breve visita, Hitler regressou ao Berghof. Cinco dias depois, o exército alemão no front oriental sofreu a maior derrota em toda a guerra.

Notas:

* Trocadilho com a palavra “Overlord”, *overboard* significa “exagerar”. [N. da T.]

** Sistema de antiespionagem e de operações de despistamento da inteligência militar britânica (MI5), pelo qual agentes nazistas na Inglaterra — reais ou falsos — eram capturados e então empregados para fazer radiodifusões principalmente com desinformação. [N. do R. T.]

A Bagration e a Normandia

JUNHO-AGOSTO DE 1944

Enquanto o OKH e o quartel-general do Führer descartavam a possibilidade de um ataque na Bielorrússia, a apreensão crescia entre as unidades da linha de frente do Grupo de Exércitos do Centro. Em 20 de junho de 1944, a atmosfera ficou ainda mais tensa com o “calor dos dias de alto verão e o estrondo distante”¹ e com os ataques crescentes dos *partisans* na retaguarda. Dez dias antes, uma estação alemã havia interceptado uma mensagem soviética ordenando a intensificação das atividades na retaguarda do IV Exército. Em consequência, os alemães lançaram uma forte ofensiva anti-*partisans*, a Operação *Kormoran*. Ela incluiu a notória Brigada Kaminski, cuja crueldade flagrante contra civis soava medieval e cuja indisciplina tempestuosa era uma afronta para os oficiais alemães tradicionais.

As instruções de Moscou aos grandes grupos de *partisans* nas florestas e pântanos da Bielorrússia foram específicas. Primeiro, deviam atacar as comunicações ferroviárias, depois fustigar as forças da Wehrmacht quando comesse a ofensiva. Isto incluía tomar pontes, cortar linhas de suprimentos derrubando árvores nas florestas sobre as estradas e montar ataques para atrasar a chegada dos reforços à frente.

Na madrugada de 20 de junho, a 25ª Divisão de Granadeiros Panzer foi alvo de uma hora de bombardeios e um breve ataque. Depois, tudo se acalmou novamente. Aquilo devia ser um ataque exploratório ou uma tentativa de inquietá-los. O quartel-general do Führer não acreditava que a ofensiva soviética de verão tivesse por alvo o Grupo de Exércitos do Centro. Eles esperavam uma ofensiva ao norte de Leningrado contra os finlandeses e um ataque massivo ao sul dos Alagadiços de Pripet em direção ao sul da Polônia e os Bálcãs.

Hitler pensava que a estratégia de Stalin era atacar os aliados do Eixo — finlandeses, húngaros, romenos e búlgaros — para forçá-los a sair da guerra, como os italianos. As suas suspeitas pareceram se confirmar quando a Frente de

Leningrado e depois a Frente da Karelia atacaram. Suficientemente confiante para escolher o pragmatismo sobre a vingança, Stalin não pretendia esmagar a Finlândia por completo. Isto empregaria forças necessárias em outras partes. Ele simplesmente queria enquadrar os finlandeses e recuperar as terras que lhe haviam tomado em 1940. Como esperava, as operações no norte fizeram Hitler desviar os olhos da Bielorrússia.

O Exército Vermelho teve êxito com as medidas diversionárias *maskirovka* que sugeriram uma grande formação na Ucrânia, quando na verdade estava secretamente transferindo tanques e outros exércitos para o norte. A tarefa foi facilitada pelo desaparecimento quase total da Luftwaffe. A ofensiva de bombardeio estratégico dos Aliados e agora a invasão da Normandia haviam reduzido o apoio da Luftwaffe aos exércitos alemães no front oriental a um nível desastroso. A supremacia aérea soviética impediu quase todos os voos de reconhecimento alemães, e por isso o quartel-general do Grupo de Exércitos do Centro em Minsk tinha poucas informações sobre a gigantesca concentração de forças que estava ocorrendo. No total, o Stavka reunira uns quinze exércitos, somando cerca de 1.670.000 homens com quase 6 mil tanques e autopropulsados, além de 30 mil canhões e morteiros pesados, inclusive baterias de Katyushas. Tudo isto com o apoio de mais de 7.500 aviões.

O Grupo de Exércitos do Centro se tornara um adversário inferior. Alguns setores tinham tão poucos homens que as sentinelas tinham de fazer turnos de seis horas todas as noites. Eles e os oficiais desconheciam o trabalho febril que ocorria por trás das linhas soviéticas. As trilhas nas florestas estavam sendo alargadas para as grandes viaturas blindadas, estradas pavimentadas com toras de madeira eram construídas para os tanques cruzarem os pântanos, pontões eram montados, pontos de travessia recebiam leitos sólidos e pontes submersas estavam sendo construídas logo abaixo da superfície dos rios.

Esta enorme mobilização atrasou em três dias o lançamento da ofensiva. Em 22 de junho, no terceiro aniversário da Operação Barbarossa, a Primeira Frente do Báltico e a Terceira Frente Bielorrussa fizeram os reconhecimentos. A Operação Bagration, batizada por Stalin em referência a um herói principesco georgiano de 1812, começou para valer no dia seguinte.

O plano do Stavka era primeiro cercar Vitebsk, ao norte do saliente à frente do Grupo de Exércitos do Centro, e Bobruisk no lado sul, para depois avançar diagonalmente destes dois pontos e cercar Minsk, no centro. No flanco norte, a Primeira Frente do Báltico do marechal I. Kh. Bagramyan e a Terceira Frente Bielorrussa do jovem coronel-general I. D. Chernyakhovsky atacaram rapidamente para cercar o saliente de Vitebsk antes que os alemães pudessem reagir. Chegaram a dispensar um bombardeio da artilharia, a menos que fosse

considerado essencial em algum setor determinado. Os tanques da ponta de lança foram apoiados por ondas de caças-bombardeiros Shturmoviks. O III Exército Panzer foi pego de surpresa. Vitebsk estava localizada no meio de um saliente vulnerável, cuja parte central era defendida por duas divisões de campanha fracas da Luftwaffe. O pobre comandante do corpo tinha ordens de manter Vitebsk como uma fortaleza, embora ele não contasse com forças para cumprir a tarefa.

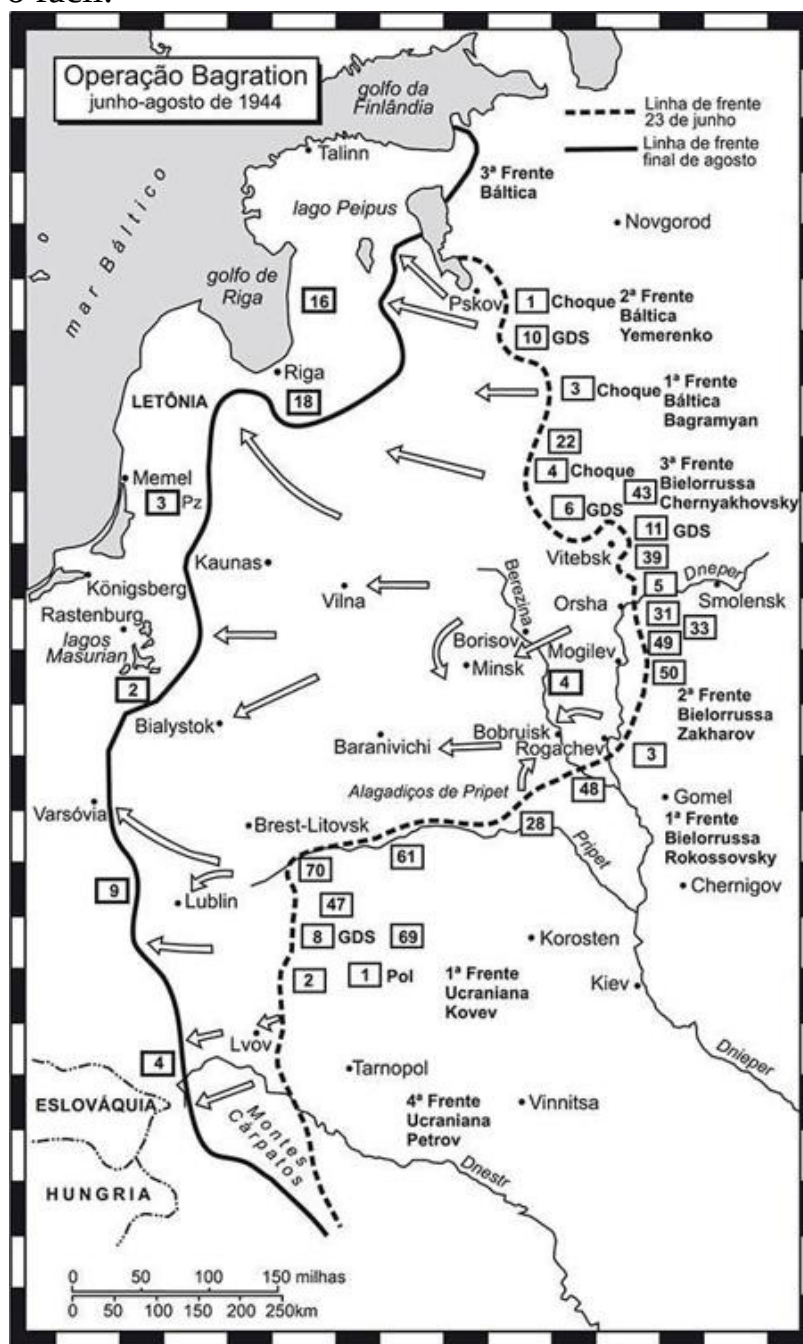
No centro, de Orsha a Mogilev, o quartel-general do tsar na Primeira Guerra Mundial, o IV Exército do general de infantaria Kurt von Tippelskirch também foi surpreendido. “Tivemos um dia realmente horrível”,² escreveu para casa um *suboficial* da 25ª Divisão de Granadeiros Panzer, “que não vou esquecer facilmente. Os russos começaram com o bombardeio mais pesado possível. Durou mais ou menos três horas. Eles tentaram penetrar com toda a força, e ela era inexorável. Tive de correr muito para não cair nas mãos deles. Os tanques avançavam com bandeiras vermelhas.” Só a 25ª Divisão de Granadeiros Panzer e a 78ª Divisão *Sturm* revidaram furiosamente com canhões de assalto ao leste de Orsha.

No dia seguinte, Tippelskirch quis recuar para o norte do Dnieper, mas o quartel-general do Führer não deu autorização. Com várias divisões abaladas e os homens exauridos, ele resolveu desobedecer as ordens insanas de resistir, transmitidas pelo subserviente comandante do grupo de exércitos em Minsk, o marechal de campo Ernst Busch. Os comandantes entenderam que o único modo de salvar as formações era falsificar informes sobre a situação e as entradas no diário de guerra para justificar as retiradas.

A 12ª Divisão de Infantaria alemã diante de Orsha recuou bem a tempo. Quando um major indagou a um oficial de engenharia por que tinha tanta pressa em detonar uma ponte depois que o seu batalhão havia passado, o homem passou-lhe os binóculos e apontou para o outro lado do rio. Virando-se, o major avistou uma coluna de tanques T-34 já ao alcance dos disparos. Orsha e Mogilev, no Dnieper, foram isoladas e tomadas em três dias. Várias centenas de feridos tiveram de ser deixados para trás. O general alemão que recebera ordem de manter Mogilev até o fim quase sofreu um colapso nervoso.

Por trás das linhas soviéticas, o maior problema era o enorme congestionamento de veículos militares. Não era possível desviar facilmente de um tanque enguiçado por causa dos pântanos e florestas de ambos os lados das estradas. Às vezes o caos era tamanho que “o controlador de tráfego na encruzilhada podia ser um coronel”,³ recordou depois um oficial do Exército Vermelho. Ele também realçou que as forças soviéticas tiveram muita sorte de não haver nem sinal da Luftwaffe, pois todos aqueles veículos em fila indiana

seriam um alvo fácil.



No flanco sul, a Primeira Frente Bielorrussa do marechal Rokossovsky lançou um assalto com um bombardeio preliminar massivo às 4h. As explosões criaram chafarizes de terra. Uma área imensa do solo foi escavada e arada. As árvores caíam e os soldados alemães, que instintivamente adotavam a posição fetal nos bunkers, tremiam quando o solo vibrava como em um terremoto.

A pinça norte de Rokossovsky cortou entre o IV Exército de Toppelshirch e o IX Exército responsável pelo setor de Bobruisk. O general de infantaria Hans

Jordan, comandante do IX Exército, empregou a 20ª Divisão Panzer da reserva. Mas quando o contra-ataque começou naquela noite a 20ª Panzer recebeu ordens de recuar para o sul, na direção de Bobruisk. A penetração da outra pinça liderada pelo 1º Corpo de Tanques de Guardas era muito mais perigosa. Ela ameaçou cercar a cidade e isolar também o flanco esquerdo do IX Exército. A abordagem surpreendente de Rokossovsky através da orla dos Alagadiços de Pripiet teve um êxito semelhante ao dos alemães surgindo das Ardenas em 1940.

Hitler continuava se recusando a permitir a retirada, então em 26 de junho o marechal de campo Busch voou a Berchtesgaden para informá-lo no Berghof. Chegou acompanhado de Jordan, que Hitler queria interrogar sobre o emprego da 20ª Divisão Panzer. Porém, enquanto se encontravam fora do quartel-general, quase todo o IX Exército foi cercado. No dia seguinte, Busch e Jordan foram exonerados. Hitler imediatamente recorreu ao marechal de campo Model. Contudo, mesmo com este desastre e a ameaça a Minsk, o OKW continuava sem noção da escala das ambições soviéticas.

Model, um dos poucos generais capazes de enfrentar Hitler, conseguiu realizar o recuo necessário para a linha do rio Berezina, diante de Minsk. Hitler também permitira que a 5ª Divisão Panzer se posicionasse a nordeste de Minsk, em Borisov. Ela chegou em 28 de junho, mas foi atacada pelos aviões Shturmovik. Reforçada por um batalhão de tanques Tigre e unidades da SS, a divisão se desdobrou em ambos os lados da estrada Orsha-Borisov-Minsk. Os oficiais e praças não tinham ideia da situação em geral, apesar dos rumores de que o Exército Vermelho havia cruzado a Berezina em algum ponto ao norte.

Naquela noite, elementos avançados do V Exército de Tanques de Guardas se chocaram com os granadeiros panzer da divisão. Um batalhão de carros de combate Pantera chegou para reforçar a linha alemã, mas ao norte as tropas de Chernyakhovsky haviam irrompido entre o III Exército Panzer e o IV Exército. Teve início uma retirada caótica sob o ataque constante dos Shturmoviks e da artilharia soviética. Aterrorizadas, as tropas de transporte germânicas conduziram a toda velocidade para alcançar a última ponte que restava sobre o Berezina, ultrapassando umas às outras para cruzá-la antes que fosse detonada pelo inimigo. O ponto em que Napoleão atravessara na terrível retirada de 1812 ficava pouco ao norte de Borisov.

Vitebsk já estava em chamas quando as tropas alemãs do 53º Corpo partiram na tentativa vã de romper o cerco e se unirem ao III Exército Panzer. Os depósitos e reservatórios de combustível ardiam, soltando fumaça. Houve uma perda de quase 30 mil homens, mortos ou aprisionados. O desastre abalou a fé de muitos no Führer e no destino da guerra. “Os Ivans passaram esta manhã”, escreveu a casa um suboficial da 206ª Divisão de Infantaria. “Uma curta pausa

me permite escrever esta carta. As ordens são para desengajar do combate. Meus queridos, a situação é desesperadora. Já não creio em ninguém, se tudo estiver como estou vendo aqui.”⁴

No sul, os exércitos de Roskossovsky haviam cercado quase todo o IX Exército e a cidade de Bobruisk, que capturaram. “Quando entramos em Bobruisk”,⁵ escreveu Vasily Grossman, que ia com a 120ª Divisão de Infantaria de Guardas, que ele conhecera em Stalingrado, “alguns prédios estavam em chamas e outros eram escombros. A estrada da vingança leva a Bobruisk! Com dificuldade, o nosso carro abre caminho entre tanques e canhões autopropulsados alemães calcinados e retorcidos. Os homens caminham sobre os cadáveres alemães. Corpos, centenas e centenas deles, cobrem a estrada, jazem nas trincheiras sob os pinheiros e nos campos de cevada verde. Em alguns lugares os veículos precisam passar sobre os cadáveres, tantos são os que cobrem o solo. As pessoas estão sempre ocupadas, enterrando-os, mas são tantos que não se pode fazer o trabalho em um dia. O tempo está cansativamente quente e parado, e as pessoas caminham e dirigem apertando lenços contra o nariz. Um caldeirão da morte fervia aqui — uma vingança impiedosa e terrível contra os que não depuseram as armas e fugiram para o oeste.”

Quando os alemães foram derrotados, os civis apareceram. “O nosso povo que libertamos conta histórias e chora (os que choram são principalmente os velhos)”, um jovem soldado do Exército Vermelho escreveu para casa. “E os jovens estão com um ânimo tão maravilhoso que riem o tempo todo e nunca se calam. Riem e falam.”⁶

Para os alemães, a retirada foi desastrosa. Todos os tipos de viaturas foram abandonadas, pois não havia combustível. Mesmo antes do ataque, cada uma estava limitada a 10 a 15 litros por dia. A estratégia do general Spaatz de bombardear as instalações de petróleo certamente estava ajudando o Exército Vermelho no front oriental e os Aliados na Normandia. Os alemães feridos suficientemente sortudos para serem evacuados sofriam horivelmente nas carroças puxadas a cavalo que sacolejavam, rechinavam e avançavam aos solavancos. Muitos morreram com a perda de sangue antes de chegar aos postos de triagem de feridos. Como os primeiros socorros haviam sido drasticamente reduzidos na frente em virtude da perda de médicos, uma ferida séria quase certamente significava a morte. Os que podiam ser levados da linha de frente eram encaminhados aos hospitais militares em Minsk, que agora era o principal objetivo soviético.

Nas florestas, os remanescentes das formações alemães avançavam para o oeste a fim de escapar. Tinham pouca água e muitos soldados se desidratavam com o calor. Todos sofriam de estresse intenso por medo de serem emboscados

por guerrilheiros ou capturados pelo Exército Vermelho. Os bombardeiros e artilheiros que acoassavam a retirada derrubavam árvores e espalhavam farpas de madeira. A severidade e a ubiquidade da luta eram tais que pelo menos sete generais alemães do Grupo de Exércitos do Centro foram mortos em ação.

Até Hitler teve de abandonar a compulsão de chamar de fortalezas cidades totalmente inadequadas. Os seus comandantes agora tentavam evitar defender cidades por este motivo. No final de junho, o V Exército Blindado de Guardas havia aberto caminho com tratores e começara a cercar Minsk a partir do norte. O caos reinava na cidade quando o quartel-general do Grupo de Exércitos do Centro e todos as instalações da retaguarda alemã se apressaram em escapar. Os feridos graves foram abandonados à própria sorte nos hospitais. Minsk foi capturada pelo sul em 3 de julho, e a maior parte do IV Exército alemão ficou encurralada entre a cidade e o Berezina.

Até um sargento médico sem acesso às cartas topográficas podia enxergar claramente a amarga ironia da situação. “O inimigo”, escreveu, “faz agora o que fizemos em 41: o cerco ao cerco.”² Um sargento da Luftwaffe comentou em carta à mulher na Prússia Oriental que estava a apenas 200 quilômetros dela. “Se os russos mantiverem a direção do ataque, não vai demorar para chegarem à sua porta.”³

A vingança se deu em Minsk, principalmente contra ex-soldados do Exército Vermelho que tivessem servido como *Hiwis* com a Wehrmacht. Outros se vingaram pessoalmente depois da repressão selvagem na Bielorrússia que dizimara um quarto da população. “Um guerrilheiro, um homem pequeno”, escreveu Grossman, “matou dois alemães com uma estaca. Ele havia pedido aos guardas da coluna que lhe entregassem aqueles alemães. Estava convencido de que eram eles os que haviam matado a sua filha Olya e os seus filhos, seus dois meninos. Quebrou todos os ossos deles e esmagou os seus crânios, e enquanto os acertava com o porrete chorava e gritava: ‘Tome isto — por Olya! Tome isto — por Kolya!’ Quando eles morreram, ele encostou os corpos em uma árvore e continuou a golpeá-los.”⁴

Os exércitos mecanizados de Rokossovsky e Chernyakhovsky prosseguiram enquanto divisões de infantaria na retaguarda cuidavam das forças alemãs encurraladas. A esta altura, os comandantes soviéticos conheciam a vantagem de um ataque impetuoso quando o inimigo estava em fuga. Os alemães não deviam ter tempo de se recuperar e preparar novas linhas de defesa. O V Exército Blindado de Guardas se encaminhou a Vilna, enquanto outras formações foram para Baranovich. Vilna caiu em 13 de julho depois de uma luta encarniçada. Kaunas era o próximo objetivo. O território alemão sob a forma da Prússia Oriental ficava logo adiante.

Agora o Stavka planejava um ataque no golfo de Riga com o fim de encurralar o Grupo de Exércitos do Norte na Estônia e na Lituânia. O grupo de exércitos lutou desesperadamente para manter aberto o corredor para o oeste, enquanto revidava oito exércitos soviéticos no leste. Em 13 de julho, ao sul dos Alagadiços de Pripet, os exércitos da Primeira Frente Ucraniana do marechal Konev lançaram uma ofensiva que ficou conhecida como Operação Lvov-Sandomierz. Depois de esmagar linhas alemãs debilmente defendidas, as formações de Konev avançaram para cercar Lvov. O ataque à cidade, dez dias depois, foi apoiado por 3 mil homens do Exército Nacional Polonês, liderado pelo coronel Władisław Filipkowski. Porém, assim que a cidade foi tomada, o NKVD, que já havia tomado o quartel-general da Gestapo e os seus arquivos, prendeu os oficiais do Exército Nacional e forçou os soldados a se juntarem ao I Exército Comunista Polonês.¹⁰

Depois de conquistar Lvov, a Primeira Frente Ucraniana de Konev rumou para o oeste até o Vístula, mas as formações soviéticas aproximando-se da Prússia Oriental — território do “velho Reich” — eram o que provocava mais medo nos corações alemães. Como na Normandia, a sua única fonte de esperança eram as bombas V, principalmente a V-2. “O seu efeito deve ser muitas vezes mais poderoso do que o da V-1”,¹¹ escreveu a casa um sargento, mas ele não era o único a temer que os Aliados retaliassem com gás. Um ou dois chegaram a aconselhar as famílias para que, se necessário, comprassem máscaras antigás. Outros começaram a temer que o seu próprio lado “começasse a usar gás (como último recurso)”.

Algumas unidades alemãs foram enviadas para uma linha defensiva após a outra, na esperança de deter o avanço. “Os russos estão atacando constantemente”, escreveu o cabo de uma companhia de construção alistado na infantaria. “O bombardeio começou às 5h. Eles querem romper o cerco. Os seus aviões de ataque terrestre estão bem coordenados com o fogo da artilharia. É impacto atrás do outro. Estou sentado no nosso bom bunker escrevendo o que talvez seja a última carta.”¹² Quase todos os soldados rezavam em privado para voltar com vida, mas sem realmente acreditar nisto.

Os acontecimentos se sucediam tão rapidamente — como comentou um sargento jogado em outro destacamento de combate improvisado — que “já não se pode falar de frente”. Ele prosseguiu: “Só posso lhes dizer que já não estamos longe da Prússia Oriental e que talvez o pior ainda esteja por vir.”¹³ Na Prússia Oriental, os civis observavam com ansiedade crescente as estradas movimentadas. Perto da fronteira leste uma mulher viu “colunas de soldados e refugiados de Tilsit, que havia sido fortemente bombardeada”¹⁴ passarem diante da sua porta. Os ataques de bombardeiros soviéticos forçaram os civis a se

refugiar nos sótãos e a fechar com tábuas as janelas estilhaçadas. As oficinas e fábricas praticamente pararam de funcionar, pois pouquíssimas mulheres iam trabalhar. Era proibido percorrer distâncias de mais de 100 quilômetros. O *Gauleiter* da Prússia Oriental, Erich Koch, não queria que os civis fugissem para o oeste, pois isto seria derrotismo.

O avanço de Konev prosseguiu rapidamente a partir de Lublin, onde o campo de concentração de Majdanek foi descoberto a oeste da cidade. Grossman havia se reunido com o general Chuikov, cujo exército em Stalingrado, agora o VIII de Guardas, tomara a cidade. A principal preocupação de Chuikov era perder o avanço até Berlim, que para ele era tão importante quanto Roma para o general Clark. “É perfeitamente lógico e razoável”, dizia. “Imagine só: *stalingradtsy* avançam sobre Berlim!”¹⁵ Grossman, avesso à egolatria dos comandantes e aborrecido porque Konstantin Simonov havia sido enviado para cobrir a história de Majdanek em seu lugar, foi para o norte, para Treblinka, que acabara de ser descoberto.

Simonov acompanhou um grande grupo de correspondentes estrangeiros enviados a Majdanek pelo Departamento Político Principal do Exército Vermelho para testemunhar os crimes nazistas. A posição de Stalin, com o lema “Não divida os mortos”, era clara. No que se refere ao sofrimento, não houve menção aos judeus como uma categoria especial. As vítimas de Majdanek deviam ser descritas exclusivamente como cidadãos soviéticos e poloneses. Hans Frank, chefe do governo geral nazista, ficou horrorizado quando apareceram na imprensa estrangeira detalhes das instalações de extermínio em Majdanek. A rapidez do avanço soviético pegou a SS de surpresa, sem dar-lhes chance de destruir as evidências incriminatórias. Pela primeira vez, eles entenderam que um patíbulo os esperava ao final da guerra.

A SS teve um pouco mais de tempo em Treblinka. Em 23 de julho, quando a artilharia de Koven era ouvida a distância, o comandante de Treblinka I recebeu ordens de liquidar os últimos sobreviventes. Foi distribuído *schnapps* entre a SS e os *Wachmänner* (guardas) ucranianos para encorajá-los antes de executarem os prisioneiros restantes das equipes de trabalho. Max Levit, um carpinteiro de Varsóvia, foi o único sobrevivente. Ferido no primeiro fuzilamento, foi coberto por outros corpos. Conseguiu se arrastar para a floresta, de onde ouviu as rajadas. “Stalin nos vingará!”,¹⁶ gritou um grupo de meninos russos antes de serem fuzilados.

Pouco antes de a Operação Bagration atacar os seus exércitos no leste, Hitler transferira o 2º Corpo Panzer SS para a Normandia, junto com a 9ª Divisão

Panzer *Hohenstaufen* e a 10ª Panzer *Frundsberg*. As interceptações do Ultra haviam alertado os líderes aliados na Normandia de que os dois grandes comandos estavam a caminho. Eisenhower soltava chispas de impaciência, porque a ofensiva seguinte de Montgomery contra Caen depois de Villers-Bocage só ficou pronta em 26 de junho. Não foi por culpa de Montgomery, pois uma grande tempestade havia atrasado o fortalecimento das forças no que ficou conhecido como Operação Epsom. Mais uma vez, ele pretendia atacar a oeste de Caen e dar a volta para cercar a cidade.

Em 25 de junho começou um ataque diversionário a oeste, com o 30º Corpo recrudescente a batalha com a Divisão Panzer *Lehr*. A 49ª Divisão, conhecida como Divisão Urso-Polar devido ao seu distintivo, conseguiu empurrar a Panzer *Lehr* de volta aos vilarejos de Tessel e Rauray, onde a luta foi particularmente selvagem. Desde que a 12ª Divisão Panzer *Hitler Jugend SS* começara a assassinar prisioneiros houve pouca comiseração de ambos os lados. Pouco antes do ataque ao bosque de Tessel, o sargento Kuhlmann, comandante de um pelotão de morteiros do 1º Batalhão do 4º Regimento de Infantaria Leve de Yorkshire do Rei registrou as ordens na caderneta de mensagens. Ao final está escrito: “NPT abaixo do posto de major”, o que significava “não fazer prisioneiros abaixo do posto de major”.¹⁷ Outros recordam ter ouvido “nada de prisioneiros” e afirmaram que, por isto, a propaganda alemã começou a chamar a 49ª Divisão de “ursos-polares açougueiros”.¹⁸ Uma interceptação do Ultra confirmou que a Panzer *Lehr* sofrera “grandes baixas”.¹⁹

Montgomery conversou com Eisenhower sobre a Operação Epsom como o “momento decisivo”, com a clara intenção de conduzir a batalha do modo cauteloso de sempre. A história oficial da campanha italiana observou mais tarde que Montgomery “tinha o dom incomum de combinar persuasivamente o discurso muito ousado às ações muito prudentes”.²⁰ Isto foi verdade especialmente na Normandia.

O recém-chegado 8º Corpo lançou o principal ataque, com a 15ª Divisão escocesa e a 43ª Divisão Wessex em primeiro escalão e a 11ª Divisão Blindada atrás, pronta para explorar qualquer brecha. O bombardeio inicial combinou artilharia divisionária e do corpo, além de armamentos dos principais navios de guerra ao largo. A 15ª Escocesa avançou rapidamente, mas a 43ª Divisão à esquerda topou com um contra-ataque da 12ª Divisão Panzer. Quando caiu a noite, os escoceses haviam chegado ao vale de Odon. O avanço prosseguiu embora o movimento fosse lento, já que os veículos engarrafavam perigosamente nas estreitas estradas normandas. No dia seguinte, o 2º Argyll e o Sutherland Highlanders, ignorando sabiamente as doutrinas táticas imperantes, atravessaram o Odon em pequenos grupos e tomaram uma ponte.

Em 28 de junho, o tenente-general Sir Richard O'Connor, que havia escapado de um campo de prisioneiros na Itália e comandava o 8º Corpo, quis avançar ainda mais com a 11ª Divisão Blindada e conquistar uma cabeça de ponte no rio Orne, atrás do Odon. O general Sir Miles Dempsey, comandante do II Exército britânico, sabia pelas interceptações do Ultra da chegada iminente do 2º Corpo Panzer da SS e, com Montgomery acima dele, decidiu ser mais cauteloso. Ele teria sido muito mais incisivo se soubesse dos desenvolvimentos do lado alemão.

Hitler acabara de convocar Rommel ao Berghof, um ato extraordinário em meio à batalha. Para aumentar a confusão, o comandante em chefe do VII Exército, o coronel-general Friedrich Dollmann, acabara de falecer — oficialmente de um ataque cardíaco —, mas a maioria dos oficiais suspeitava de suicídio após a rendição de Cherburgo. Sem consultar Rommel, Hitler nomeou o *Obergruppenführer* Paul Hausser, comandante do 2º Corpo Panzer SS, para assumir o VII Exército. Este, que recebera ordens de contra-atacar a ofensiva britânica com as divisões panzer da SS *Hohenstaufen* e *Frundsberg*, teve de passar o comando ao seu sub e correr para o novo quartel-general em Le Mans.

Em 29 de junho, a 11ª Divisão Blindada, liderada pelo notável comandante major-general Philip “Pip” Roberts, conseguiu colocar os seus tanques da vanguarda na Cota 112, o ponto principal entre o Odon e o Orne. Dedicou-se então a revidar os contra-ataques da 1ª Divisão Panzer SS *Leibstandarte Adolf Hitler*, parte da 21ª Panzer e a 7ª Brigada de Morteiros com os lançadores de foguetes Nebelwerfer, que zurravam como burros. Os alemães reconheceram a importância da captura da Cota 112. Ordens urgentes foram enviadas ao *Gruppenführer* Wilhelm Bittrich, o substituto de Hausser, para atacar no outro flanco em uma hora com o Corpo Panzer SS reforçado por forças-tarefas com base na Divisão Panzer SS *Das Reich*. O II Exército britânico foi atacado por sete divisões, inclusive quatro divisões panzer SS e parte de uma quinta. Naquele exato momento, todo o Grupo de Exércitos do Centro na Bielorrússia tinha apenas três divisões panzer, e isto porque havia sido reforçado. Então, o comentário sarcástico de Ilya Ehrenberg de que os Aliados na Normandia lutavam contra os restos do exército alemão estava muito próximo da verdade.

Montgomery enfrentava a maior parte das divisões panzer por motivos muito simples, como advertira antes da invasão. O II Exército britânico no lado leste estava mais próximo de Paris. Se os britânicos e os canadenses conseguissem abrir caminho, o VII Exército alemão a oeste e a formação na Bretanha seriam isolados.

A força da resistência alemã no setor britânico forçara Montgomery a reavaliar as suas ideias sobre a conquista do terreno plano ao sul de Caen para construir pistas de pouso. Ele tentou converter uma necessidade penosa em

virtude ao afirmar que estava fixando as forças alemãs para dar aos americanos a oportunidade de avançar para o oeste. Desesperados por pistas de pouso, os americanos e a RAF não se convenceram.

Apesar do que disse a Eisenhower, Montgomery havia indicado ao major-general George Erskine, da 7ª Divisão Blindada, que não buscava um enfrentamento. “Mudança total no que se refere a nós”, anotou o oficial de inteligência de Erskine em seu diário pouco antes da Epsom, “pois Monty não quer que conquistemos território. Satisfeito porque o II Exército atraiu todas as divisões panzer inimigas, ele agora quer apenas Caen na sua frente e que os americanos sigam avançando pelos portos bretões. Então, o ataque do 8º Corpo prossegue, mas temos um objetivo muito limitado.”²¹

O contra-ataque alemão na tarde do dia 29 de junho foi dirigido principalmente contra a 15ª Divisão Escocesa no lado oeste do saliente. Os escoceses lutaram bem, mas o verdadeiro dano ao recém-chegado Corpo Panzer SS proveio da Marinha Real. Temendo um contra-ataque maior do lado sudeste em torno da Cota 112, Dempsey ordenou a O'Connor que recuasse seus tanques. Montgomery sustou a ofensiva no dia seguinte porque o 8º Corpo havia perdido mais de 4 mil homens. Mais uma vez, o comando britânico falhara em aproveitar o êxito com rapidez. Tragicamente, a luta para recapturar a Cota 112 nas semanas seguintes causou um número de mortes ainda maior do que as que teriam ocorrido se a colina tivesse sido defendida.

Rommel e o general Geyr von Schweppenburg ficaram abismados ao constatar o efeito do fogo naval a 30 quilômetros de distância sobre a *Hohenstaufen* e a *Fruntsberg*. As crateras tinham quatro metros de diâmetro por dois de profundidade. Era ainda mais urgente convencer Hitler de que precisavam deslocar as forças para trás do rio Orne. Geyr ficou abalado com as mortes naquela batalha defensiva, quando teria preferido usar as divisões panzer em um contra-ataque massivo. Eles haviam sido levados à batalha para “reforçar o espaltilho” das fracas divisões de infantaria, e agora não havia mais daquelas divisões para que pudessem retirar as formações panzer e reaparelhá-las. Assim, em vez de “ditar o tom” do campo de batalha, como gostava de dizer, Montgomery na verdade estava encurralado em uma batalha de atrito em virtude dos problemas do exército alemão.

Geyr fez um relatório altamente crítico da estratégia alemã na Normandia, clamando por uma defesa móvel e pela retirada das forças atrás do Orne. Os seus comentários sobre a interferência do OKW, em uma clara referência a Hitler, provocaram a sua demissão imediata. Foi substituído pelo general de blindados Hans Eberbach. A próxima baixa nas altas patentes foi a do marechal de campo Von Rundstedt, que havia advertido Keitel de que não conseguiriam deter os

Aliados na Normandia. “Você deve pôr um fim a toda a guerra”,²² dissera a Keitel. Rundstedt, que endossara o relatório de Geyr, foi substituído pelo marechal de campo Hans von Kluge. Hitler também queria substituir Rommel, mas isto teria causado uma impressão desastrosa tanto na Alemanha quanto no estrangeiro.

Kluge chegou ao quartel-general de Rommel, o Château de la Roche-Guyon, no Sena, e fez comentários zombeteiros sobre a conduta na batalha até aquele momento. Rommel explodiu e disselhe que primeiro fosse à frente para ver a situação por si mesmo. Kluge o fez nos dias seguintes e ficou chocado com o que viu. O panorama era muito diferente do que lhe fora apresentado no quartel-general do Führer, quando ouviu que Rommel era excessivamente pessimista sobre o poder aéreo dos Aliados.

Um pouco mais para o oeste, o I Exército dos EUA estava atolado nas batalhas nos pântanos ao sul da Península de Cotentin e no *bocage*, no campo ao norte de Saint-Lô. Os ataques constantes dos batalhões contra o 2º Corpo de Paraquedistas alemão haviam causado muitas baixas. “Não resta muito aos alemães, mas eles certamente sabem empregar o que têm”,²³ comentou com respeito amargo um comandante de divisão americano.

Empregando as lições aprendidas no front oriental, os alemães conseguiam compensar a sua inferioridade numérica em artilharia e, principalmente, aérea. Cavaram pequenos bunkers na base elevada das fileiras impenetráveis de cercas vivas, tarefa difícil e laboriosa devido ao emaranhado de raízes antigas, para aninhar as metralhadoras na primeira linha de defesa. Mais atrás, a linha principal tinha tropas suficientes para um contra-ataque imediato. Por trás deles, geralmente em terreno elevado, um canhão de 88 mm era posicionado para derrubar os Shermans que apoiassem o ataque da infantaria. Todas as posições e veículos foram cuidadosamente camuflados, o que significava que os caças-bombardeiros aliados não eram de grande ajuda. A artilharia era a arma da qual Bradley e o seu comando dependiam: compreensivelmente, os civis franceses acharam que os chefes americanos dependiam exageradamente dela.

Os próprios alemães descreveram a luta no *bocage* como uma “guerra suja”.²⁴ Eles plantavam minas no fundo das crateras abertas pelos torpedos diante das suas posições de modo que o soldado americano que se jogasse ali para se proteger perdesse as pernas na explosão. Ao longo dos caminhos colocaram o que os americanos denominaram minas castradoras ou “Bettys saltadoras”, que pulavam e explodiam na altura da pélvis. Os artilheiros dos tanques e de campanha se tornaram especialistas em “explosão de árvores”, o que significava

detonar as granadas na copa das árvores para despejar farpas de madeira nos que se abrigavam embaixo dela.

As táticas americanas tendiam a depender do “fogo em marcha” à medida que a infantaria avançava, o que significava disparar constantemente em quaisquer posições inimigas prováveis à frente. Em consequência, a quantidade de munição empregada era realmente impressionante. Os alemães precisavam ser mais eficientes. Amarrado a uma árvore, o fuzileiro alemão esperava a infantaria inimiga passar e atirava em um soldado pelas costas. Isto fazia os demais se atirarem no chão em campo aberto, e as equipes de morteiros os acertavam com salvas de rojões pelo alto, exatamente quando os infantes tinham o corpo estirado e exposto. Os paramédicos que se aproximavam para atender os feridos eram mortos deliberadamente. Com frequência um alemão saía com as mãos ao alto em rendição, e quando soldados americanos avançavam para fazê-lo prisioneiro ele se jogava no chão e os metralhadores ocultos disparavam sobre o grupo. Não surpreende que poucos soldados americanos tenham feito prisioneiros após estes incidentes.

O exército alemão não reconhecia a exaustão de combate como uma condição; ela era tratada como covardia. Os soldados que tentavam evitar a luta com ferimentos autoprovocados eram simplesmente mortos. Em comparação, os exércitos americano, britânico e canadense eram extraordinariamente mais condescendentes. A maior parte das baixas psiconeuróticas ocorreram em decorrência da luta no *bocage*, e a maior parte das vítimas eram recompletamentos, jogados lá com pouco treinamento e despreparados para substituir as baixas em combate. Ao final da campanha, cerca de 30 mil homens no I Exército americano foram classificados como baixas psicológicas. O diretor de saúde do exército americano estimou que nas forças da linha de frente houve um índice de 10% de colapsos psiquiátricos. ²⁵

Após a guerra, psiquiatras dos exércitos americano e britânico escreveram que tinham se assombrado com os raros casos de exaustão de combate entre os prisioneiros de guerra alemães, embora tivessem sofrido muito mais bombardeios aliados. Concluíram que a propaganda do regime nazista desde 1933 certamente ajudara a prepará-los psicologicamente. De modo semelhante, pode-se dizer que as grandes dificuldades da vida na União Soviética calejaram os que serviram no Exército Vermelho. Os exércitos das democracias ocidentais não resistiam aos mesmos níveis de dificuldades.

Enquanto Rommel e Kluge supunham que o principal ataque na Normandia viria do setor britânico-canadense na frente de Caen, imaginaram também que um ataque americano ocorreria perto da costa atlântica. Contudo, Bradley havia fixado Saint-Lô como o limite leste de sua zona de ação no grande assalto.

Após os resultados decepcionantes da Epsom, Montgomery não se esforçou para confiar em Eisenhower, que se exasperava cada vez mais com a sua aparente complacência. Montgomery nunca admitiu que uma campanha sua não tenha se adequado ao seu “plano diretor”. Contudo, estava ciente do ressentimento que crescia no quartel-general de Eisenhower e em Londres com a sua falta de progresso. Também estava agudamente consciente da escassez de pessoal no país. Churchill temia que se a sua força militar se esvaísse, a Grã-Bretanha tivesse pouca voz ativa nos acordos do pós-guerra.

Na tentativa de romper as linhas inimigas sem perder muitos homens, Montgomery estava preparado para contradizer um ditado apreciado. Em uma reunião informativa com correspondentes de guerra no outono anterior, na Itália, ele afirmara categoricamente que “os bombardeiros pesados não podem participar cerradamente de uma batalha contra a linha de frente”.²⁶ Em 6 de julho, ele pediu à RAF exatamente isto, que o ajudasse a tomar Caen. Ansioso por movimento, Eisenhower o apoiou inteiramente e reuniu-se no dia seguinte com o chefe da força aérea, o marechal do ar Harris. Este concordou em enviar 467 bombardeiros Lancasters e Halifaxes naquela noite para os subúrbios ao norte de Caen, defendidos pela 12ª *Hitler Jugend*.

O ataque, todavia, foi afetado pela apreensão com o alvo. Como em Omaha, os atiradores demoravam um pouquinho mais que o momento certo antes de despejar as bombas, para terem certeza de que não iam atacar as próprias tropas avançadas. O resultado foi que a maior parte da carga caiu no centro da antiga cidade normanda. As baixas alemãs foram poucas em comparação com as de civis franceses, vítimas anônimas da luta na Normandia. A campanha fez surgir um paradoxo terrível. Na tentativa de reduzir as próprias baixas, os comandantes das democracias ocidentais provavelmente mataram mais civis com o uso excessivo de alto-explosivos.

O ataque britânico e canadense prosseguiu na manhã seguinte. O atraso deu quase 12 horas à *Hitler Jugend* para se recuperar, e a sua resistência espantosa causou muitas baixas. Então, de repente eles desapareceram, depois de receberem ordens de recuar para o sul do Orne. Britânicos e canadenses rapidamente tomaram o norte e o centro de Caen. Mas nem este êxito parcial dos Aliados resolveu o principal problema do II Exército. Ele continuava sem espaço para construir suficientes aeródromos avançados e para empregar o restante do I Exército canadense, que estava à espera na Grã-Bretanha.

Com grande relutância, Montgomery finalmente concordou com o plano de Dempsey de utilizar as três divisões blindadas — a 7ª, a 11ª e a recém-chegada Blindada de Guardas — para se deslocarem em força na direção de Falaise partindo da cabeça de ponte a leste do Orne. As suas dúvidas se deviam mais ao

seu preconceito anticavalaria contra as formações blindadas “vagando aleatoriamente” pelo terreno. Como militar profundamente conservador, Montgomery não gostava da ideia de um ataque por partes, mas não podia mais aguentar novas baixas na infantaria e tinha de fazer algo. As reclamações e zombarias não provinham só dos americanos. A RAF estava furiosa. Agora, os comentários de que Montgomery seria demitido vinham do vice de Eisenhower, o chefe da força aérea marechal Tedder, e do marechal do ar Coningham, que nunca o perdoara por monopolizar a glória no norte da África e raramente mencionar a sua Força Aérea do Deserto.

A Operação Goodwood, lançada em 18 de julho, foi o exemplo mais notável de “discurso muito ousado e ação muito cautelosa” na carreira de Montgomery. Ele vendeu a possibilidade de penetrar definitivamente as linhas inimigas a Eisenhower de um modo tão forte que o comandante supremo replicou: “Vejo esta perspectiva com um tremendo otimismo e entusiasmo. Não ficaria surpreso ao vê-lo conquistar uma vitória que fará alguns ‘velhos clássicos’ parecerem uma escaramuça entre patrulhas.”²⁷ Em Londres, ele dera a mesma impressão ao marechal de campo Brooke, mas no dia seguinte apresentou a Dempsey e O'Connor um objetivo muito mais modesto, que era avançar um terço do caminho até Falaise e ver como ficavam as coisas. Infelizmente, as informações repassadas aos oficiais implicavam que isto seria uma entrada maior do que a de Alamein, e os correspondentes estrangeiros ouviram falar de uma entrada ao “estilo russo” que poderia levar o II Exército adiante por mais de 160 quilômetros. Atônitos, os jornalistas assinalaram que isto equivalia à distância até Paris.

A RAF, ainda desesperada por pistas de pouso, mais uma vez se preparou para enviar bombardeiros. Às 5h30 de 18 de julho, 2.600 bombardeiros da RAF e da USAAF despejaram 7.567 toneladas de bombas em uma frente de 7 mil metros. Infelizmente, a inteligência do II Exército não conseguira detectar que as linhas de defesa alemãs se multiplicavam para trás em cinco linhas que iam até o espinhaço Bourguébus, o qual teria de ser tomado para o II Exército progredir até Falaise. Para piorar as coisas, a complicada marcha para o combate das três divisões blindadas as levou das pontes de Bailey pelo canal de Caen e o rio Orne até a cabeça de ponte limitada mais adiante, onde a 51ª Divisão Highland lançou um campo densamente minado. Sem querer alertar o inimigo, O'Connor ordenou que limpassem brechas através do campo só no último momento, ao invés de remover o conjunto. Mas os alemães sabiam do ataque iminente. Tinham visto os preparativos dos altos edifícios de fábricas ao leste e com o reconhecimento aéreo. O Ultra detectara que a Luftwaffe sabia da operação, mas o II Exército prosseguiu com o plano.

Os combatentes se posicionaram de pé sobre os tanques para, admirados e excitados, assistir à destruição provocada pelos bombardeiros, mas os congestionamentos que se formavam na retaguarda por causa da estreiteza das brechas abertas nos campos minados atrasaram o ataque de um modo fatal. Na verdade, os atrasos eram tão grandes que O'Connor deteve a infantaria transportada em caminhões para que os tanques pudessem avançar. Depois disto, a 11ª Divisão Blindada prosseguiu rapidamente, mas logo foi emboscada por canhões anticarro camuflados em casas de pedras e aldeias. Eram objetivos com os quais a infantaria deveria lidar, mas os tanques estavam sozinhos e tiveram perdas terríveis. O oficial de ligação aéreo foi uma das primeiras baixas, e por isso a divisão não tinha como pedir apoio dos dois esquadrões de Typhoons que sobrevoavam no alto. Ficaram sob o fogo devastador dos canhões 88 mm no espinhaço Bourgébus e foram contra-atacados pela 1ª Divisão Panzer SS. naquele dia, a 11ª e a Blindada de Guardas perderam mais de duzentos tanques naquele dia.

O general Eberbach esperava que o golpe dos blindados britânicos penetrasse completamente através de suas forças estendidas demais, e mal pôde acreditar na sua sorte. O II Exército e os canadenses avançaram em alguns pontos no dia seguinte, estendendo a sua presença ao sul de Caen, mas o espinhaço Bourgébus continuava nas mãos dos alemães. Uma chuva torrencial começou a cair. Montgomery teve uma desculpa para suspender o ataque, mas o dano à sua reputação estava feito.

Os americanos e a RAF ficaram ainda mais furiosos com as suas alegações prematuras e a sua autocomplacência posterior, quando tão pouco fora alcançado. Por outro lado, esta Goodwood tão pouco gloriosa conseguira confirmar a crença de Kluge e Eberbach de que o principal ataque na Normandia ainda viria na estrada para Falaise. Em consequência, quando o general Bradley por fim lançou a Operação Cobra, cinco dias depois, Kluge não deslocou divisões panzer para enfrentá-la de imediato. Na manhã de 20 de julho, quando a chuva chegou à Normandia, uma bomba explodiu no Wolfsschanze, perto de Rastenburg.

Berlim, Varsóvia e Paris

JULHO-OUTUBRO DE 1944

Uma vez iniciada a guerra, só o exército alemão podia fornecer conspiradores para derrubar Hitler e o regime nazista. Os oficiais tinham acesso a ele e controlavam as forças que poderiam garantir a segurança de um governo substituto. Os planos tentativos de alguns generais para derrubar o ditador, em 1938 e no início da guerra, fracassaram porque foram pouco ousados ou por partirem de noções equivocadas de obediência e honra.

No inverno de 1942, pela primeira vez, houve planos firmes para assassinar Hitler durante o desastre de Stalingrado. A discussão se deu no quartel-general do Grupo de Exércitos do Centro comandado pelo major-general Henning von Tresckow. A primeira tentativa ocorreu em março de 1943, quando explosivos fornecidos pelo almirante Canaris foram colocados no Focke-Wulf Condor de Hitler. O detonador falhou, talvez devido ao frio intenso, e a bomba, camuflada em uma garrafa de Cointreau, foi recuperada. Outras duas tentativas naquele ano fracassaram, inclusive a do capitão Axel von dem Bussche, que estava disposto a agir como homem-bomba durante uma inspeção de uniformes por Hitler.

O coronel Claus Graf Schenk von Stauffenberg deu novo ímpeto aos planos ao ser enviado ao quartel-general do *Ersatzheer*, ou Exército de Recompletamento, na Bendlerstrasse, no lado norte do Tiergarten. A ideia era subverter a Operação Walqüre (Valquíria), um plano de emergência que originalmente datava do inverno de 1941 no front oriental. Em julho de 1943, o major-general Friedrich Olbricht havia começado a incorporar mudanças sutis na Operação Valquíria para que a resistência militar pudesse empregá-la quando estivesse pronta para agir. O plano de contingência fora criado para impedir a revolta dos trabalhadores forçados estrangeiros, desalojados em Berlim e nos arredores. Naquele outono, Henning von Tresckow e Stauffenberg acrescentaram ordens secretas a serem anunciadas após a morte de Hitler. Um elemento crucial era evitar qualquer envolvimento da SS e manter toda a

responsabilidade pela ordem interna nas mãos do Exército de Recompletamento.

Os conspiradores enfrentaram muitos obstáculos. Alguns oficiais favoráveis foram enviados a outras partes e logo ficou claro que o coronel-general Friedrich Fromm, designado comandante em chefe do Exército de Recompletamento, não era confiável. Acima de tudo, os conspiradores não tinham ilusões. Sabiam que eram uma minoria minúscula com apoio popular desprezível. De um modo geral, o país os veria como traidores e a vingança dos nazistas contra eles e suas famílias seria selvagem. À sua ética, muitas vezes moldada por fortes crenças religiosas, se combinavam visões políticas conservadoras: muitos haviam apoiado Hitler antes da Operação Barbarossa. O tipo de governo que queriam estabelecer tinha mais em comum com a Alemanha guilhermina do que com a democracia moderna. E a base sobre a qual proporião a paz com os Aliados era totalmente irreal, já que pretendiam manter o front oriental contra a União Soviética e alguns territórios ocupados. Contudo, mesmo com tudo contra eles, sentiam uma forte obrigação de assumir uma postura moral contra a criminalidade do regime.

Um problema prático era que Stauffenberg, que se tornara o líder efetivo do complô, era também o único em condições de colocar a bomba. Ele havia perdido um olho e a mão na Tunísia, o que seria uma desvantagem para armar a bomba, porém, como chefe de gabinete de Fromm, era o único membro do grupo com acesso ao quartel-general do Führer.

Vários outros oficiais haviam sido recrutados por serem parentes, amigos ou ex-oficiais do 17º Regimento de Cavalaria ou do 9º Regimento de Infantaria em Potsdam, a unidade que sucedeu os Guardas Prussianos. Alguns se recusaram a fazer parte do grupo alegando que àquela altura da guerra “trocar de cavalos no meio da correnteza”¹ seria perigoso demais para a Alemanha. Outros se desculpavam com o juramento de obediência. Não se comoveram com o argumento de que, por meio de suas ações criminosas, Hitler havia extinguido quaisquer obrigações de obedecer-lhe.

Em 9 de julho o primo de Stauffenberg, o tenente-coronel Cäsar von Hofacker, visitou Rommel em La Roche-Guyon. Perguntou ao marechal por quanto tempo os exércitos alemães na Normandia conseguiriam aguentar e Rommel estimou um par de semanas. Aquela era uma informação vital para os conspiradores, que suspeitavam que o tempo para negociar com os americanos e britânicos estava acabando. Porém, outros detalhes da conversa são alvo de questionamentos. Não está claro se Hofacker chamou Rommel para se juntar à conspiração para assassinar Hitler, e muito menos se ele concordou. Parece que Rommel pediu a Hofacker que esboçasse uma carta ao general Montgomery convidando-o a discutir os termos.

Como Stauffenberg supunha, os oficiais mais antigos eram os menos confiáveis. O marechal de campo Von Manstein e até Kluge, que antes permitira que um grupo de resistência liderado por Henning von Tresckow florescesse no quartel-general do Grupo de Exércitos do Centro, se opôs à ação. Contudo, eles estavam certos de que Kluge se juntaria ao levante quando Hitler estivesse morto. Na França, o chefe de gabinete de Rommel, o tenente-general Hans Speidel, era o principal conspirador e, embora Rommel se opusesse à ideia de matar Hitler, estavam confiantes de que o marechal os apoiaria após o fato. Porém, em 17 de julho um Spitfire atacou o carro de Rommel quando ele regressava da frente para La Riche-Guyon, impedindo-o de qualquer participação na trama.

O plano de Stauffenberg dependia demais da cadeia tradicional de comando, uma dependência arriscada após a politização da Wehrmacht nas mãos dos nazistas. Isto era particularmente perigoso no caso do comandante do batalhão de guardas *Grossdeutschland* em Berlim, o major Otto Ernst Remer. Stauffenberg fora advertido de que Remer era um nazista leal. Porém, o tenente-general Paul von Hase, um conspirador superior de Remer, confiou em que ele obedeceria às suas ordens. Para respaldar o golpe, os conspiradores contavam com a unidade de treinamento panzer em Krampnitz e outros destacamentos fora de Berlim. Mas não chegaram a garantir as principais estações e transmissoras de rádio em Berlim e arredores.

A má sorte frustrou várias tentativas e o perfeccionismo excessivo impediu uma tentativa no Wolfsschanze em 15 de julho. Himmler e Göring não estavam presentes, então os conspiradores em Berlim disseram a Stauffenberg que esperasse por outra oportunidade. Porém, como o tempo estava acabando na Normandia, aquela seria a última chance. Tudo foi marcado para 20 de julho.

Depois de voar de Berlim para o Wolfsschanze, Stauffenberg participou da conferência de estratégia de Hitler, que se deu em um prédio feito de toras de pinho. No momento conveniente Stauffenberg escapuliu para o lavatório com uma maleta de mão para preparar as duas bombas. Isto levou muito tempo devido às suas incapacitações físicas e antes de terminar ele foi chamado de volta à conferência. Após responder às perguntas que lhe foram feitas sobre o Exército de Recompimento, ele empurrou a maleta com apenas uma bomba preparada por baixo da pesada mesa onde Hitler estava sentado. Saiu discretamente quando todos à volta da mesa se debruçaram sobre os mapas. Ele estava saindo de carro quando a bomba explodiu.

Convencido de que Hitler estava morto, Stauffenberg voou de volta a Berlim. A incerteza, a confusão e complicações inesperadas na cidade contribuíram para o fracasso do golpe. Os conspiradores certamente haviam cometido alguns erros

de planejamento e execução, mas, sem a morte de Hitler, que sobreviveu à explosão, não havia a menor esperança de êxito.

Naquela tarde de 20 de julho, Mussolini chegou ao Wolfsschanze para uma visita que havia sido marcada com muita antecedência. Foi recebido por Hitler que, maníaco e exultante, insistiu em mostrar ao Duce a cena do seu milagroso salvamento. O Führer discorreu incessantemente sobre a convicção de que a intervenção divina o salvara para dar prosseguimento à guerra. Por sua vez, Mussolini “não ficou completamente desgostoso com o ataque a Hitler, pois isto provava que a traição não se limitava à Itália”.²

No discurso à nação naquela noite, Hitler comparou o atentado à facada nas costas de 1918. Sentia que a única razão para a Alemanha não ter derrotado a União Soviética era a sabotagem deliberada dos oficiais do exército. Surgiram teorias conspiratórias paralelas sobre os reveses na Normandia, as quais são perpetuadas até hoje em alguns livros alemães e portais neonazistas na internet. Segundo elas, Speidel, encarregado do Grupo B de Exércitos em 6 de junho, quando Rommel estava fora da Alemanha, interferiu deliberadamente na organização das divisões panzer. Speidel é descrito como o cerne do “câncer da traição nas Forças Armadas alemãs no Ocidente”.

Tudo o que deu errado em 6 de junho é atribuído a Speidel. Ele é acusado de enviar a 21ª Divisão Panzer em uma busca às cegas na margem oeste do rio Orne naquela manhã, quando na verdade foi o comandante local quem ordenou que atacassem as aterragens aeroterrestres britânicas naquele flanco. Também é acusado de frustrar o deslocamento da 12ª Divisão Panzer *Hitler Jugend SS*, e da 2ª e 116ª Divisões Panzer para a área da invasão. Dizem que isto era parte do seu complô para reter a 2ª e a 116ª divisões e ajudar os conspiradores de 20 de julho a tomarem Paris um mês e meio depois.

Realmente, Speidel era um membro importante da conspiração, mas dizer que sabotou a defesa da Normandia em 6 de junho é absolutamente ridículo. Depois de 20 de julho, ele escapou por milagre da máquina assassina da Gestapo, o que talvez explique em parte a posterior vituperação nazista contra ele. Na década de 1950 tornou-se oficial da Bundeswehr na Alemanha Ocidental e, mais tarde, um dos comandantes da OTAN na Europa. Para os nazistas e neonazistas, isto seria o pagamento por ter ajudado traiçoeiramente os Aliados na Normandia. Nesta ampla lenda sobre traição na Segunda Guerra Mundial, desta vez os traidores não eram judeus nem comunistas, como em 1918, mas aristocratas e oficiais do Estado-Maior.

No furor da vingança justificada contra o exército e, acima de tudo, contra o seu Estado-Maior, a Gestapo e a SS começaram a deter os envolvidos e seus parentes. Com o exército alemão em retirada em todas as frentes e Hitler

acusando os “traidores” do Estado-Maior por seus próprios erros no front oriental, até a influência dos marechais de campo diminuiu drasticamente. Para os nazistas, isto significava uma vitória para eles na frente doméstica. A sua prioridade era “não otimizar o esforço de guerra, mas mudar a estrutura de poder no Reich em detrimento das elites tradicionais”.³ No total, foram detidos mais de 5 mil suspeitos de oposição ao regime e seus parentes.⁴

Como os conspiradores temiam, em sua maioria os alemães ficaram chocados com o atentado contra Hitler em um momento tão crítico. Os soldados na Normandia pareceram leais ou cautelosos em suas cartas para casa, mas alguns do front oriental, principalmente no Grupo de Exércitos do Centro, foram mais francos quanto à necessidade de mudanças. “Os generais que tentaram assassinar o Führer”, escreveu um cabo em 26 de julho, “sabem muito bem que é preciso uma mudança no regime, porque para nós a guerra não traz nenhuma esperança. Então, seria um alívio para toda a Europa se desaparecessem os três cavalheiros, Hitler, Göring e Goebbels. Com isto, o conflito terminaria, pois a humanidade precisa de paz. Qualquer outra coisa é mentira [...]. As nossas vidas não vão valer a pena enquanto esta administração continuar aí.”⁵ Outros também fizeram comentários tão críticos ao governo que teriam sido presos se as suas cartas tivessem sido lidas por censores.

Em 23 de julho, os nazistas forçaram o exército a adotar a “saudação alemã”, ou a Hitler, em vez da continência militar tradicional. Isto acirrou o desprezo de quem não era partidário do nazismo. “Venceremos a guerra com a saudação alemã!”,⁶ escreveu sarcasticamente um médico do exército. Obviamente, as opiniões se polarizaram entre os crédulos e os que viam o perigo iminente. Em 28 de julho, o boletim do OKW por fim anunciou a evacuação de quatro cidades importantes no leste, inclusive Lublin e Brest-Litovsk. “Isto certamente parece ruim”, escreveu à esposa um suboficial da 12ª Divisão Panzer, “mas não há razão para perder a coragem. Anteontem, o dr. Goebbels mencionou novos desenvolvimentos em um discurso importante (novas armas, as medidas de Himmler no Exército de Recompimento, o compromisso total com a guerra), que terão efeitos positivos até na situação tensa do leste. Estamos convencidos disto.”⁷

As notícias da designação de Himmler como chefe do Exército de Recompimento e de novas convocações não impressionaram os soldados na frente. “Em breve vão nos chamar de bebês!”, escreveu um atirador em 26 de julho. “Aqui na frente quase só se veem garotos remelentos e velhos.”⁸

Ao mesmo tempo, outros não ousavam encarar a realidade da derrota. Acreditavam que a situação desesperadora devia encorajá-los a se esforçar ainda mais para proteger as famílias em casa. “Querida”, escreveu um sargento

macaqueando a propaganda nazista, “não tenha medo, não deixaremos os russos invadirem a nossa pátria. Lutaremos até o último homem, pois não toleraremos que esta horda entre na Alemanha. O que eles fariam com nossas mulheres e crianças — Não, isto não pode acontecer. Seria uma enorme desgraça para nós, daí o lema: intensificar a luta até o final vitorioso!”⁹

Com o Reich tomado de exaltação nazista pelo complô fracassado, o colapso no front oriental logo começou a ocorrer também no oeste. Em 25 de julho, o general Bradley lançou a Operação Cobra para o norte da estrada de Saint-Lô-Périers. A primeira tentativa no dia anterior fora cancelada quando bombardeiros americanos despejaram as suas cargas nas próprias tropas avançadas. Estranhamente, o revés acabou favorecendo os Aliados. O marechal de campo Von Kluge acreditou que aquilo era um ataque simulado para desviar a atenção de outra ofensiva de Montgomery na estrada de Falaise. Na segunda tentativa, um forte vento sul mandou a poeira de volta para as tropas americanas que se preparavam para atacar, e os bombardeiros miraram na nuvem de poeira, causando um número ainda maior de baixas. Ainda assim, Bradley prosseguiu.

Parecia que a ofensiva deslançaria devagar, então o major-general Collins enviou mais cedo as suas tropas blindadas. As defesas alemãs caíram. Destacamentos de combate das divisões blindadas avançaram com os Shermans e a infantaria em meias-lagartas, além de engenheiros com escavadeiras. Por fim, os alemães começaram a sofrer o círculo vicioso da derrota. As comunicações falhavam na retirada apressada, os comandantes não tinham ideia do que estava acontecendo, os veículos ficavam sem combustível e os soldados não recebiam suprimentos nem munição. A retirada era metralhada pelo ataque dos caças enquanto caças-bombardeiros Thunderbolt P-47 voavam baixo sobre as colunas blindadas atacantes, prontas para desbaratar qualquer tentativa de emboscada. Quando, por fim, Kluge compreendeu que aquela era a penetração principal nas linhas de frente, deslocou as 2ª e 116ª divisões panzer para o oeste, mas elas e os contra-ataques chegaram tarde demais.

Em Londres, o Gabinete de Guerra se inquietou com o efeito dos ataques das V-1. Em 24 de julho, soube que as baixas haviam sido de “uns 30 mil, com perto de 4 mil mortos”.¹⁰ Nos dias seguintes, os ministros discutiram também a ameaça do foguete V-2, que sabiam que estaria pronto em breve.

Em 30 de julho, Montgomery lançou a Operação *Bluecoat*, organizada às pressas para proteger o flanco esquerdo de Bradley. No dia seguinte, as colunas blindadas americanas chegaram a Avranches e cruzaram o rio Sélune. Deixaram a Normandia sem enfrentar oposição. Em 1º de agosto, o III Exército do general

George Patton entrou em ação. As ordens eram de tomar os portos na costa da Bretanha, mas ele sabia que, na outra direção, o caminho para o Sena estava aberto.

Enquanto o comando alemão na frente oeste suplicava por reforços, a transferência do 2º Corpo Panzer para a Normandia convenceria os comandantes do front oriental de que eram tratados injustamente. “O efeito dos principais conflitos no oeste e no leste era recíproco”, reconheceu Jodl ao ser interrogado depois da guerra. “A guerra em duas frentes ficou escancarada com todo o seu rigor.”¹¹ Para muitos soldados no leste, o esforço era grande demais para suportar.

Os colapsos nervosos se tornaram um assunto mais aberto nas cartas para casa. “Psicologicamente”, escreveu o atirador de uma bateria de artilharia de grosso calibre, “para mim é cada vez mais difícil ter um bom papo com um camarada e meia hora depois vê-lo como um monte de pedaços de carne, como se nunca tivesse existido, ou camaradas que jazem gravemente feridos diante de você em uma grande poça de sangue e lhe imploram com olhos suplicantes que os ajude, pois na maioria das vezes já não podem falar, ou a dor lhes tira o poder de falar. Isto é terrível [...]. Esta é uma guerra de nervos massacrante.”¹²

Nos últimos dias de julho, o I Exército Blindado de Guardas e o XIII Exército conseguiram atravessar contingentes para o outro lado do Vístula ao sul de Sandomierz e conquistar cabeças de ponte que seriam unidas, apesar dos contra-ataques alemães desesperados. O OKH sabia do significado dos pontos de apoio do Exército Vermelho a oeste do Vístula. Outra investida levaria o inimigo ao rio Oder, a 80 quilômetros de Berlim.

“Acabamos de receber a surra anual de verão”, comentou cinicamente um tenente que comandava um destacamento antiaéreo leve. “Com um golpe surpresa, os russos vieram de Lublin para Deblin. Além das baterias antiaéreas e algumas unidades desintegradas, não havia nada no seu caminho. Depois de detonar a ponte, assumimos uma nova posição entrincheirada na outra margem [oeste] do Vístula.” Ele tampouco acreditava que o exército alemão fosse surpreendido e derrotado daquele modo. “Estamos indignados com os porcos responsáveis pela crise no front oriental.”¹³

Algumas baterias antiaéreas ficaram orgulhosas pelo que haviam conseguido na luta. “À nossa volta, ao menos 46 tanques foram derrubados!”, alardeou um sargento da 11ª Divisão de Infantaria. “Derrubamos dez aviões de ataque a blindados [Shturmoviks] em cinco dias.”¹⁴ De fato, o Exército Vermelho sofrera grandes perdas na Operação Bagration: 770.888 baixas, das quais 180 mil eram “irrecuperáveis”.¹⁵ As perdas do Grupo de Exércitos do Centro podem não ter

sido tão altas, com 399.102 mortos, desaparecidos e feridos, mas eram insubstituíveis, assim como os canhões e tanques abandonados na retirada de mais de 500 quilômetros. No total, aqueles três meses foram responsáveis por 589.425 mortos da Wehrmacht no front oriental.¹⁶

Em 28 de julho, mais ao norte, o II Exército Blindado atacou a Divisão Panzer *Hermann Göring* e a 73ª Divisão de Infantaria a apenas 40 quilômetros de Varsóvia. Houve uma luta encarniçada nas vias de acesso para a capital polonesa. Os soldados do Exército Vermelho, ignorando os acontecimentos recentes e o tratamento que Stalin dava à Polônia, não sabiam o que fazer com o país. “Os poloneses são estranhos”, escreveu um deles. “Como nos recebem? É difícil responder. Em primeiro lugar, têm muito medo de nós (não menos do medo que têm dos alemães). Os seus costumes são completamente diferentes dos costumes russos. É obvio que não queriam os alemães, mas tampouco nos recebem com flores [...].Evidentemente, muitas vezes se abalaram com a grosseria e a insinceridade dos russos.”¹⁷

Embora muito reduzida, a população civil de Varsóvia ainda chegava a quase um milhão de habitantes. Em 27 de julho, o governador alemão ordenou que 100 mil homens se apresentassem no dia seguinte para trabalhar nas obras de fortificação. O chamado foi desafiado. Dois dias depois chegou Jan Nowak-Jeziorański, o representante do governo no exílio em Londres. Ele conversou com o primeiro-ministro substituto, Jan Stanisław Jankowski, e soube que uma rebelião era iminente.¹⁸ Advertiu-o de que as potências ocidentais não estavam em condições de ajudar e pediu que a rebelião fosse adiada. Jankowski respondeu que não tinha escolha. Os jovens, treinados e armados, estavam ansiosos por lutar. Queriam ser livres e não dever a sua liberdade a ninguém.

Ao mesmo tempo, Jankowski sabia que, se não ordenasse a ação, o Exército do Povo do Partido Comunista o faria. Em Varsóvia, os comunistas eram apenas quatrocentos, porém, se tomassem a prefeitura e içassem a bandeira vermelha quando o Exército Vermelho entrasse na cidade, alegariam ser os líderes da Polônia. Se o Exército Territorial não fizesse nada, os soviéticos poderiam acusá-lo de colaborar com os alemães e se aferrar às armas para resistir ao Exército Vermelho. O Exército Territorial estava condenado se agisse e se não o fizesse.

Naquele dia a rádio Moscou anunciou “a hora da ação chegou” e conclamou os cidadãos de Varsóvia a se rebelarem e “se unirem à luta contra os alemães”.¹⁹ Contudo, nem os soviéticos nem o Exército Territorial tentaram estabelecer contato entre si. Como em Monte Cassino, os poloneses estavam decididos a demonstrar ao mundo o direito de viverem como uma nação livre apesar de

condenados pela posição geográfica, entre a Alemanha e a União Soviética.

Eles sabiam que não podiam contar com os aliados americanos e britânicos contra os soviéticos. A brutal *realpolitik* da Segunda Guerra Mundial tornara essencial a colaboração americana e britânica com Stalin, já que o Exército Vermelho havia dobrado a Wehrmacht a um custo terrível. Isto ficara claramente demonstrado com o silêncio diante da tentativa soviética de atribuir o massacre de Katyn aos alemães. Stalin dispensou os 400 mil membros do Exército Territorial polonês, a *Armia Krajowa*, como “bandidos” e tentou vinculá-los à força guerrilheira ucraniana, a UPA, que havia emboscado e assassinado o general Vatutin. Em seguida, mentiu para os Aliados dizendo que haviam matado 200 homens do Exército Vermelho. A verdade era que, aos seus olhos, qualquer organização polonesa independente era, por definição, antissoviética. O “governo amistoso com a União Soviética” que exigia só podia ser um totalmente subserviente ao Kremlin.

O general Tadeusz “Bór” Komorowski, comandante do Exército Territorial, ordenou o início da revolta para as 17h do dia 1º de agosto. Aparentemente, pensava que o Exército Vermelho estaria na cidade quase de imediato. Mas seria fácil culpá-lo naquela atmosfera de intensa expectativa. Quase 25 mil membros do Exército Territorial em Varsóvia, número que dobrou com voluntários e gente de fora da cidade, estavam impacientes por começar. Já sabiam da perseguição do NKVD aos seus camaradas nas áreas ocupadas pelo Exército Vermelho e que não podiam confiar no líder soviético. Sabiam que “se Stalin usasse seu massacre de Katyn [dos oficiais poloneses, em 1940] como pretexto para cortar relações com o governo polonês, como seria possível esperar que negociasse qualquer coisa de boa fé?”²⁰

A primeira prioridade do Exército Territorial era atacar os quartéis alemães e tomar armas. Isto não era fácil, especialmente de dia, pois os alemães estavam à espera de algum tipo de revolta. A Cidade Velha e o centro rapidamente caíram nas mãos dos insurgentes, mas as partes ao leste do Vístula, onde a maior parte das tropas alemãs se concentrara para se defender do Exército Vermelho, estavam fora de alcance. Mais tarde, membros do Exército Territorial conseguiram conquistar o grande prédio PAST com a colossal torre normanda, depois de injetar petróleo e incendiá-la. A guarnição se rendeu e eles fizeram 115 prisioneiros com as suas armas.

Os membros do Exército Territorial usavam braçadeiras vermelhas e brancas para identificá-los como combatentes. Pouco depois muitos portavam capacetes alemães capturados, mas com faixas vermelhas e brancas pintadas em volta deles. Comunistas e judeus poloneses, na clandestinidade desde o Levante do Gueto de Varsóvia, também se juntaram à luta. Em 5 de agosto, o Exército

Territorial atacou o campo de concentração no lugar do gueto arrasado, matou os guardas da SS e libertou os restantes 348 prisioneiros judeus.²¹

A mobilização voluntária massiva se baseava em uma infraestrutura planejada, com médicos e enfermeiras encarregados de postos de atendimento e hospitais de campo. Os padres locais serviam como capelães militares. Os ferreiros passaram a trabalhar com blindagem. Fabricaram lança-chamas e submetralhadoras Błyskawica baseadas na Sten. Outras oficinas em porões produziram granadas improvisadas com latas e explosivos caseiros e, o mais comum, com o conteúdo de bombas e granadas alemães que não haviam explodido. Os serviços de suprimentos foram organizados em antigos restaurantes, que fizeram as vezes de cozinhas de campanha. O departamento de propaganda imprimiu folhetos e os boletins informativos *Biuletyn Informacyjny* e *Rzeczpospolita Polska*. Produziram também cartazes espalhados pela cidade conclamando “Uma bala — Um alemão!”²² O levante tinha a sua própria estação de rádio, que continuou a transmitir até o final, em 2 de outubro, apesar dos esforços alemães para destruí-la.

As jovens ajudaram como padioleiras. Os meninos jovens demais para lutar colaboraram como mensageiros voluntários. Um garoto de uns 9 anos foi visto trepando em um panzer e atirando granadas lá dentro. Alemães e poloneses ficaram petrificados ao vê-lo. “Quando ele desceu”, registrou uma testemunha ocular, “correu para o portão [de um prédio de moradia] e caiu no choro.”²³ A coragem e o autossacrifício do garoto foram impressionantes.

Em 4 de agosto, Stalin relutantemente concordou em se reunir com o governo polonês no exílio. O primeiro-ministro Stanisław Mikołajczyk não conduziu bem a reunião, mas certamente isto não influenciou no resultado final. Stalin simplesmente insistiu em que deviam conversar com o títere soviético “Comitê Polonês de Libertação Nacional”. Ele já havia dado instruções para que este governo controlado fosse levado ao território polonês no trem de carga do Exército Vermelho. Os seus membros foram instalados em Lublin e ficaram conhecidos no Ocidente como os “poloneses de Lublin”, em oposição aos “poloneses de Londres”.

O comitê de Lublin naturalmente aceitou a fronteira de Stalin ao longo da Linha Molotov-Ribbentrop, que seguia aproximadamente a Linha Curzon, batizada em referência ao secretário do Exterior britânico que a sugerira em 1919. Os poloneses de Lublin eram fortemente controlados por Nikolai Bulganin e pelo comissário de segurança estatal, Ivan Serov, o chefe do NKVD que havia supervisionado a deportação e o assassinato em massa de poloneses. Bulganin e Serov também vigiavam o marechal Rokossovsky, meio-polonês, que comandava a Primeira Frente Bielorrussa em território polonês. A atitude de

Stalin com relação aos poloneses parecia ser “o inimigo do meu inimigo continua sendo meu inimigo”.

Depois de quase lavar as mãos quanto aos poloneses de Londres, Churchill ficou profundamente impressionado com a bravura do Exército Territorial e fez o possível para ajudá-lo. Em 4 de agosto telegrafou a Moscou dizendo a Stalin que a RAF despejaria armas e suprimentos para os insurgentes. No mesmo dia, as principais equipes polonesas e sul-africanas de bombardeiros baseadas na Itália começaram as suas perigosas missões.

Em 9 de agosto, supostamente para manter as aparências, Stalin prometeu a Mikołajczyk que a União Soviética ajudaria os insurgentes, embora a sua rebelião fosse prematura. Alegou que um contra-ataque alemão havia empurrado suas tropas para fora da cidade. Isto era em parte verdade, porém as formações de vanguarda do Exército Vermelho estavam exaustas e com pouco combustível e os seus veículos precisavam urgentemente de conserto depois dos grandes avanços da Operação Bagration. De qualquer modo, Stalin logo deixou claro que não pretendia fornecer ajuda nem contribuir para o transporte. Nenhum avião dos Aliados teve permissão de aterrissar em território ocupado pelos soviéticos, embora bombardeiros americanos tenham recebido permissão para reabastecer. Os aviões soviéticos chegaram a despejar algumas armas para os insurgentes, mas sem paraquedas, e elas se tornaram inoperantes. Stalin simplesmente queria alguns exemplos de assistência para se resguardar de críticas posteriores.

Os alemães trouxeram as suas formações antiguerrilha mais selvagens que glorificavam o sadismo e a crueldade. Elas incluíam a notória Brigada Kaminski, parte do 15º Corpo Cossaco de Cavalaria da SS e a *Sturmbrigade* Dirlewanger, comandada pelo *Brigadeführer* da SS Oskar Dirlewanger, que andava de um lado para o outro com um macaco de estimação no ombro enquanto dirigia o massacre.²⁴ Este *Korpsgruppe* era comandado pelo *Obergruppenführer* Erich von den Bach-Zelewski, um dos principais supervisores de Himmler no massacre de judeus na Bielorrússia e o homem que havia dito ao Reichsführer que os seus assassinos estavam sob grande estresse. Em Varsóvia eles pareciam gostar do trabalho. Os feridos nos hospitais de campanha poloneses foram queimados vivos com lança-chamas. Crianças foram massacradas por pura diversão. As enfermeiras do Exército Territorial foram açoitadas, estupradas e assassinadas. Himmler alimentava a ideia de aniquilar física e ideologicamente Varsóvia e a sua população. Ele parecia considerar os poloneses tão perigosos quanto os judeus. Cerca de 30 mil não combatentes foram massacrados só na Cidade Velha.

Na França, na primeira semana de agosto, canadenses, britânicos e a 1ª Divisão Blindada polonesa lutaram com dificuldade na estrada para Falaise. O III Exército de Patton havia conquistado Rennes e avançado pela Bretanha. Em 6 de agosto Hitler forçou o marechal de campo Von Kluge a enviar as suas divisões panzer a Mortain em um contra-ataque condenado ao fracasso, na esperança de avançar até Avranches, na costa, e isolar Patton. Graças à determinação e à garra americana na defesa de Mortain o plano provou ser militarmente insano e acelerou enormemente a desintegração do exército alemão na Normandia.

Hitler instou Kluge a incorrer em um desastre ainda maior ao ordenar que relançasse o ataque, mas já então as pontas de lança blindadas de Patton haviam rumado para o leste, em direção ao Sena, e estavam bem na retaguarda alemã, ameaçando a base logística de Kluge. O VII Exército e o V Exército Panzer corriam o risco de serem completamente cercados no bolsão de Falaise.

Em 15 de agosto, enquanto o bolsão de Falaise começava a apertar, a Operação Anvil (agora renomeada Dragoon) desembarcou 151 mil soldados aliados na Côte d'Azur, entre Marseille e Nice. A maior parte fora transferida da frente italiana. O marechal de campo Alexander, desconsolado por ter perdido sete divisões para a invasão, classificou a Dragoon de “estrategicamente inútil”.²⁵ Assim como Churchill, ele tinha os olhos postos nos Bálcãs e em Viena. Mas os britânicos se equivocaram ao se oporem à Dragoon. Os desembarques no sul da França levaram à rápida retirada alemã e reduziram o risco e o sofrimento naquele país.

A rota de fuga do bolsão de Falaise não estava definitivamente fechada por algumas razões, mas principalmente porque Bradley, que agora comandava o 12º Grupo de Exércitos, e Montgomery, que comandava o 21º, não fizeram as ligações corretas nem estabeleceram prioridades. Depois de concordar com um “cerco curto” em Falaise, pensando que o I Exército canadense atravessaria rapidamente, Montgomery não concentrou suficientes forças para este fim. Tinha os olhos postos no Sena, e desviou a maior parte das suas forças disponíveis para lá. Pensava ter sempre a possibilidade de fazer um “envolvimento longo” e emboscar os alemães diante daquele rio. A 1ª Divisão Blindada polonesa ficou escandalosamente desguarnecida para enfrentar os remanescentes das divisões panzer SS e outras formações que lutavam para sair do bolsão.

A outra divisão que tentava fechar a saída era a 2^{ème} *Division Blindée*, a 2ª Divisão Blindada francesa, comandada pelo general Philippe Leclerc. Este havia protestado energicamente com os comandantes americanos quando a sua divisão foi transferida do III Exército de Patton. Leclerc e o general De Gaulle queriam que a sua divisão equipada pelos americanos entrasse em Paris primeiro, como Eisenhower havia prometido. O general Gerow, comandante do corpo,

desprezava claramente as preocupações políticas francesas. Contudo, não sabia que as tropas francesas roubavam gasolina em segredo a cada oportunidade para criar uma reserva que lhes permitisse avançar até Paris sem autoridade.

A libertação de Paris não estava entre as prioridades de Eisenhower. Aquilo seria um enorme desvio de esforços e suprimentos, justo quando ele queria fazer os alemães correrem de volta para as fronteiras do Reich. As divisões de Patton haviam cortado a retaguarda alemã em duas no tipo de campanha de cavalaria blindada para a qual ele havia nascido. Ao visitar a 7ª Divisão Blindada na periferia de Chartres ele perguntou ao comandante quando iria conquistar a cidade. Este respondeu que ainda havia alemães lutando, então isto poderia levar um tempo. Patton o interrompeu. “Não há alemães. São três da tarde. Quero Chartres às cinco ou haverá um novo comandante.”²⁶

Em 19 de agosto, na véspera da irrupção da batalha pela saída do bolsão de Falaise, o general De Gaulle chegou ao quartel-general de Eisenhower proveniente de Argel. “Devemos marchar até Paris”, disse ele ao comandante supremo. “É preciso que haja uma força organizada lá para a ordem interna.”²⁷ Não surpreende o temor que ele tinha de que os comunistas, os franco-atiradores e os *partisans* provocassem uma rebelião e tentassem estabelecer um governo revolucionário. Enquanto isso, ele havia infiltrado os seus próprios oficiais na Paris ocupada para criar uma administração incipiente e assumir os ministérios.

No dia seguinte, em Rennes, De Gaulle soube que havia começado uma insurreição na capital. Ele imediatamente enviou o general Juin com uma carta para Eisenhower insistindo em que a divisão de Leclerc fosse deslocada diretamente para lá. A polícia de Paris entrara em greve cinco dias antes, em protesto pela ordem alemã de desarmá-la. Em Londres, o general Koenig enviou Jacques Chaban-Delmas para persuadir a resistência a não se insurgir de imediato. Mas os comunistas, liderados pelo coronel Henri Rol-Tanguy, líder regional das Forces Françaises de l’Interieur (FFI), queriam ser os libertadores de Paris. Em 19 de agosto, a polícia parisiense, armada de pistolas mas à paisana, tomou a Préfecture de la Police e hasteou a *tricolore*.

O tenente-general Dietrich von Choltitz, o comandante alemão de Paris, foi obrigado a enviar tropas, e houve um enfrentamento muito inconclusivo. Choltitz ouvira de Hitler que devia defender a cidade até o fim e destruí-la, mas outros oficiais o convenceram de que isto carecia de propósitos militares. Em 20 de agosto, um grupo gaullista tomou o Hôtel de Ville como o início da estratégia de ocupar os principais prédios governamentais. Acreditando na própria propaganda que decretava que o poder estava nas ruas, os comunistas não conseguiram enxergar que seriam passados para trás.

O entusiasmo patriótico, com as *tricolores* improvisadas nas janelas e o canto

espontâneo da “Marsellaise”, criou uma excitação fervorosa. Foram levantadas barricadas nas ruas para impedir a liberdade de movimentos dos alemães, caminhões da Wehrmacht foram emboscados e soldados isolados foram desarmados e mortos. O cônsul-geral sueco negociou uma trégua. Choltitz concordou em reconhecer as FFI como tropas regulares e permitiu que mantivessem os prédios tomados. Em troca, a resistência não atacaria as guarnições e quartéis alemães. Os comunistas, alegando que não haviam sido adequadamente representados, denunciaram o acordo. Chaban-Delmas conseguiu convencê-los a esperar um dia antes de atacar novamente.

Enquanto os remanescentes das forças alemãs na Normandia começavam a escapar cruzando o Sena, o I Exército canadense e o II Exército britânico foram reforçados pela 1ª Brigada de Infantaria belga, uma brigada blindada tcheca e a Brigada Real holandesa (da princesa Irene). O 21º Grupo de Exércitos de Montgomery, com forças de pelo menos sete países, começava a se parecer com o sonho das Nações Unidas de Roosevelt.

Em 22 de agosto, enquanto as FFI respondiam à ordem de Rol-Tanguy de “*Tous aux barricades!*”, Eisenhower e Bradley se convenceram de que ao fim e ao cabo teriam de ir a Paris. Eisenhower sabia que precisaria explicar a decisão ao general Marshall e a Roosevelt como algo estritamente militar. O presidente não queria pensar que as forças americanas estavam colocando De Gaulle no poder. Este, por sua vez, tentou ignorar o fato de que os Estados Unidos tivessem algo a ver com a libertação de Paris.

Bradley voou de volta em um Piper Cub para dar a Leclerc as boas novas de que poderia avançar até Paris. A reação entre os soldados foi de extrema alegria. As ordens do general Gerow de partir na manhã seguinte foram ignoradas e a 2^{ème} *Division Blindée* partiu naquela noite. Depois de alguns enfrentamentos difíceis nos subúrbios em 24 de agosto, Leclerc enviou à cidade uma pequena coluna pelas ruas laterais. Pouco depois chegaram à Place de l’Hôtel de Ville; ciclistas espalharam a notícia pela cidade e o grande sino de Notre Dame começou a repicar. O general Von Choltitz e os seus oficiais entenderam imediatamente o que aquilo significava.

Na manhã seguinte, a 2^{ème} *Division Blindée* e a 4ª Divisão de Infantaria americana entraram na cidade e tiveram uma recepção descomedida, intercalada com alguns enfrentamentos. Na verdade, houve algumas escaramuças em torno de prédios ocupados pelos alemães — o suficiente para Choltitz fingir resistir antes de assinar a rendição. Ao ver o documento, De Gaulle se irritou profundamente ao descobrir que Rol-Tanguy havia assinado acima de Leclerc, mas a estratégia gaullista havia vencido. Com os seus homens escolhidos instalados nos ministérios, o *Gouvernement Provisoire de la République*

Française estava mais ou menos no controle. Os comunistas e Roosevelt estavam diante de um *fait accompli*.

Enquanto Paris era salva, Varsóvia era destruída. Havia um mundo de distância entre Varsóvia e os gritos, as bandeiras *tricolore*, as garrafas ofertadas e os beijos generosos nos libertadores. Os assassinatos bárbaros e gratuitos perpetrados por auxiliares da SS prosseguiram, enquanto o Exército Territorial lutava contra reveses cada vez mais desesperadores. “Na Varsóvia em luta ninguém chora”,²⁸ escreveu um poeta polonês. Os poloneses continuavam combatendo em porões e esgotos enquanto a artilharia alemã e os Stukas destruíam a cidade à sua volta. Suas forças, que atacavam seção por seção, retomaram a Cidade Velha. Os familiares marcos da cidade eram destruídos um depois do outro, especialmente as igrejas. Não havia água para apagar os incêndios e os hospitais de campanha não tinham medicamentos suficientes para tratar as queimaduras graves. Os pacientes simplesmente morriam em agonia.

A disciplina era visivelmente boa entre os insurgentes, com poucas bebedeiras. O Exército Territorial havia ordenado que o álcool fosse destruído. Alguns revoltosos usaram o que sobrara para lavar os pés, pois havia pouca água. A vida e a defesa dependiam dos fardos enviados de paraquedas, mas muitos caíam por trás das linhas alemãs à medida que a área tomada pelo Exército Territorial encolhia. Os bombardeiros aliados não vinham todos os dias com as suas cargas preciosas; isto só ocorria quando o serviço polonês da BBC anunciava a sua chegada tocando a velha canção favorita “*Vamos dançar uma mazurca novamente*”.²⁹

Os insurgentes não tinham armas para perfurar blindagem, além de um par de lançadores PIAT despejados de paraquedas, mas mesmo assim destruíram tanques e veículos blindados com bombas de gasolina e granadas caseiras. As barricadas e os seus defensores humanos foram esmagados pelas lagartas dos tanques. A poeira dos prédios destruídos se misturava à fumaça das vigas que ardiam. Contudo, não muito longe, outros sofriam ainda mais.

Quando a revolta do Exército Territorial começou em Varsóvia, o gueto de Łódź ainda abrigava 6.700 judeus. Após o surpreendente avanço soviético na Operação Bagration, eles pensaram que a hora da sua libertação finalmente havia chegado. Porém, com o Exército Vermelho retido do outro lado do Vístula, Himmler decidiu não perder tempo. A grande maioria foi enviada para a morte em Auschwitz.

A primeira solicitação para que o Comando de Bombardeiros da RAF atacasse Auschwitz fora feita em janeiro de 1941 pelo conde Stefan Zamoyski, general

das Forças Armadas polonesas. Portal disse não, argumentando que as técnicas de bombardeio britânicas simplesmente não eram suficientemente precisas para destruir as linhas férreas. Ao final de junho de 1944, quando se confirmaram as informações sobre as câmaras de gás em Auschwitz, novos pedidos chegaram a Londres e Washington para bombardearem as ferrovias que levavam aos campos.

Auschwitz-Birkenau era então o maior campo de extermínio em operação. À época, a linha de produção do massacre de judeus húngaros estava em um crescendo, com 43 mil mortos em poucos meses. Em agosto, os últimos judeus do gueto de Łódź foram mortos lá, seguidos pelos judeus da Eslováquia e logo depois pelos supostos judeus privilegiados de Theresienstadt. Foi a última tentativa de Himmler de chegar à Solução Final antes de os campos serem evacuados e destruídos.

Harris continuava aferrado à obsessão de que o melhor para todos, inclusive os prisioneiros, era encurtar a guerra com a sua estratégia de bombardeio da Alemanha. Ele também alegou que se tratava de um alvo diurno e portanto uma missão para a USAAF. Os americanos também a recusaram, porém, estranhamente, a partir de 20 de agosto, aviões dos Aliados da base aérea de Foggia começaram a bombardear a fábrica Monowitz de Auschwitz III porque ela produzia metanol e, por isso, era parte do plano petrolífero de Spaatz. Os ataques deram cabo de quaisquer esperanças da IG Farben de manufaturar borracha e combustível sintéticos em Auschwitz.³⁰ Após a Operação Bagration, o Exército Vermelho estava perto demais, criando desconforto. Os empregados da companhia foram evacuados para o oeste.

Do outro lado de Varsóvia, o Exército Vermelho quase não se movia. Obviamente, Stalin queria que a insurgência fracassasse. Quanto mais líderes poloneses em potencial fossem mortos pelos alemães, melhor para ele. Por fim, em 2 de outubro, após 63 dias, o general Komorowski se rendeu. Sem o conhecimento de Himmler, Bach-Zelewski ofereceu aos sobreviventes o privilégio de serem tratados como combatentes legais. Esperava recrutá-los para lutar contra o Exército Vermelho, mas ninguém aceitou. Embora Bach tivesse prometido que não haveria mais destruição em Varsóvia, pouco depois Himmler ordenou a demolição total da cidade com fogo e explosivos. Só o campo de concentração na região do gueto foi preservado, para receber os prisioneiros do Exército Territorial. Os poloneses não tinham ilusões, encurralados entre dois sistemas impiedosamente totalitários que se alimentavam um do outro. Um poeta do Exército Territorial escreveu: “Esperamos a sua peste vermelha/para nos livrar da peste negra.”³¹

A Ofensiva Ichigō e Leyte

JULHO-OUTUBRO DE 1944

Em 26 de julho de 1944, quando os americanos avançaram através da Normandia, o Exército Vermelho chegou ao Vístula e os fuzileiros navais americanos completaram a conquista das ilhas Marianas, o cruzador USS *Baltimore* entrou em Pearl Harbor ostentando a bandeira presidencial. Uma fileira de almirantes com uniformes brancos engomados o esperava no cais.

O almirante Nimitz subiu a bordo para dizer ao presidente Roosevelt que o avião do general Douglas MacArthur, proveniente de Brisbane, acabara de pousar. Meia hora depois, MacArthur, que havia se atrasado para fazer uma entrada triunfal, chegou em um grande carro conversível de comando com batedores. Saudando a multidão, ele também subiu a bordo, como a estrela de um show no dia da estreia.

MacArthur era um maníaco obcecado com a própria lenda inflada. Ele não ocultava o desdém pelo presidente, que considerava quase um comunista. Não via razão para admitir a autoridade do general George C. Marshall e se ressentia muito do fato de Nimitz não estar sob o seu comando. Contudo, agora sabia exatamente o que precisava fazer para defender o seu poder e prestígio, mesmo que isto significasse engolir o orgulho e ser amigável com Franklin Delano Roosevelt.

Para MacArthur, aquela conferência era politicamente motivada, com Roosevelt no papel de comandante em chefe antes das eleições de novembro. Por sorte, a sua conquista de Papua-Nova Guiné ocorrera de um modo muito melhor do que esperava, e as suas forças agora estavam abrigadas em Hollandia, na extremidade oeste. Era a hora de pressionar pela sua missão pessoal, a reconquista das Filipinas, às quais prometera regressar. “Estão à minha espera por lá”, declarou com grandiloquência à imprensa. O fato de, entre comandantes supremos e chefes das Forças Armadas, fosse ele o único a advogar a total libertação das Filipinas não o desencorajava de modo algum. Outros

suspeitavam que ele tivesse a consciência pesada após abandonar Corregidor e Bataan, ainda que por ordem presidencial. Mas as Filipinas eram parte importante da sua vida, para não falar da riqueza, depois de um presente de 500 mil dólares do seu amigo Manuel Quezon, o presidente filipino.

Vários colegas aceitavam a ideia de libertar Luzon, a principal ilha filipina, como um passo para chegar a Formosa. Isto estava ligado à ideia de usar a China como a principal base para bombardear o Japão. Outros, principalmente o almirante King, argumentavam que Luzon devia ser evitada e era preciso ir direto para Formosa.

Usando charme e táticas intimidadoras, MacArthur conseguiu convencer Roosevelt de que deviam libertar as Filipinas, ao menos como uma questão de honra. Sabendo que a recusa seria uma má jogada com a imprensa e o público americano às vésperas das eleições presidenciais em novembro, Roosevelt se deixou persuadir. Alguns sugerem que houve um acordo privado: as Filipinas em troca de MacArthur não criticá-lo nos Estados Unidos. Marshall e o chefe da força aérea “Hap” Arnold, por sua vez, sabiam que, de qualquer modo, o projeto preferido de MacArthur não apressaria o fim da guerra no Pacífico. Com as Marianas garantidas, tinham bases aéreas para atacar as ilhas japonesas. Os detalhes da marcha da morte em Bataan revelados pouco antes provocaram uma onda de clamores pelo bombardeio do Japão.

Ao final, depois de o almirante “Bull” Haley fazer uma série de ataques nas Filipinas com a 3ª Esquadra e os porta-aviões rápidos de Mitscher, o comando conjunto concordou na conferência Octagon (Octógono), em Quebec, que MacArthur podia prosseguir. Ele devia começar pela ilha de Leyte, no noroeste das Filipinas, em outubro. Todas as operações preliminares foram canceladas, com uma exceção, a captura de Peleliu, nas Ilhas Palau, a uns 800 quilômetros ao leste de Leyte. A invasão de Formosa foi descartada por várias razões, entre elas a situação desastrosa no continente chinês com a intensa Ofensiva Ichigō.

Para aqueles engajados em uma luta essencialmente marítima do outro lado do mundo era difícil visualizar os acontecimentos dramáticos em Paris e Varsóvia, assim como as palmeiras, pântanos e manguezais e o Pacífico azul-cobalto eram inimagináveis para aqueles engajados na luta de morte no continente europeu.

O combate nas ilhas contra os soldados japoneses que não se rendiam fez os comandantes americanos considerarem o uso de gás para evacuar os bunkers e túneis, mas Roosevelt vetou a ideia. Em conjunto, a marinha americana adotou uma atitude mais prática ao escolher os arquipélagos e atóis que iria desbordar no avanço pelo Pacífico. Ciente da situação desesperadora das tropas japonesas

isoladas, simplesmente resolveu deixá-las morrer à míngua.

O bloqueio pelos submarinos americanos era devastador. O Japão mal começara a estabelecer um sistema de comboios e carecia de navios cargueiros, pois a Marinha Imperial havia preferido concentrar seus recursos nos navios de guerra. As tropas japonesas abandonadas pelo quartel-general imperial em Tóquio não tinham permissão de se render. Simplesmente ser “autossuficientes”, o que significava não contar com suprimentos ou repletamentos. Estima-se que do total de 1,74 milhão de soldados japoneses que morreram na guerra, seis em cada dez tenham sucumbido a doenças e à fome.¹ Seja qual for a escala dos seus crimes de guerra contra habitantes de outros países, as Forças Armadas japonesas deviam ter sido condenadas pelo povo por crimes contra os seus soldados, mas isto era inconcebível em uma sociedade tão conformista.

Sempre que podiam, os soldados japoneses pilhavam os alimentos das populações locais, mas no campo as pessoas os ocultavam com astúcia para sobreviver. Nas cidades e aldeias, porém, o sofrimento era pior, assim como entre os trabalhadores forçados e os prisioneiros de guerra aliados. Os soldados e oficiais japoneses recorreram ao canibalismo não só de corpos de inimigos. A carne humana era considerada uma fonte alimentícia necessária, e havia “grupos de caça” para obtê-la. Na Nova Guiné eles mataram, esquartejaram e comeram moradores locais e trabalhadores escravos, além de vários prisioneiros de guerra australianos e americanos, aos quais se referiam como “porcos brancos”,² em oposição aos “porcos pretos” asiáticos. Cozinhavam e comiam as partes carnosas, o cérebro e o fígado das vítimas. Embora os comandantes os proibissem de comer japoneses, isto não os impedia. Às vezes escolhiam um camarada, principalmente quem se recusava a comer carne humana, ou capturavam um soldado de outra unidade. Mais tarde, soldados japoneses isolados nas Filipinas reconheceram que “não tínhamos medo da guerrilha, mas dos nossos próprios soldados”.³

Os confiscos e a intervenção japonesa na agricultura já haviam provocado fome em parte do sudeste asiático, nas Índias Orientais Holandesas e nas Filipinas. A depredação desorganizou a agricultura e deixou poucas sementes para a estação seguinte. A Birmânia, que fora o grande celeiro de arroz da região, ao final da guerra estava reduzida à agricultura de subsistência. Na Indochina, as autoridades de Vichy, com a aprovação de supervisores japoneses, fixaram preços e estabeleceram cotas. Mas o Exército Imperial japonês andava de aldeia em aldeia e confiscava tudo antes da chegada dos oficiais franceses.

No norte da Indochina a situação era ainda mais desastrosa porque os agricultores foram forçados a semear juta, e com quase todos os navios confiscados pelos japoneses, não tinham como obter arroz do sul. Em

consequência, a fome entre os camponeses tonkins em 1944 e 1945 matou mais de dois milhões de pessoas. Os japoneses não tinham intenção de ajudar a região, principalmente com o incremento do apoio do Partido Comunista liderado por Ho Chi Minh. Eles eram apoiados e armados — ironicamente, da perspectiva das décadas posteriores — pela Agência de Serviços Estratégicos [OSS, na sigla em inglês] americana. Com a anuência de Stalin na conferência de Teerã, Roosevelt decidira não deixar os franceses recuperarem a colônia, mas esta política morreu com o presidente pouco antes do fim da guerra na Europa.

Dominado pelos militares, o governo japonês contava com a vitória alemã na guerra europeia e a inaptidão americana para a luta. Com uma falta de imaginação surpreendente, os seus líderes pensaram que obteriam condições de paz favoráveis apesar da indignação americana com Pearl Harbor. Estes erros de cálculo fatais se agravaram com a inflexibilidade na hierarquia militar japonesa. Os comandantes rejeitavam inovações e as forças americanas, com homens dinâmicos e inteligentes mobilizados em todos os meios sociais, aprenderam muito rapidamente do ponto de vista técnico e tático. Acima de tudo, a galvanização da indústria militar nos Estados Unidos produziu um arsenal impressionante, com quase cem porta-aviões no mar pelo fim de 1944.

Alguns historiadores afirmam que, devido à perda tão catastrófica de navios mercantes, o grande exército japonês no continente chinês jamais poderia ter sido redesdobrado para enfrentar as forças aliadas em outra parte, por isso a questão de se o exército de Chiang Kai-shek os retinha seria irrelevante. De fato, algumas tropas em terra e grande parte da aviação naval foram remobilizadas, mas esta escola de pensamento continua apontando o apoio à China como um desperdício completo. Tal argumentação negligencia o fato de que sem a resistência anterior dos exércitos chineses e a sua persistência em se manter na guerra, as forças japonesas em outras partes teriam sido muito mais fortes.

A Ofensiva Ichigō japonesa, iniciada em abril de 1944, parecia confirmar as opiniões mais pessimistas da capacidade de luta dos nacionalistas. Até os oficiais de Chiang se desesperavam. “Temos de organizar a retirada”, escreveu um capitão. “Uma massa de homens, cavalos e carroças vinha no sentido contrário. Foi uma confusão. De repente vi Huang Chi-hsiang, o nosso general, passar por nós galopando a cavalo, vestindo pijama e com um só pé da bota. Aquilo era terrivelmente indigno. Se os generais fugiam, por que o soldado comum devia ficar e lutar? Os japoneses estavam enviando tanques e não tínhamos nada para lutar contra blindados.”⁴

As contradições da política americana, que tentava tirar o máximo proveito da China com o mínimo de apoio, eram crescentemente contraproducentes. Depois de focar quase exclusivamente na Birmânia para abrir caminho e concentrar o

programa de rearmamento e treinamento nas divisões nacionalistas lá mobilizadas, Stilwell havia conseguido pouco para as tropas de Chiang Kai-shek que enfrentavam os japoneses na China. Como os americanos sabiam muito bem, essas tropas estavam desnutridas demais para combater, embora tivessem recebido as armas adequadas. Então, era injusto culpá-las por não conseguir defender as bases aéreas americanas, principalmente porque os bombardeios americanos contra as ilhas japonesas e outros alvos provocavam a reação japonesa. Roosevelt não queria que as B-29 fossem desviadas para apoiar as tropas chinesas em terra. A única exceção foi em novembro e dezembro, quando as Superfortalezas devastaram os depósitos de suprimentos em Hankow.

Houve momentos em que as tropas chinesas lutaram bem. Em Heng-yang, sitiado, mas com bom apoio dos caças e bombardeiros de Chennault, o X Exército impediu o avanço dos japoneses por mais de seis semanas. Um jornalista americano descreveu a tropa que tentava resgatar o X Exército: “Só um homem em cada três tinha um fuzil [...] não havia um só motor, um caminhão em toda a coluna. Não havia uma peça de artilharia. Em raras ocasiões, tropas de animais transportavam parte da carga [...]. Os homens caminhavam em silêncio, com a amargura curiosa dos soldados chineses que só esperam pelo desastre [...] as armas eram velhas, os uniformes amarelos e marrons estavam puídos. Cada um levava duas granadas enfiadas no cinto; em volta do pescoço, tinham uma longa meia azul recheada como um pedaço de salame cheia de grãos de arroz secos, a única ração que possuíam. Enfiados em sandálias de palha, tinham os pés rachados e inchados.”⁵ Pateticamente mal equipadas, estas eram as tropas aliadas que Washington culpou por não conseguirem barrar a maior ofensiva terrestre japonesa da guerra no Extremo Oriente.

A perda de Heng-yang em 8 de agosto significou que o caminho estava aberto para as outras bases americanas em Kweilin e Liuchow. As relações não ficaram apenas estremecidas ao ponto da ruptura entre os americanos e o generalíssimo. Chennault culpou Stilwell por não ouvir as advertências sobre a Ofensiva Ichigō, e este culpou Chennault de provocá-la e de se apropriar da maior parte dos suprimentos enviados pelo Himalaia, fazendo com que praticamente nada chegasse às forças chinesas em terra. Certamente, a alegação inicial de Chennault de que a 14ª Força Aérea poderia derrotar um avanço japonês agora parecia sem sentido. Stilwell queria a destituição de Chennault, mas Marshall a negou. Ele e o general Arnold também rejeitaram o pedido de Chennault para receber todas as provisões enviadas para o comando de bombardeiros de Superfortalezas B-29.

O governo Roosevelt e a imprensa americana, que em 1941 idealizaram

Chiang Kai-shek e a resistência nacionalista ao Japão, agora se voltavam contra eles com exagerada aversão. A incapacidade de compreender os problemas fundamentais, com suas falhas inquestionáveis, produziu outra contradição na política americana. Stilwell, o Departamento de Estado e a OSS, irritados com Chiang e os nacionalistas, começaram a idealizar Mao Tsé-tung e os comunistas.

Em julho, Roosevelt dissera a Chiang que nomeasse Stilwell comandante em chefe das forças nacionalistas, inclusive das comunistas. O generalíssimo não tinha intenção de fazer nada parecido, principalmente se os americanos estavam pensando em armar os comunistas, mas ele só podia ganhar tempo. A negativa direta poria em risco a ajuda econômica e militar. A Ofensiva Ichigō ajudou enormemente os comunistas ao devastar os exércitos nacionalistas, já que a maior parte das forças japonesas envolvidas provinha do norte da China e da Manchúria. Os comunistas se beneficiaram das derrotas nacionalistas e deslocaram suas forças para o sul a fim de ocuparem as áreas que os nacionalistas haviam sido obrigados a abandonar.

Na tentativa fracassada de fazer os dois lados cooperarem, os americanos exigiram o direito de enviar um grupo de investigadores ao quartel-general de Mao Tsé-tung em Yen-an. A “Missão Dixie” chegou em julho e teve uma impressão favorável, como Mao pretendia que ocorresse. Estritamente limitados no que podiam ver e com quem podiam conversar livremente, eles ignoravam a determinação de Mao em destruir completamente os nacionalistas e os expurgos selvagens para “erradicar os traidores no [Partido Comunista Chinês] e implantar a ideologia maoista em todas as fileiras do partido”.⁶ Criou-se um reinado do terror com concentrações massivas onde os suspeitos eram denunciados e as pessoas lhes gritavam lemas e insultos. Confissões foram arrancadas mediante torturas físicas e psicológicas e lavagem cerebral. O regime de Mao, que empregou obsessivamente o controle do pensamento e a “autocrítica”, foi ainda mais totalitário que o stalinismo. Mao não tinha uma polícia secreta. Os cidadãos comuns eram estimulados a participar da caça às bruxas e da tortura e morte dos supostos traidores. E o culto à personalidade de Mao foi maior que o de Stalin.⁷

Os quadros comunistas e os comandantes militares viviam aterrorizados de cometer um erro. Agora que a guerra começava a se desenvolver para longe das ações exclusivamente guerrilheiras, temiam ser acusados de infringir a ideologia maoista, que desde a desastrosa Batalha dos Cem Regimentos condenava a guerra convencional. Mao relutava em arriscar forças que queria preservar para lutar mais adiante contra os nacionalistas, embora elas crescessem rapidamente. No final de 1944, os comunistas chineses aumentaram as suas formações regulares para 900 mil, e as forças locais da milícia camponesa eram de 2,5 milhões.

A situação na China ficou tão terrível com a Ofensiva Ichigō que Chiang quis trazer de volta as divisões da Força Y da frente de Salween para ajudar a impedir o avanço japonês. Como aquele era um momento crítico na campanha da Birmânia, Roosevelt, Marshall e Stilwell ficaram indignados, mas se recusaram a reconhecer qualquer responsabilidade pela situação desesperadora dos nacionalistas. Marshall esboçou uma nota muito forte, equivalente a um ultimato, instruindo o generalíssimo a nomear Stilwell comandante em chefe imediatamente e reforçar a frente Salween.

Stilwell leu o memorando com grande satisfação. Ele praticamente invadiu a reunião do generalíssimo com o major-general Patrick J. Hurley, o novo enviado de Roosevelt, e escreveu triunfantemente em seu diário: “entreguei o pacote de páprica ao Amendoim e depois me sentei com um suspiro. O arpão atingiu o degenerado no plexo solar e o atravessou.” Por sua vez, Hurley ficou chocado com o tom do memorando e a vergonha que provocaria. Chiang Kai-shek ocultou a raiva. Disse simplesmente “Compreendo” e encerrou a reunião.⁸

Mais tarde, o generalíssimo enviou uma mensagem a Roosevelt por meio de Hurley, insistindo em que Stilwell fosse afastado. Estava preparado para aceitar que um general americano comandasse as forças chinesas, disse, desde que não fosse Stilwell. Roosevelt já não considerava a China essencial para pôr fim à guerra contra o Japão, agora que Stalin pretendia invadir a Manchúria assim que a guerra com a Alemanha terminasse. Por isso, simplesmente ponderou se a contenda afetaria a sua posição nas eleições presidenciais de novembro.

Agora a imprensa americana se voltara contra o governo nacionalista, descrevendo-o como ditatorial, incompetente, corrupto e nepotista. Os jornais o acusavam de se recusar a lutar contra os japoneses e de indiferença diante do povo chinês, principalmente durante a grande fome em Honan, no ano anterior. O *New York Times* afirmou que o apoio aos nacionalistas levava os Estados Unidos a “aquiescer com um regime autocrático, frio e ignorante”.⁹ Escritores influentes, como Theodore White, vilipendiaram Chiang Kai-shek e o compararam desfavoravelmente aos comunistas. Na era do liberalismo do *New Deal*, muitos funcionários do Departamento de Estado concordaram.¹⁰

Durante a campanha presidencial americana, as pesquisas de opinião mostraram que a pequena vantagem de Roosevelt sobre Thomas Dewey diminuía rapidamente. Por isso, temendo o efeito negativo do colapso do nacionalismo chinês sobre a sua campanha, Roosevelt decidiu convocar Stilwell a Washington, dando a impressão de que o general havia feito o possível para esclarecer Chiang Kai-shek e não havia mais nada a fazer. A realidade de que os chineses haviam sido abandonados diante da Ofensiva Ichigō foi totalmente omitida, bem como as disputas de Stilwell com Chiang, Chennault e

Mountbatten.

O general Marshall, que havia designado Stilwell e ignorava em grande parte sua participação naquela situação desastrosa, esboçou uma resposta à exigência de Chiang Kai-shek de que ele fosse afastado. “É necessário apresentar uma explicação completa e aberta dos motivos da convocação do general Stilwell”, escreveu Marshall no esboço que Roosevelt enviaria a Chiang Kai-shek. “O povo americano ficará chocado e confuso com esta atitude e lamento o dano que isto inevitavelmente causará à impressão favorável que o povo americano tem da China.”¹¹

Na mensagem a Chiang Kai-shek, Roosevelt não empregou a ameaça pouco velada de Marshall de divulgar os detalhes por trás do afastamento de Stilwell, mas garantiu que a imprensa americana fosse informada. De qualquer modo, antes de partir Stilwell apresentou a sua versão dos acontecimentos aos correspondentes em Chungking. Ele também se assegurou de que os simpatizantes nos Estados Unidos condenassem Chiang como um ditador militar desagradável e o acusassem de não atacar os japoneses para armazenar estoques de armamentos para a luta contra os comunistas. Não houve conjecturas sobre o fato de Mao poupar deliberadamente as suas forças para uma guerra civil generalizada e fazer acordos secretos com os japoneses.

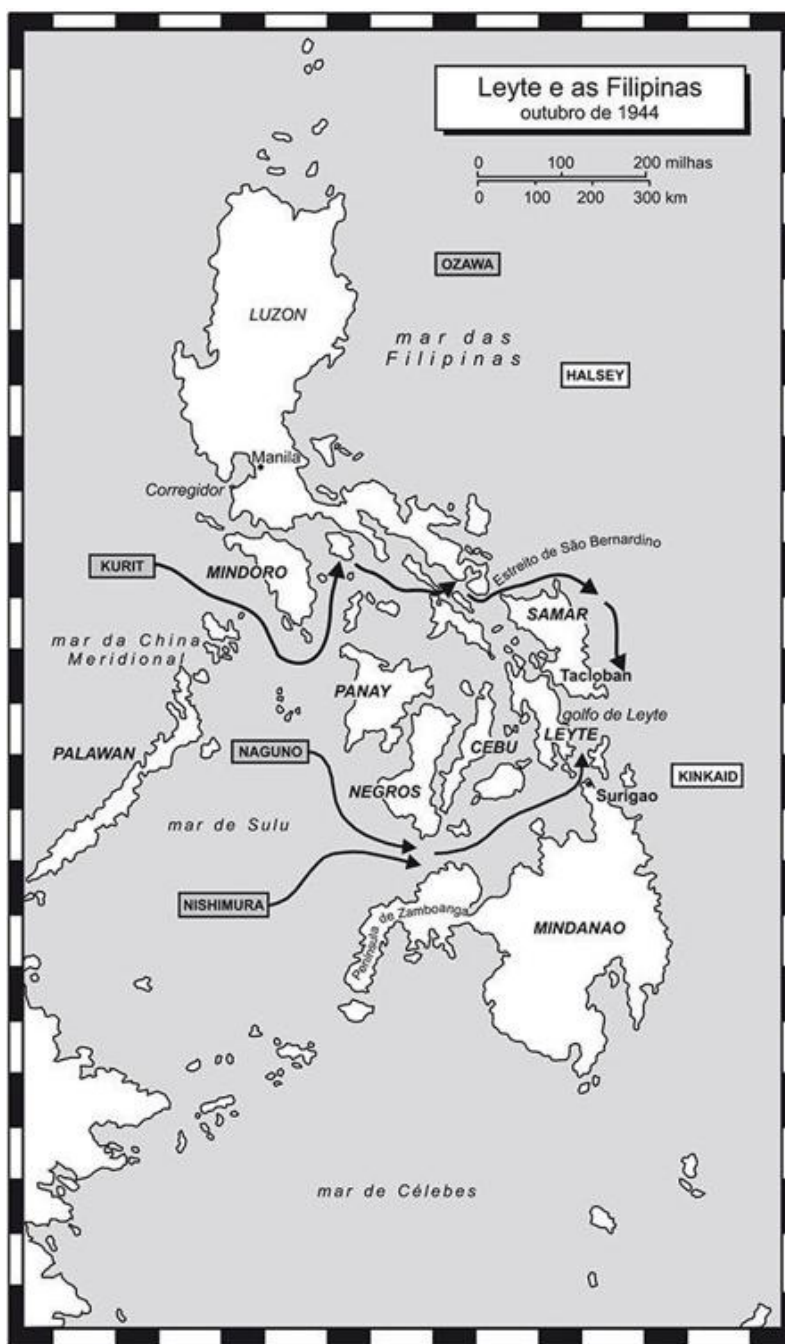
O major-general Albert C. Wedemeyer, que servia como chefe do Estado-Maior de Mountbatten, substituiu Stilwell em outubro, quando os japoneses retomaram a ofensiva. A situação dos refugiados era semelhante à das tropas vencidas. Os exércitos de Chiang, profundamente desmoralizados e famintos, mais uma vez viveram o caos, o que permitiu aos japoneses tomar novas bases aéreas que os americanos haviam demolido pouco antes. Já naquela ocasião, eles estavam acostumados à rotina de explodir cada cabana, hangar e armazém e plantar bombas de 500 quilos na pista para deixá-la imprestável.

A situação era tão desesperadora que Wedemeyer concordou com o regresso das divisões da Força Y e obteve a súbita transferência das formações da força aérea que apoiavam a campanha da Birmânia. Porém, o impulso japonês chegava ao seu fim natural. Treze aeródromos americanos estavam inutilizados, os japoneses haviam causado mais de 300 mil baixas entre os nacionalistas e os seus exércitos na China haviam se juntado às forças de seu país na Indochina.¹²

A perda do apoio aéreo foi um choque desagradável para o general Slim, cujo XIV Exército estava a ponto de cruzar o grande Irrawaddy. De qualquer modo, alguns oficiais britânicos suspeitavam que o anglofóbico general Wedemeyer não pretendia ajudá-los depois de cumprirem a sua parte ajudando a garantir a estrada da Birmânia para a China.

Enquanto MacArthur exultava com a aprovação de Roosevelt para sua invasão de Luzon, que representava uma vitória sobre o almirante King, continuavam os preparativos para os pousos preliminares em Leyte. Mas o almirante Nimitz se recusara a cancelar o ataque à ilha de Peleliu, onde ficava a principal pista de pouso japonesa nas Ilhas Palau. Os comandantes supunham que a tomada de Peleliu pela 1ª Divisão de Fuzileiros levaria três ou quatro dias.

Em 15 de setembro começou o ataque anfíbio, com o bombardeio costumeiro dos grandes canhões dos navios de guerra e dos bombardeiros de mergulho dos porta-aviões. As proas redondas das grandes barcas de desembarque se abriram e despejaram centenas de blindados anfíbios levando os fuzileiros navais. No mapa, com menos de oito quilômetros de comprimento e menos de três de largura, Peleliu parecia o esqueleto de uma cabeça de crocodilo com a boca semiaberta. Era uma espinha montanhosa de corais pontiagudos ao longo da costa noroeste com um centro plano onde se localizava a pista de pouso e mangues na costa sudoeste. A ilha estava cercada por um recife de coral que impedia o uso de barcas de desembarque. Só os amtracs anfíbios conseguiriam passar.



Para os fuzileiros que haviam combatido na maior parte das ilhas, Peleliu era a pior. O calor sufocante às vezes chegava a 46° centígrados. A água nos cantis podia ter vindo de uma chaleira fervente, mas eles a bebiam de qualquer modo. A sede e a desidratação tornaram-se um grande problema. A escassez de água na ilha era tal que barris de petróleo sem lavar foram enchidos a bordo dos navios da frota e levados para a praia. O conteúdo tinha o sabor de ferrugem e óleo e deixava os homens doentes, mas era tudo o que havia. A prostração provocada pelo calor deixou muitos homens doentes nas primeiras 24 horas.

Pouco depois de chegar à beira da pista de pouso os fuzileiros ouviram o ruído de tanques. A princípio supuseram que eram americanos. Ao perceberem que uma dúzia de blindados japoneses havia saído dos esconderijos, começou o inferno. Os americanos levavam poucas armas capazes de perfurar blindagem, mas alguns Shermans e caças-bombardeiros em pouco tempo reduziram as viaturas blindadas obsoletas a cascos fumegantes.

Os fuzileiros desembarcaram pensando que os japoneses logo “fariam um *banzai*”, um ataque suicida em massa como ocorrera nas outras ilhas, o que poria fim àquilo rapidamente. Porém, o inimigo mudara de tática. Era impossível cavar no coral sólido. O pior de tudo era que os fragmentos pontudos da explosão dos projéteis saltavam em todas as direções, ampliando tremendamente o seu efeito letal. O único abrigo disponível eram as crateras das bombas. Com feridos e mortos espalhados por toda parte e as metralhadoras japonesas cobrindo a área, a evacuação dos feridos causava perdas ainda maiores. Mais tarde, um jovem oficial agarrou o motorista relutante de um amtrac e, apontando uma pistola para a sua cabeça, forçou-o a circular pela área para recolherem os caídos.

O espinhaço de coral na lateral da pista de pouso no nordeste da ilha estava coalhado de túneis em meio às cavernas naturais do coral. Os japoneses haviam posicionado os canhões lá dentro, com portas de aço de correr. Chegaram a instalar ventiladores elétricos para dispersar a fumaça da pólvora ao dispararem. Para enfrentar os defensores, primeiro os fuzileiros precisavam cruzar a pista e neutralizar casamatas e barracas convertidas em fortalezas de concreto. Para muitos, Guadalcanal tinha sido como um passeio de feriado.

Na manhã de 16 de setembro, quatro batalhões atacaram cruzando a terra de ninguém da pista de pouso. Correndo agachados, os homens caíam esticados ao serem alvejados. Mas as construções foram tomadas e os defensores liquidados. A 1ª Divisão de Fuzileiros Navais teve mais de mil baixas desde o desembarque. O pior ainda estava por vir, quando enfrentaram o “Maldito Nariz de Espinhaço”, nome que deram à espinha de coral com 60 a 90 metros de altura. À noite, raramente dormiam bem. Nas horas da escuridão os soldados japoneses se infiltravam nas suas linhas, sós ou aos pares, para esfaquear os metralhadores e as guarnições de morteiros em seus postos de tiro ou para se amarrarem do alto das árvores e operar como franco-atiradores ao amanhecer.

Obviamente, eliminar os japoneses do Maldito Nariz de Espinhaço foi difícil, e as granadas e lança-chamas tornaram-se ferramentas vitais. As cavernas ofereciam aos japoneses campos de tiro interligados, e a luta foi tal que a maior parte da ilha só foi varrida de inimigos no fim de setembro e finalmente conquistada ao término de outubro. Para este então, a taxa de baixas na 1ª

Divisão de Fuzileiros havia subido para 6.526, das quais 1.252 era de mortos. A 18ª Divisão, que teve de ser trazida com reforço, perdeu mais 3.278. Todavia, Peleliu poderia ter sido evitada. Foi um dos raros erros de Nimitz.

O general Halsey estava a ponto de cometer outro erro na maior batalha naval de toda a guerra, mas, para a sorte da Esquadra do Pacífico, um almirante japonês perdeu a oportunidade que tinha diante de si. Os japoneses esperavam um ataque às Filipinas e, tão logo ocorresse, pretendiam transformá-lo em uma batalha decisiva.

Os encouraçados restantes da Esquadra Combinada estavam baseados perto da principal fonte de petróleo, nas Índias Orientais Holandesas. Os submarinos americanos haviam afundado petroleiros demais para que os japoneses tivessem muitas alternativas. Os últimos porta-aviões com que contavam foram mantidos perto das ilhas japonesas. Em Okinawa, o almirante Fukudome Shigeru, que sofrera um forte ataque da 3ª Esquadra americana em outubro, se horrorizou com o número de baixas entre os seus pilotos pouco treinados, quando mais de quinhentos aviões japoneses foram abatidos. Ele os descreveu como “vários ovos atirados na parede de pedra da indômita formação inimiga”.¹³ Contudo, a compulsão japonesa em evitar a vergonha os levou a apresentar o desastre como uma vitória. Afirmaram ter afundado dois encouraçados e onze porta-aviões, embora na batalha apenas dois cruzadores Aliados tivessem sido avariados. O imperador Hiroito conclamou a uma comemoração nacional. A Marinha Imperial também deixou de contar a verdade sobre a batalha aos colegas da força terrestre. Em consequência, o marechal de campo Terauchi Hisaichi decidiu que, afinal, podia defender a ilha de Leyte assim como Luzon, e conseguiu convencer o quartel-general imperial a fazer uma mudança de planos.

Certo de que o seu momento havia chegado, o general MacArthur embarcou no cruzador USS *Nashville* para se juntar aos transportes para a invasão do VI Exército. Eles tinham a proteção da 7ª Esquadra do vice-almirante Thomas C. Kinkaid, com 18 porta-aviões escolta e seis encouraçados antigos. Previsivelmente, a 7ª Esquadra era conhecida como “a Marinha de MacArthur”. Eles abordariam Leyte pelo sul. A 3ª Esquadra de Halsey, com 16 porta-aviões rápidos, seis encouraçados rápidos e 81 cruzadores e contratorpedeiros, vigiaria as vias de acesso pelo nordeste. Em conjunto, a marinha americana colocou 225 navios de guerra na operação em Leyte.

Halsey e Kinkaid não esperavam que os japoneses se apresentassem para a batalha naquela ocasião. A lógica parecia indicar que se reservariam a fim de concentrar forças para a invasão de Luzon. De fato, este tinha sido o plano

japonês, mas qualquer desembarque nas Filipinas ameaçava isolar o Japão dos campos petrolíferos de Java e Sumatra. O quartel-general imperial simplesmente não podia ignorar semelhante ameaça. Halsey estava tão relaxado que enviou um grupo de porta-aviões de volta para serem reequipados na ampla e nova base naval americana, na lagoa do Atol de Ulithi, nas Ilhas Carolinas.

Nas primeiras horas do dia 20 de outubro, a esquadra invasora e as escoltas entraram nos estreitos que levam ao golfo de Leyte. O desembarque com quatro divisões começou naquela manhã e seguiu conforme o planejado. No começo da tarde, o general MacArthur desembarcou com o novo presidente das Filipinas. Depois de garantir que repórteres, câmeras de cinejornais e fotógrafos estivessem presentes, MacArthur entrou com água até as canelas na praia e fez um pronunciamento: “Povo das Filipinas, eu voltei! Com a graça do Senhor, as nossas forças mais uma vez estão em solo filipino.” A sua campanha quase presidencial no ano anterior incluía o contrabando de folhetos, caixas de fósforos, maços de cigarros e botões de propaganda, todos decorados com o seu retrato, as bandeiras dos EUA e das Filipinas e o lema “Eu voltarei”. Tudo tinha sido distribuído pela grande rede de resistência das ilhas, e a maioria dos filipinos sabia estas duas palavras em inglês quando ocorreram os desembarques.

Em pouco tempo, a luta em Leyte se intensificou. Mais uma vez, pelotões tropeçaram em abrigos individuais e ninhos de metralhadoras bem camuflados, com consequências sangrentas. O 302º Batalhão de Engenharia, personificado pelo capitão J. Carruth, ajudou a 77ª Divisão avançando com uma escavadeira blindada e enterrando ou expondo trincheiras japonesas e ninhos de metralhadoras, às vezes dependurando-se na lateral da viatura para disparar com a submetralhadora Thompson em um soldado japonês desabrigado.

Em 23 de outubro, enquanto MacArthur era homenageado em outra cerimônia na cidade provincial de Tacloban, as tripulações da esquadra invasora ao largo corriam à ordem de “Todos a postos!”. Dois submarinos dos EUA tinham avistado a Esquadra Combinada japonesa vindo na sua direção.

O almirante Toyoda Soemu, comandante em chefe da força nipônica, possuía bons encouraçados e cruzadores pesados. A esquadra fora reforçada com dois encouraçados da classe Yamato, os maiores do mundo, com 68 mil toneladas, armados com canhões de 18 polegadas. Como Toyoda estava praticamente sem aviões e pilotos, após os encontros desastrosos perto de Formosa ele decidiu usar os dois porta-aviões como um chamariz e atrair a esquadra americana para longe de Leyte. Depois, atacaria os transportes invasores e suas escoltas.

Talvez o plano de Toyoda fosse complicado demais. Ele dividiu as forças em quatro. Havia o grupo do porta-aviões isca ao norte, dois esquadrões que supostamente se reuniriam no Estreito de Surigao, mas que não conseguiram

fazê-lo porque os comandantes se odiavam, e o grupo maior, a 1ª Força de Ataque, comandada pelo vice-almirante Kurita Takeo, com os superencouraçados *Yamato* e *Musashi*. Toyoda pensava cruzar o arquipélago filipino e se aproximar do estreito de San Bernardino, ao norte de Leyte. Esta era a força que vinha de Brunei, na costa norte de Bornéu, avistada pelos submarinos americanos.

Depois de enviar o alerta de contato, os submarinos atacaram prontamente com torpedos e afundaram o navio-capitânia de Kurita, o cruzador pesado *Atago*, avariaram seriamente outro cruzador, o *Takao*, e puseram a pique um terceiro, o *Maya*. O almirante Kurita, absolutamente descoroçoado, ainda envergando o uniforme azul-escuro e luvas brancas, abandonou o *Atago* quando ele afundava e transferiu seu estandarte para o *Yamato*.

Em 24 de outubro, animado, o almirante Halsey se preparou para a ação. Ordenou aos porta-aviões da esquadra de Mitscher que atacassem a força de Kurita, mas o radar detectou uma formação de cerca de duzentos aviões baseados em terra que voavam em sua direção. Os caças Hellcats decolaram rapidamente e destruíram setenta. Um único piloto americano conseguiu derrubar nove aviões inimigos. Contudo, um bombardeiro japonês conseguiu passar. A sua bomba penetrou na pista do porta-aviões USS *Princeton* e explodiu o combustível e os torpedos abaixo dos deques.

Às 10h30, os bombardeiros de mergulho com asas de gaivota Corsair e os bombardeiros torpedeadores Avenger atacaram o grande esquadrão de batalha do almirante Kurita, com o *Yamato* e o *Musashi*, fortemente blindados. Os Avengers fizeram o *Musashi* diminuir a velocidade com ataques de torpedos contra a sua proa ligeiramente mais vulnerável. Novas levadas de pilotos americanos, que conseguiram fazer dezessete lançamentos certos de bombas e um total de dezenove disparos no alvo de torpedos, avariaram o *Musashi*. Um corneteiro tocou o hino nacional japonês enquanto ele adernava, e a insígnia de batalha do navio foi amarrada a um bom nadador que saltou do deque. Em pouco tempo o grande navio de guerra, maior do que o *Bismarck*, emborcou e afundou, levando consigo mais de mil tripulantes. O *Yamato* e dois outros encouraçados também ficaram avariados, o que os tornou mais lentos, e nove cruzadores e contratorpedeiros foram a pique ou ficaram seriamente danificados.

O almirante Kurita relutou em seguir pelo Estreito de San Bernardino à luz do dia e, sem saber o que fazer, deu meia-volta nos navios. Ao saber disso pelos pilotos, Halsey, que fora por eles otimistamente informado sobre perdas maiores do que as que haviam causado, supôs que o inimigo fugia. À tarde enviou um radiograma anunciando que separaria quatro encouraçados, cinco cruzadores e catorze contratorpedeiros da 3ª Esquadra. Eles formariam a Força-Tarefa 34.

Informados, o almirante Kinkaid, ao largo de Leyte, o almirante Nimitz, em Pearl Harbor, e o almirante King, em Washington aprovaram, supondo que a Força-Tarefa 34 seria deixada guardando o Estreito de San Bernardino. Mas às 17h30 uma transmissão rádio informou Halsey que a força de porta-aviões japonesa fora vista pela última vez a 300 milhas ao norte do estreito. Na informação, o piloto involuntariamente exagerou para quatro o número de encouraçados no grupo comandado pelo vice-almirante Ozawa Jisaburō. Sem saber que Ozawa estava navegando em retângulo para ser avistado, o impetuoso Halsey mordeu a isca.

Kinkaid e MacArthur esperavam que a 3ª Esquadra ajudasse a proteger a invasão. Por sua vez, Halsey queria agir no espírito da ordem de Nimitz que o instruíra para, caso surgisse a oportunidade de destruir grande parte da armada inimiga, esta seria a sua missão principal. Ele também recordava as críticas ao almirante Raymond Spruance por não ter perseguido os porta-aviões japoneses nas Marianas. Por isso, acelerou a perseguição com toda a 3ª Esquadra, sem deixar a Força-Tarefa 34 para trás guardando o Estreito de San Bernardino. Halsey se deixou enganar pela esquadra chamariz apesar das advertências dos comandantes da sua própria força-tarefa.

Quando veio a noite, o almirante Kinkaid desdobrou os encouraçados da 7ª Esquadra no alto do Estreito de Surigao. O reconhecimento aéreo e as interceptações de mensagens indicavam que os dois outros esquadrões de batalha de Toyoda logo estariam em cima dele. Kinkaid continuava supondo que a passagem para Leyte por San Bernardino estava firmemente guardada pela Força-Tarefa 34. De cada seis navios antigos de Kinkaid, cinco eram vítimas ressuscitadas do ataque a Pearl Harbor. O restante da sua força de emboscada consistia em contratorpedeiros. Bem à frente, lanchas torpedeiras PT foram ordenadas para atacar, mas os disparos de torpedos pouco antes da meia-noite não acertaram os alvos.

O esquadrão de batalha japonês, que consistia em quatro contratorpedeiros, dois encouraçados e um cruzador, navegou diretamente para a armadilha noturna. Os contratorpedeiros americanos e australianos avançaram rapidamente na escuridão disparando torpedos. Depois, em uma manobra obsoleta mas eficaz, os seis velhos encouraçados formaram uma linha através do estreito. Os radares que direcionaram os disparos do armamento principal garantiram a precisão dos costados maciços. Só um contratorpedeiro japonês escapou. Todos os demais, inclusive os encouraçados *Fuso* e *Yamashiro*, afundaram ali ou depois. O grupo de Kinkaid teve apenas um contratorpedeiro seriamente avariado. O comandante do segundo esquadrão japonês, que não se unira ao rival odiado, decidiu não se arriscar a ter o mesmo destino.

O almirante Kinkaid ficou compreensivelmente satisfeito com os acontecimentos daquela noite. Porém, antes de dar a volta — era por volta de 4h de 25 de outubro — perguntou ao seu chefe de Estado-Maior se havia algo mais a considerar. Este respondeu que talvez deversem verificar com Halsey se a Força-Tarefa 34 continuava guardando o Estreito de San Bernardino ao norte de Leyte. Kinkaid concordou e enviaram uma mensagem. Devido ao acúmulo de decodificações, Halsey só a recebeu três horas depois. E respondeu: “Negativo. FT 34 está comigo perseguindo uma força de porta-aviões inimiga.” A resposta era suficientemente alarmante, mas às 7h20 Kinkaid recebeu outra mensagem de um pequeno porta-aviões de escolta ao largo de Leyte. Estavam sendo fortemente atacados. Os encouraçados do almirante Kurita, inclusive o *Yamato*, haviam regressado e passaram pelo Estreito de San Bernardino sem problemas. Toda a esquadra invasora de MacArthur estava em risco.

Os pedidos de ajuda a Halsey e à 3ª Esquadra não surtiram efeito. Em vez de reconhecer o erro, Halsey estava determinado a prosseguir com a perseguição. Os porta-aviões de Mitscher lançaram os aviões em ataques contra a força de Ozawa e conseguiram afundar dois porta-aviões e um contratorpedeiro. Na crise, a única concessão de Halsey foi chamar de volta o grupo de porta-aviões que estava a caminho do Atol de Ulithi para reabastecer. Até Nimitz, que evitava interferir nas ações de um comandante subordinado uma vez iniciada a batalha, enviou uma mensagem às 9h45 indagando sobre o paradeiro da Força-Tarefa 34. Cada vez mais teimoso, o “Touro” Halsey se enfureceu.

Entrementes, Kinkaid havia mandado alguns de seus encouraçados ao norte para ajudar a rede de porta-aviões e contratorpedeiros de escolta que enfrentava o poderoso esquadrão de batalha de Kurita. Eles não eram suficientemente rápidos para serem úteis, contudo, surpreendentemente, não foram necessários. Com enorme habilidade e bravura, os pilotos das aeronaves antissubmarinos da escolta, sem torpedos nem bombas, fizeram um ataque falso atrás do outro para distrair os navios de Kurita. Em determinado momento, o *Yamato* virou na direção errada para evitar o que pensava ser um torpedo e, ao desvirar para se juntar aos outros navios, ficou muito para trás.

Durante todo o tempo, os contratorpedeiros americanos atravessavam para lá e para cá uma cortina de fumaça para disparar torpedos. Um porta-aviões escolta, o USS *Gambier Bay*, se incendiou e foram perdidos três contratorpedeiros, mas os danos causados ao grupo foram extraordinariamente pequenos em vista das circunstâncias. De repente, para surpresa e alegria dos porta-aviões escolta remanescentes, eles viram os navios de Kurita mudarem o rumo para o norte. O almirante, que ainda não sabia por Ozawa que Halsey continuava a persegui-lo como planejado, temeu ser atacado pela retaguarda pela 3ª Esquadra. Os seus

teletipistas haviam captado uma mensagem em claro de Kinkaid demandando a volta dele. No meio da manhã, Kurita decidiu se retirar pelo Estreito de San Bernardino.

Halsey, que a esta altura havia afundado os quatro porta-aviões de Ozawa, por fim tomou juízo. Enviou os encouraçados rápidos para o sul, mas eles não conseguiram impedir a fuga de Kurita. Halsey se justificou citando a ordem de Nimitz de tentar destruir o máximo da armada inimiga, mas relutou em admitir que havia perseguido a esquadra errada. A imprensa se referiu à sua caçada como a “Batalha de Bull Run”.^{*} Nimitz não tomou providência alguma contra um líder tão ousado. De qualquer modo, a Batalha do Golfo de Leyte foi uma derrota decisiva, como até os japoneses admitiram. Eles perderam quatro porta-aviões, o gigantesco *Musashi* e outros dois encouraçados, nove cruzadores e doze contratorpedeiros.

Naquela manhã de 25 de outubro, bem no final da batalha, os japoneses lançaram uma nova arma na forma de ataques aéreos suicidas dos pilotos da 1ª Frota Aérea baseada em Luzon. Eles se chamavam *kamikaze*, ou “vento divino”, uma referência ao tufão que, no século XIII, esmagou a esquadra invasora do imperador Kublai Khan. Havia uma vantagem óbvia para a Marinha Imperial japonesa. Os pilotos remanescentes eram, na maioria, inaptos para o combate aéreo, então tudo o que aqueles jovens precisavam fazer era jogar o avião contra um navio como uma bomba voadora, principalmente na pista de pouso dos porta-aviões. Os americanos perderam um porta-aviões escolta e outros três ficaram seriamente avariados, mas o efeito do choque do ataque *kamikaze* foi tremendamente contraproducente para o Japão. A mentalidade que isto revelou certamente contribuiu para a decisão de usar armas atômicas contra o país menos de um ano depois, em vez de ser planejada uma invasão convencional das ilhas.

Nota:

^{*} A batalha na região do córrego Bull Run foi o primeiro entreencontro importante da Guerra Civil Americana, marcada por equívocos dos dois lados e vencida pelos confederados que, mesmo assim, não souberam aproveitar o êxito da retirada do exército da União. [N. do R. T.]

Esperanças Irrealizadas

SETEMBRO-DEZEMBRO DE 1944

Nos últimos dias de agosto de 1944, o colapso dos exércitos alemães na Normandia e a libertação de Paris produziram no Ocidente o sentimento de euforia de que a guerra teria fim “no Natal”. Esta impressão cresceu com o avanço apressado dos exércitos aliados para o Reno. Em 3 de setembro, a Divisão Blindada de Guardas entrou em Bruxelas e foi recepcionada de maneira tão exultante quanto em Paris, na semana anterior.

Um dia depois de Bruxelas, a Antuérpia passou para as mãos da 11ª Divisão Blindada, que avançara 550 quilômetros em seis dias. À sua direita, o 7º Corpo dos EUA perto de Mons encurralou uma grande força alemã que recuava da Normandia e do Pas de Calais. Mataram 2 mil e fizeram 30 mil prisioneiros. Entre eles deviam estar as tropas que, ao reagir aos ataques da resistência belga, incendiaram casas perto de Mons e mataram sessenta civis em represália. Outras atrocidades e pilhagens, realizadas principalmente por unidades *Waffen-SS*, ocorreram em diversas partes da Bélgica durante a retirada alemã.¹

Parecia que o I Exército americano estava a ponto de tomar Aachen, a primeira cidade alemã. Muitos habitantes fugiram em pânico para o leste. O ímpeto do momento parecia irrefreável, e a resistência alemã dava a impressão de estar a ponto de entrar em colapso. Hitler voltou a designar o marechal de campo Von Rundstedt comandante em chefe no oeste, mas foi Model quem, nas palavras do general Omar Bradley, “milagrosamente recuperou a garra do exército alemão”² e sustou o pânico. Göring forneceu seis regimentos de paraquedistas, aos quais se juntaram outros 10 mil homens da Luftwaffe, inclusive equipes de terra e até pilotos em treinamento, cujos cursos de voo haviam sido suspensos por falta de combustível. Eles formaram a base do I Exército de Paraquedistas do coronel-general Kurt Student no sul dos Países Baixos.

Este foi o momento em que a presunção dos Aliados colidiu com a escassez

de combustível, que era trazido de Cherburgo nos caminhões do “Expresso da Bola Vermelha”.^{*} O avanço dependia da tonelagem despachada e de se atingir o correto balanceamento entre combustível e munição. O I Exército canadense ainda não conseguira retomar os portos do canal da Mancha, que eram defendidos resolutamente por ordem de Hitler. Assim, a Antuérpia era a única solução. Contudo, embora o II Exército britânico tivesse tomado a cidade e o porto praticamente sem danos, Montgomery não garantiu o terreno e as ilhas ao longo do estuário do Scheldt a partir do mar do Norte. Ignorou a advertência do almirante Ramsay de que as minas e baterias costeiras alemãs nas ilhas, particularmente em Walcheren, impediriam a navegação e, portanto, aquele porto vital seria inútil.

Eisenhower e o SHAEF (Quartel-General Supremo das Forças Expedicionárias Aliadas) também foram culpados por não terem insistido com Montgomery para limpar o estuário antes de prosseguir para o Reno. Os alemães tiveram tempo de reforçar as suas guarnições nas ilhas. O resultado é que mais tarde foram necessárias batalhas longas e complexas, incluindo desembarques anfíbios feitos pelos canadenses, para consertar o erro. Eles tiveram 12.873 baixas em uma operação que poderia ter sido completada a um custo baixo imediatamente após a captura da Antuérpia. A passagem Scheldt só ficou livre em 9 de novembro e os primeiros navios só puderam chegar à Antuérpia no dia 26 daquele mês. O atraso foi um duro golpe na progressão aliada antes da chegada do inverno.

Montgomery continuava furioso com a decisão de Eisenhower de avançar em uma frente ampla para o Reno e a Alemanha. Esta sempre fora a doutrina americana padrão, confiar em uma força esmagadora, então Montgomery não devia estar surpreso. Mas ele acreditava fervorosamente que Eisenhower não era comandante de campanha e que era ele próprio quem deveria ocupar este posto. Queria que o seu 21º Grupo de Exércitos e o 12º Grupo de Exércitos de Bradley avançassem juntos no norte das Ardenas para cercar o Ruhr. Contudo, na reunião de 23 de agosto Eisenhower insistira em que o III Exército de Patton fizesse a junção com o VII Exército americano e com o I Exército francês que vinham do sul da França.

Ainda irritado com Montgomery após as conversas mais do que francas que tiveram na Normandia, Eisenhower não tinha intenção de mudar o plano estabelecido. A sua única concessão foi dotar o 21º Grupo de Exércitos com uma proporção maior de recursos e reter o III Exército de Patton no Moselle. A reação de Patton foi previsível. “Monty faz o que quer e Ike responde ‘sim senhor’”,³ escreveu em seu diário. Patton não foi o único a ser provocado pela promoção de Montgomery a marechal de campo, tributo que Churchill aprovou

para apaziguar a imprensa britânica quando Eisenhower assumiu a direção das operações, em 1º de setembro. De qualquer modo, Patton foi em frente e cruzou o Moselle, mas a cidade-fortaleza de Metz provou ser muito mais difícil do que ele imaginava.

Embora Eisenhower tivesse assumido o comando da campanha, lamentavelmente houve pouca direção, e até carência de comunicações eficientes, naqueles dias cruciais. Ele tinha machucado o joelho e estava imobilizado no quartel-general do SHAEF, que ainda ficava em Granville, na costa atlântica da Normandia. Montgomery se irritou quando os seus comunicados não foram respondidos de imediato. Por isso, quando Eisenhower voou a Bruxelas, ele estava em um estado de ânimo pouco diplomático ao se reunir com o comandante supremo manco no avião pousado junto à pista. Apresentou cópias das mensagens trocadas e discorreu sobre o que pensava da estratégia proposta. Eisenhower esperou que ele recuperasse o fôlego, inclinou-se para adiante, pôs a mão em seu joelho e disse calmamente: “Calma, Monty! Você não pode falar assim comigo. Eu sou seu chefe.” Colocado de volta nos eixos, Monty balbuciou “Perdão, Ike”.⁴

Montgomery estava determinado a ser o primeiro a cruzar o Reno, abrindo caminho para o grande ataque à Alemanha, que queria comandar. Isto provocou um dos mais famosos desastres dos Aliados. Bradley ficou boquiaberto com o plano audacioso de Montgomery de progredir aos saltos com uma série de lançamentos de paraquedistas para cruzar o Reno em Arnhem. Ele e outros acharam que aquilo era um despropósito. “Se o pio e abstêmio Montgomery entrasse no SHAEF de ressaca”, escreveu mais tarde, “eu teria ficado menos surpreso do que diante da aventura arriscada que ele propôs.”⁵ Mas Montgomery tinha uma justificativa, que Bradley não reconheceu. Os foguetes V-2, disparados do norte dos Países Baixos, começavam a cair em Londres e o Gabinete de Guerra queria saber se era possível fazer algo a respeito.

Em 17 de setembro começou a Operação Market Garden. Ela consistia no assalto aéreo de formações de paraquedistas britânicos, americanos e poloneses para capturar uma série de pontes sobre dois canais, o rio Maas, o Waal e depois o Reno. Foram ignorados os alertas de que divisões panzer da SS haviam sido identificadas na área de Arnhem. Prejudicada pela má sorte e o mau tempo, a operação fracassou principalmente porque as zonas de lançamentos ficavam longe demais dos objetivos, a radiocomunicação falhou tremendamente e os alemães reagiram muito melhor que o esperado. Isto se deu pela reação imediata do enérgico Model, além do fato de que a 9ª e a 10ª Divisões Panzer estavam perto de Arnhem.

O plano de Montgomery dependia do avanço rápido do 30º Corpo de

Horrocks por uma única estrada para fazer a junção com as forças paraquedistas e liberá-las, mas a resistência alemã em pontos-chave impediu que o corpo mantivesse o ímpeto. Apesar da bravura heroica das formações de paraquedistas, principalmente a 82ª americana que cruzou o rio Waal à luz do dia sob o fogo inimigo, o 30º Corpo não conseguiu se unir à 1ª Divisão Aerotransportada. Em 27 de setembro, com pouca água, ração e, sobretudo, munição, os paraquedistas que mantinham a cabeça de ponte em Arnhem foram forçados a se render. Os remanescentes golpeados da 1ª Divisão Aerotransportada foram evacuados pelo baixo Reno à noite. Os alemães fizeram quase 6 mil prisioneiros, a metade dos quais feridos. O total de baixas aliadas chegou a quase 15 mil homens.

No front oriental, o Exército Vermelho havia estendido os seus ganhos massivos da Operação Bagration com outra ofensiva mais ao sul, que começou em 20 de agosto. O general Guderian, o novo chefe do Estado-Maior, designado por Hitler após o complô de julho, havia retirado cinco divisões panzer e seis divisões de infantaria do Grupo de Exércitos do Sul da Ucrânia para tentar apoiar o Grupo de Exércitos do Centro. O coronel-general Ferdinand Schörner ficou com apenas uma divisão panzer e uma de granadeiros panzer para combater com a infantaria e as formações romenas. Elas foram estendidas do mar Negro ao longo do rio Dniester e ao leste dos Cárpatos.

O Stavka passou essas informações aos marechais Malinovsky e Tolbukhin. As Segunda e Terceira Frentes Ucrânicas deveriam tirar a Romênia da guerra e tomar os campos petrolíferos de Ploesti. As formações romenas começaram a se desintegrar e desertar a partir do primeiro dia. O VI Exército alemão, tentativa de Hitler de ressuscitar o exército perdido em Stalingrado, também foi cercado e destruído. O Grupo de Exércitos do Sul na Ucrânia perdeu mais de 350 mil homens, mortos ou capturados. A Romênia abandonou a Alemanha e fez um acordo com a União Soviética, e a Bulgária fez o mesmo duas semanas depois. O colapso veio muito mais cedo do que os alemães e os soviéticos esperavam.

Para a Alemanha, o golpe mais prejudicial foi a perda dos campos de Ploesti. Além disso, todas as forças de ocupação nos Bálcãs, principalmente na Iugoslávia e na Grécia, podiam ser isoladas. Com os exércitos soviéticos se espalhando pelos Cárpatos e a Eslováquia, as últimas fontes de petróleo de Hitler perto do lago Balaton, na Hungria, estavam abertas para o Exército Vermelho.

Em 2 de setembro, no mesmo dia em que as forças soviéticas tomaram Bucareste e os campos de Ploesti, a Finlândia também fez um acordo com a União Soviética, como Stalin esperava. O líder soviético ainda tentava isolar o Grupo de Exércitos do Norte na costa báltica, agora comandado pelo brutal

Schörner, um nazista dedicado que se deleitava enforcando desertores e derrotistas. Um contra-ataque alemão ordenado por Guderian rompera o corredor soviético para o golfo de Riga a tremendo custo. Schörner conduziu um movimento retrógrado através da capital da Letônia com os XVI e XVII Exércitos. Mas um ataque soviético a oeste, em direção a Memel, deixou o Grupo de Exércitos do Norte totalmente isolado na península da Curlândia.

“Estamos mental e moralmente no fim das nossas forças”, escreveu um soldado de uma bateria antiaérea que protegia o quartel-general do XVI Exército. “Posso apenas lamentar pelos muitos, muitos camaradas que caíram sem saber por que lutavam.”⁶ Algumas tropas do Grupo de Exércitos do Norte foram evacuadas por mar, mas um quarto de milhão de homens continuou lá cercado, incapaz de defender o Reich pois Hitler se recusava a desistir daquilo que, àquela altura, era um território inútil.

Naquela oportunidade de acontecimentos significativos, acompanhado do marechal de campo Brooke, do almirante Cunningham — agora chefe do Estado-Maior da Armada — e do marechal do ar Portal, Churchill cruzou o Atlântico a bordo do *Queen Mary*. Em 13 de setembro teve início outra conferência aliada em Quebec. Brooke se irritava com Churchill. Considerava-o um homem doente, pois ainda não se recuperara por completo da pneumonia. O primeiro-ministro não conseguia evitar ideias que tiravam o foco dos debates e que só exasperavam os americanos. Insistia em desembarcar em Sumatra para retomar os campos petrolíferos japoneses, e capturar Cingapura. Perdera totalmente o interesse pela campanha da Birmânia.

Churchill também queria desembarques na Ístria, no fundo do Adriático, para tomar Trieste e dar andamento ao seu projeto preferido de chegar a Viena antes do Exército Vermelho. Segundo este sonho, assim como Alexander e o general Mark Clark, Churchill defendia que a campanha italiana prosseguisse para além da Linha Gótica, entre Pisa e Rimini. Quando os chefes de Estados-Maiores argumentaram que o cenário italiano agora era secundário, o primeiro-ministro pensou que estavam se aliando contra ele em segredo. Não aceitava que, mesmo que as forças de Alexander irrompessem no vale do Pó, o avanço em direção a Viena pelo Passo de Liubliana, nos Alpes, seria praticamente impossível em virtude da tenaz defesa alemã nas montanhas.

No final, a conferência Octagon não foi tão ruim como Brooke temera. Surpreendentemente, ele mesmo mudou de posição e defendeu a estratégia de Churchill para Viena, embora mais tarde tenha se envergonhado desta falta de discernimento. Ainda mais surpreendente, o general Marshall ofereceu barcaças

de desembarque para o plano da Ístria, embora os americanos se recusassem a ter algo que ver com uma campanha no sul da Europa Central.

Contudo, as tensões se acirraram quando o almirante King revelou que não queria a Marinha Real, então subempregada em águas ocidentais, assumindo papel de protagonista no Pacífico. Justificadamente, ele suspeitava da ansiedade de Churchill para que a Marinha Real tivesse um papel importante no Extremo Oriente e a Grã-Bretanha pudesse restabelecer as suas possessões coloniais. Porém, King se comportou de um modo tão agressivo na reunião combinada de chefes de Estados-Maiores — chegou a chamar a Marinha Real de “peso-morto”² — que perdeu o apoio do general Marshall e do almirante Leahy.

Em 15 de setembro, em uma das decisões mais impensadas da guerra, Roosevelt e Churchill concordaram com o plano de Henry Morgenthau, secretário do Tesouro, de dividir a Alemanha e transformá-la “em um país primordialmente agrícola e pastoril”.³ Na verdade, Churchill havia expressado repugnância pelo plano na primeira vez que soube dele, mas ao surgir a questão de um acordo de *Lend-Lease* no valor de 6,5 bilhões ele se comprometeu a apoiá-lo.

Anthony Eden se opunha firmemente ao Plano Morgenthau. Brooke também se horrorizou com ele. Anteviu que o Ocidente democrático precisaria da Alemanha como uma muralha contra futuras ameaças soviéticas. Por sorte, Roosevelt mais tarde caiu em si, ainda que só depois de ataques violentos da imprensa americana. Porém, o dano estava feito. Goebbels foi presenteado com um brinde propagandístico para persuadir o povo alemão de que não poderia esperar piedade dos Aliados, e muito menos da União Soviética. Quando mais tarde as autoridades da ocupação aliada colaram nos muros proclamações do general Eisenhower que diziam “Viemos como conquistadores, mas não como opressores”, os civis alemães leram aquilo “boquiabertos”⁴ de assombro.

Pouco foi dito em Quebec sobre as relações com a União Soviética, para onde Churchill se dirigiu a fim de participar da segunda conferência de Moscou, e foi dito surpreendentemente pouco sobre a Polônia e o levante de Varsóvia, que prosseguia. Roosevelt e Churchill tinham opiniões muito distintas sobre Stalin e seu governo. O primeiro não estava preocupado com ameaças pós-guerra. Tinha certeza de que conseguiria enfeitiçar Stalin e afirmou que, de qualquer modo, a União Soviética era composta por tantas nacionalidades diferentes que cairia por terra após a derrota da Alemanha, o inimigo comum. Churchill, por sua vez, apesar da inconsistência em diversos aspectos, continuava vendo a ocupação do centro e do sul da Europa pelo Exército Vermelho como a maior ameaça à paz

no pós-guerra. Agora percebia não haver muita perspectiva de evitá-la mediante um avanço para o nordeste a partir da Itália, e por isso tentou uma das iniciativas mais escandalosas e ineptas na história diplomática da *realpolitik*.

Na noite de 9 de outubro, no escritório de Stalin no Kremlin, o primeiro-ministro e o líder soviético se encontraram a sós, apenas com os intérpretes. Churchill abriu a discussão sugerindo que comessem pela “questão mais fatigante, a Polônia”.¹⁰ A sua tentativa de adular o tirano não foi sutil nem convincente. Parece que Stalin imediatamente começou a se divertir, percebendo o que vinha pela frente. Então Churchill afirmou que a fronteira leste da Polônia no pós-guerra estava “definida”, embora o governo polonês no exílio não tivesse ainda sido consultado sobre a decisão tomada pelas suas costas em Teerã. Isto ocorreu porque Roosevelt não queria que os eleitores de origem polonesa se aborrecessem antes das eleições presidenciais. Ao saber disso em outra reunião preparada por Churchill, o primeiro-ministro Mikołajczyk ficou profundamente abalado. Rejeitou todas as argumentações de Churchill e até as ameaças de forçá-lo a aceitar a Linha Curzon na fronteira leste. Renunciou pouco depois. Stalin ignorou os protestos do governo no exílio. No que lhe dizia respeito, o seu governo títere “polonês de Lublin” era agora o verdadeiro governo. Ele foi respaldado pelo I Exército polonês do general Zygmunt Berling, embora muitos oficiais do Exército Vermelho se sentissem farsantes fingindo ser poloneses. A questão era que, à diferença do corpo de exército do general Anders, eles estavam em território polonês. Stalin sabia muito bem que a posse equivalia a nove décimos da lei. Churchill também estava ciente disso, mas prosseguiu jogando com cartas ruins na mão..

Quando a discussão se centrou nos Bálcãs, Churchill tirou do bolso uma página de papel que chamava de seu documento “travesso”, mais tarde conhecido como o “acordo da porcentagem”. Tratava-se de uma lista de países com uma sugestão de divisão de influências entre soviéticos e os Aliados.

Romênia: Rússia 90%; os outros 10%

Grécia: Grã-Bretanha (em acordo com os EUA) 90%; Rússia 10%

Iugoslávia: 50% 50%

Hungria: 50% 50%

Bulgária: Rússia 75%; os outros 25%

Stalin fitou o papel por um tempo e depois aumentou a proporção da União Soviética na Bulgária para 90% e, com o seu famoso lápis azul, ticou o canto superior esquerdo da página. Deslizou-a por cima da mesa devolvendo-a a Churchill. Timidamente, este perguntou se não poderia parecer “muito cínico

tratarmos de questões tão fatídicas para milhões de pessoas de maneira tão casual?” Deviam queimar o papel?

“Não, guarde-o”,¹¹ respondeu Stalin displicentemente. Churchill dobrou-o e guardou-o no bolso.

O primeiro-ministro convidou Stalin para jantar na embaixada britânica e, para surpresa dos oficiais do Kremlin, este aceitou. Foi a primeira vez que o *Vozhd* visitou uma embaixada estrangeira. Durante o jantar, a Europa Central e os Bálcãs não estavam longe dos pensamentos de todos. Em um determinado momento, os convidados ouviram os estrondos de salvas da artilharia para comemorar a captura de Szeged, na Hungria. Em seu discurso, Churchill voltou ao assunto da Polônia: “A Grã-Bretanha foi à guerra para preservar a liberdade e a independência da Polônia”, disse. “O povo britânico tem um sentimento de responsabilidade moral com relação ao povo polonês e os seus valores espirituais. É também importante que a Polônia seja um país católico. Não podemos permitir que acontecimentos internos compliquem as nossas relações com o Vaticano.”

“E quantas divisões o Vaticano tem?”¹² interrompeu Stalin. A interjeição, hoje famosa, prova que Stalin mantinha o que conquistava. A ocupação do Exército Vermelho levaria automaticamente à imposição de um governo “amigo da União Soviética”. Apesar de ser visceralmente antibolchevique, Churchill pensou que a viagem tinha sido um grande êxito, que Stalin o respeitava e talvez até gostasse dele. Às vezes o seu autoengano era comparável ao de Roosevelt.

Ao menos Churchill obtivera o acordo de Stalin para intervir na Grécia e salvá-la da “inundação do bolchevismo”,¹³ como afirmou mais tarde. O 3º Corpo do tenente-general Ronald Scobie foi posto de prontidão para impedir quaisquer tentativas do EAM-ELAS dominado pelos comunistas de tomar o poder quando os alemães se retirassem. Churchill, que tinha uma boa vontade excessiva para com a família real grega, pretendia colocar um governo favorável à Grã-Bretanha em Atenas.

Embora o marechal de campo Brooke tivesse discutido a situação militar com o general Aleksei Antonov, do Stavka, e com outros, o assunto da derrota da Wehrmacht praticamente não foi mencionado entre os líderes em Quebec nem em Moscou. O Reich estava sendo atacado por ambos os lados. Para complementar a Westwall, foi ordenada uma *Ostwall*. Na Prússia Oriental, a maioria da população adulta foi obrigada pelo *Gauleiter* Erich Koch e oficiais do Partido Nazista a cavar defesas. O exército não foi consultado e a maior parte da organização do terreno foi inútil.

Em 5 de outubro, o Exército Vermelho atacou em direção a Memel. Passaram-se dois dias antes que ordens de evacuação da população civil fossem emitidas, e em seguida revogadas. Koch não gostava da ideia de evacuar civis e Hitler o apoiava, pois isto passava uma mensagem derrotista ao resto do Reich. Instalou-se o pânico e muitas mulheres e crianças ficaram isoladas em Memel. Algumas se afogaram no rio Neimen ao tentar escapar da cidade incendiada e saqueada.

Em 16 de outubro, o Stavka enviou a Terceira Frente Bielorrussa do general Chernyakhovsky para atacar a Prússia Oriental, entre Ebenrode e Goldap. Guderian enviou reforços de panzers à frente ameaçada para empurrar o Exército Vermelho de volta. Após o recuo soviético descobriu-se uma atrocidade. Mulheres e meninas da aldeia de Nemmersdorf haviam sido estupradas e mortas e os corpos de algumas vítimas supostamente foram crucificados em portas de estábulos. Goebbels rapidamente enviou fotografias. Tomado de indignação moral, não ia perder a oportunidade de demonstrar ao povo alemão por que devia lutar até o fim. No curto prazo, parece que estes esforços foram contraproducentes. Porém, quando a verdadeira invasão da Prússia Oriental começou, três meses depois, as imagens terríveis publicadas na imprensa nazista voltaram à lembrança do povo.

Mesmo antes dos acontecimentos em Nemmersdorf, muitas mulheres já temiam o que estava por vir. Apesar da ignorância alegada no pós-guerra, grande parte da população civil tinha uma boa ideia dos horrores cometidos no front oriental. À medida que o Exército Vermelho avançava pelo Reich, elas imaginavam que a vingança seria terrível. “Você sabe que os russos estão vindo mesmo na nossa direção”, escreveu uma jovem mãe em setembro, “por isso não vou esperar, prefiro matar as crianças e me suicidar.”¹⁴

O anúncio feito por Himmler em 18 de outubro sobre o recrutamento de uma milícia que seria chamada de *Volkssturm* inspirou em alguns a determinação de resistir, mas para a maioria a ideia era deprimente. O armamento era patético — uma variedade de fuzis velhos capturados de diferentes exércitos durante a guerra e as granadas anticarro Panzerfaust com lançadores de ombro. Como todos os homens disponíveis em idade de servir já haviam sido convocados, as fileiras do *Volkssturm* seriam compostas por velhos e garotos. Em pouco tempo ficou conhecida como *Eintopf* ou *casserole*, pois era feita de “carne velha e vegetais verdes”. Como o governo não fornecia uniforme, apenas uma braçadeira, muitos duvidavam se seriam tratados como combatentes legais, principalmente depois da atitude da Wehrmacht para com os guerrilheiros no front oriental. Mais tarde, Goebbels organizou um enorme desfile para as câmeras do cinejornal em Berlim em que os convocados fizeram o juramento de lealdade a Adolf Hitler. Os veteranos do front oriental não sabiam se riam ou

choravam diante de tal espetáculo.

Convencido de que o III Exército de Patton era a maior ameaça, Hitler ordenou que a maior parte das divisões panzers fosse enviada ao Saar. Comandadas pelo coronel-general Hasso von Manteuffel, elas constituíram um novo V Exército Panzer, o que não era um título encorajador, já que os dois anteriores haviam sido dizimados. Adivinhando que os americanos primeiro se concentrariam em Aachen, Rundstedt enviou todas as divisões de infantaria que conseguiu reunir.

O I Exército americano, comandado pelo tenente-general Courtney Hodges, avançou para Aachen consciente de que por fim estavam em território alemão. Alguns metros além da fronteira tomaram um castelo gótico no “estilo Bismarck” com pesados detalhes em ferro e móveis volumosos. Pertencia ao sobrinho do ex-comandante em chefe do exército de Hitler, o marechal de campo Von Brauchitsch. O correspondente australiano Godfrey Blunden descreveu a primeira batalha em território alemão no oeste. “Ela ocorreu sob um sol brilhante e um céu azul límpido onde os aviões de reconhecimento Piper Cub pairavam como pipas. A paisagem era muito bela, com campos verdes e cercas vivas bem aparadas, colinas suaves, bosques e pequenas aldeias com igrejas de capitel pontudo.”¹⁵

Mas depois que Model instalou os seus homens na Westwall a resistência foi feroz. Os Aliados lamentaram que a crise de suprimentos no início de setembro os detivera a pouca distância dali. Um oficial do quartel-general do I Exército comentou: “Naquela ocasião, eu podia caminhar por ali com o meu cachorro e a minha filha.”¹⁶ Agora havia trincheiras cavadas pelo trabalho forçado dos civis, cabanas transformadas em guaritas e bunkers de concreto com portas de ferro. Os tanques Sherman foram trazidos à frente para combatê-los empregando munição perfurante. Assim que os pelotões de infantaria americanos esvaziavam um bunker com granadas, e às vezes lança-chamas, chamavam engenheiros para soldar as portas com maçaricos de acetileno e evitar que outros alemães os reocupassem.

Em 12 de outubro, Hodges deu um ultimato exigindo rendição incondicional, ou a cidade de Aachen seria destruída por bombas e granadas de artilharia. Os refugiados haviam contado aos oficiais que entre cinco e dez mil civis tinham se recusado a partir, apesar da ordem do Partido Nazista. Hitler havia decretado que a capital de Carlos Magno e dos imperadores germânicos fosse defendida até o fim. O I Exército de Hodges cercou Aachen e as tropas sitiadas enfrentaram contra-ataques ferozes, situação que produziu algumas comparações confusas e enganadoras com Stalingrado. Os contra-ataques alemães foram esmagados com relativa facilidade pela concentração da artilharia americana. Diversos canhões

dispararam granadas alemãs capturadas na França.

Os defensores alemães incluíam uma mistura de infantaria, granadeiros panzer, Luftwaffe, SS, fuzileiros navais e voluntários do *Hitler Jugend*. O dano aos prédios foi considerável e o Rathaus, ou prefeitura, foi totalmente destruído. Com escombros e estilhaços de vidro espalhados pelas ruas, janelas vazadas e fios de telefone soltos, Aachen adquiriu a “aparência malévola de uma cidade derrotada”.¹⁷ Felizmente, a artilharia americana e os pilotos dos caças-bombardeiros P-47 conseguiram evitar a grande catedral, seguindo as instruções.

A luta casa a casa prosseguiu impiedosamente em outubro. Começando pelo alto do imóvel, os americanos abriam caminho para o prédio seguinte usando a bazuca. Era perigoso demais tentar a rua. A 30ª Divisão sofreu um número tão grande de baixas que um soldado raso que chegasse no começo da batalha, três meses depois, já era um sargento comandando um pelotão.

Aachen era uma cidade próspera de classe média. Os soldados americanos começaram a vasculhar apartamentos com móveis pesados, retratos de Hindenburg e do *kaiser*, cachimbos Meerschaum, canecas ornamentais de cerveja e fotografias posadas de fraternidades universitárias de duelistas. Mas os soldados alemães puseram armadilhas nos prédios com arames e cargas de tropeço, que os americanos denominaram “bebês empacotados”. “Eu não entendo”, disse com raiva um soldado americano. “Eles sabem que o mais provável é que sejam mortos. Por que não desistem?”¹⁸ Os soldados atiravam granadas em praticamente todos os cômodos antes de entrar, porque os defensores alemães se escondiam, prontos para revidar. Muitos, depois de atirar em um americano pelas costas, saltavam com os braços abertos para se render, como se aquilo fosse uma brincadeira infantil. Não surpreende que muitos prisioneiros tenham sido tratados rudemente.

Em uma ocasião, quatro garotos alemães, o mais novo de uns 8 anos, atiraram com fuzis abandonados contra uma guarnição americana de canhão de campanha. Uma patrulha foi investigar a origem dos disparos. “O líder da patrulha americana ficou tão furioso com o ato dos meninos que estapeou o mais velho com a mão e depois contou que o garoto ficara em posição de sentido e recebera o golpe como se fosse um soldado.”¹⁹

À medida que a luta prosseguia, as autoridades militares americanas conseguiram evacuar os civis alemães dos porões e abrigos antiaéreos. Perceberam que, depois de toda a propaganda nazista, eles fitavam nervosos os motoristas negros dos caminhões que os levavam para os campos de trânsito. Os civis eram triados em busca de membros do Partido Nazista, mas aquela era uma tarefa quase impossível. A maioria reclamava do modo como era tratada pelas tropas alemãs que defendiam a cidade, pois haviam se recusado a obedecer à

ordem de partir. Alguns eram desertores que conseguiram obter roupas civis. Um jipe fora de Aachen foi emboscado, o que aumentou o temor depois de rumores sobre uma guerrilha de resistência nazista com o codinome de *Werwolf*.

As autoridades militares americanas também tiveram que batalhar para dar conta de cerca de 3 mil trabalhadores forçados poloneses e russos, inclusive “mulheres grandes de expressão vazia vestindo saias esfarrapadas, com lenços amarrados na cabeça e carregando trouxas de pano”.²⁰ Alguns homens já haviam começado a atacar e ameaçar com facas os proprietários alemães para obter comida e às vezes saqueá-los. Eles tinham muito de que se vingar, mas a polícia militar juntou entre sete e oito centenas de transgressores e os deteve. Era uma pequena prévia das complicações futuras, diante da estimativa de 8 milhões de pessoas deslocadas na Alemanha.

O regime nazista não tinha intenção de permitir que a indisciplina reinasse de forma alguma. Desde o fracasso do complô, que aumentou imensamente o poder de Goebbels, Himmler e Martin Bormann, secretário do Partido Nazista, a ideologia partidária foi imposta cada vez mais à Wehrmacht. Isto impossibilitou quaisquer tentativas de eliminar Hitler. Além dos símbolos, como substituir a continência militar pela “saudação alemã”, houve um incremento no número de NSFO, os oficiais da liderança nacional-socialista. Os soldados e oficiais encontrados por trás da frente sem autorização para recuar tinham grande possibilidade de serem mortos, e os oficiais de Estado-Maior eram revistados pelos guardas da SS ao entrarem no quartel-general do Führer.

Nas fileiras soviéticas também houve aumento da repressão. Para compensar as enormes perdas, o Exército Vermelho recrutava à força ucranianos, bielorrussos, poloneses e homens dos três Estados bálticos, que mais uma vez estavam sob o controle soviético. “Os lituanos nos odeiam ainda mais que os poloneses”, escreveu para casa um soldado do Exército Vermelho, “e nós retribuimos do mesmo modo.”²¹ Aqueles soldados recém-recrutados inevitavelmente eram os mais propensos a desertar. “O Destacamento Especial [SMERSH] estava de olho em mim pois eu era filho de um homem expurgado”, um sargento explicou mais tarde. “Tínhamos muitos asiáticos na minha unidade, que às vezes fugiam para a retaguarda ou para os alemães. Uma vez, um grupo inteiro desertou. Depois disso, nós, os russos, fomos instruídos a ficar de olhos nos uzbeques. Eu era sargento, e o oficial político me disse: se alguém na sua seção desertar, você pagará com a vida. Eles podiam ter me matado facilmente. Uma vez, um bielorrusso escapou. Eles o agarraram e trouxeram de volta à unidade. O homem do Destacamento Especial disse a ele: se você lutar direito

vamos nos calar sobre este assunto. Mas ele fugiu de novo e o pegaram novamente. Ele foi enforcado. Não lhe deram um tiro, mas o enforcaram como desertor. Nós nos perfilamos em uma picada na floresta. Apareceu um caminhão com uma força montada na caçamba. O homem da CheKa [NKVD] leu a ordem: ‘Será executado por traição à pátria’. O homem foi enforcado e depois um membro da CheKa atirou nele”.²²

Os alemães que recuaram da Bielorrússia quando o Grupo de Exércitos do Centro foi desbaratado tinham poucas ilusões sobre o destino dos civis que haviam sido amigáveis. Um sargento médico que escapara bem a tempo de evitar o cerco imaginou: “O que terá acontecido com a pobre gente que ficou para trás, quero dizer, os locais?”²³ Os soldados alemães sabiam muito bem que o NKVD e o SMERSH viriam logo atrás das tropas para interrogar os civis e saber quem havia colaborado.

Durante o avanço soviético pela Romênia, um oficial registrou que a companhia consistia quase inteiramente de camponeses ucranianos das regiões sob a “ocupação temporária” do inimigo. “A maioria não desejava lutar e foi forçada a fazê-lo. Recordo ter caminhado pelas trincheiras. Todos cavavam, exceto um soldado, que devia estar cavando a posição de tiro da Maxim. Estava parado lá sem fazer nada. Perguntei qual era o problema. Ele caiu de joelhos diante de mim e começou a gritar: ‘Tenha piedade de mim! Tenho três filhos. Quero viver!’ O que eu podia dizer? Todos entendemos que o soldado de infantaria na linha de frente só tinha dois destinos possíveis: o hospital ou o túmulo.” Este oficial, como a maioria no Exército Vermelho, estava convencido de que as companhias bem-sucedidas dependiam totalmente de um núcleo de soldados russos ou siberianos. “Antes de um ataque eu sempre escolhia um par de homens entre os soldados russos confiáveis e, quando a companhia atacava, eles ficavam na trincheira e chutavam para fora os que tentavam se esconder e evitavam avançar.”²⁴

Bem na retaguarda ocorria uma vingança em massa contra as minorias étnicas que haviam recebido os alemães em 1941 e 1942. Em dezembro de 1943 Beria deportou para o Uzbequistão 200 mil tártaros da Crimeia. Cerca de 20 mil destes muçulmanos haviam servido com o uniforme alemão, por isso os restantes 90% sofreram, embora muitos outros tivessem lutado bem no Exército Vermelho. Eles foram detidos em 18 de maio e não tiveram tempo de se preparar. Aproximadamente 7 mil morreram pelo caminho e muitos mais morreram de fome no exílio. Cerca de 390 mil chechenos também foram capturados e levados às estações de trem em caminhões Studebaker do *Lend-Lease* destinado ao Exército Vermelho. Aparentemente, cerca de 78 mil morreram no caminho. Stalin havia começado com o seu próprio povo antes de lidar com os inimigos e

com os poloneses que, em teoria, eram aliados.

Stalin e seus generais ficaram apreensivos com a capacitação para o combate dos novos recrutas, porque a resistência alemã estava endurecendo. Nas batalhas pelos Cárpatos para defender o leste da Hungria e a Eslováquia, as tropas do último aliado de Hitler surpreenderam os veteranos soviéticos, especialmente após o súbito colapso do exército romeno. “Na verdade, os húngaros foram um grande problema para nós na Transilvânia”, registrou um oficial do Exército Vermelho. “Lutaram com muita valentia até a última bala e o último homem. Eles nunca se rendiam.”²⁵

Com a Segunda Frente Ucraniana reforçada, Malinovsky tentou fazer um grande cerco no leste da Hungria. No que foi chamado de Operação Debrecen, um ataque ousado iniciado em 6 de outubro foi frustrado por um contra-ataque duas semanas depois com o 3º Corpo Panzer e o 17º Corpo. Instado pelo Stavka, Malinovsky lançou outro ataque no sul perto de Szeged em direção a Budapeste, penetrando na linha do III Exército húngaro. Mas as suas forças consideráveis foram retidas antes da capital por outro contra-ataque com três divisões panzer e a Divisão de Granadeiros Panzer *Feldherrnhalle*. Ficou cada vez mais claro que a batalha por Budapeste seria uma das mais violentas da guerra.²⁶

Após a deserção da Romênia e da Bulgária, o almirante Horthy, regente da Hungria, fez contatos secretos com a União Soviética. Molotov exigiu que o país declarasse guerra à Alemanha de imediato. Em 11 de outubro, representantes de Horthy firmaram o acordo em Moscou. Quatro dias depois, o almirante informou o enviado alemão em Budapeste e anunciou o armistício em transmissão nacional. Informados sobre a atitude de Horthy, os alemães agiram rapidamente. Por ordem de Hitler, Otto Skorzeny, o líder do comando da SS que havia resgatado Mussolini, fez preparativos para prender Horthy em sua residência, a Cidadela, que se erguia sobre o Danúbio. Os alemães o substituiriam por Ferenc Szálasi, o feroz líder antisemita do movimento de inspiração nazista *Nyilaskereszt* (Cruz de Flechas).

A Operação Panzerfaust, como foi denominada, seria supervisionada pelo *Obergruppenführer* Von dem Bach-Zelewski, que acabava de dar cabo da sua tarefa assassina em Varsóvia. Skorzeny convenceu-o a não repetir as táticas de mão pesada e a não subjugar a Cidadela. Em vez disto, na manhã de 15 de outubro, pouco antes de Horthy anunciar o armistício, os comandos SS de Skorzeny conseguiram sequestrar o filho dele em uma emboscada após um tiroteio com os seus guarda-costas. Miklós Horthy foi amarrado, levado de avião até Viena e transferido para o campo de concentração de Mauthausen, onde já estavam *Prominenten* como Francisco Largo Caballero, ex-primeiro-ministro da República Espanhola.

Disseram a Horthy que, se persistisse com a “traição”, o seu filho seria executado. O almirante, apesar do colapso nervoso diante da ameaça, foi adiante com a transmissão. As tropas da Cruz de Flechas invadiram o prédio imediatamente depois e negaram o comunicado, insistindo na determinação húngara de seguir lutando. Ferenc Szálasi tomou o poder naquela tarde. Horthy não tinha muita escolha. Foi levado de volta para a Alemanha em custódia vigiada.

No verão, Horthy havia dado um basta à deportação de judeus por Eichmann, quando 437.402 já haviam sido mortos, principalmente em Auschwitz. Embora Himmler tivesse suspenso o programa de extermínio em massa com a aproximação do Exército Vermelho, os judeus restantes foram reunidos para fazer trabalhos forçados e obrigados a marchar para a Alemanha devido à escassez de material rodante. Atormentados, espancados e golpeados com cassetetes até a morte pelos guardas da SS e da Cruz de Flechas, milhares morreram pelo caminho. Embora Szálasi tivesse suspenso as marchas da morte em novembro, mais de 60 mil judeus permaneciam prisioneiros em um gueto minúsculo de Budapeste. A maioria dos seus seguidores estava disposta a embarcar na sua própria “Solução Final da questão judia”. O notório ativista da Cruz de Flecha padre Alfréd Kun, que mais tarde admitiu responsabilidade por quinhentos assassinatos, costumava ordenar: “Em nome de Cristo — fogo!”²⁷

A milícia da Cruz de Flechas, com garotos de 14 a 16 anos, levava grupos de judeus do gueto, forçava-os a se despirem até ficarem só com as roupas íntimas e marchar descalços pelas ruas congeladas até os diques da cidade no Danúbio, onde eram executados. Em muitos casos os disparos eram tão falhos que algumas vítimas conseguiam pular no rio e nadar para longe. Em certa ocasião, um oficial alemão suspendeu um assassinato em massa e enviou os judeus de volta para casa, mas aquilo provavelmente não passou de um alívio passageiro.

Embora alguns sargentos da *Gendarmerie* húngara tivessem se unido aos 4 mil milicianos da Cruz de Flechas para torturar e assassinar judeus, houve quem os ajudasse. Inclusive alguns membros desta organização auxiliaram judeus a escapar, o que prova que nunca se pode generalizar.²⁸ Os esforços de um deles, o dr. Ara Jerezian, foram plenamente reconhecidos mais tarde pelo Yad Vashem, o memorial do Holocausto em Israel.

A maior operação para salvar judeus foi montada pelo sueco Raoul Wallenberg, que, embora tivesse apenas um status semioficial na Hungria, emitiu dezenas de milhares de documentos afirmando que os seus portadores estavam sob a proteção do governo sueco. Mais tarde, durante o assédio, a Cruz de Flechas invadiu a embaixada sueca e se vingou assassinando vários membros da sua equipe. Junto com os suecos, o diplomata suíço Carl Lutz, o diplomata

português Carlos Branquinho, a Cruz Vermelha Internacional e o núncio papal emitiram documentos de proteção para ajudar outros judeus húngaros a escapar.

As embaixadas de El Salvador e da Nicarágua forneceram centenas de certificados de cidadania, mas o blefe mais extraordinário ocorreu na embaixada da Espanha. O *chargé d'affaires* espanhol, Angel Sanz-Briz, sabia que o regime de Szálasi estava desesperado para ser reconhecido pelo seu governo. Estimulou esta ilusão, ao mesmo tempo que resistiu à Cruz de Flechas de modo ainda mais forte que a embaixada sueca. Ele foi forçado a partir, mas deixou um novo encarregado, Giorgio Perlasca, que na verdade era um italiano antifascista. Perlasca reuniu 5 mil judeus em casas seguras sob a proteção espanhola, enquanto o governo de Franco em Madri não tinha a menor ideia do que era feito em seu nome. Um truque ainda mais arriscado foi o de Miksa Domonkos, membro do Conselho Judeu, que forjou salvo-condutos em nome do superintendente da *Gendarmerie*. Todas estas tentativas de salvar vidas adquiriam ainda mais urgência à medida que o Exército Vermelho avançava sobre Budapeste e a Cruz de Flechas se tornava mais mortífera.

Em 18 de outubro, exatamente quando o V Exército mantinha Aachen, Eisenhower presidiu uma conferência em Bruxelas para discutir opções estratégicas no quartel-general do 21º Grupo de Exércitos. A escolha do local foi intencional, pois Montgomery havia enfurecido os seus colegas americanos ao não comparecer à conferência anterior, no quartel-general do SHAEF em Versalhes, em 22 de setembro. Em seu lugar enviara o tenente-general Freddy de Guingand, o seu apreciado chefe do Estado-Maior e “pacificador genial”, como dizia Bradley. Desta vez Monty não pôde deixar de comparecer à conferência.

Uma opção era invernar, esperando a chegada de mais divisões dos Estados Unidos e fazer uma boa reserva de suprimentos via Antuérpia, quando fosse aberta. A outra era lançar uma grande ofensiva em novembro com os recursos disponíveis, mas a inação no oeste se tornou impensável, simplesmente porque Stalin alardearia que os Aliados relutavam em combater. Montgomery voltou a defender um avanço impetuoso ao norte do Ruhr, que mais uma vez foi descartado. Fortemente apoiado por Bradley, Eisenhower queria um ataque duplo, com os I e IX Exércitos no lado norte, e o III Exército de Patton atacando no Saar. Montgomery recebeu ordem de virar para o sul em Nijmegen, entre o Reno e o Maas. A concentração de forças ao norte e ao sul das Ardenas deixaria um setor muito débil no meio. Para cobrir esta parte da frente, Bradley propôs o 8º Corpo do major-general Troy Middleton, que recebia os últimos retoques na Bretanha.

Aachen só foi completamente conquistada no final da terceira semana de outubro. No dia 30 daquele mês, Colônia praticamente recebeu um golpe de graça dos bombardeiros de Harris, em outro ataque pesado. Com a destruição do Reichsbahn, não havia trens suficientes para evacuar os que permaneciam nas ruínas da cidade. Lá ocorreu o único exemplo de resistência civil armada contra os nazistas, quando os comunistas e trabalhadores estrangeiros tomaram as armas de policiais isolados.²⁹ Em uma guerrilha urbana, atacaram a polícia e chegaram a matar o chefe local da Gestapo, até serem dizimados por uma retaliação furiosa.

O bombardeio aliado se intensificou. A RAF e a USAAF já não tinham muito a temer da Luftwaffe, embora Spaatz estivesse preocupado com os novos caças a jato Me 262, que podiam surgir subitamente e explodir os seus bombardeiros no céu. Cerca de 60% de todas as bombas foram despejadas na Alemanha nos nove meses finais da guerra.³⁰ O ministro do Material Bélico de Hitler, Albert Speer, reconheceu que o dano à infraestrutura alemã “só foi irrecuperável no outono de 1944, principalmente em consequência da destruição sistemática da rede de transportes e comunicações mediante a campanha de bombardeio incessante iniciada em outubro”.³¹ Apesar do ceticismo de Harris, o plano de Spaatz contra as refinarias de petróleo e as fábricas de benzeno também estava tendo um forte efeito nas operações da Wehrmacht, especialmente da Luftwaffe. Só a produção de armas se mantinha, em grande parte graças à energia e ao talento de Speer.

Na verdade, a determinação de Harris de continuar bombardeando o Ruhr, uma área alvo, também conseguiu destruir tantas fábricas de benzeno que em novembro já não havia nenhuma funcionando. A diferença entre a estratégia da RAF e a da 8ª Força Aérea americana era mais de apresentação que de efeito. A USAAF definia as suas operações como bombardeios de precisão, mas a realidade era muito diferente. Os “pátios de manobra ferroviários” apresentados como alvos eram na verdade eufemismos para o ataque total a uma cidade vizinha. Em grande parte devido à visibilidade ruim nos meses de inverno, mais de 70% das bombas da 8ª Força Aérea foram despejadas “às cegas”, quase o mesmo número das do Comando de Bombardeiros. Harris simplesmente não fazia objeção ao bombardeio de cidades, e desprezava quem tinha escrúpulos quanto a isso. Mas ficou provado que estava totalmente errado ao afirmar repetidamente que os bombardeios sozinhos poriam fim à guerra.

Desde os dias negros de 1942, a Grã-Bretanha investira tanto no Comando de Bombardeiros do ponto de vista financeiro, industrial e das vidas sacrificadas para criar aquela ameaça, que ela se tornou uma força viva quase irrefreável. E prosseguiu operando, apesar de muitos ataques no final da guerra carecerem de lógica militar, para não falar da justificativa moral. O obsessivo Harris

transformara em questão de honra que nenhuma cidade alemã ficasse de pé ao final da guerra. Em 27 de novembro, Freiburg, à beira da Floresta Negra, foi bombardeada, deixando 3 mil mortos e o centro medieval destruído. A cidade era um centro de comunicações atrás da linha de frente e, portanto, um alvo legítimo segundo a Diretriz *Pointblank* original, mas não se sabe se isto encurtou a guerra em um dia, uma hora ou um minuto.

Assim como o uso concentrado da artilharia, o bombardeio aéreo revelou um paradoxo desconcertante nas democracias. Devido à intensa pressão interna da imprensa e da opinião pública, os comandantes eram levados a minimizar suas próprias perdas. Assim, recorriam à aplicação máxima do alto-explosivo, que inevitavelmente matava mais civis. Muitos alemães clamaram aos céus por vingança. A V-1 não pusera a Grã-Bretanha de joelhos, a V-2 tampouco parecia mudar o curso da guerra, então houve rumores de uma V-3. “A oração pelo nosso Führer e pelo povo também é uma arma”, escreveu uma mulher. “Nosso Senhor não pode abandonar o nosso Führer.”³²

Em 8 de novembro, recusando-se a continuar esperando o tempo melhorar, o general Patton começou a ofensiva do III Exército no Saar sem apoio aéreo. “Às 5h15 os preparativos da artilharia me despertaram”, escreveu em seu diário naquele dia. “Os disparos de mais de quatrocentas peças soaram como portas batendo em uma casa vazia.”³³ O 20º Corpo iniciou um grande ataque à cidade-fortaleza de Metz. O céu clareou e os caças-bombardeiros entraram em ação, mas uma chuva torrencial havia aumentado o rio Moselle a níveis sem precedentes. Patton relatou para Bradley como uma de suas companhias de engenharia levava dois dias frustrantes e de muita dificuldade para conectar as partes de uma ponte sobre o rio caudaloso. Uma das primeiras viaturas que tentaram passar pela ponte, um tanque de assalto, enganchou em um cabo e o rompeu. A ponte se soltou e foi rio abaixo. “Toda a maldita companhia sentou-se na lama”, relatou Patton, “e chorou feito criança.”³⁴

O clima também estava ruim para os I e IX Exércitos, mais ao norte. O IX Comando Aero-Tático do major-general Elwood “Pete” Quesada estivera atacando pontes sobre o Reno para evitar que os reforços passassem. Em 5 de novembro, um piloto de caça se espantou com a explosão de uma ponte que desabou no Reno ao inadvertidamente atingir as cargas de demolição colocadas pelos engenheiros alemães para o caso de um rompimento da linha de frente.

O clima continuou terrível, com chuva ininterrupta por 13 dias. Em 14 de novembro Bradley trafegou pelas Ardenas, que acabavam de receber a primeira camada leve de neve. Ele se dirigia ao quartel-general do I Exército na região

belga de Spa, que fora o quartel-general dos alemães na Primeira Guerra Mundial. Agora, o Estado-Maior de Hodge estava sentado em mesas de campanha no cassino debaixo de imensos candelabros, enquanto bombas V-1 e V-2 cruzavam os céus em direção a Londres e a Antuérpia.

Nas primeiras horas de 16 de novembro a previsão meteorológica foi de tempo bom, pouco depois de Hodge decidir atacar, não importando o que acontecesse. Pouco depois do alvorecer, o sol surgiu pela primeira vez em semanas. Todos o fitaram incrédulos. Logo após o meio-dia, as Fortalezas e os Liberators da 8ª Força Aérea e os Lancasters do Comando de Bombardeiros apareceram no alto para abrir uma brecha na Westwall. Nervoso após o desastre no início da Operação Cobra, Bradley se assegurou de tomar todas as precauções para evitar que os bombardeiros atingissem as tropas que esperavam para atacar. Contudo, embora desta vez não tenha havido baixas americanas, a infantaria e os blindados que avançavam descobriram que os alemães haviam plantado os seus “jardins do diabo” de modo amplo e profundo.

O I Exército progrediria de Aachen pela floresta Hürtgen até o rio Roer. Ele precisava tomar as represas ao sul de Düren, que os alemães poderiam usar para destruir tentativas posteriores de cruzar o Roer. Bradley e Hodges confiaram nos bombardeios aéreos e da artilharia para abrir caminho, mas subestimaram os horrores que enfrentariam mais adiante. Eles seriam muito piores que os do *bocage* normando.

A floresta de Hürtgen, a sudeste de Aachen, era um aglomerado escuro e sinistro de pinheiros com até 30 metros de altura em vertentes íngremes. Os soldados constantemente perdiam a direção nas suas profundezas assustadoras. Consideraram a área uma “região lúgubre e inquietante, mais adequada para um esconderijo de bruxa”.³⁵ Aquela seria uma batalha de infantaria, mas os batalhões, regimentos e divisões não estavam preparados nem treinados para o que viria. Com ravinas e grande densidade de árvores, aquilo não era terreno para tanques nem para blindados de assalto, com cujo apoio estavam acostumados, e tampouco facilitava as coisas para a artilharia e os caças-bombardeiros. Para a 275ª Divisão de Infantaria alemã, por outro lado, acostumada à camuflagem, aos bunkers no solo, às minas e armadilhas, era o terreno ideal para a defesa.

O alto número de perdas da infantaria desde o dia D significava que uma proporção cada vez maior dos pelotões na linha de frente era formada, em grande parte, por recém-chegados quase sem treinamento. Bradley estava aborrecido não apenas com sua qualidade, mas também porque poucos deles chegavam à Europa. Ele descobriu que o general MacArthur estava conseguindo a parte do leão para a sua campanha filipina. Parecia que em Washington o lema

“A Alemanha primeiro” já não era levado em conta nem da boca para fora. O Departamento da Guerra tinha diminuído a cota mensal de 80 mil repletamentos para 67 mil.³⁶

O sistema de substituição do exército americano era terrivelmente sem imaginação — e o britânico não era muito melhor. Após grandes perdas, qualquer um disponível na retaguarda de repente podia se ver em um depósito de repletamento — conhecido como “*repple deppe*” — ao lado de adolescentes imaturos recém-chegados dos EUA. Foram feitos grandes esforços para melhorar a organização, de modo que os substitutos não fossem atirados na batalha ao anoitecer sem saber onde estavam nem com quem lutavam. Contudo, eles continuavam lamentavelmente despreparados para o que os esperava. Os “*repples*” só tinham chance de viver até a próxima batalha caso sobrevivessem à primeira e comesçassem a criar uma casca ao redor do medo.

A tática alemã era cruelmente simples. Ela pretendia causar o máximo de baixas. Os soldados alemães pareciam ter um gênio diabólico para armadilhas de todo tipo, como as minas Teller ligadas a arames de tropeço e a famosa mina antipessoal Schu, que decepava o pé assim que a pequena tampa de pressão era liberada. Todas as clareiras e trilhas haviam sido minadas e bloqueadas com árvores derrubadas. As barricadas tinham armadilhas e eram alvos pré-regulados para o fogo de baterias de artilharia e de morteiros do inimigo.

Um ataque após o outro falhou. “Grupos de combate e pelotões se perderam”, diz um relato sobre a infeliz 28ª Divisão, “os morteiros com cargas explosivas que caíam em meio aos destacamentos de assalto explodiam as cargas no terreno e liquidavam os homens; qualquer movimento desencadeava um infalível matraquear de metralhadoras que ceifavam as árvores. Um homem, um substituto, soluçava histericamente e tentava cavar um buraco com as mãos para se enterrar. No final da tarde este batalhão recuou para a linha de partida.”³⁷

Para piorar as coisas, a chuva não parava de cair. As árvores gotejavam constantemente, o solo estava encharcado e as trincheiras inundadas. Como as roupas impermeáveis não haviam chegado e poucos recordavam as lições da guerra de trincheiras de um quarto de século atrás, os soldados americanos tiveram baixas em virtude dos “pés de trincheiras” incapacitantes ou da “imersão”. Muitos foram atacados pela disenteria. O mais assustador, talvez acentuado pela atmosfera malévola da floresta, foi o aumento dos recuos provocados pelo pânico, os ferimentos autoprovocados, os colapsos nervosos, suicídios e deserções. O soldado raso Eddie Slovik, da 28ª Divisão em Hürtgen, foi o único a ser executado por um pelotão de fuzilamento. A Wehrmacht não podia acreditar que os Aliados fossem tão frouxos. Nas fileiras alemãs não era fuzilado apenas o desertor, mas agora, por decreto de Himmler, a sua família

também podia ser morta.

Um oficial após o outro foi substituído quando não conseguia fazer os homens atacarem. Na 8ª Divisão quase todos os oficiais de um batalhão foram removidos e os substitutos tiveram a mesma sorte. Naquela batalha terrível, sangrenta e lamacenta, uma divisão após a outra teve de ser retirada da linha de frente. Sofrendo de exaustão física e psicológica, os homens saíam com os olhos apagados e fixos, conhecidos como “o olhar de 2 mil anos”.³⁸ Na floresta de Hürtgen, os americanos tiveram um total de 33 mil baixas, mais de um quarto das tropas envolvidas.³⁹

Hodges foi duramente criticado por esta falta de imaginação ao tentar travar uma batalha tão desvantajosa, destinada a acentuar a debilidade americana e a força alemã. Contudo, a floresta era a única via de acesso para a aldeia de Schmidt e as represas de Roer, que precisavam ser tomadas antes que fosse possível cruzar o rio. Até no campo mais aberto no norte de Aachen as unidades alemãs defendiam cada aldeia fortificada até tudo estar destruído em volta delas. Quando um oficial da inteligência americana perguntou a um jovem tenente capturado se não lamentava aquela destruição do seu país, ele simplesmente alçou os ombros. “Ele provavelmente não será nosso depois da guerra”, respondeu. “Por que não destruí-lo?”⁴⁰ Mais ao norte, o II Exército britânico que progredia ao sul de Nijmegen enfrentou condições nos bosques densos do *Reichswald* similares às dos homens de Hodges em Hürtgen. A 53ª Divisão (escocesa) teve 5 mil baixas em nove dias.⁴¹

As forças aliadas ao sul tiveram muito mais êxito. Em 19 de novembro, o I Exército francês do general de Lattre de Tassigny rompeu a linha do Passo Belfort e chegou ao alto Reno. Três dias depois, no setor norte do 6º Grupo de Exércitos do general Jacob L. Dever, o 15º Corpo do general Wade H. Haislip penetrou no Passo de Saverne e em 23 de novembro a 2^{ème} *Division Blindée* do general Leclerc entrou em Estrasburgo, cumprindo a promessa feita no deserto do norte da África.

Muito satisfeito, o general De Gaulle partiu no dia seguinte em uma longa viagem para encontrar Stalin em Moscou. Estava acompanhado do seu chefe de gabinete Gaston Palewski, do ministro do Exterior Georges Bidault e do general Juin.

A viagem foi constrangedoramente longa porque o avião bimotor obsoleto do chefe de governo enguiçava com uma frequência deprimente. Por fim chegaram a Baku, onde deixaram o avião e embarcaram em um trem oferecido pelo governo soviético. Foram instalados nos vagões antiquados do grande duque

Nicolau, o comandante em chefe tsarista na Primeira Guerra Mundial. A viagem pela estepe coberta de neve foi tão lenta que De Gaulle comentou secamente que esperava que não houvesse uma revolução enquanto estavam ausentes.

De Gaulle queria estabelecer boas relações com Stalin, em parte na esperança de que este mantivesse o Partido Comunista francês sob controle. Não se decepcionou. Naquele momento, Stalin não queria nenhum tipo de aventura revolucionária na França. Um levante comunista poderia fazer Roosevelt interromper o fluxo de materiais do *Lend-Lease* para a União Soviética, ou, no pior cenário, usá-lo como desculpa para fazer algum acordo com a Alemanha. Stalin sabia o quanto Roosevelt desconfiava dos franceses. O outro objetivo do general De Gaulle era assegurar que, com o apoio de Stalin, a França fosse representada na conferência de paz e não fosse excluída pelos americanos.

Ao chegar a Moscou, a delegação francesa teve de suportar um dos intermináveis banquetes de Stalin, quando ele forçava os seus marechais e ministros a rodear a mesa para brindar com ele. Depois propunha brindes, ameaçando-os com a execução em uma demonstração brutal do seu humor de carrasco. De Gaulle descreveu-o de modo memorável como um “comunista vestido de marechal, um ditador abrigado em suas intrigas, um conquistador com ares de bonomia”.⁴² O objetivo de Stalin nas conversas era obter reconhecimento para o seu governo títere, os poloneses de Lublin. Obviamente, esperava abrir uma brecha na aliança ocidental. Educada e firmemente, De Gaulle se aferrou à sua recusa. Em certo momento Stalin virou-se para Gaston Palewski e disse com um sorriso malicioso: “Nunca se deixa de ser polonês, *monsieur* Palewski.”⁴³

Stalin estava disposto a ser generoso ao seu modo, embora desprezasse a França por ter caído em 1940, o que havia atrapalhado os seus planos. (Em outra atitude sarcástica com De Gaulle, ele fez Ilya Ehrenberg presenteá-lo com um exemplar do seu romance sobre a queda de Paris.) Contudo, ciente do ressentimento do general com Roosevelt, Stalin viu que a França poderia ser uma carta útil na aliança ocidental a ser cultivada para o futuro. Ele não confiava nos britânicos nem nos americanos. O seu maior medo era que eles rearmassem a Alemanha. Stalin sabia que De Gaulle não só queria a derrota total da Alemanha, mas a sua partição. Nisto estavam de acordo, embora Stalin não apoiasse a reivindicação de De Gaulle pela Renânia nos acordos pós-guerra.

A visita foi positiva, apesar de Bidault ter bebido demais no banquete. Um acordo franco-soviético foi finalmente firmado às quatro da manhã, pouco antes da partida da delegação francesa. Foi preciso chegar a uma fórmula de meio-termo quanto ao governo títere na Polônia, mas pelo menos De Gaulle sabia que não teria problemas com os comunistas franceses. O seu líder, Maurice Thorez, que chegara à França na ausência deles, não havia ordenado aos seus membros

que fizessem barricadas nem lançassem novos ataques. Ele exigiu sangue, suor, aumento da produtividade e unidade nacional para derrotar a Alemanha. Os comunistas da resistência ficaram atônitos, mas no dia seguinte a imprensa de Paris confirmou suas palavras. O Kremlin falara de modo claro. De Gaulle e os seus companheiros por fim regressaram à França em 17 de dezembro e se depararam com uma crise totalmente inesperada. Os exércitos alemães haviam rompido as linhas nas Ardenas e dizia-se que seguiam para Paris.

Nota:

[* As rotas nas estradas e os caminhões eram assim marcados para fins de prioridade. \[N. do R. T.\]](#)

As Ardenas e Atenas

NOVEMBRO DE 1944 – JANEIRO DE 1945

Em novembro de 1944, as tropas do 8º Corpo do major-general Troy H. Middleton estavam entediadas na frente das Ardenas. O general Bradley ouviu queixas do administrador da floresta de que, com seu interesse por churrasco de porco, “os soldados voavam baixo nos Cubs para caçar com submetralhadoras Thompson”.¹ Eles também atiravam granadas nos córregos de trutas para quebrar a monotonia das rações K.

Desde a retirada caótica para a Westwall, em setembro, Hitler queria repetir o grande triunfo de 1940. Mais uma vez, contava com a complacência dos Aliados, com o efeito de choque e com a velocidade do ataque para alcançar o objetivo de retomar a Antuérpia. Esta versão abreviada do plano *Sichelschnitt* de Manstein também isolaria o I Exército canadense, o II Exército britânico, o IX Exército do tenente-general William H. Simpson e a maior parte do I Exército de Hodges. Hitler chegou a sonhar com outra Dunquerque. Os seus generais se assombraram com esta fantasia. Guderian queria reforçar o front oriental antes da ofensiva de inverno soviética. Mas a estratégia de Hitler, semelhante às esperanças de Hiroito na Ofensiva Ichigō, era obter uma vitória acachapante para tirar ao menos um país da guerra e, depois, talvez negociar partindo de uma posição de força.

Na tarde de 20 de novembro, Hitler embarcou em seu *Sonderzug* na plataforma camuflada sob a cobertura da floresta e deixou o Wolfsschanze pela última vez. Não estava bem e precisava ser operado da garganta, o que forneceu uma desculpa para abandonar a frente da Prússia Oriental ameaçada. Estava profundamente deprimido, aparentemente consciente do desastre que a Alemanha enfrentava. Goebbels tinha tentado convencê-lo a se dirigir à nação para afastar os rumores de que estava gravemente enfermo, louco ou até mesmo morto. Ele recusou-se terminantemente.

Só a perspectiva da vingança o animava e a ofensiva nas Ardenas criou uma

ansiedade febril. Com a ajuda do Estado-Maior do OKW, Hitler esboçou ordens minuciosamente detalhadas. Originalmente denominada *Die Watch am Rhein* (Vigilância do Reno), para ocultar a característica ofensiva da operação, o seu nome verdadeiro era *Herbstnebel* (Névoa de Outono). Os exércitos atacantes deviam chegar ao Meuse em 48 horas e tomar a Antuérpia em 14 dias. Ele disse aos seus comandantes que isto encurralaria o I Exército canadense e tiraria aquele país da guerra o que, por sua vez, convenceria os Estados Unidos a considerarem a paz.

O marechal de campo Von Rundstedt, que estava perfeitamente preparado para lançar uma ofensiva limitada a fim de esmagar o saliente de Aachen, sabia que o objetivo da Antuérpia era totalmente irreal. Mesmo que o clima continuasse suficientemente ruim para as forças aliadas em terra, e mesmo que conseguissem tomar intactos os depósitos de combustível dos Aliados, os alemães simplesmente careciam de forças para manter o corredor. Era igual à obsessão de Hitler com o contra-ataque em Avranches no mês de agosto anterior, que ele forçara o marechal de campo Von Kluge a levar adiante. Um golpe dramático e inesperado só servia se fosse possível sustentá-lo. Mais tarde, Rundstedt ficou profundamente ofendido ao descobrir que os Aliados a denominaram “ofensiva de Rundstedt”, como se o plano fosse seu.

Em 3 de novembro, quando Jodl delineou o plano aos comandantes envolvidos, todos se assombraram: Rundstedt, comandante em chefe no oeste; Model, comandante em chefe do Grupo B de Exércitos; *Oberstgruppenführer* Sepp Dietrich, comandante do VI Exército SS Panzer e o coronel-general Hasso von Manteuffel, comandante do V Exército Panzer. Contudo, quando por fim participaram da reunião informativa na véspera da batalha, seis semanas depois, muitos jovens oficiais e praças ficaram convencidos, ou se deixaram persuadir, de que junto com os V-2 disparados contra a Inglaterra, a ofensiva seria o ponto de inflexão pelo qual esperavam há tanto tempo.

Em 28 de novembro, enquanto uma luta selvagem na fronteira norte da Alemanha prosseguia sob a chuva, agora com granizo, Eisenhower visitou Montgomery em seu quartel-general na Bélgica. Antes de o comandante supremo sentar-se na viatura com os mapas da situação, Montgomery começou a acossá-lo pelos fracassos nas batalhas. Na esperança de mais uma vez explorar a aparente inaptidão de Eisenhower de não lhe dizer “não” de modo claro, pensou que obtivera o seu consentimento para comandar todas as forças aliadas ao norte das Ardenas. Pouco depois, Bradley, que não tinha a intenção de permitir que parte do seu grupo de exércitos servisse sob as ordens de Montgomery,

conseguiu fazer Eisenhower mudar de opinião. Em 7 de dezembro, os três se reuniram em Maastricht. Montgomery ouviu que o seu avanço reforçado no norte estava fora da jogada. Evidentemente, Bradley precisou se esforçar para ocultar o sorriso de satisfação.

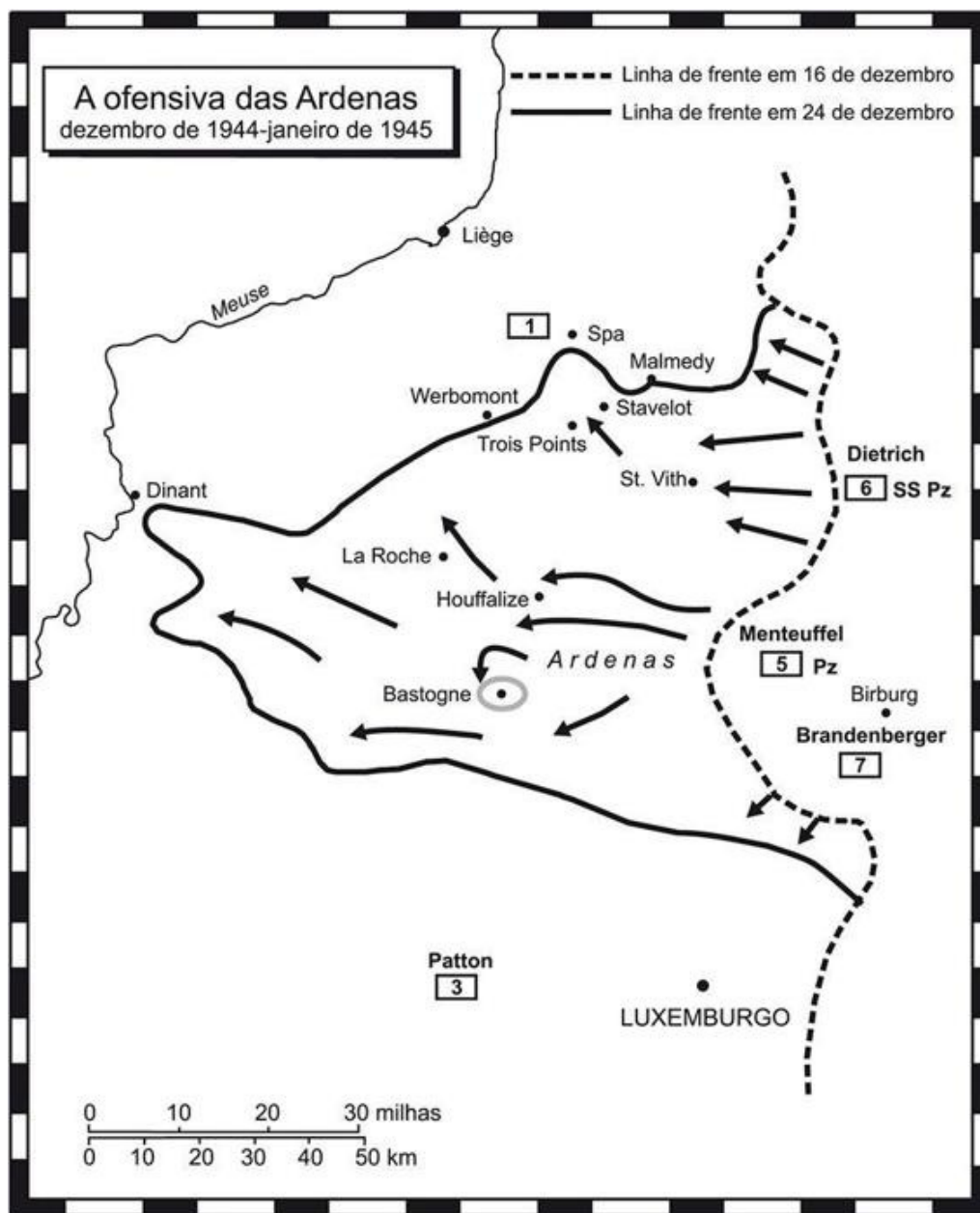
Enquanto Eisenhower e os comandantes dos grupos de exércitos discutiam se deviam concentrar o próximo ataque ao norte ou ao sul das Ardenas, a inteligência aliada subitamente percebeu que haviam perdido o paradeiro do VI Exército Panzer. Ele havia sido localizado perto de Colônia, e a suposição era de que, junto com o V Exército Panzer de Manteuffel, se preparava para contra-atacar o I Exército americano tão logo ele cruzasse o rio Roer. Em Maastricht, Eisenhower indagou a Bradley sobre o setor das Ardenas, coberto apenas pelo 8º Corpo de Middleton, mas este não se deu por achado. Explicou que o havia enfraquecido para reforçar as ofensivas no norte e no sul. Nenhum general na conferência de Maastricht esperava uma contraofensiva em grande escala. Os alemães estavam desesperadamente carentes de combustível para os panzers e, mesmo que rompessem a linha, aonde iriam? Os rumores da inteligência indicavam que tinham os olhos postos na Antuérpia, mas nenhum oficial dos altos escalões levou aquilo a sério. Montgomery planejava regressar à Inglaterra para o Natal.

Em 15 de dezembro, Hitler e seu entourage foram em seu trem pessoal para Adlerhorst (ninho da águia), o quartel-general em Ziegenberg, perto de Bad Nauheim. O QG de Rundstedt já estava instalado na vizinha Schloss. Para o horror dos generais, a Chancelaria do Partido Nazista dirigida por Martin Bormann também se mudou para lá, e Bormann queixou-se de que as instalações eram insuficientes para todos os seus teletipistas.² A burocracia nazista, em Berlim e nas diferentes localidades, parecia crescer à medida que o desastre se aproximava, certamente para dar a impressão de que o Partido ainda controlava os acontecimentos. As instruções, diretrizes e regras sobre qualquer assunto abundavam justamente quando o transporte e, portanto, o sistema postal, entrava em colapso sob o peso do bombardeio aliado.

A ofensiva fora adiada por duas semanas porque as formações panzer e de infantaria não estavam prontas. Hitler quis reunir trinta divisões. Ao final havia vinte na força de ataque e cinco na reserva. No lado norte do ataque principal, o VI Exército Panzer SS de Dietrich rumaria para a Antuérpia, com o XV Exército protegendo o seu flanco direito. O V Exército Panzer no lado sul se dirigiria primeiro para Bruxelas, com o VII Exército no seu flanco esquerdo.

Os pouquíssimos oficiais de altas patentes americanos que expressaram

preocupação com uma possível ofensiva alemã nas Ardenas foram caçados pelos colegas. O aumento da atividade alemã do outro lado do Reno havia sido detectado pelo reconhecimento aéreo, mas isto foi atribuído ao contra-ataque que esperavam depois de cruzado o rio Roer, ao norte. O quartel-general do 12º Grupo de Exércitos se convencera de que os alemães estavam tão enfraquecidos que não representavam uma ameaça. Quando Middleton disse a Bradley que o seu 8º Corpo estava muito esgarçado no setor de 135 quilômetros das Ardenas, o comandante respondeu: “Não se preocupe, Troy. Eles não virão até aqui.” Middleton tinha quatro divisões de infantaria, a 99ª e a 106ª, que não haviam lutado, e a 28ª e a 4ª, abaladas e exauridas após combater na floresta Hürtgen. Ele tinha também a 9ª Divisão Blindada em reserva e o 14º Grupo de Cavalaria para o reconhecimento.



Às 5h30 de 16 de dezembro, a artilharia alemã abriu fogo. O efeito de 1.900 peças ao longo da frente disparando ao mesmo tempo foi profundamente desorientador. Abalados, os soldados saltaram para fora dos sacos de dormir, agarraram as armas e se agacharam no fundo das trincheiras até cessar o bombardeio. Mas quando acabou viram uma luz sinistra. O falso alvorecer era, na verdade, um “lunar artificial”, com os facho dos refletores germânicos oscilando em meio à fumaça em buscas por trás da linha de frente. Com camuflagem de neve, a infantaria alemã parecia fantasmas avançando pela névoa gélida e as árvores altas da floresta das Ardenas. Enquanto grupos isolados na vanguarda lutavam valentemente, a maior parte das duas divisões inexperientes

americanas no lado norte foi atingida pelas vanguardas dos dois exércitos panzer. As comunicações foram interrompidas e, ainda assim, as companhias na linha de frente da 99ª Divisão de Infantaria, que não haviam sido testadas, apoiadas por parte da 2ª Divisão, se retiraram lutando ferozmente contra a Divisão *Volksgrénadier* e a 12ª Divisão SS *Hitler Jugend*. Porém, ao sul, dois regimentos da 106ª Divisão de Infantaria foram cercados.

A vanguarda de Dietrich no sul era formada pelo 1º Regimento Panzer SS do seu antigo comando, a *Leibstandarte Adolf Hitler*. Reforçado por tanques Tigres Reais de 68 toneladas, o regimento era comandado pelo *Obersturmbannführer* Joachim Peiper, líder de uma crueldade notória. Quando a sua coluna foi barrada por uma ponte explodida e pelo caos na estrada estreita, ele simplesmente enviou os tanques por um campo minado, perdendo a metade deles, mas compensando a perda de tempo.

Em virtude das linhas telefônicas de campanha cortadas pelas explosões das granadas e da confusão geral, o quartel-general do I Exército de Hodges em Spa, pelas poucas informações recebidas, presumiu que os alemães haviam apenas lançado um ataque local. Ele chegou a enviar a 2ª Divisão de Infantaria para prosseguir as operações de reconhecimento junto às represas do Roer, sem entender que ela já estava envolvida em outro tipo de embate.

No quartel-general do SHAEF em Versalhes, o general Eisenhower não se perturbou e teve um dia agradável. Soube que definitivamente receberia uma quinta estrela. Deve ter sido irritante ver o seu subordinado Montgomery receber uma no início de setembro. Ele leu a correspondência e foi ao matrimônio de seu ordenança que se casava com uma motorista do seu QG, integrante do Corpo Feminino do Exército. Ele esperava Bradley para jantar, e pretendia partilhar com ele uma entrega de ostras frescas.

Quando Bradley chegou, foram para uma sala de reuniões discutir as substituições. Foram interrompidos por um oficial do Estado-Maior com notícias da ruptura da linha no setor das Ardenas. Bradley pensou que parecia apenas uma ação diversionária para atrapalhar o ataque iminente de Patton, mas os instintos de Eisenhower foram fortes. Ele achou que era algo mais sério. Ordenou que Bradley enviasse ajuda ao 8º Corpo de Middleton. Na reserva estavam a 7ª Divisão Blindada ao norte e a 10ª Blindada com Patton ao sul. Como esperavam, Patton não ficou satisfeito, mas ambas as divisões receberam ordens de se deslocar. Eisenhower e Bradley foram jantar, mas este era alérgico a ostras e em vez disso comeu ovos mexidos. Depois, jogaram cinco rodadas de bridge com dois oficiais do Estado-Maior do SHAEF.

Começando a pensar que tinha se equivocado, no dia seguinte Bradley correu no seu Packard para o quartel-general tático em Luxemburgo. Ele literalmente subiu correndo a escada para a sala de guerra e examinou o enorme mapa de situação na parede. Grandes setas vermelhas indicavam o avanço alemão. “Onde diabos este desgraçado conseguiu tantas forças?”,³ exclamou incrédulo. Era difícil obter informações precisas. A linha de teletipo com o quartel-general do I Exército em Spa estava interrompida. Quando Harry Butcher, o ajudante de ordens de Eisenhower, chegou ao 12º Grupo de Exércitos em Verdun, comentou que a atmosfera lhe recordava os ânimos após o desastre em Kasserine.

No quartel-general do III Exército, por outro lado, estavam buscando briga. Patton esperava uma contraofensiva nas Ardenas. “Ótimo”, disse, “vamos abrir e deixá-los chegar a Paris. Aí então derrubamos a sua base.”⁴ No norte ainda havia confusão no quartel-general do IX Exército quanto às intenções dos alemães. Um ataque extraordinariamente pesado da Luftwaffe às próprias forças propiciou sugestões de que se tratava de “um ataque diversionário para despistar uma contraofensiva ainda maior na zona do I Exército”. Os oficiais do Estado-Maior diziam que “tudo depende das tropas à disposição de Von Rundstedt”.⁵ No quartel-general do I Exército, Hodges estava realmente doente, segundo alguns relatos, ou tivera um colapso devido ao estresse. Fora ele quem descartara os alertas do seu chefe da inteligência.

Em 17 de dezembro, no SHAEF, Eisenhower e seu Estado-Maior revisaram todas as informações disponíveis para tentar entender as intenções alemãs e decidir como agir. Supuseram que os alemães tentavam simplesmente dividir os 12º e 21º Grupos de Exércitos. As únicas reservas que lhes restavam eram a 82ª e a 101ª Divisões Aeroterrestres, que descansavam perto de Rheims depois da Operação Market Garden. Após estudar o mapa cuidadosamente eles se decidiram por Bastogne. Outras três divisões que estavam na Inglaterra receberam ordem de se preparar imediatamente. A 82ª Aeroterrestre, no final, foi desviada para Werbomont, mais perto de Spa.

A ideia equivocada de que a ofensiva alemã se dirigia à capital francesa se alastrou ainda mais para trás, com rumores alarmistas. Um elemento importante no plano alemão incluía o lançamento do 6º Regimento de Paraquedistas do coronel Friedrich Freiherr von der Heydte para conquistar uma ponte sobre o Meuse e acelerar o avanço. Sua aproximação fora perturbada principalmente pelo fogo antiaéreo, e a maior parte dos homens de Heydte se espalhou por toda a área, exceto na zona alvo das aterragens. Heydte ficou com uma força tão pequena que ela se escondeu perto da ponte para observar os acontecimentos

enquanto esperava a chegada das vanguardas panzers. Os pousos muito dispersos, porém, certamente aumentaram a confusão entre os Aliados.

Os alemães também haviam arquitetado um plano diversionário. Otto Skorzeny, líder do comando da SS, fora instruído pessoalmente por Hitler para infiltrar uma pequena força de voluntários fluentes em inglês com uniformes americanos e a bordo de viaturas capturadas das Forças Armadas dos EUA. Eles deviam conquistar outra ponte sobre o Meuse e provocar confusão e destruição na retaguarda. O grupo principal de Skorzeny, retido por enormes engarrafamentos, não conseguiu romper a linha, mas algumas pequenas equipes conseguiram fazê-lo. Em 18 de dezembro, três deles em um jipe foram parados em um posto de controle na estrada. Não sabiam a senha. Foram revistados e descobriu-se que vestiam uniformes alemães por baixo do verde militar americano. Embora a missão tenha terminado em fracasso e na sua posterior execução, eles conseguiram provocar um caos ainda maior ao dizer aos interrogadores que equipes estavam a caminho de Versalhes para matar o general Eisenhower.

Eisenhower foi confinado aos seus cômodos por guarda-costas portando submetralhadoras. Surgiram rumores de que esquadrões alemães também estavam indo atrás de Montgomery e Bradley. Todos os oficiais e praças, independentemente do posto ou graduação, eram parados nos controles e questionados pela polícia militar sobre a geografia americana, o beisebol e uma série de outras informações que só americanos saberiam responder. Foi imposto o toque de recolher em Paris e o SHAEF introduziu um blecaute de 48 horas nas notícias, o que inflamou ainda mais os boatos.

As pessoas se convenceram de que os alemães estavam a ponto de tomar a cidade. Os colaboradores franceses na prisão de Fresnes começaram a zombar dos seus guardas, dizendo que logo os alemães estariam de volta para libertá-los. Estes respondiam que eles e a resistência os matariam antes que o inimigo chegasse às portas de Paris. A histeria chegou à Bretanha, onde instalações na zona de retaguarda receberam ordem de se preparar para evacuar. O capitão M. R. D. Foot, da Agência de Serviços Especiais britânica [SAS, na sigla em inglês], que se recuperava de ferimentos graves em um hospital de Rennes, perguntou a uma enfermeira inglesa o motivo de tanta comoção. “Estamos de mudança”, disse ela. “E os feridos que não podem ser removidos?”, ele quis saber. “Tenho certeza de que as freiras ao lado cuidarão do senhor.”⁶

Outras histórias, mais verídicas, começaram a se espalhar. Em 17 de dezembro, no segundo dia da ofensiva, as tropas da *Leibstandarte* SS de Peiper mataram 69 prisioneiros de guerra a sangue-frio e depois, no que ficou conhecido como o massacre de Malmedy, dispararam em outros 86 na neve.

Dois homens escaparam e chegaram às linhas americanas. A sede de vingança ficou palpável quando o relato passou de boca em boca e, em consequência, muitos prisioneiros alemães foram mortos. Apesar dos ânimos febris, havia poucas indicações de que nem tudo estava saindo como os alemães queriam. Alguns soldados inexperientes da 99ª Divisão de Infantaria e os veteranos da 2ª Divisão de Infantaria conseguiram bloquear a 12ª Divisão *Hitler Jugend*. Eles, então, recuaram ordenadamente para a posição defensiva natural do espinhaço Elsenborn. O VI Exército Panzer de Dietrich não progredia como esperado, embora tivesse capturado ao menos um pequeno depósito de combustível. Para a sorte dos Aliados, as suas forças nunca chegaram ao depósito maior, que continha quatro milhões de galões.

Do ponto de vista alemão, as condições climatológicas eram perfeitas, com nuvens baixas que mantinham as forças aéreas aliadas em terra. Ao sul, o V Exército Panzer de Manteuffel se saía melhor que o Exército Panzer SS de Dietrich. Depois de esmagar a infeliz 28ª Divisão de Infantaria, ele se dirigiu a Bastogne. A experiente 4ª Divisão de Infantaria americana no flanco sul resistiu valentemente ao VII Exército.

Eisenhower convocou uma conferência em Verdun para o dia 19 de dezembro. A crise nas Ardenas certamente foi o seu melhor momento como comandante supremo. Apesar das críticas iniciais à sua tendência a fazer acordos e ceder à opinião do último general com quem falava, ele demonstrou bom discernimento e uma forte liderança. A sua mensagem foi que aquela era uma boa oportunidade de causar um dano máximo ao inimigo em campo aberto, em vez de espreitá-lo detrás de campos minados e posições defensivas. A tarefa era evitar que as vanguardas alemãs cruzassem o Meuse, e o inimigo tinha de ser detido até que o clima mudasse e as forças aéreas aliadas pudessem cair sobre ele. Para isso, primeiro precisavam fortalecer os flancos da penetração germânica na linha de frente. Só então poderiam contra-atacar.

Informado pelo seu oficial de inteligência, Patton já havia dito ao seu Estado-Maior que preparasse planos de conduta do combate para uma mudança importante de eixo, afastando-se do Saar para atacar o flanco sul do avanço alemão. Ele gostou da ideia de abandonar as aldeias “repletas de estrume e inundadas”⁷ da Lorena. A ofensiva alemã o fazia recordar a grande batalha de Ludendorff em março de 1918, a *Kaiserschlacht*. Patton pareceu relaxado quando Eisenhower o procurou naquele momento de crise. “Quando você pode atacar?”⁸ perguntou o comandante supremo.

“Em 20 de dezembro, com três divisões”, respondeu. “A 4ª Blindada, a 26ª e a 80ª.” Para ele, aquele momento era especial. Todo o grupo de exércitos e os comandantes de exércitos e chefes de Estados-Maiores presentes ficaram

atônitos. A manobra exigiria girar a maior parte do seu exército em 90 graus sem perturbar as linhas de suprimentos organizadas. “Aquilo provocou uma comoção”, anotou Patton satisfeito em seu diário. Eisenhower disse que três divisões não eram suficientes. Com a sua confiança inimitável, Patton alegou que podia derrotar os alemães com apenas três e, se esperasse mais tempo, perderia o elemento surpresa. Eisenhower concordou.

Na manhã seguinte, 20 de dezembro, previsivelmente Bradley ficou irado quando ouviu que Eisenhower entregara a Montgomery o comando dos IX e I Exércitos americanos. A questão era que Montgomery podia estar em contato constante com eles, ao passo que o quartel-general do 12º Grupo de Exércitos em Luxemburgo estava isolado no sul do “bolsão” criado pelo avanço alemão, como denominavam o avanço germânico. Eisenhower fora persuadido disto por Bedel Smith, em parte devido ao caos no I Exército e à suspeita de que Hodges tivera um colapso. Surpreendido na defensiva, Bradley temia que isto fosse considerado um voto de desconfiança em sua atuação. Sobretudo, odiava a ideia de que isto encorajasse Montgomery a fazer mais exigências para receber o comando supremo aliado em campanha. Em uma conversa telefônica tensa e infeliz, ele chegou a ameaçar renunciar. Apesar da longa amizade entre eles, Eisenhower foi firme. “Bem Brad, estas são as minhas ordens”,⁹ disse, e pôs fim à conversa.

Patton, por sua vez, estava em seu elemento, remanejando tropas, desviando batalhões de blindados de assalto para reforçar as forças de carros de combate e preparando-se para atacar. A 101ª Divisão Aeroterrestre chegara a Bastogne pouco antes do V Exército Panzer de Manteuffel. Na verdade, o fraco perímetro já estava sob o fogo das armas leves quando os caminhões pararam. Os paraquedistas avançaram com dificuldade ao passarem por soldados americanos em fuga, que haviam se livrado da munição. Ao descobrir que esta escasseava, um oficial da 10ª Divisão Blindada foi até um depósito e voltou com um caminhão cheio de munições e granadas, que foram entregues aos paraquedistas enquanto marchavam para o combate. Quando o som do tiroteio se intensificou, eles começaram a cavar abrigos individuais e trincheiras no campo coberto de neve.

Como quase todas as tropas americanas nas batalhas nas Ardenas, a 101ª Aeroterrestre simplesmente não estava equipada para lutar no inverno. Com os problemas de suprimentos nos três meses anteriores, a prioridade absoluta fora dada a combustível e munição. A maioria dos homens ainda usava os uniformes de verão e sofria terrivelmente no clima gélido, especialmente nas noites longas em que a temperatura caía fortemente. Não podiam acender fogueiras para não atrair a artilharia alemã e o bombardeio com morteiros. Os casos de “pé de

trincheira” cresceram alarmantemente e foram motivo de uma grande quantidade de baixas. Nas trincheiras sob o tiroteio e de pé durante o dia na lama meio derretida que endurecia com o gelo à noite, eles tinham poucas oportunidades de descalçar as botas e vestir meias secas. Não havia como se banhar e fazer a barba. Muitos tinham disenteria e, escondidos nas trincheiras, só podiam recorrer ao próprio capacete ou a latas de ração usadas. Descobriram um novo horror. Os javalis nas florestas estavam devorando os estômagos dos mortos não sepultados. Os que haviam participado das expedições de caça caóticas antes de batalha devem ter ficado nauseados. A maioria dos soldados se tornara indiferente à visão dos cadáveres, mas o pessoal que registrava os túmulos e fazia a limpeza mais tarde não tinha opção.

Embora Patton ainda quisesse deixar que os alemães avançassem mais para melhor destruí-los, acatou a decisão de Bradley de que Bastogne, um entroncamento de estradas vital, fosse mantida a todo custo. A 101ª Aeroterrestre era apoiada por dois comandos de combate blindados, duas companhias de blindados de assalto e um grupo de artilharia com escassez de granadas. Tudo dependia de o céu abrir para que os C-47 despejassem munição e suprimentos de paraquedas para as unidades cercadas.

Montgomery tampouco estivera ocioso. Ao reconhecer a ameaça na retaguarda, enviou o 30º Corpo de Horrock para uma posição de bloqueio na margem noroeste do Meuse para garantir as pontes. Isto coincidiu perfeitamente com o plano de Eisenhower de preparar as pontes do Meuse para a demolição e evitar que os alemães as tomassem.

Assim que soube por Eisenhower que assumiria o I Exército americano, Montgomery partiu para Spa. Segundo um oficial, ele chegou ao quartel-general de Hodges “como Cristo que vai limpar o templo”.¹⁰ A princípio, Hodges parecia em estado de choque, incapaz de tomar uma decisão. Depois souberam que há dois dias não falava com Bradley, o que confirmou que Eisenhower acertara em convocar Monty.

O que Patton chamou de “expedição para catar castanhas” estava pronta para começar, como ele informou Eisenhower em 22 de dezembro. “Iremos até as entranhas do inimigo e cortaremos as suas linhas de suprimentos”, escreveu à esposa. “O destino me buscou apressadamente quando as coisas ficaram difíceis. Talvez Deus tenha me salvado para esta empreitada.”¹¹

Contudo, os acontecimentos já se tornavam favoráveis aos americanos mediante sua determinação e valentia. No lado norte do avanço, o 5º Corpo, comandado pelo velho amigo de Eisenhower “Gee” Gerow, defendeu o espinhaço Elsenborn com uma mistura de infantaria, blindados de assalto, engenheiros e, principalmente, artilharia. Conseguiram repelir a 12ª Divisão

Panzer SS *Hitler Jugend* na noite de 20 de dezembro e no dia seguinte. No total, uns 782 cadáveres alemães foram encontrados diante das suas posições.¹²

Montgomery não reconheceu a extraordinária resistência e bravura das unidades americanas que aguentaram o rompimento das linhas. Em vez disto, concentrou-se apenas na confusão que encontrou no I Exército e em seu papel de organizador. O marechal de campo Brooke temia a sua reação ao receber o comando que almejava, e Monty confirmou os seus piores medos.

Em uma reunião com Bradley no dia de Natal, Montgomery disse que as coisas tinham dado errado desde a Normandia por não terem seguido o seu conselho. Furioso, Bradley ouviu-o em silêncio. Com o seu orgulho impassível, Montgomery supôs, como ocorrera na Normandia, que o silêncio implicava assentimento com tudo o que dizia.

Bradley fora ao encontro de Monty para convencê-lo a lançar o contra-ataque assim que possível. Mas neste caso Montgomery acertou ao postergá-lo. A rápida reação de Patton pegara os alemães desprevenidos, porém, ao atacar com apenas três divisões e não com as seis que Eisenhower queria, ele estendeu a batalha por Bastogne em vez de encurtá-la. Do seu modo prepotente, Montgomery queria isolar o bolsão para depois esmagá-lo. Mas não fornecia uma data, pois precisava de bom tempo para o ataque das forças aéreas.

O tempo piorava cada vez mais, o que restringiu enormemente as operações aéreas. Pouco foi feito além do bombardeio em Trier que incluiu o Comando de Bombardeiros de Harris, e isto não se deveu à falta de cooperação ou de tentativas. Coningham, o neozelandês que agora comandava a 2ª Força Aero-Tática da RAF, se dava extremamente bem com Quesada. O céu só começou a limpar em 23 de dezembro. Dois dias depois houve “um Natal limpo e frio, um tempo maravilhoso para matar alemães”,¹³ escreveu Patton em seu diário. As forças aéreas não perderam a oportunidade. Os P-47, Thunderbolts e Typhoons da RAF executaram uma campanha coordenada de ataques, enquanto os caças enfrentaram os ataques da Luftwaffe no primeiro dia. A supremacia aliada se estabeleceu de imediato. Em uma semana a Luftwaffe não conseguia enviar mais de duzentas aeronaves.

O IX Comando Aero-Tático de Quesada era muito admirado pelas forças terrestres americanas por seu garbo, mas havia granjeado a reputação de ser ruim de navegação e reconhecimento de alvos. Em outubro, ao ser chamado para atacar posições específicas na Westwall, na Alemanha, nenhum avião acertou o alvo. Um deles chegou a arrasar a aldeia mineira de Genk, na Bélgica, causando oitenta baixas civis. A 30ª Divisão foi duramente atingida ao chegar a Malmedy. Era a décima terceira vez desde que desembarcara na Normandia que era atacada pela sua própria força aérea, e os soldados começaram a chamar o IX Comando

de “a Luftwaffe americana”.¹⁴ Isto reforçava a piada do exército alemão desde a Normandia que dizia “se é britânico, a gente se agacha; se é americano, todo mundo se agacha; e se é a Luftwaffe, ninguém se agacha”.

Em 1º de janeiro de 1945, por ordem de Göring, a Luftwaffe fez um esforço máximo com 800 caças de toda a Alemanha para atacar as pistas de pouso aliadas. Para obter o elemento surpresa, eles deviam voar à altura das copas das árvores, abaixo da cobertura dos radares aliados. Mas as extremas precauções com o sigilo impostas à Operação *Bodenplatte* (Placa Base)¹⁵ significou que os pilotos não foram suficientemente informados e as unidades de artilharia antiaérea não foram notificadas. Estima-se que quase 100 aviões tenham sido derrubados pelas próprias baterias alemãs. No conjunto, os Aliados perderam cerca de 150 aeronaves, ao passo que a Luftwaffe perdeu quase trezentas, com 214 pilotos mortos ou feitos prisioneiros. Foi a humilhação final da Luftwaffe. Agora, o poder aéreo dos Aliados era indiscutível.

Com o cerco a Bastogne finalmente rompido em 27 de dezembro de 1944, Montgomery foi pressionado a lançar o contra-ataque em 3 de janeiro. Porém, o marechal de campo continuava obcecado com questões do comando. Brooke tinha razão em sentir-se incomodado, pois Monty começou a dar lições a Eisenhower repetidamente no mesmo tom que empregava com Bradley. “Parece-me”, escreveu Brooke em seu diário, “que, com a sua falta de tato costumeira, Monty esfrega na cara de Ike o resultado por não ter ouvido os seus conselhos! São muitos ‘Eu bem que lhe disse’, que não contribuem para criar as necessárias relações amistosas entre ambos.”¹⁶ Mais uma vez, Eisenhower não conseguiu ser duro com ele, o que levou Montgomery a escrever-lhe uma carta desastrosa ditando leis de estratégia e insistindo em que ele devia comandar também o 12º Grupo de Exércitos de Bradley.

O general Marshall também fora provocado pelo modo como a imprensa britânica repetia o refrão de Montgomery, exigindo um comando praticamente independente. Ele então escreveu a Eisenhower instando-o a não fazer concessões. Isto, em conjunto com a carta de Montgomery, fez Eisenhower enviar uma mensagem à junta combinada de chefes de Estados-Maiores em que basicamente dizia que renunciaria se Montgomery não fosse substituído, de preferência por Alexander. O chefe do Estado-Maior de Montgomery, de Guingand, soube do ultimato. Persuadiu Eisenhower a esperar mais 24 horas e procurou Montgomery com uma carta de desculpas já esboçada, rogando a Eisenhower que rasgasse a carta anterior. Montgomery fora enquadrado, mas apenas provisoriamente.

O emprego do III Exército de Patton por Eisenhower criou diversos efeitos colaterais mais ao sul. Devers teve que assumir parte da frente de Patton. Isto significava movimentar as tropas do sul e recuar de Estrasburgo para corrigir a linha. De Gaulle, que não fora consultado, fez séria objeção ao saber daquilo. A ideia de desistir de Estrasburgo apenas um mês depois de libertá-la ameaçaria a própria estabilidade do seu governo. As implicações políticas eram muito mais significativas do que Eisenhower percebera.

Em 3 de janeiro, por insistência de Churchill, houve uma conferência no quartel-general de Eisenhower em Versalhes com De Gaulle, Churchill e Brooke. Eisenhower concordou em que Estrasburgo devia ser mantida, e De Gaulle ficou tão entusiasmado que imediatamente redigiu um *comunique*. O seu chefe de gabinete, Gaston Palewski, levou-o à embaixada britânica para mostrá-lo primeiro a Duffy Cooper, o embaixador. O anúncio vanglorioso “sugeriu que De Gaulle havia convocado uma conferência militar com o primeiro-ministro à qual Eisenhower fora autorizado a comparecer”.¹⁷ Duffy Cooper convenceu Palewski a baixar o tom.

Bastogne podia ser aliviada e reabastecida por via aérea, mas os alemães, ao reconhecerem que não conseguiam chegar nem ao Meuse, a cidade tornou-se o alvo dos seus ataques. Enquanto isso, Hitler decidiu lançar outra ofensiva na Alsácia, com o codinome *Nordwind* (Vento Norte). Ela foi pouco mais do que um desvio e não conseguiu grande coisa.

Finalmente, o contra-ataque de Montgomery foi lançado em 3 de janeiro. O embate foi duro e a neve pesada não ajudou, mas o resultado foi indubitável. Quatro dias depois, a luta do ego de Montgomery irrompeu novamente em uma conferência de imprensa. Churchill a autorizara quando Montgomery assegurou que contribuiria para a unidade dos Aliados. O seu efeito foi diametralmente oposto. Apesar de reconhecer as qualidades bélicas do soldado americano e enfatizar a sua lealdade a Eisenhower, Montgomery deixou implícito que havia combatido quase sozinho, com uma enorme contribuição britânica. Churchill e Brooke ficaram horrorizados e imediatamente “discutiram todos os males da entrevista de Monty à imprensa”.¹⁸ O primeiro-ministro declarou enfaticamente ao Parlamento que se tratou de uma batalha americana e a contribuição britânica havia sido mínima. Porém, o dano às relações entre os Aliados estava feito.

A aliança anglo-americana também sofreu durante esse período com os acontecimentos no sudeste da Europa e a determinação de Churchill em

preservar a Grécia do mando comunista. O colapso do poderio alemão na região, acelerado pelo avanço do Exército Vermelho em outubro na Romênia e na Hungria levou à guerra civil. A Grécia era outro exemplo da fusão da Segunda Guerra Mundial com uma latente terceira guerra mundial.

O sofrimento terrível causado pela ocupação com a fome e a quebra da economia levou à radicalização dramática de uma população que, antes da guerra, era socialmente conservadora. A mudança instintiva para a esquerda, muitas vezes sem uma inclinação ideológica clara, contribuiu para o amplo apoio ao EAM-ELAS. Embora liderado por comunistas, o EAM era repleto de contradições políticas que refletiam muitos pontos de vista divergentes, principalmente no que se referia às ideias de socialismo e liberdade. A reforma agrária e a emancipação feminina eram duas das questões mais ardentemente debatidas. A única base geral de acordo era que o sistema político tradicional, em especial a monarquia, era agora irrelevante diante dos problemas do país. Até os líderes comunistas estavam divididos e inseguros sem saber se seguiam uma rota democrática para o poder ou se deveriam se impor pela força das armas.

Vários meses depois do acordo “travesso” de Churchill, Stalin enviou uma missão militar à Grécia. Ela aconselhou o Partido Comunista Grego, o KKE, a “encarar a realidade geopolítica e cooperar com os britânicos”.¹⁹ Isto explica por que Stalin deve ter ocultado o seu deleite ao estudar o “acordo de porcentagem” de Churchill no seu escritório no Kremlin.

Apesar da advertência de Stalin, o sentimento antibritânico era forte no EAM-ELAS em virtude do apoio de Churchill ao rei Jorge II, que estava determinado a voltar à Grécia assim que os alemães partissem. No início do ano, oficiais da SOE britânica conseguiram negociar o fim da luta entre o EAM-ELAS e o EDES, não comunista. Assim, em abril de 1944 o EAM anunciou “eleições revolucionárias” na tentativa de obter uma espécie de legitimação governamental. Obviamente, as eleições asseguraram que só os candidatos do EAM podiam ganhar. George Papandreou rejeitou a abordagem do EAM para ser uma figura representativa, pois não queria ser um elemento decorativo em um movimento manipulado pelos comunistas. Em vez disso, tornou-se chefe do governo grego no exílio no Cairo. Outros políticos de centro-esquerda, porém, foram convencidos a participar.

O EAM-ELAS intensificou a repressão contra os que discordavam dele, retratando-os como traidores ou inimigos do povo. Muitos foram executados. Estimulado pelos alemães, o governo colaboracionista em Atenas havia recrutado Batalhões de Segurança para atacar o EAM-ELAS. O terror teve por resposta mais terror. Em Atenas, as guerrilhas urbanas do ELAS de um lado e os Batalhões de Segurança e a *Gendarmerie* do outro se enfrentaram em uma

guerra suja que explodiu em março. Muitos guerrilheiros do ELAS detidos foram enviados à Alemanha para trabalhos forçados. Os Batalhões de Segurança tentaram se reabilitar quando a partida dos alemães pareceu iminente. Os prisioneiros puderam escapar com mais frequência. Também foram enviadas mensagens ao Cairo para assegurar ao governo no exílio e aos britânicos que os Batalhões de Segurança não resistiriam à libertação do país e a apoiariam.

No início de setembro houve sondagens de paz com o EAM-ELAS, que as rejeitaram embora a maioria do povo quisesse o fim da violência. A luta nas ruas prosseguiu. As forças alemãs que permaneciam na Grécia temiam ser isoladas com o avanço do Exército Vermelho ao norte e as tropas não alemãs incorporadas à Wehrmacht desertaram em grandes números. A retirada começou no início de outubro e muitos dos piores colaboradores fugiram para o norte, para não serem massacrados pelas *andartes*, as guerrilhas gregas. O EAM-ELAS tentou impor a ordem onde pôde, ao menos para justificar o seu papel de governo à espera, mas as condições variavam enormemente segundo o local. Em 12 de outubro, os últimos alemães deixaram Atenas, depois de remover a bandeira da suástica que tremulava na Acrópole. Uma multidão alegre tomou as ruas quando uma imensa passeata do EAM-ELAS passou cantando “*Laokratia*” — “governo do povo”.

As tropas britânicas do 3º Corpo do tenente-general Ronald Scobie foram saudadas efusivamente ao chegarem pouco depois. Porém, a política britânica na Grécia estava parcialmente condicionada pelas simpatias monárquicas de Churchill, a ignorância da ocupação e a realidade política resultante e, principalmente, a intenção do primeiro-ministro de manter a Grécia longe da esfera de interesses soviética. George Papandreou, líder do governo de unidade nacional que a princípio incluiu alguns membros do EAM, nomeou direitistas notórios pela ligação com os Batalhões de Segurança para o governo. Churchill não estava disposto a fazer concessões, principalmente após o acordo com Stalin. Deu a Scobie, que não era um oficial com sensibilidade política, diretrizes rígidas sobre como reagir caso as tropas britânicas fossem atacadas. Em 2 de dezembro, membros do EAM no governo renunciaram em protesto contra a ordem de desarmar os *andartes*. O governo planejava formar uma Guarda Nacional e muitos membros seriam recrutados entre os odiados Batalhões de Segurança. Por nervosismo ou em resposta a tiros, a polícia disparou em um protesto público convocado pelo EAM no dia seguinte na Praça Syntagma. A esquerda alegou que era uma provocação deliberada para forçar a luta. As delegacias de polícia da cidade foram atacadas. As tropas britânicas não foram atingidas, mas Scobie enviou-as para proteger a cidade. Os atiradores do ELAS abriram fogo. A luta cresceu e, quando a situação ficou fora de controle,

os Beaufighters e Spitfires da RAF atacaram as posições do ELAS, um equívoco catastrófico. O ELAS iniciou um assassinato em massa de famílias “reacionárias” da cidade e tomou reféns em Atenas e Salônica.

Harold Macmillan, que ainda era ministro residente no Mediterrâneo, e Sir Rex Leeper, o embaixador britânico, convenceram Churchill de que o rei só devia ter permissão de voltar após um plebiscito. Relutantemente, o primeiro-ministro concordou com a sugestão da regência do arcebispo Damaskinos. Jorge, o rei dos helenos, ficou furioso, opondo-se à regência e à escolha de Damaskinos. A imprensa americana condenou abertamente a política britânica. Com a crença, muita vezes ingênua, de que os lutadores da resistência contra os alemães seriam amantes da liberdade, ela fazia vista grossa para a repressão assassina de Tito na Iugoslávia e para a violência de Stalin contra o Exército Nacional Polonês. Os jornalistas americanos começaram a atacar Churchill como um imperialista que ignorava a Carta do Atlântico sobre a autodeterminação. Em lugar dos 5 mil soldados britânicos inicialmente considerados necessários para restaurar a ordem na Grécia, foram enviados 80 mil para desarmar as forças *andarte*. O almirante King tentou vetar o uso de barcas de desembarque para levar mais homens da Itália para a Grécia.

Churchill também foi duramente criticado pela Câmara dos Comuns, mas a crença apaixonada de que só ele poderia salvar a Grécia do comunismo o fez voar para Atenas na noite de Natal. A cidade era uma zona de guerra, então ele se baseou a bordo do cruzador HMS *Ajax*, ancorado ao largo de Faliro. O arcebispo Damaskinos, um prelado alto e imponente paramentado com as vestes da Igreja Ortodoxa grega, subiu a bordo. Churchill, que tinha dúvidas a seu respeito, se encantou com ele ao conhecê-lo. No dia seguinte, Churchill, Anthony Eden, Macmillan e suas comitivas foram transportados em veículos anfíbios blindados com uma forte escolta até a embaixada britânica. Como observou um historiador, o prédio “lembrava um posto avançado sitiado na Revolta dos Sipais na Índia”, onde a mulher do embaixador “dirigia as operações domésticas com uma energia e coragem dignas de um drama imperial vitoriano”.²⁰

A conferência sobre o cessar-fogo começou naquela tarde no Ministério do Exterior grego. Damaskinos presidiu a reunião, com delegados das facções gregas e representantes americanos, franceses e soviéticos. Churchill abordou o coronel russo Gregori Popov e deixou absolutamente claro que semanas antes tivera conversas muito proveitosas com o generalíssimo Stalin. Popov não teve alternativa a não ser ficar devidamente impressionado.

A assembleia teve de esperar pelos representantes do ELAS, que se demoraram na entrada porque não queriam entregar as armas. No final, a única

pessoa armada na reunião era o primeiro-ministro, que levava uma pequena pistola no bolso. Churchill apertou as mãos dos “três bandidos esfarrapados”,²¹ como os descreveu depois. Abriu a reunião com a declaração de que só os gregos podiam decidir se o país seria uma monarquia ou uma república. Em seguida, ele e os demais estrangeiros deixaram a sala para que Damaskinos conduzisse a reunião.

No dia seguinte, Churchill soube que a conversa havia sido raivosa e até mesmo tumultuada. O ex-ditador general Nikolaos Plastiras em certo momento gritou para um dos representantes comunistas: “Sente-se, carnicheiro!” Damaskinos anunciou a renúncia de Papandreou como primeiro-ministro e sua substituição pelo general Plastiras, que também teve de renunciar quando se soube que havia se oferecido para liderar um governo colaboracionista durante a ocupação.

A luta em Atenas prosseguiu até o ano novo, quando os *andartes* deixaram a cidade, incapazes de prevalecer contra a grande força britânica. A instauração de um governo nada liberal estava longe de ser uma vitória gloriosa. A Guerra Civil Grega, com crueldades de ambos os lados, prosseguiu de um modo ou outro até 1949. A obstinada intervenção de Churchill ao menos livrou o país da sorte dos vizinhos do norte, que sofreram mais de quatro décadas de tirania comunista.

Por trás das linhas aliadas, a Bélgica também passava por sérias agitações. A alegria da libertação em setembro de 1944 azedou no outono com uma atmosfera de amargura e ressentimento.²² O governo no exílio chefiado por Hubert Pierlot regressou ao país e foi incapaz de lidar com os problemas nacionais. Meio milhão de belgas tinham sido levados para a Alemanha como trabalhadores forçados, e em consequência havia grande escassez de mão de obra. A produção de carvão havia diminuído para um décimo do total do pré-guerra, o que significava cortes constantes no fornecimento de energia. A rede ferroviária não funcionava, em parte devido ao bombardeio dos Aliados, mas também pela sabotagem alemã durante a retirada súbita.

A questão mais contenciosa era a prisão e punição de colaboradores e traidores. Os 90 mil membros da resistência belga estavam indignados com a incapacidade dos ministros, que haviam passado a guerra no exílio, de compreender a dura realidade da ocupação e a sua raiva de quem tinha se beneficiado dela. As autoridades militares aliadas estimaram que cerca de 400 mil pessoas haviam colaborado, mas só 60 mil foram presas. Muitas foram soltas no final do ano, e as que foram julgadas receberam penas notavelmente leves.

Eisenhower tentou restaurar a calma. Em 2 de outubro emitiu uma ordem em que, ao mesmo tempo que reconhecia a valentia dos membros da resistência, os instava a depor as armas. A parte comunista da resistência, o *Front de*

l'Indépendance, estava disposta a desafiar o governo. Pierlot advertiu o SHAEF que soubera de planos de uma revolta comunista e os ingleses rapidamente armaram a polícia belga. Em novembro, tropas britânicas foram enviadas a Bruxelas para proteger prédios vitais quando os comunistas organizaram uma grande manifestação com grevistas e gente trazida de outras partes.

O sofrimento dos civis belgas estava longe de acabar. Bombas V-1 e ataques de foguetes V-2 em Liège e, principalmente, na Antuérpia, mataram e feriram muitos. Naquele outono, nas principais áreas de luta, as famílias fugiram de suas casas, mas em dezembro, durante a ofensiva nas Ardenas, poucos tiveram tempo de escapar diante da rapidez do ataque alemão.

A Força-tarefa da *Leibstandarte* de Peiper não matou só prisioneiros americanos. Ela se vingou nos belgas, que ficaram muito satisfeitos ao ver os alemães partirem três meses antes. Na manhã após o massacre perto de Malmedy, as tropas de Peiper entraram em Stavelot e mataram nove civis, mas depois se viram bloqueadas por uma força americana no norte, enquanto parte da 30ª Divisão americana explodia a ponte na sua retaguarda.

As tropas *Waffen-SS* de Peiper que esperavam chegar ao Meuse descarregaram a sua fúria nas famílias ao redor. Nos dias seguintes, cerca de 130 homens, mulheres e crianças foram mortos em grupos familiares e em massacres maiores. No total, aproximadamente 3 mil civis morreram no combate nas Ardenas, muitos, é claro, em consequência do bombardeio aliado.²³ Além dos 37 soldados americanos mortos em Malmedy porque a 9ª Força Aérea atingira o alvo errado, 202 civis foram mortos. Os que ficaram presos em St. Vith, Houffalize, Sainlez, La Roche e outras cidades e aldeias tentaram se esconder em porões, mas as casas ruíram em cima deles ou foram queimados pelas bombas e granadas de fósforo. Menos de vinte morreram em Bastogne com as bombas alemãs. Ao menos a cidade não foi alvo do poderio aéreo aliado.

As tropas alemãs saquearam sem remorso, mas as tropas aliadas não foram muito melhores. Algumas vezes isso se justificava, quando os soldados estavam cercados sem ração, ou quando tomavam cobertores para se aquecer ou lençóis para fazer camuflagem na neve. Mas na maioria das vezes tratava-se do oportunismo cínico da guerra. Os danos às casas e comunidades foram muito piores. A cidade de S. Vith ficou completamente destruída, e os sobreviventes, como os de outras muitas cidades, foram deixados sem nada.

A Ofensiva das Ardenas foi uma derrota considerável para os alemães. Eles perderam todos os tanques e canhões e tiveram muitíssimas baixas, com 12.652 mortos, 38.600 feridos e 30 mil desaparecidos em ação, dos quais a maior parte foi feita prisioneira. Na batalha de atrito, os americanos perderam 10.276 homens mortos, 47.493 feridos e 23.218 desaparecidos.

O sofrimento dos belgas foi enorme, mas a maioria dos holandeses viveu coisas ainda piores. Até os que estavam por trás das linhas aliadas passaram fome, como os soldados canadenses, britânicos e americanos descobriram ao se depararem com gente mendigando ou oferecendo sexo em troca de comida. A situação piorou com a inundação das terras aráveis, quando os diques foram destruídos como medida defensiva.

Os holandeses ao norte do rio Maas ficaram sob o controle alemão até o fim da guerra, nas garras da fome exacerbada pelos ocupantes. Quando os ferroviários entraram em greve para ajudar os Aliados na época da Operação Market Garden, Arthur Seyss-Inquart, o austríaco que chefiava o Comissariado do Reich na Holanda, suspendeu a importação de alimentos em represália. A população foi obrigada a comer bulbos de tulipas e as beterrabas que os alemães não haviam levado. As crianças ficaram paralisadas pelo raquitismo e a desnutrição expunha todos às doenças, principalmente tifo e difteria. Seyss-Inquart granjeara a reputação de cruel na Polônia, antes de chegar aos Países Baixos pouco depois da conquista, em maio de 1940. Depois da Grécia, os Países Baixos foram os mais amplamente saqueados na Europa Ocidental.²⁴ Já em outubro de 1944 ficara claro que o desastre criado pelo homem havia se instalado.

O governo holandês no exílio procurou Churchill rogando que a Suécia fosse autorizada a enviar alimentos, mas o primeiro-ministro se opôs firmemente. Ele acreditava que os alemães simplesmente confiscariam os alimentos para si. Tanto Eisenhower quanto os chefes de Estados-Maiores britânicos acharam que deveriam correr o risco, e no inverno os suecos enviaram 20 mil toneladas de alimentos a Amsterdã por via marítima. O esforço manteve vivos gente que, de outro modo, teria morrido de fome, mas só resolveu superficialmente o problema. Os chefes de Estados-Maiores britânicos, apesar de solidários, não estavam dispostos a deixar de minar a costa alemã e abrir passagem pelo canal de Kiel.

A rainha Guilhermina, desesperada para ajudar o seu povo esfomeado, tentou influenciar Roosevelt e Churchill. Solicitou que a estratégia aliada fosse mudada para evitar um desastre humano colossal, e que invadissem o norte do país em vez de se concentrarem no Ruhr. Porém, como as grandes forças alemãs provavelmente lutariam até o fim e quase certamente inundariam uma parte ainda maior do país, foi decidido que isto atrasaria a derrota alemã.

Por fim, em abril de 1945, Churchill ficou suficientemente alarmado com os informes sobre a radicalização da população holandesa sob a influência comunista e pressionou por um resgate total. Os alemães seriam avisados de que qualquer tentativa de impedir ou desviar os suprimentos alimentícios enviados

por mar ou de paraquedas no norte do país seria considerada crime de guerra. Roosevelt concordou, dois dias antes de morrer. Porém, quando a ajuda chegou, pelo menos 22 mil holandeses já tinham morrido de fome. O número provavelmente foi muito maior se considerarmos a falta de imunidade a doenças.

Aquele inverno de nevascas, geadas e trincheiras inundadas também foi terrível para as tropas aliadas, embora não passassem fome. A exposição à intempérie e o “pé de trincheira” foram responsáveis por tantas baixas quanto a ação inimiga. O I Exército canadense, depois da experiência tremenda varrendo de inimigos o estuário do Scheldt, se deparou com o inverno junto ao Maas, igualmente desagradável e fatal, com os alemães defendendo diques com entre três e quatro metros de altura. “Para os canadenses no ataque, a única solução era cruzar os campos inundados entre os diques ‘chatos como a cerveja local’, como observou um artilheiro fã de trocadilhos. Realmente, lá não havia nenhuma proteção.”²⁵

As unidades canadenses estavam perigosamente desfalcadas, pois o governo de Mackenzie King não se atrevia a enviar soldados ao estrangeiro para lutar contra a sua vontade. O equivalente a cinco divisões permaneceu no Canadá vigiando prisioneiros de guerra. Obviamente, isto provocou ressentimentos entre os voluntários canadenses que tremeram de frio no inverno de lama e piolhos, o mais úmido desde 1864. Encharcados, os uniformes e equipamentos nunca secavam, e os coturnos simplesmente apodreciam. As condições de vida eram inenarravelmente imundas, pois os exércitos estacionários sujavam os próprios abrigos e o campo ao redor.

O moral das tropas britânicas também estava baixo, em parte pelo cansaço, o cinismo e o desejo de não ser morto quando o fim estava à vista. A deserção tornou-se um grande problema, com cerca de 20 mil homens ausentes das suas unidades. Persuadi-los a atacar era cada vez mais difícil, especialmente diante do I Exército de Paraquedistas de Student, que lutava com tanto profissionalismo e agressividade. Os oficiais de altos postos estavam cientes dos seus problemas de pessoal que, embora não fosse agudo como nas formações canadenses, era bastante sério. Os americanos desdenhavam da relutância britânica em sofrer baixas, ao passo que os britânicos, assim como os alemães, criticavam os americanos por se recusarem a atacar sem antes disparar uma enormidade de granadas. Mas a infantaria britânica tampouco queria progredir sem o pesado apoio da artilharia. Na verdade, quanto mais a guerra se alongava, mais os Aliados no oeste e no leste desenvolviam uma “dependência psicológica da artilharia e do poder aéreo”.²⁶

Do Vístula ao Oder

JANEIRO-FEVEIREIRO DE 1945

Fosse na França em 1940, fosse na União Soviética um ano depois, nos primeiros anos da guerra muitos soldados alemães escreviam para casa: “Graças a Deus a guerra não está destruindo a nossa pátria.”¹ Em janeiro de 1945 estava absolutamente claro que o ataque furioso da Wehrmacht a outros países estava a ponto de se repetir em casa. Hitler não levantou os ânimos com seu comunicado de Ano-Novo. Não mencionou as Ardenas, o que indicava que a grande ofensiva fracassara. Pouco foi dito sobre as *Wunderwaffen* (armas maravilhosas), a dieta básica das tentativas nazistas de manter a esperança apesar da realidade. O discurso de Hitler foi tão monótono que muitos pensaram que havia sido gravado com antecedência e até que era falso. Privados de notícias confiáveis, os rumores sobre os desastres aumentaram.

Embora Guderian, o chefe maior do Exército, tenha tentado alertar Hitler para a explosão iminente do front oriental ao longo do Vístula e até a Prússia Oriental, o Führer não lhe deu ouvidos. Descartou as informações da inteligência sobre a força soviética, que daquela vez eram precisas. Do Báltico ao Adriático, o Exército Vermelho mobilizou 6,7 milhões de homens, mais que o dobro das forças do Eixo na Operação Barbarossa.

A preocupação mais imediata de Hitler eram os fronts de Budapeste e do lago Balaton. Mesmo com a ameaça no leste, todas as reuniões sobre a situação no seu quartel-general começavam com a Hungria. A Terceira Frente Ucraniana de Tolbukhin, fortemente pressionada por Stalin, lançou leva após leva de homens contra as defesas ao sul de Budapeste. Pela força das armas, Stalin estava determinado a tornar redundante a proposta de Churchill em outubro para compartilharem a influência na Hungria em 50% - 50%.

Um oficial húngaro descreveu os soldados soviéticos mortos cortados em um emaranhado de arame farpado. Um deles continuava vivo. “O jovem soldado, de cabeça raspada e feições mongóis, está deitado de costas. Só a sua boca se move.

Faltam-lhe as pernas e os antebraços. Os cotocos estão cobertos por uma grossa camada de lama misturada com sangue e folhas. Agacho-me perto dele. ‘Budapeste... Budapeste’ sussurra às portas da morte. Um pensamento me vem à mente: ele pode estar tendo uma visão de ‘Budapeste’, como uma cidade de ricos butins e belas mulheres. Então, surpreso até comigo mesmo, saco a pistola, carrego-a, encosto a boca do cano na sua têmpora e disparo.”² Apesar das baixas incontáveis que causavam, alemães e húngaros sabiam que seriam incapazes de impedir a inundação inimiga.

Szálasi, o ditador da Cruz de Flechas que substituiu o almirante Horthy, queria recuar e declarar Budapeste uma cidade aberta, mas Hitler, que nunca desejou abandonar uma capital, fincou o pé para que fosse defendida até o fim. Contudo, a principal preocupação de Szálasi não era tanto salvar a cidade, mas evitar levar uma facada nas costas pela população desleal. O comandante alemão, o coronel-general Hans Friessner, que compartilhava essa preocupação, convocou um especialista em contrassubversão, o *Obergruppenführer* da SS Karl Pfeffer-Wildenbruch. O Estado-Maior húngaro não foi consultado, apesar dos acordos prévios, e foi desconsiderado de maneira insultante.

O enviado especial de Hitler, Edmund Veessenmayer, insistiu na ordem do Führer de que Budapeste fosse defendida até o último tijolo. Não importa, disse, que a cidade seja “destruída dez vezes, contanto que assim seja possível defender Viena”.³ No entanto, Friessner queria recuar de Peste, na margem plana do Danúbio, para defender Buda, na margem oeste, com suas colinas e fortalezas. Hitler rejeitou firmemente o plano. Substituiu Friessner pelo general de blindados Hermann Balck.

Muitos cidadãos em Budapeste não sabiam que a cidade corria tanto perigo. A rádio Budapeste transmitira canções natalinas na semana anterior como se nada estivesse acontecendo. As árvores de Natal foram decoradas com tiras de papel alumínio das “janelas” despejadas pelos bombardeiros aliados, e os teatros e cinemas prosseguiram com a programação de sempre. Em 26 de dezembro de 1944, Budapeste foi cercada. Forças da Terceira Frente Ucraniana também chegaram além do lago Balaton pelo sudoeste e à cidade de Esztergom, pelo noroeste. Em conjunto, 79 mil combatentes alemães e húngaros foram encurralados nas cidades gêmeas de Buda, na margem oeste do Danúbio, e Peste, na margem leste. As formações alemãs incluíam as Divisões de Cavalaria SS 8ª *Florian Geyer* e 22ª *Maria Theresia*, a Divisão de Granadeiros Panzer *Feldherrnhalle*, a 13ª Divisão Panzer e muitos remanescentes, incluindo até uma unidade de punições, o 500º *Strafbataillon*.

No dia de Natal, Hitler reagiu à crise. Os campos petrolíferos húngaros eram a sua última fonte de combustível. Para o desespero de Guderian, ele ordenou que

o 4º Corpo Panzer e as divisões *Totenkopf* e *Wiking* fossem trazidos do norte de Varsóvia para romper o cerco.

Em Peste, o caos se instalou assim que a luta começou nos subúrbios. Milhares de civis tentaram fugir antes que fosse tarde, e muitos foram atingidos pelo fogo cruzado. Para os 50 mil judeus que ainda viviam em Budapeste, a chegada do Exército Vermelho prometia a salvação, mas poucos sobreviveriam, embora Adolf Eichmann tivesse fugido da cidade em 23 de dezembro. Não havia mantimentos estocados para a população civil. Em pouco tempo havia gente mendigando nas cozinhas de campanha do exército. Não havia água, gás nem eletricidade. A falta de água causou uma imundície perigosa, com o entupimento dos esgotos.

Os estudantes húngaros e todos os meninos em idade escolar se apresentaram como voluntários ou foram recrutados por unidades improvisadas, tais como o Batalhão de Assalto Universitário. Porém, tinham poucas armas além dos rojões Panzerfaust disparados por fuzis. A maioria detestava a fascista Cruz de Flechas e muitos dos seus membros haviam fugido, mas não suportavam a ideia de que a cidade pudesse cair nas mãos dos bolcheviques. Ao mesmo tempo, um número cada vez maior de oficiais e soldados do exército húngaro começou a passar para o lado soviético. Muitos foram incorporados às companhias do Exército Vermelho, e em um caso um batalhão inteiro lutou com os soviéticos. Para identificá-los como aliados, receberam braçadeiras e faixas para os capacetes feitas com tiras de seda vermelha dos paraquedas retirados dos cunhetes alemães de munições.

Embora muitos da Cruz de Flechas tenham fugido da cidade antes do cerco, 2 mil paramilitares fanáticos permaneceram. Estes voluntários pareciam passar mais tempo matando os judeus que restavam na cidade do que lutando contra o inimigo. Surpreendentemente, o *Obergruppenführer* da SS Pfeffer-Wildenbruch proibiu os soldados alemães de participarem das matanças, embora outros oficiais alemães de altos postos tenham visto com bons olhos o fato de os húngaros se encarregarem da tarefa com um entusiasmo brutal. Um número cada vez maior de judeus famintos optou pelo suicídio. Na primeira semana de janeiro de 1945 a Cruz de Flechas sequestrou judeus sob a proteção sueca pretextando que, como o governo sueco não reconhecia o regime de Szálasi, eles não aceitavam documentos expedidos em seu nome. A Cruz de Flechas arrebanhava judeus, espancava-os até desmaiarem e depois os executava às margens do Danúbio.



Em 14 de janeiro, o padre Kun levou uma gangue de membros da Cruz de Flechas ao hospital judeu em Buda. Assassinararam pacientes, enfermeiras e todos os que estavam lá, 170 pessoas no total. Fizeram outros massacres, inclusive de oficiais húngaros que se opuseram a eles. Supostamente, membros da gangue do padre Kun estupraram freiras.

Ao saber o plano da Cruz de Flechas de atacar o gueto em Peste, Raoul Wallenberg enviou uma mensagem ao major-general Gerhard Schmidhuber, o comandante alemão, avisando que ele seria considerado responsável caso não

impedisse o massacre. Este enviou tropas da Wehrmacht ao gueto e se antecipou à Cruz de Flechas. Poucos dias depois, o gueto foi tomado pelo Exército Vermelho.

Em 30 de dezembro, depois da rejeição às tentativas soviéticas de obter a rendição, a ofensiva de Malinovsky contra Budapeste começou de verdade, com uma barragem de artilharia de três dias e bombardeios pesados. Nos porões da cidade, repletos de civis, a condensação pingava do teto e escorria pelas paredes. Pfeffer-Wildenbruch recusou apelos para a evacuação deles de ônibus. Nas duas semanas seguintes, com expressiva superioridade em efetivos, as tropas soviéticas forçaram os defensores alemães e húngaros, que estavam ficando sem munição, em direção ao Danúbio. O quartel-general do 4º Corpo SS de Montanha no castelo em Buda enviava mensagens cada vez mais insistentes exigindo suprimentos, mas muitas vezes os fardos despejados de paraquedas caíam fora das linhas. Os que continham mantimentos eram saqueados pelos civis esfomeados, apesar das ameaças de execução sumária.

Ao ver que Peste podia ser ocupada em questão de dias, Malinovsky despachou o 7º Corpo de Exército romeno para o norte do front húngaro. Queria que a tomada de Budapeste fosse uma vitória exclusivamente soviética. Em 17 de janeiro lançou o ataque final às margens do Danúbio. Em pouco tempo, grande parte do oeste de Peste ao longo daquele rio estava em chamas, e as labaredas que saíam pelos prédios chamuscavam quem corria pelas ruas. A maior parte das unidades húngaras relutava em recuar pelo rio e morrer defendendo Buda, por isso um número cada vez maior de soldados se escondia nos poucos lugares que não haviam sido incendiados para se render ao Exército Vermelho. Até mesmo os oficiais desobedeceram às ordens.

Os Shturmoviks soviéticos atacaram a retirada confusa nos destroços das pontes Chain e Erzsébet. “As pontes ficaram sob fogo constante”, registrou um cavalariano da SS, “mas as pessoas iam em frente mesmo assim. Uma massa confusa de carros e caminhões, carroças cobertas com panos, cavalos assustados, refugiados civis, mulheres lamentando-se, mães com filhos aos prantos e muitos, muitos feridos fugia para Buda.”⁴ Os civis que estavam nas pontes foram mortos com as explosões quando as tropas soviéticas se aproximaram. Também morreu um membro da resistência húngara que tentava remover as cargas explosivas da ponte Erzsébet.

No final de dezembro, o 4º Corpo Panzer da SS estava pronto para ser desdobrado na frente do Danúbio. O seu ataque súbito na noite de Ano- -Novo atingiu o IV Exército de Guardas e quase penetrou em sua linha. Uma semana

depois, o 3º Corpo Panzer lançou outro ataque ao sul, que foi renovado em 18 de janeiro, com o 4º Corpo Panzer da SS, que se desengajara do norte de Budapeste para se juntar ao 3º. Pela primeira vez, os tanques alemães experimentaram visores infravermelhos. Porém, mais uma vez, após o êxito inicial com os ataques, o avanço dos panzers foi bloqueado quando Malinowsky rapidamente moveu seis corpos da Segunda Frente Ucraniana para enfrentá-los.

O bem menor setor de Buda, coberto de neve escurecida pelo tiroteio que cruzava o rio, era mais fácil de defender. Os ataques soviéticos nas colinas íngremes eram repelidos e houve muitas baixas causadas pelas metralhadoras MG-42 concentradas em pontos-chave. Além das unidades regulares, como a 8ª Cavalaria da SS e remanescentes da *Feldherrnhalle*, havia os voluntários locais, como o Batalhão Vannay e o Batalhão de Assalto Universitário, que conhecia o terreno melhor do que ninguém. As margens do Danúbio, abaixo da Colina do Castelo, estavam defendidas pelos sobreviventes da 1ª Divisão Blindada húngara, que não esperavam que os soviéticos atacassem pelo gelo fino crivado de buracos causados pelas granadas. Porém, em pouco tempo geadas mais fortes permitiram cruzá-lo, ao menos pelos pequenos grupos de desertores húngaros de Buda que fugiam na direção contrária para se renderem aos soviéticos em Peste.

No final de janeiro, os ataques soviéticos se intensificaram, com tanques lança-chamas e destacamentos de assalto. As perdas alemãs e húngaras cresceram criticamente e os feridos foram apinhados em hospitais improvisados, cujas condições eram alarmantes. Alguns eram depositados nos corredores dos postos de comando. Quando um jovem soldado passava por um destes corredores para entregar uma mensagem alguém puxou o seu casaco. Ele olhou para baixo: “Era uma garota de uns 18 ou 20 anos de cabelos claros e rosto bonito. Ela me suplicou sussurrando: ‘pegue a sua pistola e atire em mim’. Olhei-a de perto e percebi horrorizado [...] ela estava sem as pernas.”⁵

Mesmo depois do fracasso das tentativas de libertação, Hitler continuava proibindo a menção à retirada. Budapeste seria defendida até o fim. O Grupo de Exércitos do Sul, como Manstein após o fracasso em resgatar Stalingrado, sabia que Budapeste estava condenada. Até o dia 5 de fevereiro, planadores alemães pilotados por adolescentes voluntários do NSFK (O Corpo Aéreo Nacional-Socialista) faziam aterrissagens forçadas nos prados de Vérmező para entregar munição, combustível e mantimentos. Mas não era suficiente. Os tanques soviéticos esmagavam com suas lagartas as peças da artilharia abandonadas sem munição. Com os refugiados, cerca de 300 mil pessoas se apinharam no último bastião da Colina do Castelo. Os animais da cavalaria haviam sido comidos e a fome era generalizada, bem como os piolhos, e o primeiro surto de tifo causou

muita preocupação. Em 3 de fevereiro, após um pedido do núncio papal para que pusessem fim ao sofrimento, o *Obergruppenführer* Pfeffer-Wildenbruch enviou uma mensagem ao quartel-general do Führer pedindo permissão para fazer a retirada. Ele foi recusado naquele dia e dois dias depois.

Guiadas pelos desertores húngaros ou por membros da resistência, as tropas soviéticas começaram a evacuar algumas guarnições encurraladas na Colina do Castelo. Em 11 de fevereiro apareceram as primeiras bandeiras brancas. Em alguns locais, as tropas húngaras desarmaram os alemães que seguiam lutando. Ao chegar a noite, a resistência parecia ter cessado. Mas Pfeffer-Wildenbruch, desafiando as ordens de Hitler, se decidira pela retirada. Com os remanescentes da 13ª Divisão Panzer e da 8ª Divisão de Cavalaria da SS *Florian Geyer* na primeira leva, e a *Feldherrnhalle* e a 22ª Cavalaria SS na segunda, tentariam romper naquela noite em direção ao noroeste com os veículos restantes. Ele se comunicou por rádio com o Grupo de Exércitos do Sul e solicitou um ataque na sua direção. Porém, os comandantes do Exército Vermelho haviam previsto a tentativa e adivinharam a rota que provavelmente seguiriam. Foi o mais terrível massacre de tropas e civis. No caos, milhares conseguiram escapar para as montanhas ao norte da cidade, mas a maioria foi cercada. As tropas soviéticas atiravam nos alemães e poupavam os húngaros. Cerca de 28 mil soldados participaram na retirada de Buda. Pouco mais de setecentos chegaram às linhas alemãs.

Em 12 de fevereiro, caiu um silêncio de morte na cidade, pontuado por raros disparos e estalos de incêndios. O escritor Sándor Márai emergiu, perambulou por Buda, e se assombrou com o que viu. “Algumas ruas é preciso adivinhá-las”, escreveu em seu diário. “Esta era a casa na esquina do Café Flórián, esta é a rua onde vivi — não resta nada do prédio — aquele monte de escombros na esquina da rua Satisztika com o Boulevard Margit era um prédio de cinco andares com muitos cafés até alguns dias atrás.”⁵

No embate, os soldados do Exército Vermelho dispararam em alemães feridos — alguns foram arrastados e esmagados pelos tanques — e nos membros da SS e auxiliares *Hiwi*, erroneamente classificados como *vlasovtsy*. Quem estivesse vestindo o uniforme alemão e não respondesse na língua germânica também podia levar um tiro. Poucos combatentes húngaros foram mortos. Quase todos os homens, até os comunistas que haviam lutado com a resistência contra a Cruz de Flechas, foram presos para fazer trabalhos forçados. O príncipe Pál Esterházy foi obrigado a enterrar cavalos mortos em Peste.

O NKVD e o SMERSH exibiam uma paranoia stalinista absoluta e suspeitavam que qualquer um com contatos com estrangeiros fosse espião, incluindo os sionistas. Raoul Wallenberg foi preso em 19 de janeiro com o

patologista forense Ferenc Orsós, que havia sido um dos observadores internacionais junto aos alemães quando estes desenterraram os corpos poloneses na floresta de Katyń. Supõe-se que Wallenberg também vira o relatório de Katyń e era suspeito de ter contato próximo com os serviços de inteligência britânico, americano e outros.⁷ Ele foi preso pelo SMERSH e executado em julho de 1947.

Os saques ocorreram em escala épica, de modo individual e também com o respaldo do Estado. Foram confiscadas coleções de arte, inclusive as mais famosas, de propriedade de judeus. Até as embaixadas de países neutros foram saqueadas e os seus cofres arrombados. Nas ruas, os civis eram parados à ponta de fuzil e tinham relógios, carteiras e documentos roubados. Todos os judeus sobreviventes foram assaltados, assim como os não judeus. Alguns soldados empurravam pelas ruas o fruto dos saques em carrinhos de bebê.

Embora as tropas soviéticas fossem mais complacentes com os soldados húngaros que com os alemães, não tiveram piedade das mulheres húngaras quando Malinovsky lhes deu liberdade na capital para comemorar a vitória. “Estão estuprando mulheres em muitas partes”, escreveu em seu diário um menino de 15 anos. “As mulheres se escondem onde podem.”⁸ As enfermeiras nos hospitais improvisados foram estupradas e apunhaladas. As estudantes universitárias foram as primeiras vítimas. Segundo alguns relatos, as mulheres mais atraentes eram encarceradas por umas duas semanas e forçadas a servir como prostitutas. O bispo József Grósz ouviu que “70% das mulheres, meninas de 12 anos e mães no nono mês de gravidez [foram] estupradas”.⁹ Relatos mais confiáveis estabeleceram a proporção em 10%.

Os comunistas húngaros apelaram ao Exército Vermelho descrevendo o “ódio desenfreado e louco” que os seus camaradas haviam sofrido. “Mães foram estupradas diante dos filhos e do marido por soldados embriagados. Meninas de 12 anos foram arrastadas para longe dos pais e violentadas por 10 a 15 soldados e muitas vezes infectadas com doenças venéreas. Depois do primeiro, outros grupos chegavam e seguiam o seu exemplo [...] diversos camaradas perderam as vidas tentando proteger esposas e filhas.”¹⁰ Até Mátyás Rákosi, secretário-geral do Partido Comunista Húngaro, apelou às autoridades soviéticas, mas em vão. Porém, nem todos os soldados do Exército Vermelho eram estupradores. Alguns trataram as famílias, e especialmente as crianças, com muita gentileza.

Quase todas as cidades sofreram, ainda que não na mesma escala de Budapeste. No IX Exército de Guardas, os soldados se queixavam de que o eixo de avanço não oferecia “mulheres nem butins”, registrou um oficial de

morteiros, que descreveu os seus homens como “caras tremendamente valentes, mas também incrivelmente canalhas”. “Rapidamente apareceu uma solução”, escreveu. “Em turnos, um quarto dos soldados era enviado a Mór, onde assaltavam as casas e mulheres que não conseguiram fugir nem se esconder. Tinham uma hora para isto. Depois vinha o próximo grupo, que usava mulheres de 14 a 50 anos. Faziam um *pogrom* completo nas casas, atiravam tudo no chão, quebravam e esmagavam e procuravam relógios de pulso ou de bolso. Ao encontrarem vinho, claro que bebiam. Havia muitas adegas em Mór, mas quando entramos na cidade todas estavam vazias, com os barris esvaçados e o vinho derramado pelo piso. Foi lá que encontramos dois soldados que haviam se afogado em vinho.”¹¹

As comemorações também ocorriam em um plano mais refinado. O marechal de campo Alexander, que havia voado a Belgrado para se reunir com Tito, foi à Hungria para encontrar o marechal Tolbukhin, comandante da Terceira Frente Ucraniana. O grande e idoso Tolbukhin o recebeu com um lauto banquete e chegou a providenciar uma enfermeira do Exército Vermelho para dormir com ele. Alexander, contudo, escreveu: “não achei aquilo correto e ela passou a noite do lado de fora da porta.”¹² Pouco antes do jantar, quando Alexander e Tolbukhin estavam a sós, o velho marechal examinou as condecorações de Alexander. Entre elas, viu a ordem do tsar de Santa Ana com espadas cruzadas, outorgada quando Alexander serviu como oficial de ligação na frente leste na Primeira Guerra Mundial. “Também recebi uma”, Tolbukhin suspirou ao tocá-la, “mas não tenho autorização para usá-la.”

Tolbukhin estava claramente relaxado, considerando-se que o VI Exército Panzer da SS, transferido das Ardenas, acabara de chegar à Hungria. Viera tarde demais para ajudar os defensores de Budapeste, mas ainda assim Hitler ordenou que entrassem em ação em 13 de fevereiro de 1945, na Operação *Frühlingserwachen*, ou Despertar da Primavera. Ele jamais pretendeu salvar a guarnição, só reforçá-la e defender os campos petrolíferos húngaros junto ao lago Balaton. O contra-ataque fracassou. Ao saber que as divisões *Waffen-SS* haviam recuado sem instruções, Hitler ficou tão irado que enviou Himmler para arrancar os distintivos divisionários de braço, inclusive da *Leibstandarte Adolf Hitler*. Foi uma punição humilhante. “A sua missão na Hungria não lhe granjeou muito simpatia entre a *Waffen-SS*”,¹³ comentou Guderian, regozijando-se com a desgraça alheia.

Himmler foi um dos que, no entourage de Hitler, descartaram os alertas de Guderian sobre a ofensiva soviética massiva na Polônia como “um grande blefe”. A previsão do chefe do Estado-Maior se cumpriu na segunda semana de janeiro. Aos Aliados, Stalin alegou que antecipara a data para ajudar a livrar os

americanos dos problemas nas Ardenas, mas isto não era verdade. No Natal, a luta já era definitivamente favorável aos Aliados. Os motivos de Stalin eram mais pragmáticos. O Exército Vermelho precisava do solo duro de gelo para atravessar as formações de tanques, e os meteorologistas avisaram ao Stavka que no final de janeiro haveria “chuva forte e neve úmida”.¹⁴ Ele tinha outra razão mais sinistra para antecipar a data. Queria o controle total da Polônia antes do encontro dos Aliados em Yalta, no início de fevereiro, três semanas depois.

Ao longo do Vístula, prontos para o ataque, estavam a Primeira Frente Bielorrussa, agora comandada pelo marechal Jukov e a Primeira Frente Ucraniana, comandada pelo marechal Konev. Rokossovsky se aborreceu ao ser substituído por Jukov, mas Stalin não queria que ele, um polonês, tivesse a glória de tomar Berlim. Rokossovsky recebeu a Segunda Frente Bielorrussa para atacar a Prússia Oriental pelo sul, enquanto a Terceira Frente Bielorrussa do general Chernyakhovsky invadia pelo flanco leste.

Em 12 de janeiro, a artilharia pesada de Konev, com trezentos canhões por quilômetro, iniciou um bombardeio devastador. Seus III e IV Exércitos Blindados de Guardas, com T-34 e tanques Stalin pesados, avançaram da cabeça de ponte de Sanodmierz a oeste do Vístula e rumaram para Cracóvia e Breslau, no rio Oder. Stalin dissera a Konev que queria a Silésia capturada sem muita destruição das suas minas e indústrias. Em 13 de janeiro, Chernyakhovsky lançou o ataque à Prússia Oriental. No dia seguinte, Rokossovsky avançou das cabeças de ponte ao norte do rio Narew. O ataque de Jukov também começou em 14 de janeiro.

Uma vez penetradas as linhas alemãs, a principal barreira para as forças de Jukov era o rio Pilica. Todos os comandantes sabiam que a rapidez era essencial para não dar aos alemães tempo para se recuperar. Um coronel que comandava uma brigada blindada de guardas se recusou a esperar a chegada do equipamento para montar pontes. Pensando que o rio não era profundo naquele ponto, simplesmente ordenou que os tanques destruíssem o gelo com disparos de seus canhões e atravessassem pelo leito do rio, uma experiência aterrorizante para os motoristas. À direita de Jukov, o XLVII Exército cercou as ruínas de Varsóvia, enquanto o I Exército Polonês entrava nos subúrbios.

Hitler ficou possesso quando a fraca guarnição alemã se rendeu. Viu naquilo outra prova de traição no Estado-Maior, e três oficiais foram levados ao quartel-general da Gestapo. Até Guderian foi submetido aos interrogatórios de Kaltenbrunner. Hitler regressou do quartel-general do Führer para Berlim em Ziegenberg para dirigir seus exércitos, com resultados previsivelmente desastrosos. Ele nunca permitia que um general recuasse e, com a celeridade do avanço soviético e o colapso das comunicações alemãs, as informações em que

baseou as suas decisões não mais eram acuradas. As suas ordens chegavam à frente com 24 horas de atraso.

Hitler também interveio sem informar Guderian. Decidiu transferir o Corpo *Grossdeutschland* da Prússia Oriental para apoiar a frente do Vístula, mas o tempo necessário para mobilizá-lo significou que a formação poderosa ficou fora de combate por vários dias vitais. Para frustração de Guderian, Hitler continuava se recusando a trazer as divisões encurraladas na península da Curlândia para reforçar o Reich. O mesmo se aplicava às vastas e desnecessárias tropas estacionadas na Noruega. Do ponto de vista de Guderian, o pior de tudo foi a decisão de Hitler de transferir o VI Exército Panzer para a frente húngara.

Chernyakovsky descobriu que as defesas alemãs na linha Insterburg, na Prússia Oriental, eram muito mais fortes do que pensava. Em uma esperta manobra, ele então recuou o XI Exército de Guardas, deu a volta com ele por trás dos outros três exércitos e o lançou contra o flanco norte, que estava menos defendido. Combinado a um ataque do XLIII Exército pelo rio Niemen, perto de Tilsit, o rompimento provocou pânico na retaguarda alemã.

Os exércitos de Rokossovky que vinham do sul objetivavam o delta do Vístula para isolar por completo a Prússia Oriental. Em 20 de janeiro, o Stavka subitamente ordenou que atacasse também em direção ao nordeste, para apoiar Chernyakovsky. Menos de dois dias depois, o 3º Corpo de Cavalaria de Guardas no flanco direito entrou na cidade de Allenstein e, no dia seguinte, os carros de combate do V Exército Blindado de Guardas do coronel-general Vasily Volsky rodearam Elbing e chegaram à costa do Frisches Haff, a comprida lagoa congelada separada do Báltico por um banco de areia. A Prússia Oriental estava quase totalmente isolada. Logo a oeste do estuário do Vístula ficava o campo de concentração de Stutthof. Os guardas do campo, aterrorizados com a aproximação do Exército Vermelho, mataram 3 mil judeus a tiros ou forçando-as a avançar pelo gelo fino até caírem nas águas congeladas.

Erich Koch, o *Gauleiter* da Prússia Oriental, continuava recusando-se a permitir a evacuação de civis. Eles haviam ouvido as barragens da artilharia a distância no começo da ofensiva soviética, mas a autorização para deixar a cidade foi negada pelos chefões locais do Partido Nazista. Na maior parte dos casos os oficiais fugiram, abandonando a população à sua sina. Os soldados alemães em retirada davam o alerta nas fazendas e aldeias, instando todos a partir rapidamente. Alguns, principalmente os muito velhos, que não aceitavam deixar as suas casas, decidiram ficar. Como quase todos os homens haviam sido arrastados para o *Volkssturm*, as mães tiveram de preparar as carroças, talvez até ajudadas por um prisioneiro de guerra francês que trabalhasse para elas, e carregá-las com cobertores e comida para si e os filhos. Os “viajantes”, como

eram chamados, começaram a cruzar o campo coberto de neve enfrentando temperaturas que chegavam a menos 20° centígrados.

Os refugiados da capital de Königsberg pensavam ter escapado sãos e salvos de trem, mas ao chegarem a Allenstein foram puxados para fora dos vagões pelos soldados do 3º Corpo de Cavalaria de Guardas, deliciada em encontrar aquela fonte de butins e mulheres. Quase todos os que tentaram fugir pelas estradas foram alcançados pelas tropas soviéticas. Alguns foram simplesmente esmagados dentro das carroças pelas lagartas dos tanques. Outros tiveram sorte ainda pior.

Leonid Rabichev, um tenente de comunicações do XXXI Exército, descreveu as cenas por trás de Goldap. “As estradas estavam repletas de velhos, mulheres e crianças, famílias numerosas que avançavam lentamente para o oeste em carroças, em veículos ou a pé. As nossas tropas de blindados, infantaria, artilharia e comunicações os alcançaram e abriram caminho empurrando cavalos, carroças e pertences para as valas que ladeavam a estrada. Depois, milhares deles forçaram as velhas e as crianças para um lado. Esquecendo-se da honra e do seu dever e esquecendo-se das unidades alemães em retirada, eles se lançaram sobre as mulheres e meninas.

“As mulheres, mães e filhas, estavam deitadas de ambos os lados da estrada e diante delas um bando de homens sorridentes com as calças arriadas. As que já estavam inconscientes e cobertas de sangue eram jogadas para o lado. As crianças que tentavam ajudá-las eram mortas. Havia risos, urros e zombaria, gritos e lamentos. E os comandantes dos soldados — maiores e tenentes-coronéis — estavam lá, parados na estrada. Alguns riam, mas outros dirigiam o evento para que todos os soldados, sem exceção, pudessem participar. Não se tratava de um ritual de iniciação, e não tinha nada a ver com vingança contra os detestados ocupantes, era apenas sexo grupal infernalmente diabólico. Aquilo representava uma falta de controle total e a lógica brutal de uma multidão enlouquecida. Abalado, fiquei sentado na cabine do nosso caminhão de uma tonelada e meia enquanto Demidov, o motorista, entrava na fila. Pensei na Cartago de Flaubert. O coronel que pouco antes coordenara os procedimentos não resistiu à tentação e se juntou a uma das filas, enquanto o major disparava nas testemunhas, as crianças e velhos que tinham ataques histéricos.”¹⁵

Por fim, os soldados receberam ordens de terminar rapidamente e voltar para as viaturas, pois outra unidade estava retida atrás deles. Mais tarde, ao atacarem outra coluna de refugiados, Rabichev viu as mesmas cenas se repetirem. “Até onde a vista alcança há cadáveres de mulheres, velhos e crianças em meio a pilhas de roupas e carroças viradas. [...] Escurece. Recebemos ordem de encontrar um lugar para passar a noite em alguma aldeia alemã fora da estrada.

Levei o meu pelotão para um vilarejo dois quilômetros para dentro. Em todos os cômodos há cadáveres de crianças e velhos e de mulheres estupradas e mortas. Estamos tão cansados que não prestamos atenção. Estamos tão cansados que deitamos junto aos cadáveres e caímos no sono.”

“Os soldados russos estavam estuprando todas as alemãs, dos 8 aos 80”, observou a correspondente de guerra soviética Natalya Gesse, grande amiga de Sakharov. “Era um exército de estupradores. Não só porque estavam loucos de desejo, mas também porque aquilo era uma forma de vingança.”¹⁶

Seria uma generalização extrema atribuir este comportamento implacável simplesmente à luxúria ou à vingança. Para começar, muitos oficiais e soldados não participaram dos estupros e se horrorizaram com as atitudes dos camaradas. Comunistas devotos ficaram abalados com a desordem e, em virtude da natureza controladora da sociedade soviética, era difícil conceber tal indisciplina. Mas a extrema dureza da vida na linha de frente criara uma comunidade distinta, e muitos expressaram de um modo surpreendentemente franco o seu ódio pelas fazendas coletivas e a opressão que dominava as suas vidas. Os soldados se ressentiam amargamente do sacrifício sem pé nem cabeça causado por tantos ataques inúteis, além do tratamento degradante que sofriam. Os homens eram enviados à terra de ninguém para tirar os uniformes e até as roupas íntimas dos camaradas mortos para vestir os novos recrutas. Então, embora existisse um forte sentimento de vingança contra os alemães que haviam violado a sua pátria e matado as suas famílias, havia também um forte elemento da mesma teoria do efeito cumulativo da opressão que tinha condicionado as tropas japonesas. A tentação de se livrar das humilhações e das penas sofridas era irresistível, e agora elas eram superadas à custa das mulheres vulneráveis dos inimigos.

No governo de Stalin, as ideias de amor e sexualidade haviam sido implacavelmente reprimidas em um ambiente político que buscava a “desindividualização do indivíduo”. A educação sexual foi banida. A tentativa do Estado soviético de suprimir a libido do povo criou o que um escritor russo definiu como uma espécie de “erotismo de quartel”, muito mais primitivo e violento do que “a mais sórdida pornografia estrangeira”.¹⁷ Combinado ao efeito profundamente brutal do massacre no front oriental e à propaganda sobre vingança indiscriminada fomentada pelos oficiais políticos em artigos e arengas, isto produziu um potencial explosivo quando as forças soviéticas invadiram a Prússia Oriental.

Ninguém sofreu mais brutalidades que os *shtrafniki*, os mortos-vivos dos batalhões de punição. Muitos eram criminosos calejados transferidos do Gulag. (Por ordem de Beria, os condenados por crimes políticos não tinham permissão de lutar.) Até os seus oficiais eram influenciados pela profunda brutalidade das

suas vidas. “Um criminoso é sempre um criminoso, na retaguarda ou na vanguarda”, escreveu um oficial médico de uma companhia *shtraf*. “Na linha de frente, no papel de *shtrafniki*, a sua natureza criminosa sempre se manifesta. Então, a nossa companhia se diverte. Uma jovem alemã veio até mim em Halsberg e gritou: ‘Fui estuprada por catorze homens!’ Continuei andando e pensei, pena que tenham sido 14 e não 28; pena que não tenham matado esta puta alemã [...]. Nós, os oficiais da companhia *shtraf*, fechamos os olhos para tudo, não temos pena dos alemães e deixamos os *shtrafnikis* fazerem o que quiserem com os civis.”¹⁸

Os saques foram combinados à destruição estúpida. Os soldados incendiavam casas para depois descobrir que não tinham onde se abrigar do frio. Rabichev descreveu a pilhagem de Goldap. “Todo o conteúdo das lojas foi atirado na calçada através das vitrines quebradas. Milhares de pares de sapatos, pratos e rádios, todo tipo de utensílios domésticos e produtos de farmácia e alimentos, tudo misturado. Das janelas dos apartamentos, roupas, travesseiros, edredons, pinturas, gramofones e instrumentos musicais eram jogados na rua. As ruas ficaram bloqueadas por todas estas coisas. Justo neste momento, a artilharia e os morteiros alemães abriram fogo. Rapidamente, várias divisões alemãs da reserva expulsaram da cidade nossas tropas desmoralizadas. Mas o quartel-general da frente já tinha informado que a primeira cidade alemã fora capturada. Não havia opção. Tiveram de retomar o lugar.”¹⁹

Alexander Solzhenitsyn, um jovem oficial de artilharia na Prússia Oriental, descreveu cenas de saques como um “mercado tumultuado”,²⁰ com os soldados remexendo nas gavetas enormes das mulheres prussianas. “Os alemães abandonaram tudo”, escreveu um soldado do Exército Vermelho sobre a pilhagem de Gumbinnen. “O nosso povo, como uma turba de hunos, invadiu as casas. Tudo está em chamas, a pluma de travesseiros e colchões voa por toda parte. Todos saqueiam, a começar pelos soldados e terminando nos coronéis. Apartamentos belamente mobiliados e casas luxuosas foram destruídos em poucas horas e viraram montes de lixo, as cortinas rasgadas lambuzadas de geleia esparramada dos potes quebrados [...] esta cidade foi crucificada.” Três dias depois, ele escreveu: “Os soldados se tornaram bestas ávidas. No campo jazem centenas de bois mortos a tiros, nas estradas há porcos e galinhas decepados. As casas foram saqueadas e incendiadas. O que não pode ser levado é quebrado e destruído. Os alemães estão certos em fugir de nós como quem foge da peste.”²¹

Na cabana de caça de Rominten, que pertencera à família real prussiana e fora ocupado por Göring, a infantaria soviética quebrou todos os espelhos. Com tinta preta, um deles rabiscou “*khuy*”, a palavra russa para “caralho”, sobre uma

Afroditite nua de Rubens.

A maior parte da raiva incoerente provinha de se deparar com um padrão de vida, mesmo nas casas camponesas, inimaginável na União Soviética. A amargura era quase universal: por que invadem e saqueiam o nosso país se são muito mais ricos? A censura de campanha, alarmada com as cartas descrevendo o que os soldados haviam descoberto, as entregava ao NKVD. As autoridades soviéticas ficaram preocupadas com a percepção generalizada de que toda a sua propaganda sobre o “paraíso dos trabalhadores”, que contrastava com as terríveis condições nos países capitalistas, era uma mentira. Eles recordavam que a revolta Decembrista de 1825 fora influenciada pelo melhor padrão de vida que os exércitos russos haviam visto na Europa Ocidental em 1814.

A Primeira Frente Bielorrussa de Jukov prosseguia na perseguição dia e noite. Os motoristas dos tanques frequentemente dormiam de cansaço, mas a excitação da batalha os fazia avançar. As tropas alemãs em retirada eram metralhadas e, quando uma viatura-comando com oficiais alemães era surpreendida, ela era simplesmente esmagada pelas lagartas.

Em 18 de janeiro, o VIII Exército de Guarda do general Chuikov atacou Łódź cinco dias antes do programado. Membros do Exército Territorial emergiram para ajudar na luta. Chuikov não gostou de usar parte do seu exército de Stalingrado no cerco à cidade-fortaleza de Poznań. Lá, as suas capacitações para o combate urbano não serviam para muito. Foi preciso um mês de bombardeios com a artilharia mais pesada e ataques com dispositivos explosivos e lança-chamas para os sobreviventes se renderem.

No flanco sul do avanço a partir do Vístula, as tropas de Konev invadiram Cracóvia. Por sorte, a antiga cidade foi abandonada sem lutas. Em 27 de janeiro, no meio da tarde, uma patrulha de reconhecimento da 107ª Divisão de Infantaria surgiu de uma floresta coberta de neve e descobriu o símbolo mais terrível da história moderna.

Na semana anterior, 58 mil prisioneiros considerados incapazes de caminhar foram forçados a marchar para o oeste de Auschwitz antes da chegada do Exército Vermelho.²² Os que sobreviveram a esta marcha da morte, experiência que provavelmente foi pior que os horrores que haviam sofrido até então, foram jogados em outros campos de concentração onde a imundície, a fome e as doenças tinham aumentado tremendamente nos últimos três meses da guerra. O dr. Mengele recolheu as anotações dos seus experimentos e partiu para Berlim. Os executivos da IG Farben destruíram os seus registros em Auschwitz III. As câmaras de gás e os crematórios de Birkenau foram explodidos. Houve ordem de

liquidar os prisioneiros doentes demais para se moverem, mas por algum motivo a SS só matou algumas centenas dos 8 mil que ficaram para trás. Concentraram-se mais em tentar destruir as evidências, mas estas eram mais do que suficientes, incluindo 368.820 paletós de homem e 836.255 casacos e vestidos femininos, além de sete toneladas de cabelos humanos.

O LX Exército imediatamente enviou uma equipe médica a Auschwitz para tratar dos sobreviventes, e oficiais soviéticos questionaram alguns prisioneiros. Adam Kuriłowicz, ex-presidente do sindicato de trabalhadores ferroviários poloneses, que havia sido enviado ao campo em junho de 1941, contou que os primeiros testes da câmara de gás foram feitos com 80 soldados do Exército Vermelho e 600 prisioneiros poloneses.²³ Um professor húngaro relatou os “experimentos médicos”. A informação foi enviada a G. F. Aleksandrov, chefe de propaganda do Exército Vermelho, mas além de um pequeno artigo em um jornal desta instituição militar, até o final da guerra nada foi informado ao resto do mundo, provavelmente porque a linha do partido insistia em que os judeus não representavam uma categoria especial. Só o sofrimento do povo soviético devia ser enfatizado.

O deslocamento da população aumentou na Silésia e na Prússia Oriental e logo depois começaram na Pomerânia. Oficiais nazistas estimaram que, por volta de 29 de janeiro, “cerca de 4 milhões de pessoas das áreas evacuadas”²⁴ se dirigiam para o centro do Reich. O número parece ser baixo demais, pois cresceu para 7 milhões da noite para o dia e chegou a 8,5 milhões em 19 de fevereiro. A fúria do Exército Vermelho produziu o deslocamento de população mais concentrado da história. Esta limpeza étnica convinha perfeitamente a Stalin e seus planos de mudar a fronteira polonesa para o oeste, em direção ao rio Oder.

Centenas de milhares de civis continuavam encurralados em Königsberg, na península Samland e nos cercos do IV Exército em Heiligenbeil na costa da Frisches Haff (Lagoa do Vístula). A Kriegsmarine fez esforços tremendos para resgatar o maior número possível de pessoas do pequeno porto de Pillau e a evacuação começou também nos portos do leste da Pomerânia. Contudo, os submarinos soviéticos torpedearam vários navios grandes, inclusive o navio de cruzeiro *Wilhelm Gustloff*, que afundou na noite de 30 de janeiro. Não se sabe quantos estavam a bordo, mas as estimativas do número de mortos variam entre 5.300 e 7.400.

Apesar dos riscos enfrentados no mar, mulheres exaustas e famintas com os filhos nos braços esperavam pelos barcos, muitas vezes em vão. As rações eram tão escassas em Königsberg, de menos de 180 gramas de pão por dia, que muitas

caminhavam na neve e se atiravam à mercê do Exército Vermelho, mas encontravam pouca piedade. Na cidade, a execução dos desertores era frenética. Os corpos de oitenta soldados alemães foram expostos na estação norte com um cartaz que dizia: “Eles foram covardes, mas morreram mesmo assim.”²⁵

A rapidez do avanço para o Oder havia ultrapassado milhares de tropas alemãs, que tentavam ir para o oeste individualmente ou em grupos. As divisões de infantaria do NKVD encarregadas da segurança na retaguarda enfrentaram batalhas campais. À medida que as tropas de Konev avançavam sobre Breslau começava a fuga dos civis em pânico, com multidões correndo para os trens e outros caminhando com dificuldade na neve alta. Muitos, ou quase todos os que foram a pé, morreram de frio. Alguns chegaram a salvo carregando cadáveres de bebês ou crianças. O cerco a Breslau, que prosseguiu até o fim da guerra, foi defendido pelo *Gauleiter* fanático Kark Hanke, que governava pelo terror executando soldados e forçando os civis, inclusive crianças, a limpar a pista de pouso sob as rajadas das metralhadoras soviéticas.

Os exércitos de Jukov haviam devastado o Warthegau (Terras do Warthe), a parte oeste da Polônia incorporada ao Reich. Alemães em fuga eram roubados pelos poloneses determinados a vingar a sua sorte em 1939 e 1940. A rapidez do avanço dos I e II Exércitos Blindados de Guardas para o Oder era protegida por outros quatro exércitos espalhados pelo sul da Pomerânia no flanco direito. O maior problema não era a resistência alemã, mas a logística, que tentava desesperadamente acompanhar os exércitos em estradas de inverno ruins e sem nenhuma ferrovia funcionando. Se não fosse pelos caminhões americanos do *Lend-Lease*, o Exército Vermelho não teria chegado a Berlim antes dos Aliados.

“Os nossos tanques, achataram, aplanaram tudo”, escreveu um soldado. “As lagartas esmagaram carroças, veículos, cavalos e tudo o que havia na estrada. O lema ‘Adiante, para o oeste!’ foi substituído por ‘Adiante, para Berlim!’”²⁶ A cidade de Schwerin foi saqueada pelo caminho. “Tudo arde”, escreveu Vasily Grossman em seu bloco de notas. “Uma velha se atira da janela de um edifício incendiado.” Os soldados saqueavam iluminados pelas chamas. Ele observou também o “horror no olhar de mulheres e meninas. Coisas terríveis estão acontecendo com as mulheres alemãs [...]. As garotas soviéticas libertadas dos campos também estão sofrendo muito [...]”.²⁷

Um relatório detalhado da Primeira Frente Ucraniana revelou mais tarde que mulheres e jovens levadas da União Soviética para trabalhos forçados também eram estupradas em série. Depois de ansiar pela libertação, ficaram desconsoladas ao serem violentadas pelos homens que consideravam camaradas e irmãos. “Tudo isto”, concluiu o general Tsygankov, “é um campo fértil para atitudes negativas entre os cidadãos soviéticos libertados; provoca

descontentamento e desconfiança antes de regressarem ao país natal.”²⁸ Ele recomendou que o departamento político e o Komsomol se concentrassem em aperfeiçoar o “trabalho político e cultural junto aos cidadãos soviéticos repatriados” para evitar que voltassem para casa com ideias negativas sobre o Exército Vermelho.

Houve também momentos de intensa alegria. Vasily Churkin, que viera de Leningrado e deixara para trás os dias terríveis no gelo do lago Ladoga, estava com a Primeira Frente Bielorrussa de Jukov. “Chegamos mais perto de Berlim”, escreveu em seu diário no final de janeiro, “faltam só 35 quilômetros. A resistência alemã está fraca. No céu há apenas os nossos aviões. Passamos por um campo de concentração. As barracas onde as nossas mulheres foram aprisionadas estão cercadas com várias fileiras de arame farpado. Elas correram na nossa direção chorando e gritando. Não podiam acreditar que isto estivesse acontecendo, não souberam de nada até o último minuto. A visão era impressionante. Mas o que mais me tocou foi ver um soldado encontrar a irmã. Como ela correu em sua direção ao reconhecê-lo. Como se abraçaram e choraram diante de todos. Era como um conto de fadas.”²⁹

Em 30 de janeiro, no 12º aniversário do regime nazista e o dia da última transmissão radiofônica de Hitler ao povo alemão, o pânico se espalhou em Berlim. As vanguardas dos tanques de Jukov se aproximaram do rio Oder, a apenas seis quilômetros da cidade. Naquela noite, a 89ª Divisão de Infantaria de Guardas conquistou uma pequena cabeça de ponte na outra margem do rio congelado, ao norte de Küstrin. Cedo na manhã seguinte, tropas do V Exército de Choque cruzaram o rio e tomaram a aldeia de Kienitz. Formou-se uma terceira cabeça de ponte ao sul de Küstrin. Em Berlim, o desalento era ainda maior, pois o Ministério de Propaganda tentou fingir que a luta prosseguia ao redor de Varsóvia. O prestígio nazista era muito mais importante para o regime do que o sofrimento humano, mesmo o do seu próprio povo. Naquele mês de janeiro de 1945, as perdas da Wehrmacht chegaram a 451.742 mortos, quase equivalentes às mortes de americanos em toda a Segunda Guerra Mundial.

Foram criadas unidades arrebanhadas com destacamentos locais *Volkssturm*, alguns voluntários caucasianos (que mais tarde foram detidos ao se recusarem a atirar nos seus compatriotas), a Juventude Hitlerista e um batalhão de treinamento de adolescentes destinado à Divisão de Granadeiros Panzer *Feldherrnhalle* encurralada em Budapeste. O regimento de guardas da Divisão *Grossdeutschland*, que havia esmagado o complô de julho no ano anterior, foi enviado a Seelow de ônibus. Essas elevações que se erguiam sobre a planície alagada do Oder seriam a última linha de defesa antes de Berlim.

Na manhã de 3 de fevereiro, a 8ª Força Aérea dos EUA lançou o seu ataque

mais pesado sobre Berlim, matando 3 mil pessoas. A Chancelaria do Reich e a Chancelaria do Partido foram atingidas. O quartel-general da Gestapo na Prinz-Albrecht-Strasse e o Tribunal do Povo ficaram seriamente danificados. Roland Freisler, o presidente do tribunal que insultara os conspiradores de julho, morreu soterrado no porão do prédio.

Enquanto isso, Jukov enfrentava o dilema clássico de qualquer general bem-sucedido após um avanço rápido. O Exército Vermelho devia tentar avançar até Berlim, onde o inimigo estava desorganizado e sem defesas, ou devia se consolidar, permitir que os seus homens exauridos descansassem, fazer o reabastecimento e reparar os tanques? O debate entre os generais era acalorado, com Chuikov do VIII Exército de Guardas defendendo veementemente o ataque imediato. A questão foi resolvida em 6 de fevereiro com um telefonema de Stalin, que estava em Yalta, na Crimeia. Antes de atacar Berlim, primeiro eles deveriam se juntar a Rokossovsky para varrer “o balcão do Báltico” da Pomerânia no flanco norte, onde Himmler, para desespero de Guderian e outros oficiais de altas patentes, havia assumido pessoalmente o comando do Grupo de Exércitos do Vístula.

Os Ataques às Filipinas, Iwo Jima, Okinawa e Tóquio

NOVEMBRO DE 1944–JUNHO DE 1945

Pouco depois do desembarque triunfal do general MacArthur em Leyte, em outubro de 1944, o VI Exército enfrentou uma luta muito mais dura do que o esperado. Os japoneses reforçaram a ilha e rapidamente estabeleceram a superioridade aérea. Os porta-aviões do almirante Halsey haviam partido e o terreno estava encharcado demais para construir pistas, depois dos 89 centímetros de chuva que caíram nas monções. Embora os japoneses pretendessem preservar suas forças para defender Luzon, a principal ilha filipina, o quartel-general Imperial insistiu em enviar mais reforços para o combate em Leyte. Também transferiram aviões distantes até da Manchúria, mas já então existiam cinco aeródromos americanos em funcionamento e os porta-aviões de Halsey haviam regressado.

A luta em Leyte prosseguiu até dezembro, em parte devido à excessiva cautela do tenente-general Walter Krueger, que comandava o VI Exército. O combate mais feroz foi perto de Carigara, no norte da ilha, implacavelmente defendido pelos japoneses. Contudo, Krueger foi ajudado por um desastroso contra-ataque japonês contra as pistas de pouso. No final de dezembro, os americanos estimavam ter matado 60 mil japoneses. Outros 10 mil do reforço se afogaram quando os seus transportes foram afundados ao se aproximarem da ilha. Cerca de 3.500 americanos foram mortos e 12 mil estavam feridos. MacArthur, que nunca se inclinava à modéstia, proclamou que aquela fora “talvez a maior derrota nos anais militares do exército japonês”.

A insistência do quartel-general Imperial em continuar reforçando Leyte com tropas de Luzon facilitou consideravelmente a invasão da ilha principal, agora planejada para 9 de janeiro de 1945. Porém, primeiro era preciso conquistar a ilha de Mindoro, logo ao sul do principal saliente de Luzon, e construir mais pistas de pouso. Os pousos e operações em terra foram bem, mas a força-tarefa

invasora sofreu ataques camicases pesados.

O general Yamashita, comandante em Luzon que objetara em vão a estratégia de defender Leyte, não esperava derrotar as forças que vinham na sua direção. Ele recuaria com 152 mil homens, o grosso de suas tropas, para as montanhas no centro-norte de Luzon. Uma força menor de 30 mil homens defenderia a base aérea em torno do Campo Clark, enquanto outra força de 80 mil nas montanhas acima de Manila cortaria o abastecimento de água da capital.

MacArthur pretendia invadir a ilha a partir do golfo Lingayan, no noroeste, com outro desembarque secundário ao sul da capital. Este fora mais ou menos o plano da invasão japonesa três anos antes. A frota escolta na primeira semana de janeiro foi atacada por ondas de camicases voando baixo sobre a ilha. Um porta-aviões escolta e um contratorpedeiro da esquadra foram a pique e outro porta-aviões ficou muito avariado, além de cinco cruzadores, os encouraçados USS *California* e *New Mexico*, e numerosas outras embarcações. Muitos atacantes foram derrubados pelo fogo da artilharia antiaérea e dos caças escoltas, mas era impossível lidar com todos. Os navios de desembarque sofreram poucos ataques e a invasão ocorreu em 9 de janeiro praticamente sem oposição. A guerrilha filipina tinha avisado ao comandante americano que não havia japoneses na área, então não era preciso executar um bombardeio de preparação, mas o contra-almirante Jesse B. Oldendorf sentiu-se obrigado a cumprir as ordens. Houve grande destruição de casas e fazendas, sem danos ao inimigo.

Enquanto o 1º Corpo à esquerda encontrava forte resistência japonesa nas colinas, o 14º Corpo à direita avançava para o sul por um terreno mais plano em direção a Manila. O general Krueger suspeitava que a pressão de MacArthur para que progredisse rapidamente se devia ao desejo de estar de volta em Manila para o seu aniversário, em 26 de janeiro. Talvez isso fosse uma extravagância. MacArthur queria libertar os prisioneiros aliados mantidos nos campos e, se possível, tomar o porto de Manila antes que os japoneses o destruíssem.¹ Um destacamento de Rangers, com forte apoio da guerrilha filipina, libertou 486 prisioneiros de guerra americanos da marcha da morte de Bataan em um ataque bem-sucedido a um campo perto de Cababutan, 95 quilômetros ao norte de Manila. A impaciência de MacArthur aumentou com o lento avanço, causado mais por pequenos rios, campos de arroz e tanques de peixes do que pela resistência japonesa. MacArthur enviou a 1ª Divisão de Cavalaria à frente. Queria resgatar outros prisioneiros aliados mantidos na Universidade de Santo Tomás.

Outro desembarque, com 40 mil homens do 12º Corpo, ocorreu em 29 de janeiro ao norte da península de Bataan, mas em pouco tempo os atacantes toparam com uma linha de defesa japonesa muito forte. O desembarque da 11ª

Divisão Aeroterrestre ao sul de Manila parecia produzir resultados mais rápidos que o avanço pela planície. Em 4 de fevereiro, seus combatentes alcançaram a linha de defesa japonesa ao sul de Manila, embora ainda não soubessem que ela havia sido golpeada na capital na noite anterior. A progressão frenética de uma coluna da 1ª Divisão de Cavalaria no lado norte, avançando sobre uma ponte depois que um tenente fuzileiro naval cortou o pavio já aceso das cargas de demolição, os levou direto para o setor norte de Manila. Naquela noite, os tanques derrubaram as muralhas da Universidade Santo Tomás, onde 4 mil civis aliados estavam abrigados.

As Filipinas, um arquipélago com cerca de 7 mil ilhas, era o terreno ideal para a resistência guerrilheira e os filipinos, mais do que qualquer nação do Extremo Oriente, começaram a se preparar para a libertação assim que a ocupação japonesa teve início. Em parte por confiar nos americanos, que lhes prometeram a independência total em 1946, em parte por ódio aos cruéis e arrogantes japoneses com suas torturas e decapitações públicas, na maior parte das ilhas formaram-se grupos guerrilheiros. Alguns eram liderados por oficiais americanos isolados por lá em 1942. Muitas tropas filipinas ocultaram as armas na época da rendição. Quando o quartel-general de MacArthur em Brisbane teve confirmação do tamanho do movimento clandestino, submarinos levaram mais armas, rádios e suprimentos médicos, além dos itens de propaganda de MacArthur.

Nas grandes áreas onde as tropas japonesas raramente se aventuravam, os grupos locais organizaram a vida civil e oficinas de trabalho, chegando mesmo a emitir a própria moeda, que era usada em detrimento das cédulas japonesas. Vigilantes costeiros com rádios transmitiam informação sobre os navios japoneses, e os submarinos americanos as usavam com resultados devastadores. O maior perigo eram as unidades japonesas de detecção de rádio. Havia pouco risco de denúncias da população local, que ajudava a carregar os equipamentos volumosos quando o exército japonês fazia uma revista. Nas Filipinas, quase não houve colaboradores. Em Manila, a maioria dos que trabalhavam para a administração japonesa fornecia inteligência à resistência.

A vingança japonesa foi ostensiva depois que as forças de MacArthur desembarcaram, principalmente na luta pela capital. Yamashita não pretendia defender Manila, e o comandante local do exército planejava recuar segundo as suas ordens, mas não tinha controle da marinha. Desconsiderando Yamashita, o contra-almirante Iwabachi Sanji enviou seus homens para lutar na cidade. As unidades restantes sentiram-se obrigadas a se juntar, criando uma força de uns 19 mil homens. Ao recuarem para o centro, a antiga cidadela espanhola de Intramuros e a área portuária, as tropas japonesas destruíram pontes e prédios.

Incêndios devastadores se espalharam pelas áreas mais pobres, onde as casas eram de madeira e bambu. No centro, contudo, a maior parte dos edifícios era de concreto e foi transformada em posições defensivas.

MacArthur, que desejava organizar uma parada da vitória, ficou desalentado com a batalha que irrompeu na cidade, com mais de 700 mil civis encurralados na zona de guerra. A 1ª Divisão de Cavalaria, a 37ª Divisão de Infantaria e a 11ª Divisão Aeroterrestre se envolveram na luta casa a casa. Como na batalha em Aachen, os americanos viram que era preciso atacar cada prédio do alto e descer lançando granadas, disparando submetralhadoras e acionando lança-chamas. Com escavadeiras blindadas, os engenheiros americanos abriram caminho nas estradas. Os defensores japoneses da marinha e do exército, sabendo que iriam morrer, massacraram filipinos e estupraram as mulheres sem piedade antes de matá-las. Apesar da negativa de MacArthur de usar aviões na tentativa de poupar vidas civis, cerca de 100 mil habitantes, mais de um oitavo da população, morreram na luta, que se estendeu até 3 de março.

A prioridade mais urgente das tropas do general Krueger era eliminar a força japonesa no leste de Manila que controlava o abastecimento de água da cidade. Mais uma vez os japoneses construíram covas e túneis nas vertentes das colinas e novamente os americanos as evacuaram com granadas de fósforo e lança-chamas. Explodiram as entradas dos túneis e atiraram gasolina e explosivos nas entradas principais para queimar e sufocar quem estava lá dentro. Os Lightnings P-38 lançaram bombas de napalm, muito mais eficazes do que as convencionais. O processo teve a ajuda de um regimento de guerrilheiros que chegaram primeiro à principal represa. Os japoneses não tiveram tempo de detonar as cargas de demolição. No fim de maio, os sobreviventes fugiram para as colinas.

Enquanto a luta prosseguia em Manila, MacArthur avançou com o VIII Exército do tenente-general Eichelberger para retomar as ilhas centrais e do sul, certo de que os japoneses não conseguiriam reforçá-las. Considerava esta tarefa mais urgente do que dizimar a força principal de Yamashita nas colinas ao norte de Luzon, já que ela poderia ser encurralada e bombardeada à vontade. Houve um ataque anfíbio atrás do outro, todos apoiados por ar. Eichelberger alegou ter comandado 14 desembarques grandes e 24 menores em apenas 44 horas. Em muitos casos, as suas tropas descobriram que a guerrilha filipina havia feito o trabalho por eles, enfrentando as guarnições menores.

Em 28 de fevereiro foi invadida a comprida ilha Palawan a oeste, que se estendia entre Mindoro e Bornéu Norte. As forças encontraram os corpos calcinados de 150 prisioneiros de guerra americanos, cobertos de gasolina e incendiados pelos guardas em novembro. Em 10 de março invadiram Mindanao, onde um engenheiro americano, o coronel Wendell W. Fertig, comandou uma

grande força guerrilheira e tomou a pista de pouso. Transportes C-47 pousaram antes do ataque trazendo duas companhias da 24ª Divisão de infantaria. Caças Corsair dos Fuzileiros Navais usaram a pista como uma base avançada. Em Mindanao, a cooperação estreita entre a infantaria americana, a guerrilha e o apoio aéreo dos fuzileiros forçaram os sobreviventes japoneses na península ocidental de Zamboanga a se refugiar nas montanhas. Mas a operação para conquistar completamente a grande ilha ao leste só começou em 17 de abril.

Mais uma vez, as forças guerrilheiras de Fertig tomaram uma pista de pouso e as tropas americanas avançaram para o interior, algumas por uma estrada ruim, enquanto um regimento ia em barcos e balsas, escoltado por caça-submarinos que subiram o largo rio Mindanao e tomaram guarnições japonesas de surpresa. Sabiam que estavam correndo contra as monções. A selva e os desfiladeiros, onde os japoneses tinham destruído quase todas as pontes e minado todas as passagens, os obrigavam a ir mais devagar, e a luta durou mais que o esperado. Nas serras ao norte de Luzon, o general Yamashita resistiu, prolongando a luta até o fim. Ele só surgiu para se entregar em 2 de setembro de 1945, dia da rendição oficial.

Na China, a Ofensiva Ichigō havia terminado em dezembro de 1944. As forças japonesas tentaram avançar para Chungking e K'un-ming, mas as suas linhas de suprimentos estavam estendidas demais. O sucessor de Stilwell, o general Wedemeyer, enviou do norte da Birmânia as duas divisões da Força X treinadas pelos americanos para formar uma linha de defesa, mas os japoneses já haviam iniciado a retirada. As divisões regressaram à Birmânia, e no final de janeiro se juntaram à Força Y em Salween. As tropas japonesas restantes recuaram para as montanhas e por fim a estrada da Birmânia foi reaberta. O primeiro comboio de caminhões chegou a K'un-ming em 4 de fevereiro.

Enquanto isso, o avanço de Slim foi temporariamente retido ao longo do rio Irrawaddy quando o tenente-general Kimura Hoyotaro levou os remanescentes do Exército da Área da Birmânia para trás da sua formidável barreira defensiva. Slim fez uma grande exibição ao montar uma transposição colossal com o 33º Corpo, ao mesmo tempo que, sigilosamente, retirava o 4º Corpo no seu flanco. Um quartel-general de fachada ficou para trás transmitindo mensagens, enquanto as divisões marchavam para o sul em silêncio-rádio e depois cruzaram o rio bem mais ao sul, sem encontrar oposição, para ameaçar a retaguarda de Kimura. Os japoneses tiveram de recuar rapidamente, e Mandalay foi conquistada em 20 de março depois de uma batalha dura.

Slim não perdeu tempo e rumou para o sul ao longo do vale de Irrawaddy em

direção a Rangum, tentando chegar lá antes das chuvas. Enquanto isto, Mountbatten organizava a Operação Drácula, um assalto anfíbio e aéreo no início de maio com o 15º Corpo britânico de Arakan. As monções chegaram duas semanas mais cedo, detendo as forças de Slim a 65 quilômetros do objetivo. Em 3 de maio, Rangum foi tomada pelo 15º Corpo apoiado pelo Exército Independente Birmanês, que havia mudado de lado para ajudar os Aliados. Os remanescentes do XXVIII Exército japonês, agora isolados por trás das linhas aliadas em Arakan, tentaram romper para o leste atravessando o rio Sittang. Mas os britânicos sabiam dos seus planos. Ao chegarem ao rio foram emboscados e massacrados pela 17ª Divisão Indiana. De um total de 17 mil homens, só 6 mil escaparam.

Para o comando japonês, a Ofensiva Ichigō havia alcançado os seus objetivos. As tropas japonesas causaram meio milhão de baixas nos exércitos nacionalistas e os fizeram recuar em oito províncias, com uma população combinada de mais de 100 milhões de pessoas. Contudo, para os comunistas isto representou um triunfo. Os nacionalistas haviam perdido não só mais áreas produtoras de alimentos como também grande parte da sua reserva de recrutamento. Por mais que odiassem os japoneses, isto deve ter sido um alívio para os habitantes locais. Como observou o general Wedemeyer, “o recrutamento representa para o camponês chinês a fome e as inundações, só que ocorre com maior regularidade”.²

Depois que a Ofensiva Ichigō destruiu os 13 aeródromos dos EUA, duas novas bases aéreas americanas foram construídas em Lao-ho-k’ou (300 quilômetros a noroeste de Hankow) e em Chih-kiang (250 quilômetros a oeste de Heng-yang). Em abril de 1945, os japoneses avançaram com 60 mil homens do XII Exército e destruíram a pista de Lao-ho-k’ou, mas o ataque do seu XX Exército à base de Chih-kiang teve menos resultados. Cinco divisões nacionalistas bem equipadas, parte do plano de modernização do general Wedemeyer, foram desviadas para defender Chih-kiang. Em 25 de abril, apoiados por 200 aviões, eles esmagaram a força japonesa de 50 mil homens na última batalha de grande porte da Guerra Sino-Japonesa. Ficou provado que com treinamento e equipamento adequados e, sobretudo, alimentação, as divisões nacionalistas podiam enfrentar os japoneses de maneira eficaz.

As forças japonesas na China e na Manchúria haviam diminuído gradualmente com as transferências para as Filipinas. O quartel-general Imperial foi obrigado a desviar tropas do Exército Expedicionário na China para defender Okinawa. A 62ª Divisão, que participara da Ofensiva Ichigō, já estava lá para defender a

cidade de Shuri.

A outra prioridade japonesa de unir as forças na Indochina também fora alcançada. Em janeiro de 1945, quando as suas divisões na China cruzaram a fronteira, os oficiais japoneses de altos postos que chegaram à Indochina ficaram chocados com o que viram. Os homens da 37ª Divisão tinham longos cabelos e as barbas, os uniformes esfarrapados e poucos conservavam os distintivos.³ Foram incorporados ao recém-formado XXXVIII Exército para lutar em Tonkin contra as guerrilhas de Ho Chi Minh, cujos homens haviam apoiado fortemente os Aliados com inteligência e a entrega das tripulações de aviões abatidos, da mesma forma que os grupos tailandeses com os rádios e armas enviados da Índia lançados de paraquedas pelas agências SOE e OSS.

Em 12 de janeiro, a 3ª Esquadra de Halsey chegou às águas da Indochina e atacou dois encouraçados japoneses, o *Hyuga* e o *Ise*, na baía Camranh. Esta missão itinerante no mar da China Meridional foi o canto de cisne de Halsey antes de passar o comando ao almirante Spruance. Os dois encouraçados, na verdade, haviam zarpado para Cingapura depois de submarinos americanos afundarem os seus petroleiros, mas os aviões da esquadra de Halsey afundaram um cruzador ligeiro, onze pequenas belonaves, treze cargueiros e dez petroleiros, além do cruzador francês *Lamotte-Picquet*, que havia sido desarmado pelos japoneses. Enquanto estiveram na área, os aviões da marinha dispararam em pistas de pouso ao redor de Saigon, destruindo aviões japoneses em terra e reservatórios de petróleo.

Em 9 de março, os japoneses expulsaram a administração de Vichy do almirante Decoux e desarmaram as forças francesas, algumas das quais resistiram, principalmente no norte. Os agentes gaullistas e a OSS vinham trabalhando com oficiais franceses que estavam dispostos a mudar de lado. As forças japonesas lançaram a Ofensiva Meigō contra as tropas coloniais francesas que mantinham pontos de apoio tais como o Forte Liangshan, com uma guarnição de 7 mil homens.

Os comandantes japoneses na Indochina pretendiam enviar meio milhão de toneladas de arroz estocado para o Japão e para as guarnições japonesas, mas com o bloqueio americano e a escassez de navios isto foi impossível. Enquanto parte do estoque apodrecia, o resto foi tomado em novembro de 1945 pelas tropas nacionalistas chinesas, enviadas para desarmar as forças japonesas, e levado para a China. Para muitos na Indochina, a fome neste período foi ainda pior do que na guerra de independência contra os franceses e na Guerra do Vietnã.⁴

A primeira informação sobre alvos bombardeados no Japão foi fornecida por diplomatas tailandeses baseados em Tóquio que a transmitiram para a OSS por meio da resistência tailandesa. Em dezembro de 1944, as bases aéreas de Guam, Tinian e Saipan estavam em operação. Aproveitando a grande vantagem das ilhas Marianas comparadas às pistas de pouso chinesas, as operações das Superfortalezas B-29 foram aos poucos concentradas lá, sob o comando do major-general Curtis E. LeMay. Contudo, as perdas de bombardeiros cresceram, em parte por causa dos caças que os interceptavam de ilhas vizinhas, especialmente Iwo Kima. Os pilotos dos caças da Marinha Imperial japonesa em Kyushu jogavam bridge enquanto esperavam ser rapidamente acionados para atacar as Superfortalezas a caminho de Tóquio.⁵ A paixão pelo jogo era um legado estranho dos dias em que a Marinha Imperial quis imitar a Marinha Real.

O comando americano decidiu invadir Iwo Jima e o aeródromo de onde decolavam os caças japoneses. Uma vez tomado, seria uma pista de emergência para aviões atingidos.

Em 9 de março, no dia em que os japoneses acabaram com a administração francesa na Indochina, o 21º Comando de Bombardeiros de LeMay lançou o primeiro ataque incendiário sobre Tóquio. Pouco mais de um mês antes, as B-29 haviam feito seu segundo experimento usando bombas de napalm. O distrito industrial de Kobe fora praticamente arrasado pelo incêndio. LeMay conhecia o potencial destruidor dos ataques incendiários desde a investida devastadora das B-29 em Hankow, no início do inverno.

As 334 Superfortalezas deixaram Tóquio como um tapete, sem poupar as zonas residenciais e industriais. Mais de um quarto de milhão de prédios arderam com as chamas espalhadas pelos ventos fortes. As casas de madeira e papel desapareceram em segundos. No total, 83 mil pessoas morreram e 41 mil ficaram gravemente feridas, preço muito mais alto que o da segunda bomba atômica lançada sobre Nagasaki cinco meses depois.

O general MacArthur se opôs ao bombardeio de área em Tóquio, mas os corações americanos estavam endurecidos com a campanha camicase contra os seus navios. Contudo, LeMay não respondeu a MacArthur, e a sua única concessão foi lançar folhetos alertando os civis japoneses para deixarem as cidades e aldeias com indústrias. Ele estava determinado a destruir os principais centros fabris japoneses. Estranhamente, a força aérea americana continuava alegando que os ataques incendiários noturnos eram bombardeios “de precisão”.⁶ O tráfego marítimo entre as ilhas japonesas também foi praticamente interrompido com a instalação de minas no mar Interior e ao redor.

Na primeira parte da campanha as tripulações dos bombardeiros ficaram abaladas com as perdas. Começaram a calcular as chances de sobreviver a um

tempo de serviço de 35 missões. Alguém criou um mantra pessoal: “Fique vivo em ‘45.”⁷ Mas em pouco tempo a destruição de fábricas de aviões e as perdas dos caças japoneses, a maioria dos quais havia sido desviada para ataques camicares contra a marinha americana, significaram que os bombardeiros americanos podiam sobrevoar o espaço aéreo japonês com relativamente pouco risco.

Iwo Jima, embora tivesse apenas sete quilômetros de comprimento, foi considerada um objetivo difícil pelo reconhecimento aéreo. LeMay precisou assegurar ao almirante Spruance que era absolutamente necessário tomá-la para a ofensiva de bombardeio contra o Japão. A grande ilha de Okinawa seria invadida seis semanas depois.

Os defensores japoneses em Iwo Jima eram comandados pelo tenente-general Kuribayashi Tadamichi, um cavalheiro inteligente e sofisticado. Ele não tinha ilusões sobre o resultado final da batalha, mas havia preparado as suas posições para prolongar ao máximo a defesa da ilha. Mais uma vez, isto significava construir redes de cavernas, túneis e bunkers com um concreto que mesclava cimento com cascalho vulcânico. Embora a ilha fosse pequena, os túneis se estendiam por 25 quilômetros. Depois de evacuar a reduzida população civil chegaram os reforços, de 21 mil soldados e fuzileiros navais. Os homens juraram matar ao menos dez americanos antes de serem mortos.

A força aérea americana bombardeou Iwo Jima a partir das Marianas por 76 dias. Na madrugada de 16 de fevereiro, os japoneses nos bunkers e cavernas viram a chegada da esquadra invasora durante a noite. A força-tarefa naval de oito encouraçados, doze porta-aviões escolta, dezenove cruzadores e 44 contratorpedeiros fundeada ao largo bombardeou cada pedaço da ilha. Porém, em lugar dos dez dias que os comandantes dos fuzileiros navais haviam solicitado, o almirante Spruance reduziu a operação de preparação a apenas três dias. Considerando a tonelagem das bombas e foguetes disparados na ilha, os danos à defesa foram mínimos. A exceção foi quando as baterias japonesas abriram fogo prematuramente contra algumas barcas de desembarque lançadoras de foguetes, quando o comandante supôs que aquela era a primeira leva da invasão. Assim que revelaram as suas posições, os pesados canhões navais dispararam contra eles. Mas quando o assalto anfíbio começou, em 19 de fevereiro, a maior parte da artilharia de Kuribayashi permanecia intacta.

A 4ª e 5ª Divisões de Fuzileiros Navais desembarcaram na primeira leva na costa sudeste, seguidas da 3ª Divisão de Fuzileiros. As praias de areia vulcânica macia eram tão íngremes que os fuzileiros navais carregados e com os capacetes

camuflados tiveram dificuldade para subir. O fogo japonês se intensificou, com grandes morteiros de 320 mm disparando seus rojões sobre a área de desembarque. Os homens feridos carregados até a praia muitas vezes morriam antes de serem evacuados para os navios. Os corpos eram esfaqueados e destruídos de um modo horrível.

Parte da 5ª Divisão foi para a esquerda atacar o vulcão adormecido do monte Suribachi, na extremidade sul. Um oficial levava uma bandeira para hastear no topo. O regimento à direita da 4ª Divisão moveu-se para a direita e enfrentou uma pedreira muito bem fortificada. Teve o respaldo dos tanques Sherman que haviam conseguido subir a íngreme praia de areia, mas a luta impiedosa ainda durou a maior parte do dia. Em um batalhão de setecentos homens, só 150 ficaram de pé.

Ao anoitecer, 30 mil fuzileiros navais haviam desembarcado, apesar do fogo incessante dos morteiros e artilharia. Eles cavaram para repelir o contra-ataque, o que não era fácil na fina cinza vulcânica. Um fuzileiro, certamente proveniente de uma comunidade agrícola, comparou aquilo a cavar um buraco em um barril de trigo. Mas o contra-ataque não veio. Kuribayashi o proibira, principalmente os ataques *banzai* em campo aberto. Das suas posições defensivas conseguiriam matar mais americanos

O bombardeio ao menos destruiu a maior parte dos canhões na base do monte Suribachi, porém outras posições continuavam intocadas, como o 28º Regimento acabou descobrindo ao escalar o monte. “As pedras eram jogadas sobre nossas cabeças pelos japas”, lembrou um fuzileiro, “e também por causa da nossa artilharia naval. Cada ninho de metralhadora era um problema em si, uma fortaleza com projeto intrincado que precisava virar escombros. As paredes de muitos deles começavam com blocos de concreto de 60 centímetros de espessura unidos por barras de ferro. Depois vinham de 3 a 3,5 metros de pedras empilhadas com lama e cinzas do Iwo.”⁸

Em Suribachi havia uma guarnição de 1.200 homens em túneis e bunkers. Imunes à artilharia e às bazucas, só podiam ser destruídos de perto. Os fuzileiros navais usaram cargas direcionadas ou dispositivos explosivos, com o grito “Atire no buraco!” ou lançavam granadas de fósforo. Os lança-chamas eram usados constantemente, mas era uma tarefa terrível para o operador, que se tornava um alvo imediato dos metralhadores japoneses tentando incendiar o tanque de combustível às suas costas. Os japoneses sabiam que ser atingido pelo seu bafo de dragão era como “fritar galinha”. Em determinado momento, os fuzileiros ouviram vozes japonesas e perceberam que o som subia por uma fresta na rocha. Camburões de gasolina foram levados a braço até o alto da montanha, o conteúdo foi despejado e atearam fogo.

Depois de três dias de combate incessante, um pequeno grupo do 28º conseguiu chegar ao topo do vulcão e hasteou a bandeira de listras e estrelas em uma haste metálica. A visão foi saudada com júbilo e lágrimas de alívio mais abaixo e no mar. Os navios fundeados ao largo soaram suas sirenes. O secretário de Marinha, James V. Forrestal, que observava a operação, virou-se para o major-general Holland Smith e disse: “Aquela bandeira hasteada no Suribachi vai representar o Corpo de Fuzileiros pelos próximos 500 anos.”⁹ Uma bandeira maior foi levada e hasteada por seis homens em uma longa peça de andaime que fez as vezes de mastro e a fotografia que tomaram tornou-se um ícone na guerra do Pacífico. Suribachi custou as vidas de oitocentos fuzileiros navais, mas não era a principal posição defensiva na ilha.

O quartel-general de Kuribayashi estava bem enterrado na extremidade norte de Iwo Jima, na mais complexa rede de túneis e cavernas cavadas. Houve fúria quando os poucos sobreviventes de Suribachi apareceram depois de se esgueirarem através da linha americana. Embora tivessem ordens do comandante moribundo de passar pela linha e levar a notícia da queda, foram recebidos com horror e choque por terem sobrevivido. O oficial, um tenente da marinha, foi estapeado, acusado de covardia e quase decapitado. Já estava de joelhos com a cabeça inclinada quando a espada foi arrancada das mãos do capitão Inouye Samaji.

No quarto dia, os fuzileiros haviam tomado os dois aeródromos no centro da ilha, mas então, com as três divisões em primeiro escalão, tinham de avançar para tomar o complexo norte enterrado na pedra vulcânica, uma paisagem tremendamente erma e infernal. Havia franco-atiradores japoneses ocultos nas fissuras. As metralhadoras passavam de uma entrada a outra da caverna, e as baixas americanas aumentaram. Os fuzileiros tinham raiva por não terem permissão de usar gás venenoso contra o sistema de túneis. Alguns tiveram colapsos em virtude do estresse do combate, mas muitos demonstraram uma valentia incrível, persistindo no combate mesmo seriamente feridos. Ao menos 27 Medalhas de Honra foram concedidas pela luta em Iwo Jima. Quase não houve prisioneiros: até os japoneses gravemente feridos foram mortos, pois em geral ocultavam granadas para se matarem e aos soldados que tentassem ajudá-los. Alguns fuzileiros decapitaram cadáveres japoneses para ferver a cabeça e vender o crânio quando voltassem para casa.

O avanço de ravina em ravina e de crista em crista, as quais receberam nomes como “moedor de carne”, “vale da morte” e “espinhaço sangrento”, era lento e terrível. Os soldados japoneses retiravam os uniformes dos fuzileiros mortos e atravessavam as linhas americanas à noite para matar e provocar desordem na retaguarda. Na noite de 8 de março, embora Kuribayashi tivesse proibido os

ataques *banzai*, o capitão Inouye atacou quando a sua força de mil homens foi cercada perto da Ponta Tachiwa, na parte mais ao leste da ilha. Investiram contra um batalhão do 23º Regimento, causando quase 350 baixas em um embate caótico, mas na manhã seguinte os fuzileiros sobreviventes encontraram 784 corpos de japoneses nas suas posições e ao redor.

Em 25 de março, quando a batalha de Iwo Jima terminou, 6.821 fuzileiros navais haviam sido mortos ou estavam mortalmente feridos, além de outros 19.217 gravemente feridos. Além de 54 soldados japoneses feitos prisioneiros, dois dos quais cometeram suicídio, a força de 21 mil homens de Kuribayashi foi dizimada. Quando o comandante foi seriamente ferido na batalha final, os soldados o enterraram nas profundezas de uma caverna.

Em meados de março, a Força-Tarefa 58 do almirante Mitscher, com 16 porta-aviões de carreira, voltou às águas japonesas para atacar os aeródromos de Kyushu e a ilha principal de Honshu. Tratava-se de um ataque preventivo antes da invasão de Okinawa. Além de destruir aviões japoneses em terra, os caças também conseguiram danificar o encouraçado *Yamato* e quatro porta-aviões. Porém, o ataque surpresa de um só bombardeiro, que não era camicase, causou danos imensos no porta-aviões USS *Franklin*. Embora com permissão para abandonar o navio, o comandante e os sobreviventes acabaram conseguindo controlar o fogo abaixo do deque. A força-tarefa de Mitscher estava a ponto de experimentar ataques bem piores ao fundear ao largo de Okinawa para proteger os desembarques. Lá, os seus navios foram alvo de onda após onda de aviões camicases.

Nos últimos dias de março, as forças americanas tomaram dois grupos de pequenas ilhas a oeste do sul de Okinawa que acabaram sendo mais úteis do que imaginavam. Eles descobriram e destruíram uma base de barcos suicidas preparados com cargas explosivas para ir de encontro às belonaves americanas. As ilhas mais próximas também ofereciam boas posições para as baterias de Long Toms de 155 mm para apoiar as tropas uma vez desembarcadas.

Com uma população civil de 450 mil, Okinawa era a principal ilha do arquipélago de Ryuku. Os japoneses haviam-na anexado e incorporado às ilhas nacionais em 1879. Os seus habitantes, que tinham tradições e cultura muito distintas das japonesas, não tinham absorvido o etos militarista da nação dominante. Seus recrutas eram mais importunados que os demais no Exército Imperial japonês.

Com 100 quilômetros de comprimento, Okinawa estava a uns 550 quilômetros a sudoeste do Japão e incluía várias cidades grandes, como a cidadela de Shuri,

do século XV, ao sul. Além de espinhaços rochosos no centro da ilha, grande parte da terra era coberta por cultivos intensivos de cana-de-açúcar e arroz. Com mais de 100 mil homens, o XXXII Exército do general Ushijima Mitsuru era mais forte do que a inteligência americana estimara, embora 20 mil homens proviessem de milícias localmente recrutadas, desprezadas pelos soldados japoneses, que faziam troça do dialeto de Okinawa. Ushijima perdera a sua melhor divisão, a 9ª, que fora transferida para as Filipinas por ordem do quartel-general Imperial. No entanto, possuía poderio incomum em termos de artilharia e morteiros pesados.

Do quartel-general na cidadela de Shuri, Ushijima planejava defender o sul, o pedaço mais populoso da ilha, até o último homem. Ao norte, nas áreas montanhosas onde os americanos esperavam o maior centro da resistência, ele posicionara apenas uma pequena força, comandada pelo coronel Udo Takehido. Ushijima não pretendia defender a linha costeira. Como Kuribayashi em Iwo Jima, aguardaria que os americanos chegassem até ele.

Em 1º de abril, um Domingo de Páscoa, após seis dias de bombardeios dos encouraçados e cruzadores, a esquadra invasora do almirante Turner estava pronta para lançar os blindados anfíbios em barcas de desembarque. Após os horrores de Iwo Jima, os desembarques foram uma mistura de anticlímax e alívio eufórico. A 2ª Divisão de Fuzileiros Navais fez um ataque diversionário na ponta sudeste e regressou a Saipan. Apenas 23 homens foram mortos no primeiro dia, do total de 60 mil das duas divisões de fuzileiros navais e duas do exército que desembarcaram na costa oeste. Com uma oposição mínima, avançaram terra adentro para conquistar dois aeródromos.

A 1ª e a 6ª Divisões de Fuzileiros progrediram na direção nordeste pelo istmo de Ishikawa para a parte principal da ilha, que Ushijima havia defendido tão parcamente. Após o alívio do desembarque sem oposição, os homens começaram a ficar tensos. “Onde diabos estão os japas?”,¹⁰ perguntavam-se os fuzileiros navais. Passaram por um grande número de cidadãos locais aterrorizados e assombrados e os orientaram para os campos de internamento na retaguarda. Os fuzileiros deram doces e algumas das rações às crianças, que não demonstraram medo como seus pais e avós. A 7ª e a 9ª divisões rumaram para o sul, sem saber que se dirigiam às principais linhas de defesa de Ushijima diante de Shuri.

Só em 5 de abril, quando as duas divisões alcançaram as colinas de pedra calcária com cavernas naturais e outras feitas pelo homem foi que perceberam o que os esperava. As cavernas eram ligadas por sistemas de túneis e as colinas estavam coalhadas de escavações naturais que serviam como excelentes ninhos de metralhadoras. As baterias de artilharia de Ushijima estavam posicionadas na

retaguarda, com oficiais observadores avançados nas colinas, prontos para dirigir os disparos. A principal tática nipônica consistia em separar a infantaria americana que acompanhava os blindados, e os tanques eram atacados por grupos ocultos que corriam e saltavam sobre os Shermans e lançavam coquetéis Molotov e dispositivos explosivos. As guarnições dos tanques que abandonavam os blindados em chamas eram mortas a tiros.

Enquanto as duas divisões do exército se assombravam com o que tinham pela frente, a esquadra do almirante Turner fundeada ao lago recebia o impacto dos ataques camicasas lançados de Kyushu e Formosa. Em 6 e 7 de abril decolaram 355 pilotos camicasas. Cada um ia escoltado por outro avião com um piloto mais experiente. A maior parte dos camicasas mal havia terminado o treinamento, e por isto eram encorajados a se apresentarem como voluntários. Os veteranos regressavam para escoltar outra leva. Embora tivessem ordens de mirar nos porta-aviões, a maioria atacava o primeiro navio que avistava. Em consequência, os contratorpedeiros, que formavam um semicírculo como piquetes de radares, foram os que, de início, sofreram os piores ataques. Com seus cascos finos e uns poucos canhões antiaéreos, eles tinham poucas chances de sobrevivência.

Combinada aos ataques aéreos, a missão suicida mais visível vinha na forma do enorme encouraçado *Yamato*, acompanhado de um cruzador ligeiro e oito contratorpedeiros. Por ordem do comandante em chefe da Esquadra Combinada, eles haviam navegado do mar Interior pelos estreitos entre Kyushu e Honshu. Deviam atacar a esquadra americana ao largo de Okinawa, abicar os navios e usá-los como baterias fixas para apoiar as forças do general Ushijima. Muitos oficiais navais de altas patentes se horrorizaram com este desperdício do *Yamato*, que havia recebido combustível suficiente apenas para a viagem de ida.

Em 7 de abril, o almirante Mitscher foi advertido da aproximação do *Yamato* pelos submarinos americanos. Enviou aviões, embora soubesse que o almirante Spruance queria que os seus navios tivessem a honra de afundá-lo. Spruance concordou com o ataque dos caças. O esquadrão suicida japonês foi perseguido por aviões de reconhecimento americanos, e eles guiaram os caça-bombardeiros Hell e os torpedeiros Avengers.

A primeira leva acertou dois alvos com bombas e um torpedo. A segunda, menos de uma hora depois, atingiu o *Yamato* com cinco torpedos. Mais dez bombas acertaram o alvo e o grande navio de guerra diminuiu a marcha e começou a afundar. O cruzador *Yahagi* também foi atingido. O *Yamato* adernou suavemente e explodiu. O *Yahagi* também foi a pique, junto com quatro contratorpedeiros. A grande investida foi um dos gestos mais inúteis da guerra

moderna, e custou as vidas de milhares de marinheiros.

A segunda série de ataques camicases contra a esquadra invasora começou em 11 de abril, e desta vez os alvos foram os porta-aviões. O *Enterprise* foi atingido por dois deles, mas sobreviveu com grandes avarias. O *Essex* também foi atingido, mas não ficou fora de ação. No dia seguinte, o encouraçado *Tennessee* foi atingido e um contratorpedeiro afundou. A tripulação foi metralhada por outros caças enquanto nadava. Em 15 de abril começou uma terceira série de ataques, quando o estresse entre os tripulantes navais já era visível. Outros ataques atingiram um navio-hospital claramente identificado e outros porta-aviões, incluindo o *Bunker Hill* e o *Enterprise*.

Houve também ataques camicases contra a Esquadra do Pacífico da Marinha Real, que o almirante King fora tão relutante em aceitar no que considerava como seu cenário de guerra. A Força-Tarefa 57, como Spruance a designara, estava bombardeando e atirando nos aeródromos da ilha de Sakishimagunto na direção de Formosa. As pistas de pouso dos porta-aviões tinham 7 centímetros de blindagem. Quando um camicase Zeke se espatifou contra o deque do HMS *Indefatigable* e explodiu, deixou uma massa. O oficial de ligação americano a bordo observou: “Quando um camicase atinge um porta-aviões americano, são seis meses de consertos em Pearl. Em um porta-aviões Limey,^{*} é o caso de ‘Varredores, peguem as suas vassouras’.”¹¹

A marinha americana pagou um preço alto. Ao final da campanha de Okinawa, o suicídio de 1.456 pilotos afundou 29 navios, avariou 120, matou 3.048 marinheiros e feriu outros 6.035.

Ao norte de Suri, a 7ª Divisão de Infantaria levou sete dias para avançar seis quilômetros. A 96ª precisou de três dias para tomar a Crista Cactus. Depois, conseguiu conquistar a Crista Kakazu em um ataque surpresa antes do amanhecer, mas foi forçada a recuar quando a artilharia japonesa, que havia regulado seus tiros para aquela crista, concentrou nela o seu fogo. Depois de nove dias de combate, as divisões foram barradas e, em conjunto, perderam 2.500 homens.

O general Simon Bolívar Bruckner, comandante do X Exército, por fim recebeu notícias animadoras dos fuzileiros navais que avançavam para o norte. Eles quase haviam alcançado a ponta norte da ilha pelas florestas de pinheiros, que emanavam um odor agradável depois do fedor de podre da luta na selva. A força do coronel Udo tinha se enfiado nos abrigos e túneis subterrâneos. O 29º Regimento de Fuzileiros Navais, ao topar com alguns amistosos habitantes de Okinawa que falavam inglês, descobriu onde ficava a base de Udo. Ele havia

escolhido um pico chamado Yae-dake nas profundezas da floresta, acima de um rio. Em 14 de abril, o 2º e o 4º Regimentos de Fuzileiros Navais atacaram de lados opostos. Depois de uma batalha de dois dias e de sofrer muitas baixas, conquistaram o Yae-dake. O coronel Udo se esgueirou através deles com alguns homens para seguir lutando em outro ponto da floresta.

Em 19 de abril, o general Buckner, impaciente, ordenou o intenso bombardeio das linhas japonesas e da cidade de Shuri por toda a artilharia, aviões da marinha e os grandes canhões da esquadra, preparando-se para um ataque com três divisões. O assalto às cristas fracassou. Em 23 de abril, o almirante Nimitz voou para Okinawa. Estava profundamente preocupado com as baixas nos seus navios fundeados e queria que a tomada de Okinawa fosse rápida. Foi sugerido a Buckner outro desembarque anfíbio da 2ª Divisão de Fuzileiros Navais na costa sul. Este rejeitou a ideia firmemente. Temia que os fuzileiros ficassem isolados em uma cabeça de praia e fosse difícil supri-los. Nimitz não insistiu, mas deixou claro que a conquista da ilha devia ser feita rapidamente ou Buckner seria substituído.

Naquela noite, encobertos pela névoa densa e pela fumaça de sua própria artilharia, os japoneses recuaram da primeira linha de defesa. Mas na linha seguinte, no Penhasco Urasoe-Mura com despenhadeiros, as perspectivas não eram boas. Os repletamentos feridos em combate costumavam ficar paralisados quando topavam com um soldado japonês pela primeira vez. Alguns chegavam a gritar para que alguém lhe desse um tiro, esquecendo-se até de que portavam armas. O 307º Regimento da 77ª Divisão repeliu um contra-ataque japonês quase exclusivamente com granadas. Os homens “atiravam granadas na velocidade com que conseguiam arrancar os pinos de segurança”,¹² disse um líder de pelotão. Para mantê-los abastecidos, uma cadeia humana passava adiante caixas repletas de granadas.

No fim do mês, Buckner trouxe as duas divisões de fuzileiros do norte da ilha. Foi então que, em 3 de maio, Ushijima cometeu um grande erro. Persuadido pelo conselho entusiasmado do comandante em chefe, o tenente-general Cho Isamu, lançou um contra-ataque. Cho, um militarista extremado responsável pela ordem que levou ao massacre e aos estupros de Nanquim, em 1937, advogava o ataque combinado com desembarques anfíbios por trás das linhas americanas. Os botes carregados de soldados foram avistados pelos navios-patrolhas da marinha americana e seguiu-se um massacre no mar e nas praias. O assalto em terra também foi desastroso. Ushijima ficou mortificado e se desculpou com o único oficial do Estado-Maior que se opusera àquele plano insano.

Em 8 de maio, quando a notícia da rendição alemã chegou às companhias de infantaria da 1ª Divisão de Fuzileiros, a reação mais comum foi: “E daí?”¹³ Para

eles, aquilo era outra guerra, em outro planeta. Estavam exauridos e imundos, e tudo em volta fedia. A concentração de tropas em Okinawa era anormalmente densa. Uma frente de batalhão se estendia por menos de 550 metros. “Claro que o saneamento era terrível”, escreveu William Manchester, um sargento da divisão em Okinawa. “Podia-se sentir o cheiro da linha de frente bem antes de vê-la; aquilo era uma enorme cloaca.”¹⁴

Em 10 de maio, Buckner ordenou uma ofensiva geral com cinco divisões contra a linha Shuri. Foi uma batalha feroz. Só a combinação de tanques Shermans convencionais e outros convertidos em lança-chamas podia enfrentar as defesas nas cavernas. Os fuzileiros levaram dez dias para tomar uma pequena colina chamada Pão de Açúcar e houve 2.662 baixas. Até os fuzileiros mais fortes tinham colapsos nervosos, principalmente devido à precisão dos morteiros e do fogo de artilharia japoneses. Todos tinham dores de cabeça horríveis causadas pelos estrondos dos canhões e as explosões. À noite, os japoneses tentavam se infiltrar nas suas linhas, por isso disparavam sinalizadores contra o céu continuamente, iluminando aquele terreno de pesadelo com um brilho verde mortiço. As sentinelas precisavam anotar a posição de cada cadáver à frente, pois os soldados japoneses que se arrastavam para lá durante a noite jaziam imóveis fingindo estar mortos.

Em 21 de maio, justo quando os americanos irromperam em uma área onde podiam empregar os tanques, chegaram as chuvas, atolando as viaturas e restando os aviões em terra. Tudo e todos foram cobertos por um barro líquido. Para a infantaria e os fuzileiros que escorregavam e deslizavam na lama carregando munição aquela era uma tarefa cansativa. Viver em trincheiras cheias de água com corpos em decomposição por todo lado nas crateras das bombas era ainda pior. Os corpos expostos à intempérie ou parcialmente enterrados estavam tomados pelas larvas.

Encobertas pela chuva forte, as forças de Ushijima recuaram para as posições defensivas do outro lado da extremidade sul de Okinawa. Ushijima sabia que era impossível sustentar a linha Shuri, e que com o avanço dos tanques americanos as suas forças corriam o risco de serem cercadas. Ele deixou uma forte retaguarda, mas logo depois um batalhão do 5º Regimento de Fuzileiros ocupou a cidadela de Shuri. Descobriram que levavam apenas uma bandeira Confederada, então, para constrangimento de alguns oficiais, a bandeira estrelada e cruzada tremulou até ser substituída pela de estrelas e listras.

Em 26 de maio as nuvens se dissiparam e os aviões americanos avistaram veículos movendo-se ao sul de Shuri. Os habitantes de Okinawa, aterrorizados pela propaganda japonesa a respeito dos americanos, insistiram em fugir com as tropas, embora Ushijima tivesse ordenado que procurassem abrigo em outra

direção. Os comandantes americanos foram obrigados a abrir fogo sobre a coluna, e o cruzador USS *New Orleans* começou a bombardear a estrada com canhões de 200 mm. Aproximadamente 15 mil civis morreram junto com os soldados que batiam em retirada.

Após a retirada, a força de Ushijima ficou reduzida a menos de 30 mil homens, mas ainda havia batalhas duras a travar, embora o fim estivesse próximo. Em 18 de junho, o general Buckner foi morto por estilhaços de bombas quando observava um ataque da 2ª Divisão de Fuzileiros. Quatro dias depois, assediados no bunker de comando, o general Ushijima e o tenente-general Cho se prepararam para o suicídio ritual pela autoestripação e a decapitação simultânea, executada por seus respectivos ajudantes. A contagem de corpos dos soldados chegou a 107.539, mas muitos mais já haviam sido enterrados ou ficaram sepultados nas cavernas destruídas.

As formações de fuzileiros navais e do exército também tiveram 7.613 mortos, 31.807 feridos e 26.211 com “outras lesões”, em sua maioria colapsos nervosos. Estima-se que 42 mil habitantes de Okinawa tenham morrido, mas os números reais podem ser muito maiores. Além dos mortos pela artilharia naval, muitos foram enterrados vivos nas cavernas pela artilharia de ambos os lados. De qualquer modo, isto levantou a questão de quantos civis japoneses morreriam na invasão das ilhas nacionais que estava sendo planejada. A tomada de Okinawa pode não ter acelerado o fim da guerra. O seu objetivo principal era servir de base para a invasão do Japão, mas a natureza suicida da defesa certamente obrigou os planejadores em Washington a considerar os passos seguintes.

Nota:

* [Antigo apelido dos marinheiros ingleses cujos navios transportavam frutas cítricas \(por exemplo, lima\) para combater o escorbuto entre as tripulações. \[N. do R. T.\]](#)

Yalta, Dresden e Königsberg

FEVEREIRO-ABRIL DE 1945

No final de janeiro de 1945, quando a luta em Budapeste estava no auge e os exércitos soviéticos chegavam ao rio Oder, os três líderes aliados se preparavam para a reunião em que decidiriam a sorte do mundo pós-guerra. Com medo de voar, Stalin insistiu em que a conferência ocorresse em Yalta, na Crimeia, onde poderia ir de trem, no vagão tsarista verde.

Roosevelt fora reeleito presidente pela quarta vez em 20 de janeiro. Em seu curto discurso de posse sinalizou a paz que não chegou a ver. Três dias mais tarde, em meio a precauções de segurança inéditas, ele embarcou secretamente a bordo do cruzador pesado USS *Quincy*. Onze dias depois, o *Quincy* e sua escolta chegaram a Malta, onde Churchill o esperava ansioso. Encoberto por demonstrações de charme e hospitalidade, Roosevelt evitou discutir o que diriam em Yalta. Mais uma vez, não quis que Stalin pensasse que estavam “conspirando” contra ele. Roosevelt queria rédea solta, sem uma estratégia acordada. A delegação britânica foi ficando cada vez mais incomodada. Stalin sabia exatamente o que queria, e jogaria um contra o outro. Roosevelt desejava, acima de tudo, garantir o apoio soviético para a Organização das Nações Unidas, ao passo que a prioridade máxima britânica era obter garantias de que a Polônia seria verdadeiramente livre e independente.

As duas delegações voaram à noite de Malta para o mar Negro e pousaram em Saki em 3 de fevereiro. Na longa viagem pelas montanhas da Crimeia e ao longo da costa sobrevoaram muitas áreas destruídas pela guerra. As delegações foram instaladas em palácios de verão tsaristas. Roosevelt e os americanos se hospedaram no palácio Livadia, onde ocorreriam as reuniões.

Para Stalin, o principal propósito da conferência de Yalta era forçar a aceitação do controle soviético da Europa Central e dos Bálcãs. Ele estava tão confiante em sua posição que foi capaz de atormentar Churchill em uma reunião preliminar ao sugerir uma ofensiva através do Passo de Liubliana. Ele sabia

perfeitamente que o projeto preferido de Churchill de se adiantar ao Exército Vermelho fora rejeitado consistentemente pelos americanos. Agora, com os exércitos soviéticos ao noroeste de Budapeste, os britânicos estavam atrasados demais. De qualquer modo, os americanos insistiam na transferência de mais divisões da Itália para a Frente do Ocidente. Churchill deve ter ficado profundamente irritado quando Stalin pôs o dedo na ferida com uma sinceridade fingida.

Ainda desejoso de dar a impressão de que os aliados ocidentais não estavam confabulando, Roosevelt rejeitou uma reunião com Churchill antes que as coisas realmente começassem. A precaução era desnecessária, pois a delegação soviética supunha que os dois já tivessem discutido uma estratégia em Malta. Pouco antes da sessão inaugural, Stalin visitou Roosevelt, que imediatamente tentou ganhar a sua confiança solapando Churchill. Falou sobre os seus desacordos quanto à estratégia e chegou a se referir favoravelmente ao brinde de Stalin em Teerã sugerindo o massacre de 50 mil oficiais alemães, comentário que fizera Churchill deixar a sala indignado.

Comentando que os britânicos queriam “ter o bolo e também comê-lo”, o presidente queixou-se de que eles ocupariam o norte da Alemanha, que ele queria para os Estados Unidos mas só o mencionara quando já era tarde demais. Contudo, estava preparado para apoiar a solicitação de Churchill de que os franceses tivessem a sua própria área de ocupação no sudoeste, mas ainda assim isto foi dito de um modo depreciativo, com críticas aos britânicos e a De Gaulle.

Na primeira sessão, no salão de festas do Palácio Livadia, no fim da tarde de 4 de fevereiro, Stalin convidou Roosevelt a abrir a conferência. Nos dias seguintes, eles discutiram a situação e a estratégia militar, a possível partição da Alemanha, as zonas de ocupação e também as reparações, tema de grande interesse para Stalin. Churchill se horrorizou com o anúncio de Roosevelt de que o povo americano não lhe permitiria manter as tropas na Europa por muito tempo. Os comandantes americanos estavam ansiosos por lavar as mãos da Europa e terminar a guerra com o Japão. Porém, corretamente, Churchill entendeu aquilo como um erro terrível nas negociações. Stalin sentiu-se tremendamente encorajado. Mais tarde, comentou com Beria que “a fraqueza das democracias está no fato de que o povo não delega direitos permanentes, como os que o governo soviético possui”.¹

Em 6 de fevereiro, o grande sonho de Roosevelt da Organização das Nações Unidas foi tema de discussões longas e tortuosas. Ao discutirem a composição do Conselho de Segurança e as qualificações dos países para serem membros da assembleia geral, Stalin suspeitou que os americanos e os ingleses haviam armado um estratagema. Ele não esquecera o voto da Liga das Nações

condenando a União Soviética pela invasão da Finlândia, no inverno de 1939.

Stalin foi hábil e seguro. Falou com uma autoridade calma e jogou para ganhar tão espertamente como na conferência de Teerã, quatorze meses antes, quando criou a estratégia que lhe deu domínio sobre metade da Europa. Tinha também a vantagem de conhecer as posições de negociação dos aliados ocidentais por meio dos espiões britânicos de Beria. Os outros dois membros dos Três Grandes não podiam se equiparar a ele. Parecendo envelhecido e frágil, a boca aberta quase todo o tempo, Roosevelt às vezes dava a impressão de não acompanhar o que estava ocorrendo. Churchill, sempre propenso a se deixar levar pela própria retórica emocional em vez de focar nos fatos, certamente não entendeu os aspectos vitais de algumas discussões importantes. Isto é certo especialmente no que se refere à Polônia, que lhe era tão cara. A sensação deixada foi que o primeiro-ministro não percebeu as manobras de Stalin sobre o tema, sutis, porém claras.

Para Churchill, o principal teste das boas intenções soviéticas seria como tratariam a Polônia. Contudo, Stalin não via motivo para ceder. O Exército Vermelho e o NKVD detinham o controle total do país. “Sobre a Polônia, Josef Vissarionovich não cedeu um centímetro”,² disse Beria ao filho Sergo em Yalta. (Sergo Beria era o encarregado de grampear todos os quartos e inclusive instalar microfones direcionados para captar as conversas de Roosevelt do lado de fora.)

Churchill se sentia só. “Os americanos são profundamente ignorantes do problema polonês”, disse a Eden e a lorde Moran, o seu médico. “Em Malta mencionei a independência da Polônia e a resposta foi: ‘Mas isto certamente não está em risco’.”³ Na verdade, Edward Stettinius, o secretário de Estado, concordara com Eden, mas Roosevelt queria evitar polemizar com Stalin sobre a Polônia, principalmente se isto atrapalhasse os acordos sobre as Nações Unidas.

Em 6 de fevereiro, durante os debates sobre a Polônia, Roosevelt tentou agir como se fosse um intermediário honesto dos britânicos e dos soviéticos. A fronteira leste ao longo da Linha Curzon havia sido mais ou menos acordada entre os Três Grandes, mas Roosevelt, para grande surpresa de Churchill, apelou a Stalin para que permitisse aos poloneses manter a cidade de Lvov como um gesto de generosidade. Stalin não tinha a menor intenção de fazê-lo. Em sua opinião ela pertencia à Ucrânia e, embora os poloneses fossem maioria absoluta na cidade, a limpeza étnica já tinha começado. Ele pretendia removê-los para as partes ao leste da Alemanha com as quais pretendia compensar a Polônia. Os cidadãos de Lvov mais tarde seriam removidos em massa para Breslau, que se tornaria Wrocław.

Stalin estava muito mais preocupado com as propostas ocidentais de um governo polonês de coalizão baseado em lideranças dos grandes partidos para

supervisionar eleições livres. Do seu ponto de vista, já havia um governo provisório: os poloneses de Lublin, que agora tinham se transferido para Varsóvia. “Vamos aceitar um ou dois emigrados para fins decorativos”, disse a Beria, “mas não mais do que isto.”⁴ Ele reconheceu o governo títere no início de janeiro, sob os protestos de britânicos e americanos. Os franceses também reconheceram o governo títere de Stalin, embora em dezembro De Gaulle tivesse outra posição. Os tchecos também o reconheceram, mas sob pressão.

Stalin ficou agitado durante as discussões. Depois de um recesso, subitamente ergueu-se para falar. Admitiu que os russos tinham “cometido muitos pecados no passado contra os poloneses”, mas que a Polônia era vital para a segurança soviética. Naquele século, a União Soviética fora invadida duas vezes através da Polônia, e só por isto era necessário que o país fosse “poderoso, livre e independente”.⁵ Nem Churchill nem Roosevelt conseguiam compreender inteiramente o choque provocado pela invasão alemã em 1941 e a determinação de Stalin em estabelecer um cordão de Estados satélites para que os russos nunca mais fossem surpreendidos. Pode-se argumentar que as origens da Guerra Fria residem naquela experiência traumática.

Obviamente, a noção de Stalin de “livre” e “independente” diferia da definição britânica e americana, já que ele insistia que ela devia ser “amigável”. Rejeitava quaisquer envolvimento com representantes do governo no exílio, acusando-os de criar problemas por trás das linhas soviéticas. Alegou que os membros do Exército Territorial haviam matado 212 oficiais e soldados do Exército Vermelho, mas claro que não mencionou a repressão assombrosa exercida pelo NKVD contra poloneses não comunistas. Portanto, segundo tal argumento, o Exército Territorial estava ajudando os alemães.

No dia seguinte ficou evidente a vinculação entre quaisquer concessões a respeito da Polônia e as Nações Unidas. Stalin adiou o tema do governo polonês e deixou os americanos animados ao concordar com o sistema de votação das Nações Unidas. Não queria que a União Soviética fosse vencida em massa nas votações da assembleia geral. Por isto, mais uma vez Molotov argumentou que, como os britânicos teriam diversos votos, considerando-se que as possessões provavelmente se alinhariam com a Grã-Bretanha, ao menos alguns Estados membros da União de Repúblicas Socialistas Soviéticas deveriam ser admitidos, especialmente a Ucrânia e a Bielorrússia.

Roosevelt não se convenceu. Ninguém os considerava de forma alguma independentes de Moscou e aquilo solapava o princípio de um país, um voto. Para sua surpresa e irritação, Churchill concordou com Stalin. Então, o presidente cedeu na manhã seguinte na esperança de que Stalin se comprometesse em declarar guerra ao Japão. Contudo, a concessão de Stalin às

Nações Unidas fora uma tentativa de levar Roosevelt a suavizar a postura diante da Polônia. O jogo em três dimensões estava ficando complicado. E ficou ainda pior com os desacordos no seio da delegação americana.

Quando a conferência retomou a questão polonesa, Stalin fingiu que era impossível satisfazer a sugestão de Roosevelt de que os delegados dos governos rivais viessem a Yalta. Ele não sabia os seus endereços e não havia tempo suficiente. Por outro lado, fingiu fazer concessões encorajadoras ao mencionar a possível inclusão dos poloneses não comunistas no governo provisório e convocar eleições gerais em seguida. Rejeitou as sugestões americanas de um conselho presidencial para supervisionar as eleições. Molotov e Stalin fincaram pé em que o governo provisório de Varsóvia não seria substituído, mas poderia ser ampliado.

Churchill deu uma resposta poderosa, explicando por que haveria uma profunda desconfiança no Ocidente, e até indignação, ante a ideia de um governo que não tivesse amplo apoio na Polônia. Stalin replicou com advertências inconfundíveis. Havia honrado o acordo sobre a Grécia. Não protestara quando as tropas britânicas eliminaram comunistas em Atenas. E comparou a questão da segurança na retaguarda polonesa à situação na França, onde na verdade havia refreado o Partido Comunista Francês. De qualquer modo, argumentou, o governo gaullista não tinha uma composição mais democrática que o governo comunista provisório de Varsóvia.

Stalin alegou que a libertação da Polônia pelos soviéticos e o governo provisório haviam sido bem recebidos. A mentira deslavada deve ter sido pouco convincente, mas a mensagem era clara. A Polônia era a sua França e Grécia, e mais ainda. Ele sabia que a Grécia era o calcanhar de aquiles do primeiro-ministro e a flecha apontava nessa direção. Churchill foi forçado a expressar gratidão pela neutralidade de Stalin nos assuntos gregos. Temendo perder terreno na questão das Nações Unidas, Roosevelt insistiu em que a questão polonesa fosse posta de lado momentaneamente e que fosse discutida pelo comitê de ministros do Exterior.

O presidente concordou com o preço de Stalin para entrar em guerra contra o Japão. No Extremo Oriente, a União Soviética queria a parte sul da ilha de Sakhalin e as Ilhas Curilas, que a Rússia perdera após a guerra desastrosa contra o Japão em 1905. Roosevelt também cedeu no controle soviético sobre a Mongólia, desde que isso ficasse em segredo, pois não tinha discutido o assunto com Chiang Kai-shek. Tal fato estava totalmente fora do espírito da Carta do Atlântico, assim como a transigência americana com relação à Polônia, anunciada por Stettinius em 9 de fevereiro.

Roosevelt não quis pôr em risco os acordos alcançados a respeito das suas

duas principais prioridades, as Nações Unidas e a entrada soviética na guerra contra o Japão. Ele desistira de fazer Stalin aceitar o governo democrático na Polônia. Agora, tudo o que queria era um acordo sobre um “Governo Provisório de Unidade Nacional” e “eleições livres e sem travas” que pudessem ser vendidos ao povo americano ao voltar para casa. Esta abordagem aceitava tacitamente as demandas soviéticas de que o governo provisório formaria a base do novo e, por implicação, jogaria um manto de esquecimento sobre o governo no exílio sediado em Londres. Molotov fingiu propor mudanças insignificantes e quis descartar termos como “totalmente representativo” e, ao invés de “partidos democráticos”, sugeriu “antifascista e não fascista”. Como o Estado soviético e o NKVD já haviam definido o Exército Territorial e seus partidários como “objetivamente fascistas”, de modo algum isso era pedantismo sem significação.

Roosevelt fez pouco caso das preocupações de Churchill, tomando-as como meras interpretações de certas palavras, mas o diabo espreitava nos detalhes, como descobririam mais tarde. O primeiro-ministro não se deu por vencido. Sabendo que não ganharia no tema da composição do governo provisório, concentrou-se na questão das eleições livres e exigiu observadores diplomáticos. Stalin retrucou sem um pinga de vergonha que aquilo seria um insulto aos poloneses. Roosevelt se viu obrigado a apoiar Churchill, porém, na manhã seguinte, sem advertir os ingleses, os americanos subitamente recuaram da insistência no monitoramento das eleições. Churchill e Eden ficaram sem chão. O único que puderam conseguir foi um acordo para que os embaixadores tivessem liberdade de ação para informar sobre os acontecimentos na Polônia.

O almirante Leahy assinalou a Roosevelt que as palavras no acordo eram “tão elásticas que os russos poderiam esticá-las de Yalta até Washington sem, tecnicamente, rompê-las”.⁶ Roosevelt respondeu que não havia mais nada a fazer. Stalin não estava se esforçando pela Polônia, não importa o que dissessem. Suas tropas e a polícia controlavam o país. Pelo que pareceu ser o grande bem da paz mundial, Roosevelt não estava disposto a enfrentar o ditador soviético. Este, incomodado ao perceber o estado frágil do presidente que a tudo cedia, disse a Beria para providenciar informações detalhadas sobre aqueles que o cercavam e poderiam ter um papel importante após a sua morte. Queria todas as minúcias disponíveis sobre o vice-presidente Harry Truman. Temia que a administração seguinte fosse menos maleável. Na verdade, quando Roosevelt morreu, dois meses depois, Stalin se convenceu de que ele tinha sido assassinado. Segundo Beria, Stalin se enfureceu porque a diretoria do NKVD não lhe forneceu informações a respeito.⁷

Um dos últimos temas a serem tratados em Yalta foi a repatriação dos prisioneiros de guerra. Com alguns campos já tomados pelo Exército Vermelho,

as democracias queriam trazer os homens de volta para casa e devolver o maior número de prisioneiros de guerra soviéticos e os que envergavam uniformes da Wehrmacht. Nem os britânicos nem os americanos haviam sopesado inteiramente as implicações deste acordo. As autoridades soviéticas confundiram os Aliados ao insistir em que os seus cidadãos haviam sido forçados a participar das fileiras alemãs contra a sua vontade. Eles deviam ser bem tratados, separados dos prisioneiros alemães e não podiam ser considerados prisioneiros de guerra. Aquelas autoridades chegaram a acusar os Aliados de maltratar os prisioneiros que elas mesmas pretendiam massacrar ou enviar para o Gulag assim que recebessem de volta.

Os britânicos e os americanos entenderam que Stalin queria se vingar dos cerca de um milhão de cidadãos soviéticos que haviam servido com o uniforme da Wehrmacht, ou que tinham sido forçados pela fome a se tornarem *Hiwis*. Contudo, não entenderam que até os que tinham sido aprisionados pelos alemães eram considerados traidores. Ao descobrirem a verdade sobre o massacre dos prisioneiros soviéticos que regressaram, os Aliados preferiram permanecer calados para não retardar a chegada dos seus próprios prisioneiros de guerra. Considerando que seria impossível revisar as acusações de um modo eficaz para identificar os verdadeiros criminosos de guerra, era mais fácil enviar todos de volta, se necessário pela força.

As questões militares que abriram a conferência foram as últimas a serem acordadas. Os americanos queriam que Eisenhower tivesse o direito de fazer ligação direta com o Stavka, de modo a coordenar os planos. Embora fosse uma ideia razoável, isto foi muito complicado. O general Marshall e seus colegas não haviam conseguido compreender que os comandantes soviéticos não ousavam fazer contato com estrangeiros sem antes obter permissão de Stalin. Marshall também pensava que a troca de informações genuína dependia dos interesses de ambas as partes, porém, como qualquer americano sem experiência com as práticas soviéticas, ele não conseguiu entender a convicção russa de que os países capitalistas estavam sempre tentando enganá-los e, por isto, deviam enganá-los primeiro. Eisenhower foi absolutamente honesto quanto às suas intenções e a sua programação — de fato, honesto e ingênuo demais segundo Churchill. Por sua parte, os soviéticos deliberadamente o confundiram quanto aos planos e à programação da operação em Berlim.

Para Marshall era uma questão urgente esclarecer a “linha de bombardeio”, o limite entre as zonas ocidental e soviética de operação. Os aviões americanos já haviam atacado tropas soviéticas por engano, pensando que eram alemãs. Mais uma vez, surpreendeu-se ao saber que o general Aleksei Antonov, chefe do Estado-Maior, não podia discutir coisa alguma sem primeiro consultar Stalin.

De Gaulle não agradeceu a Churchill por ter convencido Roosevelt e Stalin de permitirem que a França se unisse à Comissão de Controle Aliada com as suas próprias zonas de ocupação. O líder francês estava ressentido por não ter sido convidado a Yalta e com a negativa de entregarem a Renânia à França. O seu ânimo não melhorou quando, a caminho de casa, Roosevelt o convidou a Argel para informá-lo sobre o que havia sido decidido em Yalta. Melindrado, De Gaulle não gostou de ser convidado por um americano para um encontro em território francês, e por isso recusou prontamente. Depois vazou a informação de que Roosevelt o chamara de “*prima donna*”, o que contribuiu para complicar ainda mais a situação.

O “espírito de Yalta”, uma poeira fantasiosa que baixou sobre os delegados americanos e britânicos, os convenceu de que, mesmo que os acordos alcançados não fossem de nenhum modo indiscutíveis, a disposição de Stalin em cooperar e ceder sugeria que seria possível manter a paz no mundo pós-guerra. Em pouco tempo, estas ideias otimistas seriam contrariadas.

Ao tratarem do tema do bombardeio, o general Antonov pediu ataques aos centros de comunicação por trás das linhas alemãs no front oriental. O objetivo era impedir a transferência de tropas alemãs do front ocidental ao front oriental para enfrentar o Exército Vermelho. Tem sido argumentado que “o resultado direto daquele acordo foi a destruição de Dresden pelo bombardeio aliado”.⁸ Porém, Antonov nunca mencionou Dresden.

Mesmo antes da conferência de Yalta, Churchill estava ansioso para impressionar os soviéticos com o poder destruidor do Comando de Bombardeiros, em um momento em que os exércitos britânicos estavam enfraquecidos por escassez de efetivos. Isto também lhes recordaria que a campanha de bombardeio estratégico era a Segunda Frente inicial, como tentara persuadir Stalin em diversas ocasiões.

Harris também estava ansioso para atacar Dresden simplesmente por ser uma das poucas cidades grandes que ainda não tinham sido arrasadas.⁹ A 8ª Força Aérea havia bombardeado o pátio ferroviário de manobras da cidade em outubro, mas isso não podia ser incluído no seu registro de grandes feitos. Nem passou pela sua cabeça que aquela joia barroca à beira do Elba era um dos tesouros arquitetônicos e artísticos da Europa. O seu fracasso em levar a Alemanha ao colapso com os bombardeiros pesados, como dissera que faria, só parecia incitá-lo. Em 1º de fevereiro, Portal, Spaatz e Tedder acordaram uma nova diretriz que colocava “Berlim, Leipzig e Dresden como alvos prioritários da lista, logo abaixo do petróleo”.¹⁰

Harris não acreditava no plano do petróleo, como dissera claramente a Portal, o comandante em chefe do ar, em correspondência trocada no inverno. Uma diretriz do comando combinado de chefes de Estados-Maiores de 1º de novembro de 1944 devia tê-lo feito se concentrar primeiro nos alvos de petróleo e depois nas comunicações. Embora as interceptações do Ultra indicassem que a ênfase de Spaatz no petróleo estava sendo mais eficaz, Harris não quis se desviar do seu objetivo pessoal. “Devemos abandonar agora esta vasta tarefa [...] quando está quase finalizada?”,¹¹ perguntou-se. Ele foi obrigado a reagir à pressão de Portal, mas usou o problema genuíno da visibilidade ruim no inverno como desculpa para prosseguir no seu curso pessoal de bombardear as cidades. Harris chegou a apresentar a sua demissão em janeiro quando a disputa prosseguiu, mas Portal sabia que não podia exonerá-lo. Embora estivesse errado em quase todas as suas ideias fixas, Harris granjeara muito apoio na imprensa popular e entre o público em geral.

Para a maior parte das tripulações da RAF, “Dresden era só outro alvo, embora muito, muito distante”.¹² Eles ouviram que aquilo afetaria os esforços de guerra alemães e ajudaria o Exército Vermelho. A informação não mencionava que o objetivo era criar uma torrente de refugiados para impedir o trânsito da Wehrmacht — tática que levava os britânicos a condenar a Luftwaffe, em 1940.

Os bombardeiros americanos deviam atacar primeiro em 13 de fevereiro, porém, devido ao mau tempo, a contribuição deles foi adiada por 24 horas. Em consequência, o ataque a Dresden começou na noite de 13 de fevereiro, com 796 Lancasters da RAF em duas levadas. Na primeira, o lançamento começou com o misto usual de alto-explosivo e incendiárias principalmente na parte velha da cidade, mais inflamável. Na segunda onda, maior, os pilotos já podiam ver um forte brilho no horizonte a 150 quilômetros do alvo. Como em uma forja titânica, os incêndios se fundiram em um inferno gigantesco, que em pouco tempo atraiu para o solo ventos com a força de um furacão.

Quando as Fortalezas americanas chegaram no dia seguinte, uma Quarta-Feira de Cinzas, a fumaça da cidade se alçara a 4.500 metros. No solo, as condições eram tão horríveis como nas demais cidades arrasadas pelo fogo — Hamburgo, Heilbronn, Darmstadt —, com corpos encolhidos pela calcinação, a maior parte morta por inalação de monóxido de carbono, o chumbo derretido escorrendo dos telhados e o asfalto amolecido nas ruas prendendo as pessoas no chão como papel mata-moscas. As importantes ligações ferroviárias e o trânsito militar de Dresden eram um alvo legítimo, mas a ânsia obsessiva de Harris de chegar à extinção total voltara a prevalecer. Pforzheim foi a cidade seguinte, dez dias depois. Lá, a tormenta elevou para 63 a pontuação das cidades destruídas por Harris. A linda cidade de Würzburg, que tinha ainda menos importância militar,

foi totalmente destruída em meados de março. No final da vida, Harris continuava insistindo em que a sua estratégia havia salvado inúmeras vidas de soldados aliados.

Após a destruição de Dresden houve questionamentos na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. As alegações eram de que as forças aéreas aliadas haviam adotado uma política de “bombardeio de terror”. Churchill, que havia apoiado o bombardeio de Dresden e outros centros de comunicação no leste alemão, começou a ficar reticente quanto à “fúria” da campanha estratégica de bombardeios. Enviou uma minuta aos chefes de Estados-Maiores britânicos afirmando que “a destruição de Dresden é uma grave interrogação na conduta dos bombardeios aliados”.¹³ Portal considerou aquilo tremendamente hipócrita e exigiu que ele se retratasse.

Apesar dos desacordos com Harris, Portal estava determinado a defender o sacrifício do Comando de Bombardeiros. De um total de 125 mil tripulantes, morreram 55.573. Na 8ª Força Aérea morreram 26 mil, mais do dobro de todo o Corpo de Fuzileiros Navais.¹⁴ Estima-se que cerca de 350 tripulantes dos Aliados tenham sido linchados ou assassinados ao pousar. As estimativas do número de civis alemães mortos variam, mas ficam em torno de meio milhão. A Luftwaffe matou muitos mais, inclusive cerca de meio milhão de civis só na União Soviética, mas isto não era desculpa para a convicção profundamente equivocada de Harris de que o Comando de Bombardeiros poderia vencer a guerra sozinho, simplesmente destruindo cidades.

Aparentemente, Goebbels teve um ataque de raiva ao saber da destruição de Dresden. Ele afirmou que um quarto de milhão de pessoas havia morrido e exigiu que um número equiparável de prisioneiros de guerra aliados fosse executado. (Recentemente, uma comissão de historiadores de guerra alemães reduziu a estimativa para “perto de 18 mil e, definitivamente, menos de 25 mil”).¹⁵ A ideia de matar prisioneiros de guerra aliados seduziu Hitler. Este desprezo pela Convenção de Genebra forçaria as suas tropas a lutar até o fim. Mas vozes mais sensatas, inclusive as de Keitel, Jodl, Dönitz e Ribbentrop o convenceram do contrário.

A promessa de um futuro glorioso para a Alemanha nos primeiros anos da guerra tinha sido substituída pela propaganda de terror do “*Kraft durch Furcht*”,¹⁶ a força pelo medo. Implícita e explicitamente Goebbels evocava as consequências da derrota, com a aniquilação da Alemanha e a conquista soviética, o estupro e a deportação para trabalhos forçados. O lema “A vitória ou a Sibéria”¹⁷ era uma ideia poderosamente maniqueísta. Um jovem oficial

escreveu que “o sofrimento causado pela derrota na guerra é inimaginável”.¹⁸ Contudo, embora o regime nazista se negasse totalmente a negociar, permitia e encorajava tacitamente a população a acreditar em algum tipo de acordo com os Aliados para que tivessem alguma esperança, embora não confiassem mais na “vitória final”. Depois de perder a confiança na mídia oficial, a maior parte da população se fiava os rumores e boatos trocados nos abrigos antibomba e porões antiaéreos.

As histórias mais assustadoras provinham dos refugiados que haviam escapado da Prússia Oriental, da Pomerânia e da Silésia. Cerca de 300 mil militares e civis continuavam retidos em Königsberg e na península de Samland, mais além. A sua única esperança estava depositada na Kriegsmarine. Em pouco tempo, os civis na Pomerânia também ficaram isolados. Após a conferência de Yalta, Jukov recebera ordens de Stalin de cuidar do “balcão báltico” no flanco norte e reposicionou vários exércitos.

Em 16 de fevereiro, as forças alemãs receberam ordens de atacar ao sul, na área de Stargard, em uma operação que os oficiais do Estado-Maior denominaram Husarenritt (Cavalgada dos Hussardos), mas a SS de Himmler insistia em denominar Sonnenwende (Solstício). Mais de 1.200 tanques foram deslocados para a ofensiva, mas muitos nunca chegaram à linha de partida. O degelo súbito transformou o solo em uma lama espessa que, somada à escassez de combustível e munição, fez da Sonnenwende um desastre. Ela foi abandonada em dois dias.

Depois de deslocar as suas forças, Jukov enviou os I e II Exércitos Blindados de Guardas e o III Exército de Choque para o leste de Stettin até a costa do Báltico. Isto foi depois do avanço de Rokossovsky para o oeste do Vístula, com quatro exércitos, em direção a Danzig. Brigadas blindadas nas vanguardas esmagaram as defesas fracas. Em cidades supostamente muito atrás das linhas, os civis alemães assistiram estupefatos de horror os tanques T-34 avançando pelas ruas principais e derrubando quaisquer obstáculos com suas lagartas. Uma cidade costeira foi varrida de roldão pela cavalaria. Unidades da Wehrmacht isoladas tentaram avançar para o oeste, progredindo penosamente em grupos por florestas silenciosas cobertas de neve. Foi assim que os mil e tantos homens restantes da francesa Divisão Carlos Magno da SS conseguiram escapar de Belgard.

Mais uma vez, o Partido Nazista não permitiu que a população civil partisse a tempo. Colunas formadas às pressas se formaram na neve em carroças com coberturas improvisadas para se proteger do vento congelante. A rota da retirada alemã era marcada por “aleias de patíbulos”, onde a *Feldgendarmarie* da SS havia enforcado desertores com cartazes dependurados no pescoço proclamando

a sua culpa. Caso os refugiados se dirigissem para o leste, em direção a Danzig e Gotenhafen (Gdynia) ou para o oeste, em direção a Stettin, se deparavam com o Exército Vermelho e tinham de dar meia-volta. As famílias proprietárias de terras sabiam que seriam as primeiras a serem mortas quando os soviéticos chegassem. Muitas se suicidaram primeiro.

Danzig, que logo foi cercada pelo Exército Vermelho, se transformou em um inferno de chamas e fumaça preta. Com os refugiados, a sua população tinha inchado para 1,5 milhão, e os feridos eram depositados junto ao cais para esperar a evacuação. A Kriegsmarine usou as embarcações disponíveis para levá-los ao porto de Hela, na península ao norte, onde outros navios os levariam a portos a oeste do estuário do Oder ou para Copenhague. Só os canhões pesados do *Prinz Eugen* e do velho encouraçado *Schlesien* mantiveram as tropas soviéticas fora da cidade até 22 de março. Os marinheiros alemães continuaram resgatando civis, apesar do fogo dos tanques no litoral.

O saque de Gdynia foi terrível quando as tropas soviéticas entraram na cidade. Até as autoridades militares soviéticas ficaram chocadas. “O número de acontecimentos extraordinários está aumentando, além dos fenômenos imorais e crimes militares”, informou o departamento político, empregando os eufemismos tortuosos de sempre. “Entre as nossas tropas ocorrem fenômenos vergonhosos e politicamente daninhos, quando com a desculpa da vingança alguns oficiais e soldados cometem afrontas e pilhagens, em vez de cumprir o seu dever para com a pátria de modo correto e abnegado.”¹⁹ Mais tarde, os civis alemães deixados para trás em Danzig tiveram sorte semelhante.

Sem dúvida, a vingança era inevitável, principalmente quando os soviéticos descobriam tantos rastros de atrocidades. O campo de concentração de Stutthof, onde 16 mil prisioneiros haviam morrido de tifo em seis semanas, foi destruído na tentativa de ocultar as evidências.²⁰ Os soldados alemães e os *Volkssturm* participaram da execução dos últimos prisioneiros do Exército Vermelho, poloneses e judeus. Porém, uma descoberta ainda mais atroz ocorreu no Instituto Médico-Anatômico de Danzig, onde desde 1943 o professor Spanner e o professor assistente Volman conduziam experimentos em cadáveres do campo de Stutthof para transformá-los em couro ou sabão.

“O exame das instalações do Instituto Anatômico”, dizia o informe oficial, “revelou 148 cadáveres humanos estocados para a produção de sabão [...]. As pessoas executadas cujos corpos foram usados para a confecção de sabão eram de diferentes nacionalidades, mas principalmente poloneses, russos e uzbeques.”²¹ O trabalho de Spanner evidentemente fora aprovado nas altas esferas, pois o instituto fora “visitado pelo ministro da Educação, Rust, e o ministro de Atenção à Saúde, Konti. O *Gauleiter* de Danzig, Albert Förster,

visitou o instituto em 1944, quando se produzia sabão”. É surpreendente que as autoridades nazistas não tenham desmontado aquela evidência tão horripilante antes da chegada do Exército Vermelho. Ainda mais espantoso é o fato de que Spanner e seus associados nunca tenham sido julgados, porque o processamento de cadáveres não era ilegal.

O saque tornou-se um jogo e uma questão de orgulho, principalmente nas companhias de punição. “A *shtrafroty* posicionada junto à nossa”, registrou um jovem oficial, “era comandada por um judeu, Lyovka Korsunskii, que tinha os modos típicos da gente de Odessa. Ele veio nos visitar durante um descanso em uma bela carruagem capturada, puxada por garanhões magníficos. Tirou um bom relógio suíço do pulso esquerdo e atirou-o para alguém. Os relógios eram um objeto de desejo permanente e muitas vezes serviam de recompensa. Os nossos soldados que não falavam uma palavra de alemão rapidamente aprenderam a dizer: ‘*Wieviel ist die Uhr?*’ O civil desavisado tirava o relógio do bolso e este imediatamente se movia para o bolso do guerreiro-vencedor.”²²

A Prússia Oriental continuou sendo o principal foco da vingança. “Só estou na guerra há um ano”, escreveu outro jovem oficial, “então como as pessoas se sentem depois de quatro anos na linha de frente? Os seus corações agora são de pedra. Se você diz a um deles: ‘Soldado, você não devia matar esse Hans. Deixe-o reconstruir o que destruiu’, ele olha para você com uma carranca e responde: ‘Eles mataram a minha mulher, a minha filha.’ E dispara a arma. Ele está certo.”²³

A faixa de areia ao longo do Frisches Hall separando a Lagoa do Vístula do Báltico era a única rota aberta para escapar da Prússia Oriental. Milhares de civis haviam fugido pelo gelo até lá, embora muitos tenham caído onde ele estava mais frágil pelos tiros e o degelo. “Quando chegamos à costa do Frisches Haff”, escreveu Rabichev, “a praia estava lotada de capacetes alemães, submetralhadoras, granadas sem uso, latas de comida e maços de cigarros. Ao longo da costa havia cabanas. Nelas, os Fritzes feridos jaziam em camas ou no piso. Eles nos fitaram em silêncio. Não havia medo nem ódio nos seus rostos, apenas uma indiferença entorpecida, como se soubessem que só precisávamos apontar a submetralhadora e disparar.”²⁴

As tropas no cerco de Heiligenbeil, de costas para o mar, haviam contido as forças soviéticas à sua volta graças exclusivamente aos canhões dos encouraçados de bolso *Admiral Scheer* e *Lützow*. Em 13 de março, porém, o Exército Vermelho atacou fortemente.

Os soldados em outro pequeno bolsão no porto de Rosenberg não tiveram permissão de Hitler para evacuar a área. Foram dizimados em um assalto em 28 de março. “O porto de Rosenberg parecia uma *kasha* de metal, imundície e carne”, escreveu à mãe um tenente do Exército Vermelho. “Os corpos dos Fritzes

cobriam o solo. O que aconteceu aqui apequena os acontecimentos na estrada de Minsk em 1944. Caminhamos sobre cadáveres, sentamos em restos dos cadáveres, comemos sobre cadáveres. Por cerca de dez quilômetros há dois cadáveres de Fritzes por metro quadrado [...]. Os prisioneiros de guerra estão sendo levados em batalhões, com o comandante à frente. Não entendo por que nos preocupamos em fazê-los prisioneiros. Já temos tantos, e ainda há outros 50 mil. Eles caminham sem guardas, como ovelhas.”²⁵

A península de Samland a oeste de Königsberg era defendida por uma mescla de tropas do exército e da *Volkssturm* que tentavam proteger as evacuações por mar no porto de Pillau. Um oficial da 551ª Divisão *Volksgrenadier* descreveu que eram acalmados por alto-falantes que transmitiam música entremeada de mensagens em alemão instando-os a depor as armas. “Não faríamos isso de jeito nenhum, porque nas nossas mentes ainda podíamos ver as mulheres de Krattlau e Ännchenthal que haviam sido estupradas até morrer, e sabíamos que atrás de nós milhares de mulheres e crianças ainda tinham de tomar a decisão de evacuar.”²⁶

Em Königsberg, membros da *Feldgendarmarie*, conhecidos como “matilha de coleira” devido à argola metálica que usavam no pescoço, vasculharam porões e casas em ruínas em busca de homens que tentavam evitar servir no *Volkssturm*. Muitos civis queriam desesperadamente que a cidade se rendesse para pôr fim ao sofrimento, mas o general Otto Lasch tinha instruções estritas de Hitler de lutar até o fim. O *Gauleiter* Koch, que fugira antes e levava a família para um lugar seguro, regressava de vez em quando em um avião Storch para ver se suas ordens estavam sendo cumpridas.

Königsberg tinha defesas fortes, com velhas fortalezas com fossos somadas a novos bunkers e cavernas. No final de março, o marechal Vasilevsky, que assumira o comando da Terceira Frente Bielorrussa quando Chernyakhovsky foi morto pela explosão de uma granada de artilharia, ordenou um ataque massivo. Foi uma operação caótica, e a artilharia e os aviões soviéticos muitas vezes mataram e feriram as próprias tropas por acidente. As baixas do Exército Vermelho foram terríveis, e quando os soldados por fim chegaram à cidade fortificada não tiveram piedade nem dos civis com lençóis brancos dependurados nas janelas em sinal de rendição. Em pouco tempo as mulheres estavam suplicando aos atacantes que as matassem. Os gritos lancinantes que ecoavam nas ruínas eram ouvidos em toda parte. Milhares de civis e soldados cometeram suicídio.

Em 10 de abril, o general Lasch por fim se rendeu e foi imediatamente condenado à morte *in absentia* por ordem de Hitler. A Gestapo deteve a sua família de acordo com a lei de represália nazista *Sippenhaft*. Um grupo da SS e

da polícia lutou no castelo, mas em pouco tempo foram mortos por um fogo abrasador que provavelmente destruiu os valiosos painéis do Salão Âmbar, saqueado durante o cerco de Leningrado e levado para Königsberg.

No início do cerco, estima-se que havia 120 mil civis em Königsberg. O NKVD contou 60.526 no final. Alguns do *Volkssturm* foram mortos à queima-roupa como *partisans* por não vestirem uniforme. Todos os demais, incluindo muitas mulheres, foram levados marchando para trabalhos forçados na região ou na União Soviética. A campanha da Prússia Oriental finalmente havia terminado. A Segunda Frente Bielorrussa de Rokossovsky tinha perdido 159.490 homens entre mortos e feridos, e a Terceira Frente Bielorrussa teve 421.763 baixas. Contudo, apesar destes sacrifícios, a guerra ainda não havia sido vencida. O exército alemão cercado ainda era uma besta perigosa. Continuava lutando, fosse por medo da represália pelos crimes de guerra na União Soviética ou por medo dos bolcheviques e do trabalho escravo na Sibéria. O número de desertores crescia cada vez mais, mas a ameaça das “cortes marciais voadoras” que emitiam sentenças sumárias e os enforcamentos da SS e da *Feldgendarmarie* quando pegavam alguém certamente teve resultado. Como observou um oficial de alta patente do Exército Vermelho: “O moral está baixo, mas a disciplina é forte.”²⁷

Os Americanos no Elba

FEVEREIRO-ABRIL DE 1945

Os comandantes americanos sempre criticaram Montgomery por sua cautela, porém o próprio Eisenhower ficou extremamente prudente após o ataque surpresa nas Ardenas. O contra-ataque ao bolsão fora lento e deliberado, o que permitiu a Model retrair a maior parte das suas forças. Em determinado momento, Eisenhower não esperava cruzar o Reno antes de maio, por pensar que o rio estivesse em nível demasiado alto. Ele superestimou enormemente o poder de combate dos exércitos alemães que tinha à frente, os quais, na verdade, estavam enfraquecidos pela escassez de combustível e munição. Os feitos de Speer em 1944 na produção em massa de armamentos não haviam sido acompanhados pela indústria de munição.

“Os alemães simplesmente parecem não entender”,¹ era a queixa constante dos soldados americanos. Por que continuam lutando se a guerra obviamente está perdida? Em novembro, o general Patton fizera a mesma pergunta a um coronel alemão capturado. “É o medo da Rússia o que nos força a empregar todos os homens que consigam carregar uma arma”,² foi a resposta. Alguns historiadores afirmam que os alemães lutaram até o fim devido à insistência dos Aliados na rendição incondicional, mas este não foi o fator predominante. Roosevelt e Churchill estavam convencidos de que o povo alemão, após as ilusões com a derrota em 1918, teve de reconhecer que desta vez estava totalmente derrotado. O Plano Morgenthau, por sua vez, havia sido um grande equívoco.

Mas a verdade era que os nazistas sabiam que seriam executados por crimes de guerra. Hitler não tinha dúvidas a respeito. A rendição de qualquer forma era anátema para ele, e o seu entourage sabia que a guerra não terminaria enquanto ele vivesse. O seu maior medo não era a execução, mas ser capturado e levado para Moscou em uma jaula. O seu plano sempre fora implicar a hierarquia civil e militar nos crimes do Estado nazista, de modo que não pudessem se dissociar disto quando já não houvesse esperança.

No início de fevereiro de 1945, o I Exército americano começou a ofensiva ao sul da floresta Hürtgen em condições congelantes. Em 9 de fevereiro, as tropas de Hodges conseguiram tomar a represa do Roer perto de Schmidt. Naquele mesmo dia, o I Exército francês, apoiado por divisões blindadas americanas, eliminou o bolsão de Colmar. A ofensiva de Bradley, liderada pelo 18º Corpo Aeroterrestre do major-general Matthew B. Ridgway, lutou bem graças às grandes qualidades de combate dos seus paraquedistas. Mas a travessia do rio Sauer, cheio devido a um degelo súbito, custou muitas baixas e levou três dias. A Westwall fora rompida e muitas tropas alemãs nos setores centrais da frente agora estavam prontas para se render.

Para consternação de Bradley, Eisenhower suspendeu o avanço do 7º Corpo de Collins para Colônia. Ele quis dar prioridade a Montgomery nos suprimentos para a Operação Veritable, o ataque a sudeste de Nijmegen através da Reichswald, entre o Reno e o Maas. Lá, os alemães revidaram com todas as divisões que conseguiram reunir, em uma batalha horrível com lama e granizo. Não havia espaço de manobra entre os rios, e as defesas alemãs no Reichswald eram guarnecidas com determinação pelos paraquedistas de Student. O solo estava encharcado, os tanques deixavam moldes profundos na lama pegajosa e não eram eficazes nos bosques. Isto deu aos britânicos uma ideia do que fora Hürtgen para os americanos. As coisas não melhoraram ao chegarem à antiga cidade de Cleve. Os bombardeiros de Harris haviam destruído a cidade de uma só vez com explosivas em vez de incendiárias, o que dificultou muito sua conquista, já que os alemães lutaram nas ruínas.

A concentração alemã contra a ofensiva britânica ao menos deu ao IX Exército de Simpson uma oportunidade melhor ao cruzar o rio Roer em 19 de fevereiro, mas a planície inundada em ambos os lados dificultou e complicou a operação. Os civis alemães rezavam para que as suas tropas recuassem antes que houvesse danos demais às suas cidades e aldeias. Eles também testemunharam o crescente número de soldados jovens que tentavam desertar. Em 1º de março, o III Exército de Patton tomou Trier. Incitado pelo cheiro de sangue e pelos avanços rápidos, ele forçou a progressão dos comandantes das divisões com a sua linguagem vibrante.

Em 10 de março, quando o II Exército britânico chegou a Wesel, no Reno, Montgomery iniciou os preparativos para a grande travessia segundo o modelo de planejamento ensinado na Escola de Estado-Maior do Exército, com pelo menos 59 mil engenheiros envolvidos. O assalto incluiria o 21º Grupo de Exércitos, o IX Exército de Simpson com duas divisões aerotransportadas lançadas na margem leste. Os paraquedistas e a infantaria nos planadores tiveram mais baixas que os ataques anfíbios. Os americanos fizeram comentários

cáusticos sobre a preparação massiva e o tempo que tomou.

O estardalhaço de Montgomery acabou antes de começar. Em 7 de março, ao sul de Bonn, a 9ª Divisão Blindada tomou a ponte em Remagen, parcialmente destruída por dinamite. Demonstrando grande ousadia, a divisão agarrou a oportunidade e atravessou antes que os alemães conseguissem reagir. Ao saber da notícia, Hitler ordenou a execução imediata dos oficiais no comando. Demitiu Rundstedt pela terceira vez e o substituiu por Kesselring. Ordenou também reforços massivos para destruir a cabeça de ponte. Isso esvaziou outros setores e o III Exército de Patton, que saía rapidamente da região do Palatinato na margem oeste do Reno, fez diversas travessias ao sul de Koblenz.

A informação sobre o golpe de mão em Remagen foi enviada imediatamente a Moscou pelo major-general I. A. Susloparov, oficial de ligação do Exército Vermelho no quartel-general do SHAEF. Na manhã seguinte, Stalin ordenou a Jukov que voasse a Moscou, embora estivesse dirigindo os seus exércitos na Pomerânia. Ele foi levado diretamente à *dacha* de Stalin, onde este se recuperava do estresse. O *Vozhd* o levou para o jardim, onde caminharam e conversaram. Jukov informou-o sobre a Pomerânia e a situação nas cabeças de ponte no Oder. Então Stalin falou sobre a conferência de Yalta e disse que Roosevelt estivera muito amigável. Só quando Jukov estava a ponto de partir depois do chá Stalin revelou o motivo da convocação. “Vá até o Stavka”, disse, “e veja os planos e cálculos sobre a operação de Berlim com Antonov. Nos encontraremos lá amanhã às 13h.”³

Antonov e Jukov perceberam a urgência da ordem de Stalin e trabalharam noite adentro. Tinham instruções para “considerar a ação dos nossos aliados”, como Jukov reconheceu mais tarde. Ao saber que os americanos estavam cruzando o Reno, Stalin percebeu que a corrida por Berlim havia começado. Foi bom que tivessem trabalhado durante a noite, pois ele adiantou a reunião e chegou mais cedo em Moscou, embora ainda estivesse fraco.

Stalin tinha duas razões vitais para tomar Berlim antes dos Aliados. “O covil da besta fascista” era o principal símbolo da vitória depois de tudo o que a União Soviética havia sofrido, e ele não pretendia deixar que outra bandeira tremulasse sobre a cidade. Berlim também fora o centro da pesquisa atômica nazista, principalmente no Instituto de Física Kaiser Wilhelm, em Dahlem. Por meio dos seus espiões, ele estava informado do Projeto Manhattan nos Estados Unidos e do seu progresso na criação da bomba atômica. O programa de pesquisa nuclear soviético, a Operação Borodino, recebera prioridade total, mas os russos tinham escassez de urânio, que esperavam confiscar em Berlim. A inteligência soviética estava informada de cada detalhe do Projeto Manhattan, mas não sabia que a maior parte do urânio e dos cientistas que desejavam havia sido evacuada de

Berlim para Haigerloch, na Floresta Negra.

Na reunião de 9 de março Stalin aprovou o esboço do plano para a operação em Berlim de Jukov e Antonov. O Stavka trabalhou intensamente no detalhamento. O problema principal era o tempo que a Segunda Frente Bielorrussa de Rokossovsky levaria para completar a evacuação da Pomerânia. Depois, a Frente teria que se deslocar ao longo do baixo Oder até Stettin para atacar ao mesmo tempo que a Primeira Frente Bielorrussa de Jukov, que se defrontava com Berlim, e a Primeira Frente Ucraniana de Konev ao sul do rio Neisse.

O maior medo de Stalin era que os alemães abrissem a frente oeste para os britânicos e americanos e transferissem tropas para o leste a fim de enfrentar o Exército Vermelho. A paranoia o fez suspeitar que os aliados ocidentais fossem capazes de fazer acordos secretos com a Alemanha. As conversas americanas em Berna com o *Obergruppenführer* da SS Karl Wolff para discutir uma possível rendição no norte da Itália haviam despertado os seus piores temores. Em 27 de março, pouco antes de o Stavka terminar os planos, um relatório da Reuters sobre o 21º Grupo de Exércitos alardeou que as tropas britânicas e americanas praticamente não se deparavam com resistência alemã.

As relações anglo-americanas estavam novamente tensas, desta vez porque Montgomery supôs que receberia a tarefa de avançar para Berlim. Mas em 30 de março Eisenhower transmitiu as suas ordens. O 21º Grupo de Exércitos avançaria para Hamburgo e a Dinamarca. Montgomery perdeu o IX Exército de Simpson, que formaria o movimento em pinça ao norte do Ruhr defendido pelo grupo de exércitos do marechal de campo Model, enquanto o I Exército americano o cercaria pelo sul. Os exércitos de Bradley então rumariam para Leipzig e Dresden. O assalto principal seria no centro e no sul do país. Eisenhower insistiu em que Berlim não era “o objetivo mais lógico nem mais desejável para as forças dos Aliados”.⁴ Ele havia recebido especulações da inteligência sugerindo que Hitler lutaria até o fim em uma “fortaleza alpina” mais para o sul.

Montgomery não foi o único a ficar furioso. Churchill e os chefes dos Estados-Maiores britânicos se horrorizaram com a mudança de rumo para longe de Berlim, que não fora discutida com eles. Menos de uma semana antes, Churchill estivera com Eisenhower à margem do Reno para assistir à grande operação de Montgomery em Wesel e o comandante supremo não dera nenhuma pista da alteração nos planos. Para piorar as coisas, Eisenhower já havia comunicado os detalhes a Stalin sem ao menos informar ao seu vice, o marechal

do ar Tedder. A mensagem, a SCAF-252, foi motivo de um atrito considerável. Eisenhower assegurou a Stalin que não tinha intenção de avançar sobre Berlim. O seu principal ataque seria ao sul.

Churchill temia que Marshall e Eisenhower estivessem ansiosos demais por apaziguar Stalin quando o espírito de Yalta já tinha azedado. Na Romênia, Vyshinsky tinha instalado um governo títere no final de fevereiro. Ignorou os protestos da Comissão de Controle Aliada de que o seu ato era uma transgressão patente da Declaração sobre a Europa Libertada, acordada em Yalta, segundo a qual os governos que representavam todos os partidos democráticos organizariam eleições livres. Enquanto isto, um número cada vez maior de relatos indicava que o NKVD na Polônia estava detendo e matando membros do Exército Territorial, acusando-os de ajudar os nazistas. Perto de 91 mil poloneses foram detidos e deportados para a União Soviética.

Em 17 de março, enfurecido, Molotov proibiu a entrada de representantes ocidentais na Polônia para avaliar a situação do país, em mais uma violação flagrante do acordo de Yalta. Alegou que aquilo seria um insulto ao governo comunista provisório em Varsóvia, que americanos e britânicos se recusavam a reconhecer enquanto não houvesse eleições. Molotov conhecia a posição de ambos sobre a formação de um novo governo polonês. A informação provinha de Donald Maclean, espião britânico em Washington, e talvez também de Alger Hiss, do Departamento de Estado.

Aos olhos dos soviéticos, a definição de “fascista” incluía quem não seguisse as ordens do Partido Comunista. Em 28 de março, 16 representantes do Exército Territorial e da sua ala política foram convidados para discutir com as autoridades soviéticas. Embora tivessem recebido garantias de salvo-condutos, foram imediatamente detidos pelo NKVD e levados a Moscou. Mais tarde foram processados, e em 1946 o seu líder, o general Leopold Okulicki, foi assassinado na prisão. Churchill tentou convencer Roosevelt a aceitar um confronto, mas o presidente, embora abalado pela má-fé de Stalin, quis “minimizar ao máximo o problema soviético”.⁵

A indignação britânica foi insuflada principalmente pela recusa obstinada de Eisenhower em aceitar que a sua estratégia tinha implicações políticas. Para ele, a sua tarefa era terminar a guerra na Europa o mais rápido possível, e ele não compartilhava das preocupações britânicas quanto a Stalin e a Polônia. Oficiais britânicos dos altos escalões referiam-se à deferência de Eisenhower para com Stalin como “Vem cá, Joe”,⁶ o chamado das prostitutas londrinas para os soldados americanos. Eisenhower podia ser politicamente ingênuo, mas Churchill demonstrou ser incapaz de compreender a realidade geopolítica do momento. Ao menos em determinado sentido, as decisões em Yalta e as

porcentagens com as quais ele mesmo concordara eram irrelevantes. Desde a conferência de Teerã, no final de 1943, quando Stalin, apoiado por Roosevelt, definiu a estratégia aliada no Ocidente, a Europa caminhava para a partição a favor de Stalin. Os Aliados descobriam que só poderiam libertar a metade da Europa ao custo de voltar a escravizar a outra metade.

Stalin continuava suspeitando que a franqueza de Eisenhower quanto às intenções dos Aliados fosse um engodo. Em 31 de março, recebeu no Kremlin o embaixador americano Averell Harriman e Sir Archibald Clark Kerr, o embaixador britânico.⁷ Eles discutiram o plano geral que Eisenhower havia descrito na mensagem SCAF-252 e a sua intenção de ignorar Berlim. Stalin disse que lhe parecia bom, mas primeiro precisava consultar seu Estado-Maior.

Na manhã seguinte, 1º de abril, os marechais Jukov e Konev foram convocados ao gabinete de Stalin. “Vocês sabem como a situação está se apresentando?”⁸ perguntou. Eles não tinham certeza do que deviam dizer e responderam cautelosamente.

“Leia o telegrama para eles”, disse ao general S. M. Shtemenko, chefe de operações do Stavka. A mensagem dizia que Montgomery se dirigiria a Berlim, e o III Exército de Patton se desviaria do caminho para Leipzig e Dresden e atacaria Berlim pelo sul. Stalin presumivelmente estava pressionando os dois comandantes de Frentes com um documento falso, sem relação com o SCAF-252.

“Bem, então, quem vai tomar Berlim: nós ou os Aliados?” disse ele fitando os dois marechais.

“Nós devemos tomar Berlim”, respondeu Konev de imediato, “e o faremos antes dos Aliados.” Evidentemente, ele estava ansioso por abocanhar o prêmio antes de Jukov — e Stalin, que gostava de criar rivalidade entre os comandantes, aprovou. Fez uma alteração no plano do general Antonov e eliminou parte do limite entre as duas frentes, para dar a Konev a oportunidade de atacar Berlim pelo sul. O Stavka dedicou-se a trabalhar furiosamente. A operação envolveu 2,5 milhões de homens, 41.600 canhões e morteiros pesados, 6.250 tanques e canhões autopropulsados e 7.500 aviões. Tudo tinha de estar pronto em apenas duas semanas, no dia 16 de abril.

Quando a reunião terminou, Stalin respondeu à mensagem de Eisenhower. Disselhe que o seu plano “coincidia totalmente” com o do Exército Vermelho e que “Berlim perdera importância estratégica”.⁹ A União Soviética deslocaria apenas forças secundárias contra a cidade e o seu esforço principal seria no sul para se juntar às forças americanas, provavelmente na segunda semana de maio.

“Contudo, o plano pode sofrer alterações, segundo as circunstâncias.” Foi o maior Primeiro de Abril da história moderna.

Durante a reunião com Harriman e Clark Kerr, Stalin pareceu “muito impressionado”¹⁰ com o enorme número de prisioneiros feitos pelos Aliados no Ocidente. Só o III Exército de Patton tinha 300 mil. Porém, obviamente os números levantaram a suspeita de que os alemães estavam se rendendo aos britânicos e americanos enquanto concentravam forças no front oriental. Ilya Ehrenburg refletiu sobre isto em um artigo na *Krasnaya Zvezda*. “As guarnições dos tanques americanos estão desfrutando de excursões às pitorescas montanhas Harz”, escreveu. Os alemães se rendiam “com uma persistência fanática”.¹¹ Contudo, a frase que mais aborreceu Averell Harriman foi o comentário de que os americanos estavam “conquistando com as máquinas fotográficas”,¹² deixando implícito que eram apenas turistas.

Até a fé dos seguidores devotos do Führer na “vitória final” ficou abalada. “Nos últimos dias, fomos apressados pelos acontecimentos”, escreveu em 2 de abril em seu diário um oficial do Estado-Maior de um corpo da SS na Floresta Negra. “Düsseldorf perdida, Colônia perdida. A desastrosa cabeça de ponte em Remagen [...] no sudeste, os bolcheviques alcançaram Wiener Neustadt. Golpe atrás de golpe. Estamos chegando ao fim. Será que os nossos líderes enxergam alguma possibilidade? Será que a morte de soldados, a destruição das nossas cidades e aldeias tem algum sentido agora?”¹³ Contudo, ele continuava pensando que deviam seguir lutando, até que lhes dissessem o contrário.

O correspondente de guerra Godfrey Blunden observou que os alemães ainda armavam emboscadas, matavam alguns americanos e depois pulavam com os braços para o alto gritando “*Kamerad!*”, esperando ser bem tratados. Ele se assombrou com os contrastes na investida. “Passamos por pequenas cidades perfeitamente preservadas da guerra, mas, alguns quilômetros adiante, entramos em cidades arruinadas.”¹⁴ Quase por toda parte eram saudados com fronhas e lençóis dependurados nas janelas em sinal de rendição. A destruição provocada pelo bombardeio combinado assombrou os que observaram a realidade do ponto de vista do solo. Stephen Spender escreveu mais tarde sobre Colônia: “Passa-se por rua após rua com casas de janelas que parecem buracos e enegrecidas — como as bocas abertas de um cadáver calcinado.”¹⁵ Em Wuppertal, as linhas dos bondes se encontravam “curvas como talos de aipo”. “As estradas estavam apinhadas de trabalhadores escravos marchando sem parar em direção ao oeste”, registrou Bunden. “Hoje vi um com a *tricolore* dependurada da mochila.”¹⁶ Ele viu também trabalhadores escravizados recém-libertados assaltarem uma

cervejaria e depois dançarem nas ruas e estilhaçarem janelas.

Não demorou para que todo o horror do regime nazista ficasse evidente. Em 4 de abril, tropas americanas entraram no campo de concentração de Ohrdruf, parte de Buchenwald, e encontraram figuras esqueléticas e apáticas cercadas de corpos sem enterrar. Eisenhower ficou tão horrorizado que ordenou que os soldados visitassem o campo, e levou correspondentes de guerra para que testemunhassem aquilo. Alguns guardas tinham tentado se disfarçar, mas ao serem apontados pelos prisioneiros, as tropas aliadas os mataram à queima-roupa. Outros guardas já tinham sido mortos pelos prisioneiros, mas poucos tinham forças para tal. Em 11 de abril, soldados americanos encontraram a fábrica de Mittelbau-Dora em um túnel. Quatro dias mais tarde, tropas inglesas entraram em Belsen. O fedor e a visão fizeram a maioria sentir-se fisicamente mal. Cerca de 30 mil prisioneiros estavam em um limbo entre a vida e a morte, cercados por mais de 10 mil cadáveres em putrefação. A população de Belsen havia inchado grotescamente com a chegada dos sobreviventes das marchas da morte, que foram jogados lá. Mais de 9 mil haviam morrido nas últimas duas semanas e 37 mil nas seis semanas anteriores, de fome e de uma epidemia de tifo. Entre os sobreviventes, outros 14 mil morreram apesar dos esforços do Corpo Médico do Exército Real. Um oficial de alto posto ordenou que um grande destacamento fosse à cidade vizinha de Bergen para trazer toda a sua população à ponta de baionetas. Enquanto eram postos a trabalhar enterrando os corpos em valas comuns, os civis alemães declararam estar chocados e alegaram ignorância, para o descrédito raivoso dos oficiais britânicos.

O movimento sem rumo de dezenas de milhares de prisioneiros de campos de concentração prosseguiu com uma futilidade assassina. Uns 57 mil homens e mulheres de Ravensbrück e Sachsenhausen continuavam sendo deslocados para o oeste. No total, estima-se entre 200 e 350 mil o número de prisioneiros mortos naquelas marchas. Os civis alemães não demonstravam pena deles. Blunden soube do massacre de Gardelegen,¹⁷ quando guardas da SS entregaram vários milhares de prisioneiros de Dora-Mittelbau a um grupo misto de pessoal da Luftwaffe, Juventude Hitlerista e membros locais das SA. Eles encerraram os prisioneiros em um estábulo e atearam fogo, disparando nos que tentavam fugir. A rapidez do avanço dos Aliados no oeste levou um grupo da SS, muitas vezes com a ajuda do *Volkssturm*, a perpetrar vários outros massacres de prisioneiros.

As forças aliadas também tinham de cuidar dos seus prisioneiros de guerra, libertados de campos tomados no seu avanço. No mês de abril, um quarto de milhão precisava ser alimentado e repatriado. Eisenhower solicitou que bombardeiros da RAF e da Força Aérea americana fossem desviados para esta tarefa, agora que o trabalho de destruição estava praticamente terminado.

A maior operação de ajuda humanitária foi planejada para os holandeses famintos. Quando o comissário do Reich Arthur Seyss-Inquart ameaçou alagar vastas áreas, o quartel-general do SHAEF anunciou que, se isto ocorresse, ele e o coronel-general Blaskowitz, comandante em chefe nos Países Baixos, seriam tratados como criminosos de guerra. Após negociações complicadas mediadas pela resistência holandesa, as autoridades alemãs concordaram em não impedir as tentativas de despejar mantimentos nas áreas mais afetadas, que incluíam Roterdã e Haia. Na Operação Manna, 3 mil surtidas de bombardeiros da RAF lançaram de paraquedas mais de 6 mil toneladas. Para um número incontável de pessoas à beira da inanição, a assistência chegou em boa hora.

Após o cerco do Grupo B de Exércitos do marechal de campo Model no Ruhr, na primeira semana de abril, divisões do IX Exército de Simpson avançaram rapidamente em direção ao rio Elba. Surpreso com a reação britânica à sua mudança de estratégia, Eisenhower vacilou quanto à tomada de Berlim. Por ordem sua, Simpson explorou a oportunidade de tomar uma cabeça de ponte no Elba e se preparou para prosseguir avançando até Berlim ou para o nordeste. O I Exército à sua direita rumava para Leipzig e Dresden, enquanto o III Exército de Patton já estava nas montanhas Harz e se dirigia à Tchecoslováquia. Ao sul da Alemanha, o VII Exército do tenente-general Alexander M. Patch e o I Exército francês de Lattre de Tassigny avançavam pela Floresta Negra.

Em 8 de abril, Eisenhower visitou o major-general Alexander Bolling, comandante da 84ª Divisão de Infantaria, depois que este tomou a cidade de Hannover.

“Alex, daqui você vai para onde?”, perguntou Eisenhower.

“General, vamos seguir adiante. Temos Berlim na mira e nada nos deterá.”

“Vá em frente”, disselhe Eisenhower colocando a mão em seu ombro. “Desejo-lhe toda a sorte do mundo e não deixe ninguém detê-lo.”¹⁸ Bolling entendeu isto como uma confirmação de que Berlim era o objetivo.

Em 11 de abril, tropas americanas chegaram a Magdeburg pela rodovia de Hanover, e no dia seguinte cruzaram o Elba ao sul de Dessau. Nos dois dias seguintes muitas outras cabeças de ponte foram tomadas ao longo do rio. A 84ª Divisão de Bolling repeliu um contra-ataque do XII Exército do general Walther Wenck, que portava armas leves. Ele tinha pontes pelo Elba a postos para derrotar a 2ª Divisão Blindada, e na noite de 14 de abril as suas viaturas cruzaram rapidamente o rio e ficaram prontas para seguir na direção de Berlim. Simpson e Bolling entenderam que enfrentariam pouca oposição. Eles tinham razão. Quase todas as formações da SS haviam sido deslocadas para enfrentar o

Exército Vermelho, que eles sabiam que estava prestes a atacar a capital. A maior parte das unidades germânicas parecia feliz em se render aos americanos, antes da chegada dos soviéticos.

De repente, Eisenhower mudou de opinião novamente, conversou com Bradley, que pensava que a tomada de Berlim podia custar 100 mil baixas, estimativa que ele mais tarde admitiu ter sido alta demais. Eles concordaram que as grandes baixas eram um preço inaceitável a pagar por um objetivo de prestígio, do qual de qualquer modo teriam de recuar ao terminar o combate. A Comissão Consultiva Europeia já havia estabelecido o limite da ocupação soviética ao longo do Elba, enquanto a própria Berlim seria dividida. Roosevelt havia morrido de hemorragia cerebral em 12 de abril, e talvez isso também tenha influenciado o pensamento de Eisenhower.

Na manhã de 15 de abril, Simpson foi chamado ao quartel-general do 12º Grupo de Exércitos, perto de Wiesbaden. Bradley o esperava no aeródromo quando o seu avião pousou. Sem delongas, Bradley disselhe que o IX Exército devia se deter no Elba. Não haveria avanço até Berlim. “De onde você tirou essa ideia?”,¹⁹ perguntou-lhe Simpson.

“De Ike”, respondeu o outro. Estupefato e desalentado, Simpson regressou ao seu quartel-general perguntando-se como anunciaria aos oficiais e praças, principalmente porque isso vinha logo após a notícia sobre a morte de Roosevelt.

Eisenhower tomara a decisão acertada, ainda que por um motivo equivocado. Stalin nunca teria permitido aos americanos tomarem Berlim antes dele. Assim que os pilotos do Exército Vermelho avistassem o seu avanço, o mais certo é que Stalin tivesse ordenado que os atacassem. Depois, provavelmente teria culpado os Aliados por tentarem enganá-lo garantindo que estavam avançando para o sul. Eisenhower quis a todo custo evitar confrontos com o Exército Vermelho. Com o apoio firme de Marshall, ele rejeitou a argumentação de Churchill de que britânicos e americanos “deviam apertar as mãos dos russos o mais ao leste que fosse possível”.²⁰ Eles sabiam que o primeiro-ministro queria pressionar Stalin na esperança de obter um tratamento melhor para a Polônia, mas ambos se recusaram a ser influenciados pelo que consideravam política europeia do pós-guerra.

Goebbels ficou muito contente ao saber da morte de Roosevelt. Telefonou imediatamente para Hitler, que estava afundado na tristeza do bunker da Chancelaria do Reich. “Meu Führer, congratulações”, disse. “Roosevelt está morto. Está escrito nas estrelas que a segunda semana de abril será o ponto de inflexão para nós. Esta sexta-feira 13 de abril é o momento!”²¹ Goebbels vinha

tentando animar Hitler havia alguns dias, lendo para ele trechos da *História de Frederico II da Prússia*, de Carlyle, inclusive o trecho em que Frederico, tentado a cometer suicídio no pior momento da Guerra dos Sete Anos, subitamente recebeu a notícia da morte da tsarina Elizabeth. “O milagre da casa de Brandemburgo aconteceu.” Na noite seguinte, bombardeiros aliados reduziram grande parte da Potsdam de Frederico, o Grande, a ruínas.

Em 8 de abril, enquanto os inimigos se aproximavam, Hitler e a liderança nazista embarcaram em um frenesi assassino para evitar qualquer chance de outra facada pelas costas. Prisioneiros proeminentes, principalmente os que haviam participado do complô de julho e outros suspeitos de traição, foram assassinados. Eles incluíam o almirante Canaris, Dietrich Bonhoeffer e o marceneiro Georg Elser, que tentara assassinar Hitler em novembro de 1939. “Cortes marciais voadoras” emitiram sentenças de morte a desertores e a quem tivesse recuado sem ordem para tal. Os soldados receberam ordens de atirar em oficiais de qualquer patente que lhes dissessem para recuar. Só em 19 de março, Hitler, que já havia dito ao seu entourage que pretendia “levar o mundo inteiro”²² consigo, emitiu o que ficou conhecido como “Ordem Nero” de destruir pontes, fábricas e instalações de serviços públicos. Em sua opinião, se o povo alemão era incapaz da vitória, não merecia sobreviver. Apoiado por industriais e alguns generais, Albert Speer conseguiu impedir parte da destruição com o argumento de que era derrotista destruir instalações que poderiam ser recapturadas em um contra-ataque.

Hitler começou a duvidar do enigmático Speer e começou a suspeitar até do seu mais leal paladino, Heinrich Himmler, que tentava “vender” judeus aos Aliados usando-os como moeda de troca. A autoridade do Partido Nazista se desintegrou ao correrem notícias de *Gauleiters* escapando com suas famílias para lugares seguros, depois de ordenar aos demais que lutassem até a morte. Os valentões e brigões se revelaram como os verdadeiros hipócritas covardes que eram. A saudação “Heil Hitler!” e o cumprimento nazista agora eram usados apenas pelos fanáticos de carteirinha, ou pelos que ficavam nervosos diante deles. Quase ninguém acreditava mais nas “frases e promessas vãs de Hitler”,²³ como alertou um relatório *Sicherheitsdienst* da SS. As pessoas tinham raiva porque o regime se recusava a encarar a realidade da derrota e a evitar o desperdício estúpido de mais vidas. Só os mais desesperados acreditavam na fantasia de Hitler de que, de algum modo, uma disputa entre os Aliados salvaria a Alemanha.

O império nazista estava reduzido a uma faixa que ia da Noruega ao norte da Itália. Fora disto, havia apenas bolsões isolados. A exigência de Guderian de repatriar forças, particularmente a imensa guarnição na Noruega e os

remanescentes do Grupo de Exércitos do Norte isolados na península da Curlândia, foi rejeitada raivosamente por Hitler. O modo como ele desafiava a lógica militar deixava os comandantes desesperados. O próprio Guderian fora exonerado em 28 de março, após uma tentativa fracassada de recuperar Küstrin. A acirrada discussão no bunker do Führer deixou abaladas todas as testemunhas. “Hitler foi ficando cada vez mais pálido”, observou o ajudante do chefe de gabinete, “enquanto Guderian ficava cada vez mais vermelho.”²⁴

Guderian foi substituído pelo general Hans Krebs, o oficial que Stalin havia dado tapinhas nas costas na plataforma de Moscou pouco antes da Operação Barbarossa. Um oportunista baixinho e astuto, Krebs não tinha experiência de comando, o que convinha a Hitler, pois ele só queria um subordinado eficiente para cumprir as suas ordens. Os oficiais no quartel-general do Estado-Maior do OKH em Zossen não sabiam o que pensar. Eles já estavam sofrendo de “uma mistura de energia nervosa e transe”, explicou um deles, devido à sensação de “ter de cumprir o seu dever e ao mesmo tempo perceber que ele não faz o menor sentido”.²⁵

Em 9 de abril, na Itália, o 15º Grupo de Exércitos, agora comandado pelo general Mark Clark, lançou uma ofensiva por trás da Linha Gótica em direção ao norte e ao rio Pó. O V Exército americano e o VIII Exército britânico tinham se tornado um conglomerado internacional, com a 1ª Divisão Canadense, que tomara Rimini em setembro, a 8ª Divisão Indiana, a 2ª Divisão Neozelandesa, a 6ª Divisão Blindada Sul-Africana, o 2º Corpo Polonês, duas formações italianas, uma brigada de montanha grega, forças brasileiras e a Brigada Judaica. O V Exército americano, comandado por Lucien Truscott, por fim conseguiu tomar Bolonha, com a ajuda do Corpo Polonês, enquanto o VIII Exército tomou Ferrara e também chegou ao Pó.²⁶

Churchill queria um avanço rápido. Temia que o tratado tcheco-soviético, assinado dois dias antes, respaldasse as reivindicações de Tito quanto a Trieste e à Ístria, no Adriático. Churchill rejeitou o pedido de Tito de mais ajuda. Como os iugoslavos estavam sob as asas dos soviéticos, poderiam pedir ajuda a Moscou. Ele também temia que o poderio soviético na região encorajasse os comunistas italianos, cujos *partisans* já representavam uma força poderosa no norte da Itália.

Em 11 de abril, o Exército Vermelho chegou ao centro de Viena. A corrida pelas posições na Europa do pós-guerra começara antes mesmo da batalha por Berlim. Churchill instou Eisenhower a permitir que o III Exército de Patton avançasse até Praga, mas o comandante supremo insistiu em consultar o Stavka. A recusa foi imediata e peremptória. Churchill também se preocupava com a

Dinamarca. Quando estivesse na desembocadura do Oder, perto de Stettin, a Segunda Frente Bielorrussa de Rokossovsky poderia cruzar para Mecklenburg.

Em 14 de abril, Hitler emitiu uma Ordem do Dia²⁷ às tropas nas frentes do Oder e do Neisse. Mais uma vez, ameaçou quem não cumprisse com o seu dever de ser “tratado como traidor do nosso povo”. Com incoerentes referências à derrota dos turcos na periferia de Viena em 1683, ele afirmou que “desta vez os bolcheviques vão experimentar a antiga sorte dos asiáticos”. (Ele se esqueceu de mencionar que, na verdade, a cidade tinha sido salva pela forte cavalaria polonesa.) Hitler também parecia ignorar o fato de que Viena acabara de ser tomada pelo Exército Vermelho. Em vez disto, Goebbels cunhou o lema “Berlim continua sendo alemã e Viena será alemã novamente”. Os paralelos históricos e a propaganda moderna já não causavam nenhum efeito entre a maioria dos alemães.

Os berlinenses se prepararam para o massacre de um modo premonitório. Foram oferecidas aulas de tiro às mulheres. Membros do *Volkssturm*, alguns dos quais usando capacetes franceses capturados em 1940, foram postos a trabalhar na construção de barricadas pelas ruas já repletas de destroços e vidros quebrados. Bondes e vagões ferroviários de carga entulhados de pedras e detritos foram manobrados, pisos foram arrancados, e trincheiras individuais foram cavadas para homens e meninos armados com lançadores Panzerfausts. As donas de casa estocavam os mantimentos que conseguiam e ferviam água para guardar em jarras de conserva a fim de terem algo para beber quando as torneiras secassem.

Membros adolescentes do *Reichsarbeitsdienst*, um serviço paramilitar, foram recrutados em massa para o exército. Muitos foram forçados a assistir a execuções: “Para se acostumarem com a morte!”,²⁸ disselhes um oficial. Mães e namoradas se despediam deles. Estes recrutas, escoltados por graduados, tentavam se animar com um humor negro ao partirem para a frente do Oder no Sistema S da rede ferroviária local: “Vejo você na vala comum!” era uma das formas de se despedirem.

A Operação Berlim

ABRIL-MAIO DE 1945

Na noite de 14 de abril, tropas alemãs entrincheiradas nas elevações de Seelow, a oeste do rio Oder, ouviram motores de tanques. A música e as sinistras propagandas soviéticas transmitidas a todo volume pelos alto-falantes não conseguiam camuflar o barulho do I Exército Blindado de Guardas que transpunha o rio na cabeça de ponte. Isto se estendeu pela planície alagada do Oderbruch abaixo deles, onde a névoa do rio cobria a campina encharcada. No total, nove exércitos da Primeira Frente Bielorrussa de Jukov foram posicionados para atacar entre o canal Hohenzollern ao norte e Frankfurt an der Oder, ao sul.

O VIII Exército de Guardas do general Chuikov havia ampliado a cabeça de ponte no dia anterior, com um ataque que empurrou para trás a 20ª Divisão de Granadeiros Panzer. Hitler ficou tão irado ao saber disto que mandou retirar todas as medalhas dos integrantes da divisão até que voltassem a merecê-las. Chuikov ficou desgostoso por motivo bem diferente. Soube que, na noite de 15 de abril, o marechal Jukov assumiria seu posto de comando no Esporão Reitwein porque de lá se tinha uma visão melhor da planície alagada do Oder e das elevações de Seelow. As relações entre os dois comandantes tinham piorado ainda mais depois que Chuikov criticou severamente o fracasso em avançar diretamente até Berlim no início de fevereiro.

Mais de 80 quilômetros ao sul do flanco esquerdo de Jukov, a Primeira Frente Ucraniana do marechal Konev alinhou sete exércitos ao longo do rio Neisse. O departamento político elaborou uma mensagem de vingança poderosa: “Não haverá piedade. Eles semearam ao vento e agora estão colhendo a tempestade.”¹

As notícias da mudança na linha do partido em Moscou no dia anterior não haviam chegado às linhas de frente. Por fim Stalin havia entendido que a retórica e a realidade da vingança apenas contribuíam para intensificar a resistência alemã. Por isso a maior parte do exército alemão estava disposta a se render aos

exércitos dos Aliados no Ocidente. Em sua opinião, isto aumentava enormemente o risco de os americanos tomarem Berlim antes do Exército Vermelho.

Em 14 de abril, Georgii Aleksandrov, chefe da propaganda soviética, publicou um artigo importante no *Pravda*, quase certamente ditado pelo próprio Stalin. Atacou o chamado de Ilya Ehrenburg por vingança e a sua descrição da Alemanha como “apenas uma gangue colossal”. O artigo de Aleksandrov, intitulado “O camarada Ehrenburg simplifica demais”, dizia que enquanto alguns oficiais alemães “lutam pelo regime canibal, outros jogam bombas em Hitler e seus asseclas [os conspiradores de julho], ou convencem os alemães a depor as armas [o general Von Seydlitz e a Liga de Oficiais Germânicos]. A caçada da Gestapo aos oponentes do regime e conclamações desta para que tais oponentes sejam denunciados provam que os alemães não são todos iguais”. Ele citou também o comentário de Stalin: “Os Hitlers vão e vêm, mas a Alemanha e os alemães permanecem.”² Ehrenburg ficou arrasado ao ser sacrificado deste modo, mas a maioria dos soldados e oficiais não percebeu a mudança política. A imagem propagandística dos alemães como bestas selvagens havia ido longe demais.

Mesmo com a vitória no horizonte, as autoridades soviéticas não confiavam nas próprias tropas. Os oficiais foram instruídos a delatar os homens “moral e politicamente instáveis”³ que pudessem desertar e alertar o inimigo sobre os ataques para que o SMERSH os prendesse. O general Serov, chefe do NKVD que havia supervisionado a repressão no leste da Polônia em 1939, se espantou com “o moral nada saudável dos oficiais e soldados do I Exército Polonês”.⁴ Eles tinham se animado com o rápido avanço dos exércitos britânicos e americanos no oeste, depois de ouvir ilegalmente a BBC. Convenceram-se de que as forças do general Anders se aproximavam de Berlim. Um oficial do comando da artilharia foi acusado de dizer que “assim que as nossas tropas se encontrarem com os homens de Anders você pode dizer adeus ao governo provisório [comandado pelos soviéticos]. O governo de Londres assumirá o poder novamente e a Polônia voltará a ser o que era antes de 1939. A Inglaterra e os Estados Unidos ajudarão a Polônia a se livrar dos russos”. Os espões de Serov prenderam quase 2 mil homens pouco antes da ofensiva.

Os oficiais alemães estavam ainda mais preocupados com as insatisfações em suas fileiras. Horrorizaram-se quando jovens soldados responderam aos alto-falantes soviéticos que lhes diziam para se renderem perguntando se seriam enviados à Sibéria se depusessem as armas. Os oficiais do IV Exército Panzer que enfrentavam as tropas de Konev no Neisse confiscaram lenços brancos para que não fossem usados em sinal de rendição. Os homens flagrados escondidos

ou tentando desertar eram levados à terra de ninguém e recebiam ordens de cavar trincheiras. Muitos comandantes recorreram a mentiras desesperadas. Alegaram que milhares de tanques estavam a caminho para apoiá-los, que novas armas milagrosas seriam usadas contra o inimigo e até mesmo que os Aliados se juntariam a eles para lutar contra os bolcheviques. Os jovens oficiais tiveram ordem de não se furtarem em atirar nos próprios homens que titubeassem e que, se todos fugissem, seria melhor se matarem.

Um tenente-coronel da Luftwaffe que comandava uma companhia de técnicos em treinamento estava de pé na trincheira ao lado de um sargento. O oficial estremeceu. “Diga-me”, disse dirigindo-se ao *Kompaniertruppenführer*, “Você também sente frio?” “Não sentimos frio, Herr *Oberleutnant*. Temos medo.”⁵

Às vésperas da batalha, os soldados do Exército Vermelho fizeram a barba e escreveram cartas. Os engenheiros já estavam trabalhando no escuro removendo minas. Chuikov se descontrolou ao ver um comboio de carros com o marechal Jukov e seu entourage aproximando-se do posto de comando no Esporão Reitwein com os faróis acesos.

Em 16 de abril, às 5h de Moscou, duas horas antes do horário de Berlim, o “rei da guerra” Jukov abriu fogo com 8.983 canhões, morteiros pesados e baterias Katyusha. Foi a barragem mais poderosa da guerra, com 1.236.000 disparos só no primeiro dia. A intensidade foi tal que a 60 quilômetros, no leste de Berlim, as paredes tremeram. Percebendo que a grande ofensiva havia começado, as donas de casa saíram pelas portas das casas e conversaram com os vizinhos em voz baixa, olhando ansiosamente em direção ao leste. Mulheres e crianças se perguntavam se os americanos chegariam a Berlim primeiro para salvá-las do Exército Vermelho.

Jukov estava satisfeito com sua ideia de usar 143 refletores para ofuscar o inimigo. Mas nem o bombardeio nem os holofotes foram úteis para seus homens. Quando a infantaria avançou gritando “*Na Berlin!*” os focos dos refletores desenharam as suas silhuetas e o terreno estava tão repleto de crateras que sua progressão era lenta. Surpreendentemente, o fogo da artilharia se concentrou na primeira linha de defesa, embora o Exército Vermelho conhecesse a tática alemã de recuar, deixando apenas uma pequena força de cobertura, quando um ataque importante era esperado.

Jukov, que costumava reconhecer o terreno cuidadosamente antes de atacar, desta vez não o fez. Em vez disto, confiou no reconhecimento aerofotográfico, mas as imagens não revelaram quão forte era a posição defensiva nas elevações de Seelow. No início, o VIII Exército de Guardas de Chuikov à esquerda, e o V

Exército de Choque do coronel-general Nikolai Berzarin à direita avançaram bem. O I Exército Blindado de Guardas seria empregado quando aquelas elevações tivessem sido conquistadas. Ao amanhecer, os Shturmoviks voaram em meio aos jorros de terra causados pelas granadas de artilharia para atingir as defesas e veículos alemães. O maior acerto foi o depósito de munição do IX Exército, que explodiu estrondosamente.

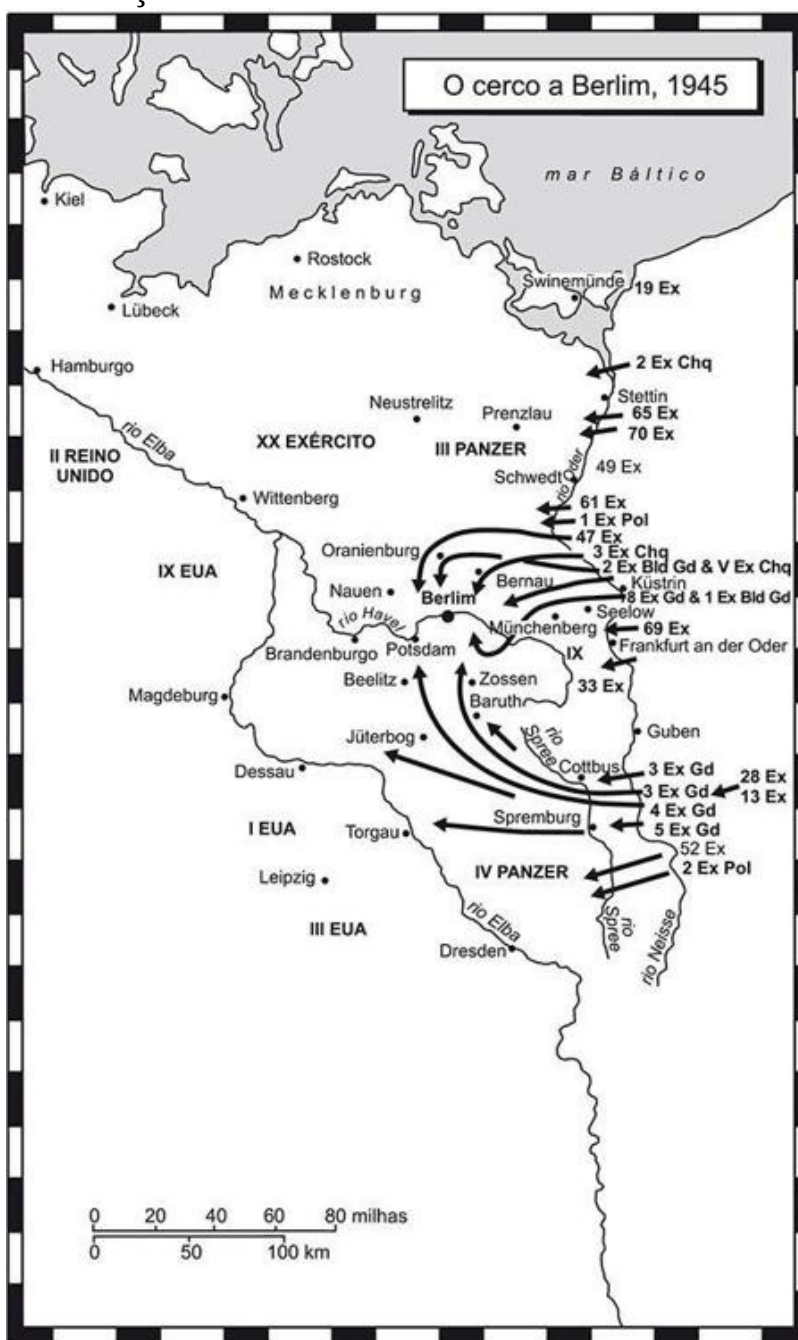
Os sobreviventes da linha de frente, traumatizados, correram para o alto das elevações de Seelow gritando “*Der Iwan kommt!*” Mais atrás, os agricultores locais e suas famílias também fugiram. “Os refugiados correm como criaturas do mundo subterrâneo”, escreveu um jovem soldado, “mulheres, crianças e velhos despertados do sono, alguns semivestidos. Nos seus rostos há desespero e um medo terrível. As crianças choram agarradas às mãos das mães e fitam em choque a destruição do mundo.”⁶

No posto de comando do Esporão Reitwein, Jukov estava cada vez mais tenso, à medida que a manhã progredia. Com seus binóculos poderosos via que o avanço perdera a impulsão, quase parando. Ciente de que Stalin entregaria Berlim a Konev se não conseguisse penetrar nas linhas inimigas, começou a praguejar e xingou Chuikov, cujas tropas mal tinham chegado à orla da planície alagada. Ele ameaçou rebaixar os comandantes e mandá-los para uma companhia *shtraf*. Subitamente, decidiu mudar todo o plano de ataque.

Tentando acelerar o avanço, enviou o I Exército Blindado de Guardas do coronel-general Katukov na dianteira da infantaria. Chuikov se horrorizou. Podia imaginar o caos. Às 15h, Jukov telefonou para Stalin em Moscou para explicar a situação. “Então, você subestimou o inimigo no eixo de Berlim”, disse o líder soviético. “Pensei que já estava próximo da capital, mas ainda está nas elevações de Seelow. As coisas têm ido melhor para Konev”,⁷ acrescentou enfaticamente. Ele não comentou a proposta de alteração do plano apresentada por Jukov.

A mudança provocou exatamente o tipo de confusão que Chuikov temia. Já havia engarrafamentos enormes, com o I Exército Blindado de Guardas parado atrás de viaturas dos dois outros exércitos, à espera para avançar. Aquilo virou um pesadelo, com os controladores de trânsito tentando desatar o nó. Quando os tanques se liberaram e começaram a se deslocar, foram atingidos pelos canhões de 88 mm situados abaixo de Neuardenberg. Em meio à fumaça, os canhões foram emboscados pela infantaria alemã com Panzerfausts e um pelotão de blindados de assalto. As coisas não melhoraram quando por fim os soviéticos começaram a subir as elevações de Seelow. A lama nas vertentes íngremes, remexida pelas explosões de granadas, às vezes era intransponível para os tanques pesados e os T-34. À esquerda, a brigada-vanguarda de Katukov foi emboscada por tanques Tigre do 502º Batalhão SS de Carros de Combate

Pesados. Só no centro tiveram êxito, onde a 9ª Divisão de Paraquedistas foi derrotada. Ao anoitecer, os exércitos de Jukov ainda não tinham conseguido tomar o topo das elevações de Seelow.



No bunker do Führer sob a Chancelaria do Reich telefonava-se constantemente para o quartel-general do OKH em Zossen exigindo notícias. Mas a própria Zossen, ao sul de Berlim, ficaria vulnerável se as forças do marechal Konev penetrassem na linha de frente.

Como Stalin dissera a Jukov, a Primeira Frente Ucraniana estava indo muito

melhor, embora não tivesse cabeças de ponte sobre o Neisse. A artilharia de Konev e os aviões de apoio mantinham os alemães entrincheirados enquanto os batalhões da vanguarda atravessavam o rio em botes de assalto. Uma ampla cortina de fumaça foi criada pelo II Exército do Ar, ajudado por uma brisa leve na direção certa. Para o IV Exército Panzer foi impossível identificar onde estava concentrado o ataque. Cabeças de ponte foram criadas e logo os tanques foram transportados e os engenheiros começaram a construir plataformas flutuantes para as pontes.

Konev não sofreu com a mudança desastrosa de Jukov. Já tinha planejado que os III e IV Exércitos Blindados de Guardas liderariam a ofensiva. Pouco depois do meio-dia, as primeiras pontes ficaram prontas e os tanques atravessaram o rio. Enquanto os alemães continuavam abalados com o bombardeio e confusos com a cortina de fumaça, Konev enviou as brigadas blindadas da vanguarda através das linhas alemãs com ordens de não se deterem. A infantaria varreria depois o inimigo que restasse.

A noite de 16 de abril foi humilhante para Jukov. Ele precisou comunicar-se de novo com Stalin por radiocomunicação e admitir que suas tropas ainda não tinham tomado as elevações de Seelow. Stalin respondeu que a culpa era sua, por ter mudado os planos de ataque. Perguntou a Jukov se tinha certeza de conseguir tomar as elevações no dia seguinte. Jukov assegurou que o faria. Argumentou que era mais fácil destruir as forças alemãs em campo aberto que em Berlim, então no longo prazo não perderiam tempo. Stalin o advertiu de que ordenaria a Konev que desviasse os dois exércitos blindados ao sul de Berlim para o norte. E desligou abruptamente. Pouco depois, falou com Konev: “Jukov não está indo bem. Envie Rybalko [III Exército Blindado de Guardas] e Lelyushenko [IV Exército Blindado de Guardas] para Zehlendorf.”⁸

A escolha de Zehlendorf era significativa. Tratava-se de um subúrbio a oeste de Berlim e o mais próximo da cabeça de ponte americana no Elba. Talvez não fosse coincidência que fosse contíguo ao subúrbio de Dahlem, com as instalações de pesquisa nuclear do Instituto Kaiser Wilhelm. Três horas antes, em resposta ao pedido americano de informações sobre a ofensiva soviética contra Berlim, o general Antonov fora instruído a responder que as forças soviéticas estavam simplesmente “fazendo um reconhecimento em grande escala no setor central da frente com o intuito de descobrir detalhes das defesas alemãs”.⁹ O Primeiro de Abril continuava. Nunca houve um “reconhecimento” com uma força de 2,5 milhões de homens.

Com o beneplácito de Stalin, Konev avançou com as brigadas blindadas para

satisfazer a sua ambição de derrotar o rival e obter o prêmio glorioso. Jukov estava fora de si com a falta de progresso. Nas elevações de Seelow, a batalha caótica prosseguia sob um céu mais límpido, o que ajudou os caças-bombardeiros Shturmoviks. A derrota da 9ª Divisão de Paraquedistas, cujas fileiras haviam sido preenchidas com equipes de terra da Luftwaffe e não com pessoal aeroterrestre, facilitou as coisas para as unidades de carros de combate de Katukov, mas elas ainda enfrentavam contra-ataques da Divisão *Kurmark* com tanques Pantera e dos soldados e da Juventude Hitlerista, que combatia com Panzerfausts a curtas distâncias.

As condições nos postos de primeiros socorros e hospitais de campanha alemães eram terríveis. Os cirurgiões estavam completamente sobrecarregados com o número de feridos. Do lado soviético as coisas não eram muito melhores. Os soldados feridos no primeiro dia ainda não tinham sido evacuados e tratados, como revelaram os relatórios posteriores. Os números subiram drasticamente quando a artilharia do V Exército de Choque bombardeou as brigadas blindadas de Katukov por engano.

Os aviões alemães do Esquadrão Leonidas baseado em Jüterborg imitaram os pilotos camicases japoneses na tentativa vã de destruir as pontes do Oder. Este tipo de ataque suicida foi denominado *Selbstopferinsatz* — “missão de autossacrifício”. Trinta e cinco pilotos morreram assim. O seu comandante, o major-general Robert Fuchs, enviou seus nomes “ao Führer no seu próximo 66º aniversário”, supondo que seria o tipo de presente que lhe agradaria. Porém, o esquema insano foi interrompido pelo avanço do IV Exército Blindado de Guardas no aeródromo do esquadrão.

As brigadas blindadas de Konev correram para o rio Spree ao sul de Cottbus a fim de atravessá-lo antes que os alemães tivessem tempo de organizar a defesa. O general Rybalko e sua brigada à frente não queriam perder tempo esperando a montagem de pontes flutuantes. Ele simplesmente ordenou que o primeiro tanque entrasse no Spree, que naquele ponto tinha uns 50 metros de largura. A água chegou pouco acima das lagartas, mas abaixo da escotilha do motorista. Ele foi em frente e o resto da brigada seguiu em linha, ignorando os tiros de metralhadoras que ricocheteavam em suas blindagens. Os alemães não tinham canhões anticarro na área. O caminho para o quartel-general do OKH em Zossen foi aberto.

Os oficiais do Estado-Maior em Zossen não sabiam do avanço no sul. A sua atenção ainda estava voltada para as elevações de Seelow, onde o coronel-general Gotthard Heinrici havia empregado sua única reserva, o 3º Corpo Panzer SS *Germanische* do *Obergruppenführer* Felix Steiner. Ele incluía a 11ª Divisão *Nordland*, constituída por voluntários dinamarqueses, noruegueses, suecos,

finlandeses e estonianos.

Na manhã de 18 de abril, o combate nas elevações de Seelow recrudescceu. Jukov soubera por Stalin que os exércitos blindados de Konev avançavam sobre Berlim, e que se a sua Primeira Frente Bielorrussa não fizesse progressos, ele mandaria Rokossovsky, que estava no norte, desviar a Segunda Frente Bielorrussa para lá. Era uma ameaça vã, pois as forças de Rokossovsky estavam tão atrasadas que só cruzaram o Oder em 20 de abril, mas Jukov ficou tão desesperado que ordenou um ataque atrás do outro. Por fim, a linha foi rompida mais tarde naquela manhã. Uma das brigadas blindadas de Katukov avançou pela Reichstrasse I, a principal estrada entre Berlim e a já destruída capital da Prússia Oriental, Königsberg. O IX Exército do coronel-general Theodor Busse foi dividido e logo veio a desintegração. O custo foi alto. A Primeira Frente Bielorrussa teve mais de 30 mil homens mortos, e os alemães 12 mil. Jukov não teve remorsos. Só tinha um objetivo em mente.

Naquele dia, Konev foi perturbado apenas por um ataque contra o LII Exército no seu flanco sul pelas forças do marechal de campo Schörner. Foi uma operação mal preparada e apressada, fácil de revidar. Mas seus dois exércitos blindados conseguiram avançar entre 35 e 45 quilômetros. Ele teria se sentido mais encorajado se soubesse do caos provocado em Berlim quando líderes nazistas interferiram na organização da defesa da cidade.

Goebbels, o comissário do Reich para a defesa de Berlim, tentou agir como um comandante militar. Ordenou que as unidades de *Volkssturm* da cidade criassem uma nova linha de defesa. O comandante da guarnição de Berlim ficou atônito e protestou. Não sabia que, secretamente, isto era exatamente o que Albert Speer e o general Heinrici queriam, para evitar a destruição da cidade. O general Helmuth Weidling, que comandava o 56º Corpo Panzer, foi distraído por visitas de Ribbentrop e Artur Axmann, chefe da Juventude Hitlerista, que se ofereceu para enviar mais adolescentes armados com Panzerfausts. Weidling tentou persuadi-los a desistir de “sacrificar crianças por uma causa já condenada”.¹⁰

A aproximação do Exército Vermelho acirrou os instintos assassinos do regime nazista. Cerca de trinta prisioneiros políticos foram decapitados na prisão de Plötzensee naquele dia. Patrulhas da SS pela cidade não detinham os suspeitos de deserção, mas os enforcavam em postes de luz com cartazes pendurados no pescoço anunciando a sua covardia. Estas acusações da SS eram hipócritas, para dizer o mínimo. Enquanto as suas patrulhas executavam desertores do exército e até alguns da Juventude Hitlerista, Heinrich Himmler e oficiais mais antigos das *Waffen-SS* planejavam secretamente desengajar suas tropas e levá-las para a Dinamarca.

Em 19 de abril, irremediavelmente dividido em três, o IX Exército capitulou. As mulheres e crianças na área, temendo pela própria sorte, imploraram aos soldados que as levassem com eles. O I Exército Blindado de Guardas apoiado pelas tropas do VIII Exército de Guardas de Chuikov chegou a Müncheberg pela Reichsstrasse I. Enquanto se dirigiam aos subúrbios no leste e sudeste de Berlim, os outros exércitos de Jukov avançaram pelo norte da cidade. Stalin insistiu no cerco total para assegurar que os americanos não tentassem rompê-lo na última hora. As tropas americanas estavam entrando em Leipzig naquele dia e tomaram Nuremberg depois de uma luta acirrada, mas as divisões de Simpson no Elba ficaram onde estavam, como Eisenhower ordenara.

O alvorecer de 20 de abril, aniversário de Hitler, cumpriu a tradição do *Führerwetter* com um belo dia de primavera. As forças aliadas marcaram o dia com uma saudação própria. Göring passou a manhã supervisionando o transporte das pinturas e outros tesouros que saqueara e que estavam então em sua ostentosa casa de campo em Karinhall, no norte de Berlim. Depois que os seus bens foram levados em caminhões da Luftwaffe, ele apertou o detonador ligado aos explosivos instalados na casa. Ela ruiu em meio a uma nuvem de poeira. Göring virou-se e entrou no carro para ser conduzido à Chancelaria do Reich, onde, com outros líderes nazistas, parabenizou o Führer pelo que sabiam seria o seu último aniversário.

Hitler parecia pelo menos duas décadas mais velho que os seus 56 anos. Estava encurvado, e o seu braço esquerdo tremia. Naquela manhã, por rádio, Goebbels havia conclamado os alemães a confiarem nele cegamente. Contudo, até para os colegas mais dedicados era óbvio que o Führer não estava em condições de pensar racionalmente. Depois de beber champanhe à meia-noite em homenagem à saúde do líder, como era seu costume privado, Himmler tentou fazer contato com os americanos secretamente. Pensava que Eisenhower reconheceria que precisavam dele para manter a ordem na Alemanha.

Os líderes que se reuniram na opulência semiarruinada da Chancelaria do Reich incluíam o almirante de esquadra Dönitz, Ribbentrop, Speer, Kaltenbrunner e o marechal de campo Keitel. Logo ficou claro que só Goebbels pretendia ficar com o Führer em Berlim. Dönitz, que recebera o comando supremo no norte do país, partiu com a benção de Hitler. Os demais simplesmente buscaram pretextos para deixar a cidade antes que ela fosse invadida e as pistas de pouso fossem tomadas pelo Exército Vermelho. Hitler se decepcionou com os supostos paladinos leais, particularmente com Göring, que disse pretender organizar a resistência na Baviera. Muitos instaram o Führer a

partir para o sul, mas ele se recusou. Aquele dia ficou conhecido como o da “fuga dos Pavões Dourados”, quando os membros do Partido Nazista tiraram os uniformes marrons, vermelhos e dourados e fugiram de Berlim com suas famílias enquanto as rotas para o sul permaneciam abertas.

Na cidade, as donas de casa faziam fila para a última distribuição das “rações da crise”. Elas podiam ouvir nitidamente o som dos canhões a distância. Naquela tarde, a artilharia pesada do III Exército de Choque abriu fogo sobre os subúrbios ao norte da cidade. Jukov ordenou a Katukov que enviasse brigadas blindadas a Berlim a qualquer custo. Ele sabia que o III Exército Blindado de Guardas de Konev subia pelo sul da capital. Porém, não sabia que inesperadamente haviam enfrentado forte resistência. Grande parte do IX Exército de Busse estava escapando pelo Spreewald e cruzando o caminho daquele exército.

A retirada alemã da frente do Oder para a cidade foi muito prejudicada pelos milhares de civis que fugiam em pânico. Alguns resolveram ficar. “Os agricultores estão junto às cercas dos seus jardins diante da estrada e assistem à fuga com semblantes solenes”, escreveu um jovem soldado. “As esposas chorosas oferecem café que bebemos apressados e com voracidade. Marchamos e corremos, sem descanso nem paz.”¹¹ Muitos soldados alemães saquearam casas pelo caminho, e alguns procuraram alívio nas bebidas alcoólicas que encontraram. Ao despertarem eram detidos.

A Divisão SS *Nordland* nas florestas de pinheiros ao leste da cidade enfrentou duras batalhas de retardamento, mas outras formações não estavam em condições de opor resistência. Espalharam-se rumores de que aviões americanos haviam despejado folhetos instando os alemães a resistirem pois estavam chegando para socorrê-los, mas poucos acreditaram nisto. Esquadrões de *Feldgendarmarie* e SS guardavam os cruzamentos não contra o inimigo, mas para reunir os retardatários em destacamentos improvisados. Quem jogasse fora a arma, o capacete ou a mochila era detido e fuzilado. Um batalhão de polícia foi enviado a Strausberg para executar os que recuavam sem ordem para tal, mas a maior parte dos policiais fugiu e se escondeu antes de chegar lá.

Em 21 de abril, o último ataque aéreo aliado em Berlim terminou cedo pela manhã. Um silêncio incomum caiu sobre a cidade, mas algumas horas depois uma série de explosões provocou outro tipo de ruído e deixou claro que a artilharia soviética estava a curta distância do centro. Hitler, que costumava dormir tarde, estava desperto. Saiu do seu quarto no bunker para indagar o que estava ocorrendo. A explicação o deixou pasmo. O comandante da artilharia de Jukov, o coronel-general Vasily Kazakov, havia enviado baterias de canhões pesados de 152 mm e os obuseiros de 203 mm. As donas de casa que ainda

estavam na fila para receber ração foram as principais baixas, pois poucas quiseram perder o que sabiam ser a última oportunidade de abastecer a despesa. Contudo, pouco depois a intensidade do bombardeio forçou-as a voltar para os porões e abrigos antiaéreos.

Embora o sítio a Berlim estivesse quase completo, a paranoia de Stalin continuava infectando os interrogadores do 7º Departamento do NKVD. Todo oficial alemão de elevado posto que capturavam devia responder se conhecia os planos dos americanos de se juntarem à Wehrmacht para expulsar as forças soviéticas de Berlim. Stalin acossou Jukov para que terminasse logo o cerco empregando uma ameaça totalmente fictícia. “Devido à lentidão do seu avanço, os Aliados estão se aproximando de Berlim e logo irão tomá-la.”¹² Mas Jukov estava mais interessado em bloquear o avanço de Konev. Empurrou o I Exército Blindado de Guardas de Katukov e o VIII Exército de Guardas de Chuikov mais para o sudoeste.

Um dos tanques da vanguarda de Konev foi visto se aproximando de Zossen. O general Krebs foi informado de que o seu destacamento de defesa de viaturas blindadas havia sido destruído em uma batalha desigual contra os T-34. Ele telefonou para a Chancelaria do Reich, mas Hitler não permitiu que partissem. Krebs e seus oficiais começaram a imaginar como seriam os campos de prisioneiros soviéticos, mas foram salvos porque os tanques soviéticos ficaram sem combustível alguns quilômetros estrada abaixo. Por fim, em outra ligação para Berlim obtiveram autorização para evacuar e partiram em um comboio de caminhões.

Enquanto esperavam a chegada do Exército Vermelho, os berlinenses se preparavam de maneiras frívolas ou trágicas para encarar os conquistadores. No Hotel Adlon, empregados e hóspedes ouviram o som das granadas da artilharia. “No salão de jantar”, escreveu um jornalista norueguês, “os poucos hóspedes se assombraram com a prontidão dos garçons em servir o vinho em um fluxo constante.”¹³ Não queriam deixar nada para os russos. Ao partirem para se juntar às unidades *Volkssturm*, alguns pais pensavam na sina que aguardava as suas famílias. “É o fim, minha pequena”, disse um deles à filha, entregando-lhe uma pistola. “Prometa-me que quando os russos chegarem você vai se matar.”¹⁴ Ele a beijou e partiu. Outros mataram mulher e filhos e depois cometeram suicídio.¹⁵

A cidade foi dividida em oito setores, com o canal Landwehr ao sul e o rio Spree ao norte do distrito central formando as últimas linhas de defesa. Somente o 56º Corpo Panzer do IX Exército de Weidling reforçou a guarnição, trazendo 80 mil homens. O 101º Corpo havia recuado para o norte da cidade. O resto,

inclusive o 12º Corpo Panzer SS e o 5º Corpo de Montanha SS, continuava tentando abrir caminho através das forças de Konev nas florestas ao sul de Berlim. Konev avançara com os III e IV Exércitos Blindados de Guardas e mandou os exércitos de infantaria para enfrentar as forças de Busse. Embora as tropas alemãs fossem uma massa desorganizada, com muitos refugiados civis misturados, não há dúvidas de que lutaram desesperadamente para chegar ao Elba e escapar dos campos de trabalho soviéticos.

Hitler ignorou a situação e recorreu à fantasia ao ordenar que o IX Exército se mantivesse na frente do Oder. Acusou a Luftwaffe de ficar inerte e ameaçou o comandante em chefe, o general-aviador Karl Koller, de execução. Ao recordar que Heinrici tinha reservas, o 3º Corpo SS *Germanische*, telefonou para o *Obergruppenführer* Steiner. Disselhe que contra-atacasse o flanco norte da Primeira Frente Bielorrussa. “Você verá, os russos sofrerão a maior derrota da sua história diante dos portões de Berlim. É expressamente proibido recuar para o oeste. Os oficiais que não acatarem a ordem incondicionalmente serão imediatamente detidos e executados. E você, Steiner, responderá com a cabeça pelo seu cumprimento.”¹⁶ Steiner ficou mudo de assombro. O Corpo *Germanische*, que havia sido privado de quase todas as tropas para reforçar o IX Exército, só contava com alguns batalhões. Ao se recuperar do choque, ele ligou de volta para recordar ao general Krebs qual era a real situação, mas este repetiu a ordem e disselhe que não podia falar com o Führer porque ele estava ocupado.

A recusa de Hitler em encarar a realidade era ainda mais assombrosa por ele saber que o grupo de exércitos de Model no bolsão do Ruhr se rendera com 325 mil homens. Model embrenhou-se em um bosque e se suicidou, como era de se esperar de um marechal de campo nazista. No norte da Alemanha, a 7ª Divisão Blindada britânica se aproximava de Hamburgo, enquanto a 11ª Divisão Blindada avançava rapidamente em direção a Lübeck, no Báltico. Isto obedeceu à ordem secreta de Churchill ao marechal de campo Montgomery, três dias antes, para impedir que o Exército Vermelho tomasse a Dinamarca. O I Exército francês também entrou em Stuttgart, onde muitas tropas do norte da África pilharam e estupraram a população local.

Em 22 de abril, Himmler teve um encontro secreto com o conde Folke Bernadotte, da Cruz Vermelha sueca. Pediu-lhe que sondasse os americanos e os britânicos sobre uma rendição no Ocidente. Como sinal de boa-fé, prometeu enviar 7 mil prisioneiras de Ravensbruck para a Suécia, mas como a maioria delas havia sido levada em uma marcha para o oeste, não soou muito convincente. Assim que Churchill soube da abordagem de Himmler, informou o

Kremlin para evitar outra confusão com Stalin após as negociações abortadas sobre a Itália com o *Obergruppenführer* da SS Wolff.

Hitler ficou indócil de impaciência por notícias do ataque de Steiner. Contudo, quando por fim soube que o “Destacamento de Exército Steiner”, como insistia em denominá-lo, não conseguira avançar, uma suspeita de traição entre a SS começou a se formar. Ele gritou e berrou furioso durante a reunião de meio-dia sobre a situação, para depois cair em prantos em uma cadeira. Pela primeira vez disse abertamente que a guerra estava perdida. O seu entourage tentou convencê-lo a partir para a Baviera, mas ele insistiu em ficar em Berlim e se matar. Estava fraco demais para lutar. Goebbels se aproximou para acalmá-lo, mas não fez nada para animá-lo a partir. O ministro da Propaganda havia decidido ficar com ele até o fim para criar uma futura lenda nazista. Pensando em termos cinematográficos, da mesma forma que seu Führer, para Goebbels as suas mortes durante a queda de Berlim seriam mais dramáticas do que no isolamento do Berghof.

Hitler reapareceu, reconfortado pela conversa com Goebbels. Acatou a sugestão de Jodl de que o XII Exército de Wenck que enfrentava os americanos no Elba deveria ser trazido de volta a Berlim com um contra-ataque. Era um plano fútil. O XII Exército estava debilitado demais e o cerco a Berlim estava praticamente completo. O tenente-coronel Ulrich de Maizière, um oficial de Estado-Maior que testemunhara as tormentas daquele dia no bunker, convenceu-se de que “a doença mental [de Hitler] consistia em sua identificação hipertrofiada com o povo alemão”.¹⁷ Ele agora pensava que a população de Berlim deveria se suicidar junto com ele. Magda Goebbels, para quem a Alemanha sem Hitler era um mundo em que não valia a pena viver, levou os seis filhos para o bunker naquela noite. Os oficiais se horrorizaram ao ver aquilo, pois sabiam qual seria o fim da história.

Naquela noite, o III Exército Blindado de Guardas de Rybalko havia chegado ao canal Teltow, no limite sul de Berlim. Enquanto se preparavam para o ataque no dia seguinte chegaram canhões pesados. O 7º Departamento do NKVD, responsável pela propaganda e o interrogatório de prisioneiros, mandou despejar folhetos na cidade instando as mulheres a convencerem os oficiais a se renderem. Isto refletia uma mudança na linha do partido, mas não a realidade. “Porque a gangue fascista tem medo da punição”, dizia “ela espera prolongar a guerra. Mas vocês, mulheres, não têm nada a temer. Ninguém as tocará.”¹⁸ As transmissões radiofônicas repetiam a mensagem.

Em 23 de abril, o marechal de campo Keitel foi ao quartel-general de Wenck. Dirigiu-se aos oficiais ali reunidos como se estivesse em uma assembleia do Partido Nazista, brandindo o bastão de marechal de campo incitando-os a

avançar sobre Berlim para salvar o Führer. Wenck tinha planos muito diferentes. Queria abrir um corredor para que o IX Exército de Busse escapasse das florestas para o Elba.

O general Weidling do 56º Corpo Panzer telefonou para o bunker do Führer naquela manhã para se reportar, pois o seu corpo havia regressado à cidade. O general Krebs disselhe que tinha sido condenado à morte por covardia. Demonstrando uma valentia considerável, Weidling insistiu em ir até lá imediatamente e encarar os seus acusadores. Ele não havia recuado o quartel-general para o oeste de Berlim, como fora informado. Hitler ficou tão impressionado com a sua firme refutação das acusações que imediatamente o colocou no comando de todas as guarnições e defesas da cidade. Como observou um oficial de alta patente, foi uma “tragicomédia”¹⁹ típica do regime nazista. Para Weidling, a nomeação foi como um cálice envenenado.

Weidling realocou as suas forças e manteve apenas a 20ª Divisão de Granadeiros Panzer na reserva. Não havia muito tempo. Naquela tarde, operando em conjunto, o VIII Exército de Guardas e o I Exército Blindado de Guardas avançaram pelo sudeste de Berlim. Tiveram um enfrentamento encarniçado com a SS *Nordland* no aeródromo Tempelhof, em meio aos destroços dos caças Focke-Wulf calcinados. O V Exército de Choque avançou do leste, o III Exército de Choque entrou nos subúrbios do norte, o XLVII Exército tomou Spandau no noroeste com a sua fortaleza maciça e o III Exército Blindado de Guardas de Konev e o XXVIII Exército começaram seu ataque pelo canal Teltow. Todo este tempo, a artilharia do general Kazakov continuava bombardeando a cidade — dispararam 1,8 milhão de granadas até o final da batalha — enquanto os exércitos do ar sobrevoavam, bombardeando à vontade.

Naquela noite, Albert Speer regressou a Berlim de avião para ver Hitler pela última vez. Ouviu que ele pretendia cometer suicídio com Eva Braun. Pouco depois, Martin Bormann trouxe um telegrama de Göring, que estava na Baviera. Ele ouvira uma versão deturpada dos acontecimentos e da explosão emocional de Hitler no dia anterior. Propôs assumir a “liderança total do Reich”. Bormann disse a Hitler que isto era traição, e em resposta foi enviada mensagem ao marechal do ar destituindo-o dos seus cargos e distinções. Bormann enviou outro telegrama à Baviera ordenando à SS que mantivesse Göring em prisão domiciliar.

Em alguns casos, os oficiais da SS pareciam mais dispostos a desistir que os oficiais do exército. Naquele dia, Fritz Hockenjos, oficial do exército adido ao corpo da SS cercado por forças francesas na Floresta Negra, registrou em seu diário uma conversa com o seu comandante. “Você realmente crê que ainda faz sentido lutar?”, perguntou-lhe o general da SS. “Sim, como soldado creio nisto”,

respondeu. “A situação também me parece desalentadora, porém, enquanto não houver ordem de parar de combater, creio que a liderança suprema continua enxergando um caminho.”²⁰

Na manhã de 24 de abril, o ataque de Konev no canal Teltow começou com artilharia pesada. Jukov ficou abalado ao saber pelo I Exército Blindado de Guardas que as brigadas blindadas de Rybalko haviam chegado a Berlim. Ficou ainda mais descontente ao saber que a infantaria dele também havia cruzado o canal naquela manhã e os carros de combate passariam pelas pontes flutuantes pouco depois do meio-dia. Mas Konev também teve um momento desagradável quando, observando a travessia do canal, descobriu que as divisões de Wenck rumavam para o leste na sua retaguarda para se juntarem aos remanescentes do IX Exército.

Muitos berlinenses que ainda tinham pilhas para os rádios se emocionaram ao ouvir o anúncio de Goebbels de que o XII Exército de Wenck avançava sobre Berlim. Outros temeram que isto prolongasse a luta. O ânimo de Hitler melhorou com a perspectiva. Ele ordenou que o IX Exército de Busse se unisse ao “Exército Wenck”. Não lhe passou pela cabeça que Wenck e Busse não tinham intenção de cumprir a ordem. Dönitz também prometeu enviar marinheiros dos portos do norte para ajudar na defesa. Eles embarcariam em aviões de carga Junkers 52 que pousariam no eixo Leste-Oeste, a avenida que atravessa o Tiergarten em direção ao oeste do Portão de Brandemburgo. Os reforços mais surpreendentes a alcançar Berlim naquela noite foram noventa voluntários entre os remanescentes da divisão francesa da SS Carlos Magno, que conseguiram passar em caminhões pelas forças soviéticas ao norte da cidade.

Apinhados nos porões, abrigos antiaéreos e nas imensas torres antiaéreas de concreto, os berlinenses só queriam que a batalha terminasse. O ar ficou quase irrespirável e o amontoamento era tal que ninguém conseguia chegar aos banheiros nem obter água para beber. Não saía uma gota das torneiras. Só havia água nas bombas manuais das ruas, que estavam sob fogo cruzado. A paisagem urbana destruída foi apelidada de *Reichsscheiterhaufen* — a pira funerária do Reich. Quando as forças soviéticas abriram caminho em direção ao centro, os porões também ficaram perigosos na luta casa a casa. Os soldados do Exército Vermelho às vezes atiravam granadas ao encontrar resistência nas imediações.

O *Volkssturm*, a Juventude Hitlerista e pequenos grupos de combate das *Waffen-SS* lutavam detrás de barricadas e das janelas e telhados lançando Panzerfausts contra os tanques soviéticos. A princípio, os tanques avançaram pelo meio da estrada, mas depois mudaram de tática e ocuparam as laterais,

disparando em alvos prováveis com os canhões. No norte, o III Exército de Choque empregou os canhões antiaéreos contra telhados, porque os tanques não conseguiam elevar suficientemente o seu canhão principal. Para se contraporem à carga explosiva perfurante das Panzerfausts, as guarnições dos carros de combate cobriram a frente e as laterais dos blindados com molas metálicas de colchões, para detonar os rojões prematuramente. As barricadas foram destruídas com artilharia pesada levada à frente e disparando tiros diretos. As baixas soviéticas causadas por seu próprio fogo de apoio e, mais frequentemente, pelos outros exércitos soviéticos, aumentaram à medida que se aproximavam do centro. Com a fumaça e as nuvens de poeira que cobriam a cidade, os pilotos dos Shturmoviks tinham dificuldade de saber quem estavam atacando. Chuikov enviou parte do VIII Exército de Guardas para o oeste para bloquear o avanço do rival, o III Exército Blindado de Guardas. Isto causou muitas baixas entre os seus homens na mira dos canhões pesados de Konev e dos lançadores de foguetes Katyusha.

Naquele dia, o Comitê Italiano de Libertação Nacional convocou um levante contra as forças alemãs que permaneciam no norte. A resistência atacou as colunas alemãs em retirada e, no dia seguinte, tomou Milão.

Em 25 de abril, tropas americanas da 69ª Divisão de Infantaria e soldados soviéticos da 58ª Divisão de Infantaria de Guardas se encontraram em Torgau, à beira do Elba. A notícia de que o Reich nazista havia sido dividido ao meio correu o mundo. Stalin apressou os comandantes da frente para que posicionassem as tropas no Elba onde fosse possível, embora já tivesse certeza de que os americanos não estavam correndo em direção a Berlim. O general Serov do NKVD trouxe três regimentos de guardas de fronteira para evitar que os oficiais alemães fugissem da cidade. As tropas de Beria se prepararam para acompanhar o III Exército Blindado de Guardas até Dahlem para garantir as instalações de pesquisa nuclear.

John Rabe, o diarista alemão que tinha registrado os acontecimentos no Estupro de Nanquim, estava em Siemensstadt, no lado noroeste de Berlim. Os soldados russos “estão muito amigáveis — até agora”, observou. “Não nos incomodam, chegam a nos oferecer comida, mas enlouquecem com bebida alcoólica e ficam imprevisíveis quando bebem muito.” O padrão de roubar relógios e atacar mulheres foi retomado. Em seguida, Rabe começou a escrever sobre vizinhos que cometiam suicídio depois de matar os próprios filhos e sobre “uma menina de 17 anos estuprada cinco vezes e depois executada”. “As mulheres de um abrigo em Quell Weg foram estupradas enquanto os maridos

assistiam.”²¹

Em Berlim, houve menos violência e sadismo do que na vingança furiosa contra a Prússia Oriental. Os soldados soviéticos tiveram tempo de escolher suas vítimas, usando tochas nos porões e abrigos para examinar-lhes os rostos. Mães tentavam esconder as filhas nos sótãos, apesar do risco de granadas de artilharia, mas às vezes os vizinhos denunciavam os esconderijos para desviar a atenção dos soldados de si próprios ou de suas filhas. Nem as mulheres judias estavam a salvo. Os soldados do Exército Vermelho não sabiam grande coisa sobre a perseguição racial nazista, que fora omitida pela propaganda soviética. A sua reação era simplesmente “*Frau ist Frau*”.²² As mulheres e meninas judias que permaneciam no campo de trânsito da Schulstrasse, em Wedding, foram estupradas quando os soldados da SS desapareceram.

Os dois principais hospitais de Berlim, o Charité e o Kaiserin Auguste Viktoria, estimaram o número de mulheres violentadas entre 95 mil e 130 mil. A maioria sofreu vários ataques. Um médico calculou que umas 10 mil morreram em decorrência dos estupros ou por suicídio.²³ Algumas moças foram encorajadas a se matarem pelos pais para limpar a “desonra”. No total, estima-se que cerca de 2 milhões de mulheres e meninas tenham sido estupradas em território alemão. A Prússia Oriental vivera uma violência muito pior, como confirmam diversos relatórios dos comandantes para Beria no NKVD.

Até as mulheres e filhas dos comunistas berlinenses, que se apresentaram como voluntárias para trabalhar nas cantinas e lavanderias do Exército Vermelho, tiveram a mesma sorte. Membros do Partido Comunista Alemão, o KPD, que saíram da clandestinidade para saudar os libertadores ficaram estarecidos ao serem detidos como “espiões”. O NKVD considerou traição o seu fracasso em ajudar a pátria soviética. “Por que você não estava entre os *partisans*?” era a pergunta assassina, formulada antecipadamente em Moscou.

Em 17 de abril, o VIII e o I Blindado de Guardas romperam a linha de defesa no canal Landwehr, o último obstáculo importante antes do distrito administrativo. Ao sul de Berlim, os 80 mil homens de Busse ainda lutavam pela autoestrada Berlim-Dresden, que várias divisões de Konev ocupavam como uma linha final de passagem. Elas derrubaram árvores nas florestas de pinheiros imensos para bloquear as trilhas que levavam ao oeste. Lideradas às vezes pelos poucos tanques Tigre com combustível, muitas unidades de Busse acharam brechas no cordão de isolamento do Exército Vermelho. Todas as viaturas que não tinham sido abandonadas foram carregadas de feridos, que gritavam de dor ao serem jogados nas caçambas. Quando alguém caía era simplesmente esmagado pela

viatura seguinte. Praticamente ninguém se detinha para ajudá-los.

A vanguarda que rumava para o oeste foi avistada por um avião da Luftwaffe, que comunicou o fato ao bunker do Führer. Hitler mal podia crer que Busse desobedecesse às suas ordens. Enviou-lhe uma série de mensagens-rádio dizendo que o seu dever era salvar Berlim, e não o IX Exército. Um deles dizia: “O Führer em Berlim espera que os exércitos cumpram o seu dever. A História e o povo alemão desprezarão quem nestas circunstâncias não dá o melhor de si para salvar a situação e o Führer.”²⁴ Mas as ordens foram desrespeitadas por todos os comandantes. Sem avisar o quartel-general, o general Heinrici disse ao coronel-general Hasso von Manteuffel que recuasse no norte por Mecklenberg, pois a Segunda Frente Bielorrussa de Rokossovky avançava pelo baixo Oder. Quando Keitel soube da desobediência, ordenou a Heinrici que se reportasse ao novo quartel-general do OKW no noroeste de Berlim, mas os oficiais o convenceram a se salvar e sumir até o final da guerra. Em Berlim, um número cada vez maior de casas exibia lençóis e fronthas em sinal de rendição, apesar do risco representado pelas patrulhas da SS, que tinham ordens de executar todos os homens que encontrassem nos prédios.

Em 28 de abril, tropas americanas entraram no campo de concentração de Dachau, ao norte de Munique. Das torres de observação, cerca de trinta guardas da SS tentaram resistir, mas em pouco tempo foram mortos. Mais de quinhentos guardas da SS foram executados, alguns pelos prisioneiros, mas principalmente pelas tropas americanas enojadas com o que viram no campo. Nas redondezas encontraram vagões de transporte de gado repletos de corpos esqueléticos. Um tenente metralhou 346 homens da SS contra um muro. Dos 30 mil prisioneiros sobreviventes, 2.466 estavam em condições tão lastimáveis que morreram nas semanas seguintes, apesar da assistência médica.

As suspeitas de Hitler de traição no seio da SS se confirmaram quando a rádio sueca anunciou em Estocolmo que Heinrich Himmler tentara negociar com os Aliados. Na noite anterior ele tinha reparado na ausência do *Overgruppenführer* Hermann Fegelein, o representante de Himmler no quartel-general do Führer, casado com a irmã de Eva Braun. Oficiais foram enviados à sua procura. Encontraram-no em seu apartamento, bêbado com a amante. Tinham as malas preparadas para a partida iminente. Fegelein foi detido e levado de volta à Chancelaria do Reich. Eva Braun se recusou a interceder pelo cunhado infiel.

Hitler estava ainda mais amargurado com a deserção do “*der treue Heinrich*” do que com a tentativa de Göring de assumir a liderança. Depois do fracasso de Steiner em atacar só via traição à sua volta. Telefonou para Dönitz em Flensburg, na costa báltica. Este questionou Himmler, que negou a acusação. Mas a Reuters divulgou a história. Pálido de raiva, Hitler ordenou ao *Gruppenführer* Müller,

chefe da Gestapo, que interrogasse Fegelein. Depois de confessar saber da sondagem de Himmler junto ao conde Bernadotte, foi rebaixado e destituído das medalhas e levado a um pátio interno, onde membros da escolta do Führer o executaram. Hitler afirmou que a traição de Himmler era o golpe final. Segundo Speer, a decisão de punir as divisões das *Waffen-SS* na Hungria retirando-lhes as braçadeiras contribuiu para levar Himmler pelo caminho da traição.

Poucas horas depois da execução do cunhado, Eva Braun casou-se com Adolf Hitler. As testemunhas foram Goebbels e Bormann. Foi uma tarefa assustadora para o tabelião espantado, arrancado de um destacamento *Volkssturm*. Segundo a lei nazista, ele perguntou a Hitler e a Braun se tinham ascendência ariana pura e estavam livres de doenças hereditárias.

Nas primeiras horas de 29 de abril, Hitler deixou a esposa para ditar a sua última vontade e o testamento. Retomando o discurso bombástico e delirante, declarou que nunca quisera a guerra. Os interesses judeus internacionais o haviam forçado a empreendê-la. Designou Dönitz presidente do Reich em seu lugar. Goebbels seria o chanceler. O *Gauleiter* Karl Hanke, naquele momento em Breslau em uma defesa encarniçada até conseguir fugir em um avião leve, substituiria Himmler como *Reichsführer-SS*. Quando Traudl Junge, secretária de Hitler, terminou a sua tarefa desalentadora, descobriu que ninguém havia alimentado os filhos de Goebbels. Foi buscar comida na Chancelaria do Reich e se deparou com uma orgia chocante de oficiais da SS e jovens mulheres que haviam aliciado com ofertas de comida e álcool.

O entourage de Hitler esperava ansiosamente pelo seu suicídio. Após a execução de Fegelein, os mais chegados não podiam escapar enquanto ele não morresse. O som da batalha se intensificava, com remanescentes da Divisão *Nordland* e da SS francesas defendendo o lado sul da Wilhelmstrasse. As ruínas da Anhalter Bahnhof e do quartel-general da Gestapo na Prinz-Albrecht Strasse estavam tomadas por grupos de combate soviéticos. Os voluntários franceses da SS conseguiram emboscar e destruir tanques soviéticos com Panzerfausts. O Tiergarten parecia um campo de batalha da Primeira Guerra Mundial, com árvores derrubadas e crateras.

Duas divisões do III Exército de Choque cruzaram o Spree desde Moabit para tomar o Ministério do Interior, que chamavam de “Casa de Himmler”. Na aurora do dia 30 de abril, lançaram o ataque ao Reichstag, que Stalin escolhera como o símbolo da captura de Berlim. O primeiro soldado a hastear a bandeira soviética receberia a condecoração de Herói da União Soviética. O Reichstag estava sendo defendido por uma mistura de SS, Juventude Hitlerista e alguns marinheiros que tinham vindo nos cargueiros Junkers. O maior perigo para os atacantes vinha da retaguarda. A enorme torre antiaérea no zoológico do Tiergarten poderia disparar

quando cruzassem a ampla esplanada da Königsplatz, onde Speer planejava construir o Volkshalle, o prédio central da Alemanha, a nova capital.

Naquela manhã, no bunker do Führer, Hitler testou uma ampola de ácido cianídrico em Blondi, uma das suas amadas cadelas alsacianas. Satisfeito ao ver que funcionava, começou os preparativos. Ele acabara de saber da morte de Mussolini e da amante Clara Petacci. Os seus corpos, cravados de balas, haviam sido pendurados em um guindaste em um posto de gasolina em Milão. Os detalhes foram datilografados em uma máquina de escrever especial para que ele pudesse lê-los sem óculos. (A folha está guardada em um arquivo russo.) Por volta das três da tarde o Führer se despediu do seu entourage. A solenidade da ocasião foi solapada pelo som de uma festa no alto da Chancelaria do Reich, e depois pelo ataque histérico de Magda Goebbels, que não podia imaginar perdê-lo.

Por fim, Hitler se retirou para a sua sala com a esposa, que estivera alegre no almoço embora soubesse exatamente o que iria acontecer. Ninguém ouviu o barulho do tiro, mas pouco depois das 15h15 Linge, o seu criado, entrou seguido de outros. Hitler disparara um tiro na cabeça e Eva Hitler tomara o ácido cianídrico. Os seus corpos foram envolvidos em cobertores cinza da Wehrmacht e levados para o jardim da Chancelaria do Reich, onde foram incinerados com gasolina segundo o desejo de Hitler. Goebbels, Bormann e o general Krebs assumiram a posição de sentido e fizeram a saudação nazista.

Naquela noite, enquanto as tropas soviéticas abriam caminho até o Reichstag para hastear a bandeira da vitória a tempo das celebrações do Primeiro de Maio em Moscou, o general Weidling planejou a fuga para o oeste com o maior número possível de soldados. Porém, um oficial da SS atravessou a linha de fogo para convocá-lo à Chancelaria do Reich. Goebbels deu-lhe a notícia da morte de Hitler e acrescentou que o general Krebs seria o emissário na negociação dos termos da rendição com o comandante soviético.

Embora supostamente fosse um apóstolo leal da resistência total, todas as manhãs Krebs vinha aperfeiçoando o seu russo diante do espelho do banheiro enquanto fazia a barba. Assim que o cessar-fogo foi acordado no setor do VIII Exército de Guardas, ele foi levado ao seu quartel-general. Chuikov telefonou para Jukov, que imediatamente enviou seu chefe do Estado-Maior, general Vasily Sokolovsk. Jukov não queria que o seu crítico mais severo alegasse que ele havia recebido a rendição de Berlim. Então Jukov telefonou para Stalin, insistiu em que o despertassem e disselhe que Hitler estava morto. “Agora acabou. Pena que não o pegamos com vida. Onde está o cadáver de Hitler?”²⁵ Stalin proibiu Jukov de negociar. Só a rendição incondicional seria aceita. Krebs queria uma trégua. Tentou argumentar que só o novo governo do almirante de esquadra Dönitz

poderia oferecer a rendição incondicional. Sokolovksy mandou Krebs de volta com a mensagem de que se Goebbels e Bormann não concordassem com a rendição incondicional até as 10h15 daquela manhã de maio, eles deixariam “Berlim em ruínas”. Não houve resposta, então “um furacão de fogo” foi desatado no centro da cidade.

Os defensores mais tenazes do distrito administrativo foram os destacamentos escandinavo e francês das Waffen-SS. Engenheiros da Divisão *Nordland* detonaram o túnel ferroviário do Sistema S sob o canal Landwehr com explosivos em forma de carga oca. Vinte e cinco quilômetros de túneis do Sistema S e do metrô foram inundados. As estimativas do número de afogados variam de apenas cinquenta até 15 mil, mas os números reais provavelmente não são muito maiores do que cinquenta. Muitos corpos encontrados flutuando no subsolo já estavam mortos, porque os hospitais de campanha nos túneis haviam depositado os cadáveres lá.

Ao sul de Berlim, cerca de 25 mil homens do que restava do IX Exército de Busse surgiram das florestas próximas a Beelitz completamente exaustos e debilitados pela fome. Vários milhares de civis haviam escapado com eles. As divisões de Wenck, que tinham aberto o corredor para que eles e a guarnição de Potsdam escapassem, reuniram todos os veículos que puderam encontrar e os conduziram ao Elba para escapar da prisão soviética.

Naquela tarde, o *Brigadeführer* Wilhelm Mohnke, que comandava a defesa do distrito administrativo, deu ordens para o último tanque Tigre da SS *Nordland* recuar. Embora Goebbels continuasse se recusando a considerar a rendição incondicional, Martin Bormann e Mohnke já haviam contrabandeado roupas civis para a Chancelaria do Reich, prontos para partir naquela noite. Esperavam que as tropas que mantinham as forças soviéticas ao redor do distrito continuassem lutando enquanto eles escapavam. À noite, os que queriam deixar a chancelaria esperaram impacientes Magda Goebbels matar os seis filhos com veneno e se suicidar com o marido.

Às 21h30, a estação de rádio de Hamburgo Deutschlandsender transmitiu música fúnebre antes de Dönitz se dirigir à nação para anunciar a morte de Hitler, “lutando à frente das suas tropas”.²⁶ Depois que as crianças morreram, Joseph e Magda Goebbels foram para o jardim da Chancelaria do Reich. Ele segurou a insígnia do Partido Nazista do próprio Hitler que recebera de presente. Marido e mulher mastigaram as cápsulas de ácido cianídrico ao mesmo tempo. Um ajudante do ministro da Propaganda disparou um tiro em cada um para garantir que morreriam, derramou gasolina sobre os corpos e ateou fogo.

O atraso significou que os fugitivos só poderiam sair depois das onze da noite, duas horas depois do planejado. Em dois grupos, tomaram caminhos diferentes

para cruzar o Spree rumo ao norte. Tropas da *Nordsland* com o tanque Tigre e outras viaturas blindadas tentaram abrir caminho avançando pela ponte Weidendammer. O Exército Vermelho, que esperava um ataque e por isto reforçara o setor, matou a maioria em uma batalha noturna caótica. Muitos conseguiram se safar na confusão, inclusive Bormann e Artur Axmann, o líder da Juventude Hitlerista. Bormann, que ficou isolado, parece que topou com um grupo de soldados soviéticos e tomou veneno.

Com a rendição de Weidling a ponto de entrar em vigor à meia-noite, um grupo ainda maior, composto de remanescentes da 18ª Divisão de Granadeiros Panzer e da Panzer *Müncheberg*, tentou irromper no oeste. Houve um embate furioso em torno da Charlottenbrücke no rio Havel, entre Berlim e Spandau. As viaturas blindadas mais uma vez tentaram agir como um aríete contra as tropas do XLVII Exército soviético. Seguiu-se um massacre confuso com ondas de civis e soldados cruzando a ponte sob o fogo de viaturas armadas com canhões anticarro. É impossível dizer quantos morreram, mas apenas um punhado chegou ao Elba. Jukov mandou verificar os corpos e as viaturas para saber se havia algum líder nazista entre eles, mas quase todos os corpos foram incinerados sem serem reconhecidos.

No dia 2 de maio, uma calma incomum pairou sobre a cidade enfumaçada e enegrecida. Apenas disparos distantes de soldados da SS cometendo suicídio e rajadas ocasionais de metralhadoras soviéticas rompiam o silêncio. Na Chancelaria do Reich, o general Krebs e o assistente-chefe de Hitler, o general Wilhelm Burgdof, se mataram depois de consumir uma grande quantidade de conhaque. As tropas do V Exército de Choque ocuparam o prédio e dependuraram uma enorme bandeira vermelha no topo como um complemento da bandeira que finalmente fora hasteada no Reichstag.

Para os civis que saíam cautelosamente dos porões e abrigos antiaéreos, o campo de batalha urbano com as ruas cobertas de cadáveres e detritos foi um choque. Tanques soviéticos calcinados se espalhavam por toda parte, derrubados pelas Panzerfausts da SS estrangeiras e da Juventude Hitlerista. As mulheres cobriram os rostos dos mortos com jornais ou pedaços de pano. A maioria era de meninos. Os homens mais velhos do *Volkssturm* haviam se rendido na primeira oportunidade. As tropas soviéticas continuavam reunindo prisioneiros aos gritos de “*Davai! Davai!*”. Qualquer homem em uniforme, fosse ele soldado, policial ou bombeiro, era perfilado em colunas e levado para fora da cidade. Muitos estavam aos prantos quando as esposas se despediram e lhes entregaram comida e roupas. Eles temiam ser mandados para campos de trabalho na Sibéria.

A Operação Berlim, que durou de 16 de abril a 2 de maio, custou às frentes de Konev, Jukov e Rokossovsky um total de 352.425 baixas, das quais um terço de

mortos. A Primeira Frente Bielorrussa sofreu as piores baixas devido ao desespero de Jukov nas elevações de Seelow.

Ansioso por saber de cada detalhe da morte de Hitler e assegurar-se de que realmente tinha desaparecido, Stalin ordenou que um grupo do destacamento SMERSH do III Exército de Choque investigasse. O bunker da Chancelaria do Reich foi lacrado enquanto faziam o seu trabalho. Até o marechal Jukov foi impedido de entrar, com a desculpa de que os engenheiros não haviam terminado de checar o local em busca de minas e armadilhas. Uma equipe de interrogadores começou a trabalhar com qualquer prisioneiro que tivesse testemunhado acontecimentos por lá, e os cadáveres de Joseph e Magda Goebbels foram levados para serem examinados por médicos forenses fora de Berlim. A pressão de Moscou cresceu ao não encontrarem o cadáver de Hitler. Os agentes do SMERSH só o acharam em 5 de maio, enterrado em uma cratera de bomba junto com o de Eva Braun. Ele foi contrabandeado com grande sigilo. Nenhum oficial do Exército Vermelho, inclusive Jukov, soube da descoberta.

As Cidades dos Mortos

MAIO-AGOSTO DE 1945

“Não consigo encontrar belas palavras”, escreveu para casa um soldado soviético. “Tudo e todos estão embriagados. Bandeiras, bandeiras, bandeiras! Bandeiras em Unter-den-Linden, no *Reichstag*. Bandeiras brancas. Todos dependuram bandeiras brancas. Estão vivendo em ruínas. Berlim foi crucificada.”¹ Os conquistadores soviéticos parecem crer no antigo ditado russo de que “os vitoriosos não são julgados”.²

Muitos alemães simplesmente tentavam sobreviver em vez de ponderar sobre os acontecimentos que haviam levado a uma humilhação muito maior do que a derrota de 1918. “As pessoas estão vivendo a sua sina”,³ comentou um berlinense. A grande maioria dos partidários de Hitler se convencera de que o comportamento das tropas soviéticas provava que estavam certos ao tentar destruir a União Soviética. Outros começaram a ter dúvidas atrozes.

Fritz Hockenjos, o oficial de Estado-Maior adido às SS na Floresta Negra, refletiu em seu diário sobre a responsabilidade pelo fracasso alemão. “O povo não pode ser responsabilizado pela derrota. Os soldados, trabalhadores e agricultores se esforçaram, carregaram fardos sobre-humanos e acreditaram, obedeceram e labutaram até o fim. São culpados os políticos e funcionários do partido, os líderes econômicos e os marechais de campo? Não ocultaram a verdade ao Führer e armaram jogos pelas suas costas? Ou Adolf Hitler não foi o homem que parecia entre o povo? Será possível que a perspicácia e a estreiteza de horizontes, a simplicidade e o fermento, a lealdade e a falsidade, a fé e a desilusão tenham vivido no mesmo coração? Adolf Hitler foi o grande líder inspirado que não pode ser mensurado pelos padrões comuns ou terá sido um impostor, um criminoso, um diletante incompetente, um louco? Terá sido um instrumento de Deus ou um instrumento do demônio? E os homens de julho de 44, não teriam, afinal, sido traidores? Perguntas, perguntas. Não encontro respostas nem paz de espírito.”⁴

Embora o anúncio da morte de Hitler não tenha posto um fim imediato à luta, certamente acelerou o colapso final. Em 2 de maio, as forças do general Von Vietinghoff se renderam no norte da Itália e no sul da Áustria. As tropas britânicas correram para tomar Trieste, na entrada do Adriático. Os *partisans* de Tito já estavam na cidade, mas em número reduzido para fazer diferença.

Os cidadãos de Praga, pensando que o III Exército de Patton estava a ponto de chegar, se levantaram contra os alemães. Os tchecos foram apoiados não pelos americanos, como esperavam, mas por mais de 20 mil homens do ROA de Vlasov, que se insurgira contra os aliados alemães. O general Marshall rejeitara firmemente outro apelo de Churchill para avançar sobre a capital tcheca.

Com o Exército Vermelho longe demais para intervir, a resposta do marechal de campo Schörner foi quase tão selvagem quanto a repressão que se seguiu ao Levante de Varsóvia. Mudar de lado não poupou Vlasov e suas tropas da vingança soviética. Ele foi denunciado por um oficial ao tentar escapar debaixo de um cobertor na parte traseira de um carro. Stalin foi imediatamente informado da captura do “traidor da pátria general Vlasov”⁵ pela Primeira Frente Ucraniana de Konev. Ele foi levado de avião a Moscou, onde mais tarde foi executado.

Em 5 de maio, depois de negociações com oficiais de altos postos do IX Exército de Simpson, os feridos da força de Busse tiveram permissão para cruzar o Elba. Simpson se recusou a deixar passar os civis, devido ao acordo com a União Soviética de que permanecessem em suas áreas de residência. Em pouco tempo, soldados e mulheres jovens camufladas com sobretudos e capacetes da Wehrmacht começaram a cruzar a ponte ferroviária semidestruída. As tropas dos Estados Unidos triavam o fluxo para impedir a passagem de civis e prender membros da SS. Alguns estrangeiros da SS, principalmente da Divisão Holandesa, fingiram ser alemães ou trabalhadores forçados tentando regressar para casa. Temendo ser capturados pelo NKVD, os *Hiwis* também tentaram escapar. Quando a cabeça de ponte defendida pelas fracas divisões de Wenck ficou sob o fogo da artilharia soviética, os americanos recuaram para evitar baixas e houve uma debandada germânica para chegar à margem oeste. Vários soldados e civis tomaram barcos ou juntaram tábuas e barris de petróleo para fazer balsas improvisadas. Alguns tentaram capturar cavalos e forçá-los a cruzar o rio. Muitos que tentaram atravessá-lo a nado se afogaram na corrente caudalosa. Outros, que não podiam enfrentar a água ou acharam que não tinham razão para viver, simplesmente cometeram suicídio.

O general Bradley se reuniu com o marechal Konev para entregar-lhe um mapa com as posições de cada divisão americana. Não recebeu em troca nenhuma informação sobre as posições soviéticas, apenas a advertência inamistosa de que os americanos não deviam se meter nos assuntos da

Tchecoslováquia. Na Áustria, os soviéticos criaram um governo provisório sem quaisquer consultas. Nenhum sinal amistoso emanou de Moscou. Molotov, que estava em São Francisco para a conferência de fundação das Nações Unidas, chocou Edward Stettinius ao afirmar que os dezesseis representantes poloneses, detidos pelo NKVD apesar dos salvo-condutos, haviam sido acusados do assassinato de duzentos membros do Exército Vermelho.

Na tarde de 4 de maio Stalin enfureceu-se ao saber que o almirante Hans-Georg von Friedeburg e o general de infantaria Eberhard Kinzel haviam ido ao quartel-general de Montgomery em Lüneburg Heath para render forças alemãs nos Países Baixos, na Dinamarca e no noroeste da Alemanha. Montgomery enviou os delegados alemães a Rheims para uma rendição incondicional no quartel-general do SHAEF. O procedimento foi incrivelmente complicado. O SHAEF não recebera instruções políticas claras sobre os termos da rendição e da participação francesa. Os alemães esperavam negociar a rendição exclusivamente com as potências ocidentais.

Sem querer antagonizar Stalin, o SHAEF incluiu nas negociações o general Susloparov, oficial de ligação mais antigo no Ocidente. O general Bedell Smith, chefe do Estado-Maior de Eisenhower, conduziu a reunião habilmente. Em 6 de maio, advertiu o general Jodl, que chegara para chefiar a delegação alemã, de que se não firmasse a rendição universal até a meia-noite, as forças aliadas bloqueariam a frente, o que significava que todos os alemães seriam capturados pelo Exército Vermelho. A delegação alemã alegou que precisava de 48 horas após a assinatura para distribuir a ordem de rendição devido ao colapso nas comunicações com os quartéis-generais subordinados. Na verdade, tratava-se de um pretexto para trazer mais tropas para o oeste. Eisenhower concordou com a delonga. O “Ato de Rendição Militar” foi firmado por Jodl e Von Friedeburg nas primeiras horas do dia 7 de maio, e entraria em vigor um minuto depois da meia-noite de 9 de maio.

Stalin não podia deixar a cerimônia ocorrer no Ocidente, então insistiu em que os alemães fimassem outra rendição em Berlim um minuto depois da meia-noite de 9 de maio, quando a capitulação acordada em Rheims entrou em vigor. A notícia do grande acontecimento vazou nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha. Churchill telegrafou a Stalin para explicar que, como multidões estavam se reunindo em Londres para comemorar, o Dia da Vitória na Europa (V-E Day) seria em 8 de maio, como nos Estados Unidos. Stalin retrucou desgostoso que as tropas soviéticas continuavam lutando. Forças alemãs ainda dominavam a Prússia Oriental, a península da Curlândia, a Tchecoslováquia e vários outros lugares. Na Iugoslávia, as tropas alemãs só se renderam na semana seguinte. Portanto, escreveu Stalin, na União Soviética as celebrações da vitória só

poderiam começar no dia 9 de maio.

As tropas britânicas esperavam ser transportadas para o mar do Norte para ajudar os noruegueses a supervisionar a rendição dos 400 mil soldados alemães que ocupavam o país, a maior força da Wehrmacht e ainda totalmente intacta. No extremo norte, uma expedição militar norueguesa já retomara Finnmark, apoiada por forças soviéticas. Embora o comissário do Reich Josef Terboven tivesse planos de regressar à Noruega, o último bastião do Terceiro Reich, Dönitz o convocou à Alemanha e disse ao coronel-general Franz Böhme que assumisse o comando. Na noite de 7 de maio, Böhme transmitiu por rádio a notícia da rendição. Em Oslo, uma administração incipiente conclamou 40 mil membros da resistência norueguesa a manter a segurança. Terboven se suicidou pouco depois com a explosão de dinamite junto ao corpo.

Quase à meia-noite de 8 de maio, a cerimônia de rendição em Berlim teve início no quartel-general de Jukov, em Karlshorst. O marechal soviético estava ladeado pelo marechal do ar Tedder, o general Spaatz e o general Lattre de Tassigny. O marechal de campo Keitel, o almirante Von Friedeburg e o coronel-general Hans-Jürgen Stumpff, da Luftwaffe, foram levados até lá. Depois de assinarem, foram imediatamente levados de volta. Então a festa começou. Por toda a cidade soaram tiros e os oficiais e praças do Exército Vermelho, que haviam guardado vodca e outras bebidas para o momento tão esperado, dispararam a munição que lhes restava. Esta saudação da vitória matou várias pessoas. As mulheres berlinenses, cientes do que a bebedeira provocaria, ficaram apreensivas.

Temendo a imensa popularidade de Jukov na União Soviética e no estrangeiro, Stalin começou a atormentá-lo de diversas maneiras. Culpou-o de não ter encontrado Hitler, quando o SMERSH já havia confirmado a identidade do corpo. Eles haviam descoberto a assistente do dentista de Hitler e a fizeram examinar a ponte dentária no maxilar. Só vinte dias depois Jukov soube que o corpo havia sido encontrado. Stalin também usou o mistério deliberado para sugerir que Hitler havia fugido para a Baviera, que teria sido ocupada pelos americanos. Era parte da sua campanha para insinuar que os americanos teriam um pacto secreto com os nazistas.

O desejo de mudanças políticas entre as fileiras do Exército Vermelho deixara a liderança soviética muito desconfiada. Oficiais e praças faziam críticas abertas ao sistema comunista. As autoridades soviéticas também temiam a influência estrangeira depois de os soldados conhecerem condições de vida muito melhores na Alemanha. Mais uma vez, o SMERSH referiu-se à ameaça de um ânimo

“dezembrista”, em referência aos jovens oficiais que regressaram de Paris após a derrota de Napoleão tendo constatado que a Rússia era politicamente primitiva. “É necessária uma luta impiedosa contra estas atitudes”,⁶ concluiu o relatório do SMERSH. As prisões por “conversas sistematicamente antissoviéticas e intenções terroristas”⁷ aumentaram drasticamente. Naquele ano da vitória, em que houve pouco mais de quatro meses de luta, 135.056 oficiais e praças e 273 oficiais de elevados postos do Exército Vermelho foram presos por “crimes contrarrevolucionários”.⁸ Na União Soviética, os informantes estavam a postos e o padrão das prisões pelo NKVD no início da manhã foi restabelecido.

A população do Gulag e os batalhões de trabalhos forçados incharam em níveis sem precedentes. Os novos detentos incluíam civis e estimados três milhões de soldados do Exército Vermelho, sentenciados por terem colaborado como *Hiwis* ou simplesmente por terem se rendido. Inúmeros outros, inclusive onze generais, foram executados depois de interrogatórios brutais nos centros de triagem do SMERSH e do NKVD. Abandonados por superiores incompetentes ou aterrorizados em 1941, os soldados soviéticos passaram fome nos horrores indescritíveis dos campos alemães. Agora eram tratados como “traidores da pátria” por não terem se matado. Os que sobreviveram à segunda onda punitiva ficaram marcados para o resto da vida e limitados às ocupações mais servis. Até 1998, bem depois da queda do comunismo, os formulários oficiais continuavam inquirindo detalhes sobre ex-prisoneiros de guerra entre os membros da família do requisitante. Quase todas as revoltas sangrentas ocorridas nos Gulags em anos posteriores à guerra foram lideradas por oficiais e praças do Exército Vermelho.

O caos que os nazistas provocaram no continente europeu ficou patente nas centenas de milhares de deslocados. “Hoje, nas estradas alemãs”, escreveu Godfrey Blunden, “encontra-se toda a história da Europa, ou do mundo.”⁹ Milhões de trabalhadores forçados trazidos para o Reich da França, Itália, Países Baixos, Europa Central, Balcãs e, principalmente, da União Soviética começaram a voltar para casa a pé. “Uma idosa viajante”, anotou Vasily Grassman, “caminha para longe de Berlim com um xale na cabeça. Parece que está em uma peregrinação — uma peregrinação pela vastidão russa. Leva um guarda-chuva cruzado no peito. Uma enorme panela de alumínio vai dependurada pela alça no cabo do guarda-chuva.”¹⁰

Blunden topou com um grupo de prisioneiros de guerra americanos jovens e esfaimados com “costelas que pareciam xilofones”, faces encovadas, pescoços finos e “braços frouxos”. Estavam “um pouco histéricos” com a alegria de encontrar gente falando inglês. “Uns prisioneiros americanos que encontrei esta

manhã me pareceram os mais patéticos que já vi. Chegaram à Europa em dezembro passado, foram imediatamente para a linha de frente e receberam o peso total da contraofensiva alemã nas Ardenas naquele mês. Desde que foram capturados moveram-se quase sem parar de um lugar a outro. Contaram histórias de camaradas espancados com porretes até a morte pelos guardas alemães simplesmente por saírem da fila para pegar beterrabas no campo. Eles davam ainda mais pena por serem meninos recrutados nas casas confortáveis de um país rico que não sabiam nada sobre a Europa, e não eram valentões como os australianos, astutos como os franceses nem irremediavelmente teimosos como os ingleses. Simplesmente não sabiam o que estava acontecendo.”¹¹

Entre os deslocados, havia muitos prisioneiros embrutecidos pelo tratamento recebido que ansiavam se vingar dos alemães. Vagando livremente, saqueando e estuprando, espalhavam caos e medo. Os comandantes ordenaram que a justiça fosse feita de imediato. “Aqueles identificados como assassinos e estupradores foram executados sumariamente”,¹² registrou um soldado britânico. Contudo, os civis alemães que se queixaram às autoridades de ocupação do roubo de comida pelos trabalhadores forçados não foram tratados com muita simpatia. Apenas uma minoria havia demonstrado compaixão por eles quando os nazistas estavam no poder.

No período imediatamente posterior à guerra, para Churchill o problema da Polônia pairava acima de tudo. A sua ausência no funeral de Roosevelt surpreendera e chocara gente de ambos os lados do Atlântico. Certamente, por mais que depois ele se jactasse da amizade entre os dois, o fato de Roosevelt ter apaziguado Stalin o decepcionara profundamente. Inicialmente Churchill ficou animado porque Harry Truman, o novo presidente, parecia disposto a enfrentar Stalin de um modo mais firme, principalmente em virtude dos conselhos de Averell Harriman.

O anúncio abrupto de Roosevelt em Yalta de que pretendia recuar as forças americanas da Europa assim que fosse possível deixara Churchill alarmado. Sozinha, a Grã-Bretanha era fraca demais para enfrentar a força do Exército Vermelho e a ameaça dos comunistas locais que se aproveitavam da devastação europeia. Ele se horrorizou com os relatos sobre a vingança e a repressão soviéticas por trás do que denominava “cortina de ferro”: infelizmente, o termo já era empregado por Goebbels.

Uma semana após a rendição alemã, Churchill reuniu seus chefes de Estados-Maiores. Surpreendeu-os ao indagar se seria possível forçar o Exército Vermelho a recuar para garantir “uma negociação justa para a Polônia”. Esta ofensiva,

disselhes, deveria ocorrer em 1º de julho, antes que a força militar dos Aliados na Frente do Ocidente fosse reduzida com a desmobilização ou a transferência das formações para o Extremo Oriente.

Embora o planejamento contingencial da Operação Unthinkable (Impensável)¹³ tenha sido feito em grande sigilo, um espião de Beria em Whitehall enviou detalhes a Moscou. O mais explosivo era a instrução para que Montgomery reunisse as armas alemãs confiscadas para o caso de unidades da Wehrmacht serem reconstituídas a fim de participarem daquele empreendimento louco. Não surpreende que os soviéticos encontrassem fundamento para as suas piores desconfianças.

Os planejadores estudaram minuciosamente o cenário, embora ele se baseasse principalmente em especulações. Equivocaram-se por completo quanto à reação das tropas britânicas, ao pensar que cumpririam uma ordem semelhante. Aquilo era altamente improvável. A grande maioria estava ansiosa para voltar para casa. Após tudo o que haviam ouvido sobre o colossal sacrifício soviético, que lhes poupava tantas baixas, a sugestão de se voltarem contra o seu aliado teria despertado incredulidade e raiva. A equipe de planejamento também supôs, de modo improvável, que os americanos estariam dispostos a participar.

Por sorte, as conclusões principais do relatório de planejamento foram bastante claras. Era um projeto muito “arriscado” e mesmo que o Exército Vermelho fosse forçado a recuar depois dos êxitos iniciais, o conflito seria longo e custoso. “A ideia é logicamente fantasiosa, e as chances de êxito impossíveis”, escreveu o marechal de campo Brooke em seu diário. “Não há dúvida de que a partir de agora a Rússia é todo-poderosa na Europa.” Mais tarde ele acrescentou: “O resultado deste estudo deixou claro que o melhor que poderíamos esperar seria empurrar os russos de volta para aproximadamente a mesma linha que os alemães haviam alcançado. E depois? Ficaríamos mobilizados indefinidamente para mantê-los lá?”¹⁴ A Segunda Guerra Mundial na Europa havia começado na Polônia, e a noção de uma terceira guerra no mesmo padrão sugeria uma simetria terrível.

Em 31 de maio, Brooke, Portal e Cunningham “novamente discutiram a ‘guerra impensável’ contra a Rússia [...] e mais do que nunca se convenceram que era ‘impensável’.”¹⁵ Foram unânimes ao se reportarem a Churchill. Truman não foi receptivo à ideia de empurrar o Exército Vermelho de volta como uma moeda de troca. Tampouco estava disposto a manter tropas americanas em áreas da Alemanha e da Tchecoslováquia que deviam ser entregues aos soviéticos segundo o estipulado pela Comissão Consultiva Europeia. Subitamente, Truman recuou para uma posição mais conciliadora ante a União Soviética depois de ouvir Joseph Davies, ex-embaixador americano em Moscou e ardente admirador

de Stalin. Davies assistiu aos julgamentos na década de 1930 e não vira nada suspeito nas grotescas confissões extraídas dos acusados por meio de violência.

O primeiro-ministro teve de aceitar a derrota, mas logo voltou a reunir os chefes de Estados-Maiores e lhes pediu que estudassem planos para defender as ilhas britânicas no caso de uma ocupação soviética dos Países Baixos e da França. Àquela altura, porém, ele já estava exausto com a campanha para as eleições gerais e foi ficando cada vez mais irracional. Chegou a advertir sobre uma Gestapo em um futuro governo trabalhista. A eleição ocorreu em um 5 de julho, mas devido à necessidade de recolher as cédulas de votação das Forças Armadas britânicas em todo o mundo, os resultados só foram conhecidos três semanas depois. Além dos problemas da Polônia, Churchill também estava aborrecido com De Gaulle e sua decisão temerária de enviar tropas à Síria, onde havia resistência à restauração do governo colonial francês. Àquela altura, para aflição de Georges Bidault, De Gaulle vivia um paroxismo de anglofobia e antiamericanismo. Ele continuava ressentido com os Três Grandes por não o terem convidado para Yalta, e sabia que estava a ponto de ser ignorado novamente na reunião seguinte, em Potsdam.

Aconselhado por Joseph Davies, Truman decidiu que só uma abordagem amigável com Stalin resolveria a questão. Harry Hopkins, em quem os soviéticos confiavam mais que muitos ocidentais, foi enviado a Moscou a fim de fazer os preparativos para “uma nova Yalta”.¹⁶ Aceitou, embora estivesse gravemente enfermo, e depois de diversas reuniões com Stalin no final de maio e início de junho, a discórdia quanto à constituição do governo polonês foi resolvida nos termos de Stalin.

Daí em diante, o problema da Polônia se transformou no constrangimento, em silêncio, de deixar um aliado valente ser inevitavelmente sacrificado no altar da *realpolitik*. “Em poucos dias”, escreveu Brooke em seu diário em 2 de julho, “reconheceremos oficialmente o governo de Varsóvia e liquidaremos o de Londres. As forças polonesas representam um sério enigma que o Foreign Office pouco fez para resolver, apesar das repetidas tentativas desde maio de se chegar a uma decisão oficial!” No dia seguinte ele se perguntou “como as forças polonesas receberão a notícia”.¹⁷ Pouco antes ele conversara com o general Anders, antes do seu retorno ao Corpo Polonês na Itália. Anders deixara claro que, se pudesse, abriria caminho até a Polônia lutando.

Em 5 de julho, Estados Unidos e Grã-Bretanha reconheceram o governo títere, que tinha concordado em incluir diversos poloneses não comunistas. Os dezesseis detidos pelo NKVD, contudo, ainda enfrentariam o julgamento pela acusação falsa de matar 200 soldados do Exército Vermelho. Em um gesto vergonhoso de conciliação com Stalin, o seguinte governo britânico excluiu as

forças polonesas do desfile da vitória.

Em 16 de julho, às vésperas da conferência de Potsdam, Truman e Churchill se encontraram pela primeira vez. Truman foi cordial, porém reservado, pois Davies o havia alertado que Churchill continuaria tentando envolvê-lo em uma guerra contra a União Soviética. Stalin chegou a Berlim naquele dia em seu trem especial. Mais de 19 mil soldados do NKVD foram posicionados por Beria para guardar o caminho, e sete regimentos do NKVD e novecentos guarda-costas fizeram a segurança pessoal de Stalin em Potsdam. Precauções especiais foram tomadas na linha férrea que atravessou a Polônia. Stalin foi conduzido com Jukov da estação até as suas acomodações na antiga casa do general Ludendorff. Tudo fora minuciosamente preparado pelo recém-promovido marechal Beria.¹⁸

Mais tarde naquele dia, Truman recebeu a mensagem: “Bebês nasceram bem.” O teste da explosão da bomba atômica no deserto, perto de Los Alamos, ocorrera às 5h30. Ao saber disto Churchill ficou exultante, depois de ser forçado a reconhecer que a Operação Unthinkable estava descartada. O marechal de campo Brooke ficou “absolutamente abalado com o ponto de vista do primeiro-ministro” e o modo como “se deixou levar por completo”¹⁹ com a descoberta. Na visão de Churchill, “já não era preciso que os russos fossem à guerra japonesa. O novo explosivo era suficiente para resolver a questão.” Ele não parecia entender que depois de todos os pedidos dos americanos para que Stalin entrasse na guerra contra o Japão, não podiam desconvidá-lo, principalmente depois de prometer-lhe tantas ricas aquisições no Extremo Oriente.

Então Brooke mencionou o que era mais caro ao primeiro-ministro, parafraseando-o: “Além disso, agora temos em mãos algo que poderá restaurar o equilíbrio com os russos! O segredo deste explosivo, e o poder de usá-lo, alterará completamente o equilíbrio diplomático que estava a esmo desde a derrota da Alemanha. Agora temos um novo valor que recuperará a nossa posição — (cofiando o queixo e franzindo a testa) — agora podemos dizer que se você insistir em fazer isso ou aquilo, bem, podemos simplesmente destruir Moscou, e depois Stalingrado, depois Kiev, depois Kuibyshev, Kharkov, Sebastopol *etc.*”

Certamente o ânimo de Churchill era belicoso, provocado pela frustração amarga com a impotência britânica para mudar as coisas e, ao mesmo tempo, encorajado pelas implicações do novo invento. À medida que a conferência prosseguia, o desejo de Stalin de estender o poder soviético em várias direções ficou totalmente aparente. Ele demonstrou interesse pelas colônias italianas na África, e propôs que os Aliados tirassem Franco do poder. Os piores medos de

Churchill teriam vindo à tona se tivesse ouvido a conversa entre Averell Harriman e Stalin durante uma pausa. “Deve ser muito agradável para o senhor”, disse Harriman, puxando conversa, “estar em Berlim agora, depois do que o seu país sofreu.”²⁰ O líder soviético o encarou. “O tsar Alexandre foi até Paris”, respondeu.

Aquilo não era piada. Muito antes da fantasia da Unthinkable de Churchill, uma reunião do Politburo em 1944 ordenara ao Stavka que planejassem a invasão da França e da Itália, como o general Shtemenko contou depois ao filho de Beria. A ofensiva do Exército Vermelho seria combinada à tomada do poder pelos partidos comunistas locais. Além disto, explicou Shtemenko, “foi preparado um desembarque na Noruega, além da tomada dos estreitos [com a Dinamarca]. Foi destinado um orçamento considerável para a realização destes planos. Esperava-se que os americanos abandonassem a Europa no caos, e a Grã-Bretanha e a França estariam paralisadas com seus problemas coloniais. A União Soviética tinha 400 divisões experientes, prontas para saltar como tigres. Calculou-se que toda a operação não levaria mais de um mês [...] estes planos foram abortados quando Stalin soube por [Beria] que os americanos tinham a bomba atômica e a produziram em massa”.²¹ Aparentemente, Stalin disse a Beria que “se Roosevelt ainda estivesse vivo, teríamos tido êxito”. Parece que esta foi a principal razão pela qual Stalin suspeitou que Roosevelt havia sido assassinado.

Churchill teve pouco apoio de Truman. O novo presidente ficara encantado e fora manipulado pelo ditador soviético que, em troca, o desprezava. O maior momento de intimidade do primeiro-ministro com Truman foi quando discutiram como o presidente contaria a Stalin sobre a bomba atômica. Mas Stalin já havia conversado duas vezes com Beria sobre como reagiria ao receber a notícia. Em 17 de julho, Beria lhe fornecera detalhes do teste bem-sucedido, obtido por espões no Projeto Manhattan. Por isso, quando Truman lhe contou o fato em tom confidencial, Stalin mostrou-se indiferente. Imediatamente depois, chamou Beria e Molotov e, com escárnio, relatou a cena. “Churchill estava de pé junto à porta, os olhos postos em mim como uma lanterna, enquanto Truman, com seu ar hipócrita, me contava o que ocorrera em tom casual.”²² Eles se divertiram ainda mais quando as gravações dos microfones do NKVD revelaram que quando Churchill perguntou a Truman como o líder soviético recebera a notícia, Truman respondeu: “Aparentemente Stalin não entendeu.”

Em 26 de julho, a sessão plenária em Potsdam foi suspensa. No dia anterior, Churchill havia retornado a Londres com Anthony Eden e Clement Attlee para o anúncio do resultado das eleições gerais. Ao partir, Churchill se viu na estranha situação de ouvir de Stalin que por certo ele havia conseguido derrotar os

socialistas.

O primeiro-ministro tinha recebido notícias de que talvez as coisas não fossem bem para ele, em grande parte em virtude dos votos das Forças Armadas, cujos homens queriam se livrar do passado, tanto dos anos duros da década de 1930 quanto da própria guerra. Durante um jantar em Londres, algumas semanas antes, quando Churchill falou sobre a campanha eleitoral, o general Slim, de volta da Birmânia, lhe dissera: “Bem, primeiro-ministro, de uma coisa eu sei. O meu exército não votará no senhor.”²³

Para a maior parte dos soldados e graduados, a hierarquia militar se parecia demais ao sistema de classes. Um capitão do exército, ao perguntar a um sargento em quem iria votar, recebeu a seguinte resposta: “Nos socialistas, senhor, porque estou por aqui de receber ordens dos malditos oficiais.”²⁴ Na contagem dos votos, ficou claro que as Forças Armadas tinham votado majoritariamente no Partido Trabalhista e na mudança. A maior falha de Churchill foi não ter demonstrado pendão para reformas sociais, durante a guerra nem na campanha.

Apesar da sua antipatia por Churchill, Stalin ficou genuinamente abalado quando o resultado chegou a Potsdam. Simplesmente não podia imaginar que alguém da sua estatura fosse destituído pelo voto. Em sua opinião, era claro que a democracia parlamentar era um modo perigosamente instável de governar um país. Ele sabia perfeitamente que, em qualquer outro regime, a não ser o seu, teria sido removido do cargo depois da forma catastrófica como lidou com a invasão alemã.

Clement Attlee, o novo primeiro-ministro, e Ernest Bevin, o novo ministro do Exterior, passaram a ocupar os assentos britânicos na conferência. Não foi por culpa deles que não exerceram nenhuma influência nas discussões. James F. Byrnes, o novo secretário de Estado americano, concordou em reconhecer a fronteira ocidental da Polônia ao longo da linha Oder-Neisse e eles o seguiram. Stalin conseguira tudo o que queria em Potsdam, embora tivesse sido forçado a cancelar a invasão da Europa Ocidental por medo da bomba atômica.

O regresso dos prisioneiros de guerra, que fora acordado em Yalta, era um problema terrível para os Aliados. Os serviços de contrainteligência americano e britânico tinham dificuldade em identificar criminosos de guerra e até mesmo a nacionalidade dos que interrogavam, pois muitos da Europa Oriental e da União Soviética fingiam ser alemães para permanecerem no Ocidente.

A maior mistura de nacionalidades e grupos étnicos estava reunida na província de Caríntia, no sudeste da Áustria. Quando unidades do 5º Corpo

britânico chegaram ao belo vale do Drau, encontraram dezenas de milhares de pessoas acampadas por lá. Havia croatas, eslovenos, sérvios, četniks e a maior parte dos Corpos Cossacos. Os iugoslavos fugiam da vingança vitoriosa de Tito na selvagem guerra civil. Comandados por oficiais alemães, os cossacos haviam tido um papel importante na cruenta campanha contra os *partisans*.

Tito parecia se igualar a Stalin em sua fome de território. Esperava tomar a Ístria, Trieste e até parte da Caríntia. Alguns dos *partisans* chegaram à capital, Klagenfurt, pouco antes dos britânicos. Aterrorizaram o campo e ameaçaram os refugiados militares. Os oficiais britânicos, sem diretrizes claras da hierarquia, se viram diante de uma situação caótica, com a ameaça de mais tropas de Tito cruzando a Áustria. Chegaram a ter a tarefa desagradável de devolver cidadãos soviéticos ao Exército Vermelho na fronteira leste.

Os cossacos eram notórios pelas atrocidades que cometiam. Até Goebbels ficara chocado com os relatos que recebeu sobre as suas atitudes na Iugoslávia e no norte da Itália. Mas eles também levavam mulheres e crianças com eles, além de alguns russos brancos que viviam no oeste desde a vitória bolchevique em 1921. Os mais proeminentes eram o general Pyotr Krasnov, um oficial que talvez fosse tão honrado quanto era possível em uma guerra civil, e o general Andrei Shkouro, um psicopata cruel. Como parecia impossível separar o bom do mau, os oficiais do quartel-general do 5º Corpo ordenaram que fossem entregues ao Exército Vermelho. Os cossacos sabiam muito bem qual seria a vingança de Stalin, e tiveram de ser forçados a entrar nos transportes por soldados britânicos armados com cassetetes improvisados — cabos de madeira de picaretas. Embora admirassem o Exército Vermelho, a maioria dos militares que participaram dessas repatriações forçadas se revoltava com o que eram obrigados a fazer, e quase houve um motim.

Ao mesmo tempo, as tropas britânicas relutavam claramente em confrontar as forças cada vez mais agressivas de Tito. Ninguém queria morrer depois de terminada a guerra. O quartel-general do 5º Corpo, pressionado para resolver a situação perigosa o mais rapidamente possível, ordenou que os iugoslavos fossem forçados de volta para a sua fronteira. Novamente, o grupo era composto de uma mistura de culpados de crimes de guerra, especialmente a Ustaše croata, e aqueles menos culpados. Os oficiais e praças britânicos também se horrorizaram ao serem obrigados a forçar os četniks, os aliados abandonados em favor de Tito, de volta à fronteira. Aparentemente, a maioria foi assassinada de imediato. A queda da Alemanha provocou a pior onda de massacres na guerra civil cometidos pelos *partisans* de Tito. Em 2009, a Comissão Eslovena de Túmulos Ocultos identificou mais de seiscentas valas comuns e estimou que continham corpos de mais de 100 mil vítimas.²⁵

A vingança e a limpeza étnica foram igualmente brutais no norte e no centro da Europa. Para muitos alemães, o maior medo eram os rumores de que o território ao leste do Oder — a Prússia Oriental, a Silésia e a Pomerânia — passaria à Polônia. Quando a luta terminou, quase um milhão de refugiados voltou às suas casas abandonadas e descobriu que estavam a ponto de serem perseguidos novamente.

Como Stalin pretendia, a limpeza étnica foi executada como uma vingança. Tropas dos I e II Exércitos poloneses forçaram os alemães a deixarem suas casas e os empurraram para o outro lado do Oder. Os primeiros foram os que estavam no território polonês anterior a 1944. Alguns haviam vivido ali por gerações, outros eram beneficiários do *Volksdeutsch* da limpeza étnica nazista de 1940. Apinhados em vagões de gado, foram levados para o oeste e tiveram os poucos pertences roubados pelo caminho. Sorte semelhante esperava os que ficaram para trás ou regressaram à Pomerânia e à Silésia, que agora ficava dentro da nova fronteira polonesa. Na Prússia Oriental sobraram apenas 193 mil alemães de uma população de 2,2 milhões.

Durante as expulsões do território polonês, cerca de 200 mil alemães foram mantidos em campos de trabalho e estima-se que aproximadamente 30 mil tenham morrido. Outros formaram parte dos 600 mil enviados para trabalhos forçados na União Soviética. Os tchecos também expulsaram perto de 3 milhões de alemães, a maioria dos Sudetos. Uns 30 mil foram mortos no processo e 5.558 cometeram suicídio. As mulheres tiveram de caminhar com os filhos, algumas por centenas de quilômetros, para buscar abrigo na Alemanha.²⁶

É difícil pensar que uma guerra tão incrivelmente brutal pudesse terminar sem uma vingança impiedosa. Como assinalou o poeta Czesław Miłosz, a violência em massa destruiu a ideia de uma humanidade comum e todo sentido de justiça natural: “O assassinato tornou-se comum na época da guerra”, escreveu, “e chegou a ser considerado legítimo quando ocorria em nome da resistência. O roubo também se tornou comum, assim como a falsidade e a falsificação. As pessoas aprenderam a dormir com ruídos que antes teriam despertado toda a vizinhança: o estrépito das metralhadoras, gritos de homens agonizantes, os xingamentos dos policiais arrastando os vizinhos para fora.” Por tudo isso, explicou Miłosz, “o homem do leste não consegue levar os americanos [e outros ocidentais] a sério”.²⁷ Como não passaram por estas experiências, não conseguiam entendê-los, e pareciam não conseguir imaginar como aquilo acontecera.

“Os americanos”, escreveu Anne Applebaum, “pensam que ‘a guerra’ foi algo que começou em 1941 com Pearl Harbor e terminou com a bomba atômica em 1945. Os britânicos lembram da blitz de 1940 e da libertação de Belsen. Os

franceses recordam Vichy e a resistência. Os holandeses pensam em Anne Frank. Até mesmo os alemães só conhecem uma parte da história.”²⁸

As Bombas Atômicas e a Subjugação do Japão

MAIO-SETEMBRO DE 1945

Na época da rendição alemã, em maio de 1945, os exércitos japoneses na China receberam ordens de Tóquio de começar a recuar para a costa leste. Os exércitos nacionalistas de Chiang Kai-shek ainda estavam muito enfraquecidos após a Ofensiva Ichigō e os seus comandantes se encontravam profundamente ressentidos com os Estados Unidos por não terem feito caso dos seus alertas.

O substituto de Stilwell, o general Albert Wedemeyer, iniciou um programa para rearmar e treinar 39 divisões. Forçou Chiang Kai-shek a concentrar as suas melhores forças no sul, perto da fronteira com a Indochina. O plano americano era bloquear a rota de escape das tropas japonesas no sudeste asiático. Por sua vez, Chiang queria reocupar as regiões agrícolas ao norte para alimentar as tropas e a população esfaimada nas áreas nacionalistas, mas Wedemeyer ameaçou retirar toda a ajuda americana caso ele recusasse. Chiang sabia que os comunistas já tinham ido para o sul preencher o vazio deixado pela retirada japonesa. A intervenção de Wedemeyer contribuiu para a derrota dos nacionalistas na futura guerra civil, mas à época Washington supunha que a resistência japonesa se estenderia até 1946.

O representante de Roosevelt na China, o imprevisível Patrick J. Hurley, tinha começado a negociar com comunistas e nacionalistas em novembro de 1944. As conversações foram interrompidas no mês de fevereiro seguinte, em grande parte porque Chiang Kai-shek não estava disposto a compartilhar o poder e os comunistas não estavam preparados para subordinar o seu exército. Naquele momento, quando o Kuomintang estava dividido entre liberais e reacionários, Chiang prometeu reformas de base na primavera, mas as únicas mudanças foram as que satisfaziam aos americanos. O grande reformador do passado agora respaldava a velha guarda, e a corrupção prosseguiu inabalada. Uma queixa ostensiva podia atrair a atenção brutal da polícia secreta.

A capital de Chungking exibia o imenso hiato entre a minoria rica e a maioria

empobrecida, que sofria com a inflação em espiral. As tropas americanas desfrutavam visivelmente da cidade. “Uma espelunca a meio quilômetro do quartel-general americano servia uísque adulterado e putas não adulteradas”, escreveu Theodore White. “‘Garotas do jipe’ trafegavam pelas ruas com os militares americanos diante dos cidadãos escandalizados.”¹ No campo, o recrutamento forçado de soldados, com bônus para as gangues de recrutamento, insuflava lentamente o ressentimento entre o campesinato. Só os que podiam arcar com grandes propinas ficavam isentos, e os impostos sobre grãos desencorajavam os agricultores a venderem a sua produção. No quartel-general de Yen-an, os comunistas também haviam criado um imposto sobre o grão, e a impressão de que a vida camponesa sob o seu domínio seria idílica não podia estar mais distante da verdade. O comércio de ópio, que enchia os cofres de Mao, tinha feito disparar o índice de inflação de um modo quase tão terrível quanto nas áreas nacionalistas, e quem protestasse ou criticasse o presidente Mao era tratado como inimigo do povo.²

A luta entre comunistas e nacionalistas já começara na província de Honan, da mesma forma que na cidade de Xangai e no entorno dela. A despeito das grandes concentrações de tropas nipônicas em Xangai, comunistas e nacionalistas travavam uma guerra subterrânea na esperança de que a conquista do grande porto e da capital financeira fosse crucial quando os ocupantes se retirassem. Apesar da iminência da derrota do Japão, as atrocidades contra a população chinesa, especialmente as mulheres, persistiam nas áreas ainda dominadas por um milhão de soldados japoneses. Como ocorria em outras áreas de ocupação, como a Nova Guiné e as Filipinas, diante da escassez de ração os soldados japoneses encaravam a população local e os prisioneiros como fonte de alimentação. O soldado japonês Enomoto Masayo confessou mais tarde que havia estuprado, assassinado e esquartejado uma jovem chinesa. “Tentei escolher as partes com bastante carne”, explicou. Depois, compartilhou a carne com os seus camaradas. Descreveu-a como “boa e macia. Acho que era mais saborosa que a de porco”.³ Nem o comandante o recriminou ao saber da origem da carne.

Os Aliados já estavam cientes de outros horrores. Em 1938, a Unidade 731 de guerra biológica foi criada em Manchukuo sob os auspícios do Exército Kwantung.⁴ O complexo gigantesco, chefiado pelo general Ishii Shirō, mais tarde empregou uma equipe de 3 mil cientistas e doutores de universidades e escolas de medicina no Japão, e um total de 20 mil funcionários nos estabelecimentos subsidiários. Eles prepararam armas para espalhar a peste negra, tifo, antrax e cólera, e as testaram em mais de 3 mil prisioneiros chineses. Também fizeram experiências com antrax, gás mostarda e enregelamento em outras vítimas, às quais se referiam como *maruta* ou “troncos”. As cobaias humanas, cerca de

seiscentas por ano, tinham sido detidas pelo *Kempeitai* na Manchúria e enviadas para a unidade.

Em 1939, durante a batalha Nomonhan contra as forças do marechal Jukov, a unidade espalhou patógenos do tifo nos rios, mas o efeito não foi registrado. Em 1940 e 1941, cascas de algodão e arroz contaminadas com peste negra foram despejadas de avião no centro da China. Em março de 1942, o Exército Imperial japonês planejou usar moscas da praga contra americanos e filipinos na península de Bataan, mas a rendição ocorreu antes. Mais tarde naquele ano, patógenos de tifo, peste e cólera foram borrifados na província de Chekiang em retaliação pelo primeiro ataque americano com bomba no Japão. Aparentemente, 1.700 soldados japoneses morreram na área, além de centenas de chineses.

Um batalhão de guerra biológica foi enviado a Saipan antes do desembarque americano, e a maioria dos seus integrantes foi evacuada a tempo, mas morreu afogada quando um submarino americano afundou o seu navio. Também havia planos, confiscados por fuzileiros navais em Kwajalein, de bombardear a Austrália e a Índia com armas biológicas, mas isto não chegou a ocorrer. Os japoneses também planejaram contaminar com cólera a ilha de Luzon, nas Filipinas, antes da invasão americana.

A Marinha Imperial japonesa, em suas bases de Truk e Rabaul, fez experimentos com prisioneiros de guerra aliados, principalmente pilotos americanos, injetando-lhes sangue de vítimas de malária. Outros foram mortos em diferentes experimentos com injeções letais.⁵ Até abril de 1945, cerca de cem prisioneiros de guerra australianos — alguns doentes, outros sãos — foram usados em experiências com injeções desconhecidas. Na Manchúria, 1.485 prisioneiros americanos, britânicos, australianos e neozelandeses detidos em Mukden foram usados em uma variedade de experiências com patógenos.

Talvez o elemento mais chocante na história da Unidade 731 tenha sido a concordância de MacArthur, após a rendição japonesa, em fornecer imunidade a todos os envolvidos, inclusive o general Ishii. O acordo permitiu aos americanos obter os dados acumulados sobre os experimentos. Mesmo sabendo que prisioneiros aliados haviam morrido em virtude dos testes, MacArthur ordenou a suspensão das investigações. Os pedidos soviéticos para processar Ishii e a sua equipe no tribunal de Crimes de Guerra de Tóquio foram firmemente rejeitados.

Só alguns médicos que anestesiaram e dissecaram tripulações de bombardeiros americanos foram julgados, mas eles não tinham relação com a Unidade 731. Outros médicos militares japoneses fizeram vivisseções em centenas de prisioneiros chineses em diversos hospitais, mas nunca foram julgados. Os profissionais do Corpo Médico japonês demonstraram pouco respeito pela vida humana, pois se dispuseram a acatar ordens de usar os

próprios “soldados incapacitados, com grande chance de recuperação [...] com o pretexto de que eram inúteis para o Imperador”.⁶ Eles também ensinaram os soldados japoneses a cometer suicídio para não serem capturados.

Quando a resistência japonesa em Okinawa terminou, os comandantes americanos no Pacífico reexaminaram a fase seguinte, a invasão das ilhas nacionais japonesas. Os ataques camicases e a recusa dos japoneses em se render, combinados à informação sobre a sua capacidade de levar a cabo uma guerra biológica, transformaram o estudo em uma tarefa de peso. O plano fora acordado pela Junta de Chefes de Estados-Maiores já no início de 1944. Estimava-se que a Operação Olympic tomaria a ilha de Kyushu, ao sul, em novembro, a um custo de 100 mil baixas, e que a Operação Coronet, em março de 1946, causaria outras 250 mil baixas na invasão da ilha principal, Honshu. O almirante King e o general Arnold preferiam bombardear e bloquear o Japão e levá-lo à rendição pela fome. MacArthur e o exército americano alegaram que isto levaria anos e causaria um sofrimento desnecessário. Também significaria a morte por inanição da maior parte dos prisioneiros de guerra e trabalhadores forçados aliados. Como o bombardeio da Alemanha não trouxera a vitória, o exército convenceu a marinha a invadir.

O Exército Imperial estava disposto a lutar até o fim, em parte pelo medo imaginário de um levante comunista, em parte pelo orgulho *bushidō*. Os seus líderes nunca consentiriam em se render, pois as *Instruções para os Homens em Serviço* do general Tōjō declaravam: “Não sobreviva humilhado como um prisioneiro. Morra para assegurar que não deixará a ignomínia atrás de você.”⁷ Os políticos civis do “partido da paz” que desejavam negociar teriam sido detidos e até assassinados, não fosse pela indecisão do próprio imperador quanto ao que fazer. O ex-primeiro-ministro, o príncipe Konoe Fumimaro, assinalou mais tarde que “o exército tinha cavado cavernas nas montanhas e a sua ideia de seguir combatendo era resistir em cada buraco ou pedra nas montanhas”.⁸ O exército japonês também pretendia que os civis morressem junto com eles. Um Corpo de Luta de Cidadãos Patrióticos estava sendo formado, e muitos membros tinham apenas lanças de bambu à guisa de armas. Outros tiveram bombas amarradas ao corpo, que detonariam contra os tanques. Até mulheres jovens foram pressionadas a se apresentar como voluntárias para o sacrifício.

Os líderes militares japoneses rejeitavam a ideia da rendição incondicional por acreditarem que os conquistadores pretendiam depor o imperador. Embora a maioria esmagadora do público americano quisesse exatamente isto, o Departamento de Estado e a Junta de Chefes de Estados-Maiores concordaram

em mantê-lo como monarca constitucional. A Declaração de Potsdam sobre o Japão, publicada em 26 de julho, não mencionou o imperador para evitar uma reação política nos Estados Unidos. O governo japonês já havia sondado o governo soviético, na esperança de que agisse como mediador, sem saber que Stalin estava deslocando exércitos para o Extremo Oriente com o fim de invadir a Manchúria.

O teste bem-sucedido da primeira bomba atômica, em julho, parecia oferecer aos americanos um modo de fazer os japoneses se renderem pelo choque e evitar maiores horrores com uma invasão. Depois de vários estudos e debates consideráveis, Tóquio e a antiga capital, Kyoto, foram descartadas como alvos. Hiroshima, que não fora muito destruída, como outras cidades, pelos bombardeiros de LeMay, foi escolhida como o primeiro alvo, e Nagasaki como o objetivo seguinte caso os japoneses ainda não sinalizassem a aceitação da derrota.

Na manhã de 6 de agosto, três Superfortalezas B-29 sobrevoaram Hiroshima. Duas levavam máquinas fotográficas e equipamentos científicos para registrar o efeito. A terceira, Enola Gay, abriu o compartimento de bombas às 8h15, e menos de um minuto depois a maior parte da cidade se desintegrou em uma luz ofuscante. Cerca de 100 mil pessoas morreram instantaneamente, e milhares de outras morreram mais tarde, de queimaduras, choque ou envenenadas pela radiação. Em Washington, a equipe do presidente Truman emitiu um alerta aos japoneses de que, se não se rendessem imediatamente, poderiam “esperar uma chuva de ruína vinda do céu jamais vista nesta terra”.⁹

Dois dias depois, as forças do Exército Vermelho se lançaram pela fronteira da Manchúria. Stalin não queria perder a aquisição territorial que lhe haviam prometido. Em 9 de agosto, Tóquio ainda não se pronunciara e uma segunda bomba atômica foi lançada sobre Nagasaki, matando 35 mil pessoas. O imperador ficou profundamente comovido com a sorte terrível dos mortos e pediu todas as informações disponíveis. Ficou claro que, sem as bombas atômicas, ele não teria tomado a decisão de pôr fim à guerra.

O bombardeio de Tóquio com bombas incendiárias e a decisão de lançar as bombas atômicas foram provocados pela urgência americana de “acabar com esse negócio”. Mas a ameaça da resistência camicase, e até das armas biológicas, prometia uma batalha ainda pior do que em Okinawa. Com base no fato de que cerca de um quarto da população civil de Okinawa morreu na luta, a proporção semelhante de baixas civis nas ilhas teria sido muitas vezes maior que o número de mortos pelas bombas atômicas. Outras considerações, principalmente a

tentação de exhibir o poderio americano à União Soviética, que impunha brutalmente a sua vontade na Europa Central, também influenciaram, ainda que não de modo decisivo.

É verdade que vários membros civis do governo japonês estavam dispostos a negociar, mas a sua insistência fundamental — que o Japão mantivesse a Coreia e a Manchúria — nunca seria aceita pelos Aliados. Até mesmo esta facção favorável à paz se recusava a aceitar qualquer menção à culpa japonesa por iniciar a guerra, e os julgamentos internacionais pelos crimes do Exército Imperial desde a invasão do território chinês, em 1931.

Algumas horas antes de a segunda bomba atômica cair sobre Nagasaki, o Conselho Supremo de Guerra se reuniu para considerar se deveria aceitar a Declaração de Potsdam. Os representantes do quartel-general imperial se opuseram veementemente. Na noite de 9 de agosto, logo depois da bomba em Nagasaki, o imperador convocou novamente o Conselho Supremo. Disse que deviam aceitar os termos, desde que a casa imperial e a sua sucessão fossem preservadas. Isto foi transmitido a Washington no dia seguinte. Houve sentimentos desencontrados durante as discussões na Casa Branca. Alguns, inclusive James Byrnes, argumentaram que não deviam permitir qualificações. Stimson, o secretário da Guerra, alegou de modo mais persuasivo que só a autoridade do imperador convenceria as Forças Armadas japonesas a se renderem. Isto pouparia aos americanos inúmeras batalhas e daria aos exércitos soviéticos menos tempo para exercer a violência na região.

A resposta americana, que mais uma vez enfatizou que os japoneses teriam permissão de escolher a forma de governo que desejassem, chegou a Tóquio por meio da embaixada do Japão na Suíça. Os líderes militares ainda se recusavam a aceitar a derrota. As discussões se alongaram por vários dias enquanto os bombardeiros americanos prosseguiram em campanha, embora, por ordem de Truman, não tenham usado mais bombas atômicas. Por fim, em 14 de agosto, o imperador se apresentou a anunciou que decidira aceitar a Declaração de Potsdam. Os ministros e líderes militares começaram a chorar. Ele disse também que gravaria uma transmissão radiofônica à nação, um acontecimento inédito.

Naquela noite, oficiais do exército tentaram um golpe para impedir a transmissão da declaração do imperador. Depois de convencer o 2º Regimento de Guardas a se juntar a eles mediante subterfúgios, entraram no Palácio Imperial para destruir a mensagem gravada anunciando a capitulação. O imperador e o marquês Kido, o camareiro da corte, conseguiram se esconder. Os rebeldes não encontraram nada e, quando chegaram tropas leais, o major Hatanaka Kenji, o líder do grupo, sabia que devia se suicidar. Outros líderes militares fizeram o mesmo.

Ao meio-dia de 15 de agosto, as estações de rádio japonesas transmitiram a mensagem gravada do imperador conclamando as suas forças a se render porque a situação bélica havia evoluído “não necessariamente em vantagem para o Japão”. Oficiais e soldados ouviram aquilo com lágrimas na face. Muitos estavam de joelhos, inclinando-se em direção à voz do divino Mikado, a qual nunca tinham ouvido. Alguns pilotos partiram em uma missão final de *gyokusai* ou “autodestruição gloriosa”. A maior parte foi interceptada e atingida por caças americanos. A autoimagem da raça Yamato tinha muitas semelhanças com a do *Herrenvolk*. Em uma atitude que recordava o exército alemão após a Primeira Guerra Mundial, muitos soldados continuavam convencidos de que “o Japão perdeu a guerra, mas nunca perdeu uma batalha”.¹⁰

Em 30 de agosto, forças americanas desembarcaram em Yokohama para começar a ocupação do país. Nos dez dias seguintes foram informados 1.336 casos de estupros em Yokohama e na região vizinha de Kanagawa.¹¹ Aparentemente, tropas australianas também cometeram vários estupros na área de Hiroshima. As autoridades japonesas já esperavam por isto. Em 21 de agosto, nove dias antes da chegada das tropas aliadas, o governo japonês convocou uma reunião ministerial para criar uma Associação de Recreação e Diversão, com o fim de fornecer mulheres de conforto aos conquistadores. Funcionários locais e chefes de polícia receberam instruções de organizar uma rede nacional de bordéis militares formados pelas prostitutas existentes, mas também por *geishas* e outras jovens. A intenção era reduzir a incidência de estupros. O primeiro foi criado em um subúrbio de Tóquio em 27 de agosto e depois foram abertos centenas. Um dos bordéis era gerenciado pela amante do general Ishii Shirō, chefe da Unidade 731. Para apaziguar os conquistadores, até o final daquele ano cerca de 20 mil jovens foram recrutadas, com graus variados de coerção.

A rendição formal do Japão só ocorreu em 2 de setembro. O general MacArthur, acompanhado do almirante Nimitz, a recebeu em uma mesa colocada no deque no USS *Missouri* ancorado na baía de Tóquio, ao largo de Yokohama. Foram assistidos por duas figuras emaciadas recém-libertadas do cativeiro: o general Percival, que havia conduzido a rendição britânica em Cingapura, e o general Wainwright, comandante americano em Corregidor.

Embora a luta tivesse acabado no Pacífico e no sudeste asiático em 15 de agosto, a guerra prosseguiu na Manchúria até o dia anterior ao da cerimônia na baía de Tóquio.¹² Em 9 de agosto, três Frentes soviéticas, com 1.669.500 homens comandados pelo marechal Vasilevsky, invadiram o norte da China e a Manchúria. Um corpo de cavalaria mongol no flanco direito cruzou o deserto de

Gobi e a grande cadeia de montanhas Khingan. O ritmo e a velocidade da ofensiva do Exército Vermelho surpreenderam os japoneses. Embora com um milhão de homens, as suas forças sucumbiram rapidamente. Muitos morreram combatendo até o fim e muitos cometeram suicídio, mas 674 mil foram feitos prisioneiros.

A sua sina nos campos de trabalho da Sibéria e de Magadan foi dura. Só a metade sobreviveu. As famílias de colonos japoneses abandonadas pelo exército também sofreram. Mães carregando crianças pequenas nas costas tentaram se esconder nas montanhas. Algumas foram mortas pelos chineses, e perto de 67 mil morreram de fome ou se mataram. Só 140 mil sobreviventes regressaram ao Japão. De certa forma, a sua experiência se pareceu com a dos colonos alemães assentados na Polônia.

As tropas do Exército Vermelho estupraram as mulheres japonesas à vontade no antigo reino títere de Manchukuo. Um grande grupo de mulheres, ao saber pelos oficiais japoneses que haviam perdido a guerra, foi aconselhado a permanecer unidas. Quase mil se juntaram nos hangares do aeródromo de Beian. “Dali em diante, foi o inferno”, recordou uma menina órfã chamada Yoshida Reiko. “Os soldados russos chegaram e disseram aos nossos líderes que entregassem mulheres às tropas russas como um butim da vitória [...]. Todos os dias os soldados russos vinham e levavam umas dez moças. As mulheres voltavam pela manhã. Algumas cometeram suicídio [...]. Os soldados russos nos disseram que se mais mulheres não saíssem todo o hangar seria incendiado conosco lá dentro. Então algumas mulheres — principalmente solteiras — se levantaram e saíram. Naquela época, eu não entendia o que estava acontecendo com elas, mas lembro claramente que as que tinham filhos rezavam pelas que saíam, agradecendo o seu sacrifício.”¹³ Além de civis, as enfermeiras militares japonesas nos hospitais de base também sofreram. As 75 enfermeiras do hospital militar Sun Wu foram usadas como uma versão russa das mulheres de conforto.

As tropas do Exército Vermelho enfrentaram uma tarefa muito mais árdua para tomar as Ilhas Curilas e o sul de Sakhalin. Terrivelmente mal preparadas para os desembarques anfíbios, perderam muitos homens, tanto na aproximação quanto na costa. Stalin também tinha planos de ocupar a ilha japonesa de Hokkaido, ao norte, mas Truman rejeitou bruscamente a ideia.

A invasão soviética da Manchúria e do norte da China foi saudada com alegria pelos seguidores de Mao Tsé-tung. Contudo, quando uma coluna do Exército Vermelho avançou até Chahar e foi recebida por guerrilheiros do VIII Exército da Rota, as tropas soviéticas os desarmaram pensando que eram bandidos por causa das roupas esfarrapadas e das armas primitivas.¹⁴ Pouco depois isto mudou. Embora Stalin reconhecesse oficialmente o governo de Chiang Kai-shek, as

forças soviéticas permitiram aos comunistas chineses levar as pilhas de fuzis e metralhadoras confiscados dos japoneses. Como Chiang Kai-shek temia, as forças de Mao logo se tornaram um exército muitíssimo bem equipado.

Para ajudar os nacionalistas a recuperar o controle, o general Wedemeyer, por instrução de Washington, forneceu aviões de transporte americanos para levar algumas unidades a cidades no centro e no leste da China. Chiang estava particularmente ansioso em restabelecer a capital em Nanquim. Sabia que corria contra os comunistas para tomar a maior quantidade de território que pudesse. Mas os nacionalistas eram inimigos de si mesmos quando se tratava de granjear o apoio das massas. Os comandantes não se interessavam pelo campo circundante. Tratavam as cidades antes ocupadas pelos japoneses como território conquistado e saqueavam a seu bel-prazer. E a moeda nacionalista, que foi novamente imposta, produziu uma inflação incontável.

Os comunistas foram muito mais inteligentes. Sabiam que a chave do poder estava no campo, pois quem controlasse o suprimento alimentício na futura guerra civil viria a controlar tudo. O seu modo ligeiramente melhor de tratar o campesinato lhes permitiu mobilizar as massas a seu favor, o que não era difícil, já que o apoio aos nacionalistas havia diminuído com a proximidade da derrota do Japão. Os jovens, principalmente os estudantes, se filiaram em massa ao Partido Comunista.

Os comunistas chineses, apesar de continuarem à caça dos “inimigos do povo”, ocultavam habilmente a natureza totalitária do governo que planejavam dos estrangeiros que visitavam a sua capital em Yenan. A jornalista Agnes Smedley, uma admirada “companheira de viagem” e às vezes agente do Comintern, ficou “profunda e irrevogavelmente convencida” de que os princípios deles “guiarão e salvarão a China [...] darão maior impulso à libertação de todas as nações asiáticas subjugadas e trarão à luz uma nova sociedade. Esta convicção no meu coração e na minha mente me traz a maior paz que já experimentei”.¹⁵

Smedley, Theodore White e outros escritores americanos influentes não aceitavam nem por um instante que Mao pudesse vir a ser um tirano ainda pior do que Chiang Kai-shek. O culto à personalidade, o Grande Salto à Frente que matou mais gente do que a Segunda Guerra Mundial, a loucura cruel da Revolução Cultural e as 70 milhões de vítimas de um governo que, em muitos aspectos, era pior que o stalinismo estavam muito além da imaginação.

Devido à supremacia da marinha americana no mar e no ar, vastas forças japonesas ficaram encurraladas em Cantão, Hong Kong, Xangai, Wuchang-Hankow, Pequim, Tientsin e cidades menores no leste da China. Os britânicos não pretendiam desistir da sua colônia e entregá-la aos nacionalistas, como

havam indicado anteriormente. Os americanos tentaram pressionar Churchill, mas como haviam prometido o sul de Sakhalin, as Ilhas Curilas e parte da Manchúria — que fora território chinês — a Stalin, não viram motivos para se comprometer. Contudo, com as tropas americanas na China continental e a marinha americana controlando o mar da China Meridional, Londres sabia que precisava se mexer rapidamente. Um Wedemeyer muito antipático já havia recusado autorização para quaisquer operações da SOE na área. Os nacionalistas tinham infiltrado um grupo em Hong Kong para tentar tomar a cidade quando os japoneses se retirassem, e a Coluna de East River dos comunistas também agia na área. Sem tropas em terra, os britânicos sabiam que talvez nunca recuperassem a sua colônia.

No início de agosto, ficou claro que a única chance estava com a Marinha Real, e assim nasceu a Operação Ethelred. Em 15 de agosto, o 11º Esquadrão de Porta-Aviões do contra-almirante Cecil Harcourt, que estava em Sydney, recebeu ordens de zarpar a todo vapor para Hong Kong assim que foi anunciada a rendição japonesa.¹⁶ A Esquadra do Pacífico britânica estava sob o comando americano, então Attlee, o novo primeiro-ministro, foi forçado a pedir autorização ao presidente Truman, o que fez três dias depois. No mesmo dia, o secretário do Exterior Ernest Bevin enviou um telegrama a Chiang Kai-shek explicando que, como os britânicos haviam sido forçados a entregar Hong Kong aos japoneses, na qualidade de soldado ele certamente compreenderia que a honra exigia que eles próprios recebessem a capitulação japonesa.

Chiang não se convenceu e apelou aos Estados Unidos. Truman não tinha o fervor anticolonial de Roosevelt e considerava a Grã-Bretanha mais importante que os chineses. O general MacArthur também apoiou a exigência britânica. Wedemeyer permaneceu firmemente contrário, mas ainda não tinha redesdobrado as suas divisões chinesas. Apesar da negativa de Truman, Chiang enviou dois exércitos à província de Kwangtung, embora não quisesse antagonizar britânicos e americanos, de cujo apoio necessitaria na futura guerra civil. A Coluna de East River de guerrilheiros se deslocou e desarmou as forças japonesas em Cantão e nos Novos Territórios de Hong Kong, mas não planejava lutar contra as forças britânicas. Apenas queriam assegurar que os nacionalistas não tomariam a cidade.

O esquadrão de Harcourt entrou na baía de Victoria em 30 de agosto. Os fuzileiros e marinheiros reais marcharam para a praia em grande estilo, tendo sido instruídos a demonstrar garbo depois da perda de prestígio da Grã-Bretanha três anos antes. Havia uma administração pronta para funcionar, com um governador interino entre os funcionários presos que já tinha feito preparativos para montar o núcleo de um governo. Isto ocorrera com o consentimento dos

oficiais japoneses, que preferiam se render aos britânicos do que às forças nacionalistas ou comunistas.

Em Xangai, a guerra civil subterrânea entre comunistas e nacionalistas cessou temporariamente em 19 de setembro com a chegada de parte da 7ª Esquadra do almirante Kinkaid. Carregado de mantimentos estocados para a invasão do Japão, ela foi saudada pela população esfomeada e os prisioneiros aliados. A guerra e o jargão militar não os tinham afetado. “O que é um jipe?”,¹⁷ perguntou um civil detido em Xangai.

Os prisioneiros de guerra aliados eram prioridade na ajuda imediatamente após a rendição japonesa. Em alguns casos, ela vinha rapidamente, mas em outros foi preciso esperar várias semanas. Muitos foram massacrados pelos guardas após a rendição. Na prisão Changi, na vizinhança de Cingapura, os prisioneiros sentiram desprezo quando, subitamente, os guardas começaram a lhes fazer continências e lhes oferecer água. Os aviões aliados despejaram mantimentos nos campos identificados. Onde foi possível, equipes médicas foram lançadas de paraquedas para cuidar dos prisioneiros, que os receberam com lágrimas de alívio, incrédulos ao constatar que o sofrimento tinha acabado. A maioria era de esqueletos ambulantes, e outros estavam tão debilitados pelo beribéri e outras doenças que mal podiam se erguer.

Dos 132.134 prisioneiros de guerra que ficaram nas mãos dos japoneses, 35.756 morreram, uma taxa de 27%. Um número muito maior de trabalhadores escravizados não sobreviveu em consequência dos tratamentos recebidos. As mulheres de conforto de muitas nacionalidades sofreram sérios danos psicológicos pelo resto de suas vidas. Um número desconhecido cometeu suicídio, pensando que não podiam voltar para casa depois de tantas humilhações.

Diversos prisioneiros tiveram uma sorte particularmente cruel e horripilante. O general MacArthur dera às forças australianas a tarefa desalentadora de acabar com os bolsões de japoneses remanescentes em Bornéu e na Nova Guiné. Pelos relatórios recolhidos mais tarde ficou claro que “a prática do canibalismo disseminada entre os soldados japoneses na guerra da Ásia-Pacífico ia além de incidentes ao acaso cometidos por indivíduos ou pequenos grupos sujeitos a condições extremas. Os testemunhos indicam que o canibalismo era uma estratégia militar sistemática e organizada”.¹⁸

A prática de tratar os prisioneiros como “gado humano” não surgiu por um colapso na disciplina. Em geral, era dirigida pelos oficiais. Além dos habitantes locais, as vítimas de canibalismo incluíram soldados papuas, australianos, americanos e prisioneiros de guerra indianos que tinham se recusado a se juntar ao Exército Nacional Indiano. No final da guerra, os captores japoneses

mantiveram os indianos vivos para esquartejá-los e comê-los um por um. Nem a desumanidade do Plano de Fome nazista no leste chegou a tais níveis. Como o tema era deprimente demais para as famílias de soldados mortos na Guerra do Pacífico, os Aliados omitiram as informações sobre o assunto, e o canibalismo não constou do Tribunal de Crimes de Guerra de Tóquio, em 1946.

A guerra no sudeste asiático e no Pacífico havia causado uma destruição inominável. A China estava arruinada, a sua agricultura desmantelada, e agora uma população exaurida enfrentava a guerra civil, que prosseguiria até 1949. Mais de 20 milhões de cidadãos morreram. Recentemente, historiadores chineses aumentaram as cifras para 50 milhões. Algo entre 50 e 90 milhões de refugiados escapou dos japoneses, mas sem casas e famílias para onde regressar. Estas escalas estarrecedoras de sofrimento quase eclipsaram as europeias, que também foram impulsionadas por tensões políticas.

A partir de agosto de 1945, os soldados regulares italianos foram enviados de volta ao seu país pelas autoridades soviéticas. Grupos de comunistas com bandeiras vermelhas se reuniram para recepcionar os trens que os traziam de regresso. Para sua indignação, descobriram que os prisioneiros libertados haviam rabiscado “*abbasso il comunismo*” nos vagões. Houve brigas na estação; a imprensa comunista tratou como “fascistas” os que criticavam as condições nos campos soviéticos ou afirmavam que a União Soviética não era o paraíso dos trabalhadores. Palmiro Togliatti, líder do PCI, o Partido Comunista Italiano, suplicou aos seus amos soviéticos que retardassem o envio de oficiais italianos até depois das eleições e o referendo de 2 de junho de 1946. Os primeiros só começaram a voltar a partir de julho.

A repressão soviética prosseguiu na Polônia contra os não comunistas. Uma indicação clara das prioridades do NKVD foi que o general Nikolai Selivanovsky recebeu 15 regimentos de tropas de segurança para a Polônia, ao passo que Serov só tinha dez na Alemanha. Selivanovsky foi instruído por Beria a “combinar o dever de representar o NKVD da União Soviética [com o de] conselheiro no Ministério de Segurança Pública polonês”.¹⁹ A definição pessoal de Stalin de “Polônia livre e independente” que prometera em Yalta não foi influenciada apenas pelo seu ódio aos poloneses. Ainda abalado com a quase derrota da União Soviética em 1941, ele queria os Estados-satélite comunistas como para-choques. Ele fora salvo pelo sacrifício de nove milhões de soldados, para não mencionar os 18 milhões de civis.

Na Segunda Guerra Mundial, os povos que mais sofreram na Europa foram aqueles encurralados pelo fardo totalitário e que “morreram como resultado da *interação* entre os dois sistemas”.²⁰ A partir de 1933, morreram 13 milhões na Ucrânia, Bielorrússia, Polônia, Estados Bálticos e nos Bálcãs. A grande maioria dos 5,4 milhões de judeus mortos pelos nazistas na falsa vitória de Hitler provinha destas regiões.

A Segunda Guerra Mundial e suas ramificações globais foi o maior desastre da história provocado pelo homem. As estatísticas de mortos — sejam elas 60 ou 70 milhões — vão muito além da nossa compreensão. O tamanho dos números é perigosamente desorientador, como Vasily Grossman compreendeu instintivamente. Em sua opinião, o dever dos sobreviventes era tentar reconhecer os milhões de fantasmas nas valas comuns como indivíduos, e não gente sem nome em categorias caricatas, pois este tipo de desumanização era precisamente o que os perpetradores tinham tentado.

Além dos mortos, inúmeros outros foram aleijados psicológica e fisicamente. Na União Soviética, os “samovares” sem membros foram banidos das ruas. Esta sina, com a perda implícita da humanidade, era o que todo soldado do Exército Vermelho temia mais do que a morte. Os aleijados eram uma lembrança constrangedora de que havia um purgatório entre a morte heroica e os sobreviventes heroicos que desfilavam amedalhados nas comemorações.

Depois de receber o epíteto de “guerra boa”, a Segunda Guerra Mundial pairou sobre sucessivas gerações de modo mais insistente que qualquer outro conflito na história. Ela provoca sentimentos confusos que nunca farão jus a esta imagem, principalmente porque metade da Europa teve de ser sacrificada ao stalinismo para salvar a outra metade. Embora terminasse com a derrota acachapante dos nazistas e dos japoneses, a vitória não trouxe a paz mundial. Primeiro, houve guerras civis latentes em toda a Europa e na Ásia, que irromperam em 1945. Depois, a Guerra Fria e o tratamento que Stalin dispensou à Polônia e à Europa Central. Misturada à Guerra Fria, houve conflitos anticoloniais no sudeste asiático e na África. E não podemos esquecer que a sequência de lutas no Oriente Médio começou com a imigração massiva de judeus para a Palestina ao serem libertados dos campos.

Alguns se queixam de que a Segunda Guerra Mundial continua exercendo uma influência dominadora quase sete décadas depois do seu término, e do número desproporcional de livros, filmes e peças, além dos museus que continuam alimentando a indústria da memória. Este fenômeno não deveria surpreender, uma vez que a natureza do mal parece provocar um fascínio sem fim. A escolha moral é o elemento fundamental do drama humano, por estar no cerne da própria humanidade.

Nenhum outro período da história fornece uma fonte tão rica para estudar os dilemas individuais e as tragédias em massa, a corrupção da política e do poder, a hipocrisia ideológica, a egolatria dos comandantes, traições, perversões, autossacrifício, sadismo inacreditável e compaixão imprevisível. Em resumo, a Segunda Guerra Mundial desafia as generalizações e a categorização dos humanos que Grossman rejeitou tão veementemente.

Contudo, há o perigo real de a Segunda Guerra Mundial se tornar um ponto de referência instantâneo tanto para a história moderna como para todos os conflitos contemporâneos. Diante de uma crise, jornalistas e políticos instintivamente buscam paralelos com a Segunda Guerra Mundial, seja para dramatizar a gravidade da situação, seja para tentar soar como Roosevelt ou Churchill. Comparar o 11 de setembro a Pearl Harbor, ou equiparar Nasser e Saddam Hussein a Hitler não significa apenas fazer paralelos históricos equivocados. Estas comparações são profundamente desorientadoras e podem produzir respostas estratégicas erradas. Os líderes das democracias podem se tornar prisioneiros da própria retórica, assim como os ditadores.

Ao mergulharmos na vastidão da Segunda Guerra Mundial e suas vítimas, tentamos absorver as estatísticas das tragédias nacionais e étnicas. Isto nos leva a negligenciar a maneira como ela mudou as vidas de todos de modos imprevisíveis. Muito poucos viveram a extraordinária experiência do jovem coreano Yang Kyoungjong, forçado a servir no Exército Imperial japonês, no Exército Vermelho e na Wehrmacht. Outras histórias surpreendem de formas diferentes e por distintas razões.

Um parágrafo curto de junho de 1945 de um relatório da polícia de segurança francesa, a DST, registra que a esposa de um fazendeiro alemão fora encontrada em Paris depois de viajar clandestinamente em um trem que trazia deportados franceses de volta dos campos alemães. Ela tivera um caso de amor proibido com um prisioneiro de guerra francês enviado para trabalhar na sua fazenda enquanto o marido estava no front oriental. Apaixonou-se de tal modo pelo inimigo do seu país que o seguiu até Paris, onde foi detida pela polícia. Isto é tudo o que foi registrado.

Estas poucas linhas levantam uma série de questões. Teria sido em vão a sua difícil jornada, mesmo que não tivesse sido detida pela polícia? O amante teria lhe dado o endereço errado porque era casado? Teria ele regressado para casa, como ocorreu com muitos, e descoberto que na sua ausência a esposa havia tido um filho com um oficial alemão? É uma tragédia muito pequena diante de tudo o que ocorreu no leste. Mas é uma forma comovedora de lembrar que as consequências das decisões de líderes como Hitler e Stalin desbarataram todas as certezas sobre a urdidura tradicional da existência.

AGRADECIMENTOS

Este livro teve uma gênese muito simples e anti-heroica. Sempre me senti um pouco enganador ao ser consultado como especialista geral na Segunda Guerra Mundial, pois sou profundamente consciente das enormes lacunas no meu conhecimento, em particular dos aspectos não familiares. Este livro é em parte um ato de reparação, porém, acima de tudo, uma tentativa de compreender como se arma o complexo quebra-cabeça com os efeitos diretos e indiretos das ações e decisões tomadas nos diversos cenários da guerra.

Nestes últimos vinte anos, muitos colegas e amigos produziram uma extraordinária riqueza de pesquisas e escritos excelentes sobre este vasto tema. Naturalmente, este livro tem uma dívida enorme com o trabalho e o discernimento deles: Anne Applebaum, Rick Atkinson, Omer Bartov, Chris Bellamy, Patrick Bishop, Christopher Browning, Michael Burleigh, Alex Danchev, Norman Davies, Tami Davis Biddle, Carlo D'Este, Richard Evans, M. R. D. Foot, Martin Gilbert, David Glantz, Christian Goeschel, Max Hastings, William I. Hitchcock, Michael Howard, John Keegan, Ian Kershaw, John Lukacs, Ben Macintyre, Mark Mazower, Catherine Merridale, Don Miller, Richard Overly, Laurence Rees, Anna Reid, Andrew Roberts, Simon Sebag Montefiore, Ben Shephard, Timothy Snyder, Adam Tooze, Hans van de Ven, Nikolaus Wachsmann, Adam Zamoyski e Niklas Zetterling.

Sou profundamente grato ao meu editor francês, Ronald Blunden, pelo empréstimo de documentos e reportagens do seu pai, o correspondente de guerra australiano Godfrey Blunden, que cobriu a luta em Stalingrado e outras partes do front oriental e depois foi correspondente de guerra na Itália e na ofensiva na Alemanha. Outros que proporcionaram materiais, sugestões e conselhos incluem o professor Omer Bartov, dr. Philip Boobbyer, dr. Tom Buchanan, John Corsellis, Sebastian Cox, do Arquivo Histórico da RAF, professor Tami Davis Biddle, da Escola de Guerra do Exército dos EUA, James Holland, Ben Macintyre, Javier Marías, Michael Montgomery, sobre o afundamento do HMAS Sydney, Jens Anton Poulsson, da resistência norueguesa, dr. Piotr Sliwowski,

chefe do Departamento de História do Museu do Levante de Varsóvia, professor Rana Mitter, Gilles de Margerie, professor Hew Strachan, Noro Tamaki, professor Martii Turtola da Universidade Nacional da Defesa em Helsinque, professor Hans van de Ven, Stuart Wheeler, Keith Miles e Jože Dežman por documentos sobre os massacres de Tito na Eslovênia, Stephane Grimaldi e Stephane Simmonet, do Memorial de Caen.

Minha gratidão ao professor Michael Howard, que gentilmente leu todo o manuscrito e trouxe críticas e conselhos valiosos; a Jon Halliday e Jung Chang por revisarem os trechos sobre a Guerra Sino-Japonesa e corrigirem vários erros; e a Angelica von Hase por rever as minhas traduções do alemão. Novamente devo muito a ela e ao dr. Lyubov Vinogradova pelas pesquisas que fizeram para mim na Alemanha e na Rússia. Sobra dizer que os erros são de minha total responsabilidade.

Como sempre, tenho uma dívida enorme com meu velho amigo e agente literário Andrew Nurnberg, e particularmente com Alan Samson, editor da Weidenfeld & Nicholson, que apoiaram o projeto desde o início e forneceram sugestões excelentes; também a Bea Hemming, editora que conduziu tudo com calma e eliminou o estresse de todo o processo; e a Peter James, que justificou amplamente a sua reputação de melhor copidesque de Londres. Mais uma vez, à minha esposa Artemis Cooper, que interrompeu o próprio trabalho para revisar todo o manuscrito e aperfeiçoá-lo enormemente, a minha eterna gratidão, e ao nosso filho Adam por me ajudar com a bibliografia e documentos.

NOTAS

Há uma bibliografia disponível em: www.antonybeevor.com.

ABREVIACÕES

AMPSB:	Arkhiv Muzeya Panorami Stalingradskoy Bitvi (Arquivo do Museu Panorâmico da Batalha de Stalingrado), Volgogrado.
AN:	Archives Nationales, Paris.
BA-B:	Bundesarchiv, Berlin-Lichterfelde.
BA-MA:	Bundesarchiv Militararchiv, Freiburg im Breisgau.
BfZ-SS:	Bibliothek fur Zeitgeschichte, Sammlung Sterz, Stuttgart.
CCA:	Churchill College Archives (Arquivos da Faculdade Churchill), Cambridge
DCD:	Duff Cooper Diaries (Diários de Duff Cooper) (coleção privada inédita, Londres).
DGFP:	<i>Documents on German Foreign Policy, 1918-1945</i> , Series D, Washington, DC, 1951-4.
Domarus:	Max Domarus (ed.), <i>Hitler: Reden und Proklamationen, 1932-1945</i> , 2 vols. Wiesbaden, 1973.
ETHINT:	European Theater Historical Interrogations (Interrogatórios Históricos no Teatro Europeu), 1945, USAMHI.
FMS:	Foreign Military Studies (Estudos Militares Estrangeiros), USAMHI.
FRNH:	<i>Final Report by Sir Nevile Henderson, 20 September 1939</i> , Londres, 1939.
FRUS:	Department of State, <i>The Foreign Relations of the United States</i> , 23 vols. Washington, DC, 1955-2003.
GARF:	Gosudarstvennyi Arkhiv Rossiiskoi Federatsii (Arquivo Estatal da Federação Russa), Moscou.
GBP:	Godfrey Blunden Papers (Documentos de Godfrey Blunden) (coleção privada, Paris).
GSWW:	Militärgeschichtliches Forschungsamt (Instituto de Pesquisa de História Militar), <i>Germany and the Second World War</i> , 10 vols. Oxford, 1990-2012. (<i>Das Deutsche Reich und der Zweite Weltkrieg</i> , 13 vols. Stuttgart, 1979-2008).
IMT:	International Military Tribunal, <i>Trial of the Major German War Criminals</i> , Proceedings of the International Military Tribunal at Nuremberg, Londres, 1946.
IWM:	Imperial War Museum, arquivo sonoro, Londres.
JJG:	Journal of Joan Gibbons, diário inédito do assistente de Sir Nevile Henderson (coleção privada).
KTb:	Kriegstagebuch.
KTb	<i>Kriegstagebuch des Oberkommandos der Wehrmacht (Wehrmachtführungsstab), 1939-1945</i> , Frankfurt am Main, 1965.
OKW:	
MP:	George C. Marshall Papers (Documentos de George C. Marshall), Lexington, Va.
MPW:	Muzeum Powstania Warszawskiego (Museu do Levante de Varsóvia), Varsóvia.
NA II:	National Archives II, College Park, Md.
NHHC:	Naval History and Heritage Command (Comando de História e Tradição Navais), Washington, DC.
OCMH-FPP:	Office of the Chief of Military History, Forest Pogue Papers (Documentos de Forest Pogue), USAMHI.
PDDE:	<i>The Papers of Dwight David Eisenhower</i> , vol. iii: <i>The War Years</i> , ed. Alfred D. Chandler, Baltimore, Md, 1970.
PP:	Papers of Lord Portal (Documentos de lorde Portal), Christ Church Library, Oxford.
RGALI:	Rossiiskii Gosudarstvennyi Arkhiv Literatury i Iskusstva (Arquivo Estatal Russo de Literatura e Arte), Moscou.
RGASPI:	Rossiiskii Gosudarstvennyi Arkhiv Sotsialno Politicheskoi Istorii (Arquivo Estatal Russo de História Política e Social), Moscou.
RGVA:	Rossiiskii Gosudarstvennyi Voennyi Arkhiv (Arquivo Militar Estatal Russo), Moscou.
RGVA-SA:	The "Special Archive" of captured German documents in the RGVA [Arquivo Especial de Documentos Germânicos Capturados, no RGVA].
SHD-DAT:	Service Historique de la Défense, Département de l'Armée de Terre, Vincennes.
SOAG:	Sir Charles Webster e Noble Frankland, <i>The Strategic Air Offensive against Germany, 1939-1945</i> , 4 vols. Londres, 1961.

SWWEC: Second World War Experience Centre, Walton, W. Yorks.

TBJG: *Die Tagebücher von Joseph Goebbels*, ed. Elke Frohlich, Munique, 29 vols. Munique, 1992-2005.

TNA: The National Archives, Kew.

TsAFSB: Tsentralnyi Arkhiv Federalnoi Sluzhby Bezopasnosti (Arquivo Central da FSB, ex-KGB), Moscou.

TsAMO: Tsentralnyi Arkhiv Ministerstva Oborony (Arquivo Central do Ministério da Defesa), Podolsk.

TsKhIDK: Tsentr Khraneniya i Izucheniya Dokumentalnykh Kollektii (Centro para a Conservação e o Estudo das Coleções de Documentação Histórica), Moscou.

USACMH: US Army Center of Military History (Centro de História Militar do Exército dos EUA), Washington, DC.

USAMHI: US Army Military History Institute (Instituto de História Militar do Exército dos EUA), US Army War College, Carlisle, Pa.

VCD: Vasily Churkin, diário, *Voennaya literatura: dnevnik i pisma*, <http://militera.lib.ru/db/churkin>.

VIZh: *Voенно-Istoricheskii Zhurnal*.

VOV: *Velikaya otechestvennaya voina, 1941-1945*, Moscou, 1984.

Introdução

- Expressão atribuída a George Kennan; ver Stephan Burgdorff e Klaus Wiegrefe (eds.), *Der Erste Weltkrieg. Die Urkatastrophe des 20. Jahrhunderts*, Munique, 2004, pp. 23-35, citado em Ian Kershaw, *Fateful Choices: Ten Decisions that Changed the World, 1940-1941*, Londres, 2007, p. 3. [Dez decisões que mudaram o mundo, 1940-1941. São Paulo: Companhia das Letras, 2008].
- Ernst Nolte, *Der europäische Bürgerkrieg, 1917-1945*, Frankfurt am Main, 1988.
- Michael Howard, 'A Thirty Years War? The Two World Wars in Historical Perspective', no seu *Liberation or Catastrophe? Reflections on the History of the Twentieth Century*, Londres, 2007, pp. 35, 67; Gerhard Weinberg, *A World at Arms: A Global History of World War II*, Nova York, 2005, p. 2.
- Sobre o descarte do regime da lei na Alemanha, ver Michael Burleigh, *The Third Reich*, Londres, 2000, pp. 149-215; Richard J. Evans, *The Coming of the Third Reich*, Londres, 2005; e Ian Kershaw, *Hitler. 1889-1936: Hubris*, Londres, 1998.
- Sebastian Haffner, *Defying Hitler*, Londres, 2002, p. 72.
- TBJG, parte I, vol. iii, p. 351. A melhor análise de pesquisa sobre a origem do Holocausto e as disputas históricas engendradas está em Ian Kershaw: *The Nazi Dictatorship: Problems and Perspectives of Interpretation*, Londres, 2000, pp. 93-133 e Kershaw, *Hitler, the Germans and the Final Solution*, New Haven, 2008.
- Adolf Hitler, *Mein Kampf*, Mumbai, 1988, p. 1. [Minha luta, São Paulo: Centauro, 2005].
- Adam Tooze, *The Wages of Destruction: The Making and the Breaking of the Nazi Economy*, Londres, 2006, p. 264. [O preço da destruição: construção e ruína da economia alemã, Rio de Janeiro: Record, 2013].
- Ibidem.
- Sebastian Haffner, *The Meaning of Hitler*, Londres, 1979, p. 18.
- Ibidem, p. 19.
- Domarus, vol. ii, p. 1058, citado em Ian Kershaw, *Hitler, 1936-1945: Nemesis*, Londres, 2000, pp. 152-3.
- CCA, Documentos de Duff Cooper, DUFC 8/1/14, citado em Richard Overv, *1939: Countdown to War*, Londres, 2009, p. 29. [1939: Contagem regressiva para a guerra, Rio de Janeiro: Record, 2009].

1. A Eclosão da Guerra

- Otto Preston Chaney, *Zhukov*, Norman, Okla., 1971, pp. 62-5. [Zhukov, Marechal da União Soviética, Rio de Janeiro: Renes, 1976].
- Citado em Ella Zhukova, 'Interesv ottsa', em I. G. Aleksandrov (ed.), *Marshal Zhukov: Polkovodets i chelovek*, 2 vols., Moscou, 1988, vol. i, p. 38.
- Dimitri Volkogonov, em Harold Shukman (ed.), *Stalin's Generals*, Londres, 1993, p. 313.
- Citado em Robert Edwards, *White Death: Russia's War on Finland, 1939-1940*, Londres, 2006, p. 96.
- Sobre o desenvolvimento e o curso do conflito crescente, ver Alvin D. Coox, *Nomonhan: Japan against Russia, 1939*, 2 vols., Stanford, 1985; e Katsu H. Young, 'The Nomonhan Incident: Imperial Japan and the Soviet Union', em *Monumenta Nipponica*, vol. 22, nº 1/2, 1967, pp. 82-102.
- Mark R. Peattie, 'The Dragon's Seed', em Mark Peattie, Edward Drea e Hans van de Ven, *The Battle for China: Essays on the Military History of the Sino-Japanese War of 1937-1945*, Stanford, 2011, p. 55.
- Chaney, *Zhukov*, pp. 69-70.
- Para relatos detalhados da batalha, ver Edward J. Drea, *Nomonhan: Japanese-Soviet Tactical Combat, 1939*, Fort Leavenworth, 1981; Coox, *Nomonhan: Japan against Russia*; e Georgii Zhukov, *Marshal Zhukov: Kakim my yegopomnim*, Moscou, 1988.
- Citado em Chaney, *Zhukov*, p. 73.
- G. F. Krivosheev, *Soviet Casualties and Combat Losses in the Twentieth Century*, Londres, 1997, p. 53.
- GSWW, vol. i, p. 685.
- David Dilks (ed.), *The Diaries of Sir Alexander Cadogan*, Londres, 1971, p. 175.
- Citado em Terry Charman, *Outbreak 1939: The World Goes to War*, Londres, 2009, p. 46.
- Raymond James Sontag e James Stuart Beddie (eds.), *Nazi-Soviet Relations, 1939-1941*, Nova York, 1948, p. 38.
- Citado em Simon Sebag Montefiore, *Stalin: The Court of the Red Tsar*, Londres, 2003, p. 269. [Stalin: A corte do czar vermelho, São Paulo: Companhia das Letras, 2006].
- JIG, 17.8.39.
- GSWW, vol. ii, p. 153.
- Albert Speer, citado em Gitta Sereny, *Albert Speer: His Battle with Truth*, Londres, 1995, p. 207. [Albert Speer: sua luta com a verdade, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001].
- JIG, 21.8.39.
- FRNH, p. 9.
- Ibidem, p. 10.
- JIG, 25.8.39.
- FRNH, p. 17.
- Overv, 1939, p. 68.

2. “A Destruição Completa da Polônia”

1. Hitler, 22.8.39, *DGFP*, Series D, vol. vii, n° 193.
2. BA-MA, RH39/618, citado em Jochen Bohler, *Auftakt zum Vernichtungskrieg. Die Wehrmacht in Polen, 1939*, Frankfurt, 2006, p. 52.
3. Overv, 1939, pp. 69-70.
4. GARF 9401/2/96 e RGVA 32904/1/19.
5. GSWW, vol. ii, p. 90.
6. SHD DAT, citado em Claude Quétel, *L'Impardonnable Défaite*, Paris, 2010, p. 196.
7. BA-MA RH37/1381; RH26-208/5, citado em Bohler, *Auftakt zum Vernichtungskrieg*, p. 40.
8. NA II RG 242, T-79, R.131, 595.
9. GSWW, vol. ii, p. 82.
10. 1/9/39, Domarus, vol. ii, p. 1307.
11. Anatole de Monzie, *Ci-devant*, Paris, 1941, citado em Quétel, *L'Impardonnable Défaite*, p. 204.
12. Georges Bonnet, *Dans la tourmente: 1938-1948*, Paris, 1971, citado em Quétel, *L'Impardonnable Défaite*, p. 195.
13. Paul Schmidt, *Hitler's Interpreter*, Nova York, 1950, pp. 157-8.
14. Citado em Harold Nicolson, *Friday Mornings, 1941-1944*, Londres, 1944.
15. Citado em Daniel Swift, *Bomber County*, Londres, 2010, p. 118.
16. Molly Panter-Downes, *London War Notes, 1939-1945*, Londres, 1971, pp. 3-6.
17. Overv, 1939, pp. 107-8.
18. General P. de Villeneuve, *Journal d'une défaite: août 1939-juin 1940*, Paris, 1976, citado em Quétel, *L'Impardonnable Défaite*, p. 211.
19. GSWW, vol. ii, p. 138.
20. Richard J. Evans, *The Third Reich at War: How the Nazis Led Germany from Conquest to Disaster*, Londres, 2008, p. 8 [O Terceiro Reich no poder, São Paulo: Planeta, 2011].
21. Carta de 17/9/39, BfZ-SS 28774 citada em Bohler, *Auftakt zum Vernichtungskrieg*, p. 43; ver também BA-MA RH37/5024; RH53-18/152; RH37/5024.
22. Citado em Klaus Latzel, *Deutsche Soldaten — nationalsozialistischer Krieg? Kriegserlebnis — Kriegserfahrung 1939-1945*, Paderborn, 1998, p. 153.
23. BA-MA RH41/1012 ('katzenfreundlich').
24. BA-MA RH37/6891, p. 11 ('zogen respektvoll den Hut').
25. BA-MA RH28-1/255.
26. BA-MA RH53-18/17.
27. BA-MA RH26-4/3, citado em Bohler, *Auftakt zum Vernichtungskrieg*, p. 109.
28. Bohler, *Auftakt zum Vernichtungskrieg*, pp. 2412.
29. Evans, *O Terceiro Reich no poder*.
30. *TBJG*, part I, vol. vii, p. 92.
31. Panter Downes, *London War Notes*, p. 19.
32. Adam Zamoyski, *The Forgotten Few: The Polish Air Force in the Second World War*, Londres, 1995, pp. 35-43.
33. K. S. Karol, 'A Polish Cadet in Inaction', em *Between Two Worlds: The Life of a Young Pole in Russia*, Nova York, 1987, citado em Jon E. Lewis, *Evewitness World War II*, Filadélfia, 2008, pp. 36-7.
34. V. N. Zemskov, 'Prinuditelnye Migratsii iz Pribaltiki 1940-1950 kh godakh', *Otechestvennyi Arkhiv*, n° 1, 1993, p. 4, citado em Geoffrey Roberts, *Stalin's Wars: From World War to Cold War, 1939-1953*, New Haven, 2006, p. 45.
35. GSWW, vol. ii, p. 124; baixas soviéticas, Krivosheev, *Soviet Casualties and Combat Losses*, p. 59.
36. Joseph W. Grigg, 'Poland: Inside fallen Warsaw', United Press, 6.10.39.
37. Franz Halder, *Generaloberst Halder: Kriegstagebuch. Tägliche Aufzeichnungen des Chefs des Generalstabes des Heeres, 1939-1942*, 3 vols., Stuttgart, 1962-4, vol. i: *Vom Polenfeldzug bis zum Ende der Westoffensive*, p. 107.
38. GSWW, vol. ix/1, p. 811.
39. 12/10/39, BA-MA RH41/1177, citado em Bohler, *Auftakt zum Vernichtungskrieg*, p. 7.
40. GSWW, vol. ix/1, p. 811.
41. Halder, *Kriegstagebuch*, vol. i, p. 79, citado em Evans, *The Third Reich at War* [O Terceiro Reich no poder] p. 16.
42. Timothy Snyder, *Bloodlands: Europe between Hitler and Stalin*, Londres, 2010, pp. 89-104, [Terras de sangue. A Europa entre Hitler e Stalin, Rio de Janeiro: Record, 2012].
43. Leonid Naumov, *Stalin i NKVD*, Moscou, 2007, pp. 299-300, citado em ibidem, p. 96.
44. Wesley Adamczyk, *When God Looked the Other Way: An Odyssey of War, Exile and Redemption*, Chicago, 2006, pp. 26-7, citado em Matthew Kelly, *Finding Poland*, Londres, 2010, p. 62.
45. Citado em Snyder, *Bloodlands* [Terras de sangue], p. 86.
46. Kelly, *Finding Poland*, p. 63. Ver também relatos em Associação das Famílias dos Assentados na Fronteira, *Stalin's Ethnic Cleansing in Eastern Poland: Tales of the Deported, 1940-1946*, Londres, 2000.

3. Da Guerra de Mentira à Blitzkrieg

1. Panter Downes, *London War Notes*, p. 21.
2. Charman, *Outbreak 1939*, pp. 322-3.
3. SWWEC, *Everyone's War*, n° 20, 2009, p. 60.
4. Citado em Tooze, *The Wages of Destruction* [O preço da destruição], p. 330.
5. GSWW, vol. ii, p. 12.
6. Virginia Cowles, *Sunday Times*, 04/02/40.
7. Geoffrey Cox, *Countdown to War: A Personal Memoir of Europe, 1938-1940*, Londres, 1988, pp. 176-7.
8. Panter Downes, *London War Notes*, p. 25.
9. Weinberg, *A World at Arms*, pp. 96-7, e Evans, *The Third Reich at War*, pp. 75-105.
10. Krivosheev, *Soviet Casualties and Combat Losses*, p. 58.
11. Snyder, *Bloodlands* [Terras de sangue], pp. 140-1.
12. *Pravda*, 29/03/35.
13. Gordon Waterfield, *What Happened to France*, Londres, 1940, p. 16. [O que aconteceu à França, São Paulo: Atlântica, s/d].
14. Georges Sadoul, *Journal de guerre*, Paris, 1972, 12/12/39.
15. Jean Paul Sartre, *Les Carnets de la drôle de guerre (2 septembre 1939 - 20 juillet 1940)*, Paris, 1972, p. 142, [Diário de uma guerra estranha, São Paulo: Circulo do Livro, 1988].
16. Edouard Ruby, *Sedan, terre d'épreuve*, Paris, 1948, citado em Edouard Ruby, *To Lose a Battle*, Londres, 1969, p. 163.
17. Citado em Quétel, *L'Impardonnable Défaite*, p. 253.
18. Cox, *Countdown to War*, p. 142.
19. Ibidem, p. 138.
20. GSWW, vol. ii, pp. 141-2.

4. O Dragão e o Sol Nascente

1. Agnes Smedley, *China Fights Back*, Londres, 1938, pp. 28-30.
2. Theodore H. White e Annalee Jacoby, *Thunder out of China*, Nova York, 1946, p. xiii.
3. Smedley, *China Fights Back*, p. 31.
4. Citado em Stephen Mackinnon, 'The Defense of the Central Yangtze', em Peattie, Drea e van de Ven, *The Battle for China*, p. 184.
5. Citado em Edward J. Drea, 'The Japanese Army on the Eve of War', em Peattie, Drea e van de Ven, *The Battle for China*, p. 107.
6. Yang Tianshi, 'Chiang Kai-shek and the Battles of Shanghai and Nanjing', em Peattie, Drea e van de Ven, *The Battle for China*, p. 143.
7. Smedley, *China Fights Back*, p. 132.
8. Jung Chang e Jon Halliday, *Mao: The Unknown Story*, Londres, 2007, pp. 245-6. [*Mao: A história desconhecida*, São Paulo: Companhia das Letras, 2006].
9. Diana Larv, *The Chinese People at War: Human Suffering and Social Transformation, 1937-1945*, Cambridge, 2010, pp. 22-3.
10. Yang Tianshi, 'Chiang Kai-shek and the Battles of Shanghai and Nanjing', em Peattie, Drea e van de Ven, *The Battle for China*, pp. 145-4.
11. Hattori Satoshi, 'Japanese Operations from July to December 1937', em Peattie, Drea e van de Ven, *The Battle for China*, p. 176.
12. *Ibidem*, p. 179.
13. O dr. Rosen ao Ministério do Exterior alemão, 20/1/38, citado em John Rabe, *The Good German of Nanking: The Diaries of John Rabe*, Nova York, 1998, p. 145. O diário de Rabe, diretor local da Siemens e organizador da zona internacional de segurança, fornece o relato mais confiável das atrocidades cometidas em Nanquim.
14. Sobre o treinamento dos soldados japoneses, ver Kawano Hitoshi, 'Japanese Combat Morale', em Peattie, Drea e van de Ven, *The Battle for China*, pp. 332-4.
15. Kondo Hajime, citado em Laurence Rees, *Their Darkest Hour: People Tested to the Extreme in WWII*, Londres, 2007, p. 61.
16. O diário de Nakamura retirado do seu cadáver pelo novo IV Exército, citado em Agnes Smedley, *Battle Hymn of China*, Londres, 1944, p. 186.
17. Shimada Toshio, citado em Kawano, 'Japanese Combat Morale', em Peattie, Drea e van de Ven, *The Battle for China*, p. 341.
18. Rabe, *The Good German of Nanking*, 22/1/38, p. 148.
19. *Ibidem*, p. 172.
20. Smedley, *China Fights Back*, pp. 227, 230.
21. Larv, *The Chinese People at War*, p. 25.
22. Kawano, 'Japanese Combat Morale', em Peattie, Drea e van de Ven, *The Battle for China*, p. 351.
23. Sobre a questão das 'mulheres de conforto' e o estupro, ver Yuki Tanaka, *Hidden Horrors: Japanese War Crimes in World War II*, Oxford, 1996, pp. 94-7.
24. Smedley, *Battle Hymn of China*, p. 206.
25. Sobre Wuhan e Taierchuang, ver Tobe Ryoichi, 'The Japanese Eleventh Army in Central China, 1938-1941', em Peattie, Drea e van de Ven, *The Battle for China*, pp. 208-9.
26. Citado em Larv, *The Chinese People at War*, p. 61.
27. Sobre os pilotos do Exército Vermelho na China: John W. Garver, *Chinese-Soviet Relations, 1937-1945: The Diplomacy of Chinese Nationalism*, Oxford, 1988, pp. 40-1; e Hagiwara Mitsuru, 'Japanese Air Campaigns in China', em Peattie, Drea e van de Ven, *The Battle for China*, pp. 245-6.
28. Chang e Halliday, *Mao*.
29. Smedley, *China Fights Back*, p. 156.
30. Diário confiscado pelo novo IV Exército citado em Smedley, *Battle Hymn of China*, pp. 185-6.
31. Garver, *Chinese-Soviet Relations*, pp. 81-2.
32. van de Ven, *War and Nationalism in China*, p. 237.

5. A Noruega e a Dinamarca

1. Tooze, *The Wages of Destruction [O preço da destruição]*, pp. 328-57.
2. Göring para o major-general Thomas, 30/1/40, citado em *ibidem*, p. 357.
3. GSWW, vol. ii, pp. 170-1.
4. *Ibidem*, p. 212.
5. Karl Heinz Frieser, *The Blitzkrieg Legend: The 1940 Campaign in the West*, Annapolis, Md, pp. 79-81.
6. Horne, *To Lose a Battle*, p. 155.
7. GSWW, vol. ii, p. 280.

6. Ataque ao Oeste

1. Cox, *Countdown to War*, pp. 194-5.
2. Ver Horne, *To Lose a Battle*, pp. 171-2.
3. Nicolaus von Below, *Als Hitlers Adjutant, 1937-1945*, Mainz, 1980, p. 228.
4. Horne, *To Lose a Battle*, p. 169.
5. *Ibidem*, p. 165; sobre Corap, ver Julian Jackson, *The Fall of France: The Nazi Invasion of 1940*, Oxford, 2003, p. 35.
6. Frieser, *The Blitzkrieg Legend*, p. 87.
7. Zamovskii, *The Forgotten Few*, p. 51.
8. James Holland, *The Battle of Britain*, Londres, 2010, pp. 67-8.
9. Robin McNish, *Iron Division: The History of the 3rd Division*, Londres, 2000, p. 77.
10. GSWW, vol. ii, p. 283.
11. Cox, *Countdown to War*, p. 203.
12. *Ibidem*, p. 213.
13. Citado em Horne, *To Lose a Battle*, p. 209.
14. Hans von Luck, *Panzer Commander*, Londres, 1989, p. 38.
15. Andre Beaufre, *The Fall of France*, Londres, 1967, p. 183.
16. Citado em Lev Kopelev, *Ease my Sorrows*, Nova York, 1983, pp. 198-9.
17. Alexander Stahlberg, *Bounden Duty*, Londres, 1990, p. 132.
18. Riedel, 20.5.40, BfZ-SS.
19. Frieser, *The Blitzkrieg Legend*, pp. 21-3.
20. Citado em Horne, *To Lose a Battle*, p. 331.
21. Roland de Margerie, *Journal, 1939-1940*, Paris, 2010, pp. 180-1.
22. TNA PREM 3/468/201.
23. *Ibidem*.
24. Margerie, *Journal*, p. 181.
25. Winston S. Churchill, *The Second World War*, 6 vols., Londres, 1948-53, vol. ii: *Their Finest Hour*, p. 42. [*A Segunda Guerra Mundial*, 6 vols. Rio de Janeiro: Companhia Nacional, 1954].
26. *Ibidem*, p. 192.
27. Marechal de campo lorde Alan Brooke, *War Diaries, 1939-1945*, Londres, 2001, p. 67.

7. A Queda da França

1. GSWW, vol. ii, p. 287.
2. Margerie, *Journal*, p. 12.
3. Charles de Gaulle, *Mémoires de guerre*, 3 vols., Paris, 1954-9, vol. i: *L'Appel, 1940-1942*, p. 30. [*Memórias de guerra*, 3 vols. Rio de Janeiro: Bibliex, 1977].
4. Margerie, *Journal*, p. 201.
5. Citado em Martin Gilbert, *Finest Hour: Winston S. Churchill, 1940-41*, Londres, 1983, p. 358.
6. Gabriel Gorodetsky, *Grand Delusion: Stalin and the German Invasion of Russia*, New Haven e Londres, 1999, pp. 19-22.
7. Hugh Sebag Montefiore, *Dunkirk: Fight to the Last Man*, Londres, 2007, pp. 142-55.
8. Sd. Hans B., 7.kl. Kw. Kol.f.Betr.St./Inf. Div. Kol.269, BfZ-SS.
9. Cb. Ludwig D., Rgts.Stab/Art. Reg. 69, 3ª-feira, 21/5/40, BfZ-SS.
10. Cb. Konrad F., 5.Kp./Inf. Rgt.43, 1. Inf. Div., 4ª-feira, 22.5.40, BfZ-SS.
11. Christophe Durrône, *Ils se sont battus: mai-juin 1940*, Paris, 2010, p. 150.
12. TNA WO 106/1693 e 1750, citado em Sebag Montefiore, *Dunkirk*, p. 228.
13. Paul Addison e Jeremy Crang (eds.), *Listening to Britain*, Londres, 2010, 22/5/40, p. 19.
14. *Ibidem*, p. 39.
15. *Ibidem*, p. 31.
16. Alan Brooke, *War Diaries*, p. 67.
17. BA-MA, W 6965a e W1F5.366, citado em GSWW, vol. ii, p. 290.
18. Frieser, *The Blitzkrieg Legend*, p. 29.
19. TNA WO 106/1750, citado em Sebag Montefiore, *Dunkirk*, p. 250.
20. J. Paul Boncour, *Entre deux guerres*, vol. iii, Paris, 1946, citado em Quétel, *L'Impardonnable Défaite*, p. 303.
21. Citado em GSWW, vol. iii, p. 62.
22. Citado em John Lukacs, *Five Days in London: May 1940*, New Haven, 1999 [*Cinco dias em Londres*, Rio de Janeiro: Zahar, 2001].
23. Riedel, 26.5.40, BfZ-SS.
24. TNA CAB 66-7.
25. Margerie, *Journal*, p. 239.
26. TNA CAB 65/13.
27. TNA WO 106/1750.
28. Sebag Montefiore, *Dunkirk*, pp. 272-3.
29. TNA CAB 65/13/161, citado em Gilbert, *Finest Hour*, p. 412.
30. Leca citado em Margerie, *Journal*, p. 253.
31. TNA CAB 65/13.
32. *Ibidem*.
33. Ten. P. D. Elliman, 1º Regimento HAA, citado em Sebag Montefiore, *Dunkirk*, p. 387.
34. *Ibidem*, pp. 404-11.
35. GSWW, vol. ii, pp. 293 e 295; Sebag Montefiore, *Dunkirk*, pp. 540-1, 628-9.
36. SHD-DAT 1 K 543 1.
37. Addison e Crang, *Listening to Britain*, pp. 71, 53.
38. GSWW, vol. iii, p. 247.
39. Cox, *Countdown to War*, p. 236.
40. Edward Spears, *Assignment to Catastrophe*, vol. ii: *The Fall of France*, Londres, 1954, p. 138.
41. Citado em Quétel, *L'Impardonnable Défaite*, p. 330.
42. Citado em Paul Baudouin, *Private Diaries: March 1940-January 1941*, Londres, 1948, em Jackson, *The Fall of France*, 2003, p. 135.
43. Spears, *Assignment to Catastrophe*, vol. ii, p. 171.
44. Charles Glass, *Americans in Paris: Life and Death under Nazi Occupation, 1940-1944*, Londres, 2009, pp. 11-22.
45. Philippe Petain, *Actes et écrits*, Paris, 1974, p. 365.
46. Alan Brooke, *War Diaries*, p. 80.
47. *Ibidem*, p. 81.
48. Sd. Paul Lehmann, Div. Inf. 62, 28/6/40, BfZ-SS.
49. Sebag Montefiore, *Dunkirk*, pp. 486-95.

8. A Operação Seelöwe (Leão Marinho) e a Batalha da Inglaterra

1. *TBJG*, parte I, vol. viii, p. 186.
2. BA-MA RM 7/255, citado em GSWW, vol. iii, p. 131.
3. Citado em Quétel, *L'Impardonnable Défaite*, p. 384.
4. Domarus, vol. ii, p. 1533, citado em Kershaw, *Hitler, 1936-1945: Nemesis*, p. 299.
5. Citado em Colin Smith, *England's Last War against France*, Londres, 2009, p. 62.
6. TNA ADM 399/192.
7. TNA ADM 199/391.
8. Kershaw, *Hitler, 1936-1945: Nemesis*, pp. 300-1; e Roger Moorhouse, *Berlin at War: Life and Death in Hitler's Capital, 1939-1945*, Londres, 2010, pp. 61-3.
9. *New York Times*, 7 de julho de 1940.
10. BA-MA RM 7/894, citado em GSWW, vol. ix/1, p. 525, n. 11.
11. Walter Schellenberg, *Invasion 1940: The Nazi Invasion Plan for Britain*, Londres, 2000.
12. Domarus, vol. ii, p. 1558.
13. Sd. Paul Lehmann, Div. Inf. 62, 28/6/40, BfZ-SS.
14. Citado em Max Hastings, *Finest Years: Churchill as Warlord, 1940-45*, Londres, 2009, p. 67.
15. Zamovski, *The Forgotten Few*.
16. Citado em Halder, *Kriegstagebuch*, vol. ii: *Von der geplanten Landung in England bis zum Beginn des Ostfeldzuges*, p. 49.
17. BA-MA RH 191/50, citado em GSWW, vol. ix/1, p. 529.
18. Albert Speer, *Erinnerungen*, Frankfurt, 1969, p. 188, citado em Kershaw, *Hitler, 1936-1945: Nemesis*, p. 305.
19. BA-MA RL 2/v. 3021, citado em GSWW, vol. ii, p. 378.
20. Patrick Bishop, *Fighter Boys*, Londres, 2003, p. 239.
21. *Ibidem*; Holland, *The Battle of Britain*; Larry Forrester, *Fly for your Life*, Londres, 1956.
22. Citado em Zamovski, *The Forgotten Few*, p. 84.
23. Citado em Bishop, *Fighter Boys*, p. 204.
24. Zamovski, *The Forgotten Few*, p. 71.

25. GSWW, vol. ii, p. 388; baixas em outubro: *ibidem*, p. 403.
26. V. N. Pavlov, 'Avtobiograficheskie Zametki', em *Novaya i noveishaya istoriya*, Moscou, 2000, p. 105.
27. Citado em Panter Downes, *London War Notes*, pp. 97-8.
28. Peter Quennell, *The Wanton Chase*, Londres, 1980, p. 15.
29. Ernst von Weizsäcker, *Die Weizsäcker-Papiere, 1933-1950*, Berlim, 1974, p. 225.

9. Reverberações

1. Sobre a Operação Ichang, ver Tobe Ryōichi, 'The Japanese Eleventh Army in Central China, 1938-1941', em Peattie, Drea e van de Ven, *The Battle for China*, pp. 207-29.
2. Smedley, *Battle Hymn of China*, pp. 343-4.
3. *Ibidem*, p. 348.
4. Kershaw, *Fateful Choices [Dez decisões que mudaram o mundo]*, p. 99.
5. Garver, *Chinese-Soviet Relations*, pp. 140-1.
6. GSWW, vol. iii, p. 2.
7. *Ibidem*, p. 68.
8. Weizsäcker, *Die Weizsäcker-Papiere*, p. 206.
9. Stanley G. Payne, *Franco and Hitler*, New Haven, 2008, pp. 90-4; e Javier Tusell, *Franco, España y la II Guerra Mundial: Entre el Eje y la Neutralidad*, Madri, 1995, pp. 83-201.
10. Tusell, *Franco, España y la II Guerra Mundial*, p. 159.
11. KTB OKW, vol. i, 15/11/40, p. 177.
12. *Ibidem*, p. 144 ('como un judío que quiere traficar con las más sagradas posesiones').
13. Halder, *Kriegstagebuch*, vol. i, p. 670.
14. GSWW, vol. iii, p. 194.
15. *The Times*, 2.7.40.
16. Dudley Clarke, *The Eleventh at War*, Londres, 1952, p. 95; e Michael Carver, *Out of Step*, Londres, 1989, pp. 54-5.
17. Conde Galeazzo Ciano, *Ciano's Diplomatic Papers*, Londres, 1948, p. 273.
18. *Ibidem*, 12/10/40, p. 297.
19. Mark Mazower, *Inside Hitler's Greece: The Experience of Occupation, 1941-44*, New Haven, 1993.
20. Artemis Cooper, *Cairo in the War, 1939-1945*, Londres, 1989, p. 59.
21. GSWW, vol. iii, p. 448.
22. Churchill, *The Second World War [A Segunda Guerra Mundial]*, vol. ii, p. 480.

10. A Guerra Balcânica de Hitler

1. KTB OKW, vol. i, 10/12/40, p. 222.
2. Sir Francis de Guingand, *Generals at War*, Londres, 1964, p. 33.
3. Schmidt, *Hitler's Interpreter*, p. 223.
4. Domarus, vol. ii, pp. 1726ff.
5. GSWW, vol. iii, p. 498.
6. Cb. G., Art. Rgt.119, II. Div. Pz., BfZ-SS 13/517A.
7. Richthofen KTB, 6.4.41, BA-MA N671/2/7/9, p. 53.
8. Richthofen KTB, 10.4.41, BA-MA N671/2/7/9, p. 59.
9. Richthofen KTB, 9.4.41, BA-MA N671/2/7/9, p. 58.
10. Major G. de Winton, citado em Antony Beevor, *Crete: The Battle and the Resistance*, Londres, 1990, p. 36 [Crete, Rio de Janeiro: Record, 2008].
11. OL 2042, TNA DEFE 3/891.
12. Cb. G., Art. Rgt.119, II. Div. Pz., 17.4.41, BfZ-SS 13 517A.
13. Sd. Erich N., 8.Kp./SS Reg. (mot.) DF, Div. Reich SS, 10/5/41, BfZ-SS II 707 E.
14. Beevor, *Crete*, p. 38.
15. Mazower, *Inside Hitler's Greece*, p. xiii.
16. Richthofen KTB, 10/4/41, BA-MA N671/2/7/9, p. 60.
17. Citado em GSWW, vol. ix/1, p. 536.
18. Cap. Friedrich M., 73. Div. Inf., BfZ-SS 20.305.
19. Sobre o debate a respeito do atraso da *Barbarossa*, ver Martin van Creveld, *Hitler's Strategy, 1940-1941: The Balkan Clue*, Londres, 1973; Simpósio de Salônica, maio de 1991; GSWW, vol. iii, p. 525; Muller-Hillebrand, 'Improvisierung', 78, MGFA-P 030; Andreas Hillgruber, *Hitlers Strategie*, Frankfurt, 1965, pp. 504ff.; e Andrew L. Zaptantis, *Greek-Soviet Relations, 1917-1941*, Nova York, 1983, pp. 498 ff.
20. OL 2167, TNA DEFE 3/891.
21. TNA PREM 3/109.
22. De Freyberg a Wavell, citado em Churchill, *The Second World War [A Segunda Guerra Mundial]*, vol. iii, p. 241.
23. Freyberg, citado em John Connell, *Wavell: Scholar and Soldier*, Londres, 1964, p. 454.
24. Citado em Ian Stewart, *The Struggle for Crete*, Oxford, 1955, p. 108.
25. Citado em Churchill, *The Second World War [A Segunda Guerra Mundial]*, vol. iii, p. 241.
26. Woodhouse, citado em C. Hadjipateras e M. Fafalios, *Crete 1941*, Athens, 1989, p. 13.
27. Brigadeiro Ray Sandover, conversa com o autor, 12/10/90.
28. Diário de Guerra da Divisão Neozelandesa, citado em Stewart, *The Struggle for Crete*, p. 278.
29. 'Einsatz Kreta', BA-MA RL 33/98.
30. Richthofen KTB, 28.5.41, BA-MA N671/2/7/9, p. 115.
31. Baixas alemãs: BA-MA ZA 3/19 e RL2 III/95.

11. A África e o Atlântico

1. General de artilharia Walter Warlimont, ETHINT 1.
2. Adalbert von Taysen, *Tobruk 1941: Der Kampf in Nordafrika*, Freiburg, 1976, citado em Martin Kitchen, *Rommel's Desert War: Waqing World War II in North Africa, 1941-1943*, Cambridge, 2009, p. 54.

3. Kitchen, *ibidem*, p. 17.
4. Halder, *Kriegstagebuch*, vol. ii, 23/4/41, p. 381, citado em *ibidem*, p. 100.
5. Halder, *Kriegstagebuch*, vol. ii, 23/4/41, p. 385.
6. *Ibidem*, p. 412.
7. Richthofen KTB, 19.5.41, BA-MA N671/2/7/9, p. 100.
8. Cb. Wolfgang H., 15. Div. Pz., 21/6/41, BfZ-SS 17 338.
9. *Masters and Commanders: How Roosevelt, Churchill, Marshall and Alanbrooke Won the War in the West*, Londres, 2008, pp. 24-34. [Mestres e comandantes: Como Roosevelt, Churchill, Marshall e Alan Brooke ganharam a Guerra no Ocidente, Rio de Janeiro: Record, 2012].
10. Churchill para FDR, citado em Winston Churchill, *The Second World War* [A Segunda Guerra Mundial], vol. ii, p. 498.
11. *Ibidem*, p. 503.
12. Hastings, *Finest Years*, pp. 171-4.
13. DGFP, Series D, vol. xii, nº 146, 10/3/41, pp. 258-9.
14. GSWW, vol. ii, p. 343.
15. *ibidem*, p. 353.

12. Barbarossa

1. Garver, *Chinese-Soviet Relations*, pp. 112-18.
2. Valentin M. Berezukov, *At Stalin's Side*, Nova York, 1994, p. 205.
3. Krebs, carta de 15/4/41, BA-MA MSg1/1207.
4. Sobre Backe e o Plano da Fome ver Lizzie Collingham, *The Taste of War: World War II and the Battle for Food*, Londres, 2011, pp. 32-8 e Tooze, *The Wages of Destruction* [O preço da destruição], pp. 173-5, 476-80.
5. Sobre o documento de 15 de maio: a melhor análise é a de Chris Bellamy, *Absolute War: Soviet Russia in the Second World War*, Londres, 2007, pp. 99-121; também Constantine Pleshakov, *Stalin's Folly: The Secret History of the German Invasion of Russia, June 1941*, Londres, 2005, pp. 75-84 [A loucura de Stalin, Rio de Janeiro: Difel, 2008]; Bianka Pietrow-Ennker (ed.), *Präventivkrieg? Der deutsche Angriff auf die Sowjetunion*, Frankfurt, 2000; para os teóricos da conspiração: Viktor Suvorov, *Icebreaker: Who Started the Second World War?*, Londres, 1990; Heinz Magenheimer, *Hitler's War*, Londres, 2002, pp. 51-64. O debate foi examinado pela Associação Russa de Historiadores da Segunda Guerra Mundial em 28/12/97 (*Information Bulletin*, nº 4, 1998) e eles concluíram corretamente que o Exército Vermelho simplesmente não estava em condições de lançar uma ofensiva. Agradeço ao seu presidente, o professor O. A. Rzheshesky, por enviar-me este relatório.
6. *Pravda*, 22.6.89.
7. Christopher Andrew e Oleg Gordievsky, *KGB: The Inside Story of its Foreign Operations from Lenin to Gorbachev*, Londres, 1990, p. 203.
8. Halder, *Kriegstagebuch*, vol. ii, pp. 336-7.
9. KTB OKW, vol. i, p. 417.
10. Sd. Paul B., Flak Sonderger Wrkst. Zug 13, 22.6.41, BfZ-SS L46 281.
11. Sd. Kurt U., 1. San.Kp.91, 6.Geb. Div., 21.6.41, BfZ-SS.
12. Sgt. Com. Herbert E., 2.Kp./Nachr.Abt.SS, Div. Reich SS, BfZ-SS
13. Maslennikov, RGVA 38652/1/58.
14. KTB OKW, vol. i, p. 417.
15. Erich von Manstein, *Lost Victories*, Londres, 1982, p. 187.
16. Schmidt, *Hitler's Interpreter*, p. 233.
17. Citado em Richard Lourie, *Sakharov: A Biography*, Hanover, NH, 2002, p. 52.
18. RGALI 1710/3/43.
19. Sd. Rudolf B., Stab/Nachsch.Btl.553, 27.7.41, BfZ-SS.
20. Anne Applebaum, *Gulag: A History of the Soviet Camps*, Londres, 2003, pp. 377-8 [Gulag: Uma história dos campos de prisioneiros soviéticos, Rio de Janeiro: Ediouro, 2004]; e Snyder, *Bloodlands* [Terras de sangue], p. 194.
21. Citado em Richard Overy, *Russia's War*, Londres, 1999, p. 78.
22. Aleksandr Tvardovsky, *Dnevnik i pisma, 1941-1945*, Moscou, 2005, p. 32.
23. Documentos de Vasily Grossman, RGALI 1710/3/43.
24. RGVA 32904/1/81, p. 28, citado em Anna Reid, *Leningrad: The Epic Siege of World War II, 1941-1944*, Nova York, 2011, p. 43.
25. TsAMO 35/107559/5 p. 364.
26. *Ibidem*.
27. Ilva Zbarsky, *Lenin's Embalmers*, Londres, 1998, pp. 118-21.
28. Halder, *Kriegstagebuch*, vol. iii; *Der Russlandfeldzug bis zum Marsch auf Stalingrad*, p. 38.
29. Documentos de Grossman, RGALI 1710/3/43.
30. Halder, *Kriegstagebuch*, vol. iii, p. 506.
31. RGALI 1710/3/43.
32. Documentos de Grossman, RGALI 1710/3/49.
33. RGASPI 558/11/49, p. 1, citado em Reid, *Leningrad*, pp. 65-6.
34. David M. Glantz, *The Battle for Leningrad, 1941-1944*, Lawrence, Kan., 2002, p. 46.
35. Refugiados descritos por Vasily Chekrizov: Reid, *Leningrad*, p. 116.
36. RGASPI 558/11/492, p. 27, citado em *ibidem*, p. 106.
37. RGASPI 83/1/18, p. 18.
38. VCD, 21.8.41.
39. 20/9/41, RGALI 1817/2/185.
40. Cb. Hans B., 269. Div. Inf., BfZ-SS.
41. VCD, 4.9.41.

13. Rassenkrieg

1. Sgt. Hanns W., 387. Div. Inf., 31/5/42, BfZ-SS 45 842.
2. Snyder, *Bloodlands* [Terras de sangue], p. 53.
3. Documentos de Grossman, RGALI 1710/3/49.
4. Sd. Josef Z., 3.Kp/Ldsschtz, Btl.619, 12/9/41, BfZ-SS 20 355 D.
5. Testemunho de Paul Roser, IMT VI, p. 291, citado em Peter Padfield, *Himmler, Reichsführer-SS*, Londres, 2001, p. 431.
6. 2/9/41, Bellamy, *Absolute War*, pp. 267-8.
7. Documentos de Grossman, RGALI 1710/3/43.
8. Vasily Grossman, *The Road*, Londres, 2009, p. 60.
9. Christopher Browning, 'Nazi Resettlement Policy and the Search for a Solution to the Jewish Question, 1939-1941', no seu *The Path to Genocide: Essays on Launching the Final Solution*, Cambridge, 1992, pp. 16-17, citado em Mark Mazower, *Dark Continent: Europe's Twentieth Century*, Londres, 1998, p. 170. [Continente sombrio: a Europa no século XX, São Paulo: Companhia das Letras, 2001].

10. Christopher R. Browning, *The Origins of the Final Solution*, Londres, 2004, pp. 81-9.
11. Citado em Kershaw, *The Nazi Dictatorship*, p. 112.
12. Citado em ibidem, p. 266.
13. Ibidem, pp. 224-43.
14. Ibidem, p. 228.
15. Ibidem, p. 219.
16. Raul Hilberg, *The Destruction of the European Jews*, Nova York, 1985, p. 146.
17. TsA FSB 14/4/326, pp. 264-7.
18. Ch. Hans R., Entrevista "Die Deutschen im Zweiten Weltkrieg", SWF TV, 1985, citado em Robert Kershaw, *War without Garlands*, Londres, 2009, pp. 285-6.
19. RGALI 1710/3/49.
20. TNA WO 208/4363.
21. Ch. Ludwig B., Nachsch. Btl.563, 27.7.42, BfZ-SS 28 743.
22. Documentos de Grossman, RGALI 1710/1/123.
23. Ida S. Belozovskaya, GARF 8114/1/965, pp. 68-75.
24. Hannes Heer (ed.), *Vernichtungskrieg. Verbrechen der Wehrmacht 1941 bis 1944*, Hamburgo, 1996.
25. Ida S. Belozovskaya, GARF 8114/1/965, pp. 68-75.
26. Henry Friedlander, *The Origins of Nazi Genocide: From Euthanasia to the Final Solution*, Chapel Hill, 1995, p. 43. Friedlander é a principal fonte sobre o programa de eutanásia.
27. Citado em Hilberg, *The Destruction of the European Jews*, p. 137.

14. A “Grande Aliança”

1. Discurso de Winant e Churchill de 22/6/41, Valentin M. Berezkhov, *History in the Making*, Moscou, 1983, p. 123.
2. TNA HW 1/6, C/6863, citado em David Stafford, *Roosevelt and Churchill*, Londres, 2000, p. 65.
3. Kenneth S. Davis, *FDR: The War President*, Nova York, 2000, p. 212.
4. Berezkhov, *History in the Making*, p. 126.
5. Citado em ibidem, p. 141.
6. GSWW, vol. iii, p. 712.
7. Wolf Heckmann, *Rommel's War in Africa*, Nova York, 1981, p. 157.
8. Ten. Andre F., 15.Div. Pz., 28.5.41, BfZ-SS 37007.
9. Geoffrev Cox, *A Tale of Two Battles*, Londres, 1987, p. 134.
10. BA-MA RM 7/29.
11. Ilya Ehrenburg, *Men, Years — Life*, vol. v: *The War: 1941-1945*, Nova York, 1964, p. 19. [*Memórias. A Guerra (1941-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966].

15. A Batalha por Moscou

1. Citado em Lourie, *Sakharov*, p. 53.
2. Yuri Vladimirov, *Voina soldatzenitchika, 1941-1942*, Moscou, 2009, p. 118.
3. Documentos de Grossman, RGALI 1710/3/49.
4. Vladimir Voitsekhovich em Artem Drabkin (ed.), *Svyashchennaya voina. Ya pomnyu*, Moscou, 2010, p. 12.
5. John Erickson, *The Road to Stalingrad*, Londres, 1975, p. 217.
6. Maj. Hans Sch., Stab/Pi.Btl.652, BfZ-SS 33 691.
7. Ibidem.
8. Documentos de Grossman, RGALI 1710/3/49.
9. Ibidem.
10. Vladimir Ogryzko, citado em Laurence Rees, *world war ii behind Closed Doors: Stalin, the nazis and the west*, Londres, 2009, p. 112. *Stalin, os nazistas e o Ocidente. História da Segunda Guerra Mundial entre quatro paredes*, São Paulo: Larousse, 2009.
11. Vladimir Voitsekhovich em Drabkin (ed.), *Svyashchennaya voina*, p. 15.
12. Citado em Dmitri Volkogonov, *Stalin: Triumph and Tragedy*, Londres, 1991, p. 422 [*Stalin: Triunfo e tragédia*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004].
13. Yefim Abelevich Golbraikh em Drabkin (ed.), *Svyashchennaya voina*, p. 79.
14. Citado em Lowrie, *Sakharov*, p. 55.
15. Ibidem.
16. Ehrenburg, *Men, Years — Life* [*Memórias. A Guerra (1941-1945)*], vol. v, p. 17.
17. Alexander Werth, *Russia at War*, Londres, 2009, p. 112 [*A Rússia na Guerra*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966].
18. Ibidem, p. 15.
19. Citado em Volkogonov, *Stalin, Triumph and Tragedy* [*Stalin: Triunfo e tragédia*], p. 456.
20. Vladimirov, *Voina soldatzenitchika*, p. 119.
21. Bellamy, *Absolute War*, p. 317.
22. Vladimir Viktorovich Voitsekhovich em Drabkin (ed.), *Svyashchennaya voina*, 2010.
23. Richthofen KTB, 10.4.41, BA-MA N671/2/7/9, p. 59.
24. Citado em Charles Messenger, *The Last Prussian: A Biography of Field Marshal Gerd von Rundstedt, 1875-1953*, Londres, 1991, p. 61.
25. Reid, *Leningrad*, pp. 168-9.
26. VCD, 28.10.41.
27. Ibidem, 20.11.41.
28. Ibidem, 8.12.41.
29. Ibidem, 8-9.12.41.
30. Ch. Hans Joachim C., 6.Kp/Infantry.Rgt.67, 23. Div. Inf., 4.12.41, BfZ-SS.
31. Sgt. Herbert B., Nachschubkp.31, 6.12.41, BfZ-SS.
32. Oberschütze Helmut G., 8.12.41, BfZ-SS.
33. Ehrenburg, *Men, Years - Life* [*Memórias. A Guerra (1941-1945)*], vol. v, p. 35.
34. Oberschütze Helmut G., BfZ-SS, N:Gil.
35. Oberschütze Helmut G., BfZ-SS.
36. Ehrenburg, *Men, Years - Life* [*Memórias. A Guerra (1941-1945)*], vol. v, p. 18.

16. Pearl Harbor

1. Robert E. Sherwood, *The White House Papers of Harry L. Hopkins*, 2 vols., Nova York, 1948, vol. i, p. 430.
2. D. K. R. Crosswell, *Beetle: The Life of General Walter Bedell Smith*, Lexington, Kv. 2010, pp. 227-8.
3. Kershaw, *Fateful Choices* [*Dez decisões que mudaram o mundo*].
4. Joseph C. Grew, *Ten Years in Japan*, Nova York, 1944, p. 468, citado em ibidem, p. 366.
5. Arthur Zich, *The Rising Sun*, Alexandria, 1977, p. 19.
6. Nobutaka Ike (ed.), *Japan's Decision for War: Records of the 1941 Policy Conferences*, Stanford, 1967, pp. 208-39, citado em Kershaw, *Fateful Choices* [*Dez decisões que mudaram o mundo*], p. 365.
7. Zich, *The Rising Sun*, p. 51.
8. Fuchida Mitsuo, 'Pearl Harbor: The View from the Japanese Cockpit', em Stanley M. Ulanoff (ed.), *Bombs Away!*, Nova York, 1971, citado em Lewis, *Eyewitness World War II*, pp. 260-1.
9. *Philippine Islands*, USACMH, Washington, DC, 1992, pp. 4-9.
10. Carlos P. Romula, USMC, citado em Lewis, *Eyewitness World War II*, p. 268.
11. Citado em Peter Thompson, *The Battle for Singapore*, Londres, 2005, p. 16.
12. TNA PREM 3/469/13.
13. O. D. Gallagher, 'The Loss of the *Repulse* and the *Prince of Wales*', *Daily Express*, 12.12.41.
14. Ibidem, p. 35.
15. Citado em Philip Snow, *The Fall of Hong Kong: Britain, China and the Japanese Occupation*, New Haven e Londres, 2003, p. 41.
16. 23rd Army's invasion of Hong Kong: ver ibidem, pp. 53-7.
17. Ibidem, pp. 66-7.
18. Ibidem, p. 67.
19. 10 mil mulheres chinesas estupradas em Hong Kong: ibidem, pp. 81-2; ver também o testemunho de Connie Sully, em Rees, *Their Darkest Hour*, pp. 129-35.
20. Alan Brooke, *War Diaries*, 12.2.42, p. 229. HMAS Sydney: agradeço a Michael Montgomery, filho do oficial de navegação do porta-aviões, por me colocar a par da Corte de Inquirição de 2008-9 chefiada por Terence Cole.
21. Theodore White (ed.), *The Stilwell Papers*, Nova York, 1948, p. 60.

17. A China e as Filipinas

1. Sobre o incidente com o novo IV Exército, ver Chang e Halliday, *Mao*, pp. 278-85.
2. Citado em Kawano, 'Japanese Combat Morale', em Peattie, Drea e van de Ven, *The Battle for China*, p. 331.

3. Caroline Moorehead, *Martha Gellhorn: A Life*, Londres, 2003, p. 213.
4. A. S. Panyushkin, *Zapiski Posla: Kitay 1939-1944*, Moscou, 1981, p. 278, citado em Chang e Halliday, *Mao*, p. 3.
5. Edward L. Drever, *China at War, 1901-1949*, Londres, 1995, p. 253.
6. Chalmers A. Johnson, *Peasant Nationalism and Communist Power: The Emergence of Revolutionary China, 1937-1945*, Stanford, 1962, p. 58.
7. Garver, *Chinese-Soviet Relations*, p. 239.
8. Ibidem, p. 40; Zhang Baijia, 'China's Quest for Foreign Military Aid', em Peattie, Drea e van de Ven, *The Battle for China*, pp. 288-93.
9. Edna Tow, 'The Great Bombing of Chongqing and the Anti Japanese War, 1937-1945', em Peattie, Drea e van de Ven, *The Battle for China*, pp. 256-82.
10. Smedley, *Battle Hymn of China*, p. 158.
11. Tobe Ryôichi, 'The Japanese Eleventh Army in Central China, 1938-1941', em Peattie, Drea e van de Ven, *The Battle for China*, p. 227.
12. van de Ven, *War and Nationalism in China*, p. 13.
13. Ibidem, pp. 253-83.
14. Collingham, *The Taste of War*, pp. 250-5.
15. van de Ven, *War and Nationalism in China*, p. 10.
16. *Philippine Islands*, USACMH, 1992.
17. Ibidem.

18. A Guerra pelo Mundo

1. Citado em Berezkhov, *History in the Making*, pp. 159-60.
2. *TBJG*, part II, vol. ii, p. 453.
3. Ernst von Weizsacker, *Erinnerungen*, Munique, 1950, p. 280, citado em Kershaw, *Fateful Choices* [Dez decisões que mudaram o mundo], p. 422.
4. Cb. Bisch, 2.Kp./Pz.Rgt.3, 2. Div. Pz., 21.12.41, BfZ-SS.
5. Kershaw, *Fateful Choices* [Dez decisões que mudaram o mundo], p. 384.
6. Entrevista com Lady Soames, Documentos de Brendon, citado em Carlo D'Este, *Warlord: A Life of Churchill at War, 1874-1945*, Londres, 2008, p. 622.
7. Hastings, *Finest Years*, pp. 217-39.
8. Anthony Eden, *The Eden Memoirs: The Reckoning*, Londres, 1965, p. 319.
9. Citado em John Ellis, *Brute Force: Allied Strategy and Tactics in the Second World War*, Nova York, 1990, p. 525.
10. Robert Dallek, *Franklin D. Roosevelt and American Foreign Policy, 1932-1945*, Nova York, 1979, p. 338.
11. Warren F. Kimball (ed.), *Churchill and Roosevelt: The Complete Correspondence*, 3 vols, Princeton, 1984, vol. i: *Alliance Emerging*, p. 421.
12. Georgii Zhukov, *Vospominaniya i Razmyshleniya*, 2 vols., Moscou, 2002, vol. ii, p. 51.
13. P. Gerasimov, *VIZh*, nº 7, 1967, citado em Rodric Braithwaite, *Moscow 1941: A City and its People at War*, Londres, 2007, pp. 327-8 [Moscou 1941. Uma cidade e seu povo na guerra, Rio de Janeiro: Record, 2009].
14. Volkogonov, *Stalin, Triumph and tragedy* [Stalin: Triunfo e tragédia],
15. Leonid Rabinchev, *Voyna vsyo spishet, vospominaniya oti tserasvvezista, 31-i armii, 1941-1945*, Moscou, 2009, p. 75.
16. M. Gorinov (ed.), *Moskva Prifrontovaya, 1941-1942: Arkhivnye Dokumenty i Materialy*, Moscou, 2001, p. 415, citado em Braithwaite, *Moscow 1941*.
17. Krivosheev, *Soviet Casualties and Combat Losses*, pp. 122-3.
18. Braithwaite, *Moscow 1941*.
19. Bellamy, *Absolute War*, pp. 366-70.
20. Citado em Reid, *Leningrad*, p. 278.
21. Alexander Werth, *Leningrad*, Londres, 1944, p. 89.
22. Citado em ibidem, p. 22.
23. Bellamy, *Absolute War*, pp. 377-84; Reid, *Leningrad*; Werth, *Leningrad*; David Glantz, *The Siege of Leningrad, 1941-1944*, Londres, 2004.
24. Yelena Skriabina, *Siege and Survival: The Odyssey of a Leningrader*, Carbondale, Ill., 1971, p. 28.
25. Bellamy, *Absolute War*, pp. 379-80; A. R. Dzhenisevich, 'Banditizm (osobaya kategoriya) v blokirovannom Leningrade', *Istoriya Peterburga*, nº 1, 2001, pp. 47-51.
26. Vasily Yershov, sem título, Bakhmeteff Archive, Columbia University, citado em Reid, *Leningrad*, p. 320.
27. Citado em Werth, *Leningrad*, p. 97.
28. Sold, K.B., 23.1.42, BfZ-SS.
29. Hans Hermann H., 13.3.42, BfZ-SS N91.2.

19. Wannsee e o Arquipélago da SS

1. Hilberg, *The Destruction of the European Jews*, p. 163; 'the physical annihilation': ibidem, p. 163.
2. *TBJG*, part II, vol. ii, pp. 498-9, citado em Kershaw, *The Nazi Dictatorship*, p. 124.
3. *TBJG*, part II, vol. ii, 13.12.41, pp. 498-9.
4. Sobre Martin Luther, ver Echart Conze, Norbert Frei, Peter Hayes e Moshe Zimmermann, *Das Amt und die Vergangenheit, Deutsche Diplomaten im Dritten Reich und in der Bundesrepublik*, Munique, 2010; sobre o original a respeito de Lutero e os judeus ver Hilberg, *The Destruction of the European Jews*, pp. 13-15.
5. Hilberg, *The Destruction of the European Jews*, p. 270.
6. Ibidem, p. 99.
7. Sobre Henry Ford e os nazistas, ver Charles Patterson, *Eternal Treblinka*, Nova York, 2002, pp. 71-9; sobre a inspiração de Ford para os abatedouros, ver Henry Ford, *My Life and Work*, Nova York, 1922, p. 81 [Minha vida e minha obra, São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1933]; David L. Lewis, *The Public Image of Henry Ford: An American Folk Hero and his Company*, Detroit, 1976, p. 135; Albert Lee, *Henry Ford and the Jews*, Nova York, 1980.
8. IMT 29:145.
9. Ian Kershaw, *Popular Opinion and Political Dissent in the Third Reich: Bavaria, 1933-1945*, Nova York, 1983, p. 277.
10. Franz Blaha, 'Holocaust: Medical experiments at Dachau', IMT; NA II RG 238, Box 16.
11. GARF 9401/2/96. Spanner nunca foi processado porque não havia leis contra experiências com cadáveres.
12. Documentos de Grossman, RGALI 1710/1/123.
13. Zahlm. d.R. Heinrich K., H.K.P. 610 Brest/Bug, 18/7/42, BfZ-SS 37 634.
14. Hilberg, *The Destruction of the European Jews*, p. 145.
15. Ibidem, pp. 204-11.
16. Citado em Padfield, *Himmler*, p. 449.
17. RGALI, 1710/3/21.

20. A Ocupação Japonesa e a Batalha de Midway

1. Snow, *The Fall of Hong Kong*, pp. 77-148.
2. Bernard Wasserstein, *Secret War in Shanghai*, Londres, 1998, pp. 216-39.
3. Peter Thompson, *The Battle for Singapore*, Londres, 2005, p. 380.
4. Tanaka, *Hidden Horrors*, p. 93.
5. Max Hastings, *Nemesis: The Battle for Japan 1944-1945*, Londres, 2007, p. 13.
6. Ralph B. Smith, 'The Japanese Period in Indochina and the Coup of 9 March 1945', *Journal of Southeast Asian Studies*, vol. 9, nº 2, setembro de 1978, pp. 268-301.
7. Ronald H. Spector, *Eagle against the Sun: The American War with Japan*, Londres, 2001, p. 397.
8. Snow, *The Fall of Hong Kong*, pp. 142-8.
9. Ibidem, p. 185.
10. Juiz H. L. Braund, controlador regional alimentar das Áreas Orientais, citado em Lizzie Collingham, *The Taste of War*, p. 143; fome em Bengala, ibidem, pp. 141-54.
11. *World War II Quarterly*, 5.2, p. 64.
12. Alm. Nagumo Chuichi, citado em Office of Naval Intelligence, junho de 1947, NHHC, OPNAV P32-1002.
13. Ibidem.
14. Fuchida Mitsuo, 'Pearl Harbor: The View from the Japanese Cockpit', em Ulanoff (ed.), *Bombs Away!*, p. 305.
15. Sobre o rearmamento dos torpedeiros japoneses ver Jeffrey G. Barlow in *World War II Quarterly*, 5.1, pp. 66-9; Dallas Woodbury Isom, *Midway Inquest: Why the Japanese Lost the Battle of Midway*, Bloomington, Ind., 2007, p. 269; Jonathan Parshall e Anthony Tully, *Shattered Sword: The Untold Story of the Battle of Midway*, Dulles, Va, 2005, p. 171; e John B. Lundstrom, *Black Shoe Carrier Admiral: Frank Jack Fletcher at Coral Sea, Midway and Guadalcanal*, Annapolis, 2006, pp. 254-5.
16. Alm. Nagumo, citado em Office of Naval Intelligence, junho de 1947, NHHC, OPNAV P32-1002.
17. Ibidem.
18. O comandante em chefe da Esquadra do Pacífico para comandante em chefe da Armada, 28/6/42, NHHC, Batalha de Midway: 4-7 junho de 1942 Action Reports, F-2042.

21. Derrota no Deserto

1. Uffz. Hans Hermann H., 8.4.42, BFZ-SS N91.2.
2. Citado em James Holland, *Together We Stand: North Africa, 1942-1943 — Turning the Tide in the West*, Londres, 2005, p. 80.
3. Kitchen, Rommel's Desert War, pp. 225-6.
4. De Gaulle, *Memórias de guerra*.
5. Below, *Als Hitlers Adjutant*, p. 311.
6. De Gaulle, *Mémoires de guerre* [*Memórias de guerra*], vol. i, p. 325.
7. Uffz. Hans Hermann H., 30.6.42, BFZ-SS N91.2.
8. Churchill, *The Second World War* [*A Segunda Guerra Mundial*], vol., iv; *The Hinge of Fate*, p. 344.
9. Cooper, *Cairo in the War*, pp. 190-201.
10. *Global War Studies*, vol. 7, nº 2, 2010, p. 79.
11. Victor Gregg, *Rifleman: A Front Line Life*, Londres, 2011, p. 127.
12. Citado em Roberts, *Masters and Commanders* [*Mestres e comandantes*], p. 233.

22. Operação Blau (Azul) — Barbarossa Relançada

1. Sd. Fritz S., 1/5/42, 25. Div. Inf. (mot.), BFZ-SS 26312.
2. Sd. Ferdinand S., 88. Div. Inf., BFZ-SS 05831E.
3. David M. Glantz e Jonathan House, *When Titans Clashed*, Lawrence, Kan., 1995, p. 105.
4. Diário confiscado, TsAFSB 14/4/328, pp. 367-71.
5. Ordem de 31/1/42, TsAMO 206/294/48, p. 346.
6. Diário confiscado, TsAFSB 14/4/328, pp. 367-71.
7. Montefiore, *Stalin: The Court of the Red Tsar* [*Stalin: A corte do czar vermelho*], p. 365.
8. TsAFSB 14/4/328, pp. 367-71.
9. Vladimirov, *Voina soldatzenitchika*, p. 234.
10. Yevgeny Fyodorovich Okishev em Drabkin (ed.), *Svyashchennaya voina*, p. 210.
11. Stalin, Timoshenko e Khrushchev; Montefiore, *Stalin, The Court of the Red Tsar* [*Stalin: A corte do czar vermelho*], pp. 366-7.
12. Sd. Heinrich R., 20/5/42, 389. Div. Inf., BFZ-SS 43 260.
13. Vladimirov, *Voina soldatzenitchika*, p. 300.
14. Sgt. Karl H., Aufkl.Stffl. 4 (F) 122, 7/6/42, BFZ-SS I 28420.
15. Sgt. Kurt P., Radf.Rgt.4, 15/6/42, BFZ-SS 29 962.
16. Yu. S. Naumov, *Trudnaya sudba zashchitnikov Seva-stopolya (1941-1942)*, Nizhni Novgorod, 2009, p. 15.
17. Sd. Arnold N., 377. Div. Inf., 8/7/42, BFZ-SS 41 967.
18. Weisung Nr. 41, citado em Below, *Als Hitlers Adjutant*, p. 309.
19. Clemens Podewils, *Don und Volga*, Munique, 1952, p. 47.
20. Helmuth Groscurth, *Tagebücher eines Abwehroffiziers*, Stuttgart, 1970, p. 527.
21. Sgt. Fritz W., Ldsschutz.Btl.389, 9/7/42, BFZ-SS 05 951.
22. Friedrich Paulus, *Ich stehe hier auf Befehl*, Frankfurt, 1960, p. 157.
23. TsAMO 48/486/28, p. 8.
24. GARF 9401/1a/128, p. 121.
25. Yefim Abelevich Golbraikh em Drabkin (ed.), *Svyashchennaya voina*, pp. 114-15.
26. Podewils, *Don und Volga*, p. 107.
27. Richthofen KTB, 23.8.42, BA-MA N671/2/7/9, p. 140.
28. Conversa com o tenente-general Bernd Freiherr Freytag von Loringhoven, 23.10.95.
29. Berezikov, *History in the Making*, p. 193.
30. Alan Brooke, *War Diaries*, p. 301.
31. Ehrenburg, *Men, Years. Life* [*Memórias. A Guerra (1941-1945)*], vol. v, p. 78.
32. Bellamy, *Absolute War*, pp. 389-90.
33. Carta de Boris Antonov em 'Ot party do obeliska', *Nashavoing*, Moscou, 2005, p. 256.
34. Below, *Als Hitlers Adjutant*, p. 313.
35. ADAP Series E, vol. iii, pp. 304-7, citado em Kitchen, *Rommel's Desert War* [*Um mundo em chamas*], p. 286.
36. Sd. Heinrich R., 389. Div. Inf., 28.8.42, BFZ-SS 43 260.
37. Ch. Eduard R., 16.Pz. Div., 25-8/42, BFZ-SS 28 148.
38. Richthofen KTB, 23.8.42, BA-MA N671/2/7/9, p. 140.
39. TsAMO FSB 14/4/326, pp. 269-70.
40. TsA FSB 14/4/777, pp. 32-4.

23. Contra-ataque no Pacífico

1. Ernest J. King Papers, 30.3.42, citado em Spector, *Eagle against the Sun*, p. 143.
2. Robert Leckie, *Helmet for my Pillow*, Londres, 2010, p. 82.
3. Ibidem, p. 89.
4. Spector, *Eagle against the Sun*, p. 205.
5. Citado em ibidem, pp. 216-17.
6. Ten-CEL. Frank Owen, citado em William Fowler, *We Gave our Today: Burma, 1941-1945*, Londres, 2009, p. 82.
7. Citado em ibidem, p. 85.
8. Memorando para a Junta de Chefes de Estados-Maiores, MP, II, pp. 475-6.
9. Citado em Van de Ven, *War and Nationalism in China*, p. 36.

24. Stalingrado

1. Citado em Volkogonov, *Stalin: Triumph e Tragedy* [*Stalin: Triunfo e tragédia*], p. 461.
2. RGALI 1710/3/50.
3. KTB OKW, vol. II/1, p. 669.
4. TsA FSB 114/4/326, pp. 167-8.
5. TsA FSB 14/4/943, pp. 38-9.
6. Domarus, vol. II, p. 1908.
7. Sobre a crise List-Jodl no quartel-general do Führer ver também Kershaw, *Hitler, 1936-1945: Nemesis*, pp. 532-3.
8. Walter Warlimont, *Im Hauptquartier der deutschen Wehrmacht, 1939-1945*, Frankfurt, 1962, p. 269.
9. Sergo Beria, *Beria, my Father: Inside Stalin's Kremlin*, Londres, 2001, p. 85.
10. Vasily Chuikov, *The Beginning of the Road: The Battle for Stalingrad*, Londres, 1963, pp. 84-89.
11. Diário do oficial político assistente Sokolov, 92º Reg. Res., 11/9/42, TsA FSB 40/31/577, p. 42.
12. Ch. Gefreiter, 389. Div. Inf., BfZ-SS.
13. Selivanovsky, chefe do Departamento Especial da Frente de Stalingrado, TsA FSB 14/4/326, pp. 220-3.
14. Diário de Anurin, 7/9/42 (coleção particular, Moscou).
15. 1/4/43, TsA FSB 3/10/136, pp. 45-73.
16. TsAMO 48/486/24, p. 162.
17. Dobronin para Shcherbakov, 8/10/42, TsAMO 48/486/24, p. 74.
18. Ibidem, p. 77.
19. Dobronin para Shcherbakov, 11/11/42, TsAMO 48/486/25, pp. 138-9.
20. Amza Amzaevich Mamutov, <http://www.iremember.ru/pekhotintsi/mamutovamzaamzaevich/stranitsa3.html>.
21. *Stalinskoe Znamya*, 8/9/42, TsAMO 230/586/1, p. 79.
22. Koshcheev para Shcherbakov, 17/11/42, TsAMO 48/486/25, p. 216.
23. Anônimo, 29ª Div. Inf. (mot.), 15/9/1942, BfZ-SS.
24. Dobronin para Shcherbakov, 4/10/42, TsAMO 48/486/24, p. 48.
25. Amza Amzaevich Mamutov, <http://www.iremember.ru/pekhotintsi/mamutovamza-amzaevich/stranitsa3.html>.
26. Belousov, Destacamento Especial da Frente de Stalingrado, 21/9/42, TsA FSB 14/4/326, pp. 229-30.
27. Ilya Shatunovsky, 'I ostanetsya dobryi sled', em *Vsem smertyam nazlo*, Moscou, 2000.
28. Segundo Departamento Especial do NKVD para Beria e Abakumov, 4/9/42, TsA FSB 14/4/913, pp. 27-31.
29. TsA FSB 41/51/814, p. 7.
30. Documentos de Grossman, RGALI 1710/3/50.
31. Subof. Alois Heimeser, 297th Infantry Division, 14/11/42, TsA FSB. 40/22/11, pp. 62-5.
32. Vladimir Vladimirovich Gormin, *Novgorodskaya Pravda*, 21.4.95.
33. Ibidem.
34. 4/11/42, TsAMO 48/486/25, p. 47.
35. TsAMO 48/486/25, pp. 176-7.
36. Koshcheev para Shcherbakov, 14/11/42, TsAMO 48/486/25, p. 179.
37. TsAMO 62/335/7, 48/453/13, 206/294/12, 206/294/47, 206/294/48, 226/335/7.
38. Dobronin para Shcherbakov, 8/10/42, TsAMO 48/486/24, p. 81.
39. Interrogatório, 4/3/43, TsAMO 226/335/7, p. 364.
40. Garver, *Chinese-Soviet Relations*, pp. 169-77.
41. Vladimir Vladimirovich Gormin, *Novgorodskaya Pravda*, 21/4/95.
42. TsAMO. 48/486/24, p. 200.
43. Koshcheev para Shcherbakov, 6/11/42, TsAMO 48/486/25, p. 69.
44. TsAFSB 40/22/12, pp. 96-100.
45. Ch. Gelman, citado em projeto da Universidade de Volgogrado, AMPSPB.
46. Ch. H.S., 389. Div. Inf., 5/11/42, BfZ-SS.
47. Citado em Documentos de Grossman, RGALI 1710/1/100.
48. Domarus, vol. II, pp. 1937-8.
49. Documentos de Grossman, RGALI 618/2/108.
50. TsA FSB 14/4/326, p. 307.
51. Zhukov, *Kakim my vego pomnim*, p. 140.
52. TsAMO 48/453/13, p. 4.
53. Interrogatório de tenente da cavalaria romena, 26/9/42, TsAMO 206/294/47, p. 561.
54. TsAMO 48/453/13, pp. 4-7.
55. TsA FSB 14/4/326, pp. 264-7.
56. Professor O. A. Rzheshesky no Seminário Stalingrado, Londres, 9/5/2000.
57. S. I. Isaev, 'Vekhi frontovogoputi', *VIZh*, nº 10, out. 1991, pp. 22-5.
58. David Glantz sobre a Operação Marte: ver o seu livro *General Zhukov's Greatest Defeat: The Red Army's Epic Disaster in Operation Mars, 1942*, Londres, 2000.
59. Gen. Ex. M. A. Gareev, sessão do Comitê Nacional de Historiadores Russos de 28/12/99. Agradeço ao professor Oleg Rzheshesky, presidente da Associação Russa de Historiadores da II Guerra Mundial por enviar-me o seu *Information Bulletin* nº5, 2000, com o registro da reunião.
60. Pavel Sudoplatov, *Special Tasks: The Memoirs of an Unwanted Witness — A Soviet Spymaster*, Londres, 1994, p. 159.
61. Ehrenburg, *Men, Years — Life* [*Memórias. A Guerra (1941-1945)*], vol. V, pp. 80-1.
62. Para as baixas soviéticas na Operação Marte: ver Glantz, *Zhukov's Greatest Defeat*, pp. 304, 318-19 e 379.
63. BA-MA RW4/v.264, p. 157.
64. Koshcheev para Shcherbakov, 21/11/42, TsAMO 48/486/25, p. 264.
65. BA-MA RH 20-6/241.
66. Carta de 21/9/42, TsA FSB 40/22/142, p. 152.

25. Alamein e a Torch

1. Below, *Als Hitlers Adjutant*, p. 322.
2. Citado em Kitchen, *Rommel's Desert War*, p. 316.
3. BAMA RH/19/VIII/34^o.
4. Sobre a viagem de Hitler a Munique, ver Kershaw, *Nemesis*, p. 539.
5. *TBJG*, parte II, vol. vi, p. 259.
6. Sobre a campanha de Madagascar, ver Smith, *England's Last War against France*, pp. 281-355.
7. Edouard Herriot, *Épisodes, 1940-1944*, Paris, 1950, p. 75.
8. Citado em Jean Lacouture, *De Gaulle: The Rebel, 1890-1944*, Nova York, 1990, p. 397 [*De Gaulle*, São Paulo: Moraes, 1966].
9. Citado em Rick Atkinson, *An Army at Dawn: The War in North Africa, 1942-1943*, Nova York, 2003, p. 123.
10. Diário de Guy Liddell, 6/1/43, TNA KV 4/191.
11. Atkinson, *An Army at Dawn*, p. 160.

26. O Sul da Rússia e a Tunísia

1. BA-MA RH 20-6/241.
 2. GBP.
 3. BA-MA N601/v.4, p. 3.
 4. Manfred Kehr, *Stalingrad: Analyse und Dokumentation einer Schlacht*, Stuttgart, 1974, p. 562.
 5. Sobre a discussão dos números e suas diversas fontes, ver Antony Beevor, *Stalingrad*, Londres, 1998, pp. 439-40 [*Stalingrado. O cerco fatal*, Rio de Janeiro: Record, 2002]; Rudiger Overmans, p. 388; 'Das andere Gesicht des Krieges. Leben und Sterben der 6. Armee', em Jürgen Forster (ed.), *Stalingrad: Ereignis, Wirkung, Symbol*, Munique, 1992, p. 442; BA-MA RH20-6/239, p. 226; Peter Hild, 'Partnergruppe zur Aufklärung von Vermissungsschicksalen deutscher und russischer Soldaten des 2. Weltkrieges', em A. E. Epifanov (ed.), *Die Tragödie der deutschen Kriegsgefangenen in Stalingrad*, Osnabrück, 1996, p. 29.
 6. 12/12/42, TsA FSB 40/22/11, pp. 77-80.
 7. NKVD interrogatório na Frente do Don, 12/12/42, Sd. Karl Wilniker, 376^a Div. Inf., TsA FSB 14/5/173, p. 223.
 8. Sd. K.P., 14.12.42, BfZ-SS.
 9. Capelão divisionário dr. Hans Mühle, 305^a Div. Inf., 18.1.1943, BA-MA N241/42.
 10. H. Paschke; "Se perdermos a guerra": Hugo Miller, ambas de 25/1/43, GBP.
 11. Citado em Atkinson, *An Army at Dawn*, p. 197.
- Sobre o envolvimento da SOE no assassinato de Darlan e reação da OSS, baseei-me em conversas com o finado Sir Douglas Dodds Parker, Sir Brookes Richards, Evangeline Bruce e Lloyd Cutler.
12. Conversa com Susan Mary Alsop.
 13. BA-MA N395/12.
 14. Capelão divisionário dr. Hans Mühle, 305^a Div. Inf., 18/1/1943, BA-MA N241/42.
 15. BA-MA RH20-6/236.
 16. TsA FSB 40/28/38, pp. 6-72.
 17. TsA FSB 40/28/38, pp. 52-3.
 18. Capelão divisionário dr. Hans Mühle, 305^a Div. Inf., 18/1/1943, BA-MA N241/42.
 19. TsA FSB 14/4/1330, p. 17.
 20. Abakumov para Vishinsky sobre as atrocidades dos soldados alemães com prisioneiros de guerra soviéticos, 2/9/43, TsA FSB 14/5/1, pp. 228-35.
 21. Sobre os prisioneiros soviéticos que morreram em Gumrak ao serem alimentados: Yevgeny Fyodorovich Okishev em Drabkin (ed.), *Svyashchennaya voyna*, p. 222.
 22. BA-MA RH19VI/12, p. 324.
 23. BA-MA RW4/v. 264.
 24. Zakhary Ravzman, relato pessoal. Agradeço ao seu neto, Val Ravzman, por repassá-lo a mim.
 25. BA-MA RL 5/793.
 26. GSWW, vol. ix/1, p. 589.
 27. *Deutsche Wochenschau*, fev. 1943. Discurso do *Totaler Krieg* de Goebbels: Ursula von Kardorff, *Berliner Aufzeichnungen, 1942 bis 1945*, Munique, 1997, pp. 67-8.

27. Casablanca, Kharkov e Túnis

1. Keith Douglas, *Alamein to Zem-Zem*, Londres, 1992, p. 73.
2. *Ibidem*, p. 80.
3. Citado em Atkinson, *An Army at Dawn*, p. 289.
4. Diário, 16/1/43, Martin Blumenson (ed.), *The Patton Papers*, vol. ii: 1940-1945, Boston, 1974, p. 155.
5. Alan Brooke, *War Diaries*, p. 361.
6. Diário, 12/4/43, Blumenson (ed.), *The Patton Papers*, vol. ii, p. 218.
7. Macmillan para Richard Crossman em Nigel Fisher, *Harold Macmillan*, Nova York, 1967, pp. 100-1.
8. Eisenhower para Paul Hodgson, 4/12/42, EP 687, citado em Crosswell, *Beetle*, p. 360.
9. Irina Dunaevskaya, 15-16/1/43, em *Zvezda*, n° 5, 2010, p. 64.
10. Dmitri Kabanov, *Pamyat pisem ili chelovek iz tridzatchetverki*, Moscou, 2006, p. 36.
11. VCD, 22.2.43.
12. Sobre a Divisão azul, ver Payne, *Franco and Hitler*, pp. 146-54; X. Moreno Juliá, *La División Azul: Sangre española en Rusia, 1941-1945*, Barcelona, 2004; Jorge M. Reverte, *La División Azul: Rusia 1941-1944*, Barcelona, 2011, p. 407.
13. Nikolai Aykhayev, *Far Eastern Affairs*, n° 4, 1990, p. 124.
14. Ivan Ivanovich Korolkov, 10/2/43, em *Pisma o gennogo rubezha (1941-1945)*, São Petersburgo, 1992, pp. 30-4.
15. Guy Sajer, *The Forgotten Soldier*, Londres, 1993, p. 149.
16. Sobre as forças relativas no front oriental: Glantz e House, *When Titans Clashed*, p. 151.
17. Sobre as mulheres no Exército Vermelho e em Stalingrado, ver Reina Pennington, 'Women and the Battle of Stalingrad', em Ljubica Erickson e Mark Erickson (eds), *Russia: War, Peace and Diplomacy*, Londres, 2005.
18. Ehrenburg, *Men, Years — Life* [*Memórias. A Guerra (1941-1945)*], vol. v, pp. 81-2.
19. Yevgeny Fyodorovich Okishev em Drabkin (ed.), *Svyashchennaya voyna*, p. 172.
20. Documentos de Grossman, RGALI 1710/3/50.
21. Ch. Karl B., 28/12/42, 334. Div. Inf., BfZ-SS 48 037A.
22. Ch. Siegfried K., 15. Div. Pz., 16.2.43, BfZ-SS 09 348.
23. Citado em John Ellis, *The Sharp End: The Fighting Man in World War II*, Londres, 1993, p. 265.

24. Atkinson, *An Army at Dawn*, p. 389.
25. Blumenson (ed.), *The Patton Papers*, vol. ii, p. 163.
26. Atkinson, *An Army at Dawn*, p. 402.
27. John Kenneally, *The Honour and the Shame*, Londres, 1991, pp. 83-5.

28. A Europa Cercada por Arame Farpado

1. Mark Mazower, *Hitler's Empire: Nazi Rule in Occupied Europe*, Londres, 2008, p. 459.
2. Citado em *ibidem*, p. 152.
3. GSWW, vol. ii, p. 322.
4. Citado em Terry Charman, 'Hugh Dalton, Poland and SOE, 1940-42', em Mark Seaman (ed.), *Special Operations Executive: A New Instrument of War*, Londres, 2006, p. 62.
5. Citado em J. G. Beevor, *SOE: Recollections and Reflections, 1940-1945*, Londres, 1981, p. 64.
6. Ten. Peter G., 714. Div. Inf., 24.6.41, BFZ-SS 41 768 B.
7. Browning, *The Origins of the Final Solution*, p. 339.
8. Citado em *ibidem*, p. 423.
9. GSWW, vol. ii, p. 323.
10. Collingham, *The Taste of War*, p. 172.
11. Conversa com Sir Brookes Richards, 1993.
12. Diário de Guy Liddell, 14/1/43, TNA KV 4/191.
13. Conversa com o general Pierre de Benouville, jan. 1993.
14. Thomas Polak, *Stalin's Falcons: The Aces of the Red Star*, Londres, 1999, p. 355.
15. Mazower, *Hitler's Empire*, pp. 476-7.
16. Para o melhor relato, ver M. R. D. Foot, *SOE in the Low Countries*, Londres, 2001.
17. Collingham, *The Taste of War*, p. 175.
18. Jens-Anton Poulsson, *The Heavy Water Raid*, Oslo, 2009.

29. A Batalha do Atlântico e o Bombardeio Estratégico

1. Alan Brooke, *War Diaries*, p. 285.
2. John Colville, *The Fringes of Power*, p. 145.
3. SOAG, vol. iv, pp. 205-13.
4. PP, pasta 2c, citado em Tami Davis Biddle, *Rhetoric and Reality in Air Warfare: The Evolution of British and American Ideas about Strategic Bombing, 1914-1945*, Princeton, 2002, p. 2.
5. *Ibidem*, p. 69.
6. Trenchard, citado em *ibidem*, p. 71.
7. Memorando do Almirantado de abril de 1932, citado em Uri Bialer, *The Shadow of the Bomber*, Londres, 1980, p. 24.
8. P. B. Joubert de la Ferte, 'The Aim of the Royal Air Force', maio de 1933, TNA AIR 2/675.
9. TNA AIR 14/249.
10. Citado em Biddle, *Rhetoric and Reality in Air Warfare*, p. 188.
11. Sobre as vidas das tripulações dos bombardeiros, ver Patrick Bishop, *Bomber Boys*, Londres, 2008, e Daniel Swift, *Bomber County*, Londres, 2010.
12. Citado em Swift, *Bomber County*, p. 56.
13. *Ibidem*, p. 70.
14. Bishop, *Bomber Boys*, p. 48.
15. Below, *Als Hitlers Adjutant*, p. 308.
16. Donald L. Miller, *The Eighth Air Force: The American Bomber Crews in Britain*, Nova York, 2006, pp. 58-9.
17. Citado em Swift, *Bomber County*, p. 95.
18. Citado em Bishop, *Bomber Boys*, p. 103.
19. Miller, *Eighth Air Force*, pp. 89-136.
20. Donald L. Miller, *Eighth Air Force*, p. 109.
21. Diretriz de Casablanca, citada em Biddle, *Rhetoric and Reality in Air Warfare*, p. 215.
22. Para os relatos alemães, ver Jörg Echternkamp (ed.), *Die Deutsche Kriegsgesellschaft, 1939 bis 1945*, Munique, 2004; Rosa Maria Ellscheid, *Erinnerungen von 1896-1987*, Colônia, 1988; Jörg Friedrich, *Der Brand. Deutschland im Bombenkrieg, 1940-1945*, Munique, 2002; Olaf Groehler, *Bombenkrieg gegen Deutschland*, Berlim, 1990; Hans Willi Hermans, *Köln im Bombenkrieg, 1942-1945*, Wartberg, 2004; Heinz Pettenberg, *Starke Verbände im Anfl ug auf Köln. Eine Kriegsschronik in Tagebuchnotizen 1939-1945*, Colônia, 1981; Martin Ruther, *Köln im Zweiten Weltkrieg. Alltag und Erfahrungen zwischen 1939 und 1945*, Colônia, 2005; Martin Ruther, 31. Mai 1942, *Der Tausend-Bomber-Angriff*, Colônia, 1992; Dr P. Simon, *Köln im Luftkrieg. Ein Tatsachenbericht über Fliegeralarme und Fliegerangriffe*, Colônia, 1954; Anja vom Stein, *Unser Köln. Erinnerungen 1910-1960. Erzählte Geschichte*, Colônia, 1999.
23. Hermans, *Köln im Bombenkrieg*, p. 30.
24. Pettenberg, *Starke Verbände im Anfl ug auf Köln*, pp. 162-8.
25. Lina S. em Ruther, *Köln im Zweiten Weltkrieg*, p. 167.
26. *Ibidem*, p. 243.
27. Heinz Boberach (ed.), *Meldungen aus dem Reich, Die Geheimen Lageberichte des Sicherheitsdienstes der SS, 1938-1945*, Herrsching, 1984.
28. Friedrich, *Der Brand*, pp. 112-18, 191-6; Bishop, *Bomber Boys*, pp. 125-9; Miller, *Eighth Air Force*, pp. 180-4; Keith Lowe, *The Devastation of Hamburg, 1943*, Londres, 2007.
29. Citado em Miller, *Eighth Air Force*, p. 198.
30. *Ibidem*, p. 199.
31. *TBJG*, part II, vol. x, 27/11/43, p. 136.
32. Kardorff, *Berliner Aufzeichnungen*, p. 153.
33. Friedrich, *Der Brand*, pp. 119-21, 483-7; Bishop, *Bomber Boys*, pp. 206-14, 293-4; Moorhouse, *Berlin at War*, 318-35.
34. Harris para Sir Arthur Street, subsecretário de Estado no Ministério da Aeronáutica, 25/10/43, TNA AIR 14/843, citado em Biddle, *Rhetoric and Reality in Air Warfare*, p. 22.
35. Biddle, *Rhetoric and Reality in Air Warfare*, p. 229.
36. Swift, *Bomber County*, p. 143.
37. Citado em Friedrich, *Der Brand*, p. 101.

30. O Pacífico, a China e a Birmânia

1. Citado em Rafael Steinberg, *Island Fighting*, Nova York, 1978, p. 194.
2. Leckie, *Helmet for my Pillow*, p. 214.
3. Kawano, 'Japanese Combat Morale', em Peattie, Drea e van de Ven, *The Battle for China*, p. 328.
4. Wasserstein, *Secret War in Shanghai*, p. 239.
5. Alan Brooke, *War Diaries*, p. 479.
6. Ibidem, 19.4.43, p. 394.

31. A Batalha de Kursk

1. Para a melhor análise da operação Kursk ver David M. Glantz e Jonathan M. House, *The Battle of Kursk*, Lawrence, Kan., 1999; também Bellamy, *Absolute War*.
2. Citado em Bellamy, *Absolute War*, p. 577.
3. Gen. Heinz Guderian, *Panzer Leader*, Nova York, 1952, p. 247.
4. Mikhail Petrovich Chebykin: <<http://www.iremember.ru/pekhotintsi/chebikinmikhailpetrovich/>>.
5. Glantz and House, *The Battle of Kursk*, p. 65.
6. Patrick Agte, *Michael Wittmann and the Waffen SS Tiger Commanders of the Leibstandarte in World War II*, Mechanicsburg, Pa, 2006, vol. i, p. 60.
7. Christopher Andrew e Vasiliv Mitrokhin, *The Mitrokhin Archive: The KGB in Europe and the West*, Londres, 2000, pp. 135, 156, 159.
8. Conversa com Victor Cazalet.
9. Asp. Werner K., 2.Btrr./e.Flak Abt.74, BfZ-SSL 20 909.
10. Subof. Herbert Peter S., 19. Div. Pz., 7/7/43, BfZ-SS 13 925.
11. Sd. Karl K., 36. Div. Inf., 7.7.43, BfZ-SS 08 818C.
12. As da aviação *Michael Wittmann*, p. 100.
13. 1º Sgt. Willy P., 167. Div. Inf., BfZ-SS 19 279 D.
14. RGALI 1710/3/51.
15. Subof. Ludwig D., Stabs Btrr./Art.Rgt.103, 4. Div. Pz., 12.7.43, BfZ-SS 44 705.
16. Reshat Zevadinovich Sadredinov, 4º Bat. do 1362º Reg. Antiaéreo, 25º Div. Antiaérea, em Drabkin (ed.), *Svyashchennaya voyna*, p. 137.
17. RGALI 1710/3/51.
18. RGALI 1710/3/51.
19. RGALI 1710/3/51.
20. Sobre as baixas do IX Exército ver Glantz e House, *The Battle of Kursk*, p. 121.
21. Pavel Rotmistrov, 'Tanks against Tanks', em John Erickson (ed.), *Main Front: Soviet Leaders Look Back on World War II*, Londres, 1987, pp. 106-9.
22. Ten. Paul D., III.Gru./St.G.2 'Immelmann', 18/7/43, BfZ-SS I. 16 641.
23. Amza Amzaevich Mamutov, <http://www.iremember.ru/pekhotintsi/mamutovamzaamzaevich/stranitsa3.html>.
24. Of. Sv. Sau. Helmut P., 198. Div. Inf., 10/7/43, BfZ-SS 29 740.
25. Ten. Paul D., III.Gru./St.G.2 'Immelmann', 10/7/43, BfZ-SS I. 16 641.
26. Sgt. Robert B., 6. Div. Pz., 10/7/43, BfZ-SS 24 924.
27. Citado em Frank Kurowski, *Panzer Aces*, Winnipeg, 1992, p. 279.
28. Rudolf Lehmann, *The Leibstandarte*, vol. iii, Winnipeg, 1993, p. 234, citado em Glantz e House, *The Battle of Kursk*, p. 185.
29. Anatoly Volkov, citado em Lloyd Clark, 'The Battle of Kursk 1943' em *The Wishstream*, 2010, p. 140.
30. Amza Amzaevich Mamutov, <http://www.iremember.ru/pekhotintsi/mamutovamzaamzaevich/stranitsa3.html>.
31. Ibidem.
32. Ten. Paul D., III.Gru./St.G.2 'Immelmann', 18/7/43, BfZ-SS I. 16 641.
33. Glantz e House, *The Battle of Kursk*, pp. 246-7.
34. RGALI 1710/3/50.
35. RGALI 1710/3/50.
36. BAMA RH 13/50, citado em GSWW, vol. ix/1, p. 597.
37. Ibidem, p. 598.

32. Da Sicília à Itália

1. Alan Brooke, *War Diaries*, 15.4.43, p. 393.
2. Citado em Hastings, *Finest Years*, p. 375.
3. Blumenson (ed.), *The Patton Papers*, vol. ii, 28.4.43, p. 234.
4. Ibidem, p. 237.
5. Alan Brooke, *War Diaries*, p. 414.
6. Jack Belden, *Still Time to Die*, Nova York, 1943, p. 269.
7. Citado em Rick Atkinson, *The Day of Battle: The War in Sicily and Italy, 1943-1944*, Nova York, 2007, p. 40.
8. Blumenson (ed.), *The Patton Papers*, vol. ii, p. 280.
9. Joe Kelley, SWWEC.
10. Blumenson (ed.), *The Patton Papers*, vol. ii, p. 291.
11. Ibidem, 20/7/43, p. 295.
12. Jim Williams, SWWEC.
13. Citado em Denis Mack Smith, *Mussolini*, Londres, 1981, p. 327.
14. Atkinson, *The Day of Battle*, pp. 147-8.
15. Blumenson (ed.), *The Patton Papers*, vol. ii, pp. 313-14.
16. *TBJG*, parte II, vol. ix, p. 460.
17. Reg Crang, SWWEC, *Everyone's War*, nº 20, inverno de 2009.
18. GBP, dezembro de 1943.
19. Below, *Als Hitlers Adjutant*, p. 347 ('ein gebrochener Mann').
20. Michael Howard, *Captain Professor: A Life in War and Peace*, Londres, 2006, p. 73.
21. Nachlass Jodl, 7/11/43, BA-MA N 69/17.

33. A Ucrânia e a Conferência de Teerã

1. [RGALI 619/1/953](#).
2. Reshat Zevadinovich Sadredinov em Drabkin (ed.), *Svyashchennaya voyna*, p. 196.
3. Mikhail Petrovich Chebykin <http://www.iremember.ru/pekhotints/chebikinmikhailpetrovich/>.
4. GBP.
5. [RGALI 1710/1/100](#).
6. [RGALI 1710/1/101](#).
7. *Moskovskaya Konferentsiya Ministrov Inostrannykh Del SSSR, SShA i Velikobritanii*, Moscou, 1984, citado em Roberts, *Stalin's Wars*, p. 177.
8. GBP.
9. Alan Brooke, *War Diaries*, 23.11.43, p. 477.
10. Berezhkov, *At Stalin's Side*, p. 239.
11. Berezhkov, *History in the Making*, p. 259.
12. Citado em Roberts, *Stalin's Wars*, p. 181.
13. Beria, *Beria, my Father*, p. 92.
14. *Ibidem*, p. 93.
15. *Ibidem*, p. 94.
16. *Ibidem*, p. 95.
17. Charles Moran, *Winston Churchill: The Struggle for Survival, 1940-1945*, Londres, 1966, 28 e 29 de novembro de 1943.
18. Dwight D. Eisenhower, *Crusade in Europe*, Londres, 1948, p. 277 [*Cruzada na Europa*, Rio de Janeiro: Bibliex, 1974].
19. Alan Brooke, *War Diaries*, 7/12/43, p. 492.
20. 27/1/44, *GSWW*, vol. ix/1, p. 614.
21. Werth, *Leningrad*, p. 81.

34. A Shoah pelo Gás

1. SS Brigadeführer dr. Werner Best, citado em Padfield, *Himmler*, p. 361.
2. Browning, *The Origins of the Final Solution*, p. 415.
3. Rudolf Hoess, *Commandant of Auschwitz*, Londres, 2000, p. 121.
4. *Ibidem*, p. 124.
5. Hermann Muller, citado em Diarmuid Jeffreys, *Hell's Cartel: IG Farben and the Making of Hitler's War Machine*, Nova York, 2008, p. 322.
6. Relatório de Shikin, chefe do Departamento Político Central do Exército Vermelho, 9/2/45, RGASPI 17/125/323, pp. 1-4.
7. 24/4/43, IMT 1919 PS.
8. Jeffreys, *Hell's Cartel*, p. 327.
9. *Ibidem*, p. 328.
10. Hoess, *Commandant of Auschwitz*, p. 19, introdução de Primo Levi.
11. *Ibidem*, p. 135.
12. *Ibidem*, p. 149.
13. *Ibidem*, p. 152.
14. [RGALI 1710/1/123](#).
15. *Ibidem*.
16. *Ibidem*.
17. Citado em Kershaw, *Hitler, 1936-1956: Nemesis*, p. 605.
18. BA-B NS 19/4014, citado em *GSWW*, vol. ix/1, pp. 628-9.

35. Itália — O Duro Ventre Macio

1. Nigel Hamilton, *Monty: Master of the Battlefield, 1942-1944*, Londres, 1985, p. 405.
2. Atkinson, *The Day of Battle*, p. 237.
3. Hamilton, *Monty: Master of the Battlefield*, p. 409.
4. Nigel Nicolson, *Alex: The Life of Field Marshal Earl Alexander of Tunis*, Londres, 1973, p. 163.
5. Harry C. Butcher, *Three Years with Eisenhower*, Londres, 1946, 23/11/43, p. 384.
6. Alan Brooke, *War Diaries*, 7/10/43, p. 458.
7. *Ibidem*, p. 459.
8. Clarke, *The Eleventh at War*, p. 319.
9. Atkinson, *The Day of Battle*, p. 260.
10. GBP, novembro de 1943.
11. Hamilton, *Monty: Master of the Battlefield*, p. 439.
12. GBP.
13. Kenneally, *The Honour and the Shame*, p. 142.
14. Alan Brooke, *War Diaries*, 6/1/44, p. 510.
15. Kenneally, *The Honour and the Shame*, p. 152.
16. Citado em Atkinson, *The Day of Battle*, p. 355.
17. Richard Evans, *The Third Reich at War [O Terceiro Reich no Poder]*, pp. 477-8.
18. Kenneally, *The Honour and the Shame*, p. 158.
19. *Ibidem*, p. 165.
20. Atkinson, *The Day of Battle*, p. 426.
21. Alan Brooke, *War Diaries*, 29/2/44, p. 527.
22. Atkinson, *The Day of Battle*, pp. 488-9.
23. *TBJG*, parte II, vol. vii, 8/2/43, p. 296.

36. A Ofensiva Soviética na Primavera

1. Manstein, *Lost Victories*, pp. 500-5.
2. Ibidem, p. 671.
3. GSWW, vol. ix/1, p. 805.
4. Glantz e House, *When Titans Clashed*, p. 179-81.
5. Beria, *Beria, my Father*, p. 130.
6. John Erickson, *The Road to Berlin*, Londres, 1983, pp. 177-9.
7. GBP, dez. 1943.
8. Operação Leningrado-Novgorod: Bellamy, *Absolute War*, pp. 404-8.
9. Pavel Zolotov, *Zapiski minomyotchika, 1942-1945*, Moscou, 2009, p. 107.
10. Ibidem, pp. 112, 119.
11. Werth, *Leningrad*, p. 188.
12. VCD, 8.2.44.
13. GSWW, vol. ix/1, pp. 689-90.
14. TsKhIDK 451p/3/7.

37. O Pacífico, a China e a Birmânia

1. Eichelberger, citado em Ellis, *The Sharp End*, p. 19, 2. van de Ven, *War and Nationalism in China*, p. 46.
3. Hara Takeshi, 'The Ichigo Offensive', em Peattie, Drea e van de Ven, *The Battle for China*, pp. 393-4.
4. Ibidem, p. 397.
5. Citado em Theodore H. White, *In Search of History*, Nova York, 1978, p. 142.
6. Spector, *Eagle against the Sun*, p. 350.
7. Brig. Bernard Fergusson, IMW 2586, citado em Julian Thompson, *Forgotten Voices of Burma*, Londres, 2009, p. 158.
8. Ten. Richard Rhodes James, 111^a Brig., IWM 19593.
9. Maj. Desmond Whyte, RAMC, 111^a Bda, IWM 12570.
10. Citado em Louis Allen, *Burma: The Longest War*, Londres, 1984, pp. 320-1.
11. Maj. John Winstanley, B Company, 4^o Btl, Rgt Real da Rainha de West Kent, IWM 17955.
12. Maj. Harry Smith, QG da companhia, 4^o West Kents, IWM 19090.
13. Asano Toyomi, 'Japanese Operations in Yunnan and North Burma', em Peattie, Drea e van de Ven, *The Battle for China*, pp. 365-6, 369-71.
14. Spector, *Eagle against the Sun*, p. 359.
15. Ten. K. Cooper, citado em Ellis, *The Sharp End*, p. 84.
16. Citado em Fowler, *We Gave our Today*, p. 147.
17. Kawano, 'Japanese Combat Morale', em Peattie, Drea e van de Ven, *The Battle for China*, p. 349.
18. Hagiwara, 'Japanese Air Campaigns in China', em Peattie, Drea e van de Ven, *The Battle for China*, pp. 250-1.
19. Drever, *China at War*, pp. 284-5.
20. White e Jacoby, *Thunder out of China*, p. 183.
21. Samuel Eliot Morison, *History of United States Naval Operations in World War II*, vol. viii: *New Guinea and the Marianas*, Annapolis, Md, 2011, p. 302.

38. A Primavera de Expectativas

1. Butcher, *Three Years with Eisenhower*, 18.1.44, p. 403.
2. Bedell Smith para Eisenhower, 5/1/44, COSSAC File, documentos de W. Bedell Smith, citado em Crosswell, *Beetle*, p. 557.
3. Citado em Lacouture, *De Gaulle*, p. 508.
4. Citado em Atkinson, *The Day of Battle*, p. 516.
5. Ibidem, p. 528.
6. Alan Brooke, *War Diaries*, p. 561.
7. Marechal de campo Earl Alexander de Túnis, *The Alexander Memoirs, 1940-1945*, Londres, 1962, p. 127.
8. Vernon A. Walters, *Silent Missions*, Nova York, 1978, p. 97 [Missões silenciosas, Rio de Janeiro: Bibliex, 1917], citado em Atkinson, *The Day of Battle*, p. 575.
9. General de infantaria Blumentritt, interrogatório 6.8.45, NA II 407/427/24231.
10. Conversa com Clive Duncan, a quem agradeço muito por este detalhe em uma carta, 7/9/11.
11. Bill Goff, HMS *Scylla*, SWWEC, *Everyone's War*, n^o 20, inverno de 2009.
12. Harley A. Reynolds, 'The First Wave', *American Valor Quarterly*, primavera/verão de 2009, pp. 15-22.
13. FMS B 403.
14. Reynolds, 'The First Wave', *American Valor Quarterly*, primavera/verão de 2009, pp. 15-22.
15. Hamilton, *Monty: Master of the Battlefield*, p. 621.

39. A Bagration e a Normandia

1. Ten. Rudolf F., 6.Div. Inf., 23.6.44, BfZ-SS 27 662 A.
2. Subof. Julfried K., Pz. Aufkl. Abt. 125, 25. Div. Pz. Gren., 24/6/44, BfZ-SS 45 402.
3. Ten. Degan, citado em Paul Adair, *Hitler's Greatest Defeat*, Londres, 1994, p. 106.
4. Subof. Alfons F., 206th Div. Inf., 28.6.44, BfZ-SS 56601 C.
5. Documentos de Grossman, RGALI 1710/3/50.
6. Cartas de Vladimir Tsoglin à mãe, em I. Altman (ed.), *Sokhrani moi pismo*, Moscou, 2007, pp. 260-75.
7. Cb. Sv. Sau. Otto H., Herres-Betr. Kp. 6, 13.7.44, BfZ-SS 24740.
8. Sgt. Otto L., Fl.H.Kdtr. (E) 209/XVII, 10.7.44, BfZ-SS I 55 922.
9. Documentos de Grossman, RGALI 1710/3/47.
10. Rees, *World War II behind Closed Doors*, p. 274.
11. Sgt. Otto L., Fl.H.Kdtr. (E) 209/XVII, 10.7.44, BfZ-SS I 55 922.

12. CB. Heinrich R., Bau Pi, Btl.735, 26.7.44, BfZ-SS 03 707 D.
13. Sgt. Karl B., Rgts. Gru.332, 28.7.44, BA-MA H 34/1.
14. Erika S., Ragnit, 28.7.44, BA-MA H34/1.
15. P. I. Trovanovsky, *Na vosmi frontakh*, Moscou, 1982, p. 183.
16. RGALI 1710/1/123.
17. Sou grato ao sr. S. W. Kuhlmann por enviar-me uma fotocópia da caderneta de campo do seu pai com esta instrução, 5/2/11.
18. G. Steer, 1/4th KOYLI, SWWEC 2002.1644.
19. 27/6/44, TNA KV 9826.
20. C. J. C. Molony, *The Mediterranean and Middle East*, Londres, 1984, vol. vi, parte 1, p. 511, citado em Atkinson, *The Day of Battle*, p. 300.
21. Myles Hildyard, diário inédito, 22/6/44 (coleção particular).
22. Blumentritt, ETHINT 73.
23. Citado em Martin Blumenson, *The Duel for France 1944*, Nova York, 2000, p. 23.
24. Peter Lieb, *Konventioneller Krieg oder Weltanschauungskrieg? Kriegführung und Partisanenbekämpfung in Frankreich 1943/44*, Munique, 2007, p. 176 ('schmutziger Buschkrieg').
25. Albert J. Glass, 'Lessons Learned', em Albert J. Glass (ed.), *Neuropsychiatry in World War II*, Washington, DC, Diretoria de Saúde, 1973, vol. ii, pp. 1015-23.
26. Montgomery citado em GBP.
27. 14/7/44, PDDE, p. 2004.

40. Berlim, Varsóvia e Paris

1. GSWW, vol. ix/1, p. 855.
2. Smith, *Mussolini*, p. 358.
3. GSWW, vol. ix/1, p. 829.
4. *Ibidem*, p. 912.
5. Sgt. Heinrich R., Bau Pi. Btl.735, 5/7/44, BfZ-SS 03 707 D.
6. Dr. K., Feldlaz.8, 8. Div. Jäg., BA-MA RH 13 v.53.
7. Subof. Werner F. 12. Div. Pz., 28/7/44, BfZ-SS 23 151 E.
8. Artilheiro, 26.7.44, BA-MA H 34/1.
9. Sgt. M., Div. Vers. Reg. 195, 27/7/44, BA-MA H 34/1.
10. Citado em Roberts, *Masters and Commanders* [Mestres e comandantes], p. 504.
11. Keitel e Jodl, FMS A-915.
12. Ch. Karl B., schw. Art. Abt. 460, 20/7/44, BfZ-SS 25 345 D.
13. Ten. Hans R., le.Flak Abt.783(v.), 30/7/44, BfZ-SS L49 812.
14. Sgt. F. H.B., 11. Div. Inf., 30/7/44, BfZ-SS 34 427.
15. Krivosheev, *Soviet Casualties and Combat Losses*, pp. 144-6.
16. Rudiger Overmans, *Deutsche militärische Verluste im Zweiten Weltkrieg*, Munique, 1999, pp. 238 e 279, citado em GSWW, vol. ix/1, pp. 66 e 805.
17. Cartas de Efraim Genkin à família, 18/8/44, em Altman (ed.), *Sokhrani moi pisma*, Moscou, 2007, pp. 276-82.
18. Wladyslaw Bartoszewski, *Abandoned Heroes of the Warsaw Uprising*, Krakow, 2008, p. 17.
19. MPW.
20. Timothy Snyder, *Bloodlands* [Terras de sangue], p. 298.
21. 5/8/44, Snyder, *Bloodlands* [Terras de sangue], p. 302.
22. Dorota Niemczyk (ed.), *Brok Eugeniusz Lokajski, 1908-1944*, Varsóvia, 2007; e MPW.
23. Bartoszewski, *Abandoned Heroes of the Warsaw Uprising*, p. 50.
24. Coronel-general Hans Friessner, *Verratene Schlachten*, Hamburgo, 1956, p. 205.
25. Alexander, *The Alexander Memoirs*, p. 136.
26. Citado em major-general Kenner, chefe da equipe médica do SHAEF, OCMH-FPP.
27. Entrevista com o general De Gaulle, OCMH-FPP.
28. Jan Lissowski, em Niemczyk (ed.), *Brok Eugeniusz Lokajski*.
29. Roman Loth, em Niemczyk (ed.), *Brok Eugeniusz Lokajski*.
30. Jeffreys, *Hell's Cartel*, pp. 288-9.
31. Citado em Snyder, *Bloodlands* [Terras de sangue], p. 308.

41. A Ofensiva Ichigō e Leyte

1. Akira Fujiwara, *Uejini shita eireitachi*, Tóquio, 2001, pp. 135-8, citado em Collingham, *The Taste of War*, pp. 10 e 303.
2. Ogawa Shoji, *Kyokugen no Naka no Ningen: Shi no Shima Nyuginia*, Tóquio, 1983, p. 167.
3. Nogi Harumichi, *Kaigun Tokubetsu Keisatsutai: Anbon Shima Bomber Command Kyu Senpan no Shuki*, Tóquio, 1975, p. 207, citado em Tanaka, *Hidden Horrors*, p. 114.
4. Al Ying Yunping, citado em Hastings, *Nemesis*, p. 12.
5. White e Jacoby, *Thunder out of China*, p. 187.
6. Yang Kuisong, 'Nationalist and Communist Guerrilla Warfare', em Peattie, Drea e van de Ven, *The Battle for China*, p. 324.
7. Sobre a repressão, a tortura e o culto maoísta à personalidade ver Chang e Halliday, *Mao: a história desconhecida*, São Paulo: Companhia das Letras, 2006].
8. Sobre o encontro de Stilwell e Hurley com Chiang Kai-shek ver Romanus e Sunderland, *Stilwell's Command Problems*, pp. 379-84; Tuchman, *Stilwell*, pp. 493-4; Spector, *Eagle against the Sun*, pp. 368-9.
9. Citado em Barbara W. Tuchman, *Stilwell and the American Experience in China, 1911-45*, Nova York, 1971, p. 646.
10. van de Ven, *War and Nationalism in China*, p. 3; White e Jacoby, *Thunder out of China*, Nova York, 1946.
11. Citado em van de Ven, *War and Nationalism in China*, p. 60.
12. Asano Tovomi, 'Japanese Operations in Yunnan and North Burma', em Peattie, Drea e van de Ven, *The Battle for China*, p. 361.
13. Fukudome citado em Spector, *Eagle against the Sun*, p. 424.

42. Esperanças Irrealizadas

1. William I. Hitchcock, *Liberation: The Bitter Road to Freedom: Europe, 1944-1945*, Londres, 2008, pp. 61-3.

2. Omar N. Bradley, *A Soldier's Story*, Nova York, 1965 [*História de um soldado*, 2 vols. Rio de Janeiro: Bibliex, 1958].
3. Blumenson (ed.), *The Patton Papers*, vol. ii, p. 548.
4. Relatório do major-general M. A. P. Graham, citado em Wilmot, *The Struggle for Europe*, p. 560.
5. Omar N. Bradley, *A Soldier's Story* [*História de um soldado*], Nova York, 1961, p. 409.
6. Sd. W. W., Flak Rg.291, A.O.K.16, BA-MA RH 13 v. 53.
7. Citado em Roberts, *Masters and Commanders* [*Mestres e comandantes*], p. 523.
8. Citado em Martin Gilbert, *The Second World War*, Londres, 1989, p. 592.
9. GBP, 2/4/45.
10. TNA PREM 3/434/2, pp. 4-5, citado em Rees, *World War II behind Closed Doors*, p. 309.
11. Berezkhov, *At Stalin's Side*, p. 304.
12. *Ibidem*, pp. 309-10.
13. Citado em Roberts, *Masters and Commanders* [*Mestres e comandantes*].
14. Citado em Detlef Vogel, 'Der Deutsche Kriegsaltag im Spiegel von Feldpostbriefen', em Detlef Vogel e Wolfram Wette (eds.), *Andere Helme — Andere Menschen? Heimateinführung und Frontalltag im Zweiten Weltkrieg*, Essen, 1995, pp. 48-9.
15. GBP, 4/10/44.
16. *Ibidem*.
17. *Ibidem*.
18. *Ibidem*.
19. GBP, 20/10/44.
20. *Ibidem*.
21. Efraim Genkin em Altman (ed.), *Sokhrani moi pisma*, pp. 276-82.
22. Mikhail Petrovich Chebikin, <http://www.iremember.ru/pekhotintsi/chebikinmikhailpetrovich/>.
23. Sgt. Sv. Sau. Hans W., 2.Kriegslaz./Kriegslaz. Abt.529(R), 30.7.44, BfZ-SS, 24.231.
24. <http://iremember.ru/pekhotintsi/avrotinskiy-efim-mironovich.html>.
25. Efim Mironovich Avrotinskii, <http://iremember.ru/pekhotintsi/avrotinskiy-efim-mironovich.html>.
26. Sobre o golpe nazista em Budapeste, ver Kershaw, *Hitler, 1936-1945: Nemesis*, pp. 734-7.
27. Krisztian Ungváry, *Battle for Budapest: 100 Days in World War II*, Londres, 2010, p. 241.
28. *Ibidem*, pp. 236-52.
29. Ian Kershaw, *The End: Hitler's Germany, 1944-45*, Londres, 2011, p. 149.
30. *Ibidem*, p. 79.
31. *Ibidem*, p. 134.
32. Citado em Vogel, 'Der Deutsche Kriegsaltag im Spiegel von Feldpostbriefen', em Vogel e Wette (eds.), *Andere Helme — Andere Menschen?*, p. 47.
33. Blumenson (ed.), *The Patton Papers*, vol. ii, p. 571.
34. Bradley, *A Soldier's Story*, pp. 430-1.
35. Russell F. Weigley, *Eisenhower's Lieutenants*, Bloomington, Ind., 1990, p. 365.
36. Bradley, *A Soldier's Story* [*História de um soldado*], p. 438.
37. Citado em Paul Fussell, *The Boys' Crusade*, Nova York, 2003, p. 87.
38. Ellis, *The Sharp End*, p. 252.
39. Fussell, *The Boys' Crusade*, p. 83.
40. Bradley, *A Soldier's Story* [*História de um soldado*], p. 433.
41. Ellis, *The Sharp End*, p. 169.
42. De Gaulle, *Mémoires de guerre*, vol. iii: *Le Salut*, 1944-1946, p. 61 [*Memórias de guerra*, Rio de Janeiro: Bibliex, 1977].
43. Hervé Alphand, *L'Étonnement d'être: journal, 1939-1973*, Paris, 1977, p. 180.

43. As Ardenas e Atenas

1. Bradley, *A Soldier's Story* [*História de um soldado*], p. 428.
2. Kershaw, *The End*, p. 145.
3. Diário de Chester B. Hansen, 17/12/44, Documentos de Hansen, USAMHI.
4. Butcher, *Three Years with Eisenhower*, p. 613.
5. GBP, 17/12/44.
6. Conversa com M. R. D. Foot, 2.12.09.
7. Blumenson (ed.), *The Patton Papers*, vol. ii, 9/12/44, p. 589.
8. *Ibidem*, pp. 599-600.
9. Citado em Crosswell, *Beetle*, p. 816.
10. Citado em Hamilton, *Montgomery: Master of the Battlefield*, p. 213.
11. Carta de 21/12/44, Blumenson (ed.), *The Patton Papers*, vol. ii, p. 603.
12. Harold R. Winton, *Corps Commanders of the Bulge*, Lawrence, Kan., 2007, p. 135.
13. Blumenson (ed.), *The Patton Papers*, vol. ii, 25/12/44, p. 606.
14. Ellis, *The Sharp End*, p. 72.
15. Winton, *Corps Commanders of the Bulge*, pp. 213-15.
16. Alan Brooke, *War Diaries*, 23.30/12/44, p. 638.
17. DCD, 4.1.45.
18. Alan Brooke, *War Diaries*, 8/1/45, p. 644.
19. Mazower, *Inside Hitler's Greece*, p. 268; os acontecimentos na Grécia descritos aqui se baseiam principalmente no excelente relato de Mazower.
20. Hastings, *Finest Years*, p. 536.
21. *Ibidem*, p. 537.
22. Sobre o sofrimento na Bélgica no final do outono e no inverno de 1944, ver Hitchcock, *Liberation*, pp. 64-9.
23. *Ibidem*, pp. 81-90.
24. *Ibidem*, pp. 98-122; Collingham, *The Taste of War*, pp. 175-9.
25. Citado em Ellis, *The Sharp End*, p. 363.
26. Max Hastings, *Armageddon: The Battle for Germany, 1944-45*, Londres, 2007, p. 171.

44. Do Vístula ao Oder

1. BA-MA MSg 2/5275 v. 1.6.40.
2. Gvorgy Thuroczy, *Kropotov nem tréfal*, Debrecen, 1993, p. 103.
3. Citado em Ungváry, *Battle for Budapest*, Londres, 2010, p. 32. O relato do cerco feito por Ungváry é o melhor e o mais confiável.
4. Hans Bayer, *Kavalleriedivisionen der Waffen-SS*, Heidelberg, 1980, p. 347.

5. Dénes Vass, citado em Ungváry, *Battle for Budapest*, p. 141.
6. Sándor Márai, 'Budai séta', em *Budapest*, dez. 1945, p. 96, citado em ibidem, p. 234.
7. Ungváry, *Battle for Budapest*, p. 281; detenção pelo SMERSh e execução: Beria, *Beria, my Father*, pp. 111, 336.
8. László Desseadary, citado em Ungváry, *Battle for Budapest*, p. 234; ver também Rees, *World War II behind Closed Doors*, pp. 322-9.
9. Citado em Ungváry, *Battle for Budapest*, p. 285.
10. Citado em ibidem, p. 287.
11. Zolotov, *Zapiski minomvotchika*, pp. 187-8.
12. Alexander, *The Alexander Memoirs*, pp. 132-3.
13. Heinz Guderian, *Panzer Leader*, p. 420 [*Panzer Líder*, Rio de Janeiro: Bibliex, 1966].
14. RGVA 38680/1/3, p. 40.
15. Rabichev, *Voyna vsyo spishet, vospominaniya ofitsera-svyazista*, pp. 193-5.
16. Natalya Gesse e Richard Lourie (ed.), *Russia Speaks: An Oral History from the Revolution to the Present*, Nova York, 1991, pp. 254-5.
17. Yuri Polakov citado em Igor Kon, *Sex and Russian Society*, Bloomington, Ind., 1993, p. 26.
18. Nikolai Abramovich Vinokur, <http://www.iremember.ru/mediki/vinokur-nikolay-abramovich>.
19. Rabichev, *Voyna vsyo spishet, vospominaniya ofitsera-svyazista*, p. 143.
20. Aleksandr Solzhenitsyn, *Prussian Nights*, Nova York, 1983, p. 67.
21. Cartas de Efraim Genkin à família, 22/1/45, em Altman (ed.), *Sokhrani moi pisma*, p. 321.
22. Hilberg, *The Destruction of the European Jews*, p. 254.
23. Relatório de Shikin: 9.2.45, RGASPI 17/125/323, pp. 1-4.
24. BA-B R55/616, p. 158.
25. Tkachenko da SMERSh para Beria, GARF 9401/2/93, p. 324.
26. VCD, 23.1.45.
27. Documentos de Grossman, RGALI 1710/3/51, p. 231.
28. RGASPI 17/125/314, pp. 40-5.
29. VCD, 31/1/45.

45. Os Ataques às Filipinas, Iwo Jima, Okinawa e Tóquio

1. Sobre a corrida por Manila, ver Spector, *Eagle against the Sun*, pp. 520-3.
2. Charles F. Romanus e Riley Sunderland, *The United States Army in World War II: The China-Burma-India Theater*, vol. iii, Washington, DC, 1959, p. 369.
3. Kawano, 'Japanese Combat Morale', em Peattie, Drea e van de Ven, *The Battle for China*, p. 328.
4. Sobre a Indochina em 1944 e 1945, ver Gary R. Hess, 'Franklin Roosevelt and Indochina', *Journal of American History*, vol. 59, n° 2, set. 1972; Ralph B. Smith, 'The Japanese Period in Indochina and the Coup of 9 March, 1945', *Journal of Southeast Asian Studies*, vol. 9, n° 2, set. 1978; Collingham, *The Taste of War*, pp. 240-2.
5. Toshio Hijiikata, citado em Hastings, *Nemesis*, pp. xxiii-xxiv.
6. Biddle, *Rhetoric and Reality in Air Warfare*, p. 268.
7. Swift, *Bomber County*, p. 99.
8. Ellis, *The Sharp End*, p. 82.
9. Citado em George W. Garand e Truman R. Strobridge, *History of US Marine Corps Operations in World War II*, vol. iv: *Western Pacific Operations*, Washington, DC, 1971, p. 542.
10. E. B. Sledge, *With the Old Breed*, Londres, 2010, p. 195.
11. Keith Wheeler, *The Road to Tokyo*, Alexandria, Va, 1979, p. 187.
12. Ellis, *The Sharp End*, p. 83.
13. Sledge, *With the Old Breed*, p. 226.
14. William Manchester, *Goodbye Darkness: A Memoir of the Pacific War*, Nova York, 1980, p. 359.

46. Yalta, Dresden e Königsberg

1. Beria, *Beria, my Father*, p. 105.
2. Ibidem, p. 106.
3. Lorde Moran, *Churchill at War, 1940-45*, Londres, 2002, p. 268, citado em S. M. Plokhy, *Yalta: The Price of Peace*, Nova York, 2010, p. 153.
4. Beria, *Beria, my Father*, p. 106.
5. *Tegeran, Yalta, Potsdam. Sbornik dokumentov*, Moscou, 1970, p. 22.
6. William D. Leahy, *I Was There*, Stratford, NH, 1979, pp. 315-16, citado em Plokhy, *Yalta*, p. 251.
7. Sobre Stalin e a morte de Roosevelt, ver Beria, *Beria, my Father*, p. 113.
8. Plokhy, *Yalta*, p. 208.
9. Sobre Dresden, ver Frederick Taylor, *Dresden*, Londres, 2004; Sir Charles Webster e Noble Frankland, *The Strategic Air Offensive against Germany, 1939-1945*, 4 vols., Londres, 1961, vol. iii; Biddle, *Rhetoric and Reality in Air Warfare*, pp. 232-61; Miller, *Eighth Air Force*, pp. 427-41; Friedrich, *Der Brand*, pp. 358-63.
10. Biddle, *Rhetoric and Reality in Air Warfare*, p. 254.
11. SOAG, vol. iii, p. 112.
12. Bishop, *Bomber Boys*, p. 342.
13. SOAG, vol. iii, p. 112.
14. Miller, *The Eighth Air Force*, p. 7.
15. Frederick Taylor em *Der Spiegel*, 10/2/08.
16. GSWW, vol. ix/1, p. 23.
17. TNA PREM 3 193/2, citado em ibidem.
18. Citado em Vogel, 'Der Deutsche Kriegsalltag im Spiegel von Feldpostbriefen', em Vogel e Wette, *Andere Helme — Andere Menschen?*, p. 45.
19. Relatório de 12/4/45, TsAMO 372/6570/88, pp. 17-20.
20. RGVA 32904/1/19.
21. Shverník para Molotov, GARF 9401/2/96, pp. 255-61.
22. Yefim Abelevich Golbraikh em Drabkin (ed.), *Svyashchennaya voyna*, p. 107.
23. Vladimir Tsoglin à sua mãe, 14/2/45, em Altman (ed.), *Sokhrani moi pisma*, pp. 260-75.
24. Rabichev, *Voyna vsyo spishet, vospominaniya ofitsera-svyazista*, p. 166.
25. Vladimir Tsoglin em Altman (ed.), *Sokhrani moi pisma*, pp. 260-75.
26. Karl Heinz Schulze, 'Der Verlorene Haufen', BA-MA MSg2 242.
27. RGALI 1710/3/47, p. 25.

47. Os Americanos no Elba

1. [GBP, 2/4/45.](#)
2. [Blumenson \(ed.\), *The Patton Papers*, vol. ii, p.2 2/11/44, p. 580.](#)
3. [Georgii Zhukov, *Vospominaniya i razmysleniya*, Moscou, 2002, vol. iv, p. 216.](#)
4. [Eisenhower, *Crusade in Europe*, p. 433 \[*Cruzada na Europa*, Rio de Janeiro: Bibliex, 1970\].](#)
5. [TNA PREM 3/356/6.](#)
6. [Citado em David Clay Large, 'Funeral in Berlin: The Cold War Turns Hot', em Robert Cowley \(ed.\), *What If?*, Nova York, 1999, p. 355 \[E se...?Como seria a história se os fatos fossem outros, Rio de Janeiro: Campus, 2003\].](#)
7. [NA II RG334/Entry 309/Box 2.](#)
8. [I. S. Konev, *Year of Victory*, Moscou, 1984, p. 79; Zhukov, *Vospominania i Razmysleniya*, vol. iv, p. 226.](#)
9. [VOY, vol. iii, p. 269.](#)
10. [Ibidem.](#)
11. [Krasnaya Zvezda, 11/4/45.](#)
12. [NA II 740.0011 EW/4 1345.](#)
13. [Fritz Hockenjos, BAMA MSg2 4038, p. 16.](#)
14. [GBP, 16/4/45.](#)
15. [Stephen Spender, *European Witness*, Londres, 1946, citado em Swift, *Bomber County*, p. 164.](#)
16. [GBP, 2/4/45.](#)
17. [GBP, 16/4/45.](#)
18. [Bolling, citado em Cornelius Ryan, *The Last Battle*, Nova York, 1995, p. 229 \[A última batalha: a queda de Berlim, São Paulo: Difel, 1967\].](#)
19. [Ibidem, p. 261.](#)
20. [NAII 7400011 EW/4 2345.](#)
21. [Hugh Trevor-Roper, *The Last Days of Hitler*, Londres, 1995, pp. 89-90.](#)
22. [Below, *Als Hitlers Adjutant*, p. 398.](#)
23. [Relatório de 28/3/45, citado em Evans, *The Third Reich at War*, p. 714 \[O Terceiro Reich no Poder\].](#)
24. [Conversa com o tenente-general Bernd Freiherr Freytag von Loringhoven, 4.10.99.](#)
25. [Conversa com o general-inspetor Ulrich de Maizièrre, 9.10.99.](#)
26. [Documentos de Churchill 20/215, citado em Martin Gilbert, *Road to Victory: Winston S. Churchill, 1941-1945*, Londres, 1986, pp. 1288-9.](#)
27. [BA-MA RH19/XV/9b, p. 34.](#)
28. [Helmut Altner, *Berlin Dance of Death*, Staplehurst, Kent, 2002, pp. 41 e 17.](#)

48. A Operação Berlim

1. [TsAMO 233/2374/92, p. 240.](#)
2. [Pravda, 14/4/45.](#)
3. [TsAMO 233/2374/93, p. 454.](#)
4. [Serov para Beria, 19/4/45, GARF 9401/2/95, pp. 31-5, 91.](#)
5. [Conversa com o general Wust, 10.10.99.](#)
6. [Altner, *Berlin Dance of Death*, p. 54.](#)
7. [Zhukov, *Vospominania i Razmysleniya*, vol. iii, p. 245.](#)
8. [TsAMO TsGV/70500/2, pp. 145-9.](#)
9. [NA II RG 334/ Entrada 309/ Caixa 2.](#)
10. [BA-MA MSg2/1096, p. 6.](#)
11. [Altner, *Berlin Dance of Death*, p. 69.](#)
12. [TsAMO 233/2374/92, pp. 359-60.](#)
13. [Theo Findahl, *Letzter Akt: Berlin, 1939-1945*, Hamburgo, 1946, p. 146.](#)
14. [Moorhouse, *Berlin at War*, p. 360.](#)
15. [Sobre os suicídios na Alemanha no final da Guerra, ver Christian Goechel, *Suicide in Nazi Germany*, Oxford, 2009.](#)
16. [Citado em Gilbert, *The Second World War \[A Segunda Guerra Mundial\]*, p. 670.](#)
17. [Conversa com o general-inspetor Ulrich de Maizièrre, 9/10/99.](#)
18. [TsAMO 233/2374/93, p. 414.](#)
19. [BA-MA MSg1/976, p. 22.](#)
20. [Fritz Hockenjos, BA-MA MSg 2 4038, p. 24.](#)
21. [Rabe, *The Good German of Nanking*, pp. 218-20.](#)
22. [Conversa com Magda Wieland, 11/7/00.](#)
23. [Sobre as estimativas de estupros e mortes por estupro e suicídio, ver dr. Gerhard Reichling, em Helke Sander e Barbara Johr, *Befreier und Befreite. Krieg, Vergewaltigungen, Kinder*, Munique, 1992, pp. 54, 59.](#)
24. [NA II RG 338 R-79, pp. 37-8.](#)
25. [Zhukov, *Vospominania i Razmysleniya*, vol. iv, pp. 269-70.](#)
26. [Trevor-Roper, *The Last Days of Hitler*, p. 188 \[Os últimos dias de Hitler, São Paulo: Flamboyant, 1965\].](#)

49. As Cidades dos Mortos

1. [Efraim Genkin em Altman \(ed.\), *Sokhrani moi pismo*, p. 282.](#)
2. [Ehrenburg, *Men, Years — Life*, vol. v, p. 37 \[Memórias. A Guerra \(1941-1945\)\].](#)
3. [Conversa com Lothar Loewe, 9/10/2001.](#)
4. [Fritz Hockenjos, BA-MA MSg 2 4038, p. 25.](#)
5. [GLAVPURKKA, RGASPI 17/125/310.](#)
6. [TsAMO 372/6570/78, pp. 30-2.](#)
7. [RGVA 38686/1/26, p. 36.](#)
8. [GARF 9401/1a/165, pp. 181-3.](#)
9. [GBP, 19/4/45.](#)
10. [RGALI 1710/3/51.](#)
11. [GBP, 19/4/45.](#)
12. [Kenneally, *The Honour and the Shame*, pp. 205-6.](#)

13. Sobre a Operação Unthinkable, ver TNA CAB 120/691; e também Hastings, *Finest Years*, pp. 571-7.
14. Alan Brooke, *War Diaries*, 24/5/45, pp. 693-4.
15. *Ibidem*, p. 695.
16. Plokhv, *Yalta*, p. 383.
17. Alan Brooke, *War Diaries*, 2/7/45, 3/7/45, p. 701.
18. Montefiore, *Stalin: The Court of the Red Tsar* [*Stalin: A corte do czar vermelho*], pp. 439-40.
19. Alan Brooke, *War Diaries*, p. 709.
20. Berezhevskiy, *History in the Making*, p. 168.
21. Beria, *Beria, my Father*, pp. 112-13.
22. *Ibidem*, p. 118.
23. Citado em Hastings, *Finest Years*, p. 578.
24. O finado A. H. Brodhurst para o autor.
25. Sobre os massacres de Tito na Eslovênia, agradeço a Keith Miles e Jože Dežman por documentos sobre o tema; e também artigos do simpósio em Teinach, Áustria, 30/6/95.
26. Snyder, *Bloodlands* [*Terras de sangue*], p. 320.
27. Czesław Miłosz, *The Captive Mind*, Londres, 2001, pp. 26-9 [*Mente cativa*, São Paulo: Novo Século, 2010].
28. Anne Applebaum, *New York Review of Books*, 11/11/10.

50. As Bombas Atômicas e a Subjugação do Japão

1. White e Jacoby, *Thunder out of China*, p. 267.
2. Chang e Halliday, *Mao* [*Mao: a história desconhecida*], pp. 337-41.
3. Enomoto Masayo em Rees, *Their Darkest Hour*, p. 74; sobre o canibalismo entre as forças japonesas, ver Tanaka, *Hidden Horrors*, pp. 111-34.
4. Tanaka, *Hidden Horrors*, pp. 135-65.
5. NA II RG 153/Entrada 143/Caixas 1062-73 e 1362-3; Tanaka, *Hidden Horrors*, p. 160.
6. Allied Translator and Interpreter Section Southwest Pacific Area, citado em Tanaka, *Hidden Horrors*, p. 160.
7. Citado em Hastings, *Nemesis*, p. 57.
8. Citado em Robert P. Newman, *Truman and the Hiroshima Cult*, East Lansing, Mich., 1995, p. 43.
9. Spector, *Eagle against the Sun*, p. 555.
10. Soldados da 37ª Div., citados em Kawano, 'Japanese Combat Morale', em Peattie, Drea e van de Ven, *The Battle for China*, p. 328.
11. Tanaka, *Hidden Horrors*, p. 103.
12. Sobre os colonos japoneses na Manchúria, ver Collingham, *The Taste of War*, p. 62.
13. Citado em Tanaka, *Hidden Horrors*, p. 102.
14. Yang Kuisong, 'Nationalist and Communist Guerrilla Warfare in North China', em Peattie, Drea e van de Ven, *The Battle for China*, p. 32.
15. Smedley, *China Fights Back*, p. 116.
16. Sobre a corrida para tomar Hong Kong, ver Snow, *The Fall of Hong Kong*, pp. 231-62.
17. Wasserstein, *Secret War in Shanghai*, p. 266.
18. Tanaka, *Hidden Horrors*, p. 126.
19. Beria para Stalin, 22/6/45, GARF 9401/2/97, pp. 8-10.
20. Snyder, *Bloodlands* [*Terras de sangue*], p. 381.

ÍNDICE

5307º Regimento Provisório (Saqueadores de Merrill)

Aachen
Abbeville
Abetz, Otto
Abrial, almirante Jean-Marie
Abwehr (inteligência militar alemã)
“Acordo com Darlan”
“Acordo da Porcentagem”
Admiralty, ilhas
África do Sul
Akyab, ilha
Alagadiços de Pripet
Alam Halfa
Alamein(mapa)
Alanbrooke, visconde (ver Brooke, marechal de campo Sir Alan)
Albânia e invasão italiana da Grécia; e a resistência
Alexander, general Sir Harold
Alexandria
Allen, major-general Terry
Allenstein
Amarelo, rio
Amiens
Amsterdã
Anders, general Wladyslaw
Anderson, tenente-general Kenneth
Anschluss (ver Áustria)
Antonescu, marechal Ion
Antonov, coronel-general Aleksei
Antuérpia
Anzio
Aosta, duque de
Arakan
Archangel
Ardenas
Argel
Arnhem
Arnim, coronel-general Hans-Jürgen v.
Arnold, general Henry H. (‘Hap’)
Asam
Astracã
Atenas
Atlântico; Batalha do
Attlee, Clement
Auchinleck, marechal de campo Sir Claude (‘o Auk’)
Auschwitz (Oświęcim)
Auschwitz-Birkenau (Auschwitz II, campo de extermínio)
Auschwitz-Monowitz (Auschwitz III, campo de concentração) e IG Farben Buna-Werke
Austrália e o governo australiano
Áustria; e a *Anschluss* com a Alemanha
Avranches
Axmann, Artur

Babi Yar
Bach-Zelewski, *SS-Obergruppenführer* Erich v.d.
Backe, secretário de Estado Herbert; o plano da fome
Bader, comandante de esquadrilha Douglas
Badoglio, marechal Pietro
Bagramyan, marechal I Kh.
Baku
Balbo, marechal Italo
Bardia
Bari
Barvenkovo

Bastogne
Batalha de Stalingrado
Batalha do Bolsão
Batavia (Jacarta)
Batum
BCRA (*Bureau Central de Renseignements et d'Action*)
Beaverbrook, lorde (Max)
Bedell Smith, tenente-general Walter ('Beetle')
Belga, resistência
Bélgica e a invasão; a ocupação; a libertação e depois
Belgorod
Belgrado
Belov, major-general Pavel
Below, major Nicolaus v.
Belsen (campo de concentração)
Belzec (campo de extermínio)
Beneš, Edvard
Bengala, fome
Benghazi
Berdichev
Beresina, rio
Berghof (Berchtesgaden)
Bergonzoli, general Annibale
Beria, Lavrenti P.
Beria, Sergo L.
Berlim; bombardeio de; ataque abatalha de; capitulação de
Berling, tenente-general Zygmunt
Bernadotte, conde Folke
Berzarin, coronel-general Nikolai
Bevin, Ernest
Bialystok
Bidault, Georges
Billotte, general Gaston
Billotte, general Pierre
Bir Hakeim
Birmânia
Bismarck, Fürst Otto v.
Bittrich, *SS-Gpff* Wilhelm
Bizerta
Blanchard, general Georges
Blaskowitz, coronel-general Johannes
Bletchley Park (ver também Ultra)
Blitz, Londres
Blunden, Godfrey
Bobruisk
Bock, marechal de campo Fedor v.
Boêmia e Morávia, Protetorado do Reich
Bomba atômica
Bonhoeffer, Dietrich
Bonnet, Georges
Bonnier de la Chapelle, Fernand
Bormann, *Reichsleiter* Martin
Bornéu
Bose, Subhas Chandra
Bougainville
Bousquet, René
Bradley, general Omar N.
Brandt, Reichskomm. Dr Karl
Brasil, ideia germânica de enviar eslavos para o; participação na campanha da Itália
Brauchitsch, marechal de campo Walther v.
Braun, Eva
Bremen
Brereton, tenente-general Lewis H.
Breslau (Wrocław)
Brest
Brest-Litovsk (Brzesc), fortaleza de; cidade de; Tratado de
Briansk
Brigada Judaica
Brisbane
Brooke Popham, marechal do ar Sir Robert
Brooke, marechal de campo Sir Alan
Bruxelas
Bucareste
Buchenwald (campo de concentração)
Buckner, tenente-general Simon Bolivar
Budapeste; Batalha de
Budyenny, marechal Semyon
Bulganin, Nikolai
Bulgária
Bullitt, William
Buna (Papua)
Bund Deutscher Madel (BDM)
Busch, marechal de campo Ernst
Busse, coronel-general Theodor
Butt, Relatório
Bydgoszcz (Bromberg)
Byrnes, secretário de Estado James F.

Cabo Bon

Cabo Esperança, Batalha do
Cabo Matapan, Batalha do
Cadogan, Sir Alexander
Caen
Cairncross, John
Cairo conferência do Cairo, novembro de 1943
Canadá,
canal Albert
canal de Suez
Canaris, almirante Wilhelm
Canton
Capa, Robert
Carta do Atlântico
Casablanca; conferência de
Cassino e Monte Cassino
Castellano, general Giuseppe
Catânia
Cáucaso
Caumont
Cem Regimentos, campanha dos
Cetniks
Chaban-Delmas, Jacques
Chamberlain, Neville
Chang Ching-chong, general
Changi, prisão e praia
Changsha
Chartres
Chelmno, ou Kulmhof (campo de extermínio)
Chengtu
Chennault, tenente-general Claire
Cherburgo
Cherkassy, bolsão
Cherniakhovsky, coronel-general I.D.
Chiang Kai-shek, generalíssimo
Chindits
Chindwin, rio
Choltitz, tenente-general Dietrich v.
Chou En-lai
Chungking
Ciano, conde Galeazzo
Cingapura
Cirenaica
Clark, general Mark
Clark-Kerr, Sir Archibald
Collins, tenente-general Lawton ('Lightning Joe')
Colônia; bombardeio de
Comando do Sudeste Asiático (SEAC)
Comando Supremo (ver exército italiano)
Comissão Consultiva Europeia
Comitê Polonês de Libertação Nacional (poloneses de Lublin)
Complô de julho.
conferência "Arcádia"
conferência "Argonauta" (ver Yalta)
conferência de Anfa (ver Casablanca)
conferência de Teerã
conferência de Wannsee
conferência Octagon (Quebec)
conferência Quadrant (Quebec)
conferência Trident (Washington, DC)
Cunningham, marechal do ar Arthur ('Mary')
Cooper, Sir Alfred Duff
Copenhaga
Corap, general Andre
Coreia; colônia japonesa; soldados e trabalhadores recrutados à força; "mulheres de conforto"
Corpo de Fuzileiros Navais
Divisões: 1ª; 2ª; 3ª; 4ª; 5ª; 6ª
Corregidor, ilha de
Córsega
Cotentin, península de (península de Cherburgo)
Coulondre, Robert
Coventry
Cracóvia
Creta; invasão e Batalha de; e resistência
Crimeia
Cripps, Sir Stafford
Croácia
Cruz de Flechas, milícia
Cunningham, almirante Sir Andrew
Cunningham, tenente-general Alan

Dacar; Expedição de Dacar
Dachau (campo de concentração)
Daladier, Edouard
Dalton, dr. Hugh
Damaskinos, arcebispo
Danúbio, rio
Danzig (Gdansk)
Darlan, almirante François
Dawley, major-general Ernest

De Gaulle, general Charles
Debrecen
Declaração sobre a Europa Libertada
Degrelle, Leon
Dempsey, general Sir Miles
Demyanov, Aleksandr (“Max”)
Demyansk
Desembarque em Salerno
Devers, general Jacob L.
Dieppe
Dietrich, *SS-Obergpfh* Sepp
Dill, general Sir John
Dimapur
Dimitrov, Georgi
Dinamarca; ocupação da
Dinamarqueses, resistência e Forças Armadas
Dinant
Dirlewanger, *SS-BdFh* Oskar
Divisão Azul (*ver* em Exército alemão° Div. Inf.)
Divisões: 1° Bld.
Djugashvili, tenente Yakov
Dnieper, rio (norte)
Dnieper, rio (sul)
Dniester, rio
Dodds-Parker, coronel Douglas
Dollmann, coronel-general Friedrich
Don, rio
Donbas, região
Donets, rio
Dönitz, almirante de esquadra Karl
Doolittle, ataque a Tóquio
Doolittle, tenente-general James
Doumenc, general Aime
Dowding, marechal do ar sir Hugh
Dresden; bombardeio de
Dunquerque
Dyle, rio

Eaker, tenente-general Ira C.
EAM-ELAS movimento guerrilheiro
Eben-Emael, fortaleza
Eberbach, general de blindados Hans
EDES guerrilhas não comunistas
Ehrenburg, Ilya
Eichelberger, tenente-general Robert
Eichmann, *SS-Obstbnfh* Adolf
Eisenhower, general Dwight D. (‘Ike’)
e SCAF
El Agheila
El Alamein, Batalha de
Elser, Georg
Enigma, máquina decodificadora (*ver* Ultra)
Eniwetok, atol
Eslováquia
Espanha
Esquadra do Báltico (soviética)
Esquadra do Mar Negro (soviética)
Estado francês, *ver* regime de Vichy
Estados Unidos
Exército americano
Corpos: 1°; 2°; 5°; 6°; 7°; 8°; 12°; 14°; 15°; 18° Aeroterrestre
Exércitos: I; III; V; VI; VII; VIII; IX
Divisões Aeroterrestres 11°; 82°; 101°
Divisões Blindadas: 1°; 2°; 4°; 7°; 9°; 10°; 1° Cav
Divisões de Infantaria: 1°; 3°; 4°; 7°; 8°; 9°; 24°; 25°; 27°; 28°; 29°; 30°; 32°; 34°; 36°; 37°; 41°; 43°; 45°; 69°; 77°; 81°; 84°; 96°; 99°; 106°; Americal
Estados Bálticos
Estocolmo
Estônia (*ver* Estados Bálticos)
Estrada da Birmânia
Estrasburgo
Eutanásia, programa nazista de
Exército Alemão (*ver também* *Waffen-SS*)
Exércitos: I; II; III; IV; VIVIII; IX X; XI XII; XIV; XV; XVI; XVII; XVIII
Corpos: 3° Panzer 11°; 14° Panzer 15°; 17°; 18° Montanha; 19°; 20°; 24° Panzer; 42°; 48° Panzer 41° Panzer; 51°; LVI; 56° Panzer 101°; *Afrika Korps*
Destacamento Kempf do Exército (*ver* VIII Exército)
Divisões de Infantaria: *Grossdeutschland*: 11°; 12°; 22° Luftlande 23°; 31°; 36°; 45°; 71°; 73°; 78° Sturm; 88°; 164°; 167°; 206°; 250° (Div. Azul); 269°; 275°; 294°; 295°; 297°; 305°; 342°; 352°; 371°; 376°; 384°; 389°; 711°; *Volksgrenadier*: 551°
Grupos Panzer/Exércitos: I; II; IIIV V Panzerarmee Afrika
Montanha: 3°; 5°; 6°
Motorizadas de Granadeiros Panzer: 15°; 18°; 20°; 25° 29°; 90° *Feldherrnhalle*; Leves: 5° Leve; 90° Leve
Panzer: 1°; 2°; 3°; 4°; 5°; 6°; 7°; 8°; 9°; 10°; 11°; 12°; 13°; 14°; 15°; 16°; 17°; 19°; 20°; 21°; 22°; 26°; 29° 116°; *Kurmark*, Lehr; 647, *Müncheberg*
Exército australiano; e a campanha de Kokoda
Divisões: 6°
Exército britânico
Aerotransportadas: 1°; 6°
Corpos: 2°; 3°; 4°; V; 8°; 10°; 13° 15°; 30° 33°; W Force
Divisões Blindadas: de Guardas; 1°; 2°; 7°; 11°
Divisões de Infantaria: 1°; 2°; 3°; 15° Escocesa; 43°; 46°; 49°; 50°; 51° Highland; 53°; 56°; 70°
Exércitos: I: VIII: 255 Força Expedicionária Britânica (BEF); Segunda BEF

Exército Canadense; e Dieppe
Divisões: 1º Bld.; 1º Inf; 2º Inf.; 3º Inf.
I Exército Canadense
Exército grego
Exército holandês
Exército Imperial japonês; e canibalismo; e ‘mulheres de conforto’ e estupro; Exército Kwantung;
Divisões: da Guarda Imperial; 6º; 7º; 9º; 13º; 16º; 23º; 33º; 34º; 37º; 38º; 39º; 55º; 56º; 62º
I Exército; II Exército; XI Exército; XIV; XV;XVI;XVII; XXI; XXIII; XXV; XXVIII; XXXII; XXXIII; XXXVIII; LV
Kempeitai, polícia militar
Exército Indiano
Corpo: 3º
Divisões: 4º Indiana; 5º; 7ª Indiana; 8ª Indiana; 10ª Indiana; 14ª Indiana; 17ª Indiana
Exército Italiano
Comando Supremo
Divisões: *Ariete*; *Cuneense*; *Folgore*; *Julia*; *Littorio*; *Livorno*; *Tridentina*; *Trieste*; *Vicenza*
VI Exército; VIII Exército; X Exército
Exército Nacional Birmanês
Exército Nacional Indiano
Exército Nacional Polonês (Armia Krajowa)
Exército Polonês; com Aliados; 2º Corpo; 1º Div. Bld
I e II Exércitos poloneses soviéticos (*ver* Exército Vermelho)
Exército romeno
Exército Territorial (*Armia Krajowa*)
Exército Vermelho; Companhias de punição
Exércitos Blindados: I Bld Gd; II Bld Gd; III Bld Gd; III Cav Gd; IV Bld Gd; V Bld Gd; VI Bld
Corpos: 1º Inf Gd; 1º Cav Gd; 1º Bld Gd; 2º Cav Gd; 2º Bld; 3º Cav Gd; 4º AéT; 4º Bld; 5º Bld Gd; 6º Bld; 10º Bld; 22º Inf Gd; 24º Bld; 25º Bld; 29º Bld; 57º Especial
Exércitos: I Gd; II Gd; III Gd; IV Gd; VI Gd; VII Gd; VIII Gd; IX Gd; XI Gd; I Chq; II Chq; III Chq; V Chq; V; VI; X; XIII; XVI; XX; XXI; XVIII; XXIX; XXX; XXXI; XXXIII; XXXIV; XXXVIII;
XLIII; XLVII; L; LI; LII; LIV; LV; LVII; LX; LXII; LXIV; LXVII; LXIX; I polonês; II polonês
Exércitos nacionalistas chineses Força X Força Y; Divisões: 22º; 38º; 200º
Exércitos: III; IV

facada nas costas, lenda
Falaise; brecha de Falaise
Falkenhausen, general A. v.
Fegelein, *SS-Gpß* Hermann
Ferrovia da Birmânia
Fiebig, general-aviador Martin
Filipinas, ilhas
Finlândia; e a Guerra de Inverno
Fletcher, almirante, Frank J.
Foggia, planície e aeródromos
Força Aérea Alemã, *ver*Luftwaffe
Força Aérea Australiana (RAAF)
Força Aérea Canadense (*ver* Real Força Aérea Canadense)
Força Aérea do Exército dos EUA (USAAF)
5ª Força Aérea; 8ª Força Aérea; 9ª Força Aérea; 12ª Força Aérea; 14ª Força Aérea; 15ª Força Aérea
IX Comando Aero-Tático; 20º Comando de Bombardeiros
Força Aérea do Exército Vermelho (*Voyenno vozdushnyye sily*)
2º Exército do Ar; 5º Exército do Ar; 8º Exército do Ar; 16º Exército do Ar
Força Aérea Polonesa
Forças Armadas belgas; 1ª Bda. Inf.
Forças Armadas Francesas
Corpo Expedicionário Francês (Itália)

Divisões: *2^{ème} Div. Blindée*
Exércitos 1940: I; II; VI; VII; IX; Exército do Armistício; Exército da África Exército do Levante
Exército francês 1944: I
Forças Armadas Holandesas (*ver* Países Baixos)
Forças Armadas Neozelandesas; Exército, Corpo Neozelandês: 2º Div.: 182, ; Marinha Real da NZ; *Achilles*
Forças Armadas Norueguesas
Forças Armadas Sul-Africanas; Divisões: 1ª Sul-Africana; 2ª Sul-Africana; 6º Bld. Sul-Africana; 5ª Bda. Sul-Africana
Ford, Henry
Formosa (Taiwan)
Förster, Albert
Franco y Bahamonde, generalíssimo Francisco
Frank, Hans
Fredendall, major-general Lloyd
Freisler, dr. Roland
Freyberg, tenente-general Bernard
Friedeburg, almirante Hans Georg v.
Friessner, coronel-general Hans
Frisches Haff
Fuchida Mitsuo, comandante
Fukudome Shigeru, almirante

Gablenz, tenente-general Eccard Frhr. v.
Gafsa
Galen, bispo Clemens August Graf v.
Galland, general do comando de caças Adolf
Gamelin, general Maurice
Gandhi, Mahatma
Gariboldi, general Italo
Garigliano, rio
Gdynia
Geheime Feldpolizei (Polícia Secreta de Campanha)
Gehlen, tenente-general Reinhard
Gela

Gellhorn, Martha
Generalgouvernement
Gensoul, almirante Marcel
Georges, general Alphonse
Gerow, tenente-general Leonard ('Gee')
Gestapo (*ver* SS)
Gilbert, ilhas
Giraud, tenente-general Henri
Glantz, David
Globocnik, *SS-Polizeifh* Odilo
Goebbels, Joseph
Goebbels, Magda
Gold, praia de desembarque na Normandia
Goldap
Golfo de Leyte, Batalha do
Gomel
Gona
Gordon Bennett, major-general Henry
Göring, marechal do Reich Hermann
Gort, general lorde,
Gotenhafen (*ver* Gdynia)
Gott, tenente-general W.H.E. ('Strafer')
governo de Vichy
Governo polonês no exílio (poloneses de Londres)
Gran Sasso
Graziani, marechal Rodolfo
Grécia; invasão italiana da; invasão alemã da; e Creta; ocupação e resistência; e Churchill
Greenwood, Arthur
Greiser, *Gauleiter* Arthur
Grossman, Vasily
Grozny
GRU (inteligência militar soviética)
Guadalcanal, ilha (Salomão)
Guam, ilha (Marianas)
Guarda de Ferro
Guarda do Povo, comunistas poloneses
Guderian, coronel-general Heinz
Guerra Civil Espanhola
guerra de submarinos
Guingand, tenente-general Francis ('Freddy')
Gulag, sistema de campos soviético 381.
Günsche, *SS-Hptstfh* Otto
Guzzoni, general Alfredo

Haakon VII, rei da Noruega
Haislip, tenente-general Wade H.
Halder, general de artilharia Franz
Halifax, lorde
Halsey, almirante William F. ("Bull")
Hamburgo; bombardeio de
Hanke, *Gauleiter* Karl
Hankow
Hanói
Harbin
Harcourt, contra-almirante Cecil
Harriman, embaixador Averell
Harris, marechal do ar sir Arthur
Harwood, vice-almirante Sir Henry
Hausser, *SS-Obgpfh* Paul
Heath, tenente-general Sir Lewis
Heinrici, coronel-general Gotthard
Hemingway, Ernest
Henderson, Sir Neville
Heng-yang, base aérea
Hess, Rudolf
Heydrich, *SS-Obgpfh* Reinhard
Heydte, coronel Friedrich Frhr v.d.
Himmler, *Reichsführer-SS*, Heinrich
Hiroito, imperador
Hiroshima
Hitler, Adolf; e o Pacto Nazissoviético.; e a Polônia; e a Noruega; e a Guerra contra a Inglaterra, França e os Países Baixos; e a Inglaterra e os bombardeios; e os Bálcãs; e a União Soviética; e a Europa ocupada; e Itália; e o norte da África e o Mediterrâneo; e os judeus; a Frente do Ocidente, ;e os EUA
Hiwis (*Hilfsfreiwillige*, ou auxiliares "voluntários")
Ho Chi Minh
Hodges, tenente-general Courtney
Hoepner, coronel-general Erich
Holanda (*ver* Países Baixos)
Hollandia (Nova Guiné)
Homma Masaharu, general
Hong Kong
Honsu
Hopkins, Harry
Horrocks, tenente-general Brian
Horthy v. Nagybanya, almirante Nikolaus
Höss, *SS-Obstbnfh*, Rudolf
Hoth, coronel-general Hermann
Howard, professor Sir Michael
Hoxha, Enver
Hsueh Yueh, general

Hube, coronel-general
Hull, secretário de Estado Cordell
Hungria; II Exército húngaro; III Exército Húngaro
Huntziger, general Charles.
Huon, península de
Hürtgen, floresta de

I G Farben
Ichang
Ilha Oahu, Havai.
Ilhas Aleutas
Ilhas Curilas
Imphal
Incidente de Nomonhan (*ver* Khalkhin Gol)
Índia; e governo da; e Partido do Congresso
Índias Orientais Holandesas (Indonésia)
Indochina
Infantaria da Birmânia
Inglaterra, Batalha da
Instituto de Física Kaiser Wilhelm
Instituto Médico Anatômico
Irã
Irâklio
Iraque
Ironsides, general Sir Edmund
Irrawaddy, rio
Ishii Shiro, general
Islândia
Ismay, major-general Hastings ('Pug')
Ístria
italiana, campanha.
italiana, resistência (Comitê Italiano para a Libertação Nacional).
Iwo Jima.

Java,
Jdanov, Andrei A.
Jeschonnek, coronel-general Hans.
Jitomir
Jodl, tenente-general Alfred.
Jordan, general de infantaria Hans.
Jordana, general conde Francisco de.
Jorge II, rei dos helenos
Jorge VI, rei da Inglaterra
Judeus, perseguição de; *Kristallnacht*; na Polônia; emigração e 'Projeto Madagascar'; nos Territórios Ocupados; na Europa Ocidental; nos Bálcãs; húngaros; e a 'Solução Final'; e as 'marchas da morte'
com a chegada do Exército Vermelho.
Juin, general Alphonse.
Jukov, marechal Georgii
Juno, praia de desembarque na Normandia
Junta de Chefes de Estados-Maiores,
Juventude Hitlerista (*Hitler Jugend*)

K'un ming, base aérea
Kachin, Rangers
Kalinin
Kaltenbrunner, *SS-Obergruppenführer* Ernst
Kaluga
Kappler, *SS-Obstführer* Herbert
Kasserine
Katukov, coronel-general M.I.
Katyn, floresta de
Kaunas
Kawaguchi Kiyotake, major-general
Keitel, marechal de campo Wilhelm
Kenney, general George C.
Kerch, península de
Kershaw, Ian
Kesselring, marechal de campo Albert
Khalkhin-Gol (rio), Batalha de (incidente de Nomonhan)
Kharkov; Segunda Batalha de; Terceira Batalha de; Quarta Batalha de
Khasan, Batalha do lago
Kiev
Kimmel, almirante Husband E.
King, almirante de esquadra Ernest J.,
King, major-general Edward, Jr.
Kinkaid, vice-almirante Thomas C.
Kirponos, coronel-general Mikhail
Kleist, general de cavalaria, Ewald v.
Kluge, marechal de campo Gunther v.
Koch, *Gauleiter* Erich
Koenig, general Marie Pierre
Kohima
Kokoda, campanha de
Komatsubara Michitaro, general
Komorowski, general Tadeusz 'Bor'
Konev, marechal Ivan I.
Konoe Fumimaro, príncipe
Korosten

Korsun
Koryzis
Koryzis, Alexandros
Krebs, general de infantaria Hans
Kriegsmarine
Cruzadores: *Blucher*; *Hipper*; *Karlsruhe*; *Königsberg*, ; *Kormoran*; *Prinz Eugen*
encouraçados: *Admiral Graf Spee*; *Admiral Scheer*; *Bismarck*; *Deutschland* (depois *Lützow*); *Gneisenau*; *Scharnhorst*; *Schlesien*; *Schleswig-Holstein*; *Tirpitz*
U-Boats: U; U; U; U; U; U; U
Kronstadt
Kruchev, Nikita
Krueger, tenente-general Walter
Küchler, coronel-general Georg v.
Kuibyshev
Kun, padre Andreas
Kuomintang (partido nacionalista chinês)
Kuribayashi Tadamichi, tenente-general
Kurita Takeo, vice-almirante
Kursk; e o saliente de e Batalha de
Kwajalein, atol (Gilberts)
Kwantung, Exército
Kweilin
Kyushu

Laborde, contra-almirante Jean de
“lacuna da Groenlândia”
Ladoga, lago, ; e Estrada de Gelo
Lae
lago Balaton
Laon
Lashio
Lattre de Tassigny, General Jean de
Laval, Pierre
Leahy, almirante William D.
Lebensraum (espaço vital)
Lebrun, presidente Albert
Leclerc, general Philippe
Ledo
Leeb, marechal de campo Wilhelm Ritter v.
Legião Estrangeira Francesa
Leipzig
Lelyushenko, coronel-general D.D.
Lemay, general Curtis
Lend-Lease (Empréstimo e Arrendamento)
Leningrado
Leopoldo III, rei dos belgas
Letônia (*ver também* Estados Bálticos)
Leyte, ilha
Libano
Líbia
Liège
Liga das Nações
Liga de Oficiais Alemães (BDO)
Linha de Curzon
Linha Gazala
Linha Gótica
Linha Gustav
Linha Maginot
Linha Mareth
Linha Siegfried (*ver* Westwall)
Liri, vale do
List, marechal de campoWilhelm
Lituânia (*ver também* Estados Bálticos)
Litvinov, Maxim
Liubliana, Passo de
Locarno, Tratado de
Łódź (Litzmannstadt)
Lorient
Lübeck
Lublin
Lucas, major-general John P.
Luftwaffe
Divisões: *Hermann Göring Pz.*, 1ª de Paraquedistas* de Paraquedistas. 7ª de Paraquedistas. 9ª de Paraquedistas. 9ª Antiaérea
Fliegerkorps
Luftflotten; I Exército de Paraquedistas
Lumsden, tenente-general Herbert
Luther, subsecretário de Estado Martin
Lütjens, vice-almirante Günther
Luxemburgo, Grão-Ducado de
Luzon, ilha de
Lvov

Maastricht
MacArthur, general Douglas
Mackensen, general de cavalaria Eberhard v.
MacKenzie-King, primeiro-ministro, William
MacMillan, Harold
Madagascar
Madagaskar Projekt

Maikop
Maisky, embaixador Ivan
Majdanek (Lublin) (campo de extermínio)
Malásia
Malenkov, Georgi
Malinovsky, marechal Rodion
Malmedy
Malta
Maltby, major-general C.M.
Manchester, William
Manchukuo (ver Manchúria)
Manchúria; invasão soviética da
Mandalay
Manila
Mannerheim, marechal Carl Gustav
Manstein, marechal de campo Erich v.
Manteuffel, coronel-general Hasso v.
Manuilsky, Dmitri
Mao Tsé-tung
mar da China Meridional
Mar de Bismarck, Batalha do
Mar de Coral, Batalha do
Mar de Java, Batalha do
Mar Negro
Marai, Sandor
Margerie, Roland de
Mariana, ilhas
Marinha alemã, verKriegsmarine
Marinha australiana (RAN), nas Batalhas de: Mar de Java; Mar de Coral; Golfo de Leyte
Cruzadores: *Canberra*, *Sydney*
Marinha dos EUA
3ª Esquadra; 5ª Esquadra; 7ª Esquadra
Batalhões de Construção (CBs — “Seabees”)
Cruzadores: *Augusta*; *Baltimore*; *Nashville*; *New Orleans*; *Quincy*; *Tuscaloosa*
Encouraçados: *Arizona*; *California*; *Maryland*; *Missouri*; *Nevada*; *New Mexico*; *Oklahoma*; *Tennessee*
Porta-aviões: *Bunker Hill*; *Enterprise*; *Essex*; *Franklin*; *Gambier Bay*; *Hornet*; *Lexington*; *Princeton*; *Wasp*; *Yorktown*
Marinha francesa
Marinha Imperial Japonesa; Esquadra Combinada; guerra submarina
Cruzadores: *Atago*; *Izumo*; *Jintsu*; *Maya*; *Takao*; *Yahagi*
Encouraçados: *Fuso*; *Hyuga*; *Musashi*; *Yamashiro*; *Yamato*
Porta-aviões: *Akagi*; *Hiryu*; *Hiyo*; *Kaga*; *Ryujo*; *Shohu*; *Shokaku*; *Soryu*; *Taiho*; *Zuikaku*
Marinha Italiana.
Marinha Real Australiana (ver Austrália)
Marinha Real; e o Rio da Prata; e a Noruega; e Dunquerque; e Mers-el-Kébir; e o Mediterrâneo; e o Atlântico; e o Extremo Oriente; e os comboios no Ártico; e a Overlord
Contratorpedeiros: *Achates*; *Cossack*; *Diamond*; *Foxhound*; *Glowworm*; *Janus*; *Kashmir*; *Kelly*; *Wryneck*

Cruzadores: *Achilles*; *Ajax*; *Aurora*; *Dorsetshire*; *Exeter*; *Lincoln*, *Onslow*, *Penelope*; *Rawalpindi*; *Suffolk*

Encouraçados: *Ark Royal*; *Barham*; *Courageous*; *Duke of York*; *Formidable*; *George V*; *Hood*, *Illustrious*; *Indefatigable*; *Indomitable*; *Prince of Wales*; *Queen Elizabeth*; *Ramillies*; *Renown*; *Repulse*; *Resolution*; *Rodney*; *Royal Oak*; *Valiant*; *Warspite*
Submarinos: *Oxley*; *Seraph*; *Triton*; *Upholder*
Marrocos francês
Marshall, general George C.
Matsuoko Yösuke
Maungdaw
Mauthausen (campo de concentração)
Mayu, península
Mekhlis, comissário Lev
Melbourne
Memel (Klaipeda)
Mengele, SS *Hptstfth*, dr Josef
Merrill, general-brigadeiro Frank
Mersa el Brega
Mersa Matruh
Mers-el-Kébir
Messina
Metaxas, general Ioannis
Metz
Middleton, major-general Troy
Midway, ilha; Batalha de
Mihailovic, general Draža
Mikołajczyk, Stanislaw
Milão
Milch, marechal de campo Erhard
Milice Française
Milne, baía
Mindanao
Mindoro
Minsk
Missão Dixie a Yenan
Mitscher, vice-almirante Marc A
Mittelbau Dora (fábrica em campo de concentração)
Model, marechal de campo Walter
Mogilev
Mohnke, SS-*Brigfh.*, Wilhelm
Molotov, Vyacheslav
Monnet, Jean
Monte Cassino
Montgomery, marechal de campo Sir Bernard

Morgan, tenente-general Sir Frederick (COSSAC)
Morgenthau, Henry, e o plano
Moulin, Jean
Mountbatten, almirante lorde Louis
Mukden; e 'Incidente'
Müller, *SS-Gpff.* Heinrich (Gestapo)
Munique, crise e Acordo de
Muralha do Atlântico
Murmansk
Murphy, Robert
Mussolini, Benito (Il Duce)
Mutagachi Renya, tenente-general
Myitkyina

Nações Unidas
Nagasaki
Nagumo Chuichi, contra-almirante
Nanquim, ; Estupro de
Nápoles
Narvik
Neisse, rio
New Britain
New Georgia (Salomão)
Nijmegen
Nimitz, almirante Chester W.
NKVD 222 ; regimentos de infantaria, ; guardas de fronteira ; divisões de infantaria: 7º Departamento (interrogatório de prisioneiros de guerra) ; Destacamentos Especiais (depois SMERSH)
Noruega ; invasão da ; ocupação da ; Churchill e ; planos soviéticos para a
norueguesa, resistência
Nova Guiné
Nova Zelândia
Novgorod
Nuremberg
Nuremberg, leis de

O'Connor, tenente-general Sir Richard
Ober, *SS-Gpff.* Carl-Albrecht.
Oder, rio
Oder-Neisse, Linha
Odessa
ofensiva de bombardeio estratégico
Ofensiva Ichigo
Ofensiva Ugo (Birmânia)
Ohrdruf (campo de concentração)
Okamura Yasuji, general
OKH, Oberkommando des Heeres
Okinawa
Okulicki, general Leopold
OKW, Oberkommando der Wehrmacht
Omaha, praia de desembarque na Normandia
Operação Achse (antes Alarich)
Operação Anton (Ocupação da zona de Vichy)
Operação Attila (possessões francesas)
Operação Bagration (Grupo de Exércitos do Centro, Bielorrússia)
Operação Barbarossa (União Soviética)
Operação Battleaxe (norte da África)
Operação Blau (Azul) (sul da Rússia e Cáucaso)
Operação Brevity (norte da África)
Operação Buccaneer (Pirata) (Baía de Bengala)
Operação Cartwheel (invasão de Rabaul)
Operação Catapult (Mers-el-Kébir)
Operação Catherine (Báltico)
Operação Cobra (Normandia)
Operação Compass (Compasso) (norte da África)
Operação Diadem (Diadema) (Itália)
Operação Dragoon (antes Anvil)
Operação Englandspiel (Polo Norte) (Países Baixos)
Operação Epsom (Normandia)
Operação Exporter (Síria)
Operação Felix (Espanha)
Operação Fridericus (preparação da Blau)
Operação Gelb (Amarela) (França e Países Baixos)
Operação Gomorra (Hamburgo)
Operação Goodwood (Normandia)
Operação Gymnast (Ginasta) (depois Torch)
Operação Hércules (Malta)
Operação Husky (Sicília)
Operação Ironclad (Armadura) (Madagascar)
Operação Iskra (Centelha) (Leningrado)
Operação Jubilee (Jubileu) (ataque a Dieppe)
Operação Júpiter (Noruega)
Operação Koltso (Anel) (Stalingrado)
Operação Kutuzov (saliente de Orel)
Operação Lightfoot (Alamein)
Operação Marita (invasão da Grécia)
Operação Market Garden (Países Baixos)
Operação Marte (Frente Rjev Kalinin)
Operação Matador (norte da Malásia)
Operação Merkur (Mercúrio) (Creta)

Operação Mincemeat (Carne Moida) (diversionária na Sicília)
Operação Polyamaya Zvezda (Estrela Polar) (Leningrado)
Operação Rummyantsev (Belgorod-Kharkov)
Operação Saturno e Pequeno Saturno (Stalingrado)
Operação Seelöwe (Leão Marinho)
Operação Shingle (Anzio)
Operação Sledgehammer (Cherburgo e península de Cotentin)
Operação Sonnenwende (Solstício) (Pomerânia)
Operação Strafgericht (Vingança) (Belgrado)
Operação Taifun (Tufão) (Moscou)
Operação Teseu (Egito)
Operação Tidal Wave (campos petrolíferos de Ploesti)
Operação Torch (desembarques no norte da África)
Operação Unternehmen Wintergewitter (Tempestade de Inverno) (Stalingrado)
Operação Unthinkable (Impensável) (contingência na Europa central)
Operação Urano (cerco a Stalingrado)
Operação Weiss (Branca) (Polônia)
Operação Weserübung (Noruega e Dinamarca)
Operação Zitadelle(Cidadela) (Kursk)
Orã
Ordem do Comissário
Orel
Orsha
Ortona
Oshima Hiroshi, general
Oslo
OSS (Agência de Serviços Estratégicos)
Oster, coronel Hans
Ostministerium (Ministério do Leste)
Ozawa Jisaburo, vice-almirante

Pacto Anti-Comintern
Pacto de Aço
Pacto Molotov-Ribbentrop (Pacto Nazissoviético)
Pacto Nazissoviético (*ver* Pacto Molotov-Ribbentrop)
Pacto Tripartite
Países Baixos (Holanda)
Palermo
Palestina
Palewski, Gaston
Papagos, general Alexandros
Papandreou, George
Papua
Park, marechal do ar Keith
Partido Comunista Alemão (KPD)
Partido Comunista Chinês; Novo IV Exército; Exército da 8ª Rota; ‘Ofensiva dos Cem Regimentos’ guerrilhas de East River
Partido Comunista Francês (PCF)
Partido Comunista Grego
Partido Nacional-Socialista (NSDAP); e o Nacional-Socialismo
Passo de Halfaya
Patch, tenente-general Alexander M.
Patton, general George S.
Paul da Iugoslávia, príncipe
Paulus, marechal de campo Friedrich
Paveliã, Ante
Pearl Harbor
Pedro II, rei da Iugoslávia
Peiper, SS-*Obstbnrft* Joachim
Peleliu (Palau)
Península de Bataan; defesa da; ‘Marcha da Morte de Bataan’
Percival, tenente-general Arthur
Pétain, marechal Philippe
Petsamo
Phillips, almirante Sir Thomas
Pillau
Plano da Fome
Plano de Transporte
Ploesti (Ploiesti); ataque aos campos petrolíferos de
Plunkett-Ernie-Erle-Drax, almirante Sir Reginald
Pó, vale do
Pohl, SS-*Obrgrft* Oswald
Política do ‘Eixo Gêmeos’
“Poloneses de Lublin” (*ver* Comitê Polonês de Libertação Nacional)
Polônia; invasão da; ocupação nazista e soviética da
Poltava
Pomerânia
Ponyri
Port Moresby
Portal, marechal do ar Sir Charles
Portes, condessa Hélène de
Potsdam; bombardeio de; conferência; Declaração sobre o Japão
Pound, almirante Sir Dudley
Poznań (Posen); e as conferências de Himmler
Prasca, general Sebastiano Visconti
Primeira Guerra Mundial
Prioux, general René
Programa Victory
Projeto Manhattan (*ver* bomba atômica)
Prokhorovka

Prússia Oriental
Pu Yi, imperador Henry

quartel-general imperial
Quesada, tenente-general Elwood ('Pete')
Quisling, Vidkun

Rabaul
Rabe, John
Raeder, almirante de esquadra Erich
Ramsay, almirante Sir Bertram
Rangum
Rápido, rio
Ravensbruck (campo de concentração)
Real Força Aérea (RAF); 179, Batalha da França; Batalha da Inglaterra; no Mediterrâneo; no Extremo Oriente; no norte da Europa
Comando de Bombardeiros
Comando de Caças
Comando Costeiro
Força Aérea do Deserto
Real Força Aérea Canadense
Recrutamento Popular (*narodnoe opolchenie*)
Regensburg
Reichenau, marechal de campo Walther v.
Reichskommissariat Ostland
Reichskommissariat Ucrânia
Reichssicherheitshauptamt (RSHA, Administração Central da Segurança do Reich)
Reichswald
Remagen
Renânia
Reno, rio
Repubblica Sociale Italiana
República de Weimar
Resistência francesa
Resistência tailandesa
Rethymno
Reynaud, Paul
Richthofen, marechal de campo Wolfram Frhr v.
Ridgway, major-general Matthew B.
Riga; Tratado de
Rimini
Rio da Prata, Batalha do
Ritchie, tenente-general Neil
Rjev
Rocheftort, comandante Joseph
Rodimtsev, major-general Aleksandr
Roer, rio
Rokossovsky, marechal Konstantin K.
Rol Tanguy, coronel Henri
Roma
Romênia
Rommel, marechal de campo Erwin
Roosevelt, general-brigadeiro Theodore (Teddy)
Roosevelt, presidente Franklin D.; em Casablanca; e as conferências do Cairo e Teerã; e o Dia D; e Yalta
Rosenberg, ministro do Reich Alfred
Rostov on Don
Roterdã
Rotmistrov, coronel-general Pavel
Ruhr, bombardeio do; cerco do
Rundstedt, marechal de campo Gerd v.
Rybalko, coronel-general P.S.

Saar
Sachsenhausen (campo de concentração)
Saint-Nazaire
Saipan, ilhas (Marianas)
Sakhali, ilha
Sakharov, Andrei
Salomão, ilhas
Salônica
Salween, rio
Samland, península
San Bernardino, estreito de
Sangro, rio
Saqueadores de Merrill (ver Exército EUAº Rgt. Provisório)
Sauckel, Fritz
Scheldt, rio e estuário
Schellenberg, *SS-Obgpft*, Walter
Schmidt, tenente-general Arthur
Schmundt, general de infantaria Rudolf
Schörner, marechal de campo Ferdinand
Schulenburg, Friedrich Graf v.d.
Schweinfurt
Schweppenbourg, general de blindados Leo Frhr Geyr v.
Scobie, tenente-general Ronald
Sebastopol
Sedan
Seeckt, coronel-general Hans v.

Segunda Frente, debate sobre (*ver também* Operação Sledgehammer)
Selivanovsky, general Nikolai
Senger und Etterlin, general de blindados Fridolin v.
Serov, Comissário de Segurança Estatal Ivan
Serrano Suñer, Ramón
Sérvia
Serviço Secreto de Inteligência (SIS)
Seydlitz Kurzbach, general de artilharia Walther
Seyss-Inquart, comissário do Reich Arthur
SHAEF (Quartel-General Supremo da Força Expedicionária Aliada)
Shantung, província de
Sheng Shih-tsai
Shlisselburg, fortaleza
Shostakovich, Dmitri
Shtemenko, general S.M.
Shumilov, general Mikhail
Sicherheitsdienst (SD) (*ver* SS)
Sichuan, província de
Sidi Barrani
Sidi Rezegh
Sikorski, general Władysław
Simpson, tenente-general William H.
Sinclair, Sir Archibald
Sinkiang, província de
Sinyavino
Siracusa
Síria
Sirte
Sittang, rio
Skorzeny, *SS-Obstbnrfh.* Otto
Slim, marechal de campo sir William
Smedley, Agnes
SMERSH
Smigly-Rydz, marechal
Smith, tenente-general Holland
Smolensk
Smuts, marechal de campo Jan
Smyth, major-general John, VC
Snow, Edgar
Sobibor (campo de extermínio)
SOE (Agência de Operações Especiais)
“Solução Final” (*ver* judeus, perseguição de)
Solzhenitsyn, Aleksandr
Somerville, almirante Sir James
Soochow; arroio Soochow
Sorge, Richard
Spaatz, general Carl A. (“Tooey”)
Spears, major-general Sir Edward
Speer, Albert
Speidel, tenente-general Hans
Spree, rio
Spruance, almirante Raymond A.
SS (*Schutzstaffel*),
Einsatzgruppen
Gestapo
Kriminalpolizei (Kripo)
Ordnungspolizei
RSHA (Administração Central da Segurança do Reich)
SD (*Sicherheitsdienst*)
Sicherheitspolizei (Sipo)
Sonderkommando
Unidades Caveira (*Totenkopfverbände*, guardas docampo de concentração)
Stalin, Iosef Vissarionovich e a China; e a Finlândia e os poloneses; e a Grande Guerra Patriótica; e Potsdam e Yalta
Stalingrado
Stark, almirante de esquadra Harold R.
Stauffenberg, coronel Claus Graf Schenk v.
Stavka (Supremo Comando do Exército Vermelho)
Steiner, *SS-Obgpffh* Felix
Stettin (Szczecin)
Stettinius, secretário de Estado Edward
Stilwell, tenente-general Joseph (“Joe Vinagre”)
Stimson, Henry L.
Strecker, tenente-general Karl
Student, general-aviador Kurt
Stülpnagel, general de infantaria Carl Heinrich
Stumme, general de blindados Georg
Stumpff, coronel-general Hans-Jürgen
Stutthof (campo de concentração)
Suchow
Suda, baía de
Sudetos
Suécia
Suíça
Sumatra
Sun Yat-sen
Susloparov, major-general I.A.
Sword, praia de desembarque na Normandia
Szalasi, Ferenc
Szeged

Taganrog
Tai Li, general
Tailândia (Sião)
Taiwan (*ver* Formosa)
Tallinn
Tanaka Noburo, tenente-general
Tarawa, atol (Gilberts)
Tatsinskaya
tcheca, resistência, ; e assassinato de Heydrich
tchecas na RAF, tripulações
tcheco com os Aliados, Exército
tchecos, prisioneiros
Tchecoslováquia
Tébessa
Tedder, marechal do ar sir Arthur
Terauchi Hisaichi, marechal de campo
Terboven, comissário do Reich Josef
Terceira República francesa
Terra Nova
Territórios Ocupados (*ver* Territórios Orientais)
Territórios Orientais (*Ostgebiete*)
Theresienstadt (campo de concentração)
Thoma, general de blindados Wilhelm Ritter v.
Thomas, Sir Shenton
Thorez, Maurice
Tigres Voadores (grupo de voluntários americanos, mais tarde a 14ª Força Aérea)
Tikhvin
Tilsit
Timoshenko, marechal S.K.
Tippelskirch, general de infantaria Kurt v.
Tiso, monsenhor Jozef
Tito, marechal (Josip Broz)
Tobruk
Todt, ministro do Reich Fritz
Togliatti, Palmiro
Tôjô Hideki, tenente-general
Tolbukhin, marechal F.I.
Tóquio
Toyoda Soemu, almirante
Treblinka (campo de extermínio)
Tresckow, general M. Henning v.
Tribunal de Crimes de Guerra de Tóquio
Trieste
Tripoli
Tripolitânia
Trondheim
Tropas romenas com o Exército Vermelho: 7º Corpo de Exército
Truk (Carolinas)
Truman, presidentHarry
Truscott, tenente-general Lucian K.
Tukhachevsky, marechal M.N.
Tula
Tulagi (Ilhas Salomão)
Turner, contra-almirante Richmond K

Ucrânia; fome na; Organização de Nacionalistas Ucrrianos; Polícia Auxiliar Ucrriana ou *Hilfspolizei* (Hipos), e guardas; *Ukrainska povstanska armiia* (UPA)
Ulithi, atol (Carolinas)
Ultra; e máquinas codificadoras Enigma
Unidade
Ushijima Mitsuru, tenente-general
Ustaše
Utah, praia de desembarque na Normandia

Valmontone
Vandegrift, major-general Alexander A.
Varsóvia; levante do gueto de; Levante de
Vasilevsky, marechal Aleksandr
Vatutin, coronel-general Nikolai
Veloukhiotis, Aris
Verdun
Vernork, Telemark
Versalhes, conferência e Tratado de; quartel-general do SHAEF
Viazma
Viena
Vietinghoff, coronel-general Heinrich v.
Vietminh (Partido Comunista vietnamita)
Villeneuve, general Paul de
Villers-Bocage
Vinnitsa
Vístula, rio
Vitebsk
Vittorio Emanuele III, rei da Itália
Vlasov, major-general Andrei A.
Volga, rio
Völksturm
Voronezh
Voronov, marechal Nikolai N.
Voroshilov, marechal Kliment

Vyshinsky, Andrei

Waffen-SS

Brigadas: 1ª Brigada de Cavalaria; Brigada Kaminski; SS Sturmbrigade Dirlewanger; *Légion Wallonie*; *Légion Flamand*

Corpos: 2º SS Pz; 3º SS *Germanische Pz.*; 4º SS Pz; 5º SS Montanha; 4º SS Montanha; 12º SS Panzer; 15º SS Cavalaria Cossaca

Divisões: 1ª *Leibstandarte Adolf Hitler*, ; 2ª *Das Reich*; 3ª *Totenkopf*; 5ª *Wiking*; 8ª *Florian Geyer*; 9ª *Hohenstaufen*; 10ª *Frundsberg*; 11ª *Nordland*; 12ª *Hitler Jugend*; 13ª *Handschar*; 14ª *Galizien*; 17ª *Götz von Berlichingen*; 22ª *Maria Theresia*; 23ª *Nederland*; 33ª *Charlemagne*

Exércitos: VI SS Pz

Wainwright, major-general Jonathan

Wake, ilha de

Walcheren, ilha

Wallenberg, Raoul

Wang Ching-wei

Warlimont, general de artilharia Walter

Warthegau

Wavell, general Sir Archibald

Wedemeyer, tenente-general Albert C.

Weidling, general de artilharia Helmuth

Weinberg, Gerhard

Weizsacker, secretário de Estado Ernst Frhr. v.

Welles, Sumner

Wenck, general de blindados Walther

Werth, Alexander

Werwolf quartel-general do Führer

Westwall, "Linha Siegfried"

Weygand, general Maxime

White, Theodore

Wietersheim, general de infantaria Gustav v.

Wilhelmstrasse (Ministério do Exterior alemão, *Auswartiges Amt*)

Wilson, general Sir Maitle ('Jumbo')

Winant, embaixador John G.

Wingate, major-general Orde

Wittmann, *SS-Obstfh* Michael

Witzleben, marechal de campo Erwin v.

Wolff, *SS-Obgpfh* Karl

Wolfsschanze, quartel-general do Führer, Rastenburg

Wuchang

Wuppertal

Xangai, cidade de; Batalha de

Yamamoto Isoroku, almirante

Yamashita Tomoyuki, general

Yang Kyoungjong

Yangtze, rio

Yasnaya Polyana

Yenan (quartel-general dos comunistas chineses)

Yeremenko, marechal Andrei

Yezhov, Nikolai

Yokohama

Young, Sir Mark

Yunnan, província de

Zeitler, coronel-general Kurt

Zervas, general Napoleon

Zog, rei da Albânia

Zossen (quartel-general do OKH)

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

A segunda guerra mundial

Skoob do livro

<http://www.skoob.com.br/a-segunda-guerra-mundial-420103ed477148.html>

Site do autor

<http://www.antonybeevor.com/>

Wikipédia do autor

https://pt.wikipedia.org/wiki/Antony_Beevor

Good reads do autor

http://www.goodreads.com/author/show/3407.Antony_Beevor

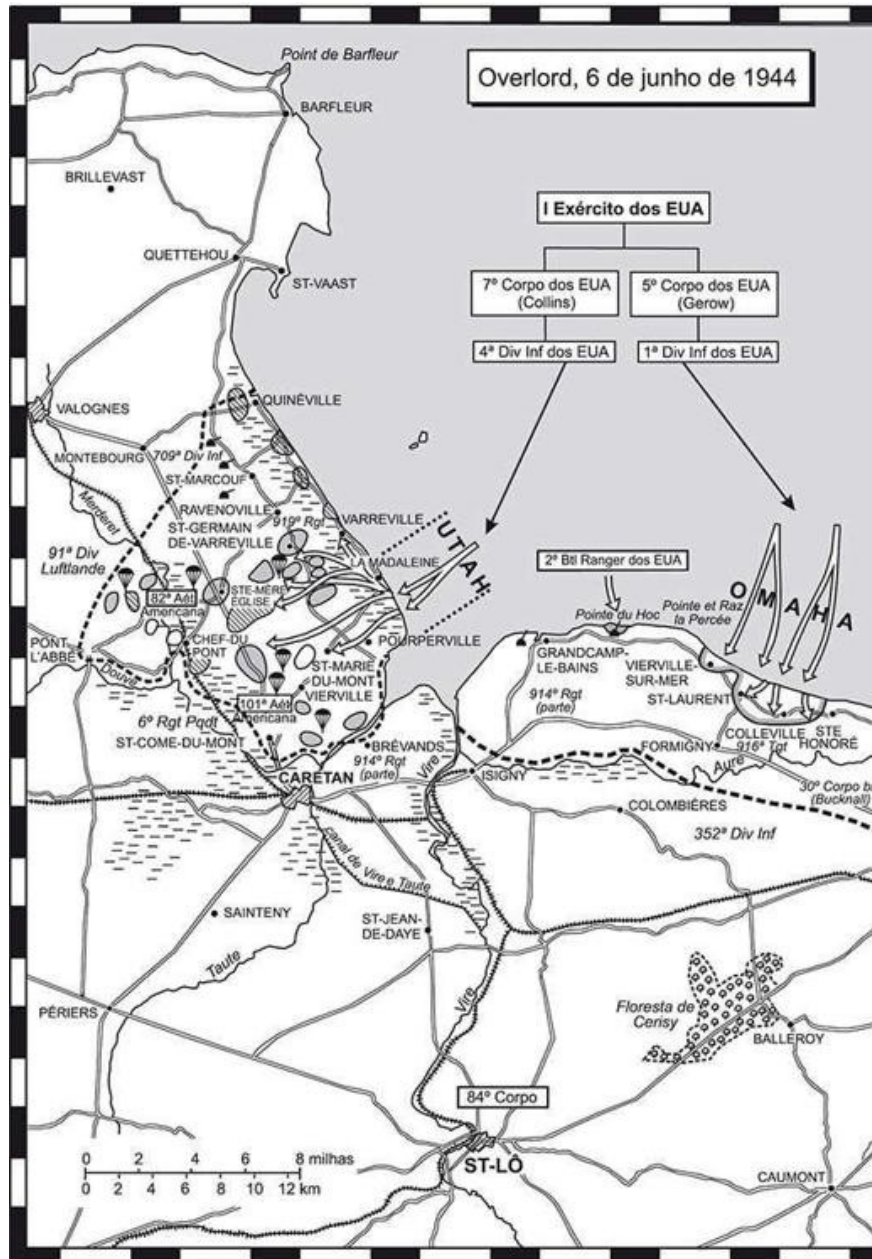


Table of Contents

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Lista de mapas](#)

[Introdução](#)

[1. A Eclosão da Guerra](#)

[2. “A Destruição Completa da Polônia”](#)

[3. Da Guerra de Mentira à Blitzkrieg](#)

[4. O Dragão e o Sol Nascente](#)

[5. A Noruega e a Dinamarca](#)

[6. Ataque ao Oeste](#)

[7. A Queda da França](#)

[8. A Operação Seelöwe \(Leão Marinho\) e a Batalha da Inglaterra](#)

[9. Reverberações](#)

[10. A Guerra Balcânica de Hitler](#)

[11. A África e o Atlântico](#)

[12. Barbarossa](#)

[13. Rassenkrieg](#)

[14. A “Grande Aliança”](#)

[15. A Batalha por Moscou](#)

[16. Pearl Harbor](#)

[17. A China e as Filipinas](#)

[18. A Guerra pelo Mundo](#)

[19. Wannsee e o Arquipélago da SS](#)

[20. A Ocupação Japonesa e a Batalha de Midway](#)

[21. Derrota no Deserto](#)

[22. Operação Blau \(Azul\) — Barbarossa Relançada](#)

[23. Contra-ataque no Pacífico](#)

[24. Stalingrado](#)

[25. Alamein e a Torch](#)

[26. O Sul da Rússia e a Tunísia](#)

[Fotos](#)

[27. Casablanca, Kharkov e Túnis](#)

[28. A Europa Cercada por Arame Farpado](#)

[29. A Batalha do Atlântico e o Bombardeio Estratégico](#)
[30. O Pacífico, a China e a Birmânia](#)
[31. A Batalha de Kursk](#)
[32. Da Sicília à Itália](#)
[33. A Ucrânia e a Conferência de Teerã](#)
[34. A Shoah pelo Gás](#)
[35. Itália — O Duro Ventre Macio](#)
[36. A Ofensiva Soviética na Primavera](#)
[37. O Pacífico, a China e a Birmânia](#)
[38. A Primavera de Expectativas](#)
[39. A Bagration e a Normandia](#)
[40. Berlim, Varsóvia e Paris](#)
[41. A Ofensiva Ichigo e Leyte](#)
[42. Esperanças Irrealizadas](#)
[43. As Ardenas e Atenas](#)
[44. Do Vístula ao Oder](#)
[45. Os Ataques às Filipinas, Iwo Jima, Okinawa e Tóquio](#)
[46. Yalta, Dresden e Königsberg](#)
[47. Os Americanos no Elba](#)
[48. A Operação Berlim](#)
[49. As Cidades dos Mortos](#)
[50. As Bombas Atômicas e a Subjugação do Japão](#)
[Agradecimentos](#)
[Notas](#)
[Índice](#)
[Colofon](#)
[A segunda guerra mundial](#)

Table of Contents

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Lista de mapas](#)

[Introdução](#)

[1. A Eclosão da Guerra](#)

[2. “A Destruição Completa da Polônia”](#)

[3. Da Guerra de Mentira à Blitzkrieg](#)

[4. O Dragão e o Sol Nascente](#)

[5. A Noruega e a Dinamarca](#)

[6. Ataque ao Oeste](#)

[7. A Queda da França](#)

[8. A Operação Seelöwe \(Leão Marinho\) e a Batalha da Inglaterra](#)

[9. Reverberações](#)

[10. A Guerra Balcânica de Hitler](#)

[11. A África e o Atlântico](#)

[12. Barbarossa](#)

[13. Rassenkrieg](#)

[14. A “Grande Aliança”](#)

[15. A Batalha por Moscou](#)

[16. Pearl Harbor](#)

[17. A China e as Filipinas](#)

[18. A Guerra pelo Mundo](#)

[19. Wannsee e o Arquipélago da SS](#)

[20. A Ocupação Japonesa e a Batalha de Midway](#)

[21. Derrota no Deserto](#)

[22. Operação Blau \(Azul\) — Barbarossa Relançada](#)

[23. Contra-ataque no Pacífico](#)

[24. Stalingrado](#)

[25. Alamein e a Torch](#)

[26. O Sul da Rússia e a Tunísia](#)

[Fotos](#)

[27. Casablanca, Kharkov e Túnis](#)

[28. A Europa Cercada por Arame Farpado](#)

[29. A Batalha do Atlântico e o Bombardeio Estratégico](#)
[30. O Pacífico, a China e a Birmânia](#)
[31. A Batalha de Kursk](#)
[32. Da Sicília à Itália](#)
[33. A Ucrânia e a Conferência de Teerã](#)
[34. A Shoah pelo Gás](#)
[35. Itália — O Duro Ventre Macio](#)
[36. A Ofensiva Soviética na Primavera](#)
[37. O Pacífico, a China e a Birmânia](#)
[38. A Primavera de Expectativas](#)
[39. A Bagration e a Normandia](#)
[40. Berlim, Varsóvia e Paris](#)
[41. A Ofensiva Ichigo e Leyte](#)
[42. Esperanças Irrealizadas](#)
[43. As Ardenas e Atenas](#)
[44. Do Vístula ao Oder](#)
[45. Os Ataques às Filipinas, Iwo Jima, Okinawa e Tóquio](#)
[46. Yalta, Dresden e Königsberg](#)
[47. Os Americanos no Elba](#)
[48. A Operação Berlim](#)
[49. As Cidades dos Mortos](#)
[50. As Bombas Atômicas e a Subjugação do Japão](#)
[Agradecimentos](#)
[Notas](#)
[Índice](#)
[Colofon](#)
[A segunda guerra mundial](#)